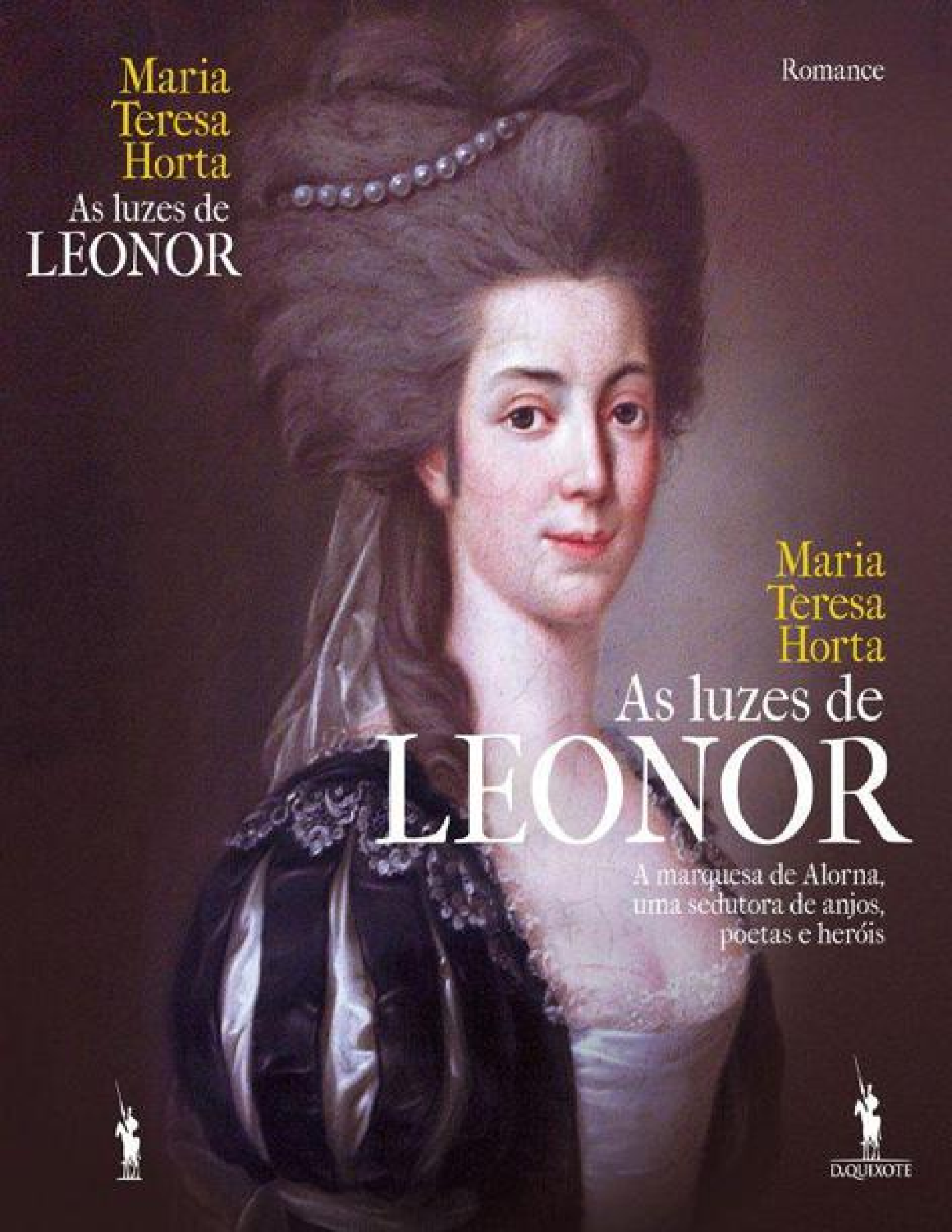
Romance

Maria Teresa Horta

As luzes de LEONOR



Maria Teresa Horta

As luzes de LEONOR

A marquesa de Alorna, uma sedutora de anjos, poetas e heróis

D.QUIXOTE

Ficha Técnica

Título original: *As Luzes de Leonor*
Autor: Maria Teresa Horta
Edição: Cecília Andrade
Capa: Joana Tordo
Imagem da capa: Leonor de Almeida Portugal,
Marquesa de Alorna, em Viena,
por Franz Joseph Pitschmann, 1780
(Fundação das Casas de Fronteira e Alorna)
Revisão: Clara Boléo
ISBN: 9789722047333

Publicações Dom Quixote
[Uma chancela do grupo Leya]
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01
© Maria Teresa Horta e Publicações
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
www.dquixote.leya.com
www.leya.pt

A investigação requerida por esta obra beneficiou, em 1999, de uma bolsa de criação literária atribuída à autora pelo Ministério da Cultura.

OceanofPDF.com

Nota da autora

Todos os textos em itálico e entre aspas são:

a) Transcrições de documentos oficiais da época;
b) Transcrições de correspondência, diários, cadernos e outros documentos particulares da época;
c) Citações autênticas de fontes identificadas;
d) Transcrições de poemas com autoria identificada.

Os poemas de abertura dos capítulos são todos da autoria de Leonor de Almeida, marquesa de Alorna.

OceanofPDF.com

†

PALAVRAS DE APRESENTAÇÃO

Ocupo com estas palavras um espaço que não é meu: Maria Teresa Horta honrou-me com o pedido de algumas linhas de introdução ao seu romance, inspirado na 4.a Marquesa de Alorna, D. Leonor de Almeida Portugal. O convite é o resultado do interesse que ambas partilhamos por esta mulher extraordinária do século das Luzes, inteligente, culta, espirituosa, bonita, sensível, voluntariosa, sofredora.

Ao contrário do que acontece com a maioria das mulheres portuguesas que viveram no passado, conhecem-se milhares de testemunhos acerca da vida e da actuação desta mulher: há cartas, depoimentos, opiniões de contemporâneos, certidões e documentos notariais, para além de uma vasta obra poética, filosófica e erudita que legou à posteridade.

Para quem se interessa pela história das mulheres em Portugal, para alguém que, como Maria Teresa Horta, está interessado em interrogar o lugar social, político, intelectual e (porque não dizê-lo) sexualmente marcado do feminino na cultura portuguesa, a escolha de D. Leonor de Almeida como personagem central de um romance é iluminadora. Mas é também um desafio. A decisão de escrever sobre alguém que viveu no século XVIII obriga à pesquisa histórica, trabalho que Maria Teresa Horta iniciou muito antes de nos termos conhecido, com uma persistência e uma minúcia que raramente se encontram em alguém que, de facto, não foi treinado para as agruras da investigação de arquivo. Obriga, sobretudo, a constranger a elaboração poética, a limitar as possibilidades de criação ficcional, a restringir o que se inventa ao temporalmente verosímil.

Assim, é num lugar condicionado por factos, por datas, por documentos, que a escrita das *Luzes de Leonor* acontece, nesse território estranhamente mágico em que a ficção e a história mutuamente se seduzem sem nunca se renderem uma à outra. É nessa zona fluida, de tensão permanente entre o factual e o imaginado, que a narrativa de Maria Teresa Horta vai abrindo ao leitor lugares de passagem entre o presente e o passado, e entre vários momentos do passado que a dinâmica do devir histórico associou.

Sublinhe-se, no entanto, que o que o leitor tem nas mãos é um romance, não um livro de História. Os dados históricos surgem trabalhados pela escrita e são-nos *contados* por um narrador que não só tudo sabe, como pode permitir-se projectar os seus afectos no que conta e, até, entrelaçar vários planos temporais, como acontece com a narrativa dos meses da vida da avó de D. Leonor, desenrolados em paralelo com o relato da vida da neta, ou com as reflexões sobre ambas, feitas a partir do momento presente, que também se cruzam nesse enlace. A plasticidade do romance permite isso, como permite que o relato se distribua por várias vozes, ou que ao lado de personagens reais apareçam personagens imaginárias, ou mesmo que se infiltrem na trama romanesca personagens importadas de outras narrativas – à laia de homenagem aos seus criadores – como acontece com Lilias Fraser.

Se quiséssemos traduzir em palavras simples o modo como a escrita de Maria Teresa Horta trabalha os dados da História, poderíamos dizer que os revisita para lhes acrescentar aquilo que o olhar do historiador geralmente deixa de fora: a dimensão emocional, a interioridade, uma profusão de pequenos pormenores significativos que permitem revelar o mais íntimo de uma personalidade dada, de uma atmosfera particular, de todos os cambiantes dos afectos. Muitas vezes, de modo inesperado. Porque se procura traduzir um olhar feminino sobre as coisas que não é nem passivo nem assexuado.

Diga-se claramente que a escrita de Maria Teresa Horta adiciona uma dimensão sensual (no sentido mais abrangente do termo) a tudo o que representa e empresta às vozes dos seus narradores um tom de intimidade

e de introspecção que acentua a sensação de proximidade com o narrado. Muito contribui para esse efeito de proximidade a evocação de pormenores de época que apelam aos sentidos do leitor e o transportam para ambientes povoados por uma infinidade de texturas, cheiros, cores e sabores evocados por meio da descrição pormenorizada de peças de vestuário, de roupas de cama, de tecidos de decoração, de comidas, de doces, de perfumes inebriantes e de cheiros desagradáveis, de interiores recheados de móveis, objectos de decoração, louças e vidros, bem como de cenas ao ar livre povoadas de vegetação, de árvores e de flores.

Gostaria de insistir nesta atenção ao detalhe que enforma a prosa de Maria Teresa Horta, no cuidado com a escolha das palavras, na atenção às suas sonoridades, no jogo com os seus possíveis sentidos. Entre História e ficção, prosa e poesia, racionalidade e exploração dos afectos, romance de aventuras e viagem sentimental, o romance que aqui se apresenta é uma experiência de leitura única que não deixará indiferente nenhum leitor.

Vanda Anastácio

OceanofPDF.com

Ao Luís, meu amor eterno,
este livro que sem ele não
teria sido possível.

OceanofPDF.com

«Vivi em ti durante todo este tempo – agora, que eu parto, com quem te pareces tu, verdadeiramente? Será que existes, ou inventei-te dos pés à cabeça?»

VIRGINIA WOOLF
Carta a Vita Sackeville-West,
após terminar o romance *Orlando*

OceanofPDF.com

†

PRÓLOGO

Este é o ritmo de si própria que ela inventa:

um poema.

Depois outro poema.

De novo um poema, iludindo a paixão.

Viagens de poeira e secura à beira das estradas quase sempre desertas, em incontáveis dias e meses de lentidões absurdas. Mas é o trilho do sonho que a impele, a ânsia do conhecimento que a invade, e portanto ela parte, vai e torna sempre; avesso e regresso na urgência do saber. Por isso de novo sai, se distancia, regressa e fica, por vezes sonsa outras vezes áspera, outras ainda esquiva, juntando o temor à coragem, a modernidade ao clássico, a ousadia simulando o antigo. Misturando os papéis: aqueles que recusa e os que, mesmo a contragosto, aceita.

Parto depois de cada parto.

E de poema.

O delírio é uma arte que cultiva à pena, na invenção da alma e da natureza. Mas não será o corpo o melhor de si, o que nela sustenta a tanta luz e avoluma a tanta rebeldia?

Ou o poema?

O excesso como arma ou como pena, na verbena das tardes, quando nela tudo volteia, se incendeia e arde.

OceanofPDF.com

†

I

OceanofPDF.com

†

Junto às margens de um rio

Junto às margens de um rio docemente
Com meus suspiros altercando,
A viva apreensão ia pintando
Passadas glórias no cristal luzente.

Mas quando nesta ideia mais contente
O coração se estava recreando,
Despenhou-se do peito o gosto brando,
Envolto com a rápida corrente.

Lá vão parar meus gostos no Oceano,
Ficando inanimado o peito frio,
Que o recreio buscou só por seu dano.

Acabou-se o contente desvario,
E meus olhos saudosos do engano
Quase querem formar um novo rio.

OceanofPDF.com

†

RAÍZES

Quando a armada da Índia entra na barra, Leonor de Távora, sufocando no seu camarote, sobe até ao convés, a sentir a forte aragem a salgar-lhe os lábios ressequidos por onde passa a ponta da língua, coração de novo apertado na fundura do peito. Febril, há já alguns dias que dorme mal, às voltas na cama balouçante, tentando em vão contrariar uma sensação ruim de mau presságio que de madrugada a toma e no seu peito crava a ponta afiada e nua de lâmina de faca.

Angustiada, guardou para si aquele amontoar de nuvens negras, que dia após dia mais lhe toldam a alma e o coração apressado. Medo incongruente para o qual não consegue encontrar outra explicação senão os nervos irritados e o cansaço provocados pela longa viagem. Desconcerto que nela se vai tornando maior à medida que se aproximam da capital do reino.

Desatenta, desliza os dedos nus e magros ao longo da amurada, enquanto caminha a olhar a imensidão da água, de um verde cintilante de esmeralda. Em passo lento e cauteloso dirige-se devagar para a proa, onde o vento é bem mais forte e lhe solta dos ganchos de ouro e dos pregos de diamantes e rubis algumas madeixas dos ondeados cabelos louros que logo esvoaçam.

Olhos semicerrados de um denso azul-violeta, toldados pelas pestanas, que pouco coam a intensa luz daquele dia de sol, enquanto escuta os passos corridos e descalços na lida dos que conduzem o barco em direcção ao porto de Lisboa, ela perde-se nos pensamentos e nas dúvidas, recordando o muito de si deixado para trás. Admira-se de como as

saudades dos seus, que tantas foram durante os anos na Índia, de um momento para o outro se esfumaram; imaginando perigos onde deveria estar a segurança, adivinhando ameaças onde era crível encontrar-se a bonança.

Leonor de Távora confunde as lágrimas com a ligeira névoa que começou a levantar-se do Tejo, arrastando consigo um cheiro acre e macerado a fundo lodoso de rio, misturado com o sal do mar a ficar para trás, e quando sente em torno dos ombros o braço forte de Francisco de Assis que a abraça em silêncio, encosta-se ao seu peito quente, acolhedor, a enroscar-se naquele seu odor de homem de que tanto gosta.

OceanofPDF.com

†

MEMÓRIA

Nunca sei o que em mim é memória ou recriação.

E nesse meu engenho de poeta, julgo-me melhor no inventar dos versos, postos mais na intimidade do peito e bem menos no alento do corpo e seu fogo; e se nele mal se reacende a chama logo me apresto a apagá-la, faço-o sem o menor regozijo, desejando eu pelo contrário ateá-la. Mas a razão sempre se encarrega de me lembrar quanto o coração debilita, a ponto de me levar a esquecer como o bem e o mal se assemelham, tal como o mar e o rio, que na sua branda fusão na mesma foz se misturam.

Continuo no entanto atenta aos prazeres, mesmo se vindos pelo lado da sombra, lamentando não ter sido mais voraz, mais tenaz, mais implacável, sem arrependimento de nada. E apesar de o tempo ter em parte atenuado o ruído da paixão e do ressentimento, reconheço o pulsar do incautelado amor nas minhas veias, assim como o incontornável caudal da ira, sinal inequívoco do quanto estes sentimentos continuam a fazer-me vibrar.

Na determinação inquebrantável de me manter intacta.

Hoje já não me iludo ao reconhecer os sinais do desassossego, consciente do pouco que me sobeja, mas também daquilo que em demasia me falta; a confrontar a lividez do presente com o fogo e o fulgor do passado, quando exigia da vida o impossível, pois então tudo me parecia fácil, tomada por emoções, que na altura – sabia – só poderiam parecer condenáveis; e por isso encobri paixões ou iludi-as, simulando submeter-me, fingindo ser o meu avesso, embora interiormente inconformada com os limites impostos pela condição de mulher. Ambiciosa como Madame du Châtelet, à revelia da vontade de Voltaire.

Ontem, dentro de um volume de poesia de Byron, descobri sonetos escritos nos meus primeiros anos de exílio em Londres, sendo neles bem visíveis não só as raízes como também a floração da trepadeira da desobediência, num obstinado e contínuo crescimento. Quantas vezes perdi e reganhei alento para ir mais além, apesar da nenhuma protecção, a percorrer decidida as estradas da Europa.

Dessa época guardei a forte determinação que só agora, depois de velha e julgando-me acabada, há quem pareça apreciar enquanto traço do meu carácter e personalidade; sem se aperceber como o fogo se mantém aceso no meu peito, nem como continuo sufocando diante da mediocridade, negando-me a permanecer desmerecida num terreno devastado, onde nenhuma planta vinga, por entre cardos e espinhos.

«Não acende um só suspiro. Chama que devo apagar: Siga-se à dor o silêncio. Vencer é saber calar.»

Mas não terei eu, afinal, calado demasiado de mim mesma?

Na verdade muito se fez a fim de me anularem, destruírem-me os anseios, o voo, impedindo-me de cumprir os meus maiores desejos e vertigens. Por isso, quando hoje quero ir atrás das próprias pegadas, só o consigo fazer se seguir pelo terreno da palavra escrita, pelo corpo da poesia.

Quantas vezes senti estar a fazer a travessia de um infindável deserto por demais hostil? E apesar de tudo teimei em atravessá-lo, na obstinação de descobrir um oásis onde pudesse encontrar água para a minha sede, sombra para o meu impiedoso sol, suavidade para temperar a minha intranquilidade e desassossego. Impossível refrigério para quem como eu tão depressa se aceitava e lutava desejando ser aceite, como se recusava e diante do rejeite dos outros quase se perdia.

Será que a minha vida poderia ter sido diversa?

Os dezoito anos que me vi forçada a passar no convento de São Félix, em Chelas, pela suprema vontade de um déspota, cedo me determinaram a existência, pois ao condenar à morte os meus avós Távora, ao prender o meu pai nas masmorras da Junqueira e ao mandar enclausurar a minha

mãe num mosteiro, comigo e a mana Maria no rasto e sombra da sua saia, julgou Sebastião José de Carvalho e Melo salgar o chão do meu destino.

OceanofPDF.com

†

1754-1758

Apanham do chão as pedras rasas e repletas do sol da tarde, pedras dóceis que raramente se adaptam à curta fundura das palmas curvas das mãos pequenas, que as atiram de seguida voando baixo na direcção da brilhante cortina de água e por vezes atravessando-a a perderem-se do outro lado, que ambas desconhecem. Mas Leonor sabe inventá-lo: misterioso na sua cintilante transparência, terreno de ondinas e fadas, de feras e feiticeiras; histórias de amazonas, que para lá daquela correnteza de chuva estremecida, de zimbro, se escondem dos olhares ínvios que lhes arrancariam sem dó nem piedade a vigorosa força feminina.

Narrativas extremadas pelo entusiasmo, numa mistura de mitos e de lendas, frente a Maria que olha e escuta a irmã com uma admiração temperada pela desconfiança contida: «A mana inventou isso tudo, julga que não sei? Eu não sou tola!» Mas logo ri, divertida e maliciosa, pedindo mais contos, a empurrar Leonor para urdir outros enredos, novos passos no relato das aventuras que conta, perpassadas por um tom arrepiado de encantamento dúbio, onde se vão imiscuir laivos de um vigor gentil, colorido pela imaginação desvairada, a recriar mistérios a partir do ambíguo cristal da cachoeira.

Cascata que anos depois Leonor recordará no convento de Chelas, com uma saudade distanciada, nebulosa, e que mais tarde ainda invocará em poemas nostálgicos por onde perpassam as matas sombrias, as luzes estriadas, coadas pela ramaria densa e as agulhas escuras dos pinheiros selvagens. Mas, evitando referir as crianças descalças a fitá-las de longe, as esmolas dadas aos pobres todos os sábados ao meio-dia no portão dos

fundos do pomar, os odores apodrecidos das humidades recolhidas, dos líquenes, do musgo, do húmus, das urtigas sonsas escondidas na vegetação aturdida dos atalhos.

Por enquanto, porém, elas correm, tontas, uma atrás da outra, a sujarem de terra os sapatinhos de seda com laço de cetim, as bainhas das saias tufadas, a amachucar as rendas onde tudo se pega, as ervas e as folhas velhas, os cardos, os inesperados picos e farpas das plantas tardias. E quando a sede as apanha, curvam-se a beber da água que a cascata ondeia no leito do chão, turvada pela própria luminosidade, desse modo impedindo que as duas se inclinem a tentarem distinguir melhor a face uma da outra: as duas afogueadas pela correria e a chama do estio cortada pelo ar enevoado da serra de Sintra, sem se importarem as meninas com as lâminas tremeluzentes do calor.

Serra onde habitualmente passam com os pais os dias quentes de Agosto na quinta de verão, em busca do fresco das fontes, da friagem das nascentes, do arvoredo escuro aqui e ali clareado pelas flores cor-de-rosa das olaias, pelas rosas-chá das latadas esgarçadas pelos lilases. Pujança colorida das buganvílias, que subitamente surgem à beira dos carreiros escusos das matas sombrias. Logo adiante os loureiros e as tílias fazem a ligação aos jardins da casa, luzeiros inesperados do meio-dia. Estio temperado pelas nuvens baixas, que a certas horas se afastam para deixarem ver, numa imprecisão trémula, o convento da Pena.

Descuidada, Maria prefere as hortênsias de um azul que lhe parece igual ao céu das estampas religiosas, enquanto Leonor gosta mais das faias de ramos descidos até à erva ao de leve molhada, formando uma espécie de campânula de abrigo, onde se recolhe quando lhe apetece ficar sozinha, perdida nos seus sonhos ou nos livros de gravuras de estrelas, planetas e globo celeste, álbuns que desfolha com avidez febril; a lidar com divagações aturdidas que nem ela sabe explicar, e demasiadas vezes lhe trazem de volta um aperto angustiado no peito liso sob o cabeção de cassa bordada do vestido, no qual repousa o fio de ouro com uma cruzinha de

marfim incrustada em prata que a avó Leonor de Távora lhe trouxe da Índia.

†

Vamos como sempre à missa na igreja do Convento de São Domingos, para o lado do Rossio, as patas dos cavalos derrapando nas descidas das ruas íngremes, em direcção ao Tejo onde o olhar se detém, a tentar distinguir ao longe as naus, os bergantins e as faluas. Mal saímos da carruagem, a minha avó Leonor de Távora, sempre impaciente, começa a puxar-me pelo pulso tentando apressar-me o caminhar miúdo, sapatinho prendendo na calçada enquanto vou arrastando o passo, luva apertada no punho por um minúsculo botão encoberto pela ponta da manga do vestido de tafetá verde-amêndoa. Andar retardado na ida, atrasando-me o que posso distraída com as gaivotas que por instantes parecem planar, soltando a fina lâmina do seu grito. «Gaivotas em terra é sinal de tempestade», diz D. Brites, e fico a imaginar, esquecida de tudo o resto, esse voo misturado de nuvens, como se pudesse soltar a mão dos dedos da minha avó e subir no ar, voando cada vez mais alto.

Minha Mãe que segue atrás, mão dada a Maria, endireita-me a touca de renda e ajeita-me a capa cinzenta escura posta sobre os ombros, descaindo um tudo-nada no começo dos braços. O sol, ao atravessar a fazenda de lã chegada de Inglaterra, molda-se ao meu corpo a emprestar-me um calor bom, cortado mal entro na sombra da nave central da igreja, tão densa que cuido ficar cega. E sem nada ver, tropeço ora num degrau ora num genuflexório, presa já do medo que escondo mas sempre sinto perto das imagens dos santos. A fitarem-me com o seu falso olhar de apaziguamento de madeira, de gesso ou terracota, desvendando-me os pecados e as faltas, para de seguida me colocarem diante do inevitável julgamento, sem perdão possível.

Então, de repente tudo se esvazia, perco a noção da realidade e deixo-me levar pelo pavor absoluto, no centro do qual se encontra a culpa e o sofrimento, representado este pela figura da Nossa Senhora das Dores

amparando nas mãos entreabertas em concha o seu coração trespassado de setas, lágrimas nacaradas descendo pela pálida face amarelecida pelos anos.

Fico a olhá-la durante largo tempo mas, desassossegada, deslizo da cadeira forrada de veludo e faço o inesperado: avanço e deslizo sozinha para dentro da escuridade húmida, entrecortada pela luz vacilante dos círios nos pesados candelabros de bronze. O pavor empurra-me para diante, leva-me a tactear à volta enquanto finjo ignorar as pessoas que oram ajoelhadas. Até que chego nauseada de medo ao fundo da nave, onde descubro horrorizada o Senhor dos Passos, mais do dobro do meu tamanho: um joelho em terra e outro levantado, vestes roxas e sujas arrastando-se numa poeira imaginária, cruz a escorregar das costas que curvadas a carregam, tendo na cabeça inclinada a coroa de espinhos cravada na carne sofrida, de onde escorrem gotas de sangue semelhantes a rubis.

Sem conseguir impedir-me, espreito por entre as pálpebras até lhe encontrar o olhar parado, onde descortino a cintilação do aço, numa aterradora ameaça de castigo. Certa de não poder tornar a afastar-me daquele sítio de trevas, onde se vem misturar o odor adocicado a incenso e a flores fanadas, tento aflita suster o grito prestes a soltar-se por entre os lábios entreabertos.

– Leonor! – sussurra minha avó, atraindo-me a si e apertando-me ao peito, ciente do meu susto. E sem nenhumas perguntas regressa comigo à cadeira onde me abriga junto à sua anca, emprestando-me o terço de grandes contas de ouro que vou enrolando e desenrolando, sem saber rezar. Ao fundo da igreja ficaram os homens, chapéus nas mãos cruzadas atrás das costas. Viro-me, ansiando por distinguir entre eles o senhor meu Pai, que logo descubro garboso na sua casaca azul-cobalto, colete branco de abas, camisa de cambraia com punhos de folhos bordados.

– Menina! – torna minha avó Leonor de Távora, desta vez com uma ponta de ralho na voz de cetim. Fingindo uma obediência que não tenho

nem uso, volto-me para a frente enquanto penso: «Vou fechar os olhos e já sonho.»

†

Punha-se em bicos dos pés para percorrer com os dedos pequenos e finos a risca colorida que a luz do pino da tarde emprestava ao cimo da parede branca, fazendo uma sinuosa estrada de claridade; sol a tentar esgueirar-se por entre as portadas de madeira mal fechadas da janela de sacada, que dava para o sossego tépido de um jardim de rosas-chá e narcisos, de vasos de miosótis simples e violetas. Leonor imaginava tocar o arco-íris, onde via dançar uma poalha luminosa e translúcida, semeada de minúsculos e trémulos pontos rosados e cintilantes, que pareciam fugir para irem extinguir-se nos lugares mais obscuros do quarto.

Vindo das funduras do corredor, trepando pelas escadas e passando pelas frinchas da porta de madeira ferida, chegava-lhe o volátil odor do arroz-doce cerzido pelo cheiro do pudim de leite coalhado coberto de caramelo, que a cozinheira fazia para o lanche. Na boca crescia-lhe, gulosa, uma aguadilha ávida. Voraz também de rosas vermelhas, das quais devorava as pétalas às escondidas. Noutras tardes era o odor espesso do bolo podre que se abeirava da cama da sesta, e que ela num jogo de faz-de-conta fingia substituir pelos melindes e os rebuçados de ovos, lambendo o coral dos lábios.

Sem dar por ruídos nem cheiros, Maria dormia obediente e quieta, de lado e encolhida, as pestanas espessas a sombrearem-lhe a face delicada. De onde estava, Leonor mal distinguia o vulto da irmã, que entretanto atirara para trás a manta fraca, cabeça apoiada no almofadão de linho branco bordado a crivo que os bastos cabelos castanhos, soltos das fitas e dos ganchos de prata, quase tapavam. Entregue aos seus sonhos de anjos e aparições, que sempre evitava contar.

†

Sem o confessar a si mesma, Leonor de Lorena prefere o menino, por enquanto manso ao embalá-lo nos braços. As meninas sempre foram mais soltas, mais ávidas e amigas de buscarem o riso fora do seu espaço; tão diversas de si própria quando pequena, como elas são hoje, que por vezes nem as reconhece dos mesmos sangues, de as ter parido e trazido nove meses na barriga.

Mas ela não se permite ter sentimentos e pensamentos indevidos, e desavinda consigo mesma desvia os olhos de Pedro, adormecido, cabeça a descansar-lhe no colo. Consciente de não conseguir afastar de si um inconfessado júbilo por ter gerado finalmente um filho varão, seguidor de nome e títulos de nobreza paterna. Orgulhosa da alegria que sabe ter dado ao marido, para quem pode agora olhar a direito, numa sensação plena de dever cumprido.

E no entanto, João nem parece especialmente satisfeito com o nascimento de Pedro, sem sequer se inibir de mostrar uma clara preferência pela filha mais velha, com quem é muito unido. Na verdade, ele e Leonor partilham alguns gostos e preferências, pois embora ela seja ainda tão pequena, guarda a mesma inclinação pela natureza que o Pai, com quem passa noites a olhar as estrelas.

Desagradada com o rumo dos seus pensamentos, Leonor de Lorena apressa-se a desviá-los e, insatisfeita, inclina-se de novo sobre o filho adormecido, rapazinho tranquilo que a olha por vezes com um longo olhar triste, a apertar-lhe de apreensão o coração materno.

†

– Avó!

murmura mais do que chama, numa voz sumida, cabeça deitada no seu regaço, os lábios de madrepérola quase encostados à seda bordada do vestido cor de ferrugem usado nessa noite por Leonor de Távora, renda de Bruxelas subida no pescoço branco e longo, tendo a embrulhar-lhe os ombros um longo xaile de lã translúcida, de uma tonalidade caldeada de malva e alfazema.

Leonor respira o cheiro a rosmaninho que vem do pequeno ramo colocado na salva de prata discretamente colocada na mesa de mogno, ao lado da taça da Companhia das Índias, onde em água de rosas nadam pétalas de camélia e de papoila, que lentamente vão murchando com o calor da lareira acesa. E na concha mínima das mãos a menina aperta o sininho de prata há tanto cobiçado e que a avó lhe dera nessa tarde.

Luta sem êxito contra o sono que contrariada sente chegar, num artifício leve a nublar-lhe já o entendimento, boca ligeiramente entreaberta e mansa no suave respirar, o cabelo desordenado a cair sobre a testa em lassos caracóis cor de mel.

Leonor de Távora, com o pensamento longe e preocupado, enrola-os devagar um por um em torno dos dedos esguios, a alinhá-los com cuidado na cabeça da neta adormecida, numa espécie de afago distraído.

†

Com a cabeça da neta aninhada no colo, Leonor de Távora tenta tranquilizar o peito aflito, no apaziguar das mágoas que desde a sua chegada ao porto de Lisboa, já vai para seis anos, não cessam de aumentar, atormentando a sua família.

Só na companhia dos netos e de Francisco de Assis ela consegue acalmar os nervos em alvoroço, num crescente presságio de desgraças e perigos que, ameaçadoramente, cada vez mais se aproximam.

Muito pálida, e com os belos olhos cor de violeta rasos de água, acaricia ensimesmada os cabelos encaracolados da neta que usa o seu nome, e de quem é tão chegada. Julgando adivinhar na menina modos de inquietação e ousadia capazes de a levar mais tarde a passar o seu testemunho.

É nela que Leonor de Távora encontra as próprias raízes.

†

Vejo-a quieta e perdida na contemplação do negrume da fundura do céu. Mão pequena estremecendo na minha, dedos que sobem na sua palma e

nela se enroscam, gelados da noite fria, enquanto andamos ao acaso e com entusiasmo, tropeçando no escuro, tomando da aragem os odores arrefecidos mas múltiplos, perfumes cristalizados subindo dos maciços de rosmaninho e das rosas portuguesas que suspiram baixo no fim da madrugada.

Leonor vai silenciosa, enquanto lhe explico o que posso e o pouco que sei. Passamos por baixo do arco que separa os jardins da casa e paramos perto das escadas em caracol do mirante, a cuja balaustrada ela mal chega, peito liso que encosta ao gradeamento de ferro muito antigo descendo até ao chão de laje no qual se firma.

Menina de caracóis de ouro toldado empeçando na malha macia do casaco de lã a aconchegar-lhe os ombros delicados, Leonor vira-se de costas para o lago brilhando de prata à luz derramada pela lua, cabeça inclinada para trás enquanto conta no corpo celeste as estrelas fixas, incrustadas como jóias na esfera nocturna; e as estrelas errantes, como é uso dizer-se dos planetas, dos quais vai perguntando cada nome: deste e do outro refulgindo, e ainda daquele mais distante a sumir-se ao longe, cumprindo-se através dos espaços da vertigem, céus no interior uns dos outros, sobrepondo-se, levando-nos a idear uma dimensão impensável. E isso me atrai enquanto indago, a querer chegar à compreensão do novo, levando-me com entusiasmo ao estudo.

Ensinamentos que passo a minha filha, demasiado curiosa e impetuosa para a pouca idade; impaciente mais do que eu, seu Pai, sempre envolvido em eternas dúvidas, enquanto ela confunde a sabedoria com o sonho que a impele a questionar, pergunta após pergunta, em busca de uma resposta que teima em fugir. Mas isso, em vez de lhe diminuir o entusiasmo, só faz aumentar-lhe a sede de saber, que fica sempre aquém do ambicionado.

Por vezes pego-lhe ao colo e sento-a no beiral do telhado, perninhas soltas no vácuo sem medo algum, sentindo como a tenho segura. Ambos admirando a cintilação longínqua de tanta luz, buscando a razão onde o conhecimento se abriga. E se a sinto tremer, enovelando os braços finos que as mangas do vestido mal cobrem, dispo o meu casaco, envolvo-a

nele, agasalho-a. Outras noites há em que aponta simplesmente para o alto e pergunta-me o que me escapa ao olhar:

– Como se chama, senhor meu Pai, aquela estrela com asas?

Pó de estrela a fazer-se voo, poalha de luz a fazer-se sinal. E eu, espreitando pelo óculo sem observar o que ela, apenas no reparo a esmo, distingue a olho nu, reinvento o que penso conhecer, tentando adivinhar a partir da sua descrição, confundindo o que ela julga ver com aquilo que inventa. Mas a predilecção da minha filha vai para as estrelas cadentes, precipitando-se na sua vertigem e queda de chama lá no alto. Onde a Estrela Polar nos guia pelos caminhos da terra e do mar, a última da cauda da Ursa Menor afastada da sua floresta de árvores apagadas depois do escurecer.

E Leonor ri encantada com aquela aventura, melhor do que as histórias de fadas, estrelas como espelhos onde o sol se reflecte, garante-se, e ela acreditando em mim aceita, crendo saber eu tudo o que diz respeito aos orbes celestes.

– Como se chama, senhor meu Pai, aquela estrela com asas?

Tento em vão sossegar a sede de instrução da minha filha, sem poder imaginar ser de Saturno que ela fala. Isso só entenderei muitos anos mais tarde, com a ajuda do telescópio de Dollon, encomendado por mim a França para a quinta de Almada. Com ele varrerei de Norte a Sul os caminhos imbricados do céu.

Deste modo a fingir enganar a solidão da velhice.

†

Leonor consegue a muito custo que a mãe a deixe ir com D. Brites buscar os doces encomendados ao Convento das Inglesinhas. Batem com a pesada aldraba do grande portão que dá para a Rua de Buenos Aires, distraindo-se a menina, enquanto esperam, a olhar as corvetas, as galeotas e as faluas transportando barris de madeira, a cruzarem as águas encapeladas do Tejo, empurradas pelo vento agreste que trepa as colinas com desembaraço, limpando os ares dos fedores e dos miasmas, para se

precipitar de seguida onde as duas se encontram a enrodilhar-lhes as saias, quase levando consigo o chapéu que Leonor sente a ameaçar soltar-se dos pregos de prata e do enredo enriçado dos seus cabelos revoltos.

Mas a mão de D. Brites é mais lesta a tomá-lo pelas fitas que já deslaçam o nó de cetim escorregadio, e com elas volta a dar um laço de borboleta junto ao queixo da criança. Depois, sem mais palavras, faz soar de novo o batente de ferro na madeira velha da porta, da qual a irmã hortelã, depois de ter espreitado pelo postigo, abre as pesadas portadas a chiarem nos gonzos enferrujados, deixando-as entrar: lugar espaçoso onde o pomar e o jardim benignamente se misturam.

Seguem as três pela álea mais estreita, ladeada de arbustos magros, de murta, de madressilva e avenca. Mais adiante ficam os regos das laranjeiras, das pereiras, dos limoeiros, não muito longe dos canteiros das roseiras e dos jacintos, do amaranto púrpura. Em cima do muro baixo que ladeia o mosteiro, onde se vê o portãozinho que dá para o beco das traseiras, estão vasos de amores-perfeitos, de miosótis e de sardinheiras.

A Leonor, que segue cuidando evitar a gravilha para não magoar os pés mal defendidos pelos finos sapatos, chega um persistente cheiro adocicado, numa mistura de suor, de mênstruo e de fruto sovado, que a jovem freira à sua frente solta ao ondular o hábito com o passo ligeiro.

Mal entram na largueza espaçosa da cozinha são apanhadas de chofre pela intensidade de novos aromas entre si entrançados: o do arroz-doce a cozer devagar no leite encorpado, o do empadão de lebre a sair do forno e o do guisado de aves. Odores a contrastarem com a delicadeza da água de rosas a ferver com açúcar, o do manjar branco e dos queijinhos do céu acabados de saírem do fogo.

Enquanto D. Brites está de conversa com as irmãs cozinheiras, Leonor passeia devagar os olhos gulosos ao longo de duas grandes mesas de mármore, uma repleta de sopeiras fumegantes, de terrinas de caldo de galinha gorda, de travessas de arroz de coelho, e a outra só com sobremesas: covilhetes de marmelada, pratinhos de rebuçados de ovos e

caramelos, pratos de louça da Índia com cogulos de pão-de-ló e bolo podre, taças de vidro coalhado com leite de sericaia e ovos moles.

De súbito, porém, algo indefinível muda à sua roda, e ela detecta um novo perfume a libertá-la da roda de doces ainda quentes, do cheiro macerado da carne em vinha-d'alhos, do acre das especiarias, da aspereza da erva cidreira. Essência de chuva que a deixa perplexa e a leva a seguir-lhe o rasto, que se tinge primeiro de romã e em seguida de lápis-lazúli. Poalha dourada a levantar-se, esparsa por uma aragem equívoca, espécie de mansa corrente de ar que a faz virar-se e olhar para trás receosa.

†

Quando volto a cabeça vejo-a:

nimbada de luz a fitar-me imóvel à entrada da porta.

Vestido de linho de um tom de pérola recolhido, descendo liso e solto ao longo do corpo magro de ossos miúdos; saia cingindo a cintura estreita, mangas compridas que mal deixam a descoberto os pulsos frágeis. Tem olhos amarelos acusando a linhagem de bruxas e feiticeiras, a pele de uma palidez exaltada e os cabelos do recôndito tom do mel acrisolado.

Olhamo-nos devagarinho, como quem cuida do que vai encontrar e, porque ela hesita, acabo por ser eu a dar o primeiro passo. Aproveitando a distracção das freiras que trocam segredos de receitas com a dama de companhia de minha Mãe, deslizo sem ruído pelas lajes da entrada e na tijoleira da copa, perseguindo-a no seu recuo, cada vez mais fora do meu alcance, a tentar apagar-se na sombra de pedra do corredor sombrio. No entanto, a claridade loura que emana sublinha-lhe o vulto esquivo e tímido, que agora se detém, parado e hirto, limitando-se a ver-me aproximar com receio, até ao momento em que também se entrega e corresponde, ambas de diferente altura, mãos a tactear o ar como se fôssemos cegas, mas apenas encandeadas pela aura uma da outra; e quando os nossos dedos se encontram o luzimento é tanto que nos obriga a franzir as pálpebras transparentes.

«Como te chamas?» – consigo perguntar-lhe, temendo vê-la desvanecer na própria ausência. «Lilias Fraser» – responde-me muito baixo, numa voz rouca e entumescida, como se as palavras teimassem em não querer sair-lhe dos lábios descoloridos.

†

Detive-me encostada ao umbral da porta da grande cozinha do convento, onde ia buscar o chá de tília pedido por soror Theresa. Andar descuidado o meu, de quem não espera encontrar surpresa em coisa alguma, esgueirando-me das adivinhações e das alucinações por entre os interstícios do medo, tentando reparar apenas naquilo em que seria óbvio reparar. Mas, sem aviso, o improvável surgiu à minha frente na figura de uma menina muito composta, capinha de fazenda cinzenta, mãos escondidas num regalo de arminho, cabelos claros e ondeados debaixo do chapéu enfeitado com penas marfinadas de peito de pomba.

Estupefacta, parei sem perceber se ela seria real ou imaginária, de tal maneira me parecia improvável estar ali, à mistura com as irmãs cozinheiras, com as noviças estouvadas, com as velhas enregeladas agachadas ao pé do fogo. Fascinada, vi-a imóvel junto à mesa dos doces, olhar vidrado de gulodice, a língua rosada e húmida a passear ao de leve ao longo do indeciso contorno dos lábios, enquanto ia tomando o gosto aos odores da encharcada, dos melindes, dos fios de ovos soltos, cheiros que se evolavam, encorpados de açúcar em ponto, das taças de vidro delicado, das tigelinhas de compota.

Senti-me estremecer diante de tamanha volúpia incontida, de tanto vacilo à beira do capricho que estranhei no desconhecimento do suspiro contido, da determinação em aceitar o desejo, do êxtase da entrega; enquanto eu me distancio das pessoas, temendo adivinhar-lhes a morte, a sombra, o seu decomposto interior, a vida de que vejo os limites, o fundo, o lodo, as rachas, na voraz roedura do corpo. Dom maldito que arrasto em silêncio, conhecendo o peso da sua asfixia, da sua secura obsessiva que me afasta dos outros, atardando-me na perda, na falta, na falha; cheiro a ferrugem

dos sangues ou a ferro agoirento: das espadas, das armaduras, das viseiras, a recordarem a crueldade de um campo de batalha.

Anseio pelo que é alvo e puro, sem nenhuma memória, condenada eu a adivinhar o futuro. Naquele instante, no entanto, conseguindo iludir o conhecimento do tempo que ainda há-de vir, adiantado pelas alucinações que chegam de madrugada. Mas quando ela me viu recuei, consciente e expectante diante da imagem do meu próprio avesso, entregue já à sua fraqueza dúctil e nela me reconhecendo: meu outro mesmo lado, sol da minha sombra, lua do meu negrume, rosa-do-mato ou flor de açucena. Criança delicada e suspeitosa com quem logo me senti irmanada sem nunca nos termos chegado a tocar, apesar do encontro da ponta dos nossos dedos.

Sem entender porquê retrocedi, cada passo para trás contado e medido sem pressa. Foi então que ela andou até onde eu estava, mãos alongadas na direcção das minhas, estendidas em meu amparo, voz breve a perguntar-me: «Como te chamas?» E eu da minha antiga mudez atirei fora o susto e respondi-lhe de rouquidão na fala entumescida, a atropelar-se na garganta apertada: «Lilias Fraser, e tu?»

Talvez ela tenha hesitado uns segundos, demorando um tudo-nada a resposta: «Leonor de Almeida.» E coisa alguma mais dissemos pois, sem outro motivo aparente que não fosse o destino, nos completávamos. Sabendo eu a partir desse momento tudo o resto, e por isso pude sem medo cumprir a vontade de reparar nos seus olhos de um azul de cinza ardente, onde a encontrei intacta, incontaminada do mal, embora marcada pelo fechamento de janelas, de portas e grades à sua volta, levada que será em breve por acontecimentos tão devastadores e terríveis que a irão marcar para sempre, afastá-la da vida tal como hoje a conhece e entende.

†

A bruxa tem os cristais guardados nos bolsos fundos da saia, deles sentindo na carne a brasa gelada e a cintilação cega, que lhe chameja o corpo. Inspira com precaução o ar, toma-lhe o gosto a salitre, fareja-o,

nele detectando o enxofre, o húmus contaminado pelo revolvimento que em breve há-de vir das entranhas das terras, das águas sulfurosas e das pedras que ali já fez secar as fontes.

Depois de se ter debatido noites seguidas com os próprios poderes e presságios, delirando com a febre alta que provoca convulsões e lhe repuxa as feições, a bruxa nas suas alucinações viu ruir Lisboa, escutou o urro imenso subido das entranhas da terra, os gritos aterrados das pessoas em fuga pelas ruas em chamas, ouviu os estertores das que ficaram estendidas, esmagadas debaixo do estuque e das lajes, dos mármores dos palácios, dos altares e santos das igrejas, deu conta do pavor daqueles que eram tragados pelas fendas enormes que se abriam no chão a engolir tudo, casas e carros, e também aqueles que tombavam, tropeçando nos escombros.

Sentiu o estômago revoltado pelo intenso cheiro a vulcão recolhido que andava no ar espesso de fumo acre, a fundo lodoso do rio, a chuva envenenada, ao sal ácido das ondas de um mar revoltoso. Procurou em vão defender-se das queimaduras das cinzas que tombavam do alto, como se fossem neve parda, escaldante. E quando finalmente voltou a si, aterrada, reuniu os poucos haveres numa trouxa, guardou dentro dela, também, as cartas de adivinhar futuros, os cristais nos bolsos da saia imunda, embrulhou-se na manta de lã cardada, abandonou a cabana de terra batida e saiu da cidade, entregando-se ao destino que a guiou, ainda cambaleante, pelos caminhos do Campo Pequeno.

Com a boca crestada de sede, solta os emaranhados e enriçados cabelos ruivos, liberta-os do lenço de riscado preto com o qual limpa o suor do rosto afogueado pela inusitada quentura daquele princípio de tarde de 28 de Outubro de 1755, e só nesse momento repara na carruagem que acaba de sair pelo portão encimado pelo brasão dos marqueses de Távora. O carro puxado por dois cavalos brancos de crinas entrançadas vai ainda a passo lento quando se cruza com ela, parada à beira da estrada.

Julgando reconhecer aquele vulto imóvel que parece esperá-la, nimbado em contraluz pelo intenso sol do meio-dia, Leonor de Távora afasta,

curiosa, a leve cortina de cetim bordado a ouro, para se debruçar um tudo-nada. Durante esse breve segundo olham-se nos olhos uma da outra, estremecendo ambas com a invasiva e maligna sombra neles adivinhada.

Inclinando-se para trás, a marquesa deixa tombar depressa a cortina e, lívida, recolhe-se na penumbra velada, à espera de encontrar na força e na atenção do marido a coragem que de súbito lhe falta. Mas Francisco de Assis sente-se por demais inquieto e distante para reparar no sobressalto dela, a tranquilizar-se a seu lado à medida que o tempo passa. E quando chegam à casa deles na Rua da Boa-Viagem vão ainda em silêncio, interditos e apreensivos com o despacho do secretário Sebastião José de Carvalho e Melo, a preveni-los de que, sem mais demora, El-Rei quer recebê-los.

Paralisada sob o calor que a abrasa, a bruxa espera que a carruagem passe, quando uma das pequenas janelas inesperadamente se abre e uma mulher se curva para a olhar, deixando-a mergulhar por inadvertência ou espanto até ao fundo violeta dos seus olhos, onde o sangue e a morte se misturam, pois poucos anos a separam já do seu fim horrível. E quando o carro se perde ao longe, encoberto pela poeira levantada, a bruxa foge espavorida, sentindo-se perseguida pelos próprios poderes, que escapam ao seu controlo, a fazê-la adivinhar segredos que deveriam manter-se ignorados até chegar a sua hora.

†

Vestidas para irem com os pais à missa cantada das dez horas na igreja de Santa Madalena, as meninas conseguem escapar de casa para o jardim onde tentam passar despercebidas enquanto se apressam nas áleas geométricas, esgueirando-se por entre as faias, a dominarem o riso e a vontade de correr, apesar de se sentirem contrafeitas nos vestidos de cambraia, folhos de tule e renda a travarem-lhes o passo miúdo, toucas bordadas que naquele primeiro de Novembro tanto as amenizam como as fazem suar, pois mais parece estar-se no pino do verão do que no dia de Todos os Santos a caminho do inverno.

Mal a porta, impelida a custo de tão pesada, se fecha sem ruído, logo se libertam das capas, dos livrinhos de missa, dos ramos de alecrim que ficam caídos nos altos degraus da escadaria de mármore que desce até ao pátio ladeado pela torre do relógio, a ala dos serviçais oposta ao lado onde ficam as seges, e logo adiante a casa do frio e as cavalariças.

Sem falarem uma com outra, dissimulando a alegria de se verem soltas, elas hesitam, acabando por ir até à fonte dos anjos de mármore onde mergulham na água fresca as mãos até aos pulsos estreitos, para depois se salpicarem, uma correndo atrás da outra em torno das tílias e dos cedros, já perto do muro demarcador do pomar, que por sua vez separa a mata que ladeia a prisão do Limoeiro, onde àquela hora um condenado espia por entre as grades da janela da cela, fascinado pela luz mosqueada, no centro da qual duas meninas brincam à apanhada no jardim da quinta dos condes de Assumar, perseguindo-se e correndo na lisura das pedras dos carreiros contornados pelo buxo aparado rente, paralelo ao desenho geométrico dos canteiros de goivos e de cravos-da-índia, dos lírios e das açucenas de um branco açucarado de nuvem.

Mas quando, entre assomos de riso, estão prestes a esconder-se na sombra da latada de rosas púrpura, chega-lhes um revolvido e surdo clamor subido das entranhas da terra, ao mesmo tempo que o chão lhes foge debaixo dos pés, desequilibrando-as.

Assustadas, franzem as pálpebras a verem a luz translúcida e límpida da manhã tremeluzir, dançar frente aos seus olhos claros, paralisadas num demorado espasmo de medo, para de imediato se agarrarem uma à outra apavoradas ante as convulsões da terra e o intenso bramido que se levanta à mistura com o desabalado tocar de sinos, com os gritos, imprecações e preces, gemidos dilacerados e súplicas, chamamentos em pânico a subirem de tom à sua volta, acabando por se juntar num único fragor desmedido, que trepa já pelas abaladas colinas de Lisboa, onde se sucedem as ruínas. De mais longe chega já o brado que sai de entre os escombros, por onde uma imensa onda galgará mais tarde, maremoto a arrebanhar os restos do pouco que ainda restar.

Sempre que a terra parece imobilizar-se, as duas correm esperançadas, sem cuidar de evitar as rachas abertas no solo de onde brota uma lama fervente, imunda e fétida. Logo, porém, os abalos regressam, a derrubar, a acabar com o que ficara suspenso, e no seu descuido elas tombam, erguem-se, magoam-se. Reparando nos soluços emudecidos de Maria, Leonor toma-a pelos ombros frágeis a empurrá-la, a puxá-la em direcção a casa que julga antever à sua frente percorrida por um intenso arrepio, que a leva a tremer de alto a baixo parecendo contorcer-se e arquear-se, mas então é o mirante do lado norte da quinta que de súbito desaba numa espécie de suspiro reprimido, enquanto nas grossas paredes das várias fachadas do edifício serpenteiam veios que logo se tornam frinchas enegrecidas, num grande fragor de alvenaria a fender-se, a esboroar-se.

Na tentativa de escapar aos blocos de pedra, às traves que estalam e caem, às telhas que na queda se desfazem a seus pés, elas desviam-se e recuam aturdidas, afastam-se o melhor que podem tolhidas por um terror visceral, a fingirem ignorar a vertigem e a náusea que as acomete, cambaleando entre o pátio e os jardins que se encheram com a família, os criados, com os vizinhos, todos aqueles que ali procuram refúgio vindos de maiores perigos, do inferno em que as ruas da cidade se tornaram.

De mãos dadas, encolhidas uma na outra, Maria e Leonor não conseguem evitar os picos dos cardos, os cacos dos vidros, lutam para conseguir respirar o ar pesado e grosso; param um pouco a tentarem engolir a saliva encorpada e áspera com travo a salitre e amargor. Sabor do ar entretecido pelas nuvens de fumo, de cinza e poeira a fazê-las chorar à medida que avançam, pernas e braços lacerados. Passo incerto na teima de se firmar naquela espécie de ondulação obscura, vestidos esfarrapados pelos espinhos de roseiras improváveis. A magoarem-se nas árvores arrancadas pelas raízes que ficam como farpas viradas para o alto, a ferirem-se nas ferrarias espalhadas a esmo, a arranharem-se nas silvas que parecem brotar de súbito por entre as fendas que o solo abre, escaldando debaixo dos pés.

Caracóis desfeitos e colados às faces humedecidas pelo suor, pelo ranho e pelas lágrimas que correm sem que dêem por isso, as meninas tentam agarrar-se onde podem, em risco de serem derrubadas por quem corre enlouquecido a tropeçar, a vacilar, a oscilar antes de cair de joelhos, mãos postas numa súplica muda ao Altíssimo.

«Vamos morrer», soluça Maria num fio de queixa inaudível que leva Leonor, num derradeiro esforço, a tentar distinguir por entre o caos que as rodeia um meio de as pôr no trilho de casa. E é mais por instinto do que por discernimento que se defende e à irmã dos cavalos fugidos, a correrem às cegas relinchando, espezinhando tudo à sua passagem, por entre o negrume que se abatera sobre a manhã ainda há pouco transparente e radiosa.

Escuridade feita de rolos de pó a desprenderem-se da caliça, do estuque, do entulho e também dos fumos dos incêndios ateados pelas velas acesas que, sacudidas dos candelabros e palmatórias, tombam das mesas dos quartos interiores e das bibliotecas, dos oratórios e dos altares, a rolarem pelos soalhos de madeira velha e vulnerável de igrejas, capelas e conventos. Pelos tapetes persas e de Arraiolos dos palácios, flamejando com gosto os cortinados de veludo por onde trepam, lambendo as franjas douradas, os panos de arrás, no devorar dos quadros e das tapeçarias.

Chamas num rastejar silvante, um pouco por todo o lado, com preferência pelos cetins, as sedas puras e as rendas de bilros, os livros e os damascos de revestir as paredes, demorando-se em seguida nas imagens antigas dos santos de devoção, e por fim nos móveis: multiplicando-se nos toucadores, nas escrivaninhas, nas camas, nas cómodas de ébano, nos contadores com embutidos, encarniçando-se com afinco no estilhaçar dos espelhos, das louças e dos vidros.

Aterrada, Leonor empurra a irmã para trás no instante preciso em que a terra se imobiliza mais uma vez, curtos segundos em que as duas se sentem colhidas pela cintura, braços fortes a erguê-las à altura do peito do pai, a apertá-las num abraço de susto, quase sem darem conta da voz trémula da mãe, numa mescla de reza entoada, ladainha e palavras de

premonição, num imbricado de português e latim: litania que o ruído sombrio das asas e dos gritos estridentes das gaivotas aflitas quase apaga.

Antes de se levantarem as rajadas de vento forte que ajudarão a incendiar Lisboa, o ar imobiliza-se numa espécie de odor turvo e pestilento, cheiro acre a enxofre e a lodo estagnado do rio, a que se mistura o gosto salgado do mar, a acidez apodrecida do suor do medo, mas igualmente do vómito, das fezes e da urina.

†

De manhã Maria gosta de ficar na cama, entorpecida, amodorrada na quentura dos sonhos, magrinha e sumida no ninho dos cobertores e dos lençóis de linho fino com renda na dobra larga, que ela puxa a esconder-se, antecipando-se à ama que todos os dias abre as janelas, portadas de madeira para trás a deixar entrar o ar fresco do começo da manhã. Leonor, pelo contrário, ergue-se de madrugada pelo gosto de acordar no silêncio da casa à escuta do sono dos outros, mais livre para inventar, poder fazer o que mais lhe apetece.

Levanta-se pois de manso, pés miúdos e brancos debruçados de um dos lados do leito, enquanto se espreguiça alteando o corpo franzino escondido pela camisa de cambraia bordada a ponto de cruz na gola de abotoadura, cabelo frisado, caracóis de mel caídos em desalinho nos ombros miúdos. E quando finalmente ganha coragem para enfrentar a escuridez, desliza para o soalho de lustro puxado, embrulha-se arrepiada no xaile esquecido na véspera pela mãe quando lhes fora dar a boa-noite, silhueta delgada a curvar-se à luz bruxuleante da pequena lamparina do oratório: pavio amarelado a vogar aceso e devagar no cimo do azeite, diante da imagem do Menino Jesus vestido de pano branco, faixa debruada a ouro, dois dedos da mão direita soerguidos, enquanto com a esquerda aponta o próprio coração, como quem impõe a pureza no sítio onde se demora o negrume. Mas Leonor não pode ainda entender esses gestos de anseio e eternidade, instruída apenas na beleza loura e pura do Menino, que imagina estar a abençoá-la.

É nessa tremeluzente chama do oratório de talha que acende a vela da palmatória da sua mesa-de-cabeceira, e em seguida, dominando a custo a vontade de largar numa corrida tumultuada pelo corredor cheio de sombras ameaçadoras que parecem persegui-la, segue pé ante pé e de olhos franzidos. Por cada porta que se mantém fechada suspira de alívio, a caminho do gabinete escolhido nesse ano para sua sala de estudo, onde entretanto aprendera a ler sozinha. E quando lá chega pousa no chão a palmatória, estica ambos os braços finos até conseguir agarrar o puxador de louça.

Ao entrar olha em torno, desconfiada, a perscrutar os possíveis perigos, sobretudo onde a fraca chama do círio não alcança. Mas aquele é o lugar certo para ela começar o dia que desponta, revendo desde o princípio as gravuras do livro que a custo largara ao fim da tarde da véspera. Assim, tremendo com o frio da madrugada, dirigiu-se afoita à escrivaninha que a avó Leonor de Távora lhe deu no Natal e a mãe quisera encostar à parede grande, do lado direito da janela, diante da qual crescem a perder de vista as magnólias, os cedros e as tílias. Mais tarde o sol cairá nas suas copas, soltando os odores dolentes e doces a temperarem as essências ásperas, ácidas, a fazer piscar os seus olhos toldados pelas longas pestanas. Leonor prefere a fulva tonalidade da glicínia, que contamina o fundo do jardim com um rubor intenso, trepando pelo muro alto, quase a chegar ao ferro do portão que abre para a mata.

Senta-se na cadeira alta e abeira-se do tampo da escrivaninha onde na véspera cuidara de dissimular o livro, debaixo de papéis e cadernos que tirara da mesa da biblioteca. Antes de o abrir afaga-lhe a capa castanha de pele macia. Lá dentro encontram-se os mapas celestes, tal como lhos mostrara o pai, debruçado sobre eles tardes inteiras na procura de respostas para as dúvidas de ambos.

Folheia uma após outra as páginas preciosas, detendo-se nas gravuras que conhece de cor, na esperança de descobrir nelas um pormenor diferente, na esfera armilar ou no astrolábio de que tanto gosta de repetir o nome, no desenho onde se vê o sol ao centro com planetas girando à sua

volta. No cimo de muitos dos desenhos estão figuras de anjos num curto voo parado, dando a ver a toda a largura dos seus braços abertos faixas com frases escritas em latim. Em baixo, pensativa, encontra-se a deusa da sabedoria, com a lira, os livros, enquanto marca equívoca da passagem dos séculos.

Quando se aproxima devagar do fim do álbum, dá-se conta de que a madrugada fizera esmorecer a luz cada vez mais fraca da vela, não sabendo há quanto tempo a distracção a impede de ouvir os ruídos da casa que desperta: os sons abafados vindos do sótão onde fica a ala dos criados, a água que corre do jarro para uma bacia de louça, um objecto caindo no desamparo do chão, o chiar áspero de gonzos a amordaçar o cochicho das vozes à mistura com os frouxos de riso mal contidos pela palma das mãos gretadas, logo seguido de um demorado arrastar de pés descalços, pesados de sono. Escuta depois o estalar dos degraus que levam à cozinha, de onde não tardará a subir o cheiro acre do café amargo, do leite fervido e das natas, das papas de aveia e da aletria, do pão escuro aquecido em cima das brasas tiradas do borralho das cinzas.

Apercebendo-se de como começa a ficar tarde, Leonor fecha a contragosto *A Revolução Dos Orbes Celestes* de Nicolau Copérnico, escorrega da cadeira, agarra o xaile e embrulha-se nele. Apaga em seguida o que resta do coto da vela, agarra no castiçal com a mão miúda e, silenciosa, corre de volta ao quarto onde Maria ainda dorme, enrolada nas mantas, cabeça debaixo da almofada de penas.

†

Desde sempre as mulheres da família dos Távora foram dadas a pressentimentos, a anjos e a cintilações, a negrumes e visões, a premonições, a adivinhamentos e sonhos; dom maligno que, ao longo dos anos tendo trato com as profecias, vêem sem rebuço entretecer a realidade em que vivem com o lado sombrio do seu mundo interior: o quotidiano que habitam, o futuro que intuem, adivinham, antecipando caladas mais as desgraças e os desgostos do que os aprazimentos e as alegrias.

A verdade, aceite por quem as rodeia e de certo modo as teme, é terem conhecimento das raízes de tudo o que nasce e brota das tempestades a montante do nada, daquilo que acontece antes de ter acontecido, evitando todavia passar essa premonição aos outros, neles não desejando acrescentar o receio e a angústia que eternamente cai sobre quem prevê a queda, a morte, a vertigem. Franja de espuma nocturna, obstinada na tentativa de invadir a mente e o coração dos que pressagiam os estigmas da alma, os espinhos do cardo, as silvas da torpeza, o ocaso que a febre levanta nos abismos do peito, as garras do mal gerado por Satanás na sua ronda em torno das mortes e dos partos, no uso de manhas e artes, feitiços e artifícios; insidiosa tentativa de nos convocar, de nos rodear, de nos fascinar, até nos afastar por completo da brancura e da maior pureza, dos caminhos do bem.

Eu, Mariana Bernarda de Lorena, condessa de Atouguia e filha dos marqueses de Távora, jamais soube separar a visitação dos arcanjos da aparição dos negrumes, nem destrinçar a plenitude onde reside o adormentado gosto do mel, do êxtase onde explode o acre sabor a fel e a salitre, salobre e amaro. Travo que guardo na boca desde o terramoto, numa premonição de desgraça vil que de mim não se afasta em momento algum, a tornar pesados e sem remédio os lentos dias arrastados das matinas às completas, de sol a sol rastejando a demorar-se pelos hortos, pelos vinhedos, pelos cemitérios, de rojo pelas sombrias matas onde vigiam as víboras.

Pressentimentos de enredos maléficos que ultimamente não cessam um único segundo, apesar de eu tentar com empenhamento aliviar-me com missas e orações, rezas e terços, leitura de livros místicos, cabeceando de sono madrugada adentro, na vã tentativa de defender os meus e a mim própria naquilo que posso, e nesse sentido usando promessas e velas acesas às santas mais poderosas, exercícios de S. Ignácio, mandrágoras e incenso, água benta e Rosa Divina, esmolas e castigos do corpo, cilícios atados nas carnes macias da cintura. Pobre tentativa de silenciar as vozes que de noite me falam baixo ao ouvido. «Mariana Bernarda!» – chamam-

me. E eu sobressalto-me, enquanto elas continuam: «Aproximam-se tempos sem misericórdia, desprovidos de compaixão e temperança: patíbulo e morte, grilhões de degredo, ferros de tortura e prisões fétidas, passarão por ti e encontram-se contidos nos destinos dos teus mais chegados!» Sem forças vou cosendo o choro escondido de quem me rodeia, e diante da senhora minha mãe não consigo deixar de mil vezes indagar agoniada: «Encontra-se Vossa Excelência de boa saúde?» E ela, desconfiando da mesma interrogação repetida infinito, olha-me no precipício dos olhos e, dando conta da minha aflição, contrapõe a sua igual resposta em forma de pergunta: «Qual é o desgosto oculto ou o segredo recolhido que a minha filha tanto guarda?» E eu tento rir, a contragosto, evitando a resposta sustentada pela mais deslavada mentira, e para não a atormentar, em disfarce de invenção medíocre, digo-lhe, sonsa: «Ora, Vossa Excelência tem coisas…», apressando-me a discorrer de seguida sobre mesquinharias da Corte ou da justa apreensão dos jesuítas pelo manifesto ódio do ministro de Estado de El-Rei pela Companhia de Jesus, à conta do qual Sebastião José afastou o padre Malagrida, confessor da minha família. Agravando em muito o desassossego da alma, coração apertado pelos malfadados prenúncios que me assediam, ligando a um sonho de há semanas atrás onde vi o trágico fim dos dias de meu marido, pais e irmãos.

Pavores que pressinto na correnteza de terrores sentidos «*tão continuamente que me parece delírio, chegando a levantar-me vezes sem conta da cadeira em que estou assentada, na minha casa, para ir ao oratório dar este recado ao Senhor Crucificado, que nele se encontra: Senhor! Salvação do Conde de Atouguia, seja como for! E isto me acontece vendo este tão moço e com boa saúde; ao menos não tendo nele cousa em que temesse perigo*». A tentar não me lembrar continuamente dos profetas da desgraça que neste ano de 1758 pululam em Lisboa, escanzelados, esfarrapados, sujos, olhar iluminado pela alucinação e o desvario, impelidos pelo gosto da crueldade em falas de perdição e loucura.

Na sua sombra escondem-se as serpentes e agem as nigromantes, as benzedeiras e as bruxas, arrastando estas as bainhas desfeitas das saias pela imundície das ruas. Nos sacos e nos alforges carregam as pedras medradas no veneno, escondem as cartas de adivinhação, as bolas de cristal polidas pelo afago dos dedos no adestrar de espelho e na abordagem dos mundos exauridos do além, no contacto lívido com os espíritos. De onde partem – diz-se – os mais desalmados vaticínios, que logo circulam por ruas e becos e colinas, até mesmo por entre as ruínas deixadas pelo terramoto, onde prosperam o negrume brilhante da beladona e os agrestes frios do inverno, ventos de gume em riste entristecendo e assustando a cidade atascada de lama e mau olhado, inundada por medos e pavores desde o tremor de terra. «Superstições colhidas na ignorância» –, comenta com austeridade minha mãe D. Leonor de Távora, quando lhe relato com pinceladas de obscuridade as imagens cruéis, violentas e desgraçadas. De igual modo se referiu ontem a elas a condessa de Óbidos, gracejando acerca da última predição escutada, fingindo eu esquivar-me de levar a sério a sua narração, mas a perder-me já na cerração que logo me obscureceu a alma.

Vaticínios anunciados por esquálidos profetas da desgraça, de cima de improvisados púlpitos, pedregulhos mais altos encontrados nos monturos que juncam as ruas cruzadas em torno do pouco que agora resta do Terreiro do Paço: «*Sangue de mártires, de fidalgos e senhoras*» vão correr em breve para os lados de Belém, num Janeiro de eclipse, de ventanias e tempestades, a encharcarem as madeiras verdes do cadafalso e as terras, as areias junto do rio, mais tarde manchadas pelas lágrimas e o vermelho dos sangues.

†

Vi sair meu marido escoltado pela tropa quando o vieram buscar ao fim da madrugada, estávamos ainda recolhidos. Eu às voltas na cama sem descansar, peito oprimido por uma aflição para a qual não encontrava motivo, cuidando em não incomodar João que a meu lado dormia

mergulhado no sono pesado do sossego, embalado pela tranquilidade que até àquele momento fazia todo o sentido. Mas o grande ruído vindo do pátio, junto ao portão da entrada e debaixo da nossa janela, acordou-o, sobressaltado, e sem nada entendermos tomados por pressentimentos sombrios. E logo ele me empurrou com brusquidão dos seus braços, ordenando num tom de voz ríspido, que até àquele instante não lhe conhecia:

– Vai ver das crianças e não as largues.

Assustada, passei à casa de fora, para de seguida ir correndo a tropeçar na camisa comprida, touca com entremeios de renda e folho estreito a escorregar ao longo dos meus cabelos, que já tombavam soltos e desordenados pelas costas. Afastando-me apesar de preferir ficar, temendo sem saber porquê que viessem buscar João, e à conta desse temor lhe obedeci, enquanto escutava o tropel das botas dos soldados subindo a escadaria de mármore à sua procura, sala após sala, até o acharem a vestir-se, a fim de poder enfrentar de modo decente o que pudesse vir a acontecer-nos.

Sem saber o que fazer, tirava Pedro da pequena cama, bracejando ensonado, quando senti Leonor a puxar-me pela manga convocando-me para a sua lividez de cal, os olhos azulados cheios de perguntas, enquanto Maria, descalça e tremendo de medo, se agarrava à minha cintura. Entreguei Pedro à ama assim como as meninas, e estava de volta ao corredor com intenção de regressar ao quarto de onde nunca devia ter saído quando o desembargador Eusébio Tavares, que nesse dia 13 de Setembro de 1758 iria deter igualmente meus irmãos e o marquês de Atouguia meu cunhado, aparecendo ao meu lado a embargar-me o passo, sem palavras mostrou-me a ordem real que o autorizava a prender meu marido, assinada pela Rainha D. Mariana Vitória, que governava enquanto El-Rei D. José se curava das feridas resultantes do atentado até à data mantido secreto e cometido na noite de três de Setembro contra a sua pessoa. Segundo o desembargador, a Rainha ordenava-me, tal como

aconteceria com a condessa de Atouguia, minha irmã Mariana Bernarda, a ficar detida na própria casa.

Não tendo coragem na altura para objectar fosse o que fosse, limitei-me a indagar num fio de voz: «Para onde vão levar o senhor marquês de Alorna, meu marido?» Ao que o desembargador respondeu com uma mentira e de olhos no chão: «Para o Pátio dos Bichos na Quinta do Meio, senhora marquesa, onde já se encontram outros membros da vossa família.»

Recuei assustada, mas ao ver João rodeado e manietado pela guarda armada lancei-me num soluço ferido, e afastando os surpreendidos soldados agarrei-me a ele, anelando-me no ninho do seu peito, braços em laço apertado em redor do seu pescoço, sem nenhuma noção do pudor que me devia, outra coisa não sentindo senão aquele desespero inteiro que aos borbotões me transbordava do rasgão aberto no cerne da vida.

– Peço-te calma, meu amor! Peço-te calma! – ouvi-o gritar, afastado de mim à força. E dobrada sobre o corrimão fiquei a vê-lo descer a escada até sair a porta lá em baixo, voltando-se antes a despedir-se, com um demorado olhar triste mas infinitamente frio, onde se recolhia o brilho acerado do gume de uma ardente faca.

Enquanto isto, escondida atrás de mim, Leonor observava o Pai a ser levado aos empurrões cobardes; foi ela que me impediu de cair, arrastando-me primeiro para a casa de fora e em seguida amparando-me até ao quarto onde me deitou na cama gelada. Só bastante mais tarde me dei conta de ela ter agido não como uma menina de oito anos, mas como uma mulher. Lembro-me do seu semblante extremamente pálido e de como tremia ao afastar-me os cabelos da testa encharcada pelo suor frio, ao secar-me na face as lágrimas constantes, ao compor-me no peito o decote esgarçado da camisa rasgada.

Na verdade, pouco guardo dos dias e dos meses que se seguiram, estendida na minha cama gelada de mulher solitária a quem abruptamente lhe fora arrancado sem qualquer motivo o homem amado. De seguida, como se não chegasse, num rasto de negrume vieram todas as outras

terríveis desgraças a que julguei esquivar-me pelo lado do meu nada, embora continuando viva. E ao despertar das minhas perdições e torpores, estava a cumprir num convento não sei que pena, dentro de uma clausura que não era minha; num tempo do qual pretendi a todo o custo anular os sinais, os anseios, as pegadas, as vertigens.

OceanofPDF.com

†

II

OceanofPDF.com

†

Escutam-me estas penhas[1]

Escutam-me estas penhas animadas,
Que as expressões do brando sentimento,
Como sonhos de enferma reputadas,
Insultam, por dobrar o meu tormento.

Aqui a seva mão do Fanatismo
Serve as leis execrandas do meu fado;
Aqui geme o legítimo heroísmo,
De uma falsa razão atormentado.

1 De «Epístola a Tirce».

OceanofPDF.com

†

RAÍZES

Desembarcados que são da armada da Índia no porto de Lisboa, beijada a família, afagados os netos que ainda não conheciam e cumprimentados os fidalgos que os esperam, distrai-se Leonor de Távora, demorando o passo, a olhar o céu de Portugal, azul-cobalto naquela manhã de estio, antes de aceitar a mão desenluvada de Francisco de Assis para subir os dois degraus da carruagem enviada pela Coroa a fim de os levar ao Paço.

Haviam partido a caminho da Índia com as despedidas solenes e a confiança de El-Rei D. João V, entretanto morto, e no regresso deparam-se com a ausência da Corte, sinal da hostilidade gélida de D. José entretanto coroado Rei de Portugal, que encontram na companhia do seu secretário de Estado Sebastião José de Carvalho e Melo. Homem baixo, ainda novo, lábios de lâmina afiada, olhos pequenos, argutos e escuros que neles se fixam, como se pretendessem ler-lhes a alma; particularmente atento à marquesa de Távora, que estremece ao sentir a sua atenção fascinada, arrepio a subir-lhe no corpo delgado vestido de seda natural cor de amora selvagem, plumas tom da aura dos anjos a temperarem-lhe o toucado com langores imprudentes.

No semblante fechado do Rei, não obstante as suas palavras amáveis, está patente a vontade de os afastar, impaciente por vê-los partir, a ponto de interromper o marquês de Távora quando este relata os últimos tempos passados em Goa.

Varre-se então dos lábios de Leonor de Távora o hermético sorriso de circunstância e, em vez de se manter afastada dois passos atrás do marido como impõe o protocolo da Corte, avança com a ousadia destemida e

destemperada por demais conhecida dos que com ela convivem, temível e soberba na determinação altiva. Mas lindíssima também, tanto na doçura como na agressividade que naquele momento lhe marca as feições.

Atento à sua beleza que o deslumbra, Sebastião José entende o perigo no qual Francisco de Assis não repara, e avança, cruza-se com ela, fixa-lhe fugazmente o olhar violeta e detém-na, ao inclinar-se à sua frente enquanto lhe diz em voz baixa: «Creio que a senhora Marquesa gostará de saber a extrema satisfação de El-Rei com a argúcia política e as vitórias alcançadas por vosso esposo o Marquês, enquanto Vice-Rei da Índia…» Voltando-se em seguida para o marquês de Távora, acrescenta: «Tenho a honra de comunicar ter sido V. Ex.ª elevado ao cargo de Inspector General de Cavalaria do Reino.»

«Como se fosse uma esmola dada por favor» – pensa Leonor de Távora, sabendo não poder o marido recusar a nova dignidade, mas ansiando por isso. Aliás, daquela audiência, estranha e detesta tudo: a aspereza mal encoberta do Soberano, a falta do fulgor habitual em recepções do género, a mesquinhez da dádiva, a mediocridade do disfarce do ódio recolhido do secretário de Estado. Mas ensombrece mais ainda quando este passa a elogiar os serviços prestados por ela enquanto estiveram em Goa, permanecendo num silêncio contrariado até ao fim do hipócrita discurso laudatório. E torneando com habilidade a obrigatória resposta agradecida, pede a mercê de serem levados à presença da Rainha D. Mariana Vitória e de D. Maria, Princesa do Brasil.

Enquanto seguem o camareiro pelos corredores sombrios até à real câmara, sente Leonor de Távora o coração desacertado numa espécie de aviso, premonição de negrume.

Angústia recolhida a apertar-lhe o peito.

OceanofPDF.com

†

MEMÓRIA

A memória daquela madrugada jamais deixou de perseguir-me, por entre a devastação das trevas geladas, insondáveis. Noite de procela vergastada pelo vento, pela chuva e pelas vozes ásperas dos soldados dando ordens, a quererem fazer-se ouvir apesar do choro desabalado do meu irmão agarrado às saias da mãe, já à porta de casa.

Muda de espanto, coração a saltar-me no peito arrepiado de frio, eu ia recuando o que podia até à escadaria que levava aos quartos, onde imaginava conseguir esconder-me do medo que nessa altura sentia. Desnorteada, encurralada, mas apesar de tudo a tentar evitar o pânico.

Passada que foi toda uma vida, só agora me apercebo do pavor de que estive tomada, durante um tempo interminável marcado pela cadência dos cascos dos cavalos nas pedras desgarradas, enquanto olhando pela janela acanhada eu mal conseguia distinguir as árvores que pareciam assombrar os caminhos cheios de lama pelos quais éramos levadas sem sabermos para onde, num lento pesadelo só terminado quando nos mandaram sair, atemorizadas e enregeladas, no meio de um imenso deserto de negrume.

Estávamos na verdade diante do convento de S. Félix, no vale de Chelas, cujas portas de madeira pesada e escurecida pelos anos, com grandes gonzos firmados nos umbrais de pedra grossa trabalhados em ogiva, demoraram a abrir. Passámo-las tiritando, encharcadas, depois de termos esperado num pequeno pátio ladeado por azulejos azuis e brancos com esbatidos desenhos geométricos, tal como me lembro de os ver à claridade esvaída das lanternas e dos archotes levados pelos soldados que naquela noite tempestuosa de Dezembro de 1758 nos escoltaram; chamas

oscilantes a crepitar sob a chuva, que alumiavam mal os degraus a começarem já na terra batida.

Aguardavam-nos algumas freiras curiosas mas desconfiadas e a prioresa, de olhos baixos, mas desagradada tanto com os evidentes traços do nosso desgosto, como com o aspecto desleixado que àquela hora tardia apresentávamos. Maria e Pedro, a choramingarem, agarrados à saia amachucada do vestido de seda esmeralda de nossa Mãe, muito pálida, relutante eu a retardar o passo a fim de olhar o escuro, na tentativa de distinguir o vale que sempre haveria de me parecer assustador. «*Escuto só os ventos rugidores*» – escrevi mais tarde; mas naquela noite era só a chuva grossa que eu ouvia a embater nas lajes do claustro desconhecido.

Na cela que durante dezoito anos seria o meu quarto, deitada na cama estreita e fria, fiquei de olhos abertos toda a madrugada, possuída pelo medo daquilo que, não podendo ainda entender, não deixava de me aterrorizar pelo seu abismo. No compartimento ao lado ficou minha Mãe, abraçada a Pedro, na inútil tentativa de descansar e acalmá-lo um pouco; dias depois, ele seria retirado da nossa companhia, e levado de volta para a casa na Rua da Boa Morte.

Só então comecei a perceber a verdadeira dimensão da tragédia que arruinara as nossas vidas, apesar de continuar a escapar-me a essência do que nos acontecia, espécie de cataclismo desencadeado pelo poder fero e tirano do secretário de Estado Sebastião José de Carvalho e Melo, verdugo da nossa família.

Da sua tirania cruel falei em muitos versos…

«Deste duro arpão que rasga o peito,
Monstro que a alma devora sem piedade»…

Dessa primeira noite em Chelas guardo ainda com inacreditável nitidez a fantasia esperançosa de, na manhã seguinte, acordar em casa, ou nos braços da avó Leonor de Távora, que na altura eu ainda não sabia presa. E quando mais tarde uma freira maldosa me contou com todos os pormenores a sua morte bárbara, senti despertar o ódio, sentimento até

então meu desconhecido; sentimento confuso mas pertinaz a envenenar-me o sangue, a tentar tomar conta do meu coração de menina assustada. No entanto, os livros, as Luzes e a poesia salvaram-me, ao entornarem a doçura do mel do favo onde o fel e a raiva já haviam começado o seu trabalho devastador.

OceanofPDF.com

†

1758-1768

Chegam ao convento de São Félix por entre o ladrar de cães estremunhados, o metálico ruído das ferraduras dos cavalos, das rodas das carruagens, e o choro do menino pequeno a procurar amparo no ombro da mãe, perdida no alheamento em que ficara, lágrimas deslizando-lhe devagar no rosto, desde que deixara para trás o abrigo da casa.

– O meu filho! – gritara num apelo aflito no momento em que a separavam de Pedro, agarrado às suas saias.

– O menino fica! – respondera-lhe o desembargador Eusébio Tavares que já lhe levara o marido, quando à sua ordem os soldados tentavam arrancar dela a criança em pranto. Revolveu-se Leonor de Lorena na dor que lhe tolheu o passo, alegando que o menino ficaria no desamparo. E vendo o desembargador hesitar, recorreu a todos os argumentos maternos, voz trémula e comedida embora trespassada pela cruel lâmina da desgraça. Conseguindo desse modo comovê-lo, mal o ouviu dar a ordem no sentido de Pedro seguir com ela, baixara a cabeça e deixara-se levar em silêncio.

Os múltiplos sentimentos que na altura não expressara, confessá-los-á mais tarde em cartas clandestinas enviadas ao marido, os soluços cosidos no peito, os dedos incertos a fazerem-lhe tremer a letra mal desenhada no papel grosseiro, obtido à custa dos poucos dinheiros que lhe restavam.

Moedas encontradas no fundo de uma bolsa trazida por Leonor de cima da cómoda dos aposentos dos pais, e que ela encobrira depois na roda da capa onde a ama a embrulhara, antes de serem levadas para o carro, à espera diante da entrada, de cortinas fechadas.

– A menina fique calada pois ninguém lhe está a fazer mal! – ralhou um dos soldados a Maria, que gritava enquanto, agarrada pela cintura, era sentada no banco corrido da carruagem. E formada a escolta pela tropa, o cocheiro fez os cavalos tomarem o caminho dos campos, a coberto da tempestade.

†

Entraram noite alta, a contragosto, contritas, lívidas.

As três amparando-se umas às outras, o bistre das olheiras a macerar-lhes as faces ainda molhadas pelas lágrimas, o rapazinho, que nem devia ter vindo, agarrado com susto ao vestido da mãe. Só a menina mais velha me procurou os olhos, a querer prendê-los nos seus numa teima assombrada, jeito de quem é brava de coração e carácter.

A interrogar, a querer entender e a duvidar ainda.

Oito anos obstinados, ásperos e esquivos, almiscarado odor a bergamota toldado pelo perfume de água de rosas lívidas, nela havia já uma certa altivez orgulhosa e aristocrática; mais firme e determinada do que a mãe e a irmã, a avaliar-me a mim, prioresa do convento de São Félix em Chelas, onde não se sabe por quanto tempo irão ficar reclusas. Como se ela pudesse entender ou adivinhar que só as recebo porque a isso me obriga a obediência devida ao vigário geral do Patriarcado, o arcebispo de Lacedemónia, a cumprir por sua vez ordens do ministro de Estado de El-Rei D. José.

Não me cabe reparar no mundo fora da casa do Senhor, e menos ainda ter opinião sobre os assuntos do Reino, mas a partir de hoje temo bastante pela instabilidade do nosso convento, devido à revolta que elas possam arrastar para dentro destas paredes sagradas, com os seus destinos desordenados. Temo sobretudo a rebeldia de Leonor e a maturidade invulgar que apercebi no seu impenetrável olhar de veludo incerto, embora também me preocupe a presença do menino, que terá rapidamente de abandonar o convento, e os nervos quebradiços da marquesa de Alorna,

com a sua fragilidade doentia, tal como o estouvamento mimado da filha mais nova.

Vamos ter, por certo, uma convivência difícil.

†

O arcebispo de Lacedemónia comparece no dia seguinte no convento de Chelas, a fim de comunicar à madre superiora as directrizes do conde de Oeiras no que diz respeito à estadia no mosteiro da marquesa de Alorna, D. Leonor de Lorena, e à das suas filhas.

O menino terá de sair em breve, mas não o comunica à prelada.

Preocupada com a visita, de que não estava à espera, esta consegue suster no peito a indignação nela desencadeada pela presença das três estranhas chegadas noite alta, na véspera, a fim de cumprirem castigo de reclusão, e embora duas das intrusas sejam crianças isso não lhe importa, pois em todas corre nas veias o sangue condenado dos Távora.

Continuando o arcebispo num silêncio pesado, olhos pequenos e astutos tentando captar os dela, esquivos como se temesse revelar o que não deve, a prelada acaba por tomar a palavra, mãos nervosas a subirem-lhe ao rosto longo e a sublinharem as palavras das quais, de início, tenta ainda encobrir o tom desabrido…

«Vossa Eminência vai perdoar-me a impertinência, mas vejo-me na necessidade absoluta de Vos comunicar a grave preocupação que de imediato me invadiu, ao constatar que com a marquesa de Alorna vinham não só as filhas mas também um filho! Ora, num convento de religiosas, Vossa Eminência sabe não se poder criar um menino, vê-lo crescer todos os dias a ficar mais homem… Já me basta a pesada tarefa de gerir este convento, a tentar harmonizar freiras e noviças, pensionistas e recolhidas, senhor Arcebispo de Lacedemónia, mais a mais vendo-me agora obrigada, no cumprimento da ordem do senhor ministro de Estado, a acolher com generosidade nesta casa do Senhor membros de uma família banida por Sua Majestade, e isso já me basta senhor Arcebispo.»

Estranhando não ter sido ainda interrompida, a madre abadessa, que ao deixar-se embalar pelo discurso se levantara, volta-se para o prelado, que continua a fitá-la num pesado mutismo, com um meio sorriso sarcástico nos lábios finos.

†

Tempo depois, tal como era esperado pela mãe e pelas irmãs, apesar de não o confessarem umas às outras, o desembargador Eusébio Tavares volta a Chelas acompanhado pela tropa, a fim de levar Pedro de volta à casa da Boa Morte, onde continuam os criados e alguns parentes afastados.

Ignorando ter sido Sebastião José quem dera ordem no sentido de o menino não ser fechado num convento de religiosas, Leonor de Lorena domina-se, tentando serenar-se, a conformar-se já com a solução encontrada.

Pede apenas uns instantes sozinha com o filho, que sente a tremer de susto, mão gelada apertada na sua. E quando voltam a sair do quarto, o menino vem muito branco e calado, mas sem lágrimas no rosto crispado.

«Filho corajoso!» – pensa comovida, já a arder em febre.

†

Leonor ficou à cabeceira da mãe doente durante meses, fingindo um apaziguamento e uma maturidade que não tinha.

Tremendo de desamparo mal se encontrava só.

Convocava então os sonhos para lhe fazerem companhia, e juntamente com outras fantasias vinham os arcanjos e os anjos com os quais fingia deitar-se a descansar das tantas aflições e demasiados sustos; embora não a tranquilizassem as suas espadas desembainhadas e nuas, nem as suas armaduras com estreitas aberturas por onde passavam as asas.

Mas logo arrependida dessas ardilosas fugas, a menina voltava a debruçar-se sobre a mãe, de olhos fechados, a defender-se de qualquer luz

que a cegasse, modo encontrado para se negar à dor, à nova vida a transbordar de desgraça imposta a todas elas. Preferindo aguardar a morte reclamada por si com ansiedade, deixando-se ir no estreito leito dispensado pela prioresa e colocado numa pequena cela por duas noviças com olhares enviesados e rancores de inveja.

Inveja de quê? – indagava-se Leonor, admirada.

†

Meses mais tarde, em resposta ao pedido que Leonor de Lorena, através da prioresa do convento de Chelas, tinha endereçado a Sua Majestade, no sentido de lhe serem enviados alguns dos seus mais necessários pertences, chegam apenas peças de vestuário, lençóis, mantas leves e alguns cobertores.

Mas esse pouco que lhe é mandado como se fosse esmola tem o condão de agudizar em cada uma das meninas – Maria que sonhava com as suas bonecas e Leonor com os seus livros – a consciência das irremediáveis perdas sofridas por todas elas. Juntamente, vem também a notícia da transferência de D. João, marquês de Alorna, até então prisioneiro na Torre de Belém, para o Forte da Junqueira. Chega ainda, para ser entregue a Leonor de Lorena, uma ordem com a assinatura Real, a deixar claro o que afinal esta já esperava: «A D. Leonor de Lorena e a suas duas filhas, está vedado o contacto com qualquer membro da família do ramo dos ex-marqueses de Távora.»

Novamente de joelhos junto à cama da mãe, Leonor escuta-a gemer durante a longa noite, dando-se conta, de madrugada, que ela volta a arder em febre, privada de conhecimento.

Não tendo a quem recorrer, a menina leva dias a pôr-lhe pachos frios na testa escaldante, tentando ignorar as freiras que entram e saem do quarto, arrastando os pés renitentes nas lajes, persignando-se e rezando baixo, resmungando adivinhações e maus presságios.

†

É rigoroso o primeiro dos muitos invernos passados por elas no convento do vale de Chelas. Leonor treme de frio na inóspita cela despida, que partilha com a irmã, sono leve e inquieto, enrodilhada sobre si própria, as pequenas mãos enregeladas e roxas a tentarem tomar do corpo o calor que lhes falta: ora debaixo das axilas, ora entre as coxas fechadas.

Uma noite em que procurara a quentura boa do corpo da mãe, no compartimento ao lado, esta sacudira-a, dizendo-lhe num tom seco e ríspido: «Volte já para o seu leito e comporte-se como uma menina da sua condição!» E ela tornara para a cama álgida, a tropeçar no escuro, descalça e assustada com as sombras que julgava antever no corredor deserto e os sussurros abafados que pareciam partir das celas onde as freiras há muito estariam a descansar num leve sono de pássaro, cumprindo, uma atrás da outra, as horas canónicas.

Mesmo na primavera gela-se no coro enorme, e é à custa de sofrimento e determinação que ela consegue aprender a tocar órgão, dedos ulcerados, frieiras que esconde, envergonhada da sua fealdade. Também nos corredores e nas escadas sente-se a humidade a ressumbrar na pedra fendida das paredes e dos degraus tão altos, que nos primeiros dois anos as suas curtas pernas só a custo os alcançavam.

Quando reza o terço, ajoelhada, tiritando na tábua lustrosa que serve de genuflexório, chega-lhe a fragrância adocicada das flores postas nas jarras de vidro e porcelana dos altares da igreja. Odor que lhe desperta a saudosa lembrança do calor dos jardins da casa dos avós Távora, no Campo Pequeno, onde passara manhãs e tardes a brincar com os primos, à sombra perfumada das magnólias e dos cedros, das tílias e dos plátanos.

Ao recordar esses tempos, Leonor sente os olhos enevoados de lágrimas, que sem ela querer começam a descer, contritas, vagarosas, ao longo do seu rosto de menina negligenciada; lágrimas de mar salgado, a fazerem-lhe arder os lábios gretados de cieiro.

†

De madrugada vai descalça ver as estrelas, às escondidas das freiras, a sentir as lajes muito lisas e frias debaixo dos pés. Corre pelos corredores de pedra, silenciosos e sombrios, que as raras tochas nas paredes mal iluminam, cabelos soltos a esvoaçarem sobre os ombros, largados dos laços, das fitas e dos ganchos que durante o dia os sustêm a custo.

Sai da cela, às escondidas da mãe, prisioneira do seu habitual alheamento, a chorar os mortos e a orar pelos vivos encarcerados em prisões bem piores do que aquela onde Sebastião José de Carvalho e Melo as fechara, à mistura com freiras, santos de altar e crucifixos. Enjoada com os intensos cheiros a incenso, a salva e a sebo das velas de iluminar as imagens sacras, Leonor não desiste de imaginar o mundo que continua a existir lá fora, embora à medida que os dias passam o vá sentindo cada vez mais distante da sua memória. Daí a urgência de o reinventar à luz de uma realidade intensa, sonho a amendoar na boca, num ácido sabor de rilhar os dentes à tardinha.

– Tenha termos, menina, que Deus está entre nós! – ordenavam-lhe as madres, e ela ria em surdina no escondimento da palma da mão erguida, dedos unidos em cima dos lábios. Mas logo o olhar branco da mãe se cruzava com o seu e o peito esvaziava-se-lhe do riso. Desbotada, a ternura materna passava sem se deter em nada, menos ainda nela, muito direita nos seus vestidinhos de linho escuro de luto aliviado, golinha com abotoadura atrás, cintura mínima apertada por um laço discreto e murcho que ela própria dava, não querendo incomodar ninguém.

†

– Só nos deixaram trazer D. Feliciana Micaela, e ela mal chega para resolver os nossos tantos afazeres –, lembra-lhes a mãe num tom de voz aveludado, mas com aresta de aspereza, cheia de minúsculas lâminas das quais Leonor prudentemente se distancia quanto pode. E no entanto, ao vê-la febril ou em pranto, não é capaz de a deixar sozinha: faces privadas de cor onde as lágrimas, como pérolas, não param de rolar durante meses,

desde o dia em que seus pais, os marqueses de Távora, foram executados num patíbulo montado nas areias, perto da Torre de Belém.

Leonor, pelo contrário, recusa-se a mergulhar no desgosto sentido sobretudo pela morte da avó. Porém, quando fecha os olhos a recordação de Leonor de Távora torna: a maciez das palmas das suas mãos longas, o azul toldado dos garços olhos cor de violeta, a essência da água de rosas que ela usava, arrastando consigo a memória das transparências de que era feito o seu sorriso. E pressentindo a tristeza a esvaziar-lhe o gosto, assim como o gesto a comedir-se no empreendimento de em si mesma voar na largueza, a menina teima no esquecer, sem jamais conseguir ultrapassar a saudade acicatada pela lembrança do que fora a vida antes de ter sido forçada à clausura no convento de Chelas.

Então, sentada num dos bancos de azulejos que contornam o tanque do claustro, ela procura as estrelas no céu, secretamente temendo que as constelações se transformem em seres malignos, com asas sedosas e enganadoras, e só depois volta em bicos de pés, pelas pegadas invisíveis dos passos em que voara indo; as unhas da mão direita cravadas no pulso esquerdo, que no dia seguinte cobrirá com um dos punhos tufados das mangas do vestido.

†

– Menina! – ralham as madres ou as senhoras pensionistas ao verem Maria correr sem tino e de olhos fechados à roda do claustro, onde se misturam os cheiros da humidade das paredes grossas de pedra cinzenta e rachada pelo terramoto, com o das águas lodosas do Tejo, que durante os invernos rigorosos tanto se aproxima do convento; e ainda os odores a círios votivos vindos da igreja, trazendo no seu rasto os fanados perfumes das rosas brancas, dos cravos lilases e das açucenas, que todos os dias chegam como oferenda do palácio real.

As fitas de cetim que Leonor e Maria usam nos cabelos desprendem-se com o vento da cerca, e quer os canudos de uma quer os caracóis da outra,

despenteados e esvoaçantes, acabam por tapar os peitilhos dos seus vestidos de fazenda escura.

A luz do meio-dia cai a pino na água estagnada do pequeno tanque no centro do claustro, onde os peixes vermelhos nadam emaranhando a água em torno do próprio vagar; nos canteiros, por entre as ervas daninhas, despontam as pervincas, as margaridas e as chagas. No entanto, é na brancura móvel das nuvens que Maria demora o olhar curioso, enquanto Leonor desce o seu até à terra, onde estão a florir já as begónias sanguíneas que ela, desobedecendo às freiras, muita vezes colhe…

durante a madrugada.

†

Leonor preferia os anjos músicos.

Sonhava com eles a descerem dos céus, a procurá-la na cela onde dormia enrodilhada no leito duro e estreito, coberta pelo lençol grosseiro e a manta fraca.

Tinham cabelos de ouro de altar tombando nos ombros delicados, olhar esvaído e alvo, vagamente indócil. E um indecifrável sorriso fixo nos lábios muito pálidos. Consigo traziam as cítaras, as pequenas harpas, as liras, as flautas, e cantavam tão baixo que só ela os escutava.

Anos mais tarde, quando já organista do convento de Chelas, na penumbra poeirenta do imenso coro, sentada diante do órgão ofertado por El-Rei D. José logo a seguir ao terramoto, descobrirá ser a música de Bach a que eles nas suas visões interpretavam.

Inquietava-a ter-lhes estendido os braços mórbidos de criança solitária, durante imprecisas mas coniventes e dúbias madrugadas.

Enquanto uma poalha fugidia lhe acobertava o choro.

†

Maria não gosta de ficar sozinha. A irmã, pelo contrário, prefere estar fechada no quarto, debruçada nos seus cadernos e livros, voando pelo

interior das páginas e das histórias, dos pensamentos que sempre a levam até à mais aguda consciência da inevitabilidade da sua reclusão, desse modo colocando-a, com dez anos ainda, diante da ideia do fanatismo, da prepotência, o que por sua vez a reconduz à liberdade sempre associada ao passado que ela teme poder começar a esvair-se da sua memória.

Procura, aflita, o olhar da mãe, que em silêncio o desvia, continuando a calar diante das filhas os motivos pelos quais Sebastião José de Carvalho e Melo, com a anuência do Rei, as mantém no convento como se fossem prisioneiras de Estado. E se a mais velha tenta voltar ao assunto, leva o dedo indicador da mão direita aos lábios pálidos, numa muda ordem de silêncio imposto.

Desde que entraram em Chelas Leonor escuta-a chorar até de madrugada, e quando finalmente ela e a irmã conseguem adormecer logo são acordadas pelas freiras que se despertam umas às outras, a fim de cumprirem os rigores das horas canónicas: pancadas secas nas portas de madeira velha e esburacada, com frinchas largas como as da porta do quarto de Leonor e Maria, e por onde elas espreitam as misteriosas celas em frente.

†

– Leonor –, diz-lhe baixo a mãe, enquando ela lhe arranja as cobertas e a dobra do lençol, cuidando alisar o linho e a renda branca com os dedos dormentes de frio, e em seguida lhe põe panos húmidos na testa, a tentar arredar-lhe do corpo a febre nervosa que a mantém doente. Sentindo a menina os olhos a fecharem-se de sono, devido à insónia da véspera; há noites em que mesmo Maria acorda a chorar com pesadelos, e ela, estremunhada, tenta dividir-se entre a mãe e a irmã, passando de um quarto para outro pela porta interior, agora sempre entreaberta.

– Leonor! – teima mais alto Leonor de Lorena, olhar vazio e mão direita tremendo a tentar em vão fechar-se em torno do estreito pulso da filha que, muda, se inclina um tudo-nada sobre os seus lábios sem cor, dos quais sente o sopro fraco mas escaldante.

As palavras por vezes fogem da boca da mãe, língua presa entre os dentes cerrados até fazer sangue, que Leonor aflita limpa com um lenço, ela mesma temendo emudecer por castigo, alma sem salvação, por causa da raiva aninhada na cavação do peito, como uma pequena víbora de coral. Pecado de ódio por via do desejo de vingança e da vontade incontrolável de fugir, de sumir, a esgueirar-se por entre as grades cruzadas das janelas e do parlatório.

Sem saber para onde ir.

†

Chama-a com insistência sabendo-a desatenta, perdida nos seus sonhos. Mas Leonor de Lorena, mesmo com a mão trémula, consegue agarrar-lhe o pulso e puxá-la para si, enquanto inutilmente a menina tenta escapar ao abraço febril que de súbito a larga. Então a mãe soergue-se para tirar de baixo do travesseiro tiras de papel muito dobradas e finas que, depois de olhar furtivamente à sua roda, esconde sob a capinha de lã que mal a agasalha.

Em seguida manda Leonor abrir a porta e espreitar ao longo do corredor, e voltar depois a fechar os batentes carcomidos de humidade, encostar neles a única cadeira da cela e tornar a aproximar-se dela, que lhe entrega as folhas ainda com o calor do seu corpo, ordenando-lhe que as desfolhe. Constatando Leonor estarem todas elas escritas com tinta encarnada.

– Minha filha conhece esta letra? – pergunta-lhe. Ao que ela responde num fio de voz, a sentir o sobressaltado bater do coração:

– Parece-me ser a letra do senhor meu Pai –, e vê-a sorrir, apesar de o seu olhar permanecer inclemente, a fazê-la tremer tomada pelo maior receio.

– Pois bem, é a letra e o sangue de seu Pai. E se a minha filha revelar seja a quem for ter lido estes papéis, ter tocado este sangue, o nosso e o de vosso Pai correrão, tal como correu o de seus avós Távora!

Ao dizer isto, pálida de morte, recai nos travesseiros, o rosto molhado pelo suor da febre, o cabelo em desalinho. Sem força nas pernas, Leonor

deixa-se escorregar para o chão de pedra onde fica apoiada à borda da cama.

– Leonor! – torna a mãe, usando de ternura na voz débil. – Preciso de escrever a vosso Pai, mas as mãos não mo permitem, e só tenho minha filha a quem recorrer…

Assustada, ela escuta-lhe o falar sussurrado, como se a história de ambas fizesse parte de um pesadelo.

†

Depois de ter sido chamado pela pensionista D. Antónia Xavier Botelho para me observar, o doutor Inácio Tamagnini vem sangrar-me quando desmaio ou ardo em febre, malinha de fole de pele castanha e macia de onde retira um espelho e o estilete de prata, assim como a pequena bacia de cobre nas mãos de Leonor, lívida, a aparar-me o sangue, que no início sempre parece relutante em aflorar ao finíssimo golpe feito com a dura lâmina afiada, na dobra vulnerável do meu braço, onde as veias azul-celeste transparecem altas sob a pele doentia.

Há dias em que prefiro ser sangrada nos pulsos quebradiços, pousados em seguida sobre o lençol, envoltos em ligaduras que a pouco e pouco vão ficando ensanguentadas; e ali me deixam a descansar, sonolenta e acalmada, as vozes do médico e da minha filha a perderem-se ao longe. Sem no entanto conseguir afastar do pensamento a expressão de repugnância dela ao ver as primeiras gotas do meu sangue a rolarem, renitentes, na maciez arruivada do metal da taça, para logo de seguida surgir o jorro exultante, carmesim e apaziguador, que a veia generosa permitira. Espalhando em seu redor um odor acre, com um amargor ácido de ferrugem.

†

Quando chegou até mim a ordem do secretário de Estado Sebastião José de Carvalho e Melo, a proibir à marquesa de Alorna e a toda a sua família

o uso do título e apelido Távora de seus pais, mandei chamar D. Leonor de Lorena ao meu gabinete, onde compareceu sem pressa, vestido preto e véu de viúva não o sendo, amparada pelas filhas que me encararam com a hostilidade de sempre.

Confesso ter sido sem custo e até com prazer, coração leve e alma lavada, que lhes dei a notícia. E ainda julguei vê-la vacilar, empalidecendo, mas em vez das lágrimas de humilhada que eu, rejubilando, esperava, cresceu-lhe a voz na resposta soberba:

– Espero terem igualmente informado Vossa Excelência, enquanto madre superiora deste convento onde estou presa, qual o apelido que sou autorizada a usar, aquele que a partir de agora parece ter passado a ser o de minha dizimada família!

– Aquele que Vossa Excelência já usa, D. Leonor de Lorena –, ouvi-me responder raivosa. E durante um tempo que me pareceu interminável, ela manteve-se impassível. Talvez a tenha visto estremecer um tudo-nada e apoiar-se um pouco mais ao espaldar alto da cadeira, na qual não aceitara sentar-se. E sem nenhuma outra palavra, as três atravessaram vagarosamente a sala, mas quando estavam já do lado de fora da porta, paradas num dos lados mais claros da arcada que rodeia o claustro, a menina mais velha virou-se para trás, olhar de rebeldia em chama desatada, e perguntou-me com a habitual impertinência:

– Será que o senhor secretário do Estado irá tirar-nos mais alguma coisa? Quem sabe, a vida, como fez com os meus avós, marqueses de Távora…

†

Se é certo que a mana Leonor lamenta que a nossa Mãe se mantenha enferma, mãos trémulas e pernas mais vezes paralisadas do que saudáveis, é igualmente verdade não desejar vê-la para já totalmente curada, pois só a sua doença lhe permite ser a única de nós a escrever a nosso Pai, prisioneiro nos cárceres do Forte da Junqueira. Cartas escritas no maior sigilo, tarefa difícil nesta casa – Deus me perdoe e livre – de

coscuvilheiras, mentirosas e intriguistas, espias todas elas a mando da abadessa.

A mim cabe-me vigiar a porta, enquanto a minha irmã se inclina aplicada sobre as folhas pousadas na mesa a custo obtida para estudarmos no quarto. Folhas finíssimas e leves que ela preenche sem deixar margens nem espaços entre as frases, numa letra miudinha e cuidada, pois quando erra ou a tinta esborrata o papel não pode voltar ao princípio, de tal modo é difícil obtê-lo sem levantar demasiadas desconfianças. Tudo isto para satisfação da mana, que gosta de heróicas dificuldades e de tenebrosos segredos.

Fazendo tudo no maior risco.

Missivas por demais importantes para nós as três: elo, cordão de afecto tecido e entretecido com as suas ideias muito próprias, fazendo a seu modo o relato completo dos nossos dias monótonos, narrados com sua enervante maneira criativa. E se no início nos lia tudo o que enviava, sem que déssemos conta foi-nos afastando quanto podia, acabando por inventar para nós aquilo que afinal não escreve. Ou pelo menos omitindo a essência primeira das cartas que não podiam seguir lacradas, a resguardar o que não lhe interessa mostrar-nos. De tudo isto sou eu testemunha, pois quando posso espreito por trás do seu ombro aquilo que escreve. Mas sempre ela me enxota, dizendo num murmúrio: «Sai daqui Maria, deixa-me em paz!». E eu afasto-me a contragosto, arrastando os pés nas lajes.

Talvez porque Leonor desconfie de todos, começou, ardilosa, a acrescentar novas linhas nas entrelinhas, desenhadas com sumo de limão; numa espécie de código secreto e invisível, a enganar a mórbida curiosidade das freiras, a voraz ferocidade da prelada, mas sobretudo a iludir quem, a mando de Sebastião José, possa estar por demais interessado naquilo que dizemos, pensamos e fazemos.

Ironia suprema!

Na medida em que, por estas bandas, cousa alguma é possível inventar com poder para subverter as normas… Que nos obrigam ao nada mais absoluto.

†

Anos depois de terem chegado a Chelas, Leonor começa a fazer os próprios cadernos que, segundo ela imagina, a irão acompanhar quando sair do convento para viver o resto da sua vida. Folhas de papel aparadas e medidas, sobrepostas em resmas delgadas, cosidas depois com longas agulhas enfiadas em linha grossa.

No final cola-lhes as capas de cartolina, forradas com as sobras dos vestidos, das saias e das blusas dadas pelas pensionistas e as recolhidas. Restos de tecidos lavrados, esboços de hastes e flores harmonizando tons e desenhos esvaídos, ou de seda lisa verde-lima ou veludo escarlate, atravessados de onde em onde por um ligeiríssimo brilho ruivo ou ondulação de marfim, correndo o risco de quando neles escreve acabar por ser distraída, para desacerto dos pensamentos ou da poesia que ultimamente faz em papéis dobrados ao meio, para em seguida os passar a limpo nas suas folhas.

Depois aperfeiçoa-os, tentando acertar a cor com o seu exercício, o uso que pretende dar a cada um deles, a sublinhar e a debater nas suas páginas temas diversos ou matérias específicas. E também versos, frases e pensamentos, tirados dos livros que vai lendo e que particularmente a entusiasmem ou lhe suscitem dúvidas.

Poemas, política e filosofia passam a dar nova coloração aos acabrunhados e medíocres dias conventuais, até aí sem sustento nem respiração suficiente para a sua desmesurada ambição.

Outras vezes copia para esses cadernos pedaços das cartas enviadas ao Pai, acerca de diferentes temas a repensar mais tarde.

Dizeres, cantigas frágeis, quadras e várias epístolas.

Os desabafos de alma, rogos do coração e outras solidões, que os sobejos das cassas e dos cetins das capas exaltariam com a fixidez da opala e os luzeiros de esmeraldas, de rubis sanguíneos e de rosas solares, guarda-os Leonor para os seus diários íntimos.

†

Fica de joelhos, muito quieta, no canto mais sombrio da igreja, às horas em que sabe estarem as freiras ausentes.

Diante da imagem de S. Sebastião, Leonor deixa-se ir, inquieta e expectante, os olhos fitos no belo corpo torturado e quase nu: torso núbil e macios ombros cravejados de setas, feridas lívidas de onde partem correntezas de pequenos rubis de sangue que na penumbra lhe parecem demasiado reais; tal como a pele dúctil do santo, os pulsos frágeis mantidos atrás das costas, presos por uma corda dourada a um curto poste de marfim; os olhos tem-nos ele de um azul velado, parecendo fitá-la com intensidade.

Ao sentir-se olhada daquele modo intenso, perturba-se, visão toldada e respiração opressa a deixá-la sem ar, coração correndo na desordem do peito, a precipitá-la dentro de si mesma com uma estranha fraqueza na fundura do estômago.

Num vertiginoso susto.

Cabelos soltos debaixo do véu, sob o qual a nuca se entorpece em súbitas labaredas, gotas de suor a perlarem-lhe o corpo de rapariguinha precoce que, atordoada, imagina sensações nunca antes sentidas. Passando a ter visões ou sonhos onde S. Sebastião, ancas breves, ilhargas lisas e as longas pernas entreabertas, se deita a seu lado num demorado gemido; e ela quase grita, sem entender se de prazer ou do mais puro medo daquilo que ainda não entende, mas já antevê e deseja.

À sua volta o ar parece mover-se, num folheado e levíssimo barulho de asas que a entontece, enquanto S. Sebastião, do cimo do seu pequeno altar, continua a fitá-la, lábios enlanguescentes por onde adejava a sua estreita língua de águia. Em torno daquela equívoca nudez atormentada e cativa, há uma cintilação carnal, uma luminosidade doentia. Então Leonor julga levitar como Santa Teresa de Ávila: joelhos desligados do chão subindo um tudo-nada a coberto do vestido, num exercício de paixão através da

devassa da alma, inocente e tímida, sigilosamente, tentando disfarçar o pulsar aceso do interior de um vulcão…

entretanto já lava incandescente.

A primeira vez que tal lhe acontece, Leonor, que continua ajoelhada, inclina ao de leve a cabeça para o chão sem fechar os olhos, e junto aos pés lá está: uma pequena mancha húmida, com o cendrado brilho da cereja pura; sangue da nascente do seu corpo, a escorrer num vagar moroso e espesso ao longo das coxas, a sujar-lhe as culotes, as meias brancas, e por fim a orla já esfiada da saia azul-escura.

Mais tarde é a mãe que, de olhos baixos, lhe explica, envergonhada, a causa daquele sangue de mulher, sem doença nem ferida. Nessa noite Leonor dorme com ambas as mãos a cobrir o cimo das pernas, sonhando com S. Sebastião.

Golpeado.

†

DIÁRIO

Há freiras em Chelas usando cilícios debaixo dos hábitos, a lacerá-las em torno da cintura ou no cimo das coxas até ficarem em carne viva.

Por penitência – garantem.

Os joelhos rasgados pelas promessas.

Os corpos lacerados pelas disciplinas com que se açoitam.

Revolta-me a grande ignorância de que padecem, e as levam a causar o maior dano a si próprias, tornando-se também perigosas para quem as rodeia.

As leituras apaixonantes que faço mostram-me o pensamento arrebatado, mas jamais a martirização obscura de quem vive mergulhado no negrume.

Chelas, 4 de Abril de 1765

†

As freiras afligem-na com constantes frases acusadoras, temerosas profecias, ameaças divinas, previsões de catástrofes bíblicas, obrigações de promessas e rezas, de castigos corporais para atormentar a carne pecadora; e diante de Leonor elas vão nomeando cada um deles com vagares de delícia.

Enumerando ainda os objectos de mortificação, que a muitas delas – dizem – têm levado a ganhar os céus, amparadas e transportadas por anjos, nimbadas com o brilho imaculado das santas mártires, e por isso mesmo ainda mais amadas pelo Senhor Deus.

Penitentes e arrependidas.

Com uma morbidez sombria mas deleitosa puxam-na para um qualquer canto obscuro de humidades frias e, com os dedos secos mas febris, vão-lhe desenhando no corpo frágil os lugares a serem castigados com os instrumentos de penitência…

Cilícios e vergastas.

Açoutes e disciplinas.

Azorragues e cadenilhas.

E à medida que, com regozijo matizado de crueldade, as religiosas cercam Leonor, a agarram, lhe manipulam os lábios, o pescoço e os ombros, os braços, o peito, descendo em seguida para o ventre liso, deslizando até às coxas onde se detêm ameaçadoras, a murmurarem em latim secretas palavras com laivos de exorcismo, fazem-na estremecer assombrada. As noviças recuam, evitando ser testemunhas do que se passa diante dos seus olhos, sem saberem depois como mitigar a culpa; elas mesmas temerosas, a refugiarem-se na igreja ou nas celas, a cobrirem melhor com os hábitos as cicatrizes, as feridas infectadas, as crostras recentes, as pústulas que não saram.

Abstinência, abstinência…

†

Fitam-na com a voracidade dos seus olhares ameaçadores, chegando a segui-la num leve crepitar adejante, roçagando os altos degraus da escada do coro, ou ao longo dos corredores de pedra carcomida. Como quem está ansioso por apanhá-la em falta gravosa.

Maria faz troça delas, Leonor vomita.

Ao longo da madrugada escuta-as a pararem, murmurando em surdina, diante da porta do quarto que continua a partilhar com a irmã. Outras noites entram de rompante, antes de cada hora canónica, arrancam-na da cama, estremunhada, e arrastam-na até à igreja. Quando voltam demoram-se a fazer-lhe o elogio da mortificação, do sofrimento, da flagelação.

Leonor de Lorena dá conta das olheiras, da magreza e da tristeza da filha, uma melancolia, uma névoa, uma bruma que lhe alaga os olhos inquietos; e ao aperceber-se da pressão religiosa a que ela está a ser sujeita, vai pedir satisfações à madre superiora, mostrando-lhe o seu imenso desagrado. Mas quando esta lhe responde, «é minha obrigação e das outras freiras mostrarmos à filha de Vossa Excelência que professar é a única maneira de ela se salvar, de lavar os grandes pecados da sua família, e ao mesmo tempo libertar-se da ira do secretário de Estado, o senhor conde de Oeiras…», olha-a boquiaberta, não querendo acreditar na monstruosidade acabada de ouvir.

†

Antes de recolher à cela e apesar da aragem fresca que Outubro levanta, Leonor vai sentar-se debaixo da árvore da cerca do convento, rosto entre as mãos abertas a cobrirem a extrema palidez: nauseada, estômago tolhido por uma intensa cãibra de fome que a faz dobrar-se sobre si mesma. Há dois dias que não come, jejum imposto por disciplina religiosa; apenas a água parece aliviá-la, refrescando-lhe os lábios ressequidos e gretados.

Aterrada com o que lhe dizem as madres, secretamente manobradas pelos jesuítas entretanto expulsos, de o convento representar para ela o

único refúgio seguro à perseguição de Sebastião José de Carvalho e Melo, passara as últimas semanas a rezar na igreja, reflectindo na possibilidade de tomar o véu.

As noites leva-as sem dormir, seguindo apaixonadamente a leitura dos poemas e outros escritos de Teresa de Ávila, o que a conduz à meditação e à espiritualidade, mas também à consciência da tibieza da própria vocação. Pede a opinião de frei Alexandre da Silva, seu confessor, que a aconselha a não se precipitar, a escutar o que lhe diz a razão e a aceitar os conselhos da mãe, a demorar a decisão o mais possível. Depois abana a cabeça e olha-a com um ar dubitativo.

Leonor hesita cada vez mais em aceitar o destino de clausura que os padres e as freiras de Chelas insistem ser para ela a salvação possível, ciente do fastio que lhe dão as missas e rezas, das muitas dúvidas e revoltas que a assistem, do sono que sempre a vence durante as novenas e as horas canónicas, morta de aborrecimento, enquanto, no seu oposto, a tentação do estudo e o fascínio pela sabedoria é constante e forte. Então, castiga-se, embrenha-se em orações na busca da lisura e da transparência da alma que continuam a escapar-lhe. O seu pensamento é demasiado rico e ágil para ceder a prisão alguma, e os Exercícios Espirituais a que a submetem não chegam para lhe domar o carácter ousado, ambicioso e rebelde.

A humildade não vinga à sua beira.

Sob a influência clandestina da Companhia de Jesus duplicam-lhe os dias dos Exercícios, apesar de já serem vinte aqueles que carrega, na tentativa inútil de a submeterem, tentando que ceda, que opte pela submissão cega. Mas, desobedecendo, ela continua a preferir o universo da Luz ao mundo das trevas, para o qual o clero lhe aponta.

Aliás, não é a fé total e obscura que desejam dela?

É tarde, a hora de deitar passara há muito. Iluminando a noite, o céu espalha os seus luzeiros ao longo do negrume do vale. Sentada nas macias folhas do outono que entretanto chegara, Leonor fixa as estrelas lá no alto, sentindo a mão do pai na sua, como quando em liberdade ambos iam pelos

jardins da casa a descobrir os astros. E finalmente sabe com exactidão aquilo que quer fazer da sua vida.

Então recua, recusa, nega-se a professar.

Para prisão basta-lhe a que lhe impõem há seis anos, sem que jamais, por um só dia, tenham conseguido proibir-lhe o sonho. A partir desse momento a decisão está tomada: escolhe o destino entretecido pela poesia.

Não carece de outra desmesura.

†

«Como cresceu depressa!» – pensa frei Alexandre da Silva, olhando Leonor que, de olhos baixos e de joelhos, reza à beira do altar, depois de se ter confessado. Desde a sua chegada a Chelas ainda menina, é ele que a tem escutado em confissão, entusiasmando-se com a sua cintilante inteligência e invulgar maturidade, sensibilidade extrema e perspicácia.

Entretanto, ganhara-lhe afeição, verdadeiro carinho, e quando pode defende-a da má vontade e das intrigas das religiosas que dela se queixam ao arcebispo, ao próprio Sebastião José de Carvalho e Melo, recente conde de Oeiras, ou até a El-Rei D. José.

Reconhece ter-lhe ouvido ao longo dos anos, muitas vezes mesmo sorrindo a coberto da penumbra do confessionário, os seus remoques e comentários impiedosos mas argutos a propósito da vida no convento de Chelas onde tem crescido, assim como sobre a maioria das freiras, a quem na intimidade trata por esdrúxulas. E quando a Companhia de Jesus, servindo-se de todos os meios, tentara levá-la a professar, recomendara-lhe prudência e reflexão, sabendo que ela acabaria por tomar a decisão acertada.

Rapariga já quando criança, e agora quase uma mulher, diversa e cheia de ambição e de vida, ansiando por alcançar o esplendor e nele cumprir um destino desmedido. Admira-lhe o saber, a cultura, as Luzes raras no sexo feminino amordaçado, e até mesmo na grande maioria dos homens portugueses. Sem hesitação nem receio, tem vindo ao longo dos anos a incentivar-lhe os estudos solitários, reconhecendo e elogiando-lhes as

qualidades, tal como as ousadas leituras necessárias para o desenvolvimento da mente. Neste momento, porém, estremece com a rebeldia dos versos que ela lhe entrega, confiando-os ao seu discernimento.

Inúmeras têm sido as vezes em que se assustou com o seu excesso, mas igualmente com a frieza e o distanciamento que, pelo avesso do fogo, ela sabe fazer seus. Tão depressa presa de melancolia como da ironia, ora pessimista, imaginando-se eternamente sequestrada naquele vale sombrio, ora sonhando com fascinantes viagens improváveis. Fazê-la encontrar um equilíbrio entre estas duas posições tem-se revelado inútil.

Com ele, Leonor de Almeida prefere discutir o pensamento filosófico, a arte da política, os avanços da ciência. Partilham Pascal, Pope, Fénelon e até Rousseau. Ajudando-a ele a encenar uma comédia de Voltaire, que fez escândalo entre madres, padres e pensionistas, causou rebuliço entre as noviças e enfureceu a madre superiora. Durante as longas tardes de estio, que ambos têm passado juntos no convento de Chelas, aproveitam a luz demorada que sobeja dos intervalos entre as vésperas e as completas para falarem de poesia.

†

CADERNO

Na Carta aos Coríntios, a certa altura São Paulo escreve:
«Subjugo o meu corpo e reduzo-o à servidão.»

No oposto desta frase de escuridão e severamente solitária, diria até ameaçadora, dou comigo a perguntar-me:
Qual é a dimensão da minha dádiva?
Entre a claridade e o negrume prefiro a Luz.

Chelas, 20 Janeiro de 1766

†

Passados que são seis anos desde a primeira das sigilosas cartas enviadas ao pai, Leonor continua a escrever-lhe, embora calando por sistema as dúvidas e os sobressaltos pessoais.

A iludir o coração desatado no peito, a vontade determinada e o olhar ensombrecido, inventando-se e recriando-se naquela que não é mas ele gostaria que fosse: filha mansa e obediente de quem se orgulha tanto, assistindo-a e dirigindo-a do cárcere, a apontar-lhe os erros, a determinar-lhe as preferências e o gosto, a querer educá-la, a formar-lhe o carácter.

Certa de que, por seu lado, a mãe espera e pretende dela apenas a falta de imaginação e a rígida obediência, Leonor parece disposta a seguir à risca esse passivo destino feminino. No seu caso, um elo a ligar os afectos, uma espécie de ponte entre o convento de Chelas e a prisão da Junqueira.

Tenta pois dominar a rebeldia, domar o pensamento, limitando-se a colocar no papel o relato da rotina do dia-a-dia, em vez das dúvidas, das ideias que os estudos despertam e os livros desencadeiam. A omitir as revoltas, as ambições, os versos escritos, os mil cambiantes de que são feitos os seus sonhos assim como tudo aquilo que a leva a voar.

Aqui e ali finge ceder.

Mas logo a seguir, de forma irresistível, revolta-se e infringe.

Por isso, começara por ler alto à mãe e a Maria as cartas que envia ao pai, mas com o tempo passa a resumi-las, calando bastante do muito que lhe escreve; porque elas não o entenderiam – desculpa-se perante si mesma –, e no que vai contando nessas inúmeras missivas, repete o mesmo artifício em relação às ideias e aos pensamentos próprios, mal levantando o véu, a descobrir apenas metade e por vezes menos ainda.

Com extrema habilidade, tapa a rebeldia com a nuvem do sacrifício, a ansiedade com um humilde amor filial na obediência às ordens paternas, que na realidade não cumpre. E exímia na arte do encobrimento, contorna escolhos, passa a vau rios caudalosos, salta precipícios e vedações.

Oculta o orgulho e a rebeldia.

Tapa os seus verdadeiros gostos literários, a admiração por Rousseau, Diderot, Voltaire e a filosofia das Luzes. Mestra no iludir, joga com os sentimentos e o entendimento; faceira, julga evitar conflitos e tornear confrontos. Nunca deixando claro o não, como quem consente. Mas também sem jamais dizer o sim, e explicando isso com doces argumentos.

Perplexidades? Tantas!

Obscuridades? Múltiplas!

E se vai por vezes com passos de lã pelas áleas do atrevimento das ideias autênticas, a tentar convencer o pai com as suas alegações, nunca lhe expõe o que com desagrado contesta já, as interrogações que nela se levantam descobrindo tudo o que ousa procurar no pensamento dos filósofos de quem D. João de Alorna desconfia. Não lhe revela a dimensão do gosto que põe no estudo da ciência, em detrimento da religião e mesmo da teologia, nem lhe manda muitos dos versos que vai escrevendo e aos quais ele, com desagrado, chamaria eróticos.

Tanto deseja Leonor para si própria, e tão pouco lhe parece querer ofertar a sorte! Mas isso ilude em cartas onde esconde aquilo que nela se exalta, nunca dando a ver os sobressaltos da mulher que nela já desperta em disfarce, sustentando apenas o sentimento e a alma. Falando somente enquanto filha obediente, doce, submissa.

E isso mata-a.

†

MONÓLOGO DE PEDRO

Olhei-as e não reconheci nenhuma delas.

Nem sequer minha Mãe naquela mulher gasta e vacilante, vestida de luto carregado; nem minhas irmãs naquelas duas raparigas espigadas e pálidas, com um riso dificultoso nos lábios ressequidos, sem rasto de alegria.

Em nenhuma das três revi a infância.

Estranhas.

A olharem-me ansiosas por trás da grade do parlatório àquela hora deserto, mãos geladas que agarrei, a tropeçar nas pedras dos seus olhos, escolhos de um mar sem fim a humedecer-lhes as pálpebras, enquanto me fitavam com uma ansiosa sede de carinho.

Nas minhas irmãs tentei em vão rever as crianças que foram, meninas de quem nem a cor do cabelo guardei na memória, ou a maciez da pele, a insensatez ardilosa dos sorrisos. E só nesse momento julguei ter compreendido com exactidão a brutalidade daquilo que aos quatro anos me fizeram, ao afastarem-me de todas as afeições.

Optando eu então por uma espécie de superficialidade que me iludia os sustos, as pisaduras, os sofrimentos, a par de uma melancolia incontornável, pois nunca consegui mitigar a desmesura da alma ferida.

«Pedro!», reclamou Leonor, voz desabrida diante da minha evidente desatenção, chocada com a expressão acanhada que eu não conseguia apagar do rosto em chamas, onde teimavam buscar a exaltação do entusiasmo, quando na verdade eu era incapaz de iludir o fosso cavado entre nós, consciente de que o tempo raramente se recupera.

Terei pois de reaprender a amá-las como dantes.

Reatando e retomando até o que talvez não saiba ou queira recuperar, assustado com todas elas, embora de certa forma amando-as ainda por tudo o que representaram no meu passado.

– O mano tem de encontrar um antídoto para a solidão envenenada que lhe corre nas veias! – atirou-me Leonor como se me acusasse. Emudeci envergonhado com o deserto das emoções resguardadas, com a austeridade exposta, e menti dirigindo-me a nossa Mãe:

– É Vossa Excelência tal e qual como a recordava!

Mas logo me calei ao dar conta do desprezo com que Leonor me fitava adivinhando a mentira, mas desconhecendo a beleza que a imagem materna apesar de tudo ganhara nos meus sonhos de criança mais do que órfã, sem embalo nem âncora ou amparo onde me firmasse, crescido demasiado depressa na ânsia vertiginosa de sobreviver pelos interstícios do afecto, a provocar esta recusa ao carinho; manas minhas tão impacientes, que da minha alma não vos direi mais nada.

Nem quando pareço confessar, nem quando calo.

Nem do que me culpo com embaraço, por dever aquilo que hoje sou a Sebastião José de Carvalho e Melo, inimigo cruel da nossa família. Desde que por sua ordem prenderam meu Pai na Junqueira e minha Mãe em Chelas, ele fez questão de se tornar meu protector, cuidando-me, pondo até algum afecto na solidão de abandono em que me encontrava, velando com rigor pela minha educação.

Em todas as circunstâncias do nosso relacionamento lembro-me de me ter sentido dividido. No entanto, foi a partir do dia em que me autorizaram a visitar meu Pai no Forte da Junqueira que passei a ver nas suas mãos o sangue derramado dos meus avós.

Mas o que sei eu de vós três para vos confessar tudo isto?

Desconhecedoras dos meus medos e ambições.

Diante de mim hesitantes,

entre o afecto, a indiferença e o rejeite.

†

MONÓLOGO DE LEONOR DE LORENA

Vieste, Pedro, visitar-nos à grade com autorização de El-Rei e de Sebastião José; depois de um interminável tempo de desespero pude

finamente ver-te, filho, sem no entanto me ser possível apertar-te nos braços, rosto o teu de menino ainda, com corpo de homem, como o testemunha a espada que usas posta na ilharga magra.

Mas é o teu olhar ensimesmado que me assusta, a tua tristeza; ou, quem sabe, se por haver sonhado com este nosso encontro durante tantos anos, eu não consiga agora voltar a ajustar-me à realidade. Afinal, tu não te lembras de mim, tua mãe,

Pedro,

ou das tuas irmãs, nem sequer de Leonor a quem em menino seguias por todo o lado. E ali ficámos, filho, a tropeçar na sombra dos sentimentos uns dos outros. Mãos trémulas e frias, demais as minhas para tomar as tuas, vista turva mas apegada a ti, de quem falhei o crescimento e disso me culpou por carta o teu pai, meu marido. Agora que de novo não estás aqui comigo, posso confessar-te seres, de todos os meus filhos, aquele em quem melhor me revia no entendimento do amor materno.

De um momento para o outro varrido da minha vida.

Foi com desassossego que escutei a tua voz insegura, de quem não consegue deslaçar os nós do coração; desatento a todas nós para ti desconhecidas, a encarar-nos como se encaram os estranhos. Sei teres até desejado amar-nos como se tivesses sido criado nos meus braços, desconcertado pela frieza distanciada em que ficou o teu coração, pois vi mal controlares a vertigem que em ti precipitava a nossa presença, assim como a náusea provocada pelo limoso cheiro a rio e a incenso deste lugar de pedra escura onde nos fecharam.

Quisera poder ter-te dado instruções luzentes contra o amargor da alma, mas obstinadamente tu distanciaste-te, absorto e desatento diante do mapa dos sentimentos,

Pedro,

das linhas da rosa da feminilidade, longitude e pétalas incendiadas de maciez rugosa. Com elas assinalo a maternidade dorida e os nossos destinos em desconstrução, filho, nesta selva de abandono onde nem sequer se pode fingir a bonança. Hoje és tu quem aprende com desprazer a

disciplina e a rigidez que te são ensinadas no Colégio dos Nobres, onde estás pela mão do déspota que deu cabo da família que éramos, enquanto passados estes anos eu inutilmente tento adoçar-me, sem ignorar os remorsos pela minha rispidez amarga.

No calamento grado de quem pior não receia.

Mas o meu silêncio incomodou-te.

A tentares encontrar um pretexto plausível para te ergueres como quem foge, na pressa de partires sem remorsos, afastando-te aliviado do parlatório onde fica exposta de forma evidente a clausura mórbida.

O que há em nós dois de semelhante, filho?

A manipulação do sonho? Ou o lado do rigor dos afectos tão extremados, que sempre acabamos por ferir os outros?

Têm as tuas irmãs mais arte
e maior desmesura no sentir.

Não recebeste de mim até tarde o conhecimento do colo onde adormecerias no descanso dos anjos, que nunca me faltaram na bonança e na felicidade que jamais foi muita. Pudesse eu ter estado sempre perto de ti,

Pedro,

desconhecendo o medo. Pudesse de onde me encontro não temer estender-te os braços abertos, sem este desacerto em que ficamos congeminando o futuro. Nunca, porém, a clausura impediu as emoções fortes, as divagações, os vagares dos afagos, meu menino de olhos assombrados pela paixão mordida que um dia te haverá de matar – adivinho com o coração apertado, meu tão diverso e desgraçado único filho.

Varão.

Peito envenenado pela solitude.

Conheço-te desconhecendo-te, apesar de te haveres formado na tepidez do meu ventre até ao dia do teu nascimento. Por isso, quando aqui chegaste

Pedro,

soube estar certa naquilo que tanto me metia medo: reencontrar-te perdido para o meu amor por ti. Restando-me no resvalo da esperança duas alternativas: reconquistar o teu afecto, ou habituar-me a conviver com o teu desapego. A ironia, filho, está em que foi por ti que sobrevivi à separação do teu Pai, ao assassínio dos teus avós, à ingratidão da História, à falta de justiça, às febres traiçoeiras do meu corpo alquebrado, ao engrossar dos sangues, aos nervos esfacelados a fazerem-me delirar até supor ter perdido a razão. Por ti fiz jejuns e promessas, acendi velas diante dos santos nos altares da igreja, perto das jarras onde as íris amarelas desfaleciam durante as madrugadas, que apenas os sinos acordam para os ofícios das horas canónicas.

Longe de mim

Pedro,

querer obrigar-te à amável pena, à ternura triste, ao apagado sorriso da distracção. Prefiro-te mais alcião de canto plangente do que ave amestrada a vir poisar no meu punho. Até porque o afecto não se paga com nada, filho; nem em momento algum soube da sua troca por qualquer outro sentimento.

Cuida sempre, antes de te afastares das rosas tamisadas

das lágrimas,

de quem como eu apenas soube ter entendimento com a própria sombra.

Filho.

†

Evado-me através das cartas que escrevo a meu Pai.

Como se elas me fizessem sair da mediocridade deste sombrio espaço fechado onde se acumulam a falta de liberdade e a ignorância, as superstições e a mediocridade.

Lugar onde por vezes julgo sufocar de sombras e negrumes, nauseada com os cheiros das mulheres, a formarem uma meada confusa de sangues e suores, de mucos e corrimentos do corpo; exalações sovadas, emanações maceradas, fetidez de quem vive durante meses sem lavagem nenhuma,

numa espécie de resistência feminina ao próprio apagamento em vida. Repulsa que sinto intensificar-se com os odores a incenso e a flores fanadas e a sebo das velas votivas, à mistura com os cheiros de gordura que chegam da cozinha, mal disfarçados sob o odor dos doces de ovos e os anises, as geleias e a marmelada a ferver nos tachos de cobre.

Evado-me através das cartas que escrevo a meu Pai.

Pois nelas distraio-me a debater ideias, a argumentar, a reflectir no que lhe devo dizer e também encobrir. Mas o estudo é a melhor maneira de fugir desta prisão, desta clausura, fazendo aumentar o saber, para mim sempre pouco, a exigência de mais e mais Luzes! Só assim diluindo o nevoeiro que por aqui tanto se adensa, com excepção do curto espaço da minha cela de que faço escritório e quarto: três são os passos que consigo dar entre a janela e a mesa onde estudo e escrevo; e outros três entre a minha cama e a de minha irmã. E quinze são aqueles que me levam até ao leito de nossa Mãe, na divisão ao lado.

Passos esses quantas vezes multiplicados durante os anos passados até agora em Chelas? A distanciar-me sem remédio da menina feliz que fui e de quem hoje quase não tenho memória, nela já não me reconhecendo.

Aqui, as muralhas da opressão nunca são derrubadas, tal como estas paredes grossas e invulneráveis, na sua textura salgada e mistura de cheiro limoso a Tejo e a revoltoso mar. Aspereza onde gosto de passar a ponta da língua, julgando detectar uma multidão de lágrimas invisíveis, por certo vertidas pelas incontáveis religiosas que neste convento as têm chorado.

Prisioneiras derrotadas pelo avesso da própria revolta.

Cientes tal como eu, quem sabe, de não pertencerem a este lugar de clausura e de mediocridade. O meu coração e os meus sentimentos trancados anseiam por escapar, por voar para longe e muito mais alto.

Até onde me levar o conhecimento e o pensamento da Luzes.

†

CADERNO

Ser por natureza contrária à disciplina, mas depender dela para vencer os obstáculos e os desastres que o destino apronta. Reconhecer-me na paixão e ambicionar a elaboração do distanciamento.

Atormenta-me este meu permanente estado de divisão entre o coração e a razão. E no entanto persigo naturalmente a utopia e o sonho!

Como dizia Da Vinci: «Procuro o improvável, busco o proibido, desejo o impossível.»

Chelas, 29 de Outubro de 1767

†

Olham-se com cuidado, suspeitosas mas atraídas uma pela outra apesar da diferença de idade: Teresa no princípio da maturidade, Leonor saindo da adolescência. A estranharem encontrar-se naquele lugar, que lhes parece em tudo contrário ao prazer e ao encantamento.

Teresa de Mello Breyner atravessa sem pressa o parlatório do convento de Chelas, passo leve no chão escorregadio, e pára junto à grade por trás da qual Leonor a observa, dividida entre a curiosidade e o recuo. Ambas direitas e hirtas, chapéu de seda rosada nos cabelos lisos e negros de Teresa vestida de seda verde-água, e Leonor de fita lilás no ondulado cabelo cor de mel, fato de cambraia azul-da-prússia; uma e outra demasiado frescas para aquele rigoroso inverno em Lisboa.

Medem-se as duas, avaliam-se; aproximam-se e afastam-se, mãos nervosas ora a aflorarem as grades ora perdendo-se algures entre a nuca e os pulsos, como quem ajeita o que não se desarruma. Ambas a tentarem encontrar um motivo razoável que lhes permita chegarem à fala, apesar de nunca se terem visto antes. Perturbadas, estranhando aquela imperativa necessidade de se conhecerem.

De visita a D. Josefa de Menezes sua tia, Teresa não percebe como nunca a vira das outras vezes, logo desconfiando poder ser ela uma das netas dos marqueses de Távora que se encontram presas no convento de Chelas. Curiosa, mas de olhos baixos, teima em puxar pelas faixas de cetim que em várias voltas lhe enlaçam a cinta estreita. Por seu lado Leonor esquece-se da mãe que, débil e nervosa, vai à grade na teima de descobrir alguém que lhe possa dar notícias de parentes e amigos, especialmente da sua irmã Mariana, condessa de Atouguia, de quem apenas sabe ter sido fechada com as filhas no convento das religiosas de Sacavém, a mando de Sebastião José.

Cuidando não irritar e menos ainda desafiar as freiras, temendo pôr em causa a autorização assinada pelo Rei que ao fim de tantos anos lhes permite frequentar a grade, Leonor deseja passar despercebida: rosto sem expressão, mãos enlaçadas sobre os joelhos unidos. Por isso inquieta-a ser o centro de interesse daquela desconhecida de ar severo e olhos de avelã, e admira-se com o gosto que lhe dá ver o seu amável olhar entretecido. E quando ela lhe pergunta: «Não sois uma das filhas dos marqueses de Alorna?» – prudente, limita-se a responder: «Chamo-me Leonor de Almeida.»

O resto que lhe vai na alma permanece em silêncio.

Respeitando-lhe o distanciamento natural, Teresa de Mello Breyner limita-se por sua vez a dizer o próprio nome, numa voz ciciada de quem pretende manter entre elas o que só a elas diz respeito. Mas como Leonor continua calada, acrescenta sem nenhum sorriso:

– Pareceis-me em tudo bem diferente das mulheres que conheço…

Coração disparado no interior acrisolado do peito, mas também irritada com a perturbação que não gosta de sentir, Leonor acaba por responder agreste, usando de uma ironia que mal lhe encobre o desassossego:

– Porquê? Pelo recato conventual de que dou mostras, pela pobreza do traje, pela notória falta de cortesia, ou pelo facto de ser neta dos marqueses de Távora, e o ministro Sebastião José de Carvalho e Melo odiar a minha família?

Antes que Teresa tenha tempo de reagir ao propositado desacato, a irmã Maria da Anunciação, naquele dia de vigilância à grade e que escutara as poucas palavras trocadas entre ambas, interfere com indignação, indo queixar-se à marquesa de Alorna da falta de educação de sua filha mais velha para com a condessa do Vimieiro.

Divertidas, elas observam a confusão estabelecida, cúmplices já, sorriso de soslaio, achando graça ao alvoroço da freira. Acabando Teresa por se afastar, mas não sem antes prometer com veemência:

– Eu volto para lhe falar, juro que volto!

E Leonor, sem saber porquê, acredita.

†

D. Josefa de Menezes satisfaz com gosto a curiosidade de sua sobrinha Teresa de Mello Breyner em relação a Leonor de Almeida, filha mais velha dos marqueses de Alorna:

– Sempre desconcertante e imprevisível, tão depressa um anjo de doçura como arrebatada pela rebeldia. Ora a imagem da vivacidade e da alegria, ora esquiva e triste, olhar assombrado pelo negrume que parece advir-lhe da fraca constituição da alma.

Fazendo uma pausa longa a tomar fôlego, prossegue:

– Dizem-me fazer poesia e ler muito – Camões, Hildegarda de Bingen, Teresa de Ávila, também Corneille, Horácio ou Racine, Dante e Pope que eu não conheço. Mas, segundo julgo saber, parece interessar-se sobretudo por autores proibidos…

Frente ao olhar desconfiado de Teresa, tenta manter-se amável:

– Vê-se que prefere estudar a assistir a missas e a rezas, tanto se entregando às letras como às ciências. É organista, pinta e escreve sermões para os frades quando lhos encomendam. Aprende o inglês, mas também sabe outras línguas, fala com facilidade o espanhol e o francês. Dizem-na interessada no árabe e no latim.

D. Josefa de Menezes entusiasma-se, atropela as palavras ciciadas, parecendo até desfiar uma história inventada:

– Ao princípio as três choravam muito, afastavam-se de todas nós, hostis e distanciadas. Mas igualmente muita era a animosidade e a má vontade das pensionistas, a maldade e a crueldade que as freiras usavam para com elas, macilentas e de luto fechado, compostura no desgosto profundo, logo porém assustadas, desprotegidas da sorte. Consciente dos perigos que corria se ficasse do seu lado, limitei-me a segui-las de longe, a cumprimentá-las com um sorriso. Anos mais tarde, quando a execução dos marqueses de Távora ganhara já o esvaimento da passagem do tempo, tentei aproximar-me. Sobretudo de Leonor que, agressiva e acossada, me repeliu, recusando a minha companhia de mulher mais velha que com ela simpatizava.

Ao afirmar isto tenta sorrir no disfarce do tom ressentido e inclina-se a procurar, através da grade, prudente, o ouvido de Teresa, para murmurar num cochicho:

– Sabe-se que tem cadernos, diários onde põe os pensamentos mais íntimos.

Empolgada, acrescenta, acariciando as palavras:

– O pior são as cartas clandestinas que escreve e passa para fora. Presume-se serem dirigidas ao Pai, preso no Forte da Junqueira. Desse modo infringe ela a proibição real, o que é crime, além de desrespeitar as regras deste convento.

E já esquecida do cuidado a pôr no tom da fala, desabafa:

– Mas o que lhe importa isso, afinal, se até parece fazer gosto na desobediência! Já a vi rir sem disfarce da prioresa que, para agradar ao conde de Oeiras, tenta controlá-la e à irmã, que em tudo lhe segue os passos.

Tremendo, D. Josefa segreda:

– Para enfurecer o ministro de Estado, os jesuítas levaram as freiras e os padres a convencê-la a tomar votos, a receber o véu negro. Mas ela, depois de ter hesitado, acabou por lhes fazer frente e negou-se a professar. Para tal teve o apoio da Mãe e, consta, do seu confessor Frei Alexandre da

Silva, que também é poeta. «Não tenho vocação para professar», teria por fim comunicado com desfaçatez à madre prioresa.

Neste ponto, como se não lhe fosse mais possível moderar-se, D. Josefa de Menezes exalta-se num atropelo febril de quem tem a alma envenenada pela secura fechada do corpo definhado.

Suspirando, aconselha com ansiedade:

– Tem cuidado! A companhia de Leonor de Almeida é perigosa. A ambição acabará por levá-la a querer voar cada vez mais alto, custe a quem custar! Escuta o que te digo: ela virá a cair, mas também tombará quem andar na sua companhia!

†

Logo que posso, torno à grade do convento de Chelas.

Sem subterfúgios peço que chamem a filha mais velha dos marqueses de Alorna. E Leonor de Almeida acaba por aparecer, arrastando um tudo-nada o passo, olhando-me de soslaio e com expectativa, fugidia e curiosa. Desse modo aproximando-se vestida de seda escarlate, colete de musselina a adelgaçar-lhe a cintura, alta e esguia; ar senhoril que, como por milagre, nela faz desaparecer a rapariguinha que eu conhecera semanas antes.

Cabelos de ouro ondeando nos ombros ao andar.

Quando ultrapassamos o constrangimento, vigiadas pelo olhar atento e desconfiado das freiras, é como se nos conhecêssemos há muito, e ali ficamos conversando, comparando gostos e amarguras, trocando o prazer das leituras entretanto feitas.

Ousada ela.

Eu um tanto assustada.

Para lhe dar, levo comigo um livro de poesias de Soror Juana Inés de la Cruz, que recebe sôfrega, encostando nele de seguida o rosto, a tomar-lhe o cheiro da encadernação de couro, pele curtida e marcado a ouro. Entrego-lhe depois algumas páginas soltas para onde passei versos recentes de alguns poetas portugueses e brasileiros: de António Correia

Garção, que ela já conhece, de Nicolau Tolentino, de Anastácio da Cunha, de Domingos Maximiano Torres e de Francisco Manuel do Nascimento. E num impulso tão raro em mim, sem reflectir, peço-lhe que me deixe ler os seus poemas. De imediato ela recua, recusa, despida dos maneios da Corte. Altiva e directa e sem maciez, dureza vinda por certo do hábito de solidão:

– Como poderia dar-vos a ler a minha alma, se mal vos conheço?

Apesar de nessa altura ter já a certeza de que entre nós estava prestes a firmar-se um pacto de amizade, sem cuidarmos da sorte traçada pelos nossos destinos, disse-lhe, a querer temperar o seu ímpeto:

– Tendes razão. Vamos então conhecer-nos melhor, escrever-nos, ver-nos mais vezes.

E logo ela fica aplacada e sorri, estendendo por entre a grade as mãos bonitas a aflorarem-me os joelhos com os dedos afilados e persistentes no afago, que eu sinto através do cetim do meu vestido cor de cereja sanguínea. Tão diversas as duas, avesso uma da outra, que tenho vontade de lhe propor trocar o meu carácter severo pela sua emotiva ansiedade.

Ela sol e eu resina, goivo ela ou rosa carmesim, e eu pervinca.

Claridade e sombra.

Ela de chama e eu de luz interrompida.

Temperança! – quase imploro, entregando-me no entanto de bom grado ao seu enredo, minha desobediente, ousada e destemida

amiga.

†

Foi frei Alexandre da Silva que levou a primeira vez José Correia Garção até à grade do convento de Chelas para conhecer Leonor. A ouvi-la, encantado, dissertar sobre filosofia e matemática, escutar com muito agrado os seus versos, constatar espantado o cintilar dos seus olhos lápis-lazúli.

Depois, foi a vez de Garção conduzir até ela o padre e poeta Francisco Manuel do Nascimento e Sebastião Ferreira Barroco. A estes logo se

juntaram frei José do Coração de Jesus e o dr. Inácio Tamagnini, que já a conheciam de um estreito convívio pessoal: o primeiro era seu conselheiro espiritual e o segundo médico de sua mãe. Mais tarde vieram outros poetas da Arcádia Lusitana.

Mas havia também aqueles que iam atraídos pelo seu fulgor, como aconteceu com a bela Joana Isabel Forjaz, até então a mais conhecida e controversa poetisa de Lisboa, que quando foi pela primeira vez assistir aos outeiros de Chelas entrou no locutório com o seu passo harmonioso e esmerada no trajar ousado, ficando de longe a examinar com curiosidade aquela que, embora em clausura, já tanta sombra lhe fazia.

No início tímidas, temerosas, Leonor e Maria desconfiaram do brilho que lhes estava a ser acrescentado. Com excepção feita aos poetas, aqueles que com mais regularidade compareciam à grade pareciam-lhes todos iguais: ruidosos, loquazes, bastante superficiais mas divertidos e em tudo diversos dos seus habituais e limitados interlocutores. Depois, quando também as mulheres começaram a frequentar o parlatório, a diferença afigurou-se-lhes maior ainda, pois tudo as distinguia e diferia das madres, das noviças, das pensionistas e das recolhidas de Chelas.

Vala profunda cavada entre aquelas que chegavam do lado da claridade, trazendo consigo os cetins, as sedas e os perfumes dos palácios, dos bailes e dos salões, e elas próprias, ambas do lado da sombra e da penumbra, arrastando com as bainhas dos modestos vestidos o saibro da cerca e do claustro.

A pele contaminada pelos mórbidos odores do convento.

†

A partir dessa altura, no locutório do convento de Chelas, com a cumplicidade e a fascinada participação de algumas freiras, sobretudo as mais jovens, começaram as discussões poéticas, os debates sobre a literatura, as dissertações acerca dos astros e da botânica, da matemática e da filosofia.

Da educação das mulheres.

Principiara a troca de ideias, de dúvidas e de escritos, de livros e catálogos de editores franceses trazidos à socapa, que Leonor e Maria escondiam entre as pregas das saias para lerem nos quartos. Pouco tempo depois já se declamavam versos, pediam-se motes para fazer poesia.

Outeiros poéticos a tomarem vulto: brilhantes, cultos, inventivos, cheios de ousadia. E neles era sempre Leonor quem mais se distinguia, num inesperado e diverso cintilar feminino até então desconhecido em Portugal.

Num volteio e rodopiar cintilante ela ultrapassava limites e margens, rompia com estereótipos e num ápice saía do mais profundo anonimato para ser falada e discutida. Chegando até à Corte a fama do seu brilho e da sua erudição, assim como cópias dos seus poemas, começando o seu nome a correr de boca em boca, pelo invulgar facto de ser mulher culta, talentosa e inteligente.

Enquanto isso, nos salões lisboetas tão depressa era referida com admiração a sua beleza, como era sublinhado com desconfiança o seu talento poético, assim como os invulgares conhecimentos, quer no domínio literário, das humanidades, quer no das ciências.

Curioso com tanto entusiasmo, mas também preocupado com a circunstância de este ser suscitado por uma mulher da família que julgara ter aniquilado para sempre, Sebastião José de Carvalho e Melo pressionou o arcebispo de Lacedemónia no sentido de endurecer o seu poder em Chelas e de encontrar alguém que, dentro do convento, estivesse disposto a espiar, dia e noite, a filha primogénita dos marqueses de Alorna.

†

Depois de ter sabido da situação de necessidade em que vive sua irmã Mariana Bernarda com ambas as filhas, no convento de Nossa Senhora dos Mártires e da Conceição dos Milagres em Sacavém, Leonor de Lorena não pára de chorar, deixa de dormir e de comer, tem uma recaída: sente arrepiamentos que se tornam convulsos e a torturam, perde os sentidos e o movimento das pernas, arde em febre, volta a delirar.

Leonor manda chamar à pressa o doutor Tamagnini, que ao dar conta do seu grave estado a sangra de imediato; isso acalma-a, mas também a deixa desfalecida, sem nenhuma cor no rosto macerado nem dar acordo de si.

Maria e Leonor revezam-se dia e noite junto à sua cabeceira, aplicam-lhe compressas de água fria na testa perlada de suor, secam-lhe os humores do corpo, humedecem-lhe os lábios ressequidos, e quando a vêem voltar a si, enfraquecida e sem forças, tentam que ela engula duas ou três colheres de caldo de galinha com escorcioneira e o lambedor receitado pelo médico.

Massajam-lhe com unguentos e cremes os membros hirtos, sem sensibilidade nem movimento. Secam-lhe as lágrimas que ainda lhe restam. E quando pensam que ela melhora, eis que lhe voltam as febres, a tosse, as dores, os suores, as ânsias convulsivas.

Aquilo a que o doutor Tamagnini chama debilidade histérica.

†

«Meu Querido Pai:

Está melhor, graças a Deus! Sossegue V. Ex.ª Eu vou escrever quanto puder, para dar a V. Ex.ª uma ideia clara; e queira Deus que V. Ex.ª sossegue.

O nosso Tamagnini, assim como o Wade, prometem-nos felicidades e, mais que tudo, o seu estado presente, que é quanto pode desejar-se.

Já o mano disse a V. Ex.ª o princípio disto, e por isso escuso repetir. Sábado de tarde principiaram os arrepiamentos e só da meia-noite por diante se descobriu a febre. No domingo, pela manhã, era já bastante alta, e veio Tamagnini, que receitou o lambedor, de que dei conta na carta passada, para se lhe dar uma colher de duas em duas horas, dentro de caldo de frango com escorcioneira, pevides, almíscar, etc. Este pequeno remédio que supriu a sangria indicada, mas para a qual faltavam forças, soltou um suor copioso que, sem diminuir a febre, fez ao menos que ela nos não pusesse em última consternação.

Na segunda-feira, pela manhã, sangrou-se no braço e saiu sangue dissoluto e com uma crosta muito espessa. […] *Na terça, pela manhã, não havia nenhum prospecto de melhoras, excepto que o suor continuava; mas a agudeza da dor que havia na região lombar, segundo os termos, a qual correspondia à clavícula direita e mostrava ofensa do fígado, assustava muito; aplicaram-se sobre a dor continuamente uns vapores de um cozimento de malvas, violas, alfavaca de cobre e sabão. Com isto cessou inteiramente a dor e moderou-se a tosse. Por outro modo, igualmente feliz e delicado, aplicou Tamagnini uma xícara de cozimento de avenca continuamente defronte da boca e do nariz, para respirar um ar purificado e doce, de modo que a secura do ar lhe não exacerbasse a tosse, e conseguiu com isto um grandíssimo alívio.*

O dia, porém, de terça-feira foi de susto e de horror, sem que ela perdesse o ânimo nem chegasse a julgar-se no estado em que a vimos. Tamagnini, a quem não esquece nada, nos disse que seriam a propósito os sacramentos, e essa custosa diligência foi executada pela ternura mais industriosa que é possível.

A familiaridade terna que temos com a nossa querida Mãe nos deu lugar a tratar esse ponto com a delicadeza necessária, trazendo-a a todas as disposições necessárias, sem as violências do costume. A sua mansidão, o seu juízo lhe fizeram achar nos socorros da Religião até remédio grande para a saúde, porque, recebendo o viático quarta-feira, pela manhã, com uma devoção e uma paz digna do mais amável de todos os objectos, ficou melhor, com o desafogo que produziu essa diligência.

Logo que recebeu o sacramento, tanto eu como a mana assentámos que todo o aparato destas funções, que é desnecessário a quem tem virtude e juízo, se havia de omitir e que, trabalhando nós por conceder-lhe a sua paz, devíamos inteiramente incumbir-nos das funções devotas, sem deixar intervir nenhum dos eclesiásticos que, sem método, pudessem abreviar a vida de minha Mãe. Para isto se necessitava valor, e Deus nos tem dado todo quanto é necessário. Nós fomos quem, depois da comunhão, pronunciámos todas as graças que se deviam a Deus naquele acto.

Conversações pacíficas e interrompidas com ela, que não tinham por objecto senão a indiferença para as cousas transitivas deste mundo, a puseram em um estado tal, que passava de descanso a alegria, até que chegaram os médicos e se fez a conferência.

Não consentiu ela que se fizesse fora da sua casa e disse aos doutores que eles ou haviam de julgar-lhe vida ou morte; que para ambas as cousas se achava com força; que a morte era para ela o termo do sacrifício das suas angústias e que a vida, sendo necessária aos objectos que a cercavam, não podia deixar de tornar a ela de boa vontade. […]

Os médicos, na junta, aprovaram tudo o que disse Tamagnini e concordaram em que a falta de forças, muito atendível, não devia consentir remédio nenhum activo.

Nos termos aflitivos em que nos achámos, tentámos dar-lhe a consolação de ver o mano, e, para isso, sem atender a cousa nenhuma das que se passavam, fizemos uma petição ao Patriarca, pedindo-lhe a dispensa da clausura. Veio o despacho imediatamente, e nesse dia entrou o mano a toque de campainha, acompanhado pelas guardas da Prioresa, segundo o costume.

Minha Mãe estava muito preparada e, sem a mínima alteração, teve o gosto de estar rodeada e servida pelos seus três filhos. Nessa noite, pelas 9 horas, veio Tamagnini e, quando estávamos mais satisfeitas pela tranquilidade e alívio em que a tinha deixado a visita precedente, sobreveio um desmaio e umas ânsias convulsivas que nos puseram em grande amargura, enquanto não vimos ser a moléstia puramente nervosa, o que se confirmou, cedendo tudo pelas duas horas da noite, com ventosas e remédios antiespasmódicos.

Fiquei eu e Tamagnini velando até às 6 horas da manhã, e já parecia a moléstia de menos perigo […]. *Ontem não houveram mais que os efeitos da debilidade histérica, socorridos e atendidos tanto pela ternura como pela exactidão caritativa do nosso médico, que a trata pelo modo mais cuidadoso que é possível. Não se tem quase separado do seu leito, trabalha como nós de dia e de noite, serve como a serviria um irmão, e*

ela lhe chama a sua aia, pela casta de serviços e método excelente deste incomparável homem.

Esta noite dormiu cinco horas a fio, está com excelente ar, tornou a adormecer da parte esquerda, para onde lhe custou a voltar-se […]. *Tem rido, tem conversado, tem feito galantes projectos de melhoras e consolação para V. Ex.ª Eu juro isto nos Santos Evangelhos! Promete restabelecimento, e V. Ex.ª pode lembrar-se de que minha Avó, nesta idade, teve uma cousa semelhante, e de então ficou boa, e conservaria por muitos anos a sua preciosa vida, se a tirania lhe não pusesse um termo prematuro.*

Creio que V. Ex.ª ficará bastante instruído pelo que pertence ao estado físico de minha Mãe. Eu verei se ainda hoje posso instruir a V. Ex.ª da parte moral, que lhe dá tanto cuidado.

Se eu puder escreverei; mas agora deixe-me gastar um instante, pedindo a V. Ex.ª, por todos os objectos mais sagrados, que não deixe penetrar-se tão vivamente destas impressões. Graças a Deus que a minha Mãe vive e está para melhorar; mas, meu querido Pai, não arrastariam V. Ex.ª os seus filhos para a cova, se ambos houvessem morrido juntamente? O tormento inexplicável de ver acabar minha Mãe, não era um motivo dobrado para V. Ex.ª cuidar de conservar-se, por amor de nós? Meu querido Pai da minha alma, anime-se V. Ex.ª muito, cuide de si! Nós estamos constantes e robustas, capazes de resistir a todas as mágoas, não digo bem – capazes de gozar de todas as delícias que nos promete a melhora de minha Mãe. A nossa exactidão, o nosso amor está-lhe demorando a vida. Prometo a V. Ex.ª que ela não morre. Se houvesse o mínimo perigo, não pudera eu fazer esta relação tão circunstanciada.

Esta filha a mais terna,
L.»

†

Minha Querida Mãe
e Minha Senhora do meu coração

Sem embargo das boas notícias que V. Ex.ª me manda, continuo no maior cuidado, porque ao vir daí não estava a minha Mãe com ar de melhoria tão breve, e é muito pouco o tempo que dista entre a minha partida e o dia em que me escreve. Espero de todo o coração que a minha Mãe esteja tão bem como me garante em vossa carta, pois sempre temo que me enganem, e o estado em que eu vi a minha querida Mãe leva-me a temer que V. Ex.ª não tenha em devida conta os cuidados com a vossa saúde, nem esteja a ser convenientemente tratada. Para vos dizer a verdade, admira-me a maior descontracção das manas a respeito do vosso estado.

Gostei infinito de ler as finezas que V. Ex.ª me envia, tal como as muitas saudades que garante sentir a meu respeito. Mas gostaria que a minha Mãe se lembrasse que só as más saudades atormentam o coração de quem ama, pois são essas as que mais afligem.

Muito estimo a vossa bênção e afecto
minha querida Mãe.

Mil abraços do filho
Pedro

Colégio dos Nobres, 9 de Outubro de 1767

†

Elas tecem o desacato com engenho, na mansa lentidão dos dias deste nosso convento; tão depressa suspiram maleitosas, ensimesmadas e aflitas, como em tudo inventam supérfluos motivos de riso e de alegria. Cantam,

rodopiam, dançam, nos seus quartos interpretam peças maliciosas e declamam poemas no parlatório, Senhor Arcebispo da Lacedemónia.

Elas confrontam-nos com o rasto do mal, usando perfumes de gardénia, de nardo e de almíscar, odores doces e turvos, a fazerem esvoaçar a roda das saias folhadas, rendadas. A contaminarem lugares de culto, os sítios sagrados onde só deveriam estar os cheiros das velas, do incenso, do sândalo, e todos os voláteis aromas dos turíbulos, Senhor Arcebispo da Lacedemónia.

Elas usam nos lábios e nas faces o carmim das rosas selvagens, pondo igual desvario nas vestes e nas ideias, com a mesma tenacidade e descaro com que expõem palavras e pensamentos impróprios tal como a nudez sem véus, dos braços, dos pescoços de cisne, assim como os colos alvos nos decotes descidos, Senhor Arcebispo da Lacedemónia.

Elas são altivas e vaidosas, escrevem poesia, discutem filosofia, lêem livros proibidos, quando nesta casa de Deus só deveria haver a Bíblia e as vidas dos santos. Recusam os jejuns, fogem à confissão, esquecem as horas canónicas, preferem os estudos e os espelhos às missas durante as quais se distraem, troçam e riem, Senhor Arcebispo da Lacedemónia.

Elas tresandam a heresia com as suas atitudes e ideias pervertidas; provocam com estouvamentos e arroubos, e sendo-nos opostas, torpes e insanas, alheiam-se e inquietam-nos. Usam as cabeças a descoberto no locutório e a nudez de partes indiscretas do corpo, com despudor de modos, que nos amesquinham, Senhor Arcebispo da Lacedemónia.

Elas gostam do luxo, oposto aos princípios de humildade das freiras simples que somos. A presença das filhas dos marqueses de Alorna nesta casa do Senhor perturba e inquina e desassossega-nos. Induz ao pecado, urde maus pensamentos, levanta a curiosidade, cola-nos à mentira, desperta animosidades, acorda a ira, o prazer da intriga, Senhor Arcebispo da Lacedemónia.

Elas trazem consigo ideais perigosos, instruem-se, estudam, perseguem a utopia, na constante busca extremada da Luz que sempre leva ao negrume, em busca do atordoamento do novo. Comportamentos impróprios,

perturbadores das noviças, a afastá-las das penitências e das rezas, enquanto às madres mais velhas as confundem e azedam, Senhor Arcebispo da Lacedemónia.

Elas cultivam a desobediência e os rancores, sarcásticas e vingativas. Regem-se por regras próprias na recusa das nossas, das quais sabemos que zombam, pois deste mosteiro nada aceitam de bom grado, nem tão pouco nos respeitam, chegando a confrontarem-me, a afrontarem a minha figura de prioresa há tantos anos do convento de Chelas, Senhor Arcebispo da Lacedemónia.

Elas questionam os dogmas, duvidam da fé, não cortam a raiz da tentação e das dúvidas como boas católicas; por isso também os seus pensamentos jamais se harmonizarão com os nossos princípios. Corre-lhes nas veias sangue envenenado e ruim dos Távora.

Elas espalham a desordem,

Senhor Arcebispo da Lacedemónia.

†

CADERNO

A razão sem o coração, assim como a inteligência sem a emoção, acabará por se transformar em esterilidade, infecunda e inútil.

E isso desagrada-me.

Mais do que nunca, hoje é necessário descobrir, encontrar o cerne, o núcleo da harmonia.

Da sua metáfora.

Para a nomear, ou para a iludir?

Chelas, 22 de Outubro de 1768

†

Quando Leonor faz dezoito anos, Pedro António Correia Garção, além de lhe dedicar um belíssimo poema que lê alto no parlatório, dá-lhe uma turmalina vermelha encastoada em platina, pendente de um fio de ouro, que ela esconde na palma da mão fechada e, sonhadora, leva em seguida aos lábios.

– É a vossa pedra solar – explica ele, olhos cor de avelã meigos e sérios como sempre.

Leonor admira-o e respeita-o. Gosta de tocar ao de leve nos seus ombros magros e sentir o cheiro a sândalo, a tabaco e a livros encadernados a couro que dele se desprende. Ninguém como Correia Garção sabe escutar-lhe os versos, adivinhando nela já a mulher debaixo dos vestidos demasiado simples para a sua idade: seios altos a despontarem sob a seda e a treparem ávidos nos decotes pequenos, cintura estreita a recusar espartilho. Sem carnes, no requebro do corpo, que estando embora a ganhar formas continua a guardar uma doçura esgarçada de menina.

Mais tarde, no abrigo da cela, Leonor olha a turmalina de cereja carmim, no repouso macio da palma da mão entreaberta, e dirige-se para o espelho mal dissimulado entre os inúmeros desenhos colados na parede. Nele, fita as largas íris de cinza-azulada que a imagem lhe devolve, desaperta a faixa da cinta e encosta uma cadeira alta à fraca fechadura da porta. E só depois, com vagares de quem hesita, desabotoa um por um os botões de madrepérola do vestido que lhe cai aos pés, e em seguida as saias de sombra com ruídos de cetim ou tafetá. Por fim, deslaça os cordões cruzados do corpete, e num súbito gesto tira pela cabeça a curta camisinha transparente.

Está quase nua quando, soerguendo os braços, retira as travessas de tartaruga e os ganchos de prata da ondulação dourada dos cabelos, que como uma cascata de veludo resvalam tépidos pelas costas despidas, e só então pendura no pescoço de cisne a corrente de ouro com a pedra escarlate, que fica suspensa, pingo de sangue entre os seus pequenos

peitos nus, mamilos apertados de frio. Mas sobeja ainda roupa para ela tirar: os saiotes de pano cru com goma, as culotes de linho, e por fim as meias de lã escura e grossa, que faz escorregar ao longo das compridas pernas arrepiadas.

Leonor olha-se atenta, permitindo que as mãos passeiem, indecisas, por sítios até aí interditos, reconhecíveis apenas pelo tacto esquivo; lugares que os dedos têm evitado e agora descobrem, desvendam, com uma curiosidade sôfrega, prestes a ceder ao insistente desejo. Com acanhamento afasta devagar as virilhas que mal desviadas logo cedem a entreabrir-se, deitando-se ela tremendo na cama estreita, a perceber espantada que, apesar do inverno antecipado no frio de Outubro, o seu corpo escalda, queima, palpita, estremece, e pela primeira vez lhe escapa.

Instintivamente acaricia o velo de cedro penumbroso, bosque arruivado a ensombrar-lhe o cimo das coxas; curva-se de novo e, admirada, vai tão longe quanto pode na abordagem tímida dos lábios de anil da molhada boca do seu ventre. A separá-los: penetrando, afagando-os, a sentir nos dedos uma humidade lenta, um orvalho dolente, uma resina turva.

Ali, onde há sucos e gosto sem ferida.

Ali, onde há fenda, há céu, há mar.

Mato de se perder na busca da vertigem no assombro da ousadia do acto; gosto e travo a rosa insatisfeita, odor de chuva, de cardo, de almíscar. Perfume de nardo a desatar-lhe os nervos, enquanto persegue o improvável mapa do delírio: mais acima a mina, e logo abaixo o poço.

Modorra de papoila a florescer no alto, a entumescer ao tacto.

Prazer diverso e gozo que a muda, e ela transgride, voa, cresce. E tanto no clítoris como na vulva, o bordado a cheio vai-se enredando, matizando, vai-se demorando nas caprichosas cores, nos desenhos, nas misteriosas linhas de agulha onde se enleia. Veia que o fogo entorna, toma e incendeia. Na procura do êxtase.

E Leonor ondeia.

Rola enovelada em cima do leito onde se distende, roda e cede a galgar o parapeito de si própria, deixando a razão apagada à cabeceira.

Rodopia.

Resvala.

Mãos descendo e subindo, indo e vindo, na descoberta dos desvãos, do topo, dos secretos recantos de segredo, em todos os lugares e tempos que o orgasmo guarda.

Entorna.

Derrama.

Grita e explode.

Gemendo sob o pulso que lhe amordaça a fala pelo próprio avesso. Assim leve, assim solta, assim livre, Leonor corre, voa, nada, desvenda.

E finalmente foge.

Consigo mesma.

OceanofPDF.com

†

III

OceanofPDF.com

†

Petição à melancolia para que se acabem certos dias de festa

Tu, Deusa tutelar da solidão,
Amável sombra, ó Melancolia,
Aproxima-te, rouba-me a alegria
Que turba a suavidade ao coração.

Não prives o meu peito, Ninfa, não,
Da tua triste e doce companhia,
Que suspira por ti um e outro dia
Quem de amar-te só faz consolação.

E não pode a que vive suspirante
Viver entre o tumulto muito espaço,
Sem que faça o seu mal mais penetrante.

Atende, ó Ninfa, o rogo que te faço.
Não demores mais tempo o doce instante,
Os dias tristes, que eu tão triste passo.

OceanofPDF.com

†

RAÍZES

Quando a camareira-mor D. Ana de Lorena conduz à minha presença os marqueses de Távora acabados de chegar da Índia, fito-os com dureza e um silêncio de aço, sem que na minha expressão fechada haja o menor sinal de temperança. Demorando o meu olhar particularmente na fundura dos olhos mosqueados de violeta de D. Leonor, a querer fazer-lhe sentir o gelo de que o meu coração necessita para aliviar a dor da ferida aberta pelo escandaloso comportamento da sua cunhada e nora D. Teresa, marquesa nova de Távora, com El-Rei meu marido. Apesar de não acreditar que algum deles saiba a nora que têm, chegados da Índia na ignorância ainda da ignomínia, da desonra por ela lançadas sobre toda a sua família.

Para que não se me veja a tremura das mãos, descanso-as no regaço do vestido de brocado bordado a safiras vermelhas, sentindo a abrir-se em leque no meu corpo o arrepiamento que sempre me provocam as pedras preciosas sanguíneas – as granadas, os rubis, o jaspe de sangue quente, os topázios-cereja, o coral e as turmalinas rubras –, todas elas incrustadas em diademas, pingentes, colares ou anéis e pulseiras que hoje uso com o propósito de me apresentar aos marqueses de Távora paramentada com a ostentação própria da Rainha de Portugal.

Distanciando-me eu de mim o necessário para que nada transpareça da minha infelicidade de mulher mal-amada.

– Permita-me Vossa Alteza que vos preste a minha mais sincera homenagem! – diz com voz firme D. Leonor, ao inclinar-se à minha frente, tentando apagar do rosto a expressão crispada devida à ostensiva

hostilidade com que a recebo e ao marido, que se mostra igualmente surpreendido.

É então que dou conta de um vulto a tentar disfarçar-se no ondeado do veludo da pesada cortina usada como reforço da porta da câmara onde estávamos. Nessa sombra julgo reconhecer o secretário de Estado e inquieto-me, sem saber há quanto tempo se encontrará ali a espiar-nos, a memorizar cada uma das palavras pronunciadas, a tentar adivinhar-nos os pensamentos, a medir as nossas ansiedades e agastamentos. Enquanto – pressinto-o – vai arquitectando um plano que, com conivência do Rei, começa a delinear: espécie de mapa feito de negrumes raiados pelos traços encarnados do muito sangue que em breve será derramado.

Um pressentimento terrível faz-me vibrar de espanto.

Como se uma ponta de aço me trespassasse o peito, em busca do pouco que resta do meu coração esfacelado.

OceanofPDF.com

†

MEMÓRIA

Com o decorrer dos anos passei a entender o convento de Chelas como um cárcere político: paredes e escadas roídas pelo tempo e pelo lodo das águas do rio, portas trancadas impedindo o acesso ao mundo, grades por entre as quais, durante anos, passei as mãos e os braços até onde podia, numa imensa sede de liberdade e espaço de mudança. Pois nada se quer preso, imóvel, imutável – já então tinha absoluta consciência disso. «Todo o mundo é feito de mudança», como escreveu Luís de Camões.

Continuo hoje a acreditar que a falta de liberdade mata.

Corrói, desvirtua-nos.

Estilete a insinuar-se na nossa mente, na nossa inteligência, a tomar conta delas, para em seguida as anular, nelas acrescentando o medo que sempre nos apouca. Tudo nesta vida tem o seu tempo, o seu espaço movível, explícito ou invisível, que o corpo juntamente com o espírito tece e recria.

Inutilmente, em busca de justiça.

O convento de Chelas foi para mim uma prisão de mulheres, cárcere onde, inocente, cumpri uma pena de dezoito anos. Castigada por um crime terrível, levado a cabo pelos meus avós maternos, segundo a palavra odiável de um déspota e as provas por ele obtidas sob tortura. Urdidura de uma perfeita intriga, a fim de aniquilar o poder da aristocracia. Quantas vezes, ao ir em busca da minha identidade, desejei «*poder entender na vida que me escapa, aquilo que, impartilhável, faz apenas parte de mim, e me torna única*». Pois nada jamais me impediu de acreditar que um dia

seria livre, embora a minha condição de mulher tornasse esse sonho idealista por demais difícil de conseguir.

Lembro-me de ter jurado a mim própria nunca trair o princípio da insubmissão, da rebeldia e da resistência, frente à ignorância, à superstição, ao despotismo! Talvez por isso nas minhas atitudes sempre se tenham espelhado os princípios do rigor e da insatisfação, sem nunca deixar de reflectir a ideia da liberdade.

Escandalizando assim as freiras com o meu comportamento determinado, na defesa das ideias em que acreditava. Mas também quando recitava poemas meus nos outeiros poéticos, ou claramente namorava ou fingia namorar no parlatório, afirmando amar quem não amava, em promessas de entrega, para logo me afastar durante dias, a defender-me com a clausura.

Provocar dava-me um prazer infinito, jamais resistindo ao gosto de desafiar mesmo Teresa de Mello Breyner – a minha Tirse – ou cada um dos poetas que me procuravam na grade – sobretudo Filinto Elísio, com quem falava de poesia, discutia política e filosofia.

Hoje olho incrédula para tão firme resistência da minha parte, sinal da maior insatisfação revoltada e revoltosa, usada como cortina de fumo para tapar o que em mim tão depressa era desespero como enovelada melancolia. Tendo o cuidado de iludir tudo isso nas cartas enviadas a meu Pai, que apesar de preso no Forte da Junqueira pretendia controlar a minha vida.

«Faço de conta que aceito as suas ordens – decidi com astúcia –, pois se quando encubro o que leio, o que quero, sinto e penso jamais me desacerto com o meu Pai, o melhor é fingir acatar sem recalcitrar sobre cousa alguma e tomar como certos os seus conselhos em todas as matérias. Deste modo poderei com tranquilidade aprender com Rousseau, Voltaire e Diderot, pois todos eles deixam de me estar interditos, embora a censura os tenha proibido.»

Treinei-me então a esconder os livros apreendidos, que me chegavam de vários e engenhosos modos, ao mesmo tempo que me empenhava no seu

estudo. Sem com isso deixar de fazer golas e punhos de renda para nosso uso, ou bordar a ponto cheio as toalhas e os lençóis que as freiras tinham de entregar no Paço, onde já havia chegado a fama da minha rebeldia, como chamavam ao grande lume que ainda hoje em mim se mantém aceso.

OceanofPDF.com

†

1769-1772

A princesa do Brasil, D. Maria, arde de curiosidade por conhecer Leonor de Almeida, de quem a grande fama chega do convento de São Félix, onde se encontra enclausurada, até ao Paço, onde continua a ser proibido pronunciar o apelido Távora. No entanto, a curiosidade é mais forte perante o eco da sua arguta inteligência e grande beleza, aliada a uma sabedoria infelizmente escassa entre os fidalgos e fidalgas portugueses, cuja maioria mal sabe ler.

Ciente de tudo isto, D. Maria apercebe-se da inquietação do Rei seu Pai, mas sobretudo da irritação crescente do secretário de Estado, de quem ela mesma teme o olhar cruel. Ele que agora mantém constantes conciliábulos com o arcebispo de Lacedemónia, a quem fora atribuído o difícil papel de carcereiro-mor das filhas dos marqueses de Alorna.

«São damas rebeldes – desculpava-se o arcebispo –, sendo a mais velha a pior delas, sempre a inventar atrevimentos destemidos, pondo esmero e acinte na provocação descarada…»

A princesa só de escutar isto já simpatiza com ela, mas apesar de culpabilizar Sebastião José de Carvalho e Melo pela injusta situação daquela descendente dos Távora, passa a pegar mal no sono quando se deita, nas noites em que à sua volta mais se debatia e discutia acerca dos outeiros de Chelas, onde Leonor de Almeida surge sempre como a maior estrela que nesse firmamento brilha.

Por vezes tem pesadelos, que esquece ao acordar.

†

Ao fim da tarde procura por vezes a evasão que lhe proporciona a música, sentada ao órgão, no centro do desmesurado coro do convento de Chelas.

Através da música que interpreta enquanto organista do mosteiro, Leonor ganha o voo da liberdade, tão embriagada com Bach que o coração pelo seu meio parece estilhaçar-se, cedendo ao crepúsculo o seu sangue de rubi, numa espécie de vertigem, a fazê-la vacilar, oirada, sem nunca conseguir matar a própria sede.

Sobeja-lhe, no entanto, a ambição de partir.

Chegar à extremada dimensão da longitude.

Tocar a distância.

Para trás ficam as tristezas reprimidas, os desejos recalcados, os anseios suprimidos, as revoltas desalmadas. Memórias que arrastam consigo a assustadora ameaça da tirania, assim como as ambiguidades e dúvidas, a constante sofreguidão a convulsioná-la, a marcá-la.

A precipitar tudo o que parece recusar.

Negando-se ao precipício das emoções e dos sentimentos, quase sempre opostos ao princípio do rigor e da razão a que deseja submeter-se por gosto.

E pelo qual pretende ser regida.

Contrariando-se assim na própria origem.

†

Margarida Telles, condessa de Redondo, vê-a crescer à sua beira, sempre tão diversa desde menina que não se admira quando, rapariguinha ainda, começa a estudar filosofia, matemática e física, ao mesmo tempo que aprende línguas, música, escreve versos, faz récitas, canta e declama poesia; nem se espanta do seu brilho encantatório quando mulher já feita.

Também ela fora para o convento de Chelas como pensionista, a querer contrariar em si uma paixão maldita. O relato a Leonor dessa sua história sombria, criara entre ambas uma ligação duradoura, feita de leituras, longas conversas e confissões mútuas, gostando Margarida da sua

rebeldia, inteligência e talento que em si própria escasseiam. Mas o estar prisioneira naquele casarão sombrio faz faltar o ar à filha dos marqueses de Alorna, que apenas na cerca consegue mitigar um pouco a sua falta de liberdade, num arremedo de vida para quem é forçada a habitar o mosteiro.

Foi no entanto ali que, adolescente, ela escreveu o primeiro soneto, do qual Margarida lembra ainda alguns versos de uma sensibilidade e melancolia inolvidáveis:

Deitei-me sobre a fresca relva um dia,
E dando a um sono leve alguns instantes
C'os prazeres sonhei, que lá distantes
Debuxava a estragada fantasia.

Desde que Leonor passa a ser insistentemente visitada e procurada na grade por poetas, fidalgos que a adulam e lhe fazem a corte, ou descaradamente é requestada por persistentes D. Juans, Margarida Telles sente-se trocada e largada ao abandono. Mas só deixa de competir pela relação com a amiga quando Joana Isabel Forjaz, com os seus versos ardentes, beleza e brilho literário, se intromete entre ambas.

Será porém Teresa de Mello Breyner, de uma severidade sombria, encobertamente possessiva e assustadoramente sôfrega da atenção e dos favores de Leonor, quem a irá derrotar em breve.

†

CADERNO

Leio Rousseau e Voltaire, ou Pope, Locke, Leibnitz… Todos eles me levam a questionar a autoridade do poder despótico, que violenta e

humilha, apouca a alma humana, e à sua volta tudo contamina.

«Em o governo despótico todo o sistema de educação se dirige ao temor e à vileza. Almas abjectas, até quando sofrereis que o receio de desagradar a um só homem diminua a energia dos vossos sentimentos?»

Digo o que me parece certo, mas tendo dezanove anos, haverá por certo quem, com mais experiência, se exprima com maior sabedoria e expressões de lustro.

Chelas, 25 de Novembro de 1769

†

Teresa de Mello Breyner parte para Estremoz, contrariada por ter de acompanhar o marido e se apartar de Chelas, onde Leonor parece ficar inconsolável pelo afastamento da amiga com quem compartilha o aceso gosto pelo estudo e a leitura, e a quem confessa os seus afectos e princípios. Embora depressa tenha começado a entender como ambas diferem em tudo o que a ousadia comande.

Sentindo-se Leonor cada vez mais atraída pela filosofia das Luzes, Teresa, a quem muitas dessas ideias assustam, tenta ensombrar-lhe o pensamento, pois sabe-se incapaz de chegar mais longe do que já fora ao deixar antever em si a mulher culta e assim arrostar com maledicências e desconfianças da família e da Corte. Pois enquanto Leonor, destemida e ambiciosa, embora em clausura conventual vigiada, não desiste de superar os limites, Teresa, severa e conservadora, critica-a pela lonjura a que chegara, e com isso por ela se amedronta.

Mas a amizade consegue ser sempre mais forte; por isso, inconsoláveis quando se despedem, prometem pensar uma na outra e juram escrever-se, muito embora com as cautelas necessárias. Desse modo a tentarem mitigar as saudades que adivinham duras e implacáveis, em cada carta iludindo os dias longos, até de novo se encontrarem.

Como a vida, porém, sempre gosta de pôr à prova quem pensa estar certo de sentimentos e fidelidades, mal Teresa parte, a poetisa Joana Isabel

Forjaz começa a frequentar cada vez mais o parlatório.

Consigo trazendo o alvoroço.

A imprudência do desacato.

O destemor da linguagem.

O atrevimento dos seus versos imprudentes.

†

Joana Isabel Forjaz esforça-se por não comparecer todos os dias à grade do convento de Chelas, contrariando-se na grande vontade que tem de ver e de falar com Leonor de Almeida.

Fascinadas uma com a outra, naquele trato de amigas que num instante se tornam íntimas e inseparáveis. Trocando já versos e confissões, visitando tanto agruras como júbilos, a deixarem-se ir ora até às fundações das tragédias ora rindo com as comédias do dia-a-dia, ambas na vontade de chegar perto de audácias inexplicáveis ou então de somente lhes adivinhar os vestígios. Divertidas com frioleiras de mulheres jovens, estouvamentos naturais de uma idade que já ultrapassaram. A alegria a suavizar-lhes os semblantes, que no locutório sombrio e gélido têm tendência a parecerem tristes.

Costumam, sobretudo, falar de livros.

E delas próprias.

A demorarem-se na confissão dos anseios, dos sonhos e dos voos, das perturbações e dúvidas escondidas de quem lhes está perto, a acharem-se parecidas, imagem uma da outra sobrepondo-se, reflectidas no mesmo espelho onde Narciso se mira julgando olhar-se na superfície de um lago.

Como fazem os poetas?

Identificadas na tendência para excessos e ardências, apesar de Leonor tentar invocar o peso da razão, arrastando consigo Joana Isabel, encantada, embora até então sempre tenha preferido os êxtases, arroubos e arrebatamentos.

Sem saber o que pretendem uma da outra, olham-se com perplexidade, atentas a qualquer desarmonia que possa embaciar a superfície, descendo

em seguida a contaminar os alicerces da relação das duas; e por isso medem o alcance das palavras, e a friagem que possam guardar dentro de si.

Joana Isabel, consciente da desmesura da amiga e de quanto o seu passo é alado, sentindo ao segui-la a vertigem que as alturas provocam. E Leonor, certa agora de ela não ser a sua outra face, mas mesmo assim gostando do que nela antevê de leveza e de atrevimento arisco. Nenhuma entendendo ainda quais são os próprios limites, não obstante o cerco que em redor de cada uma está a ser armado.

†

DIÁRIO

«Todos julgam que nós teríamos feito bem em desprezar a maior parte dos terrores, porém os nossos limites não podem ser condenados, e ainda que nós tenhamos algumas horas de apertos do coração, a maior parte são de tranquilidade. Com gente que não tem pés nem cabeça, obra-se sem pés nem cabeça. Cada dia aparece uma nova incoerência, mas no estado presente conhecem-se e deixam-se passar sem obstáculo; o mais tem consequências aborrecíveis e ridículas muitas vezes.»

Chelas, 30 de Junho de 1770

†

Teresa do meu coração

Creio não saberes como as tuas cartas têm trazido até mim o motivo tão necessário ao apaziguamento das duras saudades que me afligem desde a

tua partida. Esperando que entendas o meu profundo sentimento a teu respeito, e observes nas minhas palavras uma fidelidade incontestável.

Não, minha Tirse, tu não foste substituída por ninguém, até porque não existe alguém capaz de substituir-te. Seja quem for que te afirmou o contrário tinha em mente afastar-nos uma da outra, entretecendo mentiras e intrigas. Mas eu continuo a acreditar que a verdade vem sempre ao de cima, apesar de poucas vezes se mostrar como o melhor partido para quem pretenda subir na vida.

Joana Isabel Forjaz limita-se a frequentar os outeiros como tantos outros poetas, e se por acaso comparece também em dias desencontrados podes acreditar que isso nada tem de equívoco da sua parte: ela apenas quer mostrar-me versos seus escritos na pressa de me serem lidos, levada pela urgência de conhecer a minha opinião.

Dá-me agora a tua.

Acerca daquela de quem tanto desconfias.

Não quererás primeiro conhecer-lhe a obra?

Tua cativa.
L.

Chelas, 10 de Agosto de 1770

†

Leonor não estranha a rápida resposta de Teresa, numa carta inteligente e elaborada, a introduzir com habilidade o que de mal lhe interessa dizer sobre Joana Isabel Forjaz.

Palavras de secura e rigidez, com uma precisão de bisturi:

«A musa de quem me falas já me era conhecida pela voz da fama. Sei que tem génio; sei que Apolo não é escasso a seu respeito; porém nada conheço dos mimos que o Deus lhe faz. Tive há pouco tempo notícia de um soneto seu, que foi objecto de uma inconsiderada e pouco respeitosa sátira. Sei igualmente que ela tomou o desafogo de queixar-se muito

vivamente deste insulto. Se hei-de dizer tudo, sem ver o soneto, e sem conhecer a sátira, fiz pouco conceito do seu espírito.»

Leonor impacienta-se, mas continua a ler por curiosidade, apesar de francamente lhe desagradarem as palavras da amiga, chegando a sorrir no entanto quando ela lhe chama a atenção para a própria maldade:

«Olha como sou má…»

E empenha-se de seguida em mais críticas: *«Porém, vê se me fundo bem. Se a sátira não é crítica deverá desprezá-la com generosa superioridade; se não é sátira, mas crítica, deve agradecer a piedade de quem a ensina. Se merece a correcção deve estimá-la, se a não merece deve gloriar-se de que se voltem as setas contra o contendor e o meio de fazê-lo seria copiar um e outro soneto e fazê-los correr, uma vez que não tem dúvida de mostrar como versos seus os desafogos da sua pena saudosa.»*

Pensativa, Leonor dobra as folhas sem acabar de as reler até ao fim. Apesar da amizade infinita que lhe dedica, incomoda-a o subtil tom de intriga e o impositivo modo de se lhe dirigir. Tem a sensação de ela estar a querer tomar as rédeas da sua vida.

†

Quando, no final de um outeiro, Francisco Manuel do Nascimento lhe chama Alcipe pela primeira vez, ela aceita a designação sem alarde, mas sentindo o coração saltar-lhe no peito, numa revolvida sensação que não sabe definir, como se naquele instante o seu destino estivesse a ser traçado na direcção de uma meta precisa, embora distanciada.

«Eu não acredito no destino, Senhor meu Pai» – escreveria horas mais tarde –, *«a vida é aquela que nós traçamos por decisão própria e nossa vontade»*. Mas um manso arrepio subira no seu corpo, como se fosse uma trepadeira irisada. Talvez tivesse sido isso que a levara a comprometer-se consigo mesma: *«Assinarei com este nome todos os meus versos ou outros trabalhos que digam respeito ao pensamento.»* Uma promessa que nunca viria a cumprir.

– Será com este pseudónimo que serei conhecida um dia? – indaga à irmã.

– Que ambiciosa me saiu a mana! – ri-se Maria. E a mãe, que descansa o cotovelo débil numa almofada de seda bordada a ponto de cruz, limita-se a abanar a cabeça com distracção, descendo as pálpebras transparentes a sublinharem-lhe mais ainda o bistre das olheiras nas faces pálidas. «Pobre e infeliz filha esta, tão ambiciosa para cousa nenhuma» – pensa, em silêncio, julgando conhecer a vida que as espera, e também porque, ao arrumar, ao desmantelar a ideia de futuro no que diz respeito à vida de Leonor, a si mesma se tranquiliza. A inteligência arguta, a queda para a desobediência, a sensibilidade excessiva, a curiosidade insaciável e o obstinado gosto pelo estudo de Leonor trazem-na inquieta.

Para as duas filhas sonha ela com um futuro de normalidade e recato, porque desse modo as sabe defendidas. Mas enquanto Maria jamais a contraria e reclama da vida, Leonor, pelo contrário, prima por ignorar as vontades e os desejos maternos, trabalhando a tentação de chegar mais longe: dia após dia a querer tomar maior altura, a ganhar asas no voar da poesia.

A *«imaginar novas sociedades, outras regras e modos de pensar»*, diz Leonor, que nunca se esquiva a explicar-se, com olhar de brilho. E assina como Alcipe os últimos versos, mas conservando ainda os heterónimos dados a si própria:

Lília, Lise, Lídia…

São esses nomes que continuam nas páginas dos seus diários e cadernos, onde toma notas e sublinha pensamentos numa caligrafia regular, letra miúda e de leitura difícil.

Li teus versos, Alcipe, e quando os lia
Bem cri que com a História conversava,

escreve Francisco Manuel do Nascimento, fazendo-a estremecer encantada. E em troca de Alcipe dá-lhe ela o nome de Elísio, que ele juntou ao de Filinto por si mesmo adoptado.

Sem frases desnecessárias, presos das palavras um do outro, julgando Leonor não fazer caso da sua feiura.

†

Com Sebastião Ferreira Barroco é diferente.

Leonor não fica insensível nem aos sonetos que ele lhe dedica, nem aos seus sentimentos alvoroçados no que a ela diz respeito, encantada com a sua doçura, com a sua beleza: olhar claro e dolente a contrastar com o tom moreno da pele perfeita, cabelos negros ondulados, boca húmida e fremente, por onde passa ao de leve a ponta afiada da estreita língua de pássaro. Mas é o seu corpo longo e flexível, pernas compridas, ilhargas magras, pescoço longo como uma haste, o que mais a atrai nele.

Deixa por isso que a namore.

Seja galante.

Equivocamente ousado, apesar dos impedimentos, da lonjura.

À sensualidade e dolência romântica de Sebastião Barroco opõe Filinto o talento, o pensamento burilado, o brilho da argumentação culta, de quem se dedica ao estudo e reflecte sobre o que vai lendo.

Ela e ele em igual medida de desmesura, da mesma sede.

Mas Sebastião Barroco ultrapassa-o pelo desejo que lhe provoca, a tumultuar-lhe o corpo intocado, a fazê-la sonhar com a maciez das suas mãos, com o sopro do seu hálito, com o açúcar dos seus lábios, já experimentados a coberto da cumplicidade da grade mais escura. A provocar-lhe a desordem dos sentidos, e mais tarde o despertar da culpa logo sacudida, tentando em vão desempeçar os sentimentos emaranhados.

Leonor percorre distraída o cetim do vestido com o afago dos dedos, que nesse mesmo dia estendera a Filinto Elísio, estremecendo. Não é ele padre? Que padecimento terrível o teria levado a querer esquecer a vida e a procurar abrigo no seio da Igreja? *«Mais sacerdote de Apolo do que de Cristo»*, haveria de dizer-se mais tarde… Afinal, quem melhor do que ela conhece a aflição de quem se vê obrigada a uma existência de recolhimento e à castidade da vida monástica?

Ar sufocante longe da liberdade…

Como já escrevera ao Pai, em desabafo:

«Viver num convento sem vocação é ser-se obrigado à abdicação da própria vida.»

†

Tendo em conta a ordem dada a Leonor pelo arcebispo de Lacedemónia, no sentido de não andar vestida «com as cores claras da luxúria», nem usar os cabelos compridos, soltos e revoltosos, Maria procura entre os vestidos da irmã guardados na arca que ela tem no seu quarto aqueles que desrespeitem a determinação do prelado, escandalizem a madre superiora, assim como as freiras e mesmo as damas pensionistas do mosteiro.

Desdobra-os um por um, olha-os, escolhe dois ou três que cumprem as regras impostas, e aos outros atira-os para longe. Tendo em mente apaziguar as más vontades desde o início levantadas contra as duas no convento de Chelas. Na tentativa, ainda, de esvaziar as intrigas que a prioresa alimenta nas freiras que, como aranhas atentas e venenosas, vigiam todos os passos que ambas dão, ansiando por lhes escutar cada uma das palavras que trocam, por saber a causa de cada gargalhada, por adivinhar-lhes os segredos e as lágrimas, ambicionando manipular-lhes as ideias, os afectos, os sentimentos.

Leonor olha-a zangada e apanha os vestidos rejeitados, que volta a dobrar em silêncio fechado, sem fazer tenção de obedecer às ordens. Certa, aliás, de provirem elas de Sebastião José de Carvalho e Melo, a querer fazer-lhe sentir o seu jugo poderoso e ferino, na tentativa habilidosa de a afastar da grade onde ela tanto brilha, a ganhar uma inesperada fama que o incomoda. E embora concorde intimamente com Maria que seria mais sensato se fingisse obedecer no que respeita à cor dos vestidos e a pôr ordem nos cabelos revoltos, Leonor toma o partido da rebeldia.

Considera repugnante a simulação da cega obediência a ordens tolas, nem está nos seus planos entrar nos mesquinhos jogos do poder absoluto. Volta pois a colocar na arca os fatos que a irmã rejeitara, preferindo a

satisfação da desobediência. Deixa os cabelos ondulando ao longo das costas e continua a usar com desenvoltura o cor-de-rosa aceso, o verde intenso e ácido, o amarelo-canário, o lápis-lazúli ou o azul-aço.

Mesmo assim preferindo:
o cetim cereja e a seda carmesim,
os longos xailes rubros e as blusas bordadas a encarnado vivo,
os vestidos vermelhos,
as saias de púrpura incendiada à hora do crepúsculo.

†

Ao ter notícia destes desmandos, o arcebispo de Lacedemónia manda chamar Leonor à grade pela segunda vez naquela semana. Contra o sensato conselho de sua Mãe e a aflição de Maria, ela veste-se de cetim de um vivo amarelo-lima, deixando os cabelos encaracolados a emoldurar-lhe o rosto, ondeando soltos no começo dos ombros. E desse modo apresenta-se no parlatório onde ele já a espera, como sempre impaciente e indelicado.

Faz questão de cumprimentá-lo com uma vénia aplicada, antes de se sentar à sua frente no banco forrado a damasco onde pousa o leque, entrelaçando em seguida com candura os dedos na tepidez do regaço, limitando-se a aguardar-lhe as palavras que de imediato se soltam enfurecidas:

– Estou a ver que V. Ex.ª continuou a desobedecer às minhas ordens!

Como ela se mantivesse calada, sonsa, fitando-o com fingido espanto nos seus olhos pequenos, afundados no rosto redondo e balofo, logo torna irado:

– Não ordenei a Vossa Excelência que se vestisse de cor honesta? Que prendesse os cabelos?

E vendo-a a tentar esconder o desabrochar de um incontrolável sorriso trocista, ameaça:

– Deixe estar que eu direi ao senhor Marquês da vossa desobediência!

– Ao senhor Marquês meu Pai? – pergunta Leonor, num tom que cuida ser inocente. Mas frente ao seu olhar carregado refreia a ironia, enquanto o escuta dizer, num tom enrouquecido pela indignação, voz a estrangular-se-lhe na garganta:

– Não vos vale de nada referir o Marquês vosso Pai. Sabeis bem ser do senhor Marquês de Pombal que eu falo!

Controlando a imensa revolta, Leonor responde-lhe citando os versos de Corneille, apesar de conhecer o tamanho da sua ignorância:

O coração de Eléonor é
Demasiado nobre e demasiado franco
Para temer ou respeitar o carrasco
Do seu sangue.

– Pois a partir de agora fica Vossa Excelência na clausura dos vossos aposentos. Desse modo, tanto importa que ande vestida de preto como de encarnado.

E reparando na indiferença dela diante da sua ordem, o arcebispo de Lacedemónia tenta emendar o clima de clara hostilidade que a ele também não interessa e acaba dizendo com um sorriso amarelo:

– Vossa Excelência não necessita de enfeites, porque é muito bonita…

Mas dando conta do seu ar trocista e arrogante, percebe terem sido em vão os seus ridículos e descabidos madrigais, permanecendo num silêncio frio e irado ao ouvi-la dizer:

– Agradeço a decisão de Vossa Excelência em me aplicar como castigo uma maior clausura que até me convém, pois o estudo e a poesia a que me dedico dão-se melhor com o silêncio do recolhimento do que com o bulício.

†

Apaziguada a última desavença com o arcebispo de Lacedemónia, Leonor depressa torna à grade vestida e penteada como sempre, a procurar

com o olhar esquivo quem bem mais lhe quer ou de quem sente saudades, embora o seu maior interesse seja perceber quem de novo possa ter começado a frequentar o parlatório.

Olha em volta, curiosa.

E logo dá conta de Teresa de Mello Breyner sentada ao fundo da sala a fitá-la com melancolia, e de Sebastião Barroco que, com graça infinita, já se aproxima, galante, trazendo nas mãos compridas e secas, das quais ela conhece o perturbante toque, um pequeno ramo de rosas amarelas e brancas cingidas por fita rubra, de modo a poder passar por entre as grades. Sabendo Leonor estar nele dissimulado um curto bilhete, perfumado de almíscar.

Do lugar onde se encontra pode observar a janela aparentemente fechada da prelada, que ela sabe estar vigilante por trás das cortinas de renda que, aliás, deixam perceber o seu vulto hirto. Tem pois de acautelar-se, e antes que o poeta chegue mais perto recua na penumbra, de onde vê Maria adiantar-se e aceitar as flores que depois lhe entregará na intimidade do quarto, onde lerá deleitada os poemas dos quais é a única musa e as juras de amor ardente que ele lhe faz.

Na grade do dia seguinte terá maior cuidado em procurar um lugar dissimulado no escuro, ao abrigo da vigilância freirática, mas sobretudo fora do olhar arguto e maldoso da prioresa, dedicada espia do marquês de Pombal em tudo o que a ela, Leonor, diga respeito.

Lamenta não ter podido chegar à fala com Teresa, de quem tem recolhidas saudades; dela retendo, antes de sair da grade, o seu queixoso e fixo olhar enciumado.

†

Por trás das cortinas de rendas da janela que dá para o parlatório, a prioresa vê Leonor entrar na grade com um prudente passo contido, mas trazendo vestido o seu fato vermelho-vivo, os longos cabelos encaracolados a descerem-lhe até aos ombros nus que uma echarpe de tule cor de pérola mal tapa.

Dá conta da sua expressão voraz e do olhar atento varrendo o espaço em volta para além das grades, como quem procura alguém especial que ali a pudesse aguardar.

A prelada segue a direcção dos seus olhos de água-marinha translúcida, encontrando primeiro a condessa do Vimieiro sentada em desalento com os dedos cruzados no regaço cor de camurça, e em seguida o poeta da Arcádia, Sebastião Ferreira Barroco, jovem magistrado bem parecido que, segurando um ramo de botões de rosa das quais à distância não consegue distinguir a cor, se encaminha para o sítio da grade de onde Leonor de Almeida o fita expectante.

No entanto, supondo sentir pousada nela a sua atenção de lâmina afiada, a abadessa observa-a a subir o olhar sobressaltado que parece distingui-la camuflada na sombra. E apesar deste resguardo, os olhos das duas confrontam-se por segundos, como se fossem participantes de um estranho duelo.

Então estremece e vê-a estremecer.

E ambas recuam, a entranharem-se na penumbra.

Mais tarde, enviará a madre Joana dos Anjos entregar à filha mais velha dos marqueses de Alorna o convite para ela, no dia seguinte, assistir à grade da sua janela.

Desse modo enfurecendo Leonor, ao fazê-la sentir-se encostada à parede. E isso enche-a de satisfação. Antes já lhe haviam contado ter sido Maria de Almeida, em vez da irmã, quem recebera o ramo de rosas das mãos daquele poeta, bonito como os anjos que lhe visitam os sonhos.

A prelada suspira, o coração de súbito a esvair-se.

†

«Meu querido Pai e meu Senhor
do meu coração:

A carta de V. Ex.ª traz dobrado motivo de contentar-me, pela falta que experimentei no penúltimo correio. Além disto, tem muitas mais

circunstâncias para merecer a minha alegria; vêm notícias muito frescas, vêm duas cartas, e uma com alguma resposta já da última, que é cousa rara. São cartas de V. Ex.ª, que é o que basta.

Vejo o gosto que V. Ex.ª faz do meu divertimento nos outeiros. Eu facilmente poderia, sem o motim de uma eleição, ter igual divertimento muitas vezes, se vivesse com V. Ex.ª, que reputa estas cousas como uma bagatela muito distante de interessar a gravidade. Porém, com gente a quem o exercício do juízo parece uma singularidade, uma afectação ridícula, uma pedanteria e um empenho abominável de distinguir-se, é preciso ceder à parvoíce e sofrer o jugo bestial de meia dúzia de animais que se opõem a isto e que estimariam achar por onde nos pegassem para na mente dos srs. Oeiras erigirem algum fantasma desagradável e mostrarem que o disfarce dos pesares e o inocente alívio permitido a todos eram um desprezo do que sofremos e outras asneiras piores, que nem nos lembram nem nos poderiam lembrar nunca.

Ontem foi o outeiro da Prelada em que fiz aquela décima – me parece que o disse a V. Ex.ª quando lha mandei – o mote foi de um poeta que nem eu sei quem era, porém como estava em parte que apenas se podia perceber que ali estava gente, excepto alguma cozinheira, disse-o em voz muito baixa a dois outros poetas que ali estavam, que se avivaram infinito, e oito dias a fio vieram pelo verso; porém, eu não pude ir para o mesmo lugar, porque fui convidada para casa da Prelada, onde precisava sustentar outro carácter, porque da primeira vez estive disfarçada e ali estava guarnecida de velas em público, e é uma circunstância freirática darem-se os motes das outras janelas que não são da Prelada. Porém, acabada a cerimónia, sempre me entretinha alguma cousa em parte que não fosse conhecida, e, a ser possível conhecerem-me, não daria nada por conta da satisfação universal. Nunca mais glosei, porque nem o podia fazer em voz baixa, nem seria fácil que não excitasse demasiada curiosidade e soubessem quem era.

As novidades que há por cá são dois cometas que aparecem, um formidável para o Oriente e outro mais pequeno para o Ocidente. Tem ido um grande motim de prognósticos e de parvoíces, porque uns vêem espadas no cometa, outros mãos, outros círculos na cauda; houve quem segurasse tinha lido um letreiro, e outros são tão estonteados que, sendo ele grandessíssimo, absolutamente o vêem. Não tenho ouvido falar dele senão a frades e ao mano.

Os frades, que o observam com a sua moral e teologia, muito me interessaram, e há poucos dias veio o mundo abaixo sobre mim, porque me disseram que um muito douto fora buscar as obras de Santo Agostinho para poder falar no cometa. Respondi eu a isto que me parecia, se ele não tinha outras luzes, que estava totalmente impossibilitado, porque me parecia que Santo Agostinho não era tido pelo melhor astrónomo; que do seu tempo para cá havia cousas muito interessantes para quem queria alguma instrução nessa matéria e que me persuadia que o Santo nela saberia pouco mais de nada; que eu não conhecia nem podia conhecer todas as suas obras, porém, pelas suas Confissões *e pela* Cidade de Deus*, conhecia que ele, naquela matéria, padecia a obscuridade comum daqueles tempos.*

Foi um aqui-del-rei e quase me chamaram hereje. Perguntaram-me se queria eu afectar ou me persuadia que sabia mais que Santo Agostinho. Respondi que não, mas que tinha a certeza que sabia algumas cousas modernas que o Santo nesse tempo só com espírito profético podia saber que se haviam de estabelecer.

É de pasmar que até pessoas de algum juízo cheguem a tanta preocupação, que confundam a piedade com a parvoíce.

Meu Pai do meu coração, dê-me V. Ex.ª a sua benção e que Deus guarde a V. Ex.ª como desejo e preciso.

De V. Ex.ª
Filha a mais obediente
L.»

†

Para Filinto Elísio nenhuma outra mulher chega à sua graça, ao seu encanto. Apesar da determinação e de uma certa aspereza que nela tanto o fascinam como o afugentam, e de o trato nunca ser fácil ou demorado, pois aquilo que hoje desdiz amanhã reinventa.

Tudo podendo acontecer de súbito, num gesto desabrido, num donaire de encanto, num rompante alado; intensidade desacostumada, provocando susto.

Temperança e fogo lado a lado.

Coração galgando e desarrazoando no peito, mas no mesmo movimento sendo já a razão que a alimenta.

No doce e no ácido em que se impregna.

Inteligência aliada à espontaneidade, a audácia à singeleza, desmentindo as irónicas teorias de Molière acerca da sabedoria das mulheres que a ele, Filinto, tanto cativam.

†

CADERNO

Da última longa carta enviada por Teresa, quero fixar um passo, por me tranquilizar muitíssimo:

«Posso afirmar-te que não me passa pelo pensamento escandalizar-me que me não confies quanto te pertence; uma carta não é seguro canal de um segredo, além de que ninguém me constituiu tirana dos corações das minhas amigas; basta que sejam verdadeiras as provas da sua amizade, a sua qualidade há-de ficar-lhe livre: obrigas-me se me julgas capaz de

saber o que encobres doutros, mas não me escandalizas se me não disseres o que a ninguém revelas.»

Por vezes o seu ciúme sobressalta-me.

Chelas, 5 de Março de 1771

†

Joana Isabel Forjaz continua a visitar o locutório fora dos outeiros, onde se sente invisível à mistura com os outros poetas, apesar de Leonor sempre a distinguir entre todos puxando-a por entre as grades mais para a sua beira. Mas como têm muito para conversar fora da escuta alheia, combinam outros dias e horas diversas.

Encontros demorados, onde o riso se mistura com estrofes, os escritos com as confidências, as dúvidas com as palavras escusas e aladas.

E quando os olhares delas
tropeçam um no outro,
escuta-se sempre o restolhar de uma pomba.

†

Só Maria sabe quanto os encontros sobressaltados com Joana Isabel Forjaz divertem e encantam a irmã, mas também entende que Leonor não pode passar sem a amizade de Teresa de Mello Breyner que, possessiva e ciumenta, vai pressionando no sentido de afastar a amiga da outra, invocando as inúmeras razões que a levam a crer estar certa dos malefícios de um relacionamento que só lhe pode vir a ser nefasto.

«Não puxes por uma amizade que te não é muito conveniente», aconselha numa das inúmeras cartas que chegam ora do Vimieiro ora de Estremoz, onde ela passa grandes temporadas com o marido. E desse modo, com tenacidade e afinação, Teresa vai envenenando Leonor contra Joana Isabel, tal como um dia mais tarde tentará fazer, sem sucesso, em relação a Catarina de Lencastre.

«A mana não devia ligar àquilo que Tirse lhe conta, aflita pelo muito amor que lhe dedica, e picada por suspeitas, ralamentos e medos de se ver substituída no vosso coração» –, alerta-a inutilmente Maria. E quando sem alarde, depois de muitos envenenamentos e intrigas, Joana Isabel Forjaz, embora relutante, acaba por se afastar, é com mágoa e decepção que Leonor lê as palavras de regozijo e alívio enviadas por Teresa*: «Não posso deixar de dizer-te que estimo o que te sucede com J. I.: eu desejava que ela se desse a conhecer antes de te empenhares muito na sua amizade.»*

No peito de Leonor começa a abrir-se uma sinuosa brecha.

†

Há muitas freiras velhas, agrestes e intransigentes nesta imensa casa de mulheres, onde permanentemente se escuta o leve arrastar das bainhas dos hábitos a varrerem o chão das escadas e dos corredores – como se fossem arrepios da pedra – à mistura com as litanias, as orações rezadas à pressa, o ruído áspero e seco das contas dos terços que trazem dependurados dos cintos tecidos por mansos fios entrançados.

E não me parece, infelizmente, terem as religiosas mais novas maior inteligência e tolerância; talvez só mais riso – gargalhadas trocadas entre si enquanto inventam histórias e cochicham intrigas, a gastarem o tempo que lhes sobra muito, dias a arrastarem-se com vagares infindáveis entre as horas canónicas que pautam a sua existência árida.

Sono sobressaltado entre a lauda e a prima, estremunhadas com os dois toques do sino que mais tarde assinalará a tércia; alegrando-se quando ao meio-dia, para anunciar a sexta, a irmã sineira sobe à torre e, depois de ter sentido a aragem do vento quente no rosto pálido, puxa uma única vez a corda grossa, deixando-a depois subir sem receio de queimar a palma incólume da pequena mão cheia de graça.

Ao som da nona e das vésperas, alvoroçam-se as noviças, divididas entre as pequenas obrigações e a grade, de onde ficam a olhar de soslaio a elegância e os sorrisos caprichosos dos fidalgos, na ânsia de adivinhar os olhares esquivos que nelas se demoram, no final aceitando sem rebuço os

agrados das visitas. Mas, durante o estio, parece ser nas completas que melhor se espalha a melancolia, desperta pelas quatro vezes em que o timbre metálico mas harmonioso do sino, mal se fazendo ouvir, logo se dissipa no crepúsculo entornado.

É num desses intermináveis fins de tarde de calor velado que Gonçala chega em sobressalto. Olhar acossado trepando pelas paredes, embatendo nas portas trancadas, escapando por entre as grades altas das janelas estreitas, ansiosa por maior espaço. Lágrimas mal contidas na borda macerada das pálpebras descaídas, a acentuarem o bistre das olheiras que lhe marcam a face morena e delicada; expressão de névoa num rasto de amargura esmaecida.

A dar-nos conta do desgosto pelo forçado abandono do mundo.

†

O calor do estio chega-lhe através da pedra das paredes, refreando assim o nervo frio do Tejo, a correr ali tão perto que até quando sonha lhe escuta a correnteza.

Frente ao cemitério para onde dá a janela alta e pequena do quarto, Leonor relê os versos escritos há instantes:

De que serve, ó sorte ingrata,
Do bem passado a memória,
Se a lembrança do perdido
Torna em pena toda a glória?

Mais uma vez, retorna ela à mágoa que a memória arrasta consigo, por demais conhecedora de como o doce se torna amargo na boca afeiçoada à inocência pura. Uma súbita pontada no lugar do coração tumultuado mergulha-a na turvidade da dúvida e do medo que em permanência a consomem.

Afinal, não será o pseudónimo de Alcipe âncora demasiado imobilizadora para quem tudo quer, em mudança constante?

†

Filinto Elísio

Coloquei entre as páginas do volume de poemas de Petrarca que vos emprestei ontem, ao encerrar da grade, versos feitos com o fim de vos demonstrar como a minha voz em relação à vossa, partindo do mesmo estado, pode ser mais extrema. Cousa pouco de se estranhar, pois toda a dissertação da vossa parte a propósito do amor é por demais vaga, dúbia, e acima de tudo equívoca.

Parece-me antes querer saber qual é o tamanho do risco que se corre ao aceitarem-se os mais tumultuados sentimentos. Temo não poder aclarar-vos as dúvidas, pois nada conheço do sobressalto das emoções que arrastam consigo o corpo, que tão depressa se quer tomado, como se nega na entrega, enquanto tudo o mais em nós se esquiva com acinte. A ardência rejeita, com determinação e firmeza, a frieza derramada de um coração aquietado impedindo o incêndio da alma.

«De rouco cisne» – escreveu a vossa pena a meu respeito. Aceito o desafio, se bem que o tema me perturbe. Mas em assuntos do coração como em outros de acinte será bom não me tentarem.

De mim, afinal, o que quereis? Porque eu, senhor poeta, de mim pretendo tudo.

Alcipe

Chelas, 2 de Dezembro de 1771

†

De nós duas venho falar-lhe mana, sabendo quanto difícil é por aqui conseguir evitar o desacerto, na teima de manter a serenidade e o afecto sem conflito, com entendimento e nenhuma briga ou inquietação maior neste espaço circular, neste lugar de limites e trancas, grades e paredes, que mais parecem cercar-nos, sufocar-nos, em termos de ambas os partilharmos, Maria, como se fôssemos siamesas.

Minutos e horas multiplicados por dias, semanas e meses, por anos mana… Quem sabe, minha querida, se não mesmo por toda a nossa vida. A sua de fugida ladina, menina alada e mimada pela nossa Mãe, e a minha mais arrastada na clausura e sina imposta. A teimar eu na liberdade e em privilegiar o pensamento e os versos, na tentativa de dominar e comandar o corpo que inutilmente me esforço por enganar nas suas exigências naturais, ao reconhecer o grande sossego que a frieza e a razão sempre trazem consigo, em detrimento do meu coração que na inquietude se esmera. Mas não se iluda a mana só porque enquanto se aprimora nos sentimentos eu tente disfarçá-los, pois isso não quer dizer que os despreze ou não os possua e conserve desmesurados em mim.

Não use a mana comigo de embuste, nem finja falta de entendimento, que o tem e muito. Se os jogos de enamoramento lhe são assim tão caros, e se tanto a diverte participar nos seus ardis, busque quem lhe seja par e outra face. Brinque se quiser, mas sem confundir alegria com ligeireza, estouvamento com deslealdade.

Deslealdade que me exaspera e revolta, considerando-a parente próxima da traição e da falta de esmero; deslealdade, quando a mana se esconde ao abrigo da sombra da grade para trocar trovas e motes com o Sr. Francisco Manuel do Nascimento; deslealdade, quando lhe aceita os versos; deslealdade, quando lhe provoca a atenção; deslealdade, quando por ele se deixa cortejar ou o corteja, tanto monta! Deslealdade, quando permite que a prenda pelo braço e a mana faz voar até nós o riso solto.

Conhecedora a minha irmã das cumplicidades, dos gostos e interesses que eu e ele temos em comum… porquê a sedução? Porquê utilizar com este poeta a sua arte? Porquê o requebro, a graça extrema, as odes e as cantigas, as modinhas brasileiras, o pretexto da música e seu ensino como meio de ambígua proximidade?

Saber ter sido eu própria a despertar na mana a centelha da curiosidade, ao gabar de Filinto *«a voz divina»*, a ousadia, a correria um pouco pesada da imaginação, o atropelo das emoções na vastidão do peito! Quem vos ensinou, minha irmã, a usar com tamanha precisão a lâmina da crueldade?

†

CADERNO

Quando dei a ler algumas das páginas dos meus cadernos a Filinto Elísio, poeta-adivinhador do futuro, das liberdades, e um pouco conhecedor do meu carácter, disse-me ele:

«Se devido à vossa desatenção ou ao apressamento desprendido que tanto vos caracteriza um destes cadernos se vier a perder um dia…

Será uma lástima.»

Chelas, 4 de Abril de 1772

†

É nos olhos de Maria que Correia Garção me diz antever a sombra, e não no olhar de Leonor, no qual só descortina a luz e a determinação. Nela espelha-se ainda a grandeza e o excesso, numa inquietante mistura. Mas aquilo que me atrai na mais velha das irmãs é a fulguração dúbia aliada à inteligência invulgar, mas também a beleza luminosa, a transbordar de estranheza: olhar de azul-pervinca fugidio, sorriso mal entreaberto e esquivo, alta e delgada na segurança do porte.

Determinada em chegar sempre mais longe no conhecimento.

Já a leveza e a alegria de Maria entende-a Garção como escondimento de tristeza, ou já de melancolia que ainda se afugenta, mascarada de alegria frágil. Nela encanta-me a doçura, a fragilidade extrema. E no entanto temo que isso possa um dia vir a entregá-la a quem a magoe e não a mereça. Ou possa até levá-la à cedência de si própria, aceitando ser oferecida e depois tomada, emendada, mudada.

Forçada até quebrar-se, como uma frágil haste.

Misto de pureza e de graciosidade; puríssima inocência que acabará por matá-la? E isso perturba-me tanto nela como a obsessiva busca de conhecimento por parte de Leonor, tendo como meta as próprias Luzes.

Desconhecendo o meio termo, busca nelas a própria desmesura.

Sempre que escuto os seus versos, controlo a custo as minhas emoções e sentimentos por desbravar no que lhe respeita, pois neles encontro o oceano a marulhar no meu peito, mas também o vendaval mal domado do seu coração impiedoso.

Com ela é tudo ou nada.

Então o melhor será saber ficar resguardado de Alcipe.

Eu, Filinto Elísio, no olhá-la e no lê-la. A refrear tudo o que não é permitido sobrar de encantamento e júbilo entre nós.

†

Frei Alexandre da Silva

Depois de muito instado por V. Ex.ª, resolvi voltar a comparecer nos tão celebrados outeiros poéticos do convento de Chelas; tudo me parecendo continuar no mesmo desapego das boas atitudes e modos de recato. Portanto, como da primeira vez, não quero deixar de dar-vos conta do que senti:

«Que desatino não vi? Mas não direi tudo quanto vi. Direi somente que cantaram mancebos e donzelas cantigas de amor tão descompostas, que corei de pejo como se me achasse de repente em bordéis ou com mulheres de má fazenda.»

Mas sabendo que em nada adianta argumentar neste sentido, passo adiante; ciente de quantas «*queixas grandes dá de mim a Senhora D. Leonor, porque não apareço na sua companhia, e vós mas repetis em ar de compaixão de mim por estar perdendo tanto bem. Que quereis que faça? Hei-de dizê-lo, bem que por ventura não gosteis pelo muito que a amais; apresenta um livro de suas poesias; a cada verso espera os meus aplausos; eu não os posso dar a todos, e não os sei dar a nenhum; canso-*

me quando os louvo, canso-me quando não os gabo; e no fim de tudo saio mais moído que salada, e venho para minha casa doente para dois meses.

Já ficais sabendo porque não frequento esta assembleia; se contudo julgais que o faço por ser gótico, julgai embora como quiserdes, contanto que me deixeis viver a meu sabor e escapar das causticações de Leonor e do livro dos seus versos.

Saúdo V. Ex.ª com todo o meu
apreço e admiração.»

António Ribeiro dos Santos

†

Não é de mim, Sebastião Barroco, que tu gostas

Leonor,

quando me vês a reparar em ti, tu com olhar fito na lonjura das janelas, na impossibilidade de venceres as portas trancadas, três voltas de chave em cada uma delas.

Não é a mim que tu amas, como nunca amaste nenhum outro homem até hoje, porque aqueles que conheces e com quem tens trato são poucos e quase todos padres e frades, alguns poetas e fidalgos a procurarem-te na grade.

Não é a mim que tu amas,

Leonor,

mas sim a ideia que fazes de mim, ou a minha imagem idealizada, numa elaboração constante, persistente, metódica e alucinada, quer da minha beleza, quer do meu parco talento literário. Tu, sim, que és feita da matéria das heroínas, vais ter de inventar um herói à tua beira e elaborar-lhe a coragem, recriar-lhe a grandeza, determinar a sua enormidade.

Não sou eu que desperto em ti o fogo da paixão,

Leonor,

e sim tu própria, no crescimento da escrita, no corpo do poema, no espelho dos livros. Tudo o resto que te cerque ficar-te-á sempre aquém, por demais diminuto, por demais restrito e escasso diante da tua desmesura.

Porque sempre fugirás da mediocridade,
minha alada.
Eu não pertenço ao universo da tua exaltação.
Minha Leonor, eternamente amada.

†

Muito muito querida
do meu coração

Vi-te a tristeza espelhada na alma, minha Tirse, quando vieste despedir-te de mim antes de voltares para Estremoz, arrastada pela imperiosa obrigação familiar. Acredito infinito nos sentimentos que tens a meu respeito, e que eu retribuo com todo o ardor e desvelo possível.

Partes tu tremendo e temendo deixar-me, fico eu em silêncio com a morte na alma. Divididos e até adiados têm sido os conturbados tempos da nossa amizade, mas que mesmo assim bastaram para não suportarmos a ideia de viver uma sem a outra.

Como substituir a graça do teu encanto?

O prazer ardente que me dá a tua companhia?

Só tu, senhora das minhas emoções, com as tuas impressões de recolhimento e sisudez, encontraste com o maior merecimento o modo de suavizar os meus pesadíssimos desgostos.

Eternamente tua de todo
o meu coração
L.

Chelas, 4 de Agosto de 1772

†

Durante a madrugada fica muito tempo com a testa encostada aos pequenos vidros da janela do quarto agora só dela, já que a Maria foi finalmente dada a cela seguinte, quase no fim do comprido e escuro corredor de pedra. Não é preciso debruçar-se para ver as lápides banhadas pelo luar de leite, alinhadas no cemitério onde as freiras de Chelas são enterradas. Quantas vezes imagina vir um dia a conhecer a mesma sorte, naquelas solitárias e desoladoras penhas.

Desconhecida e anónima.

Ao longo das horas ali passadas, esvai-se a luz tremeluzente das lamparinas, tal como, no céu, a claridade das estrelas. Derretem-se também as velas entornando nas palmatórias as suas lágrimas de sebo, que Leonor molda com os dedos cansados de escrever: poemas feitos em papéis espalhados à sua volta; versos que mais tarde declamará na grade, pelo gosto de ver despertar a admiração nos olhos de quem frequenta os outeiros poéticos e em silêncio a escuta preso das suas palavras.

Prazer que a leva a não saber com exactidão até que ponto a poesia é para si mero engenho, jogo com as emoções alheias ou verdadeiro estado de alma, devassa do coração de que necessita para se salvar ao voar mais alto.

Sempre mais alto.

Mas naquele momento a tristeza vence nela a alegria, o desvario do sonho, o enredo do corpo; prisioneira do pensamento e dos livros dos outros, de quem se sabe devedora e dependente. Obras proibidas que encomenda a um livreiro de Lisboa e lhe chegam às mãos por várias ínvias maneiras, e ela lê durante horas seguidas, sequiosa de conhecimento, ávida de beleza, ansiosa por desse modo conseguir tocar a vida da qual a apartam.

Nessa noite dedicara às Parcas as odes feitas no desvão da janela, tentando exorcisar a entrega ao medo para onde a angústia constantemente a empurra, e ao qual ela recusa entregar-se.

Voai, votos sinceros, votos puros,
Suspiros da minha alma, meus gemidos,
Cercai esses sepulcros horrorosos,
Movei as tristes cinzas!

Já raia a alvorada quando finalmente veste a camisa de noite, tentando arredar de si a agonia que não a deixa adormecer. Mas, antes de apagar a magra chama do coto da vela, deixa-se ainda ficar a ler Petrarca por entre o desalinho de uma inquietação que escuta estuar no frágil abrigo do peito.

†

Meu querido Pai
meu Senhor do meu coração

Vão hoje minhas palavras para V. Ex.ª traçadas pela mão trémula de quem sofreu sério desgosto. Acaba de desaparecer, pelas mãos dum déspota, um grande poeta: Pedro António Correia Garção, preso por ordem de Pombal desde 1770, morreu ontem no Limoeiro!

Não aguentou o bom amigo a falta de liberdade, nem as condições de vida sofridas durante os dois anos passados no cárcere, em condições por demais adversas aos seus princípios, debilidade física e ao seu carácter.

Consta que, mal Sebastião de Carvalho e Melo lhe soube da morte, mandou à pressa lavrar o alvará de sua soltura. Que vergonha, senhor meu Pai, para um país com tantas glórias como o nosso!

Agora que o sei morto, vêm-me à memória muitos dos passos de saudoso convívio que tínhamos. Recordando especialmente o dia em que fiz 18 anos, quando compareceram à grade do convento de Chelas alguns dos nossos melhores poetas, trazendo-me os seus versos. De entre eles, guardei com especial carinho a ode de Correia Garção, que com muita singeleza dizia:

Enquanto a densa névoa do futuro

Não rouba a luz de tão feliz instante,
Por mais que as asas movam o tempo duro
Intrépido e arrogante;

Da ilustre Alcipe, o claro dia
Pretendo assinalar com faustas glórias,
Dos nossos arcos o Destino fia
O louro das vitórias.

Triste destino aquele, senhor meu Pai, que é manipulado por um déspota a seu bel-prazer. Talvez V. Ex.ª, com toda a vossa sabedoria, me possa responder à perturbante pergunta: que Portugal é este, que mata ou encarcera em masmorras e em conventos os seus poetas?

Não podendo acompanhar a descida à terra do corpo honrado de Correia Garção, homenageio-o lendo-o e chorando a sua falta.

De V. Ex.ª
Filha mais amante e obediente
L.

Chelas, 12 de Novembro de 1772

†

A prioresa está sempre atenta às filhas dos marqueses de Alorna, pois todos os dias elas parecem tomar gosto em desrespeitar as ordens e as regras por si determinadas para o convento de Chelas.

Mas é com Leonor de Almeida que mantém maiores querelas, desavenças e turbulências, a opor-se-lhe aos desvios, aos desassossegos, a tudo o que, inventiva, não cessa de engendrar. Ainda há pouco lhe concedeu a cela durante anos por ela pedida, a fim de fazer o seu quarto dos livros (prefere nem saber como os consegue…), já torna com a ideia

dos exames para avaliar os estudos daquelas de que se rodeia, embora ninguém lhe tenha encomendado as lições. E como se não chegasse, inventa também as diversões: as comédias e concertos que ensaia durante noites de rebuliço e canto, os bailes e as modinhas dissolutas nunca antes escutadas no mosteiro do qual é prioresa há tantos anos que já nem os sabe contar.

Modos e maneiras de indisciplinar as pensionistas, as recolhidas, sobretudo as noviças, ou quem sabe se mesmo algumas freiras, pois entre estas todas estão as suas discípulas, como ela lhes chama, sempre a procurar novas ideias de desacato, a moldá-las e a mandar nelas como lhe dá gosto de impaciência.

E a prelada, que jamais lhe conseguiu pôr rédeas, prefere deixá-la pensar ter conseguido algum desafogo para as suas exigências, até chegar a próxima visita do arcebispo de Lacedemónia, a quem continua a queixar-se de D. Leonor de Almeida.

†

DIÁRIO

É habitual ultrapassar as minhas tristezas e desesperos quando toco órgão só para mim no imenso coro da capela, a quebrar o silêncio que a certas horas invade a igreja; a penumbra estagnada por entre as velas, as jarras de flores e as imagens dos santos e das santas dos altares que conheço de cor. Como se em mim, por momentos, não existisse mais nem o cansaço, nem o desespero, nem a desesperança.

Hoje, porém, senti-me febril e exausta, o peito oprimido. E embora o corpo estivesse gelado, as faces ardiam, afogueadas. Como se estivesse a ficar doente.

Inquieta.

Foi então que me pareceu sentir uma presença invisível a inclinar-se sobre o meu ombro direito, enquanto uma mão etérea o aflorava ao de leve. Envergonhada não me voltei, inclinei-me até um pouco mais, os dedos já imobilizados sobre o marfim das teclas do órgão, tubos dourados a treparem na lisa tranquilidade da parede.

Imaginação por certo exacerbada pelo meu estado doentio.

Chelas, 7 de Dezembro de 1772

†

Mesmo antes de D. José lhe ter contado o sucedido, já Sebastião de Carvalho e Melo sabia que a Princesa do Brasil fora junto de El-Rei interceder pela libertação das filhas dos marqueses de Alorna.

E, segundo o valido do Monarca,

só existe uma maneira de encarar o acontecido: ao pedir por D. Leonor e D. Maria de Almeida, a Princesa propusera ao Rei seu pai que o desautorizasse enquanto secretário de Estado que mandara recolher a conventos todas as mulheres da família dos marqueses de Távora.

Ou seja, no mesmo passo tentara ultrapassá-lo, derrotá-lo.

Furioso, o marquês de Pombal desvia de D. José o olhar de aço, a remoer rancores antigos contra D. Maria, de quem nunca gostou e que não quer como Rainha, Senhora de Portugal.

Cada vez mais empenhado na execução de um sigiloso plano para a afastar, do qual apenas dá conta a José Seabra da Silva, seu secretário-adjunto. E que culminará com a apresentação da Lei Sálica ao Soberano, convencendo-o habilmente a assiná-la.

Lei essa impeditiva do exercício da realeza por mulheres.

As princesas,

que à falta de filho varão se tornam herdeiras da coroa, e mais tarde rainhas; como acontecerá com D. Maria caso ele nada faça para impedir tal perigo.

Único modo, também, de pôr a salvo o seu próprio poder.

†

LADAINHA DA PRELADA

É ela, D. Leonor de Almeida, a provocar o assombro com as suas maneiras e modos de despropósito, a prata de brilho das suas ideias; o amargor dos seus princípios. Atitudes e equívocos, caprichos de timbre herético com versos de precipício. Convoca quem for preciso para ficar do seu lado. Por ambição e por gosto o centro resplandecente ou chama de cera e vela, a labareda do sol onde a frágil borboleta tomba e arde desmaiada.

É ela, D. Leonor de Almeida, quem recria e quem desvenda, quem inventa e imagina, quem desatina e porfia, teima, briga e pleiteia, quem tocando na lonjura revoa no seu voar, e ainda insubordina, tece e espalha o estremecido e envenena o devolvido da ciência, estudo e verso, da tentação o seu canto. Imaginando o equívoco, semeando o sobressalto, encrespando o que é mar alto no coração dos mais fracos.

É ela, D. Leonor de Almeida, arrastando e lendo alto textos de regozijo ou tristeza desatada. Debatendo e defendendo filosofias perversas e salmos de pouco arrimo, renegados e reimosos, negados pela Igreja e tidos como nefastos, onde o ímpio faz seu ninho. Maliciosa arrogância de quem há muito desdenha desta casa do Senhor, ofende e desarranja na incerteza o cuidado, deslaça e desafia na recusa do que é frágil.

É ela, D. Leonor de Almeida, tão depressa vidro e lágrimas, enevoado turvor, ou malícia de candura em arremedos e dor, da maior extravagância no primor do desprimor, onde o lume faz de lâmina; o sal na ferida aberta

onde o sangue se incontém e em seguida nos mostra o brilho do seu desdém. Versejando sem decoro, reclama e declama quando me encontro presente, prelada eu por meu mérito e esmero do Patriarca.

É ela, D. Leonor de Almeida, perfume de lúcia-lima, vestido sem armação, raridade de cultivo, rosa rubra e rosmaninho fiado com fio e cuspo, com a ponta do sossego escondendo a rebelião, uivo de lobo ou gemido, quando parece bordar no centro do próprio crivo: ponto de cruz todo ele com a linha da mentira. Águia em vez de andorinha, voo alto de poiso vão, debruçada no desvão, cisterna do proibido.

É ela, D. Leonor de Almeida, alma nunca aplacada, gémea da tempestade, torvelinho e desacerto, novelo de muita água; imagem de mau exemplo sem nunca querer emendar-se, arrepender-se e salvar-se, redimindo os seus pecados, sanando a alma danada o seu desvão mais cavado no fundo da solidão, onde o negrume é negado, teimosia obscura de ofensa obstinada; de sutura e tentação, de pecado e de deslize.

Perigosa no querer passar para além do seu limite.

OceanofPDF.com

†

IV

OceanofPDF.com

†

SONETO

Feito ao pé de uma oliveira, na cerca

Que me falta? A vida me sobeja,
Obséquios da fortuna não espero,
Nem riquezas, nem gostos eu já quero,
Nem quanto pelo mundo se deseja.

Vive o homem feliz, não tenho inveja,
Se desgraçado, não me desespero,
E em quanto no mundo considero
Sempre indiferente estou, seja ou não seja.

De glórias e paixões o peito isento,
Não sinto nem prazer, nem pena intensa,
Que mais tarde ou mais cedo as leve o vento.

Nem disto quero outra recompensa
Que o conservar-me o céu o pobre alento,
Pois com ele conservo esta indiferença.

OceanofPDF.com

†

RAÍZES

A marquesa nova espreita da janela a carruagem que pára no pátio à frente da casa e empalidece ao ver Francisco de Assis, seu irmão e sogro, apear-se com brusquidão ágil, espada a descer na ilharga estreita, tendo espelhado no rosto severo uma contida ira, a assustá-la mais do que já está. Vê-o voltar-se para estender a mão aberta, palma lisa para cima, na qual se vão apoiar os dedos afuselados e firmes de Leonor de Távora, sogra e cunhada que sempre detestou.

Na cama atrás de si, deitado nu, está Luís Bernardo que, na pressa da muita saudade pelos anos passados na Índia, correra a tomá-la nos braços mal a armada arribara ao porto de Lisboa. E ela de desvairados modos o acolheu, de tal maneira é bem-vindo ao seu desejo ávido aquele corpo jovem de sobrinho-marido, com o cheiro a homem novo que demoradamente bebe, lambendo-lhe a nuca, o cimo dos ombros, os pelos das axilas e das virilhas, língua a tropeçar de ansiedade naquela pele morena, deixando por onde passa um rasto febril de saliva. Como se quisesse apagar a memória do corpo velho e triste do Rei, com o seu suor fermentado, odor cediço a agoniá-la, náusea à flor da boca quando ele a beija.

Quando se encontra com D. José, por vezes mergulha a cara nos crisântemos colocados a seu pedido na mesa-de-cabeceira para aromatizar o ar pesado e sufocante dos aposentos fechados, que apenas servem para os fortuitos encontros reais. Lembra-se também dos aromas intensos de alfazema e de cânfora, a escaparem do interior penumbroso das gavetas e

dos armários por si disfarçadamente entreabertos na tentativa de afastar os cheiros dos suores e do esperma que a fazem vomitar, às escondidas.

Ao ver o irmão levantar os olhos cinzentos e altivos para a janela de onde o vigia, Teresa deixa tombar a cortina de cassa de longa franja dourada, desviando-se com pressa num mau pressentimento. Recua, transida, a procurar abrigo junto ao marido estremunhado que a colhe assim despida e temerosa, a puxa para si a cobri-la com o seu intenso ardor.

«Já devem saber do que se passa entre mim e o Rei» – imagina, receosa. Mais do que a atitude do irmão e sogro, atemoriza-a a reacção da cunhada e sogra, austera e altiva, modos reservados e olhar sagaz sempre a trespassá-la sem dó nem piedade. Apesar de tudo a marquesa nova conserva ainda alguma esperança de que o poder absoluto do Rei D. José a possa salvar da ira da família, informada da sua traição, da sua infidelidade.

Mas traição porquê, se há muito ela tem sido viúva de vivo? – insurge-se Teresa, querendo justificar-se para enfrentar a condenação dos outros. Sem, no entanto, conseguir defender-se perante si mesma.

OceanofPDF.com

†

MEMÓRIA

Os últimos anos de clausura no convento de Chelas foram talvez os mais difíceis dos dezoito que lá vivi, pois à medida que o tempo passava maior era o meu rejeite do despotismo e a consciência da escandalosa injustiça que nós as três sofríamos, condenadas certamente pela nossa inocência.

Violência desalmada, nunca se condoendo com a nossa sorte.

Mas a clemência e a compaixão são apanágio somente das almas nobres, cousa que Sebastião José de Carvalho e Melo jamais teve. No oposto de Voltaire, que me ensinou a respeitar tanto a fraqueza como a imortalidade.

Assim como a relevância da liberdade e da razão.

Neste momento não tenho nenhuma dúvida quanto à importância decisiva que a sua obra teve e continua a ter na minha vida: surpreendendo-me e iluminando-me, a ela tornando sempre pelo mero prazer do conhecimento e do seu entendimento.

Foi sobretudo ela que me iluminou e abriu clareiras no imenso negrume da medíocre e confrangedora companhia das freiras e dos frades ignorantes, numa época que designo como a Idade Média da minha vida.

Houve sempre quem quisesse saber o motivo da preferência que dedicava a Voltaire, quando – diziam-me – Rousseau ia mais longe, era mais completo. Mais moderno e ousado. Sem cuidarem de saber como a filosofia de Rousseau influenciou o meu quotidiano.

Nunca me esqueci, porém, de que mesmo ele, ao julgar as capacidades da mulher e do homem, usou dois pesos e duas medidas: «*A mulher observa, o homem raciocina*», chegou a afirmar com ênfase e indiferença, chocando-me.

Mas tenho de reconhecer que em Portugal jamais sequer se pensou na mulher como alguém com capacidade para observar fosse o que fosse… Minha Pátria amada, a quem sempre tanto quis, mas que me limitou, amargurou, deu descaminho à minha vida.

Ao recuar no tempo entendo como foi mesquinha a minha existência ao compará-la com a ambição e a dimensão do meu sonho. Contado ou cantado em verso por trás das grades de Chelas, em despique com os poetas que me iam visitar e depois via partir, a poderem sentir no rosto o ar da liberdade.

«A mana não se entristeça!», acarinhava-me Maria com um sorriso melancólico, seguindo já no meu rasto de volteio, indo eu, por raiva recolhida, semear a desordem, o motim e até o enleio, com versos e palavras pelo convento inteiro. Seguida por aquelas que me escutavam os ensinamentos e as ideias, tratando-me por mestra e a quem eu chamava discípulas, para raiva da prelada que se desentendia e desorientava comigo, acabando sempre derrotada. Desautorizando-se quando me castigava ou mentia, me tirava o direito de ir à grade, e eu mesmo assim ia…

Quando o nosso Rei D. José morreu, Pombal foi afastado e as portas de Chelas finalmente se abriram para nós, voltei-me a olhar para trás, como se quisesse tentar arrastar comigo grande parte da minha vida que ali ficava perdida na obscuridade.

OceanofPDF.com

†

1773-1777

Teresa chega de Estremoz e vai à grade do convento de Chelas para ver Leonor, levando consigo, envolto na capa escarlate em que se embrulha, um outro volume proibido da *Encyclopédie*, encomendado pela amiga, através de Pedro, ao livreiro do costume.

Contrariada e corando um pouco, entrega-lhe o livro passando-o por entre as grades, olhar arredio e com aquele habitual franzir do lábio superior nas ocasiões em que se zanga consigo própria por ceder aos pedidos de Leonor, quando deles discorda. Severa e intransigente demais para compreender o prazer tirado da desobediência e do risco, e mesmo dos autores que ela prefere, das suas ideias e leituras contra as quais fica a maior parte das vezes.

Teme a hipótese, segundo ela provável, de essas obras lhe poderem fazer muito dano, insurgindo-se sobretudo contra a heresia que sempre encontra nelas: «Não entendo o teu interesse em obras que propagam tais ideias!», protesta, ao observar o entusiasmo com que Leonor desfolha o volume organizado por Diderot e do qual não conseguirá separar-se o resto do dia.

Mais tarde, já no claustro, tenta passar por ele os olhos apressados, mas apercebendo-se da chegada da mãe esconde o livro sob a toalha de altar que anda a bordar ao bastidor, naquele momento esquecido no regaço, ao mesmo tempo que finge picar-se na agulha.

Mas talvez tivesse exagerado na intensidade do grito, pois vê-a acelerar o passo em sobressalto, arrastando a bainha do vestido pelo chão do claustro molhado com a chuva caída no início da tarde. A filha logo a sossega, um pouco arrependida do estratagema usado como desculpa para recolher ao

quarto. Mal conseguindo moderar a ansiedade, leva apertado ao peito o pano inacabado onde envolvera o tesouro que Teresa lhe dera nessa mesma manhã.

Corrido o fecho da porta da sua casa dos livros, logo desembaraça a *Encyclopédie* das linhas de cor, da tesoura e do dedal, das agulhas e dos alfinetes. Atira o bastidor para longe e, sem quase respirar pelo tanto gosto tomado à curiosidade, senta-se na cadeira manca, e sobre a mesa de madeira abre-a na primeira página, de início inquieta e depois cada vez mais atenta à medida que vai lendo. Debruçada sobre o novo volume da obra que, como prometia Diderot, *«tinha como objectivo mudar a forma comum do pensamento*». Propósito fascinante para o qual a levava inteira a ambição de conseguir vir a participar nesta desafiadora aventura de mudança.

E assim voando, acaba por perder a noção do tempo.

†

Maria preocupa-se quando a irmã começa a não querer comparecer na grade, deixando-se ficar deitada sobre as cobertas da cama, chegando a rarear as vezes em que se fecha a ler na casa dos livros que tanto trabalho lhe dera a conquistar.

Dia após dia vê-a emagrecer, ficar mais e mais pálida, melancólica e sumida nos pensamentos, olhar perdido longe e um suspiro reprimido sempre a roçagar-lhe a boca. E porque teme afligir a mãe, já de si alarmada e sempre doente, Maria prefere ter uma conversa particular com o doutor Tamagnini, dando-lhe a conhecer as suas inquietações sobre a saúde de Leonor, que lhe parece cada vez mais sumida de cores e de riso.

Quando este a visita, Leonor zanga-se. Mas, cheia de pressentimentos e receios, acaba por aceitar a sua oferta de ajuda. E fala-lhe:

do coração descompassado;

das febres que lhe aparecem furtivas aos fins de tarde;

da tosse reprimida no peito afundado;

dos suores a encharcarem os lençóis e a roupa do corpo;

da insídia das insónias cruéis, madrugada atrás de madrugada.

†

Habituada que está a tratar das doentes e escutar as suas queixas, Leonor não se dá logo conta do que está a acontecer consigo. Descobre-se pálida no pequeno espelho que guarda no quarto agora só dela, onde começa a gostar de permanecer fechada durante muito tempo.

Sem forças nem vontade de as ter.

Maleitosa, dúbia, perdida nos seus pensamentos e nas próprias palavras, deixa-se ir na tristeza embainhada pela indiferença.

O olhar embacia-se, perde a vivacidade e o brilho. As olheiras ensombram-lhe o rosto.

O corpo cede sem se debater.

Imagina que se estilhaça.

†

Apesar de não crer que haja ainda motivo para maior alarme, preocupa-me a saúde nos últimos tempos muito abalada de D. Leonor de Almeida: sobressalto a dobar uma febre baixa mas pertinaz que a empurra para a letargia, quando não se sente revolvida por ânsias de arroubo e arrepiamentos. Adornando-a as insónias com uma tez tão pálida, que receio sangrá-la por suspeita de grande anemia.

Dizem-me haver também da sua parte perdas de conhecimento, delíquios, desmaios demorados, de onde sai exausta e exangue, passando os dias seguintes prostrada na cama, entre versos e almofadas de linho com rendas de bilros, sem lamentar o afastamento da grade onde há quem não desista de comparecer só para vê-la, ter a honra de escutá-la ou até, quem sabe, para conhecê-la.

Como seu médico temo sobremaneira a penumbra que lhe ensombra o semblante pensativo, a turvação dos olhos de madressilva. Assim como receio a sua passiva entrega à doença, como já aconteceu há dois anos:

desânimo e desinteresse que, por não serem de sua natureza forte e determinada, causam estranheza a quem a rodeia.

Queixas de abatimento e tristeza parecem-me ser as suas, dolentes, a convergirem para a insatisfação, a melancolia. Conjunto de sintomas cuja análise me leva à única conclusão possível: ser o longo e forçado enclausuramento de D. Leonor o primeiro e mais provável motivo da sua misteriosa maleita. Diagnóstico que faço saber à prioresa e em seguida me encarrego de espalhar na Corte, onde sei encontrar quem pode interessar-se por esta invulgar filha dos marqueses de Alorna, já que a sua fama ultrapassa grandemente as grossas paredes do convento de Chelas.

Onde ela se sente sufocar.

Onde ela estiola.

E por estar certo de ser a distracção o melhor dos seus remédios, e querendo levá-la a abandonar o abatimento e susto onde se afunda, tento descansá-la: «Não se preocupe Vossa Excelência, que o vosso mal reside no facto de estar mantida na maior clausura. Deve ir Vossa Excelência tomar ar todos os dias na cerca do convento, caminhar o mais possível. Aconselho também os banhos tépidos e demorados, com óleo de nardo e água de rosas.»

Recomendo-lhe ainda, insinuando um furtivo sorriso: «Não deixe Vossa Excelência de escrever, nem de regressar à grade onde a espera quem tanto vos admira! Quanto a mim, os versos e a alegria são os remédios mais indicados para as vossas penas.» Como única resposta, ela encolhe ao de leve os ombros magros, envoltos em caxemira. Parece-me, no entanto, ver despontar um brilho fugaz no seu olhar entristecido.

Tentarei mover todas as minhas influências de médico da Corte para que D. Leonor de Almeida seja autorizada a abandonar o convento.

†

Sentindo-se perdida e sem arrimo de ninguém, nem forças sequer para continuar a disfarçar as dores e a infelicidade, Leonor escreve a Teresa

uma longa carta de desabafo, sem nada já esconder do seu verdadeiro estado:

«*Ouve sem perturbar-te, que morro, que morro ao desamparo. Deixa-me proferir estas palavras que são um pequeno desafogo, que se me concede no seio de tantos males. Pretendo talvez inutilmente o único remédio que tem a minha queixa e enquanto a nossa terra fértil em juízes incompetentes argumenta sobre a minha necessidade, vejo correr os instantes, vejo exacerbar-se a moléstia*.»

Sem alento para mais, pousa a pena e vai até à janela tomar da noite a friagem do inverno, olhar uma paisagem que conhece de cor e que ela vê gradeada por ser de fechamento o lado onde ela está, e isso cada vez mais lhe retira o ar do peito aflito. Volta então a sentar-se para continuar ainda um pouco a confessar seus males à única amiga em quem confia, lamentando-se da vida e das freiras que a atormentam:

«*Dizem umas friamente que estou tísica, e acrescentam que eu tenho a culpa com a frívola ambição de uma glória vã que procurei nos Livros. Dizem outras que eu não tenho nada porque procuro algumas dissipações que provam o meu bom ânimo e a felicidade da minha vida. Carregam uma multidão de conselhos sobre mim. Uma diz que escreva a fulana, outra a sua filha, outra que não escreva. Enfim, tacitamente, dizem quase todas que morra*.»

Aqui, Leonor interrompe de novo porque a névoa das lágrimas a impede de escrever, mas recobrando o ânimo que agora muitas vezes lhe falta, retoma a carta para Teresa no mesmo tom de oculta ironia revoltada:

«E enquanto falam, enquanto me devoram, vou morrendo.»

Logo volta a suspender a pena, tentando contornar o temor que lhe causa aquela frase, e quase se arrepende de tamanha confissão que está certa de ir perturbar Teresa. Mas agora é tarde para voltar atrás:

«*Um dos pontos que tem dado grande assunto aos discursos são os Livros, acrescentando uma pessoa que não há função em Chelas a que nós não assistamos. Tristes funções! Funções de horror! Argumentos da nossa desgraça, quantas vezes saindo dessas insípidas assembleias*

freiráticas, com o coração cheio da funesta causa que me faz assistir a elas. Um dilúvio de lágrimas me tem levado infinitas noites, e foi termo dessas aparentes consolações, desses meios de enganar o tempo, e de ver fugir sem desesperação uma idade em que todo o vivente sem crime tem direito à felicidade.»

O esforço de escrever torna-se porém tão grande que Leonor tem de regressar à cama a descansar um pouco. E só no dia seguinte continua a carta, num longo lamento interrogado:

«*Que fiz eu, querida amiga, às minhas Patrícias, às nossas fidalgas? Não se condoem de uma rapariga moribunda?*»

Porque é assim que ela se sente: moribunda.

Emparedada viva, ou viva amortalhada.

Como uma eterna noiva prometida e morta antes de chegar ao altar. No seu caso, antes de viver a vida.

«*Não arguo ninguém, nem mesmo os que podiam com uma palavra dar-me a vida. O Ministro que tem a seu cargo os negócios de um Reino pode gastar o seu tempo em imaginar martírios para mim? Posso tal crer? Não. Gastaria ele as suas forças a combater com a mais fraca e desgraçada das mulheres?*»

Leonor lembra-se bem do que lhe têm vindo a insinuar os frades e as freiras ao longo dos anos, sobre o mal que Pombal quer à família dos Távora, a garantirem-lhe quanto ela ganha em estar dentro do convento, em grande parte fora da sua alçada…

«*Se o crêem os preocupados e os ignorantes, eu não o creio. Querem meter-me na cabeça que o Marquês de Pombal meditará as minhas circunstâncias e pela desgraça original me fará morrer*.»

Já no final da carta, mais tranquila por haver desabafado, Leonor hesita em expedi-la, ficando à espera de que cheguem notícias assinadas pela mão de Teresa, pois se ela estiver triste prefere afundar-se na melancolia a dilatar-lhe mais o seu desconsolo.

«*Deliro, querida amiga, e consterno-te com as minhas lamentações*» – acrescenta ainda.

†

DIÁRIO

Já não é a primeira vez que, por moléstia do peito, me desengano a mim própria. Garante-me no entanto o Dr. Tamagnini que este sofrimento tem menos a ver com o meu corpo do que com a minha cabeça, com os meus nervos, com turbações da minha alma; não encontrando remédio para o curar enquanto eu estiver em Chelas.

Dispondo-se mesmo a interceder a meu favor junto das princesas Reais, mais sensíveis e, segundo ele, atentas leitoras dos meus versos. Inquieta-me no entanto saber dessas diligências, pois apesar da sua grande influência como médico da Corte não creio que consiga pôr termo a esta longa prisão política que todos os dias me sufoca e mata um pouco mais.

Temo que tudo isto faça nascer em mim inúteis esperanças… E que me veja obrigada a confrontar-me de seguida com uma nova, devastadora e fatal desilusão, tal como aconteceu anos atrás quando Pombal declarou «*haver uma inteira impossibilidade para me mudar de sítio*»…

Chelas, 31 de Março de 1773

†

Sebastião José Ferreira Barroco aguarda impaciente a chegada de Leonor. A ausência dela tem deixado decepcionados aqueles que vão à grade do convento de Chelas expressamente para a ver e a ouvir.

Olha distraído para Teresa de Mello Breyner que, tal como ele, parece impaciente e nervosa, a fechar e a abrir o leque frágil sobre o regaço do vestido de seda cor de nardo que a faz parecer mais velha. Mas logo afasta os olhos, para os fixar de novo no lugar onde Leonor costuma esperá-lo. E ao julgar vê-la assomar na penumbra do parlatório com o seu donaire de

Eurídice, sobressalta-se, coração desordenado no peito, para logo cair em si fulminado pela decepção; pois afinal é Maria quem chega sozinha num passo indeciso, como se lhe faltasse arrimo e arte.

Mesmo assim Sebastião Barroco avança, conseguindo aproximar-se dela antes de Teresa, a perguntar alarmado por Leonor. Ela, com cuidado mas sem meias palavras, dá-lhe a conhecer o estado de letargia da irmã, sublinhando o desânimo e a melancolia em que está mergulhada. E ao vê-lo empalidecer à medida que a ouve, compadece-se e volta atrás, apresenta motivos de esperança: baseando-se no parecer do Dr. Tamagnini, fala-lhe das prováveis melhoras, e por fim acrescenta baixo:

– Se o senhor poeta quiser, posso levar-lhe bilhete ou versos de vossa parte…

Aturdido, Sebastião José Ferreira Barroco tira do bolso da sobrecasaca um papel amarrotado, onde na véspera havia escrito um soneto desesperado, de paixão e saudade.

E enquanto Maria recolhe o poema às escondidas por entre as grades, ele balbucia com a voz embargada:

«Eu amanhã volto! Eu amanhã volto!»

†

No dia seguinte Leonor desce ao parlatório, onde ele já a espera, olhar alucinado dos homens fracos. Primeiro abeira-se de onde pode observar o locutório àquela hora vazio, e perturba-se com o contido desatino que ele guarda. Dá três ou cinco passos inseguros e entra envolta em sombras.

Sebastião Barroco estremece ao reconhecê-la naquele vulto indeciso de silhueta delgada. Ergue até ao peito o punho fechado, parecendo desejar conter o coração tumultuado, enquanto se aproxima quase cambaleando.

Frente a ela pára, separados pelas grades.

Sem lhe dizer uma palavra, estende-lhe as mãos impacientes por entre o ferro frio, ao abrigo da luz, e ela entrega-lhe as suas, os longos dedos gelados, pulsos quebradiços que as rendas bordadas do vestido tapam desnudando.

O perfume a nardo do seu corpo chega até ele à mistura com o travo ácido da febre.

Aproxima mais a boca a colher-lhe o hálito.

Logo sentindo o frémito dos seus lábios.

Ambos num longo êxtase desmaiado… E só quando ela recua, o poeta repara como os olhos que Leonor tem, de líquida água-marinha,

se acendem de paixão,

na penumbra cerrada.

†

Depressa se sabe na Corte que Leonor de Almeida está doente, tendo quase deixado de frequentar a grade do convento de São Félix. E o doutor Tamagnini, cumprindo o que a si próprio prometera, dirige-se à princesa Maria Francisca Benedita – a filha preferida do Rei –, pedindo-lhe que interceda junto de seu Pai pela invulgar e conhecida poetisa dos outeiros de Chelas, de quem até conhece alguns poemas. Ao que ela acede com entusiasmo. Afinal, sempre foi contra o facto de o marquês de Pombal ter convertido os conventos portugueses em prisões políticas de mulheres.

Quando a princesa o procura, na tentativa de o condoer em relação à filha mais velha do marquês de Alorna, e na defesa da causa da sua protegida lhe roga que dê a ordem necessária para esta poder abandonar o mosteiro, D. José, encontrando alguma razão nos seus argumentos e contidas palavras, e apesar de nada lhe garantir, promete ir pensar naquele inusitado pedido.

No entanto, o Rei sabe não ter nem interesse nem intenção de contrariar a forte oposição de Sebastião José de Carvalho e Melo à libertação de D. Leonor de Almeida, a quem este quer vergar a forte vontade.

†

Ao ler a carta que Teresa de Mello Breyner lhe escreve a contar do rebuliço que na véspera encontrara na assembleia da condessa de

Lumiares a respeito da possível saída da amiga do convento de Chelas, os olhos de Leonor cintilam. Indiferente ao que Tirse logo em seguida lhe comunica – de a sua liberdade poder depender da condição de ir morar para Almada, na casa que continua a ser de seus pais.

O objectivo será portanto o seu afastamento da Corte.

No mesmo instante Leonor senta-se à pequena mesa do seu quarto e, a esse respeito, responde-lhe:

«*Se eu for para Almada crê que na dura necessidade de não estar com minha Mãe outro nenhum sítio pode agradar-me nestes arredores. Eu não sou capaz de aparecer entre as damas delicadas da nossa corte. Seria talvez necessária toda a habilidade que tu tens para me não confundirem com a tua hóspeda nos primeiros dias. Se a liberdade de respirar outros ares basta para restabelecer a minha saúde, sobeja-me uma habitação onde o silêncio e a obscuridão deixe dividir os meus pensamentos entre Deus, a Filosofia e a ternura. Não quero distracções*.»

E com um arrepiamento de verdade, confessa o que sente:

«*Lisboa é um teatro de horror para uma neta dos Távora.*»

†

Maria fecha-se no quarto para escrever a Teresa.

Atenta, não vá a irmã alertar-se com a sua ausência e vir à sua procura. E depois de abrir o tinteiro e pegar na pena, apesar de se sentir inundada por uma infinita tristeza, contém os ímpetos da alma e tenta ser apenas objectiva:

«*O negócio de Lília já se decidiu e foi a última resposta, que se a doente morresse pouco se perdia. Não perdemos com isso o ânimo, porque quando estas coisas chegam ao último ponto estão perto de se acabar. A pobre sentenciada, a pobre Lília não sabe nada e está persuadida de que se continuam as diligências. Minha Mãe e eu vemos a sua esperança cheias de compaixão e suspiramos por alguém que também se compadeça do nosso estado. A pessoa que nos deu esta notícia é muito pouco sensível e bastantemente destituída de juízo, não faz conceito do que seja o valor*

dos desgraçados, e vendo-nos sem alteração exterior julgou que assim estava o coração. Com isto não teve receio de o despedaçar com os contos mais melancólicos… Se todos fossem como tu não teria o vale de Chelas ouvido gemer tanto ao desconsolado terno. Escrevi desta parte para esconder mais facilmente de Lília se ela viesse ter comigo.

Maria»

Chelas, 21 de Julho de 1773

†

Em vez de sucumbir ante a recusa da sua libertação, Leonor ergue a cabeça com o orgulho e a força que os mais íntimos lhe conhecem, faz um esforço supremo, e apesar de continuar a sentir o peito opresso, assim como as pequenas febres (aliás, até elas começam a escassear…), regressa ao quarto dos livros e às suas leituras de poetas e filósofos, de mapas e relatos de viagens, volta ao estudo de Latim e de Inglês e a reunir com as amigas e com o círculo daquelas a quem chama discípulas.

Torna à grade, tentando mostrar-se radiosa.

Luminosa. Audaciosa.

Cita Voltaire e Rosseau, Diderot e D'Alembert.

Lê alto poemas de Hildegarda de Bingen, de Teresa de Ávila, de Leonor de Aquitânia, de Soror Juana Inés de la Cruz.

Desafia a prioresa, provoca o arcebispo de Lacedemónia.

E apesar da regra do silêncio, canta cantigas improvisas, segundo ela para ver se «*de alguma sorte moderava as suas saudades*». Ou, no parlatório, canções com letras de Metastásio ensinadas pelas primas que a vão visitar condoídas julgando encontrá-la em lágrimas, mas deparando com o riso e a alegria que não percebem ter no seu fundo um dissonante tom convulso.

Na verdade, sente os nervos em franja.

Disfarça as lágrimas e as olheiras.

Aviva as faces com o carmim trazido por Joana Isabel Forjaz, que regressa ao locutório querendo apertar nas suas as mãos nervosas da amiga, a dizer-lhe em voz baixa incomparáveis e misteriosas palavras de poetisas.

Escreve bilhetes febris a Sebastião José Ferreira Barroco.

Versos tempestuosos, que esconde na arca por baixo dos vestidos de seda e dos coletes de veludo.

Passa sem comer dias seguidos.

Desabrida.

As insónias atormentam-na.

Para a sua sede nenhuma água chega.

†

Continuam a desconsolá-la muitas coisas na sua vida já por si desconsoladora, mantendo a prioresa, apesar de maleitosa nos últimos tempos, um embargo para tudo o que traga satisfação e luz aos seus dias.

Mesmo às lições ela põe entraves e restrições à grade.

Não aceitando Leonor, insofrida, mais prepotência do que aquela que já se vê obrigada a suportar, desobedece às regras do convento e às da prelada, sem se prender com bagatelas. E como ela mesma explica:

«[…] *vou remando contra a maré, e sou a súbdita mais indócil que sua senhoria tem. Tanto se me dá que diga que há grade, como que não há. Se responde que sim, vou direita para lá, se não, examino se mente, e se acho alguma grade aberta, chimpo-me lá dentro sem mais cumprimentos, de sorte que tem isto feito uma grande espécie neste convento, e a mesma prioresa tem tanto medo das minhas resoluções nesta parte que já não faz outra coisa senão ralhar, e dar-me a chave, na certeza de que ou dê ou não, sempre lá vou*.»

Vendo-a cada dia que passa mais audaciosa e independente, a madre superiora, desnorteada e já sem forças para se lhe opor, depois de ter tentado em vão contactar com o marquês de Pombal, descarta o arcebispo de Lacedemónia que já viu titubeante à frente de D. Leonor de Almeida, e

procura fazer-se ouvir pelo próprio Cardeal Patriarca, que nem se digna responder-lhe.

Descoroçoada, pensa: «Estou a morrer e ninguém me dá ouvidos»…

†

DIÁRIO

Fico muito tempo deitada a ler Virgílio à luz das velas.

O estudo a que me aplico, e os versos feitos nas horas do silêncio, têm a «*utilidade de me roubar, por algum modo, à ociosidade das muitas horas vagas, que é forçoso ter nesta situação melancólica e solitária*».

Será possível vir a recuperar um dia a vida que me tiraram?

Chelas, 7 de Junho de 1773

†

Inconformado com o desfecho das suas muitas e infrutíferas diligências no sentido de o Rei D. José assinar a ordem que permitiria a Leonor de Almeida abandonar o convento de Chelas, o doutor Inácio Tamagnini passa a visitá-la mais vezes. E como não conhece nenhum remédio para curar as decepções, as desgraças, os sobressaltos da raiva, e percebendo os seus nervos exacerbados, recomenda-lhe que tome banhos tépidos a fim de acalmar os sentidos em alvoroço. Ela parece obedecer-lhe, apesar de preferir banhar-se em água fria, na tentativa inútil de refrescar-se das febres e das chamas altas onde se sente arder.

Leonor de Lorena manda Domingas do Amor Divino – a nova criada que depois de muitos requerimentos lhe fora permitido contratar para o seu serviço –, levar para a cela da filha doente uma grande bacia, onde Leonor

todos os dias entra devagar na água tépida: primeiro um pé e depois o outro com brandura,

dobrando as pernas longas, o corpo tapado com uma leve camisa de algodão da Índia de um amarelo-pálido apertada à frente com finos atilhos de rolo, pontas curtas num pequeno laço, cabelos presos com ganchos de prata e travessas de tartaruga, joelhos erguidos para caber na tina improvisada, enquanto num gesto vago e pensativo vai passando uma pequena esponja ensaboada no pescoço alvo, nos braços torneados, no doce arredondar dos ombros.

Naquele dia Leonor toma o sétimo dos banhos prescritos por Tamagnini, mas enquanto a maioria das pessoas a quem são receitados os tomam por remédio, ela cumpre-os sobretudo por gosto. Banhos que lhe abrandam as ânsias do corpo e do espírito. Eficientes na leveza em que a deixam, satisfazendo-a igualmente a ideia de estar desse modo a agir como discípula de Rousseau, filósofo de quem admira o rigor e a audácia do pensamento, apesar da misoginia reconhecida.

Fecha por momentos os olhos cansados, deixando-se ir entorpecida até às margens do sono, mas tolhe-a um arrepio que a desperta na água que arrefecera e, ainda ensonada, sobe as mãos por baixo da camisa a tactear o tremor dos braços, os dedos a tropeçarem no bico duro dos seios, na cintura estreita, nas ancas delgadas. De pé, espera-a em silêncio D. Feliciana Micaela, com a toalha aberta pronta a cobri-la.

Irritada, Leonor manda-a embora, e só depois se levanta e sai da tina, a sentir debaixo dos pés o gelo da pedra áspera do chão e um golpe de ar frio vindo das frinchas da janela a trespassar-lhe o corpo transido, que a camisa enrodilhada não defende. Tira-a, impaciente, e por breves segundos vacila

diante da própria nudez proibida.

Passa devagar óleo de nardo nos pulsos estreitos e magros, a imaginar ser o seu próprio olhar o de um outro que a fita. Com súbito pudor, cobre-se com o xaile de lã escarlate deixado em cima da cama. «Como ando imaginativa» – critica-se, falando consigo própria. Ela, que nem a si

mesma se atrevera a reconhecer sofrer de melancolia ou carecer de ternura. Como costuma dizer, a ternura só a tem feito desencontrar-se com o que lhe convém.

E o que pode convir-lhe melhor do que a liberdade?

A luz intensa da tarde deve reflectir-se, cintilando, no espelho do Tejo que adivinha na paisagem, fazendo verdejar as colinas mais além, onde se eleva Lisboa. Defronte da janela Leonor detém-se ensimesmada, os longos cabelos desmanchados e ainda húmidos tombando ao longo das costas destapadas.

†

Mal conhece o inevitável desfecho negativo do apelo feito ao Rei para que Leonor saísse do convento de Chelas, Pedro apresenta-se na grade a tentar contactar com a Mãe, que sabe frágil e enfermiça.

Teme por ela, diante de semelhante abalo.

E não tanto pela irmã, que tem por uma mulher resistente e forte, capaz de fazer frente a qualquer tempestade. No entanto só Maria descera nesse dia ao parlatório, e com ela fala a saber notícias, ponderado diante do seu olhar assustadiço enquanto lhe vai contando, em pormenor, do desencanto, do desconsolo, dos ânimos desolados das três.

Da reacção demasiado indiferente, por vezes até aparentemente jubilosa de Leonor. Da realidade dos seus nervos secretamente devastados.

Pedro afaga-lhe as mãos pequenas, nas quais deixa dissimulado um bilhete que já trouxera escrito, tentando animá-las com palavras de afecto e esperança que lhes garante não serem vãs, apesar das mais negras perspectivas contaminadas pela pior crueldade e despotismo, repugnantes ressentimentos e ódios pessoais.

Maria abre um pequeno sorriso triste e guarda às escondidas o papel dobrado, temendo o olhar da prelada que por certo os observa resguardada na sombra, espia do arcebispo de Lacedemónia que as tenta controlar a mando de Pombal,

animal predador.

Mas os olhos de Maria, impacientes, tentam já perceber se entretanto não chegara Francisco Manuel do Nascimento, com quem tinha desde a véspera um encontro aprazado para aquela hora, a mais solitária daqueles lugares de penumbra, quando não eram iluminados pelos outeiros ou outras encenações.

†

A revolta que Gonçala sentia

quando, obrigada pelos pais, deu entrada no convento de Chelas, vai-se apaziguando à medida que se aproxima de Leonor e esta a acolhe com entusiasmo entre as suas discípulas.

No início tímida e silenciosa, depressa se torna uma das frequentadoras mais assíduas das aulas e das assembleias que ela promove. Distinguindo-se como leitora voraz e estudante aplicada, seguidora submissa da mestra que se torna a sua única razão de existir.

Ambas apaixonadas pela poesia.

Conversam longamente em voz sumida.

Uma e outra carenciadas de afecto límpido.

De sentimentos facetados como diamantes puros.

De desejos alados em voo de Fénix, a renascerem das próprias cinzas.

†

Acostumada a ser a valida primeira de Leonor, Mariana detesta Gonçala desde o dia em que esta entra em lágrimas no convento, e quase de seguida aparece com humildades de sonsa no quarto de Maria, a entrar no cenáculo restrito, intrometendo-se deste modo onde não devia, ultrapassando as discípulas antigas habituadas já umas com as outras, cada qual no seu lugar ao lado da mestra.

Abelha-mestra

como, despeitada, a abadessa chama a Leonor.

Enquanto esta atribui nomes pastoris a algumas delas, a quem dá aulas, ensina literatura, línguas, fala de filosofia, semeando luzes à sua roda.

No final de cada ano todas fazem exames, esmerando-se para lhe chamarem a atenção e serem elogiadas, louvadas, aplaudidas.

Se possível benquistas.

A Gonçala, porém, nada lhe basta: nem distinguir-se enquanto aluna e discípula dedicada, nem como amiga no desvelo de se render agradecida pela generosidade de quem a cuida e envolve em carinhos e festas.

Ela pretende mais, e mal obtém o que quer exige mais ainda.

Mariana, que até à sua chegada fora sempre a eleita, pelo saber e pelo brilho, mas também na compreensão e na ternura, melindra-se, sente-se ressentida e injustiçada. Fílis passara a ser o seu nome, e neste gosto se demora, sonhando sair um dia do convento de São Félix na companhia de Leonor de Almeida.

†

No final de cada hora canónica, Gonçala deixa-se ficar ajoelhada na pedra fria, e só quando todas as freiras abandonam a igreja ela se ergue e sai, sobe a escada com o coração amotinado, e ao passar diante do quarto de Leonor hesita e quase pára, atrasando o passo, indecisa. Quando se detém, encosta a face ardente à porta de madeira áspera e arranhada pelo tempo, tentando encontrar algum motivo, escutar um qualquer ruído que a leve a empurrá-la e a entrar, caminhando em bicos de pés até onde a amiga estará deitada.

Bela adormecida de uma história sem príncipes.

Mas o que Gonçala sempre ouve é um silêncio profundo, que a impele para longe, a afasta sem dó nem piedade, a expulsa do longo corredor deserto, caçadora furtiva de sonhos e imaginários inexplicáveis. A deslizar amparada às paredes húmidas, cambaleando até à sua cela onde julga estar a salvo, resguardada dos excessos de si mesma.

†

EPÍSTOLA

A uma Freira em Chelas

Quando em silêncio adormecem
Todos os seres mortais,
Ligeiros à tua cela
Voam saudosos meus ais.

Dize, leste os versos de ontem,
Onde insculpio a ternura,
Comovida ao contemplar-te,
Indícios de mágoa pura?

Agora que tudo dorme,
Agora que só se escuta
Da noite o surdo rumor,
Reflexo de alguma gruta;

Quando toda a natureza,
Envolvida em sombra densa,
Dá liberdade aos suspiros
Que nascem da mágoa intensa:

Corre o vago pensamento,
E no pequeno recinto
De uma cela, aí te encontro,
Para explicar-te o que sinto.
Eu te vejo, oh Céus! que vista!
Aprisionando entre flores
Os corações delicados
De mil cativos amores.

Das perfeitas mãos te nasce
Ora murta, ora alecrim,
Ora imitando teu rosto
Cândido e lindo jasmim.

Que ideias ternas te inspiram,

Quando o gosto da leitura
Diminue brandamente
O cargo da desventura!…

Nos discretos caracteres,
Vão teus olhos magoados
Ora lendo o seu conforto,
Ora o decreto dos Fados.

Já te lanças brandamente
No seio da paciência;
Já te recreia admirar
O aspecto da Providência.

Eu te sigo suspirando,
E teço então sobre a lira
Estas cantigas saudosas,
Que o contemplar-te me inspira.

Se meus versos te consolam,
Sempre a branda simpatia
Conduzirá no silêncio
A Musa que teme o dia.

†

Minha Leonor

Obrigada pelas rosas rubras recriadas
e pelo delírio do poema.
As flores inventadas pela minha amiga incendeiam a minha cela. E os versos escritos pela minha poetisa, enlouquecem-me o coração.

Vossa até à eternidade.
Gonçala

Chelas, 1 de Fevereiro de 1774

†

Mansos são os teus ombros no seu perfume raro, rosas bravas e fundura estriada de jasmim, pele a clarear-se de morena-alva mal ficas despojada do hábito que te esconde a finura da cinta, na anca dobada pelo seu próprio fio, na firmeza das coxas longas que faço subir até mim, ambas de pé encostadas à porta da tua cela que pouco antes travámos com uma cadeira pesada.

Na alba puríssima.

Encostado ao meu, sinto o palpitar do teu corpo intocado, que se guarda até ao fim na intimidade jamais desvendada, a evitar mostrar tudo o que detém, e eu partindo à tua descoberta, pouco a pouco desvendo-te; com suspiros, com sussurros, com resistências, com desvios que os meus cuidadosos e demorados dedos respeitam, enquanto os teus em mim se espraiam no resguardo do esquivo.

Do equívoco, Gonçala.

Comissura dos lábios e enlaçado enleio. A encontrarmos o alvoroço dos corpos onde se apressam os corações tumultuados, desejando e recusando, tentando ainda reter o alvoroço dos sangues enfebrecidos, os beijos que desordenados vão descendo no teu pescoço, nos ombros, no abismo dos seios uma da outra ao tocarem-se, convocação do abismo subitamente aberto à nossa frente.

Sem recuo já, ou salvação possível,

pois tudo o que aprendemos sobre o pecado declina, vacila, soçobra; enquanto abraçadas rolamos nas cobertas da cama, permitindo aos lábios a manipulação dos sítios por onde passam, semeando o incêndio onde em seguida ardemos. Prazer cada vez mais ávido, mais onda, mais dobado e veloz, onde se vai insinuando o desvario, o delírio. Tão rapidamente postas na troca dos anseios, das carícias, da vertigem, que nada mais entendemos senão a entrega, a dádiva, o aceite, a invenção de tudo o que nem se imagina.

Adivinhando a nudez na sombra absorta do veludo anil do vestido, que para ti entreabro e depois dispo; dando-me tu em troca o véu negro de te cobrir a cabeça, permitindo-me descobrir-te rapaz além do que supusera, no ouro do cabelo quase rapado, nas orelhas agudas, na doçura infantil da nuca trigueira, minha ávida, com o teu travo a rosmaninho, suor a gardénia nas axilas encobertas pelo largo e hirto cabeção branco que ainda conservas do hábito, sobre o teu peito a desejar-se solto.

O pé descoberto,

pela meia descida na pele macia por onde resvala e hesita no tornozelo estreito, a equilibrar-se depois a custo na amêndoa das unhas rosadas, cortadas rente. E na intocabilidade, na intimidade ambígua que tem sido a nossa, algo estremece e muda, a tornar-se outra: no vacilo, no frágil, no grito despojado, a sufocar-se no pudor aflito. Mirto e mosto num delicado odor mate, a pespontar o imoderado ocultamento que os nossos corpos soltam.

Qual de nós sabe ou conhece o mistério,

o motivo do proibido daquilo que a vida assim nos empresta ou entrega, nos propõe e agarramos, tal como a pertinaz razão que a mim me toma, me desarma e me envolve, algema e acorrenta*?*

E só meses mais tarde me espanto com a falta de arrependimento, com o desejo insaciado que sempre retorna, nos toma, envolve e impele, conduz uma na direcção da outra, sem darmos tempo a que a culpa e a vergonha cheguem a tomar pouso.

†

Para descer à grade, Leonor tem, ultimamente, entrançado os cabelos dourados. Parecendo usar uma grinalda, um halo, uma treliça de luz enredada.

Retoma,

recupera o controlo dos outeiros, faz leitura de poemas, glosa, dá motes, porfia no seu brilho maior, dando novamente mostras irrefutáveis do enorme talento e da sabedoria que lhe emprestam as musas e as Luzes.

Levando no seu rasto Maria que, ágil e alegre, aceita as deixas da irmã, elabora-as com generosidade, não escondendo a satisfação quando Filinto claramente a gaba:

As madeixas tomou das veias de ouro,
Nos olhos pôs safiras,
Que das setas que atiras
São, fero amor, o mais caudal tesouro.

Numa tarde em que se prolongam mais as rimas e os despiques, os talentos lustrados ganham mais o fino engenho de quem se pretende mostrar cada vez melhor poeta, são os motes e as glosas que prendem especialmente a atenção de todos.

Sendo Leonor quem sugere os motes.

Começando pelo verso da tragédia *Castro*, de António Ferreira, em torno de Inês e Pedro: «Amor ao mundo dá, doce amor gera». E faz um ligeiro sinal a Sebastião José Ferreira Barroco, que de bom grado aceita a primazia:

Se Alcipe canto, a bela Alcipe invoco:
Esta flauta me deu, com que fiado
Rústico sim, porém sincero toco
Seus louvores no meio deste prado;
Mal seu nome repito, eis que provoco
Os sátiros do fundo do silvado;
Seu nome humilha a mais bravia fera,
Amor ao mundo dá, doce amor gera.

Decepciona-se Leonor, e querendo disfarçar esse sentimento que a faz sentir-se implacável e mal agradecida, chama por Filinto Elísio que avança para as grades, por trás das quais estão as duas irmãs a olhá-lo com expectativa. Fita Maria nos olhos, toma-lhe a mão, chama-lhe Dafne, e sem lhe soltar os dedos com ela fala:

Formosa e meiga Dafne, diferente
Desta Dafne que a Febo foge esquiva,
Tu aluna das musas, sê contente
Inspirar em meus versos chama activa;
Acenderei em teu louvor a gente,
Que de te ouvir e ver o fado priva,
Teu rosto, em que o amor pôs de amor a esfera,
Amor ao mundo dá, doce amor gera.

Estremece, impaciente, Leonor, ferida pela evidente diferença de qualidade entre o poema de Filinto dedicado a Maria, e aquele que por Ferreira Barroco a si fora destinado.

Só Domingos Maximiano Torres parece ter reparado no desagrado de Alcipe, e antes que o olhar dela se torne ainda mais inclemente e ressentido, dirige-se para o centro do parlatório e termina o despique com dois tercetos bem arquitectados.

Da sua janela, onde está de vigia,
a prelada entende que ele quisera não só evitar dissabores,
mas também apaziguar os amores fortes.

†

O conde de São Miguel pede autorização para falar com Leonor, sua prima afastada. Traz-lhe o resultado da tarefa de que ela o incumbira: saber a resposta – esperada há muito – da Mesa Censória ao seu pedido:

uma licença para adquirir livros proibidos.

Leonor desce apressada ao locutório e, praticamente sem o cumprimentar, senta-se e vai direita ao assunto, perguntando em voz baixa:

– Qual é a resposta que Vossa Excelência me traz?

– A Mesa Censória diz que não dá tal licença a mulheres. Nenhuma até agora, aliás, fez tal pedido.

– Então estranharam?

– Estranharam e desconfiaram. Eu, se fosse à prima, não tornava a insistir nessa ideia.

Sabendo os perigos a que poderia concorrer se insistisse e consciente de que tal seria remar contra a maré, ela concorda e agradece ao conde o trabalho que lhe dera. E mal este se vai embora, inconformada com a recusa, sobe ao quarto de Maria, onde ficam as duas a combinar o melhor meio de contornar o assunto: convencer Pedro a que, em vez dela, seja ele a requisitar a licença.

Leonor sabe que, sem ela, não terá muito que ler.

†

Leonor tenta sempre que a mãe não a veja ler

os livros que ela já sabe irem levantar problemas. Obras proibidas onde se debate e expressa a filosofia das Luzes, e que, quando vai a tempo, esconde debaixo do bordado há muito esquecido em cima do regaço quente.

«*Leio quanto posso porque reconheço que a ignorância é a primeira causa das preocupações e da irregularidade dos costumes*» –, escreve ao pai, preocupado com os seus males, pois é hábito pensar-se serem os livros especialmente prejudiciais à saúde das mulheres.

A ela, de clausura imposta num convento, a leitura salva-a.

Fazendo-a voar tanto as odes de Horácio como os sonetos de Petrarca e Camões, ou *As Metamorfoses* de Ovídio; as palavras de Voltaire como as de Montesquieu, evadindo-se ora através de cada um dos volumes da *Encyclopédie* ou de *Candide*, ora com *L'Esprit des Lois*, em busca de pensamentos libertadores.

Erguendo-se acima de si própria.

«*A razão diz-me que estou certa*.»

†

DIÁRIO

As obras de Voltaire e de Rousseau, de Diderot e D’Alembert que vão chegando a minhas mãos com dificuldade e risco, guiam-me na direcção da claridade, nestes tempos que percebo serem de transformação e mudança. Como garante Novalis: «*A noite original é substituída, enfim, por cadeias de luz…*»

A perturbação, mas também o deslumbramento estremecido que me tomam ao ler cada um deles, deve-se não sei se à acutilante lucidez a que o seu pensamento conduz, agudizando em mim a consciência da minha atroz condição com um futuro eternamente adiado, se à aproximação já dos ventos de revolta que a Luz inevitavelmente arrasta consigo. Tendo como meta abrir no mundo portas e janelas de claridade, desse modo destruindo o antigo estado de negrume onde se encontram firmadas as raízes dos nossos antepassados.

A liberdade exige a mudança. E a mudança, por seu lado, exige que nos comportemos como se fôssemos outros, deixando de ser tal como fomos nascidos e educados.

Não sei se algum dia serei capaz de uma mudança tão radical.

Chelas, 24 de Agosto de 1774

†

«Meu querido Pai e meu Senhor
do meu coração

Quero ter o gosto de conversar com V. Ex.ª e de tocar vários pontos em que tenho apetite de falar-lhe. Gostei muito de ver que V. Ex.ª conhecia alguns dos Franceses modernos, de que eu faço estimação.

Sobre Voltaire não acho que dizer, porque V. Ex.ª entende daquelas matérias melhor do que eu; sobre a controvérsia sou proibida de falar por todos os princípios, e até devo a S. Paulo a obrigação de me escusar ao meu parecer absolutamente.

Contudo ele é reputado por um grande filósofo e como o assombro deste século. Eu me lastimo dos seus erros, mas não posso deixar de confessar a V. Ex.ª que me vieram as lágrimas aos olhos, quando vi que V. Ex.ª lhe dava sentença de queima. De que servem homens queimados, meu querido Pai? Por ventura reconhecem eles a verdade na fogueira? Não é Deus só quem deve pôr termo aos nossos dias? Se Deus sofre os homens miseráveis sobre a terra, que direitos têm os outros homens para os não sofrer? Eu conheço que V. Ex.ª tem muita virtude e muito juízo para decidir bem, mas eu que sou mulher com o coração muito pequeno, quando se fala em matar sempre me aflijo pelo sentenciado, seja quem for. Não está mais na minha mão. Deus terá piedade da minha fraqueza se não é boa, em consequência do preceito – de amar o próximo como a mim mesma. Queira Deus que eu nisto não diga alguma tolice, que desagrade a V. Ex.ª; mas copiei o meu sentimento e disfarçá-lo parecer-me-ia pior.

Depois de ter estudado como V. Ex.ª sabe, e com o fim único da minha felicidade, formei um pequeno plano para as minhas acções, que, sendo conformes com as intenções dos meus queridos pais, eu pudesse contentar-me também e praticá-lo livremente. Meditei as minhas obrigações a respeito de Deus, da sociedade e de mim mesma, avaliei quanto me era possível o estudo do mundo e principalmente o da minha terra, e resultou daqui assentar fixamente, que eu não podia ter uma hora de sossego, se me lembrasse um dia só de escrever para o público, que a este só servem verdades disfarçadas, ou mentiras positivas, que a liberdade (ídolo do meu entendimento) seria uma vítima infeliz das máximas estranhas da minha terra, e que se queria fortuna com ela, servisse o jugo da opinião posto pelas tolas da idade, pelas ignorantes de

título, e por outros indivíduos semelhantes, a que chamo em segredo baixa plebe. […]

Cuidei de distinguir bastantemente o carácter das pessoas com quem falo, e com quem estabeleço muito acauteladamente as minhas relações literárias. Assentei que o número devia ser muito pequeno, e com efeito o é. Assentando fixamente que os meus versos não encontram o parecer de nenhuma das pessoas a quem os mostro, de quem quero o prémio, ora os dirijo a um ora a outro dos três amigos nossos que me entendem, e gosto de o fazer assim porque me agradam os ingleses bons e os alemães, onde vejo este método estabelecido, como um meio para facilitar e acender mais a imaginação, e as circunstâncias do objecto a que dirijo as minhas palavras.

Filinto é de um carácter original para a nossa terra. Conhece bem que a felicidade está em si, que lhe não vem das honras que lhe fazem os fidalgos; não os distingue senão pela virtude ou pelos talentos; é um filósofo incapaz de sujeitar-se a lisonjas, nem de gabar-se das que recebe.

A confusão em que concluo esta carta talvez me fará pôr mil parvoíces. V. Ex.ª olhe sempre para o meu coração e perdoe o resto, se vai mau.

Meu querido Pai, dê-me V. Ex.ª a sua benção e adeus.
De V. Ex.ª
Filha muito amante e obediente
L.»

†

As freiras de Chelas oferecem com frequência uma grade de doces a que Leonor raramente falta. Até porque os maiores atractivos dessas tardes mornas e longas são ela e a sua poesia, que aceita declamar no final, a quase todos conquistando com o porte esbelto e altaneiro, a beleza clara e a desenvoltura exultante. Avivando a sua presença com a palavra certeira e a personalidade forte, a contrastar com a melancolia do olhar entornado,

do sorriso ambíguo, algumas vezes irónico, a aflorar-lhe apenas a comissura dos lábios.

Ainda mal desponta a alva nesses dias, já as rodeiras colocam na portaria de fora as mesas de madeira velha, lascadas nas esquinas e nas beiras pelo passar do tempo, mas muito limpas, tampo de lustro bem puxado que elas cobrem com as toalhas brancas de bainha aberta, sobre as quais é colocado o serviço de porcelana guardado nas arcas trancadas para as festas de gala.

Nelas irão ser colocados os doces começados a preparar de véspera, invadindo o convento com as suas essências gulosas: açúcar em ponto onde os ovos são deitados em fio, laranja amarga e arroz a cozer no leite a um dos cantos da lareira. Mais tarde haverá outros aromas, o da canela e o da erva-doce, o do vinho do Porto e o do aniz escarchado.

Odores que disfarçam o bafio da humidade das paredes, do limo e das águas paradas do tanque do claustro, abafando de passagem os piores cheiros da capela: o azeite rançoso das lamparinas, o perfume enfermiço das flores e o do sebo das velas.

Leonor gosta de ir para a cozinha ajudar a fazer os papos-de-anjo, os ovos moles, o caramelo, o manjar branco de que as madres de Chelas se orgulham tanto. Ou então os rebuçados de chocolate, os biscoitos de manteiga, o bolo podre, os melindres de mel, as argolinhas e as ferraduras. Lembra-se bem de como em pequena adorava rapar o tacho, às escondidas da mãe.

São horas de alvoroço alegre, em que as noviças e as recolhidas mais jovens correm entre a copa, a cozinha e as próprias celas, passando de fugida pela capela, onde fazem rezas rápidas e sem esmero. Empurrando-se umas às outras nos corredores e nas escadas, pequeno riso nervoso que tentam ser contido, os hábitos adejando como asas escuras, para logo tombarem, omoplatas murchas e braços caídos ao longo das ancas.

Quando os convidados começam a chegar, já Leonor está arranjada: o espartilho a adelgaçar-lhe mais a figura esbelta, cintura muito fina a poder abarcar-se com as duas mãos. Sapatos de seda bordada, laço no peito

arqueado do pé fino, punhos de renda aberta a apertarem nos pulsos delicados onde dança uma escrava de ouro.

Antes de sair do quarto, alisa com a ponta molhada dos dedos as sobrancelhas douradas e aviva os lábios cor-de-rosa. Cabelos aos caracóis frouxamente presos com pregos de granadas, a roçarem o tafetá do vestido simples, com decote a descobrir-lhe o começo dos seios e os ombros. Sem se esquecer de usar os brincos de diamantes e pérolas dados por Teresa de Mello Breyner no dia em que fez vinte e quatro anos, nem de passar nos pulsos e por trás dos lóbulos das orelhas como pétalas a essência de gardénia, de um frasco que esconde entre a roupa branca; odor almiscarado que se adensa na curva da nuca encoberta.

Quando finalmente chega com Maria, já as freiras serviram o refresco de limão; depois vêm os bules ferventes com o chá preto, acidulado e áspero e as leiteiras a transbordar de leite quente, onde a nata começa a coalhar no cimo. Só nessa altura se retiram os guardanapinhos que tapam os doces dispostos nos pratos e nas travessas, ao lado das taças de geleia e das tigelas de marmelada que ela e Gonçala haviam feito, com a ajuda de mais duas ou três irmãs cozinheiras, atarantadas com as gargalhadas e os cochichos de ambas. Os confeites equilibram-se perto dos sequilhos, assim como as fatias de pão-de-ló junto dos biscoitos de manteiga.

Numa terrina de porcelana está a ambrósia.

Por fim chega o café acompanhado com os bolinhos folhados e os rebuçados de ovos, enquanto se vai brincando a dar mote para versos, ou contando as últimas intrigas e novidades da Corte. Depois, será a vez de Leonor recitar versos, seguida por Filinto Elísio, Mariana ou Gonçala, que escolhe Camões, enquanto Maria os acompanha no cravo. Tudo isto intercalado por alguns motetes à viola, e sonetos de Sebastião José Ferreira Barroco.

Mas é só quando desce o crepúsculo que as discussões ganham especial brilho, depois de a prelada se retirar, seguida pelas madres mais velhas; levando os seus presentes nos braços, a tropeçarem de sono. Leonor fica com a irmã, Gonçala e Fílis, além do resto das suas discípulas, duas ou

três freiras interessadas e outras tantas a mando da prioresa, incumbidas de, no dia seguinte, lhe fazerem o relato de tudo o que ali se diga ou aconteça. Porém, nada entendendo daquilo que ouvem, elas acabam por adormecer nas cadeiras, até serem despertadas pelo toque do sino a chamar para as matinas.

†

CADERNO

Antes de entregar a carta que hoje escrevi a Teresa ao moço de recados que me leva a correspondência, faço esta pequena cópia para fixar a ideia do que nela a certa altura digo:

«*Em Portugal afeiçoa-se a ignorância que apenas serve a quem recorre à força para submeter o rebelde espírito da liberdade. O conhecimento que fortalece o carácter e o espírito, sempre é condenado*.»

Como neste país se pode ser superficial, ignorante e árido!

Chelas, 23 de Dezembro de 1774

†

Maria sai da grade e sobe devagar a caminho do quarto de Leonor, sem saber ainda como lhe dizer o que Francisco Manuel do Nascimento acaba de contar, pedindo-lhe ao mesmo tempo que fosse portadora de uma tão inesperada e grave notícia:

– Sebastião José Ferreira Barroco vai ter de partir de um momento para o outro, não podendo voltar a S. Félix. Creio que só vós sabereis dar esta cruel nova a vossa irmã, sem lhe destruir o coração.

Atónita, limitara-se a perguntar:

– E ele parte porquê e para onde?

– Um despacho nomeou-o juiz de fora para a Bahia.

– E quem o nomeou tão de repente?

Depois de olhar à volta, a ver se alguém os estaria a ouvir, Filinto acaba por lhe confidenciar quase sussurrando:

– Consta que foi ordem de Pombal… Ninguém sabe se será verdade, mas o namoro dele com Alcipe pode estar na origem deste trágico desfecho.

À medida que, aturdida, se aproxima do quarto da irmã, Maria modera o passo. Acabando por parar, voltar atrás e entrar na própria cela. Precisa de alguns momentos para pensar como deverá dar conta de tudo aquilo a Leonor.

†

Leonor ainda esperou que Sebastião aparecesse a despedir-se, o coração doendo. Sem ser o amor da sua vida, ele era o encantamento que lhe faltara para se sentir uma mulher cortejada como as que viviam fora daquele convento de aridez sombria.

De um momento para o outro ele embarcaria, e ela ia perdê-lo como sempre perdera tudo o que quisera na vida.

Quantos mistérios e dores a rodeiam!

Mal uma desgraça acaba outra surge a tentar despedaçar-lhe o ânimo, ferindo-a. As horas parecem voar à sua frente com uma vertigem difícil de suster e a grade, para si, continua vazia. Sem disposição para fingir uma indiferença que não sente, afasta-se.

Agarrando-se à poesia que sempre lhe valera nas ocasiões mais tristes, tenta encontrar o lenitivo de que tanto necessita. A usar os versos para acompanhar até à barra Sebastião Barroco…

As horas voadoras vão trazendo
Instante fatal de uma partida,
Que dos gostos ligeiros desta vida
Um retrato funesto está fazendo.

Assim começa ela um soneto onde põe todo o desconsolo que lhe apunhala o peito consumido. Culposa por afinal poder ser ela a causadora daquela estranha partida. E numa ode que faz à viagem de Sebastião Barroco, escreve estes versos aflitos:

Inda julga presente o grande dia
No qual, por causa dela, o Deus da guerra
Assusta o sol na sala do Tonante,
C'os fados portugueses.

Leonor não sabe mais o que Pombal quererá fazer cair sobre a sua vida.

†

«Meu querido Pai e meu senhor
do meu coração

Apesar de me sentir ainda demasiado alterada para coordenar ideias rigorosas sobre o único assunto abordado por V. Ex.ª na carta de ontem, para me dar conta do dilatado estado de adiantamento em que se encontram as conversações mantidas por V. Ex.ª com D. Brás da Silveira, cunhado por sua irmã do conde da Redinha, por sua vez filho do Marquês do Pombal, tendo em vista segundo V. Ex.ª o muito conveniente casamento desta vossa filha com a medíocre pessoa dele. Contrato esse que eu por completo desconhecia.

Se pertence a glória de ir com as minhas ansiosas diligências libertá-los, pereçam todos os sistemas em que eu tinha fundado a minha felicidade própria e será uma sorte assaz digna de satisfazer-me aquela em que eu puder servir o meu querido Pai e procurar o inteiro restabelecimento de minha Mãe. Nada mais me pode obrigar ao sacrifício da minha liberdade e a tomar o encargo de mãe de família. O coração e o pensamento todo ocupado das minhas perdas e das minhas aquisições apresenta-me como um desastre o sair dos braços de minha Mãe, da casa

de V. Ex.ª para outra desconhecida, aonde me não leva nenhum princípio dos que a natureza nestes laços poderia apresentar.

O rapaz é um homem sem estudo; que pensará dos meus?

Tem uma irmã aliada com o algoz que abomino. Como poderei eu viver perto de semelhante gente? Mas… trabalha na liberdade de minha Mãe; anuncia vagamente a de V. Ex.ª… Oh! Meu querido Pai, tomara, antes de separar-me desta casa, abraçar nela a V. Ex.ª, tomara que V. Ex.ª viesse aqui ensinar-me qual é o meu dever! V. Ex.as ambos é que poderiam remediar tantas perplexidades. Eu não sei o que digo, não sei o que faço, vivo em uma obscuridade impenetrável. Deus me socorra e me faça atinar com o que for melhor.

De V. Ex.ª
A filha que mais o ama e respeita
L.»

†

Com esses modos obstinados e sem cuidado, ainda vai conseguir o contrário do que deseja. É de temer que eles possam vir a «*cortar a haste e as raízes através das quais a minha filha se alimenta*» – escreve o marquês de Alorna, tentando em vão moderar a filha mais velha, preocupado com as suas ousadias e desobediências.

O que mais o aflige, na verdade, não são os contínuos desacatos dela no mosteiro de Chelas, mas sim os laivos de rebeldia que, cada vez com mais frequência, reconhece nas cartas que ela lhe envia em resposta às dele, através das quais continua a tentar manter o controle sobre a formação e a educação das filhas, apesar da idade que já vão tendo.

E sendo Leonor a que tenta rebelar-se, fugir-lhe apesar das afirmações contrárias, é a ela que teima em dominar, em domar, em dirigir, a fim de

lhe modificar o carácter forte e resistente ao mando alheio, igual ao de sua avó a marquesa de Távora, sogra de quem ele nunca gostara.

Em Leonor reconhece a insolência.

O modo como se recusa a obedecer. Em tudo contrária à doçura da mãe e ao mel de Maria.

O olhar do marquês de Alorna endurece: como pai, saberá ensinar a filha rebelde a respeitar os limites.

†

A querer recobrar o ânimo que lhe falta, Leonor volta a abrir a carta de Teresa de Mello Breyner. Está cansada de tentar demonstrar ao pai que o casamento arranjado por ele é impossível, dada a repulsa em que toda a sua natureza se empenha na recusa desse homem ignorante, que não só mal sabe ler como ainda pertence à família mais chegada de Pombal.

Senta-se na beira da cama estreita e começa a reler desde o princípio as queridas palavras já decoradas: «*Meu coração, apesar do meu gosto não aproveito a grade de hoje*.» Leva as mãos ao peito, apertado de angústia causada pela decepção. Desde a véspera anda a contar os minutos para se encontrar com Teresa, amiga exigente, tão depressa ouvinte paciente e tolerante diante das suas mágoas e desabafos, como opressora e ciumenta, severa condutora dos seus passos, pronta a chamá-la à razão, atenta aos desconcertos do seu coração leal mas precipitado, controladora dos seus destemperos, ardências e humores contraditórios.

Sentindo aumentar a preocupação causada pela prepotência do pai, enviara um bilhete a Tirse rogando-lhe que viesse depressa, mas em vez de aceder ao seu pedido ela acaba por se esquivar, e Leonor encontra-se de novo só face à adversidade. Mas pior do que a solidão e o medo é o desconcerto interior, a desilusão causada pela reacção do pai frente à sua clara recusa em casar contra-vontade, atitude impensável e inaceitável para quem a pretende sacrificada, em troca da liberdade própria, a tornar-se um manso cordeiro entregue a um glorioso sacrifício.

As folhas translúcidas da carta de Teresa tremem-lhe entre os dedos frouxos, enquanto olha a tinta malva aqui e ali diluída pelas lágrimas que sobre elas verteu, dificultando a leitura daquilo que a amiga escrevera:

«*Ando sentindo as dores que te atormentam. A cada instante porém me persuado por amor que melhoraste, mas é tão pouco eficaz a tua eloquência nesta parte, que não chego a crer o que para ti estou desejando. Amanhã é provável que te vá ver para suavizar-te a mortificação. Tomara que entendas como me custa o estar longe de ti, minha amada*.»

Pelo menos, que a amizade permaneça intacta, intocada!

Inclina-se para trás na cama remexida, olhos azul-goivo presos na claridade incerta que, vinda dos vidros da janela, gatinha no tecto liso e branco com vagares de bicho.

Leonor demora-se absorta e enrolada na manta quente, olhar preso à carta amarfanhada onde se destaca o T finamente desenhado no final da despedida terna,

de promessa desmedida:

Lembra-te que te sou fiel.
T.

†

Dirigi-me pela primeira vez à grade do convento de Chelas atraído pela fama da inteligência e da beleza de D. Leonor de Almeida. E embora conheça alguns dos seus mais entusiastas admiradores, cheguei sozinho e pouco à vontade. Mas como sou primo do conde de Lippe, que conhece a prelada de São Félix, fui muito bem recebido pelas freiras e, por isso mesmo, friamente acolhido pelas filhas dos marqueses de Alorna.

Persistente, insisti em voltar,

de novo e de novo,

tentando sempre passar despercebido. Desse modo tenho assistido a grande parte dos tão conhecidos outeiros poéticos, nos quais D. Leonor é

o núcleo, o centro, o cerne, em torno do qual tudo e todos giram ofuscados pela delicadeza da sua luz irisada, numa explosiva mistura de fulgor e ousadia. Partilha de melancolia e riso, aplicação e desafogo, desacertando-se no certo,

alvoroço e desabrigo.

Voz de cristal e de búzio a dela, onde ressoa a toada do mar que se espraia, para logo tornar a erguer-se num tumulto breve. Mistério de sedução oculto nos seus olhos, de um aceso azul ponteado de lazúli. Boca de carmim ao mesmo tempo esvaída, delgadez e corpo de haste. E eu, apesar de não dominar a língua portuguesa, escuto-a com encantamento e gosto, fascinado pela sua beleza e pelo firme tom do tanto entusiasmo.

Conquistado pelo encanto da sua extrema graça, bebo-lhe avidamente a musicalidade das palavras, estrangeiras aos meus ouvidos e entendimento, deixando-me banhar pela claridade ofuscante do seu olhar de verbena, embalado pela toada mágica dos versos que recita, por vezes fitando-me.

Com suspeição.

– O senhor conde de Oeynhausen parece ter tomado gosto aos poemas! – disse-me ontem em francês, num tom de evidente ironia.

Frase aparentemente banal e mansa, mas na qual percebo o travo do desafio agreste.

Habituado às regras do jogo, aceito-lhe o gume desabrido com enfeite de seda.

Desejando-a já, no antecipado gosto de ela ser:

autêntica e bravia.

†

As sombras parecem adensar-se, a empurrarem os negrumes para junto da cama onde está deitada. Como se, à sua volta, as velas acesas pelas madres mais antigas se fossem apagando uma a uma.

A noviça sua valida, que quando ela adoecera a tratava com desvelo, foi rareando a presença atenta, e agora, transfigurada e esquiva, quando

aparece em silêncio limita-se a endireitar-lhe a dobra do lençol que há muito já não é mudado.

A prioresa do convento de São Félix perde cada vez com mais frequência o conhecimento, a mergulhar nas trevas. E quando volta a si encontra-se quase sempre sozinha, desse modo a certificar-se sem espanto já ter sido esquecida mesmo por aquelas freiras que pareciam nutrir por ela algum sentir de merecimento. O médico, que raramente a vem observar, desenganou-a sem compaixão desde a primeira visita, ao aconselhá-la a chamar o confessor e a encomendar a alma a Deus.

Mas ela só agora lhe segue o conselho avisado, e antes que, moribunda, se possa esvair para sempre sem retomar a lucidez que tanto preza, pede os sacramentos que a entreguem imaculada nos braços do Senhor. E apesar de não sentir culpa de nada, nem de nenhum pecado ter de se arrepender, recebe a extrema-unção e desmaia,

julgando sonhar ao ver aproximar-se do seu leito D. Leonor de Almeida, menina ainda como quando chegara a Chelas, a debruçar-se sobre ela com um olhar condoído.

†

Olha Carlos Augusto de Oeynhausen, como sempre em silêncio, a fitá-la absorto. Elegante na farda que o adelgaça, a espada na bainha a sublinhar a linha direita da anca magra.

Olhos sem mistério pregados longamente nela.

No entanto, existe alguém que não tira dela um olhar atento.

E Leonor distrai-se com essa fixidez, que lhe despe ainda mais os ombros descobertos pelo decote audacioso.

Há semanas que ela e Maria dão conta de uma figura sempre já presente no parlatório quando elas entram na grade. Acobertada na sombra, dando a ver somente parte da face meio embuçada, no seu lugar penumbroso.

O que mais a conturba e ao mesmo tempo a atrai, é a obsessão adivinhada no esvoaçado mover de duas asas.

Quando, porém, torna a procurá-lo, aproximando-se das grades a fim de melhor lhe distinguir o rosto, ele já lá não está.

Ou nunca esteve?

†

ANGELUS

Vejo-a dividida.

Pois na sua inteireza ela é cindida: muitas de si própria na mesma face, arte, em cada nome poético onde se reinventa, volteando nas palavras e em torno dos mitos, dos símbolos, dos versos. Lídia e Lise e Laura, antes de Alcipe, criada por Filinto Elísio. Minha bela rigorosa e fugidio amor, pulsos tapados por rendas e mãos hábeis no escorregar por entre as grades do parlatório, numa inquietude extrema, a querer ultrapassar as barreiras que a cercam.

> Tão revolta quanto o mar.
> Clareira e rosa mate.
> Espinho de silva acesa.
> Ora de cassa ou de seda.

Da sombra onde me abrigo e uso como uma capa, vejo como ela se mostra e se esquiva, jogando ora com a própria imagem, ora com a inteligência e a sensibilidade. Ela muito alva, trocando incauta o rubro novelo do orgulho pelo fio ocre da crueldade. Por vezes desconfiada e curiosa, roça por mim, acutilante, os olhos ávidos, a querer descobrir-me as feições que eu abrigo quanto posso no lugar desviado onde me oculto, mas sem dela despegar em momento algum o olhar atento.

Sei de cor tanto os tons dos vestidos que veste como os livros que lê ou as ideias e ideais defendidos com ardor; entendendo quando se fatiga dizendo poesia ou discutindo ideias, mas também quando se entusiasma com a disputa da polémica, a despertar nas freiras senis arroubos de escândalo.

Num trajecto traçado entre Horácio e Young, caminha ela agora ofuscada pelas Luzes de Voltaire e de Rousseau, voluptuosamente atraída pela *Encyclopédie*, em rigor o *Dictionnaire Raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers* perseguindo com clareza determinada o progresso prometido por Diderot e d'Alembert. Porque, mesmo encarcerada por Pombal num convento, não deixa Leonor de Almeida de sonhar ser ela a mudança neste Portugal de Camões, mas também da ignorância e da superstição, do negrume onde a razão não encontra o seu espaço.

Seguirei atrás do seu passo alado,

a abrir clareiras nas florestas escuras, contentando-me eu em receber os raios facetados do seu arco-íris, limitando-me como agora, no parlatório do convento de Chelas, a ser silhueta no disfarce. Espiando-a do lugar mais escuso: à sua espera, à sua espreita, à sua descoberta. Dando início ao destino de segui-la,

a ver-te Leonor cintilar como uma estrela.

Junco, de tão delgada e vibrante. Tão doce quanto pode ser a cicuta, minha beladona de pérolas, de acácias e de mata selvagem.

Inquietude posta no maior desassossego.

Há uma equívoca tristeza naquilo que desalinhas.

†

D. Teresa Perpétua da Cruz é a nova prioresa do convento de Chelas. Talvez a partir de agora elas possam conhecer um pouco de calmaria, no revoltoso mar das suas vidas; bonança sempre bem vinda para lhes dar tranquilidade ao espírito inquieto, o que melhoraria sobremaneira a qualidade dos dias.

Dezoito anos já passaram desde que as três ali foram trancadas. Meses, dias e horas de tal modo enredados uns nos outros que elas imaginam ser por demais difícil encontrar-lhes a ponta solta, a partir da qual tentariam desembaraçar o novelo. Mas sabendo Leonor demasiado quanto vacila a sorte, fica atenta a esta prelada, que desde a sua chegada porfia em aproximar-se da sua companhia, mostrando curiosidade e agrado pela casa dos livros feita por ela. Contudo, a vida tem-na levado a ser desconfiada, com tendência para afastar-se de quase todas as freiras, a arredar-se do convívio conventual e freirático, acabando por apartar-se também de quem não deve.

A actual prelada parece querer mostrar-se como uma espécie de anjo amável, tendo «*sozinha, mais tino que todas as freiras e todos os frades*». No entanto teme que a sua delicadeza e candura a possam impedir de impor as necessárias regras. Como explica a Maria: sem conseguir «*estabelecer a ordem e a justiça de que necessitamos*».

Vendo as duas irmãs isoladas, D. Teresa pergunta-lhes com um leve sorriso, depois das vésperas:

– Vossas Excelências há muito que não frequentam o coro. Passa-se nele alguma cousa que vos desagrade?

Maria baixa os olhos, contrita, mas Leonor encara-a com frontalidade, sem no entanto lhe falar da rede de intrigas por lá tecida, nem enumerar as freiras e as pensionistas ociosas, todo o tempo a segredarem umas com as outras sobre o que não vêem nem sabem, espiolhando, espreitando a vida alheia, sem cuidarem de dar o exemplo com as próprias.

Pensando na situação indefinida em que ainda se encontram diante da nova madre-prioresa, Leonor tem a prudência de guardar silêncio.

†

CADERNO

Cópia de parte da carta enviada hoje ao senhor meu Pai, dando conta das novas que nos chegaram sobre os males ultimamente agravados do Rei D. José:

«*Dizem que o Marquês tem guardas dobrados depois da função, e que não fala a ninguém à noite; quando sai vão os soldados com as espingardas carregadas com balas; o homem não anda em si e verifica-se nele o retrato que faz Mr. Fénelon de Pigmaleão*.»

Chelas, 29 de Outubro de 1776

†

A rainha D. Mariana Vitória assume a regência de Portugal no dia 29 de Novembro do ano de 1776.

Depois de assinar os documentos necessários, sumptuosamente paramentada, dirige-se aos aposentos do Rei, onde entra sem fazer ruído. E com um gesto firme manda sair todos aqueles que rodeiam o leito real, incluindo os médicos, os ministros, os padres, os camareiros.

E só então se curva sobre a cama onde o marido morre devorado pelas dores, das várias apoplexias que o têm paralisado. Sente-lhe o cheiro nauseabundo das chagas, do suor retardado, da urina e das fezes que já não contém. Mesmo assim aproxima mais o seu do rosto devastado de D. José, que a fita com os olhos inundados do medo de se saber condenado.

Não lhe dá uma palavra. Não faz um gesto de consolo.

Não lhe toca. Não o afaga.

Com o olhar perdido na queixa muda da sua expressão convulsa, fica a recordar-se de como ele a colhera, tomara ainda quase menina e a possuíra mesmo antes de estarem casados, cedo demais para a idade dela, sem cuidado ou ternura, e de como apesar de tudo se apaixonara nesse instante. E ele, indiferente aos seus sentimentos, ao longo dos anos a fora deixando abandonada do seu amor e corpo, trocando-a por outras, clandestinas e desejáveis, enquanto ela, impotente, se consumia de ciúmes.

Sobretudo da marquesa nova, Teresa de Távora!

Suprema humilhação de que nunca se vingara.

D. Mariana Vitória parece de súbito ser arrancada ao devaneio onde mergulhara no quarto obscuro e fétido, junto ao leito revolvido onde o Rei de Portugal apodrece. Curva-se mais, depois mais ainda, e finalmente desce a mão direita enluvada de renda até ao seu braço encolhido e torcido pelos ataques.

E diz-lhe, quase num brado de júbilo:

– Sou a Rainha!

†

DIÁRIO

Todos prenunciam o nosso livramento.

«*O estado da saúde de El-Rei, em que todos se fiam, com a nota de que o marquês começa a entontecer visivelmente*», parece confirmar a queda do poder por demais cruel e fanático que tem vindo a perseguir a nossa família, a tratar-nos sem dó nem piedade.

Acrisolando-nos a vida.

Fazendo-nos pagar por crime não cometido.

E pela primeira vez alcança-nos o barulho das falas, dos murmúrios, das hipóteses, das inúmeras expectativas incrédulas mas confiantes. Chega-nos o ruído inusitado daqueles que, do lado de fora destas fortes paredes, tremem e temem: uns a morte do Rei e a queda do seu valido; outros, que tudo não passe de sonhos e especulações, de esperanças infundadas.

Aguardamos, interditas, frente à claridade estonteante.

Veracidade, exactidão e rigor, ou murmúrios, boatos e intrigas?

– Proibiram ao marquês de Pombal a entrada na câmara do Rei, que delira com a marquesa de Távora vossa avó, temendo que ela o espere às

portas da morte a fim de lhe cobrar a vida cruelmente arrancada… – segredam-nos ao ouvido.

Estremeço, dividida entre a satisfação e o choro.

Chelas, 30 de Dezembro de 1776

†

O Rei confessa-se duas e três vezes por dia.

Persigna-se com aplicação.

Reza com devoção assustada, e manda dizer missas e acender velas pelas suas melhoras em todos os oratórios do Palácio de Madeira.

Passa as noites em claro corroído pelas dores, e quando adormece sonha com D. Leonor, marquesa de Távora, que o fita com o seu olhar de violeta.

Acorda sobressaltado, inundado de suores frios.

†

Cada vez existem mais razões para o contentamento delas.

No entanto, sabe-se como a alegria pode tornar estouvado o pensamento e fazer toldar o juízo e a razão, levando-as a crer somente no que é ilusório ou da matéria do sonho. Iludindo a realidade e até impedindo-as de ver como a inocência pode sempre voltar a ser derrotada.

Apesar de desconfiarem de tanta generosidade por parte do destino que sempre lhes fora adverso, as novas vão-lhes chegando, sustentadas e alentadoras, afastando a possibilidade de as notícias poderem ser falaciosas, movidas pela falsidade.

Pela primeira vez desde que chegaram ao convento de Chelas, Leonor e Maria consideram haver motivo para acreditarem que o sólido rochedo onde em Portugal se tem firmado o despotismo e o negrume está a esboroar-se.

A abrir brechas, fendas e rachas.

Mostrando escondidas fragilidades e fissuras inesperadas. Por onde começa, finalmente, a passar a luz.

Dando-lhes a antever a liberdade.

†

MONÓLOGO DE LEONOR DE LORENA

Não sei se será certo criticar minhas filhas na alegria em que se encontram, raparigas sem saberem disfarçar o regozijo diante da prelada, das madres, dos confessores, a acobertarem no entanto os verdadeiros sentimentos, usando de discrição sempre aconselhável, porque ao regozijo é melhor resguardá-lo do olhar alheio.

Não sei se será correcto negar a minhas filhas a autorização para estarem na grade, fazendo gala de uma satisfação a roçar o descuido por demais perigoso, sobretudo tratando-se da grave doença de El-Rei e da desfavorável situação do marquês de Pombal, de quem se diz ter caído em desgraça na Corte.

Não sei se será possível evitar que as minhas filhas expressem o sobressalto do prazer sem embuste pelo gosto da liberdade. Sobretudo Leonor, nas cartas escritas em termos de me criarem susto, reacendendo em mim o medo amodorrado, ferida reaberta em sangue, linfa e crosta.

Não sei se será acertado privar minhas filhas da satisfação de imaginarem e sonharem alto com a hipótese de em breve sermos soltas, retornadas ao mundo. Eram meninas ainda quando aqui entraram e saem já mulheres, conscientes do desperdício da sua vida. E eu, então jovem, estou hoje mudada numa velha doente.

Não sei se será justo refrear nas minhas filhas a felicidade, para que não venham a desiludir-se depois, no caso de Deus ter por bem salvar o Rei D. José, mantendo-se pois a nossa situação tal como a conhecemos, se possível a aumentar em nós mais ainda o sofrimento, de si já desmesurado, desta nossa forçada clausura.

Não sei se deverei…

Não, não sei se deverei privar as minhas filhas e a mim mesma da exultação que a esperança traz sempre consigo, a enredar-nos o espírito.

†

É Teresa de Mello Breyner quem leva a Leonor a notícia:

El-Rei D. José teve novo ataque de apoplexia, desde aí o seu estado agravara-se bastante, deixara de falar, e neste momento encontra-se à beira da morte.

Sem salvação.

O marquês de Pombal pressente a própria queda e preocupa-se. Precavido e prudente, rodeia-se da sua guarda e espias, acautela-se. Tenta também permanecer o mais perto possível do Paço, apesar de se encontrar proibido de entrar na câmara do Rei, onde dia e noite o monarca geme baixo, respirando com dificuldade.

A língua muito inchada já não lhe cabe na boca.

Leonor sente um culposo arrepio de esperança.

†

Maria dança à volta do quarto.

Para ela é como se já lhes estivessem a abrir as portas do convento para as deixarem partir, finalmente livres.

À noite, antes de se deitar, Leonor escreve ao pai aquela que julga poder ser a última carta enviada do convento de Chelas:

«*Se é verdade que temos de ver a V. Ex.ª brevemente, como desaparece este tempo de trabalho! Já não me parece mais do que um estudo penoso de que me restam unicamente os conhecimentos úteis e a ciência do Mundo. As suas filhas, se fossem felizes, saberiam muito menos e, já agora, graças a Deus que nos escolhe para avaliar solidamente o bem e o mal! Até as freiras esdrúxulas e impertinentes me parecem as minhas mestras de filosofia moral*.»

E quando, mesmo vestida, se atira para cima da estreita cama, exausta de tanta satisfação e aturdida de esperança, Leonor adormece de imediato até manhã alta, sem ouvir nenhum dos habituais toques do sino a assinalarem as horas canónicas.

†

O dia 24 de Fevereiro de 1777 amanhece muito frio. Nas ruas quase desertas àquela hora, o vento mistura as grandes cordas de chuva que fustigam as janelas fechadas do Paço, onde o Rei D. José agonizara durante toda a noite.

Inquieto, o marquês de Pombal, embrulhado na sua imensa capa negra, sai com esforço da carruagem que pára no pátio real, frente à porta do Palácio de Madeira que para ele ainda se abre. Num passo vagaroso entra olhando em torno e, sem reparar na guarda que respeitosamente o cumprimenta, passa já para os silenciosos corredores que tão bem conhece, dirigindo-se apreensivo e cabisbaixo em direcção aos aposentos do Soberano.

À medida que os vai percorrendo, deixa correr o olhar em torno, sem o demorar propriamente em nada. De súbito, porém, alguém sai da sombra de um pesado cortinado de veludo, toma-o por um braço e diz-lhe:

«*V. Ex.ª não tem mais nada que fazer aqui!*»

Pombal estaca e olha sem pasmo o cardeal da Cunha, que ousa falar-lhe naquele modo desabrido. Mas já outros fidalgos se aproximam com as mãos nos punhos das espadas.

Rodeando-o, a fazê-lo vacilar. Cheios de regozijo expulsam-no, fazendo-o recuar, atabalhoadamente, a caminho da rua.

Só então Sebastião José de Carvalho e Melo se dá conta de que o Rei morrera.

E ele, que detivera nas mãos as rédeas do maior poder do Estado absolutista, está a ser afastado para sempre da Corte.

Tinha deixado de ser valido.

«Aqueles que mais cortejam são sempre os primeiros a humilharem…» – pensa com amargura.

†

Olha para ele e, não o reconhecendo, diz:

– Não é Vossa Excelência senhor meu Pai tal como eu o tinha guardado na memória.

E tomando-o dos braços de Maria, vira-lhe as palmas das mãos para cima enquanto as beija chorando, sem disfarçar a comoção, tentando encontrar uma alegria que naquele momento não descortina em si mesma.

Sente o peso dos dedos dele sobre a cabeça em jeito de bênção que não pedira, carícia inábil a arrepelar-lhe os cabelos soltos, a fazer passar por entre eles um áspero sopro de frio. Estremecendo, Leonor fica calada, e sem nenhuma pressa curva-se numa pequena vénia em jeito de cortesia, coração apertado num mau pressentimento.

No entanto, ardilosa, força um sorriso e, sonsa, encosta a cabeça no ombro do pai, sem no entanto o reconhecer naquele velho de expressão dura e cansada. Suspeitosa, julga perceber no ar a tensão que antecede a tormenta, consciente que de si se espera antes de mais a humildade e a obediência, no estrito cumprimento da vontade paterna, aliás desde sempre expressa sem equívoco nas cartas chegadas da Junqueira.

Onde se escondera nela, entretanto, a vontade de obedecer? O amor filial tantas vezes reafirmado ao longo dos anos? Esse amor – suspeita – guarda-o intacto, mas para o entregar àquele outro Pai que anos antes vira sair a porta de casa, voltando-se para trás num último e mal esboçado

aceno, enquanto no cimo das escadarias de mármore ela tremia de susto e frio na camisinha de noite de cambraia.

Sem se fazer notada, Leonor desliza mais uma vez por entre as sombras densas, com nódoas formadas nos recantos dos húmidos corredores e escadas do convento de Chelas. Entontecida e nauseada tropeça nos próprios passos, tacteando a pedra das paredes para se guiar, como se de súbito tivesse cegado.

Falta ainda despedir-se de Gonçala.

OceanofPDF.com

†

V

OceanofPDF.com

†

Dúvida

Logo que Armínio aparece
Ergo os olhos com temor,
Quero falar-lhe, não posso;
Será isto acaso amor?…

Quando fala não percebo
Que haja um som de voz melhor,
Mais graça, mais elegância;
Será isto acaso amor?…

Se entre aquelas que eu estimo
Fala alguma a seu favor,
Desconfio, tenho raiva;
Será isto acaso amor?…

Se ele se vai, não encontro
Em nada chiste, ou sabor;
Nem céu nem terra me agrada;
Será isto acaso amor?…

Se ostenta co'as outras belas
Ar polido e sedutor,
Forcejo por lhe ter ódio;
Será isto acaso amor?

OceanofPDF.com

†

RAÍZES

Pelos Céus, padre Malagrida! Teresa de Távora, minha nora e cunhada, tem trato de amor e de corpo com El-Rei?

O que foi feito da vossa dedicação a meu respeito?

Vejo-vos porfiar em contrafeito silêncio enquanto me acabo, nervos à flor da pele, tentando inutilmente reencontrar alguma paz na escuridez onde me perco em amargas incertezas.

Como mentor e ouvidor das minhas paixões e pensamentos mais íntimos, sabeis que a incerteza me descontrola e derruba. Pensai na honra manchada do meu filho Luís Bernardo de Távora, ferido pela humilhação de ser traído, dividido entre o desgosto e a imensa paixão por sua mulher sem sentimentos: inconstante, superficial e frívola.

Pelos Céus, padre Malagrida! Teresa de Távora, minha nora e cunhada, tem trato de amor e de corpo com El-Rei?

Prefiro saber a pior das verdades a ignorá-la, ter certezas a multiplicar as dúvidas cruéis. Vós, que ficastes em Portugal enquanto o marquês de Távora meu marido foi Vice-Rei da Índia e eu, a seu lado, Vice-Rainha, sois por certo conhecedor tanto de segredos como de ninharias, tanto de virtudes como de crimes por aqui cometidos.

Testemunha menos da inocência do que das tentações e das quedas.

Especialmente atento – como vos pedi antes de partir –, a minha cunhada Teresa de Távora, desde o berço destinada a ser minha nora. Pele morena e olhar de esmeralda, esquivando-se, magreza nervosa dos distúrbios e das turvações, das perturbações ínvias e das ardências, dos desejos equívocos.

Dos caprichos e da inconstância.

Dos humores variáveis: difícil no amuo, na aspereza, no tumulto, na resposta bravia ao ser contrariada.

Ah padre, então não estais vendo? Tudo isto me soa a profecia em progressão de desgraça! Recolhe-se o marquês meu marido a meio da madrugada tremendo de fúria, cada dia mais próximo de acreditar ser verdade o que nas nossas costas se murmura e se afirma acerca da sua irmã.

Pelos Céus, padre Malagrida! Teresa de Távora, minha nora e cunhada, tem trato de amor e de corpo com El-Rei?

Não consigo manter-me nesta agonia, e menos ainda consigo aceitar a vossa conivência com a traição, com a deslealdade, com o adultério; em suma, com o grave pecado da luxúria. Como podeis invocar as leis de Deus se a vós falta a coragem de fazer luz sobre este caso?

Para recorrermos às leis da Igreja e pedirmos a Roma a anulação do casamento de nosso filho, necessitamos do vosso testemunho. Até lá, sabendo-nos sem provas da sua leviandade, continuará Teresa de Távora a declarar-se inocente e nós sem meios para publicamente a condenar.

Pelos céus, padre Malagrida! Teresa de Távora, minha nora e cunhada, tem trato de amor e de corpo com El-Rei?

Estaremos a ser injustos ou enganados?

Nascida a suspeita, perdido está para sempre o distanciamento, a lucidez, a contenção. Perco o domínio sobre mim, sou ríspida, destemperada, obcecada e desabrida. Sigo com afinco o fio da minha intuição na busca de todos os indícios de engano e de vício na casa de meu filho: espio as maneiras de Teresa, os seus jeitos e preceitos e modos de ser. Sigo os seus actos mais simples, mando segui-la, espreito-a pelas frinchas das portas entreabertas.

Escuto cada ruído, cada sussurro que faz ou calamento.

Desventro armários e caixas.

Desvendo-lhe a memória, desmascaro-lhe os segredos, lendo-lhe os papéis, os bilhetes, as cartas e até os livros. Vistorio-lhe os vestidos dobrados nas arcas. E, peça por peça, a roupa branca guardada nas gavetas

à mistura com os atilhos, as fitas, os raminhos de cheiro – rosmaninho, alfazema e alecrim.

Vou pelos atalhos dos aromas, destapo os frascos onde ela guarda os perfumes, as essências, os bálsamos, afundo os dedos nos unguentos e nos cremes. Sem jamais me aperceber por parte da marquesa nova – como agora lhe chamam – de algum gesto de enfado, de desagrado e medo pela minha devassa. Limitando-se ela, sem nenhum queixume, a baixar os olhos se tento ler a verdade no seu olhar de pedra preciosa.

Sobre o nome dos Távora cai o vexame e a vergonha.

Pelos céus, padre Malagrida! Teresa de Távora, minha nora e cunhada, tem trato de aventura e corpo com El-Rei?

Julgais que não peno no abismo de insónias intermináveis, abismada em suores e temores? Com o vosso silêncio, padre confessor, não fazeis senão acrescentar o meu mal, os meus tormentos, pressentimentos e presságios mais negros. Dividida entre dar força ao senhor meu marido, Francisco de Távora, no agir destemperado e destemido, ou pelo contrário pedir-lhe contenção e calma.

Sem o vosso testemunho não poderemos agir na defesa da honradez perdida e, não tendo provas, não nos atreveremos a colocar em dúvida a própria figura e imagem do Rei.

Tudo confluindo já para nos perder.

Pois enquanto vos limitais a observar de longe tanto as pérfidas intrigas como o cerco a ser montado em torno da minha família estamos a ser apunhalados pelas costas.

Tal como vós, padre Malagrida, fomos os escolhidos para servirmos de exemplo aos nobres e aos jesuítas; já enredados e empurrados para tempos de terror e de cólera.

Portugal vai mergulhar nos *dies irae*.

Sebastião José não perdoa.

†

MEMÓRIA

Tento respirar fundo o ar quente vindo das janelas escancaradas sobre a tarde a entornar-se no jardim, do qual emanam fragrâncias distintas: o aroma raiado das rosas, o ardente perfume da madressilva, o cheiro intenso da glicínia com os seus longos cachos de flores azul-violáceas temperadas de lilás, o rugoso odor do rosmaninho. Tal como quando transpus finalmente os altos e grossos umbrais da porta do convento de Chelas, passo a língua pelos lábios secos, como se quisesse beber o gosto tamanho da intensidade da natureza que sempre me levou à vertigem.

Perseguindo hoje a memória desses dias inesquecíveis, quando, sôfrega, tentava recuperar a liberdade perdida durante quase dezoito anos, através de tentações e deslumbramentos, na desconhecida alegria de correr pelos caminhos, pelas azinhagas, a cortar caminho pelos atalhos da Quinta dos Nabais em Almeirim.

Jamais senti algo comparável ao prazer que me dava o vento a desprender-me os cabelos dos ganchos de prata, das travessas de tartaruga e marfim, nem o de correr descalça, saias erguidas acima dos joelhos para atravessar os riachos, escorregando nas pedras largas e lisas; e ao chegar a primavera, os banhos tomados às escondidas, quase nua, no rio de transparências facetadas, sol a aquecer-me estendida no xaile de seda rubra, pálpebras de malva descidas, olhos fechados a escutar os pássaros.

Nessa época, que sede tinha de claridade!

Claridade esplendorosa à mistura com o perfume intenso que as rosas dispostas em grandes vasos de porcelana entornavam na penumbra da casa, durante as longas tardes em que preguiçava com um livro entreaberto no colo, escrevendo nos meus cadernos ou sonhando sentada ao piano.

Desobrigada das rezas e do som repetitivo do sino a assinalar as horas canónicas, andava então aturdida pelo esplendor da luz que descobrira do

outro lado das grades, longe das obscuridades cediças e das humidades sombrias.

Depois foi o reencontro com Carlos Augusto de Oeynhausen nos serenins do Palácio Real de Almeirim, onde a convite da rainha D. Maria passei o verão de 1777, a tomar o meu lugar na Corte. E o nosso namoro, desde o início contrariado por meu Pai, relutante, feroz, autoritário.

Usando da serenidade à qual a razão me levava, tentei ainda refrear-lhe com habilidade as iras incontidas, desse modo evitando o atropelo das ideias e dos actos impensados no tornear dos obstáculos sentimentais, sabendo utilizar a meu favor o verdadeiro afecto que me dedicava a Rainha.

A minha determinação no sentido de não aceitar as ordens de meu Pai, que me queria casar com quem eu não gostava, salvou-me de ser uma mulher infeliz para o resto da vida como aconteceu com Maria.

Firmeza mantida por mim com especial afinco, e que desde sempre causou raiva e surpresa a quem pretendeu controlar-me o passo, conduzir-me as ideias, dominar-me a vontade, submeter-me o pensamento. Na tentativa de me governarem tanto os sentimentos como a razão.

Mesmo agora, diante da minha inquietude e desassossego, se sobressaltam, se alarmam, se perturbam.

Incrédulos diante dos ideais mantidos intactos, tal como os princípios por mim defendidos como primordiais, determinantes da minha vida, juntamente com o gosto pela liberdade:

o conhecimento, o estudo e a poesia.

As Luzes.

OceanofPDF.com

†

1777

Saem do convento de Chelas já depois da meia-noite, arrastando consigo o lastro dos dezoito anos ali passados. Recordação que cada uma das três gostaria de poder apagar do pensamento e do corpo, de deixar para trás como se fosse um fardo alijado.

À saída da porta que a prioresa D. Teresa Perpétua da Cruz mandou a irmã porteira destrancar e abrir, duas voltas da chave grande rolando na fechadura, som áspero, ríspido, a repercutir no espaço alto de pedra da entrada em lajedo e azulejos por onde tinham chegado, ela com oito anos, passinho apertado de desgosto e de medo,

Leonor detém-se aturdida.

O vento agreste do inverno trepa pelas suas saias a desmanchar-lhe os cabelos, empurrando-a para trás como se quisesse impedi-la de regressar ao mundo onde sempre deveria ter estado.

À sua volta há apenas o escuro cortado pelos relâmpagos e pelas chamas inconstantes das velas, com as quais, da beira do portal, as freiras tentam alumiar o negrume, e pelo luzeiro do archote que o cocheiro empunha, lutando com o temporal e as poucas malas onde elas no alvoroço da pressa haviam guardado já nem sabem o quê. Mais tarde mandarão buscar o resto que é delas e que cuidaram de pôr em pacotes e em caixas, nas arcas e nos baús. Os livros empilhara-os Leonor em caixotes de madeira, tampa pregada com pregos fortes, pretendendo resguardá-los das quedas, das chuvas, dos extravios, da perda. Não querendo separar-se dos cadernos, dos diários e dos poemas, leva-os com ela num saco colocado a seus pés no chão da carruagem, durante o trajecto para Lisboa.

À medida que segue pelos caminhos enlameados, sem dar conta dos pais a conversarem um com o outro, Leonor vai sentindo o estupor mudar-se em alegria intensa, a incredulidade a ceder à evidência; Maria, tal como ela em silêncio, não pára de tremer a seu lado.

Qando chegam à casa da Boa Morte, porém, relutam em abandonar o abrigo da carruagem, atordoadas e pálidas, como se temessem ir ao encontro de uma existência sem grades, nem cercas, nem portões intransponíveis. E Leonor dá-se conta que tem de aprender a lidar com o seu novo destino; só isso a fará perder aquela sensação de medo, provocada por todo o imenso espaço de liberdade

que numa reviravolta súbita a vida lhe propõe.

†

Na primeira noite dormem na mesma cama, lençóis tirados do armário a cheirarem a mofo, depois de terem andado pela casa, elas a tentarem recordá-la e os pais a matarem saudades, mas na verdade as três a sentirem-na mais lúgubre do que as celas que ao longo dos anos tinham acabado por decorar a seu gosto.

Sem hábito de dormirem juntas demoram a despir-se, transidas de frio no quarto gelado, a adivinharem a insónia que as manterá acordadas durante muito tempo, a trocarem silêncios logo cortados por risos nervosos, a confessarem sonhos, a porem dúvidas e temores, mas também a fazerem planos, sem saberem por onde começar a alinhavar a nova vida.

Maria, consciente de ter perdido Francisco Manuel do Nascimento. Leonor, sem saber ainda como continuar a controlar a própria vida, ciente das dificuldades do relacionamento com o pai que, mesmo prisioneiro no Forte da Junqueira, tentara controlá-la.

E apesar de exaustas, adormecem apenas quando a luz difusa da alvorada começa a irromper por entre a frincha dos empoeirados cortinados mal corridos.

Divididas entre a alegria desmedida e a angústia desmesurada.

†

No dia seguinte, ao fim da manhã, Teresa de Mello Breyner desce da carruagem, elegante no seu vestido cor de canela, e com o coração desgarrado bate à porta dos marqueses de Alorna.

Com a voz embargada pergunta por Leonor, que logo aparece já chamando por ela enquanto desce as escadas a correr. E quando Teresa, indecisa, se encaminha para a entrada da sala, ela surge ofegante e pára,

as duas imóveis a olharem-se em silêncio, esquecidas ou temerosas do abraço que pela primeira vez podem dar sem entraves nem grades nem testemunhas ou espias do arcebispo de Lacedemónia.

É Leonor quem se move primeiro a atirar-se para os braços da amiga, a estreitá-la ao peito e a sentir o corpo magro de Teresa estremecer de encontro ao seu. Depois afastam-se, ainda presas pelas mãos que não querem desenlaçar-se para voltarem aos braços uma da outra.

– Quantos anos querida, quantos anos a sonharmos com isto, com esta ternura, este afecto, este afago, esta brandura – murmura Leonor olhando para Teresa, que enxuga as lágrimas que tem como pérolas translúcidas.

†

Nas primeiras semanas ficam em casa, entretanto arranjada o melhor possível por alguns dos criados antigos que quiseram voltar, onde recebem os parentes e aqueles que continuam a dizer-se seus amigos, como é o caso do conde de Arcos, do marquês de Marialva, dos condes de S. Miguel e de Val de Reis, dos marqueses de Penalva.

Maria, tentando não dar nas vistas, aproxima-se do portão fronteiro ao jardim de curtas áleas teimando em distinguir o vulto de Francisco Manuel do Nascimento, que imagina poder rondar por perto. Enquanto Leonor se esforça por colocar alguma ordem no pensamento e no coração tumultuados, ainda estonteada pelas emoções. Encontrara estantes nas arrecadações e mandara-as colocar numa divisão junto daquele que agora

é o seu quarto, começando já a desempacotar os livros e a alinhá-los nas prateleiras.

Teresa volta todas as tardes para vê-la, demorando-se a conversar até às ave-marias, a querer conhecê-la mais de perto, afastada das suas discípulas, dos outeiros e dos poetas. E tendo Leonor acabado por se zangar com Joana Isabel Forjaz, não há nenhuma outra amiga capaz de pôr em perigo o seu lugar de única.

Mas mal o olhar de Leonor se evade torna a sentir-se insegura.

†

A Rainha D. Maria, por especial deferência para com o marquês de Alorna, pai de D. Leonor de Almeida que ela muito acarinha, convoca-o para uma audiência no Palácio de Queluz.

Os dezoito anos de prisão na Junqueira fizeram de D. João um homem envelhecido de semblante fechado, olhar desabrido e sem brandura, desabituado e avesso aos jogos da Corte. Aqueles que se lembram dele amável, fidalgo delicado e galante, olham-no de longe incrédulos, reconhecendo-o a custo; outros, receosos da sua reacção, fingem ignorá-lo e alguns, comprometidos por o terem esquecido a apodrecer numa cela infecta acusado de um crime do qual agora se acredita estar inocente, descem os olhos ao chão.

Atravessa o Palácio de Queluz, que não conhece, acompanhado pelo visconde de Vila Nova de Cerveira o qual, depois de ele se ter feito anunciar, fora ao seu encontro para o conduzir até à Sala do Trono, onde D. Maria o recebe à espera de uma audiência difícil com uma das vítimas da tirania de Pombal e também do Rei seu Pai.

Contrafeita, dá-lhe a mão a beijar, esforçando-se por não o fitar a direito, mas quando ele forrado de orgulho se endireita à sua frente, estremece diante da pasmosa mudança que lhe encontra: do fidalgo gentil e garboso de que se recorda não sobra nada.

Esforçando-se por não expressar os sentimentos que a dominam, apressa-se a comunicar-lhe que será de imediato aberto um processo para

averiguar da culpa ou da inocência dos prisioneiros políticos libertados por sua ordem.

D. João conhece os deveres de um súbdito em relação à sua Rainha. É pois de modo respeitoso que se lhe dirige, congratulando-se com a abertura do processo. Afinal, quando depois da morte do Rei D. José as prisões se abriram, fora um dos prisioneiros que não quisera sair da Junqueira sem ter sido declarada a sua inocência.

– Vossa Alteza compreenderá o desejo de que me seja devolvida a honra da qual fui tão injustamente espoliado.

A Rainha, pretendendo ser rigorosa e proba, confirma entender a sua situação e informa-o de que, até o processo estar concluído, terá de ficar afastado da Corte.

†

Ao chegar a casa vindo de Queluz, D. João sobe directamente para os aposentos da mulher, onde ela se recolhe todas as tardes em busca de um descanso que a faça recuperar as forças perdidas.

– Partimos o mais breve possível para Almeirim – limita-se a dizer, sem lhe dar explicações do acontecido durante a audiência com a Rainha, olhos como sempre afastados da sua beleza fanada.

D. Leonor de Lorena compreende e aceita

tudo o que dele lhe chega de melancolia. E sem uma palavra afaga-lhe devagar a mão envelhecida pousada a seu lado na colcha da cama.

†

Há semanas que Francisco Manuel do Nascimento ronda a casa do marquês de Alorna a tentar ver e falar com Maria, mas apenas se apercebe das entradas e saídas de D. João na sua carruagem, sempre de cortinas corridas. Outras vezes entrevê vultos femininos por trás dos vidros das janelas da casa solitária, sem conseguir distinguir de qual das irmãs se trata.

Dá-se conta também das inúmeras visitas que Teresa de Mello Breyner faz, por certo a Leonor, e um dia, não se contendo mais, aborda-a ao vê-la sair da sua sege do lado de fora do portão com o brasão dos Alornas.

– Quanta coincidência encontrar por aqui o grande poeta Filinto Elísio! – exclama ela, irónica. E diante do seu pedido para entregar um bilhete a Maria, recusa desabrida, anunciando-lhe com satisfação a partida desta e de Leonor para Almeirim.

Diante da ideia do novo afastamento de Dafne, ainda para mais longe, Francisco Manuel do Nascimento ganha coragem e, no dia seguinte, mal vê sair D. João, sobe precipitadamente a álea que leva até à porta principal da mansão, à qual bate com firmeza. Faz-se anunciar a D. Leonor de Lorena, a quem quer pedir autorização para falar com a filha mais nova. Mas ela recusa-se a recebê-lo.

†

Chega ao fim mais um dia de primavera, cumprindo o tracejado de um vento tépido a lembrar como o verão está perto apesar do sol ainda manso coado pelas nuvens e dobado pelo fio do novelo entorpecido dos riachos, dos caminhos das pedras, das urtigas e das rosas selvagens, das magnólias e dos arbustos da Quinta dos Nabais onde agora Leonor passa os dias.

Descuidada, cheiro a amoras e a erva nas palmas húmidas das mãos, aproxima-se do cravo ao qual se senta, escutando no peito a melodia das palavras usadas nos versos acabados de escrever. Feliz e ao mesmo tempo ensimesmada e livre no seu sonho, permitindo-se voar no próprio pensamento até Paris, de onde chegam as Luzes humanistas do conhecimento com as quais pretende construir a sua vida. Imaginando-se na pele de uma Madame de Châtelet, insubmissa e sábia nos braços de Voltaire.

Consciente da inutilidade que tem sido a sua existência, deixa-se levar pela revolta muda, e nem tocar Scarlatti lhe apazigua o desencanto. No desejo intenso de cumprir com determinação um futuro diverso, como prometera a si própria ainda no convento de Chelas, nem que para isso

tenha de esquecer os sentimentos e as paixões, escolhendo premeditadamente a vida que a leve a aceder aos ditames da mudança e do conhecimento por ela há muito reclamados.

A poesia é o único desvario a que se permite.

Como poderia então saber quanto para si o destino tem guardado, se aquilo que os pais parecem esperar dela é somente o aceite de um conveniente casamento arranjado, assente na sua obediência e humildade?

Sobressalta-se Leonor, que a si mesma jurara nunca aceitar a agulha em vez da pena, bordar a cercadura da vida em vez de escrever poemas. Dedicar-se a brilhar na Corte em vez de estudar e aprender.

A entender e a querer um novo mundo.

†

Leonor passa o verão no Palácio Real de Almeirim a convite da Rainha, que faz questão de ver reunidos os melhores pintores, músicos e escritores portugueses nos salões da Corte,

onde durante as longas tardes de estio, as infantas, as princesas e as fidalgas mais jovens, reclinadas em almofadas de damasco e renda de Bruxelas, se divertem a dar motes aos poetas, copiando as freiras de Chelas.

Junto de D. Maria, que a quer por perto, Leonor brilha com a sua beleza, o seu talento, cultura e audácia: aceitando o desafio dos motes, recitando versos escritos por si durante aqueles dias de voluptuoso lazer e – para escândalo da Corte – a intrometer-se nas discussões políticas travadas entre homens, a contrapor a modernidade das suas ideias aos argumentos velhos defendidos pela maioria dos fidalgos presentes. Sustentando ela posições raramente escutadas em bocas femininas.

Levada pelo entusiasmo, cita Sócrates, Aristóteles, Epicuro, e também Newton, Hobbes, Descartes e o seu *Discours de la Méthode*. Mas, sobretudo, defende ardentemente a filosofia de Voltaire, de Rousseau e D’Alembert, que a maioria dos fidalgos ou desconhece ou teme e odeia.

Esgrimindo ideias e argumentos, a seu lado fica sempre o jovem D. José, discípulo de eleição de Frei Manuel do Cenáculo. Comunga o Príncipe do Brasil das posições de Leonor, partilhando as mesmas leituras e o sonho de desejarem um Portugal culto, aberto à modernidade. Se por acaso a discussão se torna mais acesa, D. Maria Francisca Benedita larga o piano e junta-se a eles a fim de os apoiar nos princípios avançados, olhos ardentes a roçarem os lábios do futuro rei, seu sobrinho-marido.

Como se de súbito caíssem em si próprios, os opositores calam-se atemorizados por se terem atrevido, no calor da discussão, a discordar dos Príncipes do Brasil. E o silêncio que se faz na sala é cortado pelas gargalhadas roucas das anãs pretas favoritas de D. Maria e pelo som nervoso dos guizos dos trajes dos bobos às cambalhotas.

Depois de pedir licença à Princesa D. Francisca Benedita e a D. José, Leonor afasta-se devagar, faces enrubescidas pelo entusiasmo, parecendo muito jovem no seu fato de cereja carmim, olhar melancólico entornado de violeta.

Num canto discreto da sala, de paredes forradas a cetim amarelo-torrado, braço nu – onde rolam sete escravas de ouro – apoiado ao tampo de mármore de um tremó dourado, olha-a atenta e curiosa a marquesa de Tancos, delgada como uma açucena no seu vestido branco.

†

Soberana de um Portugal que jamais fora governado por Rainha, sinto-me na obrigação difícil de mostrar severidade e pulso firme nas decisões tomadas, exigindo a mim mesma atenção a tudo o que se passa não só à minha roda mas em todo o país.

Aparentando a maior lucidez e serenidade,

quando na verdade continuo a suportar mal o imenso peso que sobrecarrega os meus ombros pouco habituados a fardos, coração apertado no poço do peito.

Aflição reprimida e recalcada a custo nas noites passadas em branco que me deixam atordoada, olhos enevoados como se tudo o que observo fosse

reflexo num espelho biselado: apresentação da vida pelo seu próprio avesso e queda num inevitável abismo. Imagens pouco coloridas a desenrolarem-se lentas e de contornos apagados, quase sempre desfocadas e cobertas por uma névoa translúcida.

Verão diferente este dos demais descuidados estios passados no Palácio de Almeirim!

Sem bailes de voo, sem piqueniques de estouvamento ou representações de teatro, a respeitar o luto em que me encontro seis meses passados sobre a morte de meu querido Pai e Senhor Rei. Fazendo eu questão, apesar de tudo, de manter os serenins, os concertos, as serenatas, os recitais de poesia, a tentar iludir, quem sabe, a realidade atemorizadora que todos os dias me espera.

A desejar descobrir a força da fraqueza disfarçada, recusando a tentação de ceder à atitude mais fácil para conseguir pôr termo ao que em Portugal me desgosta e lembra um passado recente, querendo apagar o rasto despótico de Sebastião José, que tudo fez para me impedir de ser Rainha e a quem retirei as rédeas do reino. Quereria apagar da memória portuguesa a política exercida como crueldade, as perseguições implacáveis, os crimes contra a Igreja, a perfídia e as intrigas, a injustiça, as prisões sem julgamento e a insídia, o derramamento de sangues.

Olho em busca de D. Leonor de Almeida e acabo por descobri-la, mãos unidas pousadas no peitoril do terraço, expressão sonhadora, olhar perdendo-se ao longo da sebe de faias ou no roseiral em frente, num emaranhado de rosas púrpura e de espinhos de onde sobe uma fragrância intensa. Reparo como o seu cabelo, solto pela aragem pesada do final da tarde rutilante, ondeia levemente em torno do perfil delicado.

O crepúsculo, que se demora nos maciços de cravos encarnados, parece tingir-lhe de carmim o cetim do fato decotado cor de alfazema-clara, num contraste perfeito com o meu vestido de gala preto em seda de Florença, gola bordada com pequenos diamantes em torno do pescoço, a inundar-me de suores nos salões escaldantes, apesar de as janelas de friso se manterem escancaradas a partir da hora em que amaina o calor e assim

permanecerem noite dentro, a deixar passar a aragem que faz crepitar as velas acesas dos lustres.

Depois de terem sido executados alguns trios de Bach, a acatar a vontade da senhora minha Mãe, prestes a seguir para a corte de Espanha, senta-se ao cravo Policarpo José da Silva, primeiro cantor da minha capela, homem com um talento delicado e nervoso, a interpretar dois perfeitos adágios de Haydn. Por momentos desço as pálpebras fatigadas e consigo alhear-me dos cochichos das açafatas, do riso áspero das anãs pretas aninhadas a meus pés. Indiferente à irrequietude das infantas, ao ruído roçagante dos leques esvoaçando nas mãos das fidalgas.

Em boa verdade tento sobretudo ignorar os olhares perplexos dos senhores ministros, a darem conta do meu alheamento e inesperada lassitude: ansiosos, o marquês de Angeja e o visconde de Vila Nova de Cerveira, os primeiros que chamei para o governo ao afastar Pombal, julgam ser seu dever defender-me de mim própria.

†

DIÁRIO

Joana Isabel Forjaz chegou depois de mim ao Paço de Almeirim. Encontrámo-nos na varanda da Sala da Música onde eu assistia sozinha ao tombar do crepúsculo.

Ao escutar uns passos leves, voltei-me, e ali estava ela com a sua beleza de loura mate a olhar-me, crispada.

E ficámos uma diante da outra, emudecidas e hesitantes.

Expectantes.

Com os olhos rasos de água, ela estendeu-me os braços longos; vacilando, deixei que me abraçasse, ainda relutante. Mas ao sentir sobre o

meu o seu coração sobressaltado, esquecida das suas invejas, das suas queixas, das suas revoltas, apertei-a de encontro a mim.

Sem nenhum ressentimento.

Temo a reacção de Teresa ante a nossa reconciliação.

Paço Real de Almeirim, 17 de Agosto de 1777

†

Ao saber que a filha mais velha dos marqueses de Alorna está a passar o verão com a Corte em Almeirim, Carlos Augusto de Oeynhausen apressa-se a ir ao beija-mão da Rainha e acaba por ficar para o serenim onde facilmente encontra Leonor, que agradada de o ver deixa escorregar o olhar fugitivo no seu, sorrindo-lhe vagamente numa cedência furtiva, fingindo escutar com atenção o que lhe diz ao ouvido a Princesa do Brasil, mãos inquietas, muito pálidas e finas a comporem as espigas de diamantes que lhe enfeitam os cabelos fartos.

Na pequena sala onde se abafa de calor, o ruído arrepiado dos leques das damas ameaça perturbar o concerto de Haydn que a Rainha D. Maria faz questão de ouvir nesse dia. Em seguida serão servidos os sorvetes em pequenas taças de cristal da Boémia, por certo na tentativa vã de trazer um pouco de fresco à noite sufocante.

Sem desviar os olhos de Leonor, que igualmente o fita, Carlos Augusto aproxima-se da porta que abre para a sala com paredes forradas de cetim amarelo onde Joana Isabel Forjaz, que viera na véspera, firmada no seu talento e na sua beleza de loura, se prepara para recitar os próprios versos.

Nesse momento chega Teresa de Mello Breyner, muito magra e morena no seu vestido esmeralda, que larga o braço do marido onde levemente se apoiava, à procura de Leonor que conversa com D. Mariana de Arriaga, linda e intranquila no seu fato de seda lilás. E nos lábios pálidos de Tirce nasce e logo morre um breve sorriso de prazer quando revê a amiga, ao reparar como esta e o conde de Oeynhausen se entreolham de longe sem

se aperceberem de estar a ser espelhos dos próprios sentimentos irreprimíveis.

Reflectindo tumultos e sobressaltos.

Só depois Teresa dá conta da presença de Joana Isabel Forjaz, mas apenas o lábio superior franzido mostrará o seu desagrado.

Em seguida recua.

E como se fosse uma sonâmbula, afasta-se vacilante, a desejar intensamente voltar para Lisboa.

†

Quando regressa ao seu quarto, em vez de se deitar, Leonor abre a janela e fica a olhar a noite quente invadida pelo perfume intenso das acácias.

Tenta entender a perturbação que sente diante da súbita intensidade dos seus sentimentos e de tudo o mais que a razão lhe dá a ver de si mesma. A fazê-la perceber não só aquilo que pretende para a sua vida como também o único meio encontrado para o obter.

Plano que tem de ser bem delineado, preparado, estruturado.

Parecendo-lhe o conde de Oeynhausen, porque é estrangeiro, corporizar a sua melhor hipótese de partir o mais breve possível de um Portugal medíocre, que ao sair do convento descobriu ignorante, mesquinho e grosseiro.

A fazê-la querer ganhar voo em direcção ao mundo novo tantas vezes sonhado. Ainda indecisa, antes de tomar nas mãos o que o destino tem para lhe oferecer.

†

DIÁRIO

Não é propriamente um plano.

Terá mais a ver com uma descoberta, uma ideia que começa a germinar no meu pensamento; um projecto a ser arquitectado com vagares de gosto, a tomar corpo, tendo como única finalidade a mudança de rumo da minha vida.

Mudança acompanhada por um novo sentimento, embora ainda mal firmado, malha entretecida algures com o fio da delicadeza e da finura de espírito. Emoção insatisfeita a afuzilar-me o coração descrente, temendo talvez ousar demais.

Recusando entregar-me ao alvoroço.

Ao observar pela primeira vez o conde de Oeynhausen fora das grades do convento de Chelas, onde os nossos olhos se cruzaram num arremedo de vertigem, tomo consciência da sua sobriedade a contrastar com a ostentação da fidalguia portuguesa. Apercebendo-me do poço, da vala, do fosso cavado entre eles: a delicadeza contra a grosseria, a discrição em oposição ao alarde, a civilidade sublinhando o peso da ignorância. Natural abertura de espírito contrapondo-se ao despotismo, a discrição ganhando à tacanhez auto-satisfeita.

Foi essa sua diferença-estranheza de estrangeiro que fez acordar em mim o desejo de partir para o lado de lá das fronteiras portuguesas.

Determinada em encontrar o que me falta.

À demanda da minha própria vida.

Paço Real de Almeirim, 28 de Agosto de 1777

†

ANGELUS

Perecível.

Tu perecível e sem mácula, tal como te vejo reflectida nos espelhos dos salões do Palácio Real de Almeirim para onde foste convidada para passar o verão; eu seguindo-te desde Chelas e tu mal intuindo a minha presença que tenta esquivar-se à tua.

Quebradiça.

Tu quebradiça, olhar de farpa de vidro azul de quem se quer de aço nunca o sendo. Ora de seda ora de renda, malva-rosa e gardénia, boca de cereja sanguínea, sangue de cereja preta.

Tu de narceja, de águia sem nenhum limite. Minha orquídea brava, deslargada de onde foste obrigada a clausura, enxameando de ocre as velas votivas, os fogos-fátuos, os archotes acesos ao longo dos infindáveis corredores e escadas de pedra grossa e húmida do convento onde te prendiam.

Mas agora voas.

Tu de aprisco, de anil e malvasia.

De alecrim e moitas de gerânios vermelhos, de silvas para quem se abeire. Tu à beira, por gosto, dos abismos; enquanto eu estendo a minha mão de afago incipiente, na tentativa inútil de deter os golpes antes de te poderem atingir, a ti ignorante de armadilhas e perigos. No íntimo negrume oculta-se a tua tanta claridade, não entendendo eu em qual me escondo enquanto me esgueiro a espiar-te por entre árvores e espinhos dos arbustos que ladeiam as áleas por onde passeias aos fins de tarde na companhia do conde de Oeynhausen.

Perecível.

Perecível e sem mácula, tal como te vejo de alva, musselina e mel, pescoço longo de cisne, sorriso de sobressalto. Ametistas e topázios a entrançarem-te a espiga dos cabelos, olhos já perlados de crepúsculo. E deste modo irás ser para sempre a minha vida desde agora: seguindo-te, pérola turva, numa obscura ameaça revolvida, tão logo transformada em obsessão e envenenado fascínio.

Infindável loucura.

†

Param a pouca distância uma da outra, à porta da biblioteca Real de Almeirim, de onde sai Leonor de Almeida e onde parece ter intenções de entrar a marquesa de Tancos. Muito séria esta, presa do olhar de cinza da outra, cadernos e livros apertados ao peito, cintura cingida pelo colete do vestido de cetim rosa-água onde, no pequeno decote, se entrançam dois fios de ouro, um com pérolas de neve e outro com contas de coral muito ruivas.

Apesar de há semanas aguardar impaciente o momento propício para se encontrarem a sós, Domingas Manuel hesita, dominando a vontade ansiosa de conhecer Leonor de perto, sonhando ser sua amiga. Desejo acalentado desde que, diligente, assistira a alguns outeiros poéticos no parlatório do convento de Chelas, aonde fora só para a ouvir querendo confirmar o que dela se dizia na Corte: tanto musa quanto poetisa brilhando por trás das grades.

E ali ficara somente a escutá-la, preferindo recolher-se a si própria no resguardo do silêncio, a impedir-se de dar opiniões ou motes, na firme recusa de fazer perguntas reveladoras da sua curiosidade, sem conhecimentos nem nenhuma leitura; mesmo assim fascinada pelo universo da escrita que lhe fora proibido desde menina e por isso sempre lhe passara ao lado.

Sôfrega do que não lia.

Leonor faz menção de deixar passar a marquesa de Tancos, mas esta por sua vez recua a permitir-lhe adiantar-se, e as duas sorriem, perplexa a primeira e perturbada a segunda, acabando por mal se cumprimentarem. E sem se voltar para trás, Leonor afasta-se ligeira pelo corredor comprido onde a luz se abriga, passos abafados pela passadeira persa. Parada e perdida nos seus pensamentos, fica Domingas Manuel quieta, a vê-la distanciar-se.

«Como seria – pensa – se eu me parecesse, me comportasse como ela: fizesse poesia e ousasse dizer o que me vai no pensamento, batalhasse

pelos meus sonhos? Se nas assembleias soubesse discutir, entrasse em debates acesos no calor da refrega, ousando impor-me na defesa de princípios e de ideias?»

Com a longa mão muito branca, punho de renda subindo a desvendar o pulso fino, acaba por empurrar a custo a pesada porta encostada à sua frente.

†

MONÓLOGO DA INFANTA

Encolho-me, agacho-me atrás de um dos cortinados abertos, a descobrir as janelas escancaradas para o grande terraço onde estão sobre as balaustradas os vasos de pedra com miosótis e amores-perfeitos. Balcão onde teria gostado de correr se não me cansasse tanto, obrigada a ficar deitada, encostada nas almofadas de seda lavrada ou de renda de agulha, travesseiros de linho puro e bainha aberta de cada lado da fronha, como me ensinou D. Apolónia Pacheco de Sousa, dona da Câmara da Senhora minha Mãe a Rainha D. Maria.

Jamais descurando a saúde dos filhos, vem todas as noites passar-me os dedos compridos e frios pela testa temendo a temperatura alta, a puxar para cima a dobra bordada do lençol, enquanto pergunta às amas, voz presa não sei por que pedra na cisterna do peito: «A Princesa D. Maria Isabel tossiu muito hoje?» E eu, para não a afligir, tento não tremer debaixo das mantas, sem me queixar da farpa de gelo cravada nas minhas costas, a contrariar o verão em que estamos.

Mas logo me faltam as forças e fecho os olhos, deste modo permitindo que o mal saia da sua torpitude e cruelmente monte, trepe e rasteje no meu corpo, como as lagartixas nos muros altos; usurpando todos os rubis do

meu sangue, ajudando a respiração a tornar-se opressa e ruidosa, imitando o rumor da areia ou do xisto no fundo da garganta; camisa de dormir encharcada de um suor ruim, como comentam baixo as aias umas com as outras trocando olhares de viés cheios dum inexplicável rancor aleivoso, que me dá medo: «A infantazinha esvai-se, a infantazinha esfia-se por conta do mal feito dos outros, a infantazinha morre pela mão da culpa alheia, a infantazinha fica-se no cumprir do castigo de outrem.» – «Arama! Arama!», ouço-as repetir, perscrutando as sombras que as trémulas chamas das velas fazem mover ao longo das paredes, enquanto eu ardo.

Febrões que me tomam, me empurram, me atiram para dentro das chamas altas onde queimo, fazendo-me esbracejar por entre visões de espanto e aflição, a gritar de pavor estrebuchando na cama revolvida e húmida. A fugir de diabos, de bruxas e dragões, de figuras translúcidas debruçadas no meu sono, fazendo volutear com o seu hálito as cortinas de tule do dossel do leito. E eu choro e grito, escorrego para o chão, caio e levanto-me na vertigem, indo embater na mesa onde se alinham os xaropes de frutos e raízes, os bálsamos com sabor a casca de árvore, os unguentos de ervas, os frascos de tintura de eucalipto.

Tropeço nas cadeiras de braços, nas banquetas de veludo espalhadas pelo quarto apenas alumiado pelos finos pavios das lamparinas bruxuleantes postas diante dos santos do oratório. Tossindo, tento que me acudam numa aflição de susto e pasmo, recusando-me a sufocar de ranho e cuspo e lágrimas, até que por fim me voltam a deitar na cama desfeita, onde me seguram até chegar o físico para dar-me o remédio que sempre me acalma e faz dormir, mergulhando exausta num mórbido descanso de desassossego.

Ao fim da tarde, antes de a febre começar a subir de novo, se consigo escapar à vigilância das amas cabeceando de sono, ou à das aias entre si arrufando de riso, à das camareiras fidalgas perdidas nos seus pensamentos, deslizo pelos corredores, asinha, desço as escadas apoiada aos corrimãos de bronze ou de madeira de lustro, escapo descalça pelas

esquinas e umbrais das salas tentando evitar a tanta luz das tochas, das velas dos candelabros, das palmatórias e dos lustres de Veneza e venho esconder-me quieta e muda, acocorando-me enroscada na penumbra dos cortinados de damasco dos salões onde julgo perceber maior animação e ruído. A agasalhar a doença que me esburaca a lisura do peito magro, na tentativa de abafar com afinco a tosse com a mordaça do xaile de caxemira onde me envolvo. E quando me descobrem soluço de desconsolo, inconformada com a ideia de perder todo aquele brilho e tumulto feito de vozes, de riso, de música, de sussurros, furta-cores das jóias cintilantes, a substituir o desabrigo dos olhares ou dos sorrisos de malícia tapados pelos leques voláteis.

Queixo-me sobretudo quando me impedem de escutar, como acontece agora, os poemas que D. Leonor de Almeida, hoje vestida de seda escarlate, recita afoita, modulando e fazendo crescer a voz um pouco rouca, refrigério a atenuar-me o temor e o desagrado. Mas há sempre alguém que acaba por me pegar e me levar ao colo, por entre um surdo murmúrio de palavras hesitantes, relutantes, como se aqueles que me rodeiam tanto temessem calar-se como chamar sobre si a atenção da Senhora minha Mãe e Soberana.

Em silêncio fita-me ela sem nenhuma expressão no rosto severo, mas quando mais tarde vai aos meus aposentos apenas me ralha em termos brandos: «Minha angelada, indo já nos onze anos de idade, não pode comportar-se a minha filha com tamanho estouvamento e alarde dos sentimentos tristes. Não te deves esquecer, Maria Isabel, de que és uma Princesa de Portugal!»

E apesar de arrependida por haver de novo desobedecido aos médicos e me ter comportado como uma inconformada criança impedida de o ser, pouco a escuto, revolvida na habitual aflição, a tentar desfazer o novelo de tosse, de muco e vómito que reprimo, limpo e tapo ao mesmo tempo com um lenço logo escondido debaixo da travesseira, de onde só volto a tirá-lo ao ficar sozinha,

a descobrir assustada uma intranquila rosa sanguínea na brancura do pano.

†

PAPEL ENCONTRADO DENTRO DO DIÁRIO DE D. MARIANA DE ARRIAGA

Tocam cravo primeiro, depois recitam poesia.

Às vezes trocam: primeiro declamam os versos e em seguida sentam-se ao cravo.

Conversam noite fora no quarto uma da outra.

Confessam os sonhos, tentam ganhar o tempo que perderam zangadas, evitam mencionar o nome da condessa do Vimieiro e bebem malvasia, falam dos livros que trazem na memória, e quando desperta o sol no horizonte têm saudades da noite que termina, a alva perdida em neblina a trepar-lhes devagar pela nudez dos braços.

Enovela-se depois nas pernas o tule amarrotado das saias leves numa nuvem branca, indo mais longe entornar-se rubro na brandura das rendas, na turvação das sedas, a descobrirem já os corpos mate. Indolentes desfazem os laços da cintura, cabelos soltos dos pregos encimados por sangrentos rubis e ouro forte, enquanto na morbidez da pele murcham as rosas postas por elas na orla dos decotes.

Em segredos divagam, vibrantes, quebradiças.

Entontecidas ambas com os odores de almíscar e nardo, os dedos de fuso distraídos desfiando diamantes e opalas, desatam intimidades e, enquanto isso, repetem devagar os nomes próprios embriagadas as duas pelo riso.

Porfiando em encontrar motivação segura para não acreditarem no destino sem iludirem porém as clausuras: a da viuvez no caso de Joana

Isabel, e a de Leonor liberta há pouco, mas já ameaçada por uma nova prisão imposta e feminina; momentos de loucura que os versos cruzam e a vida descruza numa avidez imprópria.

Incrédulas, vão tecendo inquietudes.

Portadoras de fogo e desmesura.

†

Quando o ministro Aires de Sá e Mello encontra na Corte de Almeirim o conde de Oeynhausen, acabara de passar ao papel a decisão ajustada pela Rainha D. Maria sobre as queixas apresentadas por oficiais do Regimento de Valência do Minho contra ele, há dez meses seu coronel comandante. Alegando estes oficiais aspectos vários ligados ao trato pessoal e a matéria disciplinar.

Tenta ainda desviar-se, a fingir-se atento às conversas e discussões, mas o conde, que a partir do pouco ouvido desconfia que Aires de Sá e Mello já sabe qual a decisão da Soberana sobre a queixa dos seus subalternos, agiliza o passo acenando-lhe, decidido a falar-lhe. Mas logo o outro se esquiva, e em seguida o desanima com o sigilo que guarda, garantindo nada saber ao certo sobre tão delicada matéria.

– Por motivo do desastre sofrido pelo conde de Bobadela, quem esteve encarregado do inquérito, tanto do interesse de Vossa Excelência, foi o inquiridor Diogo Ferrier. Será ele também a informar o senhor conde de Oeynhausen da Real decisão de Sua Alteza acerca deste caso.

Carlos Augusto põe a mão longa e macia no ombro do ministro. E a fitá-lo nos olhos pequenos diz, usando de prudente brandura:

– Seja qual for a decisão, quero afirmar a Vossa Excelência aquilo de que, por certo, já tem conhecimento: o pedido feito por mim a Sua Majestade, no sentido de ordenar a minha audição em Conselho de Guerra, para que possa defender a minha honra frente a quem me acusa.

Sem resposta para lhe dar, cala-se Aires de Sá e Mello e um silêncio pesado cava-se entre ambos. A certa altura, porém, dando-se conta do imenso tempo em que estão naquele calamento, o ministro encara-o

interdito a desvendar-lhe a crispação do rosto e do olhar turvado. Curioso, Sá e Mello vira-se a fim de descobrir o que tanto ele fixa, absorto, e descobre à entrada da Sala da Música, de costas para o arcebispo de Tessalónica no seu hábito branco de carmelita, D. Leonor de Almeida, esbelta num vestido cor de jasmim-claro, gargantilha de esmeraldas no decote, em empenhado debate com D. Joana Isabel de Lencastre Forjaz, leque de plumas rubras a tapar-lhe o riso.

A completarem-se, a harmonizarem-se.

Como amigas e como poetisas.

†

Decepcionada com o facto de Leonor ter reatado com Joana Isabel Forjaz uma amizade perniciosa sob todos os pontos de vista, Teresa de Mello Breyner regressa mais cedo a Lisboa.

Olhar vago, vazio e perdido.

A seu lado, o conde de Vimieiro respeita-lhe o silêncio, embora não compreenda a melancolia da mulher e menos ainda a amizade feminina na sua exigência e entrega tempestuosa. Com os homens tudo é mais simples, sem aquelas perplexidades aturdidas e aflitas.

Mal chegara ao Palácio de Almeirim Teresa compreendera tudo o que estava a passar-se com a amiga, embriagada com a liberdade.

Um brevíssimo segundo bastara-lhe.

Mesmo o namoro firmado por Leonor com Carlos Augusto de Oeynhausen, que percebe demasiado atordoado pelos próprios sentimentos onde já impera uma paixão de que ele não tem hábito. Tentara ainda chamar a amiga à razão, mas ela mantivera-se indiferente às suas posições e a firmar-se nas suas.

Indiferente aos argumentos invocados.

E isso magoara-a.

†

Depois de ter contornado a longa álea de limoeiros doces, apercebo-me de Leonor de Almeida a subir, no seu passo ao mesmo tempo decidido e alado, a alameda de jacarandás juncada de flores, a luz irisada do fim da manhã nimbando de azul-pervinca o fulgor do tafetá do seu vestido aceso, de tão branco e leve, ao sol do meio-dia.

Um inesperado vento vindo do lado dos maciços de cravos-da-índia, ou das moitas de rosmaninho e de erva-cidreira, vai moldar-lhe, tépido e sem pressa, as pernas altas e esguias na saia de *shantung*. Julgando-se só, não cuida ela de tapar o arrebatamento expresso pela intensidade misteriosa da expressão do seu rosto habitualmente pálido, nem tenta apagar o sobressalto dos olhos cintilantes e perdidos no sonho.

Paro antes de ela se aperceber da minha presença e fico de longe a admirar-lhe o porte esguio, a delinear-lhe os contornos dos seios pequenos e firmes, a dedilhar-lhe a doçura da pele rosada. Cabelos dourados ondeando soltos, onde mal se equilibra um pequeno chapéu de palha preso apenas por dois pregos de ouro encimados por turmalinas e jaspe sanguíneo. Sem conseguir entender aquilo que nela tanto me atrai como me assusta.

E ao vê-la aproximar-se, balançando com a mão desenluvada a bolsa de seda carmesim, pulso nervoso onde se enreda um fio de águas-marinhas e topázios, mostro-me e começo a avançar na sua direcção, ousadamente sorrindo-lhe, coração descompassado no peito.

– O senhor conde de Oeynhausen veio hoje mais cedo… – diz-me com ironia reticente.

– Nunca é demasiado cedo para ver Vossa Excelência – respondo-lhe, inclinando-me. E, alvoroçado, tomo-lhe a ponta afuselada dos dedos para os levar aos lábios.

Suspeitando que ela será o único amor da minha vida.

†

«Será sempre assim, imprevisível e secreta» – imagina a belíssima condessa de Soure enquanto fita Leonor a declamar os próprios versos.

Insaciável também, com aquela linha severa que por momentos lhe adelgaça a boca ávida.

Alimentada por sonhos impossíveis.

Sibila que se aprimora na arte dos sonhos visionários em busca da poesia. Mostrando-se indiferente a quem a queira fazer sua, a quem a galanteia, lhe faça a corte.

Fria e distante.

Enquanto os olhos prometem outra coisa.

†

Para surprender e também para agradar a Leonor de Almeida, o Príncipe D. José convida Filinto Elísio para ir declamar versos aos serenins do Paço Real de Almeirim.

Quando o vê deslocado e obscuro no meio dos fidalgos aperaltados e das damas que fazem cintilar beleza e jóias, ela vai em seu auxílio, guiando-o para um canto a fim de conversarem mais à vontade.

– O que fazem poetas como nós por estes sítios? – pergunta-lhe ele, cabisbaixo.

Leonor envergonha-se e ri para não ter que lhe responder, e a aliviar a culpa de ali estar por gosto a deleitar-se com a doçura da frivolidade e do fausto.

– Cede-se com demasiada facilidade ao nosso oposto e princípios. E ao perdermos os ideais estamos perdidos – continua Francisco Manuel do Nascimento, de olhos em baixo.

Inquieta, Leonor aproxima-se mais no recanto sombrio e quer saber o que se passa com ele, seja o que for que assim lhe cava as olheiras no rosto emagrecido, lhe trava a ironia e apunhala o peito com a tristeza mais funda. Francisco Manuel cala-se primeiro, mas depois desabafa:

– Estou a ser investigado pela Inquisição. Fui denunciado.

– Denunciado por quem? – quis saber Leonor, mas ele desvia o olhar vazio e cala-se. E quando fala é para perguntar por Maria com a voz embargada.

†

QUEIXA DE MARIA

Quando Leonor regressa do verão passado no Palácio Real de Almeirim, já o contrato do meu casamento com o conde da Ribeira Grande havia sido firmado por nosso Pai, que ainda na prisão da Junqueira já o tinha apalavrado, assim como o da mana com D. Brás da Silveira, sem cuidar de saber das nossas vontades. Todavia, enquanto minha irmã se debate e insurge diante da ideia para si insuportável de um casamento imposto, eu amedronto-me, choro às escondidas num desânimo surdo, mas acabo por aceitar o que o meu infeliz coração recusa.

Prisioneira de um amor mil vezes proibido.

Que outra cousa poderia ou quereria eu fazer? Se nenhuma esperança me resta de voltar a aproximar-me de Francisco Manuel do Nascimento, pouco me interessa com quem me caso. Mas entendendo Leonor esta minha atitude como mera obediência cobarde, zanga-se comigo, e como não me atrevo a contar-lhe tudo acerca dos meus sentimentos amaldiçoados, calo-me. Prosseguindo com o meu habitual comportamento, só à aparência instável, tão depressa lhe sigo o pensamento como me recuso a aceitá-lo, a copiá-lo.

Pois se logo lhe quero, a seguir a rejeito.

Desejando ora ser sua face ora o seu oposto, a ela constantemente me prendo.

E dela me solto.

Por vezes com arrependimento, outras vezes com arte.

Admiro-a e temo-a na tamanha desmesura, tão imprevisível e ambiciosa que me assusta, lançando com insistência à sua volta o caos da dúvida; pois levada pela constante exigência de aprender e compreender, de nada já está certa – ávida de tudo.

Enquanto nela se evidencia a rebeldia, em mim revela-se a submissão. Passividade que ainda me há-de matar um dia, pois o que no meu carácter aparece como estouvamento e superficialidade não passa na realidade de encobrimento do medo, de incontrolável dependência do aceite, de fingida alegria. Pavor desta inclinação para me sentir tomada e em seguida abatida, como uma ave.

Pano eu, onde não cairá nenhuma nódoa.

Contrária de minha irmã, que guarda no peito a fera adormecida e predadora que prefere morrer a ser domada e a obedecer ao dono, jamais indo comer à sua mão. Não me enganando quando reafirmo, usando de falso riso:

ser ela o milhafre e eu a andorinha, ser ela a águia e eu a codorniz.

Ela a desobediência.

Eu a anuência daninha.

Desconhece-me afinal Leonor ao julgar-me linear e transparente, só por isso acreditando ser o meu noivado o revide que não é, marca da minha vaidade, vontade tumultuada de casar antes dela, de me mostrar mais desejada e amada. Tento explicar-lhe como está enganada e ela nem me ouve, entretida com as suas fantasias, e a lutar com o nosso Pai face à sua recusa em aceitar o namoro e menos ainda o noivado dela com o conde de Oeynhausen, a quem ele também odeia.

Embora menos do que a Filinto Elísio.

†

Algumas vezes acorda de madrugada julgando estar deitada na cama de ferro a um canto da sua cela no convento de Chelas. Por momentos imagina ouvir o roçagar dos hábitos das freiras no chão de pedra, quando na verdade o que a despertara fora o vento a marulhar nos ramos pesados dos cedros e nas folhas largas das magnólias, a entranhar-se nas ramadas leves das acácias e das indívias, a acariciar as tílias cujo cheiro estriado lhe chega ao travesseiro.

Na quinta de Almeirim o tempo passa lento, com mansidões de nardo, adormentando-lhe a imaginação, limitando-lhe o pensamento que a solidão pesada do convento aguçava. Ao longo das tardes mornas toca piano e escreve versos, lê Teresa de Ávila e Soror Juana de la Cruz, Voltaire e Rousseau, de novo às escondidas. Tal como acontece com as visitas clandestinas de Carlos Augusto de Oeynhausen que, enquanto conversam embrenhados na mata para lá da quinta, tenta em vão agarrar-lhe os dedos gelados, aflorando-lhe levemente os ombros ao inclinar-se para lhe respirar o perfume da nuca por entre a ondulação dos cabelos frisados.

Maria cala-se e acoberta-lhes o namoro.

Mas alguém vai comentar com D. João aqueles encontros e este, enfurecido, não só proíbe Leonor de tornar a sair sozinha, como se recusa a receber o conde, que pretende pedir-lhe a mão da filha. Ele sabe que, para além de estrangeiro e de não ser rico, Carlos Augusto de Oeynhausen chegara a Portugal na sequência de uma fuga da Fortaleza de Spangenberg na Alemanha, onde estava preso por haver jogado e perdido uma grande soma de dinheiro à sua guarda.

Além do mais o casamento desejado pelo marquês de Alorna para Leonor está apalavrado há muito. Recusando-se a acatar as ordens do Pai, mantém esta o namoro com o conde alemão, desse modo seguindo mais o que lhe dita a razão do que aquilo que lhe diz o coração.

Gosta de tudo o que nele vê de diferente dos fidalgos portugueses: a gentileza, a claridade dos olhos azuis, a delicadeza da pele branca e a magreza das ancas estreitas, da seda dos cabelos louros escondidos debaixo de uma severa cabeleira que ela mesma lhe tira quando fogem para a mata, a esconderem-se no arvoredo.

Para Leonor, Carlos Augusto personifica a fuga para o estrangeiro, o espaço livre do mundo

numa Europa que a espera.

Portugal sufoca-a.

†

MONÓLOGO DO MARQUÊS DE ALORNA

Sei da ardente vontade que Leonor tem de viajar, de conhecer outros países: «Os mais distantes! Passos em volta uns dos outros, em torno do vasto mundo», costuma sublinhar com acinte. E a esse motivo prende-se grande parte do seu teimoso interesse pelo conde de Oeynhausen, pois imagina minha filha que sendo ele estrangeiro a levará mais facilmente para fora de Portugal. Para isso, porém, terá de vencer primeiro a minha determinada oposição de Pai ao seu casamento com o fidalgo alemão, de parcos meios e ainda piores costumes, evadido da Fortaleza de Spangenberg onde esteve preso por motivo de jogo e pouca honra, trazido para o nosso país pela generosa mão de seu primo o conde de Lippe, protegido do marquês de Pombal.

Reconheço sem nenhum pejo e até de bom grado que para o afastar de Leonor recorro a tudo: zangas e interdições, intrigas e se preciso for meios mais drásticos, pois necessário é neste caso «*andar eu com o prumo na mão*», jamais os perdendo de vista. Assim, proibi-a de sair de casa sem ser na companhia da Mãe, de receber bilhetes e cartas senão lidos já por mim, e quando o conde nos visita escuto-lhes as conversas, sigo-os, diviso as suas expressões.

Vigio-os.

Observo-os, e desse modo os controlo.

Espreito-os.

Falando-lhes com aspereza, com dureza, e até com rudeza, sem pretender em nada moderar um forte e evidente travo a destempero:

– Se o senhor conde de Oeynhausen deixasse de comparecer seria melhor para todos nós! Minha filha é flor de meu peito e ninguém a

colherá se não for do meu gosto. Desobedecer-me não a deixo, nem no ombro de quem eu não aprove encostará a cabeça.

É de grande conveniência ficarem cientes de ser eu quem manda por aqui. Sou eu quem dou ordens, sou eu quem crio as tempestades.

«*Sou eu que faço os desdéns.*»

Não quebro nem mostro sinais de fraqueza mesmo quando Leonor, com o seu temperamento revoltado, me faz frente ousando contestar-me as decisões. Sempre pronta a responder-me, a desobedecer-me. Fazendo eu os impossíveis por não me mostrar perplexo quer com a sua frieza quer com a sua dilatada rebeldia. Desconhecendo-a, tão diversa a encontro daquela outra filha que me escrevia do convento de Chelas cartas de desmesurado agrado, nelas me dando garantias de cega obediência.

Tenho-me eu em conta de um Pai por demais paciente com toda esta rebeldia, havendo entretanto cedido a alguns dos seus caprichos ao deixá-la repelir com desprezo, ainda em Chelas, D. Brás da Silveira e, já fora do convento, cada pretendente da minha simpatia. Sempre ela reclamando: um de ser coxo, outro idiota, aquele por ter um olho cego, e de todos a muita idade. Como se ninguém fosse digno dela, nem capaz de manter de igual para igual pensamentos tão subidos.

Incapaz Leonor de um gesto feminino de amor submisso e humildade, se até na teimosia de querer casar com o conde de Oeynhausen não lhe encontro qualquer sinal de paixão mais acesa.

Se um dia esta minha filha conseguir gostar
será de si mesma.

†

Foge-lhe dos braços e, rápida, embrenha-se no bosque que ladeia o jardim frondoso da quinta dos Nabais, com a grande casa branca ao fundo. As silvas, os cardos e os espinhos das rosas selvagens prendem e rasgam-lhe a bainha do vestido de cassa, indo lacerar-lhe os pés através do cetim verde-lírio dos sapatos bordados a crivo e lâmina de prata, encharcados já da terra ensopada pela chuva dessa manhã.

Ele segue-a depressa, passo largo galgando a distância que os separa, farda azul muito hirta a magoar-lhe o corpo magro e ágil. E quando finalmente a apanha, agarra-a pelos ombros fazendo-a voltear nos seus braços, lábios roçando-lhe o pescoço longo e delicado a sentir-lhe o odor a malva e a gardénia. E só então a toma pela cintura delgada, quebrada, enquanto ela se deixa conduzir em silêncio, com uma espécie de indiferença que o desconcerta.

– Só quero que me ouças – pede-lhe.

Inesperadamente sente-a crispar-se, e por isso se cala e aperta-a mais a si em jeito de sustê-la, descendo-a depois devagar a beber-lhe o hálito de goivo. E sem parar de beijá-la, inclina-se para a estender debaixo de um pinheiro, no sítio onde a caruma e as folhas poupadas pela tempestade do equinócio fizeram uma estreita cama.

– Não sou um jogador por vício, por hábito, como te contou o marquês de Alorna teu Pai! – diz-lhe baixo. – É verdade que joguei, cedendo à tentação do demónio, sei lá… Mas juro-te por minha honra não tornar a fazê-lo!

Carlos Augusto pede a Leonor não tanto o seu perdão ou a sua confiança, mas que o ame tal como ele é, mesmo sendo os seus defeitos mais do que os méritos. Percebendo isso, ela amansa, sem vontade porém de ceder, de perdoar-lhe a decepção sofrida. Perdida a ilusão de ele ser perfeito, continua ressentida e sombria.

Porque ele não é o herói de que tanto necessita.

Abeirando-se dela pelo brilho.

Pelo garbo.

Jamais pelo lado da mácula, do turvamento a que tivesse de dar lustro com a ponta da imaginação como se fosse a ponta da manga ou dos dedos enluvados. Queria-o de uma brancura cintilante, de modo a mostrá-lo imaculado a seu Pai quando este lhe perguntara:

– Pretende a minha filha desobedecer à vontade de seu Pai para casar com um jogador? Um militar foragido, evadido do forte onde estava preso por ter perdido ao jogo o total dos ordenados do seu regimento?

Carlos Augusto debruça-se um pouco mais, mas Leonor esquiva-se, não querendo dar-lhe a ver a marca do ferrete que as palavras do Pai lhe haviam deixado.

– Não estejas zangada comigo, Nelly! – roga tão baixo que ela mal o ouve. – Aflige-me saber-te tão agoniada devido aos meus antigos pecados! – insiste, com ternura envergonhada. Mas Leonor já se ergue a encará-lo nos olhos cinzentos, que Carlos Augusto desejaria conseguir manter afastados da luz dos dela, de um azul de cinza ponteado de ouro.

– Nunca mais quero escutar sobre ti palavras que me envergonhem! – exclama alto, acrescentando com dureza:

– E muito menos isso poderá acontecer se chegares a ser meu marido! Não destruas o respeito que guardo por ti.

Diante um do outro confrontam-se pela primeira vez, sentindo Carlos Augusto nela uma crueldade tamanha, que julga entender estar ela a testar o seu amor.

Por isso cede,

frouxo.

Amando-a ainda mais, como se isso fosse possível, fascinado com a desmesura do gelo onde o coração de Leonor sempre arde.

†

«Mana Leonor do meu coração

Que linda carta me escreveste.

Tomara dizer-te os meus sentimentos, mas gastaria nisso muito tempo escusadamente, porque tu conheces melhor do que ninguém o meu coração, e por consequência aquilo de que este é capaz.» Mas, para ser contigo totalmente franco, como é meu hábito e bom costume, tenho de confessar-te que, embora julgando entender-te em tudo, desconheço os princípios em que te baseias e apoias para te rebelares contra o destino, querendo em troca tu mesma construíres um outro, deixando-me dividido: tu menina voadora de uma banda, e da outra o senhor nosso Pai, dono de

seu aprisco! E se desejo a felicidade de minha irmã, estou sem querer verte partir, largando-nos a todos para trás, sem condições de seguir teu rasto.

Terá de ser, Leonor, exactamente assim?

«*Ainda que tu, mana, tenhas mais razão que eu de questionar o mundo, não o tens feito tanto como eu ponho costume*», andando como ando ao deus-dará desde pequeno pelo lado da secura da vida, enquanto tu, apesar de tudo junto de nossa Mãe, recebeste do embalo e da ternura outro agasalho. Vais-me desculpar se insisto na dúvida de estares certa, ao tanto quereres levar avante a tua vontade neste caso, que parecendo ser de amor é bastante mais de liberdade.

Da tua liberdade.

Ferindo a mana por ela a torto e a direito, tudo e todos em proveito próprio, e isso incomoda-me alguma cousa, sabendo como sei quanto te empenhas, Leonor, em sair de Portugal por nele não caber a tua ambição e desmesura.

Sem perceberes até que ponto te deslumbras contigo mesma, deixas-me sem chão, desabituado de tantos ilusórios sonhos, tamanhas fantasias de intensidade, propósitos de glória, a contrariares sem teres medida quem desorientado te rodeia. A um ponto tal que nem sei se mesmo o teu bendito Voltaire te aprovaria.

Rogo-te minha irmã: repensa as tuas decisões a este respeito! Pondera se tão desmedidos projectos não te prejudicam mais do que te beneficiam, se aquilo que supões ser alegria não poderá antes representar teu triste fim. Conversa novamente com o conde de Oeynhausen e resolvam ambos o melhor para o vosso futuro. E quando me convenceres de ser por amor que com ele te acertas e partes, podes crer minha Leonor que estarei do teu lado.

Aceita um beijo e as infinitas saudades
do mano
Pedro

13 de Novembro de 1777

†

– São as leituras feitas a esmo por ti, sem controle de nenhuma parte, que têm vindo a incutir no teu espírito essa insubordinação sem limites. A darem em cada dia que passa mais alimento à tua teimosia, às tuas ambições e excessivos sonhos, impróprios da alma feminina. Obras como a de Voltaire e a de Rousseau – já to disse uma vez – querem-se queimadas, nunca à cabeceira!

Leonor estremece indignada ao escutar as palavras do Pai, e apressa-se a esconder alguns dos livros trazidos de Chelas. No dia seguinte, estando os pais fora de casa, arrasta Carlos Augusto para o pequeno gabinete onde, pela bainha das horas, ela escreve, lê e toca cravo diante da janela, tangida pelas hastes quebradiças do hibisco carregado de campânulas rosa-pálido estriadas de vermelho.

Dizendo-lhe numa voz sumida:

– Casa comigo, se é isso que desejas e eu preciso.

†

– Chama a tua irmã e depressa! – ordena o marquês de Alorna a Maria. Tão alto lhe fala que ela logo lhe entende o descontrolo e, em vez de Leonor, vai em busca da mãe que encontra a bordar a ouro e a ponto de cruz a cercadura de um pano de altar.

– Venha a senhora minha Mãe antes de o senhor meu Pai encontrar a mana! – pede afogueada, voz enrouquecida, os olhos tristes muito acesos. Mas antes delas, chega Leonor ao escritório que D. João percorre com passo agitado.

– Diz-se na Corte ter o conde de Oeynhausen pedido licença à Rainha para ser baptizado a fim de casar com a minha filha! Isto é verdade?

Em vez de se intimidar, Leonor olha-o nos olhos. Atingido por esse olhar ele pára, interdito, como sempre que ela o desafia.

– Sabe bem o senhor meu Pai qual é a verdade e o motivo de tudo isto. Por acaso o conde de Oeynhausen não pediu já a minha mão a Vossa

Excelência?

– Pedido de casamento que eu recusei.

– Mas eu aceitei.

Avançando mais um passo que deseja firme, Leonor enfrenta a vontade férrea do pai, no seu propósito de a afastar de quem ela já escolheu.

– Com a minha autorização e a minha bênção tu não casas com esse estrangeiro! – grita ele, tomado por uma violência desconhecida de todos os que o conheciam antes de ter dado entrada no Forte da Junqueira.

– Para casar sem autorização a idade não me falta, mas preferia sair de casa de meus pais casada, com a bênção e a alegria dos dois.

– Pois nunca a terás, e daqui não vais para lugar nenhum que eu não consinto.

– Com o devido respeito, torno a lembrar a Vossa Excelência a minha decisão de casar com o conde de Oeynhausen, nem que para isso leve séculos!

Mas reparando na mãe e na irmã assustadas à entrada da porta, amparadas uma na outra, acrescenta condoída:

– Lamento infinito o desatino, parecendo-me por tudo isto ser de melhor acerto ir passar uns tempos a casa da tia Mariana, condessa de Atouguia e vossa irmã, senhora minha Mãe. E virando-se de novo para D. João, parado a fitá-la emudecido de raiva, torna muito calma:

– Reflicta o senhor meu Pai neste assunto. Pois como não sou mais uma criança, sei o que melhor convém à minha felicidade.

Tomando entre os dedos cada um dos lados da saia do vestido de tafetá lilás com listas verde-pimenta, ergue-a um tudo-nada, roda o corpo delgado e ganha a penumbra do corredor, onde melhor resguarda do olhar de todos o evidente tremor dos ombros descobertos.

†

Como é possível, Tia Mariana, ver-me obrigada a sair de casa de meus pais e a vir refugiar-me junto de Vossa Excelência, buscando em desespero compreensão e ternura?

Fugida do olhar de aço do senhor meu Pai e do silêncio conivente e consumido de minha Mãe, vossa irmã, que nunca me defende do excesso de autoridade que ela mesma acata com aquela absoluta submissão a que eu me recuso. Contrariando ambos, senhora minha tia, decisões pessoais que estou certa de contribuírem para a minha felicidade. Pediu o senhor conde de Oeynhausen, com humildade mas também com firmeza, a minha mão, logo recusada por meu Pai apesar de estar conhecedor de eu não aceitar outro enlace.

Basta de despotismo, senhora minha tia.

Não pense Vossa Excelência estar a confessar-vos morrer de paixão romanesca pelo senhor conde de Oeynhausen, mas é a ele que eu quero como marido, é para ele que voam meus interesses e inclinações, unindo como une a delicadeza à finura de espírito e à sensibilidade. Portanto não cedo, não o troco por nenhum dos pretendentes arranjados por meus pais: um coxo, outro vesgo, outro analfabeto, e todos eles velhos.

Engalanados mas velhos.

Eu, senhora minha tia, não suporto quem me seja nefasto, alguém de quem me enoje e cujo cheiro me repugne. Desagrada-me a incultura e ainda mais a rudeza, a grosseria portuguesa da qual durante muitos anos a vida me manteve afastada. E não será agora que vou conviver com essa boçalidade; muito menos ainda dentro de minha casa, deitado na minha cama! Por isso, tia Mariana, vos pedi refúgio enquanto aguardo a sentença de meu Pai sobre este caso. Só dele depende tirar-me ou não as últimas esperanças de fazer um casamento que não me arrede da convivência com a família.

Mas desde já garanto a Vossa Excelência muito me apoquentar a situação criada, afastada daqueles que mais amo. Mesmo o mano me assusta com o seu silêncio e Maria, que aceitou casar a contragosto com o conde da Ribeira, leva largos tempos sem responder às minhas cartas.

Sou invadida por vezes de melancolia, sem embargo do desmedido carinho com que Vossa Excelência me trata, igual ao dedicado a minhas primas. Pois eu, que julguei ser a primeira das filhas de casa de meu Pai,

fui afinal rejeitada sem custo, não obstante ele saber o abatimento em que me lançam seus rigores. E se me recuso a retroceder e a quebrar juras, não é por me ter endurecido o coração, mas sim por estar firme no propósito de casar-me por escolha própria. Eu sei o que me faz falta. Aquilo que quero, tendo em conta princípios e sentimentos.

Não estudei tanto, senhora minha tia, para ser tratada como uma criança, ou como uma mulher leviana e idiota, incapaz de decidir da sua vida. Porque apesar de partir da base de ser justo, em nome da minha felicidade, transforma o senhor meu Pai a sua preocupação em prepotência, tornando-me a pessoa mais infeliz do mundo.

Pela minha glória trabalho eu, sem desguarnecer nenhuma frente, buscando o conhecimento e optando pela razão em detrimento das emoções mesquinhas.

Luto contra a obscuridade que mata os ideais, e pela luz que brota do debate de ideias e princípios.

Só deste modo posso alcançar a minha felicidade,

senhora minha tia.

†

É pensando em Leonor de Almeida que a Rainha decide indeferir o pedido de convocação de um Conselho de Guerra, apresentado pelo conde de Oeynhausen tendo em vista a defesa da sua honra.

D. Maria julga ser melhor para a sua valida ficar-se por ali, abafar o caso, não pôr mais achas na fogueira do marquês de Alorna, pai austero a lutar contra o amor de ambos por si acarinhado pois, como gosta de Leonor, toma o seu partido, defende o seu caso de amor contrariado. Entendendo como ela é culta, ambiciosa, inteligente, quer preservá-la, defendê-la, ajudá-la.

Ama os versos que ela faz.

A maneira audaz como exprime o seu pensamento.

O seu olhar brilhante de audácia.

Dá-lhe prazer ouvi-la falar de livros, de filosofia e de política, sabendo defender com firmeza opiniões e ideias.

D. Maria jamais se esquece de como Leonor perdera grande parte da sua juventude por ser neta dos marqueses de Távora, mortos pela mão do marquês de Pombal, mas com a ordem assinada por El-Rei seu Pai.

Por vezes consegue adivinhar nela a menina que foi, a crescer em clausura. Então, mãos subitamente trémulas, testa perlada de suor frio, assusta-se; a língua prende-se-lhe, e quando se solta vai aflita em busca de saliva,

na secura da boca.

†

Minha querida irmã
minha Maria

«*Quem me diria a mim, querida mana do meu coração, que ainda haveria de olhar com saudade para os dias passados em Chelas! Que Almeirim não viria a ser aos meus olhos mais que um sítio de angústia e de melancolia? Só, sem a minha irmã, vendo minha Mãe entre dois fogos; ela a quem daria até à última gota do meu sangue, e por quem não posso fazer mais do que chorar. Chegando ao ponto de sentir pesar-me de tal modo a existência, que olho para a morte, com aquela indiferença natural de quem vive tão desconsolada como eu.*

As quinze léguas que nos separam, minha querida mana, figuram-se-me uma distância imensa e a sua imagem não se me representa senão como a dos anjos no céu, a quem os mortais não podem chegar. Parece-me que há um ano não nos vemos, mana, e neste espaço de tempo têm-se passado inúmeras catástrofes e desgraças imensas.»

Pergunto-lhe: será que nosso Pai já terá começado a olhar para a minha consumição com a piedade necessária? Ou estará conjecturando mais alguma razão contra esta sua filha que, se não fosse tão desesperançada,

esperaria que ele se esforçasse alguma cousa no sentido de a descobrir favorável e triste, em vez de a colocar eternamente perto do desgosto?

«*Quem me diria a mim, que meu Pai me julgaria uma heroína de romance, que arrastada por uma paixão ridícula, depois de tanto trabalho para estudar o que verdadeiramente convinha à minha felicidade e à minha glória, chegasse aos vinte e sete anos para agir como uma criança?*»

Afinal ele, que afirma ter mais luzes que todas as pessoas, só vê o pouco que julga eu valer, não lhe dando pena perder-me. No entanto, «*sinto não sei o quê no coração, a dizer-me que meu Pai, mesmo sem merecimento nenhum da minha parte, quererá conservar-me, e que a sua cristandade tal como o seu carácter não sofrerão por muito tempo o espectáculo da minha aflição e o receio da minha morte.*

Dê-lhe a mana por mim os mimos que eu não posso, faça-lhe compreender o que eu não digo, e jure-lhe da parte da sua filha verdadeira que não é a minha uma paixão frívola a que sinto, daí a minha firmeza. A mana conhece-me bem, sabe como são sinceros os meus princípios, e se a vontade de meu Pai não constitui para mim a lembrança mais adorável, arriscada será a minha sorte, pois sou uma miserável vítima de uns poucos de mil cruzados.» Mas, como a minha religião é a vontade de Deus, apenas isso está expresso no ditame da minha consciência.

«*Escreva-me a mana o que puder sobre o meu destino que me inquieta muito, pela relação que tudo isto tem com a firmeza na religião do meu pretendente, assim como a sua pouca fortuna, que tudo também depende disso*.»

Entretanto Carlos Augusto voltou a reiterar o seu pedido de casamento e eu tornei a aceitá-lo, mantendo intactas as várias observações já feitas, assim como as decisões tomadas; apesar de nosso Pai pensar que as filhas não merecem nem sequer serem consultadas quando se trata do nosso casamento.

Empenhe a minha irmã, «*peço-lhe, todos os esforços para que meu Pai se abrande*». Bem sei que respeitará mais a opinião dele do que a minha, mas pense no pouco que exijo, já que apenas pretendo a felicidade, o direito a escolher a minha vida.

«*Desejo, minha querida mana, as suas novas, com a habitual eficiência e ternura, para mim tão necessária. Dá-me cuidado a sua saúde e tudo o mais que é seu, assim como do mano.*

Não poderei esperar vê-los?

Deixar-me-á ele cair no poço, logo ele testemunha das nossas mágoas há tantos anos a esta parte? Terá coração para me ver despedaçar deste modo? Perdoe-me a maneira como falo, pois a sua presença faz-me muita falta, pois embora a nossa Mãe me tenha amor, não tenho eu ânimo para afligi-la mais com os sinais da minha melancolia, e não sinto já forças para de mim mesma ocultar nada.» Aliás ela jamais me dá alívio algum, porque segue sempre a opinião de nosso Pai, obedecendo-lhe à vontade férrea. Não me atrevo, Maria, a mortificá-la mais, até porque sei não depender dela o desfecho deste caso. Abra-se pois por mim ao mano Pedro, de quem tenho infinitas saudades, e console-me, peço-lhe, com notícias boas.

«*Peça a bênção a meu Pai da minha parte.*

Adeus querida mana.
A irmã que tanto a estima e ama
L.»

†

Pesa-lhe por demais a ausência de Carlos Augusto.

Mal aprendera o gosto terno das suas hábeis mão macias, atentas ao prazer que sente, já ele partira; desconhecendo Leonor para onde, embora sempre o imagine cavalgando pelas estradas de Espanha.

Magoada com tanto mistério, desconfia daquele afastamento, desacreditando do pretexto invocado para tão súbita viagem: vagos negócios particulares que ela desconhece e ele não especifica, olhar esquivando-se ao seu, tristeza ou inquietação a sombrear-lhe o rosto comprido.

Mais tarde contam-lhe ter sido também esse o pretexto invocado quando do pedido de autorização para sair do Reino enviado à Rainha, mal esta lhe recusara o requerimento da convocação de um Conselho de Guerra a fim de ele lavar a sua honra.

– Espera por mim, Nelly. Não me esqueças! – suplicara-lhe ao despedir-se.

Não sabe Leonor como entender semelhante viagem, ora julgando-a uma fuga cobarde, ora mera prudência, maneira de ganhar tempo esperando o assentar da poeira em relação aos graves conflitos que ultimamente o afligem: a tenaz oposição do marquês de Alorna ao seu casamento com a filha mais velha, e sobretudo as críticas levantadas contra si, enquanto coronel comandante do Regimento de Valência do Minho.

Às saudades sabe Leonor domá-las, dominá-las, mas não à dúvida; nem ao desânimo de ser abandonada, deixada a lutar sozinha pelo amor dos dois.

Admirando-se ela menos com a dor do que com a ferida rasgada na solidão do peito.

†

Um pequeno grito rouco fica a pairar-lhe no beiral dos lábios, coração apertado por dedos invisíveis. Deixa cair os lírios brancos e os jacintos de um azul sombrio acabados de apanhar no jardim da tia. À sua frente, sentadas no canapé dourado da sala, estão a mãe e Maria, ambas contrafeitas, olhar escorregadio ao longo das paredes forradas de quadros e de espelhos onde Leonor descobre, reflectida, a sua cara rosada do ar fresco da manhã. E em vez de se lhes lançar nos braços, que elas também

não lhe estendem, retrai-se, fecha-se no sentimento ressentido pelo tanto tempo que haviam demorado a visitá-la.

Um silêncio espesso fica a pairar entre elas, sem nenhuma o conseguir ou querer quebrar. «*É parco o amor que não se expressa*», pensa Leonor, que mesmo assim avança, sorriso formando-se a custo na comissura da boca, ao mesmo tempo que Maria se levanta para ir ao seu encontro a abraçá-la. Leonor de Lorena permanece sentada, limitando-se a oferecer o rosto ao beijo da filha desobediente, que se curva preferindo beijar-lhe as mãos geladas.

– A vossa bênção, senhora minha Mãe –, pede com voz seca e segura.

Duvidando embora do seu merecimento, Leonor de Lorena leva a mão à sua cabeça inclinada, onde pousa a ponta breve dos dedos transparentes e fugidios; Leonor sente-a contrafeita, e por isso afasta-se com brusquidão.

A rebeldia continua a morar no coração da filha, repara Leonor de Lorena com mansa amargura, mas ela e Maria estão ali como mediadoras ou talvez até como mensageiras de seu marido, que ultimamente vem mostrando ter perdido na prisão muito da antiga tolerância e ternura.

– Porque não vos acompanhou o senhor meu Pai? – pergunta Leonor, adivinhando a falta de resposta. E na verdade elas calam-se, olhos postos no tapete que a avó Leonor de Távora trouxera da Índia para a filha Mariana, condessa de Atouguia.

– A que vieram então? – torna, recuando de novo, ante a resposta dada pelo silêncio das duas.

– O nosso Pai parece ceder no que diz respeito ao conde de Oeynhausen… – explica Maria sem veemência, tentando em seguida, com pouco entusiasmo, convencê-la a voltar para casa.

Sábia, ela desconfia e põe condições, faz perguntas:

– Agora que o conde de Oeynhausen não está em Portugal é que meu Pai cede? Pois eu não cedo, e mal Carlos Augusto regresse casarei com ele.

Imóveis, a mãe e a irmã olham-na com espanto, mal acreditando na ousadia de que Leonor parece fazer gala, indo cada vez mais longe nos termos teimosos, impetuosos, desabridos. E as três hesitam naquele

desequilíbrio: entre as intenções e os actos, o privado e o público. Até porque Leonor, ao ser-lhe posta a hipótese do regresso a casa, apercebe-se do ardil, preferindo continuar na paz onde tem estado nos últimos meses.

Defendida dos conflitos.

– Mas a mana não torna connosco? – pergunta-lhe Maria com ar assustado.

Não acreditando na mudança do pai, Leonor teme as armas desiguais, as armadilhas, os truques, as intrigas; os olhares de aridez e de hostilidade que terá de enfrentar, e quase geme alto, garganta apertada.

– Fico, caso o respeito pela minha vontade não seja garantido.

Leonor de Lorena, que na mulher apenas entende a humildade, sobressalta-se. Não só por aquilo que a filha mais velha acaba de dizer, mas também pelo tom por ela usado. E embora se negue a compreender, também não fala, apoiada em Maria com quem mais se iguala pelo temperamento, pela natureza passiva e pela sensatez, sabendo cumprir o que lhe é imposto.

Orgulhosa, Leonor ergue a cabeça e, ao fitar a mãe, o seu olhar prateado ganha uma implacável centelha ácida que ainda ninguém lhe vira.

†

Regressa semanas mais tarde, empurrada pela mãe e pela irmã, sem qualquer gosto.

Procurando ser discreta cala-se, desliza pelos corredores e pelas escadas, procura a sombra das salas, o silêncio do quarto, o vazio cintilante do jardim e do parque, do bosque nascendo perto da saída da quinta de Almeirim.

Manhosa, beija a mão do pai a olhá-la de soslaio, à espera de um pedido de perdão que não chega; aguardando a cedência da filha que tarda a entregar-se. Nunca medem forças, nem opõem as vontades, mas se alguém vai cedendo é ele, amordaçando a fala e mais ainda o grito a deslaçar-se já, engolindo decisões ditas de honra.

Os dois remoendo mágoas mútuas, alimentando suspeitas, analisando diariamente a realidade construída por cada uma das suas atitudes. Medem os actos que suspendem ou neutralizam e, mesmo à mesa, aquilo que dizem ganha uma opacidade surda e pertinaz. Se por acaso se esquecem de evitar olharem-se na fundura dos olhos, ganham logo o cimo das palavras, onde o mais pequeno som se avoluma em demasia.

«Tu és a tenda onde me abrigo», parece por vezes Leonor querer dizer, mas falando o contrário. E o tom da sua voz tem a dureza do diamante e dos sentimentos implacáveis; não se condoendo com nada, nem tendo compaixão por ninguém.

Desse modo a vida parece ir ganhando algum sossego, caminhando a tomar um novo rumo que afinal é ela a conduzir, a controlar com perfeita habilidade.

†

MONÓLOGO DE LEONOR DE LORENA

Menina, digo-te com susto.

Nunca tive eu outro pensamento que o de meu Pai e o de meu marido, aceitando grata a obediência imposta, filha, e só de imaginar em desobedecer eu tremo, menina, e gemo quando te escuto falar tanto de vontade própria como do desejo que o corpo faz ouvir, não apenas na quentura do coração mas no resto inteiro, esquecida eu com merecimento de meus suores, sangues e cheiros que cubro, lavo, fecho por dentro da pele, mantendo-os limpos, afastada de todo o pensamento impuro. E então vens tu, filha, mostrar-me a dimensão dos sentidos, tremendo eu só de imaginá-los quanto mais acreditar que os sintas, criança ainda ontem aninhada nos meus braços.

Hoje vejo-te, Leonor, nesse preparo, a exigir sem pejo o que de nós se deve manter afastado. Veio-me então este mau presságio, este sobressalto tamanho a sobrevoar-me o peito, demasiado peso na minha consciência, fazendo-me atenta a ti, à espreita, filha, de teu sobressalto, na tentativa de fazer-te aceitar ainda a existência que te cabe. Mas sendo tão orgulhosa e hostil como tua avó, tudo te parece acto de submissão ou de nó cego. Afrouxa antes a vigilância onde te esmeras, Leonor, escasseando a anca na fugida.

Esquiva.

A negares-te ao preceito, ao preconceito, à mansidão, empurrando de ti a maciez, a brandura temperada, tão imprudente filha embora mulher feita, a recusares o bordado para escolheres a pena e com ela abrindo a alma. Desse modo fugindo, correndo, voando na rebeldia desde sempre, dando medo ou provocando espanto, como sentiam as freiras de Chelas diante de teus dizeres e desatadas ousadias, cabelos soltos para ires à grade onde ficavas sorrindo, namorando, inventando versos. E muito me ralava então o teu riso subido, recitando poesias como quem porfia destacar-se, a exibires o saber pelo avesso do trato da humildade.

Não te entendia na altura e nem percebo agora o que busca a minha filha, o que ganha opondo-se a seu Pai. A invocares teus direitos Leonor como se foras homem, negando-te a aceitar como certo o que te parece errado, filha insubmissa, a negares pergaminhos de sangue e costumes herdados, exigindo em troca aquilo a que chamas novo, moderno ou mudança, invocando em teu auxílio estudos, filosofias e leituras. E quebrada a haste da inocência da mente, invocas a glória e a felicidade, impões tuas distâncias, acendes tuas Luzes, recusando submeteres-te a qualquer autoridade.

Demasiado depressa vais tu preferindo os becos sem saída, no tomar dos atalhos, no escolher das veredas e das subidas íngremes, rolando nas descidas inclinadas, bebendo das cisternas e das fontes inquinadas, no infringir de princípios, regras e maneiras, aproveitando mal a educação que te foi dada. Mas ensinada pela vida a não desistir, volto a pedir-te,

filha: adoça teus propósitos, entreabre a guarda, as grades, amansa teus modos, ameniza teu sorriso e maneja a ternura, pede a teu Pai perdão do desacato feito; deixa menina que te sejam colocadas as algemas, as vendas, as mordaças e desse modo mais fácil será colmatar tuas faltas, aprontar-te um qualquer destino, porto seguro. Começa a ceder, Leonor, retrocede um pouco, ganha o feminil entendimento da docilidade, retoma o norte, a memória da casa, como se foras donzela tecendo o fio de teu cabelo.

Como pode opor-se à própria sorte a minha filha? Que louros invocas, convocas para ti, se teimas em manter a pertinácia no defeito; de tão obstinada irás morar na solidão até se a nosso lado. Perdida a pureza da imagem, jamais a reencontrarás em espelho algum, pois a paixão, sobretudo se acrisolada, nada devolve menina; menos ainda se teimares nesse teu excesso que a ti mesma ultrapassa,

filha, nesse mundo sonhado onde te encontras.

OceanofPDF.com

†

VI

OceanofPDF.com

†

Como se passa o dia

Vai a fresca manhã alvorecendo,
Vão nos bosques as aves acordando,
Vai-se o sol mansamente levantando,
E o mundo à vista dele renascendo:

Veio a noite os objectos desfazendo,
E nas sombras foi tudo sepultando;
Eu desperta, o meu fado lamentando,
Fui co'a ausência da luz esmorecendo.

Neste espaço, em que dorme a natureza,
Porque vigio assim tão cruelmente?
Porque me abafa o peso da tristeza?

Ah! que as mágoas que sofre o descontente,
As mais delas, são falta de firmeza:
Torna a alentar-me, oh Sol resplandecente!

OceanofPDF.com

†

RAÍZES

Destemperada, sobe dois a dois os degraus altos de pedra grossa. Vai a passo largo pelos corredores da casa de Luís Bernardo, abrindo as portas dos aposentos onde entra depois de afastar os mordomos, as aias e os criados que parecem tentar barrar-lhe o caminho.

Sem ruído, Leonor de Távora olha à volta numa procura fria.

– Teresa! – chama com voz enrouquecida à medida que de rompante passa pelos quartos, descobrindo aqui e ali sinais evidentes da presença do filho; chegara erradamente a julgar tê-lo afastado da mulher, que continua a ser-lhe infiel com o Rei D. José.

– Teresa! – volta a chamar com raiva, reconhecendo o colete de cetim azul-celeste caído junto da grande cama desfeita e já fria, lençol e mantas atirados para trás, almofadas e travesseiros em desalinho.

– A senhora marquesa está no toucador – explica, temerosa, uma das aias quando ela a interroga, querendo saber tudo do quotidiano da nora que, astuta e ardilosa, sempre escapa ao seu apertado controlo, capaz de deslizar sem ruído pelas penumbras das salas e dos gabinetes, mandar aparelhar a carruagem e em segredo partir e regressar, sem ninguém dar pela sua ausência.

Por isso pressiona, exige pormenores: cada sorriso dela, cada saída, cada gesto, cada suspiro, cada lágrima retida, cada novo odor, cada diverso olhar e diferente jóia.

Leonor de Távora tropeça numa banqueta deixada por desleixo a meio do quarto de dormir, onde também foram largados ao acaso uns sapatos de cetim lilás bordados com lantejoulas e uma capa de tafetá roçagante. Na

cadeira de vestir encontram-se em desordem os saiotes, as meias de seda brancas, as luvas altas de cetim, o fato de seda vermelha que a custo se impede de cheirar, a procurar indícios.

Repara ainda na pequena camisa de cambraia enrodilhada junto da colcha puxada para trás e de onde escorregam as culotes de cetim. Só então desvia os olhos diante de tanta intimidade, sentindo o perfume almiscarado e doce que se desprende do leito talvez ainda morno; mas isso em vez de a amenizar, de a amolecer, de a abrandar, parece alimentar-lhe a crueldade implacável, torná-la mais severa e inflexível, semblante belo marcado pelo profundo desdém.

– Teresa! – torna a gritar com uma voz tão dura que a criada, à sua espreita na outra ponta do corredor, recua. Não obtendo resposta, ergue com as mãos cálidas a saia de sombra de tafetá esmeralda para libertar o passo e entra no *boudoir* onde, à frente do espelho oval do *toilette*, um cabeleireiro tenta domar o cabelo negro da marquesa nova: madeixas longas tombando revoltas pelas suas costas como uma cascata nocturna.

Querendo olhá-la na fundura dos olhos, toma-lhe os ombros nus debaixo do *negligé* transparente e vira-a para si. Dirigindo-se-lhe em seguida com rispidez desabrida, a inquiri-la, a ameaçá-la, atirando-lhe à cara com o pedido a Roma de anulação do casamento com Luís Bernardo, e com o convento da Madre de Deus onde a família está a pensar fechá-la enquanto se aguarda a resposta do Papa.

Amedrontada, Teresa cala-se, encolhe-se, larga o colar de pérolas que rolam com a sua brancura turvada no tapete persa, levando os dedos crispados ao rosto lívido, a cabeça delicada oscilando levemente a fazer-lhe inclinar para trás o pescoço de haste que parece quebrar-se. E sem uma palavra de defesa, deixa-se escorregar para o chão curvada sobre si mesma, enrodilhada aos pés da sogra.

OceanofPDF.com

†

MEMÓRIA

No dia 30 de Maio de 1778, um ano depois da minha saída do convento de Chelas, morreu Voltaire. Com ele, lembro-me, cheguei a temer que desaparecesse o centro fulgurante das Luzes nas quais baseava o meu entendimento; e no entanto, contradizendo-me, viria a escrever mais tarde, «*não é de maiores Luzes que minha alma necessita*», apesar de saber ter sido a partir delas e da sua filosofia que construíra a minha existência e o meu pensamento. Assim encontrando a força necessária para orientar a minha vida segundo os princípios da razão e da luta contra o despotismo. Deliberação que me levou a valorizar a firmeza de ânimo e a determinação tomadas pelos outros como frieza ou traço de cáracter varonil.

Sem os deixar saber das dúvidas pelas quais era invadida.

De como me cindia e dividia.

Persistentemente carente e dura, frágil de aço.

Tentando, sem conseguir, encontrar o equilíbrio. Nunca me impedindo de conhecer instantes de exaltação quer em tempos de amargura quer em dias de contentamento.

Perdida hoje em tormentosa solidão, deixo-me embalar pela memória dessas horas de plenitude, mesmo se dolorosas e difíceis, a lembrá-las sem a superficialidade de alguém entregue a devaneios, querendo evitar ou mesmo negar os medos e os reveses, os receios e os tantos erros cometidos ao longo dos anos.

Dos primeiros tempos fora do convento de Chelas, o que recordo com mais intensidade é a alegria inebriante que me dava a liberdade, mas

também a estranheza que sentia diante das janelas escancaradas, das portas desferrolhadas, dos espaços livres de grades, de trancas e de cercas.

A liberdade provocava-me vertigens.

E nessas vertigens estavam os bailes na Corte, os concertos, os serenins, as peças de teatro a que nunca assistira antes, mas sobretudo o êxito que foram nesses tempos as assembleias em nossa casa, frequentadas menos por fidalgos do que por alguns dos melhores artistas e poetas dos outeiros de Chelas.

Mas ao contrário do que me diz respeito, para Maria foi um júbilo curto. Pois enquanto o casamento com o conde da Ribeira Grande lhe pôs termo à vida, no meu caso os dilaceramentos e as lutas que precederam o casamento com Carlos Augusto marcaram o começo de uma nova existência que me permitiu chegar tão longe quanto na altura se poderia desejar.

A levar-me de Portugal, dando-me a conhecer outro mundo.

Mas para casar com o conde de Oeynhausen, em oposição à vontade de meus pais, tive de usar de persistência na habilidade, nos estratagemas, nos enganos, nos planos organizados e levados a cabo com extremo cuidado e determinação, munida de especial afinco na teima de cumprir a minha vontade.

Sem vacilar, fiz o que devia ser feito:

pondo rigor nos argumentos usados,

pertinácia nos modos e nos termos.

Hoje, quando já não consigo nem quero iludir ou iludir-me com cousa alguma, reconheço que, apesar de tudo, o meu casamento só foi possível por me ter valido a protecção da Rainha D. Maria.

Admito ter sido tempestuosa e impaciente, pretendendo mais dos outros do que eles me conseguiam dar. Talvez por isso tenha sido acusada de egoísta e intratável, de ríspida e impiedosa como minha avó Leonor de Távora.

Habituei-me a ser criticada

por ler livros,

por falar de ciência, de política e de filosofia,
por saber inglês e latim,
por ter demasiadas Luzes para uma mulher.

Alguns homens mais cultos chegaram a invocar Molière para me ridicularizarem.

OceanofPDF.com

†

1778-1779

Meses depois de Pedro ter ido a Almeirim para dar conta da conclusão do inquérito e do decreto régio que acaba de reconhecer o marquês de Alorna inocente do crime pelo qual tanto tempo estivera preso sem julgamento nem culpa formada, a família regressa a Lisboa para tentar pela primeira vez, depois de tantos anos, levar uma vida normal.

No entanto, qualquer coisa se desmancha na tentativa de ajustamento à realidade, se desarmoniza na harmonia desejada. Contrastando com o alvoroço das filhas, D. João mostra-se desinteressado da vida mundana, fecha-se em casa onde passa os dias trancado na biblioteca. Recusa-se a frequentar a Corte, começa mesmo a falar em irem viver na quinta que têm em Almada, longe de todo o bulício extravagante e insensato que para ele são as idas aos teatros do Salitre ou da Rua dos Condes, os concertos e as serenatas no Palácio de Queluz, as cavalhadas, touradas e bailes para os quais sempre recusa os convites que lhe fazem.

Apenas cede, contrariado, ao pedido de Leonor de Lorena para abrir as portas da sua casa a fim de receber duas vezes por semana os fidalgos e artistas amigos, sem poder prever que, graças ao brilho de Leonor e de Maria, estes rotineiros encontros em breve se iriam tornar nas mais frequentadas e faladas assembleias de Lisboa.

†

Embora as incomodem os modos, os hábitos, as maneiras pouco corteses e o linguajar da maioria dos fidalgos portugueses, Leonor e Maria

começam por gostar de frequentar a Corte, que as encanta pelo bulício e o fausto quando pensam nos desolados e gélidos espaços nus do convento de Chelas.

Ao voltarem de Queluz, Leonor, que apesar de tudo encontra sempre motivos de crítica e de tédio naquilo a que assistira no Paço, irrita-se com a irmã e zanga-se consigo mesma por continuarem a perder da vida tanto tempo com superficialidades e futilidades que, ao tomarem conhecimento delas pelos amigos que as visitavam na grade, sempre haviam rejeitado. E como não sabe nem pretende esconder aquilo que sente, diz o que entende dever dizer, expõe-se em demasia, nunca sabendo ser prudente e acautelada.

– Eles não nos merecem –, acaba por comentar com voz de melancolia.

No escuro da carruagem que as leva de volta a casa vão ambas caladas, remoendo aflições e desagrados: Lília aborrece-se com a ignorância e o vazio em que se plasmam os dias à sua volta; Dafne, sem entender como tomar nas mãos a própria vida, atordoa-se, a tentar esquecer o casamento que o Pai lhe arranjara e a ela repugna, mas sem coragem para recusá-lo seguindo o exemplo da irmã.

Tão diversas que são uma da outra.

Maria, não conseguindo resguardar-se da vontade dos outros.

Leonor, para si própria exigindo tudo.

†

DIÁRIO

Por vezes,

naquilo que pretendo desacerto-me, mas também me entrego, me projecto e reencontro quando escrevo, nos versos que faço.

Descobri não muito longe de casa um lugar onde, quando posso, vou sozinha ver o sol pôr-se, deixando atrás de si um rasto de transparência púrpura como se nele uma ferida sangrasse durante a lenta descida no horizonte.

Numa queda retardada e indiferente.

Fico a imaginar-me longe de Portugal, de onde parece acenar-me o futuro. Gostaria de poder alcançar uma independência feminina só concebível em tempos vindouros, ainda perdidos na impossibilidade.

Para mim no entanto a lonjura é sempre demasiado perto.

Lisboa, 14 de Outubro de 1778

†

Carlos Augusto regressa a Portugal antes do previsto.

E quando consegue encontrar-se a sós com Leonor, confessa-lhe não ter podido manter-se afastado dela por mais tempo.

– Amo-te Nelly, muito mais do que eu pensava – diz, estendendo a mão para os seus cabelos dourados a ondearem nos ombros desnudados pelo decote do vestido malva.

Mas ela recua, ainda ressentida com aquela viagem que continua a parecer-lhe fuga ou abandono. E a mão dele hesita só um instante, antes de os seus dedos longos se estenderem mais um pouco a descerem para lhe aflorar a cintura estreita, e depois prendê-la puxando-a para o seu corpo.

A senti-la ceder ao abraço forte.

– Meu lírio! – murmura-lhe ao ouvido. E Leonor, apesar de lhe adivinhar a banalidade e a fraqueza, encosta em silêncio a cabeça ao seu peito, a respirar-lhe o leve odor almiscarado: mistura de água de cheiro inglesa e secura do tecido da farda.

†

O conde de Oeynhausen voltou antes do limite do prazo por mim concedido para a sua misteriosa viagem. Trazendo de novo consigo o alvoroço para a vida de D. Leonor de Almeida, que me veio procurar a Queluz presa da maior inquietude, o bistre das olheiras a pisar-lhe o rosto.

– Pela vossa fisionomia, adivinho que o senhor marquês de Alorna teima em se opor ao casamento de Vossa Excelência com o conde de Oeynhausen –, começo por lhe dizer, depois de ter mandado afastar as damas da minha câmara.

Mas reparando como, ao contrário da sua natureza habitualmente viva e calorosa, ela permanece cabisbaixa, eu, que meditara com cuidado sobre tão delicado assunto, considerei ser altura de lhe dar conhecimento da minha decisão:

– A solução para este caso, D. Leonor, está em encontrar-se um meio de o marquês de Alorna se ver constrangido a dar a vossa mão ao conde. E o melhor que me ocorre nesse sentido é expressar-lhe a minha intenção de ser vossa madrinha de casamento.

Apesar de continuar a olhar-me em silêncio, pareceu-me ver-lhe no olhar velado um clarão de esperança, logo extinto. Achei então por bem ir direita à parte mais penosa do meu projecto:

– Mas, para que o meu plano resulte, temos de apressar o baptismo do conde de Oeynhausen e a sua solene abjuração da doutrina protestante.

Acordando do marasmo em que se encontrara mergulhada até aí, a cruzar e a descruzar os dedos crispados no regaço macio da saia, respondeu-me D. Leonor, tentando a custo apagar a tristeza do tom da sua voz:

– Vossa Alteza perdoar-me-á, mas sinto-me incapaz de fazer tão grave pedido ao conde em troca do meu amor!

Para seu bem, resolvi ser absolutamente clara:

– Não é em troca do vosso amor que o conde de Oeynhausen terá de abandonar o protestantismo pela fé católica, mas sim em troca da protecção da Rainha de Portugal.

†

Minha Nelly amada do meu coração, desfaleceria no árduo trabalho de conseguir a tua mão, caso não fora o tanto amor que te dedico. Pretende o teu Pai contrariar esta paixão tão forte e impedir a nossa ligação, usando sem escrúpulos como seus motivos, para além de tudo o mais, cada um dos meus antigos pecados. Mas se tu de todos eles já sabes pela minha boca, e mesmo assim me queres, tudo farei para merecer-te, minha amada.

Deste modo, e seguindo em todos os passos os conselhos da Sereníssima Rainha D. Maria, serei baptizado no dia 15 de Fevereiro, tendo como padrinhos a Soberana e seu marido El-Rei D. Pedro. No início da cerimónia abjurarei solenemente a doutrina de Lutero.

Espero, tesouro da minha vida, conseguir assim atenuar os rigores da má opinião que o marquês de Alorna tem a meu respeito. Mostra aos teus esta carta, pois talvez os comovas e os convoques para a causa do nosso casamento, que já tarda. Quanto a ti, meu amor, cuida em estar calma e menos infeliz.

Acredito que tudo irá terminar a nosso gosto, se tanto afinal nos amamos!

Até breve minha Nelly adorada.
Carlos Augusto

Lisboa, 1 de Fevereiro de 1778

†

A missa começará logo que Suas Majestades a Rainha D. Maria e o Rei D. Pedro cheguem, acompanhados pelos Príncipes do Brasil, D. José e D. Maria Francisca Benedita, e por D. João, Príncipe da Beira.

Enquanto espera, Carlos Augusto de Oeynhausen, sentindo grande inquietação nervosa, procura refúgio no lugar mais obscuro da Capela dos Paços Reais de Salvaterra de Magos, de onde consegue distinguir William Costigan ao fundo, em conversa murmurada com os seus companheiros. Apercebe-se de como eles sussurram rindo entre si enquanto o olham, e

por momentos arrepende-se e envergonha-se da resolução tomada de abjurar a fé na qual crescera e fora educado. Mas o ardente e persistente sentimento que nutre por Leonor de Almeida continua a ser mais forte e envolvente do que tudo o resto.

Motivo primeiro e determinante que o levara a pedir a naturalização portuguesa. Tal como o amor por Eurídice levara Orfeu a descer até às profundezas da morte para ir buscá-la, do mesmo modo Carlos Augusto sente ter aceitado o alto preço necessário para poder alcançar Leonor e casar-se com ela: o baptismo e a renúncia da doutrina luterana que sempre fora a sua.

Esse dia chegara.

O mordomo-mor D. João, que depois da chegada de Suas Majestades o procura inquieto com o olhar arguto, acabando por descobri-lo ajoelhado na penumbra, aproxima-se e, impaciente, toca-lhe no braço. Carlos Augusto estremece, encolhe-se, pensa ainda em esquivar-se, mas já está sendo conduzido até ao lugar onde assistirá à missa cantada e ao sermão de frei Inácio de São Caetano, cujo tema único é a sua retractação do protestantismo.

Depois do baptismo, ser-lhe-á conferido o sacramento da confirmação, tendo como padrinho o Rei D. Pedro, e em seguida, por comissão da Fidelíssima Rainha, governadora e perpétua administradora da Ordem de Cristo, ser-lhe-á lançado o hábito da mesma Ordem, sendo armado cavaleiro por El-Rei e os Príncipes.

Agoniado e febril, sente o corpo a suar debaixo do trajo de gala militar, tentando em vão ignorar o cheiro a sebo das muitas velas que iluminam o altar, de onde desvia o olhar ofuscado. Sem aguentar mais, volta-se, e de súbito para ele tudo muda, ao descobrir Leonor sentada num dos bancos de trás da capela, pequeno chapéu de veludo indigo do qual desce o véu cor de pérola sobre o rosto pálido, a nimbá-la de uma aura de mistério furtivo mas também de recato que o prende mais ainda ao enredo daquela mulher tão estranha e diferente de todas as que até então conhecera.

Sorriem de manso um para o outro,

perdendo ambos a noção do tempo. Mas o mordomo-mor surge para o acompanhar até onde se dará primeiro a abjuração e depois o baptismo. A Rainha D. Maria e o Rei D. Pedro, seus padrinhos, encaminham-se já com os Príncipes na direcção da grande pia baptismal de mármore branco, perto da qual frei Inácio de São Caetano, ricamente paramentado, nem sequer tenta disfarçar a irritação pelo atraso da cerimónia.

Para o conde de Oeynhausen o mais penoso é a abjuração,

de que começa por dizer as palavras rituais:

«*Convencido há muito tempo dos erros da seita de Lutero em que me criaram e desviado do amor da verdade, projectei entrar na Comunhão Católica Romana e abandonar com valor as trevas em que me acho abismado.*»

E se até ao fim do texto decorado da retractação Carlos Augusto aparenta uma segurança e uma indiferença altiva, no seu peito isso é contrariado pela grande tempestade que nele se desencadeia.

Mesmo durante a celebração do sacramento do baptismo, ele continua a tentar anular as emoções desencontradas, defendendo-se da própria consciência culpada. Esvaziando o melhor que pode o pensamento e o sentir, duelo travado entre o pejo e o sobressalto.

A fingir não dar conta do coração desgovernado.

Quando, ao ser armado cavaleiro, tudo finalmente termina, a Corte presente cerca-o, fechando um círculo de curiosidade hipócrita à sua volta. Seguindo-se a hora de agradecer a Suas Majestades e Altezas, de receber os cumprimentos dos fidalgos e do regresso da angústia, como uma garra cravada no seu peito desacertado, pois aqueles que até aí considerara os seus únicos amigos em Portugal afastam-se com olhares de desdém, sem se lhe dirigirem. Ao buscar o arrimo da presença de Leonor, encontra vazio o genuflexório onde a vira ajoelhada.

Pára, atordoado, sem sequer se dar conta das magníficas vozes do coro que, encerrando a solenidade, cantam um belíssimo Te Deum a prolongar o cair da tarde.

– Deus seja louvado – murmura para si mesmo em alemão. Sentindo haver traído a sua fé e a sua pátria,

por um amor, quem sabe, mal correspondido.

†

Durante a viagem de Estremoz a Lisboa, Teresa de Mello Breyner lê e relê as últimas cartas de Leonor. Reflectindo sobre elas, Teresa sente-se cada vez mais preocupada com a delicada e difícil situação da amiga, pois conhecendo-a como a conhece não está a vê-la ceder, nem pretender encontrar um ponto de equilíbrio que possa pôr termo àquele conflito.

Mesmo morando longe, ouvira falar dilatadamente do baptizado do conde de Oeynhausen, dando por outro lado conta, pelas palavras de Leonor, das esperanças que esta põe na execução do plano concebido pela Rainha, na tentativa de ajudá-la, sendo ela sua valida, por acreditar no amor dos dois, e sobretudo por se sentir de certa forma em dívida para com ela, em nome do Rei D. José seu Pai.

Mal chegada a casa, Teresa de Mello Breyner já está novamente de saída, para visitar aquela a quem na intimidade continua a chamar Lília. Encontra-a mais magra e pensativa, debaixo da latada das rosas trepadeiras, com um livro entreaberto no regaço.

Descida a escadaria de pedra,

Teresa pára antes de tomar o caminho de terra batida que leva até ao banco de pedra onde a amiga se encontra sentada, ficando-se a vê-la a perder-se na própria melancolia, vestido de algodão da Índia de um rosa muito pálido, pés nus e estendidos junto de um maciço de cravos brancos tingidos de vermelho ao sol da incipiente primavera.

Inquieta e julgando-a adormecida, cuida em não a despertar enquanto se aproxima sem ruído, mal dando conta do intenso cheiro a jasmim e a limoeiros doces que as rodeiam. Mas Leonor, de olhos semicerrados, sorrindo, segue-lhe o andar ágil, agradecida com a preocupação expressa no rosto de Tirce. E sem poder conter por mais tempo a alegria de a ver, ergue-se num ímpeto e corre descalça para se lhe atirar nos braços, a

procurar-lhe a seda da pele do pescoço tépido, de onde se solta um terno odor almiscarado.

– Olha que me sufocas – ralha Teresa, fingindo querer desenredar-se daquele ardente abraço, do qual, afinal, tanto sentira a falta. E quando se soltam uma da outra, comenta com uma tristeza minada:

– Nunca serei capaz de me entregar assim aos sentimentos… Enquanto tu continuas loucamente igual ao que sempre foste.

De mãos enlaçadas sentam-se ao lado uma da outra e, tal como em Chelas, falam durante longo tempo, diluindo-se as fronteiras das horas… E enquanto uma se queixa, revoltada, a outra escuta. Argumentando Teresa, quando pode, com a prudência e rigidez que julga necessárias para levar alguma calma ao alvoroçado coração da amiga; e com voz compassada e tranquila invoca razões, acende lembranças de conseguidas vitórias mínimas, mas a estribar nisso a esperança de que Leonor tanto necessita para operar a mudança que exige para a sua vida.

E antes de ir embora, acha por bem alertá-la:

– Cuida-te, amada Lília, das afirmações feitas na maior ansiedade, pensa nas frases que vais dizer, evita as palavras equívocas, e alerta o conde de Oeynhausen para a possibilidade de as cartas que escreve serem abertas por ordem do ministro Martinho de Mello, «*cujo carácter é mil vezes mais tremendo que o da sorte*». Lembra-te, minha querida, que para tudo na vida é preciso singeleza e presença de espírito. Foge do excesso, foge do desconcerto.

Depois de Tirse ter partido, cai Leonor de novo numa tristeza profunda, solidão a oprimir-lhe o coração em sobressalto no peito dorido. Mas de tudo o que durante a tarde fora dito pelas duas guarda a última advertência de Teresa, assomando à pequena janela do carro:

– Foge do excesso Leonor, foge do desconcerto!

Conselho que sabe não ser capaz de cumprir, por enfermar de pouca sensatez à luz da sua ardência. Enquanto Teresa se resguarda na sombra dos dias,

ela arde sem temer as cinzas.

†

Quando Leonor vai à Corte

o arcebispo de Tessalónica, confessor da Rainha, fica a olhá-la de longe com curiosidade. Gosta de ouvi-la recitar poesia, mas desconcerta-o e irrita-o sempre que a escuta discutir filosofia e a vê tomar posições políticas ao lado dos Príncipes do Brasil. Sem esconder nenhum deles, sobranceiros, quanto veneram Voltaire e se tomam por discípulos de Rousseau.

Quando há serenins ou concertos e poesia no Paço, o arcebispo, com o seu hábito branco de carmelita, prefere ficar sempre por perto das damas de D. Maria, especialmente das açafatas e das camareiras, umas estouvadas a darem-lhe alegria e as outras mais sensatas como lhe parece ser conveniente.

Nesse dia olha com especial atenção primeiro para a linda condessa de Lumiares e em seguida para a condessa de Pombeiro, com quem conversa, deixando-o uma e outra bem mais tranquilo do que a simples presença de D. Leonor de Almeida, que não raras vezes toma atitudes inadequadas para quem usa o seu nome; como quando comparecera, a tentar passar despercebida, à abjuração e baptismo do conde de Oeynhausen,

que a tal se expusera na tentativa de a merecer.

Procurara-a então para lhe mostrar a inconveniência da sua presença, mas ela fitara-o irónica e respondera-lhe em latim.

Demasiado culta para uma mulher.

†

É Teresa de Mello Breyner, chegada na véspera do Vimieiro e que nessa noite vai à assembleia de Leonor, quem conta à amiga mal a vê:

– Encontrei Filinto Elísio à tua porta, mas não o querem deixar entrar!

Sentada junto do noivo, Maria fica lívida, e ao ver a irmã sair quase a correr para fora da sala ainda estende a mão trémula, não sabe se para a apressar se para a impedir

de ir tão depressa…

«Uma rola», pensa com satisfação o conde da Ribeira Grande olhando-lhe de soslaio a aflição muda, conhecedor sigiloso da paixão recolhida que a noiva guarda pelo poeta-padre. Não se importa, ele está por um fio nas mãos da Inquisição e, quanto a ela, sabe o que tem de fazer depois de casados.

Teresa, já arrependida de ter mencionado a presença de Filinto à amiga, aproxima-se contrita para cumprimentar D. Leonor de Lorena, sentada no seu cadeirão de palha entrançada a falar com o marido. É então que Leonor regressa trazendo consigo Francisco Manuel do Nascimento. E estranhando o súbito abrandar do tom das vozes à sua volta, o marquês de Alorna volta-se e, ao deparar com o poeta, endireita-se num ápice e afasta-se, contendo a custo a ira desabrida. Proibira a entrada daquele homem, a quem não quer em sua casa.

Enfrentando o pai, diante de quem passa sem vacilar, Leonor conduz Filinto até onde a mãe se encontra, a qual, embora assustada, o cumprimenta com a delicadeza a que o acostumara em Chelas. E sendo essa atitude da dona da casa interpretada como sinal de bom acolhimento, Filinto vê-se rodeado com entusiasmo sobretudo pelos outros poetas presentes na assembleia.

No entanto o seu olhar inquieto busca entre todos a figura delicada de Dafne,

para ele perdida.

†

Pela frincha da porta que leva à salinha onde se refugiara, Maria pode vê-lo agitado a procurá-la com os olhos. Sem conseguir respirar, ela sobe a mão delgada ao peito tentando acalmar o coração aflito.

Mais do que por si mesma, teme por Filinto.

Consta ter sido o marquês de Alorna seu Pai a denunciá-lo à Inquisição. Não quer acreditar nessa cruel possibilidade, mas sabe-o capaz disso.

E Maria treme de frieza, do gelo onde a mergulharam.

Forçada.

Presa da consciência da própria fraqueza.

Quisera ter coragem para chegar de rompante onde Francisco Manuel está e lançar-se-lhe nos braços, quebrada de saudades mas radiosa de amor confessado à vista de todos:

«Ó meu amado bem-amado, quanta paixão e fogo desperdiçado, impedida que estou de seguir o caminho da esperança, amaldiçoada por esta paixão fatal num mundo feroz que nos afasta!

Ó meu amado bem-amado, minha água desatada de foz e de fonte, eu peno de sede neste infindável deserto de viver sem ti, ferida e cravejada de setas, de espinhos e sangues.

Ó meu amado bem-amado, sacrificada sou, sem dó nem piedade alguma, fenda onde me aninho neste amor de fissura cerzida pelos diamantes das lágrimas. Onde esconderam o meu júbilo?

Perdida estou sem ti, meu único.»

Apoiada ao umbral da porta entreaberta, aturdida, Maria continua a seguir cada um dos movimentos de Francisco Manuel do Nascimento, e quando vê D. João dirigir-se-lhe, tomá-lo por um braço e afastarem-se,

resvala para o chão desmaiada.

†

Além de Maria, ninguém mais viu o marquês de Alorna aproximar-se com discrição de Filinto Elísio e levá-lo até ao seu escritório. Trancada a porta, ficam lá dentro durante o resto da noite, numa discussão acalorada que jamais algum dos dois revelará. Embora o poeta venha mais tarde a descrever num poema D. João de Almeida como sendo um dos seus algozes,

aquele que o denunciara à Inquisição:

o Naire, como passa a designá-lo a partir dessa noite.

Maldito o Bonzo, e mais maldito o Naire
Que calunioso urdiu o meu desterro;

Malditíssimo o estúpido fanático
Que encomendou a queima!

Quando dá por falta de Francisco Manuel do Nascimento, Leonor vai procurá-lo e, mal abre a porta da sala que dá para o corredor escuro da casa sombria, escuta o tom dilatado dos gritos e as vozes desabridas que a levam até ao escritório. Sem hesitar um segundo, tenta em vão rodar a maçaneta de vidro verde facetado. E fica todo o tempo, branca como a cal, escutando cada palavra, cada acusação, cada insulto que trocam. Conhecedora de um segredo que lhe envenenará mais ainda a relação com o pai.

†

CADERNO

La Princesse de Clèves. Leio devagar Madame de La Fayette, fascinada diante dos complexos jogos de espírito que ela traça e nos dá a ver.

Sinto-me perplexa perante os rigores com os quais se resguarda de si mesma, tentando impedir-se de ir mais além no sentir. Colocando na princesa de Clèves uma paixão que, por ser sentida por uma mulher, logo passa à condição de humilhante e obscura.

Paixões secretas e fatais…

Abrigadas na própria fragilidade?

Lisboa, 2 de Junho de 1778

†

Filinto Elísio acorda em sobressalto com as pancadas na porta da rua, que ele vai abrir estremunhado, sem encontrar estranheza no facto de

alguém o ir despertar quase noite ainda. Mas ao deparar com o homem mal-encarado que o empurra a forçar a entrada, de imediato se sente desperto. E embora o outro se mantenha em silêncio, ele percebe estar diante de um agente da Inquisição que vem para o prender. Como em situações extremas é tomado pelo discernimento, em vez de se atemorizar propõe com voz calma entregar-se sem escândalo. Mediante esse estratagema consegue autorização para se vestir sozinho no quarto.

Arranja-se depressa, mete nas algibeiras o dinheiro e os poemas que encontra nas gavetas da escrivaninha, e tira de baixo do travesseiro o punhal com ponta de diamante que ultimamente nunca larga. Só então regressa à entrada, onde o esbirro o aguarda encostado à ombreira da porta entreaberta. Avança Filinto, já embrulhado num capote, sem denunciar o alarme que o move. Chega-lhe perto e, antes que ele se mexa, encosta-lhe ao peito a lâmina afiada, dizendo num sussurro abafado:

– Basta um gesto ou uma só palavra e eu juro que vos mato.

Em seguida desce a escada num ápice, derruba os dois homens que encontra à espera junto de uma carruagem com portinholas lacadas de negro – que ele supõe serem do Santo Ofício –, atravessa a correr a rua solitária, dobra à direita por uma viela que conhece bem e, vendo aberto o portão do palácio do conde da Cunha, entra e percorre-o desabrido até encontrar uma saída pelos fundos, que desemboca numa rua estreita e íngreme àquela hora ainda adormecida, por onde segue depressa cosido às paredes. Sem tomar fôlego, dirige-se até à casa do amigo que dali fica mais perto, o comerciante francês Lecussan Verdier, que o recebe de braços abertos e, ao saber o que se passa, lhe dá guarida.

†

Sendo por demais perigoso manterem-no escondido duas noites seguidas no mesmo lugar, os aliados de Francisco Manuel do Nascimento revezam-se: um após outro dão-lhe abrigo, enquanto investigam, escutam o que se diz na Corte, nos salões e nas assembleias, nos cafés e nas ruas, sobre o escândalo da sua fuga.

– Se fosse eu a ter mandado prender o senhor Francisco Manuel do Nascimento, não teria ele fugido! E muito menos ainda teria escapado no paquete inglês que acaba de dar à vela! – garante, irónico, o intendente-geral da Polícia Pina Manique, em conversa com o conde de Vimieiro, na casa de quem está encobertado desde a véspera Filinto Elísio. Mas é o marquês de Marialva que nesse mesmo dia dá conta aos amigos do poeta do plano por si traçado para o fazer sair de Portugal: aproveitando o falso boato de ele ter escapado no paquete inglês, seria perfeito fazê-lo embarcar no navio francês ancorado em Paço de Arcos e que levantará ferro dentro de onze dias.

Teresa de Mello Breyner, no dia seguinte, leva a Maria um bilhete de Filinto, a pedir-lhe um derradeiro encontro.

†

CARTA DE MARIA A FILINTO ELÍSIO

Terás de partir fugido, meu amor,
sem mim por minha causa,

apesar do tanto que te quero, e no entanto não conseguindo desencantar coragem, nem sequer para aceder ao teu pedido de nos encontrarmos uma derradeira vez. Tivesse eu o destemor de minha irmã e seguir-te-ia para o estrangeiro sem me importar com nada, nesta paixão de incêndio e mágoa, aceitando ficar marcada pelo ferrete do pecado e da desonra, excomungados ambos pela Igreja que jamais perdoaria o facto de nos amarmos.

De eu te querer enquanto homem esquecendo o padre.

Mas sendo fraca e frágil como me conheces, nem de ousadia disponho para desobedecer e, pela escuridade da noite, ir até onde estás escondido,

Francisco Manuel, a sentir-me apertada nos teus braços, a confessar-te como por ti me desespero embora te possa parecer o contrário.

Adeus meu coração destroçado,

reconheço estar a perder-te de novo, desta vez sem retorno possível. E perder-te será perder-me, neste casamento arranjado com alguém que me repugna, permitindo que partas sozinho a enfrentares quantos riscos ao encontro do desconhecido, perseguido pelo Santo Ofício.

Terás de partir fugido, meu amor,

sem mim por minha causa,

e eu medrosa, nem serei capaz de olhar-te nos olhos, conhecedora de ter sido meu Pai o grande causador da tua desgraça ao denunciar-te por heresia à Inquisição. Ou por acaso julgas, Francisco Manuel, estar eu tão cega a ponto de não me aperceber daquilo que para todos se apresenta como evidência clara?

O ódio que ele nutre pelas tuas ideias, princípios e condição religiosa, o rancor pela influência nefasta que te atribui no respeitante à minha educação e à de Leonor, em Chelas. E tudo o mais que fantasia e inventa para acrescentar nova desmesura à sua ira.

Terás de partir fugido, meu amor,

sem mim por minha causa,

aceitando eu este desatino, este destino, este ermo sem afago por onde me esgueire, valendo-me somente as minhas visões, os meus livros e os meus versos. Pensamento em ti, a imaginar os desmedidos perigos por que estarás passando, à míngua de defesa e prudência possíveis, de viagem clandestina num navio sem condições para enfrentar os caminhos dos mares bravios e as azinhagas das tempestades, por entre os atalhos que as ondas cavam pelas vorazes estradas dos oceanos.

Disfarçado, distancias-te já de mim, e eu apercebo-te a coberto da noite subindo até ao convés do velho barco ancorado e preso a uma só amarra, defendido apenas pelo breu e as artimanhas dos teus amigos, Francisco Manuel, que te defendem.

Terás de partir fugido, meu amor,

sem mim por minha causa,

fronteiras marítimas passadas sob a protecção da capa das estrelas até chegares a França. E recordares-me, quem sabe, e aos tempos passados juntos, separados pelas grades do convento, a escutarmos as horas plasmadas que o sino sublinhava a chamar para as novenas e para os terços, desarmonizando-se com os nossos sentimentos alvoroçados, as canções e os poemas que criávamos, ou tu escrevias tendo-me como tua musa:

Dafne.

A competirmos com Alcipe?

Eu a ceder à minha irmã em tudo o resto, almejando alcançá-la a fim de te chegar ao afecto com o viço, o brilho e a beleza dela. Tudo isto ficou para trás, Filinto, sendo a nossa presente realidade a monstruosa denúncia que te obriga a fugir. E esta cobardia que me leva a aceitar o fim do futuro da minha vida.

Enquanto Leonor vivifica através do desacato e da teimosa determinação com que persegue o sonho, limitar-me-ei a estiolar, assistindo ao extinguir do próprio fogo, coração exposto na palma aberta da minha mão indecisa; aceite silencioso do meu derradeiro apagamento, consciente de tudo estar falhando à minha roda. Só tu Francisco Manuel sabes da real dimensão do meu ser, enredada na teia de uma infelicidade demasiado forte para alguém como eu lhe romper a malha apertada. Temerosa demais, neste meu perdimento por nomear.

Terás de partir fugido, meu amor,

sem mim por minha causa,

o navio onde vais desaparecer no horizonte, enquanto eu aqui me fico a olhar a minha felicidade a esvair-se contigo. Mal possas acalmar e acamares o ódio no peito, se por acaso ainda te for possível, guarda-me na memória. A distância, meu amor, ensinar-te-á a quebrares o ressentimento em relação a este abandono a que agora aparento votar-te, permitindo que separes as águas da paixão pelo menos em mim nunca extinta. Talvez compreendas então que eu nunca te mereci e sim Leonor.

Adeus para sempre, meu afagoso amado.

Perdidamente tua

Maria.

Lisboa, 14 de Julho de 1778

†

No dia seguinte

Maria queixa-se com dores de cabeça e recolhe-se mais cedo. Mal a casa sossega sai do quarto, e embrulhada numa capa negra esgueira-se furtiva pela porta que dá para a Rua das Almas, onde a espera uma carruagem de cortinas corridas, parada junto ao muro da quinta dos condes de Niza.

A coberto da noite sem lua, ela entra no carro que se põe em movimento, atravessa Lisboa e começa a percorrer um longo caminho tortuoso, rasgando a escuridão da madrugada brumosa. Maria e o vulto sentado à sua frente seguem em silêncio, escutando perto o ruído do mar, a sentirem nos lábios o gosto áspero do ar já salgado pelas ondas miúdas a desfazerem-se na areia.

Chegam a Paço de Arcos a tempo de verem aproximar-se veloz a carrugem do marquês de Marialva, puxada por quatro cavalos brancos com as compridas crinas a misturarem-se com o vento. Atenta, Maria dá conta de primeiro se apear o marquês, que olha à sua volta, e em seguida um marinheiro no qual de imediato reconhece Francisco Manuel do Nascimento no seu último disfarce. Instintivamente estende a mão para abrir a porta, o corpo erguido já no movimento de correr, o nome dele mordido na boca num último grito de amor incontido. Mas é impedida de sair por uma mão enluvada que a faz sentar-se de novo.

– Pensa bem, vais ser a perdição dele.

Maria encolhe-se e fica enrodilhada junto à janela, a seguir ansiosa a sua silhueta pesada que propositadamente se mistura com os marujos na praia, a ganhar por fim o navio ancorado, carregando nos ombros um caixote de

laranjas. E, ao chegar ao convés, ele volta-se para terra a despedir-se de Portugal.

Por segundos Maria julga que Filinto está a vê-la, olhos perdidos nos seus, num derradeiro encontro de fatalidade e lágrimas, que ela só deixará correr quando já de volta a Lisboa, depois de o barco se ter lentamente afastado de velas desfraldadas, a caminho do mar alto.

O marquês de Marialva, que mal chegara dera conta da carruagem do conde de Vimieiro, distingue mal os vultos femininos no seu abrigo de escuridade, desconfiando mas respeitando quem possa ter arriscado tanto para poder guardar no coração ferido a imagem do poeta amado.

†

DIÁRIO

Pedro trouxe-me a *Gazeta de Lisboa*, que hoje reapareceu, depois de ter sido suspensa por Sebastião José de Carvalho e Melo em 1762, quando era seu redactor o querido poeta Pedro Correia Garção, morto no Limoeiro onde se encontrava preso à ordem do tirânico primeiro ministro do Rei D. José.

Actos de despotismo, nos quais com gosto se esmerava.

Lisboa, 4 de Agosto de 1778

†

MONÓLOGO DE LEONOR

Casas-te amanhã, Maria,

e eu que nunca vivi longe de minha irmã, temo a tua falta e as saudades; assustando-me mais ainda a tua infelicidade, mana, tão triste tens andado, sem que o mais pequeno sorriso te ilumine os lábios desde a fuga de Filinto Elísio para França. Supondo-me tu distraída ou até indiferente à partida, quando na verdade me encontrava atenta aos seus passos e à sua triste e injusta história; e tanto mais me doeu essa viagem clandestina, por sabê-lo vítima de uma cabala, de uma perseguição movida para destruí-lo, a partir da delação feita por nosso Pai ao Santo Ofício.

Há quem diga que por conta de ódios, de raivas.

A partir dessa data, dando conta do teu silêncio, fui-te seguindo o desacerto, mana, estranhando-te os olhos sempre inchados, o bistre das olheiras a marcar-te a face cada vez mais magra. Num calamento cabisbaixo tão pouco da tua natureza ladina, de leveza e riso. Tu de cristal níveo à transparência da suavidade e lapidação, lembrando-me a transcendência das almas que se quebram.

Pensa, Maria, quantas vezes te aconselhei a não aceitares o conde da Ribeira Grande com quem jamais quiseste noivar, e sem me dares ouvidos preferiste a inquietude submissa, iludindo a repulsa pelo teu futuro marido imposto por vontade paterna, a acatares uma desastrosa união que detestas. Menina exemplar a cumprir o seu próprio papel no qual sempre foste exímia, mostrando-te obediente, encantadora, cumpridora da harmonia, seguidora das leis da família.

Onde perdeste tu, mana, a alegria e o viço?

Aceitando um destino sofredor que te poderá matar um dia e, Maria, nem de ti mesma te posso salvar, querida, e menos ainda desse perigoso casamento com o conde da Ribeira Grande de quem muito se comenta a viuvez equívoca e o gosto pelo negrume. Tudo isto sabem nossos pais, indiferentes à crueldade de teu noivo com quem de bom grado pactuam.

Usando-te.

O que estão eles a fazer, Maria, da tua vida?

Mesmo tu ages como se oferecesses o frágil pescoço à lâmina do cutelo, minha única irmã, crescida e educada dentro de hábitos de ternura e carinho em tempo de outras Luzes, querida, outro trato e educação, outra medida de grandeza para as mulheres. Nada disto se coadunando com os modos, as maneiras daquele que a partir de amanhã se pretenderá teu carcereiro, fazendo de ti sua prisioneira.

Indiferente à tua vontade, exigindo-te a alma.

De que te valem os diamantes e os anéis de rubis e esmeraldas, os brincos de safiras, os diademas, o colar de pérolas ainda no seu escrínio, se quem tos oferta nunca irá amar-te e menos ainda quererá respeitar-te a individualidade e o pensamento?

Oxalá me engane e nenhuma das minhas previsões se cumpra, mas enquanto provaste o vestido de noiva choraste, mana, lágrimas de chuva a deslizarem-te pelas faces indo manchar o damasco lavrado do vestido cor de peito de rola. Véu de gaze e miríades de flores brancas a entrançarem-se nos teus belíssimos cabelos.

Mau pressentimento que tento pôr de lado, envergonhada com a superstição estranha à minha maneira de ser. Mas por demais me aflige a tua infelicidade, Maria, a tua tristeza, minha irmã, pois essa não é a tua verdadeira natureza. Lembro como as freiras de Chelas tiravam prazer da tua vivacidade, do teu luzimento, a quereres sempre entenderes-te comigo apesar de muitas vezes discordares das minhas atitudes de desobediência, fruto do meu desejo de querer sempre chegar mais longe do que nos é permitido.

– Que loucura, mana! – ralhavas agastada, mas mesmo assim partilhando comigo ideias e leituras. E agora aqui estamos as duas na véspera do teu casamento, minha irmã, tomando o peso do nosso chegamento, das nossas semelhanças e das nossas diferenças.

Encontrando de novo uma na outra maiores motivos de embalo do que de desagrado ou desconsolo e queixa. Medido o afecto, e quem sabe se a zanga – mais a minha do que a tua –, reconheço-te, Maria Rita, como

obreira da felicidade alheia, embora demasiado timorata para defenderes a tua própria liberdade.

A permitires que te tracem a escuridade do teu próprio destino.

Oxalá eu me engane,

Maria.

†

ORION

Quando a constelação Orion se torna mais visível das janelas da casa da Boa Morte, as serpentes de jardim deixam de deslizar por entre as raízes e as flores de haste.

Aquietam-se ensimesmadas, sibilando com turvidade.

Maria escuta-as, estremecida, na madrugada da véspera do seu casamento com o conde da Ribeira Grande.

À espera do anjo que ultimamente a visita.

†

O marquês de Alorna curva-se a beijar a mão de D. Maria que, rodeada pelas açafatas e as damas da sua companhia, lhe sorri amável. E quando ele se endireita, buscando o seu olhar furtivo sempre contaminado pelas dúvidas e pelas suspeitas, comunica-lhe:

– Mandei-vos chamar, senhor marquês, e vou ser breve no que tenho para comunicar a Vossa Excelência. Depois de ter sido madrinha de baptismo do conde de Oeynhausen, pretendo ser igualmente madrinha do enlace do conde com vossa filha D. Leonor.

Faz uma pausa a Rainha, para acrescentar de seguida:

– Casamento que eu desejo ver realizado o mais breve possível.

O Principe D. José, que entretanto se aproximara, repara como, apanhado de surpresa, o marquês de Alorna quase cambaleia, tez amarelecida, boca lívida e trémula de descontentamento contido. E quando consegue finalmente dominar-se, responde com esforço, voz travada pela mola da raiva mal disfarçada:

– Seja qual for o desejo da Rainha de Portugal é para mim uma ordem, e o querer Vossa Majestade ser madrinha de minha filha Leonor é uma suprema honra para a nossa família.

O marquês de Alorna volta a curvar-se diante da Soberana, julgando descortinar-lhe no olhar habitualmente compassivo e brando um brilho trocista. Mas já D. Maria lhe dá a mão a beijar, pondo fim à cena penosa para ambos.

Todavia adverte-o:

– Não demore Vossa Excelência a marcar para breve o dia do casamento de vossa filha. Tenho para mim que às razões do coração, desconhecidas pela própria razão, é errado descurá-las.

†

Quando o pai lhe conta que Carlos Augusto tem um filho natural, sente o chão fugir-lhe debaixo dos pés,

«como se fosses morrer», lembra-lhe mais tarde Maria, que Leonor chamara à pressa. E a irmã acrescenta, sorrindo: «como se fosses tombar de raiva, pois bem te conheço, mana, o olhar de cinza a mudar-se em negro, o gesto preso, o ódio a arrebatar-te a palavra».

No início Leonor limita-se a ficar em silêncio, lábio inferior mordido pelo gume dos dentes, a saia do vestido de musselina amarfanhada pelos dedos crispados que parecem querer rasgar a maciez do tecido. Sem conseguir entender se o que a enfurece mais é a deslealdade, a falta de coragem, ou aquele lado de enganador hábil que julga descobrir no futuro marido,

e que a leva a sentir-se manobrada, enganada, como se o tivesse apanhado a iludi-la, desmentindo o amor jurado e a intensidade dos beijos

que lhe dera, mãos a quererem desapertar-lhe o corpete, desatar-lhe o espartilho que por baixo da blusa lhe estreita a cintura, a fazer-lhe subir os seios no decote ousado. Perturbada, Leonor recorda também o prazer sentido nessas alturas, o gemido dominado a custo, as pernas a cederem, desfalecida, a tomar pela primeira vez o gosto acidulado e estriado da pele masculina, travo semelhante à resina das árvores na sua língua.

Mas pior do que tudo é a decepção sofrida que a leva a perceber não ser ele, afinal, tão diferente dos fidalgos portugueses quanto imaginara.

Ressentida, ela esforça-se para não perder a lucidez e desmanchar o casamento, pois isso seria desistir do futuro por si planeado. Por outro lado recusa-se a perdoar, a deixar esfumar a tempestade desencadeada no próprio peito. E enfurecida, varre num rompante com a mão o prato, a jarra, a chávena cheia de café pousada à sua frente.

O marquês de Alorna que, por conhecer bem o orgulho de Leonor, usara com astúcia a informação recebida sobre o conde de Oeynhausen – estratagema e último recurso para os afastar um do outro –, fica satisfeito diante do destempero da filha, esperançado em ter finalmente alcançado o seu intento.

Dominando-se a custo, Leonor obriga-se a apanhar do chão os talheres e a bandeja de prata, os lírios da jarra, por entre os cacos de porcelana e de vidro. A reconhecer, contra-vontade, a mancha do ciúme no lume que a queima, na ferida aberta onde a lâmina se revolve teimando em perfurar-lhe a alma, em retirar-lhe a calma, em afastá-la da razão de que se orgulha.

Já passa do meio-dia quando Carlos Augusto comparece como é seu hábito, e são muitas as horas que a conversa entre ambos dura. «Um filho?» – indaga ou acusa Leonor. Ele, sem negar ou ousar defender-se, cala-se, limitando-se a reafirmar o seu sentimento por ela: «Amo-te mais do que a mim próprio.» Acrescentando ainda, a ganhar alento: «Amo-te meu amor, mais do que tudo.»

Para Leonor, porém, a palavra dele passara a valer pouco; e novamente o espinho do ciúme volta a fazer-se sentir, teimando em reacender-lhe a raiva que a emoção entretanto não desarmara. A ira espicaça-lhe o orgulho

ferido, e isso embaraça-a, constrange-a, dando-lhe a lareira acesa da sala o pretexto necessário para lhe virar as costas, dedos estendidos para o calor das chamas, enquanto Carlos Augusto tenta explicar-lhe a falha, a fraqueza, num fio de voz que Leonor nem escuta:

– Não queiras disfarçar o que por demais percebo – corta, voltando-se para o fitar com frieza, sem lhe confessar os pensamentos atormentadores. Por momentos julga ter ficado indiferente à sua presença, embora estremeça convulsa quando ele tenta rodá-la nos braços, a levá-la até ao seu ventre liso e alto. E ao fugir-lhe, brusca, está ciente do enorme fosso que entre ambos está cavado e que só o tempo poderá eliminar.

De súbito Leonor sente-se exausta, envenenada pela secura dos próprios sentimentos despedaçados, e é com amargura determinada que lhe diz com secura:

– Há uma exigência que te faço: antes de casarmos terás de reconhecer oficialmente essa criança.

†

DIÁRIO

Afligem-me as longas insónias,

que noite após noite estendem sobre o meu coração uma mão gelada. Embotados o pensamento e os sentidos, testa ardendo de febre, encolho-me debaixo do lençol assustada comigo mesma, prisioneira do excesso que me arrebata e leva para longe da tranquilidade.

Levanto-me durante a madrugada.

Deito láudano num copo de água, que na mesa-de-cabeceira aguarda o sinal da minha derrota.

Volto a deitar-me, quase sempre mais calma e mansa, a permitir que o corpo relaxe, olhos a fecharem-se já, perdidos na penumbra do quarto, esquecida das sombras trémulas e ameaçadoras que as lamparinas de azeite espalham à minha roda.

Diante do oratório onde está a imagem de Teresa de Ávila.

Lisboa, 30 de Dezembro de 1778

†

«Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Conde

Tive muita pena de falhar ontem a Vossa Excelência em Jesus, porque isso não teria nenhuma consequência má. Nem Vossa Excelência já agora deve cuidar outra cousa senão que eu e o marquês de Alorna estamos unidos na realização do vosso casamento, naqueles termos que convêm a minha filha e a Vossa Excelência. Este é o negócio que tenho com o senhor padre Maine e com ele ajustei o que me pareceu melhor e para mais breve. Tenha Vossa Excelência a paciência de esperar o pouco tempo necessário, e saiba que eu não perco um só instante que seja útil. Não posso dizer-lhe mais nada porque prometi segredo.

Quero que Vossa Excelência passe muito bem e aceite a minha bênção.

De Vossa Excelência
a que muito o estima

Leonor de Lorena»

†

CONTRATO DE CASAMENTO DE LEONOR

O contrato de casamento de Leonor de Almeida com Carlos Augusto de Oeynhausen foi escrito com perfeição, letra desenhada em papel cor de marfim. Folhas ásperas e rugosas, estreitas e compridas:

«Em nome de Deus amen: saibam quantos este instrumento de dote e casamento e obrigação virem, que no ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo 1779, aos treze dias do mês de Fevereiro nesta cidade de Lisboa, no sítio do Mocambo, casa residência dos Ilustríssimos e Excelentíssimos Senhores Marqueses de Alorna Dom João de Almeida e Dona Leonor de Lorena, estando presentes a saber, de uma parte o ilustríssimo Conde de Assumar Dom Pedro de Almeida, em nome e como procurador bastante do dito Excelentíssimo Senhor Marquês de Alorna seu pai, por virtude do alvará abaixo, e bem assim sua mãe Dona Leonor de Lorena e sua filha Dona Leonor. E da outra parte o Conde de Oeynhausen.»

À medida que o tabelião vai lendo alto as cláusulas do contrato do seu casamento, Leonor mantém-se num silêncio contrito, embora os seus olhos descidos e pousados no sossego do colo estejam brilhantes de satisfação determinada, ao contrário da sua mãe abismada, olhar baço, face cavada e semblante de desânimo triste. Sentado à sua direita encontra-se Pedro, em quem o marquês de Alorna, na sua ostensiva ausência, delegara os poderes de representação no que diz respeito ao contrato de casamento de Leonor com o Conde de Oeynhausen, que D. João rejeita como genro, considerando esta aliança não só um desrespeito à sua autoridade paterna mas também um desafio.

– Penso estares ainda em tempo de cederes e consentires neste matrimónio como se fosse da tua vontade –, aconselhara-o a mulher, tão em surdina que ele mal a escutara. Mas dela vendo o olhar violeta marejado de orvalho, levara o dedo aos lábios a pedir-lhe silêncio, sabendo-se incapaz de se enternecer em relação à filha desobediente que teima em casar-se contra a sua vontade. E para deixar bem claro o agravo e o grande desagrado que o toma, recusa-se a estar presente quer na

assinatura do contrato quer na cerimónia religiosa do casamento e na boda, que decorrerão em Almeirim dias mais tarde.

Embora Pedro seja ali seus olhos e seus ouvidos, D. João, no escritório ao lado, escuta cada palavra pronunciada pelo tabelião José Purfino de Andrade, o qual pausadamente vai lendo as cláusulas contratadas que, enquanto pai da noiva, o marquês de Alorna sabe de cor, pois fora ele que as elaborara.

«O Excelentíssimo Senhor Marquês de Alorna dá a sua filha futura Noiva, a Excelentíssima Dona Leonor de Almeida, quatro mil cruzados, em roupa de seu enxoval; e o Excelentíssimo Senhor Conde futuro Noivo tem aceitado o dito dote e que se dá por entregue dele, ficando este instrumento servindo de recibo e quitação do mesmo dote.»

Tenta D. Leonor de Lorena concentrar-se no que está a ser lido, mas a grave e tranquila expressão do rosto daquele que irá ser seu genro distrai-a, sem conseguir encontrar motivo para antipatizar e colocar-se contra ele. Sabendo que o marido vai querer falar consigo sobre o acontecido, procura controlar os nervos e prestar atenção a cada um dos presentes, assim como às palavras do tabelião:

«De conformidade com os costumes, tinha ele Excelentíssimo Senhor futuro Noivo já mandado à Excelentíssima Senhora futura Esposa os vestidos e jóias que as leis declaram.»

À medida que os vários pontos são examinados enerva-se mais o marquês de Alorna no seu escritório do que o conde de Oeynhausen, distante e seguro, a emoção debelada no seu germânico modo de se manter calmo, lábios finos e cerrados, mãos firmes apoiadas nos joelhos, costas direitas largadas do espaldar da cadeira alta. Apenas de vez em quando sobe os dedos até aos cabelos louros e lisos que fizera questão de conservar livres de cabeleira, como Leonor gosta.

«*Declara ele Excelentíssimo Conde de Oeynhausen que quis a sua naturalização neste Reino sem ainda ter casa estabelecida nele.*»

Por segundos, parece a D. Leonor de Lorena descortinar a ironia no rosto daquele que vai ser marido de sua filha mais velha, a qual de fugida desvia

o olhar da parede branca à sua frente e a fita com laivos de desafio.

Do lugar afastado onde continua, o marquês de Alorna estremece de raiva mal contida contra Leonor que, usando a própria Rainha em proveito da sua teimosia e desobediência imperdoável, o obriga a dá-la em casamento a um jogador sem carácter nascido fora de Portugal, como se ela mesma procurasse outra Pátria. Pois sendo D. Maria madrinha deste matrimónio, como poderia ele recusar a mão de Leonor a Carlos Augusto de Oeynhausen, sem que isso se tornasse agravo público à própria Soberana?

«*Do mesmo modo cede e renuncia desde já em favor da Excelentíssima futura Noiva a prestação de três mil cruzados de que Sua Majestade fez mercê*.»

Durante o tanto tempo que vivera no cárcere do Forte da Junqueira, muito sonhara com o futuro que iria determinar para cada um dos filhos. Decisões do poder paternal que só Leonor tem a ousadia de contrariar, presa de ideias e ideais no mínimo insensatos, que ele em tudo repudia.

À medida que as cláusulas são lidas, Leonor rejubila.

Ela é a grande vencedora daquele dia.

No entanto o pai preparara-lhe uma surpresa inesperada, segundo ele a resguardá-la habilidosamente de si própria e do resto do mundo, prendendo-a em Portugal através de uma clara e acintosa cláusula contratual:

«*Que ele, o Excelentíssimo futuro Noivo se obriga a não transportar para fora do Reino a Excelentíssima futura Esposa, nem por ocasião desta jornada nem em tempo algum, sem que expressamente vá em serviço da Coroa deste Reino e de Sua Majestade.*»

Ao escutar o tabelião, D. Leonor de Lorena sobressalta-se, evitando encarar a filha que desconhece quanto ela suplicara ao marido que não incluísse este último ponto no contrato entretanto já acordado entre as partes. Como se ainda esperasse encontrar nele alguma tolerância, julgasse possível fazê-lo recuar a evitar confrontos futuros. Mas o marido limitara-se a mandá-la calar, com uma dureza a que não está habituada.

Como esperava, Leonor revolta-se, ergue-se de um salto e, voltando-se para o conde de Oeynhausen, ordena agreste:

– Tu não assinas isto!

E quando o irmão e a mãe tentam acalmá-la, ela acrescenta com a sua voz mais dura:

– Vou falar com a Rainha. É bom que o senhor meu pai saiba disso.

†

ANGELUS

És esquiva, indócil,
quase dúctil.
Olhar sempre perdido, corpo alado de uma beleza mágica.

Apesar de saber-te noiva fito-te insistente e fascinado, encontrando-te insatisfeitos os olhos ressentidos, em tons de violeta e de azul ávido; que sem poderem encontrar os meus se perdem longe em devaneios e desvarios cansados, procurando na espuma das ondas e no frio o momentâneo alívio do fogo necessário.

E desse modo ausente, ficas debruçada nos próprios pensamentos, talvez compondo versos que em ti cintilam e a mim sobressaltam, me envolvem e prendem e revolvem, enquanto busco a causa desta falta, fenda e ferida e fosso que entre nós desde o teu início o tempo cava.

Tentando encontrar motivos na fundura dos teus mistérios.

Desmancha-te o vento a ondulação bravia dos cabelos que, tirado o chapéu, já escapam e esvoaçam soltos, enquanto passeando à beira-mar conheces, Sibila, as marés lunares, prevês as tempestades, adivinhas as bonanças, semblante alheado e absorto, a deixares impaciente os dedos longos rodarem em torno do cabo da sombrinha.

À beira da vertigem.

Porque te é a escuridez assim daninha?

Recebendo com tamanho prazer o sol no rosto, que por um brevíssimo segundo pareces cegar de céu e gosto.

Momento exacto em que te descubro, caminhando na minha direcção ainda ao longe, sabendo-me para ti ser invisível, mas padecendo eu por não poder ser outro.

E tu minha única a poderes ser minha?

Na senda do desejo assim agreste e dúplice.

Se tanto me perturbas e confundes no estontear de um susto muito breve, teimando com afinco em quereres a liberdade;

debruçada e febril no poço da secura.

Quem disse que a tristeza te era leve?

Que o saber em ti era doçura?

Crescida no entender, mas demasiado ousada para quem, tomada pelo mundo há pouco tempo, se entrega à revolta em vez de ser prudente, pondo na pressa que tens a inquietude em tudo.

Sôfrega.

Voraz e açorada.

Desse modo lês e escreves, imaginas, desdobrando em ti o sentimento, como quem dos outros se descura e fere, lima as grades, até encontrar as horas da rasura.

Obstinada e dura.

Exibes o saber, de ti fazendo culto, levando-te o destemido coração que ocultas a olvidar preceitos e entraves, sem nunca te deter o abrasado gelo mais perfeito.

É com esse jeito de garça que, sem cuidares fazê-lo, tu me evitas. E eu suspeito que ao correres por dentro da distância que entre nós, quem sabe, não existe, há a memória de uma outra infância.

És esquiva, indócil e indúctil.

Sentada na areia, sobes sem pejo a ponta do vestido a deixares o tornozelo despontar estreito, e em seguida a perna no hesitar dormido da

saia de seda amodorrada e mal erguida. E só então, no gesto em que te enleias, com vagares de nardo tiras os sapatos e mais devagar ainda desces as meias. A dares a ver os pés de leite e neve
e à transparência as sinuosas veias.

†

Na véspera de se casarem Carlos Augusto dá-lhe um pequeno *bouquet* de amores-perfeitos, beijando-lhe às escondidas os ombros que o vestido descobre, evitando no entanto olhar-lhe os seios despidos pelo decote fundo.

Leonor estremece estonteada quando ele lhe colhe delicadamente a língua; tentando adivinhar o que do seu corpo ainda não sabe, e ouvindo-se gemer em surdina, quando mais tarde ele se abeira dela e com a ponta dos dedos lhe separa e entreabre as mãos entrelaçadas em busca da maciez das suas palmas.

Rubor subido às faces em chama, enquanto os olhos se desviam, como se quisessem evitar-lhe a imagem: tão alto e louro, garboso na farda, que se permite afagar-lhe as ancas estreitas e os quadris muito magros.

Sem conseguir iludir o desejo, a vontade de apertar contra si o seu corpo, com uma voracidade tão perturbadora que a faz ficar assustada consigo mesma. Já de madrugada, depois de fechada a porta do quarto, despe-se e deita-se nua de bruços no agasalho da cama, levando os dedos hesitantes aos bicos dos seios.

Anelante.

Coração revolto.

A questionar, sem o saber, o ambíguo significado da inocência.

†

O vestido de noiva encontra-se estendido ao longo do canapé preguiceiro de nogueira talhada e comprido assento de palhinha. A cauda debruada a ouro e rubis roça o tapete de Arraiolos que cobre quase todo o chão do

quarto. Sobressaltada, olha a cintilação do fato e aproxima-se descalça, cabelo ondulado solto a tapar-lhe os ombros que a camisa de dormir deixa nus, a tentar ultrapassar, perturbada, a última noite de solteira, afastada dos versos que o desassossego fez suspender a meio, longe da cama solitária e fria.

Debruça-se sobre o vestido do tom entorpecido da ferrugem, bordado a fio de prata, desenho a cheio de pequeníssimas asas que irão voar sobre o seu corpo. Decote trespassado à frente e ao longo das costas por uma finíssima fieira de pérolas nacaradas descendo até à cintura, que contornam para irem entornar-se em seguida na saia direita sobre as ancas, um tudo-nada franzida atrás, estrela de onde parte a longuíssima cauda. Mangas de balão junto dos ombros altos, que se vão ajustando até aos pulsos por estreitas pregas finamente ponteadas.

Precipitadamente Leonor ergue a cabeça e afasta-se, como se toda aquela beleza extravasada a tivesse assustado, com um aguilhão de presságio ruim a avisá-la da impossibilidade do destino por ela sonhado? Ela que sempre combatera a superstição, acreditando ser fruto da maior ignorância, envergonha-se do que sente, tentando encontrar explicação para a tensão dos nervos perturbados. Está bem ciente daquilo que deseja para si, e recuar não recua sejam quais forem as dificuldades cismadas.

Apaga as velas e torna a deitar-se encolhida na cama fria, a fitar o borralho ainda aceso na lareira. E apesar do sabor a medo que lhe seca a saliva, com um imenso vazio mesclado de ansiedade, começa a sentir que a alva tarda.

†

Acaba por se deitar já tarde e dormir sobressaltada.

Mesmo assim levanta-se mal desponta a alvorada por trás do arvoredo que cerca a casa na quinta de Almeirim. Desce até à cozinha em busca de café, que encontra morno numa cafeteira em cima do borralho aceso, onde põe as achas de lenha seca que descobre ao lado esquerdo encostadas à lareira, cercada de azulejos azuis e brancos com motivos de caça. No resto

das paredes caiadas estão penduradas as panelas, os tachos, as frigideiras de cobre.

Ao fundo, as mesas de mármore grosso lascado e o fogão de lenha em ferro negro. Leonor aperta mais o robe e, tremendo de frio, aproxima-se a querer sentir o calor das chamas que começam a trepar em espiral. Deita o café numa caneca e senta-se na pedra tépida frente ao fogo que já crepita. Antes, porém, sopra as velas do castiçal de prata com o qual iluminara os corredores, as escadas, a copa onde não chega a luz daquela incipiente madrugada amordaçada pela noite.

Escuta a chuva agreste, que se não parar nas próximas horas estragará a festa do seu casamento com Carlos Augusto, que tantas penas e tamanhos desgostos arrastara. Encosta a cara à doçura escorregadia do cetim da camisa que lhe cobre os joelhos e sorri para si mesma, simultaneamente perturbada e vitoriosa, apesar de a insónia poder indiciar o contrário.

Na casa adormecida, escuta ao longe o ruído dos criados que se levantam, como se fosse um dia igual aos outros, mas ainda sozinha passa mentalmente em revista o que ajudara a alindar: as salas decoradas na véspera mergulhadas num manso perfume de flores diversas, dispostas em jarras de vidro e nos jarrões da China, misturando os seus odores de cravos, rosas e crisântemos, mais intensos que os dos jacintos e os das petúnias, matizados com o toque de delicadeza da essência dos lírios e das túlipas, que por sua vez se submetem ao cheiro febril dos gladíolos, a contrastar com o aroma inexistente das orquídeas, mergulhadas em taças baixas, tal como os amores-perfeitos e as violetas,

a estremecerem sempre que o arrepio do vento, esgueirando-se pelas frinchas das portadas, consegue vencer os pesados cortinados de veludo e voa para dentro de casa.

As mesas postas parecem alongar-se sob as toalhas de linho bordado, com entremeios de renda larga, passadas com o ferro muito quente. Sobre elas, os copos de cristal alinham-se na sua pureza transparente diante dos pratos, das molheiras e das terrinas da Companhia das Índias. Nos trinchantes encontram-se os longos garfos ao lado das facas de gume

afiado e nos aparadores, sobre os naperons estreitos de bainha aberta, enfileiram-se os pesados talheres de prata, à espera de ocuparem os seus lugares ladeando os pratos. Dentro dos armários de portas envidraçadas estão os jarros brilhando, ainda sem vinho e sem água.

Nas salas mais pequenas, onde serão servidas as sobremesas, as mesas foram postas com a baixela de prata cinzelada, e os cálices pequenos de licor junto às taças de champanhe. Em cima dos bufetes de carvalho escurecido e entalhado irão ficar, ao longo das suas prateleiras, os doces vindos de Lisboa; quase todos feitos pelas cuidadosas e habilidosas mãos das freiras, e que ela mesma encomendara. Primeiro, o manjar branco de Chelas de que tem saudades, e em seguida – permitindo-se levar pela sua gulodice habitualmente controlada –, numa amálgama e num atropelo: os rebuçados de ovos das madres Flamengas, os queijinhos-do-céu das irmãs da Esperança, o arroz-doce das Albertas, o caramelo das Mónicas, os bolos folhados das freiras de Carnide. O leite-creme, os ovos-moles e outros tantos mais, esquecida do que escolhera, entregando o resto da boda à direcção da mãe, enquanto o pai, que se alheara ostensivamente de tudo, cenho franzido e maus modos, deixara a Pedro a escolha dos vinhos.

E amodorrada que continua junto da lareira,

Leonor escuta como que em sonhos os passos arrastados de D. Brites Fernandes, a antiga dama de companhia de sua avó Leonor de Távora, que aparecera para ajudar na festa do seu casamento, numa espécie de embalo derradeiro,

braços menos robustos do que antigamente, quando a erguiam para a apertar ao coração então descansado.

†

A madrugada rasga o negrume nocturno e parece querer firmar-se na ventania e na chuva que fustigam as sacadas e as portas das varandas, ensopando a terra lá fora onde já se formam grandes charcos.

Seca as lágrimas que, sem dar por isso, lhe marejam a face e sorri perante o espanto de D. Brites Fernandes por vê-la ali sentada frente à

lareira acesa, mãos a roçarem o fogo perto do qual se amolenta ainda. Deixa que ela lhe afague a cabeça, a alisar-lhe os cabelos encaracolados rolando pelas costas no seu tom de mel profundo, pondo ambas a pressa de lado por saberem ser a última vez que se encontram.

Leonor de Távora ronda por perto: esquiva, ríspida, grácil, ágil, pressionando nervosamente as memórias que as duas acalentam.

Quando as criadas chegam, as mais velhas menos lestas que as mais novas, meneando estas as ancas ainda tépidas da quentura dos lençóis, e as cozinheiras ruidosas, de riso alto, já elas se separaram, e Leonor vai fugindo, galgando a dois e dois os degraus da escada. Lá em cima, na penumbra esfiapada do quarto, estendido sobre o canapé preguiceiro, espera-a o vestido de noiva cor de ferrugem, bordado a diamantes, rubis e pérolas raras.

†

Sobre a terra alagada pela chuva que continuara a cair toda a manhã construíram uma espécie de passadeira com traves de madeira que parecem unidas, e que levam da entrada da casa até à estreita porta da ermida por onde os convidados entram agitados, a quererem abrigar-se do vento que arrasta consigo a água como um chicote. Chuva pesada e fria que sentem ser de golpe e gelo a encharcar os braços e os colos nus das mulheres, apenas envoltas em longas echarpes a tapar os decotes onde o ouro e as pedras preciosas brilham.

Carlos Augusto viera demasiado cedo.

Leonor chegará tarde.

Ele fica esperando por ela ao lado do altar, mãos atrás das costas amparadas uma na outra, como que a susterem os braços compridos; a farda sublinha-lhe as ancas estreitas, a lisura do ventre, a magreza do peito. Olhar de um azul diluído, fixo na imagem de Nossa Senhora da Conceição – manto anil burilado a ouro até ao regaço, pálpebras descidas numa mansa tristeza – rodeada por anjos de talha dourada voando desde o cimo até aos seus pés, com coroas de folhas e flores entretecidas.

Carlos Augusto, desatento, compara o louro dos cabelos deles com o dos seus, sobressalto a descompassar-lhe o coração, não escondendo de si próprio quanto o sobressalta e espicaça enlaçar a sua vida com a da filha mais velha do marquês de Alorna. Reconhece ser um homem da temperança mais que do volteio, melhor da terra que do fogo. A chama alta sabe vir de Leonor, junto da qual sempre se incendeia, e isso fascina-o.

Quere-a e teme-a, num único anseio.

A beleza perfeita da cantata de Bach, escolhida por ela para ser tocada na cerimónia do casamento, tira-o do seu anseio deixando-o de novo calmo, levado já pelas vozes dos cantores a encherem a capela, toda iluminada por dezenas de velas colocadas entre as flores níveas que parecem nascer, brotar de todos os lados, o cheiro do sebo disfarçado pelo odor adocicado das plantas.

Carlos Augusto de Oeynhausen inquieta-se à medida que os minutos passam.

Na sacristia húmida, sobre a grande mesa de madeira velha está aberto o livro que os noivos e os padrinhos irão assinar; e junto dela o padre Maine, já paramentado, espera pacientemente para celebrar o casamento que sabe não ser do agrado dos pais da noiva, sobretudo do marquês de Alorna que se recusara a mandar tratar dos banhos ou mesmo a firmar a licença, e não irá levar a filha até ao altar.

Espreita pela frincha da porta pesada rangendo nos gonzos enferrujados, de onde consegue ver o conde de Oeynhausen perto do altar, muito alto e hirto na sua farda de gala. Logo na primeira fila, numa cadeira de braços forrada de cetim púrpura, senta-se o enviado de Suas Majestades D. Maria e D. Pedro, ambos padrinhos de D. Leonor de Almeida. Mais atrás, nos bancos corridos de lustro puxado, encontra-se a família da noiva, alguns dos seus convidados, e amigos do noivo, que tentam secar com os lenços as cabeleiras e os ombros. Destacadas e ainda vazias estão as cadeiras de genuflexório com assentos de veludo, a serem ocupadas pelos donos da casa.

A de D. João de Almeida permanecerá vazia.

O padre Maine fecha os olhos para melhor escutar a música que tão bem lhe faz à alma. Num andar vagaroso torna a sentar-se no cadeirão de madeira de cedro, ao lado do arcaz de pau-santo que ocupa uma das paredes caiadas da pequena sacristia.

†

As portas pesadas da capela estão abertas para trás.

Com um ramo de açucenas molhadas pela chuva bem apertado entre os dedos nervosos das mãos enluvadas, Leonor entra pelo braço do irmão, sentindo-lhe a amenidade jovial através do tecido da casaca de fazenda macia.

À sua frente só descortina vultos, mas mal entra na penumbra distingue Carlos Augusto junto do altar, direito como uma haste, olhos semicerrados, boca trémula de expectativa. A espada, que parece deter o luar no brilho da sua bainha, desce-lhe ao longo de uma das pernas altas.

Sentindo embora o chão deslizar debaixo dos pés encharcados, Leonor continua devagar pela nave estreita, enquanto a cantata de Bach a envolve, rendilhada e translúcida, diáfana e simultaneamente vibrante, num hino à eternidade que ela acha ser-lhe devida, pois de tanto sonhar com a glória, de tanto desejar a imortalidade, por vezes julga estar a sangrar por dentro.

De súbito pára, parecendo hesitar, um movimento estremecido a formar-se já ao longo do corpo: ombros tensos, quadris inteiriçados, pescoço de cisne, busto e braços ligeiramente para trás, como quem vai começar a voar, pernas num fugaz simulacro da fuga que a custo suspende.

†

Carlos Augusto apercebe-se da chegada de Leonor pelo silêncio que se faz à sua volta. Mesmo a música parece diminuir de intensidade, deixando passar por momentos o ruído da tempestade a fustigar a porta, que depois de a noiva entrar fora encostada.

Ergue depressa a cabeça na vontade de vê-la, a colher-lhe o olhar que se esquiva. E repara como caminha devagar, medindo os passos, corpo delgado no equilíbrio de quem baila, até chegar a seu lado.

Mas antes pára, mais parecendo um pássaro a debater-se, para logo continuar amparada ao braço do irmão.

Estende-lhe a sua mão de noivo, enluvada de branco, a tremer um pouco, que ela aceita e onde se firma sem convicção e sem peso: mais o gesto do que o acto.

Ajoelhados nos genuflexórios forrados de veludo grená, ficam em sossego diante do pequeno altar. Cada um deles atento ao bater do próprio coração e à respiração um do outro.

†

Maria vê-a dar um incerto passo em frente, indo fincar os dedos no parapeito de pedra húmida da janela debruçada sobre o parque, e ficar a olhar a chuva a cair com força empurrada pela raiva do vento, abanando os ramos despidos das árvores que ladeiam o jardim, alagando os canteiros e o buxo aparado rente.

Ao fundo da sala, um quarteto de músicos toca Haydn, compositor que Leonor escolhera pela sua imensa e serena perfeição,

de notas e sons lapidados em torno da harmonia.

Depois da cerimónia breve e simples na capela construída do lado de fora da casa, unindo-se e separando-se ambas num mesmo traçado interno, há a boda, a festa, numa alegria um pouco turvada pela ausência do pai.

Olha-a de costas, no seu belo e estranho vestido cor de ferrugem, ouro, diamantes, rubis e pérolas nacaradas, e acha-o demasiado delicado para os rigores de Fevereiro, embora as chamas altas e fulgentes das lareiras acesas em todas as salas subam vigorosas e diligentes pelos toros grossos e em torno dos odorosos ramos de tília.

Ao aperceber-se do seu pescoço, colo e ombros a descoberto, Maria arrepia-se, e ao mesmo tempo apercebe-se estar Leonor a tiritar de frio

encostada aos cortinados de veludo que de certo modo impedem os convidados de a verem em lágrimas.

Sem entender qual possa ser o motivo do súbito descontrolo da irmã, imprevisível como sempre, Maria não hesita mais e aproxima-se devagar do sítio onde ela se esconde e, sem palavras desnecessárias, abraça-a de encontro a si já ao abrigo dos cortinados pesados.

Em silêncio as duas.

E quando Pedro as descobre, admirado, Leonor desenreda-se do afago da irmã, roda sobre si própria, sacudindo impaciente os cabelos que lhe cobrem a face.

Depois, segura e firme, ergue as saias, desse modo desviando a comprida cauda do vestido que, enquanto ela se afasta sorrindo, arrulha em torno dos seus passos.

†

A camisa de dormir está estendida aos pés da cama, bainha delicada a roçar o tapete. Beleza ensimesmada à luz das velas na sua brancura de túnica de vestal, a atestar a pureza, o corpo intocado, a rosa intacta da vagina jamais entreaberta. Subida e fechada da cintura ao pescoço, com pequenos botões redondos de madrepérola rosada, nas suas casas abertas no peitilho bordado a ponto de cruz.

Dispensada a presença da mãe, de Maria e de Teresa, de quem não quisera outra ajuda senão a do desapertar-lhe o espartilho hirto, atilhos cruzados nas costas e ferrados sobre a carne, sufocando-a, magoando-a, impedindo-a de respirar. Este é o único instante que Leonor tem para estar só naquele dia.

Deixa tombar a terceira saia de sombra no tapete árabe, do qual sente a macia rugosidade sob os pés cobertos só com as meias de seda – a primeira e a segunda ficaram enrodilhadas lá atrás, perto da cadeira onde, depois de despido, tombara igualmente o vestido de noiva, ainda tépido do calor da sua pele. O frio do inverno rigoroso magoa-lhe o corpo quase nu, que deveria tapar e que em vez disso expõe. E ao pegar na camisa de

noite, descobre-lhe uma racha aberta abaixo da barriga: buraco cuidadosamente costurado e que a mãe evitara mencionar.

Envergonhada, deixa-a deslizar pelo corpo trémulo, braços erguidos para ela descer coleando, indo em seguida alisá-la nas ancas. E a fresta mal encoberta pelo linho levemente franzido, lá está no lugar certo: bem perto do sítio onde se unem as pernas, formando um triângulo invertido. Leonor volta-se e corre para o quarto de vestir onde entra na pressa de se ver no espelho alto que a reflecte por inteiro, o rubor a tingir-lhe a face, a raiva impotente a acender-lhe o olhar.

É então isso que se espera dela – pensa. Obediência ao uso daquela racha caseada a seda, para cumprir uma obrigação que tem de ser vergonhosa e árida, enquanto se tranca e resguarda para sempre do prazer.

Tanto fechando a mente como o resto do corpo.

Sentindo-se vazia, oca, senta-se no tamborete forrado de damasco sanguíneo frente ao toucador, no tampo do qual está a jarra verde que Teresa lhe dera quando ela e a irmã saíram do convento de Chelas. Mas logo Leonor se levanta num repente zangado, despe a camisa que atira para longe, e isso parece acalmá-la. Inclina-se na banqueta para tirar as ligas, em seguida as meias, e erguendo de novo os braços despe a curta camisinha que ainda resta, a cobrir-lhe os seios. Depois nada mais há que a tape, que a esconda, que a disfarce.

Sem olhar para o espelho, toma da mesa de *toilette* um frasco de cristal que desenrolha, e na palma da outra mão deixa cair três gotas de essência de nardo para perfumar os seios de mamilos largos. E só então sopra as velas uma por uma, e regressa ao quarto onde Carlos Augusto, acabado de entrar,

a olha maravilhado.

†

A mão de Carlos Augusto, ao afagar devagar os seios pequenos e níveos de Leonor, fazem sobressaltar novamente nela o corpo despido e insatisfeito.

Os lençóis de linho e rendas de Bruxelas amarrotados têm manchas de sangue de um vermelho-vivo, onde ele torna a deitá-la ao comprido a receber o cheiro da sua nudez.

Manso odor torpe de flor decepada.

Tombadas do véu de noiva ou do vestido enrodilhado e largado à pressa na véspera à noite no chão do quarto,

as gardénias brancas

fenecem com vagares de inocência perdida.

OceanofPDF.com

†

VII

OceanofPDF.com

†

Eu cantarei um dia

Eu cantarei um dia da tristeza
Por uns termos tão ternos e saudosos,
Que deixem aos alegres invejosos
De chorarem o mal, que lhes não pesa.

Abrandarei das penhas a dureza,
Exalando suspiros tão queixosos,
Que jamais os rochedos cavernosos
Os repitam da mesma natureza.

Serras, penhascos, troncos, arvoredos,
Ave, fonte, montanha, flor, corrente,
Comigo hão-de chorar de amor enredos:
Mas ah! que adoro uma alma que não sente!
Guarda, Amor, os teus pérfidos segredos,
Que eu derramo os meus ais inutilmente.

OceanofPDF.com

†

RAÍZES

Dizem ser o seu corpo muito branco que aprisiona os homens.

O traçado do mapa das suas veias lápis-lazúli na pele lívida de tão translúcida na devassa do gosto, teia de luz onde a saliva amotina e encrespa os lugares da luxúria.

Ou será bruxedo do monte negro e espesso no cimo da encruzilhada das pernas longas e alvas quando se rendem?

Nervosas.

Coxas magras das quais se desprende um ínvio perfume a flores arrepiadas, espraiando-se breve e febril num arrulhar de seda arruivada a custo detida pelos dentes, resvalando na língua em busca da própria sede; odor a amêndoa amarga de vagina entreaberta, a desfazer-se em licor a cada orgasmo.

Dizem ser de vício desatado o seu feitiço.

Das virilhas secretas e sequiosas a erguerem-se com vagares de melancolia na nervura da pressa ansiosa. Da delicadeza dos braços. Da boca que se dá.

Dizem ser do enredo da nuca vacilante. Ou da sua cintura estilhaçada como se fosse vidro. Da maneira oculta como ela estremece.

Desfalece.

Voa.

Dizem ser de lírio ardente e decepado o seu veneno, ou o vagar desatento aquilo que desafia os homens; da altura virgem dos seios separados e pequenos; da indiferença com que mente; do cheiro a canela e a pimenta a desprender-se da penugem curta das axilas.

Dizem ser da febre, do intenso desejo que a enferma e a faz desfalecer, entretecer o estremecer dos ombros, e da aspereza do nome que lhe deram,

Teresa,

que os homens nunca pronunciam.

Dela esperando a desordem, ansiando pelo alvoroço, lutando pela ruptura e pelo desassossego, pela inquietação das camélias que cria nos sonhos embruxados.

Dizem ser da maneira perversa como ela se volta na cama,

nua,

e depois se entrega, se estende e rumoreja, num canto de pássaro desmentindo o que sente.

Dizem ser do modo como murmura, sussurra, geme muito baixo junto aos pulsos unidos perto da face pálida. Vertigem temperada pela limpidez dos lábios vacilantes, ao humedecerem-se com torpores de névoa e ansiedade, pois nela jamais a tepidez se escusa-recusa, tapa o despido e o exposto de si mesma.

Dizem ser da morena penumbra dos seus cabelos.

Numa enovelada beleza de pérola negra.

Teresa.

O que tanto perturba, conturba Leonor de Távora, encandeada pelo esplendor da própria luz, sem conseguir entender o centro exacto onde refulge a fragilidade, a perversidade da nora,

a enlouquecer os homens que a abordam, lhe tocam com a ponta dos dedos, querendo provar a sua língua bifurcada de serpente num sibilar de enleio e de avultamento.

Dizem ser o modo como corre na cama, mudada em pantera, o que algema os amantes, sabendo-se despedaçados pelas suas garras mas acicatados pelo anseio de a terem.

Caça,

na sua floresta ou na sua mata se perdendo; noz, caruma e benjoim que a lavram, a tatuam se os homens a cercam, a encurralam cruéis e temerosos, e a ela se chegam.

Dizem ser os seus nós, o seu vinho, a rosa de Alexandria que tem tatuada no ventre o que acicata o desejo dos homens
quando a possuem, a tomam, a alisam primeiro
e depois a abordam e a abandonam.

OceanofPDF.com

†

MEMÓRIA

Tristeza? Muita. Essa é que não passa.

As horas alimentam-se vorazmente de mim e de si mesmas. E os anos implacáveis vão-me lavrando, marcando e deformando o corpo.

Quem se importa?

Os outros não,

mas eu não me conformo com o enrugar da lisura da pele agora rendilhada, com o fragor das tempestades embatendo nos escolhos da velhice. Não aceitando o ácido amargor do tempo, recusando-me à extinção do incêndio que fez incandescer-me o corpo e o espírito inconformado e curioso. Habituada ao fulgor da alvorada, não aceito a triste palescência do ocaso.

Quando me volto para trás a recordar a vida que levei, invejo o meu exaltado feitio indomável, o vigor destemido que me levava a correr riscos e me fazia entrar em aventuras sem medir os resultados e as consequências, nem me deter a determinar os perigos. Iluminada pelas Luzes que me guiavam pelos caminhos do humanismo. Cultivando a poesia, a ciência e a filosofia como matérias primeiras e mais amadas. Enquanto ia alimentando de bom grado esses desafios a que me conduziam as minhas ambições.

Desejando ser independente e livre.

Opondo-me, recusando-me a cumprir regras que sempre levaram as mulheres à ignorância e à apatia. Situação contra a qual com tenacidade me revoltei enquanto ia alimentando desafios, intentos e vontades de

tomar para mim uma vida mais condizente com os princípios que pareciam querer-me fugir, troçando dos meus esforços.

Eu, que me tinha casado para me afastar da mediania portuguesa de então, dei por mim a morar no Porto a perder-me no marasmo dos meses.

Por isso Carlos Augusto ficou e eu parti para a Corte, então em Salvaterra de Magos, com o intento de defender a nossa situação e tentar pôr fim àquilo que no início acreditei serem apenas más vontades, enredamentos e algumas intrigas.

Comigo levei Leonor Benedita – nascida há pouco, parto difícil de que não guardei resguardo –, para ir deixá-la à guarda de meus pais, por esse tempo em Almeirim, logo tornando a partir a caminho do Paço Real, onde fui recebida com louvores e elogios. A Princesa do Brasil e as infantas gabavam-me os versos, as aias e as açafatas da Rainha louvavam-me as novelas que eu para elas inventava, enquanto as camareiras me invejavam a posição de valida de D. Maria. Os homens, esses, demoravam os olhos nos meus seios, murmurando-me galanteios e louvores desmedidos, com os quais ora me recreava e me divertia – a modéstia nunca foi o meu forte – ora me enfastiava e impacientava de morte.

Enquanto ia escutando o que me diziam, sem dar atenção às palavras desgovernadas, dançava e recitava poesia sem me coibir de dissertar sobre filosofia e teologia. Debatendo ciência e política com o Principe D. José, que me abriu o seu gabinete de física, tendo ambos sobre essa ciência uma opinião formada.

Hoje vejo-me débil, sujeita a diversos reveses, pernas tristes e arrastadas. E revejo-me independente, determinada e ágil, eu que tanto gostava de viajar, de andar sozinha pelas estradas dia após dia, perseguindo o meu rumo; comendo pó e sol numa mesma doce mistura amarga e aventurosa; e só a chuva me fazia recolher às estalagens mais cedo do que determinara.

Era este o futuro que me maravilhava.

Foi por ele que lutei nos dias passados na Corte de Salvaterra. Ensejo a fazer-me brigar como quem soçobra, evitando como podia os alçapões que

se iam abrindo sob os meus pés incautos, desacostumados das armadilhas que me iam pondo no caminho: as mentiras assediavam-me, alimentadas por ministros e fidalgos intriguistas. Recriminei uns, cortejaram-me outros, fingi saber o que não sabia, percorrendo com habilidade o trilho da inteligência e o dom da observação que felizmente não me faltavam.

Passados tantos anos,

revendo a grande satisfação com que recebi a notícia da nomeação de Carlos Augusto como ministro plenipotenciário na Áustria, estranho agora não ter prestado atenção ao desagrado com que esta notícia foi recebida pela maioria daqueles que me rodeavam. Mas as setecentas e setenta e quatro léguas que me iam deixar longe dos intrigantes empolgavam-me tanto que também me cegaram.

No tempo que tinha pela frente jogava-se a minha eternidade.

E só nisso me empenhava. Era como se fosse correndo, galgando, voando, prendendo e desprendendo-me, ansiando pelas propostas ou mesmo pelas batalhas que me aguardavam, com os seus enredos suspensos, com as suas histórias por contar, por inventar. E nesses momentos nada me parecia inalcançável, numa espécie de arrebatada vertigem.

Acreditando no inacreditável.

Para trás largava sem pena o silêncio e a tranquilidade dos dias pacíficos, o abrigo envenenado de casa dos meus pais, o crescimento da minha filha Leonor Benedita. Em troca, exigia um destino glorioso que o meu país não me podia dar.

Ainda hoje, quando tento desenredar a extensão do maravilhamento que diante de mim se abria, sobressalto-me apreensiva diante dos perigos que me esperavam. Na verdade ambicionava entender o mundo abarcando-o na sua totalidade, mudar o meu tempo ajudando a torná-lo moderno e grandioso.

Fundindo-me eu nesse excesso, nesse amplexo, nessa transcendência alada.

A vida tinha uma dívida para comigo

e eu cobrava-a.

OceanofPDF.com

†

1779-1780

É Leonor quem acomoda com cuidado os mais de seiscentos volumes da sua biblioteca, feita enquanto estivera no convento. Os livros seguirão juntamente com a mudança dos móveis, das louças, das malas e dos baús para o Porto, onde vão viver ela e o marido que não lhe esconde a decepção por não ter sido colocado em Lisboa.

Na verdade fora ela a pressionar nesse sentido com os pedidos feitos à Rainha, que de novo a atendera, atribuindo a Carlos Augusto o comando do 6.o Regimento de Infantaria daquela cidade do norte, da qual ouvira falar com entusiasmo mas que ainda não conhece.

Leonor precisa de distanciar-se da animosidade do pai, que desde o casamento dela deixara de lhe dirigir a palavra. Mas também da vigilância constante embora dissimulada da mãe, a tentar imiscuir-se no seu quotidiano, e da infelicidade evidente da irmã, de quem sente saudades.

Só não esperava estar grávida na data de fazer a mudança, quebrada pelas náuseas, pelos vómitos e as tonturas, a estranhar o novo corpo que em si se forma deformando-a, transformando-a num ser desconhecido ao qual não se habitua. Desgostosa com a cintura grossa, o ventre dilatado, as ancas alargadas, os peitos inchados e doridos de grandes mamilos de um tom obscuro de madeira apodrecida.

Depois de se ter livrado de uma prisão, outra se lhe segue.

Sente-se enganada pelo destino que a maltrata, roubando-lhe a liberdade que desejava para louvar plenamente a vida. Sentimento de perda e estranheza que Leonor esconde de todos, culpabilizada e descontente consigo própria, mas a zangar-se sem saber porquê com quem lhe está por

perto. Envenenada pelo desassossego reencontrado durante as insónias, quando como uma alma penada deambula pela casa, proibida pelo médico de voltar a tomar o láudano que sempre usara.

Ela própria se admira da vontade que tem de chorar sem motivo, em dias de tédio. E até da poesia lhe parece estar a afastar-se, temendo o que possa expor de si mesma.

Desinteressa-se dos bilhetes conturbados de Joana Isabel Forjaz e das intermináveis cartas que Teresa de Mello Breyner lhe escreve; inquieta e ressentida, responde-lhe tardiamente e com pouco empenho. Impacienta-se com as graças e a alegria estouvada e sem motivo do irmão, a tentar distraí-la. E quando a criança começa a mexer-se dentro da sua barriga, entra em pânico, dividida entre a ternura equívoca que desperta nela, e o mal-estar, o desacerto que isso lhe provoca.

Descobrindo que o ser mãe é pouco para si.

Sonhando voar mais alto do que apenas isso.

A maternidade nunca lhe adoçará a vida.

†

Leonor e Maria já estão casadas,

falta o Pedro – diz D. João de Almeida a sua mulher de novo recolhida na cama, olhar perdido num silêncio de corsa sacrificada pela vida. Mas ele, sem atender a esse apelo, continua enumerando as possíveis noivas para o filho, enquanto percorre o quarto de um lado a outro:

– Estava eu ainda no Forte da Junqueira e tu em Chelas, quando pensei iniciar conversações com o duque de Aveiro, tendo em vista a união de Pedro com a sua filha mais nova. Mas acabei por ir adiando, e deixar os casamentos para quando saísse do cativeiro.

«Então inclinei-me para D. Maria Margarida Josefa, filha do visconde de Vila Nova de Cerveira. Mas apesar de um começo auspicioso, ele acabou por preferir uma outra casa mais rica e vantajosa do que a nossa.

«Pareceu-me depois conveniente a aliança com a tua sobrinha Joana Bernarda, filha do teu irmão Manuel Bernardo e da marquesa nova Teresa

de Távora, tua tia e cunhada. Mas os acontecimentos terríveis pelos quais foi tão responsável tornaram-na uma mulher difícil, amarga, ressabiada, que se recusa a ter contacto com a família.»

E aproximando-se do leito onde Leonor de Lorena se amodorra, acrescenta sem a olhar:

– Sobre isto nada te disse por temer um outro desfecho negativo do meu empenho, como na verdade aconteceu… Aliás, deduzo que continuas com a ideia fixa de casarmos Pedro com uma das filhas do conde de Niza, apesar de saberes da minha falta de gosto a esse respeito, e dos inúmeros pedidos de casamento que nos garantem ter essas raparigas.

Parecendo finalmente dar conta do prolongado silêncio de Leonor de Lorena, o marquês de Alorna encara-a de raspão

e pára interdito diante do seu sorriso trocista.

†

Antes de ir para o Porto, Leonor encontra-se na Corte com o duque de Lafões que acaba de retornar do seu prolongado exílio.

Ela olha-o com curiosidade, tentando descobrir nele o seguidor das Luzes que tanto a atraem enquanto princípios filosóficos e ideais grandiosos.

Ele reconhece-a das notícias que lhe haviam chegado a Viena, falando da sua estranheza de mulher culta e poetisa de talento invulgar, beleza de requinte, carácter forte e difícil.

Tentam entender o que os distancia e os aproxima um do outro; demoram-se a falar de Voltaire e Diderot,

D’Alembert e Rousseau.

Os dois enumeram projectos, itinerários traçados para a sua vida, tendo como meta o conhecimento humanista.

Ela fala-lhe de partir pela Europa em busca de si própria.

Ele, de voltar a Portugal, onde há anos sonha criar a Academia das Ciências, e para isso obtivera já a licença da Rainha e a ajuda prestigiante

do abade Correia da Serra, de quem Leonor, entretanto, se tornara desvelada discípula.

Ela encara-o como um homem velho, conhecedor, mas de aparência desconcertante; amigo da sua amiga Teresa de Mello Breyner, a ele ligada pelos laços da ciência e da conivência literária.

Ele vê-a como uma bela mulher jovem ainda, um pouco assustadora quer pela ousadia do pensamento e ambição quer pela firmeza das convicções.

Exigente e destemida.

†

Minha muito querida e adorada
Mariquita da minha alma

Neste mundo não há gosto perfeito, sempre o soube, mas nem por isso deixo de estranhar ver-me separada das minhas duas filhas, tão chegadas que fomos toda a nossa vida. Agora que tenho junto de mim a companhia de meu marido, falta-me a vossa,

quando já foi o contrário.

Sinto infinitas saudades da tua doce companhia, filha, tão mansa e alegre Maria, que a todos encantas pelo lado da ternura e da suavidade; mantenho embora o ânimo capaz de me fazer aguardar em ânsias as tuas visitas, como se morasses longe e não a dois passos aqui de casa. Pois ultimamente muito tens andado afastada, e eu espero ansiosa que chegues, a acalmares-me as ânsias do peito, a diminuíres-me o susto, a iludires-me as premonições ruins que a teu respeito nos últimos tempos nunca me largam. Ficando sem saber se te peça novas do teu homem, pois não conheço como ele te é na intimidade do carinho. Um dia, filha, ainda me vais contar a verdade sobre a tua nova vida, pois da última vez que aqui estiveste achei-te magra demais, triste demais e desiludida como jamais encontrei alguma outra mulher casada há tão pouco tempo.

Por aqui tudo continua incerto, com Leonor de partida para o Porto a qualquer momento. Como por certo ela já te deve ter contado, a tua irmã

está de esperanças e passa bastante mal.

Acredito que também por causa das divisões e dos ressentimentos que são muitos por esta parte, à conta do silêncio que junto dela sempre guarda vosso Pai, inconformado com o seu casamento, continuando a argumentar contra o conde, cousa que muito me apoquenta pelo perigo que isso pode trazer ao seu estado. Mas a tua irmã também não cede em nada, trancada no seu desmesurado orgulho, sem perdoar as desfeitas ao conde de Oeynhausen. E eu tenho de reconhecer, Maria, não haver «*maior carinho do que aquele que encontra no marido. Ela perdeu nos bens, mas ganhou muito por essa parte*». Perante tais sentimentos de afecto fico descansada, pois as doçuras de ambos são constantes.

Afinal,

como tudo com o tempo se concerta, desfaz ou entorpece, chego à conclusão de ter estado certa ao tentar, como sabes, que o teu Pai aceitasse o casamento de Leonor, até porque sempre é inútil a demasiada oposição às afeições verdadeiras.

Esperemos, filha do meu coração, que um dia possamos todos esquecer as cicatrizes das feridas que neste momento ainda tanto sangram.

Permita Deus que o tempo sare os nossos corações aflitos.

E a ti, Maria, digo-te o mesmo de sempre: esquece o que há para esquecer, filha, pois é errado supormos que esta vida pode ser mais para as mulheres do que um vale de lágrimas.

Recados da tua irmã, que não te pode escrever porque está a vomitar muito, e passa a maior parte do tempo deitada

na escuridade do quarto.

Beijos da mãe que muito te ama
Leonor de Lorena

Lisboa, 4 de Abril de 1779

†

MONÓLOGO DE D. JOÃO DE ALMEIDA

Partiu em alvoroço com pressa de se afastar, sem erguer sequer os olhos para mim ou me pedir a bênção, desleixando o amor respeitoso que me é devido; de novo precipitando os acontecimentos, sem o menor sentido de compostura. E desse modo negando outra vez com acinte a face inocente e o carácter recto e obediente que de Chelas, em tempos de cartas e prometimentos, me fez crer serem os seus. Muito interessada agora na insubmissão e no desacato, e pouco em princípios, em regras.

Sem comedimento de nenhuma espécie.

Assisto com impotente zanga e não menor desgosto ao apego que Leonor põe na vontade de partir para longe, nunca escondendo a ambição – que numa mulher sempre desnatura o coração – de subir, quanto a mim, demasiado alto, perseguindo um deslumbramento impossível. Tomada pelo seu espírito desvairado, chegou ao ponto de ignorar a cláusula que a prende a Portugal, inserida por mim no contrato de casamento assinado por ela e pelo que é hoje seu marido. Tendo como finalidade prendê-la ao cumprimento dos seus deveres e afastá-la dos perigos desviantes e subversivos do mundo.

†

Quando chegam ao Porto, mesmo antes de serem instalados os móveis nos lugares por ela escolhidos, Leonor dá pela falta dos caixotes dos livros. Começa por pensar estarem entre o amontoado de mobílias, de louças, de pratas e vidros expedidos de Lisboa, mas ao fim do dia não pode continuar a iludir o seu desaparecimento. Recusando-se ainda a aceitar o facto, volta a vasculhar a casa de alto a baixo, indo e vindo lenta e pesada, curvando-se e endireitando-se quanto lhe permite a gravidez.

Abre o resto das malas, desata os últimos pacotes, espreita para dentro dos cestos, das cestas, dos baús, das arcas. E por fim, em desespero, procura-os sem lógica nas prateleiras dos armários que viajaram trancados, mas também nos fundos gavetões empilhados em cima uns dos outros. E ainda duvidando, a adiar a verdade, pergunta a Carlos Augusto, que a segue tentando inutilmente ajudá-la:

– Fui roubada?

Incrédula, regressa ao princípio, torna a revistar os malões, as caixas de madeira, os arcazes já despejados e guardados no sótão. Desarrazoada, esquadrinha as papeleiras de alçado encostadas às paredes, puxa para fora as pequenas gavetas das mesas-de-cabeceira, revela os segredos dos contadores de laca. Numa histeria cega, escancara as portas de vidrilhos dos aparadores da sala de jantar, e passa as mãos trémulas pelas suas prateleiras vazias de onde parte um odor espesso a sândalo que lhe provoca náuseas.

Por fim, não lhe restando nenhum outro sítio onde tentar encontrar os livros, manda vir à sua presença os carregadores que os deveriam ter transportado, interroga-os, mas eles não sabem ou não podem responder às suas atropeladas perguntas, olhando-a contritos e admirados com tamanha aflição. Acaba por mandá-los embora, perplexa, pressentindo a presença das dúvidas insidiosas que começam a rondá-la.

Teria sido o pai a dar ordem de descaminho aos livros, crendo serem os culpados por aquilo a que chama a desobediência e rebeldia dela? Ou talvez o marido, a quem por certo também pouco ou nada agrada o que ela leu ou lê agora?

Fita-o desconfiada, a tentar descortinar a verdade no seu olhar fugidio, esforçando-se por lhe decifrar a expressão do rosto, por interpretar o franzir dos lábios mordidos pelos dentes, as mãos nervosas e suadas escondidas atrás das costas; sintomas de um nervosismo que pode dever-se tanto à má consciência como a um natural cansaço.

Inconformada, Leonor teima em descobrir uma razão plausível para o misterioso sumiço da sua biblioteca. E o vazio nela criado por aquela falta

é tamanho e tão cruel que, atingida pelo cobarde golpe, baqueia, sente perder os sentidos: pernas moles e lentamente vergadas, corpo sem peso já resvalando e sustido a tempo por Carlos Augusto,

que aflito a aperta nos braços.

†

MONÓLOGO DE LEONOR

A gravidez está a mudar a minha noção de tempo e a envenenar-me a curta vida que tenho em liberdade. Mudou-me também o corpo, onde estão a ser dobados os sangues ínvios, os mucos, as névoas baixas, a criança a crescer dentro de mim,

e, isso sei, me acrescenta e cinde.

De forma violenta.

Ansiando por me libertar, revolto-me e tento não esbracejar como uma afogada, a querer escancarar portas e janelas, cortar amarras como quem pretende testar a própria consciência que parece escusar-se. Troco as voltas aos nervos desavindos, à invasão da angústia a querer esvaziar-me o pensamento. E todas as manhãs recomeço: tomo banho evitando olhar-me nua, a vestir depois sem gosto as roupas onde me alargo, me alago de incerteza, vendo-me afastada daquilo que sempre almejei.

Por vezes caio, desmaio, e durante infinitos minutos esqueço-me de existir. Do meu esteio esvai-se a maior luz e tudo à minha volta parece encolher, enquanto eu entumesço, desejando a temperança, sentindo aumentar o gosto por uma equívoca beleza escusa e ardilosa.

Laboriosa.

Luzente de sol, porque só o luar não me chega às pálpebras.

Mordo os pulsos,

deles tomando o gosto fibroso e amargo de fruto selvagem, saliva ácida a encher-me a boca, sem consentir nada no estômago fraco. Laço dado de fitas e humores à flor do cruzamento das coxas, onde melhor se unem os intensos cheiros e os suores nocturnos. A febre das ilhargas por onde vou tacteando em busca de vestígios da minha antiga silhueta frágil, mas só descobrindo o peso, o largo, a grossura das carnes, a desmesura do vulto. Refugio-me então no rendado pano da vertigem, onde me deixo ir pelo avesso do entendimento.

Perdida a raiz da memória?

†

Sobra-lhe o excesso, a altivez que não a deixa ceder, a cultura, e isso ajuda-a a não soçobrar. E por demais assombrado e comprometido que imagine estar o seu futuro, continua a esforçar-se por acreditar ser capaz de conduzir o próprio destino por entre os desvios, os desvãos, os alçapões inesperados e os precipícios que encontra pelo caminho.

Se se permite sonhar é porque nada está perdido.

Rosas espinhosas espicaçam-lhe os desejos da alma, mesmo se um novo coração bate algures dentro dela, sem condicionar a verdadeira essência do seu ser e do seu pensamento.

Pacientemente,

ensina-se a saber esperar pela alvorada. E como a sua fama vai até onde ela chega, em breve encontra-se rodeada pelos poetas, os artistas, os condutores das artes da cidade do Porto.

†

Mais uma vez Leonor torna-se a luz em torno da qual os outros poetas se reúnem. E sem que ela mesma saiba como, as assembleias organizadas em sua honra em casa do senhor da Trofa depressa se transformam numa Academia da qual a nomeiam presidente.

Mas, mais do que as discussões, o recitar versos, os *Leader* e as sonatas para cravo, aquilo em que Leonor mais faz gosto é ter junto a si cinco poetisas do Porto, num pequeno grupo solidário, desconcertante e inventivo; lamentando a ausência de Catarina de Lencastre que ela não conhece, mas de quem muito tem ouvido falar, gabar o talento, a beleza ousada dos versos,

desde o começo daquelas reuniões literárias.

†

Num repente brusco a dor atinge-a.

Surpreendida, curva-se gemendo na tentativa inútil de controlar o espasmo acutilante que de súbito surge e lhe apunhala as costas, os rins, o ventre, enquanto escuta ao longe o eco do seu próprio lamento.

– Mãe! – consegue chamar da copa onde se encontra, ansiando por arrancar de si a faca que a está a romper, revolvendo-se nela a rasgar-lhe os tecidos do corpo, tão depressa acometendo-a como a largando, a fazê-la arquejar e sufocar de novo.

Quando se deixa ir a mulher atrás do grito solto?

Uma aguadilha turva com um odor almiscarado a mosto, vinda do interior do seu corpo, começa a entornar-se, a escorrer pelo interior das pernas que instintivamente entreabre, indo formar nas tábuas de madeira do chão uma poça opaca, da qual tenta afastar-se enojada, mas já caindo nela de joelhos. E é com um desconhecido alívio que vê chegar a mãe, seguida das outras mulheres da casa.

A sentarem-na,

a pegarem-na, a levantarem-na, amparando-a depois até à cama onde a deitam, enquanto Carlos Augusto, chamado à pressa, corre em busca da parteira. E Leonor fica impotente à mercê dos espasmos que a tolhem, aguardando o aguilhão selvagem que lhe trespassa as carnes, os sangues, os ossos que se alargam.

Sentindo um medo irracional e fundo que ela aceita.

†

DIÁRIO

Foram apenas três os gritos que soltei, enrouquecidos,

a senti-la escorregar, deslizar, nadar por dentro de mim ao longo do meu corpo. E minha Mãe, agindo depressa, empurrou a parteira num brusco movimento inesperadamente firme, para ser ela a amparar Leonor Benedita com as próprias mãos.

A menina nasceu a chorar, como se adivinhasse para si mesma um triste destino.

Estava-se no dia 30 de Novembro de 1779.

Lá fora levantavam-se névoas e neblinas, depois de ter chovido durante o dia todo. Ainda aturdida, escutei o som de um raio a fender as nuvens de chumbo,

empurradas pelo vento agreste e duro, a acometer as árvores.

Porto, 7 de Dezembro de 1779

†

Não sei se conseguirei fazer chegar sigilosamente a ti estas letras, e com elas as mal contidas saudades que tanto me atormentam, pois nem sequer entendo, minha prenda, como tenho sobrevivido à tua falta.

Desde que partiste, perderam os meus dias o sentido que a tua presença incendiava.

Viver então porquê, quando deixa de existir motivo e tudo em nós se apaga, se esgarça a seda do sentir? Mal aguentando eu a aridez das horas preenchidas com as rezas e os terços, lendo e relendo os teus poemas, e nesses versos voltando eu a encontrar-te, mas também a descobrir a minha

mágoa e pena. Tentando imaginar como será para ti, Leonor, o retomar da vida pelo lado de fora desta casa de negrumes e hipocrisias.

Chegou há dias a notícia do nascimento da tua filha, ficando eu perplexa sem conseguir imaginar-te mãe; como se uma poalha rósea te nimbasse e protegesse

de seres como todas as mulheres.

Estarei eternamente à tua espera.
Esta que demasiado te ama
Gonçala

Convento de Chelas, 23 de Dezembro de 1779

†

Passadas algumas semanas contadas a partir do parto, Leonor passa a vaguear pela casa, atordoada com a vida tal como ela se lhe apresenta.

Traindo-a.

Assustada com as notícias que lhe chegam das muitas intrigas que se entretecem na Corte com o intuito de derrubá-la através da queda do conde de Oeynhausen seu marido, a quem no 6.o Regimento de Infantaria só têm sido criados dissabores.

Desconfiando de tudo e de todos, desavinda até consigo mesma, deixa-se afundar numa depressão tamanha que ninguém já a reconhece; parecendo-lhe a ela que o sol nunca mais irá conseguir passar pela estreiteza da renda de bilros das cortinas que velam as vidraças da casa escura onde vive, sentindo que tudo acrescenta penumbra à penumbra das salas e dos quartos onde sufoca a pouco e pouco.

Não fora nada disto que ela planeara.

Os livros, mal os abre, logo a entediam, guardando para si apenas aqueles que mais ama. Em cima da escrivaninha os diários permanecem abertos mas em branco, nos cadernos as ideias e as frases vão ficando a meio, e nos papéis as poesias quedam-se incompletas.

A maternidade dá-lhe arrepios de apreensão e medo.

Muitos são os pesadelos que lhe parecem continuar depois de acordada: banhada em suores frios, cabeça estonteada, esquecida do que sonhara. Por vezes, quando olha para Leonor Benedita a descansar no seu berço de cambraia e folhos, sob a campânula do véu de tule, imagina-a morta, responsabilizando-se por isso; e mesmo vê-la abrir os olhos não acalma o seu coração contrito.

Culpando-se pelo pouco afecto que sente por ela.

Impaciente, manda a mãe de volta para Almeirim, larga a meio as cartas de Maria e de Teresa e os versos enviados por Isabel Forjaz da sua quinta nas Picoas, onde se refugiara; mas às vezes lê-os de madrugada, remoendo insónias que mitiga tomando láudano e beladona quando está desesperada; mas no dia seguinte anda a tropeçar nos próprios passos, e como o parco desafogo das áleas do jardim não a suavizem, começa a passear demoradamente pelas margens do Douro, desarmonizada com a vida que leva, certa de que a sorte nunca lhe irá dar descanso.

Tudo à sua volta se lhe afigura insignificante e mesquinho.

Gosta de ouvir o vento zunindo solto enquanto relembra o passado, chegando a escutar o arrulhar da seda do vestido de sua avó Leonor de Távora e a sentir o odor a jacinto do seu cabelo dourado.

Ora faltando as forças a Leonor, ora tendo-as em demasia.

Todos os dias as mentiras se multiplicam, as intrigas e as armadilhas aumentam, a minarem a vida dela e a de Carlos Augusto, cada vez mais venenosas e certeiras. No escritório onde arruma os livros que entretanto tornara a comprar, repondo os que lhe haviam levado num perfeito sumiço, Leonor vai e vem, passos contados entre o longo corredor, a porta do escritório, a sua escrivaninha, e por fim a estante onde se alinham as obras de Dante, de Horácio, de Petrarca e de Camões.

Uma noite em que Carlos Augusto chega da rua e se abeira dela com preocupação no semblante fechado, comunica-lhe com voz tranquila a decisão por ela tomada nessa mesma tarde:

– Parto na próxima semana para o Paço de Salvaterra de Magos, onde está a Corte. Preciso de ir pedir a bênção e a protecção da Rainha.

E perante o conivente calamento do marido, acrescenta:

– Estou certa de que nos vai ajudar.

†

DIÁRIO

«*Cheguei a Salvaterra e conheci logo pelo modo com que me recebeu a Princesa do Brasil, Dona Maria Benedita, que a Família Real, não obstante as cartas fulminantes do General da Província e de Aires de Sá, estava muito a meu favor; as princesas mesmas me facilitaram uma ocasião de poder encontrar a Rainha só. Aproveitei logo dela e disse a Sua Majestade que, vistos os dissabores que o Conde de Oeynhausen tinha experimentado na província, eu não podia deixar de lembrar-lhe que era debaixo da sua protecção que se tinha feito o meu casamento e que mais que nunca precisava que Sua Majestade verificasse as esperanças que tão justamente tínhamos recebido e as suas promessas augustas tinham autorizado. Longe de parecer que este meu discurso (a que juntei algumas frases ternas, conformes ao meu estado) tinha produzido um bom efeito sobre a Rainha, achei o modo mui seco e mesmo me pareceu severo. Respondeu simplesmente:*

– Veremos – e foi andando para diante.»

Paço Real de Salvaterra de Magos, 1780

†

Acaba de deixar a câmara de D. Maria e avança afoita pela escuridão dos corredores do palácio, vendo passar a seu lado vultos indistintos e silenciosos que a cumprimentam. Inclina ao de leve a cabeça, distraída a relembrar as vagas mas severas palavras da Rainha.

Consciente da importância daquilo que a leva ao Paço, a pretexto de defender a posição do marido, não se deixa desanimar.

Determinada.

A querer encontrar maneira de desfazer as intrigas mesquinhas por trás das quais suspeita estarem mentes cruéis e daninhas, na teima de destruir a vida de ambos. E com a mão incerta tacteia o inóspito negrume à sua frente, feito de ruídos abafados, de vultos que se esgueiram, do deslizar de passos rápidos, tudo isto envolto pelo frio cortante que em Salvaterra é sempre muito naquela época do ano.

A bainha do vestido de veludo pérola fica presa na farpa do lambril de uma porta, junto da passadeira. Impaciente, solta-a com a ponta dos dedos, erguendo um pouco mais a saia, tiritando sob as correntes de ar que se cruzam em todos os lugares do palácio onde as lareiras permanecem habitualmente apagadas.

Gela-se ali dentro.

Cruza o xaile de caxemira lilás sobre o peito descoberto, a tapar num gesto brando o começo dos seios arrepiados dos quais se desprende um doce odor a nardo na pele onde se dissimula e se adormenta.

Mal entra nos aposentos da Princesa do Brasil encontra a condessa de Lumiares, com a sua beleza de boneca de Saxe, que sempre curiosa e interessada em ouvi-la conversar lhe toma as mãos nas suas a puxá-la para longe da porta. Mas Leonor olha à roda em busca da camareira da Rainha, D. Mariana de Arriaga, com quem tem maior à-vontade e, não a encontrando, desprende-se da jovem condessa e torna ao corredor obscuro.

Nos salões áridos é rodeada pelos fidalgos que preguiçam e a aborrecem com a ignorância e a banalidade dos galanteios, fascinados com a sua beleza, mas também atemorizados com a sua inteligência e cultura,

personalidade excessiva de mulher determinada. Inquietos e desconfiados quanto aos verdadeiros motivos da sua inesperada presença na Corte de Salvaterra.

A Leonor não escapa a inveja que levanta à sua passagem, a preocupação que desencadeia. Sabe como fora comentada a sua chegada intempestiva, e como é interpretada com apreensão a sua demora no Palácio de Salvaterra. Para muitos, ela está demasiado perto dos príncipes do Brasil com quem comunga dos mesmos ideais. Íntima também das infantas, e querida das camareiras e das açafatas de D. Maria, sempre a chamarem-na para junto de si.

Atenta, olha e escuta o que se desenrola à sua volta, sentindo tanto a labareda da admiração como o punhal acerado da hostilidade. E se, movida pelo desalento, imagina vacilar nos seus propósitos, depressa recupera, a fazer valer a coragem e a obstinação sobre a súbita fraqueza, teimando no projecto de sair de Portugal.

Feliz, Leonor aceita a protecção arrebatada e alvoroçada das princesas, que a apreciam e lhe pedem versos; assumindo o encargo, escreve-os à noite antes de se deitar. Aliás, são as mulheres que lhe emprestam ânimo e a ajudam a passar o tempo de um modo assaz tenaz e meigo. Divertem-se e divertem-na com os seus jogos, com o relato dos possíveis segredos dos fidalgos presentes. Alegrando-a com o seu riso solto e o seu maldizer descuidado. São ainda elas que querem conselhos, histórias, e até o reinventar dos outeiros de Chelas nas *soirées* do Paço.

Mas na verdade é D. Maria Francisca Benedita quem lhe dá mais segurança e mostras de um maior apoio.

E junto de sua irmã, a Rainha, intercede por ela.

†

«*Fui dos corredores do Paço para a antecâmara da Rainha onde estive fazendo versos e contando novelas às açafatas*» de Sua Majestade.

Fingindo distrair-me instruindo-as, ia observando, ia escutando e vendo o que podia à minha volta; a dar conta dos suspiros e dos enredos, dos

gestos reprimidos e da acrimónia escondida nas palavras. Das intrigas que se teciam, levando-me a supor, com justa certeza, o muito que sobre mim e meu marido fora ali mesmo urdido e acrescentado nas nossas costas com o mais total desprezo da realidade.

Lá se faziam e desfaziam negócios e contratos, antes mesmo de chegarem à presença da Rainha, sem se levar em conta a verdade e o valimento de cada pessoa ou de cada caso. D. Maria Antónia e D. Bernarda Campos, damas da Monarca, tentavam ajudar-me no que estava ao seu alcance. Tentando desfazer meu desconsolo e desalento, arranjaram-me lugar onde viver no Paço. E depois de ter voltado a ser recebida a sós por Sua Alteza, moeram-me com perguntas todas elas vantajosas para mim, pois evidenciavam o interesse de ambas pela minha pessoa.

– Destes conta de alguma frieza de trato por parte da Rainha?

– Foi D. Maria pondo sorrisos nos espaços do silêncio?

– Distanciamento mais do que é suposto haver por parte de Sua Majestade?

Quiseram saber qual o seu tom de voz, da secura recolhida, qual a tonalidade do sorriso ou do azedume, da firmeza, do trato e da finura.

Curiosas da formalidade escolhida e do preceito.

D. Domingas Manuel, marquesa de Tancos, por seu lado, tomava-me pelo braço e levava-me com ela, conseguindo salvar-me a tempo da curiosidade infantil das damas da Soberana.

– E agora como vai Vossa Excelência pagar-me por tê-la salvo? Com um poema? – perguntava-me então, com um sorriso trocista nos lábios de cereja acesa.

†

D. Maria convoca Leonor para que vá rezar com ela no seu Oratório, na companhia do seu confessor o arcebispo de Tessalónica, enorme nas suas vestes brancas de carmelita, olhar desatento a deter-se de passagem nos rostos das santas.

No início Leonor julga sufocar com o ar saturado do intenso perfume das rosas e das açucenas brancas, do incenso queimado e do sebo derretido das velas a descer como lágrimas grossas até ao pé torneado dos candelabros de prata cinzelada, dos castiçais e das palmatórias. Procura manter a respiração suspensa, atenta às sombras movediças que a luz bruxuleante das lamparinas projecta nas paredes e no tecto.

É muito e forte o poder do arcebispo,

ancorado firmemente no seu bom senso, na fé, nas novenas e nas confissões diárias de Suas Altezas. E Leonor depressa entende, através das meias palavras tecidas ao seu ouvido pela Princesa do Brasil, ser de boa política conquistar o prelado para a sua causa.

Assim sendo, a partir desse dia ela passa a suportar, embora a custo, os destemperos, as grosserias e os despropósitos de Sua Eminência, enquanto aguarda que ele se resolva a falar do negócio que até ali a levara: deslindar histórias emaranhadas e caluniosas tecidas a partir da Corte contra o conde de Oeynhausen, tendo embora Leonor já algumas soluções preparadas para a satisfação de ambos. Sobretudo luta pela saída de Portugal.

Sonho tão dificultoso,

que sentia pouca esperança em alcançá-lo.

A camareira-mor da Rainha-Mãe, D. Maria de Almeida Bernarda Campos, nos aposentos de quem acabara por se hospedar no Paço, escuta com atenção as queixas de Leonor sobre as intrigas e as mentiras que grassam à sua roda. E, com bonomia, tenta instruí-la de que a única maneira para vencer com sucesso a hipocrisia é contorná-la e desprezá-la.

À medida que as semanas passam, Leonor dá-se conta de que as pessoas estão a acostumar-se à sua presença: dizem-lhe graças, contam-lhe segredos, fazem-lhe toda a espécie de confissões, pedem-lhe versos recitados e poemas escritos. Mesmo o arcebispo de Tessalónica já esbraceja menos quando a encontra, mostrando alguma curiosidade em ouvi-la. Um dia, enchendo-se de coragem, queixa-se-lhe do abandono a que no Porto ela e o marido têm sido votados por Suas Majestades. Mas ele mal parece ouvi-la, mais interessado no intenso cheiro a doce de leite e

baunilha que chega das cozinhas, a invadir as salas do palácio. E não desejando mais a sua companhia, o arcebispo levanta-se e, fitando Leonor com ar enfastiado, interrompe-a com a frase de sempre:

«*Isso é ponto de Estado.*»

Afasta-se aos encontrões a tudo, esbarrando com estrondo na ombreira da porta ao sair em direcção à câmara da Rainha.

– Veja Vossa Excelência o desalento de tudo isto! – lamentar-se-á mais tarde num murmúrio a Princesa do Brasil, brincando com a fieira de diamantes que usa nesse dia no colo de mármore.

Leonor sorri-lhe a custo,

sem nenhuma alegria.

†

Recebe bilhetes de Joana Isabel Forjaz, mas responde primeiro às cartas de Teresa, a pedir-lhe que abandone Vila Viçosa onde se encontra e vá ter com ela a Salvaterra. Sem se referir aos febris versos de Joana Isabel, traçados no papel holandês igual ao que elas habitualmente usam, a mostrar-se no que lhe escreve tão sensual e loura quanto a imagem arrebatada que dela guarda, e que de vez em quando lembra com uma saudade provavelmente equívoca.

Teresa não lhe responde. E o seu silêncio vai ganhando um peso gelado. Como não está habituada ao abandono da amiga, insiste ansiosa, receando ter perdido aquela que há muito se tornara a querida consoladora dos seus dias mais conturbados.

«Responde-me que vens! Responde-me que vens!» – suplica-lhe. Sentindo-se sozinha e vulnerável, tenta justificar a insistência aflita: «Prometo não ser contrária à docilidade que tanto gostas de ver em mim.» Mas não conseguindo conter-se, logo acrescenta:

«*Sem ofensa nenhuma da minha independência.*»

†

CONSIDERAÇÕES DA RAINHA-MÃE D. MARIANA VITÓRIA

Chegou exacerbada, às vezes tímida. Olhar de pérola recolhida, que de tanto mar nos olhos não perdoa dos outros a secura. E sentindo-se perdida não se afoita tanto quanto queria, mas também jamais se apazigua.

A fazer-me lembrar no porte delicado e firme, no evidente orgulho e no querer forte, a marquesa Leonor de Távora sua avó. E revoltosas continuam a ser para mim as águas contaminadas desse tempo escuso, a devolverem-me intactos o ciúme, o ódio, a dor, a humilhação sofrida.

Numa mistura exaltada de sentimentos múltiplos, livres de qualquer remorso, embora consciente do frouxo empenho posto na tentativa de salvá-la. Lembro-me de, na altura, ter sido desmesurado o meu contentamento, em calamento prudente, diante do sangue vertido pelos Távora.

Regozijo indevido em troca de uma infidelidade espúria. Como se, em vez de Sebastião José, fosse eu que os matasse.

No entanto, horrorosa ironia, a barregã Teresa de Távora ficou incólume. Ela, único motivo de todo o meu ódio, exposta que fiquei, sentindo minha cama rejeitada, à devassa ávida de todo o reino. Nocturna vingança não cometida.

Não percebo o que me fez autorizar o pedido da camareira-mor D. Maria de Almeida Bernarda Campos, para hospedar a condessa de Oeynhausen. Pois sendo a sua câmara junto à minha, sempre nos encontramos. E como D. Leonor não desvia o olhar luminoso da escuridade do meu, tento cumprimentá-la com a cortesia que lhe é devida.

Nos salões da Corte, porém, persigo-a com uma atenção disfarçada de empenho, à revelia de instigações culposas e de ambiguidades,

avaliando a minha cobardia sem culpa,
em busca da sua diferença.

†

Carlos Augusto
amado do meu coração

Raramente as boas causas são aquelas que se resolvem com acerto na pressa ou da melhor maneira, tal como parece avisado esperar-se. Por isso aqui continuo no Paço sem descortinar com verdade boas novas para te enviar.

Sei como deves estar preocupado com a insegurança transmitida por tamanha demora e pelo tanto que na minha ausência sei faltar-te. Mas apesar de ainda não ter confirmado as minhas desconfianças, nem saber ao certo de onde partem as intrigas que tanto nos apoquentam, posso já garantir-te ter conseguido impedir a tua queda junto da Rainha.

Entretanto, arranjei amigos na Corte, acarinhada pelas açafatas, as damas de honor, tendo também pelo meu lado a Princesa do Brasil que me dá apoio e prepara os caminhos que me irão levar novamente até ao coração da Rainha.

Mas deixa-me esquecer por momentos as astúcias e artimanhas a que me vejo obrigada, e tente desabafar contigo, confessando-te como por vezes me desfalece a esperança de conseguir para ti tudo o que mereces por honestidade, nascimento e honra. A honradez, porém, não prevalece por aqui, nem a ombridade, preferindo-se os negrumes às Luzes e a hipocrisia à verdade.

Não vou portanto esconder-te como seria importante poderes vir até ao Paço defender-te pessoalmente das calúnias e das falsidades.

Dá-me uma resposta ou vem com a brevidade possível.

Desejando que esteja para breve a alegria
de reencontrar o calor dos teus braços.

Sou eternamente tua
L.

Salvaterra, 24 de Fevereiro de 1780

†

Leonor vai muitas vezes até ao picadeiro novo, junto ao Paço.

Os cavalos exercem nela um fascínio que só pode ter a ver com a idealização que deles fizera durante os anos de reclusão em Chelas.

A primeira vez que chega perto das cavalariças encontra o Príncipe do Brasil, muito belo no seu trajo de cavaleiro. E ao contar-lhe da sua antiga atracção, D. José leva-a até às cocheiras, encorajando-a a aprender a montar.

Leonor aceita,

e é como se o tivesse feito desde sempre, firme mas dócil, a moldar-se ao corpo do cavalo, a sentir-lhe a tepidez trémula do dorso que afaga com cuidado, a sentir o seu odor agridoce, de humidades retidas e almiscaradas.

Pégaso, conexão com a luz da sabedoria.

†

Desanimada mais do que o costume, embrulhada no xaile apertado ao peito na tentativa inútil de defender-me dos gelos e das correntes de ar que me afligiam muito, olhava com desconsolo o borralho quase extinto da lareira quando o arcebispo de Tessalónica apareceu, segundo ele para se encontrar comigo.

«*Seria cousa curiosa mas inútil relatar o princípio da conversação. Basta dizer que, depois de muita grosseria, muita patada e muito despropósito»*, acabou por refrear os habituais destemperos e, depois de rodeios e preâmbulos, resolveu-se finalmente a abordar o negócio que o trouxera até mim. Dominando a custo o desagrado causado pela sua

indelicadeza, abri o peito à luta – pois para isso estava em Salvaterra – e comecei por «*argui-lo muito resolutamente do abandono em que nos tinha deixado, depois de se interessar com tanta eficácia em que meu marido ficasse em Portugal e casasse comigo*»:

– Não entendo como pode Vossa Eminência concordar com o desamparo a que temos sido votados.

Afinal, «*as histórias que acabavam de passar-se no Porto provavam que ou não tinha conhecido o conde quando se interessara por ele, ou o desconhecia agora*». Quando terminei de argumentar neste sentido ficou frei Inácio meditando, e no seu olhar incrédulo pareceu-me, por segundos, ver misturar-se o espanto e alguma raiva. Aproveitando o seu silêncio falei-lhe ainda das cabalas, das mentiras, no tom de emulação que o assunto pedia.

Com o leque de madrepérola empunhado, dei por mim a levantar a voz indignada e brusca, a pressionar o confessor da Rainha:

– Tenho ordem de meu marido para dizer a Vossa Eminência que, caso Sua Majestade não estiver convicta da total inocência dele, a sua honra obriga-o a abandonar o comando do 6.o Regimento de Infantaria do Porto.

E perante a visível perplexidade do arcebispo, terminei de um só fôlego:

– Posso garantir a Vossa Grandeza que o conde não merece o vosso desagrado nem o de Sua Alteza Real. Portanto, caso não lhe seja dada oportunidade para defender a sua honra, não pretende ele permanecer nem mais um dia em Portugal.

– Isso é ponto de Estado – respondeu-me, como era seu hábito.

«*Nem eu nem ele soubemos então que cousa era ponto de Estado. Insisti, dei-lhe quantas razões me lembraram para o obrigar a falar, mas tudo era inútil e a resposta constante foi sempre:*

– Isso é ponto de Estado!»

No entanto, ao voltar a enumerar-lhe os enganos e as falsidades levantadas contra o meu marido pareceu-me ficar mais atento. Sabendo eu que, apesar da casca bruta, era de têmpera amorosa, «*comecei a explanar as consequências daquele rigor*». E como me bastava considerar a

situação aflitiva de Carlos Augusto para me enternecer, «*pintei-lhe tão vivamente as minhas penas que já lhe bailavam as lágrimas nos olhos, até que rompeu, dizendo:*

– Já não me posso interessar por seu marido, Senhora. Ele é um ingrato, que não quis aceitar os benefícios da Rainha e que recusou o Governo da Beira que Sua Majestade lhe mandou oferecer, declarando que precisava de uma pessoa do seu préstimo naquela província. O que de ali se havia de seguir, Vossas Excelências o veriam; mas como não quiseram, queixem-se de si».

Diante dele, Leonor leva tempo a desenredar tanta intriga.

†

CADERNO

Não gosto, não aceito, não consinto: o torpe, o mal à minha beira. A hipocrisia, a intriga e o acinte. O medíocre, o parco, o muito que escasseia.

Não aceito, não gosto, não permito: o limite, a turvação do zénite. O déspota, o carrasco, os becos sem saída. O nocivo, o medo desprendido, a luz a perder-se tendo ao fundo as trevas.

Não gosto, não aceito, não consinto: obrigar-me àquilo que me impõem, ser avesso de mim, vender a alma. Pois tudo no moldar-me não me acalma.

Não aceito, não consinto, não suporto: espartilhos, carmim, brandos feitiços. As cabeleiras, as faces mosqueadas. Cabelos e sinais postiços.

Não gosto, não consinto, não aceito: o negrume, a obediência cega. O torpor, a ignorância, o perdimento. O conivente acato onde me prenda e

em seguida, só, logo me perca.

Salvaterra, 1 de Março de 1780

†

Encontrava-me nos aposentos da senhora minha Mãe quando vi entrar D. Leonor de Almeida que, sabendo-me ali, vinha contrita mas determinada no propósito firme de me pedir para o seu marido, sem frases ou palavras rebuscadas, o lugar que se encontrava vago de ministro plenipotenciário em Viena.

E embora vendo com agrado o seu desejo, que me parecia sob todos os pontos de vista benéfico para a imagem de Portugal no estrangeiro, sabendo como sei da hostilidade e desconfiança que o marquês de Angeja e o visconde de Vila Nova de Cerveira sentem em relação ao conde de Oeynhausen, preferi agir com alguma prudência dando-lhe uma resposta vaga.

A contrariar o meu confessor que, tendo sempre considerado D. Leonor demasiado ambiciosa, imodesta e culta para uma mulher, ultimamente vem a mudar de opinião, mostrando-se disposto a enfrentar aqueles que se ergam contra ela e seu marido.

Confio mais no estrelado brilho de D. Leonor do que na prudência apagada com que o conde se resguarda; pois fingindo não reparar nela, na verdade tenho estado atenta ao seu comportamento, à sua estratégia, à sua inteligência. Informada de cada um dos seus passos, vejo-a a percorrer, tiritando, as geladas alas e corredores e salões do Paço, por entre galanteios, intrigas e ciladas às quais se vai esquivando com afoiteza e habilidade.

Afoiteza essa que eu por demais prezo, tal como a cultura que exibe, os versos escritos e lidos alto, sem impostura mas também sem alarde. E é tanta a tenacidade demonstrada por ela e tão delicadas as palavras ternas a meu respeito, que mesmo a Princesa do Brasil minha irmã e o Rei D. Pedro meu marido capitularam diante da sua seriedade, da sua coragem e

determinação, assumindo cada um deles com entusiasmo a defesa das ambições de D. Leonor de Almeida.

Garantem-me ter chegado entretanto o conde de Oeynhausen a Salvaterra, onde pacientemente espera para vir beijar-me a mão. Mas, mesmo que lhe venha a conceder o cargo de embaixador português em Viena, têm ambos ainda de convencer o marquês de Alorna que, caturro e teimoso, insiste em não querer ver partir a filha para o estrangeiro.

– Vossa Alteza manda mais do que o marquês de Alorna – comentou hoje com ironia o arcebispo. E D. Leonor, que ao fundo da Sala da Música ouvia uma sonata de Bach, como se adivinhasse que conversávamos sobre ela, levantou para mim o olhar arisco com que se defende dos outros.

Que lhe seja leve a Áustria!

†

A passos largos o visconde de Vila Nova de Cerveira alcança Carlos Augusto de Oeynhausen que, absorto, segue pelos corredores do Paço para ir ao encontro de Leonor, que se encontra desde as sete da manhã na antecâmara da Rainha. Àquela hora, porém, já estará no oratório a aguardá-lo impaciente.

Fazendo-o parar com brusquidão ao puxá-lo pela manga da farda, D. Tomás Xavier de Lima diz-lhe em tom de desagrado:

– Sua Majestade acaba de vos nomear ministro plenipotenciário na corte de Viena.

E vendo o conde estupefacto, acrescenta com rispidez desnecessária:

– Bem podeis ir agradecer-lhe esta graça!

†

Quando Leonor sai do Oratório procura Carlos Augusto e, não o vendo, vai andando ao acaso pelos corredores e pelos salões vazios onde o dia chuvoso adensa a penumbra: tão parca é a claridade àquela hora, que mal consegue ultrapassar o veludo pesado e poeirento dos reposteiros.

Por segundos hesita, reparando em volta, inquieta.

É quando se apercebe do vulto que junto à porta parece fitá-la com meticuloso interesse. Mas mal atenta na sua figura já ele se escapa, evitando mostrar-lhe o rosto. Intrigada, está a pensar segui-lo, quando aparece como um louco o arcebispo de Tessalónica dando sinais de alegria, e dizendo-lhe com ar de triunfo:

«*Diga lá a seu pai que lhe pegue e que vá ralhar com Vossa Excelência a Viena!*»

Aturdida, Leonor fica imóvel sem entender o significado das suas palavras. Mas ele prossegue num atropelo:

«*A Rainha é que quis, eu não fiz nada. Mas diga lá que eu não sou seu amigo e do seu homem! Vai por terra ou por mar? Onde está o seu marido? Que venha beijar a mão à Rainha e eu tenho que lhe falar*.»

Atordoada com este turbilhão de novidades e de perguntas, ela apenas lhe responde:

– Por mar ou por terra tanto se me faz senhor arcebispo. Eu quero é partir.

†

ANGELUS

Por um instante deixas o olhar preso no meu, a envenenares-me o sangue, a apunhalares-me o corpo febril que acaba de perpassar pelo teu num levíssimo roçar, fazendo-me enlouquecer com o odor a mirto e a gardénia que dele se desprende.

Há quanto tempo te acompanho?

Lavado era já o linho do teu olhar quando grave e melancólica fitavas a distância, a imaginares o que o mundo para ti poderá guardar, ideal e

simultaneamente mesquinho, durante anos visto através das grades do parlatório ou do teu quarto no convento de Chelas.

Depois desse tempo de ambiguidades românticas, muito negrume à tua volta se extinguiu ganhando outro esplendor, a transfigurar-se em mudança. A exigires, Leonor, o maior empenho no aprumo e no belo.

Nesse altivo modo te reconheço minha única, ora na entrega ao sonho, ora querendo voar ainda mais alto no burilar dos versos, julgando seguires viagem antes mesmo de partires.

Tu,

por entre os fios interiores da trama onde se entreabre a levíssima fissura da tua interioridade abismada, sem adoçares porém a parte resoluta, o dique, a rocha existente em ti.

Fatal consegues ser, e ao mesmo tempo arcanjo.

Padecendo eu do desejo ardente de te tocar a ponta do sorriso que desponta incerto quando alguém te mostra a vertigem, a vara da saudade e da tristeza, a imaginares vires um dia a descansar de ti mesma.

Apesar de tanto te demorares junto da queda

de água do teu olhar longe do meu.

E é na seda dos teus cabelos naturais, com um leve tom de ouro acrisolado, minha loura temperada de mel e de cobre, onde mais se demoram os reflexos enchamejados das grossas velas dos lustres do Palácio de Salvaterra, echarpes transparentes e xailes deslizando ao longo dos teus braços despidos, vestidos demasiado leves para os meados deste inverno de chuvas, de geadas e de ventos fulvos.

De ocultos brasidos.

Ensimesmada e pálida, mas mesmo assim raio de sol, poetisa ou deusa ou simplesmente sílfide, boca de cereja carmim onde nunca se demora o sorriso. Lânguida

na inquietude que te distancia de todos.

Pétala.

Deixando atrás de ti um brevíssimo rasto de cravos e rosas entreabertas, onde no seu perfume de almíscar sempre te descubro pelo avesso da

severidade exigida pelas tuas próprias regras. Teimando tu, Leonor, em seguires no trilho oposto ao do teu nascimento, lutando por te tornares mais livre, a viver conforme os estudos e os talentos a que te propões, e dessa maneira a desenhares as emoções e os modos,

as dúvidas e as obsessões no mapa onde se inscreve o teu destino: por entre montes e rios, mares e caminhos de ervas daninhas e lírios.

Incerta e esvoaçando.

Aí paira a minha mão, adejando, a querer delinear-te o tépido contorno dos ombros nus, estilhaçando com o seu brilho nacarado o cristal da luz dos castiçais e dos lustres. Nunca saberei se te preferiria quebrada nos meus braços, dócil e submissa, ou se tanto te quero por seres tal como és, silva e baga,

rutilante e altiva.

Por isso tento afastar-me, para logo retornar sobre os meus próprios passos, atraído pelo teu irresistível luar. Corro então o cortinado atrás do qual me escondo e de onde dissimulado te sigo, vigiando-te cada gesto alado.

Tu, perdimento na fímbria da luminosidade.

Eu sem nunca me mostrar, mas em tudo atento ao teu luzir,

fito-te do lugar do assombro.

Intimidado diante de tudo o que imagino, quando creio ir por fim enfrentar-te esbato-me, esquivo-me, dobro esquinas, subo ruas e faldas de hortênsias, abafando o que sinto. E no entanto porfiando em perseguir-te,

Leonor,

nos teus percursos pelos penumbrosos corredores do palácio, enquanto me sinto a defender-te não sei de que absurda hipótese de crime. Teimando em ser invisível aos teus olhos, abrigo-me atrás dos reposteiros desbotados pelos anos, esgarçados nas auréolas e nas costuras envelhecidas, bainhas esfiapadas pelo arrastar no soalho. Fugindo quanto posso da claridade das janelas dos salões e dos quartos, que pelos terraços largos de pedra escurecida comunicam entre si, na devassa das intimidades.

Rondo muito perto a tua nudez de pérola.

De pérgola.

Sei das tuas longas pernas mal domadas pelo cetim e os tafetás dos fatos, dos *shantungs* das saias, dos saiotes de algodão da Índia; braços erguidos em enovelamento ao tirares pela cabeça a pequena camisa transparente de cambraia de alva acesa.

Anca leve, pescoço branco e alto, colo de cisne e pulsos incipientes de menina onde rolam pulseiras estreladas de diamantes, num levíssimo ruído de sino arrepiado.

Tu, roseira eriçada de espinhos.

Tu, surpreendente de audácias.

Tu, de súbito friorenta,

num jeito crispado fechas mais a capinha de arminho sobre os seios a despontarem no decote fundo. E vais andando, a escutares do vestido de seda a cauda que se enriça.

A reclinares mais longe a meiguice letal do teu feitiço.

†

DIÁRIO

«*As circunstâncias em que me achava então com meu Pai não deixavam de me dar cuidado; porque, como me tinham feito assinar uma escritura, e ao Conde também, de que eu nunca sairia de Portugal, necessitava de uma nova ordem da Rainha para poder acompanhar meu marido. Depois de beijar a mão à Rainha, foi o Conde conferir com o Arcebispo, que o tratou às mil maravilhas e logo lhe disse que era preciso tirar uma Princesa de Portugal do paradeiro em que elas estavam; que ele não tinha ordem nenhuma da Rainha para lhe falar naquela matéria, mas que*

estava certo que, observada toda a decência e delicadeza neste ponto, a Rainha estimaria ver a senhora Infanta D. Mariana Vitória casada com o Imperador. O Conde respondeu-lhe que desejava encher todas as obrigações do seu emprego com a maior habilidade possível e que ficava muito lisonjeado com a simples ideia de uma incumbência tão lisonjeira; mas que a mesma importância da matéria exigia a maior circunspecção, e por isso lembrava a Sua Excelência que, para que não o julgassem intruso ou o vissem a arguir de precipitado, seria bom que, pelo Ministro dos Negócios Estrangeiros, mandassem pôr aquele ponto nas instruções por escrito que ele devia receber. Pareceu isto muito bem ao Arcebispo, louvou a sua prudência e sagacidade e continuou dizendo que esse serviço lhe daria a ele, Arcebispo, ocasião de fazer valer a sua amizade e ao Conde a de consolidar a sua fortuna; que esta ausência, sendo cheia por um serviçal tal, aplacaria as intrigas e emulação dos Angejas e a antipatia do Visconde, e lhe daria a ele tempo para vencer objecções que tinha feito o marquês de Angeja ao estabelecimento da caixa militar, sem a qual era impossível a execução do plano feito pelo Conde, e que ele esperava que, depois de estar alguns anos em Viena, pudesse vir executar, sendo chamado para se pôr à testa das cousas militares, que era o que se precisava; que, por agora, o melhor era partir, para extinguir a parcialidade do Visconde, motivada pelos alaridos dos meus parentes, e que eles calariam a boca, quando o Conde estivesse no lugar que lhe competia..»

Salvaterra de Magos, 1780

†

Será possível, senhora minha Mãe, que para vencer a teimosia e o ressentimento do senhor meu Pai não chegue a razão dos meus argumentos, baseados no amor pelo conde de Oeynhausen meu marido?

Como poderei deixá-lo partir sem eu mesma ir partindo? Desejando-me a seu lado mais pela alegria de finalmente sair de Portugal, do que pelo

dever conjugal de segui-lo, o que não escondo.

A impor-vos de novo a minha vontade.

E não será isso, afinal, o que mais vos desagrada na minha partida, sentida como uma nova desobediência filial? Fazendo braço-de-ferro comigo, não quer meu Pai desobrigar-me de cumprir a cláusula do meu contrato de casamento que vincula o Conde a não me levar para fora do nosso país.

Achais isto justo?

Tantos são da parte de meus pais os rigores do preconceito e do maior despotismo, que preferem concorrer para a minha desgraça a abrirem mão de direitos obsoletos. Assim sendo, conversei com o Conde meu marido, que não desejando viver separado da minha pessoa tanto quanto eu da vida dele, se dispôs a pedir à Rainha para dispensar o termo do contrato que me impede de abandonar Portugal.

Por meu lado estou disposta a aceitar, com o coração despedaçado, a condição que Vossa Excelência me propõe: entregar-vos a minha filha Leonor Benedita como uma espécie de garantia do meu regresso, em troca de eu poder seguir viagem.

Duro e intransigente espírito é o da senhora minha Mãe, tão perto da intolerância quanto da doce passividade. Como podeis guardar no brando coração tanta dureza a meu respeito, quando ainda menina vos tratei na doença e acompanhei nas difíceis horas de clausura e desgraça? Não me poupando sequer agora à atadura dos laços dos vossos suspiros e aos nós dos vossos lamentos, com os quais minha Mãe pretende prender-me à sua saia.

Pergunto-me se saberei alguma vez combater com eficácia armas tão fortes como as vossas lágrimas. Apesar de tudo rogo-vos que intercedeis por mim junto de meu Pai, pois desse modo estareis abrindo-me os caminhos da alegria e da ventura.

Estou a deixar Almeirim de regresso a Salvaterra onde ficou o Conde, consciente de quanto vou envenenar-lhe estes instantes de merecida satisfação com a notícia da nociva atitude da minha família.

†

DA PARTE DA INFANTA MARIANA VITÓRIA

A infanta Mariana Vitória vai em bicos de pés, calçados de cetim, ouvir atrás das portas. Fatinho de seda com folho na bainha, renda de Bruxelas na sombra do peitilho.

Olhar de perdimento e alabastro.

Procura escutar de si o que lhe calam, a costurarem-lhe o destino à revelia de tudo o que deseja e ela sonha:

Ficar em Portugal,

ao pé do mar.

Recusar homem na cama de menina, que em tudo se perde já e se acanha. Fazendo ninho no susto de partir a caminho de Espanha ou da Áustria.

†

As açafatas compõem com delicadeza os cabelos finos da Rainha, alisados de ambos os lados do seu rosto magro de traços muito finos, fisionomia afilada e triste. Mas é D. Mariana de Arriaga, suspiro em surdina mal contido, a colocar-lhe com extremo cuidado a cabeleira alta e empoada, e por fim a gargantilha de esmeraldas e diamantes encastoados numa entrançada cadeia de ouro cinzelado. Atenta ao olhar melancólico com que D. Maria fixa no espelho a própria imagem de aparato, tão contrária ao que de si mesma vê: uma mulher exausta e solitária, mergulhada em preocupações e penas.

– Posso colocar os anéis e as pulseiras a Vossa Majestade? – pergunta com voz contida.

Como única resposta, a Soberana estende para a sua camarista, num gesto simples, as mãos delicadas, compridas e quase transparentes. Um silêncio fundo cava-se no enorme aposento forrado de cetim, onde chega amordaçado o som do vento a embater nas vidraças, fazendo abanar os batentes de madeira das janelas, por trás dos grossos reposteiros cuidadosamente corridos.

Regressada nessa mesma tarde de Almeirim, Leonor deixa-se ficar onde no toucador a penumbra se adensa e a claridade entorpecida e trémula das velas dos candelabros mal chega. Apercebendo-se do abatimento da Rainha, aperta ao peito o documento que necessita da assinatura régia, a fim de dispensar a cláusula que o marquês de Alorna impôs no contrato do seu casamento, que a impede de sair de Portugal.

Na verdade, Leonor teme mais «*a impertinência da contenda que as forças dela, porque visto querer o Arcebispo de Tessalónica que ela parta está certa que a Rainha a há-de mandar*». E sem dizer uma palavra, guarda o papel dobrado no fundo da bolsinha de cetim deixada esquecida em cima do regaço.

†

SONETO

À senhora minha Mãe

Natureza! quais leis dificultosas
Ao brando coração meu impuseste!
A quais devo seguir, com quais quiseste
Subjugar as paixões imperiosas?

Quando escuto da Mãe vozes queixosas,
Que me pedem a filha que me deste,
Arranco-a do meu peito a que a prendeste,
Sem ver deste as feridas sanguinosas.

Mas apenas cedi, mais alto bradas,
E do materno amor golpe violento
As entranhas me deixa laceradas.

Se a não largo, qual é o meu tormento!
Se lha dou, quantas horas desgraçadas!
Bárbara lei, difícil vencimento!

†

Querida mana muito da minha alma
e do meu coração
Maria

«*Estou já em tal lida com as minhas despedidas que não posso escrever-te quase nada. O meu coração vai adiante dos meus passos*», pois não tendo ainda saído de Portugal é como se já estivesse a caminho da Áustria.

E embora a alegria me preencha por inteiro, levo comigo a mágoa de deixar para trás uma filha que tão cedo não saberá como é meu rosto, e um Pai que cortou relações comigo. Como já deves saber, passei pela Quinta dos Nabais para o demover da sua teimosia, mas nem me quis ouvir.

Regressei desolada ao Porto a fim de preparar a nossa partida. Apesar de tudo ainda escrevi a nosso Pai, expondo a justeza das minhas razões e invocando a minha felicidade. Não sei que resposta me dará, se der alguma… «*Mas se ele levar o seu enfado por diante, o conde certamente não quererá estar em Almeirim e isso é um grande desconsolo para mim e também me dá cuidado.*» Não gostaria de deixar para trás rancores nem amores remoídos, e menos ainda pretendo levar comigo sentimentos de culpa mal resolvidos, a estragar-me o prazer da viagem. Bastam-me «*as desconfianças do meu homem, sempre tão fundas, a inquietarem-me o coração*».

Depois do meu denodado esforço para lhe conseguir o cargo em Viena, desconsolam-me os seus excessivos cuidados em relação à raiva daqueles

que na Corte nos vêem partir com inveja. Grandes são no entanto as esperanças e as expectativas com que deixo Portugal a caminho do mundo.

Pelo menos tu entendes as minhas razões em preferir as Luzes às trevas. Sabes, Maria, como a mediania me enerva e me apoquenta a futilidade e a ignorância testemunhadas no Paço. Anseio por outra largueza de espírito e profundidade, por um novo entendimento da vida e da razão. Quero escutar a música que está a ser composta, anseio por conhecer poetas e com eles descobrir uma outra poesia.

Exijo ser surpreendida, mana!

Por enquanto continuo em Portugal, tropeçando nos desafectos e em tudo o mais que há para pôr em ordem, antecipando assim o prazer da partida. Organiza, Maria, a tua vida, de modo a estarmos ainda uma com a outra «*para que venhamos a recordar mais estes dias que passaremos juntas*».

Recebe um beijo e um abraço dos mais ternos.
A tua irmã que muito te ama.
L.

Porto, 3 de Abril de 1780

†

Ainda do Porto, onde se encontra com Carlos Augusto a vigiar a mudança e o emalar de tudo o que vão levar consigo para a Áustria, Leonor escreve a Pedro para o Regimento da Cavalaria do Cais em Lisboa.

Confia no irmão como único mediador possível entre ela e o Pai, que cortara relações com ela desde que a Rainha anulara a cláusula do contrato de casamento que a amarrava a Portugal.

E quando ela e Pedro se encontram poucos dias antes de partir, chama-lhe como dantes «*menino dos meus olhos*», faz-lhe carinhos, garante-lhe a pertinácia no sentir em relação aos seus e na fidelidade à língua

portuguesa. Fá-lo prometer que tentará adoçar o carácter dos pais, secará as lágrimas da mãe, e velará pela educação de Leonor Benedita.

Leonor não quer levar nenhum peso na consciência.

†

O marquês de Alorna não comparece à despedida de Leonor quando esta parte para Viena.

– Filha minha obedece-me em tudo. Se não o fizer, perde-me. Está como morta para mim! – dissera-lhe num tom seco, sem lhe estender sequer a mão para que ela a beijasse. Leonor recuara, como se ele lhe tivesse ordenado: «Submete-te a mim!»

Virara-se devagar e saíra, fechando atrás de si sem ruído
a porta da biblioteca dele.

†

Os olhos cor de avelã de Teresa de Mello Breyner estão cheios de pena. Conhece bem Leonor e os seus precipícios, as suas incendiadas luzes sem sumiço de nada. Por isso poucas são as trevas que habitam a amiga.

– Por ti mesma partes, meu veneno, e eu sem ti em Portugal envenenada fico.

Sobe-lhe a mão aos cabelos de mel velado. Afago que a outra sente como se fosse o movimento esquivo pertencente à insubmissão do voo ou a uma simples aragem de estio fechada na sua vagem.

– Difícil coisa de imaginar me dizes, Teresa. Sempre foste tu meu sossego, meu esteio e meu porto de abrigo. Tudo o resto esqueço e quebro, por isso, embora parta, continuo contigo.

Abraçam-se com estreiteza de corpos, a escutarem o coração uma da outra. E sem saberem quanto tempo irão ficar separadas, antecipam saudades, adivinham tristezas, imaginam-se já a escrever longas cartas.

– Sei que julgas, minha Leonor, ires ao encontro de ti própria. Mas com muitas diferenças e modos se constrói a nossa alma, sobretudo quando se

desmancham os laços do afecto, e será essa a ironia. Estando tu em princípio mais livre, não irás porém sentir-te nem mais feliz nem mais solta longe de Portugal, disso estou certa.

Cala-se Leonor, vendo de Teresa apenas o vulto coado pelas lágrimas, como se já tivesse a amiga ficado para trás e ela nem disso sentisse especial pena.

Desalmada.

Em Portugal nada nem ninguém a prende, essa é a sua verdade.

Partir é o único destino que lhe interessa.

†

MONÓLOGO DE LEONOR ANTES DA PARTIDA

Simulo mais a temperança do que a sinto.

A vida, que só agora começo a conhecer, sabe ser por demais inesperada, desconcertante e surpreendente. Nela tento singrar sem me perder, embora dividida nos sentimentos que nutro, nas emoções e nos pensamentos.

Mas não nas Luzes.

Debruço-me nos intensos desejos desvendados e desavindos, e incrédula recuo diante do que descubro em mim mesma. Tropeço de medo na planície onde me aquieto dias inteiros, para logo subir num rompante de ousadia até ao cimo do vento, ao cume, ao excesso de mim própria, onde tudo se me apresenta extremado, exacerbado e tenso. No entanto, se me recuso ao excesso, logo me arrependo, fascinada com a vertigem, prisioneira do seu eterno abraço.

Será que eu poderei ter um trato linear com a liberdade, na qual fui de súbito lançada, se ainda me ensombram as grossas paredes do convento

para onde a má fortuna me atirou?

Perco-me com frequência na aprendizagem da existência, que tão depressa recuso, temendo-a, como me atiro para os seus braços, amando-a.

Procuro-me.

Fora do meu país, para onde vou alada e ansiosa.

Prometo conservar-me leal aos meus princípios e à poesia. «*Cuidarei em mostrar que a minha língua é portuguesa, como é português o meu coração.*»

OceanofPDF.com

†

VIII

OceanofPDF.com

†

Bem como se perturba a clara fonte

Bem como se perturba a clara fonte
Na agitação contínua da corrente,
A minha alma sossego não consente,
Por mais que nos meus ais ânsias desconte.

De cuidado em cuidado, monte em monte
Me leva este pesar que o peito sente;
Sempre diviso aflita, descontente,
Os princípios da luz pelo horizonte.

De que vem este mal? Um mal tão claro
Vem de um vago sentir que n’ alma pesa:
Amor! serás comigo sempre avaro?

Amor em mim é filho da tristeza!
Eu sinto o coração ao desamparo…!
Pune, oh Deus, pelas leis da Natureza!

OceanofPDF.com

†

RAÍZES

Os sinais da tragédia multiplicam-se.

Cada vez mais perto, prefigura-se a desgraça que os há-de tomar. Leonor de Távora escuta o silêncio apenas quebrado pelos aloendros a rumorejarem nas mãos do vento que sempre ao fim da tarde se levanta.

Afaga a neta Leonor, a arrulhar junto às suas pernas, para logo se distrair e perder num turbilhão de dolorosos pensamentos, pressentimentos de que em breve a violência será muita e gerada no fruto da mentira. Há demasiadas intrigas na Corte urdidas contra a sua família, numa tessitura de nós cegos e laços, fios a entrançarem a desmesura. E apesar de as ameaças ainda parecerem vagas, à medida que os dias passam vão-se-lhe intensificando as premonições.

O que ainda não está preparado já se lhe configura.

Repara como nas jarras de porcelana da China se erguem as coroas imperiais nas suas cores luminosas estriadas de rosa-pálido e manso lilás, a fazerem-lhe recordar o imenso orgulho que nela continua a sobejar, dignidade debruçada no azul-violeta dos olhos enormes.

Viera da Índia com tanta saudade de Portugal e tanta esperança que nem carecia de lembrar-se das boas cousas deixadas para trás. Mas a má hora arribara a Lisboa, onde já se preparava o cerco das urdiduras amargas, criadas no gosto do próprio fel, a abrirem feridas sem cura.

De honra se fala e da sua falta.

Cruezas que só se curam com o verter do sangue.

Garante-lhe Luís Bernardo viver sua mulher trancada em casa, tomada de culpa e choro alto. Céptica, Leonor de Távora entende serem de medo

as lágrimas de Teresa, e não de arrependimento.

OceanofPDF.com

†

MEMÓRIA

Procurei preencher a minha vida com a poesia, o saber e a razão. Mas o preconceito, o despotismo e os partos travaram-me os passos, impediram-me a acção política, atrasaram-me o estudo. E embora nunca permitisse que o facto de ter nascido mulher me anulasse os desejos e coarctasse a ambição, ao não me deixar ser quem na realidade desejava ter sido impossibilitou-me de alcançar o absoluto.

Nem o destino, porque o contrariei, me impediu a inclinação para o excesso das emoções e para a perseverança na sensibilidade, onde o feminino vai beber à beira-rio em busca da coragem e da força.

Descem as mulheres através das sombras, mas também regressam intactas à folha da água – subjugando o tigre da voragem e da vertigem, predador constante do universo da morte. A contornarem a desgraça com os rigores inerentes ao desafio – ousando contestar os preceitos e as regras que as colocam no sítio errado, algemadas ao lado árido e obscuro da existência – ninguém parece capaz de as dominar, nem de as fazer desistir.

Assim eu venci meu Pai, e parti com Carlos Augusto a caminho da Áustria.

Parámos em Madrid e demorámo-nos em Paris, passámos por Metz e Frankfurt, suportando eu melhor o cansaço do que meu marido, sempre exausto, enquanto percorríamos a Europa ao encontro de experiências que eu jamais imaginara viver.

No início senti-me tímida nos cintilantes salões onde fui recebida, pois sempre me concentrara menos no brilho do que na reflexão. Permitiu o

tumulto integrar-me, entregando-me ao travo do sobressalto e da perseverança.

Mal chegados a Viena, logo começaram em Lisboa as intrigas e as traições para nos derrubarem, a tentarem algemar-me os anseios, teimando eu na constância e na persistência dos meus princípios. Sem cuidar de encontrar maneira de defender-me, nem de me resguardar dos ataques.

Nunca temi o modo como me olhavam e viam, me avaliavam os actos interpretando-me de forma errada o pensamento. Só vindo a aperceber-me já tarde da extensão do mal que me fizeram, ao confundirem a minha imagem real com outra, imaginada e falsa.

Como se mesmo em vida me reinventassem.

Que retrato meu, então, deixarei ao mundo?

O da escritora entregue aos versos? O da mulher política? O da subvertora inflexível?

Apercebo-me do jogo de sombra e luz que nas palavras se digladiam, reflectidos que estão no espelho do conhecimento os pensamentos, reflexões e a linguagem. Lento burilar da harmonia desejada, na vontade de eliminar fissuras e clivagens.

Aqui estou agora

sem conhecer a moderação, nem ceder em cousa alguma naquilo em que acredito, guardados que em mim permanecem filosofias, princípios e ideais. A velhice não me fez perder a coerência nem tremer a mão no arrimo da escrita.

«A mão de David quando venceu Golias»*?*

OceanofPDF.com

†

1780

Maria sabe, com aquele conhecimento que lhe proporcionam ultimamente as visões, as intuições e as adivinhações ocultas, ser a última vez que vê Leonor. Demora nela o olhar e as mãos nas suas, retendo-lhe do corpo o odor a nardo ao apertá-la num longo e demorado abraço; a beber-lhe igualmente o perfume a madressilva dos cabelos macios, domados pelas travessas de marfim e os pregos de brilhantes.

Até si chega ainda a essência de gardénia dos pulsos dela.

E reconhecendo a irmã naquele excesso, esboça um triste sorriso já saudoso sob o véu do chapelinho com minúsculas penas alvas a esconder as lágrimas e a face pisada, nódoas negras mal disfarçadas pelo carmim que agora usa. Dói-lhe o golpe fundo aberto perto de uma das orelhas cobertas pelos caracóis sedosos; e se instintivamente leva até ao inchaço os dedos hesitantes, também logo os afasta envergonhada.

Mais do que nunca lamenta não possuir a ousadia da irmã, que jamais permitiria ser maltratada.

†

MONÓLOGO DO MARQUÊS DE ALORNA

Neguei-me a tomar conhecimento de que partias hoje,

filha desobediente.

Desafiaste teu Pai, sabendo com habilidade ultrapassar a minha vontade no que diz respeito ao mau casamento em que teimaste, ao levares a Rainha para o teu lado, fazendo com que a vontade Dela fosse a tua ao permitir-te Sua Majestade o que eu te proibira.

Desautorizando-me, expuseste-me ao ridículo. E ao não esperares pela minha assinatura no documento que te permitiria sair de Portugal, humilhaste-me, enfraqueceste-me a honra, empalideceste-me a face.

Não são estes os modos nem as atitudes de uma boa filha. Envergonhaste teu Pai com a ligeireza dos sentimentos fáceis, tendo o teu descaso esmaecido no meu peito o afecto que sentia por ti. Sou eu pois que te esqueço, te afasto e te recuso o sítio do berço na casa da nossa família.

Extirpando-te as raízes.

Serão os versos teu alimento e fuso… Mas de mim,

Leonor,

não terás mais nada, pois até a bênção te recuso.

†

Cosido na sombra das árvores que crescem junto ao muro alto da quinta dos condes de Niza, Pina Manique assiste à partida de Leonor de Almeida.

Nunca lhe perdoou a sobranceria que não a deixava vê-lo quando na Corte se cruzavam um com o outro.

Desconfia da sua ousadia e desfaçatez, que a leva a falar de política e a discutir filosofia nas assembleias onde sempre brilha. Quanto a ele, a filha mais velha do marquês de Alorna tem demasiados conhecimentos para uma mulher.

Não gosta de mulheres que fazem versos e tenham cultura.

Sente-se pois satisfeito ao saber que ela vai para fora do país. E o intendente-geral da Polícia, apoiado com firmeza na sua bengala de castão de prata, pensa com desagrado ao vê-la entrar no carro recusando a ajuda do marido: «É insuportavelmente orgulhosa e independente.»

†

MEMÓRIA DE TERESA DE MELLO BREYNER

Colhi um braçado de rosas púrpura e lírios brancos, sinal da minha chama por ti e fidelidade, e fui pô-las no teu regaço quando cheguei à pressa, estando tu já sentada no carro, pequeno chapéu de viagem com véu verde-esmeralda inclinado sobre a testa, a ensombrar-te o rosto. A tapares desse modo a extrema felicidade de partires, em contraste com o nosso desgosto.

Olhei-te o lago dos olhos, tentando apesar de tudo descobrir neles o luto do afecto mas, sempre avara dos teus sentimentos, resguardaste-te no fundo da carruagem. Despedi-me então de ti sentando-me a teu lado, buscando a frescura da tua face sob a minha boca. E as duas ficámos em silêncio, empenhada que estavas na tua defesa, mão esquerda muito fria que tomei do côncavo tépido da mão do teu marido.

Que lugar passará a ter em ti a Tirce que fui na tua vida?

Em que irremediável vazio me irá deixar a tua ida para Viena?

Lamento agora o que até ao fim calei, receando expressar-me; ao meu silêncio juntou-se o choro sentido da tua Mãe; e quase a meu lado Maria fitava-te muito pálida, quebradiça e transparente, como sempre a vejo ultimamente. Conhecendo-a muito bem dei ainda conta de uma mistura de medo e de desconsolo na amarga expressão do seu rosto.

Recusou-se teu Pai a ir à vossa despedida, fechado em casa sem trocar palavra com ninguém. Continuo sem entender se a zanga que ainda o domina se deve ao que ele chama «a tua desobediência», ou ao desgosto de novamente te saber longe.

Por meu lado, Leonor, sem ti sinto-me perdida, pois mesmo quando me enfureces, me irritas, me abandonas, sinto a tua falta.

A minha temperança só tem razão perto do teu excesso e os meus receios temerosos anseiam pela tua ousadia.

Será que apenas quando estás perto de mim eu me reconheço?

†

Conheceram-se em pequenas no convento das Inglesinhas, e a partir de então Lilias Fraser sabe existirem laços, lianas, fios e nós a ligarem as vidas das duas.

Desde muito antes deste tempo terreno.

Acoitada entre os arbustos e as hortênsias que se adensam ao fundo da Rua das Almas, ela quer ver partir Leonor de Almeida, que acaba de subir para o carro erguendo um pouco a saia cor de fogo do vestido de viagem.

Lilias sorri ao vê-la alegre e límpida,

e isso tranquiliza-a, para em seguida se inquietar de novo ao notar como o dia parece toldar-se de repente, ao mesmo tempo que detecta a pestilência da morte. Sobressaltada, olha em frente, a perder-se já na visão que se abate sobre ela.

O seu olhar dourado detém-se numa das fidalgas que acena para a carruagem que desaparece já ao fundo da calçada: uma jovem mulher delicada e branca como a cal, que reconhece ser a irmã de Leonor.

Embora tente em vão evitar a premonição ameaçadora, dá conta de uma tenebrosa mancha escura que começa, rasteira e torpe, a consumir-lhe o corpo enfermiço.

†

Ainda se debruça a olhar para trás, mas não querendo voltar a deparar-se com ausência do pai, nem desejando ver as lágrimas da mãe ou a tristeza frágil e macerada da irmã, Leonor fixa o olhar na figura austera e fina de Teresa de Mello Breyner, mão morena e comprida erguida acima da cabeça num último e demorado aceno. É no seu vestido liso de crepe

chinês cor de tília que se retarda o sol brando daquela incipiente primavera de 1780.

E ao recuar, tornando à penumbra acolhedora do carro, sente um inesperado nó dado com preceito na fundura do peito convulso. Sentimento assustador de antecipada saudade a turvar-lhe os olhos, espantada com a própria inquietude.

Sobressalto inesperado que apesar de tudo domina.

†

Maria tenta sorrir quando, depois de a carruagem de Leonor se perder ao longe, Teresa de Mello Breyner se aproxima e a encaminha para a sombra da tília mais perto, tentando consolá-la da tristeza em que a vê mergulhada, imaginando dever-se o seu desalento ao desgosto pela partida da irmã. No entanto, Maria percebe como o olhar dela se torna desconfiado ao descobrir as marcas arroxeadas dos seus braços mal encobertos pela echarpe de tule cor-de-rosa claro, e sob o carmim no seu rosto de anjo.

Uma lancinante pontada apunhala-a de súbito no fundo da barriga, fazendo-a vacilar em busca de apoio no tronco da árvore junto à qual passam, gemido preso nos lábios da alvura do linho.

Ao ver a filha recurvar-se sobre si própria, Leonor de Lorena acode a ampará-la, embora Teresa cuide já de conduzi-la pela alameda dos jacarandás e rosas, ao fundo do jardim. Não sem antes, porém, volver o olhar até à curva do caminho empoeirado por onde se perdera o carro que levava Leonor.

Rodeada pela amiga e pela mãe, Maria tenta andar sozinha sem arrastar o passo, enquanto a dor aos poucos se distancia, deixando atrás de si uma espécie de rasto, de eco longínquo a acoitar-se algures, numa inquietante sensação de ameaça. E só quando a penumbra da casa a acolhe com o benefício do seu resguardo começa a poder respirar fundo sem que a pontada lhe dilacere as entranhas.

Ao mesmo tempo, porém, apercebe-se de um corrimento tépido que, depois de ter ensopado as culotes, trespassado as meias de seda e as saias de sombra, começa a descer-lhe grosso e quente por entre as coxas, até aos joelhos instintivamente unidos.

E é com incredulidade que, seguindo mentalmente o seu trajecto invisível, Maria olha para baixo, a descobrir no cetim bordado dos sapatos azul-cobalto alguns pingos de sangue muito vivo.

†

DIÁRIO

«Passámos a Aldeia Galega com algum trabalho pela braveza do mar. Betty desmaiou, o Conde riu, e eu vomitei mas também ri, pela extravagância da cara delicada com que a madame principiava a despedir-se de Portugal, e ainda que o meu coração não deixasse de ir dolorido, a ideia do que faria o mano se viajasse connosco me divertia, na primeira cena cómica da nossa cavalaria andante.

14 de Abril de 1780»

†

A Princesa do Brasil vai ao encontro de sua irmã a Rainha quando, ao sair da Sala dos Embaixadores, a vê dirigir-se na companhia da camareira-mor D. Mariana de Arriaga para o passeio habitual um pouco antes do crepúsculo. E as três tomam a álea dos limoeiros doces dos jardins de Queluz, que leva ao pavilhão chinês; cada uma com o passo leve a demorar-se em si mesmo, tentando aproveitar a hora de acalmia.

Ao avistar junto à ponte do canal um pequeno grupo formado pelo marquês de Angeja, o visconde de Vila Nova de Cerveira e Martinho de Melo e Castro, em acesa conversa, D. Maria Francisca Benedita diz, chamando em voz baixa a atenção de D. Maria:

– Devem estar a comentar a partida de D. Leonor de Almeida e do conde seu marido, a caminho da Áustria.

A Soberana, de quem Leonor se havia despedido há mais de uma semana durante uma breve audiência, fitando sua irmã e nora com intensidade, diz apenas: «Oxalá eu não tenha errado ao colocar o conde de Oeynhausen como embaixador em Viena…»

«Ela é que deveria ter sido nomeada» – comenta com acinte a Princesa, sem tirar os olhos do marquês de Angeja, que gesticula.

D. Maria encolhe ligeiramente os ombros, puxando com impaciência a cauda do vestido de brocado presa numa sebe, enquanto responde:

– Sabes bem que isso é impossível.

†

DIÁRIO

«Fomos da Aldeia Galega a Vendas Novas onde dormimos em uma terrível estalagem, mas pela manhã fomos hospedados muito polidamente no Paço em Salvaterra, mas é habitado pelos ratos, e ultimamente caiu abaixo uma cavalariça magnífica que tinha custado cento e cinquenta mil cruzados, porque não se deu uma providência que importava em oito moedas, exemplo de excelente economia que muita gente costuma imitar.

16 de Abril de 1780»

†

Gonçala só recebe o longo bilhete que Leonor lhe escreveu antes de partir quando esta chega a Borba. Soubera pela madre superiora que ela estava de partida para Viena. Vidrada pelo desgosto, ficara à espera da sua visita, certa de que jamais partiria sem a ir ver à grade.

Mas a amiga seguira viagem, demasiado empenhada em si mesma para se lembrar dela,

freira de clausura imposta, a quem a partir de agora só resta a memória e a roseira da cerca do convento, da qual ambas colhiam as rosas púrpura que davam uma à outra, juntamente com palavras e versos absurdamente belos.

Fecha os olhos a querer reter as lágrimas, levando os dedos ao rosto; nas palmas das suas mãos encontra intacto o perfume acrisolado dos cabelos soltos de Leonor, incêndio de aromas a querer resguardar-se da corrosão do tempo.

†

A condessa de Lumiares não se consola com a partida de Leonor de Almeida, nem com o facto de não poder aceitar o convite de Domingas Isabel de Noronha, viscondessa da Lourinhã, para assistir em Borba ao jantar em honra da condessa de Oeynhausen e sua despedida de terras de Portugal.

Se pudesse, até iria como sua companheira de viagem. Junto dela a vida toma um voo, uma pressa, uma vertigem, a iludir o marasmo do tempo que sempre parece estagnar à beira das mulheres.

Perto de Leonor conhecera a inquietação,

e a tentação da ousadia.

†

DIÁRIO

«Partimos de Estremoz para jantar em Borba com a Viscondessa da Lourinhã, que já nos estava esperando no caminho. Passámos em sua casa muito bem, e o marido me pareceu homem de juízo e de boa sociedade. Fomos dormir a Elvas, onde ele, como o Governador, já tinha organizado tudo a quanto podia ser obséquio. Entrámos na cidade com uma salva de quinze peças, várias outras cerimónias militares que atraíam a curiosidade, e por isso fomos acompanhados e visitados das principais pessoas em casa do Marechal Valérroi, que nos hospedou excelentemente e com quem estivemos até à tarde do dia seguinte.

18 de Abril de 1780»

†

Sobeja-me já a tua ausência, que nenhuma escrita ocultará.

Leio-te os versos, esperando as cartas prometidas. A primeira à chegada a Madrid e em seguida todas as outras, começando por aquelas que me escreverás de Paris, onde te prevejo entontecida pelo brilho dos salões, nos quais – estou certa – não te irás deixar apagar diante do fulgor, dos excessos da inteligência e da cultura, constantemente louvadas por ti. Sei como podes incendiar-te de entusiasmo, embora um dia me tenhas aconselhado a agir *«sem êxtases, minha Tirce, com muita serenidade e muita calma»*, crente nas inúmeras vantagens da razão.

Oxalá nunca caias, Leonor, no extremo contrário.

Desde que tomaste a estrada, Lília, muitas dúvidas se me têm posto, desse modo tentando partilhar o dia-a-dia lento mas aventuroso da tua longuíssima viagem. Demasiadas, pois, são as perguntas e as hipóteses que nascem no meu espírito:

Irás encontrar-te com os filósofos que tanto admiras e com Filinto Elísio, nessa cidade da Luz a iludir as penumbras?

Participarás em discussões sobre Voltaire e Diderot, Madame de Châtelet, d'Alembert e Rousseau como tantas vezes sonhaste, diante da minha má vontade em continuar a ouvir-te defender as suas ideias?

Estarás perto das obras, dos livros pelos quais tanto ansiavas?
E os teus poemas, Leonor, os teus poemas?
Quantas dúvidas sinto nascer em mim!

†

Leonor ainda não se habituou às mudanças maiores.

Estranha as horas sem fim que passa dentro do carro, a falta de chão debaixo dos pés acostumados à firmeza da pedra, ao polimento escorregadio da madeira ou à consistência esboroada mas segura da terra. As paisagens oscilantes que vê quando olha através dos vidros das pequenas janelas, fechadas por causa do pó que a carruagem levanta à sua passagem, causam-lhe tonturas e náuseas. E à medida que os dias passam, a agonia torna-se constante, boca cheia de uma saliva amargosa e grossa, entontecida pelo calor que logo no início da tarde se torna insuportável.

Desnorteia-a também aquela espécie de dessincronização do tempo, que se deturpa e distorce, a tomar essa outra medida que o próprio acto de viajar cria: ora esgarçando-o quando se afigura apressá-lo, ora entretecendo-o na simulação exacta do que é vagaroso; lentidão essa para ela desconhecida, em tudo diversa do exasperante arrastar das horas de quando se encontrava presa no convento de Chelas, onde os dias mais aparentavam ancorar-se regulados pelas horas canónicas.

Enquanto se distancia de Portugal, sacolejando pelas estradas, a paisagem vai mudando de tal modo que mais parece querer transfigurar-se. As emoções e os sentimentos de Leonor moldam-se pelas diferenças, que se lhe deparam maiores do que em Portugal imaginara.

Dias inteiros passados ao lado de um Carlos Augusto entediado e bocejante, em contraste absoluto com a voraz curiosidade dela, sem querer perder nada do pouco que encontra pelas estradas quase desertas: as árvores e os arbustos mal verdejando a paisagem, as ramadas e as flores silvestres, num emaranhado de ervas daninhas, matas de artemísia, cerros de jasmim e camomila, madressilva e dentes-de-leão.

Na sua ânsia de descoberta, Leonor afasta com a mão direita a cortina de couro curtida pelo sol e o pó. Sentindo-se predisposta a encantar-se com as cores e com as tonalidades que, entrecruzando-se, vão enlaçar-se em mutações constantes. A dar conta dos múltiplos perfumes levados até si pelas aragens que, hábeis, se esgueiram pelas frinchas da carruagem, numa espécie de esvoaçar constante que nunca a incomoda.

Atenta também às pessoas de quem apenas antevê a silhueta em contraluz, ou com quem fala num castelhano escorreito quando param nas estalagens para descansar. Mesmo os contratempos e os imprevistos a divertem.

Nos albergues onde passam as noites, debruçada ora sobre o diário ora sobre os cadernos dos quais nunca se separa, toma notas à luz trémula das velas.

A solidão não voltara a morder-lhe a alma, nem a angústia tornara a dilacerar-lhe de imprevisto a boca do estômago, entusiasmada com a sensação de liberdade que a viagem lhe transmite.

Seguindo num atropelo,
não permitirá mais que lhe adiem a vida.

†

Querida irmã do meu coração

A viagem tem corrido como estava previsto, ou seja, com muitas demoras e incómodos, mas menos mal no mais necessário, e que é afastarmo-nos de Portugal, irmos andando a caminho do nosso objectivo.

Amanhã chegamos finalmente a Madrid, e podes estar certa, Maria, de que te darei conta de tudo o que por lá se passar. Para já *«a entrada promete alguma cousa bastante agradável, apesar de tudo para mim diminuir de preço sem ti. A intenção da Natureza era que vivêssemos juntas; mas esta felicidade é quase superior à ideia que fazemos das cousas humanas: ao menos, minha querida mana, enquanto os nossos cabelos não estão todos brancos, e os dentes fora, não há que esperar; quando já a sensibilidade for bastante enfraquecida, então dirá a fortuna*

que sim, que é como mulher brava e velha, que nunca mede as cousas senão fora de horas».

Estou a escrever-te antes de me deitar, esperançada em descansar mais esta noite. Sabes como são as minhas insónias, que durante a viagem têm piorado bastante.

Diz ao mano Pedro que lhe escreverei em breve, pois logo hoje, que chega ao fim a primeira etapa desta viagem, sinto-me *«sumamente cansada. Creio que me desculpará como* bon ami*»*, que sempre tem sido.

E tu, minha irmã, oxalá estejas mais feliz do que nos últimos tempos aparentavas, perdida numa apatia sofrida, de meter susto a quem te ama.

As mulheres, Maria, não têm necessariamente de ser infelizes!

Beijos da irmã
que muito te quer
L.

A caminho de Madrid, Maio de 1780

†

Durante as noites sem sono, Maria julga ouvir por vezes os desesperados bramidos dos animais selvagens.

Aterrada, ela sabe que está a escutar, na verdade, o deserto interior do próprio coração,
assombrado.

†

Às portas de Madrid afasta a cortina, abre a pequena janela de onde espreita o que pode, ali ficando encantada a tentar fixar o que a vista abarca, esquecida do marido adormecido a seu lado.

Na Plaza Mayor manda parar a carruagem.

Embrulha-se melhor no xaile de caxemira rosada, desenvencilha-se da manta de lã escura com a qual cobre os joelhos endurecidos pelas longas

horas de imobilidade. Em seguida abre a portinhola frágil, sem esperar por ajuda estende as pernas longas na direcção da rua e, apesar do empecilho das saias que sempre lhe travam o passo, pisa pela primeira vez o solo da capital espanhola.

Carlos Augusto, ainda ensonado, entreabre a portinhola lacada e fica a olhá-la com ar interdito. Leonor faz-lhe um sinal impaciente que ele não compreende. Mesmo assim recua, a retomar aliviado a penumbra protectora.

Andando com cuidado nas pedras escuras e largas, Leonor avança como se tacteasse a luz das arcadas de pedra à sua roda, naquele final de tarde tecido por branduras e algum sobressalto. Brisas translúcidas onde a acidez da noite já se mistura.

†

No dia em que D. Carlos III marcara a audiência para os receber no Escorial, Leonor, que sempre se levanta no fim da madrugada, deixa-se ficar na quentura dos lençóis a sentir a febre a galgar-lhe o corpo, tiritando de frio.

Carlos Augusto, sabendo quanto para ela é importante ser recebida pelo Rei de Espanha, olha-a desolado ao dar-se conta da sua palidez, encolhida na cama, olhar enevoado de febre e decepção. Mas perante o facto consumado, parte com o coração apertado num novelo de apreensão.

Sem a sua aura de luz, amparo forte e desenvolto.

No Paço é recebido pelo Monarca com todo o aparato, delicadeza e cortesia, que ele sabe serem devidos a sua mulher e não a si próprio.

As princesas mostram-se preocupadas com a saúde de Leonor e desapontadas pela sua ausência. Tecendo sobre ela tais elogios, que só podem dever-se à carta escrita a D. Carlos de Bourbon pela Rainha D. Maria.

†

Depois de a conhecer melhor, a Corte espanhola parece-lhe fastidiosa e pesada, lugar de luto no qual a viuvez do Monarca faz ninho e onde se sente uma nefasta e lavrada tristeza atormentada e permanente.

Toldada por um certo desacerto pernicioso.

Nos fidalgos e fidalgas mais jovens com quem trava conhecimento encontra falta de vivacidade, acha-os demasiado acomodados e presos à banalidade do quotidiano, no desenlaçar do nó corredio existente entre o imaginário e a vida. No entanto, quando entra no Real Gabinete de História Natural fica maravilhada, como descreverá mais tarde a Teresa de Mello Breyner:

«Vi o Gabinete de História Natural que é magnífico, e uma das cousas que mais me recreou foi o gabinete em que têm tudo o que roubaram aos Americanos, os seus ídolos, os fiéis instrumentos músicos, as suas armas e mil coisas que a estupidez e a crueldade arrancaram de um povo ignorante sem mesmo indagar-lhe a serventia. Tem um vaso singular no qual deitando água e intentando bebê-la se ouvem uns gemidos tão fortes que parece uma pessoa que se queixa e por aqui se vê que não estavam tão atrasados como os pintam porque conheciam bastante as leis da mecânica.»

Atardam-se menos em Madrid do que haviam programado, ansiosos por seguirem viagem a caminho de França, que Leonor desde sempre tem imaginado como pátria das Luzes,

seu primeiro ideal e alado sonho.

†

«Minha irmã da minha alma

O cuidado que tenho em V. e as saudades imensas que me seguem em toda a parte fazem que todos os objectos brilhem menos aos meus olhos que talvez aos dos outros viajantes, falo em V. a todos e não há pessoa com quem não tenha tido um quarto de hora de conversação que não saiba que eu tenho uma irmã em Lisboa com tais e tais circunstâncias.

Hoje demorei-me em Bayona para descansar e o Governador que é um velho como o João d'Almada foi comigo passear e mostrar-me as curiosidades da praça. A minha figura totalmente nova, e vestida como viste na véspera da minha partida, deu nos olhos como cousa esquisita, mas mais civilizados que em Espanha não tive tanto acompanhamento nem tão importuno.

Aqui passam tristemente sem comédia quatro vezes por semana e com dois Bailes, um de máscaras, outro paré. *Assembleia*, Coteries, *passeios, e bastante dinheiro. O Governador tem feito grandes instâncias para que me demore dois dias, mas estou tão impaciente de chegar a Bordeaux para ver se tenho novas, que pela manhã parto, e lhe deixo todas as festanças sem nenhuma saudade.*

Como a tua saúde interessa-me muito e uma das cousas que fazem muito mal, segundo a minha opinião, são os toucados pesados, dou-te a notícia de que por cá já ninguém usa das formas grandes e fazendo a mesma altura, não se servem senão de um pente com arame e uma pequena almofada que baste para segurar os ganchos com que prendem o cabelo muito iriçado, e fica a cabeça sumamente leve e bem.»

Esta carta não pode ser maior, pois vou mandá-la por um navio português que está neste porto e que em breve parte para Lisboa. Continuarei a escrever-lhe em Paris, de onde darei novas mais interessantes. Remeta a mana para Gonçala a missiva que envio junto com a sua, beijos à Mãe e recados meus à Teresa, de quem sinto muita falta.

Abrace Pedro por mim e diga-lhe que tenho dele as mais vivas saudades.

Adeus minha Maria.
Beijos de muito amor
L.

Bayona, Junho de 1780

†

É Suzanne Necker quem dá a notícia a Filinto Elísio da chegada a Paris de Leonor de Almeida. E vendo-o de súbito muito pálido nas suas vestes negras, estende-lhe compreensiva as suas suaves mãos macias, a apaziguar-lhe o coração
tumultuado.

†

MONÓLOGO DE MARIA ANTONIETA RAINHA DE FRANÇA

Trazia uma carta da Rainha de Portugal e chegou até mim primeiro no Petit Trianon e depois em Versailles pela mão seca e longa de Madame Necker, que me adiantou estar a condessa de Oeynhausen a caminho da corte da Imperatriz Senhora minha Mãe em Viena, onde o conde seu marido irá exercer o cargo de ministro plenipotenciário.

Mas foi a claridade azulada do olhar de D. Leonor de Almeida e o seu delicado e belo sorriso que despertaram a minha curiosidade e convocaram o meu interesse por ela.

Vestida com discrição antiga mas com gosto, vi-a avançar grácil e garbosa até onde me encontrava com Gabrielle de Polignac, cabeça bem erguida e pisando com uma segurança e um orgulho hoje em dia infelizmente raros. Cabelos desempoados e soltos em cachos semeados de minúsculos brilhantes e rubis sangrentos, vestido de seda cor de pérola a fazê-la parecer tão jovem e encantadora que todos se voltavam à sua passagem, admirados, apreciando tanta espontaneidade despretensiosa.

Falando um francês correcto e melodioso, a sua conversação agradou-me, surpreendendo-me infinito quer pela naturalidade e argúcia com que se referia a assuntos de Estado, quer pela cultura e pela inteligência de que

deu mostras sem afectação, mas também nunca usando a detestável falsa modéstia tão frequente hoje em dia.

Adivinhei nela um excesso comedido no seu modo aceso, e depois de a Princesa de Lamballe me ter adiantado «é por certo do conhecimento de Vossa Majestade que a condessa de Oeynhausen faz poesia…», fiquei a perceber melhor a inquietação acoitada na expressão do seu rosto. O que reforçou em mim ainda mais a curiosidade pelo seu carácter e a vontade absurda de a poder conservar como amiga, caso tal fosse permitido à Rainha de França, tendo em conta quanto neste país me odeiam.

Chamam-me «cabra austríaca», «coisa ruim, erva má!»

Rogam-me maldições e pragas: «Maldita, maldita sejas, estrangeira!»

«Feiticeira! Feiticeira!» – gritam à minha passagem.

Conforme posso, defendo-me do medo que me vem ganhando ultimamente, como se adivinhasse um futuro de muitos negrumes; consciente de um perigo iminente prestes a abater-se, a desabar sobre mim e os meus filhos.

Sinto como o ódio assume já um ameaçador vulto.

E por vezes, quando estou só, uma espécie de melopeia ou queixa desarmada começa a sair-me dos lábios, numa lenta toada:

– Cospem na minha sombra, põem sal no meu leite, feitiços no meu regaço, entram dentro do meu sono, armam ciladas e laços, deitam veneno nos copos, partem-me os espelhos do sonho, atam laços e dão nós, colocam as armadilhas bem debaixo dos meus passos.

†

Como escrevera com alegria sobressaltada a Maria, e mais moderadamente a Teresa de Mello Breyner, Leonor deixa-se enredar num entusiasmo até então seu desconhecido: o olhar narciso sobre a própria beleza, que os outros a cada passo gabam e ela diariamente aprimora depois de cada banho de água tépida, essência de jasmim e óleo de gardénia.

Aprende a seguir os rigores e a avidez da moda, que naquele ano em Paris toma a cor dos lilases, do *«saumon frais et prune, do verde-mar e ovata»*, em diversos tons que usa sem disfarce da vaidade, consciente de quanto Carlos Augusto gosta de a ver vestida com requinte; ambos cansados dos olhares de ligeira troça e espanto com que a seguem sempre que usa os modelos levados de Portugal.

Corta também o cabelo, como só tem coragem de confessar à irmã: *«Sem remédio para escapar à moda cedi a ela e cortei uma grande porção do meu cabelo. Mas só o topete sacrifiquei, o canudo valido, e se minha Mãe me visse deitava-me mil bênçãos porque estou casquilhíssima. Já ninguém põe arrecadas senão as mulheres públicas, todos os diamantes se reservam para braceletes e gargantilhas, com uma medalha na devota, laços de mangas e flores na cabeça.»*

Leonor só não cede aos toucados riçados, igualmente bem aceites na corte de Versailles e nos salões literários, nem aos colchetes de cinta que no espartilho ficam *«justamente atrás do cotovelo esquerdo, com um grande laçarote muito levantado»*, a deixá-la sem nenhum ar na prisão do peito.

Sentindo-se um pouco ridícula e não se reconhecendo quando se olha ao espelho, comenta na carta enviada a Maria: *«Eu mesma me desconheço, e toda a minha filosofia está tão mascarada, que quem me vê cuida que sou uma boneca das que vemos pintadas nas caixas.»*

Ou uma daquelas bonecas que servem de modelo, feitas por modistas e até por damas habilidosas, pequenos manequins para divulgação dos vestidos da moda, e assim trajadas a preceito passarem de mão em mão entre amigas e mulheres de cada família.

O marido sorri ao vê-la tão alindada e distraída.

Sem deixar de ser diversa e esquiva.

†

No salão de Sophie de Condorcet, Leonor brilha.

Que estranho – dizem – ser portuguesa!

Ela procura em torno os filósofos que continua a ler, com os quais ainda sonha, e não os encontra. Voltaire está morto, faltam-lhe Madame de Châtelet, Rousseau e Diderot.

No entanto tem Marmontel à sua beira, a escutar-lhe os versos que, acautelada, traduzira para francês. Pedem-lhe em seguida para recitá-los em português, e ela fá-lo, a encantá-los com a harmonia,

com a melodia da sua própria língua.

†

Vê-a de súbito,

como se fosse um golpe de luz, ao fundo da Sala da Música: vestida de seda carmim, cintura marcada pelo corpete justo, saia a descer ondeando ao longo das pernas. Está parada junto ao cravo a escutar o que lhe diz baixo D'Alembert, enquanto alguém toca uma sonata de Bach.

Estonteado, as faces em fogo, os olhos toldados pela água que os alaga, Francisco Manuel do Nascimento apoia-se por momentos à ombreira da porta por onde acaba de entrar, a dar conta da figura de Leonor de Almeida, muito bela na sua delgadez, tal como a lembrava.

Algum dia poderá vir a esquecê-la, assim como à irmã?

Sem conseguir afastar o olhar, a querer gravar na mente a sua imagem, recua mais na penumbra do umbral da porta. O clima de equívoco, o mal-estar instalado entre ambos desde que sabem ter sido o marquês de Alorna, juntamente com os padres de Rilhafoles, quem o denunciou à Inquisição, obrigando-o a exilar-se em França, contamina o inesperado reencontro. E afinal tanto lhe apetece pegar nas suas mãos como fizera em Chelas, apesar de já amar Maria que tivera de deixar para trás, ambos saudosos das longas tardes passadas na grade do convento. Como a quisera então, e como continua a desejá-la!

Inquieto, demora o olhar no requebro da sua silhueta à luz das muitas velas dos lustres de Veneza que Madame Necker mantém permanentemente acesas no seu salão de lustro aristocrático, onde agora Leonor joga com o leque de seda vermelha, enquanto se entretém com a

conversação animada no círculo dos filósofos ao qual se juntara, visivelmente encantada por participar nos seus debates; deleitando-se ao lado de Marmontel, que discute com Suard. A trocar opiniões com Grimm, com Buffond e com Sophie de Condorcet.

Tudo é novo para ela nos salões parisienses.

Entre eles, o de Suzanne Necker é conhecido por ser um espaço de conversação brilhante, de discussões literárias e académicas. Onde a sua jovem filha Louise – a futura Madame de Staël – cresce aprendendo, presa do fascínio do conhecimento por entre os meandros da literatura e da ciência.

Francisco Manuel do Nascimento repara como também esta segue encantada as palavras e os gestos de Leonor que, passado o choque de a ver, percebe ter perdido o encanto inocente, quase o levando a crer estar a deparar-se com uma desconhecida.

Maquinalmente beija a mão nevada de Madame de Marchait, intrigada pelo seu abatimento, a esconder-se no escuro. É nessa altura, quando ele tenta ganhar de novo o abrigo do pesado cortinado de veludo de onde poderá continuar a admirar Leonor de Almeida, que esta se volta e o vê pela primeira vez. Espontaneamente avança ao seu encontro mas, apercebendo-se de que Filinto recua, detém-se com surpresa ferida.

Paralisado, o poeta hesita diante de Alcipe.

Consciente do tumulto dos próprios sentimentos contraditórios, tomado pelo desencanto e a esperança, está certo de que ambos podem ser produto na mesma medida do ardor e do desprezo, da frieza gélida e do incêndio. Naquele curtíssimo instante dá-se conta, aterrado, de estarem a jogar com a sorte, ciente do que perdem caso se afastem para sempre um do outro.

Será o orgulho ferido mais forte que a chama de súbito reacendida?

Pretendem amar ou ser amados?

Admirar ou serem admirados?

Atento à expressão do seu rosto, vê-a mudar de veludo em aço, de doçura em raiva, notando ainda quanto o espaço entre ambos parece arrefecer e alargar-se.

Um mar inavegável.

Na verdade, Francisco Manuel de Nascimento, em vez de se lhe dirigir retrocede, tropeçando na batina que se lhe enrola nas pernas, a sentir-se empurrado pela força do próprio ressentimento. E nesse preciso momento arrepende-se de não a ter procurado quando ela chegara a Paris, de não se lhe ter dirigido nessa noite quando entrara no salão de Madame Necker.

Agora é demasiado tarde.

†

Magoada pela injustiça,

Leonor detém-se sob o brilho frio dos lustres de cristal de Veneza, que lhe sublinham a suave curva dos ombros tépidos descobertos pelo decote.

Francisco Manuel do Nascimento estranha nela aquele arremedo de nudez que o perturba. Turvada de novo a vista pela chuva dos olhos, uma vertigem rodopiante encosta-o à janela, e tão confuso lhe está o pensamento que mistura o tempo entretanto passado, pois embora longo lhe parece curto, como se desde a fuga de Lisboa não tivesse decorrido mais que um curtíssimo segundo.

Ao pé dela é tudo sempre tão desconcertante!

Tão inesperado e contraditório!

Não fosse terem nascido em mundos opostos, teriam partilhado o maravilhamento da poesia, a lucidez da razão, a descoberta das Luzes que desde menina Leonor admirara nos livros, na filosofia, mas cujas consequências na vida real talvez não consiga suportar.

Ou não saberá conviver com elas?

Ou não conseguirá viver nelas?

Sentindo-se injustiçada, Leonor volta-lhe as costas, afastando-se com determinação orgulhosa. E apesar da distância a que se encontram, a Francisco Manuel do Nascimento parece-lhe sentir o odor da sua pele, o cheiro daquele corpo que indevidamente deseja.

– Vamos embora – adivinha-a a dizer num sussurro cansado, enquanto inclina a cabeça encaracolada no ombro do marido. E as pérolas semeadas

nos seus cabelos de ouro tomam de súbito uma intensa tonalidade ambarina.

†

«Imagine querida mana da minha alma, que gosto me daria uma carta (duas) suas quando a minha melancolia me figurava mil horrores e me tirava toda a esperança de semelhante fortuna. Esta querida carta além da consolação que me dá com a certeza de que vive, e que não está doente gravemente como eu supunha, alegra-me por ver que sustenta a sua razão, a sua Filosofia e a sua religião quando lhe é mais necessária. Querida mana! Dou mil graças a Deus por este benefício e creia que a sua paz é o que eu reputo por minha fortuna. A minha alma acostumada à sua, de si leva por toda a parte umas saudades e umas esperanças que nutrem a minha ternura a um ponto inexplicável: os nossos corações uníssonos em todas as situações se conformam; a alegria tumultuosa tem para mim honras de um pesar vivo, e com o seu sistema não vejo nisso mais que um efeito da necessidade e das circunstâncias sem deixar que me perturbe, nem que me domine.

Eu e sir Charles, a mana, meus Pais e o mano, fazem em Paris o meu entretenimento como em Lisboa. Tudo o mais me fica em certa distância e muitas vezes a perder de vista. Madame une telle ocupa-se de Mr. son amant, une autre de la Comédie, une autre de la promenade, e todas da frivolidade e da intriga. Os meus costumes e as minhas ideias nada compatíveis com isto me fazem ver tudo como ópera de bonecas, e sem entrar em nada tenho horas deliciosas com o socorro da Filosofia.

Filinto não me quis ver nem falar, mas eu aqui lhe deixarei provas de que se engana muito quando me confunde com o vulgo. É triste cousa nascer em certa altura, que os que nascem mais abaixo por mais juízo que tenham não vêem em nós senão o que vêem no maior número. Eu parto daqui com a máscara que me põe a sua imaginação, mas consolo-me de que debaixo dela existe a mesma Leonor, a mesma Alcipe de quem ele fazia bom conceito.

Uma cena que renovará muito as minhas saudades suas, é o encontro com meus cunhados, vou ter esse gosto no caminho e isso me dará grande receio já que não posso ver os meus. No correio que vem terá a mana uma carta minha mais comprida porque como Deus me deu nesta a certeza de que vive espero que as minhas forças se restabeleçam para poder escrever muito.

Dá-me cuidado tanta dilação na Azinhaga, desejo notícias de Lisboa e ponho aos seus pés sir Charles que a ama infinitamente.

A Deus mana.»
L.

Paris, 1780

†

CADERNO

Madame de Châtelet e Madame d'Épinay.

Madame du Deffand e Julie de Lespinasse.

Todas elas têm vindo de diferentes maneiras e modos a rejeitar a sombra onde, pelo facto de terem nascido mulheres, seria mais natural apagarem-se.

A recusarem o passivo aceite da mediocridade e da ignorância imposta ao seu sexo. Determinação que lhes negaria o direito à inteligência, ao pensamento livre, ao estudo da Ciência, da Teologia, da Filosofia.

Cada uma reivindicando para si o direito ao estudo, à independência, à sabedoria.

A um itinerário de liberdade.

Nesta minha passagem por Paris, reaprendo a escutá-las, a lê-las, das suas vidas tomando o ensinamento da determinação.

Reivindicando o direito à obra literária.

À posteridade que nos é devida.

Paris, 10 de Julho de 1780

†

Passeia devagar pelos jardins de Versailles, distraída com a luz que lhe faz semicerrar os olhos cor de orquídea; claridade filtrada pelo verde espesso das copas das árvores alinhadas ao longo das compridas alamedas, que fazem parte do plano dos jardins geométricos delineado por Le Nôtre.

Debaixo dos pés calçados de cetim bordado – sapatos onde minúsculas borboletas esvoaçam em torno das fivelas de prata – sente a aspereza da gravilha, enquanto a aragem lhe enrodilha os cabelos soltos. Mão esquerda aflorando a faixa de seda e pérolas, bolsa de tafetá branco *moiré* comprada em Paris.

Escolhe ao acaso uma das mais longas alamedas, com cedros e plátanos a ladeá-la, deleitando-se com o perfume de invisíveis lilases mandados plantar pela Rainha Maria Antonieta junto do Petit Trianon. Odor que àquela hora chega ao Palácio de Versailles com uma intensidade vibrante e misteriosa. Fecha a sombrinha para receber o sol na face levantada, a bebê-lo num lentíssimo trago.

Pára?

Hesita um pouco e pára.

Olha em frente, satisfeita ao descobrir ao fundo a escultura de uma figura feminina reclinada, que ao longo da manhã tanto procurara. E à medida que se aproxima repara maravilhada nos seus pequenos pormenores: a delicadeza branda do pescoço, a linha sinuosa dos ombros, a pele acetinada e húmida. Os anjos à sua beira parecem querer ajudá-la a levantar-se.

Ou a deitar-se?

Curtíssimas asas ligeiramente entreabertas.

Na figura dourada da mulher reconhece Ceres, de que tão entusiasticamente lhe falara Suzanne Necker quando na véspera a visitou: «Não parta a minha amiga para a Áustria sem a ver», recomendara.

À sua volta, o silêncio é todo ele feito de múltiplas cintilações, num ambíguo jogo de sombra matizada e de pequeníssimos ruídos translúcidos tecidos pela leveza da luz, a reflectir-se na água do tanque onde se apoia a estátua.

No meio de estrelas de cristal rebrilhando.

E Leonor estaca,

coração a saltar-lhe no peito, respiração suspensa. Sem saber como suportar, incólume, tão resplandecente

beleza.

†

Excelentíssima Senhora
Condessa de Oeynhausen

Distantes estão os tempos difíceis,

mas também inesquecíveis de Chelas, dos quais brotaram num arroubo de belo entusiasmo Alcipe e Filinto Elísio. Mas, como dizia Camões, *«mudam-se os tempos, mudam-se as vontades»*…

Não escondo o choque que foi para mim ver-vos esplendorosa no salão de Madame Necker, nem como fiquei dolorosamente dividido entre precipitar-me ao vosso encontro, movido pelo alvoroço e o entusiasmo de poder de novo falar-vos, aflorar vossa mão, sentir-vos o perfume, e o dever de recuar, levado por tudo aquilo que o ressentimento, a humilhação e o orgulho me impunham.

Aflige-me agora constatar, devido à vossa reacção, como a minha atitude turvada e hostil vos ofendeu e magoou. Não era essa a minha intenção.

Lamento e sofro por ambos.

E ao receber o vosso generoso bilhete, onde parecíeis sugerir que vos procurasse, tive novamente a tentação de ceder aos ditames dos meus sentimentos acesos, embora a dignidade me imponha o oposto. Porque se nenhum de nós teve qualquer atitude nefasta que pusesse em risco o nosso entendimento único, o marquês de Alorna vosso Pai, ao denunciar-me, conseguiu fazer com que do meu coração brotasse o ódio e o desejo de vingança, ainda não apaziguados.

Rogo-vos pois, em nome da amizade e da admiração mútua que apesar de tudo parece continuar a aproximar-nos, que tenteis compreender-me.

Só temos de dar tempo ao tempo.

Quem sabe se a vida ainda nos permitirá um dia refazermos os liames do afecto, a retomarmos uma ligação em tudo prestimosa e fértil.

Com a minha eterna
e veemente admiração

Francisco Manuel do Nascimento

Paris, 20 de Julho de 1780

†

Fui hoje visitar a casa onde morreu Voltaire.

Não queria deixar Paris sem lhe prestar esta homenagem. Deste modo tentando, inutilmente, aproximar-me dos últimos meses da sua vida de homem e filósofo, que me moldou com a luminosidade do seu pensamento.

Com a sua lúcida inteligência.

Determinante foi para a minha formação a leitura da sua obra, que me permitiu escapar ao obscurantismo do convento onde fora fechada em criança; guardo ainda hoje o deslumbramento sentido diante das suas teorias pois, mais do que um desafio, elas foram a promessa de uma outra

forma, livre e justa, de viver. Dando-me coragem para continuar, na tentativa de chegar mais longe.

Na teima de acreditar.

Talvez por isso, ao chegar emocionada diante da porta espaçosa por onde Voltaire tantas vezes entrou, fui acometida de uma forte vertigem, valendo-me o braço roliço de Louise Necker que, contrariando a minha vontade, descera da carruagem onde lhe pedira que ficasse e me seguira, como sempre palpitando de curiosidade.

No jardim abandonado havia magnólias e plátanos, à sombra dos quais nos refugiámos, entontecidas pelo intenso cheiro das glicínias. À nossa volta as flores cresciam ao acaso, misturando-se de forma exuberante numa desordem pesada de abandono: as begónias ao lado das margaridas, os lírios a quererem entrançar-se com as dálias, junto das longas hastes mirradas dos jarros exauridos. Em contraluz,

estava a casa com as paredes já escurecidas pelo pó e pela humidade. E ao longo do muro baixo que nos cercava, trepava serpenteando o trevo de ouro, na sua rara delicadeza esverdeada.

Ali tudo se negava à perfeição da ordem.

Procurei em vão, atenta, uma pista que me levasse até ao meu mestre, ao seu quotidiano partilhado com Madame de Châtelet, por quem eu sentia simultaneamente admiração e inveja. Mais do que de Diderot, de D'Alembert, ou mesmo de Rousseau, foi do pensamento de Voltaire que eu colhi as Luzes.

O fruto do conhecimento.

Os ensinamentos necessários que continuam a formar o meu espírito. Foram as suas palavras que eu bebi e me passaram o imenso e inadiável gosto de aprender. Foi o seu pensamento que me ensinou, me fez descobrir a decisiva importância da razão.

De uma nova sabedoria.

À minha beira a jovem Louise sorria distraída, abanando-se de forma indolente com um pequeno leque com aplicações de lantejoulas a rebrilharem quando o sol lhes batia.

– Vossa Excelência, D. Leonor, bem podia demorar-se mais um pouco na nossa companhia – sugeriu, quando sufocadas pelo calor da tarde nos sentámos a descansar junto da frescura de um pequeno riacho que corria por entre as árvores de um outeiro ali perto.

Só eu sei quanto me custa abandonar Paris e os seus salões literários, palpitando de cultura e de conhecimento, mas guardo para mim esse devaneio inútil, esse anseio impossível.

Mais empenhada, então, em descobrir o que ali fora procurar:

o espírito vivo de Voltaire, para além dos seus livros.

†

CONFISSÃO DE MARIA ANTONIETA RAINHA DE FRANÇA

Ainda que me pareça inusitado e por demais arriscado entregar a minha sorte a quem conheço tão mal, diz-me a intuição poder confiar mais numa estrangeira, como a condessa de Oeynhausen, do que naqueles que todos os dias me cercam e me espiam os passos, medem os meus actos, interpretam maldosamente tanto as minhas palavras como os meus silêncios. Por isso, ao ter conhecimento da próxima partida de D. Leonor de Almeida, chamei-a ao *boudoir* do Petit Trianon, fi-la sentar a meu lado, tomei-lhe os longos dedos e falei-lhe com grande sigilo do meu plano de lhe confiar cartas e documentos que se encarregaria de entregar nas mãos da Senhora minha Mãe, a Imperatriz Maria Teresa da Áustria.

Não lhe escondi os perigos que ela e o conde seu marido correm caso se descubra ter ela aceitado tal encargo; nem lhe omiti como me sinto assustada e presa dos piores pressentimentos. Contei-lhe como tento

sobreviver rodeada de espiões, cercada de carrascos, encurralada pelo medo, odiada pelo povo, perseguida por ameaças.

Primeiro fitou-me, rosto com a palidez da cera, mas logo abriu a sua bolsa de cetim lilás e, sem dizer uma palavra, substituiu o que lá tinha pelo rolo de papéis atados com seda vermelha, mais nó de lacre do que laço de fita, que me tirou do regaço.

E só então lhe ouvi a voz velada:

– É uma honra para mim servir Vossa Majestade.

†

DIÁRIO

Mal entro no *boudoir* do Petit Trianon onde, envolta pelo seu ambiente de sensualidades escusas, Sua Alteza Real me espera, logo me vejo reflectida nos múltiplos espelhos movíveis, num habilidoso jogo de vertigem no qual de bom grado me deixaria perder. Caso não sentisse pousado sobre mim o olhar límpido e inquiridor da Rainha que, toda de branco, vestido de rendas e cetim a alisar-lhe as ancas, com uma simplicidade elegante,

se vira para mim mal sou anunciada.

Está em contraluz, envolta por uma poalha dourada, cotovelo apoiado no parapeito da janela que dá para o pequeno lago azul-índigo, deixando antever ao fundo a delicada e flexível floresta de juncos – como as fidalgas da sua câmara lhe chamam – meio encoberta pelo Templo do Amor.

No ar adormentado vacila uma equívoca mistura de perfumes: mais volátil o das rosas carmim do Jardim Inglês, a embrulhar o odor doce dos lilases que os rouxinóis vindos do bosque ali perto arrastam consigo nas

minúsculas asas; mais espesso e intenso o da pomada de flores de jasmim, com a qual ela massaja as têmporas de pele rosada junto à raiz da nuvem dos seus cabelos muito louros.

A aia que me conduzira à sua presença, pelas escadas de mármore até ao primeiro andar e em seguida ao longo do estreito corredor dourado, é de pronto dispensada, deixando-me sozinha, insegura e subitamente tímida junto à Rainha de França, na intimidade macia do seu domínio. Sentindo a correria desordenada do meu coração no peito apertado de ansiedade.

O silêncio que em torno de nós se faz é cortado apenas pelo fio de voz contida das rendeiras, das engomadeiras e das fiadeiras, que noutra ala do pequeno palácio trabalham no atelier e na casa de engomar.

Por um tempo indeterminado ficamos a escutá-las até que, aninhando-me as mãos na maciez das suas, me faz sentar numa *chaise-longue* dourada, tomando assento a meu lado um pouco inclinada para a frente, as duas rodeadas por almofadas de seda e *shantung*, entre as quais desponta a echarpe verde-pálido que na véspera eu vira Gabrielle de Polignac usar no Palácio de Versailles.

Seguindo o meu olhar, a Rainha estremece, e um ligeiro rubor sobe devagar pelo seu pescoço de cisne até lhe ir colorir levemente a face. Sobressalto logo dominado com secura e altivez, a cortar cerce o embaraço despertado pela marca inequívoca da presença da sua favorita. Dizendo-me de seguida, num tom quase ríspido: «Preciso que a senhora condessa de Oeynhausen escute com atenção o que tenho para vos propor.» Depois, com simplicidade, sem dramatismos inúteis, expõe com clareza o seu plano, que me escuso de mencionar.

E quando, tombado que está o crepúsculo, madame Campan, camareira-mor-de-quarto da Rainha, pede licença para entrar, trazendo atrás de si os criados com os candelabros acesos, eu tinha guardado já no meu saco aquilo que havia de ser escondido. Mas ao ver-me erguer disposta a partir, a Soberana ainda me detém, puxando-me pelo pulso na sua direcção, a sussurrar-me ao ouvido:

– Vossa Excelência tenha cuidado, D. Leonor, pois eu costumo trazer má sorte àqueles de quem me aproximo.

Paris, 28 Julho de 1780

†

Ainda não saiu de Paris e já Leonor tem saudades da vivacidade das discussões que se travam nos salões literários franceses, onde tudo pode ser debatido com uma abertura de espírito inigualável.

De bom grado continuaria na cidade das Luzes.

Enquanto Carlos Augusto insiste em partir, ela anseia por ficar, sobrevalorizando os encantos que naquelas assembleias mais a prendem, a retórica que aflora a cada passo, os debates acesos, a cultura mostrando-se no seu mais arrebatado fascínio.

Salões onde a arte, a argúcia, a escrita e o pensamento das mulheres florescem radiosos e provocadores,

a influenciar os homens.

Como aconteceu com Madame de Châtelet e Voltaire, com Madame de Lespinasse a marcar o espírito dos enciclopedistas, frequentadores entusiastas do seu salão filosófico. Especialmente D'Alembert que, quatro anos depois da morte dela, ainda a lembra e chora, confidenciando a quem o quer ouvir numa das terças-feiras do salão de Madame Necker: *«Ela marcou-nos a todos com a ardência do seu espírito rebelde.»*

Pudesse Leonor e ficaria em França, entregue à sua própria audácia e chama, sem qualquer entrave nem ninguém que lhe travasse o passo.

Parte com a tristeza na alma, deixando para trás o desafio, o conhecimento e o gosto. A sentir que se atarda demais em direcção ao futuro. Pronta a aceitar o tudo e o nada que tem para lhe oferecer o resto da Europa, senão do Mundo.

Para já, espera-a a Áustria.

†

CADERNO

«Um objecto porém extraordinário e para mim incompreensível é Filinto, cuja imaginação lhe faz dar os passos mais inconsequentes sem que lhe baste todo o conhecimento que tem do meu carácter, certamente incapaz de ver em um desgraçado um diverso homem do que considerava e estimava na fortuna. Vendo que não vinha falar-me lhe escrevi, respondeu-me depois de muitos dias que o ódio e a vingança lhe tinham impedido esta diligência, mas que a amizade e o reconhecimento o instavam a pedir-me que decifrasse o meu misterioso escrito para deliberar-se.

Eu conheço este estilo que parte de uma imaginação singular, mas o Conde não, e eu mesma não sei, por mais voltas que dê ao juízo, o que quer dizer ódio e vingança. Não me alterei e respondi polidamente, mas fiz uma parvoíce, porque ele não deu mais sinal de si; ainda me resta mais alguma diligência que fazer. Para satisfazer o meu próprio ânimo, que gosta de fazer bem, e se ele me não falar, aqui o deixo recomendado a várias pessoas importantes, no caso que tenha alguma precisão de socorro.»

Da carta escrita a Maria, Leonor copia ainda mais este trecho:

«Ser-me-ia agradável conservar a estimação das pessoas de juízo a quem a mereci algum dia, mas ainda mais agradável aumentar os motivos desta estimação, sendo qual devo ser.»

A caminho de Metz, 29 de Julho de 1780

†

Vai de manhã ouvir missa à igreja de St. Pierre-aux-Nonnains. Em seguida deixa Carlos Augusto a resolver problemas da próxima etapa da viagem, e passeia sozinha por Metz, abandonando para trás a carruagem.

Tenta não magoar os pés nas pedras, ou sujar de pó a bainha do vestido, tal como o cetim dos sapatos na terra esfarelada. As pessoas com quem se cruza olham-na admiradas por vê-la sozinha a deambular, envolta numa capinha leve. Ora descendo os olhos ao longo das ruas irregulares e estreitas, para logo os erguer até às casas, ora atentando nos muros altos. Tropeça nas fissuras que o tempo abriu nos degraus das escadas e nos passeios, distraída com a beleza das praças cheias de flores e de velhas árvores, onde os pássaros ao fim da tarde se refugiam.

No ar há um manso cheiro a gardénias e a fruta.

Mas à medida que caminha, vai-se instalando nela uma inquietante sensação de ser seguida por alguém: lentamente quando ela anda devagar, rapidamente quando ela se apressa, passos medindo os seus passos.

Leonor volta-se várias vezes sem nunca detectar ninguém que confirme a sua desconfiança, apesar do mal-estar que sente, algo que nem sabe explicar a si mesma.

Um vulto que se dissimula na sombra das arcadas?

Um ruído ciscado de quem atravessa a calçada?

Um murmúrio, um esvoaçar de asas, junto do seu ombro?

No entanto, quando de súbito se vira para olhar em torno tudo isso se dissolve, e onde juraria ir encontrar alguém depara-se com o vazio.

Desse modo, andando e parando, acaba por chegar cansada e apreensiva à Catedral de Santo Estevão, onde entra e se senta num dos bancos corridos de madeira escura perto do altar-mor, só então dando conta do tamanho do medo que ainda lhe aperta o peito:

pequena garra fechada em torno do coração.

O intenso odor a incenso e a velas acesas leva-a de volta a tempos ainda recentes. Começava a aquietar-se, quando escuta atrás de si o som de um andar furtivo, de quem avança pelo estreito corredor da nave central. A respiração dela acelera-se, mas o ruído pára e o silêncio do templo

restaura-se, cortado apenas pelo sussurrar de uma mulher que reza ajoelhada.

Leonor pensa ainda em levantar-se para fugir, mas teme não ter força nas pernas que ainda vacilam, a tremer de susto e de frio, o corpo mal agasalhado pela capinha de fazenda fraca.

Sem saber quanto tempo terá passado desde que se refugiara naquela obscuridade afinal insegura, compõe as pregas da capa nos ombros, tentando apertá-la mais sobre os seios e, tremendo, ergue-se. Faz precipitadamente o sinal da cruz enquanto dobra o joelho diante do altar, e só então se volve para a pesada porta ao fundo da igreja, na direcção da qual se encaminha de olhos fixos nos bancos àquela hora desertos.

E ao seguir instintivamente o adejar de um voo que à sua frente se levanta, dá com ele: muito magro e todo de preto, cabelo farto, escuro e ondulado, mãos longas e quase transparentes a cobrir o rosto como se orasse. Apesar de não poder observar-lhe as feições ocultas, Leonor sabe já o ter visto antes, algures.

Em todo o lado?

Sai correndo até ao carro que a seguira de longe e a espera. Refugia-se nele em sobressalto, sentindo-se finalmente segura, e com a voz trémula manda seguir para a estalagem onde Carlos Augusto a aguarda há muito.

«Vais ver que te enganaste, que inventaste tudo isso» – sugere-lhe ele quando Leonor lhe conta a sua estranha aventura. Para logo acrescentar, ralhando:

– Que imprudência, Nelly! Que insensatez!

Partem de Metz bem cedo na manhã seguinte rumo à Alemanha, de onde o conde de Oeynhausen partira há anos fugido da prisão em que se encontrava detido por dívidas de jogo. Talvez seja esse o motivo que o leva a manter-se mais calado do que nunca, olhar encurralado,

de homem perseguido.

†

DIÁRIO

Fiquei maravilhada com a pintura de Caravaggio.

Fascina-me o seu traço ousado, o negrume da autenticidade, a sensibilidade sombria imbuída de uma extrema audácia.

A jogar com uma estranha e assustadora morbidez raivosa, usando sem temor aquilo que em mim mais receio: o excesso.

Ao contrário dele, a paixão enfraquece-me.

A razão contém-me e por isso liberta-me.

Apesar do constante descontentamento em que me afundo.

Tal como Caravaggio,

nada me satisfaz, nem basta. Perturbo-me tanto com aquilo que exorbita, como com o vazio absoluto que sobre nós se abata.

Mannheim, 3 de Agosto de 1780

†

Ao chegar a Frankfurt no dia 6 de Agosto, Leonor afasta a cortina da janela da berlinda e colhe com o olhar aceso a luz avermelhada do sol que se põe.

Encandeada, vê por entre brumas uma jovem mulher com um largo avental de riscas escuras, transportando um cesto de lenha à cabeça, atravessar-se à frente dos cavalos que se empinam. O cocheiro trava e ela sente-se projectada para a morna penumbra do carro. Cansada, encosta a cabeça no ombro do marido, sem saber há quantas horas percorrem as estradas poeirentas.

Tiveram de se desviar do plano inicialmente traçado para a viagem entre Portugal e Viena de Áustria, pois Leonor teimara em conhecer a Frankfurt da sua fantasia, lugar de coroações de imperadores e de encontros de poetas.

Há muito que deseja passar os dedos pela rugosa pedra das suas mansões góticas. Sobretudo quer andar por onde já caminhou Goethe.

Alimentando o impossível sonho de conhecê-lo.

Ao chegar à cidade do Meno Leonor sente-se incrédula, como se a realidade teimasse em copiar-lhe a imaginação. Abre muito os olhos, sem querer perder nada desse momento mágico.

Percebendo o seu entusiasmo Carlos Augusto ri-se, beija-lhe a pele macia do pescoço, sentindo nos lábios o gosto doce do seu perfume cálido. Em seguida deixa a boca deslizar até à sua nuca, onde a raiz do cabelo se humedece com o suor da viagem.

Mas Leonor enerva-se, e num grito brusco manda parar o carro e sai ao encontro de tudo. Sendo o tudo, para ela, a descoberta do novo que já a cerca.

Desafiando-a.

Fingindo não ouvir o chamamento do marido, desce uma escada íngreme de pedra sombria. Deixando-se embriagar pela própria excitação, segue depressa,

a caminho do desconhecido.

†

«Senhora minha Mãe da minha alma

Chego a Frankfurt em boa saúde, mas como faço trinta e tantas léguas por dia estou cansada, e só escrevo para dar notícias minhas a Vossa Excelência. Demorei um dia em Mannheim, onde vi em Pintura tudo quanto pode imaginar-se de perfeito», desejando poder mostrá-la a meu Pai ou dar-lhe dois painéis que o encantariam. Vinha com fome de coisas sábias e quis conhecer o Observatório do Eleitor, onde passei uma tarde sumamente divertida porque o seu director, que é um dos maiores *«savants»* deste século, insistiu em nos receber pessoalmente. Fizemos uma imensidade de observações curiosas com um instrumento moderno designado por «quarto de círculo mural», inventado por um inglês

chamado Bird. Durou quase até à noite a nossa conferência, e aprendi mais nesta visita do que em muitos meses de estudo. O director do Observatório também me pareceu ter gostado da nossa sociedade, pois fez-me vários cumprimentos polidos sobre as minhas aplicações.

«O cuidado em Vossas Excelências e na minha filha ocupa-me a alma, de modo que a maior parte das cousas que faço é maquinalmente e com uma distracção incómoda que me priva dos maiores divertimentos. Já agora não receberei cartas antes de Viena, nem escreverei aos manos senão quando lá chegar. A minha linda mana dá-me sempre o maior cuidado e quando receber carta sua, então se me alegrará o coração. Principio a falar alemão, e a facilidade com que me explico nas outras línguas me tem sido muito agradável. Esta vantagem não deixa de me recomendar como uma raridade, porque as incomparáveis damas francesas não falam senão a sua, e têm negação para todas as outras.

Eu beijo a mão a meu Pai com a maior ternura e peço a Vossas Excelências ambos a bênção para mim e para o Conde. Abraço os manos, e a minha filha e adeus minha querida Mãe.

Se acaso a minha Leonor tiver cabelos que se possam cortar estimarei que Vossa Excelência mos mande dentro de uma carta para fazer uns braceletes, e também queria dos manos e de Vossas Excelências.

De Vossa Excelência
Filha a mais terna e obediente
L.

Frankfurt, 6 de Agosto de 1780»

†

ANGELUS

Tens um ar exausto da viagem.

Pálidos os lábios, transparente a face, e quando te debruças da janela que abres, ao sentires-te sufocar na carruagem fechada, antevejo-te a pele lívida, o bistre das fundas olheiras a empalidecerem-te a face de loura clara.

Assustei-te em Metz onde quase me desvendaste o vulto embuçado pelas asas de sombra. A invisibilidade e a penumbra são as minhas companheiras, com elas me encubro, cubro-me, para melhor te perseguir ocultado, esgueirando-me sem que me vejas.

Às vezes julgo perceber quereres defender-te de mim, embora prefira acreditar que de bom grado te entregarias nos meus braços; e em pensamento desnudo-te, toldando-te secretamente de rubis e lua, a confessar-te:

«És o amor da minha vida.»

Enigma por desvendar, meu desassossego maior.

Umas vezes sei-te, mas outras desconheço-te; e quando, sobressaltado, pergunto «quem é ela?», se me respondem «D. Leonor de Almeida» eu estremeço, pois espero por ti há muitos séculos.

Sigo-te sem pressa a silhueta ágil, pernas travadas pelo vestido; tu impaciente, tentando ser mais rápida, minha alada, de mim jamais encontrando vestígio, usando a poesia para falares mais alto. E sonsa volteias, sem as maneiras ordeiras do costume, exigindo a liberdade à tua beira. O tumulto evola-se dos sinais que deixas atrás de ti por mero capricho, voando se pudesses muito mais.

Em Frankfurt fugiste, eu encobri-te apagando-te os passos.

O rasto.

Trocando os trilhos tomados por engano, a entreter teu marido. Caminhaste inquieta até ao fim do dia, resguardando na crisálida do peito o coração suave onde ia germinando a ousadia.

Olho-te de longe, a tropeçares por gosto na paixão a que de bom grado me acorrento, não sabendo de mim mais do que o modo do esquecimento, mas jamais te olvidando, neste fogo de amor sempre ateado.

É tua a lira, e a minha sorte o nada. Se fora da tua luz eu não existo, e junto de ti a voz me está negada, que posso eu tirar da paixão senão louvar-te?

Exalto-te, bem sei. Quero a glória para pô-la aos teus pés, à mistura com versos, com lírios e com rosas. Incerto estou de ti, por isso cego. Iludindo-me, corrompo a minha alma.

Chegaste a Munique à minha frente, percorrendo a Baviera sem nenhuma palavra para alumiar as trevas; silenciosa mas de olhar ardente, desejando antecipares o que em Viena te aguarda. Vejo-te subir o leque a tapares o rosto, velando os sentimentos, enquanto eu me escondo, percorrendo a longuíssima distância do teu avesso até mim.

Por vezes pensas ver-me, embora sem saberes quem sou.

A ponta da minha capa a velejar na esquina de uma rua.

Na curva de um caminho.

Vulpino e vulto, reflectido no enganador espelho de um palácio. Ou somente sussuro,

no escuro abissal de uma igreja.

No poço da estrada.

†

A primeira cousa em que Carlos Augusto repara, quando no fim de Agosto chegam a Viena exaustos da viagem, é na transparência das múltiplas claridades. Cristal de rocha desabrochando alto, no topo dos prédios, em forma de espiral de búzio desmanchando-se para se ir estriar de modo irisado, tendo nas pontas pequenos diamantes lapidados pelo sol da tarde.

A encher-lhe os olhos de luz.

Por segundos pensa estar sonhando, ele que não é dado a devaneios. Encandeado, retrocede, e entontecido deixa-se ficar quieto na penumbra do carro que segue devagar pelas ruas.

Leonor, que pegara no sono já no final da estrada, ainda dorme; o sossego ameniza-lhe a face, adoça-lhe as feições, cabelo encaracolado em

tons de mel, perlado de suor junto às têmporas, em torno da testa alta. Enquanto dorme sussurra qualquer coisa, que por ser em português não entende. Um levíssimo sorriso paira-lhe na comissura dos lábios rosados, que mesmo quando os beija não sente entregarem-se.

Nela tudo lhe foge.

Leonor jamais se dá, havendo no seu anseio um mar revolto que nunca se permite entorpecer na areia da praia.

Tendo-a, desconhece-a.

A sua rebeldia permanente envenena-o. Sente-se sozinho e cheio de uma sede para a qual não existe água suficiente à sua beira, pois em vez de o apaziguar ela espicaça-o, exigindo de si o máximo, num tropel, numa ansiedade que acabará por matá-lo.

Os nervos quebram-no.

Carlos Augusto tenta acalmar o sobressalto, recuando mais na penumbra coada da carruagem. Ao entrar na Alemanha sentira medo, era a primeira vez que voltava depois de ter fugido. Preocupam-no também as inúmeras dificuldades que sabe estarem à sua espera na Áustria; com os inimigos que tem na Corte portuguesa nada irá ser fácil. O pior, porém, é perceber que mesmo Leonor desconfia dele. Já a ouviu acusá-lo:

– Falta-te ousadia! Falta-te chama!

Pergunta a si próprio se não haveria mais raiva do que queixa no tom alterado da voz dela.

O carro segue penosamente pelas ruas de pedra larga, até àquela que será, durante algum tempo, a casa de ambos. Inclina-se para a frente e a medo espreita pela janela, no exacto momento em que estão a passar junto à Catedral de Santo Estêvão, que ele vira pela primeira vez em menino pela mão de sua mãe. Se se debruçasse e olhasse para trás, talvez distinguisse ao longe a cúpula esverdeada de uma igreja, tal como imagina lembrar-se de criança. Torna a recostar-se, pretendendo iludir a pontada aguda da angústia no gelo do peito, no sítio do coração que bate descompassado.

Respira a custo.

À sua beira, lentamente, Leonor acorda. E com mansidão inesperada, estende os dedos tépidos até aos do marido que aperta com doçura e carinho.

Agradado, Carlos Augusto espanta-se
com a sua inesperada ternura.

OceanofPDF.com

†

IX

OceanofPDF.com

†

Pressentimento

Contigo, lira suave,
Dissipo negros cuidados,
Contigo encanto o fastio,
Contigo zombo dos fados.

Dom celeste, amável fogo,
Que Délio acende na mente,
Troca-me estas longas horas
Num só instante contente.

Nasçam das cadentes cordas
Sons que copiem meus ais;
Faça Amor compadecido
Que os paguem outros iguais.

Mas que escuto? ó Céu medonho!
Com feio agouro me bradas,
E a mão incerta na lira
As cordas deixa quebradas.

OceanofPDF.com

†

RAÍZES

Depois da chegada da Índia dos marqueses de Távora, Teresa deixa de encontrar-se com o Rei D. José, a tentar encobrir aquilo que durante muito tempo não tivera pejo de mostrar a Lisboa inteira.

Fecha-se em casa e evita quanto pode responder aos bilhetes e às cartas que o Monarca lhe faz chegar, no início impacientes de desejo, mas ultimamente apenas contendo ordens. Mais eriçadas de espinhos ameaçadores do que portadoras de anelos de amor.

A marquesa nova teme as consequências da pública ligação ilícita com o Soberano: a vingança tida como lavagem de honra por parte de Francisco de Assis seu irmão e sogro, e mais ainda a reacção tempestuosa e destemperada de Leonor de Távora, sua cunhada e sogra que sempre receara.

Mas, sem cuidar dos perigos que ela corre, o Rei quere-a de novo na sua cama; se a condição de Majestade o defende de tudo, porquê lembrar-se dos riscos que ela corre? D. José só atende à falta do corpo dela.

E Teresa sabe disso,

ao parecer querer esconder-se, aninhar-se nos lençóis de seda escorregadia a entregar-se ao marido, a cheirar-lhe o corpo novo, saboreando cada beijo como um fruto que a alimenta, tentando apagar a memória da flacidez e do suor azedo do amante Real. Sem, apesar de tudo, se sentir arrependida de nada.

Quando Luís Bernardo a afaga, murmura palavras lascivas, esvaindo-se na entrega, toda ela mel áspero e silva enleadora; doçura cortada pela

acidez dos lábios a vacilarem na sua pele, que se humedece de torpor e ansiedade.

Concedendo-lhe tudo, tudo nega e despreza de seguida; nuca tépida que se escusa, se recusa e tapa na morena penumbra dos cabelos.

Segredo velado da sua beleza magra.

Leonor de Távora ronda-a, vigilante e atenta, como uma onça a caçar a presa. Mergulhada na própria luz de diamante lapidado, não se permite ser tolerante com a infidelidade, com a vulgaridade de Teresa, criada junto de si desde menina, primeiro como cunhada e em seguida nora. Sem poder perdoar o nó corredio da fragilidade quebradiça do seu carácter.

Nem da perversidade que faz enlouquecer os homens.

Uma ameaçadora asa negra paira sobre a cabeça de Teresa de Távora que, sobressaltada, acaba por ceder à ordens do Soberano e retoma os encontros clandestinos, tremendo como se tivesse febre,

dominada pelos piores presságios.

OceanofPDF.com

†

MEMÓRIA

Continuo a lembrar com prazer o meu deslumbramento ao entrar em Viena: cintilante luminosidade de Agosto que me apanhou de surpresa, quando abrindo lentamente os olhos acordei do sono a que cedera ainda na estrada, exausta da última etapa da viagem da qual tirei por igual gosto e cansaço.

Dias longos recordados com saudade.

Durante o trajecto de Portugal à Áustria, observei mais o mundo do que persegui ideias, e os meus versos sofreram a influência daqueles dias de entusiasmo. Escrevi-os nas estalagens onde íamos pernoitando, e mesmo na carruagem com o estojo da escrita apoiado nos joelhos unidos.

Ousando voar nos versos até onde ainda não alcançara.

Mal cheguei a Viena voltei à disposição antiga, retornando a alma à sintonia exacta com os poemas que regressavam mudados, à mistura com as cartas escritas a Teresa e também a Maria com quem desabafava as mágoas e contava alegrias e alvoroços. Para minha Mãe guardava as palavras mais fúteis, mas também as do coração e da saudade, a perguntar-lhe por Leonor Benedita, minha filha distante ainda tão pequena, a imaginá-la no berço de folhos, tule rosa e laços de fita. Indagando a mim mesma se algum dia poderia refazer a trança desmanchada do afecto entre nós duas, os nós do carinho por dar com o fio da estima materna, recebendo em troca o seu olhar e o sorriso fininho que imagino a enroscar-se meigo nas comissuras dos lábios.

Seria falso no entanto negar que me distraía, me perdia e encontrava sempre, maravilhada com o requinte da casa, com a recepção encantadora,

com a cidade, com o Danúbio, com os densos parques de um verde florido, mas também com a riqueza dos palácios que ia descobrindo. E se não me deslumbrava, surpreendia-me com o fausto pesado dos salões literários, dos bailes de gala e de máscaras, dos espectáculos reais, dos inúmeros concertos.

Viena parecia-me, então, mais uma cidade de um conto de fadas do que realidade; com a sua elaborada beleza burilada, de mármore, cristal e madeira delicada, desenhada com o requinte dos iluminadores dos Livros de Horas, e a rutilante paleta dos retratistas da época: branco de chumbo com uma gota de azul-cobalto, ou vermelhão, ocre e terra-de-siena diluídos em óleo de cravo-da-índia ou de linhaça. A perder-me de bom grado na vastidão dos Palácios Imperiais de Hofburg e de Schönbrunn, este a fazer-me lembrar Versailles. E nos parques, matas e moitas floridas, cravos e rosas púrpura, arrepiada pelo condoimento que sempre me provocava o grito, o rugido, o uivo atravessando a tarde, das feras aprisionadas no Jardim Zoológico Real.

Mas o que continuo a recordar de Viena

é o brilho da inteligência a sobrepor-se ao cintilar das ofuscantes jóias usadas pelas fidalgas, em contraste com a modéstia das minhas. «É outro e bem maior o vosso ornato D. Leonor, e será ele que vos fará brilhar» –, assegurou-me a Imperatriz Maria Teresa, ao aperceber-se do meu acanhamento diante de tanta ostentação e aparato.

Tudo isto fez parte do intenso fascínio e atordoamento de que me senti tomada, a par de uma profunda tristeza que me foi ganhando à medida que os anos passavam. Chegando a temer que o frio me extinguisse a urgência de fazer poesia.

Me gelasse o raciocínio, o coração e o pensamento.

Ironicamente, Portugal faltava-me.

OceanofPDF.com

†

1780

Dias depois de terem chegado a Viena são recebidos por Sua Majestade Imperial e apresentados em Schönbrunn, onde a seu pedido Leonor regressa para ser recebida a sós pela Imperatriz Maria Teresa.

Lembra-se bem do tom de pressa assustada, da angústia que escutara na voz da Rainha de França, ao incumbi-la de fazer chegar à sua Augusta Mãe os documentos e as cartas que em grande sigilo lhe confiara.

Enquanto é conduzida à câmara real, Leonor sente-se esmagada pela riqueza dos múltiplos salões que atravessa nervosa, a apertar ao peito a bolsa de cetim bordada a rubis e brilhantes, sentindo sob os dedos o volume quebradiço dos rolos atados pelas fitas de seda púrpura que jamais se atrevera a desatar, mesmo quando os tirara dos baús onde os escondera: umas vezes entre as camisinhas de cambraia, os punhos e as golas de renda, outras sob os espartilhos, as culotes, as camisas de dormir.

Quanto às cartas, achara mais prudente não as guardar no mesmo sítio. Misturou-as então com as suas, e durante a viagem vigiara-as, assim como aos documentos, a sentir-se uma espia aventurosa. Mas tudo correra sem percalços, e agora ali estava ela cumprindo a promessa feita em segredo a Maria Antonieta.

Recebe-a a Imperatriz com uma atenção inquieta embora serena, ciente de que Leonor lhe traz notícias de sua filha infeliz, que ela sacrificara, tal como ela mesma fora sacrificada. Leonor tenta tranquilizá-la com as notícias sobre a beleza e a boa saúde da Monarca francesa, depois de lhe ter colocado nas mãos ofuscadas de diamantes tudo aquilo de que fora fiel e leal depositária.

Maria Teresa fixa-lhe de manso os olhos garços, e diz com simplicidade, tomando-lhe nos seus os dedos esguios:

– As palavras de Vossa Excelência souberam apaziguar o coração de uma mãe aflita.

†

DIÁRIO

Pouco tenho visto Carlos Augusto nas últimas semanas.

Ando a tentar adaptar-me a uma vida absolutamente diferente, e ele, assoberbado de trabalho, a instalar o seu gabinete, resolvido a levar rapidamente a bom termo as principais tarefas de que vem incumbido por Sua Majestade D. Maria. Embora *«o afecto que a Imperatriz mostrou para com a Rainha e toda a sua Augusta Família em Portugal»* nos tivesse aplanado as dificuldades dos primeiros tempos, bem como o facto de o conde ter recebido instruções para abrir desde logo a sua casa em Viena e fazer *«todas aquelas funções e cerimónias usuais em tão festivas circunstâncias»* – não obstante o costume que obriga todos os ministros estrangeiros a só abrirem a sua casa após um ano de residência na Áustria.

Viena, 10 de Setembro de 1780

†

Depois de ter sido recebida em privado pela Imperatriz Maria Teresa, esta envia-lhe como delicado presente uma engenhosa mesa de *toilette* em pau-santo, com embutidos de outras madeiras mais claras e doces como a tília e a cerejeira.

Ao levantar-lhe o tampo muito leve, Leonor descobre um pequeno espelho orlado por rosetas de ouro, e logo abaixo um curto espaço onde poderá guardar os frascos das essências, das loções, os boiões de cremes comprados em Paris.

Encontra ainda espaço para os delgados pentes de marfim e de tartaruga, que à saída de Portugal Teresa lhe levara embrulhados nas suas lágrimas de despedida. Num escaninho arrumará as fiadas de pérolas para entrançar nos cabelos e, numa gaveta de segredo, aquilo que pretenda afastar do olhar dos outros:

cartas, bilhetes, os versos?

Há também o compartimento dos postiços pequenos, para acrescentar aos penteados armados que utiliza o menos possível. Pior são os postiços altos e mais ainda as perucas, que quando pode não usa, invocando as nevralgias que as suas insónias acicatam.

Remete uma carta de agradecimento à Imperatriz e, apesar de saber estar a infringir todas as normas de etiqueta,

junta-lhe um poema.

†

Carlos Augusto raramente a compreende, mas também não pretende entendê-la, consciente de ser a sua diferença e duplicidade que a distingue e a todos prende e fascina.

Leonor é diversa.

Fora a sua rebeldia que o encantara, a surpreendê-lo. Não os versos que raramente percebe e acha fastidiosos, nem a inteligência que o assusta um pouco, tal como o seu saber, a sua eloquência e cultura.

A equívoca inquietação permanente.

No espaço em que ela brilha ele ensombra-se, mas a admiração que nutre por Leonor nasce desse jogo de fogo pulsante, a criar a diferença onde habitualmente o feminino cala. Como poetisa expõe com os versos o brilho do génio.

Palavras com que cinzela o pensamento.

Minúsculos rubis talhados pelo conhecimento.

Carlos Augusto observa-a sentada diante do espelho incrustado na mesa de *toilette*, a reparar no seu perfil correcto, no ondear macio dos ombros, na alvura dos seios pequenos e descobertos pela camisa de dormir a aflorar o chão, *négligé* de cetim entreaberto.

Calado vê-a passar o creme seguindo a linha pura do pescoço, e em seguida ao longo dos braços, tendo ainda posto num dos dedos o anel de esmeraldas ofertado pela mãe às escondidas do marquês de Alorna, antes da partida para Viena.

Nelas reflecte-se a luz trémula das velas dos castiçais de cristal colocados nas mesas-de-cabeceira, onde antes pousara o livro que anda a ler com o seu marcador de marfim.

Petrarca?

Ou,

quem sabe, Maquiavel, Hildegarda de Bingen, ou mesmo Kant, leituras improváveis para uma mulher mas que ela não dispensa.

Porventura Shakespeare, Camões?

Na secretária de nogueira estão os papéis espalhados, os cadernos, a carta para os pais a pedir notícias da filha, perto da pena ainda húmida pousada junto do tinteiro de prata lavrada. Mais além encontra-se a cadeira de vestir forrada de damasco, de onde as criadas ainda não tiraram o vestido preto usado por Leonor nessa mesma tarde, na ida ao salão de Metastásio.

Ocupada consigo mesma, ela não repara na intensidade do olhar do marido, sentado atrás de si num tamborete de seda malva, as mãos um pouco trémulas em cima dos joelhos, a vê-la debruçada sobre a própria imagem reflectida no espelho,

a fazer lembrar Narciso inclinado, a olhar nas águas o próprio reflexo.

E só então Carlos Augusto se dá conta da metamorfose operada nela desde que a conhecera através das grades do convento de Chelas.

†

Os cabelos cor de mel

parecem ser de um ouro aceso sobre os ombros macios, descendo em lassos canudos que lhe acompanham a haste torneada do pescoço branco,

pequenos caracóis sobre a testa a emoldurarem-lhe o rosto delicado, onde os olhos índigo se iluminam, toldados apenas pela longas pestanas que lhe sombreiam a face.

– Quem é ela? – perguntam os que ainda não a conhecem e se maravilham com tanta beleza, para em seguida se deixarem fascinar pela sua inteligência, o espírito sagaz, a cultura.

Pela maneira audaz e criativa com que fala, recita os versos que faz, brilhando nos melhores salões de Viena.

À sombra da sua luz o marido apaga-se.

«É o que acontece a quem se casa com mulheres de génio», comentará Pina Manique anos mais tarde.

†

Ao Senhor Conde de Oeynhausen,
Ministro Plenipotenciário na Áustria

Venho responder às perguntas de Vossa Excelência no respeitante aos gastos necessários a fim de que tudo seja feito excelentemente de vossa parte no sentido de ser levada a bom termo a principal missão da qual Sua Alteza Real vos incumbiu, no respeitante ao enlace da Princesa D. Mariana Vitória com o herdeiro presumptivo do Império da Áustria e de uma das princesas austríacas com D. João, Príncipe da Beira.

Para tal Sua Majestade autoriza Vossa Excelência a fazer as despesas apropriadas, com vista a que tudo decorra com aquela decência e grandeza devidas ao representante da Rainha de Portugal no tratamento de tais casamentos, alianças entre a nossa Coroa e a Corte Imperial austríaca.

Não se embarace pois Vossa Excelência com os custos, ciente de que nada de mesquinho pode transparecer do nosso lado em tudo o que for benéfico no sentido de fechar tal negócio. Sejam jantares ou ceias,

carruagens ou presentes, nestas ocasiões sempre indispensáveis e muito apreciados por todos.

Sem mais assunto
Inácio de São Caetano
Arcebispo de Tessalónica

Lisboa, 25 de Setembro do ano de 1780

†

Encontrou o abade António Costa no salão da Imperatriz Maria Teresa, onde ele se destacava pelo espírito, pelo brilho, mas igualmente por estar pobremente vestido entre os elegantes, sem que isso constrangesse ninguém.

– Ah, é Vossa Excelência a Condessa de Oeynhausen…– comentou o abade, de passagem, quando se conheceram e, mostrando apenas algum minguado interesse, continuou a conversar com naturalidade.

Sendo a hipocrisia tanta que raramente se distingue da franqueza, e logo dos verdadeiros sentimentos, agradou bastante a Leonor esta sua atitude sem fingimento. Mais adiante, ao reencontrarem-se, ele acabou por acrescentar, sorrindo:

– Tenho ouvido falar bastante da inteligência e dos versos de Vossa Excelência. Como não os conheço, gostaria infinito de poder escutá-los.

Respondeu-lhe ela com um breve riso, o que pareceu diverti-lo, e jogando com o leque, Leonor ficou a ouvir, calada, a sua dissertação. Ainda estranha aos hábitos daqueles demorados saraus no Palácio de Hofburg e de outras assembleias, frequentados por pessoas bastante mais reservadas e severas do que as dos salões de Paris.

Conhecia a fama de argúcia e cultura daquele padre português que soubera conquistar Viena, e na verdade não a desiludiram as palavras que dele ouviu, sem enleios ou aparentes disfarces. Não tentando esconder o motivo da sua apressada saída de Portugal, onde sempre se desconfia das

mentes eruditas, embora raramente fale do país natal; até porque, como gosta de afirmar, *«a minha Pátria é aquela onde o debate de ideias pode ser feito em liberdade»*.

Toca muito bem violino, estuda e escreve cartas até a quem lhe está perto, e Leonor, que simpatiza com ele, quando se lhe dirige é sempre amável, nunca deixando de escutar-lhe com enorme prazer as palavras sensatas e cultas que lhe agudizam a perspicácia e põem à prova a inteligência.

Semanas mais tarde, perguntou-lhe o abade se quando estivera em Paris fora a Versailles e se conhecera a Rainha Maria Antonieta, com quem ele convivera em Viena antes da partida dela para França. Leonor retraiu-se um pouco, apressando-se ele a explicar-lhe o seu interesse de amigo afastado.

– Era uma infanta triste, e hoje é uma rainha infeliz, que não sabe esconder nem a solidão nem os temores que a atormentam.

Desde que travaram conhecimento jamais o vira tão preocupado. E arrepia-se ao ouvi-lo acrescentar, como se soubesse de alguma coisa que se quereria desconhecida:

– Começaram a levantar-se decisivos ventos de mudança, que a maioria das pessoas parece preferir ignorar. Ou eu muito me engano, senhora condessa, ou em França não ficará pedra sobre pedra.

†

Minha Leonor da minha alma
e da minha saudade

No correio chegado ontem a Lisboa queixa-se a mana da minha pouca constância no escrever-lhe, lembrando-me como fomos criadas juntas, tão unidas quanto siamesas. A mim, Leonor, não me falta a memória, mas sobejam-me os motivos da própria perda, desgostosa da vida, afastada da poesia, a iludir a ausência dos versos que há meses não faço.

Como adivinho a perplexidade da mana diante destas equívocas palavras de negrumes e lágrimas mal contidas, adianto-lhe os anseios proibidos, as dúvidas sem concerto, as proibições do conde meu marido, que diz não admitir em sua casa nenhuma sorte de devaneios ou desvarios.

Muitas mais violências feitas sobre mim lhe poderia ainda acrescentar nestas linhas, mas não desejo afligi-la e por isso calo o que só a mim cabe aguentar, já que impossível me é resolver o irremediável. Tivesse eu seguido o exemplo da mana, e arranjado maneira de fazer valer a minha razão e o meu sentir, estaria agora por certo vivendo em situação diversa.

Teve Deus por bem pôr-me à prova ao tirar-me um filho que chorarei até ao final dos meus dias, dividida entre desejar com ansiedade sentir crescer de novo outra criança no meu ventre e a repulsa por aquilo que habitualmente o conde só obtém à força: entrega do meu corpo e dádiva da minha intimidade. Não serei eu merecedora de outra vida que não esta?

Têm-se-me multiplicado ultimamente as visões e intensificado as vozes que ouço, mas não tema a minha irmã qualquer imprevisto nocivo assente nestes motivos, pois tendo sido elas enviadas pelo Senhor a fim de me apaziguar os dias atormentados, nunca podem ser produto de nenhum malefício e antes, sim, da mais pura claridade, no sentido de ser salva ao transportarem-me para além da própria dor.

E deste modo vou aguentando.

Confesso-lhe tudo isto com a finalidade de fazer com que a mais doce de todas as irmãs deixe de entender erradamente os meus silêncios, pondo-os na conta do esquecimento ou da falta dos mais ternos sentimentos.

Aproveite a mana o que pode na vida, tornando-a exultante e iluminada tal como a havíamos sonhado, já que a minha deixou de ter qualquer préstimo. Dê ao conde seu marido cumprimentos da minha parte, e a mana aceite todo o desvelo desta irmã que muito lhe quer.

Sou com muito amor
a vossa outra metade
Maria

Lisboa, 27 de Setembro de 1780

†

Aires de Sá e Melo, primeiro-ministro e secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, recebe com impaciência mais um dos constantes relatórios que o conde de Oeynhausen lhe envia da Áustria. E é em estado de azedume e bastante irritação que procura o arcebispo de Tessalónica, a fim de lhe indagar em nome de quem autorizara o embaixador português na Áustria a fazer todas as despesas enumeradas no rol acabado de chegar pelo correio da embaixada em Viena.

– Em nome da Rainha, meu caro Aires de Sá, no cumprimento das ordens dadas de viva voz por Sua Majestade D. Maria –, responde com boa disposição Frei Inácio de São Caetano, reparando no desagrado do ministro que, de cenho franzido, lhe pergunta ainda, como quem agoura o enlace da Infanta D. Mariana Vitória com o Imperador D. José II e o de D. João com uma das princesas austríacas:

– E se o negócio não se fizer e os casamentos ficarem perdidos, senhor Arcebispo, como vou eu justificar estas despesas inúteis?

O confessor da Rainha que, em nome de Sua Majestade, ainda na véspera dera a entender em carta enviada ao Conde haver um milhão destinado às despesas necessárias para aqueles casamentos, encolhendo os ombros largos sob o hábito branco de carmelita, diz-lhe já num tom seco:

– Nada há para ser justificado, senhor ministro! Sua Majestade Fidelíssima só tem de responder perante si mesma.

†

– Carlos Augusto – chama baixo, debruçada já sobre o seu ombro, o braço quase cobrindo a cara no sono pesado em que se encontra.

No escuro escuta-lhe a respiração pausada e invisível.

Afasta-se um pouco, rolando na cama larga para ir espevitar o pavio da vela na palmatória deixada na mesa-de-cabeceira; em seguida torna ao

calor do corpo dele adormecido: uma das pernas longas descida e a outra curvada, que sempre se enrosca em Leonor no torpor dos lençóis.

– Carlos Augusto! – torna, subindo a voz e a deslizar os dedos na macia pele da sua nuca até à seda do pescoço, enquanto lhe desaperta os botões da camisa, ao mesmo tempo que, com a mão livre, lhe destapa as coxas. Aí pára de novo e, com um gesto breve, solta os cabelos que lhe correm bastos e macios pelas costas nuas à medida que os ganchos vão caindo na dobra do lençol de linho com entremeio bordado.

Só então Leonor volta a inclinar-se sobre o sono brando do marido, resvalando colada ao seu corpo, a beber-lhe a mornidão do bafo, o cheiro acre, a passar a língua febril na secura dos lábios entreabertos dele, que já acordado e aturdido começa a corresponder ao seu desejo.

Mal desperto, Carlos Augusto surpreende-se com aquele inesperado fogo que lembra os primeiros meses; julga sonhar, mas ao vê-la quase despida e anelante, olhar toldado de quem se entrega, toma-a nos braços a tirar-lhe o pouco que ainda lhe sobeja de roupa, e ela embora oferecida, recua por capricho, para regressar cedendo mais impetuosa ainda, deixando-se despir e por seu lado despindo-o; a empurrá-lo nas mantas enrodilhadas, envolvendo-o com as coxas abertas e nervosas numa pressa ardente e rumorosa.

Em seguida estende-se sobre ele e começa a escorregar, a descer devagar colada às suas ancas, excitada com o odor almiscarado desprendido da moita do seu púbis claro; a ouvi-lo gritar quando a língua dela, imprevisível, lhe contorna o pénis erecto.

Depois sobe de novo, iça-se, esvoaça como um anjo abrindo as asas brancas, a sobrevoar os gemidos, as juras, as palavras lascivas e mordidas, a espicaçar o prazer à medida que para ele se vai entreabrindo. Ao entrar nela, convulso, Carlos Augusto verga-a debaixo do seu peso, sentindo a cintura estreita a quebrar-se-lhe entre as mãos, os peitos pequenos mas cheios, bicos de um rosa-escuro, rijos e largos a contrastarem com a pele de loura.

E por dentro daquele corpo esguio resvala sem custo.

Mas já Leonor se levanta novamente e baila em torno do seu ventre, soluço mal contido, voz enrouquecida pronunciando-lhe o nome. E quando Carlos Augusto espera escutar-lhe o grito, ela cala-se

e em silêncio faz tudo aquilo que deseja e a contenta, com uma sabedoria rara que seria suposto não ter.

Ou ele não esperava que tivesse.

†

Nelly

Nelly

pensa como se cantasse por dentro da alma; sempre que distanciando-se em direcção a si mesmo a reinventa, nela a perder-se, incumprida e branca como uma vela.

Nelly

Nelly

implora, exaurido pelo excesso da sua presença; ou da sua eterna ausência demorada, estilhaçando o cristal do coração delicado. Opalina e desacato.

Nelly

Nelly

sossega pássaro da tempestade, mel da minha vida. Adoça-te minha amada revolvida de langor e perdimento, açucena de Veneza, delicadeza de trato no teu olhar distraído.

Nelly

Nelly

tez de luz e alvorada, se de mim eu te falasse, talvez pudesse mostrar como o susto se desprende do interior do baraço, com o qual não te prendo, nem de corpo, nem de laço.

Nelly

Nelly

demorasses na lisura da tua lonjura alada, tu de camélia e de aço, de sobressalto e nudez, brancura da tua tez de gardénia e açucena, pitonisa e poetisa, minha amada que fugindo se enovela nos meus braços.

Nelly

Nelly

neblina e musselina bordada, renda no pulso febril, peito de abelha sagrada, na brandura onde é novelo, casulo de ponto errado, de embruxamento e encanto a tomares-me e a olhares-me como se fosse agasalho.

Nelly

Nelly

nó de orquídea, selvagem de tão rebelde e mulher de tão cismada, azul de metilene esgueirando-se de madrugada. Desejo de me envolveres sendo tu esquiva no trato e no amor sendo garça.

Nelly

Nelly

chamo baixo, encantado ao teu ouvido, meu lume e meu olvido, voluta e revolvida, me envolvas e me invadas, fera de terra silvada, cravejada de rubis, de tojo, espinhos, de água, e de rosas encarnadas.

†

«Minha Oeynhausen

Com que gosto te entendo satisfeita! Não me causa estranheza o bom acolhimento que aí te fazem na Corte, tu mereces. Mas além do teu merecimento a educação desses Príncipes é hoje tão diferente da dos nossos, que parece que o recesso da Casa de Áustria veio de conserva para as Espanhas, ficando por lá o que unicamente é são. Na verdade, enquanto este sangue não entrou na Família Real Portuguesa, ou pelas alianças de Espanha ou pelas imediatamente contraídas com ela, os nossos Príncipes viviam melhor. Contudo os presentes são honrados,

afáveis e humanos, e tu sabes até que ponto se familiarizaram as duas Princesas com aquelas pessoas com que temos a honra de falar. E como suavemente entram nos interesses de cada um.

Não obstante, ao seu lado há quem destrua os frutos desta excelente disposição, e o pior é que ainda que o nosso Duque de Lafões seja chamado, não fará mais do que proceder passivamente. A violência que se faz sentir para se sujeitar, e mil outras coisas que uma carta e a distância não permitem comunicar-te, me faz assentar que hei-de morrer tão molemente como tenho vivido.»

Quanto aos teus, podes estar descansada que todos se encontram de saúde. O teu Pai esteve nas Caldas onde a tua Mãe ainda se conserva na companhia da tua filha, assim como Maria, com esperanças de ser mãe novamente. *«Falta-me falar-te de mim e do meu Conde. Este está bom, mas eu passo sempre mal, e pior porque a melancolia não tem cura: e só a tivera se eu, senhora da minha liberdade, pudesse dar uma volta ao manivel da minha máquina caseira. Não é possível, e o sistema que o Conde se tem proposto há-de levar-me mais cedo à sepultura; porém é preciso que ele não o conheça, uma vez que o seu juízo se não convence do contrário.»*

Fica tu bem por aí minha Leonor, tomando gosto de tudo o melhor que puderes, enquanto eu vou assistindo *«às cenas agradáveis que me tem dado a nossa Capital, onde todos passamos na maior insipidez. E eu hei-de morrer aqui! Oh, dai-nos paciência!*

Manda-me novas miúdas de tudo».
Sou e serei sempre a tua fiel
Teresa

Lisboa, 5 Outubro de 1780

†

O que logo atraiu Leonor na condessa Maria Wilhelmine de Thun e lhe chamou a atenção para ela nos salões da Corte de Viena foi o brilho da sua argumentação astuciosa, a espontaneidade calorosa e imediata, a asa do tom desmaiado do seu cabelo louro-acinzentado.

Liga-as o desmedido gosto pela música e a poesia, o interesse apaixonado pela filosofia, a teologia e a ciência. A botânica atrai-as como um íman, mais e mais cada dia, mais e mais cada mês, passando a condessa de Thun grande parte das manhãs desenhando com precisão e habilidade as mais belas ou exóticas flores e plantas de todas as espécies, que ambas procuram ou vão descobrindo durante os passeios, as incursões feitas por jardins e parques, por matas e moitas e maciços que habitualmente ladeiam os palácios.

As suas mãos longas e muito brancas manejam com habilidade e destreza a pena e o pincel mais fino para conseguir o melhor efeito e tentar alcançar a perfeição. Silenciosa, Leonor não despega dela os olhos, captando-lhe os estremecimentos, os movimentos subtis, inclinada diante do pequeno cavalete a tentar fixar na maciez do papel as flores colhidas pelas duas naquela mesma manhã, tentando recuperar-lhes o rendilhado excesso:

Primeiro o caule, a copiar-lhe a inteireza quebradiça, prolongando o traço com a leveza dos dedos afuselados;

Depois o cálice, demorando-se no seu desenho com especial doçura;

Em seguida a corola, conseguida através de vagares cuidadosos e curtos em busca dos seus sucos;

Assim como os estames com ligeiros toques, levando o pulso a ser mais ligeiro;

Mas é nas pétalas

que ela sempre se demora, aprimora, como se pretendesse recopiar-lhes toda a harmonia do bordado intacto, captar-lhes os perfumes, num enredamento de aromas temperados pelo orvalho da madrugada; pétalas que se enfunam, se recolhem, recrudescem e distendem, carnudas,

petulantes como lábios, ou de transparências a encresparem-se já de sol e brisas nas pontas, nas polpas, nas finas dobras acetinadas.

Quando chega às folhas,

segue-lhes com a mesma atenção demorada as ranhuras, as fissuras, os nervos a descoberto, numa gama infinita de verdes, ora espessos ora translúcidos: verde-lírio, verde-oásis, verde-limão, verde-pimenta, verde-menta, verde-murta, verde-musgo.

Por vezes Maria Wilhelmine pousa as mãos no regaço de seda e semicerra os olhos claros, como se tentasse recordar algum pormenor que lhe tivesse falhado, para logo continuar atenta e calma. Há dias, porém, em que permanece alheada, limitando-se a pintar a um canto os óvulos pálidos como cera; ou somente um pequeno grão de pólen amarelo, como se, trazido pela aragem, viesse tombar no pequeno quadro.

Numa tarde em que chega mais cedo ao *atelier* da amiga, Leonor sobressalta-se quando descobre, destacando-se na alvura da tela de onde parece brotar naturalmente, uma deslumbrante rosa rugosa: cinco pétalas carmesim, nas suas linhas de longitude e de simetria pentagonal, que já vira assinaladas nos mapas enquanto rosa-dos-ventos. Qualquer delas conhece bem a sua simbologia e o seu significado oculto.

Cálice feminino.

Estrela alada e guia, a conduzir a que verdade secreta?

Escutando o leve roçagar de um vestido atrás de si, Leonor volta-se depressa, o arrepio do medo a apertar-lhe o coração, mas sossega ao encontrar Maria Wilhelmine de Thun a olhá-la da entrada da porta, onde se detém a descobri-la absorta,

prisioneira daquela misteriosa e estranhíssima rosa.

†

VISÃO DE MARIA

Um golpe de luz súbito desperta-a, e logo se lembra: «Sonhei com Soror Violante do Céu!»

O borralho sonolento da lareira acomoda-se no pouco calor da brasa consumida, as velas postas diante das imagens dos anjos esmorecem devagar enquanto o pavio da lamparina de oratório lentamente passeia, crepitando, o seu mínimo luzeiro no cimo do azeite, deslizando em torno da pequena taça de vidro envolta na sua rede de prata.

Assustada, Maria senta-se na cama arrefecida.

Porquê Soror Violante do Céu?

Pouco a pouco vai-se recordando dos versos que ainda há pouco vira a freira escrever sentada na sua cela, diante dos papéis espalhados em cima da modesta mesa de madeira:

Amor, se uma mudança imaginada
É com tal rigor minha homicida,
Que será, se passar de ser temida,
A ser, como temida, averiguada?

Aturdida, Maria tenta através da memória retornar ao instante antes de acordar, cena que sabe ter sido visão e não sonho, menos delírio do que elevação da alma.

Maria arrepia-se num tremor.

Num temor que a imobiliza, a aperceber-se do odor da jasmineira ao fundo do jardim, na altura em que ele se desprende por dentro da madrugada para ir misturar-se com o cheiro da noite e da espuma do mar bem longe dali.

Sussurro de sonâmbula a escapar-lhe dos lábios exangues, enquanto massaja os braços que o marido magoara na véspera ao forçá-la nos lençóis de seda da cama inóspita onde dorme sozinha, a possuí-la com a cupidez, a lascívia e a habitual brutalidade, enquanto ela se queixa o mais baixo possível.

Melopeia tão mínima que ela mesma não ouve.

E julgando-se protegida pela hora adiantada retorna à sua dúvida:

Porquê Soror Violante do Céu?

Certa de saber o resto do poema que a freira escrevera diante de si no século passado, verso após verso, letra após letra, num papel amarelecido:

Se só por ser de mim tão receada,
com dura execução me tira a vida,
Que fará, se chegar a ser sabida?
Que fará se passar de suspeitada?

Sem encontrar resposta para os enigmas e os próprios desacertos, Maria volta a deitar-se tiritando, encolhida e recolhida sobre si mesma.

Olhos secos muito abertos no escuro.

A escutar o frémito de asas invisíveis no ar estagnado do quarto.

†

Depois de ter escrito pela própria mão o texto do convite a enviar aos condes de Colloredo e de Sinzendorf, Carlos Augusto continua a sentir-se inquieto com a cerimónia que se realizará no dia seguinte na Catedral de Santo Estevão, onde Gomes Freire de Andrade será armado Cavaleiro da Ordem de Cristo.

Nada pode correr mal.

Tudo terá de parecer perfeito.

Levanta-se da secretária e de mãos atrás das costas começa a percorrer de um lado ao outro o seu gabinete na chancelaria. Sabe serem muitas as invejas na Corte portuguesa, onde há quem mantenha o olhar atento fixado em si à espera da primeira hesitação, do primeiro erro ou deslize da sua parte. E se a missão de que fora encarregado em Viena começara auspiciosamente, está em crer ter entrado num súbito e difícil impasse que em boa verdade nem está nas suas mãos resolver.

Senta-se de novo diante dos despachos chegados pelo último correio diplomático, tira mais papéis da gaveta e, debruçando-se sobre os documentos, revê todo o processo relativo aos casamentos dos Príncipes

portugueses. A certeza de lhe virem a ser imputadas as culpas caso não se concretizem os enlaces dos Infantes Reais está a envenenar-lhe os dias.

†

CONVITE

«O Conde de Oeynhausen cumprimenta a Vossa Excelência o Senhor Conde de Colloredo, Comendador de Ordem de Malta; a quem tenho a honra de pedir que esteja presente amanhã dia 31 de Outubro às dez e meia na Sacristia maior junto ao grande Altar da Catedral de Santo Estevão, para assistir à Cerimónia da recepção ao cavaleiro da Ordem de Cristo, Monsenhor Gomes Freire de Andrade e Castro. O Monsenhor e Comendador achou por bem querer encontrar-se com o manto e as máscaras da Ordem.

Conde de Oeynhausen

Viena, dia 30 de Outubro de 1780»

†

Sempre que entra na Catedral de Santo Estevão, Gomes Freire de Andrade sente-se prisioneiro da sua grandiosidade, que simultaneamente lhe eleva o espírito e lhe faz sentir com exactidão a pequenez da condição humana.

Encurta o passo largo, permitindo a Carlos Augusto que se distancie um pouco pela nave central, em direcção ao majestoso altar-mor diante do qual a condessa de Oeynhausen já se encontra ajoelhada ao lado da condessa de Thun; o ouro de tons diferentes dos cabelos de ambas, semeados de pregos de rubis e nozinhos de brilhantes, tem o efeito de um

halo luminoso na penumbra movediça da catedral, cortada apenas pela fraca iluminação das velas e das lamparinas acesas diante das imagens sacras, em luta com a maior escuridade espalhada em torno, como um lago nocturno.

A Gomes Freire de Andrade parece que, ao vê-las, o embaixador português hesita, como se cambaleasse um pouco, e ele próprio admira-se de encontrar duas fidalgas da Corte de Viena naquele espaço por regra viril, onde terá lugar um ritual estritamente masculino do qual as mulheres desde sempre são excluídas. No entanto, tranquilas na sua imprudência, elas parecem decididas a assistir à cerimónia na qual ele será armado Cavaleiro da Ordem de Cristo.

Seja o que for que o conde de Oeynhausen lhes tenha dito em surdina, Leonor não se move um milímetro, expressão neutra, indiferente às palavras do marido. Mas Maria Wilhelmine perturba-se, e sem uma palavra levanta-se, puxa a amiga pelo braço a arrastá-la consigo, relutante e obstinada, para fora da basílica.

A distanciar-se desta cena que finge não ver, Gomes Freire de Andrade segue na direcção da sacristia maior onde o aguarda o seu camareiro com o manto e a máscara para ele usar. O conde de Oeynhausen tratara de tudo, esmerando-se em cumprir até aos mais ínfimos pormenores as directivas da Corte de Lisboa. Não será portanto de admirar que toda a cerimónia decorra com a solenidade devida aos desejos e ordens de Sua Majestade a Rainha D. Maria.

Sereno e decidido a que o seu desempenho corresponda às mais firmes convicções, Freire de Andrade dedica-se com rigor a cumprir o cerimonial. Mesmo a voz, que de si já tem forte e grave, ganha ainda maior volume e intensidade mal começa o juramento:

«Eu, Frère Gomes Pereira Freire de Andrade e Castro, Cavaleiro da Ordem de Nosso Senhor Jesus Cristo, faço profissão a Deus, e a vós Senhor Conde Ernest de Herbstein, Bispo d'Eucape, Cónego capitular das Igrejas Catedrais de Passau e Freising, Provisor da Igreja, Colegiada de Santo André, Oficial e Vigário Geral da Diocese de Passau e Áustria

Baixa, em nome da Rainha Nossa Senhora, como Governadora, e perpétua Administradora da dita Ordem cuja pessoa representais…»

Miríades de velas entretanto acesas nos lustres de cristal e nos múltiplos castiçais e tocheiros de prata lavrada e de madeira entalhada fazem sobressair as flores e cintilar as pedras preciosas das coroas e das vestes longas dos santos, levando-lhe o olhar a seguir o seu oscilar tremeluzente. Acostumado no entanto à disciplina a que se obriga, o tom usado por Gomes Freire de Andrade ao pronunciar o seu juramento vai subindo de intensidade à medida que a solenidade prossegue, num encadeamento que ele sabe de cor:

«… obediência, castidade conjugal, e Pobreza conforme os Estatutos desta ordem até a minha morte, a Sua Majestade, e a todos os Mestres, e Governadores que ao diante em minha vida canonicamente à dita ordem vierem. E prometo de viver, e morrer nela guardando inteiramente seus Estatutos, e definições…»

Inesperadamente, dois vultos surgem do fundo do templo num silencioso passo alado, a dissimularem-se pelo negror das naves laterais, presos a cada uma das palavras do juramento que termina com extrema singeleza:

«… por cuja fé e testemunho fiz e assinei esta Carta de minha mão nesta Catedral de Viena d'Áustria aos 31 de Outubro de 1780.»

Apesar de ter seguido sem hesitações até ao termo da cerimónia, ele não deixara de reparar na lenta movimentação dos intrusos através dos negrumes da Catedral, adivinhando-lhes no andar e na postura rígida os corpos contraídos e tensos dissimulados sob as amplas capas de veludo negro.

E quando o vêem dirigir-se ao seu encontro, os embuçados esgueiram-se cosidos às colunas da igreja. Antes de desaparecerem, porém, detêm-se por momentos a cruzarem o seu olhar de lume com o aço do olhar de Gomes Freire de Andrade.

†

Minha Condessa

perdida

Mando pela nossa Tirce estas poucas palavras desalinhadas e devastadas pela tua ausência.

Como me fazes falta!

Desde a tua partida de Portugal tudo para mim perdeu fulgor, e nem sequer a grade voltou a fazer sentido. Envolta em neblina, a minha vida limita-se a passar, morrendo de saudade e melancolia; a regar com as minhas lágrimas as rosas vermelhas plantadas por ti em torno do claustro.

Os nós do meu coração ninguém os desata.

Minha garça.

Beijo as tuas alegrias

Sou-te fiel para sempre
Gonçala

Convento de Chelas, 1 de Novembro 1780

†

CERTIDÃO

Dois dias depois da recepção de Freire de Andrade na Ordem de Cristo, Carlos Augusto apressa-se a enviar para a Corte portuguesa, pelo correio da embaixada em Viena, uma certidão escrita pelo seu próprio punho. Cuidando em que o documento seja seco, preciso, oficioso, mas que também sublinhe, sem deixar margem para nenhuma dúvida, o cumprimento sem falha de toda a cerimónia, na impressionante Catedral de Santo Estevão:

«Pedro Maria José Carlos Augusto d'Oeynhausen Conde do Santo Império Romano, do Conselho de Sua Majestade Fidelíssima, Brigadeiro de seus exércitos, e seu Ministro Plenipotenciário à corte de Viena, Cavaleiro Professo da Ordem de Cristo, e Comendador da mesma ordem.

Certifico que segundo as ordens e poderes de Sua Majestade a Rainha Nossa Senhora, eu armei cavaleiro da Ordem de Cristo a Fr. Gomes Freire Pereira de Andrade e Castro, assistindo ao dito acto os Excelentíssimos Senhores Condes Filippe de Sinzendorf, e Joze Conde de Colloredo, Comendadores da Ordem de Malta e cavaleiros professos da mesma Ordem. O qual acto se fez na Igreja Catedral de Santo Estevão em Viena a 31 de Outubro 1780 com todas as solenidades costumadas, e conforme ao Cerimonial e Estatutos desta Ordem, que Sua Majestade para este efeito foi servida mandar remeter-me. Em fé de que eu escrevi de minha mão a presente Certidão, que selei com o selo de minhas Armas.»

Viena d'Áustria a 3 de Novembro de 1780

E antes de pegar no sinete de prata, Carlos Augusto deixa tombar no papel holandês uma grossa e lenta lágrima de lacre.

†

Meu querido Pai
e senhor do meu coração

Quantas cartas já escrevi a Vossa Excelência desde a minha partida de Portugal? Como resposta obtive apenas o vosso ressentimento embrulhado num prolongado silêncio que me quebra a alma em mil estilhaços, enchendo-me da maior tristeza.

Deverei ver nisto sinal da vossa obstinação ou da minha inépcia para vos enternecer o coração endurecido, mesmo quando apelo com sinceridade aos mais ternos sentimentos de meu Pai? Aguardo com desmedida ansiedade pelo dia em que serei de novo olhada por vós como uma filha infinitamente amada, e só essa esperança me vai emprestando algum

alento. Confio ainda em que as Luzes e o espírito de justiça acabem por vos abrandar as exigências tão rigorosas e ásperas a meu respeito. Merecerei eu da vossa parte procedimento de tamanha dureza? Mais brando é felizmente o coração da senhora minha Mãe, que me vai escrevendo a dar notícias de Vossas Excelências e da minha filha.

Enviou-me o mano Pedro, de quem me chegam as melhores palavras e a maior ternura, uma cópia do documento oficial no qual a Rainha D. Maria declara aceitar o pedido de Vossa Excelência no sentido de ser reaberto o processo da nossa família Távora, a fim de ser provada a sua inocência no que diz respeito à tentativa de crime odioso contra El-Rei D. José pela qual foram injustamente executados.

Saber da magnânima decisão de Sua Majestade no sentido de finalmente se fazer justiça, produziu em mim o melhor efeito, emprestando-me algum alento e gosto. Só me falta pois o vosso perdão e as vossas almejadas cartas. É uso dizer-se que só se perdoa por inteiro a quem muito se ama. Será então o amor de meu Pai a meu respeito assim tão fraco e pouco?

De Vossa Excelência
a filha muito obediente
L.

Viena, 5 de Novembro de 1780

†

MONÓLOGO DE LEONOR DE LORENA

Pudesse eu vencer os meus temores, depor a languidez e o desfalecimento, o desgosto profundo embora sem causa; ordenar às

minhas pernas que me levassem, me conduzissem a todo o lado em vez de vacilarem como fazem, aprisionando-me na cadeira de descanso.

Pudesse eu sobrepor a minha vontade à do Marquês meu marido, tão diverso de quando o conheci e com ele vivi pai dos meus filhos, que me parece trocado; olhar com aspereza de sal e lábios sem carinho, impondo a sua vontade com a fria intenção de amedrontar, ele que continua a amar as estrelas.

Pudesse eu mudá-lo e à minha fraqueza, deixar falar mais alto o coração do que o hábito de obedecer, defendendo e ficando do lado das nossas filhas contra a sua vontade de as vergar, em vez de me manter neste deplorável estado de apagamento, sentindo em mim o peso e o sopro impiedoso do destino dos Távora.

Pudesse eu impedir-me de ter consciência da infelicidade de Maria, minha filha sofrida, esquecer-lhe as nódoas negras e as lacerações a aparecerem por entre os folhos das mangas dos vestidos, a despontarem nos decotes subidos, a resguardar da indiscrição alheia.

Pudesse eu não reparar no bistre das suas olheiras entornadas na exaurida palidez da face, no desespero febril agasalhado no olhar esquivo, na doce delgadeza da silhueta, nas marcas e vergões no alvo colo de garça aprisionada; a tomar eu para o meu lado o ajuste das tempestades e das marés altas.

Pudesse eu, Maria, comungar das tuas assustadoras visões, das tuas elevações, levitações em segredo; comungar dos teus enredos de dor, partilhar teus sigilos, amargos credos, pois aos versos já renunciaste vencida por teu marido, que te quer estilhaçar, quebrar como um caule, sujeita à sua ferocidade.

Pudesse eu arranjar coragem e tomar o partido de Leonor em tudo, começando por aceitá-la tal como é, na maior diversidade e preceito de todas nós; saber perdoar-lhe a desobediência, sofrer-lhe a rebeldia que tanto nesta casa pesa e apoquenta, desencadeando mágoas, manchas e penas.

Pudesse eu, Leonor, acolher-te a diferença, acatar o saber-te menos interessada na maternidade do que nos poemas, nos livros, nos cadernos e nos estudos, ansiando tu, aventurosa, partires pelo Mundo levada por ventos, oceanos e viagens na travessia dos fulgurantes contentamentos das Luzes.

Pudesse eu perguntar-te de mãe para filha: que sabes tu da minha infelicidade, da minha lenta agonia, da morte dos meus sonhos depostos, moldada a todas as regras e preceitos fidalgos? Conseguisse eu, filha, e mudava a minha sorte, esgueirando-me como o sol por entre as acácias e as nuvens.

Pudesse eu e faria melhor do que tu consegues fazer por ti própria pelo meio dos percalços, cansada que me sinto das mágoas, das cedências, da acidez das lágrimas retidas, do hálito e da saliva envenenada a assombrarem-me os lábios com o seu minado e imperceptível torpor do láudano.

Pudesse eu ter entendido melhor para ir mais longe, evitar lembrar-me do passado, do cheiro a salitre do medo a cobrir de névoa o azul-turquesa do céu dos meus olhos; pudesse eu recuperar os antigos sonhos de infância, urdidos pela calada da noite para serem esquecidos de madrugada.

Pudesse eu criar-te minha neta, sem estiolar-te o viço, evitando os labirintos da alma a ressumbrarem já os indícios, os malefícios que irão toldar-te a felicidade, precipitar o sofrimento que o mal porá na tua vida; conseguisse eu atapetar-te os meses com as rosas matizadas do canteiro junto ao muro que dá para a estrada.

Pudesse eu olvidar e tornar atrás, até à fundura da cisterna da sorte, a desatar os nós dos pensamentos ruins, do bordado a ponto cheio dos sangues do corpo feminino, do descaminho da respiração a passajar os dias, a desfiar o rosário entre os dedos, cumprindo a rosa divina.

Pudesse eu ser absolvida por mim mesma, e nesse perdão recolher-me na sua cor de anil ou de narceja, a escutar com gosto o rumorejar da chuva nas magnólias do parque, demorando-me a recordar as parreiras tingidas

pelo outono, as estrelas constelando a toalha de mesa à nossa frente, inventando o impossível.

Pudesse eu calar o coração despedaçado onde as esperanças se amedronham e os espinhos picam onde podem, a disfarçar o desacerto em que me encontro, vestindo sedas e musselinas, evitando os confrontos, cerzindo as fissuras, unindo os espaços, dando laços prontos a voar como borboletas de cintura.

Pudesse eu defender-me das próprias reservas, das minhas maneiras, desfalecimentos e manhas e ranhuras da mente, tal como me defendem dos crepúsculos as cortinas de cassa; quisera eu ajustar as alças da claridade, as velas das palavras, os sinos dos sentimentos, as mágoas que transfiguram.

Pudesse eu calar este remorso pelo desapego em relação a todos os que me rodeiam e afastar-me sem pena nenhuma, devido à minha incapacidade de amar muito seja quem for, em qualquer altura e motivo, a não seres tu menina minha neta, cosida à bainha de minha saia ou beira de minha cama.

†

Observa-o a pintar-lhe o retrato todos os começos de tarde, tentando captar as transparências da luz indizível. Sentada, Leonor esquece as mãos entreabertas apoiadas no colo ou nos braços da cadeira, a sentir o corpo magoado pelo espartilho. Com o olhar índigo desafia Franz Joseph Pitschmann a tentar captá-lo, com os seus inúmeros matizes, toques do pincel a aflorar as cores atonais e comedidas.

Adormentadas?

Carlos Augusto tentara que ela vestisse de gala nas sessões de pintura, escolhera-lhe o vestido de seda do tom sanguíneo das amoras silvestres que ele prefere a todos os outros. Mas, como se quisesse testar a própria medida de resistência e lume,

Leonor, contrariando-o,

optara por um fato mais simples, saia de cetim verde encorpado, corpete branco-chumbo e casaquinho toldado de cinzento-escuro a ajustar-lhe o busto. Agradam-lhe as suas mangas tufadas com gomos de duas tonalidades, renda aberta e clara a debruar o decote quadrado, contornando-o de ambos os lados numa amodorrada subida até aos ombros.

Fita de levíssima gaze entre os cabelos que descem em largas ondas num penteado artificioso, no qual se entrança uma longa fieira de pérolas; dois canudos frouxos acompanham-lhe a delicada linha do pescoço.

Franz Joseph distrai-se a misturar no godé os pós de cor e o óleo de linhaça, tentando encontrar os tons exactos para pintar os seus olhos franjados de longas pestanas.

A reinventá-la,

hesitando em usar terra-de-siena queimada com uma gota de azul-de-metileno e uma pitada de amarelo ocre e malva; enquanto ela se diverte, sabendo ser essa uma tarefa impossível.

Fingindo ignorar o júbilo sufocado de Leonor ou a ansiedade do belo rosto inquieto, ele não se apressa, trabalha os tons com o pincel na paleta antes de recomeçar a pintá-la.

Consciente de haver nela algo que lhe escapa:

o olhar dobado, o silêncio ambíguo, uma naturalidade ardente de vulcão contido, que na tela insiste em transfigurar-se numa altiva teatralidade.

Em sobressalto o pintor vai-a recriando com vagares de feltro, como se lhe tocasse: a sedosa pele do seu colo, a dobada luminosidade da tez, a tépida vertigem do precipício dos seios que imagina altos e firmes e doces ao tacto quando à noite desaperta o espartilho usado por baixo daquele vestido que tanto a afasta dele. Condessa portuguesa casada com o embaixador português em Viena ela demarca-se com alarde, acentuando as diferenças que os separam.

Os versos e a pintura, pelo contrário, conduzem-na até si.

Ambos igualados pela arte.

Ao vê-lo tão perdido à sua frente, Leonor domina a custo o sorriso, a esconder os sentimentos sob a aplicação com que lhe copia a face enquanto tenta adivinhar-lhe o corpo.

De súbito atraída, fita-o impaciente.

Ela é de aço e mel, mesmo quando se encontra diante dos desvarios com os quais se desentende, contendo-se e entregando-se, negando-se e dando-se, num desperdício de vida.

Tão depressa ardente como melancólica.

Agreste e fugidia.

Não tolerando mais os sentimentos amotinados, levanta-se de rompante e atravessa a sala, a levar de rojo a saia que lhe embaraça as pernas, e só pára ao lado dele diante do cavalete, ansiosa por ver o retrato apesar de inacabado,

a olhar-se nos seus olhos que da tela a fitam, ignorando já qual das duas será mais verdadeira.

Ao sentir-lhe tão perto o hálito de fogo e o perfume ardente da sua pele, no qual detecta a gardénia, a água de rosas e o suor a nardo do seu corpo, Franz Joseph estremece, tolhendo a custo a vontade acicatada de a apertar nos braços, atraí-la ao seu corpo a cheirar a zimbro, a óleos, a tintas, a pigmento vermelho.

A tomá-la para si num eterno e ardente enleio.

Esquecida da perturbação do pintor há muito emudecido, Leonor perde-se na contemplação do turvo desafio do próprio olhar escurecido de ansiedade, tão habilmente captado, assim como no sorriso de sensualidade mordida a percorrer-lhe a boca dominada, lábios tomados por um mal dissimulado desejo contido.

Há ainda a elaborada perplexidade da expressão do rosto, mas ela de imediato recua, corando daquilo que no seu retrato julga estar a descoberto sob a fulgente máscara do disfarce.

Ei-la na tela,

mostrando a sua verdadeira face, sob o artifício da pintura.

A parte mais secreta e escondida de si mesma?

†

ANGELUS

Fascina-me o langor da inquietude que em torno de ti mesma vais traçando num movimento alado, e só quando me resguardo nos escombros do éden me apercebo da inútil necessidade de esconder-te as asas, desdobradas no cimo dos meus ombros.

Nada de mim permanece encoberto, sendo de ti tudo já assombro.

Uma águia crescida no deserto,

com um poema, tu, em cada mão, na invocação das Luzes – teu sustento –, a enfrentares relutante o proibido, hábil no esquivar dos sentimentos, não fazendo o exposto de ti nenhum sentido.

E aquilo que escondes de sofrido?

Isolda no ardil e na paixão, em doce privação ao meu ouvido; se por amar-te entendo me perder, afastar-me de ti eu não consigo, e por isso vou e fico, voo e sei e corro na rajada do vento desabrido.

Defendo-te, minha amada, e em vão persigo-te, ora fingindo não conhecer o filtro da paixão, ora aceitando aquilo que tu és, e aí sempre ocultando e só depois mentindo com a brandura dos dizeres despidos.

Tomaste para ti as tarefas do gosto e depuseste as outras, ambígua no entretecer e desfazer dos sonhos, das horas maiores.

E a nudez

é sempre o menor gomo do prazer, do que resta entre nós subentendido.

O que perco de mim em cada hora? Se de ti nada possuo com nada fico, quando o excesso que tens já me devora, minha doce-amarga, noite, aurora,

continuo junto de ti e vou embora.

†

DIÁRIO

Ao arredar as cortinas translúcidas que cobrem os vidros das janelas, julgo entrever alguém a espiar-me, abrigado pela folhagem das árvores do outro lado da rua, à frente de minha casa; ou a observar-me da penumbra de uma carruagem negra que durante longas tardes se demora junto do passeio.

Em vez de me recolher como deveria, abro para trás as vidraças e debruço-me movida pela curiosidade. Mas também, confesso-o, por um estranho anseio que me leva a querer infringir o interdito, alguma coisa que quebre a monotonia da rotina, de um quotidiano pesado, no qual o meu anseio de brilho e a ambição se perdem.

Viena, 15 de Novembro de 1780

†

A carta chega de manhã cedo.

Ainda não a abriu.

Olha-a, desconfiando, pousada no canapé.

Intocada.

Observa-a perto da sua saia armada, enfunada, a aflorar-lhe muito ao de leve as coxas num brevíssimo arrepio reprimido. Tacteia o lacre intacto de um tom sanguíneo, a língua a tomar do céu-da-boca o seu sabor almiscarado a ambrósia. Afaga ao de leve com a ponta dos dedos tépidos a rugosidade do lacre entretanto quebrado, da carta ainda por abrir posta agora em cima dos joelhos.

Prefere adivinhá-la?

Trocá-la pelo vazio, pela palavra ausente, permanecendo intacto o selo do silêncio?

Versos?

Um suposto segredo revelado no começo da página?

Fugir na memória? Mas ao voltar atrás no tempo revê o claustro do convento de Chelas – turvidade fechada em torno de si mesma – hirto e austero ao sol do meio-dia, ou nas horas dos muitos invernos alagado pela chuva cheirando a rio que lhe corroía as lajes. Depressa deixa para trás as recordações e regressa ao presente em Viena, onde a carta permanece fechada no seu regaço de seda azul-cobalto.

Debruça-se sobre ela, parecendo-lhe primeiro reconhecer a letra de quem redigira o seu nome, letra firme de traço masculino, para de imediato lhe parecer o contrário, adivinhando uma caligrafia de mulher na curvatura amável das letras desenhadas, com a segurança de quem escreve muito.

Assustada com a própria ansiedade, decide rasgar a carta.

Pôr termo à sua presença nociva.

Afasta o olhar das hastes longas das letras e, para se tranquilizar, tenta convencer-se de que pode ser um recado, um convite, um bilhete sem importância.

Uma ameaça ao recato? Possibilidade inquietante a desarrumar-lhe o resguardo onde se abriga, querendo afastar o coração do perigo das suas razões sem razão alguma, empurrando-a para o anseio, para o risco, para a vertigem que a precipita, a mergulha abaixo do nível do mar onde já não se respira.

De natureza inquieta, nada a acalma, nada a apazigua, apesar da determinação em aceitar os limites. Mas em vez disso, sobe por eles até ao centro dos sentimentos imprudentes e despertos. O incêndio consome-lhe a alma, ameaçando vencê-la, perdê-la, apesar de não se poupar a nenhuma privação dos sentidos. A si mesma exige mais do que aos outros, a quem já exige demasiado.

E de novo agarra a carta com a respiração suspensa, percebendo ter medo do que nela possa estar escrito.

Será então melhor rasgá-la?

Pensa ainda tentar desvendá-la à transparência do sol que entra pela janela a deslizar dentro do quarto, nos tapetes, acabando por ir aninhar-se junto aos seus pés descalços. Com o olhar toldado por uma ligeira neblina, enrolada no xaile de caxemira cor de sangue, volta a pegar na carta que lhe pesa na mão, ajoelha-se no mármore da lareira e pela última vez pensa em abri-la.

– Não consigo – conclui, na recusa de saber o que nela está escrito. Mas torna a repassar os olhos pelo endereço detendo-se no seu título, Condessa de Oeynhausen, ao qual continua a não se habituar, como se fosse um corpo estranho que dissesse respeito a outra mulher. E isso faz com que a carta não pareça ser-lhe dirigida, mas antes àquela outra que em si ainda não encontrara morada. Desdobra-a de novo e atira-a para cima da lenha que o lume poupara, onde fica oscilando, quase voando na sua delicadeza como uma borboleta púrpura de asas raiadas. Por uns brevíssimos segundos só se ouve o silêncio profundo da casa.

Afasta os olhos sem querer vê-la arder, transformada em chama. Quem sabe se não terá ainda tempo de estender a mão e colhê-la do fogo, antes que as labaredas a consumam vorazmente com o seu hálito.

Desanimada, inclina a cabeça:

O clima gelado de Viena e tudo à sua volta parece empenhado em derrotá-la.

†

Naquele dia o abade de Vermond está inquieto e desatento, enquanto, como habitualmente, distribui o pão aos pobres nos portões do Palácio de Versailles. Na véspera, já tarde, o embaixador austríaco, conde de Mercy d’Argenteau, confirmara-lhe os boatos de que a Imperatriz Maria Teresa piorara no seu estado de saúde e, muito fraca, se apaga como uma vela no palácio de Hofburg em Viena. Inquieto com a fragilidade da Rainha de França, de quem o abade é instrutor e conselheiro, recomendara-lhe um especial cuidado no apoio a dar-lhe.

Maria Antonieta recebe-o no Petit Trianon, vestida de luto carregado como se a Mãe já tivesse morrido: fato de seda negra com mangas rendilhadas que, ao extenuar-lhe o esplendor da pele de pêssego, a emagrece, a favorece acentuando-lhe a palidez, fá-la parecer mais branca e delicada com o seu forte odor a flor-de-jasmim.

Tenta ainda o abade de Vermond consolá-la, transmitir-lhe uma derradeira esperança que ela repele, impaciente, distanciando-o com um aceno leve da sua mão fina de boneca de Saxe. A fazer-lhe lembrar, por momentos, a gentil arquiduquesa de quinze anos que ele acompanhara durante a viagem de Viena de Áustria para vir casar na Corte de França.

Mas logo repara nas suas faces macilentas e no lago parado do olhar turvo, e pela primeira vez apercebe-se da solidão sem remédio,

onde a vivacidade da Monarca se deixa estiolar.

†

O conde de Mercy d'Argenteau senta-se à secretária de mogno polido e começa a escrever aquela que será a última carta à Imperatriz Maria Teresa, de quem durante os últimos dez anos fora o olhar perspicaz e o ouvido atento na Corte francesa, junto da sua filha mais nova, a Rainha Maria Antonieta.

Está consciente da impossibilidade, mesmo se através do correio diplomático, de fazer chegar a Hofburg, antes de a Imperatriz morrer, as suas derradeiras palavras de lealdade e dedicação. As únicas que lhe é permitido usar em relação à Soberana, cuidando de manter silenciosos os ardentes sentimentos sublimados em rigoroso segredo no seu coração atormentado. E o embaixador estremece com o frio do pressentimento ruim.

O imenso peso do desgosto a golpear-lhe o peito.

Inconformado, porém, destapa o tinteiro de prata, sentindo escapar dele o cheiro da tinta lilás com o seu travo adstringente e arruivado, onde mergulha a pena segura entre os dedos gelados.

E em seguida começa por escrever no alto da página:

Sagrada Majestade

†

Há dias que ali está de mãos subidas ao peito, olhos fechados, recostada às altas almofadas de linho branco e rendas largas que lhe marcam a face muito pálida, como se todo o sangue houvesse fugido do seu corpo, no qual apenas resta a transparência do espírito.

O médico debruça-se sobre o leito imperial do Palácio de Hofburg, a verificar se a Imperatriz respira. Há quem a julgue morta e se afaste benzendo-se e rezando baixo, a encomendar-lhe a alma. Mas logo ela entreabre os olhos a procurar entender o que lhe está sucedendo, e quando encontra o filho à sua beira agarra-lhe os dedos, sem força já para os apertar nos seus. É a ele que transmitirá tudo, pois mesmo o que não era seu ela reconstruíra com empenhamento e gosto: a começar pelo Império, de que cuidou melhor do que das próprias filhas, com quem foi sobretudo severa e dura, a empurrá-las demasiado cedo do seu regaço – desde sempre mais Imperatriz do que Mãe. Mulher de «*carácter resoluto e varonil*», como a descrevem.

À medida que as horas passam vai deixando de perceber o que à sua roda acontece: a azáfama silenciosa, os panos húmidos e torcidos que lhe põem na testa, as sangrias, os líquidos entornados a custo nos lábios gretados e secos. Não sentindo já os braços lancetados na busca de melhores veias, o amargor dos remédios, o odor macerado dos unguentos à base de mandrágora ou de raízes de árvores.

Apercebe-se no entanto da chuva, antes de perder o ouvido. Admirada, busca com os olhos a luz das velas que, ao pé da cama, estão a ser apagadas a mando dos físicos, a respeitarem-lhe a lentidão com que se desprende de si própria.

Desse modo encontra-se Maria Teresa mergulhada na sombra, de onde mal distingue a cada vez mais longínqua face do filho que julga acenar-lhe, enquanto uma levíssima mão se acerca dela, pousando no seu ombro, a empurrá-la ao de leve.

Resiste ainda apegada às coisas e às pessoas que ficam para trás, enquanto vinda de longe surge uma voz que a chama, encantando-a, melodiosa e irresistível; tornando-se esse canto de sereia insistente e intenso,

numa envolvente harmonia.

Então, mais do que correr ela já voa, vencendo-se a si própria, ultrapassando-se. Rendendo-se à própria morte.

«Eu vou, eu vou…»

Foram as suas últimas palavras.

Dia 29 de Novembro de 1780, ao despontar da alva em Viena, por entre nuvens escuras e cerradas.

†

No dia 2 de Dezembro o Rei de França manda chamar aos seus aposentos o abade de Vermond e pela primeira vez em dez anos dirige-lhe a palavra, ao encarregá-lo de informar oficialmente a Rainha Maria Antonieta da morte de sua Mãe, a Imperatriz da Áustria.

Embora genuinamente se sobressalte e entristeça com a notícia, o abade não pode deixar de dar conta do incontrolável tremor das pequenas mãos cheias de anéis de Luís XVI, assim como do seu olhar assustado de quem tenta descortinar vultos traiçoeiros, que julga adivinhar escondidos nos recantos de muitas sombras do Palácio de Versailles.

†

CADERNO

Durante mais uma insónia, contra a qual nada pôde o láudano e a beladona, copio para este caderno o início da última carta de Teresa, datada de 1 de Dezembro de 1780:

«Passo a minha vida entre a tristeza, que nasce da condição de dependente, e o gosto de ter uma alma livre habituada a meditar. Se a saúde me dá forças, o meu lápis e os meus livros me servem de companhia; se não posso valer-me deste socorro, então o meu discurso faz-se meu algoz.»

Partilho destes pensamentos e insatisfações; vejo a minha própria melancolia representada nestas palavras, lucidamente desiludidas. Por vezes a vida parece gostar de se divertir com os nossos sentimentos.

Viena, 20 de Dezembro de 1780

†

Ao perceber estar de novo grávida
rebela-se,
sem entender como pode fugir-lhe tanto o controlo do corpo que sempre a trai, pois o que ela quer é sentir-se livre, dona da própria vida que a espera na construção da posteridade com a qual sonha. Longe dos mucos, dos sangues, dos cheiros nauseabundos das águas escusas, paradas e pardacentas dos partos que a assustam.

Ainda se lembra dos infindáveis meses de náuseas e vertigens a definharem-na e a enfraquecerem-na, do sono incontrolável enquanto a barriga ia crescendo e a afastava do Mundo.

Agora que a Áustria lhe abre de par em par as portas da sua Corte faustosa, ofertando-lhe uma dimensão da cultura que ela idealizara, passa tardes inteiras vomitando para requintadas bacias de porcelana pintadas à mão, oferecidas por Madame de Metternich a quem, depois de Maria Wilhelmine, ela prefere a todas as outras, assim como ao seu salão literário onde entretanto ganhara um lugar especial.

Em estado de grande ansiedade deixa-se consumir fechada na penumbra dos quartos, revolvida nos seus males, envolta em odores de alfazema e rosmaninho que manda queimar para iludir o cheiro acre dos vómitos, dos suores, do próprio desespero.

Quando à noite vê partir Carlos Augusto para as recepções, as assembleias, os bailes e concertos, tenta não sucumbir diante das armadilhas montadas na vida das mulheres. Inconformada, de bom grado trocaria pela liberdade e pelo desassossego

os seus tristes e miseráveis desejos de grávida.

OceanofPDF.com

†

X

OceanofPDF.com

†

Pára, funesto Destino

Pára, funesto Destino,
Respeita a minha constância,
Pouco vences se não vences
De minha alma a tolerância.

Se eu sobrevivo aos estragos
Dos males que me fizeste,
Inútil é combater-me,
Nem me vences, nem venceste.

Com secos olhos diviso
Esse horror que se apresenta:
Os meus existem de glória;
Morrendo, a glória os alenta.

OceanofPDF.com

†

RAÍZES

As mãos esvoaçam-lhe perto do rosto, enquanto se olha ao espelho que recolhe a luz trémula e mortiça das velas do castiçal de prata colocado na mesa de *toilette* à frente da qual se senta, a pôr água de malva nos pulsos.

Tentando acalmar-se.

Solta os cabelos que vão ondeando, a cobri-la até à cintura num oceano de mansa seda. Fita-se nos olhos azul-cobalto e estremece perante o ódio recolhido de que neles se dá conta: febris e argutos, de chama curta mas intensa, com um implacável cintilar cruel que a si mesma dá medo.

Mas Leonor de Távora não é mulher para temer os próprios sentimentos. Levanta-se sem ruído e vai até à cama para beijar os lábios entreabertos de Francisco de Assis, a recolher-lhe o odor do hálito; passa os dedos pelo desalinho dos seus caracóis humedecidos. Alguém dirá mais tarde ter sido a noite de 3 de Setembro de 1758 invulgarmente quente.

Descalça, abeira-se da janela entreaberta que dá para o jardim, entre o muro e a parede alta caiada de branco do lado oposto; ao fundo da alameda de álamos, no alto portal da entrada estão as armas dos Távora. Respira fundo o ar da madrugada, que no Campo Pequeno é liso e lavado. Àquela hora as nogueiras desprendem com intensidade o seu cheiro adocicado.

Sente-se cansada. Ela e o marido tinham chegado na véspera de Lisboa, onde se demoraram o tempo de se deslocarem ao Palácio de Madeira, convocados por El-Rei para uma audiência privada durante a qual Sua Majestade os quisera obrigar a não enviarem a marquesa nova para o Convento da Madre de Deus, criticando-os com rancor por a terem levado

e trancado na sua casa onde a mantêm sob vigilância, e pela crueldade e aspereza com que ambos a tratam.

– Está em causa a honra da nossa família, Vossa Alteza! – respondera ela indignada, avançando, audaz. Mas o olhar gelado e ameaçador do Rei D. José detivera-lhe o passo.

– Pressinto haver um grande perigo por trás desta audiência, e uma ameaça velada nas palavras do Rei –, inquietara-se Francisco de Assis à saída do Paço.

Debruçada na janela de sacada, Leonor de Távora assiste ao raiar da manhã, atenta aos indícios e aos sinais que lhe manda a natureza. A escutar o silêncio que à sua roda começa a ser quebrado pelo cantar ainda hesitante dos pássaros; pelo rumorejar dos bichos pequenos a vaguearem por entre a erva molhada do orvalho, ladeando os gravetos e as folhas caídas das árvores; pelo zunir dos insectos pousando e teimando na rama e nas ervas daninhas, nos cardos que apodrecem no chão; pelo crepitar imperceptível das rosas de pétalas recolhidas, a tentarem defender das brumas da madrugada a delicadeza do pólen. Atrás dela começam igualmente a surgir os ruídos da casa.

Sobrepondo-se a estes barulhos mínimos e contidos, parece-lhe ouvir o rodar abafado de uma carruagem que, por entre o negrume raiado pela alvorada, se aproxima e finalmente pára ao abrigo da folhagem das árvores. Leonor de Távora recua depressa, encostando a janela, e fica a espreitar através das cortinas de renda ligeiramente afastadas, o que lhe permite ver Teresa embuçada, cabeça e rosto a coberto do capuz e da capa negra traçada à frente com as mãos enluvadas. Adivinha-lhe o susto no modo como se esquiva por entre os restos da noite.

Nervos à flor da pele, hesita entre ignorar o que viu e ir ao encontro da nora, que já deve ter entrado nos seus aposentos na outra ala da casa. O descaramento e a desonestidade de Teresa chocam-na tanto quanto a indigna e escandaliza a sua infidelidade. No entanto, é sobretudo a desonra que transtorna Leonor de Távora, desonra tanto maior quanto o amante da mulher de seu filho é o Rei de Portugal.

Põe o xaile pelas costas, pega na palmatória e, não querendo despertar o marido, entreabre a porta rodando com cautela a maçaneta de porcelana e avança pelo corredor sombrio, desce a larga escadaria deixando a palma da mão direita correr pelo corrimão de mármore lustroso do muito uso, a assinalar os anos. E no último degrau descobre uma luva de camurça preta que, na pressa de subir, Teresa perdera; a seu lado encontra-se um lenço de seda com a coroa bordada a ouro, pertença de El-Rei.

Leonor de Távora, tentando acalmar o coração que lhe falha, senta-se no degrau onde pousa a vela. Ela sabe que na Corte cada vez se comenta mais alto a aventura galante do Soberano com sua nora-cunhada, e julga morrer de vergonha. À sua volta sente adensar-se uma névoa maligna que já a envenena, e na boca tem o gosto acre e acidulado

do sangue da vingança.

OceanofPDF.com

†

MEMÓRIA

Por vezes sinto ter sido em vão tudo o que fiz, esforçando-me por conhecer a felicidade, pois fosse o que fosse por mim determinado logo o destino se encarregava de me gorar os sonhos, armadilhando-me os caminhos, a embaraçar-me os passos.

Com uma ironia cruel prendia-me o andar caso pretendesse afastar-me, atava-me as asas se desejava voar, amordaçando-me para inutilizar-me o grito, algemando-me os pulsos sempre que empreendia a fuga da minha prisão; e ainda hoje tento galgar os desenganos, fingindo não reparar no facto de a vida me haver traído,

frustrando-me as ambições.

Um raio de sol ganha a bainha da minha saia e começa a subir devagar, reluzindo em direcção aos meus joelhos, enquanto vou permitindo que as recordações me tragam de volta o passado, consciente do meu miserável presente, abafando sob o calor da tarde, enquanto tomo o gosto do perfume da buganvília que cresce debaixo da janela da sala de estudo onde escrevo e leio, a repetir-me sem sobressalto nos próprios hábitos.

Eu, desde sempre uma mulher tumultuada,

hoje a teimar apenas na vigilância que me impus: atenta a tudo e desconfiando de todos. A perder-me no tempo irremediável da velhice, alimentando-me da memória que me assiste. Mesmo os desencantados anos vividos na Áustria, prisioneira da gravidez e de três partos.

A sentir-me uma mulher traída pelo próprio corpo, por entre os vómitos, as náuseas e as tonturas. Querendo enganar os meses intermináveis, ia

pintando e escrevendo; durante os intervalos das vertigens e das agonias tocava Bach, Purcell e Vivaldi.

Fazia poesia

tentando entreter as horas arrastadas; e mal me sentia menos incomodada frequentava os concertos e a ópera, a querer guardar em mim Haendel, Gluck, Haydn e finalmente Mozart. Com eles renascia e renovava-me.

Onde estava, porém, a glória prometida a mim própria?

A urgente liberdade e a grandeza das Luzes antevistas em Chelas?

Ao fitar-me no espelho não me reconhecia, perguntando-me desencantada: «Quem será esta que, em vez de mim, vejo a reflectir-se onde deveria estar a minha imagem?»

– Amo-te! – tinha vontade de gritar, sem sequer saber a quem me dirigia, os nervos a irritarem-me o corpo deformado e a alma volátil, tal como neste momento me queixo do nada onde me apercebo mergulhada, num tempo cada vez mais impreciso e dormente,

embora doendo.

Revoltada com tudo o que a velhice me obriga a perder, muito embora continue a reconhecer em mim o arrebatamento intacto de quando era rapariga,

nesta pressa assanhada, neste excesso, nesta atitude dissimulada e manhosa de me fingir desinteressada do futuro, para melhor trabalhar tendo em vista a posteridade. Ambição de querer chegar mais longe, neste bravio gosto pela vida onde pretendo permanecer através da minha poesia e das minhas palavras escritas.

Da minha obra.

Desejo demasiado exaltado – dizem – para uma mulher.

Sobretudo se para uma mulher da minha idade.

OceanofPDF.com

†

1781

A Rainha estranha o silêncio da sua valida.

Afinal fora para favorecer Leonor que entregara ao conde seu marido o cargo de ministro plenipotenciário em Viena, lamentando intimamente que, por ser mulher, não tenha podido designá-la em vez dele.

Motivo que a enerva e irrita, acirrando-lhe o ressentimento que permanece no seu coração timorato: a lembrança de como Pombal manobrara, junto do Rei D. José seu Pai, na tentativa de o levar a instituir a Lei Sálica que a afastaria da sucessão no trono de Portugal.

Tomada por uma cada vez maior inquietação, ora presa de insónias, de terrores nocturnos e pesadelos invasores da tranquilidade, ora tomada por pressentimentos que lhe gelam a alma, D. Maria é invadida por dúvidas que a deixam vulnerável a quem rumina intrigas contra ela.

No meio da sua solidão desamparada, a Soberana sente falta da condessa sua protegida, de quem conhece o carácter frontal e ardente, a inteligência, o talento e as Luzes. Como já esperava, começam a correr no Paço notícias das rutilações e maravilhamentos levantados em torno da sua presença na Corte austríaca.

Ao mesmo tempo, principiam a desabrochar as invejas até então recolhidas, recalcadas, os rancores antigos, as perfídias mesquinhas que a Rainha finge ignorar. Mas como escusar-se a dar alguma razão às preocupações de Aires de Sá e Melo, não vendo chegar da Áustria qualquer sinal satisfatório no respeitante às negociações dos casamentos da Infanta Mariana Vitória e do Príncipe D. João? Até porque o ministro, tomado de má vontade, impacientando-se com a ineficácia do embaixador

português em Viena, entrara já em despique com o arcebispo de Tessalónica, que a todo o custo tenta encontrar desculpas quer para a aparente inoperância do conde, quer para os inesperados calamentos de D Leonor,

flor de sua especial eleição.

Embora dividida, D. Maria cuida de ir harmonizando no peito as suas duas partes: o coração feminino a recomendar-lhe tolerância e brandura, e o austero lado político,

que a leva a escolher o bem da Pátria.

†

Desliza pelos corredores do Palácio de Queluz, pés quase voando no passo alado silenciado pelos delicados sapatos de cetim bordados a prata; a pretender adivinhar nas entrelinhas das muitas conversas e inconfidências trocadas entre as fidalgas aquilo que poderá dizer-lhe respeito e a Rainha sua Mãe lhe esconde, enquanto vão determinando o seu futuro.

Ansiosa por saber em que ponto se encontram as negociações conduzidas pelo conde de Oeynhausen em relação ao possível enlace com o Imperador José II, a Infanta Mariana Vitória não desiste, embora tremendo e temendo o que poderá descobrir por entre futilidades, segredos traídos e contados a esmo, sem nenhum recato, pelas aias e damas de companhia do Paço, ociosas a maior parte do dia.

Assim, sonsa, rasteira e muda a fim de passar despercebida, não desiste, continuando na busca obstinada do que mais tarde ou mais cedo passará a ser público e que ela, se pudesse, recusaria: a notícia do seu casamento combinado, que a fará deixar Portugal para ser recebida por um marido tão desconhecido quanto indesejado.

Delgada no vestido em fio de linho de seda malva, enfeitado na cintura mínima e nos punhos das mangas tufadas com entremeios de renda de Bruxelas, esgueira-se a Princesa pela nesga das portas entreabertas, a deslizar cosida às paredes, disfarçando-se na sombra do vão dos arcos, dos

cortinados de veludo carmesim, dos móveis requintados; conseguindo passar despercebida, sobretudo na Sala das Açafatas, alegre, turbulenta e ruidosa de falas destemperadas, de risos e palavras soltas, de murmúrios e sussurros, mas também de suspiros iludidos e alguns soluços amordaçados.

Paredes meias com esta sala, onde a luz intensa faz ninho durante as tardes de primavera e verão, encontra-se o toucador sombrio de D. Maria, lugar privilegiado para a menina Real procurar as pistas desejadas; só terá de usar de subtileza e de habilidade para descodificar a linguagem usada entre as camareiras: veladamente construída à custa de subentendidos, de meias mentiras e meias verdades, de frases formais e enlutadas, de insinuações ferinas logo mudadas em brandura. Aí, ouve inúmeras referências à condessa de Oeynhausen, enquanto o nome do conde seu marido é igualmente pronunciado amiúde nos salões pelos homens políticos, e sigilosamente em reuniões de ministros, não gozando entre eles de grande simpatia.

A pouca idade de D. Mariana Vitória leva-a de corrida e preferência para os jardins do Palácio, áleas de terra batida e gravilha por onde gosta de andar em sossego de adulta, evitando os lagos e as fontes, ouvido atento às conversas de quem passeia ou se senta nos bancos de pedra macia.

A Princesa sente-se assustada,
acossada,
cismando com a sua sorte.

Até que ao fim de uma manhã febril, ela pára diante da jaula dourada da pantera ensimesmada, julgando encontrar similitude entre o destino das duas, sem remissão possível. Prisioneiras de estranhas vozes só para elas audíveis, conduzidas até ali pelo vento ardente de súbito levantado em redor dos limoeiros doces, a fazer mover com lentidão as rubras rosas trepadeiras do caramanchão, os cachos lilases da glicínia frondosa, e ao de leve os anéis dos cabelos louros e frisados da Princesa, aturdida pelo sueste, que vai despertar no olhar cego e vazio da fera enjaulada a sua antiga cintilação predadora.

Imobilizadas ambas sob o sol impiedoso.

†

Ao contrário do que imaginara, o ter saído de Portugal não o torna feliz, antes pelo contrário. Se possível Carlos Augusto sente-se agora ainda mais só, mais melancólico, mais perdido.

Quisera

ter recomeçado de novo, retomado a sua vida, reinventado tudo do começo, esquecendo a consciência pesada pelo mal feito ao jogo e a fuga da prisão; mas continuava a sentir o animal do vício a correr-lhe nas veias.

Ansiara

por fazer frente às tentações, recuperar o orgulho que em si levara sumiço, tomar as bravuras de herói, os actos destemidos; sem recear a alegria, sem olvidar os ideais, sem temer os combates difíceis; a tornar menos pesados os dias.

Tentara

fugir ao apelo da matilha de lobos que por vezes parece regressar para correr em torno do seu peito, a cerração e o sobressalto a corroerem-lhe o pensamento e o sangue, embora procure fingir o contrário.

Supusera

que o casamento o fosse equilibrar, o deixasse vir à tona do mar de palha da angústia, a fim de respirar com desafogo, deixando-se iluminar pelo amor, conduzindo a claridade possível até às penumbras do coração como punho fechado.

Julgara

conseguir igualar-se a quem vê singrar à sua volta sem necessitar do regaço amado; esquecendo os pesadelos, a intranquilidade que lhe rasga a alma; encontrando a paz e o equilíbrio, o refrigério de Viena a tornar os dias menos penosos.

Experimentara

em vão esquecer o brilho afiado da lâmina da espada, não se sentir perdido, despido sem ela na sua ilharga de militar aventureiro; semeando em si a tristeza ao abandoná-la, ao trocá-la pela aridez, dependente e vicioso dela.

Desejara

dominar a vertigem, voltar à queda no prazer do corpo de Leonor, deleitando-se com o jardim das suas coxas, os lírios e as túlipas das suas longuíssimas pernas, ventre de açucenas brancas, embora jamais alcance a salvação da sua essência.

Renunciara

à carreira começada cedo no exército prussiano, interrompida por desvios da honra que desejaria afogar no oceano da memória; retomara-a em Portugal, para a largar ao querer ir mais longe na Europa, sendo Leonor o seu fulgor de diamante.

Pronunciara

com cuidado o seu nome, ofuscado pelo halo, a aura à sua volta, enquanto a si mesmo se entende melhor na penumbra do que, como agora, enquanto embaixador de um país onde não nasceu e que mal conhece,

a soçobrar na obscuridade dos dias.

†

CADERNO

Abro, curiosa, o livro de Christine Pizan *O Espelho de Cristina*, edição portuguesa do século XVI, mas logo presa do seu enredo folheio-o, ora entusiasmando-me, ora revoltando-me, impressionada com a sabedoria e a

habilidade dos seus conselhos não apenas pedagógicos, pois contido neles há um mais vasto voo, onde reconheço o meu.

No seu direito e reverso.

Numa permanente ideia de ambição, eternidade e glória, desde sempre interditas às mulheres, a querem-nos empurrar para o aceite da mediocridade, a desejarem levar-nos a acreditar que vale mais o pouco almejado do que a contenda pelo todo, pelo tudo.

Indagando, como exemplo deste falso dilema:

«Que farás tu, pois? Continuarás assim, querendo ser condenada?»

Pergunto-me o que é ser condenada. Quanto a mim sair das trevas é tomar o caminho das Luzes, que tanto devem alumiar homens quanto mulheres. Eu, que não anseio pela presença dos anjos,

desejo para mim a companhia dos sábios.

Viena, 24 de Janeiro de 1781

†

Sendo acima de tudo um militar, Carlos Augusto aceitara o posto de embaixador em Viena com a morte na alma, mas apesar de tudo esperançado em conseguir singrar por caminhos mais calmos do que aqueles que conhecera na sua vida acidentada.

Julgando ser simples a nova missão, pensa erradamente que não lhe será difícil cumprir com esmero a tarefa oficialmente aceite diante da Rainha de Portugal.

Mas enganando-se, ao não levar em conta:

o próprio desconhecimento das regras diplomáticas; a sabedoria da temperança; as dificuldades que sempre se levantam quando se trata de negociar casamentos reais; a aprendizagem do uso da hipocrisia e da falsidade; o abalo inevitável que trazem as intrigas; os perigos da inveja; a estridência da ingratidão; o negrume subido da maldade, da ganância e da sede de poder dos outros;

a importância das ciladas cruéis armadas pelo destino.

†

Amada da minha vida

«Tu queres receber em todos os correios cartas minhas; mas, querida amiga, porque me não julgas igualmente faminta das tuas? Há três semanas que não recebo uma regra de Viena, e isto desarranja bem a correspondência, e desacomoda ainda mais o coração de uma amiga do meu lote. O estado em que te achas é um motivo de cuidado para mim, e enquanto não passa o tempo crítico, sempre estou inquieta.

Não me escrevas com a tua letra porque isso te será muito penoso; mas quem quer que seja, diga-me em duas palavras como estás, e tanto me basta, enquanto mais não pode ser. Eu, minha alma, passo o mais cruelmente que se pode imaginar, não estando sujeita a viver como doente; mas a força da hiponcondria tem-me reduzida a um triste estado: contudo esforço-me quanto posso, e devo sempre algum benefício ao exercício a cavalo, posto que não podendo este ser quotidiano, não deixa de ser uma melhoria persistente, e agora que te escrevo, e acabo de o fazer a Madame Thun, estou com muita dor de cabeça.»

Já pedi a Maria Wilhelmine que me avise quando a tua hora chegar, e será boa, estou certa disso, minha pérola. Mesmo assim imploro que te cuides durante os próximos meses; a tua fertilidade quase me assusta, perdida que me sinto diante da minha esterilidade. Até Maria está pronta a dar à luz, para alegria de todos por aqui. A tua Leonor Benedita encontra-se cada vez mais agradável e delicada, de carácter vivo e prestimoso.

«Quando me escreveres faz menção da data a que me respondes, porque fico às vezes tão desorientada, que não sei do que tu falas.»

Sou a tua ardente
e fiel amiga
Teresa

Lisboa, 10 de Maio de 1781

†

Vai pela primeira vez ao salão literário de Metastásio, aceitando com satisfação o convite especial que o poeta lhe enviara.

Cada um deles com curiosidade de conhecer o outro.

Leonor temendo decepcionar-se, Metastásio receando vir a descortinar nela a superficialidade, a futilidade, que sempre matam a poesia.

Mas ao ouvi-la recitar os próprios versos, com uma contenção e uma precisão despojada e quase fria, entusiasma-se e deleita-se com a sua inteligência e talento, maravilhado à medida que lhe vai descobrindo a invulgar cultura.

Por seu lado, ela deixa-se encantar, lisonjeada com a atenção do velho poeta, que desde sempre admirara e até defendera. A entregar-se, muito embora reconheça, ao escutar as discussões que se travam e as retrógradas posições literárias tomadas,

sentir-se deslocada.

Mesmo assim, defende com entusiasmo Goethe e Schiller, usando argumentos baseados na urgência

de uma nova e ousada literatura.

†

DIÁRIO

Imaginei ir viver na Áustria somente tempos de exaltação e de diferença aventurosa, mas em vez disso confronto-me com a vulgaridade, com a banalidade a que pode levar a sujeição do corpo feminino. Demostrando até que ponto as mulheres fazem parte recôndita e inseparável da própria Natureza.

Com ela partilhando:

mucos, sucos, corrimentos, suores e sangues; luares que, como marés, nos inundam em segredo, pois cedo aprendemos a encobri-los, a tapá-los, a dissimulá-los. Embrulhando em perfumes, em culotes e panos os nossos insidiosos odores de agulha do mato, de caruma seca, de ferrugem acesa, de resina a ressumbrar na ferida aberta da casca golpeada das árvores.

E eu, que tanto julgava saber acerca de tudo isto, nada afinal entendo das lianas que, passado o êxtase, desatam o prazer do corpo das mulheres, traiçoeiramente enredando-o com a nossa própria condição feminina, transformada numa sofrida prisão uterina.

Perigos e reveses tanto maiores quanto impossíveis de evitar. Agarro-me pois à poesia, ao estudo, sem querer sucumbir ao desespero, queda após queda, parto após parto.

Viena, 20 de Maio de 1781

†

A 7 de Abril de 1781,

os juízes acordam, no que diz respeito ao atentado contra o Rei D. José, terem sido culpados apenas o duque de Aveiro e seus cúmplices. Todos os outros que foram torturados e em seguida executados com grande crueldade no cadafalso em Belém, numa manhã de tempestade, estavam inocentes.

Ao ser informada desta sentença definitiva, a Rainha fica lívida e cambaleia. Recolhe-se à sua câmara onde permanece no escuro, somente consentindo que dela se aproxime D. Mariana de Arriaga, a tentar aliviar-lhe a alma e levar consolo ao seu atormentado espírito; aconselhando-a a que se distancie por uns tempos de Queluz, partindo para as Caldas ou para a Quinta Real de Caxias.

Mas será em Salvaterra que a Soberana se encontra, quando a 23 de Maio é redigida a sentença,

que ela assina,

com o espinho do desespero cravado no seu afecto de filha dedicada, sentindo que nesse acto está a condenar o Rei seu Pai e Senhor, tornando-o para todo o sempre da história de Portugal aliado activo de Pombal na morte de tantos inocentes.

Mal acaba de assinar tolda-se-lhe a vista, angústia revolvida a assolar-lhe o peito, coração estilhaçado em mil pedaços. E num movimento descontrolado, D. Maria risca a própria assinatura enquanto grita, desabrida:

«Estou condenada aos infernos!»

†

Minha eterna amada

«Para que tenhas um sinal de que vivo, de que te amo, faço estas regras. Tem-se exaltado tanto a minha hipocondria, que apenas posso reger-me. Isto faz com que não possa dar-te novas; para além de que a certeza das nossas cartas serem vistas me tira a liberdade de poder conversar contigo em toda a efusão da amizade, porque quem sabe que interpretações se darão às graças que a decência nos permite? Uma vez que falta a fé pública, quem é que pode confiar-se e ter gosto de escrever?»

Leonor pára de ler e torna ao princípio, preocupada e perplexa: para que perigo estará a alertá-la a amiga? E sentindo-se culpada de ter demorado tanto a responder-lhe, relutando em aludir a estas suas angustiadas linhas, queda-se interdita sem saber como chegar até ela em perfeito resguardo da intimidade de ambas, tendo em conta, também, a insegurança aludida por Teresa, que igualmente se queixa de Portugal a propósito do seu romance acabado de escrever:

«Se devo crer no voto dos amigos, dou a Portugal uma coisa que ainda não tem, que nem o feliz século de quinhentos produziu sem defeitos: serei capaz de tanto! Para um homem não fora muito, porque trabalharia os vestígios de antiguidade com as Luzes do século presente: não é coisa de merecimento ir ao index das coisas notáveis. Mas para uma mulher no

país em que nasci, e onde talvez se armem contra mim porque leio e porque vou à Academia, sim é heroísmo; contudo não terei valor para que se imprima em minha vida, e como esta será (ao que promete) de pouca duração vocês chorarão dobradamente quando lerem o que deixo escrito.»

Adeus querida do meu coração
Beijos de muito amor

Teresa

†

Carlos Augusto tira da sua pasta um documento chegado naquela manhã à embaixada portuguesa através do correio diplomático. E ao entregá-lo a Leonor, diz: «Esta é uma cópia da certidão oficial que faz justiça aos teus avós marqueses de Távora.»

Incrédula e sobressaltada, ela lê o documento num ápice, sem saber no final se na pressa não lhe teria escapado nada do que os juízes assinaram.

«O que tudo e o mais que dos autos consta, com a mais séria, exacta e escrupulosa circunspecção: separando a verdade da confusão e da desordem, e a inocência da perfídia.»

Inesperadas palavras que arrastam consigo memórias que Leonor julgara estarem nela submetidas; e a lâmina da saudade volta a revolver-se-lhe no peito, enquanto, atordoada, avança na leitura da certidão: *«Revoga a mesma sentença pelo que respeita aos Marqueses de Távora, Francisco de Assis e Dona Leonor, seus filhos Luís Bernardo e José Maria de Távora, e seu genro Jerónimo de Ataíde, Conde de Atouguia, por se não provar que fossem cúmplices no referido insulto a Sua Majestade.»*

Leonor sente-se de volta àquela noite de cristal de frio, chuva e medo, a ser empurrada para fora do aconchego da cama e erguida pelos braços trémulos da Mãe em lágrimas; torna a escutar os pesados passos dos

soldados na escada da casa levando seu Pai, empurrando-o para o negrume da madrugada de tempestade solta pela cidade.

Debruçada sobre o texto, Leonor não se cansa de ler e reler o seu final: *«Declaram que não incorreram em nota, ou infâmia alguma. Absolvem a sua memória, e restituem todas as Famílias dos sobreditos às suas honras, e ao uso do apelido de Távora que lhes foi proibido pela dita sentença.*

Palácio de Nossa Senhora da Ajuda, em vinte de Agosto de mil setecentos e oitenta e um» – Seguem-se as assinaturas dos juízes e dos secretários de Estado.

Leonor procura em vão a assinatura da Rainha D. Maria.

†

Foi um parto simples, sem história,

sem gritos.

Um parto passado entre pesados silêncios e gemidos logo amordaçados, tesoura aberta debaixo da cama para cortar a dor.

Um parto sem esforço que quase passara despercebido na lonjura da casa, até porque os débeis vagidos da menina de nascimento breve facilmente se perdiam pelos corredores e dobradiças das portas fechadas, a embaterem no lençol bordado, subido até aos seus fininhos lábios.

Pálidos.

Tão pequenina e frágil de cera transparente, que Leonor se afligia sem conseguir olhá-la durante muito tempo, prendendo-a para logo a desprender dos seus braços, empurrando-a de si para voltar a mandar tirá-la do berço. Desatenta ao seu pouco choro, mas sentindo-se irritada com a calmaria em que a menina ficava.

Prostrada.

Vestia-a de cambraia branca ou cassa cor-de-rosa de pétala translúcida, com aplicações de fitinha de seda ou renda picotada. Tons neutros a condizerem com o seu corpo quebradiço, franzino, sumido sob o peitilho ajustado com cordões de cetim cruzados nas costas, cueiros compridos a cobrirem-lhe os pés sempre frios e azulados, só a aquecerem nas suas

mãos fechadas; a impressionar de tão magrinha quando a ama a banhava na bacia redonda de prata, corpinho massajado com óleos depois de seco com toalhas aquecidas a ferro de engomar acabado de recolher das brasas.

Touca macia a cobrir-lhe os finos caracóis ruivos, folhinho descido até à testa de boneca de porcelana que, com um gesto de indiferença, os outros se atreviam a pôr de lado.

Maria Regina adormecia onde a largavam:

equilibrada nos joelhos, agasalhada no colo, embalada nos braços cansados ou no berço de madeira entalhada e com dourados até ao espigão alto onde se prende o tule, ondeando até ao soalho. Laço que ela própria dava, a arrematar a colcha de renda de bilros.

Assustada com a apatia,

com a doçura doentia da sua segunda filha, e tentando reagir aos medos que a acometiam, à inquietação que ela lhe dava e às insónias que a tomavam até à alva, prisioneira de uma melancolia infindável que a afundava numa angústia sem sentido, Leonor, recusando-se de novo a guardar resguardo,

depressa começou a sair de casa.

Como quem foge.

†

MARIA REGINA

Descobre-lhe o olhar assombrado e o sorriso fugaz que antes de nascer apenas adivinhara; reconhecendo-lhe a voz de veludo agora calada, e o toque da mão com a qual, distraída, ela a afagava ao de leve do outro lado, em difusas tardes de bruma. A cada minuto que passa a memória esvai-se-

lhe, e pouco a pouco mergulha, sonolenta, num espaço alvacento onde coisa alguma existe, senão o começo de tudo pelo avesso do nada.

Respira com dificuldade:

o ar é áspero, duro e laminado, sente na língua a maciez translúcida da Mãe, tal como há pouco tomara o gosto ao carmim de que era feita a atmosfera.

Esvai-se-lhe suavemente o coração tremeluzindo no peito liso, como um pirilampo mínimo em noite de lua cheia; sangue desmaiado que não a alimenta, limitando-se com custo a mantê-la viva e enovelada, embrulhada no xaile de lã branca traçado à sua volta, e assim enfaixada posta no aconchego curvo da axila que a Mãe tem morna com odor a jasmim, toma do seu corpo o calor necessário; corpo de que ainda lembra todos os recantos, ruídos e sobressaltos.

Vê-a inquieta debruçada sobre a sua boca de menina alada, tentando aperceber-se do sopro imperceptível, ligeiríssimo zunido de abelha por entre os lábios finos mal entreabertos. «Filha…» – ouve-a murmurar, sem saber o que isso quer dizer. Esquecida do significado do pouco que aprendera ao longo dos meses, enquanto crescia dentro dela; e mesmo esse lugar tépido vai olvidando, na perda do seu conhecimento.

Um calafrio fá-la estremecer, como se fosse uma pétala tocada pela aragem, e logo o braço dela a envolve melhor, subindo-a aos seios túmidos de leite, e ao inclinar-se para a frente dá-lhe a ver o rosto aflito, enquanto sussurra ao seu ouvido: «Coitadinha…» – e à roda das duas fecha-se a aura do arco-íris lá fora restolhando, arrastando consigo as folhas, os caules, as raízes secas pelo estio, como se já anunciasse o outono.

Mesmo da gravilha a soltar-se da terra a menina dá conta.

Ela é quem escuta melhor lá em casa, habituada que está a aperceber-se dos grãos de pólen a soltarem-se dos ovários da Mãe, que lhe examina com ansiedade minuciosa os olhos azul-da-china, os dedos e os pulsos melindrosos, os tornozelos quebradiços, a delicada concha rosada dos ouvidos.

Na mesa-de-cabeceira brilha fixamente a pedra do seu nascimento, com o fito de convocar a felicidade, afastando as ameaças imediatas, substituindo pela luz a penumbra do quarto através da qual, pelas estreitas fendas entreabertas das pálpebras de seda transparente, a menina descobre no ar a poalha dourada e suspensa movendo-se ao de leve.

Embora esgarçando-se já, recém-nascida, dá conta dos intensos cheiros do parto numa mistura de sangues, zimbro e amoníaco, de verdete e suores; mucos e líquidos onde ela nadara durante nove meses de felicidade plena, de que começa a sentir a falta.

As longas pestanas sombreiam-lhe as faces descoradas, a aumentarem-lhe o sulco das olheiras. Descoroçoadas, as parteiras, as aias e a nova ama cochicham entre si na habitação ao lado, deitam contas às horas que a menina poderá durar, vingando na impossibilidade, com a graça do Santíssimo. Rezam e acendem lamparinas e velas votivas diante das santas do oratório da larga câmara que dá para o quarto.

«Um anjinho!» – dizem em surdina, supersticiosas, a benzerem-se, a fazerem promessas e figas, desfiando litanias assim como os terços que trazem nas algibeiras dos aventais ou pendurados na cintura; costurando e salgando em torno as fissuras que trazem de volta os espíritos malignos, fazendo estranhos sinais enquanto queimam incenso e salva, espargindo água benta.

Maria Regina, embalada pela tranquilizante presença da mãe exausta, descansa esvaída e miudinha.

Perigosamente a apagar-se no sono leve.

†

Preferia um filho varão

no entanto evitei mostrar o meu pensamento, calei a decepção, os sentimentos de contrariedade, quando as vi deitadas entre panos e lençóis ensanguentados, dobadas uma na outra na cama do parto, demasiado grande mesmo sendo duas: Leonor, esquálida e lívida, apertando ao corpo

a filha recém-nascida que parecia morta, a desaparecer na curva do seu braço; sem nenhuma cor no rosto de boneca francesa de olhos fechados.

Preferia um descendente

grande e forte, mas consegui sorrir quando a ama e a parteira me puseram no colo a minha filha miudinha que imaginei desfalecida, tão branca como a neve e como ela, fria; engelhada e encolhida no agasalho de mantas, xailes e envoltas de lã, unhas como amêndoas pequenas e lustrosas contrastando com as mãozinhas roxas, apertadas e erguidas à boca, como se já nem sequer lutasse por respirar.

Preferia um rapaz

em vez de outra rapariga, mas calei a desilusão sentida e fui agradecer a Leonor, ainda exaurida do dificultoso trabalho de parir, ter posto no mundo aquela criança sem choro, apenas suspiro como indício de vida, mal mostrando o seu alento, dolente e esquecida, perdida debaixo dos lençóis, da colcha, das cobertas, gemido quase inaudível a escapar-lhe por entre as linhas esboçadas dos lábios secos e pálidos.

Preferia um sucessor

a quem passasse meu nome e brazão, e nunca esta criança de cera mais fazendo lembrar um ex-voto; cabelos quebradiços e fininhos como fios de seda, que Leonor se recusa a cobrir com as toucas de lã debruadas a cetim, para não lhe magoar a pele delicada e translúcida de ruiva; sem a aprisionarem com faixas, com folhos, com fitas e rendas. Eu tê-la-ia enfaixado e não liberto, aquecida com o leite da ama e o calor do corpo materno.

Preferia um herdeiro

que seguisse meus princípios, sangues e apelidos estrangeiros, com virilidade, oposto e avesso da menina como lua minguada que nos coube, débil e vaga e espiga, com palidez de lírio, de fio; mais sopro do que vida, criança de cristal de rocha, ou ninfa ou fada na fiada maneira de sumir-se

a si própria; adivinhando-lhe eu as asas translúcidas sob as camisinhas, rumorejando; a esvair-se já, com o seu olhar de pervinca.

†

Atenta, Maria Wilhelmine inclina-se sobre elas, a procurar-lhes as semelhanças,

mais nítidas do que as diferenças,

a despertarem nela a comoção e o carinho, que no entanto logo se dissolve, carícia suspensa nos dedos subitamente inertes perto do cabelo frisado de ambas, testas altas perladas de suor.

Mal se curvara, porém, e logo evita os seus equívocos odores desprendidos: a branco e a carmim, a fluidos e a plasma, a líquenes e a placenta, subindo das humidades femininas das suas axilas e das suas virilhas, dos seus hálitos, nucas e baixos ventres. Odores de saliva e salva, de lágrimas e leite do corpo,

refluindo.

Aroma de malva, de musgo e de raízes, de filtros e marés retardadas, na finura das artérias e das veias,

de sereias dolentes.

†

Depois de te haver nascido mais uma menina,

foi a vez de Maria pôr no mundo outra minha neta; tal como a tua segunda filha, tão miúda, fraca e franzina que temi o pior ao vê-la, como morta, sem nenhum sopro de vida na boquinha entreaberta, enquanto a tua irmã desfalecia nos lençóis ensopados do sangue perdido num parir difícil e demorado.

Tu, Leonor, és o futuro, mas a pobre da tua irmã é o passado: enquanto te revoltas com o destino quando este se te apresenta cruel e adverso, e o refazes a teu modo e à tua medida, ela vai de manso cumprindo e acatando

a infelicidade, a aceitar a desgraça que à sua beira desponta – flor funesta que colhe com os dedos pálidos.

Pudesse eu voltar atrás e talvez soubesse encontrar em mim forças suficientes para impedir o seu infausto casamento, fruto da cegueira teimosia do senhor vosso Pai e meu marido. Mata-me vê-la tal como a encontro agora, infeliz e perdida, tendo como única alegria a memória dos seus delírios, das suas visões aladas de anjos, que num tempo próximo acabarão por levá-la. Melhor será eu não acrescentar mais nada, Leonor, ao que agora te digo, pois existem coisas que não devem ser abordadas.

Há que selar em nós o que houver para selar, como nos obriga o decoro e a honra desde sempre caros à nossa família. Maneira de nos exigirem o aceite do desamparo e de uma eterna solidão, mesmo se vertendo lágrimas amargas em noites intermináveis e esconsas, prontas para observar as ordens de quem nos comanda e nos impõe a sorte – lei do sacrifício cumprido pelas mulheres virtuosas.

Estou, filha, a falar de intimidades, de inquietações, de penumbras e de desassossegos, de desacertos, e por isso te digo Leonor: as mulheres têm de saber afastar de si os sentimentos verdadeiros, têm de aprender a calar o fogo dos desejos, têm o dever de ocultar os crimes executados no seu corpo.

Segredos escondidos no interior das casas, dos confessionários, dos quartos onde são usadas e dormem, onde mais tarde dão à luz e onde morrem em paz ou finalmente libertas.

Resolvi abrir-me contigo, filha, sobre este sigiloso e doloroso romance, temendo que de Lisboa te chegue eco e conhecimento dele a partir das intrigas da Corte, ou de alguém que tente tornar pior o que já é tão nefasto. Quero, Leonor, no entanto, saber-te afastada desta história de cobardia e maldade. Nela abunda o medo, o destempero e a cólera. Não aumentes ainda mais a vergonha da tua irmã referindo-lhe o que por mim já sabes. Espero não me vir a arrepender de ter-te feito confidências, mãos entrelaçadas contigo através da distância.

Toma pois estas linhas como meio de te participar a notícia do nascimento da tua sobrinha, a quem Maria fez questão de pôr o teu nome. Pouco a pouco vai a menina medrando, prazeirosa e linda, do Pai herdando só o nome.

Tu medita bem no que te digo: nunca se deve pretender mudar, transformar ou sequer remediar seja o que for na existência dos outros. Até porque existe apenas um possível caminho na vida das mulheres – o da conformação e aceite da pesada cruz que sempre teremos de arrastar até ao fim dos nossos dias.

Recebe a bênção da tua mãe
que muito te ama
Leonor de Lorena

Lisboa, 4 de Setembro de 1781

OceanofPDF.com

†

DIÁRIO

Como nunca fui dada a perder-me, a deixar-me apanhar pelo negrume das desgraças e das depressões, reajo à angústia onde mergulhei quando do nascimento de Maria Regina.

Largo a penumbra mórbida da casa e saio a passear. Primeiro na protecção acolhedora da carruagem, em seguida andando a pé, sujando os sapatos na lama do chão de terra batida, nas lajes gastas, carcomidas e escorregadias das igrejas antigas; percorrendo com demora as ruas, as alamedas, as vielas e os becos de Viena, até me sentir exausta. Sento-me a descansar nos bancos das praças ou dos largos, antes de continuar em frente ou andar às voltas, ora perdendo de vista ora reencontrando o Danúbio.

Sozinha, a descobrir Viena.

De novo com a estranha sensação de que alguém me continua seguindo. Nessas alturas paro e olho à roda, mas como nunca me apercebo de nenhuma estranheza, torno a sair no dia seguinte, usando a precaução de tomar direcções diferentes.

Começo a sentir o regresso da alegria de viver.

Retomo à poesia.

Torno aos livros espalhados ao acaso nas escrivaninhas, nas mesas, nas cadeiras, nas prateleiras das estantes. Finalmente folheio-os, a redescobrir Goethe, Klinger, Schiller. E neles, as grandes tempestades da alma, numa espécie de combate que me empolga e excede.

Fascinando-me, mas confundindo-me.

Dando-me conta, contrariada, de me manter prisioneira dos princípios de religiosidade cimentados ao longo dos anos passados no convento de Chelas. Mas estes autores amotinam-me, tiram-me do comprazimento do hábito com o qual me defendo do fogo onde intuo poder um dia queimar-me.

Nos salões que recomeço a frequentar com assiduidade volto a participar nos debates onde se discutem os audaciosos ventos de mudança defendidos pelos novos filósofos e os novos poetas.

«Sturm und Drang» – sublinham os melhores de entre eles, enquanto Metastásio e os seus discípulos continuam a apoiar-se na ideia de um mundo clássico de harmonia perfeita, no qual eu já me entediaria.

Arrebatada pelo júbilo da descoberta.

Viena, 1 de Outubro de 1781

†

Está em Viena há mais de um ano quando, no Palácio Imperial, Leonor vê Mozart pela primeira vez. Vai vestida de seda carmim bordada a matiz em torno da cintura, saia lisa a espraiar-se nas ancas. Nos cabelos de louro natural usa as severas pérolas cinzentas com as quais fora retratada; em contraste perfeito com a ofuscante gargantilha de diamantes e rubis, mas em harmonia com as pulseiras de ouro entrançado que parecem deslizar-lhe perigosamente nos pulsos nervosos.

É o próprio Imperador que os apresenta, referindo a música e a poesia como sendo privilegiados elos entre todas as artes, as únicas que se completam em perfeição absoluta: as palavras, os versos de eleição e *«as notas que se amam»*, como disse Mozart em criança.

Leonor vê-o inclinar-se diante de si, inquieto com a presença de Haydn, que nessa noite fora propositadamente ao palácio Schönbrunn para, finalmente, o ouvir tocar.

Ela recua sob a claridade das velas dos deslumbrantes lustres de cristal e dos candelabros, até encontrar a penumbra perto já do clavicórdio; e daí

fica a olhá-los enquanto conversam e debatem ideias com entusiasmo, no início de um relacionamento que, com inveja, imagina perfeito. Sentindo-se naquela noite ainda mais solitária do que o habitual nos últimos tempos, distante da pátria, da família e da intimidade das amigas. Lonjura por si tão desejada, mas que acaba por lhe pesar, a embaciar o brilho da liberdade.

Distrai-se, mortificada com os próprios pensamentos, a dar conta de ter perdido de vista os dois compositores. Rodopia o corpo a olhar à sua volta, enquanto agarra e sobe a saia de cetim escorregadio, observando quem passeia e conversa na Sala da Música de onde parte o som envolvente de um clarinete, ao qual logo se junta uma flauta e um oboé e finalmente um piano, numa belíssima e harmoniosa composição.

Mozart!

E num impulso esgueira-se depressa por entre os que estão à sua frente, sem se dar conta do insistente olhar de alguém que à distância parece querer decorar cada movimento seu, seguindo-a discretamente cosido com as paredes, passo silenciado pelos tapetes, até a ver parar de súbito,

fascinada com o adágio que então ouve.

Sentado ao piano encontra-se Mozart. E a seu lado, de pé e atento, está Haydn, face cavada acesa de expectativa.

†

Na Sala da Música há alguém indiferente ao génio de Mozart. Preso unicamente da emoção e do maravilhamento expressos pelo rosto de Leonor que, sem reparar na própria imagem reflectida no espelho da consola a que se encontra apoiada, ignora como se iguala, pela sua flexibilidade, às hastes finas e altas dos lírios dispostos nas jarras de faiança.

Aturdido, o jovem pálido que há muito a fita procura com os olhos o conde de Oeynhausen, indo encontrá-lo a falar baixo com Salieri, que desatento mal o escuta, olhar penetrante pregado em Mozart; tal como a condessa portuguesa, que ele segue e para quem torna a voltar-se.

Abstraída de tudo o resto ela tenta encobrir a muita emoção de que é tomada.

†

ANGELUS

Vai minha lua, dobra a esquina da tua existência; deixa para trás o que é da condição da queda, da prisão e do negrume. Vai minha alada, poetisa da luz do teu tempo, dona do teu destino, a ganhares uma outra vida no futuro.

Torna-te na grandeza que és.

Pudesse eu e levava-te,

dava-te a ver debaixo do vestido as asas que te despontam nas omoplatas, e séculos depois as tuas meias de vidro, os sapatos de cristal como o teu coração gelado,

Minha Isolda

e perdição,

em vez de água e de vinho eu beberia o filtro do amor que mata vindo das tuas mãos; falcão no meu próprio punho a voar ao teu encontro. As histórias que inventas ainda não me chegam vindas do lugar da tua língua, nem versos de tua fala na recusa da melancolia.

Minha alumbrada

no êxtase dos poemas que fazes e rasgas e retomas depois à tua imagem que ainda desconheces mas eu sei, de tanto vaguear pelo forro de nós, e agora me tens a teus pés, pois vigiar-te tornou-se já um hábito e ardente vício, na ousadia de me entender como teu prisioneiro, sonhando escrever-te cartas como Abelardo,

minha Heloísa.

†

Há dias em que Leonor julga perder-se
desamparada,
sem conseguir contornar os escolhos, as dúvidas, os medos adivinhados de súbito, desacertando-se com o coração e a alma atormentados que, por compostura e calamento, ela esconde de todos, buscando apenas na escrita e na leitura a dimensão da sua asa de voo.

A querer ignorar o desequilíbrio que desde o parto de Maria Regina a aflige, mas vai conseguindo iludir entre as recepções no Palácio Imperial, os recitais de música e os salões literários.

Há ainda as reuniões em casa de Metastásio, mais sedutor pela delicadeza e pela sensibilidade do que pela poesia, que apesar de tudo ela continua a amar, em discordância já em Chelas com a opinião de Filinto Elísio, espírito crítico e mordaz, demolidor da obra do velho poeta.

Leonor faz um enorme esforço para sair de casa, a contrariar a angústia que a leva a supor o negrume das cousas e das pessoas; no entanto, não se permite a queda na depressão,
indo e vindo das bibliotecas dos palácios, dos parques e dos jardins que percorre depressa,
como se fosse alada.

†

Ainda não se refez do choque: o Imperador José II acaba de mandar fechar em todo o Império setecentos conventos de ordens votadas à contemplação.

À oração?

Ordens de quem se diz votado à espiritualidade e ao misticismo. Mas ela lembra-se da ignorância, da tacanhez e da indolência da maioria das freiras de Chelas, ajoelhadas nos genuflexórios ou no chão gelado, intercalando as orações com pedaços de sono, cabeceando fingindo rezar,

cabeça baixa para esconder os olhos fechados, dedos cruzados dos quais pendiam os terços de cruz balouçando.

Conhece por demais os vícios dos conventos, a maldade e as intrigas, as falas de desconfiança, a falsidade das madres, às quais nunca se afeiçoara.

Sabe da sua preguiça a coberto da simulação da fé e do rigor, ciente de ser a severidade, em muitas monjas, uma atitude eivada de calúnias e mentiras, recalcamentos e frustrações sem grandeza de espírito nem nenhuma piedade.

Experimentara por demasiado tempo o veneno daqueles casulos sufocantes e insalubres em que facilmente se tornam os mosteiros, onde os sentimentos sinceros se deixam contaminar por uma friagem tamanha que logo se acham destruídos. Frialdade mais eficiente para o desequilíbrio da alma e do carácter do que os ventos e as geadas no desgaste da saúde do corpo.

Porque se desassossega então com as medidas tomadas pelo Imperador em relação à Igreja?

Pergunta-se, indignada consigo própria,

confundida e perturbada num mesmo pensamento.

†

Carlos Augusto cala-se, exercitando a prudência.

Leonor, pelo contrário, exacerba-se.

Exalta-se.

O Imperador, para além de encerrar conventos e acabar com as ordens contemplativas, mandara censurar os sermões e proibir as procissões. E isso, sim, já a incomoda sem qualquer dubiedade. Acabando por confessá-lo a José II, de um modo cortês e respeitoso, mas também frontal, durante a audiência privada pedida por si a conselho do vigário-geral da diocese de Niederösterreich, o conde Ernest von Herberstein, seu confessor desde a chegada a Viena.

O monarca fita-a espantado, mas também agradado com a invulgar sinceridade, surpreendido com tanta ousadia. Escutando-a curioso e

interessado na sua opinião contra a censura dos sermões e em defesa dos actos litúrgicos, sem com isso deixar de condenar, com o mesmo afinco, os desmandos, a ignorância, as injustiças e as crueldades dos padres e das freiras.

Leonor expõe as suas ideias com serenidade e precisão, calando-se ao dar conta, quase arrependida, do tanto que já ocupara o Imperador da Áustria.

†

A primeira coisa que ele faz quando chega ao quarto é pousar com cuidado a cabeleira austera, dois rolos horizontais alinhados abaixo das orelhas, que tem pequenas e bem moduladas. Antes de despir a casaca e o colete, alisa com as mãos a massa espessa do cabelo muito liso, de um castanho quase louro, onde Leonor gosta de afundar a lonjura dos dedos.

Observa-o a tirar a espada, bainha ajustada às ancas estreitas nas quais sente prazer em roçar as suas; nada a envergonha no imaginar daquilo que se coíbe e não faz. Por vezes pensa que poderia ter escolhido para casar alguém menos distante e contido, torrente de água no fogo dela.

Acicatando-lhe as vertigens do corpo.

«Uma donzela da vossa condição tem de saber dar-se ao respeito» – ensinaram-lhe as freiras do convento de S. Félix, ao vê-la dançar com Gonçala, naquele jeito de afago a escorregar de lume.

Ambas, afinal, contrafeitas.

Insatisfeitas por aquilo que só entremostravam uma à outra em súbitos relâmpagos logo contrariados. Mesmo assim, sobretudo Gonçala causava escândalo ao parecer desrespeitar os seus votos impostos.

Leonor levanta-se de onde está sentada para ir desapertar o colete de abas de Carlos Augusto, e ardendo de súbito desejo empurra-o, a vacilarem ambos nos passos que se cruzam, ele recuando e ela docemente a encurralá-lo junto à cama alta, disfarçando um sorriso nos lábios recortados, onde a ponta da língua aflora tentando matar a sede do cheiro da sua pele. E o marido que lhe foge ainda, admirado, acaba por se

submeter ao seu incêndio, tombando os dois sobre a coberta suave onde Leonor começa por tentá-lo ao de leve, gestos suaves e vertiginosos como quem se oferece e escapa, seguidos de beijos fundos e comprometidos.

Fogo e luz.

Os dentes a morderem o que podem: a penumbra da nuca, a estreiteza das ilhargas, os pulsos fortes, a curva da axila que desprende da manga da camisa, a lisura côncava do ventre, a descer a colina breve em direcção ao longo pénis erecto, dele sentindo já o cheiro a almíscar. Sem nunca suspender o movimento ondulante e cadenciado do corpo, escorrega sobre o dele, indo apoiar as palmas das mãos no seu peito, voltando ao início, insatisfeita e faminta,

não dando conta do pequeníssimo zunido que o sol desperta no damasco da colcha atirada para trás, a desmanchar a nódoa de luz sanguínea e rasteira que, vinda da janela entreaberta, parece ir concentrar-se perto deles.

Por sua vez, Carlos Augusto tira-lhe o vestido enrodilhado na cintura, o espartilho, os saiotes, a camisinha, e por fim as meias de seda branca, que voam num turbilhão, assemelhando-se a pequenas

rolas.

Mais parecendo fúria do que desejo na insatisfação do que fazem e do que sentem, evitando a todo custo

os gemidos, os sussurros, os gritos.

†

Querido mano Pedro
do meu coração

Venho com grande satisfação comunicar-te que o Imperador José II deu-me a imensa honra de me nomear Dama da Cruz Estrelada, alta condecoração austríaca. Mas, para cumprir os requisitos necessários e que tudo seja feito com os rigores da praxe, terás de me enviar os documentos

precisos para comprovação da linhagem da nossa família: nobreza de sangue e de raízes, que ambos sabemos virem do berço da portugalidade.

Podes adivinhar, meu Pedro, como tudo isto me alegra e choca ao mesmo tempo, na comparação inevitável que faço entre dois tratamentos opostos: enquanto na Áustria me cobrem de louvores e honrarias, em Portugal invejam-me, perseguem-me e aos meus com falsidades e intrigas!

Doem-me no peito estas diferenças, cada vez mais dividida entre duas metades de mim própria, o lado do coração que anseia por voltar à Pátria e o lado da razão a aconselhar-me a que não ceda e a que daqui por enquanto não parta. Por isso te pergunto, irmão da minha alma, como lidar com a ferida aberta pelo punhal da saudade, sem conseguir acalmar o pulsar do coração no peito aflito?

Tenho vindo a reflectir muito acerca de tudo isto, chegando à conclusão, meu Pedro, de que na verdade eu quero é procurar outros países, novas filosofias e novas correntes de pensamento. Sempre sem me deixar prender, sem me deixar amarrar a coisa alguma, a sítio nenhum. Limitando-me a respirar a liberdade, coragem arranjada sei lá como, para seguir sem medo os meus maiores ideais e anseios. Gostaria de poder partir solta de todas as amarras, seguindo por imbricados caminhos que tanto me demandam, me tentam o corpo e a alma.

Tendo em conta o obstinado silêncio e rigores que o nosso Pai faz questão de manter em tudo o que me diz respeito, peço-te que sejas tu a dar-lhe a notícia da honraria com que acabo de ser agraciada. Quem sabe se este facto não o levará a abandonar a sua posição intransigente a meu respeito.

Fico aguardando com ansiedade notícias tuas.

A irmã que muito te ama
e traz no pensamento.
L.

Viena, 10 de Novembro de 1781

†

À medida que as semanas passam enquanto vai pintando o retrato de Maria Regina reclinada no colo de Leonor, Maria Wilhelmine de Thun dá-se conta do muito que a menina tem vindo a emagrecer, a esmaecer, a enfraquecer; como quem se esgueira ao de leve por dentro da própria fragilidade apática.

Sobressaltada, com um mau pressentimento logo repelido, reprime o arrepio sob o qual estremece, anjo da desgraça a atravessar o seu peito, e curva-se perturbada sobre as tintas dispostas na paleta de madeira manchada como um arco-íris, em busca dos tons que no quadro pareçam salvar Maria Regina.

Usando a espátula, mistura os pigmentos com o óleo filtrado, busca as cores necessárias: os brancos toldados, os cinzentos-pérola, o marfim encandeado pelo ouro, mas também a garança e o carmesim, o amarelo-palha, o lápis-lazúli para as íris dos imensos olhos, o madrepérola para as conchas translúcidas das pálpebras, o cor-de-rosa e o vermelho-papoila para temperarem a tez exaurida.

Fita-a de lado, logo desviando a vista.

Desde o dia do seu nascimento que Maria Wilhelmine a considera de uma beleza deslumbrante: cabelos cacheados cor de fogo, olhos de intenso azul a querer ser desmaiado, feições delicadas, pescoço de sininho de prata e carnação de uma brancura leitosa de ruiva, a deixar antever a palpitação das veias.

Torna a olhá-la, embora de soslaio, de novo com a estranha sensação de ela perceber os seus pensamentos. – «Inclina-a mais para a luz» – pede com voz enrouquecida, e Leonor desvia-se para a claridade opalina coada pelo cortinado de renda da janela. Mas logo a menina se queixa nos seus braços.

– Filha… Filha… – murmura angustiada, secando-lhe a testa humedecida pela febre que reaparece todos os fins de tarde, gretando-lhe os lábios pálidos onde o leite doce dos peitos da ama se talha nos cantos

miudinhos, nos quais a criança passa a ponta afiada da pequena língua anémica.

Posta a tela preparada no cavalete, Maria Wilhelmine inclina-se, pegando primeiro no giz de carvão e mais tarde nos pincéis acabados de mergulhar na pureza das tintas, na vã tentativa de captar de Maria Regina os mínimos detalhes: as expressões de acalmia, os inesperados sorrisos de safira, o brilho das lágrimas, a nebulosidade do sono, na devassa da sua face alva a destacar-se das sombras, das fímbrias penumbrosas da sala, onde costuma aquietar-se no regaço de seda da mãe em curtos momentos de bem-estar.

Madame de Thun reconhece a contragosto como ela continua a escapar-lhe na sua beleza estranha, esquiva e vulnerável, olhar mareado e translúcido, a chama dos caracóis a fazer tombar a sua incandescência na golinha de tule do vestido que lhe disfarça a magreza do corpo fino e quebradiço feito haste, de onde se evola um macerado aroma a madressilva, contrastando com os cheiros da pintura: a cola, a óleos, a éter, a sangues secos e a insectos esmagados, a ossos e a ramos calcinados.

A mão delgada e clara da jovem condessa vai desenhando, enchendo, pintando, tacteando, adivinhando, seguindo o seu instinto, no desejo vão de despertar a vida onde já se instalou a morte, tentando imobilizar o gesto convulso, disfarçar o esgar triste, repor o colorido das maçãs do rosto, colocando a vivacidade no lugar do vacilo ao avivar a pele desmaiada da criança, como se quisesse fazer esquecer estar ela já condenada pelos físicos, derrotados pelo mal irreparável, que tanto escarnece dos seus métodos conceituados e dos remédios da ciência como dos feitiços, das mezinhas, das infusões de ervas e raízes preparados pela ama.

Só então Maria Wilhelmine repara que, exaustas, tanto Leonor como Maria Regina haviam pegado no sono. Não hesitando, continua a pintá-las,

não sem antes se dar conta da neve, a cair lá fora com o seu surdo ruído de feltro. E imagina as rosas almiscaradas e os lírios, as açucenas e as camélias púrpura, que nas estufas dos palácios de Viena começam a despontar, sentindo-se a si mesmas,

palpitantes,
submetidas àquele artificioso clima contrafeito.

†

MONÓLOGO DA AMA

Levanto-me todas as manhãs no quarto da menina antes de baterem as seis horas, indo debruçar-me com pressa assustada sobre o berço onde está deitada, face cada dia mais pálida e transparente, de quem nem o leite forte do meu corpo saudável alenta e reanima.

Quando me pressente acordada, mesmo antes de me inclinar afastando a cortina de gaze, a condessinha abre os olhos azuis como se me adivinhasse, me reconhecesse pelo ruído dos passos, pelo cheiro do meu corpo lavado; e logo que a tomo nos braços, mal sentindo o seu peso de pena, parece suspirar de alívio – pequeno silvo a alinhavar-lhe apenas o interior dos lábios e a língua estreita de ave.

Caracóis ruivos colados à testa com o suor das febres que a apagam, menina-círio quebradiça, só pele e osso debaixo dos cueiros bordados no peitilho a ponto favo-de-abelha, sem que por isso a senhora condessa se desleixe de a banhar. Ela própria a despe, mãos levíssimas a libertá-la das fitas de cores, dos atilhos, dos botões de madrepérola, dos alfinetes de prata, dos nós de que cuida para ficarem lassos, pois qualquer saliência ou falha ou acrescento lhe magoa o corpinho de uma alvura sardenta e lívida, de cristal posto à transparência da luz.

Por vezes parece-me ver correr-lhe o sangue aguado nas veias sob a pele translúcida; e quando se queixa, o ruído do seu lamento nunca ultrapassa o de um pássaro no novelo do ninho. Nessas alturas, se estou só, canto-lhe baixinho e embalo-a ao som da roca de prata.

«Chus!, angelada», digo-lhe em surdina, e ao ouvir-me ela pára de gemer sossegando um pouco, apertando a ponta das rendas e das fitas de cetim no enfeite dos xailes entre os dedos mínimos, ou a desenredá-los das nervuras, mantinhas de pele de marta e das nuvens de tule que descem em cascata a partir do dossel do berço. E eu insisto mais baixo ainda:

«Chus!, cordeirinho de Deus», seguindo-lhe o olhar vago atraído pelo claror de rubi, arco-íris das velas e rubor do brasido da lareira sempre acesa a querer vencer as friagens dos rigorosos invernos de Viena. Calor no qual a menina é despida, acalentada no cimo dos nossos joelhos, pois dela não tiro o sentido, cabeceando de sono à sua beira, temendo ter chegado o momento de o anjo descer em busca da sua alma; e ao senti-la tremer, mofina, sem forças já para sugar os meus peitos doridos de tão cheios e inchados, aflijo-me e começo a ralhar comigo mesma:

«Chut!, não é tua a criança que te morre nos braços, não, não é tua. Chora antes por aquela que à nascença perdeste sem remédio nenhum. Cuidado com a armadilha, pois o leopardo acoita-se à espreita no breado pego da floresta.

Uxt!, coração mole, uxt!, coração pardo, não sejas tão entirrado. Sus! desassossegada, molestada e aguiçosa! Pertinaz e ansiosa! Sus! alumiada em busca de refrigério, seca o choro no teu rosto.

Em má hora vim para aqui a roçagar o desgosto.»

Mas quando a senhora condessa chega de madrugada, branca de cera e olhar turvado, compadeço-me ao vê-la diante do padecimento da filha sem a conseguir salvar, pois só Nosso Senhor tem esse poder, e Ele nem sempre escuta as preces dos pecadores, nem deles se amerceia.

Entorpecida, deita D. Leonor a condessinha no aprisco do colo, querençosa, miudinha e mal respirando já, enquanto eu vou orando sozinha, queimo incenso e queimo sândalo, mirra e rosmaninho, odores a entrançarem-se com o perfume do fumo doce e ardido nas braseiras do quarto.

Pão ázimo de cada dia, sem nenhum dulçor na escuridade, onde a tremer as duas aguardamos o fim,

escutando o som cavo da chuva caindo lá fora, a tornar-se lama por entre a névoa gelada.

†

Querida Maria
irmã da minha alma

Maria Regina morreu ontem de madrugada. Do mesmo modo alheado do pouco tempo que viveu.

Extinguindo-se.

Entregando-se, apagando-se.

Embrulhada nos meus braços, cerrou muito devagar as pálpebras como pétalas quase transparentes, sem o mais leve estremecimento do seu delicado corpinho febril.

Uma vidente havia previsto há meses a morte dela. Na altura ri-me da sua extravagância e acusei-a de ser ignorante, fiando-me na ciência que desta vez me falhou.

Confundida, já não sei mais nada, teimando no entanto nesta incongruente tentação de absoluto. O que não me impede de chorar há horas esta nova perda, reclamando da má sorte que parece perseguir-nos, minha irmã, desde meninas.

Dê a mana esta notícia a nossa Mãe e ao mano Pedro, já que o nosso Pai pouco se importa com o que de mal ou de bem me aconteça. Diga-lhe no entanto como tenho o coração partido, culpando-me sem alívio

de não ter cuidado melhor de Maria Regina,

de ter ligado tão pouco a esta filha, que nem me dei conta de ela estar a definhar em vez de crescer. Deste modo, minha irmã, terei de fazer luto também pelos meus fracos sentimentos maternos.

Garanta também à nossa Teresa a minha constância a seu respeito e que mais tarde lhe escreverei longamente. Por enquanto, as forças falham-me até para agarrar na pena e fazer os poemas que me pesam na alma.

Desta sua irmã que muito a ama
jamais deixando de a ter no pensamento
L.

Viena, 30 de Novembro de 1781

†

Ao túmulo da minha filha

Feliz quem pode com ligeiros passos
Calcar da morte a larva sonolenta,
Entregando à escura Eternidade
As horas da tristeza!

Sombras da Noite, lúgubres ciprestes,
Que o sol, medroso, da sua luz não toca,
Vós guardai um tesouro, que rodeiam
Mil gemidos maternos!

Tuas cinzas, oh filha! com que eu cubro
De morte e horror as horas mais ditosas,
C'o sopro dos meus ais revolvo sempre,
Cobrem-me a frente aflita!

†

Os dias passam depressa mordidos pelo desgosto, que apesar do próprio negrume pouco a pouco se deslaça.

A desandar no seu coração ainda em pedaços.

Mas Leonor é demasiado buliçosa e clara para se demorar durante muito mais tempo mergulhada na amargura. Embora continue a chorar a perda de Maria Regina, o rosto da menina vai-se afastando e a dor pela sua

morte vai sendo mitigada. Transformando-se o tumulto da perda numa saudade pacífica.

Maria Anna Elisabeth, condessa de Waldstein, de carácter mais irrequieto e turbulento que o da sua irmã Wilhelmine de Thun, arrasta-a para a roda-viva dos prazeres diários, ajudando no que pode o trabalho natural do tempo,

ao arrancá-la da penumbra doentia das salas, ao fazê-la sair todos os dias de casa, ora para almoçarem em casa da condessa de Zichy, ora a demorarem-se perto das fontes de mármore e nos jardins dos palácios de Viena, ou debaixo do encantatório caramanchão das rosas brancas do Palácio de Schönbrunn, a conversarem de filosofia, de poesia e de música; tendo ficado assinalada a presença empenhada de ambas em salas de concertos e recitais, em museus, grades e coros de conventos.

É por essa altura que Mozart toca em jeito de estreia, no salão de Maria Wilhelmine, o primeiro acto da sua nova ópera ainda inacabada *Rapto no Serralho*.

Leonor fica a olhá-lo de longe.

E apesar do riso que o compositor tem estridente e dissonante, ela encontra-lhe nos olhos enormes, cor de castanha dourada, uma profunda tristeza recolhida,

a contrariar a aparente alegria explosiva.

†

Quando já no final de Dezembro de 1781 Luiza Todi dá o primeiro recital na Áustria, Leonor quebra de vez o luto pela morte da filha e, infringindo todas as regras, vai na companhia do marido ao Teatro Francês assistir à estreia da cantora portuguesa, disposta a aceitá-la, cativada pela ideia não só da sua voz aveludada e intensamente voluptuosa, mas sobretudo pelo conhecimento do carácter determinado que a leva a querer afirmar-se.

Atraída pela fama de que Todi chega rodeada, acorre ao concerto a melhor fidalguia austríaca, príncipes e princesas exibindo o fausto dos

trajos de gala e o brilho ofuscante das jóias, que sob a luz das centenas de velas dos lustres de cristal formam uma espécie de halo ou cintilação estilhaçada.

Tomado de entusiasmo pela suavidade do seu canto, o Imperador levanta-se no final aplaudindo, e a partir desse momento é o delírio, numa mistura de ovação veemente, exclamações alvoroçadas, flores voando como pombas indo cair aos pés da cantora, a formarem um mar de rosas de púrpura, de camélias brancas e de lírios muito pálidos.

Quando no final se dirigiram ao seu camarim nos bastidores do teatro, Leonor repara no luzimento que os grandes olhos castanhos de Luiza Todi ganham ao cruzarem-se com os de Carlos Augusto, cuja mão trémula de perturbação leva aos lábios os dedos dela enluvados de cetim; e durante breves segundos parecem ter esquecido o resto do mundo.

Humilhada e surpresa, Leonor cede até ao estreito corredor apinhado, e dirige-se a um dos grandes salões do teatro, onde o marido a vai encontrar mais tarde embrenhada em acesa conversa com Gomes Freire de Andrade, os condes de Thun e mais alguns fiéis do seu salão. Ao chegar junto dela, o conde de Oeynhausen vê-a afastar-se com mal velada hostilidade.

Semblante altivo e fechado que não lhe conhecia.

OceanofPDF.com

†

XI

OceanofPDF.com

†

Se o ciúme uma vez morde2

Ai de nós! Se o ciúme uma vez morde,
E se no peito infunde o seu veneno!
As delícias então desaparecem:
Angústia pura n’alma atormentada
Corrode irada cada pensamento.
Adeus, leitos de rosas encantados!
Brilhai, últimos raios do sossego!
Despede-te, ó deleite fugitivo!
N’uma noite de lívida tristeza
A macilenta praga a mente envolve;
E d’internas visões mil grupos surgem,
Com mortíferas cores debuxados.
Os olhos lançam fogo melancólico;
E dos lírios e flores mais viçosas
Desconfianças murcham a frescura.
Um nebuloso aspecto Amor assusta,
Mostrando-lhe toda a alma envenenada:
Frenética… sem tino… a cada passo
As hórridas rivais de posse julga.
Basta; que este veneno até pintado
Aflige um coração franco e ditoso.

2 De «A Primavera», imitação livre de Thompson.

OceanofPDF.com

†

RAÍZES

A Rainha Mariana Vitória passa as noites sem dormir.

A febre do ciúme consome-a.

O fogo parece atear-se nas suas jóias de pedras incendiadas, mas ela reconhece as chamas criadas no sangue envenenado pela desconfiança e a suspeita, perfeitos nós brancos de ódio enovelado a fazer ninho no seu coração atormentado pela inquietude.

Não é o amor frustrado que a enfurece, nem sequer o facto de estar a ser enganada. A Soberana não ama, não anseia pelo Rei seu marido, a quem há anos apenas se sente obrigada. D. José está velho, feio e maleitoso, o seu grande corpo obeso não presta, cheira a urina, a vurmo, às chagas abertas nas pernas, a suor retardado; e o seu hálito, mistura de tabaco mastigado e rapé, só lhe provoca náuseas.

Há muito que o desejo por ele deixou de perturbar a Rainha.

Nunca o conhecimento das suas amantes tristes e vulgares lhe beliscaram o orgulho, lhe retiraram o sono, ou de algum outro modo a incomodaram, a precipitaram no poço onde agora se enrosca no fundo, saboreando a maresia do ódio e da raiva. Por vezes sufocando sob os vestidos de veludo e brocado que rasga, para em seguida, asfixiada, arrancar o espartilho, ficando apenas com a camisinha de cambraia, arrepiada, sentindo na pele despida a queimadura das opalas de fogo, dos rubis, das granadas, do jaspe vermelho, com uma ansiedade daninha a consumir-lhe a alma.

Desde que se deu conta do enlevo de El-Rei por Teresa, marquesa nova de Távora, a maré da correnteza do sangue de D. Mariana Vitória começou a tomar altura por entre as margens dos seus nervos em franja.

Passa as noites sem dormir,

corroída pela febre da emboscada.

Relembrando a acintosa relação dos amantes que diante de toda a Corte a humilham, a rebaixam e envergonham, enquanto ela se esmera no acto de iludir, de fingir não ver a impudícia, de não reparar no desacato, de não observar os desmandos sexuados.

É através do vidro da simulada indiferença transformada em distância que ela vai buscando os espinhos de roseira brava e infecciosa, ao espiar na jovem marquesa as maneiras libertinas, irreverentes, os modos licenciosos, a futilidade esvoaçando no estouvamento.

Estremece com o seu despudor.

Remói.

Dá-se conta de como ela rumoreja e esvoaça, exercendo a sua esquiva sedução de garça, gosto de fruto cristalizado na saliva do Rei, até ao regresso da Índia do marido e dos marqueses de Távora seus sogros, ignorantes da desonra entretanto semeada no seu nome.

A Rainha adoece de raiva, perde a noção de equilíbrio, delira, imagina participar em actos de vingança e crueldade: vê gumes de punhal e faca a lacerarem a pele acetinada de Teresa, ferida de lança e espada lancetando o seu seio, vómitos de veneno desenhados a sangue, golpe aberto lado a lado em caule de lírio ou de garganta.

Embora reconheça os nefastos efeitos da atracção doentia que a marquesa nova exerce sobre a sua vontade ressentida, a Rainha deixa-se arrastar pela insídia da arisca beleza de Teresa de Távora.

Invejando-lhe a silhueta frágil.

Desejando-lhe o corpo liso, trigueiro e franzino.

Por ele envenenada e enfeitiçada,

como se quisesse substituir pelo dela o próprio corpo, que desde menina tanto lhe sobeja: pesado, grosso, obstinado.

Mas, em si, muito mais lhe desagrada: a tez de um moreno sem brilho, o nariz, a boca pouco firme, os olhos pequenos de ónix entornado, olhar de gelo fixo no espelho dourado do toucador.

Não querendo testemunhas do seu descontrole nervoso, afastara as aias, as camareiras, as açafatas, até as fidalgas mais íntimas; e julgando-se sozinha debate-se sem entraves com os soluços e as lágrimas, que não a impedem de distinguir a sua imagem à luz da implacável lucidez por ela usada nos momentos mais difíceis.

Encoberta pela doce penumbra do *toilette*, sem coragem para se mostrar, a Princesa D. Maria dá em silêncio nervosos nós ao longo do cinto estreito do fato de renda cor de marfim e malva, enquanto o perfume da esteva e da madressilva, ao entrar pelas janelas entreabertas, ajuda a entorpecer o ar estagnado do quarto.

Acidental e invisível testemunha do desconcerto da Rainha sua Mãe, a Princesa esquece-se da aflição que a levara de corrida para lhe dar conhecimento das palavras e dos presságios ruins que os profetas da desgraça ultimamente têm dilatado, possuídos pelo mau agouro das suas visões sanguinolentas. Juntamente com os cataclismos antecipados pelas cartas e pelos cristais deitados por bruxas e videntes, que descalços percorrem os escombros de Lisboa, a fazerem crescer com as suas palavras de sombra uma espessa névoa de inquietude, que convocam para agravar o medo do povo

ainda assustado pelo terramoto.

OceanofPDF.com

†

MEMÓRIA

Ninguém de mim dirá ter sido uma mulher compassiva.

E sim tão forte e determinada quanto a natureza, dela colhendo os seus ensinamentos.

No ano de 1782 em Viena, no entanto, mais uma vez me senti ludibriada pela vida.

Hoje, ao recordar esse tempo, volto a lembrar-me de mim enquanto menina em clausura a debater-se para não soçobrar no destino adverso; e até na Áustria, prestes a mergulhar na melancolia, só podia contar comigo mesma, demasiado autêntica, perseverante e firme para que Orfeu descesse por minha causa até às catacumbas da morte a fim de me salvar da sorte funesta.

Em Viena, no ano de 1782, por momentos vacilei,

tal como tantas outras mulheres levadas ao longo dos tempos a renunciarem a si próprias, a assombrarem-se com o remorso de, em algum momento da vida, terem querido ser mais do que sombra, mais do que a sua imposta condição inferior lhes permitia.

Remorso o meu por ter deixado morrer Maria Regina; remorso por não ter estado atenta à sua debilidade; remorso por não a ter amado o suficiente; remorso por me haver deixado desviar pela escrita; remorso por me ter deixado seduzir pelo estudo e pela leitura. Remorso, sobretudo, por me ter deixado distrair comigo mesma.

Nestes arrependimentos contradizendo-me em tudo: nos princípios, nos ideais, na legítima ambição, na desmesura do meu sonho.

Assim, *«o ano de mil setecentos e oitenta e dois comecei-o sozinha»* – recordo-me de ter escrito no meu diário. Desconfiada de que Carlos Augusto tivesse voltado aos hábitos anteriores ao nosso casamento, preferi calar-me a enfrentá-lo.

Neste calamento não me identificando.

Tal como hoje, por motivos diversos, não me reconheço…

– Quem é esta que me assombra com o seu reflexo no espelho? – pergunto-me, perplexa com a desconhecida cruel que me fita em silêncio. Dando-me a ver sem piedade o Mundo a distanciar-se, a perder-se do outro lado das janelas, das paredes das casas onde tenho ultimamente vivido, saudosa de sentir na pele o sol rutilante de Lisboa.

Sentimento de falta, que me leva de volta a Viena onde, privada das grandes claridades, me debatia com a sua agrura gelada de labor afiado.

Navalha de ponta e mola cravada no meu coração aflito.

OceanofPDF.com

†

1782

Manda fazer um vestido de seda, com folhos e flores bordadas a matiz e lâminas de prata, no disfarce da nova gravidez; a cauda breve entretecida com estreitas rendas mandadas vir de Bruxelas. No entanto, Leonor não sabe se terá condições para sair nessa noite, apesar da sua imensa vontade de assistir à estreia de *Ifigénia em Táurida*, a nova ópera de Gluck.

O dia, agreste e sombrio com a sua farpa de gelo, impede-a de se concentrar no livro de Erasmo folheado ao acaso. Aninhada junto das chamas da lareira, torna a debruçar-se no volume aberto sobre os joelhos, tentando fixar nele a atenção relutante. Mas, ao escutar a carruagem que pára diante da casa e logo depois a voz do marido, levanta-se, atravessa rápida o estreito corredor e, numa pressa nervosa, desce o primeiro lance de escadas, dedos crispados no corrimão de madeira polida, a tempo de ver Carlos Augusto que, sem dar por ela parada no patamar, entra na biblioteca.

Os últimos degraus são galgados já a correr, para se esgueirar na penumbra da Sala dos Livros, iluminada pela fraca luz da tarde enevoada e pelo rubor dos ramos de cerejeira ardendo na lareira de mármore, a perfumar a casa. Ao deparar com Carlos Augusto junto da janela, meio encoberto pelos cortinados de brocado, a ler com atenção furtiva um carta de papel marfinado, só por milagre não derruba a mesa frágil que está no seu caminho, sendo a raiva incontrolável que a faz avançar, ainda evitando o ruído dos passos, a querer apanhá-lo de surpresa.

Mais tarde nem a si mesma saberá explicar o gesto hábil e determinado da sua mão, que num repente avança, flecha rápida a arrebatar-lhe dos

dedos as folhas às quais tanta atenção ele dedica.

Como suspeitara, a carta tem a assinatura de Luiza Todi.

†

D. Maria tenta a todo o custo não ouvir as intrigas.

Educada para obedecer, para acatar as ordens dadas pelos seus Soberanos Pais, sob a alçada de Sebastião José, e não para ser Rainha de Portugal, move-se com dificuldade pelos meandros dos jogos políticos construídos à base de falsidades e de hábeis mentiras.

Ao ponto de a Rainha se sentir ela própria perseguida por alguns dos fidalgos e ministros de sua confiança, que todavia parecem empenhados em fazê-la refém de si própria. Melhor dizendo, que a cercam pressionando-a, impelindo-a na maior parte das vezes no sentido contrário à sua consciência e a tudo aquilo com que sonhara um dia e agora pretende para o Reino.

Com persistência ambiciosa, eles não desistem, porém, de a demover ou de a influenciar com as suas argúcias, com os seus ardis, com a sua verborreia vazia. Como se a indecisão arredia, que ela não disfarça, a tornasse ao mesmo tempo acessível mas também imune aos argumentos utilizados. E isso exaspera-os.

Por vezes a Soberana sucumbe, insegura, sentindo-se prisioneira na teia que tecem em torno da sua vida e do seu trono. Foge de responder às ansiosas cartas com poemas que finalmente Leonor de Almeida lhe envia da Áustria, a tentar, enquanto sua protegida, esgrimir com a costumada inteligência em favor do marido. Pedindo protecção no sentido de desembaraçar o fio da meada que está a ser enredado na Corte de Portugal contra ele por Aires de Sousa e Melo, o marquês de Angeja e o visconde de Vila Nova de Cerveira.

O vento cortante de Fevereiro desliza veloz pelas alamedas dos jardins do Palácio de Queluz, a misturar em remoinho a gravilha, a terra, as sementes, os pequenos gravetos e as poucas folhas que apodrecem debaixo das árvores despidas. Encolhida na sua manta de marta branca, D.

Maria escuta o seu restolhar áspero a embater de encontro aos vidros das janelas do quarto, tentando recompor-se da noite mal dormida, invadida por tormentos e pesadelos que ultimamente a castigam.

A castigam de quê?

Qual teria sido o seu malfeito?

Na verdade, não é a si mesma e sim ao Senhor seu Pai e Rei que, em pesadelos horríveis, vê arder nas alteadas chamas do inferno, por conta da horrenda morte no cadafalso dos marqueses de Távora. Encolhendo-se mais ainda na sua agitação, a Rainha pressente de novo o insidioso vulto da culpa alheia a pretender tornar até ela.

Assombrando-a.

†

MONÓLOGO DO MARQUÊS DE ALORNA

Não esperes ver-me ceder, Pedro, jamais te permitirei qualquer desobediência, menos ainda em matéria de casamento

acordado e tratado.

Para rebeldias bastam-me as da tua irmã Leonor, com os desassossegos costumados, as teimas em escapar das mãos de quem a agarra.

Não penses que eu me importo, Pedro, quando te oiço argumentar no sentido de não amares aquela que, escolhida por mim, será tua mulher até ao fim da vida. Desiste de tentares comover-me com queixas de alma e paixões imaginárias. Os casamentos de amor são sempre uma desgraça.

Não tentes escapar, como é teu hábito, Pedro, às obrigações menos agradáveis, pois irás receber Henriqueta Júlia Gabriela como tua legítima esposa; enlace há muito sonhado por tua Mãe, que sempre te quis ligado à casa dos condes de S. Vicente.

Não ouses desafiar-me, a quereres levar a tua avante, Pedro, na nossa família há preceitos, há palavra, há honra; não se pode desdizer o que se encontra escrito, comprometido e assinado por mim.

Não disfarces a realidade, está nas tuas mãos, Pedro, mudar em harmonia as aversões que terás de esquecer, os absurdos motivos sem motivo nenhum que pareces querer inventar, contrariando-me a vontade.

Não experimentes, não te atrevas, não arrisques.

†

«Devo estar a endoidecer como Joana», imagina Leonor, a lembrar-se da singular e fascinante figura da Rainha Joana de Castela,

a Louca,

como ficara conhecida na História,

por se ter deixado perder de ciúme e paixão pelo Rei seu marido.

Leonor sente-se alarmada com a estranheza dos sentimentos equívocos e contrários a si mesma. Afinal ela nem sequer sabe

se continua a amar Carlos Augusto.

†

Nessa noite esperara-o até tarde, supondo-o na companhia de Luiza Todi que fora ouvir cantar no Teatro Francês. E quando ele chega, ao fim da madrugada, sem mesmo entender quando a sua exasperação havia começado, entrega-se a uma enlouquecida e descontrolada raiva, recusando-se com obstinação a escutar as suas desculpas.

Ao acalmar-se dá por si encolhida numa cadeira do quarto.

Exausta, mas finalmente serena.

Então, Carlos Augusto pega-lhe ao colo e, sem uma palavra, deita-a na cama, estende-a a seu lado, a tomá-la nos braços, lentamente a despi-la:

os sapatos e as meias, os saiotes de goma, as saias de sombra, o vestido de musselina cor de damasco que faz escorregar ao longo das pernas até ficar enrodilhado ao fundo da cama, onde irão juntar-se as culotes com

entremeios bordados e o corpete de paninho de linho alvo; deixando-lhe ficar apenas o espartilho, fitinhas cruzadas no aperto já lasso, que a gravidez no seu começo ainda suporta.

Os nervos a irritarem-lhe o corpo e a alma.

†

Metastásio olha-a de longe, reparando com preocupação na palidez da sua face, na crispação dos lábios, no olhar distanciado fito na janela que se debruça sobre a noite. Quando, ao vê-lo só, ela se aproxima, diz-lhe baixo, enquanto lhe segura com as suas enrugadas mãos de papel de seda os esquivos e gelados dedos:

– Vejo-vos hoje, D. Leonor, por demais ansiosa.

E como ela, sentada a seu lado, se mantivesse calada, acrescenta:

– Cuide a minha amiga em não permitir que, seja quem for, a perturbe desse modo.

Depois, atento, continua no mesmo tom aveludado:

– Vossa Excelência nunca se esqueça de que nada vale mais do que a pureza de um verso, só alcançável no estado da mais perfeita serenidade.

†

DIÁRIO

Eduquei-me para a harmonia, não para a discórdia.

Do mesmo modo que gosto de acarinhar as dúvidas próprias da minha natureza curiosa. No respeitante à filosofia e à ciência, as questões são aquelas a que sempre me levam o estudo e o pensamento irrequieto.

Existem também as dúvidas que advêm da desconfiança diante da atitude alheia, sendo esta tanto mais inquietante quanto mais perto de mim se der.

«*Quem ama confia*» – diz-se.

A vida, porém, tem-me demonstrado o contrário.

Viena, 10 de Fevereiro de 1782

†

Teresa depressa se apercebe do que está a acontecer debaixo dos seus olhos, entende as manobras, deduz os malfeitos, escuta o relato das maquinações, das perfídias que as açafatas e as camareiras da Rainha D. Maria lhe contam; e acaba por se fazer encontrada com a infanta Mariana Vitória Josefa, sempre aflita e sobressaltada por a sua sorte estar a ser jogada na Áustria.

Os rumores são muitos e desencontrados e a Princesa, sentindo-se perdida no seu centro vertiginoso, frágil e carente, ao dar conta do olhar compassivo de Teresa de Mello Breyner pregado nela, sem conseguir conter-se, desabafa, conta, narra, deixa correr as lágrimas que limpa com um lencinho de cambraia debruado a renda miúda, menina sem amparo no susto, a sentir-se rechaçada da Corte, do país, do regaço materno, por conta de um dever que não entende nem tem vontade de cumprir, contrariando e desdizendo caso pudesse a palavra dada pelos reis seus pais.

«D. Leonor de Almeida não sabe, mas há na Corte quem não queira ver-me casada na Áustria e sim em Espanha, com o pretexto de Portugal conseguir ligações e acordos, dar laços entre os nossos países. Mas tenho razões para acreditar ser o primeiro de todos os motivos o descrédito que se pretende lançar sobre o Conde de Oeynhausen, seu marido…»

Diante do prudente calamento de Teresa, franze a boca amuada, acrescentando com uma inesperada raiva adulta de quem se vê encurralada: «A mim, afinal, tanto se me dá casar na Áustria como em Espanha. Mas se tenho de sair de Portugal para casar com quem não conheço, então, senhora Condessa de Vimieiro, que seja bem longe daqui!»

Sem se deixar comover enquanto a escuta, Teresa vai analisando friamente a palidez doentia do rosto enfiado da Princesa, onde apenas ganha brilho o negrume do olhar febril à medida que narra o carrego dos dias, demasiado pesado para os seus ombros frágeis que o vestido verde-maçã de rendas e de organza em vez de disfarçar acentua.

Fiado de pérolas no pescoço de íbis branca.

Ouvinte benévola de Mariana Vitória Josefa, a condessa de Vimieiro sente-se à vontade para ir fazendo as ligações inevitáveis àquele caso, não demorando a perceber quanto aquilo que no início poderia não passar de mera suspeita do seu espírito imaginoso é afinal uma gravosa verdade: há um grupo de ministros e de fidalgos da Corte empenhado em retirar ao conde de Oeynhausen o cargo de embaixador na Áustria, lugar que Leonor a tanto custo e esforço havia conseguido da Rainha D. Maria.

Surpreendida, Teresa dá-se conta de ter entre as suas as mãos inseguras da infanta chorosa, e sequiosa de saber mais, na tentativa de salvar a amiga, não tem escrúpulos em usar o truque do compadecimento a fim de conseguir obter os dados possíveis.

Terá de ir com urgência à Academia das Ciências contar com detalhes ao duque de Lafões o que escutara da boca trémula da Princesa. Teresa tentará que ele aceite usar a sua influência junto da Rainha em benefício de Leonor.

†

Filinto Elísio não quer acreditar no que Suzanne Necker lhe anuncia, depois de ter lido a carta que Leonor de Almeida lhe enviara, a confiar-se assustada: mal dera à luz a segunda filha, entretanto morta, encontra-se grávida de novo.

Aflige-o a vulgaridade da situação, confrange-o a queixa entristecida e demasiado conformada contida nas páginas cobertas pela caligrafia tão sua conhecida; horroriza-o a descrição da banalidade. A realidade de mulher parideira em detrimento do destino iluminado para o qual, segundo ele, Leonor estaria predestinada.

Filinto reconhecera logo o valor do seu talento de poeta, menina a desabrochar mulher à sua vista, sedenta de saber e de liberdade; discípula ensinada por prazer, a contas com a ambivalência por ela desencadeada, deixando-o estonteado e contrafeito.

Agora a fazer-lhe lembrar Maria

apesar de serem irmãs tão diversas. Entre ambas se dividira, mas sempre que cedera a Leonor esta rejeitara-o, para logo tornar quando ele se aproximava de Maria. E Filinto envergonhava-se por se perceber tão fraco.

Mas como esquecer ou substituir Alcipe? Sobrepor à sua imagem idealizada uma nova só irá desfocar ou empanar-lhe o brilho dos traços, desfear-lhe o perfil, quebrar-lhe a harmonia da face intacta.

A atracção que continua a sentir por ela embaraça-o, mas não por ser padre, pois, passados tantos anos em França longe da Igreja, de eclesiástico só lhe resta o modo como ainda é nomeado e as vestes que enverga por comodismo e costume.

Porquê recordá-la – pergunta-se – se isso o inquieta?

Tal como o perturba a recordação de Maria, que a ela, sim, amara. No entanto é de Leonor que se sente prisioneiro, apesar da sua rebeldia e desmandos; não sabendo explicá-la enquanto mulher, ela atemoriza-o, mas também o convoca.

E neste dilema arde a sua alma.

– O senhor Manuel do Nascimento nem me escuta, perdido em devaneios! – faz-lhe notar com secura Suzanne Necker, a semicerrar os olhos de um azul de aço.

– Pensava em como a senhora Condessa de Oeynhausen merece mais do que a trivialidade feminina de um permanente estado de gravidez. Não sei se Vossa Excelência me acompanha no raciocínio…

Suzanne Necker fita o poeta português, assíduo frequentador do seu salão das terças-feiras, e responde com ironia agreste:

– Estou a ver que, na Condessa de Oeynhausen, ao senhor Manuel de Nascimento só lhe agrada a poetisa. – E hesitando um tudo-nada,

acrescenta mais branda:

– Nela, a maternidade desilude-o.

– Tenho de confessar que não gosto de vê-la trocar a poesia por filhos.

Impaciente, Suzanne abana a cabeça delicada, cabelos de ouro alinhados debaixo do severo arranjo de tule cor de marfim, acabando por responder com triste ironia:

– Há cousas, senhor poeta, que uma mulher não escolhe. Simplesmente acontecem-lhe.

Filinto Elísio cala-se remoendo a memória, onde permanece gravada uma jovem Leonor organista do convento de Chelas, leitora ávida, estudando com entusiasmo na cela árida ressumando humidades, ou Alcipe na grade a declamar poesia, a defender Rousseau e Voltaire, a quem admirava tanto quanto desprezava Pombal.

– Pois eu compartilho a preocupação e a indignação do senhor Manuel do Nascimento, senhora minha Mãe!

Louise Necker, até aí silenciosa, pousa na banqueta de veludo carmesim o livro que tem nas mãos, levanta-se de rompante, dizendo com veemência indignada:

– A senhora Condessa de Oeynhausen merece melhor destino. Eu defendo que o ser-se mulher não é cumprir esse nada que nos transfigura.

Filinto reconhece Leonor no arrebatamento de Louise pois, apesar da diferença de idades, a ardência da alma e do sonho são idênticos. Segundo ele, a Alcipe que em Chelas ansiara pela Europa teria agora de exigir o mundo.

Ambicionando a glória da eternidade.

†

«Minha Oeynhausen

Não te deixes abater pelos Invernos em Viena. Os frios tratam-te mal? Eu creio ser a tua fecundidade que te prejudica. Imagino que um filho é tudo o que tens de novo, e com isso me regozijo, pois o sangue que veio

pela tua boca não tornará a aparecer. Falemos, pois, do que cá vai, e hoje só da tua família falarei. O teu irmão casou sábado… que posso eu dizer que tu ignores? Na verdade tu não és uma mulher feliz em cunhados. Mas a tua filha compensa-te de tudo, porque é a mais galante criança que se pode ser na sua idade: esguedelhada, sem nenhum género de galanteria, é uma formosura, vestida de donaire e muito alta, é uma galantíssima boneca; mas de qualquer modo mostra uma alma digna de ti. Tua mãe tem loucura por ela, e na verdade me parece que não resistirá à separação dela, se este golpe lhe for dado.

Tu sabes certamente da magnificência dos presentes que o teu Pai deu à sua nora; e diz-se que não foi só os presentes o que deu… Tanto seria preciso para casar teu irmão?

Sou como sempre a tua amiga fiel
T.

Lisboa, Fevereiro de 1782»

†

CADERNO

Goethe! Goethe!

Não consegui descobrir nenhum livro seu nas bibliotecas reais, mas Maria Wilhelmine tem um volume da sua poesia e copiou dele alguns versos para me dar.

Pretendo decorá-los um por um.

Para honrá-lo.

Quero captar todos os matizes e cambiantes da sua surpreendente modernidade e declamá-los no salão de Metastásio, onde provarei o génio

e a imortalidade de Goethe àqueles que contra ele invejosamente clamam, armam e congeminam.

Viena, 10 de Março de 1782

†

Primeiro inclina-se diante do Papa, com vagares de aparato.

Em seguida flecte o corpo, até ficar de joelhos na laje, defendidos pela saia do vestido verde-lima de seda bordada, faixa de pérolas a marcar-lhe a cintura ainda intacta. Um arranjo simples de tule rosado cobre-lhe a cabeça, deixando-lhe no entanto a descoberto o macio cabelo semeado de brilhantes, canudos longos a afagarem ao de leve a pele macia da longa haste do pescoço.

Com uma espécie de humildade que desconhece em si mesma, desce o olhar que detém no estrado de madeira com incrustações de marfim onde se encontra sentado Pio VI numa majestosa cadeira sob o dossel imperial. Mãos magras e pálidas fechadas nos joelhos cobertos pelas pesadas vestes de brocado dourado, que apenas deixam ver a ponta afilada dos sapatos e as fivelas cravejadas de diamantes, refulgindo à luz vacilante das centenas de velas dos lustres de cristal.

Um grande silêncio toma conta da sala quando Leonor baixa mais a cabeça, o rosto oculto já pela sombra vinda do chão, a sentir-se envolvida por um intenso cheiro a poeira e suor áspero que o odor do incenso e dos círios intensifica, nauseando-a a ponto de a agonia se transformar num vómito a trepar pela sua garganta; espasmo dominado a custo, teimando em manter a respiração suspensa. E é já com pressa desatenta que beija o pé coberto de Sua Santidade, honra extrema que lhe fora concedida e ela aceita, indecisa entre encher-se de orgulho ou sentir-se ridícula naquele gesto de falsa humildade.

Carlos Augusto estende-lhe a mão enluvada de branco, na qual Leonor se apoia para voltar a erguer-se, afogueada e entontecida, caracóis desalinhados sobre a testa alta, saia amarrotada que tenta alisar contrafeita

ao saber-se olhada por inúmeros fidalgos e fidalgas vindos de toda a Áustria ao Palácio Imperial de Hofburg.

Mal pode, deixa para trás o marido, embrenhado em animada palestra com o conde de Colloredo e afasta-se na direcção do imenso terraço debruçado sobre a alameda principal do Palácio. Esvaída, encosta-se a uma das colunas da balaustrada, permitindo que o olhar parta voando por entre as árvores do parque a perder de vista, sem se deter nas flores jubilosas nem nos cintilantes jogos de água dos lagos tranquilos, enquanto o vento lhe vai arrefecendo a brasa acesa do rosto.

Mais tarde o Papa, levado por tudo o que lhe haviam contado a seu respeito, em matéria de cultura, brilho de inteligência e argúcia, manda chamá-la. Dizendo-se um melancólico com disposição poética e inclinação unicamente para as cousas do espírito, na verdade está curioso por conhecer pessoalmente a neta dos marqueses de Távora, de quem tanto ouvira falar no Vaticano.

– Espero bem, senhora Condessa, que os vossos versos cantem os lugares da alma e da contemplação, das santidades, da pureza implacável da condição dos anjos – avança ele a certa altura, buscando a sua reacção.

Por um breve instante os olhares de ambos cruzam-se sem apego, doçura ou compaixão.

Provindos de universos desencontrados e controversos.

OceanofPDF.com

†

ANGELUS

Nunca saberei se me adivinhas o rumor quando volteio em torno da tua vida, tu, meu brilho e fulgor de regozijo. Vi-te ajoelhar aos pés do Papa, lívida como se o ar te faltasse e tu perigasses numa titilação

de ave aprisionada,

meu cisne

e laço do mesmo nó, tu que és da condição dos mitos e dos lumes, por onde cuido de te saber minha Ceres

com pele de seda de Alexandria,

tão diversa de todas as entidades que junto de ti se apagam; e mesmo alheada como andas, a tactear a vida que vais sublimando, ajustas a natureza aos teus desígnios, usas a teu favor a cintilação das estrelas, a luminosidade das constelações boreais, o deleite das enseadas, a fertilidade da terra e os ocultos poderes dos jardins suspensos de Babilónia.

E nessa imensidão nomeias, distingues a cor das auras, conheces a laceração das almas, o poder dos planetas, as marés luzentes dos úteros dos corpos femininos ávidos.

Durante as insónias passeias pelas áleas, as salas da Biblioteca de Alexandria, teu Éden onde se resguarda a insubordinação do conhecimento, o deslumbramento da beleza eterna, o voo dos poetas,

a rosa de ouro dos alquimistas.

Enquanto desvendas o entendimento, a essência urgente das palavras da escrita, no labirinto da mente,

Ariane tecendo com as artes da sedução o seu fio longuíssimo, translúcido e cismado.

†

Depois de uma longa espera, Leonor recebe finalmente uma carta de Pedro a dar-lhe conta da sua experiência de recém-casado, tentando aligeirar os sentimentos doridos. Ela, no entanto, pressente o peso do fardo, o desencanto que o irmão carrega:

«Ao ponto desta, já tu sabes que estou casado. Eu quis logo dar-te parte disto e desejava que esta notícia não te chegasse por ninguém primeiro do que por mim; porém, andei tão atrapalhado que não pude fazer, e também posso dizer que não quis porque se o fizesse nos primeiros dias havias de ficar triste, assentando que eu estava muito contrafeito. A falar a verdade no dia do casamento antes eu queria levar duas estocadas do que passar por semelhante passo; nos dias seguintes andei em um combate interior que me custava infinito a disfarçar, mas finalmente desenganei-me de que não é o Diabo tão feio como o pintam e principio a dar-me belamente com o novo estado, e deste modo podes estar descansada a meu respeito porque estou restituído ao meu antigo estado de folgazão que tu conheces; tendo demais a mais vencido um passo tão dificultoso para a minha imaginação e de que meus pais tinham tanto desejo, ajuda também a alegrar-me.»

No mês seguinte ao casamento de Pedro, Maria escrevera a Leonor a contar da tristeza em que o via mergulhado, melancolia mal disfarçada mesmo quando junto de Henriqueta, sua mulher, que ele lhe descreve com crueldade irónica:

«É uma mocetona da tua altura, bem feita, não é formosura mas não é feia, corporalmente muito bem educada, entra bem por uma casa, dança bem, canta nem por isso, à mesa faz muito bem as honras…»

Com amargura, Leonor reconhece os sinais destruidores da vontade implacável do Pai: um rasto de infelicidade na vida do irmão, como já acontecera com Maria.

†

Leonor começa a sentir espaçarem-se as agonias, as azias, os vómitos, as ânsias de quando acorda, embora o levantar-se da cama, o aflorar com os pés nus a lã macia dos tapetes lhe desencadeiem vertigens que a empurram de volta para a quentura dos lençóis.

Apesar de tudo, mesmo as tonturas começam a acalmar-se.

Durante as insónias que continuam a atormentá-la, parece-lhe escutar os ruídos mínimos do seu corpo

a transformar-se:

dilatando-se, alargando, como se a arranjar espaço para a criança ainda sem nome, a crescer dentro da sua barriga, anichando-se, aconchegando-se, aninhando-se no sossego da mistura de águas tépidas, mansas cores entorpecidas e de odores macerados, entrelaçados.

Perfumes que também chegam a Leonor, a acompanham ao longo do dia, e que só ela reconhece na sua mescla adocicada de baunilha e canela, esbatida pelo travo do zebro e do tomilho; essência com a palidez das açucenas, a delicadeza de uma brancura rosada e equívoca.

Recorda-se de Maria Regina e de Leonor Benedita terem cheirado assim, nela marulhando antes de nascerem; o mesmo ruído abafado, feito por um mínimo desfolhar apressado, um perpassar de asas, um breve sopro, um suspiro, um levíssimo respirar sem peso.

Leonor sabe ter uma menina dentro de si.

A exigir-lhe cada vez mais atenção e entrega,

dedicação e zelo materno.

†

O velho poeta vai-se gastando nos dias.

A cada hora que passa mais alquebrado, amparado por grandes almofadas; esvaindo-se agarrado às palavras já ininteligíveis que mal traça nos cadernos abertos sobre o pequeno tampo da escrivaninha de leito,

disposta como uma ponte por cima das pernas inchadas, encobertas por mantas de arminho e marta.

À sua volta, em vez do alvoroço habitual, feito de poemas declamados, de luzes, de discussão, de música interminável, espalha-se um silêncio de mau agouro. Clima mórbido do qual Leonor foge quando encontra pretexto para recusar os convites, os pedidos, a convocação urgente da sua presença.

No fim de tarde do dia doze da Abril, encontrando-se sozinha sentada à beira da sua cama, Leonor deixa-se ficar na demora empurrando os minutos, enquanto fita triste e fascinada a mão trémula de Metastásio, que teima até ao fim no trabalho da escrita poética: sua última tentativa de acompanhar o pensamento até à encruzilhada de intermináveis caminhos inalcançáveis.

Ao despedirem-se, ambos sabem ser a última vez que se vêem. Ela busca ainda o apoio do seu olhar generoso. Metastásio retém-lhe a mão esguia no gelo da sua.

A temerem os dois o negrume da morte.

†

Minha amada eterna

Esta é uma carta de alerta para aquilo que, creio, o teu conde tentará esconder-te: a urdidura das intrigas da Corte portuguesa no que te diz respeito, os sintomas de envenenamento da mente da nossa Rainha e Senhora virando contra ti e teu marido o seu espírito aflito e frágil.

Tentei tudo por tudo a fim de afastar dos teus ombros mais este peso: fui à Academia das Ciências falar com o duque de Lafões para obter para ti o seu interesse, cheguei mesmo a abordar a própria D. Maria, que se fez desentendida, mas pouco ou nada consegui avançar com vista ao teu alívio. E embora esteja consciente dos perigos que corro ao escrever esta carta, faço-o pelo amor que te dedico e pela lealdade que te devo.

Está pois atenta às mudanças de humor de teu marido, tenta ter acesso às suas pastas, aos seus papéis e cartas oficiais chegadas de Lisboa pelo

correio diplomático. Quando tiveres claras provas de tudo o que nestas linhas te conto, vira o mundo do avesso, explica-te directamente a Sua Majestade, utiliza a influência das princesas, escreve ao arcebispo de Tessalónica, apoia-te quanto puderes na realeza, pede ajuda a teu irmão e a teu Pai.

Não permitas que destruam a honra do teu marido. Na Corte corre a notícia de que o teu conde teria voltado a entregar-se ao vício do jogo, dando por isso pouca atenção ao negócio do qual foi incumbido enquanto embaixador em Viena e desse modo fazendo vacilar o êxito dos enlaces das Casas Reais portuguesa e austríaca.

Não te deixes vencer nem permitas que te apunhalem pelas costas. Toma cuidado amiga da minha alma, porque o veneno uma vez espalhado só pelo seu antídoto poderá ser debelado.

E eu duvido que o tenhamos em nossas mãos.

Beijo-te com toda a minha amizade.
Tua para sempre
Teresa

Lisboa, 20 de Maio de 1782

†

As manifestações de dúvida, de desconfiança ou mesmo de crítica aberta ao seu desempenho como embaixador de Portugal em Viena, aos seus erros na análise política, à incapacidade de decisão e falta de pulso firme começam a chegar a Carlos Augusto. Boatos passados sobretudo entre os portugueses frequentadores dos salões, onde continua a sentir-se a influência dos opositores ao duque de Lafões que durante anos estivera exilado em Viena.

As observações mais gravosas, porém, chegam pelo correio diplomático, ora do gabinete do secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra, Aires de Sá e Melo, ora da própria Rainha que, afinal, até

continua a revelar condescendência ao mostrar-se apenas desagradada com a inconclusão das tarefas de que o incumbira.

Mas Carlos Augusto é sobretudo um militar.

A política perturba-o.

†

Eugénia Maria Josefa de Bragança vê-os chegar, com uma ponta de azedume e descontentamento; nunca simpatizara com Aires de Sá e Melo e, apesar dos laços familiares, o próprio marquês de Angeja é-lhe antipático, devido à manipulação sem escrúpulos das grandes fraquezas do seu marido, o visconde de Vila Nova de Cerveira, de quem é mulher contrafeita.

Diante deles Maria Josefa cala o desagrado, mas a sua filha Maria Ana Josefa, cheia das maiores suspeições, deita-lhes um demorado olhar de lince antes de ambas abandonarem o salão, onde conspiram a tramar novos planos e enredos, certamente contra o conde de Oeynhausen, a quem nenhum deles perdoa a atribuição do cargo de embaixador de Portugal em Viena pela Rainha D. Maria.

A Maria Ana Josefa bastara-lhe escutar o início da conversa para adivinhar o resto, sem sentir a necessidade de ficar à escuta por trás da porta pesada, deixando apesar de tudo uma frincha entreaberta. Pensamento logo afastado, presa dos preparativos para o baile dessa noite no Palácio de Queluz, vestido de seda branca a avivar-lhe a morenez da pele aveludada.

Mas os motivos que fazem brilhar o negrume dos seus olhos de cigana prendem-se com Leonor de Almeida, ao tentar encontrar forma de melhor a prevenir das intrigas que estão a ser urdidas contra ela nos salões da fidalguia portuguesa.

Ultimamente tem pensado com preocupação na amiga, que conhecera quatro anos antes na Corte de Almeirim, em Agosto de 1778. Impossível esquecer o quanto se divertiram, juntando a alegria das duas ao estouvamento das jovens fidalgas e das açafatas, num revolvimento onde

se misturavam a insensatez e a puerilidade das infantas. Inconsciência de todas, cortada somente aquando das súbitas visitas da condessa de Vimieiro, severa, demasiado séria e senhora de uma impositiva amizade com Leonor.

No entanto, mais do que de Teresa de Mello Breyner, lembra-se de ter sentido ciúmes da bela viúva Joana Isabel Forjaz, com a sua poesia ardente, fragilidade ardilosa e requebrada, pulsos quebradiços, mãos volteando como se dançassem, quando na penumbra dos salões reais declamava sonetos ou entoava sonatas. Pior ainda era quando ambas se refugiavam nos aposentos uma da outra, entre risos à socapa e malícias de estouvamento; então, ficava a remoer ódios e a desfolhar malmequeres, entre o «muito pouco e nada» de cada pétala.

Ana Josefa, impaciente, tenta afastar recordações que preferia esquecidas, pois ainda hoje lhe levantam dúvidas e lhe convocam melancolias inusitadas. No entanto, são as premonições ruins que a preocupam, pois tem por costume dar ouvidos às suas intuições que raramente falham. E são elas que a levam de volta à porta entreaberta do salão, onde sobressaem as vozes do ministro Aires de Sá e Melo e do marquês de Angeja.

†

Com o pó que guarda na caixa de cristal e prata lavrada, em cima do toucador, tenta disfarçar as olheiras fundas que lhe ensombram as faces pálidas. Mais um vez grávida, frustrada e infeliz, entretém-se a colorir as pálpebras translúcidas com as tintas azuis e lilases.

Procurando salvar-se e à lucidez que tanto preza, Leonor faz versos, mas em seguida larga-os por todo o lado enquanto espera ansiosa por Carlos Augusto.

Se ele regressa a casa mais tarde do que é hábito, cheira-lhe a camisa, a farda e, desconfiada de tudo, revolve-lhe os bolsos sem saber o que procura, a desconhecer-se nesses actos tão abaixo da sua condição e dignidade.

«Ando a dar cabo de mim própria» – pensa. Lamentando estar em Viena, com a qual tanto sonhara mas que já quer abandonar.

Voando?

Queimando!

†

Treme quando a vê incendiar-se,

tomar o fogo da chama.

Ao voltar a casa depois das noites passadas diante das mesas de jogo, evita fitar Leonor, olhos de cinza azulada que o devassam, calando ele as palavras que lhe deve; pois à medida que as tece desfia-as, desfá-las uma após outra por cobardia, esgarçando-lhes a malha apertada. Murmúrio velado por dentro da voz enrouquecida, num discurso prudentemente apagado:

«Conheço e adivinho em ti a discordância em relação aos meus actos, gostos e prazeres, que sempre te parecem medíocres e a que chamas as minhas fraquezas, mas que para mim são fruições insubstituíveis, amor da minha vida que jamais deixarás de o ser, embora com o teu modo determinado e inteireza de orgulho me distancies de ti.

Tu de macieza áspera,

carácter de rectidão urdida e finura de trato, a afastares-me, também, devido aos teus sonhos e à apetência que guardas de heróis e actos sublimes, portanto frustrada diante das minhas banalidades.

Talvez eu não seja mais, Leonor, do que um mero militar hoje sem brilho, nem habilidade para os jogos da política. Ao contrário do que imaginaste ao interessares a Rainha de Portugal a meu favor.

Quantas cousas minha amada de seda natural,

devo esconder da tua vista, desejando embora não te dissimular nada da minha vida; afastado que sou tanto da filosofia como do entendimento da ciência.

Longe das asas e da poesia.

Mas tu desconfias, sei que desconfias, das minhas mansas torpezas, dos meus vícios, das baixezas que na Corte de Portugal se levantam, sem eu saber como escapar de novo às cabeças da Hidra a fim de levar a bom termo o enredo desta minha história contigo. Necessitando de ti para não me afundar no mar de palha onde me afogo.

Mas eu sou água, meu amor, e tu és chama.

Por isso, se de ti me abeiro, de mim me afasto.»

†

DIÁRIO

Vejo Carlos Augusto a afastar-se sem remédio,

preferindo iludir a verdade a encontrá-la no fundo do meu olhar, no âmago das minhas palavras. Decepcionando-me mais a cada dia, com as suas pequenas fraquezas, a sua apatia e os encantamentos por amantes fáceis que não o merecem.

E há também as dívidas de jogo.

Até que ponto será ele irreparavelmente fraco?

Dúvida que acoberto, encobrindo-a e encobrindo-o. Na tarefa impossível de ocultar dos outros os seus ínvios desacatos, tentando ajudá-lo a recuperar o respeito perdido. Para mim, amar implica admirar esse alguém que me enleva.

Sinto-me tão desiludida que nem a poesia me salva.

Viena, 10 de Julho de 1782

†

Se Carlos Augusto muito é afrontado pelas intrigas e as invejas que contra ele se movem na Corte portuguesa, também bastante se diverte na capital austríaca. Leonor não tem conhecimento onde ele passa o tempo que em Viena lhe sobeja.

Ela sabe que o marido voltou às mesas de jogo e encontrou novos encantos, depois de Todi ter partido a caminho da Rússia. Aturdida, mas consciente de estar a afundar-se num desconcerto que a assombra, sente-se atingida pelo venenoso aguilhão da dúvida.

Sempre desconfiando, a perturbar-se inquieta, dá-se conta de um sentimento até então seu desconhecido, a trazer à tona uma inesperada faceta do seu carácter, que a incomoda e tenta esconder dos outros.

Acaba por ser Carlos Augusto a desmascará-la com regozijo:

– Tu és ciumenta!

†

O bilhete que ele esconde à pressa no estreito bolso do colete de veludo preto é o recibo da dívida do jogo da véspera, que acaba de pagar. Sem poder provar ainda o que intui, Leonor tenta encontrar o olhar fugidio do marido, a querer confirmar, de uma vez por todas, aquilo que na realidade já sabe:

– Voltaste a jogar!

Carlos Augusto, aparentando severidade e surpresa mas na verdade inquieto, finge indignar-se com essas suspeitas que garante não serem mais do que delírios da sua mente desequilibrada pela gravidez.

A partir desse dia Leonor sente o sangue envenenado, o amargor da saliva grossa, a agonia funda, o vómito ácido retido a custo. Da poesia que escreve aproveita uns poucos versos, e nem esses guarda, sem entender o que se passa consigo. Os nervos esgarçados, as lágrimas à flor dos olhos, o soluço do choro a soltar-se do nó que o prende. O desespero assalta-lhe o peito opresso, e de tal modo lhe faz morada no coração, que este dispara num tropel revolto.

Quantos planos de glória traçados para quando lhe abrissem as portas do convento, e ei-la agora debatendo-se com amarguras e tristezas, sofrendo com mesquinharias que a envergonham.

Não será ela capaz de traçar o próprio destino?

Inconformada com o pouco que a vida lhe tem dado, sabendo do muito que para si deseja, lembra-se da confissão de Goethe: «*Nunca pensei que alguma coisa tivesse de ser alcançada, sempre pensei que já a tinha*.»

†

A gravidez adiantada aprisiona-a:

embaraça-a, impede-a de ordenar o pensamento, de mover-se livre como gosta. Nunca foi tão pouco dona do corpo que lhe foge, nem da vontade entretanto perdida por entre dúvidas e incertezas.

Como uma nova clausura, encarregada de lhe apagar os sonhos.

Chegara a acreditar ter conseguido tomar nas mãos as rédeas da sua vida. Mas desse anseio, o que permanece afinal intacto?

Da poetisa dos sonhos, dos voos e da desmesura nada resta. No seu lugar encontra-se uma mulher céptica e amargurada.

†

Leonor sente-se arrependida de não ter ido à ópera com Carlos Augusto; a música faz-lhe falta. Não lhe basta tocar saltério todas as manhãs fechada no seu gabinete, onde pilhas de livros em desequilíbrio cobrem as mesas, sobejam dos armários e das estantes que forram as paredes, à excepção daquela à qual está encostada a sua cadeira de leitura, encimada por um belíssimo quadro de Sequeira.

A pintura aquieta-a mais do que a poesia. Talvez por isso pinte tanto desde que está em Viena: fizera de memória os retratos de Maria e de Maria Regina; captara em várias telas a magia dos tons misturados das águas do Danúbio; fizera um auto-retrato para mandar ao pai, tentando suavizá-lo, e outro da avó Leonor de Távora que escondera de todos, tal

como um esboço do rosto de Gonçala, de quem tem saudades. Sobre a escrivaninha preferira no entanto pendurar duas aguarelas de flores de Maria Wilhelmine.

Túlipas?

Túlipas, amores-perfeitos e cravos-da-índia.

Leonor embrulha-se na echarpe de seda vermelha, atenta aos sons da rua e da casa adormecida, dando-se conta a certa altura de que a madrugada começara a árdua tarefa de entretecer a claridade, tingindo com ela as árvores do jardim em frente.

Carlos Augusto só chegará com os primeiros alvores da manhã.

†

CADERNO

Louise Necker fez-me chegar estas palavras de Madame Deffand, copiadas de uma sua carta datada de Maio de 1767, dirigida ao seu jovem amante Horace Walpole:

«*Ai, a razão, a razão! O que é a razão? Que poder exerce em nós? Quando fala? Quando a devemos escutar? Que bem, afinal, procura? Triunfará ela sobre as paixões?*»

E acrescenta, contrariando os seus quase noventa anos: *«Só me escuto a mim mesma, e não encontro mais que dúvida e obscuridade.»*

Viena, Agosto de 1782

†

Constanze Sahlin, a ama austríaca de Maria Regina, vive a maior parte do tempo sozinha na ala vazia das crianças, aguardando que nasça o

próximo filho dos condes de Oeynhausen. Enquanto espera vai lavando e engomando as faixas, os cueiros, as fraldas, as botas e camisinhas de cambraia, os pequenos casacos como nuvens de lã macia. Com desatenção alheada, alisa as fitas e os fitilhos de seda, os sapatinhos minúsculos de cetim, as múltiplas toucas de folhos; passando e repassando com goma as rendas de decorar o berço alto, fazendo e desfazendo os seus laços, sacudindo à janela o tule transparente do véu que esvoaça nos seus dedos, crepitando quando o vento o enfuna.

Leva, desassossegada, os dias inúteis a empreender no medo, adentrando-se nele, sem conseguir iludir o desacerto que devagar a está minando, a remoer solidões e pensamentos suspeitos, tomada por mal-estares inexplicáveis, que cobardemente a colhem para a largarem de seguida alagada em suores. Chega mesmo a imaginar, apavorada, que lhe pagam para ser guardiã da menina morta.

Para tomar conta da menina morta.

Há noites em que julga ver um rasto de luz a esgueirar-se por baixo da porta do quarto onde Maria Regina ficara durante os poucos meses da sua vida, mas quando, hesitante e a medo, entreabre a porta, depara-se apenas com um denso e cru negrume que a faz recuar assustada. Parecendo-lhe, no entanto, escutar um ligeiro silvo, igual ao da leve e entrecortada respiração da criança antes de os anjos a levarem, aconchegada nas plumas brancas das asas.

Noutras horas supõe dar conta do despontar de um translúcido perfume a esfumar-se volátil ao longo daquele andar da casa, numa mistura de alfazema, almíscar e febre alta: o mesmo odor que a condessinha exalava durante a doença, cheiro à fraqueza que pouco a pouco a foi extinguindo.

Durante as madrugadas insones, tropeçando nos próprios passos que se enrodilham na camisa de dormir, Constanze desabotoa os botões que lhe oprimem o peito, e ardendo com o calor árido daquele Agosto de 1782 em Viena, desce quase às cegas as escadas com a intenção de ir matar a sede na cozinha, onde aproveita para se refrescar um pouco espargindo-se com

a água fria dos potes de barro, os pés descalços arrastando-se em busca do frescor da tijoleira.

Com a mão direita agarra o corrimão de madeira encerada, enquanto a esquerda segura a pequena palmatória subida à altura do peito. Mas a claridade ambarina da vela parece estagnar à sua frente, recusando-se a espalhar em torno o halo amarelecido e brando da chama fraca. Por vezes cruza-se com a condessa D. Leonor que, à beira de parir, ilude tal como ela as suas insónias.

†

Por vezes à noite,

outras durante o dia, parece-lhe escutar o choro desabalado de uma menina, ficando sem saber quem chora: se aquela que está dentro do seu ventre, se Maria Regina a lamentar a própria morte.

Temendo as trevas.

Tão bela e turva e ruiva.

Reverberando.

No torvelinho dos poucos dias de vida, já mal recordados por todos.

Tomada por um medo irracional e incongruente de que no seu corpo uma menina possa estar a ser trocada, tomada, fusionada, incorporada por outra. Ou seja, uma a tornar-se na outra, a mudar-se na outra: a menina morta retornando à vida no corpo da menina nova.

Nascitura.

Contra a sua vontade, Leonor perde-se em inusitados devaneios, dando por si supersticiosa, ignorante.

Esquecendo a razão que tanto preza.

Sem querer saber da costura das horas nem do alinhavo das noites no seu velo verde-lima, respiração opressa, ofegante, o pulso a latejar enquanto se arrasta pela casa, consciente de como o corpo lhe escapa, foge ao seu controle.

Estrangeira a si mesma.

Já próxima do parto, Leonor cede e por fim abandona-se.

Há um breve travo a láudano no seu hálito.

†

Nos últimos dias da gravidez o que lhe vale é a leitura, à qual se entrega sem respeitar limites, por gosto mergulhando no excesso; ao fim das manhãs, debaixo da grande nogueira do jardim, longe da casa, e a partir do início das tardes, enroscada como pode na poltrona de veludo sanguíneo, ou na cama, reclinada em grandes almofadas de cetim misturadas com os travesseiros de linho alvo e azul-ultramarino, onde vai apoiando os livros espalhados em seu redor, entregando-se a eles.

De longe em longe usa o caderno para tomar notas.

Para lá dos seus aposentos, do gabinete de trabalho ou da biblioteca, está a banalidade de um quotidiano insatisfatório, que ao embrenhar-se na leitura ela esquece, num abandono todo ele feito de envolvimento, de puro deleite e inesgotável sede de conhecimento. Desse modo ganhando uma existência bem mais vasta e grandiosa, na qual se transfigura. Maciez ou voracidade, fusionando-se com aquilo que lê, numa espécie de compulsão infindável.

Sente o corpo a palpitar, guloso dos sentimentos e das emoções que as leituras lhe despertam, aceitando Leonor de bom grado as fantasias, as imagens, as ideias que lhe chegam através da escrita dos outros; enganadoramente pronta a aceitá-los e a repensar-se neles, mas já a burilar-lhes os contornos do pensamento, a observar-lhes cautelosa as trajectórias inesperadas, a buscar-lhes as raízes, a descobrir-lhes as cisternas do fundo. Para tal partindo furtiva, com vagares de demora e falsa docilidade, até às escuridades submersas e por certo temíveis.

Transfigurando-se.

Rebelando-se, arguta.

Deliciosa tentação aquela permuta, que entende como se fosse um roubo escondido. Promiscuidade consentida, apesar de no íntimo ir acusando – sonsa – os autores que lê, de estarem a apoderar-se-lhe da vida, à revelia

da sua iludida vontade. Cativa de uma alucinação pela qual se sente tão fascinada quanto perdida.

Prisioneira voluntária de cada volume retirado das estantes, tantos quantos seja capaz de desfolhar, indo o pensamento a voar através da leitura dos livros que abre sedenta, cheira e lê e beija, acometida por uma pressa do tamanho da sua voracidade, da fome de que está possuído o seu espírito.

Insaciável.

Por isso deixa-se ir através dos escritos escolhidos de Leonor de Aquitânia ou de Teresa de Ávila, de Hildegarde de Bingen, de Christine de Pizan, trabalhos que decora, misturando-lhes as páginas:

abrindo-os e largando-os para em seguida os tomar de novo, colhendo-os um após outro ora da cama onde se encontram espalhados, ora de cima do tapete persa que cobre o chão da biblioteca, reconstruída por ela, Camões colocado junto a Petrarca, Voltaire ao lado de Diderot; Ovídio regozijante em contraste com um Paulo de Tarso alheio às coisas da vida, quando a cintilação do espírito recusa o lado físico.

Seu avesso secreto.

E por momentos Leonor pensa apaziguar-se.

Fecha os olhos de mel e pimenta, julgando sentir o corpo a aquietar-se, finalmente submetido.

A iludir a própria turbulência.

†

Ao princípio Leonor julga ter acordado com o queixume cego da voz de Eurídice escutada no seu sonho, mas logo se encolhe gemendo com as contracções que a tolhem, sentindo a criança sobressaltada dentro dela, para de imediato se acalmar.

Por certo espiando.

Ambas atordoadas com o láudano tomado por Leonor já de madrugada, a tentar combater a insónia que há três noites a apoquenta. Então, deixam-se

ficar as duas aquietadas, resvalando no sono, a juntarem-se às vozes suplicantes:

> «Mostra-me a minha amada! A minha amada! – implora Orfeu, fitando o espelho enevoado que se nega a reflectir-lhe a imagem. – Dá-me a ver a sua beleza extremada de rola inquieta, minha pomba de voo arrepiado, querendo atingir o alto, mas deixando-se arrastar pelas correntes do vento.»

Mesmo a dormir Leonor sente a criança mexer-se dentro do seu corpo magro, fazendo parecer maior o ventre retesado, as ancas grossas que estranha, habituada a apertar entre as mãos a cintura de rosa damascena. Mas, ao seu desagrado, sobrepõe-se o lamento de Orfeu, ecoando-lhe nos ouvidos.

> Lamento ignorado por Eurídice, sem piedade na teima de esquivar-se em regressar à vida, relutante em abandonar o incomum lugar onde sabe ser única, mas tolhida pelo desejo do amante: âncora que a paralisa, a força a manter-se afastada de si própria, mesmo enquanto amada; agrilhoando-a ao passado que a banaliza, cativa de um universo obscuro, aprimorada no inocentar-se: «Nem por isso será menor o mal e a morte, nem por isso será menor a paixão, se permanecer desaparecida do reino dos vivos.»

Leonor assusta-se ao despertar de um descanso tão breve, que nem sentiu ter a cabeça chegado ao repouso do travesseiro; dando-se conta apenas da perturbação dos sentidos, dos delírios nos quais se perde, da vertigem onde continua mergulhada. Em vão tenta lembrar-se da quantidade exacta de láudano tomada durante mais uma noite em claro, esperançada em que prejudique menos a criança do que a beladona, insidiosa e entorpecida no frasco de cristal de rocha que, hesitante entre um e outro, ainda chegara a abrir.

No seu ventre a menina revolve-se apressada numa espécie de queixume; e ela, cedendo à dor, afasta as pernas longas, joelhos soerguidos, as coxas

entreabrindo-se a cada espasmo. Mas como por milagre a dor aparta-se e, exausta, ela deixa-se ir no alívio, tornando a cair numa inconsciência benfazeja, sem noção do entontecimento em que se encontra.

«Entrega-me a tua vontade, Orfeu! Entrega-me a tua lucidez! – E Eurídice desorganiza os silêncios, as perdas, a sedução do cântico das sereias na tentativa de insubordinar os ventos que logo enfunam as velas e levam para longe da margem o barco de Ulisses. – Escondo-me melhor nas vagas, nas malhas da invisibilidade frágil do tanto que nos separa» – torna Eurídice, repartindo-se na emoção cansada, hesitante no eco de si mesma. Orfeu, acedendo àquilo que crê ser o seu brando apelo, move céu e terra: segue pistas e pedras, atravessa pântanos e folhagem, preferindo os atalhos inseguros, o risco imprevisto das florestas, o negrume dos bosques imponderáveis, até descobrir onde está prisioneira a sua amada. Sedento, ansioso por apertá-la nos braços, aproximar do seu o alvo corpo sem mácula.

Rosa de toucar: o desejo dela.

Luz de leite que Leonor vê acesa em cada estilhaço da penumbra despedaçada pela alvorada, pressentindo Eurídice a afastar-se na distância, próxima e fugidia, em nenhum momento perdendo a consciência da fraqueza por si antevista em Orfeu, impossibilitada de o salvar, algemado que se encontra à própria impotência. Só ela possui o poder de auto-regeneração e de resgate, na contínua reinvenção do corpo singular que é o seu.

Área de amor desamado.

Leonor escuta-a e escuta-se, ocultando-se nela, embalo de vaivém entre a realidade e o sonho, entre o cimo da claridade e as profundezas do negrume, entre as contracções e o apaziguamento, entre o Inferno e o Éden.

Consciente do afastamento irremediável de Eurídice.

Impossível não dar conta do súbito luzeiro do quarto, até esse momento mergulhado na escureza, memória da claridade resgatada apenas pela

chama amodorrada do coto da vela atarracando-se na cera derretida, em bagos corridos e ainda moldáveis no fundo da palmatória.

Mas qualquer espanto é goivo naquela escuridade.

«Impossível não adivinhar a tua sombra imensa, mais farpa e folha do que a *obscuritate* – queixa-se Orfeu expondo-se, ao mostrar a debilidade da sua dor: Minha única perdida, colo de cisne e haste com a delicadeza do círio. Meu equívoco.»

Rosa Maria Madalena.

E sem se dar conta, Orfeu cumpre-se pelo avesso da eternidade, tornando-se lenda diante da dúvida inquieta que o leva a olhar para trás, infringindo ordens, regras e condições impostas pela morte.

Surpreendendo Eurídice já no acto da fuga.

Rosa pálida.

Estremecendo, Leonor readormece no sítio onde ficara afastada a colcha da cama, colhendo-a o sono antes de se cobrir com os lençóis habitualmente usados para aparar os cansaços, as fadigas, acalmando-lhe os nervos, encostada às almofadas que a amparam.

Preferindo-se sozinha.

A deslizar entre delírios e pesadelos, entre Istambul e Damasco, ora escutando a poesia de Schiller, ora os sonetos de Petrarca. E lembrando o *Mabinogion*, repete: *«Era aqui que eu estava quando sonhei o meu sonho. E subi para o Ocidente, a caminho da nascente do rio.»*

Aturdida, a menina pára diante do seu falar, julgando escutar mais forte o ruído leve e fresco da correnteza materna onde aprendera a boiar, a tomar-lhe o cheiro intenso e doce que ignora ser de baunilha. Mas outra voz chega, interpõe-se e desorganiza aquele espaço de bonança, prazeroso:

«Mostra-me a minha amada, a minha amada!» – teima Orfeu, tentando comover a Morte com a sua débil e macilenta revolta.

Temerosa, Leonor não consegue segurar a criança, que dentro de si procura, enredando-se, o caminho da saída. Confunde-a com a rapariguinha descalça com quem tem sonhado, descendo a correr as escadas de madeira da Biblioteca de Alexandria.

Ávida.

Levada pela paixão dos livros. E mesmo quando não percebe as tantas e tresloucadas línguas, burila cada letra, tece cada palavra, busca o sentido obscuro de cada frase, de cada linha, antecipando o momento exacto em que as histórias se tornarão nela mesma.

Voando.

E pela última vez naquela madrugada Leonor desperta, mas encharcada em líquidos amnióticos, em águas, em mucos, entranhas revolvidas, contracções que a levam a curvar-se, ao mesmo tempo erguendo-a, bailarina entre os lençóis ensanguentados, enrodilhados, onde se apoia, reprimindo os gemidos retidos pelo pudor de se mostrar fraca.

Para trás largou Eurídice, tomando Leonor o seu lugar no Inferno, na aplicação do castigo, no atraso que a criança leva em lentidão de nascer, atravessando-se no acto de lhe percorrer o corpo até à saída alargada pelas contracções do parto, as dores multiplicando-se, insuportáveis. Então esquece tudo: os poemas, os versos, as rimas, as metáforas. O chamamento colhido pelos lábios gretados, mordidos, fendidos pela serra dos dentes.

À sua frente vê a imagem da Nossa Senhora da Conceição no oratório mal iluminado pela chama oscilante e trémula da lamparina que crepita, pavio navegando no azeite. «Antes fosse a Nossa Senhora do Bom Parto», pensa, achando-se incoerente, ilógica, contraditória, permitindo-se por fim gritar por auxílio, exaurida pelo sofrimento,

ao sentir a cabeça da menina assomar-lhe entre as pernas.

OceanofPDF.com

†

XII

OceanofPDF.com

†

Incerteza

Atreve-se a mente aflita
A interrogar o futuro,
E quantas mais luzes busca
Mais parece o fado escuro.

A recôndita esperança,
Se acaso no peito existe,
Abandona a verde pompa,
O seu traje é sério e triste.

Qual fraca luz que alimenta
Tocha que ao vento se estraga,
Se com um sopro se acende,
Com outro sopro se apaga.

Ministros creis de Amor,
Incertezas e cuidados,
Se assim tratais a inocência,
Que fareis vós aos culpados?

OceanofPDF.com

†

RAÍZES

Junto de Teresa mergulhada no sono,

o Rei D. José relembra os seus olhos esmeralda, ainda mais verdes devido à tez morena e à cerração dos cabelos, à espessura das sobrancelhas e às pestanas longas a sombrearem-lhe a face adormecida. Debruça-se sobre ela com vagares de predador não querendo despertar a presa incauta, e os seus dedos grossos parecem ir desenhando no ar os contornos da ilharga breve e nua que o lençol não contém e ela enrodilhara ao fundo da cama com os pequenos pés descalços, na pressa de ser tomada em entrega fogosa, a ele que preferia refugiar-se na penumbra tentando esconder as chagas das pernas com a manta que ela rejeitara.

Mesmo durante as intermináveis reuniões com os ministros ou as prolongadas conversas com Sebastião José, o Soberano lembra-a assim, no requebro em que se encontra agora: oferecida e frágil na magreza esquiva e um pouco doentia.

Num deslumbre.

Sente-lhe o perfume almiscarado das axilas, que gosta de colher com os lábios: odor intenso e vibrante a glicínia e a murta, a encobrir o adocicado cheiro da pestilência que as suas feridas largam, levando os outros a recuarem em jeito de disfarce e precaução temente.

No final da sua vida, a marquesinha de Távora representa a última tentação a que se sente com direito enquanto Rei absolutista, pecado do qual não abrirá mão por nada. E D. José inclina-se mais sobre aquele intranquilo sono adúltero, a respirar-lhe a ardência rubra, em contraste

com a temperança malva da pele ainda de menina, a endoidecê-lo e a revigorar-lhe a virilidade que imaginara perdida.

OceanofPDF.com

†

MEMÓRIA

Pudesse ter adivinhado que os anos passados na Áustria iriam ser, em grande parte, marcados por desmanchos e partos, hemorragias e meses de guardar resguardo, e não teria lutado para que fosse entregue a Carlos Augusto o cargo de embaixador em Viena, cidade onde a sorte me pareceu empenhada em atrasar-me a vida, em empurrar-me para o desequilíbrio.

Recusando, porém, a tentação da quietude e da banalidade no aceite de uma maternidade contrita, e lutando para não cair no desânimo e na tristeza que sempre vinham junto com os partos, comecei a sair em busca da transparência da luz matizada pelo Danúbio.

Na descoberta das ruas, tomando gosto ao ar livre cortava um por um os liames que me ligavam à obscuridade da casa – cisterna onde as mulheres se afundam, perdendo o contacto com as diversidades do mundo. E se nas longas noites buscava com entusiasmo nos salões literários o inebriamento do debate e da discussão que me permitiam aguçar o brilho da inteligência,

foi por ter chegado a temer perder-me na alienação e na apatia de um universo unicamente cortado pelo choro e pelos gritos das crianças, por entre o cheiro a azedo dos babetes bolsados, o acre ácido das fezes, da urina das fraldas e dos cueiros sujos.

Distanciava-me assim dos aposentos das crianças, entregando-as aos suspeitos critérios das amas, contrariando os princípios colhidos de Rousseau.

Mas só as grandes caminhadas ao longo do Danúbio aliviavam a minha tensão e a desilusão daqueles dias apagados. Pouco a pouco regressei à

pintura, à reflexão, ao estudo, e finalmente à poesia, a salvar-me da depressão,

a encher os dias de conhecimento.

De Luz.

OceanofPDF.com

†

1783-1784

Enquanto na Sala do Toucador as camareiras, as aias e as açafatas alvoroçadas se empurram umas às outras pela primazia de a vestirem, a pentearem, a alindarem, a Rainha deixa que o pensamento se distancie e, alheando-se do tumulto à sua roda, vai discorrendo sobre o que mais a preocupa desde a reunião da véspera com o primeiro-ministro Aires de Sá e Melo.

Na elegante escrivaninha continua o documento que ele lhe entregara, devidamente assinado por si mesmo, pelo marquês de Angeja e o seu filho D. Diogo de Noronha, pelo visconde de Vila Nova de Cerveira e Martinho de Melo e Castro, ministro da Marinha.

Propõem o envio de um fidalgo de confiança a Florença, onde reside a jovem Infanta Maria Teresa, a fim de verificar se ela possui beleza, figura, educação, docilidade e outras qualidades necessárias para tornar desejável um futuro casamento com D. João, Príncipe da Beira.

D. Maria não vê nenhuma necessidade objectiva que a leve a autorizar tão indelicada avaliação, pois no retrato pintado por Domenico Pellegrini e enviado à Corte portuguesa a princesa aparece dona de graciosidade e de formosura. E no que diz respeito à saúde, educação e prendas femininas, não encontra motivo para duvidar dos certificados remetidos quer de Viena quer de Florença.

Aliás, o desejo da Soberana é conseguir harmonizar o que considera ser do interesse do reino e da felicidade do filho mais novo, sem deixar de resguardar igualmente o bem de sua valida D. Leonor de Almeida, pois será nela que maior estrago farão as invejas em relação ao marido, o conde

de Oeynhausen; invejas acirradas pelo cargo que ocupa há três anos, e que a D. Maria tem custado muitos dissabores, a dificultar-lhe a tarefa já de si difícil de governar a contragosto de quase todos.

Mulher e Rainha de quem os próprios ministros desconfiam.

«Com raposas vamos fazer de raposa» – pensa D. Maria, com um ligeiríssimo sorriso astuto na comissura dos lábios finos; testa ampla, rosto comprido, olhar de penumbra deserta que descobre no espelho enquanto controla a correcção da severidade do penteado e da austeridade do traje que faz questão de usar.

Em seguida manda sair do toucador as fidalgas e damas de sua companhia que, melindradas, vão recuando o passo até à porta de passagem para a exuberante Sala das Açafatas do Palácio de Queluz.

Precisa de ficar sozinha para pôr os pensamentos em ordem.

†

O marquês de Angeja é o mais exaltado,

nunca se conformando com o facto de a Rainha ter atribuído o lugar de embaixador de Portugal em Viena ao conde de Oeynhausen. Mas é Aires de Sá e Melo quem elabora e concorre para o plano da sua queda, lhe envenena e armadilha o cargo. Mais discreto, o visconde de Vila Nova de Cerveira limita-se a escutá-los e a franquear-lhes a porta de casa, onde o conluio está sendo orquestrado. «*Ela há-de cair! Ela há-de cair!*» – repete, referindo-se a Leonor de Almeida, que segundo ele é quem representa maior perigo por demasiado saber como manobrar D. Maria. Não entende a recusa dos outros em tocar directamente na filha do marquês de Alorna, que nenhum quer enfrentar, sentindo-se já livres no que diz respeito ao seu genro, que todos sabem só o ser por expresso empenho da Soberana.

O primeiro-ministro começa então por agir no sentido de despertar a dúvida na mente influenciável da Monarca, quer a propósito da duvidosa beleza e da pouca instrução, quer das prováveis minguadas prendas da jovem Infanta Maria Teresa.

Pareceu-lhes ser este o modo mais fácil de convencer D. Maria da urgente necessidade de um deles ser enviado a Florença avaliar a presumível futura noiva do Príncipe D. João, que se mantém indiferente aos ensombramentos que se vão adensando em torno do seu casamento, distraído com as reais caçadas na Tapada de Mafra onde por sua vontade passaria os dias, desafeiçoado da Corte. Ao Príncipe da Beira é-lhe indiferente a noiva escolhida, desde que possa continuar a levar a vida o mais afastado possível das obrigações do Estado, que em boa verdade nem lhe dizem respeito.

D. Diogo de Noronha, que dos participantes nas reuniões é sempre o mais desinteressado, mantendo-se num silêncio muito perto da sobranceria desdenhosa a deixar claro que a sua presença se deve unicamente à vontade e ordem do marquês de Angeja seu Pai, naquela tarde, pelo contrário, apresenta um inusitado empenho na maquinação do expediente com vista a abalar a confiança depositada pela Rainha no conde de Oeynhausen.

†

DIÁRIO

Como seria de esperar, Carlos Augusto prefere o talento moderado de Salieri, enquanto eu me deslumbro com o génio exaltante de Mozart, que defendo nos salões de Viena onde as pessoas se dividem entre os dois.

A severidade institucionalizada do primeiro choca com o excesso explosivo do segundo.

Mozart compõe com o júbilo de quem se compraz consigo mesmo em sensualidade e riso, enquanto Salieri usa o poder que lhe confere ser

compositor da Corte, para intrigar – dizem – junto do Imperador contra aqueles que lhe ameaçam o lugar.

No salão de Maria Wilhelmine de Thun prefere-se Mozart, mas no de Metastásio, pouco antes da sua morte, defendia-se Salieri, de quem sempre o poeta fora amigo e protector, ajudando-o a chegar a director da Ópera.

Tendo como princípio o hábito de dizer aquilo que penso e sinto, não tento esconder ou iludir a minha preferência por Mozart. O falso comedimento não é o meu forte, e sempre detestei intrigas e invejas.

A mediocridade enfastia-me.

Prefiro a ousadia, o travo do desafio, o esplendor criativo.

Viena, 24 de Janeiro de 1793

†

Arguto, Aires de Sá e Melo fita D. Diogo com curiosidade, sem conseguir adivinhar o que poderá motivar aquele seu inesperado entusiasmo.

O também secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra está longe de imaginar que o filho do marquês de Angeja não consegue tirar do pensamento o rosto docemente melancólico da Infanta Mariana Vitória Josefa: tez morena de veludo, olhar de ensombramento entornado e dolente. Dom Diogo sente ainda na mão a tepidez dos seus dedos afuselados, durante a enleada despedida de ambos à porta da Sala da Música do Palácio de Queluz, no final do concerto da véspera.

A partir desse instante, passara a considerar-se o primeiro interessado no conluio que poderá pôr cobro às negociações do casamento do arquiduque Maximiliano Francisco, irmão mais novo do Imperador D. José II, com a Princesa portuguesa.

†

Depois de ter lido com atenção a carta enviada a Leonor pelo duque de Lafões, o conde de Oeynhausen não pode mais ignorar a intriga ardilosa preparada contra ele na Corte portuguesa. Mas, por uma questão de honra, é-lhe impossível interromper as negociações entabuladas há anos com o Imperador.

Pesa-lhe na consciência o facto de ter voltado a sentar-se às mesas de jogo e as aventuras amorosas entretanto arranjadas; mas jamais o ter descurado as funções nas quais fora empossado, nem a falta de empenhamento em conseguir aquilo de que a Rainha D. Maria o incumbira: a aliança do Reino de Portugal com a Casa da Áustria.

Apesar de ser sobretudo um militar e de se sentir deslocado no papel de embaixador, Carlos Augusto sabe que, com os parcos meios disponibilizados, ninguém conseguiria fazer mais nem melhor do que ele. Mas também sabe que em Portugal sempre será visto como um estrangeiro de quem se desconfia, apesar de ter abjurado a sua fé e casado com a filha mais velha do marquês de Alorna, sogro que nunca levantará um dedo para o defender.

Sentado no seu gabinete, Carlos Augusto maldiz a hora em que aceitara o cargo de embaixador em Viena.

†

Maria pára junto dos cravos-da-índia, livro apertado ao peito.

A saia do seu vestido de tafetá azul-hortense, subitamente enfunada pela aragem agreste do inverno, vai prender-se um pouco mais adiante num dos aguçados espinhos do roseiral fulvo; estreita álea que em seguida toma, depois de desprender com cuidado absorto a orla do fato. Cabelo negro e farto solto em torno do rosto lívido, que em parte oculta, como se mesmo nos momentos em que se encontra sozinha pretendesse esconder a mácula, as marcas da violência de novo sofrida; fúria por parte de quem, sem piedade, tira prazer de a maltratar, em vez de a amar e defender como diante do altar se comprometera.

Com os dedos onde a aliança dança na magreza da mão pálida, limpa as lágrimas que não se cansam de correr, e tenta tomar gosto do cheiro a madressilva do caramanchão debaixo do qual o pequeno banco de azulejos onde se senta é uma mancha fluida àquela hora da tarde.

Quisera esquecer o presente demasiado árduo para a fraqueza do seu corpo cada vez mais débil, tolhida pela própria delicadeza diante do tempo que se limita a ver passar, implacável, enquanto vai ficando para trás, já sem esperança de um dia poder vir a conhecer a felicidade, tão almejada por si e por Leonor, precoces prisioneiras no convento de Chelas do qual ironicamente hoje sente falta.

Maria suspira de infelicidade,

resignada porém à parte da vida que lhe coube. No seu colo está pousado e entreaberto o volume da lírica de Camões, do qual o vento áspero se encarrega de ir desfolhando as páginas de onde desliza a carta enviada pela irmã, que tal como as anteriores irá reler até sabê-la de cor.

Para si Viena não passa de uma miragem.

†

Leonor sai da tina envolta numa ligeira neblina de nardo e rosas; deixa-se envolver pela toalha com que Thérèse a cobre, entorpecida ainda pela morbidez da água quente nublada de sais onde estivera mergulhada.

Fita-se no grande espelho, tão esguia e alta assim despida, reflexo toldado pelo vapor, ligeira neblina que lhe ensombra a imagem desfalecida na luz ambarina; olhar que em seguida se detém com comprazimento nos delicados frascos das essências, na transparência da camisinha de cambraia tombada ao acaso na cadeira de vestir, onde se assemelha a uma orquídea de estufa.

Depois de ter dispensado Thérèse, começa a vestir-se: as culotes brancas com bainha aberta, as meias de seda a deslizarem ao longo das pernas num arrepio dormente. Entontecida, pára hesitante, nua, a tiritar de frio, apesar do calor das chamas crepitando, que sobem pela delicada madeira de tília a encher de minúsculas estrelas a lareira de mármore.

Sentada e despida,

Leonor une os joelhos a tomarem o brilho dos ramos em brasa. Um lume delicado trepa e cresce, abrindo-se em leque frágil, para de seguida se desmoronar em cinza.

†

Carmen, duquesa de Alba, conhece Leonor em casa de Anna Maria, condessa de Zuchy, durante um almoço oferecido a Mozart, de quem é aluna entusiasta.

A silhueta esguia e o olhar de anil assombrado da portuguesa atraem-na desde o instante em que a viu pela primeira vez num dos bailes do Palácio de Schönbrunn: seios pequenos e recatados no decote do vestido de seda púrpura, braços pálidos, com um toque de morbidez nos pulsos estreitos onde rolam soltas as escravas de ouro.

Culta, peremptória e ousada nas ideias e opiniões, Leonor de Almeida teima no entanto em guardar de si uma distância altiva na qual se resguarda. Esquiva e fugidia, o seu sorriso enigmático de profetisa encanta-a, enquanto a expressão sonhadora do seu rosto longo, onde a boca é uma pequena serpente ardilosa, a convoca sem remissão.

Disseram-lhe que faz poesia.

E é pelo caminho dos versos que elas se aproximam e se tornam amigas.

†

Leonor deleita-se com a vida,

um vaso de petúnias à cabeceira da escrita.

Para ela não existe nada mais eterno que os versos: desvanecem, esvaem-se, para retornarem de seguida;

florescem e acalmam-na.

A melancolia acontece-lhe.

†

Poeta da minha alma

Viena irrita-me o coração e atormenta-me a criatividade. Sinto-me só e talvez por isso vos lembro tanto, que chega a ser um tormento imaginar-vos longe e indiferente; apesar do olhar brilhante que pousastes em mim naquele princípio de noite no salão de Madame Necker. Ignorastes-me, então, a vingardes uma falta que não é minha, como bem sabeis. É nos poemas que vos recordo, de Portugal trouxe alguns comigo, escondidos entre as páginas de livros e cadernos.

Neste momento, Filinto, de vós ignoro quase tudo. Com voz velada, indagastes-me um dia, na grade do convento de Chelas: *«O que é a lembrança de um corpo que não se teve?»* Passados que foram tantos anos de mudança em nossas vidas, creio poder acrescentar a estas vossas palavras de perturbação as minhas, hoje desgarradas: *«O que é a lembrança de um corpo que nem sequer se viu, e apenas ao de leve se afagou em disfarce, sentindo o galope do coração disparado no peito?»*

Fico cogitando sem saber, se acaso tivesse tido a ousadia de vos responder deste modo, que gelo se teria quebrado entre nós? Que fogo vagaroso se teria ateado até se transformar num incêndio? Desfeita a esperança, o curso do desamor segue, exangue, roendo a carne até ao próprio nervo, a tornar-se em fervor e tempestade. Dela colho a aridez amarga na minha boca, fazendo lembrar o gosto assustador de um veneno sem antídoto.

Quem sabe, afinal, de que tecido são feitos os amantes? Ovídio, que tanto falou de amor, suspeitou ser maior a paixão sempre que alimentada pelo fogo da distância.

Mas não são os meus receios feitos da matéria desse dilema. Medo tenho da avidez que em mim por vezes se precipita, vinda não sei de onde. Escuso-me a entender esta ânsia, este revoltoso desacato que sempre clama por mais Luz. Afinal, aqui estou gelada à minha própria beira, conhecedora de quanto mereço outra sorte.

Sonhei, confesso, com um voo mais alto.

Ambos somos diferentes e ambos fracos… Mesmo que em tudo o resto sejamos diversos, assemelhamo-nos na ânsia do conhecimento, no amor aos livros, no abismo dos versos. Idênticos fomos também no destino, os dois perseguidos pelo fanatismo dos déspotas: Pombal destruiu-me a infância e a família, tal como a Inquisição persegue em vós a poesia que canta a liberdade.

Termino estas palavras de sinceridade que vos envio, como sempre dividida: entre o esgarçar e o entretecer; entre o rasgar e o cerzir; entre o apagar e o acender.

Quanta amargura guardada e sem preceito dita!

Optei há muito pela razão, mas nem ela me defende das emoções, delas encontrando grave motivo para as temer. Que mais vos poderei eu adiantar sobre a saudade, que me assalta a alma, do jogo a que os versos nos transportavam?

Apesar de perdida e cativada pelo próprio desacerto,
continuo sendo a vossa
Alcipe

Viena, 25 de Fevereiro de 1783

†

DIÁRIO

Moldo os dias com uma impaciência ardorosa, nervosa e turbulenta; como se quisesse abrir as asas dissimuladas sob as sedas, os cetins macios e as nuvens de renda dos vestidos.

Sinto-as tentando adejar em desassossego, num rumorejar aprisionado, levemente trémulo.

Passo por casa de Maria Wilhelmine de Thun e arrasto-a comigo pelos arvoredos dos jardins, pelas matas de lobélias e magnólias, pelas alamedas de cedros dos palácios, pelas claras ruas de Viena que o Danúbio contorna, bordejando luminosamente a cidade. Por vezes paramos debaixo de uma árvore e ali nos esquecemos sentadas na erva que nos mancha de verde-ácido as saias, os vestidos. Vejo-a desenhar nas páginas brancas do seu caderno apoiado nos joelhos erguidos, enquanto eu escrevo no meu tudo aquilo que me dita o pensamento, o sentimento ou a memória dos livros. Por vezes somos distraídas pelo som envolvente das águas de uma fonte ou de um riacho a correr algures ali perto.

Viena, 10 de Março de 1783

†

Acorda inquieta e fica na escuridade a tentar perceber o mal que a despertara, e aos poucos está a transformar-se numa dor insidiosa e traiçoeira, a golpear-lhe a barriga e os rins, as costas e as virilhas suadas. Atira a roupa da cama para trás e soergue-se nas grandes almofadas de linho branco; na mesa-de-cabeceira mal distingue a palmatória de prata com a vela apagada, junto do livro que lera até tarde. Torna a fechar os olhos, na tentativa de voltar a adormecer, mas a moinha apoquenta-a, sem lhe permitir aquietar-se nem encontrar posição: encolhe-se sobre si mesma e ergue-se para tornar a deitar-se, desprendendo as pernas da enrodilhada camisa de seda branca.

Assenta os pés no lençol tépido, sobe os joelhos que dobra e desdobra de seguida, estende-se já assustada e senta-se de novo.

Mas num repente levanta-se, desliza descalça na carpete persa e tacteando chega à janela, corre as cortinas de cassa e abre para trás as portadas de madeira a fim de deixar entrar a luz esvaída e brumosa da madrugada, que mal atravessa o negrume onde ainda se esfiapa.

A casa mantém-se silenciosa: a menina não chora, os criados ainda dormem, e Carlos Augusto, tendo chegado noite alta, mantém-se

recolhido nos seus aposentos ao fundo do corredor. Só o ladrar dos cães e o cantar dos pássaros começam a despertar o jardim, de onde sobe um cheiro acre a terra húmida, numa trança feita pelo odor cristalino do orvalho e o perfume azul-violeta dos cachos das glicínias.

A dor nas costas e nos rins atenua-se, persistindo no entanto a moinha no ventre; recorda-se de a ter sentido em outros meses, antes de as regras lhe chegarem. E Leonor que já se imaginava grávida de novo, depois de um último desmancho sangrento, começa a ganhar alento no alvoroço da esperança, sentindo o coração desenlaçar-se de alívio. Mas, supersticiosa, recua na alegria, tolhida pelo receio de se enganar. Lembrada ainda dos tormentos, dos medos e dos desesperos, mantém-se incrédula e desconfiada.

Uma ligeira tontura fá-la amparar-se ao parapeito enquanto toma alento, mas à medida que a claridade da manhã invade o quarto, o sono torna a pesar nas suas pálpebras pisadas de cansaço. E é quando, de volta à cama, se inclina, que Leonor dá conta da mancha vermelha na brancura do lençol de baixo. Leva a mão à boca a amordaçar o grito de felicidade, para tornar a descê-la ao longo do corpo, amarfanhando na pressa a seda da camisa de dormir erguida num repente, a desnudar-lhe as coxas entreabertas: mostrando o seu interior macio, matizado de sangue vivo.

†

Ilustríssima e Excelentíssima
Senhora D. Leonor de Almeida

A carta que a Senhora Condessa me enviou apanhou-me desprevenido, embora como sempre ávido… de Vossa Excelência, tal como vos recordo: bela, culta, talentosa e rebelde, mas não menos orgulhosa, determinada e caprichosa; tão depressa a afastar-me da grade com altivez, quem sabe até com fastio, como a buscar-me através de cartas e versos, apelando à minha compreensão e tolerância em relação a vossas ambiguidades e incongruências.

Estarei delirando, ou nas linhas traçadas pela vossa mão e vindas até mim encontra-se a proposta de uma possível correspondência secreta, que trocaríamos à revelia dos demais à nossa roda?

Caso eu esteja com a razão, terei de considerar haver da vossa parte vontade de uma reaproximação que poria cobro a desdéns, a orgulhos desmedidos e a outras agressividades.

Estarei enganado?

Demasiadas vezes já me enleou Alcipe com o fio tecido pelo seu riso de prata e versos argutos, na tessitura de uma teia de sentimentos e emoções que neste momento me parecem incertos.

Será que do nosso convívio no convento de Chelas sobejou alguma cousa mais do que memórias e afastamento? Por meu lado, creio que nada, mil vezes nada sobrou da vossa parte a meu respeito, Senhora Condessa de Oeynhausen!

E poderia ou deveria eu esperar algo diferente?

De vós jamais se deve aguardar senão o que é produto do desapego, da frieza, e nunca sentimentos que brotam de um coração ameno, como o de vossa irmã, toda ela tecida pela delicadeza.

Admito no entanto ter sido o vosso casamento com o conde de Oeynhausen, e não o de Maria com o conde da Ribeira Grande, que me encheu de despeito e zanga, pois reconhecendo em Vossa Excelência um talento de excepção e grandes Luzes, considerei ser-vos devido bastante mais do que uma mera união sofrível.

Não me dará razão esta vossa carta?

Atrevo-me então a indagar: pretendeis retomar nossa amizade e trato, desejando tornar inteiro aquilo que, no meu entender, se encontra estilhaçado?

Muitas são as mudanças entretanto operadas em nossas vidas, sendo a época de hoje de plenitude para vós e desfavorável em relação à minha pessoa: tendo em conta o meu exílio de perseguido político e de poeta pobre, contrastando com a vossa condição e nascimento, Senhora Condessa de Oeynhausen.

Eterna, porém, continua a ser a minha admiração por Alcipe.

E só por isso consigo imaginar ser ainda possível haver entre nós um novo encontro.

Aguardando resposta de Vossa Excelência.
Filinto Elísio

Paris, 15 de Abril de 1783

†

Passam tardes sozinhas, misturando a curiosidade com as dúvidas, as incertezas e as contradições confessadas uma à outra. Exacerbamentos e risos que lembram a Leonor outros tempos de amizade com Joana Isabel Forjaz. E em momento algum Carmen, duquesa de Alba, lhe parece inferior à primeira, quer nos langores, quer no empolgamento e empenhamento nas artes, quer nos esquivamentos súbitos e nas tristezas sem causa, quer ainda na riqueza das opiniões, ou mesmo nas discussões acerca de princípios e ideais em que se demoram, comparando-se entre si, sem noção do tempo que passa em correria. Debatem as novas ideias filosóficas, a modernidade em relação à escrita.

Discorrem sobre Teologia, Física e Matemática.

Mas durante os longos crepúsculos que a ambas afligem, preferem a poesia. Nunca se esquecendo Leonor de Camões, de Soror Violante do Céu e de Goethe, nem Carmen de Novalis, Shakespeare e Teresa de Ávila, poetas que tantas perturbações levantam com a sua leitura.

†

DIÁRIO

Há que manter em sossego o coração, fazendo com que o pensamento não se perca. Nunca se deve ceder à tentação do fácil nem à envolvente adulação que amacia a face da secura, quando a esta por demais se esteve acostumado. A severidade cansa e predispõe ao gosto do esplendor, seu oposto. Há que tentar suster a ansiedade, conter a pressa de ir, sem se saber porquê nem como, atrás de qualquer promessa inusitada.

Torna-se necessário alicerçar a razão e a sensatez
quando o coração parte à desfilada.

Viena, 25 de Maio de 1783

†

O arcebispo de Tessalónica percorre os corredores do Palácio de Queluz à procura dos ministros Aires de Sá e Melo, Martinho de Melo e Castro e do marquês de Angeja, que se encontram no Paço para despacho com a Rainha. Esta, no entanto, mantém-se recolhida nos seus aposentos.

De cenho franzido, o arcebispo evita Pina Manique que tenta detê-lo, mais adiante ignora o aceno do visconde de Vila Nova de Cerveira que o chama, e vai estugando o passo, hábito branco dos carmelitas a rojar os tapetes persas e de Arraiolos, cruz de ouro maciço pousada no peito corpulento, até ao oratório dos aposentos da Princesa D. Maria Francisca Benedita onde, não a encontrando, se persigna sem se ajoelhar na almofada de veludo vermelho colocada diante da imagem da Nossa Senhora del Carmen, e torna aos frígidos corredores do Paço.

No segredo do confessionário, D. Maria abrira-lhe a alma no respeitante à situação delicada em que Portugal e os condes de Oeynhausen passaram a encontrar-se diante da Coroa austríaca, a partir do momento em que, regressado de Florença, o enviado português dera parecer negativo acerca da presumível futura noiva do Príncipe da Beira, a Infanta Maria Teresa que, segundo o escandalizado espia, se mostra suspeitosamente interessada na leitura e no estudo de matérias como Filosofia, Geografia e Matemática, impróprias do seu sexo e da condição de uma futura Princesa

de Portugal; e como se não bastasse, dedica-se ela também à Geometria e à Física, por certo descuidando prendas mais femininas.

Apercebendo-se da ardilosa cilada preparada pelos detractores de D. Leonor de Almeida e seu marido, o arcebispo de Tessalónica, prisioneiro do sigilo a que o obriga a confissão, só a muito custo consegue controlar a raiva. Embora não saiba ainda como, irá tentar tudo para remediar a grave situação na qual os condes de Oeynhausen foram colocados. Para isso continua atrás dos ministros, principais cabeças daquela conjura, que poderia ser considerada como traição caso D. Maria não fosse uma soberana tão pusilânime.

De semblante carregado, tropeça numa das anãs negras favoritas da Rainha, e aborda com modos ásperos a sua camareira-mor D. Mariana de Arriaga, querendo saber se a Soberana já fora para a Sala dos Despachos, na direcção da qual logo ele se encaminha. Sem se dar conta de que, como uma sombra, no seu traje negro, apoiando a mão balofa e enluvada na guarda de prata do espadim, Diogo Inácio de Pina Manique o segue em silêncio,

colando-se às paredes.

†

Gonçala desejaria ser uma assombrada de Cristo.

A sua ardência, porém, é já um incêndio incontrolável e o pensamento está cada dia mais distante e inconformado. Perturbada, recolhe-se na capela do convento, respirando a custo o pesado odor dos círios votivos e das flores enviadas todas as semanas pela Casa Real, por vontade expressa da Rainha.

Refugia-se no jejum, nas mortificações e nas penitências, cilícios a dilacerarem-lhe a pele dos rins e da cintura, cravando-lhe as suas farpas na carne até ao sangue. Foge de si mesma pelas veredas das perdas de consciência, dos torpores, das turvações, da privação dos sentidos, das febres inesperadas, nas vertigens por onde tomba até ao fundo de precipícios infindáveis.

A memória do deleite e da amenidade afligem-na. O total esquecimento seria o supremo alívio.

Mas como fazer para deslembrar Leonor?

Desde a saída dela do convento, um leopardo começara a aparecer-lhe durante as noites, correndo em silêncio em torno da pequena cela, onde as humidades turvam de névoa o ar que ela respira. De madrugada, debruçado nos seus lábios,

ele bebe-lhe o delírio.

†

DIÁRIO

É insensato relembrar o passado.

Assim como é imprudente não esquecer quem ficou para trás, âncora que nos prende pela saudade à desordem dos sentidos, nada acrescentando já ao nosso presente.

Tenho para mim ser preferível manter a atenção num projecto de futuro, elaborado com cuidado e rigor a partir do pensamento e da reflexão, diante da complexidade e da perplexidade da dúvida.

Oh, a dulcíssima neblina do esquecimento!

Viena, 15 de Junho de 1783

†

Carlos Augusto recua, quando o Imperador José II, que o convocara de urgência ao palácio de Schönbrunn, lhe diz sem contornar a questão:

– Vossa Excelência pode mandar dizer à Rainha de Portugal, que se a Infanta D. Maria Teresa, minha sobrinha, não tem valia para casar com o

Príncipe da Beira D. João, a Princesa sua filha D. Mariana Vitória muito menos a tem para casar com o Arquiduque Maximiliano Francisco, meu irmão!

†

O Imperador afasta o olhar endurecido da palidez cadavérica do conde de Oeynhausen, que considera um ministro plenipotenciário civilizado e até cordato, com quem foi fácil negociar os gorados contratos de casamento de seu irmão e sobrinha com os príncipes de Portugal.

Informado por espiões colocados nos lugares certos, está ciente de que no centro de toda aquela intriga quase caricata se encontra o conde alemão, a quem muitos fidalgos portugueses não perdoam ter-se casado com a melhor descendente dos Távora, protegida ilustre da própria Rainha.

Desse modo, o plano ardiloso do qual fazia parte a ida a Florença, com o pretexto de examinar a jovem arquiduquesa Maria Teresa, sua sobrinha, e em seguida denegri-la diante da Soberana de Portugal, levando-a a desmanchar o casamento já aprazado por ambas as partes, tinha como finalidade a queda do embaixador português em Viena.

Mas embora lamente vê-lo em semelhante situação, o Imperador não voltará atrás na decisão de ruptura. Para ele, deixara de haver qualquer possibilidade de futura negociação nupcial.

†

Que tristeza é a de Maria, senhora minha Mãe?

Nas cartas que minha irmã me envia, há um marulhar de lágrimas docemente oculto sob as mais ternas palavras, na tentativa de acalentar-me o ânimo cabisbaixo: com a sua habitual bondade, olvidando-se a si mesma, sem pensar em queixar-se, numa humildade tão extrema que poderia correr o risco de ser interpretada como soberba. Ninguém melhor do que ela para me acolher as melancolias, me acobertar os desmandos,

me consolar os desalentos, me embalar as tristezas mal cicatrizadas, sem jamais aflorar as próprias mágoas, a não ser pelo lado da superficie das águas inquietadas e limosas de uma penumbrosa cisterna.

Que tristeza é a de Maria, senhora minha Mãe?

Dos seus infortúnios a mana nunca me fala, como se o seu trato fosse com a felicidade; mas no uso da transparência não pode haver disfarce para a devastação, por onde suspeito evadir-se. Tal como ela conheço a aflição da perda de um filho, dor imensa a arrepanhar as entranhas, o único desgosto que o tempo não esbate; mas pressinto haver na sua atitude um outro negror, um desespero mais ferido, senhora minha Mãe, a impeli-la sem remédio para o fundo do precipício, aprisionada a devaneios sem retorno. Ocasionando-lhe os delírios e os desfalecimenos, alimentando-lhe as visões que se multiplicam e intensificam, a deixá-la exaurida.

Que tristeza é a de Maria, senhora minha Mãe?

A que anjos e arcanjos se refere a mana em arrebatamento esquivo, confessando-se transportada em sonhos na travessia de desconhecidos espaços, como se trespassada já pelas farpas do martírio, que na sua ânsia desmedida a levariam à sublimidade? Em busca da transcendência impossível! A que orações ela se entrega a desapegar-se do mundo? Tão nova e já afastada dos prazeres da vida, preferindo transes e levitações a que se entrega, subindo até ao cimo da luz de onde se despenha. Distanciando-se, desacertada na lonjura, etérea e alada naquilo que escreve, me escreve, cada dia mais grave e meiga em desapego solto.

Que tristeza é a de Maria, senhora minha Mãe?

«Não basta já de casamentos nefastos na nossa família?» – perguntou-me a mana na sua última carta, referindo-se ao mano Pedro, que por aceitar a vontade de nosso Pai se vê aprisionado por laços dados em ligação indesejada; desta maneira confessando-me Maria o próprio mal e infortúnio, fruto do seu casamento infeliz, prefiro dizer fatal. Mas sempre vos ouvi gabar os benefícios e as bondades do conde da Ribeira Grande, a quem sem custo nem qualquer hesitação minha irmã foi cedida, no

desrespeito da própria vontade. Por isso indago de novo: que tristeza é a de Maria, senhora minha Mãe?

†

Depois de interrompidas as converesações para o seu casamento com o irmão do Imperador da Áustria, voltam a deixá-la na ignorância do que está a ser decidido sobre a sua vida embora saiba ser o centro das negociações políticas entre sua Mãe a Rainha de Portugal e o seu tio D. Carlos III, Rei de Espanha.

De cabeça baixa, a princesa Mariana Vitória terá de aceitar o que lhe imponham; consciente de a sua sorte estar a ser dobada, espécie de novelo de lã, por mão afeita aos fios cardados. Lágrimas recalcadas na escuridez dos olhos melancólicos, silenciosa e triste, a infanta, depois de muito escutar pelas frinchas das portas, por trás dos cortinados de veludo, ou dissimulando-se por entre os arbustos dos jardins do Palácio de Queluz, acaba por entender que vai casar com o Infante D. Gabriel de Espanha.

†

Existe em Maria uma faceta perturbadora de obscuridade translúcida, inexplicavelmente matizada por inesperadas reverberações, cintilações, laivos de cristal lapidado na sua falsa mansidão propícios aos desvanecimentos, a esvaimentos absurdos e desmaios súbitos.

Um lado de oferta total de si mesma na entrega, de aceite e anuência e receio de pequeno animal a ser preparado para o sacrifício. Deslaçamento dos sentidos na tendência para a imolação através da dádiva do corpo, sem esquecer a preferência do espírito, maneira esquivosa de se aproximar do sacrifício; e isso a fragiliza, a expõe, equívoca na sua quase transparência austera e severa delgadeza: cada dia que passa mais vulto, mais sombra dela mesma, sumida na teima de desvanecer-se no queixume que solta, quando ele ao senti-la escapar a prende nos braços, possuindo-a, para em seguida a esmagar sem dó nem piedade.

O conde da Ribeira Grande gosta de vê-la quebrar-se pela cintura, sem o esboço de um gesto de defesa, numa palidez de morta, espalhando à sua volta um odor a pétalas fanadas, a caules de flores apodrecidas, a êxtases.

A sua indiferença desperta nele a desordem, a crueldade viciosa, a violência tórpida, incontrolável, grosseira e avassaladora, que simultaneamente o desgasta e enlouquece, invadido por uma raiva surda que o inunda, tomado por um cupidez já sem controle. E a sua mão sobe, suspende-se durante um breve segundo para logo descer, atravessar rápida o curto espaço que os separa, a atingi-la de lado golpeando-lhe a fonte e a testa; e a mão bate com a força que pode, no seu rosto de ossos à flor da pele, em seguida na cabeça, nos ombros delicados; depois, em baixo na maciez do ventre, no peito quase liso de menina assustada. O braço erguendo-se e vindo, os dedos como garras, anel de brasão a deixar um rasto de negrume na pele alvacenta. Furor enlouquecido a querer chegar ao sangue dela, ansioso por magoá-la, por mutilá-la, por estilhaçá-la, estilete de ódio a penetrar com vagares de sedução no seu coração de gelo, para em seguida lhe aflorar a morte com os lábios ávidos.

O conde da Ribeira Grande gosta de assistir à sua queda, que no último instante impede arrastando-a para a cama, pois é quando mais goza ao possuí-la à força. A desejá-la na recusa, no desdém, na esquivação, na tentativa de escapar ao peso do seu corpo, enquanto ele a empurra de bruços na colcha de cetim.

Por vezes finge desistir, com o prazer que o predador sente ao enganar a presa, deleite de marido a usar o que lhe pertence, afastando-lhe os cabelos negros a fim de lhe observar a cara e tentar atingir-lhe a alma através do olhar assombrado.

Lábios brancos como cera ou flor de magnólia onde introduz a língua invasora, a degustar o ligeiro travo a láudano do seu hálito e da saliva toldada. E quando Maria geme, repugnada, ele morde-lhe a curva da garganta, sobe-lhe o vestido de seda verde-líquen ao longo das pernas, que tentam unir-se numa fraca e última defesa. Mas ele afasta-as, a dobrá-la para a frente, a arregaçar-lhe as saias até à cintura, rasgando-lhe com os

dentes o corpete e com as unhas afiadas a camisa solta, as meias, as culotes com uma nuvem de rendas na bainha estreita.

Depois de a ter desfrutado levanta-se descomposto, excitado por a ter violado. Vencedor, olha-a como um despojo, largada e lívida, enrodilhada sobre si mesma; desacordada, corpo imóvel e exangue, trilhos de sangue a escorrerem em dócil lentidão por entre as coxas esquálidas.

Em nenhum momento sentira despontar em si a compaixão, a piedade. A única emoção que o conde da Ribeira Grande conhece é o regozijo. Demora-se a fitá-la inanimada, mais do que nunca sua depois de a ter forçado, amo e dono, a atenção fixa nos lenhos, nos golpes, nos hematomas, nas nódoas negras dos seios de rola, nas ancas lisas, nas contusões da pele violácea esfolada, no corpo de compleição febril espancado, a fim de lhe apreciar melhor a dor quando rememorar a cena e desse modo tornar a assistir à destruição de Maria, dela retendo apenas a ferida simbólica

de rosa de Alexandria.

†

Tal como das outras vezes**,** o marquês de Alorna hesita em quebrar o lacre da carta da filha rebelde e desobediente que tantos desgostos lhe tem dado desde a saída do convento. Se bem que já antes julgara adivinhar, debaixo das devotadas palavras de submissão e humildade, um preocupante tom de rebeldia camuflada. Desconfiara, também, da sua sobressaltada defesa de autores cujas ideias e filosofias traziam consigo o travo revolucionário das leituras clandestinas.

Abre a gaveta onde guarda as outras cartas que acabara por ler empurrado pela curiosidade e prazer da sua leitura, mas às quais nunca dera resposta. De sobrolho carregado desvia os olhos, a mão intranquila parecendo afagar a faca de marfim com a qual acabará por cortar o selo de lacre. Mas antes levanta-se para trancar a porta do escritório, e volta a arrastar o passo, com vagares de empenho na própria demora.

Sobre a secretária a carta parece ganhar um tom mate que a tinta cor de ferrugem mancha: letra miudinha que ele bem conhece, sentindo a farpa inesperada da saudade a cravar-se no sítio onde o peito, embora precavido, permanece vulnerável. Quando a abre com precisão pelo lugar onde o sinete deixara a sua marca, impacienta-se com a fraqueza que o seu gesto revela, sem que em nenhum momento tenha tentado sustê-lo. De entre as folhas de papel holandês o poema destaca-se. Mesmo antes de o ler, sente vacilar o coração que os muitos anos de cativeiro quase haviam transformado em pedra.

†

A meu Pai

Aqui, onde mora um cisne
Cuja voz desfalecida
Por entre surdos penhascos
Vaga sem que seja ouvida.

Aqui, onde ao longe soa
O ruído dos contentes,
Flutuando na incerteza
Formo mil votos ardentes.

Mas dos Numes inflexíveis
Só a Febre é quem m'escuta;
Fartando-se do meu sangue,
Contigo e comigo luta.

Se um voluntário sistema
Te prescreve esse retiro,
Vem ao menos confortar
O meu último suspiro.

Firme sem temor da morte
Vejo dissipar meus dias;
Tu, que a vida já me deste,
Dar-ma outra vez bem podias.

OceanofPDF.com

†

CADERNO

Tenho lido tudo o que encontro escrito por Friedrich von Schiller. Nele busco a vertigem da luz do conhecimento e da diferença; mas desta vez é a claridade nocturna que encontro. Universo onde a beleza rarefeita está a ser retida, refulgindo, num espaço vazio ao qual ele se entrega.

Pensamento e escrita de uma inovação perfeita.

Reflexão em permanente tumulto.

Lê-lo ensina-me a aceitar as emoções, mesmo se equívocas, das quais sempre falam os seus livros. Neles julgando descobrir, mesmo que remotamente, Rousseau e provavelmente Kant. Pensamentos com os quais me reencontro, viajando no meu próprio domínio. Mas faltam-me os seus poemas, para colocá-los junto aos meus versos.

Vaidade extrema?

Demasiadas são as lianas, as regras, que levam as mulheres à obediência e ao aceite das ordens de humildade, de recato e de comprazimento, que aprisionam o que deveria ser liberto erguendo-se em voo rebelde.

Tal como Goethe e Schiller, anseio pela desmesura.

Viena, 30 de Junho de 1783

†

As cartas de Teresa começam a chegar a Leonor cifradas e sombrias, plenas de subentendidos, de suspeições e mistérios, tal como já acontecera

no tempo de Chelas, quando descobriram que a correspondência de ambas estava a ser aberta por mão alheia às suas intimidades.

Entristece-se quando tem de descodificar as cartas da amiga, ao confirmar que, apesar do tempo entretanto passado, a mentalidade portuguesa se mantém inalterada.

Temendo ela que Portugal pouco ou nada consiga mudar. E o seu pensamento recai sobre o despotismo, fazendo-a estremecer e lembrar-se de quando escrevia versos à luz desmaiada e incerta de uma pequena vela até às últimas horas das madrugadas.

†

Minha muito querida e adorada

«*Esqueci em Lisboa uma carta que te tinha escrito, e nela te remetia duas regras, de uma pessoa para mim, as quais diziam: "Tem razão a senhora de Oeynhausen, e todos têm razão; só eu não a tenho na vida em que me pus, que me mata e não serve de nada a ninguém." E com isto me restituiu a tua carta de 14 de Junho. Infere tu o que quiseres daqui, e agora permite-me acabar com esta, que faço com muita dor de cabeça. Em Queluz, tudo pior.*

Adeus minha querida Leonor,
conserva-te e vive para satisfação da tua amiga

Teresa

Vimieiro, 26 de Julho de 83»

†

Em muitos dos salões que Leonor frequenta, ignora-se Goethe, e quando à sua obra ela se refere, desviam-se os olhares, mudam-se as conversas, instala-se o incómodo. Preocupado, Carlos Augusto puxa-a em jeito de

disfarce para o resguardo dos reposteiros da janela perto da qual se encontra,

a adverti-la, num tom mordido e abafado:

– Presta atenção, Nelly, ao que estás a fazer! Põe mais prudência naquilo que dizes!

E quando ela insiste, multiplicam-se os silêncios, baixam-se os olhos fitos, afastam-se as pessoas menos íntimas. Os princípios, os conceitos e a modernidade do escritor alemão fazem com que o seu nome seja expurgado dos temas dignos de discussão na Corte e nas assembleias da melhor fidalguia de Viena, onde só há lugar para as conversações conservadoras e elegantes.

Leonor não se surpreende.

Ela sabe como se teme o aço cortante das ideias de Goethe, a ousadia das suas palavras e das suas propostas, a mudança contida nos seus versos.

†

Leonor está junto das ruínas romanas dos jardins do Palácio de Schönbrunn quando o fogo-de-artifício começa. Encandeada, desvia os olhos do céu, fecha-os por um brevíssimo segundo. O ar carregado de enxofre fá-la respirar a custo, achando no entanto gosto naquele cheiro acre, espécie de mistura de água limosa e mercúrio.

Instintivamente recua a isolar-se sob um arco de pedra onde a noite se adensa e, com o olhar perdido nessa densa escuridade, deixa-se arrebatar pelos clarões que rasgam o céu e lhe permitem desvendar um vulto silencioso, a mover-se com tamanha destreza que, quando num repente ele se inclina e lhe toca ao de leve na cintura, Leonor pensa ter imaginado esse gesto, esse toque de fogo. E só o esvaimento do corpo inteiro, assim como a correria súbita do coração no cimo do peito, lhe dão conta do pânico que sente, embora simultaneamente lhe pareça o contrário: arrepio de fascínio, de acicate de desejo impróprio, da vontade de aceitar o insidioso e implícito convite.

Como que a contrariar esse impulso aligeira o passo ao encontro de Carlos Augusto, deixado na companhia taciturna de Salieri quando, inquieta, ela se afastara sozinha pelas áleas invadidas de penumbra, distraída com a beleza de cristal da *Water Music* de Haendel, a festejar o solstício de verão, que parece começar junto às águas das correntes, das cascatas, dos tantos lagos do Palácio.

Inquieta-se com o sentimento ambíguo experimentado momentos antes, de novo dual, a multiplicar-se, ora conivente ora severa, ora imprudente ora ardorosa; tão depressa aceitando elogios e galanteios como os recusando, distante e rigorosa, refugiando-se nos livros, nos pincéis e nos versos, esquivando-se, proibindo-se o despertar de outros anseios.

Na verdade, sente a falta do acicate das provocações de Filinto Elísio, que a obrigavam a ir mais longe no pensamento, no raciocínio, na escrita dos poemas, no desafio de ousar hoje mais além do que tentara na véspera. Tem também saudades dos dias de namoro com Sebastião Ferreira Barroco, do langor e do talento de Joana Isabel Forjaz, da amizade e da conivência de Teresa de Mello Breyner, da ternura e do riso alegre da irmã; mas, até o aprazimento de Maria está a extinguir-se, devorado pelo desalento e pela tristeza.

E de Gonçala?

Prefere não se debruçar sobre o que sentiu ou pensara sentir por Gonçala, nem sobre o sofrimento dela na solidão do convento de Chelas, perdida, aprisionada numa indesejada e cruel clausura.

Enquanto percorre as áleas dos jardins de Schönbrunn Leonor mal cumprimenta quem se lhe dirige. Segue depressa, sem olhar as árvores de funcho, o buxo verde-esmeralda, nem reparar na luxúria das flores fantasmáticas ressuscitadas pelas chamas dos múltiplos archotes.

Acima da música de Haendel continua a impor-se o ruído estralejante do fogo-de-vista, explodindo em rosas, em cisnes, em pétalas irisadas, em sóis e estrelas, por cima do obelisco encimado pela águia de ferro, que apesar de irremediavelmente presa ao mármore simula abrir as asas pesadas.

Ao seu ouvido então uma voz baixa e enleada, tratando-a pelo nome, sobressalta-a. E Leonor, enchendo-se de uma falsa coragem, volta-se de respiração suspensa, mas não encontra ninguém à sua beira.

Atemoriza-se, pois sempre receia o que escapa à sua explicação, e quando o espectáculo termina e o céu volta a mergulhar na própria escureza sente-se extremamenteo cansada. E temendo não conseguir ficar de pé mais tempo, aceita o apoio do braço de Marie Wilhelmine de Thun, que a ajuda a cobrir os ombros com a echarpe de tule e renda.

Leonor estremece sob a aragem fresca que se erguera, trazendo consigo o odor da chuva.

†

ANGELUS

Quando me recolho por entre asas e plumas em penas de voar, muitas vezes apareces-me,

não em sonhos, que os não tenho,

Leonor.

Já tu, da natureza da poesia, podes chegar ao meu ouvido com os teus versos, luz de enigma toldada de noite pelo láudano que te corta as insónias e te deixa antever as estrelas da tua constelação de cisne

e cintilância.

E nesse mapa austral para mim és uma visão, pois eu apenas te adivinho e te sei, ao tactear-te ao de leve a face com os meus dedos, como se fosse cego;

carícia leve que tu sentes sob a forma de aragem,

minha Penélope da urdidura dos versos, amazona destemida e febril a ires mais longe que o feminino da tua época.

De aço e mel adivinho-te, e quando à minha frente surges,
minha iluminação,
surpresa e curiosa, com tanto enleio, escondo-me à tua passagem, persigo-te e leio-te pelo avesso da tua própria escrita: arte das palavras por onde te esgueiras.
Sem querer eu saber senão da tua imagem.

†

Fechara-se no escritório a tentar iludir o desabrigo do resto da casa e o choro impertinente de Frederica, menina triste no seu fatinho de cambraia e fita de veludo nos caracóis sem viço, quando chega a primeira rosa-chá, acompanhada por um poema de Goethe. Carlos Augusto não faz caso das rosas que ela vai substituindo no solitário perto do clavicórdio, e ri-se dos versos que Leonor guarda, indecisa, entre as páginas de um volume de Novalis pousado na mesa a seu lado.

Dois dias depois chega uma nova rosa, desta vez púrpura, acompanhada por versos de Schiller e um bilhete com poucas palavras:

«*A Senhora Condessa encontrará livros de Goethe e de Schiller na Biblioteca da Universidade de Viena.*»

†

Vejo-a descer da carruagem, dispensando a ajuda do cocheiro, à frente da Universidade de Viena. Enreda o passo na tufada saia do vestido de seda verde-amendoado, ligeiramente erguido pelos dedos enluvados de negro. O vento despenteia-lhe os caracóis que conseguiram escapar do arranjo de veludo e rendas de Sevilha, posto de lado na cabeça delicada, como se escorregasse ao longo do cabelo.

A sua ida à biblioteca naquela manhã enevoada é a prova do crédito dado ao bilhete por mim enviado a garantir-lhe a existência de livros de Goethe e do volume de poesia publicado por Schiller. Com ela traz um caderno de

capa forrada a pano bordado, de cujas páginas se soltam alguns papéis com versos que esvoaçam ao longo das arcadas de pedra sombria.

De onde estou a espreitá-la,

consigo ver-lhe a passageira expressão de desagrado, para logo correr atrás dos poemas que esvoaçam, despreocupada, com as saias a enrodilhar-lhe o passo ágil, até conseguir recuperá-los: folhas leves a tombarem já no chão húmido da geada da noite, para tornarem a erguer-se impelidas por um inesperado vento agreste que transporta consigo as neblinas do Danúbio.

Abandono a sombra das árvores na qual me refugio, e tento reduzir a distância entretanto alargada entre nós, cuidando em passar despercebido. Ao endireitar-se, Leonor – como prefiro tratá-la nas minhas fantasias – aperta de encontra ao peito o caderno juntamente com a pequena bolsa bordada. Nas suas feições suaves, percebo uma crispação que me surpreende, habituado que estou a vê-la usar como disfarce a máscara da expressão neutra, tentando encobrir o que lhe vai no espírito. Estremeço ainda ao recordar-lhe o olhar dolorido e alado, triste e pensativo, que tantas vezes passa de cinza a anil e de índigo a violeta suave.

Apercebo-me do desembaraço com que entra no enorme átrio de mármore: primeiro contorna-o, para logo se dirigir à larga escadaria de madeira escura e polida, que começa a subir sem pressa, a mão direita deslizando ao longo do corrimão, mais a tactear-lhe a espessura do que a amparar-se, ignorando os alunos que, ao cruzarem-se com ela, a fitam com assombro.

Sigo no seu rasto, atento aos risos, aos chistes, às veladas insinuações que à sua volta se levantam e aos que diante da sua beleza altiva se detêm, silhueta delgada que o vestido de tafetá azul-cobalto sublinha. E chegando antes de mim ao topo da escada, hesita diante das três hipóteses que lhe propõem os corredores sombrios. Dissimulo-me junto à pequena coluna encimada por um vaso de cobre com funcho-bastardo, de onde a espreito:

um ricto de determinação marca-lhe os lábios descoloridos, acabando por se dirigir num passo firme e rápido pelo corredor central, a bainha da saia

a rojar no tapete grená, em direcção à grande porta ao fundo, onde está escrito numa estreita placa de metal dourado: Biblioteca.

Sigo-a.

Primeiro, tira as luvas pretas, em seguida pousa ambas as mãos nuas nos painéis de madeira maciça, pesada, e empurra-a com esforço, ombros um tudo-nada inclinados para trás. Num ápice, porém, alguém surge correndo a travar-lhe o gesto. Apercebo-me de como Leonor fita, surpresa, o homem fardado que, tirando o chapéu, lhe diz ainda amável:

– Vossa Excelência vai-me perdoar, mas as damas não podem entrar nas salas da Universidade.

Ao que ela responde num tom mordente:

– Vou à biblioteca, não preciso das vossas salas.

Ele abana a cabeça grisalha e recua atrapalhado, deixando a grande porta entreaberta, o que permite distinguir algumas das estantes com os livros alinhados nas prateleiras de madeira lustrosa, volumes nos quais Leonor repara com gula, avançando de imediato na sua direcção. Mas o guarda torna a barrar-lhe o caminho.

– As damas também não podem frequentar a biblioteca.

Como se tivesse sido esbofeteada, Leonor, indignada, pergunta quase num grito:

– E não podem porquê?

Um profundo silêncio responde à sua pergunta.

†

Ao acordar ele ainda está a seu lado,

estendido na cama larga. O corpo longo e branco de louro, as ancas estreitas e as compridas pernas que durante a madrugada tinham encontrado o caminho até ela por entre os lençóis de linho alvo, as cobertas e as mantas de lã, e expunham agora à luz matizada do início da manhã a sua equívoca nudez glabra.

Inclinando-se, Leonor fica imóvel e indecisa no sentimento imprevisto, contrariando a urgente vontade de o beijar, de lhe aflorar a nuca, de voltar

a respirar-lhe o intenso cheiro de homem, acre mas também acetinado, numa mistura de esperma e de suor.

Com os dedos afuselados, cuidando não lhe tocar, começa a desenhar no ar o contorno límpido da nudez de Carlos Augusto.

†

Carlos Augusto aceita o convite do Imperador para ir na passagem do ano ver os fogos-de-artifício no Palácio Real de Viena.

Leonor teima em ficar em casa

e diante de 1784 acabado de chegar, promete ser fiel a si mesma no cumprir dos ideais e dos sonhos, jurados quando ainda menina.

Esses sonhos serão o seu futuro,

de mudança.

Tudo o mais dilui-se agora diante do seu novo olhar ainda oculto; embora tema continuar mergulhada na maior das indiferenças.

No peito, porém, sem ela dar por isso,

o coração bate já mais forte.

†

Ultimamente tem sentido desejo de comer flores.

Gardénias?

Pétalas mastigadas devagar, a deixá-las subir até ao palato, para as descer em seguida com a ajuda da língua, a levá-las depois até à comissura dos lábios.

Faz arranjos florais, dos quais mansamente se entretém a arrancar as folhas e os espinhos das rosas, antes de as levar à boca, a fim de lhes morder o caule e em seguida, voraz, as devorar. A degustar-lhes o suor escasso, com travo de tília na turvação do crepúsculo.

Exaurida.

Quebrada, na pele de lírio acetinado da cintura já larga, ou da delicada curvatura da anca, meses atrás ainda breve e delgada.

Débil.

Ultimamente tem sentido desejo de comer flores.

Orquídeas?

Em desesperados sabores ambarinos esfiapados.

Os pés longos e finos das flores, dos quais conhece o gosto ácido, com uma doçura citrina.

A dar de beber à criança no seu útero.

Flores de crina.

Com a maciez das zínias, dos goivos, da tepidez líquida do almíscar crispado no brando novelo do cuspo; plantas perenes a custo esquecidas no enlanguescer dos dias suspeitosos, embora suspire e molhe os lábios com levíssimos licores de alfazema e lustro de setembrinas, fruindo uma ardida sensação de desmesura.

Furtiva.

Ultimamente tem sentido desejo de comer flores.

Camélias?

Num odor opressivo a artemísia, a verbena e a láudano, fragrâncias obsessivas, compulsivas, a beladona, a bromélia, as papoilas vermelhas que a adormecem, a desfalecem e enfeitiçam, a debilitam de murta e escuridade, onde apenas sobressai a cintilação jubilosa de um coração palpitante e rútilo.

Perecível.

Ultimamente tem sentido desejo de comer flores.

Begónias?

Mimosas a fazê-la engolir o vómito quando lhes bebe as lágrimas, o orvalho, a rasgá-las com os dentes, de forma langorosa, vagarosa, tomando-lhes pelo avesso o dentro, o íntimo, no esplendor entorpecido do travo lento a absinto, sem dar conta dos braços franzinos, febris e palpitantes.

Quebradiça.

Ultimamente tem sentido desejo de comer flores.

Estrelícias?

Com uma graça esquiva, morde-as distraída, vagarosa, a sugar-lhes os sucos, os sumos, que tece e enrodilha com a ajuda transparente da saliva a escorregar nas gengivas suaves. O prazer a esconder-se no húmido crepúsculo por baixo da língua. Numa longínqua memória de júbilo.

Apaziguadora.

A iludir a voracidade do corpo e da paixão recolhida escondida no disfarce; violetas devoradas, com as suas pequenas corolas débeis, meticulosas e intactas. Assumindo o vício, alienada no seu ofício materno, na tentiva de olvidar a insubmissão dos poetas. Hábil no destrinçar dos versos, das palavras, dos paladares, deslizando-os e depois deglutindo-os.

Sequiosa.

Ultimamente tem sentido desejo de comer flores.

Gladíolos?

Em urdidura e vontade de os domar, de lhes sorver as raízes, os dormentes odores azul-pavão, que se lhe apresentam cheios de langor, a fremir nas horas da penumbra onde ela em sobressalto reconstrói e inventa.

Desvenda.

A tocar ao de leve a fímbria do decote de renda, quando a meio da tarde se recosta nas alvas almofadas da cama, envolta em nuvens de lãs caprichosas, em pálidas mantas de marta, e tenta afugentar a vertigem.

Ardilosa.

Nove meses seguidos friorenta e lívida.

†

Toca Mozart de manhã cedo,

e isso afasta um pouco a inquietação em que se encontra, dividida entre a vida e o sonho, as suas palavras e os seus silêncios; entre os seus intentos, os seus desejos e a realidade; sobretudo entre o coração e a razão, que a

partilham em iguais metades, como se fossem de uma única laranja – cada gomo parte de um mesmo fruto ou flor de árvore.

Na sua arte incontrolável, o corpo voltara a escapar-lhe.

Leonor vê-se de novo grávida, presa de um encoberto desespero que a consome e entorpece. Queixume de mulher impotente e exausta diante da própria fertilidade indomável.

Toca Mozart de manhã cedo,

como quem tenta iludir os vómitos persistentes que acabam por invadi-la, vergando-a. Desespera-a a ideia de durante nove meses se limitar a contar as semanas intermináveis, a viver com uma criança que à sua revelia a habita, ocupando cada dia maior espaço dentro de si: invasiva, voraz e invisível.

Toca Mozart de manhã cedo,

ciente dos deveres que lhe cabem, mas nem por isso menos desesperada. Depois de três partos seguidos, a sua saúde encontra-se debilitada, ressentida também pelo clima cinzento e frio, a ferir-lhe o corpo como uma farpa e a adoecer-lhe a alma; falta-lhe o calor, o mar, o cheiro do Tejo, saudosa do sol ardente e do azul intenso do céu de Portugal.

Refém da natureza, que parece entreter-se a forjar-lhe um destino diverso daquele que ambicionara, não se revê na figura reflectida no seu espelho imaginário: imagem dupla, uma esvaída e débil, a outra hesitante e entorpecida.

Onde estará então aquela que, embora trancada num convento acreditava na liberdade?

†

A menina nasce de olhos abertos, cor de violeta.

Sem nenhum choro.

Para a parteira e as outras mulheres que rodeiam Leonor e lhe assistiram ao parto é por demais evidente que a criança respira e exala um levíssimo perfume delicado a ferrugem do sangue materno adoçado com a amêndoa dos lábios.

Tudo nela parece ter acerto e harmonia: da correcção das feições à pele alva, em contraste com a penugem escura da cabeça redonda; do oval perfeito do rosto às pálpebras como pétalas de transparência azulada, da boca de lábios carnudos e rosados ao queixo pequeno, marcado ao de leve por uma ligeiríssima cova de lua.

Limpam-na com panos húmidos e quentes, retirando-lhe os mucos, os coágulos, o difícil rasto dos sangues, dos sucos do corpo da mãe, que emudecida descansa nas almofadas altas e molhadas pelo próprio suor, que lhe cola os cabelos dourados às têmporas maceradas.

De mangas arregaçadas acima dos cotovelos, saias e aventais encharcados pelas águas ferventes onde haviam mergulhado as mãos e os braços ensanguentados dos líquidos do nascimento, vestem em silêncio a menina, dedos grossos e rudes, pouco habituados à delicadeza dos cetins, das lãs e das fitas.

Depois de enxugarem o corpinho macio e quebradiço, vestem-lhe a camisa de cambraia transparente, pano de linho dobrado entre as virilhas, e por cima um comprido cueiro a tapar-lhe os minúsculos pés. Por fim põem-lhe a pequena touca de algodão rosado.

Estranhando – quem sabe se temerosas por nunca terem feito nascer criança tão bela –, tomam-na nos braços e vão colocá-la na cama ao lado da mãe adormecida, entre os lençóis que ainda não houvera tempo de mudar e onde se perdeu a raiz de agrimónia usada à revelia de Leonor, na tentativa de lhe cortar as dores. Sem se atreverem a acordá-la, limitam-se a cobrir as duas com uma manta de lã.

E em bicos de pés saem do quarto.

†

Depois do nascimento de Juliana, muito ao de leve, começam a verificar-se mudanças em Leonor: pequeníssimos desvios na sua maneira de ser, subtis fissuras de comportamento, levíssimas indecisões ainda imperceptíveis, algum destempero no riso que, de imediato, pode mudar-se em choro.

Como já acontecera quando do nascimento de Maria Regina e de Frederica, vagueia muito esguia e exaurida pela casa, cabelo em desalinho, sem gosto por nada nem para nada; busca em silêncio os recantos mais sombrios das salas e dos quartos, cortinas corridas, velas apagadas, acabando por deitar-se vestida a meio da tarde, encolhida sobre as bordaduras da colcha de cetim e damasco.

A evitar a filha recém-nascida,

que no berço parece aguardá-la, tal como a Frederica, que ardilosamente sempre vai no seu encalço, esgueirando-se, disfarçando-se por trás de cada cortinado, escondendo-se debaixo das mesas, deslizando rente às paredes, espreitando-a pelas frinchas das portas, seguindo-a

por todo o lado.

†

Conhecendo a azáfama que provoca um nascimento, Carlos Augusto estranha o silêncio da casa e teme pelo que possa vir em seguida. Pensando conhecer Leonor melhor do que ninguém, julga saber interpretar-lhe cada fuga ou cada sorriso. Mas o presente alheamento desnorteia-o, pois mesmo quando parece aceitar a companhia dos outros ela permanece ausente como se ninguém existisse no vazio que a envolve.

E ao ver as lágrimas começarem a rolar sem motivo nas suas faces descoloridas, alarma-se. Tenta ainda falar com Leonor, que lhe foge ora através do sono sobressaltado, ora trocando-lhe o passo entre as salas e o jardim, onde ao longo das sebes de lilases ele a procura, indo-a descobrir a maior parte das vezes sentada debaixo do caramanchão das rosas trepadeiras, que ela mandara fazer igual ao da casa de Lisboa, de Teresa de Mello Breyner.

Um dia, porém, Carlos Augusto fica a examiná-la de longe, a cabeça reclinada no braço apoiado na mesa de pedra, onde costuma escrever no final das manhãs mais amenas; o braço esquerdo desce-lhe ao longo da ilharga, indo repousar a mão fina e aberta no ninho de seda do colo.

Parecendo-lhe adormecida, ele aproxima-se com cautela para não a assustar, dando-se conta de Leonor estar desfalecida,
respirando a custo.

†

DIÁRIO

Quem é esta que tomou conta de mim?

Sinto a vertigem e a tentação daquela que parte em busca de si própria por caminhos equívocos, por matas e florestas e atalhos, por entre dúvidas, entraves, angústias, à beira de precipícios e ravinas. Ora pisando espinhos de roseiras bravas, ora lírios com a maciez do linho, ora pétalas de glícinias com a sua sombra manchada.

A atravessar, se for preciso, oceanos encapelados, vulcões e lava e lagos de quietude suspeitosa. Entrelaçados, árduos e revolvidos são os caminhos que me levam ao conhecimento.

Atenta somente ao desespero do mundo?

Viena, Setembro de 1784

†

Começa a rondar o berço de Juliana,
embora evite ainda encarar-lhe o olhar violeta, que em si parece deter-se indagador, com uma argúcia que a desconcerta. Diante desta filha recém-nascida, tão depressa se assombra com a sua beleza, como tem pena de a ver delicada e a sumir-se debaixo dos lençóis de cambraia, das cobertas acolchoadas a fio de seda, rodeada de tules, de folhos de cassa, de rendas e laços de nó deslaçado.

A fazer-lhe lembrar Maria Regina na brandura quebradiça, quando a aperta ao peito a querer escutar-lhe o coração que na verdade bate forte e tranquilo. Inquieta-se à toa com o seu pouco choro, ignorando Frederica que, em silêncio, ora parece entreter-se sozinha contentando-se consigo mesma, ora a segue como uma sombra, mais vulto esquivo do que menina.

Carlos Augusto sai de manhã misterioso, calado, e volta silencioso e equívoco no final do dia, a fechar-se no escritório, indiferente ao que se passa à sua volta. Depois de algumas tentativas frustradas para levar Leonor a aceitar a nova maternidade, parece ter desistido.

Aliviada, ela deixa que o marido a evite.

Foge de receber as amigas. Mesmo assim, Maria Wilhelmine visita-a, convida-a para os almoços com Mozart, aos quais Leonor vai sonolenta, desatenta. Carmen desafia-a a sair como faziam antes, mas ela recusa, afundando-se na solidão.

Restam-lhe as cartas chegadas de Portugal às quais responde com queixas, tristezas e azedumes, embora o orgulho a impeça de abrir por completo a alma.

Torna a escrever versos, e em seguida rasga-os.

†

À medida que os dias passam, embora comece a sentir-se menos infeliz, Leonor continua a fugir da companhia dos outros. Evita a presença das filhas. Distancia-se na intimidade com Carlos Augusto. Desinteressa-se da beleza do Danúbio, das ruas, dos jardins e dos parques por onde gostara de passear, e até dos salões cujos debates dantes a entusiasmavam.

Recusa-se ao convívio com as amigas.

Carmen Lopez, com quem tanto se divertira, encontra-a fria e alheada; e mesmo Maria Wilhelmine de Thun desconhece-a na indiferença por tudo o que dantes a motivara. Será com Anna Maria de Zuchy, de todas aquela de quem menos gosta, que Leonor mais fala, e ouve, sem no entanto passar além da superficialidade.

E quando, já no fim de mais uma visita da condessa, esta se refere a Mozart, que continua a tocar em sua casa, pela primeira vez Leonor sente o coração apressar-se-lhe no peito sobressaltado. Como se uma pequena chama azulada e trémula esvoaçasse reacendendo o seu fogo desmaiado.

†

Há muito que deixou de usar o cravo ou o saltério.

Continuando a impacientar-se com tudo e com todos. O céu cinzento e o clima gelado de Viena estão a destroçar-lhe a vida. Cala o que nela começara a germinar. Revolve-se na dúvida, temendo ir longe demais. Desde o nascimento de Juliana que sonha abandonar a Áustria, partir antes do marido, deixando-o para trás com as crianças. Mais uma vez sem respeitar o resguardo do parto.

Como uma fera enjaulada sente-se sufocar dentro de casa, acabando por escancarar as janelas a respirar sôfrega um vento de neve que traz consigo o gosto dúbio a limos e algas do interior das águas mareadas do rio a correr ali perto.

Numa dessas tardes acaba por sair dispensando a carruagem. E levando calçados os sapatos de cabedal mandados fazer para os passeios ao longo das margens do Danúbio, durante horas caminha, a apertar ao peito a capa de lã que mal a agasalha.

Debruça-se nas pontes, com o olhar assombrado de quem vai saltar, para logo partir na direcção dos parques vastíssimos onde se demora a escutar o silêncio profundo. No regresso, pára diante da fachada principal do Burgtheater onde fora assistir à última ópera de Mozart, *O Rapto do Serralho*.

As neblinas da noite começam a descer sobre a cidade. Agitada, apressa-se a tornar a casa com uma súbita urgência de ver Juliana que encontra adormecida no berço perto de Constanze Sahlin, que já fora ama de Maria Regina.

Inclina-se no berço e afasta a nuvem de gaze para espreitá-la.

Fixamente, procura no seu rosto de boneca um defeito que a faça parecer mais humana, mais credível, mais sua. Muito bela, a menina adormecida tem os lábios rosados entreabertos, as pálpebras translúcidas fechadas e os pequenos punhos subidos na dobra do lençol bordado a ponto de crivo.

Recua e apressa-se na direcção da porta, tropeçando em Frederica que a espreita dissimulada na sombra do corredor. Finalmente no seu quarto dispensa Thérèse, atira para longe a capa onde vinha embrulhada e senta-se à escrivaninha diante da pena e do papel em branco. Mas pouco depois desiste, descoroçoada, a cabeça apertada entre as mãos.

A poesia foge-lhe.

†

Amada da minha alma

«Vai minha Leonor, vai buscar a saúde onde quer que te for mais fácil encontrá-la: é um bem de um preço infinito, que eu recobrei há meses e que trabalho por conservar, até para te ver. Estou de partida para Alcoentre, hoje mesmo sairei, por isso nada te direi agora mais. Tua irmã te remeterá ainda uma encomendinha de pita. Eu recomendo-me ao senhor conde, pondo aos teus pés o meu desvelo.

Sou a sempre tua amiga fiel

Teresa»

Lisboa, Setembro de 1784

†

Exasperada com o frio que a faz tremer o dia todo,

Leonor não sai de perto da lareira onde as achas crepitam.

Voltaram-lhe as enxaquecas…

Com os dedos gelados prime ao de leve as têmporas, e acaba por tirar os ganchos e as travessas, sentindo aliviada os cabelos tombarem-lhe pelas

costas.

Inclina-se nas almofadas entorpecida pelo calor do fogo.

E quando Carlos Augusto chega de madruagada, com o olhar aflito de ter perdido ao jogo, diz-lhe de um só fôlego a decisão tomada com afinco:

– Levo os dias infeliz, a sentir-me desgraçada. Não quero continuar a viver sem gosto. Vou-me embora da Áustria o mais breve possível.

OceanofPDF.com

†

XIII

OceanofPDF.com

†

A uma despedida

As horas voadoras vão trazendo
O instante fatal de uma partida,
Que dos gostos ligeiros desta vida
Um retrato funesto está fazendo.

A sociedade amável entretendo
Esteve a paz (por pouco possuída);
Que em mágoa pela dura despedida
No aflito peito sinto ir convertendo.

Com que horrores a pálida tristeza
Cobre o círculo breve dos meus anos,
Martiriza a sensível natureza!

Como havendo pesares tão tiranos,
E almas nobres, que adorna a singeleza,
São tão poucos os santos desenganos?!

OceanofPDF.com

†

RAÍZES

São perto das onze e meia do dia 3 de Setembro de 1758, noite cálida e sem ventos que arrefeçam o corpo. Teresa, apoiada no cotovelo nu, vê o Rei subir as calças e ajustá-las sobre o ventre flácido. Sentira-o preocupado durante todo o tempo, ela própria assustada com a ideia de voltar para casa, sabendo-se espiada e ameaçada pelos sogros, enquanto Luís Bernardo seu marido nem lhe dá pela falta, adormecido no leito que os dois ainda partilham apesar da feroz oposição de Leonor de Távora, certa da infidelidade da sua nora e cunhada.

Com as pernas nervosas Teresa atira para trás as cobertas leves e os lençóis a cheirarem a cravo e às folhas secas que mandara espalhar sob a travesseira a fim de disfarçar o mau cheiro das feridas purulentas das pernas do Rei.

– Porque não fica Vossa Majestade mais um pouco junto de mim? – pergunta, langorosa, entornando os longos cabelos no ombro dele, onde encosta a cabeça inclinada fingindo um sentimento que lhe foge. Mas D. José está inquieto. Encontra-se de luto pela morte de sua irmã D. Maria Bárbara, e o protocolo da Corte impõe que em tais circunstâncias a Família Real não saia do Paço. Por isso viera ao encontro da condessa nova de Távora na sege do sargento-mor Pedro Teixeira, homem de sua inteira confiança e braço direito do marquês de Pombal. Aliás, fora sempre ele quem cuidara de manter na sombra as suas aventuras e encontros clandestinos.

Beija Teresa na boca ávida, deslizando os dedos na sua face morena e, enquanto ela cobre a nudez com a coberta macia, D. José parte cheio de

estranhos pressentimentos, como se fossem de aviso. Ainda se volta para trás, a tempo de ver no grande espelho o reflexo da coxa morena da marquesa nova a abotoar a saia de sombra do vestido azul-hortênsia, depois de ter calçado as meias de seda, fazendo-as deslizar na lonjura das pernas altas. Ansioso por se voltar, ele baixa a cabeça e afasta-se a custo, encapuzado no seu manto negro.

O boleeiro Custódio da Costa admira-se ao vê-lo sair mais cedo do que é habitual. Logo depois recebe do sargento-mor o sinal de partida, e seguem a caminho do Paço.

«Indo a sege a passo até ao arco que fica junto das casas da Quinta do Meio para o norte, ou Pátio das Vacas, depois de dobrar a esquina vi aparecerem vultos a cavalo» – dirá ele mais tarde ao ser interrogado, temeroso face à desconfiança que sente nascer perante as suas palavras.

Talvez por isso acrescente, tentando uma maior precisão:

«Ao tempo em que a sege ia passar por baixo desse arco saíram-nos ao caminho três homens a cavalo e de cara tapada. Como já se ouviam os tiros, fiz os machos correrem para que não nos acertassem. Deixando para trás o arco onde tudo se encontrava na maior escureza, rumámos para junto das casas da Quinta do Meio, julgando que aí nos salvávamos.»

Mais tarde haverá quem afirme terem sido três as esperas para nessa noite assassinarem o Rei. O cocheiro, no entanto, contrariará esta versão da desgraça acontecida:

«Foram duas as esperas, traiçoeiras, de caso pensado. Muito perigosa a dos cavaleiros que nos seguiram e voltaram a aparecer um pouco mais acima, da parte do muro novo, de onde nos acertaram com dois tiros de clavina, que atravessaram as madeiras do espaldar do carro, nele abrindo dois grandes buracos, indo rasgar as vestes de El-Rei e perfurar-lhe o ombro e o braço, também as costas e o flanco direito. Estando eu já ferido, esperei novas emboscadas, escutando os gemidos de Sua Majestade que eu supunha estar amparado pelo senhor sargento-mor Pedro Teixeira.»

Pára a tomar fôlego, olha à roda a ver o efeito das suas palavras e, apercebendo-se de que persiste a descrença, continua, desalentado:

«Mandou-me o senhor sargento-mor voltar pela Calçada Grande, que está por fora dos quartéis do Regimento de Infantaria e das Reais cavalariças, a caminho da casa do Cirurgião-Mor, para onde guiei já mais à vontade, pois tudo ali me parecia calmo. Era bastante tarde quando as feridas de Sua Majestade foram limpas e tratadas, e já manhã alta quando conduzi o nosso Real Senhor de volta ao Paço, onde entrámos pela porta dos fundos, mas dessa vez escoltados por um corpo de dragões. Ordenou-me Sua Alteza que guardasse forte segredo de tudo o que se passara na véspera, o que eu fiz até à presente data.»

Depois, o boleeiro Custódio da Costa cala-se e fica cabisbaixo diante da expressão ameaçadora de quem o interroga com a maior aspereza, considerando que, apesar dos pormenores, o relato dele se mantém demasiado confuso.

Embora perceba a dúvida com que fora escutado devido à imprecisão do que descrevera, teme inventar mais do que se recorda, e amodorra-se: cabeça encolhida entre os ombros, a magicar na marquesa nova, que na noite do atentado divisara encostada ao vidro da janela de olhos fitos em El-Rei, até este entrar na carro. Prefere apesar de tudo permanecer calado, pois se por um lado receia ser preso caso não adiante nada de importante, por outro lado teme que o matem caso continue falando.

Perguntam-lhe se não teria enxergado entre os assaltantes o marquês de Távora ou alguém da família. Sobressaltado com o rumo do interrogatório, Custódio da Costa teima e repete não ter tido tempo nem tino para alcançar com a vista mais do que já dissera. Fora tudo tão inesperado e rápido que só pensara em fugir, salvando-se e salvando o Rei consigo.

E nenhuma outra fala se lhe solta.

Aterrado.

No entanto, lembra-se de há meses atrás se ter cruzado no pátio do Palácio de Madeira com os marqueses de Távora. D. Leonor, olhos de anil

iluminados pela indignação. Erguera ela então a ponta do vestido de seda verde-esmeralda enquanto andava, reafirmando exasperada: «Não me arrependo de nada, Francisco! Não me arrependo de nada do que acabo de dizer a El-Rei!»

Recorda-se bem de como o orgulho lhe incendiava o rosto oval, e de como as suas mãos crispadas erguiam a saia enquanto subia para a carruagem, recusando os dedos entrelaçados do estribeiro para que neles apoiasse o pé calçado de cetim e lantejoulas. Mas tudo isto o boleeiro silencia, sem conseguir destrinçar ele mesmo porque se cala.

Talvez por ter adivinhado uma imensa tristeza sob o incendiado gelo do seu olhar violeta, que durante escassos segundos D. Leonor de Távora

permitira que se cruzasse com o dele.

OceanofPDF.com

†

MEMÓRIA

Sempre procurei a beleza, aliando-a à busca do conhecimento, tomando ambas como causas primeiras da minha vida.

À perseverança.

Entrançando as Luzes e o humanismo.

Por isso, também, ao partir da Áustria escolhi ir por Estrasburgo, como fizeram tantos dos humanistas que admirava. Seguia em busca de paz, querendo pôr fim à depressão onde mergulhara depois do nascimento de Juliana; temendo que apenas os versos não me afastassem da beira do abismo.

Hoje prendo-me de bom grado aos pequenos detalhes, às pequenas grandes coisas da vida, tais como escutar o sussurro da aragem a passar pelos ramos das magnólias em flor, o odor espesso da madressilva trepando à minha janela no final das tardes quentes, encontrar uma flor seca entre as páginas de um livro, recordar o olhar límpido e intranquilo de Maria Madalena no retrato que dela fez Josefa de Óbidos.

Tempos houve em que precisei de bastante mais.

Inquieta.

A minha vida parecia quebrar-se depois de cada maternidade.

De medo?

Sim, creio que então temia perder-me e aos meus sonhos. Culpava-me por sentir cada uma das minhas filhas recém-nascidas como se fossem âncoras que, apesar das amas e das criadas, me retinham os passos. Embora minha mãe tudo tenha feito para me incutir e a Maria os prazeres da maternidade, jamais me consenti verdadeiramente essa entrega.

Nessas alturas, se pudesse, teria fugido.

Como se me salvasse.

Sentindo-me a asfixiar depois de cada parto, escancarava as janelas em busca da aragem que me refrescasse; afastava de rompante os cortinados, empurrava com brusquidão as portas pesadas dos aposentos fechados. Acendia os pavios fininhos das lamparinas e ficava a vê-los navegar diante das imagens dos santos, a deslizarem no azeite de um tom de esmeralda profundo, para de súbito esmagar entre os dedos as suas luzes minúsculas; e só agora entendo como então me deveria sentir zangada com a vida, que de maneira cruel me manietava e limitava, tomada pela infelicidade.

Já não era no entanto esse o sentimento que me tomava à chegada a Estrasburgo, cintilante ao sol, com a sua pedra em grés vermelho dos Vosgos.

Longe daqueles que me queriam, e eu amava, ia-me modificando, reconstruindo-me.

Julgando-me livre.

OceanofPDF.com

†

1784-1785

Carlos Augusto olha para Leonor imóvel a meio do jardim que ladeia a casa, como se na hora de partir hesitasse, acabando no entanto por transpor o portão e, sem olhar para trás, entrar na carruagem que a espera.

Do lugar onde está, ele apercebe-se do movimento determinado dos seus dedos a descer a cortina de veludo da janela exígua; e entende que ela apenas se defende, a tapar dos outros a secura vazia dos seus olhos sem lágrimas. Mas acabará por ser ele que a surpreende ao entrar de rompante no carro, a tomá-la nos braços; perturbada, ela entrega-se, para logo o afastar sem uma única palavra ou sequer um fugaz sorriso.

Rosto fechado.

Olhos de claridade áspera.

Volta a aceitá-lo, beija-o com desconcertante avidez, a língua dançando por dentro dos seus lábios, para de novo fria o empurrar de si e ordenar-lhe que saia.

– Escreve –, pede-lhe ele numa voz que a Leonor já parece distante; e Carlos Augusto vê-a aceder em silêncio com um breve sinal de adeus, a cabeça ainda liberta do chapéu em tons de ocre, longo véu de rede para defender do pó das estradas.

No primeiro degrau da escada de mármore que vai dar à porta de casa, está sentada Frederica encolhida sobre si mesma, olhar de secura e ódio retardado, enquanto Juliana dentro de casa dorme tranquila no berço. Encostado ao portão de ferro forjado, Carlos Augusto chama a filha para junto de si, mão direita a apertar-lhe o ombrinho que treme sob a cassa branca do vestido abotoado nas costas, cintura apertada por um largo laço

de cetim escarlate. E Leonor finalmente parte, sem um sorriso ou um aceno, o perfil impreciso a perder-se na obscuridade da carruagem. Indecisa diante de si mesma,

na arte do seu imperfeito descontentamento.

†

A seu lado vai o estojo de escrita e um saco de couro com livros que lhe levaram longos dias a escolher, entre os tantos da sua biblioteca que viajam consigo num dos carros que a seguem. Não quisera deixá-la para trás. Já lhe basta ter ficado sem a que levara de Chelas para casa dos pais e que lhe haviam roubado durante a mudança para a sua nova morada no Porto.

– Não corro esse risco –, garantira ao marido. E ela mesma se encarregara de acomodar os volumes em baús, em caixas e pacotes, ajudada por Thérèse.

Mal sai de Viena entrega-se a uma bendita modorra, que lhe anestesia os sentidos, impedindo-a de sofrer ou de se arrepender, levando-a a regressar. Pouco a pouco, porém, os primeiros versos de um soneto vencem a penumbra onde a mente dela prudentemente se afunda:

vibrantes, teimando em despertá-la.

†

DIÁRIO

Volto a partir, em tumulto, avessa a mim mesma.

Desta vez deixo Viena onde tanta coisa me prende: afectos, poesia, música, as árvores esguias das áleas dos jardins dos belos palácios de pedra rendilhada, a dúbia mansidão azulada do Danúbio.

E torno a partir com a pressa irreflectida de quem se assusta.

Sufocando. Espiando-me, entendendo ser eu própria quem persigo na minha inteireza de mulher. Como desculpa invoquei a falta de saúde, debilitada pelos muitos partos que falseiam a minha identidade. O corpo e a sexualidade traem-me.

Sinto estar a desviar-me, a esquecer-me, a afastar-me do muito que quero para mim.

Mereço mais do que isto.

30 de Setembro de 1784

†

Logo começam a multiplicar-se e a sobrepor-se suposições e insinuações, a renovarem-se as intrigas, quando à Corte de Portugal chega a notícia de que a condessa de Oeynhausen, em vez de guardar resguardo devido ao parto de mais uma filha, saíra inexplicavelmente da Áustria, largando o marido e as crianças ao cuidado das criadas e da ama austríaca.

Quem recebe a notícia da partida de Leonor é o marquês de Angeja, que de imediato se encarrega de a passar ao ministro Aires de Sá e Melo; mas quem trata de a espalhar ao longo dos salões e corredores do Palácio de Queluz é Martinho de Melo e Castro, empenhado nas idas e vindas, no traz e leva da história que ele conta aumentando-lhe sempre mais um ponto. A D. Maria, pelo contrário, a nova chegara atenuada pela boca do arcebispo de Tessalónica, embora da forma exaltada que lhe é habitual.

Mas aquilo que em todas as versões fica por explicar é o facto de Leonor de Almeida ter abandonado Viena sem cumprir a obrigação de informar a Rainha sua protectora, desse modo deixando o conde seu marido, enquanto embaixador de Portugal entretanto caído em descrédito, numa posição ainda mais frágil.

†

Leonor segue para Estrasburgo.

Carlos Augusto, mal possa, partirá para Avignon onde, se a Rainha D. Maria o permitir, continuará a sua enviatura como embaixador de Portugal na Áustria. Irão pois viver em Avignon, embora ela preferisse outras cidades: Paris não lhe sai do pensamento, Veneza e Roma tentam-na por demais; mas, sobretudo, anseia por Constantinopla, sonha com o deserto do Saara e com as areias do Egipto, tanto quanto recusa Londres, num pressentimento ruim, sem explicação.

Quando dorme tem sonhos ardentes, ora na carruagem que cada vez mais a distancia da Áustria, ora nos quartos acanhados das estalagens de beira de estrada, onde pára exausta e impaciente, cheia de uma sede que mata com a frescura da água conservada pelas criadas nos potes de barro. Frescura que tolda com uma ligeiríssima névoa os copos de cristal onde se vêem as armas dos Oeynhausen, pois seguindo os conselhos de Madame de Thun, leva consigo a louça pessoal, assim como o talher de prata.

O café preto tem um intenso travo a verdete, acre e forte, mas mantém-na acordada e atenta às estradas, atapetadas por uma forragem de folhas cor de fogo, caídas das árvores derrotadas pelo outono, que nesse ano de 1784 começara mais cedo e mais triste. Mas quando a temperatura sobe um tudo-nada e se apercebe estarem a passar junto de um rio, manda o cocheiro parar e desce sozinha até à margem, onde fica largo tempo sentada junto aos seixos molhados pela mansa ondulação que vem cobrir-lhe os pés descalços. Caderno, diário ou livro de poemas aberto nos joelhos levantados e unidos por baixo da saia ampla do vestido simples e prático. Gosta de lavar na correnteza fria a cara, os braços e as mãos, a libertar-se das poeiras das estradas e dos atalhos que tomam a fim de cortar caminho; desmancha a trança de cabelos suados, deixando-os descer, livres, ao longo das costas.

A seu lado crescem a esteva, a urze e pequenas flores a salpicarem a terra de amarelo e de azul, esquivando-se por entre as grandes raízes das árvores; sabendo já que se seguisse os sinais do aroma volátil e doce de que dera conta acabaria por descobrir ali perto um renque de rosas selvagens.

†

Quando Teresa recebe o bilhete de Carlos Augusto a dar-lhe conta da partida de Leonor a caminho de Estrasburgo, começa por se zangar com a insensatez da amiga, para logo passar a afligir-se com a ideia dos perigos que poderá estar a enfrentar nesse exacto momento, viajando sozinha e com pouco dinheiro por inóspitas estradas estrangeiras.

Sem saber como chegar até Leonor, anda consumida e consumindo-se, entrega-se à depressão e passa dias na cama, tomada de enxaquecas.

Não conseguindo valer-lhe, Sancho aflige-se, mas ela empurra o marido, não querendo ser distraída da sua aflição, e encolhida sobre si própria continua à espera de notícias

que teimam em não chegar.

†

CADERNO

«Quem são estes que vêm voando
como nuvens e como pombas às nossas janelas?»

Isaías

Encontro pousado em mim o olhar de quem?
Dos anjos voando em torno do sagrado,
com as asas do corpo?

A caminho de Estrasburgo, 3 de Outubro de 1784

†

ANGELUS

Olho-te meia encoberta pela folhagem, encostada ao salgueiro, o sol raiando-te a face, lâminas estreitas traçadas pela sombra rendilhada das folhas envelhecidas que caem empurradas pelo outono, com o seu sopro ainda curto mas já ávido; apesar da tepidez que encontras junto das rosas selvagens e intocadas, a mancharem de luz rósea os teus pulsos estreitos dos quais me apercebo quando levas as mãos ao rosto, exausta da viagem.

A julgares-te sozinha, ergues as saias e eu vejo-te as pernas enquanto nelas deslizas as meias, imaginando sentir o teu odor de túlipa a infiltrar-se no cheiro do musgo crescido por entre as pedras das margens do ribeiro onde mergulhas os pés descalços. Deslumbro-me quando, ao desmanchares os cabelos, eles descem como um manto dourado pelas tuas costas, roçando-te a cintura marcada por uma larga fita de cetim que desatas com vagares distraídos, e só depois te encostas ao tronco rugoso de um salgueiro chorão e adormeces.

Atrevo-me a deixar o refúgio dos arbustos e das árvores para melhor te admirar, meu anjo ou deusa ou mito; estendo mesmo as mãos, como se pudesse tocar-te, da margem oposta àquela em que te encontras.

Descansando?

Dos teus joelhos resvala o caderno por certo de poesia.

E eu bendigo cada gesto teu, mesmo se me agastas.

Me escapas.

Ora a cederes nas cousas essenciais, ora intransigente e grave por coragem e determinação, a escreveres com aquela febre ansiosa que reconheço sempre que te possui e nela te apressas mais do que seria necessário.

Isso inesperadamente adoça-te.

Tal como agora te diviso:

adormecida e tranquila ao pé das rosas bravas, que soltam o seu perfume espesso retirado dos ardores do último verão.

Mas algum ruído te acorda.

Sustenho a respiração e retorno ao resguardo sombrio das árvores, onde o cavalo me espera. Ao pressentires a minha presença inquietas-te, regressas à tua carruagem e partes. Como sempre, eu sigo-te,

tentando cuidar-te.

†

É Mariana de Arriaga quem clarifica, embora sem destrinçar-lhe o mistério, a história da carta enviada à Rainha pela condessa de Oeynhausen antes de partir da Áustria, e desviada no Palácio de Queluz no próprio dia da sua entrega.

Mal lhe põe os olhos em cima, a camareira-mor de D. Maria reconhece a letra miudinha, assim como o papel onde a amiga escreve os poemas que de tempos a tempos lhe envia, mantendo intacto um hábito iniciado quando Leonor de Almeida, ainda solteira, passara o mês de Agosto na Corte de Almeirim: o de lhe mandar, passados a limpo, os poemas que vai fazendo.

Mariana de Arriaga fora buscar à Sala do Despacho o leque de marfim que D. Maria esquecera sobre a mesa, quando se depara com a missiva, em cima de todas as outras colocadas na grande salva de prata: dobrada e fechada sobre si mesma, o lacre intocado.

De costas viradas para a porta, debruça-se sobre ela, satisfeita por ir pôr fim a tanta intriga forjada contra Leonor. Estende a mão para agarrá-la, quando se apercebe não estar sozinha na sala entretanto mergulhada na mansa luz do crepúsculo. Sem sobressalto repõe-na de onde a tirara, e ao voltar-se antevê alguém a esgueirar-se, sorrateiro, mão enluvada de negro no resguardo da cara. Ainda corre no seu encalço, mas ao chegar ao corredor já tinha escapado.

Começa a andar, atenta, e dali até aos aposentos da Monarca apenas se cruza com D. Maria Ana Josefa, filha do visconde de Vila Nova de Cerveira, embrulhada na sua capa de seda cor de crisântemo, e com D. Diogo de Noronha, de semblante absorto, cosido com as paredes.

Preocupada, Mariana de Arriaga acaba por ir contar à Princesa do Brasil o acontecido, e esta, alvoroçada, tomando-a por um braço arrasta-a consigo até à Sala do Despacho, onde as placas de luminária, o candeeiro de ventarola e os muitos castiçais de cristal de Veneza foram entretanto acesos, cintilando com as suas luzes tremeluzindo, criando sombras azuladas e incertas que as duas ignoram ao entrarem de rompante, passo estugado até à comprida mesa encerada sobre a qual as cartas continuam na salva de prata.

Menos aquela que a condessa de Oeynhausen, antes de sair da Áustria, enviara à Rainha, sua madrinha de casamento.

Pina Manique espreita-as de olhar fechado.

†

Tem pensado especialmente em Leonor Benedita. Largada por si em casa dos avós e criada por eles com a ajuda de Maria, menina sem feições para recordar, nem timbre de voz de que se lembre, pois nunca a escutou.

Abre o caderno à sua frente e, de entre as páginas lilases, retira uma das últimas cartas enviadas por Teresa, e volta a lê-la, presa quer da arte literária da amiga, quer do longo monólogo em que esta lhe dá a conhecer a filha mais velha:

«A tua Leonor será formosa, podes estar certa. Cresce, em forma, tem belo cabelo; e sem ser minimamente branca, tem excelente cor. Esteve cá alguns dias, e nesses tratei de a ver muito a miúdo. Fora de desejar que ela estivesse sempre com a tua irmã: ama-a como filha, não a distingue da sua, não lhe poupa doutrina e faz a seu respeito quanto tu quiseras de uma boa governanta. Mas estas pequenas visitas são raras, pois a tua Mãe não pode viver sem ela. A menina tem uma alma gigantesca, muito entendimento, muita memória, muita determinação, mas o extremo

carinho com que olham por ela fá-la contrair certos defeitinhos que são bastante ordinários no seu sexo, e quase inerentes das filhas únicas, criadas entre crianças de ordem inferior, e cuja inferioridade se lhe faz conhecer por todos quantos modos possíveis há. Isso faz que, quando concorre com as suas iguais, estranhe a falta de superioridade, e abate-se quando observa que a balança do carinho ou do louvor pende para outra parte, o que sucede muitas vezes, porque nem todos escolhem o melhor, e o que nunca sucede, sem que a sua penetração o descubra, ainda que o dissimule.

Este defeitinho não é irremediável e o seu entendimento o corrigirá, bem que não pague barato preço a sua correição. Tem toda a sensibilidade que anunciam os seus olhos, e como prova vou contar-te os diferentes lances que observei nestes dias que esteve cá: tua Mãe veio e ficou em casa da Ribeira, onde a menina estava há dias e muito contente. Cantava-se Ferraguti, tua Mãe ouvia, e a menina acudiu à Música e sentou-se no chão ao pé da tua Mãe. Acabada a ária, as outra pequenas quiseram que ela fosse brincar, e ela respondeu: "Tenho aqui uma grande ocupação que é estar com minha Avó."

Tudo isto se passava entre as pequenas e a tua Mãe reparou que ela pronunciava mal uma palavra nesta ocasião, e sem lhe agradecer a fineza, advertiu-a do defeito, e a menina pegou-lhe na mão e disse-lhe: "Minha Avó há-de dormir na minha casa? Olhe, bem cabe lá ao pé de mim"; e isto com uma ternura maravilhosa. "Não posso", disse tua Mãe, "porque a tua casa é pequena, e eu necessito de ar"; a menina instou com crença, e tua Mãe disse-lhe: "Nós estamos em casa da tua Tia, e ela é quem deve governar o lugar onde havemos de ficar". "Pois ao menos, minha Avó, mande-me ir para onde Vossa Excelência ficar, ainda que eu fique no chão."

Não mereceria isto grande atenção se a fisionomia não dissesse muito mais que as palavras; mas a conversação continuou, e a menina, que nada gosta de Almada, e estava muito contente na Junqueira, continuou a sua prática, dizendo: "Minha Avó, é tão bom estar cá! Minha tia tem aqui

uma janela de onde se vê a Alemanha. Eu dela posso ver meu Pai! minha Mãe! e minhas irmãs brincar.”»

Neste passo do relato, em vez de comover-se, Leonor sempre se agasta, se irrita, invadida por sobressaltos e ressentimentos antigos e, saltando algumas linhas, continua a ler:

«Tua Mãe no dia seguinte voltou para Almada, e passados dois dias mandou buscar a menina. A ordem chegou pouco antes de jantar; nós devíamos comer com a tua irmã e isso me fez testemunha de outra galante cena: todos nós lamentámos a retirada, mas a menina ouviu a sua sentença e sem perder a serenidade afrouxou um pouco a alegria. Uma das pequenas, que brincava com ela, disse sentida: “A Prima vai-se!” Ela reflectiu um momento, enterneceu-se, mas sem se lhe ver uma lágrima, disse, “Paciência!”»

Leonor, que sempre foi impaciente, sem terminar a leitura da longa carta de Teresa, dobra-a preocupada e volta a colocá-la entre as páginas do caderno de onde a retirara.

†

Depois de um penoso dia de chuva, cortina cor de chumbo de nuvens impenetráveis, à mistura com humidades e ventania desabalada, escutando as imprecações dos cocheiros e os cavalos a resvalarem na lama das estradas,

sentada à frente da lareira do quarto da pequena estalagem, Leonor escreve com longos vagares no seu caderno forrado a pano,

em jeito literário de desabafo, um curto monólogo que dirige a Maria:

«Estes dias de água parecem querer apagar o meu fogo, intensificar os ruídos à minha volta, quando tanto preciso de paz e tranquilidade na ânsia de, em sobressalto, me afastar de todos.

Se, afinal, nem de mim me resguardo…

Tu és diferente Maria, porque flutuas, porque te amenas, porque te consomes enquanto eu me enchamo e queimo as asas; pois em vez de

apaziguar-me – será possível apaziguar-me? – esbracejo em busca da labareda que sempre sinto faltar-me.

Não há remédio para o meu mal.

Prometo em vão tapar a cintilação que parece ser incómoda para quem me cerca, e simulo extinguir-me, tornar-me um pouco menos, embora consciente dessa impossibilidade. E como não é de minha natureza dissimular o que penso e sinto, logo volto à minha habitual maneira impositiva.

A mana sabe como procuro a beleza, a fundir-me nela quando posso e através dela alcançar, quem sabe, o êxtase! Tão caro a Teresa de Ávila, a Juana de la Cruz e a Hildegarda de Bingen: voando, levitando, permitindo-lhes atingir o centro, a noz da claridade.

Porque a beleza, minha irmã, apesar de poder ser devastada e devastadora, mesmo assim será sempre suprema,

vertigem, queda e voo de águia.

Contida num gesto, num corpo, num sussurro; no louro ou ruivo alarde do tom, num verso, numa tela ou numa sinfonia; na desordem, no tumulto, num poema único; num livro, num sino que toca a rebate, num harmonioso acorde musical.

Em Pergolesi, em Haydn, em Mozart.

Numa frase, num delírio, num esvaimento. Aquele tudo-nada que ninguém vê, mas no qual eu reparo, me deparo, desejando ser

múltipla, legião e clamor, repartindo-me nele.

Semente, fruto, vagem, gota, baga.»

Noite sem estrelas de Outubro de 1784

†

Numa das estalagens em que passa a noite, já perto de Estrasburgo, sonha com Hildegarda de Bingen, envolta na luz da sua sabedoria, túnica cintilante de ouro fiado, olhar profundo e fixo. Voando pelo interior do pensamento, alada e ofuscante na fundura das suas visões.

Leonor segue o caminho do Reno.

«Este é o caminho do Reno, organizado no seu leito pela ordem divina que abre as suas asas. Teus são os anjos de fogo. Segue-os até à tua morada.»

Leonor acorda sobressaltada, salta da cama na obscuridade gélida do pequeno quarto e reaviva a lareira onde o lume quedara amodorrado nas cinzas. De Leonor de Aquitânia guarda na memória alguns poemas, dela seguindo o exemplo do pensamento culto que conhece através da escrita e das palavras das suas cartas. De Hildegarda persegue a luminosidade de espírito, a sensualidade desacertada consigo mesma, não os votos religiosos mas os sonhos desmedidos, os estados de alma que ela fixara nas suas tábuas de cera que o tempo não quebrara:

«Contudo sempre observei esta visão na minha alma, desde a infância, quando os meus ossos e nervos ainda não eram fortes, até ao presente, em que tenho mais de sessenta anos… E desde os três anos de vida que vejo uma Luz tão intensa que a minha alma estremece.»

Tremendo, Leonor embrulha-se no xaile de lã quente e senta-se no chão frente aos madeiros que crepitam. Os braços em torno das pernas erguidas, rosto encostado aos joelhos unidos.

Excesso.

É o excesso que a atrai em Hildegarda.

Ruiva.

Casta.

Na sua ardência assumida.

À medida que Leonor sobe o Reno, os escritos da monja tornam-se-lhe obsessivos, a tomarem conta do seu espírito e da sua memória, numa visitação constante que nem o racionalismo a que pretende entregar-se a afastam deles.

«Estou junto das vossas águas insondáveis, abadessa de Rupertsberg e de Eibingen. Atravesso o rio encrespado na sua superfície. Reconheço o ar lavado de que ambas gostamos» – diz, como se Hildegarda fosse viva e

seguisse a seu lado. Acrescentando para si mesma como se a chamasse muito baixo,

Magistra

Lamentando os séculos que as separam, entre elas cosidos em silêncio com as lágrimas das mulheres, fiados pela diversidade feminina.

A chama curta da vela do castiçal e a do pavio bruxuleante de uma pequena lamparina fazem enovelar as sombras que parecem dançar, tal como o indolente movimento dos cortinados empurrados pelo vento que entra pelas frinchas expostas e pelas fissuras secretas das janelas.

Relembrando a tamanha claridade do seu sonho, Leonor volta o pensamento para a genialidade de Hildegarda de Bingen e, presa da sua inteligência e magia, fica ali o resto da noite entregando-se à sua companhia invisível e quase táctil. Mas, à medida que a alva desponta, a presença de Hildegarda a pouco e pouco desvanece-se, dissipa-se. Leonor tenta ainda segurá-la e, ao reinventá-la junto a si, invoca-a. Não seguindo o trilho da humildade devida às monjas, mas o da paixão, o da arrogância de Hildegarda, fazendo-a desafiar imperadores, cardeais e mesmo o papa. Evitando voltar para a cama onde os lençóis frios e húmidos a esperam, Leonor enrosca-se, sonolenta, e adormece aninhada na sua manta de arminho.

Pela primeira vez desde que deixara Viena consegue descansar.

†

Quando chega a Estrasburgo é presa inquieta de uma solidão sem limites. Por isso, quando vê Filinto Elísio, que viera ao seu encontro como haviam sigilosamente combinado, sente um imenso alívio e sincera alegria. Cai em torvelinho nos seus braços, e ao sentir-lhe o antigo cheiro a madeira de sândalo, que recorda de quando o conhecera e com ele convivera através das grades do convento de Chelas, enchem-se-lhe os olhos de água e o coração de nostalgia; atitude contrária ao seu modo de ser, aparentemente tão avesso a penas e lamentações inúteis, o que é quase sempre tomado por desprendimento e secura, quando na verdade se trata do contrário.

– D. Leonor, ou condessa de Oeynhausen? – pergunta-lhe, irónico.

E ela responde-lhe:

– Leonor ou Alcipe, ou mesmo Lília, quem sabe até se Lize, Laura… Todos são meus nomes de poesia. Não interessa o tratamento que me podeis dar, mas sim os vossos sentimentos a meu respeito.

Os dias que passam juntos antes de Filinto regressar a Paris – onde, diz-lhe muitas vezes, Suzanne Necker a espera, presa de ansiedade – têm uma leveza, guardam uma alegria de que Leonor para sempre sentirá dolorosa falta. Percorrem as longas margens dos canais, ficando horas a conversarem nas pontes cobertas; entram em todas as igrejas, onde não rezam mas admiram a beleza secreta e minuciosa da arquitectura e da arte sacra que a ambos atraem; vão à Catedral de Notre Dame, de torres quadradas e fachada assimétrica, não encontrando relação com a de Paris.

Quando não chove, passeiam de manhã pelos jardins, a sentirem o odor da erva húmida, tiritando de frio, e para se aquecerem correm embrulhados nas suas capas forradas de zibelina, mãos enluvadas a afastarem nos bosques as

teias de aranha que parecem ligar entre si os arbustos cintilantes de orvalho e geada. Entram nas estufas, onde se demoram a olhar as camélias, as gardénias, as petúnias jubilosas nos seus vasos, e as orquídeas que crescem aprimorando a debilidade e a delicadeza dúbia.

Ao regressar exausta à estalagem, Leonor muitas vezes adormece vestida e atravessada na cama, para espanto de Thérèse que se preocupa com a sua saúde, pela qual se sente responsável.

Mais tarde recordará com ansiedade estas horas ainda recentes, mas que lhe parecem já longínquas, quem sabe lamentando não terem ido mais longe no cumprir dos desejos, dos anelos.

A sua vida, então, passara a ser motivo de desassossego. Vivera suspensa das expressões e dos sentimentos, das palavras escritas e escutadas, e no entanto recusara-se a entender aquilo que o corpo com clareza lhe exigia. Uma poalha luminosa nimbara os momentos que ela e Filinto passaram

juntos, oscilando em sobressalto, diante do susto que lhe provocara a inesperada consciência da sua vulnerabilidade, tristeza ou extrema alegria.

Liam alto e riam, conversavam muito. Faziam poesia.

Nesse momento teria sido impossível separarem-nos.

†

Madame Suzanne Necker
querida Amiga

Cheguei a Estrasburgo há duas semanas.

Sozinha com os meus versos, os meus cadernos e os meus livros. Tão perto de vós, que não resisto à tentação de ir a Paris visitar-vos. O gosto que me dará estar convosco representará para mim uma intensa alegria.

Aceito, pois, com o maior prazer o amável convite para me hospedar em vossa casa.

Da vossa dedicada amiga
Leonor de Almeida
Condessa de Oeynhausen

Estrasburgo, Outubro de 1784

†

Senhora condessa de Oeynhausen
minha boa amiga

Sempre imprevisível e deliciosamente encantadora!

Apresso-me a responder à vossa carta, para vos afirmar que os amigos que tendes em Paris esperam por vós em alvoroço. Tal como eu vos aguardo em minha casa que durante o tempo que Vossa Excelência quiser será também vossa.

Desse modo, querida amiga, poderemos conversar mais longamente e à vontade, o que me irá dar uma imensa alegria.

Aguardando poder ver-vos e abraçar-vos em breve

Sou a amiga sempre dedicada
Suzanne Necker

Paris, Novembro de 1784

†

Francisco Manuel do Nascimento parte com a morte na alma.

Deixa Leonor para trás quando mais quer estar a seu lado, ciente de que para Alcipe só importa o poeta que ele é,

Filinto Elísio,

e não o homem que se sentiu renascer nos tumultuados dias passados juntos em Estrasburgo, numa harmonia perfeita e entusiasmante.

Inquietantemente ardente.

Quando a carruagem parte, embora não querendo vira-se, a desejar vê-la uma última vez,

sabendo que nunca mais irão estar tão próximos, numa convivência única e idealizada.

Parada ao frio, olhando-o afastar-se,

inesperadamente muito loura e pálida, Leonor parece-lhe estar só no mundo.

Embrulhada no seu casaco comprido
de peles brancas.

†

Elo e laço e lado de si mesma,
moeda de troca entre Portugal e Espanha,
mais-valia,

a princesa Mariana Vitória Josefa guarda no entanto uma estranha sensação de inexistência, de transparência mórbida, diante do próprio olhar vazio, de pérola ensimesmada.

No Paço de Madrid, naquele mesmo instante, a princesa espanhola Carlota Joaquina, imóvel diante do espelho que a reflecte – menina de morenez febril e rebelde –, parece querer perguntar, tal como nos contos de fadas, qual irá ser o seu destino de infanta, do qual a mantêm alheia.

De cabeça baixa e coração destroçado, a princesa Mariana Vitória Josefa perde-se e reencontra-se na secreta recordação da doçura toldada dos grandes olhos cor de mel de D. Diogo de Noronha, que sempre em si se detêm mais demoradamente do que deveriam, e ela anseia por isso.

Perturbada.

Ansiosa por poder reencontrar os seus longos dedos,

ambos volteando nos bailes da Corte,

durante as contradanças, os minuetes e as quadrilhas, quando dançar um com o outro ainda lhes era possível,

numa proximidade de vertigem.

†

Depois de Filinto Elísio partir Leonor sente-se sozinha e desamparada. Fazem-lhe falta as conjuntas alegrias e descobertas, os sobressaltos; os envolvimentos de ambos, prudentemente contidos.

Mas é a troca de poemas, são as discussões acesas, os debates de ideias, as longas conversas sobre literatura que a deixam dias inteiros sem fala, com uma vontade incontrolável de partir.

Tinham-se despedido, prometendo um ao outro em voz baixa e velada:

– Até Paris.

†

CADERNO

Madame d'Épinay e Madame de Châtelet recusaram a sombra e a mediocridade. Deste novo espírito de liberdade feminina tomei a ideia de ambição e de insubmissão, mas também a urgência de ser plenamente, para além dos limites e das regras.

No livro *Discurso sobre a Felicidade*, sem deixar de reconhecer o seu temperamento de fogo, Madame de Châtelet faz sobretudo o elogio do amor das mulheres pelo estudo: de todas as paixões, *«aquela que mais contribui para a nossa felicidade»*.

Jamais iludindo ela a paixão pela posteridade que em mim mesma reconheço. Sublinhando ela, com lucidez e coragem inabaláveis, tudo aquilo de que as mulheres continuam excluídas.

Quando a leio, creio escutar-me.

Véspera da partida de Estrasburgo

†

Carlos Augusto fá-la desviar do caminho para Paris, obrigando-a a uma longa viagem até Avignon a fim de procurar uma casa para viverem.

Na nova morada ela acomoda os criados, vê desmanchar a bagagem e não gostando da cor dos cortinados da sala, manda tingi-los de um denso tom de púrpura a um dos tintureiros da sua rua. Para Paris levará o mínimo necessário, e também as jóias, alguns livros, os poemas, o diário, os cadernos e o estojo de escrita: as penas e o pequeno tinteiro de prata com as suas iniciais gravadas.

Antes de partir, Leonor tenta conhecer a cidade. Agrada-lhe a ponte de Saint Benezet, o Ródano, encanta-se com as janelas floridas, gosta dos candeeiros a óleo das ruas, impressiona-se com a grandiosidade do Palácio dos Papas. Em contrapartida, sente-se sufocada pelos vários lances de muralhas que se fecham em torno de Avignon.

Quando finalmente sai rumo a Paris, atravessa um dos sete portões de madeira reforçados a aço, com pequenos postigos e uma torre que ela espreita, curiosa. Mas os salões, as margens e as pontes do Sena, os parques de Paris esperam-na.

Encosta a cabeça na almofadinha de cetim e fica a pensar, preocupada com a carta que Louise Necker lhe escrevera ainda para Viena, e onde de passagem referia o grande isolamento da Rainha Maria Antonieta, em torno da qual se adensa um clima de ameaça e de ódio.

«Paris, já não é a cidade amável que haveis conhecido, senhora condessa de Oeynhausen. Há nela um mal-estar que cresce a cada dia que passa, provocado pelo luxo ostentatório e desnecessário, pela escandalosa riqueza. Fausto da nobreza, que parece ignorar a extrema pobreza, a fome do povo! Não há pão em França, D. Leonor…»

Ao responder-lhe,

debruçara-se, especialmente, sobre este trecho da carta.

†

Quando viajam de noite, por não encontrarem pouso nos caminhos, Leonor manda parar a carruagem, abre a portinhola e sai para a estrada, por onde se afasta até ficar sozinha e invisível no escuro insondável. Ergue os olhos para o negrume do firmamento estrelado, imaginando seguir pelos espaços celestes até aos astros que habitam toda aquela dimensão sem limites.

E nesse deambular,

enamorada do céu que sempre lhe parece cravejado de diamantes, perde-se de desejo pelo infinito, deixando-se levar pela emoção transportada pelas palavras de Hildegarda de Bingen: *«Quando circundo as abóbadas do céu com as asas da sabedoria, ordeno correctamente todas as coisas.»*

Desde muito pequena que caladamente sonha ser geómetra, ser astrónoma, como En’Heduana da Babilónia, tantos séculos antes de Cristo, e Hypatia de Alexandria… Ou matemática como Maria Gaetana Agnesi.

Lembra-se de ter escrito:

«Abraço o universo justamente quando acabo de me dar conta dos meus sentidos, da minha inteligência. O espaço da nossa vida é tão curto, a Astronomia é tão extensa. Quando é que conseguirei ser geómetra bastante para aprofundar todas essas leis de movimento, calcular as forças que sustêm e dirigem esses corpos imensos de que o espaço se preenche e eu me apercebo? Quando poderei saber medir as suas distâncias ou as suas trajectórias?»

Leonor demora-se a olhar para o céu, tão fascinada por ele quanto, um século atrás, Helena Lucrécia Cornaro Piscopia,

magistra philosophiae,

no seu belíssimo jardim botânico.

†

Primeiro não lhe vieram os sangues, como marés do corpo que se negam a cumprir o oceano. Mas chegaram as vertigens, as náuseas a piorarem com os balanços do carro.

Sonhava com precipícios

e com cerejas.

Crescia-lhe água na boca quando pegava numa rosa

escarlate.

†

Apesar de se sentir doente, Suzanne Necker recebe Leonor com satisfação. Instala-a com carinho, deixa-a descansar da viagem e, em seguida, dá um jantar em sua honra a que estão presentes os escritores do seu salão literário, entre eles Filinto Elísio.

Louise, que se transformara numa mulher inteligente, culta e rebelde, e passara a adoptar o nome de Germaine, rodeia-a de vivo entusiasmo, inunda-a de livros, de ideias novas, cita filósofos, defende a ciência, debruça-se particularmente sobre a botânica e a astronomia.

Lê-lhe poemas.

Fala de Diderot, de D'Alembert, de Buffon e de Grimm. Alguns deles já ela conhece de quando passara por Paris a caminho da Áustria. A outros fora apresentada aquando do encontro em sua homenagem; e a outros ainda só irá vê-los e escutá-los quando os conhecer na sexta-feira seguinte, um dos dias em que Madame Necker abre o seu salão a uma elite cuidada.

Filinto Elísio, impaciente, aparece cedo demais, contando com a complacência de Suzanne, de quem se fizera amigo e que sabe bem como ele se interessa pela condessa de Oeynhausen.

Nos dias em que se encontram sozinhos olham-se sem rebuço, saudosos do tempo passado em Estrasburgo sob a protecção da abadessa de Rupertsberg.

Saem para passear nas margens do Sena, rever Notre Dame e a luz translúcida que a envolve ao fim da tarde. Frequentam a biblioteca da Rue Bergère onde, tal como Germaine, Leonor passa muitas das horas daquela fugaz passagem por Paris.

Estadia curta e ansiosa, em que ela tenta iludir as náuseas e as agonias que querem derrotá-la logo de manhã, resultantes daquela gravidez que, ainda mais do que as anteriores, a aflige e importuna.

†

No salão de Suzanne Necker, Marmontel, que acaba de publicar o ensaio *Autorité de l'Usage Sur la Langue*, admira-a de longe, no seu vestido cor de pêssego, a declamar poesia em francês e em português, língua que ele não sabe mas lhe parece ser melodiosa.

– Prefiro quando Vossa Excelência recita em português… –, dir-lhe-á mais tarde, com um ligeiro sorriso de lisonja. E Leonor, não levando em conta o gosto por aquilo que ele escreve, responde-lhe ferina, embora grácil:

– Isso será porque Vossa Excelência, apesar de poeta, não aprecia a poesia declamada. Pois como desconhece o português, suponho que não tenha percebido um único verso dos que acabo de recitar na minha língua.

†

Chega aos salões literários exacerbada, às vezes tímida.
Olhar de pérola recolhida, que de tanto mar nos olhos não perdoa
aos outros a incerta medida e a secura.
Sentindo-se perdida, Leonor de todo não se afoita, mas também jamais se apazigua.

†

Maria Antonieta deixa a companhia da bela condessa Gabrielle de Paulignac, ignorando a expressão desagradada do seu rosto, para ir agarrar a mão de Leonor, e levá-la consigo, silenciosa. Parece no entanto hesitar, desconfiada, sempre que chegam às esquinas dos corredores dourados, onde os tocheiros de prata, as velas acesas dos lustres e dos candelabros pousados em grandes arcas de vinhático ou nas consolas de espelho tentam enganar as sombras.

Quando finalmente entram nos seus aposentos, logo a Rainha de França dispensa as damas e as fidalgas, as aias, as camareiras, as açafatas, e trancando a porta que separa as salas comuns às da sua maior intimidade, vai com Leonor até ao *boudoir*, paredes forradas de gravuras, espelhos e baixos-relevos. Na cadeira de vestir encontra-se ainda o fato de seda escarlate usado na véspera à noite. Fica-lhe melhor o de cetim lilás que nesse dia veste, de uma simplicidade pastoril, saia lisa e cingida na cintura por um grande laço de seda, cor de pétala de rosa damascena.

De uma lividez impressionante, Maria Antonieta olha à roda como se a confirmar estarem sozinhas, faz sentar Leonor no canapé onde chega a intensa fragrância da água de rosas engrossada pelo aroma de nardo que se esgueira das rendas, dos cetins, das pulseiras, das meias de seda, dos corpetes espalhados a esmo, para vir desmaiar como uma onda junto aos pés de ambas.

Sorrindo contrafeita, traída pelos próprios pensamentos, a Rainha inclina-se, murmurando-lhe baixo, como se estivesse prestes a revelar um

segredo perigoso:

– Sei que a senhora Condessa esteve a sós com a Imperatriz da Áustria e Senhora minha Mãe, que me mandou dizer muito bem querer a Vossa Excelência! Sei também terem falado longamente quando a morte já a rondava por perto…

Cala-se, pálida e ansiosa, antes de continuar, voz nublada pela emoção contida:

– Vossa Excelência alguma vez escutou a Senhora minha Mãe queixar-se de saudades desta sua filha?

Acrescentando em voz muito baixa, como quem dialoga consigo própria: «Que falta teria sentido de mim?» E nos seus olhos maquilhados há lágrimas paradas como águas de estio.

O silêncio que se segue sufoca-as, ficando Leonor atenta ao seu alheamento, nervosismo denunciado pelas mãos trémulas que deixam cair os brincos de diamantes, o colar de pérolas do tamanho de ovos de rola, as escravas de platina e ouro que rolam até aos seus pés e que ela apanha e entrega à Rainha de França, que parece esquecida das perguntas que fizera.

Diante da Soberana, Leonor repara como ela está magra e como a maquilhagem, em vez de simular a saúde que lhe falta, lhe acentua a expressão assustada do rosto de cera, onde finas rugas começam a formar-se junto aos olhos toldados e aos cantos dos lábios, a emprestarem-lhe um ricto amargo.

Mas a Rainha fá-la sentar-se de novo, e só então Leonor lhe fala da Imperatriz D. Maria Teresa, sua Mãe. Recorda, mas também inventa, para logo lhe dizer a verdade; comenta a sua força de carácter e inteligência arguta, elogia-lhe o gosto pelas artes, sublinha o arrependimento confessado por a ter levado a ela, a filha mais nova, a ser infeliz, num país onde jamais deixaria de ser estrangeira.

Maria Antonieta escuta com ansiedade cada uma das suas palavras, durante uma longa conversa que às duas parece curta; e levada pelo clima de intimidade, acaba confessando o medo que começa a tomar conta de si,

sentimento ruim que lhe revolve o estômago; dá-lhe conta, também, dos rumores, dos insultos e das calúnias.

Ao ver o seu ar assustado, Leonor tem pena dela e sorri-lhe com amenidade, mãos estendidas a ganharem as daquela mulher que para ela deixara de ser Rainha.

Finalmente libertas, as lágrimas deslizam-lhes ao longo das faces como jóias translúcidas.

†

Antes de deixar Paris, Leonor envia a Gonçala um pequeno e sucinto bilhete, com a habitual caligrafia miúda, escrito à pressa e em arrebatamento impensado:

«A Nossa Senhora dos Rochedos tem o teu rosto.

Morro de saudade tuas.

L.

Paris, Novembro de 1784»

†

Leonor regressa a Avignon, onde Carlos Augusto já chegara há muito e a espera com ansiedade mal contida.

Vai na companhia agradável de Suzanne Necker, embora seja a fraca saúde desta a triste motivação da sua viagem. Mas a vivacidade e a turbulência de Germaine acabam por lhe tornar o caminhar menos penoso, pois sempre encontram motivos de diversão nos vários acontecimentos e peripécias inesperadas do trajecto, que observam com minúcia.

– Vamos para os Estados do Papa! – exclama Germaine, zombando com fingido entusiasmo na tentativa de amenizar a tristeza de Leonor, que se vê obrigada a trocar Paris por Avignon.

As etapas que fazem são curtas, pois seguem com cuidado devido à debilidade e à languidez de madame Necker, que descorada e quase sempre de olhos fechados, viaja na companhia do marido, reclinada nas

muitas almofadas que a amparam. Segundo os médicos, ela necessita de um clima mais ameno e saudável do que o de Paris, seguindo por isso para o seu castelo situado nas margens sombrias do lago Léman, em Coppet, onde ainda estivera durante o último outono.

Na carruagem que segue atrás, Leonor e Germaine Necker lêem, discutem, inventam, confessam uma à outra as dúvidas que as assaltam,

partilham as certezas que lhes alimentam os espíritos ávidos.

†

Chegam a Avignon num final de tarde de Outubro frio e nevoento.

Carlos Augusto acolhe Leonor com uma alegria moderada, aparentando no entanto sentir-se mais infeliz do que zangado com a sua demora em voltar para junto dele e das filhas. Nervoso, olha-a com desconfiança, temendo encontrar nela algum sinal que definitivamente o alarme.

Simpatiza com os Necker quando estes lhe são apresentados pelo duque de Brancas, no seu palácio, onde o ministro francês e a mulher são recebidos e hospedados com fausto.

Nos dias que se seguem mal vê Leonor, que parece evitar a sua presença com o pretexto de fazer companhia a Suzanne, até esta melhorar o suficiente para iniciar a última etapa da sua viagem até Coppet.

Só nessa altura eles se encontram na verdade sozinhos,

diante um do outro.

†

DIÁRIO

Depois de os Necker partirem disse baixo a Carlos Augusto, não desejando – embora hesitante – continuar a iludir uma realidade que lhe

envenena a vida:

– Esta gravidez nunca deveria ter acontecido. Naquela noite eu não me entreguei e não queria que tu me tomasses.

Descubro então ser bem mais fácil dizer-lhe do meu sentimento de honra estilhaçada, do que admiti-lo para mim mesma.

Avignon, Dezembro de 1784

†

Carlos Augusto não gosta de pensar em como aquela gravidez pode ter acontecido; não toca em Leonor desde Setembro, depois do nascimento de Juliana, nas vésperas de ela deixar a Áustria. Naquela noite em que a envolveu nos braços, cingindo-a por trás, com um desejo enfebrecido e súbito, ávidos os dois, primeiro revoltos um no outro, e logo a tombarem da cama, para rolarem em seguida no tapete.

Lembra-se de ela não ter querido continuar e de ele a ter forçado, levantado a camisa de dormir e de Leonor ter unido as pernas ao seu mais íntimo contacto, que ele impôs, convulso e enlouquecido, conseguindo apenas a exterior intimidade das suas coxas unidas; e tudo o que se passara em seguida fora amargo, incompleto, de fugida. Entende-lhe, pois, as razões de queixa, a retracção do gesto, a fuga do olhar. A ele custa-lhe sobretudo suportar o recuo, a fuga dela diante da sua aproximação, do afago sincero; mas sentindo-se culpado, cala-se com vergonha,

pois é de sua condição ser delicado e não violento, como se lembra de inexplicavelmente ter sido.

As dívidas de jogo também lhe pesam na consciência. E as suspeitas absurdas que insidiosamente começam a formar-se no seu coração e na sua mente em nada o ajudam.

†

No dia 11 de Abril de 1785, o conde Fernán Nuñeez, embaixador extraordinário espanhol, faz a sua entrada oficial em Lisboa, a fim de

formalizar, em nome do Rei D. Carlos III de Espanha, o pedido oficial da mão da Princesa Mariana Vitória Josefa para o Senhor Infante D. Gabriel de Bourbon.

Preocupada, a Rainha escuta com atenção o que o embaixador tem para expor, tentando adivinhar aquilo que se mantém submerso, subentendido; tudo o que fica por dizer. Não lhe é fácil, enquanto mãe, decidir sobre a sorte de Mariana Vitória Josefa, filha absorta e triste, a cada passo alheada da correnteza dos dias que leva, debruçada nos livros abertos no regaço de laços e fitas, ou passeando sozinha pelas áleas do Palácio de Queluz, a respirar o odor macio das árvores de limão doce e o cheiro acre que chega dos lados das jaulas das feras e das gaiolas das aves exóticas, junto às quais muitas vezes ela é vista encostada sem medo às grades douradas, escutando o silêncio que guardam os grandes animais aprisionados.

Ao saber da chegada a Queluz do embaixador extraordinário de Espanha, o rosto amendoado da Princesa empalidece, crispa-se, de súbito marcado pela sombra das olheiras fundas. E em vez de aguardar que a Rainha sua Mãe a mande apresentar-se na Sala dos Embaixadores, sai para o jardim, mais adiante toma a alameda das laranjeiras, esgueira-se pelo caminho das amoreiras, atravessa a ponte que passa sobre a ribeira do Jamor e vai refugiar-se na Casa do Lago, nela agachando-se onde a luz não chega, dissimulada pela penumbra empoeirada dos cortinados que por completo a tapam.

Pela primeira vez permite-se chorar.

†

Diante da comitiva da Princesa Mariana Vitória Josefa seguem os trombeteiros e os porta-estandartes, logo em seguida as carruagens das fidalgas, das damas de companhia e das camareiras, e só depois os carros das aias e das açafatas, e também dos músicos e dos pintores, que vão fixar em tela as cenas daqueles dias de luzimento triste. Mais atrás vêm os criados, os cozinheiros, os moços da água, os neveiros, os servidores da toalha, os bobos, as anãs e duas das pretas favoritas de D. Maria.

É uma lenta e penosa caminhada até Vila Viçosa, onde a Infanta ficará aguardando a chegada da Princesa espanhola Carlota Joaquina, que vem para casar com o príncipe da Beira, enquanto ela partirá para Espanha a fim de desposar o Senhor Infante D. Gabriel António Francisco de Bourbon.

Troca de noivas – chamam-lhe –, numa celebração sem brilho, junto à linha fronteiriça onde as duas se cruzam, fitam-se nos olhos uma da outra e mutuamente se estranham no susto que levam e as afasta, preferindo guardarem as diferenças, o protocolo e as distâncias.

A Infanta D. Mariana:

cintura marcada, doce de ombros, ancas estreitas no vestido liso e malva de seda com muitas saias de sombra matizada, mãos longas abonecradas de anéis, pernas altas em passo de dança, cabelos em tons de mel semeados de pérolas, servindo de moldura ao rosto alvo.

A Infanta D. Carlota Joaquina:

ainda menina mas já alta, geniosa e de carácter determinado, ágil no andar apressado, pele morena de azeitona-clara, olhos de ónix de tom e brilho acerado, a intensificarem o negrume dos caracóis crespos e agrestes que recusam pentes e ganchos, negando-se a cabeleiras e ao capricho dos penteados.

Depois da cerimónia oficial onde ficam separadas, por um curto momento as duas princesas encontram-se face a face, antes de mudarem os seus destinos: uma descendo e a outra subindo para a carruagem, ambas enregeladas pelos ares de uma primavera de ventos e friagens.

A Infanta de Portugal, atordoada pela despedida, parecendo uma boneca enfeitada e sem alma, capinha de *shantung* forrada a tafetá que a madrugada trespassa e ela ajusta inutilmente ao pescoço de lírio. E a Infanta de Espanha, cansada dos dias que traz de viagem, sentindo pesar-lhe a lonjura do seu país, taciturna e de mau humor, a tropeçar de sono e na bainha da saia bordada a ouro, ossos miúdos devido à pouca idade, peito liso a contrastar com as falsas ancas que mais aparentam um aleijão

a desfigurar-lhe o corpo franzino sob o franzido e a roda do vestido de cetim e rendas cor de goivo toldado.

†

DIÁRIO

Foi Teresa quem me mandou a notícia:

a Princesa Mariana Vitória Josefa partiu em direcção a Espanha, a fim de contrair matrimónio com o Infante espanhol.

Está dado o golpe final em Carlos Augusto, enquanto embaixador na Áustria. Nestes últimos anos andámos a lutar contra moinhos de vento, como diria Cervantes, tentando eu explicar o inexplicável à Rainha D. Maria, dando-lhe a ver como todos os dias pisávamos terreno para nós armadilhado na Corte portuguesa. Eu mesma escrevi a Sua Majestade, a demonstrar como o meu marido andava a ser vítima de maquinações e torpes intrigas.

No entanto não me chegou uma só resposta às minhas tantas explanações e queixas.

Avignon, Maio de 1785

†

Maria não conseguiu ainda recuperar do difícil parto de José. Levanta-se a custo de manhã, passo quase levitado rente ao chão que parece fugir-lhe debaixo dos pés descalços, a procurar apoio na beira dos móveis, a travar as vertigens que a acometem.

Depois de Teresa lhe ter contado os boatos e intrigas urdidas de novo contra Leonor, mal se soube no Paço da sua partida inesperada de Viena, a

irmã não lhe saiu mais do pensamento atormentado. Algumas vezes parece-lhe vê-la a seu lado aflita, outras Maria desabafa com ela, confessando-lhe em surdina o que não se atreve a dizer a mais ninguém:

«Ultimamente, mana, a minha vida parece esbater-se, tomando a cor da névoa, da urdidura invisível da respiração do Tejo, marulhando em surdina por entre colunas e pedras esverdeadas de limos e algas no Terreiro do Paço.

Fujo de subir o olhar até ao cimo, ao topo das colinas, ou descê-lo aos buracos, aos escombros, às ruínas com que o terramoto juncou Lisboa, sem querer reparar no espaço vazio onde ficava o Palácio Real de que a grande onda se apropriara, ávida, a esventrá-lo, a saqueá-lo, rebuscando já no fundo ao recuar, ao retornar em direcção ao próprio leito, num bramido sobre si mesma.

Talvez por essa fenda, por essa falta, por essa falha, Leonor, por essa imperfeição, por essa rachadura, eu possa entrar, singrar, eu possa acercar-me, atravessar e chegar onde nos quebramos ou nos perderemos um dia. Ou se, pelo contrário, encontrarei aí a minha imagem, reflexo desfocado do outro lado desse espelho rachado, enegrecido e calcinado, daquilo que eu hoje sou.

Espelho no qual não me olho?

No qual não me vejo?

Desfasada, desfeada, movo-me com dificuldade por entre o resto, o rasto que os outros largam.

Escuto o ruído mínimo do insecto pousado na luz, da rosa a murchar na própria corola, da cera descendo ao longo do círio votivo, da lágrima suspensa na lisura da cara. Escuto o grão da voz de Deus.

Eu que tanto anseio pela pureza, pelo gesto intacto, pela beleza única, pela perfeição… morro à míngua de mim mesma, Leonor, à míngua de equilíbrio, mas também da sede do excesso que para sempre vou desconhecer; à míngua da cor exacta, da forma ideal, da marca dos afectos idealizados.

Dos anjos.

Dos anjos voando junto dos meus ombros.»

†

A Senhora Condessa vai perdoar-me, mas se fosse a Vossa Excelência, estando tão perto de chegar a hora do parto, não viajava para Marselha. Se tivesse a condição da Senhora Dona Leonor ficava deitada na minha bela cama a arrastar a preguiça; mas caso teimeis em partir, levai-me convosco, pois se estou aqui é para vos ajudar a parir. Será então melhor eu seguir com Vossa Senhoria, não vá acontecer as águas romperem, o cordão embaraçar-se no pescoço da criança, ou esta descer por dentro de vós querendo sair de pés para a frente e não com a cabeça. Desculpai-me a franqueza, minha Senhora Dona Leonor, mas tenho para mim que mulher nenhuma deve encontrar-se só em ocasião tão custosa de passar, enrodilhada no medo, que quando aparece rasteja nos lençóis aumentando as dores que com o tempo só pioram, sobretudo nas cruzes.

Há ainda os humores, Senhora Condessa, e Vossa Mercê sabe disso pois como já vos nasceram quatro filhas conheceis o trato com os sangues, com as águas mofentas, com as urinas, os suores e os vómitos azedos. Há quem diga ser o meu ofício um trabalho sujo, a fazer-me mergulhar as mãos, os punhos, os pulsos e os braços nos lugares mais fundos do corpo das mulheres, a dar conta das suas cruezas, Senhora Condessa, dos fluxos, das humidades e lodos, parecidos aos que existem no musgo e nas pedras. Mas eu não esmoreço: parir pode não ser coisa limpa nem bonita de se ver, mas é acto de atadura à terra, as pernas escancaradas, as carnes rasgadas, a dor varando as partes baixas como já se passou com Vossa Senhoria, que nessas alturas somos todas iguais, eu como Vossa Excelência e todas as outras.

Relevai-me eu insistir, se levada pela prática tento chamar-vos à razão, a querer impedir-vos de sair de vossa casa, minha Senhora Dona Leonor, que isto de pôr filhos no mundo muitas vezes mata. Não se deve tentar a sorte, Senhora Condessa, nem querer mudar nossos destinos; melhor será iludir a natureza com ardil: pôr a tesoura aberta debaixo da cama para

cortar as dores do nascimento, raízes de agrimónia entre os lençóis, queimar rosmaninho contra as vertigens, zimbro para a criança nascer com ligeireza, que desta vez é menino, minha Senhora Dona Leonor, bem descubro os seus sinais na belezura de vossa pele e na barriga redonda e já descida.

Desculpai-me se por descargo de consciência me repito e continuo a rogar-vos que vos aquieteis, deste modo lavando as mãos como Pilatos de qualquer cousa má que vos aconteça. Pudesse eu e aproveitava a mordomia do descanso na quentura das mantas, travesseiras altas no amparo da cabeça à cabeceira do leito, camisa de dormir de linho e rendas, bainha aberta com bordado na ponta, a ver se me erguia!

Atendei o Senhor Conde vosso marido, tão gentil e bom conselheiro, a resguardar-vos por amor da vossa própria teima, da vossa sanha em vos perderdes a vós mesma, perdoai-me o desaforo de me meter onde não sou chamada,

ao pretender-vos deitada no sossego,

minha Senhora Dona Leonor.

†

O tempo que levam a percorrer os últimos quilómetros de Marselha a Avignon, parece-lhe durar anos; o ar abafado e engrossado pela poeira que os cavalos levantam sufoca-a. Afasta os cabelos da cara e do pescoço, pegajosos de suor, reparando com repugnância como o seu corpo exala um forte e requentado odor acre e azedo, a verdete e ferro do sangue.

Cheiro a nascimento.

Conseguira desatar as fitas do corpete, alargar os cordões do espartilho, desabotoar o vestido. Luvas lançadas a esmo para o chão da carruagem, onde ficam enrodilhadas a seus pés descalços, sapatos jogados para o lado. A barriga é um volume imenso entre os braços que, inutilmente, tentam acomodar o corpo exausto. As contracções, começadas há pouco, chegam e desaparecem a espaços irregulares. A cada solavanco da carruagem

fazem uma nova investida, rolando pelo caminho dos rins e das virilhas, a fincarem-se mordentes, a abocanharem-na.

Tacteia o ventre enquanto tenta apartar as pernas, a que as saias húmidas parecem coladas, enrodilhando-se entre os seus dedos ao tentar puxá-las. O espartilho está lasso e a goma do corpete amolecida, sobretudo no sítio onde, antes da gravidez, fora a sua cintura, que ela mal liberta dos atilhos. Mas logo a dor regressa e foge e volta, teimando, insistindo, perseverando, para de novo se escapar, simulando distanciar-se, afundar-se no interior do corpo, joelhos desunidos ainda cobertos pelas meias de seda e pelas culotes brancas; mas já as contracções de novo trepam velozes, ágeis, temíveis, e Leonor a custo sustém o grito, recurvando-se sobre si mesma.

Conta-as uma por uma, memoriza os segundos que levam a passar e a tornarem, tentando sossegar o coração apressado, sem jamais lamentar não ter dado ouvidos à parteira quando esta a prevenira dos perigos da ida a Marselha. Estando sozinha geme alto, permitindo-se ir atrás daquela aflição que lhe rasga as carnes a cada solavanco do carro, rodas a desequilibrarem-se nas pedras irregulares, para em seguida resvalarem na direcção de traiçoeiros buracos camuflados pelos torrões de terra esboroada e seca, cobertos de tojo, de silvas, de dejectos dos cães vadios. Há ainda os trilhos dos pequenos animais, a empeçarem-lhes o andamento.

Aflige-se com a ideia de as águas poderem rebentar, e embora não deseje um parto feito na estrada ou nas matas em seu redor, por onde vagueiam os animais famintos, os assaltantes e os mendigos, não suportando mais aquele infindável balanço da carruagem, bate com os punhos na janela a gritar:

– Parem! Parem!

E logo Thérèse e a parteira acorrem aflitas, humedecendo-lhe a testa e os lábios com uma água amolentada, tépida, que apesar de tudo lhe lava a garganta, iludindo por momentos a secura da boca gretada, dos lábios feridos mordidos pelos dentes. Usando uma pequena esponja tentam tirar-lhe a poeira do colo, do pescoço, do rosto lívido, e isso alivia-a um pouco

do calor que a abrasa. Depois a parteira experimenta estendê-la o melhor possível no assento de veludo e, aflita, fica a ampará-la o resto que falta do caminho para casa.

Um vento agreste começa a erguer-se, vindo das matas que ladeiam a estrada, o céu a cobrir-se de pequenas nuvens baixas que parecem atenuar um tudo-nada o brasido do sol, que tira a Leonor a fala e o consolo na sombra abafada da carruagem onde, entontecida, faz por descansar. Dentro de si a criança aquieta-se nos recantos de penumbra; talvez já nem queira tomar rumo em direcção à saída para o mundo. Inquieta, Leonor tenta senti-la afastando as mãos pesadas da parteira que, querendo acalmá-la, lhe garante avistar as muralhas de Avignon na dobra do caminho.

Quebrantada, adormece durante a breve pausa que as dores lhe concedem, até que uma nova contracção a apunhala, forte e decidida, brutal e rápida, como se uma lâmina afiada lhe retalhasse o ventre, enquanto um líquido amarelado viscoso, com um intenso cheiro a amoníaco, lhe trespassa a roupa amarfanhada e escorre, grosso, ao longo das pernas afastadas.

†

– É preciso fazer mais força, Senhora Dona Leonor! – pede a parteira debruçada entre as suas pernas, as mangas subidas e enroladas acima dos cotovelos, braços ensanguentados e tensos, mãos acertivas, sabedoras, calejadas e apesar de tudo ternas.

– Mais força, Senhora Condessa! – roga também Thérèse, arrimada à cabeceira da cama, amparando-a nas grandes almofadas de onde se soergue.

Entontecida, gostaria de encontrar alguma frescura no ar saturado dos cheiros a sangues, a mucos, a incenso, a fumos perfumados de zimbro, jasmim e salva, para defumar o quarto, uma corrente de odores encorpados com o da cera das velas acesas no oratório,

à Nossa Senhora do Bom Parto.

Ergue-se mais um pouco, apoiada nos cotovelos, e inclina-se tentando fazer força, a querer expulsar a criança que sente avançar a custo dentro da barriga, como se nadasse ou gatinhasse em direcção ao fundo do corpo, ao encontro da vida. O suor encharca-lhe a camisa de linho arregaçada até à cintura, amarrotada e suja dos líquidos, dos fluidos que lhe saem do corpo. E finalmente a criança escorrega, quase escapando ao amparo da parteira, que o agarra pelos pés e, olhando-lhe o sexo, grita com regozijo aliviado:

– É um menino! É um menino, Senhora Condessa! Eu bem vos dizia que ia ser um menino!

Mas, menino ou menina, nesse momento é-lhe indiferente; a única cousa que sente é um tão grande alívio que acaba por perder o conhecimento.

Onde resvala, desmaia.

Desaparece, adormece.

†

Minha querida Maria
do meu coração

Felizmente a mana escreveu-me. Diante da sua longa ausência, o meu cuidado não podia deixar de aumentar. Acredite, *«que o esquecimento da Corte, o embaraço dos negócios, a variedade das minhas consumições não são nada em comparação ao efeito que produz em mim o seu silêncio»*. Sobretudo porque as reticências colocadas pela mana na última carta, no que dizia respeito à sua felicidade, encheram-me de preocupação. Pudesse eu e partiria para Lisboa a fim de cobri-la de cuidados, Maria, pois ninguém melhor do que eu conhece angústias, dúvidas, anseios e desgostos.

Ultimamente venho recordando os anos de clausura passados juntas, embora me pergunte para quê recordar tempos de desagrado e falta de liberdade, se por certo ainda iremos desfrutar de melhores dias? Cuide-se a minha irmã com gosto, até ficarmos novamente perto uma da outra… Nessa altura serei eu a tomar conta das vossas fragilidades. Por meu lado

estou o melhor que posso, tendo em conta a minha vida… Carlos Agrário, o menino que me nasceu, é pequenino, frágil e tão fraco que me dá receio apertá-lo nos braços. Temo que a nossa Rainha D. Maria demore tanto a enviar a procuração necessária para ser sua madrinha que, quando ela chegar, seja demasiado tarde… Faremos o baptismo do menino o mais rápido possível; anseio por ver o meu filho usar o vestido de cassa branca que a nossa Mãe me enviou, pelo motivo sentimental de o mano Pedro o ter usado, e agora o teu filho José.

Como tarda o dia, minha irmã, em que voltarei a ver-te e a apertar-te nos braços!

Beijos de muito amor e carinho,
da mana que tanto te ama
L.

Avignon, Julho de 1785

†

Como olhar-te nos olhos, Leonor, ao acabares de me dar um filho homem, que me esgueiro de ti para ir jogar? Sem conseguir evitar o remorso quando me permites descer nessa tua fundura de anil e lápis-lazúli, cegando de tanta fulgente luz de asa alada? Mais claridade de diamante do que de lâmina de faca.

Como dizer-te Leonor, ao acabares de me dar um filho homem, das minhas passageiras e fúteis aventuras? Da vertigem de me entregar ao risco de apostar tudo em troca da própria perda, queda na intensidade da vergonha sentida, minha única, neste mesmo jeito de Abelardo tratar Heloísa?

Como contar-te Leonor, ao acabares de me dar um filho homem, aquilo que faço e despedaço, derrubando-me à toa? A enredar-me noutras vidas fora da tua, a embaraçar-te os dias no sobressalto. Tu que, sendo incêndio,

afinal me apaziguas, me iluminas, mas de mim já te afastas sem ainda o saberes.

Como confessar-te Leonor, ao acabares de me dar um filho homem, as minhas paixões e fraquezas, certo de preferires o herói que eu não sou? Como afirmar-te que me arruíno, me desacerto, me obstino, me agravo no próprio agravo, apesar de tanto prezar a minha honra, mas por demais constante no vacilo.

Como revelar-te Leonor, ao acabares de me dar um filho homem, que a única maneira de te salvares, minha rola, será partires? Pois sou demasiado fraco para resistir aos jugos da vida que me arrasta, me destrói e empurra para o precipício, a teimar na culpa, cada vez mais duvidando de mim em quase tudo.

†

Meu querido Pai e meu Senhor
do meu coração

A viagem do Conde meu marido a Portugal está aprazada para o final deste mês de Agosto. Muito agradecia a Vossa Excelência, caso vos fosse possível, que ao chegar aí Carlos Augusto o ajudeis a encaminhar a nosso favor os negócios que irá tratar em audiência com Sua Majestade a Rainha D. Maria. Seria muito bom se os ministros Aires de Sá e Melo e Martinho de Melo e Castro ficassem do nosso lado. Mas Vossa Excelência não deverá deixar de ter em conta o facto de este último ter sido, desde o início, contra a entrega ao meu marido do posto de embaixador em Viena.

O ideal seria se o Senhor meu Pai conseguisse chegar directamente à Rainha. Nesse caso, poder-se-ia encarar com a maior tranquilidade o nosso futuro pois, como tudo leva a crer, Sua Majestade escutaria Vossa Excelência usando a boa vontade com que sempre beneficiou a nossa família.

Obrigo-me a confessar-vos com apreensão e desconfiança a pouca possíbilidade de alcançar a justiça almejada, dado serem muitas as intrigas a nosso respeito, com todas as suas mentiras, insinuações e ciladas. Neste caso, todo a atenção e cuidados serão poucos. Por isso estou ciente ir Vossa Excelência entender a minha extrema preocupação, se tiver em conta a falta de habilidade do Conde para enfrentar as traições e mesquinharias da Corte, não sabendo ele mover-se pelos meandros do Paço. Isto agravado pelo entrave da língua, impedindo-o de entender e de se expressar em português com suficiente clareza, sentindo-se estrangeiro em tudo e não se prendendo a nada a não ser à minha pessoa.

Pudesse eu partir para aí em vez dele! Mas enquanto o coração me pedia que fosse, a razão impunha-me que ficasse. Como já vos escrevi um dia: *«Quantas incoerências me acha sempre o Senhor meu Pai!*»

Talvez no futuro ainda eu consiga fazer alguma cousa que vos contente, e me redima ao vossos olhos complacentes.

Esta filha a mais terna,
L.

Avignon, 15 de Agosto de 1785

†

Carlos Augusto parte numa madrugada enevoada,
ainda toldada pela noite.

Vai contra-vontade, reticente e tão embaraçado por não ter dado cumprimento à missão de que fora incumbido pela Rainha D. Maria, que não sabe como irá expor à Soberana as suas razões e menos ainda como fazer-lhe os pedidos que o levam a Portugal, país onde continua a ser e a sentir-se um estrangeiro. Consciente de que nem mesmo o sogro estará do seu lado, ressentido ainda por ele ter casado com Leonor, contra a sua vontade.

Há também Leonor Benedita, filha deixada para trás ainda no berço, e que Carlos Augusto teme apertar nos braços: pequena desconhecida, a quem nem a memória o liga.

Sem nó nem laço que um ao outro ate.

Para trás ficou Leonor, e longe dela ele sente afundar-se.

†

Os Necker, de regresso a Paris, passam de novo por Avignon onde voltam a ser recebidos pelo duque de Brancas com o fausto habitual. Os festejos culminam com um baile de gala no Palácio dos Papas, durante o qual Germaine confessa impaciente a Leonor estar a aborrecer-se de morte, apesar de ter dançado toda a noite com o duque de Cumberland, irmão do Rei de Inglaterra, que a galanteia com gosto e persistência.

– Prefiro a vossa companhia, minha amiga! – garante com acinte, ao sentir-se induzida pelos pais a aceitar-lhe a corte.

Por seu lado, presa de grande inquietação, Leonor, que parece procurar alguém no enorme Sala dos Espelhos iluminado pelas centenas de velas dos caprichosos lustres de cristal, não foi para Germaine nem boa companhia nem grande conforto.

†

Philippe Tournier guardará para sempre na memória o seu perfume de gardénia, odor louro e lento e leque e lastro matizado de rosa damascena; mas também o olhar de opala, a boca suave e dúctil, o langor dos pulsos, as longas mãos que mal se aquietam no tépido regaço de cetim. Desde que lhe fora apresentado no palácio do duque de Brancas, ele não consegue tirá-la do coração nem dela afastar o pensamento. Os poemas que escreve são agora inspirados por Leonor de Almeida, tal como os de Petrarca foram por Laura.

Ao cruzarem-se a cavalo enquanto passeiam pelas matas e pelos bosques que rodeiam Avignon, cumprimentam-se furtivos, mãos enluvadas

segurando as rédeas curtas, demorando os olhares um no outro mais do que deviam. Depois seguem em direcções opostas, por entre as árvores frondosas e os arbustos silvestres, seguindo desatentos o trilho das raposas douradas, buscando ora a sombra ora a clareira pelos carreiros atapetados das folhas vermelhas do outono, de caruma seca, de silvas e das agulhas escuras dos pinheiros bravos.

Moram perto um do outro, e todas as semanas se encontram nos empobrecidos salões literários, tristes restos da antiga efervescência cultural de Avignon, onde os raros frequentadores se recusam a discutir as novas ideias que vão chegando: a mudar, a chamear o pensamento e as artes. Ali não se deseja escutar o sussurro que rumoreja dentro delas, fechando-se os ouvidos aos clamores da mudança e os olhos aos fulgores e aos relâmpagos que pretendem rasgar a ignorância e o negrume dos dias, que são apenas o absurdo e vazio eco uns dos outros.

Muitas vezes as vozes de Leonor e de Philippe encontram-se, unem-se na contestação das velhas e retrógradas posições, que consideram escandalosa e impiedosamente ultrapassadas. Leonor defende Voltaire e Rousseau, Philippe prefere Diderot e d'Alembert. A *Encyclopédie* fez parte essencial da formação de ambos.

Amam de igual modo Goethe e Schiller.

Cada um deles sabe que o outro faz poesia.

OceanofPDF.com

†

XIV

OceanofPDF.com

†

Cuidado

Se os passos movo, que faço?
Ando quanto tenho andado:
Em que círculo penoso
Me fazes lidar, Cuidado?

Deixa-me ir por outra estrada,
Ver se alguma paz alcanço;
Não me invejes inquieto
Um momento de descanso.

Não sei se devo fugir-te,
Se entregar-me sem defesa:
Cuidado, fatal Cuidado,
Põe termo a tanta incerteza.

Se me não deixas, tirano,
Ser feliz como preciso;
Se me estragas a ventura,
Sequer, poupa-me o juízo.

OceanofPDF.com

†

RAÍZES

Quando por fim Francisco de Assis ajusta a espada à ilharga magra, Leonor de Távora, que o olha junto da janela aberta sobre a varanda, sente um súbito desfalecimento; cambaleia com uma lividez doentia, têmporas humedecidas e uma agonia fina a trespassá-la, num presságio ruim que mais parece um aviso. Mas nos braços do marido que corre a ampará-la sorri feliz, tentando apaziguar o coração a bater aflito no peito, ao qual levara as mãos trémulas.

Francisco de Assis abraça-a, beijando-a na boca como sempre quando estão sós, e ela entrega-se cedendo à paixão que continua a fazê-los vibrar junto do corpo um do outro. Mas desta vez Leonor de Távora afasta-o, desconhecendo ser a última vez que o vê e beija, embora adivinhando a desgraça a rondar à sua volta, roçando nela a ponta da veste negra.

Ele ainda insistiu:

– «Vem comigo, amor da minha vida, vem comigo!» E sai insatisfeito por ter de ir sozinho ao baile da Feitoria Inglesa, para o qual ambos estão convidados.

Senta-se ela na borda da cama cobrindo os olhos a tentar sossegar e, julgando-se mais calma, levanta-se, a sentir de novo o coração oprimido pela dúvida que a toma de assalto.

Lá fora o sol demora-se nos jardins, onde os netos correm a esconder-se por trás dos grossos troncos dos cedros ou a refugiarem-se na mata um pouco mais ao fundo. Ouve-lhes os gritos e as risadas e dá conta da chegada da pequena Leonor, que em vez de brincar com os primos sempre prefere ir para junto dela, numa ligação estreita firmada uma com a outra.

Cumplicidade que crescera nos dias seguintes ao Terramoto, na casa do Campo Pequeno, transformada numa espécie de hospital para os feridos vindos de Lisboa e onde toda a família se refugiara.

Atrás de si alguém entra sem bater. Volta-se e vê a neta a olhá-la, semicerrando os olhos, e mal lhe abre os braços a menina corre a refugiar-se neles, que se fecham em seu redor. Mas logo D. Brites Fernandes, sua dama de companhia, lhes interrompe a conversa, murmurando aflita:

– Senhora Marquesa, estão a dizer que tentaram matar El-Rei!

Leonor de Távora sente a vista toldar-se, e um inesperado gosto a fel amarga-lhe a boca; sem demora ordena que aprontem a carruagem a fim de mandar os netos para junto dos pais. A menina, não querendo deixá-la, chora sem ruído, comportada como é de educação e feitio. A avó acalma-a, desatenta, o pensamento em Francisco de Assis, ansiosa por tê-lo de volta e ouvi-lo garantir serem boatos e invenções o que dizem, a confirmar-lhe estar tudo sereno e calmo.

Lembra-se de ter estranhado a acalmia que durante o dia rondara a sua casa, habitualmente ruidosa. Sentira-se mesmo aliviada por ter tido tempo para si própria, coisa tão rara, e ao recordar-se disso Leonor de Távora é percorrida por um calafrio que a abala.

Veste à neta a capinha de veludo azul-cobalto, ajustando-a ao seu corpo espigado, a defendê-la do frio agreste daquele Dezembro triste. Em seguida empurra-a com ternura, a apressar-lhe o passo retardado e miúdo, até ao carro para o qual a menina, auxiliada pelo cocheiro, sobe a contragosto a juntar-se aos primos.

Não sem antes se terem despedido a olharem uma para a outra, estremecidas, como se adivinhassem o futuro. Leonor de Távora a tentar disfarçar a aflição que lhe vai na alma, Leonor a querer fixar para sempre o azul-violeta dos grandes olhos rasgados da avó.

Depois o carro afasta-se e a menina, virando-se, fica a olhar pelo vidro da janela traseira até perder de vista o alto portão de ferro com as armas dos Távora.

OceanofPDF.com

†

MEMÓRIA

Tenho a minha vida vazia de respostas.

Mas a memória é muita e eu visito-a pelo gosto que me dá a sua avidez ou a gula do tempo, como aconteceu quando pus o meu vestido de pervinca em Versailles, e junto de Maria Antonieta ficava a escutar Lully ou Rameau.

Recordo-me de ser então uma mulher esquiva e silenciosa, mas aberta à ideia de futuro, atenta ao que se passava à minha roda e ao mais que dissesse respeito ao mundo. Ansiosa por estudar e ler, por conseguir abarcar desde a Ciência à Literatura, da Filosofia à Matemática e à Física. Demorando-me com especial apetência pelos universos dos versos, da Astronomia e da Botânica; debruçando-me sobre obras decisivas e fascinantes, a aprender com Galileu, Ptolomeu e Aristóteles, com Voltaire e Rousseau, com Goethe e Schiller, com Maquiavel e Descartes…

Ah, *O Tratado das Paixões da Alma*!

Detendo-me cheia de entusiasmo e curiosidade no pensamento daquelas mulheres que ainda hoje me fascinam, tanto Madame de Châtelet e Madame d'Épinay, como Hildegarda de Bingen e Leonor de Aquitânia, mas igualmente Agripina e Cleópatra, Joana D'Arc. Seduzida por Cristina da Suécia, a rainha sábia, e pela Princesa Palatina Elizabet da Boémia que dialogaram de igual para igual com Descartes. Juntar-me-ia de bom grado àquelas mulheres que, ao recusarem a ignorância sempre medíocre e miserável, desobedeceram às regras que têm mantido as mulheres submetidas e ignorantes, obedientes e cegas.

Fui imprudente.

Desobedeci com prazer.

Fugindo ao que se esperava de mim, insatisfeita e ansiando por abranger o tudo que imaginava esperar-me; apostando na mudança e nas novas ideias e filosofias. A fitar, desafiando, o firmamento com as suas constelações cintilantes, planetas, cometas e estrelas que sempre iludiam o meu olhar.

Atenta à Natureza e entregue à poesia.

Mulher atlântica que o Mediterrâneo conquistara, desperta para outros mundos e ideias. A querer aprender com o orbe celeste e com os oceanos. Como virá a dizer um poeta, ninguém descobre o mar sozinho, mas só o verá com os seus próprios olhos.

Foi essa a certeza que me fez ficar horas e horas diante do forte de Marselha ou no cais do seu porto onde tantos navios atracavam, vindos de misteriosos e estranhos lugares perdidos pelo mundo fora. Apoiada à pedra húmida das amuradas trabalhadas pelos anos e pelas águas, demorava-me horas seguidas.

Pronta a aceitar o desafio que a vida me fazia.

OceanofPDF.com

†

1785-1786

Desde que Carlos Augusto partira para Portugal,

Leonor demora-se mais no terraço para o qual abre a janela do seu escritório. Um terraço largo, debruçado sobre o Sorgue, ao longo do qual talvez tivesse passeado Laura de Noves, idealizada e por sua vez idealizando o casto amor por Petrarca.

Deixa que o vento lhe ondeie a saia do leve vestido de tafetá fúcsia, e lhe despenteie os cabelos soltos a desvendarem-lhe a nuca, enquanto sentada numa cadeira de descanso lê Horácio, antes de ir ao encontro de Philippe Tournier, que como sempre a espera ao abrigo da sombra das árvores.

Depois continuam a cavalo até se cansarem, numa conversa intercalada ora pelo riso ora pelo silêncio da perturbação que os invade ao olharem-se de fugida, sem conseguirem iludir a atracção cada vez maior que sentem um pelo outro. Cansados, vão andando devagar com os cavalos à arreata até à margem do Ródano, onde os deixam matar a sede. E quando prosseguem retardam o passo, como se tentassem iludir o tempo,

e finalmente sentam-se numa mistura de caruma e folhas secas que Setembro vai já sacudindo das árvores, sem vontade de se separarem um do outro.

†

Ao receber a carta da filha mais velha com um tímido e terno pedido de ajuda, embora sem se deixar iludir, o marquês de Alorna chega a encarar a hipótese de solicitar uma audiência à Rainha. No entanto, acaba por optar

nada fazer enquanto espera a chegada do genro, ruminando antigas amarguras na falsa quietude da sua quinta de Almada, como quem tenta adiar as previsíveis lutas e as novas feridas, sentindo ainda o peito em chaga das injustiças antigas.

Acontece-lhe com frequência sonhar que continua trancado na prisão da Junqueira, a enlouquecer devagar, naquele cárcere imundo com o comprimento de sete passos, três portas de pau e ferro, a janela com grades da grossura de um punho fechado; na parede oposta havia um buraco redondo para a correnteza de ar.

Por vezes, enquanto não adormece, a D. João parece-lhe escutar o vento a silvar por dentro desse cano fraco, e quando finalmente adormece e o pesadelo chega, insinuando-se na mente desprotegida pelo sono, acorda com sobressalto, num esbracejar de quem sufoca encharcado em suores frios.

Do seu quarto, Leonor de Lorena, insone e presa à cama pelas pernas imobilizadas de paralítica, pensamento em Maria que morre à sua vista sem lhe conseguir valer, escuta os gritos de aflição do marido. Quer chamar D. Francisca da Cunha, sua dama de companhia, para que lhe acuda, mas, cumprindo a vontade de D. João, finge não escutar cousa alguma, as lágrimas a descerem com vagares de pérola ao longo do rosto prematuramente envelhecido.

Já quase ao fim da tarde o marquês de Alorna volta a debruçar-se sobre a carta de Leonor, experimentando a mesma surda irritação da primeira vez que a lera; e tal como então hesita, para logo voltar a desistir de pedir uma audiência a D. Maria. Como se atreveria a olhar nos olhos a Soberana e a rogar-lhe que saldasse as dívidas que, enquanto embaixador, o conde seu genro deixara na Áustria?

D. João, sentindo a cravar-se-lhe no coração o aço da lâmina de um punhal, entende que mais uma vez Leonor tenta convencê-lo a ir contra as suas ideias e princípios.

†

DIÁRIO

Leio Kant, que tanto influenciou Schiller.

Detenho-me na sua secura apesar de tudo amável.

Gosto de lhe seguir as dissertações acerca da decisiva importância da razão pura. Mas também não deixo de reler Montesquieu, por seu lado defendendo a ordem da História e a liberdade, que me é tão cara. E acabo por pedir a ajuda dos poetas, que sempre me acodem,

mas também por demais me sobressaltam.

Olho as águas do canal da minha rua colorida pelos panos de múltiplas cores, dos tintureiros que lhe dão o nome. Escuto o toque grave dos sinos que parece arruivar o final da tarde, enquanto a melancolia me invade.

Comecei a ler *Princípios Matemáticos da Filosofia Natural*, de Newton, numa espantosa tradução feita por Madame de Châtelet, mulher de quem admiro a sabedoria e a ambição feminina.

A perseverança.

O que a levou a manter o discernimento e a coerência, até se apaixonar pelo jovem poeta Saint-Lambert, a corromper a tessitura que durante anos a mantivera unida a Voltaire,

por entre divergências e sobressaltos.

Avignon, 10 de Agosto de 1785

†

Minha querida mana
muito do meu coração

Não digo, Leonor, que nos tivéssemos perdido uma da outra. Eu sim, é que ando perdida. Sabe bem como sou, apanho tudo o que anda no ar, antes de ter pousado na terra; poalha do bem e do mal a inquietar-me, e nos últimos tempos só tenho encontrado alvoroço nas cartas que a mana me envia.

Há qualquer cousa, sim, que revolteia, dança, volta e foge de novo, vem falar ao meu ouvido com palavras feitas pelo próprio avesso dos sentidos, e eu não compreendo, embora tente, entontecida de susto, o arrepio a subir-me no corpo esvaído que quereria invisível; então tudo retorna e retoma, recomeça na sua injusta medida a insinuar-se na penumbra da casa.

Há qualquer cousa, sim, minha Leonor, que se demora e atarda, insegura e frágil à minha beira, pois tanto se apressa como reluta na urgência que traz, parecendo temer aproximar-se: perspicaz, volátil, branda e doce e simultaneamente impura. Mas quem poderá saber o que nos reserva o futuro, determinado por um implacável destino de espinhos e desgraças… Parecendo regozijar-se em martirizar-nos, embora a mana se negue ao abraço, parta e se afaste, enquanto eu me entrego e fico e cedo, num longo trilho de humilhações e passividades cumpridas;

pomba

nas mãos de quem me comanda, me alimenta e decepa as asas.

Eu não digo que nos tivéssemos perdido uma da outra, Leonor, apesar de o tempo de clausura recordar o ninho, o resguardo feito pelas duas; e quando o comparo aos dias de hoje desfaço-me em lágrimas, afastadas que estamos para sempre uma da outra; confissão feita só por me sentir esgotada nestes dias de solidão e medos, para mim tão longos quanto breves no esbracejo, enquanto me vou consumindo esmaecida, exaurida, consciente do vazio cavado à minha volta,

atenta ao voo dos anjos.

Pois nada me restará se for incapaz de lhes escutar o chamamento. Já a mana, atenta à posteridade, um dia será salva da morte pelos poemas que

escreve.

Beijos da irmã
que muito a ama
Maria

Lisboa, 20 de Agosto de 1785

†

Entra tacteando com o sapato de cetim a laje escura, na penumbra fria e húmida da Igreja de Santa Clara onde Petrarca lembra ter visto Laura de Noves pela primeira vez num domingo de Páscoa, quatro séculos atrás. Senta-se num dos bancos corridos perto do altar-mor, mal iluminado por velas de chama hesitante já meio derretidas entre os lírios brancos postos aos pés da santa.

De olhos fechados, Leonor recorda alguns sonetos em que Petrarca canta Laura angelical e inacessível. Tenta imaginá-la ajoelhada, vestido longo de prata fiada e bordada a pérolas e rubis, véu branco nimbando-lhe os cabelos anelados de um louro de seda natural.

Contra sua vontade, Leonor comove-se com a eternidade daquele amor incompleto. Dele sabendo apenas que se amaram em sigilo sem jamais se tocarem, a não ser com a ponta dos dedos com os quais ele raramente lhe tomava a mão etérea, na qual nunca pousara sequer os lábios trémulos.

Insatisfeita, fantasia-os:

Petrarca a tentar mitigar a paixão com a poesia, e Laura a toldar-se com a própria tibieza, a ocultar-se na virtude e nas febres que a debilitam; mais tarde entregar-se-á de bom grado à peste que ao passar pela cidade a levará consigo. Leonor impacienta-se com tanta passividade, não obstante o gosto que tem pela fatalidade do amor impossível.

Apesar de tudo atraída, procura a casa onde Petrarca viveu enquanto estivera em Avignon, tenta encontrar a austera capela dos frades menores onde se diz ter sido sepultada Laura, túmulo fictício que a certa altura ela

julga encontrar, enternecendo-se ao parecer-lhe distinguir o seu nome talhado numa pedra fria: letras que os séculos rasuraram, apagando os anos a precisão do traço. Aí, onde Petrarca teria deixado tombar as suas lágrimas, Leonor pousa a rosa sanguínea que leva consigo.

Na penumbra retalhada de sol, que se esgueira pela frincha da porta, Philippe espera-a, junto à grande pia de água benta.

Intranquilo.

Ao contrário dela,

o mistério do amor eterno perturba-o.

†

DIÁRIO

Chegou-me o livro que encomendei a uma livraria de Paris: *De l'Infini de l'Univers et des Mondes*, de Pierre Borel, que mistura, numa linguagem aparentemente precisa, matérias científicas com temas filosóficos e princípios teológicos.

Na sua leitura reencontro com satisfação as estrelas da minha infância, mostradas então por meu Pai, desde sempre interessado pelos astros. Afinal, bem mais científico do que Borel, que nos propõe a entrada «nestes altos globos» a fim de encontrarmos a eternidade!

Phillipe descobre encantado o meu interesse pela Astronomia e pela Botânica, e troça do gosto de Borel pela vida eterna. A ele basta-lhe a poesia e viver com paixão.

Com fulgor.

Os nossos passeios a cavalo pelas matas e pelos bosques nas cercanias de Avignon enchem-no de um tal prazer, que lhe fazem cintilar como constelações os imensos olhos verdes.

Avignon, 30 de Agosto de 1785

†

Ainda o conde de Oeynhausen está longe de Portugal, já a Corte fervilha com mil suposições sobre o que teria levado o embaixador em Viena a abandonar o seu cargo na Áustria, para vir desavisado até Lisboa,

meter-se na boca do lobo.

O arcebispo de Tessalónica corre em alvoroço a contar o boato à Rainha, mas ao encontrar a Princesa do Brasil nos corredores do Palácio de Queluz, e conhecendo-lhe a grande simpatia por D. Leonor de Almeida, confidencia-lhe a sua grande preocupação, pois tendo sido pela boca de Martinho de Melo e Castro, opositor confesso do conde de Oeynhausen, que soubera a novidade, logo também ficara ciente, pelo seu tom de escárnio, da mesquinharia dos comentários a respeito da sua próxima chegada.

D. Maria Francisca Benedita mostra-se igualmente apreensiva e promete interferir jundo da irmã, a Rainha, no sentido de esta receber o conde e julgar com brandura os seus motivos e explicações.

Mas o arcebispo, bom conhecedor do Paço, detectara no ar o cheiro a fel da cilada e da intriga; contribuindo para a sua perspicácia, o ter avistado a um canto da Sala da Música, em íntima conversa, o visconde de Vila Nova da Cerveira e Aires de Sá e Melo,

olhares enviesados em torno,

de quem combina planos escusos, em voz de segredo, por demais comedida.

Também Teresa de Mello Breyner é informada da vinda do marido da amiga pela sua tia Josefa de Menezes, camareira-mor da Rainha D. Maria. Só dias mais tarde receberá a carta de Leonor, a pedir-lhe para influenciar o duque de Lafões a favor de Carlos Augusto, no sentido de o ajudar a singrar pelos meandros da política portuguesa e a defender-se dos ministros do Reino que, alegremente, tentarão destruí-lo.

O duque, apesar de não se mostrar agradado com o pedido, acaba por concordar em ter uma conversa com o conde de Oeynhausen mal este chegue a Lisboa.

†

ANGELUS

Vejo-te percorrer o trajecto até Marselha e, inquieta, regressares na tarde seguinte a Avignon, para dias depois voltares e tornares, num turbilhão sem cautela, o rosto crispado e sem cor, olhos de sobressalto. E quando não estás a caminho de Marselha ou a ir na direcção de Arles ou Nîmes, andas horas a cavalo com arte de fuga,

fato de montar de fazenda inglesa, pernas de cada lado dos flancos do animal, a sentir nas mãos enluvadas o palpitar estremecido das veias do seu pescoço fremente e macio, enquanto correm unidos pelas matas densas onde a luz penetra a custo, bem para lá das muralhas da cidade.

Tal como ele, deves escutar o apressado bater do coração no peito em desordem, enquanto, como se fossem um só, saltam as cercas, os penhascos, os troncos das árvores decepadas pelas tempestades, os valados que vos tentam barrar o caminho.

Como se quisessem voar, galgarem o espaço e o tempo.

Chega-me o seu odor a gardénia e a água de rosas junto à nuca, onde os cabelos e a penumbra se enovelam e o perfume se afunda na pele, deixando nela um travo provavelmente agridoce.

Quando Phillipe Tournier aparece, mesmo sofrendo por ver-vos juntos, fico onde estou: sigo-vos, vigio-vos, vejo-vos ir travando conhecimento um com o outro, a perderem a noção das horas, conversando ao ritmo dos

animais que seguem a passo, sem repararem que se entranham nos bosques, se afastam, se perdem.

Por vezes levam os cavalos à trela, noutras sentam-se no chão húmido e alcatifado de erva, de musgo, de líquenes e folhas, gravetos e agulhas dos pinheiros selvagens.

De tudo sou testemunha invisível:

dos vossos gestos inacabados, dos sorrisos incrédulos ou da trémula gargalhada cristalina, dos olhares a demorarem-se um no outro, para se esquivarem de seguida. Da perturbação cada vez maior que começa a tomar conta de ambos, em intimidades ainda tímidas.

De longe fico a olhar-vos, respiração suspensa e febril, sem saber o que fazer

dos meus sentimentos em pedaços.

†

Mal desembarca em Lisboa, doente e com pouco dinheiro, o conde de Oeynhausen procura o seu cunhado Pedro de Alorna, que o recebe sem entusiasmo, mas também sem frieza. Escuta com atenção o que ele tem a dizer-lhe, e no final, evitando mais comentários, compromete-se a levá-lo até à filha que o conde não vê desde os seis meses de idade, já lá vão seis anos.

Carlos Augusto tem o coração apertado ao chegar à quinta dos sogros em Almada, na esperança de amolecer o coração do marquês de Alorna e conhecer Leonor Benedita, que quando ele avança para a abraçar e a tomar ao peito se esquiva, indo refugiar-se no colo da avó, a cobrir com as mãos o rosto miúdo.

«Vai beijar o teu pai», ordena sem grande convicção Leonor de Lorena à neta, mas a menina que o fita por entre os dedos fininhos cruzados diante dos olhos, começa a soluçar em surdina, assustada com aquele desconhecido louro que nem sequer sabe falar a sua língua.

†

CADERNO

Reconheço em Goethe a minha essência revolvida.

Na sua escrita atrai-me tanto o rigor como o radical desafio da modernidade. Não sei, no entanto, se conseguirei chegar tão longe quanto ele.

Como mulher,
para ser tão ousada, teria de ir ainda bastante mais além,
descer, usando o fio de Ariane, até muito mais fundo.

Aqueles que me rodeiam pretendem sempre que me aquiete; e eu, tentando fazer-lhes a vontade, começo por não pisar o terreno movediço das ousadias.

Mas como fugir às paixões sem me recusar à vida?

Avignon, 12 de Janeiro de 1786

†

O conde da Ribeira Grande vê Maria esconder à pressa, no punho folhado a tule da manga esquerda do vestido, o papel que estava a ler quando ele chegara pela calada, e se fora aproximando do caramanchão dos lilases, a deslizar sem nenhum ruído, como fazem os ladrões pelos corredores das casas que assaltam. E quando ela por fim se apercebe da sua presença furtiva, vê-a ficar lívida, palpitando assustada como um pássaro, mãos trémulas a quererem emendar, dissimular o gesto inacabado, papel amarfanhado pelos dedos, na pressa de o impedir de perceber tratar-se ou de uma nova carta da irmã, de quem ele não gosta, ou de um poema feito às escondidas, porque a proibira de escrever poesia.

A luz da tarde coada pelo cachos pendentes de um roxo-azulado, a amansar os raios de sol, tempera-lhe o cabelo castanho-avelã, caracóis mal dominados pelos pregos de brilhantes e as travessinhas de prata, emoldurando-lhe o rosto macerado e sem cor, onde apenas brilham os olhos de um verde-musgo ponteado de ouro.

Prendendo-a pelo pulso magro, o conde da Ribeira Grande arrasta-a pela álea do roseiral, até ficarem longe dos olhares indiscretos. Então esbofeteia-a primeiro e em seguida abre-lhe à força os dedos cerrados, unhas cravadas na palma macia, até lhe conseguir arrancar o papel, que desdobra, alisa, para descobrir, frustrado e enfurecido, estar em branco.

Com um ligeiro suspiro

Maria tomba desmaiada aos seus pés.

†

A influência do duque de Lafões e do arcebispo de Tessalónica protege Carlos Augusto das intrigas e das ciladas que lhe estavam preparadas na Corte pelos seus inimigos, mas não lhe dá acesso à Rainha, que recusa todas as audiências particulares solicitadas pelo conde, evitando qualquer encontro com ele nos salões e corredores do Palácio de Queluz.

Agindo desse modo, ela tanto quer calar a boca dos ministros e dos conselheiros que consideram as mulheres seres fracos e impressionáveis, prontas a ceder às chantagens sentimentais, frágeis demais para comandar os destinos do Reino, como evita escutar do conde argumentos que teme poderem amolecer-lhe o coração e abalarem-lhe a vontade.

D. Maria é conhecedora daquilo que se diz à boca pequena, por ter entregado ao conde de Oeynhausen o lugar de embaixador em Viena. Não quer pois arriscar mais nada, e o único modo que encontra para contornar o assunto é mostrar-se firme e distanciada.

Quando o genro do marquês de Alorna se rende à evidência de que a Monarca nunca o irá receber, procura Martinho de Melo e Castro que, depois de o deixar horas à espera na antecâmara do seu gabinete, não o atende.

Humilhado, Carlos Augusto volta-se para Aires de Sá e Melo, ganhando uma alma nova quando este o recebe, sem no entanto lhe querer escutar as explicações, nem atender os seus pedidos, aconselhando-o simplesmente a escrever uma carta onde enumere tudo aquilo que afinal pretende.

Engole de novo o orgulho e leva a noite a redigir um longo texto, que não irá surtir o efeito pretendido por Leonor quando o convencera a viajar para Portugal, a fim de esclarecer os equívocos, aclarar a turvação das águas, pedir ao erário público uma espécie de esmola para ele e a sua família viverem, e ainda dinheiro que o ajude a pagar as dívidas contraídas na Áustria.

†

Maria Ana Josefa

veste-se para ir nessa noite a um serenim no Paço de Queluz, mal deixando que a aia cruze e aperte os atilhos do espartilho, enquanto retém a respiração. Depois veste as saias de sombra e os saiotes de goma, a enfunarem a saia do vestido de seda rubra.

Por fim semeia de pequenos brilhantes e rubis o negro cabelo cacheado a tombar-lhe nos ombros nus, numa mistura de caracóis e canudos, decorando-lhe o oval do rosto. Num dos braços faz deslizar sete escravas de ouro, no outro a larga pulseira de esmeraldas. Nas pequenas orelhas põe os brincos de ónix com ametistas rosadas.

Enquanto ao espelho escurece com o lápis de carvão o sinal natural que tem junto aos lábios carnudos, avivados pelo carmim, rememora o plano arquitectado com a Princesa do Brasil, a fim de beneficiarem D. Leonor de Almeida. Fazendo com que o seu elegante e melancólico marido consiga chegar à fala com Sua Majestade, que com inesperada frieza se tem recusado a recebê-lo.

No entanto, mal entra na Sala da Música do palácio,

é abordada por D. Maria Francisca Benedita, que lhe murmura baixo, boca franzida em jeito de desagrado: *«Nada feito, houve quem nos denunciasse! Minha irmã a Rainha não vai sair hoje dos seus aposentos!*

Cuide Vossa Excelência de negar mesmo a vosso pai, o nosso combinado…»

†

Muito amiga e amada
do meu coração

Venho dar-te novas do teu homem, que por aqui tem andado sob a minha protecção e a do nosso querido duque, num corrupio entre o Paço e os ministérios, aguardando que o recebam e o escutem, já que a Rainha, num alarde de prudência, tem preferido manter-se arredia dos assuntos respeitantes aos negócios que o teu conde aqui veio tratar. Desta vez, nem tu podes amaciar o coração de D. Maria, se ainda nem conseguiste adoçar o do teu Pai, que se recusou a apelar por vocês junto de Sua Majestade.

Mas descansa o coração aflito, pois ainda nada está perdido. Aguardemos a resposta que há-de dar o Aires de Sá e Melo a uma pormenorizada e sensata carta que, seguindo o seu conselho, lhe foi enviada pelo teu Oeynhausen. Entretanto, há outras pessoas a tomarem o vosso partido: é o caso da Princesa do Brasil e do bom arcebispo de Tessalónica, da tua fiel D. Mariana de Arriaga e… – dou-te um doce se adivinhares – da filha do visconde de Vila Nova de Cerveira, D. Maria Ana Josefa, que te conheceu na Corte de Almeirim no verão de 1778 e nunca mais te esqueceu. Todos nós muito tecemos e bordamos a teu favor.

Por isso, minha doce e alvoroçada, faz por ganhar alento. Pensa que esta terna e eterna amiga te conserva sempre no pensamento, e fará o que pode para que não sofras.

Beijo-te com todo o amor.
Constante e eternamente tua.
Teresa

Lisboa, 20 de Janeiro de 1786

†

Faz versos quando está em casa, escreve cartas.

No diário alinha confidências secretas em francês, e nos cadernos toma notas de ideias e de leituras, mistura pensamentos com metáforas e aforismos. A secretária, inundada pela luz da manhã, está colocada junto da janela que abre para o terraço debruçado sobre o canal onde correm as águas do tom verde-acetinado da folhagem dos sicómoros.

Philippe Tournier continua a nimbá-la com a aura dos seus poemas e, nos salões de Avignon, discutem, argumentam, debatem temas que vão dos sentimentos à razão pura, entregando-se Leonor ardorosamente à defesa das Luzes; mas quando torna a casa já depois de a noite ter caído sente-se invadida pela culpa, arrependida das ausências, das demoras, do tempo que não passa junto dos filhos. Insatisfeita, vive de inquietude em inquietude a tentar reencontrar-se, mas no dia seguinte volta a entregar-se ao estudo, à escrita, aos livros.

As meninas, habituadas a verem pouco a mãe, já deixaram de se queixar, mas quando ela aparece alegram-se, procuram o conforto tépido dos seus braços, e o menino, fraquinho, fica aninhado na fragrância do seu colo, a pele transparente e a respiração tão leve como um sopro de pássaro.

De noite, as insónias deixam-na exausta.

Toma láudano para não passar em branco as madrugadas: a ler e a escrever à luz das velas que, ronronando e crepitando, se vão consumindo com vagares de melancolia.

†

Sabe que não o ama,

mas precisa de encantamento, de enamoramento.

Leonor necessita da corte que Philippe Tournier lhe faz, do tapete de flores por ele estendido debaixo dos seus pés descalços.

Das rosas espalhadas na coberta da cama, ou da rama florida reunida por ele nas clareiras, debaixo das árvores, onde antes apenas existia a sombra.

Dos poemas, dos quais é única musa, paixão e desacerto de chama e trepadeira de luz. Em Philippe encontra a idealização da própria imagem, reflectida no espelho de água, de Narciso,

onde ela se debruça.

Há também a partilha dos instantes raros, quando a voz parece apenas murmurar e nunca fala.

«*Sotto voce*»…

†

Quando acaba de ler a longa e fastidiosa carta do conde de Oeynhausen, em vez de se regozijar como esperava, Aires de Sá e Melo sente-se perplexo com a sua exposição despojada, com a sua desvendada, óbvia e admitida fraqueza. Tem consciência de que a partir dessa altura lutar contra ele deixa de ter graça; portanto não o quer mais à porta do seu gabinete, nem ouvi-lo pedir o que não pode nem quer dar-lhe. Ou seja, humilhá-lo não faz mais sentido. Então, pega na carta do conde e remete-a a Martinho de Melo e Castro, acrescentando umas poucas palavras suas a fim de explicar a decisão do envio:

«Lisboa, 22 de Janeiro de 1786

O conde de Oeynhausen depois das representações que levei à presença de Sua Majestade e de ter vindo aqui todos os dias lamentar-se, me escreveu ontem a carta que por me compadecer, e livrar-me dele, remeto inclusa a V. Ex.ª, rogando-lhe a queira apresentar à mesma Senhora e só mencionar-me a Sua Real determinação a tempo de o conde não perder a comodidade de recolher-se ao navio que está a sair de Toulon.»

Desse modo, Aires de Sá e Melo, percebendo que o conde de Oeynhausen nunca lhe fará sombra, e que ser responsável pelo desastre do genro do marquês de Alorna, apesar das desavenças de família, está longe de lhe convir, lava as mãos como Pilatos.

†

MONÓLOGO DE MARIA

Nada corre em mim como a correnteza da água, cativa de uma inquietude que jamais se aquieta, ou inquieta mais ainda frente ao coração da beleza. Morro de sede, digo, sem me satisfazer no excesso da brandura, ou me bastar na sombra do quarto, no vento da charneca ou no frescor das cisternas. Sufoco já, neste tempo sem consistência nenhuma, algemada ao meu próprio imponderável, debilidade, quebradura de caule; a derrubar-me e a derramar-me sempre, por entre o sussurro, o sopro e o silvo, o desalento e a banalidade do nada. Eu nada ou eu pessoa alguma, tropeçando na ambiguidade que desde menina me atormenta; hoje menos do que vulto de mim mesma-Maria, jamais única de alguém ou una, dúplice e dupla de quem me é irmã e eu a metade frágil, submissa, a penumbra da noz.

Dividida, comprazi-me em ser espelho de reflectir outra imagem, eu a menor de duas partes e nisso me cindi, face-faces ou fissura, na arte do aceite dos limites impostos, submissa para além do mínimo, para além da rasura que o olhar abrange, tornando-se o pouco logo cume, o cimo da vertigem, por onde o meu corpo em transparência foge, escapa e por fim se dissolve. Mais depressa na ânsia de me soltar, esgueirar, sumir, embora os fracos nós da vida ainda me imobilizem na cama, prisioneira quando tanto quereria voar com os anjos, ir com a harmonia dos pássaros pousar, quem sabe, noutro campo ou campa. Mas tão pouco entendo eu de mim nesta fraqueza, neste esvaimento, neste sangramento, nesta morte tão cruel quanto doce. Num vagaroso esmaecer, a fazer-me levitar sem peso, se cada vez menos perceptível é o rumorejar do meu pulso, ficando eu mais longe e distante e por fim indistinta.

†

Carlos Augusto só embarca em meados de Março num navio que o leva a Toulon, onde à sua espera estará uma carruagem para o conduzir de volta a Avignon, gastando assim o último dinheiro que levara consigo ao partir para a sua desastrosa viagem a Lisboa. Julgara que a Rainha, madrinha do seu casamento com Leonor, o ajudaria, mas afinal nem a avistara nos salões do Palácio de Queluz. Melhor dizendo, ele conde de Oeynhausen, embaixador de Portugal em Viena, não foi recebido nem por Sua Majestade nem pelo primeiro-ministro Martinho de Melo e Castro.

Até o empréstimo de dezoito mil cruzados pedido por ele ao erário público lhe fora negado por D. Maria, que apenas lhe concedera uma licença de seis meses, podendo vir a ser requerido por mais meio ano o seu prolongamento. Como sublinhou o ministro Aires de Sá e Melo numa breve carta em resposta à sua: licença para ser passada em Avignon ou *«noutro lugar de França»*, onde a vida da sua família possa ser levada por diante, *«com bem-estar e barateza»*; pois ao contrário do que acontece na Áustria, estará isento das pensões devidas ao seu cargo.

Em seguida, será o regresso a Viena.

†

Falo-te de amor, mas escondendo-te, Leonor, a intensidade da minha paixão por ti. Confessando o fogo mas iludindo-te a labareda.

Sei que para ti o nosso amor não será para sempre, mas para mim seria, caso quisesses.

Caminhamos a par e passo através das intensidades e das clareiras das matas e dos bosques, sob as folhas das árvores perenes e sombrias que nos abrigam da chuva, eu atento a ti e tu perdendo-te naquilo que imaginas, passando distraída ao lado das rosas silvestres, das bagas vermelhas dos arbustos, dos frutos secos caídos no chão atapetado de folhas onde há poucas semanas nos costumávamos sentar.

Agora segues distante de mim, deixas-me ficar para trás, embora te acompanhe o andar, o voo; tentando decifrar a expressão cismada de quem deseja sempre ir mais longe, desatenta dos outros, teus satélites, no empenho que levas por ti mesma; na tessitura da própria posteridade.

Por onde já ao de leve te afoitas.

Desesperado, tomo-te pela cintura e viro-te para mim, a olhares-me admirada e interdita, e eu entreabro as mãos a permitir que me escapes, pois no espelho dos teus olhos vi-me:

caçador derrubando a ave,

mas não o poeta que sou. Antes, sim, o predador devorando a presa.

Assusto-me.

Quem sabe Leonor, se és apenas um anjo fugitivo.

E detestando o meu próprio gesto de posse sobre ti, afasto-te, empurro-te de mim, e tu recuas surpresa a fitares-me interdita, enquanto eu sinto um vento gelado a golpear-me o peito, prestes a congelar-me o coração.

Então parto correndo, fujo ouvindo-te vir no meu encalço, escuto ainda o esgarçar da seda do teu vestido vermelho, bainha desfeita pelas silvas e pelas urtigas, pelos espinhos e as farpas, a chamares o meu nome, «Phillipe!» – um grito a ficar cada vez mais longe.

Abandono-te sem culpa,

sozinha na sombra ameaçadora da floresta.

†

Leonor de Lorena relê

as palavras do anjo

que a filha lhe enviou, logo percebendo, pela névoa que envolve a escrita, terem começado os últimos dias de Maria, num entendimento que pode ser susto, medo ou somente presságio; e quando acaba de ler, supersticiosa volta ao início, como se desse modo lhe retardasse a morte:

Não temas, disse o anjo,

«apaziguem-se depressa as feridas, as chagas, os sangramentos do corpo, as rupturas da alma; que a luz afaste as brumas dos olhos e de toldar a lua, então levitarás sem peso nenhum quer seja de âncora ou de liana, quer seja de atadura ao negrume, sem jamais tornares a descer até ao lodo e limos da fundura do poço. E turbada do teu falar e banhada pelas águas do Gehon, o segundo rio do Paraíso, descansarás, porque "achaste graça diante de Deus" e ascenderás ao cume, pois as penas das tuas asas fizeram-se menos pesadas do que as tuas dores e desejos do mundo onde ainda vives.»

E a perturbante beleza do anjo sentado aos pés da minha cama *«era como um relâmpago, e a sua vestidura como neve»*.

Não temas, disse o anjo,

«porque serás coberta pela sombra do Senhor e voarás, com a pressa mudada em calmaria e o ruído em sussurro, e o teu pensamento turvado aclarar-se-á, e saberás dizer:

Rabboni…

desaprendendo o sofrimento das cousas materiais e terrenas, a tomares o conhecimento das palavras indizíveis: bálsamo, repetirá o apóstolo ao teu ouvido, "bálsamo feito de nardo puro"; enquanto deixando o acerto do passado para trás, irás flutuando até onde mergulharás nas águas do Tigre, o terceiro rio, onde Eva nadou. Só então os perfumes se confundirão já com um ar tão puro, que logo entenderás,

Maria,

em ti mesma a diferença; lugar onde tudo se purificará.»

Tão doce o anjo falou à minha beira, e meigo se tornou o seu olhar de hortênsia, que nem sequer temi entender serem aquelas palavras as da anunciação da minha morte.

Não temas, disse o anjo,

«eu sou o visitante das tuas visões, vem a mim e eu te levarei nos braços; embalarei o teu corpo de encontro ao meu corpo, e de mim tirarás o gosto que quiseres na quietude do espaço trabalhado pelas constelações

celestes; em seguida preguiçarás na terra prometida, banhar-te-ás no Eufrates, o último dos rios do Éden, e estender-te-ás discorrendo, deitada na tepidez das ervas, das folhas e das pétalas, enquanto "a virtude do Altíssimo" te preservará e reservará a felicidade que sempre quiseste para ti, entre a poesia e a Sua magnífica essência.»

Foi quando o Anjo se calou e eu o reconheci como Gabriel, que ele se apartou de mim; e me encontrei, senhora minha Mãe, ardendo em febre e deitada na cama, tão terrena e perdida no sofrimento quanto antes. Mas como as visões do delírio são o meu último reduto, e vós minha única e querida interlocutora, envio-vos o que lembro das Palavras do Anjo, segundo as minhas próprias palavras.

†

É o Mediterrâneo que me cativa em Marselha.

Entrego-me ao estudo das suas rotas da seda e perfumes, das suas correntes, dos seus múltiplos braços, deltas, desembocaduras onde os rios desaguam.

Rendo-me ao seu áspero odor salgado que me enreda, sentada no velho porto, a sonhar com viagens: Atenas, Alexandria ou Constantinopla, Veneza ou mesmo Espanha; o rochedo de Ifach a quebrar com a sua falsa aridez a doçura do clima, que rodeia e aconchega num tépido embalo; destino de águas cálidas mas, por vezes, de precipício e perda, na quase esterilidade do seu ventre.

Já em Chelas decorava mapas levados por Filinto Elísio, neles querendo descobrir as grutas, os ventos, as tempestades, os mares de palha, os segredos submersos juntamente com os navios naufragados, então inventados por mim na placidez do claustro.

Ainda hoje, sentada no porto de Marselha, evado-me à beira dos barcos que chegam ou partem, cascos grossos e pacientes, avançando pesados ao longo das vagas, a recortar o mundo.

Os crepúsculos demorados fazem-me sentir a alma dilacerada, mas respiro com gosto o ar frio impregnado por um intenso cheiro a ferro, a zinco e a ferrugem dos cascos das embarcações, à mistura com o odor a sal das ondas marulhando aos meus pés, a roçagar a pedra velha da amurada onde me encosto. Tento decifrar as cartas de marear, as tapeçarias bordadas com ilhas, monstros e marés e sereias.

Cristovão Colombo, Ulisses: mitos e descobertas a misturarem-se num faustoso desfilar de lendas e de ninfas, de relatos licenciosos de ondinas e epopeias cantadas em verso. Camões, desde sempre fazendo parte do meu projecto de partida e sonho.

Mediterrâneo tão diferente, afinal, dos desenhos das cartas dos mares, onde os oceanos imobilizados têm anjos em torno, a soprarem os seus ventos afilados como setas. Antigas histórias, com Nereidas e monstros épicos.

Leviatã e Raab.

É preciso rigor e disciplina para navegar – imagino; a enxergar para além do Atlântico, livre do olhar de negrume das sagradas escrituras. A cartografia ensina-se, aprendê-la é a única maneira de lhe conhecer a inteireza; sem essa atitude moderna, os oceanos continuariam desconhecidos, reféns do obscurantismo, da ignorância.

Hoje as Luzes impedem-nos de cegar e impelem-nos para uma outra visão do mundo, ajudam-nos a traçar novos atlas, sem monstros tutelares comandando oceanos alterosos; colocando a fatalidade e o caos no lado oposto ao da razão, que nem sempre cumpro, embora me seja cara.

Em Marselha escuto o Mediterrâneo, deleito-me com os seus odores a alfarrobeiras perfumosas no início abafado das tardes, com olores de pinheiros e de morangos ardentes. Tomo o gosto à framboesa de travo acre, ao licor de romã pelo meio-dia, à doçura das laranjas, ao amargor dos limões, à acidez temperada dos figos, das amêndoas e das tâmaras sabendo a veludo.

Mediterrâneo, tal como o olho e entendo ao pôr-do-sol, junto às antigas amuradas; perto das quais beberia sem pressa

um cintilante refresco de groselha.

†

Da amurada do barco, Carlos Augusto apercebe-se, surpreso, que Leonor está no cais à sua espera, sombrinha de seda vermelha inclinada sobre o ombro direito, mal segura pela mão enluvada de negro, atenta ao lento avançar do pesado navio. Repara na sua desatenção, atraída pelo modo como a quilha cor de ferrugem corta e separa as águas sombrias de limo e lodo do antigo porto.

«Nelly…» – murmurará mais tarde em surdina, ao envolvê-la nos braços, ao mesmo tempo a erguê-la e a apertá-la ao peito, a sentir o perfume a gardénia do seu corpo. Desconhecendo como Leonor sente estrangeiro o cheiro dele, com aquele odor a mar e a salsugem, mais magro do que quando partira, pernas altas e duras a tentarem entreabrir as dela, dedos ásperos que lhe desmancham os cabelos e a tepidez da nuca, na pressa de se reabituarem à sua pele, à fragilidade dos pulsos quebradiços de menina, ao calor dos lábios carmim a fugirem relutantes no ceder, à friagem da boca e da língua que ele traz da viagem.

Ambos guardando os seus segredos, calando as lembranças penumbrosas, ela de uma aventura sem sentido, ele do orgulho espezinhado.

A esconderem-se um do outro.

Desse modo ficam abraçados no silêncio, sentindo aprazimento naquele amor sem a mácula de tumulto. Apesar de tudo com os sentidos a ganharem o fogo do desejo pedindo a entrega, naquela pressa ansiosa que tão bem conhecem, a rolarem já na cama larga onde ficam até quase de noite.

Descansando na essência um do outro.

«Nelly…» –, chamará mais tarde Carlos Augusto num sussurro, ainda abraçado ao seu corpo nu.

Leonor fingirá ter adormecido.

†

Quando começa de novo a sentir-se nauseada, Leonor revê-se no vendaval que têm sido os últimos três anos, desde a saída da Áustria.

De cidade em cidade, indo e vindo, partindo e regressando exausta, num volteio constante e sem sentido, a debater-se, como tem sido hábito, diante do aquietado destino feminino que sempre parece apanhá-la.

Com tenacidade Leonor resiste, em nada mudando a maneira de levar os seus dias, por vezes tombando de cansaço. Passa semanas deitada, sem forças para nada mais que não seja levar a custo aquela gravidez por diante.

Carlos Agrário ronda à sua cabeceira, menino pequeno, débil e macilento, de um louro muito claro, tentando sem ruído subir para junto da mãe, ele que de tanta fraqueza ainda mal anda, mas quando ela está em casa a quer para tudo.

Leonor aperta-o ao peito e aninha-o a si.

†

Mais uma vez ergue-se nas almofadas em aflição,

como se fosse devastada por uma tempestade cruel, sem noção de moderação e de piedade.

Tenta em vão impedir-se de gritar quando chega a hora de a criança sair do seu ventre, numa golfada de sangue; desta vez terá de esperar mais pela placenta e só depois será lavada das sujidades do parto, sem tirar os olhos da menina muito morena e sem choro, deitada num berço improvisado.

O nascimento banal de Henriqueta

não tem qualquer história que ela possa vir a contar, a não ser as águas terem-lhe rebentado em Marselha quando se preparava para tomar a carruagem de volta a Avignon, onde Carlos Augusto a esperava contrariado com a sua imprudência e teima em viajar num estado tão adiantado de gravidez. Apesar do acontecido com Carlos Agrário, que por pouco não nascia na estrada.

Leonor recebe a filha robusta que a parteira lhe estende, idêntica às outras quando nasceram,

excepto Maria Regina com a sua misteriosa beleza ruiva.

As duas repousam agora na mesma cama desmanchada, das mantas e dos lençóis manchados. Sente junto ao seu corpo o calor da menina mansa, como se nela estivesse a aconchegar-se. Os olhos castanhos, que poderão vir a mudar-se na cor bravia do cardo, estão abertos.

As mulheres cuidam também do desalinho do quarto da estalagem: queimam incenso, a tirarem os cheiros acres e ácidos das entranhas que as dores do nascimento deslaçam, afastam da sua vista as bacias de louça e os jarros vazios, as compressas, os pensos e as toalhas ensanguentadas, a placenta, a tesoura de cortar o cordão umbilical.

Leonor pensa na insensatez daqueles partos consecutivos, como se a fertilidade fosse um perigo oculto a ameaçá-la.

†

Mal empurra a porta, um sininho de prata vibra e toca na penumbra da sua livraria preferida em Marselha, onde compra os livros que não manda vir de Paris, da Áustria ou da Alemanha. Deste modo Leonor aumenta a biblioteca que lhe fora roubada em Portugal e que entretanto refizera.

Os volumes da *Encyclopédie*, conseguiu-os de Filinto Elísio; com eles chegaram Voltaire, Diderot e também Corneille e Rousseau. O abade Correia da Serra enviara-lhe Teresa de Ávila, ao passar por Espanha a caminho de Paris. Ao deixar Viena trouxera consigo Schiller; em Estrasburgo encontrara profecias e versos de Hildegarda de Bingen. De Goethe tem o que comprara em Frankfurt. E Carlos Augusto, já em Avignon, ofereceu-lhe as *Rimas* de Petrarca e uma velha edição da *Arte de Amar* de Ovídio.

Mas na livraria de Marselha Leonor faz mais do que adquirir livros. Passa na sua penumbra tardes inteiras, a correr os dedos pelas prateleiras gastas, a tactear as capas duras mas de pele macia; a admirar de perto as

lombadas gravadas a ouro, sentindo o gosto que lhe dá virar devagar as suas páginas leves, com a mesma tremura das pálpebras.

Platão, Sócrates e Pitágoras.

Compra tudo o que pode e descobre no seu vistoriar aturado. Foi assim que encontrara Aristóteles, Marco Aurélio e Maquiavel, levando-os até às suas insónias, arrumados que estão sobre a secretária do quarto; ao lado de Dante, de Christine Pizan e de Leonor de Aquitânia.

Senta-se num banco de madeira, a um canto da livraria de Marselha, onde lhe é permitido ficar lendo, numa leitura voraz de poemas, de ensaios, de diários e memórias, até resolver o que levará consigo ou deixará para trás, contrariada.

Por vezes hesita: Galileu ou Robert Boyle? Condorcet ou Turgot? Joseph Butler ou D'Alembert? Marmontel ou Madame de Châtelet? Indecisa, acaba por os colocar junto do seu saco, para só à hora da partida concluir quais deles mais a empolgam e lhe fazem bater o coração desordenado, no imenso prazer da descoberta e da dúvida:

Descartes ou Newton? Leibnitz ou Montesquieu?

Só mais tarde chegará o deleite da leitura.

Habitualmente, quando sai da livraria já desceu o crepúsculo, negrume a ganhar as ruas estreitas, onde os candeeiros de azeite ainda não estão acesos. No ar há sempre uma espécie de neblina salgada que a arrepia e a faz tremer de frio, até entrar no abrigo mofento da carruagem que a espera para a levar até à estalagem onde pernoita na companhia dos livros comprados.

Por sua vontade voltará no dia seguinte:

empurrará a porta, a escutar com prazer o sininho de prata, entrará com a pressa de quem vai para um encontro amoroso. Ofuscada pela claridade da rua, mal distinguirá o vulto dos volumes alinhados nas estantes, em desordem nas mesas ou no chão em pilhas altas. Parará tentando habituar-se à pouca luz coada pelas vidraças sujas das janelas pequenas, comprazendo-se com o cheiro adocicado das encadernações de carneira, à mistura com o odor espesso do papel antigo. No ar reconhecerá o perfume

acre da tinta, do lacre, das páginas novas das edições recentes, a gozar aquele clima vagamente sigiloso e secreto, misterioso e também desalmado,

adiando a partida.

A seu lado irá pousando os livros à medida que os escolhe, envolvida no seu xaile de lã a defender-se do frio no anelo dos ombros. E recomeçará tudo do princípio:

debruçar-se-á sobre as mesas, afastará os originais, textos e versos que, vindos do passado, se amontoam sobre os velhos volumes antigos; irá procurar nas estantes, subindo os estreitos degraus do escadote de madeira até às prateleiras mais altas.

Retomará a procura.

– Há muito pó aí, Senhora Condessa – previnem-na sempre. Mas no descuido ela já trepa e desce e senta-se e ergue-se, para voltar a subir as escadas e descê-las, sentar-se no banco e ficar a ler perdida do tempo. Investiga e escolhe, perde-se na busca do conhecimento, que a torna inquieta, a ensina a voar.

Salvando-se e ao mesmo tempo prendendo-se.

Na livraria de Marselha, esquece-se de si mesma.

†

Espera! – manda ela, desdizendo o desejo do próprio corpo, para logo o procurar febril e incontida, dedos tropeçando na pressa com que sempre o ama.

Deixa-me! – diz-lhe Leonor, empurrando-o quando ele a abraça, para mais tarde o buscar anelante, cabelos soltos pelas costas nuas de pele muito branca.

Não quero! – exclama ela, reclamando da posse que não pretende mas ansiando-a já, contraditória diante do gosto que o marido sempre nela desperta, ardente a tomá-lo para si.

Desata-me de ti! – reclama Leonor, sufocada pelo olhar com o qual ele a persegue, algemada à sua obsessiva presença, voltando a voar pela casa.

Carlos Augusto encanta-se com aqueles inesperados anelos, modo de ela o repelir para logo o tomar, nunca parecendo ceder mas já a apetecê-lo, corpo incendiado pelas labaredas da avidez, gemendo a querê-lo mais do que quando é ele a fazê-la sua.

†

Carlos Augusto nunca sabe se Leonor estará em Marselha, se em Arles ou em Nîmes. Se passeia a cavalo pelos bosques que se adensam já longe das muralhas da cidade, se segue a pé até às matas de carvalhos e cedros, onde gosta de se demorar sozinha, a roda do vestido a prender-se nos arbustos e nos espinhos, pés escorregando nos seixos dos riachos que atravessa, ou equilibrando-se nas arestas das pedras que juncam os atalhos onde vai sentar-se à sombra estriada de luz, frinchas estreitas entre ramos e folhas por onde o sol se esgueira. Nos jardins da casa ela aborrece-se com a monotonia das dálias e das begónias, das frésias e dos jacintos cor-de-rosa pálido. Às vezes julga ouvi-la respirar e sente o intenso odor a gardénia do seu corpo, enquanto fecha os olhos para melhor tomar o gosto da vertigem que ela continua a despertar nele.

Carlos Augusto nunca sabe se Leonor estará em Montpellier ou se rumara em direcção a Madrid, pois é em Montpellier que ela sempre se arrepende de entrar em Espanha. E regressa, olhos marejados do orvalho da manhã antes que o sol aqueça. Às vezes julga vê-la durante as caçadas, chegando a confundir-lhe a silhueta com o vulto delgado da gazela, ambas flexíveis e esbeltas: o nascimento dos filhos passa pelo seu corpo sem deixar rasto. Ele sabe como os silêncios da casa a entediam, e a dilaceram os gritos das crianças; é então que parece vê-la desprender-se, evadir-se na ideia de partir, entregando-se à ânsia de viajar. Por isso em segredo a guarda tanto, com medo de a perder, ora apática, livro esquecido no regaço, a pena a secar no tampo da secretária, ora febril, mergulhada nas

páginas dos volumes que compra, ou debruçada nos cadernos a evadir-se nos próprios versos. E tudo isto ele sente como formas ínvias de se libertar de todos e da casa.

Carlos Augusto nunca sabe se Leonor se encontra em Nevers, em Lyon ou em Aquitânia, onde o espírito de uma outra Leonor a atrai com a sua diferença. Afinal quem sabe se em vez de ter passado a fronteira a caminho de Espanha, ela não voltará como sempre para casa, exausta de ter partido, a estranhar a lua da madrugada vista pela pequena janela da carruagem. Ou talvez se encontre em Nantes, provavelmente em Limoges, depois de ter pensado ir até Paris, certa de que a meio caminho regressaria, ansiosa por tornar aos seus braços. E Carlos Augusto sobe a escada, arrastando o passo, amparado ao corrimão de madeira polida. Indeciso… Mas quando passa diante do quarto dela acaba entrando, nunca sabendo se a irá encontrar. Coração aquietado mal a descobre adormecida debaixo das cobertas, ao alcance da sua mão, quando chegara a imaginá-la a caminho

de Auvergne? De Grenoble? De Lisboa?

†

Pedro achou mais prudente mandar a notícia ao cunhado:

Maria morreu.

Como um pássaro ferido.

Olhos azuis voltados para a luz entornada vinda da janela aberta, como se alguém tivesse entrado ou saído por ela.

Voado.

Quando D. Branca Alice, dama de sua companhia, já na alvorada entrara no quarto a vigiar-lhe o sono, encontrara-a exangue e atravessada na cama, sobre os lençóis revolvidos e molhados – se de suor ou de lágrimas ninguém jamais saberá –, sangrando pela parte mais íntima do corpo muito magro.

Mancha de rubi na alvura da camisa de dormir.

Na escrivaninha estava uma carta lacrada e dirigida à irmã, que D. Branca Alice escondera do conde da Ribeira Grande sob a capa em que se envolvia, a proteger-se do frio húmido e esfiapado daquela madrugada de dezanove de Novembro.

†

Quando Leonor assoma à porta da sala ainda o vê ocultar na algibeira da farda a carta que imagina ter acabado de chegar de Lisboa. Desviando dela o olhar, Carlos Augusto recua em silêncio, a tentar ganhar o tempo que ela merece de apaziguamento, antes de a mergulhar no desgosto.

Desconfiada, constatando a perturbação por demais evidente do marido, Leonor não sabe se será preferível desconhecer o que viu, coração apertado por uma inesperada premonição de desgraça que a tolhe encostada ao contador de madeira lacada. Mas como não é de sua natureza iludir a verdade, avança depressa e num repente tira-lhe a carta, logo reconhecendo a letra do irmão. As mãos tremem-lhe tanto, que não consegue decifrar a caligrafia difícil de Pedro, recusando-se a entender o que está escrito na folha desdobrada à sua frente.

Sem fala, Carlos Augusto fita-a, suspenso da sua face que de súbito se torna muito pálida, boca crispada, grito preso que a língua não solta no rebordo dos lábios.

Petrificada, Leonor sente-se amputada, decepada de metade de si mesma, e a meia imagem que lhe resta sangra em carne viva. Misericordiosamente a dor parece extinguir-se, para dar lugar a um vazio absoluto. Mesmo assim cambaleia, sem que nada lhe valha: a vertigem, a náusea a revolverem-lhe o estômago, olhar vago e atordoado, a caminhar às cegas sem reparar por onde anda.

Assustado, Carlos Augusto quer ampará-la, mas Leonor recusa-lhe a mão, olhar acuado de animal ferido que ainda ignora a extensão do mal que lhe fora inflingido. As pernas a vergarem-se, a cederem ao peso do desgosto, acabando por cair desamparada no chão, onde fica enrodilhada,

desacordada e lívida.

†

DESPEDIDA DE MARIA PARA LEONOR

Tão somente no silêncio me digo, e a ti minha irmã,

tão próximas que já estivemos e não agora, nestes dias que nos consomem longe uma da outra, e nesta longitude sempre descubro nossas dissemelhanças e parecenças. Mas apesar de sermos duas, continuamos metades como laranja cortada ao meio, cheiro intenso no matiz ácido do hálito, Leonor, que o rosmaninho crescido sob as janelas dos nossos antigos quartos secou quando partiste, ágil na pressa de fugires, deixando-me para trás. Sei de cor em mim este desgosto e sentimento de injustiça, pois nunca a sorte me dotou senão de angústias, embora eu nunca deixasse de sorrir, e até tu me ralhavas acusando-me da minha transparência e riso fácil, sem saberes quanto eu chorava às escondidas; e tudo o que comia era engulho demais para o meu estômago.

Febre numa vibrante tensão encoberta, enquanto tu, mana, muito concentrada lias, e quando ambas escrevíamos jamais os meus versos aos teus se igualavam, conhecedora eu dessa diferença apesar de simular o contrário, pois jamais me foi difícil fingir a alegria, mesmo quando, ao pôr os vestidos que deixavas por já não te servirem, me remoía por dentro; e nos meus cabelos lisos, ao contrário dos teus, atava os laços que não querias de ruços que estavam, e neles eu sentia ainda o calor dos dedos da mana, posta breve no olhar demorado que tinha, quando os poetas vinham encontrá-la na grade onde os recebíamos, faceira ou terna conforme calhava, e eles a chamarem-na diversa ou diva, mais deusa que musa dos poemas que escreviam.

Tal como nós fazíamos versos no silêncio da cela,

eu numa tal reinvenção de ti, que confundia mais do que se fôssemos gémeas, em simulação de tudo, Leonor, e eu tremia afastando o sono, a preferir então tomar do fel o gosto; e isso me afundava e perdia, reconheço, agora que te foste de mim e me lamento sem ter mais tempo para o usar contigo, e por isso te escrevo como quem fala, irmã, sem perceber porque te digo mais dos desfavores que dos acertos das duas, ambas as partes da nossa face inteira, que nos separam e nos juntam, mana, e ainda assim tanto nos diferenciamos.

Nesta simulação de vida que não tenho longa, mana, a escapar-me já por entre os dedos; e talvez por isso subo, me ergo e voo no espaço onde o sonho é tudo o que me resta. Réstia de luz onde me agarro e largo, me solto e de novo me seguro ou levito, o coração tão leve que nem o sinto no peito, nem o rubi do sangue nas veias do meu corpo; cereja de gosto escondido em tal gozo, minha irmã, que isso me assombra e assusta tanto que retorno, fecho as asas e baixo, desço, assento os pés no chão do quarto, deito-me ao comprido na cama onde ardo, me gasto; lastro de sorriso amargo ao ver as Parcas dia após dia avizinhando-se; minha flor, não contes tornar a ver-me pois estou perto do fim, onde tudo é negro e nefasto, ao contrário do arco-íris do nosso início, quando os actos e as cousas nos desafiavam as ideias e nos acendiam a vontade de saber. Já nem sei colar os estilhaços da alma, confesso, e assim me quedo no fundo do abismo, a tocar o avesso de todos os meus antigos motivos de esperança.

Deste modo me diluo, me esqueço e desvaneço, Leonor; desejando estar mais perto da tua força que da minha fraqueza, pois só hoje verdadeiramente te entendo irmã e te aceito no alvoroço da ida para longe. A viagem permitindo a amplitude que também poderia ter sido a minha, porque afinal só nela inteira a dor se disfarça, repousa o desencanto todo na soleira das lágrimas e eu me vou e escapo e esgueiro, me alteio na fibra do que é calmoso e desperdiçado, desmanchado num árduo labor no sufocar dos dias que me restam e guiam através do meu destino imposto.

Tu bem o sabes, jamais te submetendo, rebarbativa e insolente. Maneira de te afirmares e de existires, espelho onde se reflecte a minha tristeza.

Desse modo me apago mais ainda, desapareço, aceitando os caracteres celestes que isso determinam; e este será o meu fim, sem que por tanto me enfraquecer alguém se compadeça da mulher mínima e medíocre em que me cumpro, no contrário de ti, mas sem desgosto nem nenhuma inveja. Motivo pelo qual te peço: não me chores, irmã, nem deixes que te apaguem o brilho, a cintilação vigorosa, nem largues a ambição, a arma escondida do assombro e da determinação. Nunca troques, Leonor, o fogo pela sombra, nem iludas a paixão, a força de vontade, o carácter forte.

E deste modo te aprontas e também te aproprias da escrita,
que é da salvação a única maneira.

OceanofPDF.com

†

XV

OceanofPDF.com

†

Quadras

Que fiz a minha irmã

Se da sorte a mão ousada
De teus braços me arrancou,
Não pode roubar a imagem
Que a saudade em mim gravou.

Se eu e tu fôssemos duas,
Pudera a Parca sem dó
Separar-nos; mas não somos
Eu e tu mais que uma só.

Se respiro, inda respiras;
Nem tem a Parca poder
De confundir-te c'os mortos
Enquanto Alcipe viver.

OceanofPDF.com

†

RAÍZES

Para onde me levam

assim, de pulsos atados atrás das costas?

Vestida tal como estava cuidando dos meus lírios e dos meus crisântemos, sem me deixarem sequer envolver na capa nem cobrir os cabelos a compor-me e a defender-me do frio que em Portugal neste Dezembro de 1759 é muito.

Para onde me levam

envergonhando-me e humilhando-me ao puxarem-me e arrastarem-me à vista de todos? Empurram-me e magoam-me e afastam-me de casa sob escolta, de nada me acusando sem me darem explicação alguma pelo tratamento a que me submetem. Não temo a gravidade do que possam acusar-me, pois nenhum crime pesa na minha consciência.

Para onde me levam

à força, carregada para o vosso carro de polícia, janelas cobertas de luto com o pior pano negro? Prisioneira cercada por guardas a cavalo, como se eu fosse uma criminosa. Em torno de mim fechou-se o círculo da ameaça, o cerco; sinto já o anel de ferro da violência a sufocar-me. Oh ignomínia! Em vez de agredida, mostram Leonor de Távora como agressora!

Para onde me levam

em tão opressivo sigilo e calamento? À ordem de Sebastião José, déspota deste Reino, capaz de usar o seu poder para humilhar quem odeia. Para

ele, sou demasiado como mulher e maior enquanto nobreza. Dar-lhe-ia gosto supremo ver-me destruída, vergada pelo medo.

Para onde me levam

a galope, que tanto me parece vagaroso como rápido? A coberto do véu escuro que entretanto desceu a sua asa nocturna sobre Lisboa; primeira noite em que eu e Francisco de Assis corremos risco de vida; jamais porém os meus olhos serão toldados pela neblina das lágrimas, pois nunca aceitarei em mim qualquer sinal de sujeição e de fraqueza.

O meu orgulho basta-me.

OceanofPDF.com

†

MEMÓRIA

Quando vim de Avignon, também para chorar no túmulo da minha irmã, e obter da Rainha tudo aquilo que Carlos Augusto não conseguira meses atrás para a nossa sobrevivência, quando da sua viagem a Lisboa, estava longe de imaginar as aventuras tormentosas que me esperavam durante essa longa viagem. Não hesitei em trazer comigo Frederica e Juliana, minhas filhas nascidas em Viena e que ainda não conheciam os avós.

Connosco partiu também o abade Correia da Serra, que estando na altura em França tivera urgência de tornar a Portugal, mal sabendo eu como a sua presença de «homem de espírito», delicado, culto e cheio de humor, iria ser preciosa para o meu equilíbrio.

Meti-me à estrada deixando para trás o meu marido, encarregado de tomar conta de Carlos Agrário, o nosso filho doente, e Henriqueta, menina nascida há poucos meses, *«pobre pequenina que eu começava a amar tanto»*. Para cuidar dos três prescindi de Thérèse e escolhi Angélique para me acompanhar.

Com a nossa caravana de carros e criadagem rumámos em direcção a Montpellier e, depois de dormirmos em Béziers, seguimos para Perpignan. A partir de então até Madrid tudo foi piorando de um modo tão sistemático e assustador, que me vi obrigada a resistir, esquecendo cansaços extremos e insónias mal mitigadas, vómitos e agonias que me fizeram acreditar, aflita, estar de novo grávida.

Senti-me muitas vezes à beira do descontrole.

Mas como ceder à tentação do desequilíbrio quando a sobrevivência de todos dependia da minha presença de espírito? Então, quando escrevia a

Carlos Augusto a dar-lhe notícias da viagem, sabendo-o frágil e fraco, rogava-lhe aquilo que exigia a mim mesma, mostrando-me forte: «*Anima-te, meu amigo, partilha a minha força e a minha coragem.*»

Hoje, olhando para trás, não sei onde fui então buscar tanta tenacidade para resistir aos inúmeros impedimentos, reveses, perigos e desastres e obstáculos que começavam sempre por me parecer intransponíveis. E ainda agora me encho de aflição ao reviver o impensável pesadelo que encontrei num deserto ao fundo dos Pirenéus, onde os habitantes selvagens falavam uma língua bárbara que eu mal compreendia.

Quando, no dia seguinte, Juliana acordou ardendo em febre, soube tornar-me médica para a salvar da morte, a pararmos o menos possível ao longo dos caminhos empoeirados, escarpados, a perderem-se no nada daquelas infindas sendas escaldantes de pedras soltas, sem se ver vivalma. E quando o abade e alguns dos criados igualmente adoeceram, a certa altura mandei parar o carro e entranhei-me na mata para poder chorar à minha vontade.

Chegámos a Portugal no final de Novembro.

Mal sabia eu que um dia haveria de ter saudades dessa viagem desalmada. A verdade é que de bom grado a trocaria pela minha presente vida fechada dentro de casa, tendo como companhia a irremediável velhice.

Fiquei então em Portugal quase durante um ano, como sempre dividida entre a idealização e a realidade que nunca se equiparava à grandiosidade dos meus sonhos

e das minhas ambições desmesuradas.

OceanofPDF.com

†

1787

Passo noites a pensar na minha viagem.

A cismar nos melhores trajectos que me levem a Portugal: tomando o caminho de Montpellier e Perpignan até Barcelona, rente à costa mediterrânica, e depois por Tortosa e Valença até Madrid. Às vezes suspendo a pena a meio de uma palavra, de um traço, de um sinal, durante a consulta das cartas geográficas, e fico a imaginar-me debruçada da pequena janela da carruagem a receber na cara o vento marinho salgando os meus lábios.

Passo horas no terraço a olhar os mapas.

Estendo-os sobre a mesa larga colocada debaixo da glicínia que trepa pela parede de musgo e pedra rugosa. Disponho os cadernos e os papéis no seu tampo, e alinho-os ao lado dos livros. Sempre gostei de mapas: aliso-os com os dedos impacientes e apressados, as unhas a imprimirem já os trilhos, as veredas, os atalhos, deixando para trás o espaço percorrido, o suor a colar-me os cabelos ao pescoço e à testa, a boca seca.

Passo dias a inventar esta viagem.

De etapa a etapa, ultrapassada a fronteira de França depois de Perpignan, entro em Espanha pelos Pirenéus e prosseguirei sem pressa até Barcelona. Na estrada sigo empurrando o tempo, ansiosa por chegar a Madrid, atenta à cintilação das cores dolentes, mescladas pelas claridades e as cintilações dos grandes espaços.

Passo tardes a estudar os caminhos.

Atenta, como se recebesse do mar o cheiro das ondas que entre si misturam a música translúcida do Mediterrâneo, onde o meu olhar sempre se demora com ansiedade voraz e nenhuma pressa. Mas será já no interior de Espanha, quando começarem a aparecer as suas moitas e brejos, que me aperceberei de ter entrado em Castela, seguindo pela estrada de Madrid, onde finalmente descansarei.

Passo o tempo a querer encontrar os melhores trajectos.

Seguirei no rasto do calor, a saúde gasta, os nervos em franja. Mandando estugar o passo das bestas rumo à pátria, embora ela se perfile ainda longe, antes de começar a descer desta vez para Badajoz, onde passarei a raia e entrarei em Elvas.

Passo horas a criar esta aventura.

Basta-me a demora de um dia e estarei no porto de Vendrés, mas assaltada por uma pressa tamanha que paro o menos possível, só para dormirmos e descansarmos um pouco. Coração em tumulto, presa de receios, demandas e indecisões. Sentada debaixo da glicínia do meu jardim em Avignon, vou inventando itinerários, paragens e moradas impossíveis.

Passo as últimas semanas antecipando a partida.

Ansiosa por tudo o que irei descobrir ao longo das estradas, dos trilhos e dos atalhos, consciente de que acabarei por desrespeitar aquilo que hoje planeio com absurdo cuidado, tentando ser razoável. Impaciente, neste final de primavera fresca e ventosa de mil setecentos e oitenta e sete, por chegar a Madrid para depois alcançar Portugal.

†

Carlos Augusto aflige-se quando ouve Leonor falar pela primeira vez na hipótese de viajar para Portugal, temendo as decepções e as mágoas, as feridas que ela poderá trazer de volta, mas sem coragem para demovê-la dessa ida ao arrepio do tempo, querendo encontrar o rasto de Maria e

também conseguir tudo aquilo que ele não fora capaz de obter durante os meses que estivera em Lisboa, a tentar amolecer o coração da Rainha.

Sempre que julga antever nos lábios de Leonor o esboço de um sorriso ou encontrá-la menos assombrada, logo a percebe presa de memórias que lhe tornam ainda mais pesado o luto. Saudades até dos anos passados com Maria no convento de São Félix; recordações que arrastam consigo a dor da falta da irmã, a ensombrarem-lhe os dias. Cai então num obsessivo silêncio, a engolir as lágrimas não derramadas, ou a querer esconder aquelas que chora.

«Preciso de tornar a abraçar os meus pais e o meu irmão», diz-lhe uma noite, a comunicar-lhe a decisão que arrasta desde a chegada da carta de Pedro com a notícia da tragédia.

Aparentemente calma, Leonor conta-lhe os planos acalentados, sem desviar o olhar que Carlos Augusto em certos finais de tarde julga caldeado de azul-hortênsia ou de verde-água, com transparências buriladas de cor indecisa.

Ele julga aperceber-se da vontade de Leonor em ir de barco, quer porque a largueza do mar a seduz, quer porque a pensa saturada do espaço abafado, sufocante e limitado da carruagem onde sempre se faz transportar, segundo as próprias fantasias, mas nem por isso menos prisioneira da sua lentidão.

Semanas depois, porém, começa a ouvi-la falar em tomar antes a estrada a caminho de Espanha a fim de se demorar em Madrid, pois começara a alimentar confessada esperança em ser recebida pelo Rei e pelos Príncipes das Astúrias, que ela não conhecera quando da passagem de ambos pela capital espanhola rumo a Viena. Leonor deseja sobretudo conseguir uma audiência com a Princesa Maria Luísa de Bourbón, mãe da infanta Carlota Joaquina.

Carlos Augusto, que já desistira de tentar perceber os motivos da mulher, mantém-se em silêncio. Habituara-se a admirá-la sem a entender, e a desejá-la sem a possuir, consciente de que sempre poderá perdê-la para um poema no momento seguinte, e que tocá-la só é possível quando ela o

deseja, permitindo-lhe então o ardor e a proximidade, a paixão a despenhar-se pelas pedras do coração, como se fosse uma queda de água. Em seguida empurrá-lo-á com a mesma sabedoria com que antes o seduzira.

Autêntica na sua vertigem, ciosa da sua liberdade.

Faz versos nos finais de tarde ou pela fieira translúcida das madrugadas rendilhadas do seu quarto, imprevisível e instável. Com uma invulgaridade à qual jamais ele chegará perto, e isso consome-o.

Assim sendo, vê-la tomar o caminho de Portugal constitui uma inquietude e ao mesmo tempo um alívio; e embora o preço seja alto, dado o vazio absoluto em que irá ficar, desconfia que a ausência dela gastá-lo-á menos do que o fogo sempre aceso e voraz da sua presença. Pela primeira vez desde que começara a amá-la poderá baixar os braços e descansar.

Deixar tombar o desvelo que exige a si mesmo em prol de tamanha paixão, a consumir-se por dentro, pois estará sempre além da sua desmesura.

Irá ganhar por fim algum sossego.

†

DIÁRIO

Ao sair de França a caminho de Portugal, faço-me acompanhar, como sempre, por muitos dos meus livros, que seguem à parte dos outros pertences. Junto de mim, além de Frederica, de Juliana e ainda do abade Correia da Serra, vai Ovídio, Petrónio, Homero, Teresa d'Ávila, Camões, Kant e Rousseau.

Como se fossem meus guardiões imprescindíveis e permanentes, aos quais eu correspondo com a minha maior constância em relação às suas

obras, perante as quais me sinto eterna devedora.

Talvez eles sejam, afinal, uma espécie de anjos da guarda…

da minha escrita?

Dos meus versos e da minha vida.

Perpignan, 17 de Setembro de 1787

†

Passam horas e horas sufocando os quatro na carruagem abafada, viajando por estradas infindáveis, por caminhos mal desbravados e misteriosas matas onde temem entrar para um merecido descanso. Passam por pequenas aldeias perdidas no nada e atravessam pontes que os rios assaltam no inverno, seguem por trilhos imbricados de silvas e urtigas.

Avançam a custo pelos carreiros enlameados, pelas ladeiras íngremes e por descidas escarpadas, tomando atalhos de pedra solta, fazendo os possíveis por se orientarem pela bússola que Leonor leva consigo, mapas abertos e mal equilibrados nos joelhos. E quando pensam ir soçobrar, acabam por conseguir continuar em frente, atenta ela e o abade Correia da Serra aos pormenores mais ínfimos que afinal ajudam a escoar o tempo. As meninas, entediadas, inventam entre elas jogos e sinais, embora o maior desafio que Frederica propõe a si mesma seja o de decifrar os humores da mãe, atenta a cada uma das suas expressões e ao tom velado e equívoco das suas palavras.

A dar conta de quando ela se enerva ou aquieta, respirando a custo o ar tórrido das tardes daquele verão que se atarda zunindo baixo, à mistura com o ruído das rodas mal oleadas da carruagem a saltarem nos duros torrões de terra seca dos caminhos agrestes, por vezes atravessados pelas raízes grossas das árvores.

O cheiro áspero das ervas, das plantas e dos arbustos selvagens sobe até eles como uma trepadeira numa sebe,

indo enredar-se em pó nas suas gargantas.

Para trás vai ficando tudo o que a lembrança, astuciosamente selectiva, não guarda. Porque essa é a essência da aventura, em si mesma renovando-se, pronta a mudar-se noutra e noutra ainda, tão diversa à medida que se avança e a figuração se dá.

Leonor, ela própria, vai mudando, e ao modificar-se acrescenta a si mesma conhecimento: as Luzes que tanto lhe falam.

Consciente de que, de um modo ou de outro, tudo isso fará parte daquilo que um dia mais tarde irá ser contado de si, ao recriarem-na, mostrando-a de forma talvez até imprevisível. Inventando e inventando-a a partir daquilo que por enquanto cala, temendo o agravo.

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades, escreveu o poeta. Todos nós dependemos da mudança, que por seu lado vai transformando o mundo; lentas metamorfoses a originarem formas novas, de que já falara Ovídio:

> *Tenho o propósito de contar as metamorfoses*
> *dos seres em formas novas.*

†

Frederica, que nunca conseguira cativar a mãe, começa por olhar-lhe desconfiada a aquietada presença a seu lado, como se fosse uma dávida dos céus a quem ela afinal nunca recorrera. Demora-se então com disfarce a decorar-lhe os traços: olhos anil sombreados pelas pestanas espessas, cabelos de ouro ondeado a ornar-lhe o rosto de uma beleza tão pura quanto cintilante; a menina, que continua a fitá-la, percebe que

só pode ser um anjo,

e passa a sentir medo de que ela voe para fora da carruagem, a perder-se para lá da curva da estrada, onde para si apenas existe o nada, habituada que está aos espaços claustrofóbicos das casas onde tem vivido.

Sem mesmo dar por isso, vai deslizando num exercício de contensão e paciência ao longo do banco do carro, até sentir na pequena ilharga o seu calor, e encosta-se mais e mais ainda, acabando por adormecer num prazer

intenso mas ao mesmo tempo tranquilizador, a cabeça encostada àquele ombro de cetim tão sedoso quanto sonhara. E quando acorda, a menina apercebe-se de ter dormido horas com a cabeça no colo da mãe,

que mal a vê desperta a sacode de si um tudo-nada.

Assustada, Frederica afasta-se, para dar tempo a que ela se habitue à sua existência de proximidade.

A sentir o odor intenso a nardo das suas pernas,

onde estivera deitada.

†

«A ideia de que não terei notícias tuas durante mais de quinze dias é-me insuportável. Tenho tantas saudades e preocupações, o pequeno Carlos, a tua querida saúde, Henriqueta… Tudo isto está incrustado na minha alma de uma maneira inquietante, dolorosa e meiga que me atormenta. Partirei para Madrid por Valença e creio que tu poderás enviar-me uma carta para Madrid pois vou lá ficar oito dias.

As miúdas estão óptimas e de uma alegria cintilante. Se alguma vez passares por onde agora estamos, encontrarás excelentes pessoas, entre as quais M. Ponte Villa Vecchia, a quem sou infinitamente agradecida. É ele que te fará chegar este meu bilhete, meu amigo. Mil cumprimentos da minha parte a M. e a Madame Kik e a todos os nossos conhecidos e amigos.

Não posso sair daqui por causa de uma forte tempestade; escreve-me para Madrid e envia as tuas cartas seguintes para Lisboa, através de Mayne, para que eu as possa ter de imediato ao chegar lá.

Adeus meu querido Carlos. Amo-te com uma ternura que talvez mais ninguém no mundo consiga sentir.

Dominique foi embora. Eu agarro-me ao possível e o abade pretende que eu mandei os meus criados para a Torre de Babilónia. Mas nada disto tem importância, desde o momento que tu e os meus filhos se encontrem bem.

Adeus meu amor, ama sempre a tua
Nelly

Barcelona, 28 de Setembro de 1787»

†

Partiram na véspera de Barcelona e, embora não se queixem, todos eles vão exaustos; até mesmo as meninas se aquietam nos seus lugares, em silêncio.

Começa a cair o crepúsculo quando, no seguimento de mais uma curva da estrada, vêem aparecer no meio do nada, ao fundo dos Pirenéus, três casas solitárias; e ao aproximarem-se mais, apercebem-se, incrédulos, ser uma delas um albergue miserável, com as portas escancaradas.

Leonor, a quem a fealdade assusta, e não compreende praticamente nada da língua que falam as pessoas que rodeiam a carruagem mal esta pára, hesita ainda antes de permitir que os criados, entretanto apeados dos carros em que seguiam, abram as portinholas frágeis cobertas de poeira, mas que de certo modo parecem defendê-los.

Frederica e Juliana, percebendo a insegurança da mãe e o temor do abade Correia da Serra que, sem uma palavra, continua dissimulado na penumbra, quedam-se amedrontadas e expectantes.

Absolutamente imóveis.

E por um longo espaço de tempo nada muda.

Mas Leonor, a quem as indecisões perturbam, entendendo não ser possível continuar a adiar a saída daquela situação, e apesar do terror que sente, debruça-se e abre o saco de viagem que sempre segue a seus pés, e nele vasculhando sob roupas, cadernos, poemas soltos e as suas essências de perfume, acaba tirando para fora uma pistola, da qual sente o demasiado peso para a sua mão habituada ao cravo, aos livros e à pena de escrever cartas e ensaios,

diários e versos.

†

CADERNO

«Parti ontem de Barcelona e fui dormir não sei onde, mas creio que se chama Guiquete, a terceira casa num deserto ao fundo dos Pirenéus. A solidão, o ar selvagem dos seus habitantes, a linguagem bárbara que eu mal compreendia porque não era o verdadeiro espanhol, tudo me provocou um terror quase superior às minhas forças, mas fazendo da necessidade virtude desci do carro com uma pistola na mão (descarregada, diga-se de passagem). Uma das criaturas que dificilmente se acreditaria ser da espécie humana iluminou-me, um caleo *na mão e olhando sempre para a pistola. Apercebi-me de que ela tinha tanto medo de mim quanto eu tinha dela; então depus bravamente as minhas armas mas o terror tinha-se espalhado na casa e tive dificuldade em fazer com que a dona do albergue viesse falar comigo. Esta mulher com seis filhas e um velhote doente eram todos gigantes que me faziam medo; bem se vê que me aproximo de La Mancha, meu caro amigo, e que as viagens não são suficientemente poderosas contra os preconceitos da infância. À meia-noite ou pouco antes chegou uma carroça cheia de mulheres e homens todos enormes, falando alto, armados até aos dentes e falando como D. Quixote. Eu ainda estava levantada e os seus discursos não me tranquilizaram nada, mas no meio dos meus terrores, as filhas da estalajadeira, que estavam completamente maravilhadas com os meus dois castiçais de prata, com os berloques do meu relógio e com um espelho da minha* toilette, *rodearam-me, a curiosidade sendo nas mulheres mais poderosa do que o medo. Perguntei o nome a uma que tinha um rosto mais cristão. Com uma espécie de reverência polida à sua maneira, (ela) gritou-me muito alto que se chamava Esperança; esta palavra despertou-me um pouco e apercebi-me então que havia ainda este*

recurso para sustentar os infelizes mortais. Deitei-me mais tranquila mas o dia seguinte esperava-me. Juliana acordou com febre alta de que só me dei conta na carruagem, e fui obrigada a parar em Vilafranca onde passei o dia bastante inquieta: à força de cuidados e de assistência adequada a pequena está bem e continuaremos a nossa viagem amanhã.»

Vilafranca, 1 de Outubro de 1787

†

Sempre que Leonor manda parar o carro, o abade Correia da Serra aproveita para entrar nas matas que vão marginando as estradas.

Ele gosta mais quando o cocheiro, para encurtar caminho, mete por atalhos escusos onde quase sempre se perdem. E enquanto ficam a discutir como vão poder encontrar o desvio certo ou o caminho de volta, inclinado por entre ervas, arbustos e raízes e plantas silvestres, ele procura as espécies raras ou para si desconhecidas enquanto botânico, mas também aquelas que lhe pareçam ou saiba serem comestíveis.

Alteia, líquenes, chicória selvagem, erva-do-diabo, ambrósia, funcho, eufórbio, malvaísco…

Enche sacos com tudo o que encontra e à noite entretém-se a estudá-los, a admirar-lhes as diferenças, a catalogá-los.

Por vezes a cozinhá-los, até a comê-los. E como é hipocondríaco, no dia seguinte, enquanto vomita e Leonor o olha condoída com a sua aflição, imagina-se perto da morte.

†

Num tumulto de tempestade, as águas do Ebro transbordaram do seu leito e invadiram Tortosa, num rompante de pressa que metia medo. E enquanto, horrorizada, Leonor olha o desastre à sua volta, contam-lhe o que se passou.

Primeiro ouviram-se os estrondos sombrios e ameaçadores de trovões por entre o ruído de chuva exaltada a querer ser dilúvio; depois

apareceram as primeiras águas revoltas, grossas, opacas e alterosas, com ondas a fazerem de mar, subindo ameaçadoras até às casas baixas, a infiltrarem-se pelas frinchas das portas e das janelas, pelas rachas nas paredes, a entrarem e a invadirem as salas, os quartos, inundando, ensopando e destruindo, arruinando tudo por onde passavam.

Devastando, afogando.

Dentro da sua carruagem, rodeada por uma multidão faminta que aos gritos e soluços choram os seus mortos queridos, Leonor vai dando conta dos deslizamentos das terras, das derrocadas que continuam a fazer-se ouvir.

Enquanto espera às portas da cidade de Tortosa que o governador, a quem escrevera, a mande buscar, ela desce do carro a tentar auxiliar, e ao querer saber o número de mortos replicam de forma evasiva. Mas um velho destroçado, com lágrimas deslizando ao longo da cara, acaba por lhe dar uma terrível resposta:

– Morreu toda a minha família, a minha filha, o meu genro e os meus seis netos.

E ao dizer isto, cai para o lado já sem vida.

Os soldados que entretanto tinham chegado conduzem-na ao hospital, onde o consternado governador se encontra a dar o apoio possível a quem está vivo. E quando ela lhe comunica a vontade de partir, disponibiliza-lhe um grupo de militares, comandado pelo major Louís de Cuerda, que a ajudam a reunir as suas gentes, tentando encontrar maneira de ela poder prosseguir viagem. No entanto, será o tenente-coronel dos voluntários reais, D. Joseph Carbonell, que Leonor reconhecerá mais tarde como *«o mais bravo e mais intrépido soldado do Rei de Espanha»*, o seu anjo da guarda, que a ajudará a prosseguir caminho por entre uma desgraça tão dilacerante que a todos parece incontornável. As pessoas atingidas pela tormenta limitam-se a chorar ou a procurar os desaparecidos. A aflição e a confusão continuam imensas, numa amálgama de destroços, lama e corpos a boiar nas águas barrentas e grossas.

Mas diante da decisão inabalável de Leonor em meter-se ao caminho, o que implica atravessar Tortosa completamente inundada, o tenente-coronel engenheiro A. Nodin resolve acatar-lhe o plano, levando a cabo o que ela lhe vai dizendo. E seguindo escrupulosamente as suas indicações, toma um grande barco a remos, nele manda fixar a carruagem, e fá-lo ladear por dois escaleres, cada um com doze homens munidos do necessário para os repescar em caso de infelicidade.

Cabeça descoberta e molhada, Leonor prefere fazer a travessia junto de D. Joseph Carbonell e do engenheiro A. Nodin, de pé nos madeiros mal alinhados do barco, onde além da sua gente seguem mais quarenta homens. Entre eles há um músico italiano a quem ela paga para tocar e cantar todo o trajecto, a distraí-los do perigo que na verdade correm. E até Amposta, convoca silenciosamente a Providência, com uma angústia que esconde de todos.

†

Querida da minha alma

Em nenhum dos longos dias desta minha viagem deixaste de estar no meu coração ou te perdi do pensamento. Mas alegra-te, eu vou a caminho dos teus braços minha querida Tirce, amável amiga de quem tanto preciso e sempre me tem valido nas horas mais árduas e difíceis. Quando chegar a Lisboa vamos saber matar as saudades uma da outra, com a certeza de que entre nós nunca falta a verdade, a lealdade e o sentimento sereno.

«Emenda e emenda-me», pedi-te um dia, e nesta hora em que tanto necessito do teu conselho, embora já não estejas do outro lado das grades, continuas longe. Na verdade, querida Teresa, «*só conversando contigo podia dar fim à multidão de coisas que me lembram para dizer-te»*, e agora que me aproximo de Madrid apenas tu conseguirás ajudar-me a escolher a maneira mais correcta de apresentar à Princesa das Astúrias a minha disponibilidade para me tornar a preceptora portuguesa de sua filha, a Infanta Carlota Joaquina, casada com o nosso Príncipe D. João.

Julgas-me louca, ou não estás certa das minhas capacidades de pedagoga, seguindo à risca o que retenho dos escritos de Rousseau? Afinal a Princesa da Beira é ainda uma menina com muito para aprender, e garanto-te não estar a desmerecer os ensinamentos do padre Filipe Scio, preceptor que a Infanta levou na sua comitiva para Portugal, e menos ainda de Domingos António Sequeira, professor de desenho e pintura da Família Real. Podes considerar-me uma convencida, mas aquilo que ensinaria teria outras bases mais sólidas, mais vastas, mais profundas, e ninguém melhor do que tu o sabe.

Esperando em breve poder dar-te pessoalmente novas desta minha demanda na Corte de Espanha

Até muito breve minha Tirce.
Tua fiel
L.

Valência, 15 de Outubro de 1787

†

Inconformado com o seu amor infeliz, D. Diogo de Noronha conseguira seguir no rasto da Infanta portuguesa D. Mariana Vitória Josefa até Espanha, enquanto embaixador de Portugal em Madrid.

E como desde o casamento da Princesa com o Infante Gabriel só a conseguira ver raras vezes, sem nunca dela poder aproximar-se, derrama-se numa melancolia amodorrada, que o faz aquietar-se em tudo o mais na sua vida, engordando tanto que a si mesmo se desconhece ao dar com a própria imagem disforme reflectida nos múltiplos espelhos do Escorial.

Por isso, quando Leonor de Almeida chega a Madrid como uma tempestade de luz, acorda estremunhado e fica aturdido a vê-la brilhar em todo o lado, sem a ele recorrer, troçando da sua ajuda e débeis influências, recusando a hospedagem e a carruagem que lhe oferece.

Atordoado

diante daquela mulher tão bela quanto independente, de uma inquietude e fogo como ele jamais supusera existir. E pela primeira vez há anos, a imagem da Infanta Mariana Vitória Josefa começa a diluir-se no seu espírito,

a esvair-se, a desvanecer-se aos poucos.

†

Quando Leonor se inclina respeitosamente à sua frente, num delicado requebro do corpo delgado, a Princesa das Astúrias fita-a com curiosidade, e descobrindo-lhe um ar inteligente e natural caldeado de altivez, interessa-se por ela, de quem já ouvira falar à infanta portuguesa Mariana Vitória Josefa, sua cunhada. E porque tem por astuciosos e falsos os comportamentos humanos, admira-se ao encarar pela primeira vez aquele olhar de mel, arguto e frondoso.

Leonor sente um calafrio de ansiedade a fazer-lhe estremecer ao de leve os ombros descobertos; nervosismo que a Princesa toma como sinal de espontaneidade, coisa que imaginava extinta há muito nas cortes de todo o Mundo. Alegre e impulsiva, Maria Luísa de Bourbón gosta de divertir-se, de jogar, de dançar, com uma alegria que os espanhóis não compreendem nem perdoam, desconfiados com a futura rainha que lhes parece demasiado ardente e livre para ser virtuosa.

Perplexa, continua a olhar a condessa portuguesa, aguardando uma palavra ou um gesto seu; encanta-a vê-la imobilizada na sua vénia, saia do vestido de seda cor de damasco aceso erguida pelos dedos esguios, bainha bordada a crivo bordejando a carpete persa. Acaba por sorrir, condescendente, e estendendo a mão delicada, onde brilha uma cintilante esmeralda, faz-lhe sinal para que se aproxime.

Agradada com a sua cortesia, Leonor julga aperceber-se da boa impressão que terá causado na Princesa das Astúrias, sem no entanto saber como há-de agir em semelhante circunstância; mas a sua inquietude não dura muito, pois nesse instante ouvem-se os primeiros acordes de uma

peça musical de Domenico Scarlatti, e o salão imenso e austero mergulha numa concentração atenta.

Maria Luísa de Bourbón apercebe-se do alheamento em que Leonor caíra, tomada pelo arrebatamento da sonata de inspiração espanhola, e por sua vez deixa-se levar, as duas a perderem-se pelos meandros da beleza, tomadas pela breve sensualidade da música que as envolve e lava das grosserias do mundo.

†

DIÁRIO

Parti para o Escorial hoje logo de manhã. A Infanta Mariana Vitória Josefa precisara durante a noite dos meus serviços para a acompanhar e seguir-lhe o parto, mas eu tinha a carruagem a arranjar e não consegui alugar nenhuma outra.

A Princesa teve uma filha a quem foi dado o nome de Maria Isabel. Menina muito bela, mas quanto a mim erradamente cuidada à nascença. Hoje o Infante Gabriel levou-me primeiro até junto do leito onde a nossa Infanta continua de resguardo, e em seguida até aos aposentos dos pequenos Príncipes, onde vi muita cousa que me desagradou.

«O Infante D. Pedro está coberto de tinha das crianças, e seguramente que nada fazem para refrescá-lo sem consequência; eu dava-lhe "des yeux d'écrevisse" e alguma bebida adoçante. O médico é um parvo e o parteiro um fazedor de transtornos sem nenhum discernimento.»

Fiquei cheia de pena da menina recém-nascida: entre os lábios de pétala havia um pouco de sangue misturado com a saliva.

Madrid, 6 de Novembro de 1787

†

Depois de uma breve agonia, a pequena Infanta nascida há pouco morre praticamente no colo de Leonor que, impotente, lamenta não ter podido fazer nada para a salvar.

Madame Castelfuerte, aia da princesa morta, inconformada com a tragédia que ela e a condessa portuguesa acabam de presenciar, e que terão de comunicar aos Infantes de Espanha, insiste com Leonor para examinar a criança, que continua enfaixada como no dia do seu nascimento, pois só ao parteiro é permitido libertá-la das largas tiras de pano branco que oprimem o corpinho frágil, pouco a pouco a arrefecer-lhes nos braços.

Mas julgando perceber os motivos da aflição e as desconfianças da aia, Leonor, com a sua ajuda, começa cuidadosamente a alargar e deslocar as faixas, de modo a poder ver o que se mantém cruelmente escondido, e que ela com ansiedade e expectativa destapa, mal retendo um grito de surpresa ao aperceber-se de que o «fazedor de anjos», ao enfaixá-la à nascença, havia estropiado a menina.

«Os ossos que formam o peito estavam partidos, e o osso do meio encontrava-se voltado para o ombro, que também estava deslocado.» E não podendo mais, horrorizada, Leonor acaba por exclamar, num tom de voz embargado:

Deus da minha alma!

†

Mano do meu coração

Pedro, estou em Madrid, tendo sido recebida na Corte por Sua Majestade Católica, a quem prestei as minhas sinceras homenagens, assim como aos Príncipes das Astúrias, ao Infante Gabriel e sobretudo à nossa Infanta Mariana Vitória Josefa.

Conto partir em breve a caminho de Lisboa, na esperança de que nenhuma outra perigosa aventura me aconteça nesta minha acidentada

viagem. Para mais apunhala-me o coração a morte de Maria e também por isso volto a Portugal a procurar consolo nos braços de nossos pais, tentando preencher o vazio aberto no meu peito; para tal não têm ajudado também as saudades que sinto de todos, especialmente da minha filha Leonor Benedita que já nem conheço.

Arrasto comigo, instigante, uma dúvida no que diz respeito ao bom acolhimento que nosso Pai me queira ou não dispensar. Quererá ele na verdade que eu volte? As cartas que me tem enviado estão todas elas eivadas de críticas e dúvidas, de suspeitas e ressentimentos, cujo verdadeiro significado me escapa. Vê tu, mano, se vais arranjando as cousas de modo a fortalecer os laços que nos hão-de unir uns aos outros.

Infelizmente o tempo de poder ficar em Portugal não será tanto quanto eu queria; inquieta-me ter deixado Carlos Augusto em Avignon a cuidar de duas crianças tão pequenas, e as saudades que tenho deles todos os dias me matam.

Mana
L.

Madrid, Novembro de 1787

†

Nota-se no seu olhar uma inquietude imensa.

A noite mal dormida na hospedaria de Elvas, marcara-lhe com olheiras fundas a face pálida. Os anos passaram por ela com brandura, mas aflige-me ver a minha irmã desanimada e triste, amarrotada e suja das poeiras das estradas.

Ao ver-me à porta do seu quarto logo de manhã cedo, olha-me espantada, sem saber que a espero há semanas, tão preocupado ando com as notícias que me chegavam da sua viagem; e quando finalmente nos abraçamos, sinto apertado ao meu o seu corpo nervoso tremendo de alívio e de alegria.

– Vem mana, vamos para Almada! – digo-lhe ao ouvido, enquanto continuo a apertá-la com o laço do meu abraço, mas logo a sinto crispar-se com a habitual rebeldia, interpretando a minha proposta como uma ordem sobre a sua vontade. Certamente por isso afasta-se, mão em frente a repelir-me o braço que ainda lhe envolve a cintura. E já solta de mim tenta pôr alguma ordem nos cabelos emaranhados a escaparem da touca de dormir, fitinhas de cetim desatadas, e como o *négligé* deixa antever a sua pele branca, embrulha-se num xaile que tira de cima de uma cadeira.

– Sai Pedro, para eu me arranjar, que sem o meu banho não passo! – E perante a minha hesitação, acrescenta já agreste:

– Sobra-me tempo para chegar a Almada, agora que Maria não estará à minha espera.

Mas de súbito meiga, abraça-me, parecendo querer emendar o tom desabrido. Pergunto a mim próprio se a angústia que Leonor sente por ir ver nosso Pai será mais intensa e forte do que o desejo de abraçar a filha, deixada sumida entre os lençóis e as rendas do berço ao partir para a Áustria.

– Despacha-te Leonor! Não tentes adiar o inevitável. Isso nem condiz com os teus modos de frontalidade – digo-lhe, impaciente.

E saio sem demorar de novo os meus olhos nos dela.

†

Impressionada com Pedro de Alorna, Angélique vai prestando atenção às conversas da condessa de Oeynhausen com o irmão, enquanto enche a tina colocada a um canto do quarto, nela despejando, alternadamente, a água quente e a fria dos jarros de porcelana branca alinhados junto à parede.

Preparar o banho é uma tarefa que lhe dá gosto, mesmo nos pobres albergues e estalagens das estradas: óleos odorosos a rosas e a madressilva em flor, para misturar com a espuma que consegue raspando o sabão de cheiro delicado, a amaciar-lhe as mãos. Numa cadeira estende as toalhas de felpa aquecidas diante da lareira acesa e a longa fita que serve para prender no alto da cabeça os cabelos espessos e longos da sua patroa. Na

mesa de *toillete* põe os cremes de camélia e de nardo. Mais atrás ficam os frascos das essências e dos perfumes.

Naquela manhã, porém, Angélique está distraída a tentar entender uma língua que não é a sua, intrigada com a chegada daquele jovem militar fardado e singularmente belo, olhar ensimesmado de quem se resguarda em vão de um destino funesto. Apesar da aparente melancolia descobre-lhe uma ferocidade interior que reconhece por já a ter visto no olhar da condessa de Oeynhausen.

O abraço fraterno confirmara-lhe serem eles irmãos, e olha-os com disfarce, cuidando em parecer atenta ao diário ritual dos gestos e dos pequenos ruídos. No entanto escuta e mede e pesa a entoação diversa das palavras estrangeiras, levando-a quase a entender do que os dois falam. Ambos rodeados por auras diversas, embora semelhantes pelo seu avesso na desmesura das vidas que lhes caberá em sorte, façam o que fizerem para as irem adiando ou contrariando.

Angélique empalidece diante da imensa tragédia que pressente poder tornar-se a vida do jovem conde; já a da irmã, mais obstinada, irá cumprir-se,

num futuro aventuroso e acidentado.

†

Olha com curiosidade para a cunhada que ela não conhece, e a vem receber na Aldeia Galega em companhia do primo Bernardo José Maria da Silveira, que não vê há anos.

Leonor contava ir directamente para Lisboa, mas fica a saber que o Pai lhe enviara dois escaleres e um grande *yacht,* onde está à sua espera Leonor Benedita.

Sem pinga de sangue, embarca.

Olhar absorto.

Ladeada por Frederica e Juliana, expectantes.

Quando o barco em que seguem encosta ao *yacht,* Leonor vê alguém pousar perto de si uma menina trigueira e magrinha que não conhece mas

deduz ser a sua filha. Inclina-se, ergue-a e aperta-a ao coração, a bater descompassado.

Coração desabalado que a criança não escuta no peito da mãe, deixando-se apenas abraçar, como uma boneca, olhos presos nas irmãs imóveis nos seus fatinhos de cetins, fitas e laços, como nem a prima usa, e acha-as ridículas. Mas quando finalmente pisa o fundo do escaler, voltando a sentir o estremecer oculto das águas do Tejo debaixo dos pés, sorri para Juliana e para Frederica, que logo se aproximam e a beijam, dirigindo-se-lhe numa língua que ela ainda não conseguira ou quisera aprender. E sem as interromper,

olha com desafecto para aquelas duas estranhas.

†

O Pai espera-a em Almada, ao fim da escadaria da casa.

Vê-o apressar o passo para abraçá-la, enquanto em surdina lhe ressuma aos lábios gelados um ruído estranho que em tudo se assemelha a um gemido, desmentido pelo olhar duro, embora humedecido pelas lágrimas, com que a fita.

Diante de tantos sinais contraditórios Leonor desata os braços do seu pescoço e faz descer da carruagem as filhas que se intimidam diante do avô que nunca viram; e pela primeira vez desde manhã cedo, quando a foram tirar da cama para ir ao encontro daquela mãe estrangeira, que continua a prender-lhe os dedos com a mão fria, Leonor Benedita rejubila. Estando no seu território, despega-se de Leonor e atira-se para os braços de D. João, que parece repeli-la e trocá-la pelas irmãs cabisbaixas.

Deslocadas.

Num acto de ousadia que ela sabe ir ser entendido como de alegria e de boa vontade, entrepõe-se entre o avô e as meninas arredias e puxa-as a correr para a casa ao fundo, botinas fortes e passo ágil de quem está habituada às pedras soltas que resvalam debaixo dos pés e os magoam. Conhecedora do terreno áspero, torrões de terra seca que se esboroam enchendo os sapatos de cetim das irmãs de gravilha e dos espinhos que o

vento do inverno arranca das rosas trepadeiras da latada. O roseiral prende e rasga-lhes as saias dos vestidos macios, quando passam restolhando, levadas pela pressa de Leonor Benedita que as desequilibra e puxa escadas acima, porta empurrada de roldão, até pararem dentro de uma sala enorme e sombria,

diante da avó sentada na sua cadeira de paralítica.

†

Com a mão anquilosada sobre o meu ombro, a avó empurra-me com firmeza para ela, que me fita junto à porta do escritório, onde gosto de passar os dias a tentar ler os livros abertos ao acaso, a tomar o gosto do cheiro a papel seco. Reparo satisfeita no seu olhar aflito, enquanto permaneço calma, mais curiosa do que interessada em conhecê-la.

Minha Mãe, desconhecida a quem não saio na perfeição da beleza, feições correctas em contraste com os meus traços irregulares, mel onde serei o cardo, ela céu suave e eu terreiro árduo. Tudo me afastando da sua beira, a fugir quanto posso da estreitura dos braços estendidos com que depois me rodeia apertando-me ao peito, a nausear-me com o seu perfume a nardo e a mirto, enquanto tento sem êxito arredar o meu olhar castanho do seu azul-cinza.

Uma estranha.

Ar de estrangeira galante, arrebatada, não se assemelhando a ninguém da família ou pessoa desta casa onde desde sempre vivo descansada e da qual conheço até os ninhos dos pássaros nos beirais do telhado, os lugares de sossego e de sombra, os sítios de agasalho e quentura e cada um dos desvãos secretos.

– Minha Leonor, minha filha, meu tesouro! – sussurra-me ao ouvido, mas eu nem lhe respondo, temerosa de seus arroubos aos quais não me acostumo, mais habituada a passar rente aos desertos dos afectos do que às carícias do corpo, pois os dedos de minha avó seguram melhor os terços do que conhecem os modos do afago.

Finalmente consigo desprender-me daquela que afirma ser minha Mãe, desdizendo-a eu com a indiferença do trato, pois a minha verdadeira Mãe é a das cartas, aquela que me escrevia e a quem eu, a partir do capricho da letra, imaginava e respondia com a alma. Não porque a quisesse, pois não a queria para nada, sobretudo se de rompante chegada de França, que só de vê-la me farto, muito hirta vestida de cambraia, atraindo-me a si e a afagar-me os cabelos lisos e espigados.

Com a minha frieza tento desmanchar-lhe as maneiras, os requebros maternos, na esperança de que me largue. Mas ela enfrenta a minha hostilidade com um sorriso de linho, os dentes brancos e pequenos fazendo nos lábios uma fieira de pérolas polidas com a ponta da língua. Eu recuo, a querer feri-la com o gesto agreste do meu corpo desajeitado feito de ossos largos, feiura maior a comparar com o seu viço. Isso turva-me o pensamento e irrita-me os nervos, fazendo-me tropeçar quando fujo pelas escadas subidas a correr.

– Isto é só no começo… Com a passagem dos dias ela há-de habituar-se –, ouço dizer minha avó a desculpar-me, embaraçada mas contente ou vingada, não sei, e sem me voltar continuo em alvoroço a querer esconder-me no fundo do sótão, onde ninguém me acha ou sequer me procura.

Galgo já os últimos degraus velhos de madeira lascada estalando debaixo dos pés, que evitam as gretas e as falhas, os nós salientes e as roeduras dos bichos. Levo os olhos cegos de raiva por ter mostrado a quem não queria a ferida aberta do flanco liso, tão abalada que tremo e gemo e suo na ardência da febre, sabendo lidar melhor com o desprendimento do coração do que com a turvação da ternura, súbita onda de carinho que me apanhou desprevenida.

De respiração suspensa encolho-me no sítio onde no sótão o tecto é mais baixo e inclinado, os ombros curvados, os soluços sem tino, não entendendo a razão do choro incontido. Dobro mais as pernas sem medo de amarrotar as saias ou o bibe, e encosto a cara molhada nos joelhos, acabando por resvalar na poeira do soalho que cheira a folhas secas, a insectos mortos, a humidades de chuva ressentida.

E aí aninho-me.

†

DIÁRIO

A primeira impressão que colho de Lisboa quando, vinda de Almada e atravessado o Tejo, chego ao cais de pedra alta trabalhada pela água e pelo limo manso, tem sobre os meus nervos um efeito profundo. Apaziguamento dos sentimentos que habitualmente me tomam, emprestando-me uma inesperada e maravilhosa segurança.

Entendo então as saudades de Portugal que me roíam a alma.

O forte embalo do rio sempre me atordoa, alterando um pouco a minha percepção das cousas e das ruas por onde a minha sege avança. Respiro fundo a frescura do ar, sentindo nos lábios os pequenos estilhaços de cristal da sua transparência. No entanto as dúvidas que me atormentam continuam a martelar-me o pensamento: serei eu capaz de resolver os problemas provocados pelas impensadas e levianas atitudes de Carlos Augusto que ultimamente me têm envenenado a vida?

Lisboa, Dezembro de 1787

†

Gosto de imaginar que a redenção é possível.

O medo que o pensamento da morte inevitavelmente transporta consigo toma-me muitas vezes em relação aos entes queridos.

Maria partiu.

Dela não guardei o perfume e começo a perder-lhe a face. No entanto recordo-a todos os dias, embora da sua vida não tenha ficado em mim

rasto visível. Sento-me ao lado do túmulo da minha irmã e encosto a minha cara ao mármore onde leio o seu nome escrito em letras simples entalhadas na pedra fria.

Ah! Como aqui tudo me parece gelado.

«Sinto nos ombros o hálito das Parcas a rondar-me, minha irmã desaparecida! Não estive suficientemente atenta a ti para saber escutar nas tuas cartas o que nelas pretendias dizer-me, nem sequer percebi as tuas encobertas palavras de medo – talvez porque submersas pelas minhas, de deslumbramento – sob a transparência do que ias contando, já solta a caminho do voo radioso que te levaria. Delas jamais esquecerei as últimas que me dirigiste, e que na altura apenas me pareceram belas e equívocas:

"É certo que eu me lembro, ainda que mal, de alguns passos cintilantes que se sucederam neste tempo. Mas estou com uma tal confusão no entendimento, por causa do enorme luzeiro que então avistei, que não sei deliberar em discurso algum."

Li-te com estranheza, rasurando o alumbramento que te marcava o discurso. Não consegui entender-te, mana, e imaginei-te confusa, tal como hoje me recuso a ir mais longe no relembrar-te, no aproximar-me perigosamente de onde estarás agora minha irmã e outro lado de mim.»

Leonor levanta-se, a saia do vestido de fazenda inglesa suja de poeiras e folhas húmidas tombadas das árvores a apodrecerem desde o outono. Na terra ensopada está o braçado de rosas brancas junto de duas camélias sanguíneas. Uma tristeza pesada ensombra-lhe o pensamento, confunde-lhe as ideias, torna árido o que nela é sempre acidentado e fértil. De repente, nada mais parece fazer qualquer sentido.

Começara entretanto a cair uma chuva miúda e persistente, mas Leonor ainda se demora tentando rebuscar na memória o que teima em fugir-lhe; ela não aceita o olvido, o inesperado branco onde cousa alguma mora.

O ouvido rasgando a solidão na procura.

«Quem sabe se em busca do som do teu riso, Maria, *do sopro do teu suspiro.*»

Leonor cobre a cabeça com o capuz quente e macio da capa, e quando se encaminha de regresso ao carro vê nitidamente a folhagem densa mexer-se num arrepio.

Pára assustada.

A ciência que tanto a fascina e na qual se revê ensina-lhe a acreditar apenas naquilo que tem uma explicação lógica e plausível; mas o sibilar do vento nos ciprestes fá-la erguer os olhos no momento exacto em que um relâmpago ilumina o crepúsculo; e ela corre para a sege, onde chega encharcada e a tremer…

De que medo? – perguntar-se-á mais tarde,

enquanto enxuga com uma toalha o cabelo solto, corpo despido embrulhado na coberta arrancada da cama e traçada no peito. Mas o entorpecimento que a vai tomando leva-a a deitar-se na moleza do leito, lençóis de linho e travesseira de penas a induzirem-na ao sono, ao momentâneo esquecimento.

†

Mal lhe contam do regresso de Leonor de Almeida, Joana Isabel Forjaz deixa o retiro da Quinta das Picoas, manda que lhe tragam a carruagem e corre a procurar a amiga na casa da Rua da Boa Morte, onde agora moram Pedro e Henriqueta e ela guarda os seus aposentos para quando troca Almada por Lisboa, o que acontece na maior parte do tempo.

Encontra-a mais bela ainda, penteado e vestido parisienses, como se os anos entretanto passados a tivessem tornado mais jovem, apesar dos seis filhos e das olheiras que lhe marcam as faces.

Olham-se antes de se abraçarem, presas de uma inesperada timidez e cerimónia, como se tivessem esquecido a amizade antiga, algumas vezes conflituada. E só quando finalmente entrelaçam as mãos é que percebem

a falta que tinham sentido uma da outra.

†

Aborrece-se, enfastia-se, impacienta-se.

Carlota Joaquina exaspera-se com a apatia, a abulia dos dias na Corte portuguesa feita de austeridade, de regras e protocolos, de missas e rezas, santinhos e rosários desfiados com desatenção; escapulários, horas canónicas e velas votivas a darem-lhe volta ao estômago com o seu nauseante cheiro a sebo.

A rebeldia e a desobediência fazem parte da natureza da Princesa espanhola, que sempre consegue esgueirar-se, fugir da penumbra empoeirada dos salões, como uma borboleta em busca da luz. Pronta para correr nos jardins e nas matas, escondendo-se das fidalgas e das aias que a procuram pelas áleas do Palácio de Queluz, sem saberem do gosto dela pelo ensolarado Pavilhão Chinês onde se demora sonolenta.

Ignorando os gritos alvoroçados da açafata D. Emília O'Dempsy, seguidos pelo resmungar rancoroso de D. Anna Miquelina, acabando as duas por se afastarem já pelos caminhos que levam à Matinha, para onde ela muitas vezes vai a pedir asilo às árvores espessas de copa baixa, na sombra das quais se esconde, ocultando-se do olhar de quem a pretende arrastar de volta às penumbras assombradas do Palácio.

Da terra seca onde está estendida Carlota Joaquina abarca o céu, de um azul tão intenso que os olhos se lhe enchem de lágrimas. Imensidão onde paira vagarosa uma imponente águia real, a esquivar-se com mestria e elegância às correntes do vento.

†

Pedro vai à Corte saber quando a irmã poderá comparecer no beija-mão da Rainha. D. Maria faz-lhe saber que na melhor ocasião mandará chamá-la.

Leonor fica perplexa e magoada mas habituada a suplantar os reveses da sorte, que lhe têm ensinado a não aceitar sem luta o que a vida na maior parte das vezes lhe envia, mete-se na sege com Teresa, que desde a sua vinda para Lisboa a acompanha para todo o lado, e parte para o Palácio de Queluz a informar-se da saúde de Sua Majestade.

Quando o arcebispo de Tessalónica a vê chegar corre ao seu encontro, como sempre desajeitado e brusco, veste branca subida pelo andar estugado, enquanto esbraceja e grita:

– Bem-vinda Senhora Condessa de Oeynhausen, bons olhos vejam Vossa Excelência!

Leonor e Teresa riem em surdina pelo estardalhaço que faz parar alguns fidalgos, admirados com o inusitado entusiasmo de frei Inácio de São Caetano que, mal entram no Palácio, puxa Leonor para um canto da Sala da Música e, depois de se inteirar de como lhe decorrera a viagem, confidencia:

– A Rainha está abalada pela morte do marido, e envenenada pelas intrigas! Finja a Senhora Condessa não dar por nada mas esteja alerta, e por motivo algum deixe de frequentar o Paço. As infantas e as princesas gostam de Vossa Excelência. Para já é quanto basta.

Do outro lado da sala, Martinho de Melo e Castro, que os olha com hostilidade, cumprimenta-os, enquanto Pina Manique não os larga de vista. Leonor fica por momentos indecisa, parecendo contrafeita, mas Teresa acorre em seu auxílio e, tomando-a pelo braço, fita, interrogativa, o arcebispo que se afasta resmungando e de cara amarrada ao ver chegar D. Maria Ana Josefa com a sua beleza morena e olhar derramado, a quem Leonor agradece a amizade leal tão contrária às habituais relações da Corte. Mas logo D. Mariana de Arriaga aparece, vinda dos aposentos de D. Maria, propositadamente para matar saudades da amiga.

Discreta, Maria Ana Josefa distancia-se, a procurar um lugar de penumbra de onde possa observar como as três se deixam ficar muito tempo na companhia umas das outras; e quando julgam já não haver ninguém para dar conta da ausência delas, a camareira da Rainha leva Leonor até à Princesa do Brasil, D. Maria Francisca Benedita.

†

No canto oposto da sala àquele onde se dissimula na penumbra Maria Ana Josefa, Pina Manique não desprende, tal como ela, o olhar de D.

Leonor de Almeida e de D. Mariana de Arriaga, que sentadas a conversar parecem ter-se esquecido do tempo. Intrigado e desconfiado como sempre, tenta perceber através do movimento dos lábios o que as duas tanto conversam uma com a outra.

Para ele, tratando-se de mulheres, as possíveis conspirações e maquinações são ainda mais terríveis do que as dos homens, porque especialmente difíceis de deslindar, de encontrar o fio da meada que elas propositadamente enredam, embaraçam de maneira hábil e indecifrável.

Por isso, quando ambas se levantam e, sem olhar à roda, se dirigem para o labirinto dos corredores do Palácio, ele segue-as cosido às paredes, deslizando na escuridade esgarçada pela chama fraca das velas, a persegui-las mais pelo som dos passos leves do que pela cauda do vestido de seda branca de D. Mariana, alvura a desmaiar na penumbra. E sem se surpreender, vê-as entrar nos aposentos da Princesa do Brasil.

†

DIÁRIO DO MARQUÊS DE BOMBELLES EMBAIXADOR DE FRANÇA EM LISBOA

«Dia 4 [dezembro 1787]

Tivemos esta tarde a visita da Senhora Condessa de Oeynhausen, mulher do ministro de Portugal junto da corte de Viena, embora se encontre longe dela há cinco anos […]. A conversão à religião católica não influenciou em nada a conduta do senhor de Oeynhausen; há muito que ele vegeta em Avignon, obtendo através de intrigas e importunidades da família da sua mulher, prorrogações de licença, sob o pretexto de viver mais economicamente nesse cantinho da terra papal. Entretanto, em

comendorias, vencimentos ou pensões, ele recebe da corte de Lisboa vinte e sete mil cruzados, o que perfaz sessenta e sete mil e quinhentas libras de França e vinte sete mil florins de Viena, soma suficiente para que um ministro de segunda ordem viva decentemente nesta capital, mesmo com mulher e filhos. É a grande cidade da Europa onde tudo é ainda muito barato, se exceptuarmos o custo do arrendamento, custo que não é verdadeiramente caro a não ser para as pessoas que querem ter uma casa inteira e situada no interior da cidade; mas os arredores, mais agradavelmente habitados do que a cidade, oferecem presentemente residências muito bonitas onde a maior parte dos ministros estrangeiros se estabelecem, por um preço bastante moderado.

A Senhora Condessa de Oeynhausen, nascida Alorna, junta, dizem, ao espírito todo o romanesco, toda a inconsequência e a desordem da conduta do seu marido. Regresssada aqui sem ele, para tentar arrancar novos favores da corte, ela parou três semanas em Madrid com o intuito de interessar a seu favor Sua Majestade Católica e sobretudo a Princesa das Astúrias. O seu plano era terminar em Lisboa a educação da Infanta de Espanha casada com o Infante de Portugal D. João, mas Madame de Oeynhausen, que tinha indiscretamente confiado os seus projectos ao marquês de Louriçal, foi traída, sem que talvez o saiba ainda, pelo malicioso embaixador. Todas as pessoas interessadas a afastar dos meios de crédito uma descendente dos Távora porão tais obstáculos às diligências de Madame de Oeynhausen, que se ela os ultrapassar dará uma grande prova da sua habilidade.»

†

«Meu querido Carlos Augusto,

Estou ainda em Lisboa detida pelo mau tempo e pelo medo de atravessar o rio; estes momentos longe de ti e dos meus filhos são muito penosos e muito fatigantes para mim. A minha alma está sempre junto de ti e eu quereria poder comunicar-te a força e a esperança de que ela está cheia mas preciso de muita paciência tal como tu. Creio mesmo que tu deves

preparar-te para ires a Viena mas não partas sem que eu te advirta porque tenho boas razões para acreditar que S. M. desculpará um atraso motivado pela tua saúde e a dos nossos filhos. Estou muito preocupada por a tua febre retornar tão frequentemente; cuida bem de ti, meu amigo, e está seguro de que a tua Nelly não existe sem ti. Falei hoje ao Arcebispo e entreguei-lhe uma carta de Floridablanca; ele disse-me que já tinha uma outra. Acrescentarei a isto, meu amigo, que não as pedi pois não estou voltada para pedir protecções mas sinto-me muito lisonjeada com as amabilidades que tiveram para comigo, que são em excesso. Tenho notícias de Madame de Thun que me inquietam; a sua saúde está muito arruinada e a sua hipocondria é muito forte. Entretanto, o pequeno porta-se cada vez melhor; dará um belo homem. A irmã está sempre indisposta com as primas mas sempre bem comigo; também gosto muito dela.

Vi muito pouca gente aqui, excepto ontem que o duque de Lafões me convidou a jantar em casa dele; tivemos um jantar muito bem servido e elegante; cumularam-me de gentilezas e de aplausos muito pouco merecidos. M. de Bombelles, que toca cravo maravilhosamente, honrou-me com uma descarga de versos tão polidos quanto maus; o Duque fez outro tanto. Cantou-se muito, dançou-se e fui obrigada a dançar um minuete com o Duque. É um bom rapaz e sê-lo-á eternamente. Muito susceptível, disse-me que não fazia ideia da razão por que o detestavam pois que nunca tinha feito mal a ninguém. "Não há ninguém senão eu que possa queixar-se de vós, Senhor Duque, mas eu perdoo-vos; de resto creio que toda a gente deve gostar de vós." Ele ficou deveras confundido com esta resposta e tartamudeou uma desculpa; tudo acabou com canções. Eu apercebo-me do estado dos negócios pelo termómetro do tratamento que me dispensam.

Nelly

Lisboa, 8 de Dezembro de 1787»

†

ANGELUS

Vendo-te perdida e obstinada entre o rendilhado bulício do Palácio de Queluz, o marasmo da quinta dos teus pais em Almada e a pesada solidão da casa da Rua da Boa Morte,

deixo-te um ramo de rosas carmim tão rubras e abertas quanto exauridas e transbordantes de febril excesso somente contrariado pelas longas e delicadas hastes quebradiças, do mesmo modo que as viste despidas de espinhos e deitadas ao comprido como se fosse numa cama

tranquila,

tapadas por papel que mais parecia lençol de seda natural.

Com as flores a encherem-te os braços, sentes as pernas fraquejarem, quem sabe se contaminada pelo seu perfume intenso e doce a envenenar-te a veia do pulso, que bate mais rápido quando tomas láudano ou beladona, a provocarem-te vertigens.

Eu vejo de longe o teu passo vacilar,

minha bela,

como se fosses Helena de Tróia, quebrada pela culpa, perdida na sua história de paixões e mistérios que nunca serão desvendados por completo.

Ofélia,

olhar assustado de afogada a deslizar à pele das águas paradas dos lagos que se aninham debaixo da folhagem até onde gostas de ir de barco à hora velada do crepúsculo; ficando eu na margem, inquieto ao perceber-te debruçada tentando distinguir a areia adormecida no seu fundo, de onde os remos levantam uma poalha marfinada a entorpecer os peixes que se esgueiram mal se apercebem da tua face inclinada.

Esqueces no banco do jardim as rosas e voltas a buscá-las, olhar inquieto procurando à tua roda, ansiosa por conseguires afastar da memória o vulto alado que te vem seguindo persistentemente numa total entrega a ti; a ponto de o meu vigiar-te se ter transformado no único objectivo da minha vida.

Sendo apenas uma sombra sem rosto.

Silhueta que, mal antevista, logo se esgueira e desliza à rama das sombras, a dobar-se no dobrar das esquinas das ruas, a esquivar-se nas dobras das calçadas íngremes, demoradamente, num invisível olhar furtivo.

Na lonjura das estradas, nos desvios e caminhos empoeirados, ou nas áleas dos jardins de Schönbrunn, de Versailles e de Queluz, apercebi-te muitas vezes alheada, o desnorte e a solidão a atormentarem-te o coração desprevenido.

Minha amada,

dando-te eu a beber sem que te desses conta,

Isolda,

o filtro da paixão, a fim de te quedares a meu lado, fingindo não te ver fugir nesse teu passo de bailarina cismada consigo mesma,

minha afoita,

namorada do sonho.

†

A primeira vez que encontra pousado nela o olhar curioso e brilhante da condessa de Oeynhausen, Carlota Joaquina não sente necessidade de se defender como geralmente lhe acontece desde a sua chegada a Portugal.

– Quem é aquela fidalga que eu não conheço? – pergunta ao padre Filipo Scio, seu preceptor esforçado na difícil tarefa de tentar orientá-la, fazê-la em vão adaptar-se ao protocolo da Corte portuguesa. E sem esperar a resposta, a Princesa afasta-se, atraída pela atenção não aduladora de que é alvo, abrindo caminho por entre as fidalgas e os fidalgos até chegar à

condessa, que a vê aproximar-se, franzina, de pele tisnada de azeitona, inquietação espelhada no miúdo e sombrio rosto comprido.

Em vez de a ver inclinar-se como Carlota Joaquina espera, continua direita de orgulho e delgada no simples vestido de gala de seda malva, mãos nuas estendidas na sua direcção, palmas tépidas onde, sem reflectir, a Infanta espanhola coloca as suas, enluvadas de renda branca esburacada de tanto andar buscando na vida por onde o desassossego a leva.

– Como se chama Vossa Excelência?

– Leonor de Almeida, Alteza. Condessa de Oeynhausen.

Diante uma da outra fitam-se, e a quem as vê poderá até parecer estranha a súbita intimidade. Mas a partir dessa ocasião Leonor fica ciente da impossibilidade de vir a ser mestra daquela menina-adulta, determinada e solitária, empenhada em hostilizar e em afastar todos, levada por uma irremediável sensação de infelicidade à qual se mistura um sentimento de total abandono.

†

Mana do meu coração

Dado que ultimamente não tens aparecido em Lisboa, vim a Almada para falar contigo, mas como não te encontras em casa deixo-te este curto recado.

Ontem, quando estive no Paço, o príncipe D. João, puxando-me pelo braço e levando-me até perto de uma das portas da Câmara de Sua Majestade a Rainha, disse-me: *«Já vi sua irmã, a Condessa de Oeynhausen, que estimei muito. Vem portuguesa, como foi.»*

Toma atenção, mana, que esta frase não foi dita por acaso. Pareceu-me mais o aviso de alguma cousa do que uma amabilidade palaciana: as intrigas por aqui são muitas e os venenos vários. Reflecte um pouco sobre tudo o que tens presenciado e sabido, e não te apoies no acaso nem acredites na sorte! Tem atenção às tuas palavras, aos papéis, às cartas que

escreves e aos versos que fazes e esqueces sobre a tua escrivaninha. Por meu lado, tentarei perceber melhor o que está a acontecer.

Sei que ainda há pouco regressaste a Portugal e continuas desambientada, mas por cá todo o cuidado é pouco.

Mano Pedro

Lisboa, 15 de Dezembro de 1787

†

Abro a porta sem ruído.

No teu quarto, Maria, o ar abafado e intacto recebe-me numa mistura de flores cediças e de poeira coada pela ligeira claridade vinda da janela semifechada, cortinados corridos até metade, como se o gesto de quem os fazia correr tivesse ficado a meio

e fosse metade apenas do teu último grito.

E logo dou conta de uma levíssima fragrância, leveza de açucena misturada ao peso do ópio que te aliviava as dores – dizem-me, quando me contam a história dos teus últimos dias. Memórias que me levam a imaginar o teu corpo alvo, mana, desde sempre magro e discreto, contrafeito com a própria textura.

Tão fraca!

Sobre a cómoda encontra-se ainda o cofrezinho de prata lavrada onde guardavas as poucas jóias, e logo adiante, no tampo de mármore, uma pequena salva onde estão os ganchos de tartaruga, os pregos de brilhantes e as travessas do teu cabelo. Na cadeira preguiçadeira descubro o último *négligé* que usaste, atirado na pressa do delírio; tecido leve que agora chego ao rosto, a tentar tomar de ti novamente o cheiro.

À porta que eu deixara entreaberta assoma a figura escura e pesada do teu marido, o conde da Ribeira, que me deixou vir buscar os meus sobrinhos para passarem uns dias com os avós e as primas em Almada. No final do nosso encontro, permitiu-me que subisse, embora estranhando o meu desejo de entrar no teu quarto, que ele irá desmanchar não tarda. E

sem tentar iludir como a saudade está longe de lhe apunhalar o coração tranquilo, diz-me num tom gelado:

– Podeis escolher como recordação algumas cousas pessoais de Maria, que mais tarde mandarei entregar em vossa casa.

Mal ele torna a afastar-se olho à roda, com vontade de levar comigo tudo o que foi teu, mas acabando por escolher apenas um par de brincos de rubis, como duas gotas de sangue, que Filinto Elísio te ofertara ao fazeres dezoito anos no convento de São Félix. Também a tua última pena, o tinteiro de cristal, e por fim a secretária de mogno com embutidos de pau-rosa, que te dera o nosso Pai ainda em Almeirim, e que fizeste questão de levar contigo quando te casaste, aceitando sem discutires o marido que te fora imposto.

Um leve ruído atrás das minhas costas sobressalta-me, e quando me volto descubro a tua filha à entrada da porta, olhando o teu quarto como se o quisesse fixar para sempre. Delgada e sem cor nas faces, fato de fazenda preta muito arranjado e hirto, gola de renda cinzenta demasiado folgada no pescoço esgalgado: a imagem viva de uma órfã abandonada a um destino ameaçador.

Aperto-a ao peito num ímpeto e ela logo me lança os braços trémulos em redor do pescoço, num laço apertado. E embora pouco nos tenhamos visto antes, sinto haver uma imediata ligação entre nós, ambas tocadas por uma vontade que, não duvido, só poderá ser a tua, minha irmã.

†

Quando ela entra dançante na capela da Bemposta, pertença do palácio do Infantado, a condessa de Ficalho diz em surdina a Leonor, tocando-lhe no cotovelo coberto pela luva alta:

– É ela ! Repare Vossa Excelência quem acaba de chegar.

Margarida possui o donaire e a magreza torneada da mãe, a marquesa nova de Távora, mas ao contrário desta é feia e desagradável. Leonor olha-a com curiosidade, porém um longo véu de renda preta, a fazer-lhe

sobressair o brilho quase safírico e aceso dos olhos, tapa-lhe grande parte do rosto.

Leva um vestido e corpete de veludo negro forrado a seda lilás, decote amplo e saia de cetim rosa-fúcsia, e o conjunto só não é lúgubre devido ao ostensivo e ofuscante brilho dos muitos diamantes que usa: pingentes trémulos e compridos nas orelhas de concha, gargantilha no pescoço de ave, a rematar com um grande rubi sanguíneo a descer-lhe entre os seios pequenos que o espartilho eleva, pulseiras a tilintarem nos pulsos morenos de criança.

Quando ajoelha, depois de fazer o sinal da cruz, ainda não dera conta da presença da prima, de quem não se pode lembrar, mas de quem ouvira falar o suficiente para lhe despertar a curiosidade. É então que a velha governanta lhe murmura ao ouvido:

– Olhai, D. Margarida! A mais formosa das damas é vossa prima, a Condessa de Oeynhausen.

De soslaio, sem afastar o véu do rosto, Margarida fita-a de expressão fechada, mas só de pensar no gozo que lhe dá contar à mãe da singeleza do vestido usado pela neta legítima da orgulhosa marquesa de Távora, o prazer com que lhe descreverá o decote pobre ornado com uma fieira de pérolas, assim como das longas mãos sem anéis, enche-a antecipadamente de uma transbordante alegria a custo reprimida. Como se o comparar da sua ostentação com a singeleza da prima fizesse parte de uma vingança há muito desejada, pelas centenas de vezes em que fora humilhada, vexada, recusada e negada, através das expressões desdenhosas, repugnadas das fidalgas que fazem questão de a ignorar, pois nela continuam a ver a filha da adúltera, da amante, da barregã do Rei D. José, da culpada da tragédia da sua própria família.

Disfarçadamente, do banco estreito de madeira polida onde se senta, Leonor continua a observá-la: de joelhos, terço de ouro e esmeraldas entre os dedos finos. Depressa se apercebendo de que Margarida não só não reza como a espreita com dissimulação, ao abrigo do negrume da renda do

véu, austeridade a contrastar com as muitas jóias que todos sabem ser da mãe, ganhas das mãos apaixonadas, ávidas e pródigas do velho Monarca.

Tanto despudor da parte de uma e de outra escandaliza as damas que nessa manhã testemunham o encontro silencioso e distante das duas primas, ajoelhadas nos seus genuflexórios, enquanto os homens, de pé, mãos atrás das costas, junto à porta de entrada, chapéus balançando na ponta dos dedos, se mantêm indiferentes como sempre, embrutecidos pelo excessivo calor.

D. Maria e a família real chegam, como é costume, no começo das Laudas, fazendo Leonor esquecer-se de Margarida ao passar a estar concentrada na Rainha que lhe parece pálida e envelhecida. À direita da Soberana encontra-se o príncipe D. José e sua mulher, a Princesa Maria Francisca Benedita, que não esconde a satisfação ao escutar o *Miserere* perfeitamente executado pelos músicos e pelo coro da capela. Já a Infanta Carlota Joaquina, pelo contrário, ao lado de D. João, parece não suportar a atmosfera escaldante, incapaz de se manter quieta.

Leonor está atenta a tudo à sua roda: aos lírios altos junto das rosas nas jarras de porcelana, aos goivos que tombam já das taças de faiança perto dos grossos castiçais de prata lavrada, às dálias carmim e às margaridas cor de alfazema que enfeitam os espaldares dos assentos reais.

Sem se conter, torna a fitar a prima que, sentindo-se olhada, a encara de frente, ambas finalmente face a face mas emudecidas pela hostilidade sentida uma pela outra, e só quando acaba a missa cedem em desviar os olhares. Depois curvam-se e persignam-se diante do altar-mor

onde o Santo Sacramento se encontra exposto.

†

Venceste-me Maria!

Da penumbra raiada da carruagem vejo a tua irmã aparecer no pátio diante da casa da Boa Morte, a receber a tua secretária, da qual mandei fazer entrega como lhe prometera, tentando esquecer a hostilidade com

que me olha na devassa da minha intimidade e calamento. A fazer-me recordar o desdém que sempre descortinei no teu olhar alado.

Agora que partiste não te vergo.

Mas apesar de morta tu existes: quebradiça, delicada, frágil. E na tua ambiguidade determinada e forte, a desdenhares de mim todo o tempo, pois mesmo quando em vida eu te quebrava, resistias, rodeada dos tantos estilhaços de cristal de ti, para logo ficares de novo inteira.

Intacta.

Hoje, a coberto da luz estagnada do carro, sinto-me pela primeira vez miserável, a seguir-te ao seguir a tua secretária que tanto detestei. E tu sabia-lo, indiferente às minhas regras e gostos, parecendo ignorar o prazer com que imaginei quebrá-la, desmanchá-la, desmantelá-la, a descobrir nela mil defeitos: as lascas, as brechas, as rachaduras da madeira, contando cada nó escondido, cada ferida, cada mancha dos teus dedos. Obsessivo, imaginava-me a queimá-la até não restarem senão cinzas escuras, com ela destruindo juntamente os teus papéis e livros, pelo interior dos quais me escapavas, tu superior e lua, fio, fina e lisa.

O que fizeste dos cadernos escondidos com temor, quando te aparecia de súbito pairando no poder predatório, igual a ave de rapina? Enquanto tu, rola, me pressentias por perto.

Volto atrás na lentidão das imagens repetidas e revejo-te sentada, curvada diante dos cadernos azuis nos quais escrevias depressa e crispada… o quê?

Versos?

Poemas que te proibira de fazer e não encontrei em lugar nenhum quando morreste, ciente de eles existirem, e agora que mandei entregar a Leonor a tua escrivaninha cresce em mim a dúvida: não me estarão a escapar com ela os teus segredos?

Por isso fico a espiar a tua irmã a descer as escadas, vindo inclinar-se sobre ela com vagares de dona, tirar o pano grosso que a cobre, a acariciá-la e tomando-a já para si sem pudor nem disfarce.

Observo-a a entreabrir as gavetas, a tactear um espaço que eu julgava liso debaixo do tampo erguido; e de imediato te recordo requebrada naquele mesmo gesto, enquando te espiava e tu te julgavas só. Silhuetas idênticas a tua e a da tua irmã, assim vistas de longe, embora tu diversa na muita magreza e transparência de fuga, a desencadear em mim a onda de desejo que saciava com raiva: tão leve tu, tão fácil de derrubar na cama, nas tábuas do chão, nos tapetes persas, nas mesas, nas cadeiras.

Fosse onde fosse eu a fazer-te tombar, a forçar-te.

Encostar-te às paredes, subir-te nelas e baixar-te em seguida ao longo de mim. A rasgar-te o corpete, as meias, as saias, o corpo. A obrigar-te, a forçar-te, a ter-te de qualquer maneira, impondo-te os meus direitos, e mesmo assim roubando, lacerando, magoando-te até ao esvaimento, arrancando de ti aquilo que me era devido. A respirar-te o perfume espesso da nuca, a morder-te a nudez dos ombros e das costas, do umbigo, das mansas pernas, dos braços inertes.

Só depois te montava, a dobrar-te, a virar-te, a possuir-te.

A violentar-te.

E mesmo nesses momentos nunca te entregaste, pulsos de criança sobre os peitos altos a empurrarem-me de molde a não poder tocar-te por inteiro ao comprido do corpo, enquanto na escuridão da água dos teus olhos eu mergulhava até respirar a cisterna do fundo, a beber de um trago o asco que me tinhas.

Ávido eu da tua fraqueza, com a qual te mataste, me derrubaste, derrotando-me.

Vencendo-me, Maria.

†

Leonor recebe a escrivaninha

e manda que a coloquem no antigo quarto de Maria.

Ao ficar sozinha, inclina-se em busca de alguma marca, de algum indício, traço ou rasto da irmã que a leve até à última vez que ela a usou. Procura a gaveta de segredo que a vira utilizar algumas vezes, gaveta que

não abre senão quando se lhe solta a mola dissimulada na parte inferior do tampo alto. Sentindo o cerco que entretanto a morte traçara com os seus passos em redor do tempo, Leonor, tomada de súbitos temores, hesita em aceder aos segredos da irmã. Talvez seja melhor não descobrir o que Maria tanto quis resguardar dos olhares alheios.

Constrangida, demora-se na decisão difícil, o coração desordenado no peito aflito, acabando por estender a mão para a pequena mola que prime e estremece quando se solta e a gaveta se abre, espalhando em redor o perfume de Maria: uma mistura de água de rosas, flor de laranjeira e açucenas.

Vêm-lhe as lágrimas aos olhos, e é sob essa cortina de bruma que distingue na penumbra da madeira odorosa pequenos cadernos de capa azulada com um friso de ouro pálido. Ao lado está um maço de cartas atadas com fita de cetim. Ao desatá-lo, depara-se com as cartas que escrevera à irmã de Madrid e de França, de Frankfurt, da Áustria e de Estrasburgo, os curtos bilhetes enviados da segunda vez que estivera em Paris; as últimas são já de Avignon. Todas elas alinhadas por datas.

Antes entreabrira o primeiro caderno e apercebera-se de ser um diário, que logo fechara. Continua sem saber se deve ou não ler os pensamentos secretos de Maria, avara ou envergonhada dos próprios desabafos.

Hesitante ainda, senta-se na borda do leito estreito de virgem da irmã quando solteira, e a medo vai soabrindo os diários, deixando que as suas folhas voem sem ler coisa alguma; limita-se a folheá-los, acabando por se deter já no final do primeiro volume, em meados de 1780.

«Dia 20 de Maio de 1780

Ele magoou-me com demora.

Outra vez.

Felizmente consigo esconder com a manga franzida do vestido de seda verde a nódoa negra do meu braço, um pouco acima do cotovelo. Na minha anca, o golpe que apenas eu e ele conhecemos continua tumefacto, mas já a ganhar crosta.»

Leonor detém-se, os dedos crispados na capa do diário, que instintivamente afasta de si.

OceanofPDF.com

†

XVI

OceanofPDF.com

†

Não há paixão feroz[3]

Não há paixão feroz que não reprima
Saudável reflexão: ódio, vingança,
Cólera, amor, inveja, modifica,
Anula, quase sempre, sã doutrina,
Quando dócil ouvido lhe prestamos.

A virtude é saber fugir do vício:
Carecer de'stultícia é ser cordato:
Nisso consiste a suma sapiência.
Com que trabalho, e até risco de vida,
Fugimos de quimeras que julgamos,
Sem raciocínio, serem mal supremo!…
Da falta de dinheiro, e da vergonha
De sofrer que o recusem se o pedirmos!

Deste aparente mal outros se seguem
Que empenham nossas vidas. Quantas vezes
O mercador solícito se arroja
Pelo agastado mar até às Índias,
Fugindo da pobreza? Outros afrontam
Incêndios, precipícios, serranias,
Loucamente admirando e desejando,
Só porque entendem pouco, cousas ocas?
Nestas loucos s'empenham, mas recusam
Ouvir, acreditar, aprender essas
Que valem muito mais, e 'alma lhe saram.

3 De «Epístola a Jónio».

OceanofPDF.com

†

RAÍZES

Reparei primeiro na grossa corda com muitas voltas e nós, a atar-lhe os pulsos atrás das costas que ela, mesmo assim, queria endireitar de modo tenaz, rodando os ombros finos, num fraco equilíbrio do corpo delgado; depois atraiu-me o seu olhar brilhante de miosótis azul-lilás – um olhar seco, sem rasto de lágrimas. Olhar neutro na face neutra, de quem sabe comandar e encobrir ou mesmo emendar os próprios sentimentos afincados.

Os soldados traziam-na empurrada, apesar de ela caminhar de bons modos, condizentes com a sua aparência tranquila e calma, embora arrastasse um pouco o passo demorado, primeiro na entrada de pedra e mais tarde na madeira aplainada do meu gabinete, onde ambas ficámos em silêncio diante uma da outra. E porque já nos conhecíamos, mais nos dividíamos, perturbadas por motivos diversos e em planos opostos daqueles em que sempre estivéramos:

Eu, a madre prioresa do convento das Grilas; ela, a orgulhosa e poderosa marquesa de Távora. Eu, a abadessa nomeada por El-Rei D. José para ser sua guarda ou guardadora; ela, a acusada, a implicada no atentado à vida de Sua Majestade. No entanto, são as longas mãos dela que repousam em paz em cima do regaço de seda negra, e as minhas que nervosas se agitam sobre o tampo da secretária de pinho, tropeçando no missal, na Bíblia, nos cadernos de assentos do mosteiro, na capa do meu indevido diário.

Inquieta eu no novo papel e obrigação de vigiar, observá-la; mantê-la em cárcere de cela isolada. Afastando-me e afastando todas as irmãs da

perniciosa e perigosa convivência com a sua pessoa, seguindo as ordens reais.

– Cumpra Vossa Reverendíssima o que tem por obrigação cumprir –, disse-me com voz clara e firme D. Leonor de Távora. E em seguida pediu-me um terço e alguma roupa íntima.

Aflita por vê-la tão despojada de tudo, tirei o meu próprio rosário de marfim, pendente da cinta, e coloquei-o nas suas mãos, julgando nelas sentir o coração do gelo.

OceanofPDF.com

†

MEMÓRIA

A luz parece-me por vezes ficar pálida,
de um alvor esgarçado no próprio coração do sol.

Em contrapartida, nunca os odores à minha volta foram mais intensos: perfumes que divergem e brigam em dissonância ou se completam a enlearem-se entre si, anelantes. Crisântemo mate e goivo ou malva-rosa, artemísia e rosmaninho, a lembrarem-me os jardins dos palácios portugueses em 1788, quando cheguei de Avignon a fim de conseguir de novo a protecção da Rainha D. Maria.

E não era pouco o que eu trazia para pedir a Sua Majestade: a permissão para Carlos Augusto abandonar definitivamente o posto de embaixador em Viena; uma nova tença de quantia maior do que aquela que já me era concedida. Mas, sobretudo, conseguir que a Rainha avalizasse o meu pedido de empréstimo, que permitisse a Carlos Augusto saldar todas as suas dívidas.

Nessa época eu andava aturdida com o rumo que levava a minha vida, tão depressa lúcida como iludida, pronta a sugerir e a fazer pactos e acordos impensáveis, até com quem era da família do verdugo da minha. Para me salvar e aos meus – como negar isso? – teria sido capaz de recorrer a quase tudo, desnorteada e confusa, aberta a tentações, a vertigens e a perplexidades que diariamente me erguiam para logo me derrubarem.

Depois de tantos anos, porquê desculpar-me?

A leitura e a escrita têm-me ajudado a conservar o coração alvoroçado; ontem como hoje os livros fazem parte da minha vida, neles observando a

passagem do tempo, num constante separar das águas entre passado e presente.

E é nesse espaço em princípio neutro e desértico que encontro a poesia, os meus versos, o que sempre me salva, como aconteceu em mil setecentos e oitenta e oito, ano em que logo sobressai, para além do meu encontro desastroso com Leonor Benedita, filha estranha e cismada com a vida, que jamais entendi, a luta obsessiva e sem tréguas travada por mim com o secretário de Estado Martinho de Melo, tudo fazendo para conservar do meu lado a Rainha e o arcebispo de Tessalónica e os Príncipes do Brasil.

Recordando ainda agora melhor cada pormenor desse tempo passado entre Lisboa e Almada, do que me lembrarei amanhã das margaridas amarelas raiadas de ruivo que hoje descobri terem florido no canteiro debaixo da minha janela.

Tenho assim bem presentes as dores da alma, os equívocos, as perdas desses meses que se mantêm em mim bem acesos. E como eu gostaria que, pelo contrário, se desvanecesse a lembrança das humilhações pelas quais tive de passar. Febril e dividida, ia-me perdendo e erguendo a cada dia, enredada em equívocos, dores e ressentimentos; sonhos e idealizações que depressa se tornavam verdades amargas. Empurrada e instigada pelas intrigas, pelas saudades e pela solidão, sentia-me dilacerada, desejosa de partir de regresso a França.

OceanofPDF.com

†

1788

Leonor Benedita foge-lhe, esgueira-se, recusa a sua convivência, nega-se às suas palavras, desobedece às suas ordens, insurge-se contra os seus ralhos, despreza os seus conselhos.

Vê-a como uma desconhecida hostil.

Leonor deixa-a afastar-se, caprichosa, voluntariosa, fechada. Sente-se sufocar em Almada, entre a sombra em que a mãe se tornara, a extinguir-se sem esperança na sua cadeira de entrevada, e intermináveis conversas com o pai, que à força de tanto a querer guardar a atabafa.

Quando se obriga a trocar Lisboa por Almada, Leonor sente-se desterrada e perdida. Sem a idealização da distância, a vila ganhara para ela os medíocres traços de um lugar feio e obscuro:

«Almada é um horror para mim», escreve a Carlos Augusto.

Na Corte, pelo contrário, entrega-se à satisfação da pressa, à divergência dissimulada do jogo político. Sob o apelo e o desafio que sempre a levam à vertigem que adora, tomada pelo arrepio febril desse jogo que de bom grado aceita. Usando da habilidade exigida, Leonor desdobra-se e multiplica-se: encontra maneira de se insinuar nos aposentos da Rainha e das Princesas; de captar a simpatia das camareiras fingindo integrar-se nas suas conversas plasmadas; de fazer versos brejeiros a fim de agradar à superficialidade alvoroçada das açafatas; demorando-se a escutar a inquietação das infantas, no momentâneo esquecimento do próprio sobressalto.

E quando recolhe à casa da Rua da Boa Morte, onde agora vivem Pedro e Henriqueta, dá conta da falta que lhe faz o estudo e a poesia, sem os

quais não sabe nem quer viver.

Para trás deixara muitos dos seus papéis e cadernos fechados na escrivaninha de laca, assim como a grande maioria dos seus livros. Na biblioteca do pai não encontra o que procura, numa constante busca de conhecimento, de inovação e abertura de espírito: de tudo aquilo que rompe, propõe e antecipa a mudança.

Da sua vida faz parte a diferença que sempre comporta risco, mas a faz avançar, indo cada dia mais longe, até conseguir tornar-se ela mesma vertigem. Leonor ambiciona a dimensão jubilosa da obra feita,

interdita à mulher.

Nunca se conformando com os anos perdidos.

†

Estão as duas debaixo do caramanchão de madressilva, envoltas no seu odor intenso e doce, perto do roseiral dos jardins ensolarados da casa dos condes de Vimieiro, sentadas ambas nos bancos de azulejo com motivos de caça. As pombas arrulham ali perto e uma pequena gata branca espreguiça-se, estendendo as patas macias e encolhendo as unhas rosadas, antes de saltar para o colo acetinado de Teresa de Mello Breyner.

Como vem acontecendo desde a sua chegada a Lisboa, Leonor escuda-se num silêncio hostil, sem conseguir impedir o ressentimento e a decepção que sempre surgem quando se encontram sozinhas.

O relacionamento das duas esfriara.

Aliás, Teresa nunca escondera o seu carácter autoritário, de amiga ciumenta e dominadora, a querer seleccionar-lhe as amizades, filtrar-lhe os relacionamentos, controlar-lhe as leituras e até os poemas que escrevia. Tentando vigiar-lhe o pensamento, os sonhos e o imaginário. No entanto, a amizade sempre fora mais forte que todas as zangas, amuos e diferenças.

Enquanto Leonor estivera em Viena corresponderam-se muito, saudosas uma da outra; a recordarem apenas o envolvente convívio perdido, as confidências trocadas, a conivência diante dos desacertos da vida. Mas depois de ela ter passado a viver em Avignon a correspondência entre elas

rareara. Leonor passara a reagir mal tanto às suas recriminações como à constante tentativa das pequenas intrigas.

Apesar de tudo, a primeira vez que se vêem quando do seu regresso a Portugal caem felizes nos braços uma da outra, mas sem serem capazes de reatar o convívio antigo: como se entre ambas alguma coisa se tivesse estilhaçado para sempre, mantendo-as distanciadas. Leonor desconhece mesmo que Teresa voltara a escrever, e esta, quando uns meses mais tarde a amiga lhe conta do ensaio em que trabalha sobre a importância da educação das mulheres, corta com impaciência ríspida:

– Já me tinhas dado conta desse teu projecto!

Leonor calara-se perplexa, e a partir desse dia evitara revelar-lhe quer as suas parcas alegrias, quer os muitos avistamentos de tristeza, as dúvidas, assim como os inúmeros projectos há muito acalentados.

Reprimem os afagos e os desabafos.

Ressentidas, passam a evitar maiores intimidades, indo Leonor buscar a Mariana de Arriaga o apoio que lhe falta, a compreensão, o entendimento para as suas contradições e excessos. Ousadia que a camareira da Rainha não só acalenta como incita.

Ao contrário de Teresa, sempre a retê-la, a querer impedi-la de ousar, a cortar-lhe as asas, a prendê-la ao passado. E é dessa atitude retrógrada que sobretudo Leonor a acusa.

Nessa tarde, ao encontrá-la a ler devotadamente um livro do padre Manuel Bernardes, perguntara-lhe se não tinha curiosidade, se nunca se cansava das mesmas leituras, se não sentia necessidade de chegar mais longe, a ousar atingir o impossível.

Teresa responde-lhe não ser esse o propósito da sua vida, que as suas intenções são bem mais nobres – usando o tom de desprendimento e distanciamento dos seus piores dias. Severidade que, aliás, sempre intimidara um pouco os outros.

– Será assim tanto o que nos separa? – indaga Leonor, moderada, mas logo se enerva ao acusá-la da aridez do trato que tanto empobrece a relação das duas.

– Acusas-me de ser árida, de ser ríspida contigo, mas és incapaz de reconhecer seres tu que te excedes, te entusiasmas na defesa de ideias e princípios que não te merecem.

Calam-se a tentarem acalmar os corações.

À volta delas, entretanto, parece ter-se instalado a harmonia: a gatinha branca dorme enroscada no regaço de Teresa, no de Leonor está entreaberto *Scivias*, de Hildegarda de Bingen, e em cima da mesa de pedra encontra-se um volume de sonetos de Petrarca, do qual a ligeira aragem entretanto levantada pelo lado do Tejo vai desfolhando devagar as páginas. À medida que o silêncio se rendilha com o cintilante frescor do ruído das águas correndo ali perto, com o arrulhar das rolas e o canto das cigarras, que parecem ajudar a entorpecer a tarde.

Leonor e Teresa escutam ainda o adejante perpassar das asas de um pássaro ou, quem sabe, de um anjo a erguer-se em voo de junto delas, enquanto as pétalas das rosas sanguíneas vão entreabrindo aos poucos, espalhando em seu redor um odor pesado e doce, revolvido pelo insolente perfume dos gerânios azul-pálidos.

†

DIÁRIO

Muitos são os dias em que me arrependo de ter vindo de tão longe para não conseguir resolver a minha vida. Estar perto dos lugares onde eu e Maria vivemos tão unidas, torna ainda mais lancinante a sua morte.

Na Corte sinto um clima de desconfiança e de hostilidade que muito me pesa, não sabendo onde encontrar o antídoto certo para os venenos com que me dilaceram a alma, nem como manter afastados os punhais de lâminas assestadas ao meu peito.

Movimentando-me pelo meio de entraves de toda a ordem.

Martinho de Melo continua sem responder às minha cartas, nem me receber quando vou procurá-lo no seu gabinete. E mesmo diante da Rainha, tolerante mas também iludida e desconfiada com as muitas coisas que lhe dizem de mal a meu respeito, não consigo dar-lhe a ver as intrigas, mostrar-lhe as armadilhas, desatar os nós dos fios com os quais me enredam os inimigos.

Se não fosse o algum apoio dos Príncipes do Brasil, de Mariana de Arriaga e do arcebispo de Tessalónica, a protecção do visconde de Vila Nova de Cerveira pretendendo agradar a meu Pai, nem valeria a pena teimar no sentido do meu bem. Por vezes dou comigo a encorajar-me com os únicos argumentos que me restam, baseados na determinação e na força de vontade.

A tentar ganhar alento para este novo ano.

Lisboa, 10 de Janeiro de 1788

†

Quando a levam contrariada para casa da mãe, com ligação ao casarão dos avós por uma álea de rosas púrpura, e à noite se vê obrigada a dormir no seu quarto, Leonor Benedita permanece de olhos abertos no escuro matizado pela fina luz raiada da lamparina dos santos, tomada por um medo intransponível, que não sabe de onde parte mas dentro de si vai encontrando acolhimento. Encolhe-se ao senti-lo aproximar-se com vagares de animal selvagem, deslizando de barriga colada às ervas daninhas da alma, gatinhando até ao seu coração de criança acrisolada.

Com os dedos a subirem acautelados até à dobra bordada do lençol, cobre a cabeça tentando não respirar fundo, a impedir-se de tomar gosto ao perfume de nardo que a vê usar e dela se solta e exala, quando apenas com uma longa camisa de dormir de cetim se deita na larga cama ao lado da qual fora colocada a sua.

Temendo a presença opressiva e obsessiva daquela estrangeira, usurpadora do lugar da sua mãe sonhada, Leonor Benedita reabre devagar as pálpebras de pétala, a certificar-se do seu sono. Porém, ao descansar, ela faz lembrar de uma forma insurrecta e perfeita

a açucena

com a qual sonhara… E a menina soçobra apavorada. Aproveitando-se da sua fraqueza, o medo solta-se e avança, apesar de tropeçar nos soluços ainda presos na sua garganta que se fecha e aperta, como se fosse um torno em redor de si mesma. Leonor Benedita sente perder-se aflita, ansiosa, sem saber como escapar ao perigo que a diversidade daquela mãe representa, em tudo diferente da que até então imaginara: uma estranha a dormir ou a fingir que dorme à espera de que ela ceda, não querendo deixá-la escapar ao seu controle,

ao seu capricho, às suas ordens.

Leonor Benedita tenta ainda subjugar o pavor que nela se espraia numa maré crescente, a avolumar-se e a enredar-se-lhe nas pernas e nos pés tão leves, que facilmente trepariam, subiriam os degraus do mal do qual a avó tanto fala, alarmando-a com a grande ameaça de negrumes e queda,

num inferno de labaredas e horrores.

Um suor translúcido, a fazer lembrar o orvalho, começa a cobrir-lhe o corpo franzino de menina cismada, de súbito a arder em chama alta. E Leonor Benedita, atemorizada, percebe estar a perder o autodomínio, e quando começa a revolver-se numa convulsão, o espírito e a força de vontade dela vão-se afundando, veneno a formar um todo uno na correnteza dos sangues. Dela parte um ciciar enrouquecido, logo transformado num longo gemido, rosnido de fundura abismal que se avoluma até se transformar em grito.

Leonor senta-se na cama alvoroçada.

Primeiro repara no olhar feroz da filha, que nos lençóis se revolve parecendo uma contorcionista, corpinho convulso que se dobra e arqueia, ora parecendo elevar-se como quem levita, ora a ser projectada de volta como se fosse quebrar-se. Dos seus lábios mordidos escorre um fio de

sangue carmim ao longo do queixo e do pescoço liso, para ir perder-se no peitilho branco da camisa de dormir, onde toma o desenho de uma rosa mínima,

rubra e húmida.

A tornar-se viva.

†

Tal como prometera a Joana Isabel Forjaz, Leonor vai visitá-la à Quinta das Picoas, onde ela depois de enviuvar passa os seus dias. Durante as horas que estão juntas, matam as saudades que até àquela altura nem sabiam ter uma da outra, divertem-se com os ridículos de alguns fidalgos e os disparates da Corte, contam intrigas que habitualmente rejeitam mas que naquela tarde as fazem rir com vontade. Pelo meio vêm as confidências, os últimos poemas de ambas lidos alto, sob as acácias; e quando se levanta o vento áspero de Fevereiro, voltam para a saleta de Joana Isabel, juncada de rosas e gladíolos, de jacintos tombando das jarras de porcelana da fábrica do Rato.

A lareira está acesa, e nas mesinhas lacadas há pratinhos da Companhia das Índias com bolinhos de coco, de gengibre, e tacinhas de prata com amêndoas carapinhadas e rebuçados de ovos.

Leonor regressa a casa a tempo de se arranjar com a ajuda de Angélique, para ir, a convite do duque de Lafões, assistir a uma sessão pública da Real Academia das Ciências, que reúne numa antecâmara do Palácio das Necessidades, pois a Rainha, apesar dos protestos do Príncipe D. José, não vê necessidade de procurar para a Academia instalações mais dignas e adequadas.

†

Desde a sua chegada a Portugal que Leonor mostrara vontade de conhecer a Real Academia das Ciências, e Teresa de levá-la a uma das suas sessões ao final da tarde.

Portanto vão as duas: a primeira tentando moderar o andar, não querendo mostrar-se demasiado ansiosa, e a segunda ardendo por empurrar a amiga que, pela lentidão do passo, lhe parece relutante. Ambas a amarfanharem com os dedos a roda dos vestidos erguidos na pressa, bainhas presas aqui e ali na subida dos degraus altos de pedra grossa sem nenhum arrimo.

Logo à entrada Leonor surpreende-se, ao verificar que em vez da imaginada sala grandiosa, embora de esplendor severo e contido, se lhe depara um salão enorme despido de cortinados, de tapetes e de mobílias.

Em compridos bancos de madeira velha, mal cuidada, dispostos em volta das paredes áridas, já se escontram sentados os convidados desse dia: o marquês de Bombelles, embaixador de França em Portugal e sua mulher, o conde de Ega com a sua mulher visivelmente entediada, e também Madame de Travenet, que ao vê-las chegar lhes deita um olhar farto e lânguido, de quem não tardará a adormecer, embrulhada na sua capa de peles, a defender-se do frio e da humidade, que os fazem tremer a todos na sala gelada. Leonor vê ao longe o abade Correia da Serra, a quem cumprimenta com um breve aceno.

Somente o duque de Lafões, enquanto presidente, tem direito a tomar assento com outro luzimento, numa pequena cadeira de pau-santo, diante de uma mesa coberta com pano de arrás, onde alinhara a sua pena junto a um tinteiro de estanho de boca larga, colocado ao lado de livros e cadernos. É ele quem abre a sessão, com a habitual inteligência perspicaz e lúcida, a desmentir-lhe o aspecto de peralvilho.

É breve, sagaz e contundente.

E a obscuridade é tanta que ele tem de improvisar, sem luz para ler o texto que trouxera escrito. No fim da sua exposição tem de pedir mais velas, pois os oradores seguintes, menos inventivos e pouco dados ao improviso, olham-no já com desconsolo. Em seguida, os discursos desenrolam-se pesados e lentos, sem imaginação nem fibra.

Estóica, Leonor resiste às longuíssimas palestras, tecendo em voz baixa mordazes comentários que levam Teresa a mal conter o riso. Quando finalmente a sessão termina já anoitece, mas o duque de Lafões não os

deixa partir sem primeiro mandar servir vinho do Porto aos homens e licor de romã ou chá de crisântemo às poucas mulheres presentes.

Em pratinhos de porcelana há fatias-da-china e pão-de-ló, mas Leonor recusa os doces, não querendo perder o travo intenso da romã no rasto da saliva.

†

CADERNO

«Madame a Infanta perguntou-me esta tarde se eu estava comodamente instalada; disse-lhe que me sentia mais ou menos como se estivesse sobre a ponta de um espeto. Moro numa casa que não me pertence, janto em casa da marquesa de Tancos ou na do duque de Lafões. De manhã estou na Corte; em seguida passo parte do meu tempo com amigos e a minha tia. De tarde volto, corro de um lado para o outro, durmo, tenho pulgas e reflicto sobre a vanidade das coisas deste mundo.

A minha cabeça e as minhas pernas não podem mais.»

Lisboa, 6 de Fevereiro de 1788

†

É intensa e equívoca a fragrância anelante do óleo de nardo que se derrama no ar à passagem da Princesa Carlota Joaquina, como se fosse indício, laivo ou vestígio da sua insubordinação, pois é com ele que as damas espanholas tentam em vão domar-lhe os escuros cabelos abundantes e crespos.

Ficando este perfume como um atalho,

um trilho, ao longo do Corredor das Mangas até à sala de passagem para o jardim onde, astuta, ela troca os passos à sua camareira D. Helena de Mascarenhas assim como à condessa de Lumiares, uma das suas damas de honor, e por ali passa como uma flecha, com toda a esfuziante agilidade de menina azougada e ladina, tentando chegar depressa ao ar livre para se esconder antes que a agarrem e a levem de volta à missa ou à reza do terço na capela de onde fugira,

ou à companhia triste da Rainha sua sogra, que em silêncio a olha enquanto lhe afaga o emaranhado dos caracóis em desalinho, apesar dos cremes e das loções, dos pentes de marfim e das escovas de cerdo áspero, com cabo de prata.

Carlota Joaquina jamais usa os carrinhos de jardim. Ela precisa de correr ao ar livre pelas áleas e as matas que circundam o Palácio, ainda mais pesado e silencioso desde a morte de D. Pedro, seu sogro. Sorrateira, sempre que consegue escapar à apertada malha do controle de quem a deseja prisioneira do protocolo da Corte, vai até às jaulas dos animais selvagens, desejando soltá-los mas sem coragem para tanto.

Gosta de ficar concentrada nos seus olhos fixos, sequiosos, vazios e amarelos; a tomar para si, com um prazer esquivo, o seu amargoso e ardido cheiro a savana.

†

Vai vestida de tafetá de dois tons, alfazema e verde-espesso, saia quase direita nas ancas macias, vestido cortado debaixo do peito, como começara a ser usado na corte francesa na altura da sua partida para Portugal.

Leva também luvas cor de pérola, muito curtas, chapelinho escarlate com uma pequena pluma branca recurvada sobre si mesma, a mostrar-lhe o cabelo naturalmente ondeado que lhe ensombra a nuca, caracóis macios emoldurando-lhe o rosto longo. Olhar enxuto e fresco a examinar sem disfarce a sala de jantar do marquês de Bombelles.

A encimar o grande aparador à sua frente vê-se uma paisagem de Fragonard, e as outras paredes estão em parte cobertas de tapeçarias Gobelin. No tecto há uma pintura de Vénus a nascer das ondas, corpo nacarado e nu, cobrindo com as mãos as partes da vergonha.

Nas cabeceiras da mesa comprida sentam-se os donos da casa, delicados e atentos aos seus convidados. Impaciente, Leonor desliza as mãos na toalha de linho, sentindo na ponta dos dedos a haste dos lírios bordados a cheio. É a única mulher portuguesa entre vinte homens, que se entretêm a ouvi-la. E ela diverte-se com a situação que a estimula, falando de tudo um pouco, de assuntos triviais e fúteis, de arte e filosofia, de teologia e política. O que partindo de alguém do sexo feminino os desconcerta, lhes desagrada, mas igualmente os atrai e fascina.

Sobretudo intimida-os.

Sem constrangimento, Leonor continua a monopolizar as atenções, alegre, desenvolta, aceitando as apostas e os desafios que lhe propõem. Então inventa outros em troca, e lança-os àqueles que a cercam e não lhe sabem dar resposta, enquanto ela vai trabalhando o seu encanto, debicando mais do que comendo os pratos que vão sendo servidos: primeiro a sopa de lampreia em terrinas fumegantes, depois o *pâté* de lebre, o faisão, e por último o folhado francês e os frangos turcos.

Junto ao prato de Sèvres ela esboroa com a lâmina das unhas o pão de trigo, em seguida levando o vinho ruivo aos lábios sem carmim, finge beber, mas aflorando apenas com a língua o límpido travo aromático, frutado, luminoso. Gosta de tomar o peso dos garfos e das colheres de prata, e de ver reflectidas nos copos e nas taças de cristal as luzes estilhaçadas das muitas velas do lustre.

No decorrer das horas, demoram-se numa discussão viva que os absorve. Entusiasmam-se com os versos improvisados e o pensamento filosófico que ela ousadamente expõe e defende, a querer espicaçá-los, escandalizá-los. Mas eles preferem aplaudi-la, ficando as travessas de arroz-doce coberto de canela esquecidas nas mãos enluvadas dos criados que, imperturbáveis, aguardam.

– Contaram-me que a senhora condessa de Oeynhausen, para além da política, da filosofia e da poesia, é ainda entendida em doces – intervém a certa altura o marquês de Bombelles, mandando servir de seguida as covilhetes com os queijinhos-do-céu das Freiras da Esperança, as raivas e as ferraduras das freiras de Santana, a sopa dourada, e por fim o pudim de leite e ovos. E como se não bastasse, trazem pratinhos com marmelada e um baltazar de pão-de-ló.

Quando finalmente se levantam da mesa já é tarde. Mesmo assim passam ao salão do embaixador, e demoram-se ainda a tomar o café acompanhado pelos digestivos, vinho do Porto e licores ambarinos, cintilando nos pequenos cálices de pé fino.

Para fechar a noite pedem mais versos a Leonor que, encantada, para além dos próprios, declama Camões e em seguida Correia Garção e Filinto Elísio. Não resistindo à tentação dos sonetos de Petrarca.

Por último atreve-se a recitar Goethe e Schiller.

†

DIÁRIO DO MARQUÊS DE BOMBELLES
EMBAIXADOR FRANCÊS EM PORTUGAL

«Madame d'Oeynhausen jantou hoje connosco: éramos vinte à mesa e ela a única Portuguesa, rodeada de Franceses empenhados em agradar-lhe, em escutá-la. Ela elevou-se ao tom da poesia e deu-nos um grande prazer ao improvisar numa língua que não é a sua. Recitou-nos versos de uma grande beleza. É uma mulher que sem contradição possui uma imaginação muito viva e muito brilhante; não a julgo dotada de igual bom senso.»

Lisboa, 19 de Março de 1788

†

Desde a chegada de Leonor a Portugal que Gonçala vive em sobressalto, arrastando o hábito escuro pelas pedras do chão, a rondar a grade do convento, como se esperasse vê-la chegar de um momento para o outro.

O seu coração desenganado diz-lhe que ela não vem. Mas o conhecimento dos seus sentimentos e do seu carácter impele-a no sentido contrário, levando-a a aguardar-lhe a vinda.

As noites são passadas em branco, em grandes insónias febris que nem o láudano tomado na calada da cela ilude. As madrugadas passa-as na cerca, debaixo da árvore onde a amiga escreveu tantos poemas. Mariana, que também pertencera ao grupo das suas discípulas, enerva-a com um riso cúmplice de quem sabe coisas que a todas as outras escapam. Gonçala afasta-se dela, e mesmo na capela isola-se, sem no entanto conseguir rezar e menos ainda alcançar a paz de espírito; coração ora revolvido pela dor e pela decepção, ora aliviado pela esperança que, apesar da longa espera, nunca verdadeiramente a abandona.

Mas no momento em que a vê aparecer queda-se imóvel e incrédula, como se Leonor fosse uma aparição ou delírio dos seus sentidos. Vagarosa, dirige-se para ela, e quando se abraçam as grades de ferro ficam entre as duas,

duras, hirtas e frias,

parecendo apunhalá-las. Depois, olham-se à distância dos braços estendidos, como duas desconhecidas.

†

«Ilm.º e Exm.º Snr.

Que fiz eu a V. Ex.ª, senhor Martinho de Melo, para castigar-me com um silêncio tão firme e tão austero! Se V. Ex.ª me quis fazer reconhecer que os meus gemidos são inúteis, e que a piedade de Vossa Excelência os não atende, esteja descansado, porque a extensão das minhas penas prova-me bastantemente qual é a extensão do seu poder. Saiba Vossa Excelência

que injúrias não as sofre um homem de honra, mas perdoa-as uma mulher pouco feia, que trabalha pela felicidade de seu marido e de seus filhos; tal é a que de novo se apresenta a V. Ex.ª. V. Ex.ª bem sabe no fundo da sua alma que eu tenho razão, e que se V. Ex.ª quiser achar-ma custar-lhe-á ainda menos do que provar que a não tenho. Queira V. Ex.ª por humanidade decidir bem ou mal o que me respeita, porque se não posso viver em paz, quero ir morrer de miséria ao pé de meu marido e dos meus filhos.

Obrigadíssima a V. Ex.ª
Condessa de Oeynhausen

Lisboa, 23 de Março de 1788»

†

Nos jardins do Palácio de Queluz,

àquela hora da tarde, as dálias, as rosas-chá e as petúnias entreabrem muito devagar as suas pétalas. É nessa exacta altura que ele a vê a contraluz, cabelos frisados incendiados pela chama intensa e a aragem húmida. Sombrinha aberta um pouco inclinada sobre o ombro direito, a descoberto pelo decote largo e fundo, a fazer sobressair um fino colar de ouro e ametistas.

Num passo leve Leonor avança, talvez distraída com um verso ainda não terminado; olhar distante, saia de cassa carmesim bordada a fio de prata, bainha de cetim a arrastar na gravilha miúda da alameda delineada por buxo recortado.

Vê-a estremecer quando se cruzam, mas sem o fitar.

Também não o evita.

Apenas o desconhece.

É ele quem pára, hesitante no jogo de quem espia, e acaba por voltar-se cego pelo sol, temendo perdê-la de vista. Sôfrego da sua imagem: da

seriedade dos seus lábios pálidos, da luminosidade do olhar de cinza azulada e ávida, do gesto inquieto que os seus dedos esguios reflectem.

Agora parece ser ela a estar indecisa.

Por um brevíssimo momento Leonor detém-se junto a um canteiro de amores-perfeitos, e quando se vira para trás, com alguma brusquidão incontida, a sua echarpe de tule verde-esmeralda fica presa numa trepadeira de ervilhas-de-cheiro de um cor-de-rosa de pureza única.

E finalmente olham-se, medindo a distância e revendo os sonhos, os silêncios escusos, reclusos, os desejos evitados no sobressalto do corpo.

O vazio feroz, como uma imensa sede.

Nunca mitigada.

†

ANGELUS

É o clima ardente dos teus olhos que me embruxa.

Agreste.

Em ti mesma agreste e luz. Em ti mesma agressiva, violeta e zimbro.

Camélia.

Tu, bromélia.

Quando ao te referires de passagem à secura de Constantinopla e da Alexandria que conheces dos livros, pareces desdizer os crepúsculos acesos das laranjeiras bravas, e mais acima no mapa, das cerejeiras em flor, as framboesas, as alfarrobas e as flores rosadas das amendoeiras. As rosas que se entreabrem a estremecer de desejo, ao mínimo toque dos dentes e da língua.

Mediterrâneo…

Sob o golpe do teu olhar atlântico.

Ao menor contratempo, insegura, nesse inquieto anseio que perdura em ti, de viagem em viagem, numa espécie de busca de eternidade que sempre procuras, sem no entanto jamais te entregares a ninguém, nem a nada.

A usares da tua secura, em oposição ao fulgor que geras.

Vagem, grão, semente…

De onde brotam as lágrimas que regam o interior dos desertos da alma?

Tu, de corpo expectante ao toque do meio-dia.

Perfumado, num odor de glicínia e madressilva.

Esquiva.

Tu arrebatada.

Tu ansiosa e esguia.

Nas horas malogradas, desamadas e torpes, perseguindo rotas, contornando mares e estrelas e rios. Inventando os cais, as baías, as enseadas supostamente tranquilas, mas que tu logo insubordinas. Pois sempre indisciplinas os lugares por onde passas, altiva e tão orgulhosa que os outros se desviam, fitando-te de longe, deixando-te sozinha contigo própria; descuidada, elaborando a trama do vago tecido do sonho que durante o dia persegues… Em busca das cidades por ti imaginadas: Roma, Atenas, Alexandria… Onde a vertigem e a queda não te impedem na desmesura, pois a desmesura é já teu próprio corpo.

Febre e logro e lodo vagaroso.

Os teus versos escritos ao arrepio do que te foi ensinado; com eles tu partes, galopas, percorres um círculo em torno da razão, largando o coração no cintilar do todo.

No borralho da lava.

Logo a extravasar em teu peito afoito e conturbado. Dividida talvez, quem sabe… Tu, Leonor, a eleita daqueles que te lêem, te escutam as palavras, a poesia.

Arredia.

E algumas vezes dizem-te: vem! E tu distancias-te, com a lisura branca das aves submarinas.

Diva!

Cintura de estreito mosto, onde eu navegaria de encantamento e gosto, eternamente seguindo-te.

†

DIÁRIO

Acordei a meio da noite tremendo de frio. Enrolei-me nos lençóis e cobertores, os arrepios a percorrerem-me o corpo, que mais tarde haveria de mudar-se em brasa, sufocando-me de calor, e nas suas labaredas fui ardendo até de manhã quando mandei chamar Pedro que, ao ver-me a consumir em febre, correu a buscar o nosso velho amigo doutor Tamagnini, que me diagnosticou uma erisipela de um dos lados da cara e na cabeça e receitou um unguento para acalmar a dor e a comichão, pois esta doença é tanto mais tormentosa quanto para ela não se conhece nenhum remédio eficaz.

– A Senhora Condessa vai ter paciência e manter-se em repouso, resguardada dos frios maiores e das correntes de ar. Neste mal, só o tempo e o recolhimento trabalham a bem da cura –, disse-me ao sair, depois de me ter perguntado «pelos versos», e quando pensava eu publicá-los.

Mesmo desalentada, fiquei a empreender no assunto.

Lisboa, 27 de Março de 1788

†

Pedro sempre bate à porta dos aposentos da irmã, para saber das suas melhoras e fazer-lhe companhia, querendo consolá-la dos tantos males que a afligem.

Preocupa-o a ansiedade adivinhada nos olhos de Leonor. Desde a sua doença têm conversado com mais demora na pequena sala que ela tornara sua na casa da Rua da Boa Morte, onde ele vive depois do casamento com Henriqueta, que vê com algum desagrado a presença impositiva da cunhada quando ela troca Almada por Lisboa, onde passa a maior parte do tempo.

– Queres crer que não estou autorizado pelo nosso Pai a mudar nem um móvel desta casa? – queixa-se-lhe ele desconsolado, ironizando em seguida acerca dos vasos da China, dos lambris de faiança, dos quadros académicos embora valiosos, pendurados nas paredes forradas a papel escuro com listas douradas.

No entanto, mesmo sem autorização, Leonor mudara tudo na parte que lhe cabe: mandara colocar perto da janela da salinha a secretária que fora de Maria, entretanto cheia dos papéis, dos cadernos e dos poemas que vai escrevendo, a pena atravessada no tinteiro de avental, sinete de prata e o resto do lacre junto de uma carta inacabada e endereçada a Gonçala, a quem desde a chegada a Portugal só fora ver uma vez à grade do convento de Chelas, ironicamente sem licença para entrar onde estivera detida à força durante dezoito anos.

Pedro olha-a reclinada no canapé forrado de brocado de um tom de cereja amodorrada, mancha de cor viva naquele lugar que antes fora lúgubre e cosido de sombras. Inclinada sobre o lado esquerdo, ela tenta disfarçar na penumbra a face vermelha e inchada. Conhecendo-a mórbida no que diz respeito a doenças, julga perceber-lhe a preocupação.

O doutor Tamagnini, que com frequência a examina, ao encontrar Pedro num desses dias descansara-o:

– Se a vossa irmã cumprir a minha recomendação de resguardo e repouso, e usar o unguento que lhe deixei, não tarda está sarada. Trato-a desde o tempo de Chelas, sei quanto a senhora D. Leonor tem uma saúde vigorosa. O seu pior mal é a sensibilidade, os nervos inpressionáveis. E para Alcipe, meu caro amigo, a única cura que conheço são os versos…

E acrescenta sorrindo:

– O remédio do tempo sempre acalmou o corpo e o coração.

Tentando em vão distraí-la, o irmão fala de tudo um pouco: de política, dos ministros, das peças do Teatro do Rato, das cavalhadas que continua a frequentar, das assembleias da condessa de Atalaia e da marquesa de Penalva. Conta-lhe igualmente as novidades da Corte fervilhando de intrigas, de desentendimentos, e como não podia deixar de ser, dos pais que teimam em permanecer na quinta de Almada juntamente com as três netas; usando de tacto, refere-se também a Leonor Benedita, menina esquiva ao abraço materno.

Evita no entanto falar-lhe dos pesadelos que tem tido. Evita ainda contar-lhe das vezes em que deambula pela noite, roído pelas insónias.

Leonor, que apesar de fixada nos próprios males e desânimos repara na palidez súbita do irmão, cala-se a respeitar-lhe o silêncio, os segredos, os negrumes escondidos pelo avesso da alma.

Por fim, conversam das notícias chegadas de França. As Luzes que Leonor ambiciona iluminam Pedro de um modo mais preciso, urgente e extremo. Afinal, ele é um militar, um estratega, um homem de acção.

– Ou és radical ou inconsciente! – insurge-se ela.

– E eu julguei-te mais ousada, mana! Mais moderna, mais aberta a uma sociedade justa, a um mundo diferente.

– Não estarás antes a querer dizer, a um Portugal diferente?

– Quem dera, Leonor, quem dera que pudesse haver por aqui condições para rápidas mudanças! Mas Portugal está minado pelas mentalidades retrógradas.

A penumbra já descera há muito quando Henriqueta, mal encarada, vai em busca do marido, que se despede da irmã e, antes de sair, se volta para trás correspondendo ao seu aceno mudo.

Ambos fingindo ser desprendimento aquilo que neles é inquietude.

†

Teresa Violante, condessa de São Paio e filha do marquês de Pombal, tenta o impossível para chegar de rola à Princesa do Brasil, futura rainha

de Portugal, e no seu coração fazer ninho que possa dar-lhe vantagem sobre as outras damas da Corte.

Com as sobrancelhas negras e unidas de águia, pequenos olhos de ónix, rosto comprido, moreno e inexpressivo, aquieta-se na penumbra dos salões de Queluz, enquanto dá conta do que se passa à sua roda. Atenta sobretudo aos segredos, às intimidades, à manha, ao cicio, aos cochichos, às confidências e às intrigas das fidalgas de maior estirpe, vai anotando mentalmente cada pormenor de tudo o que ouve e vê, sabendo a quem deve atenção, desprezando os mais fracos, entre os quais se inclui.

«Consciente de não querer ceder em nada do que pretendo» –, pensa ela com secura.

Por demais saturada da humildade a que diariamente se obriga, das humilhações a que se sujeita, esgueirando-se pelos corredores sombrios do Paço, cuidando em jamais se cruzar com o da Monarca, que de forma ostensiva recusa recebê-la, querendo-a o mais longe possível da sua vista e dos seus aposentos, e só lhe tolerando a presença a pedido de sua irmã e nora, a quem a filha do marquês de Pombal rodeia, cerca, bajula.

Teresa Violante tem cravado na alma o espinho envenenado do ódio arrastado desde menina, depois de ter assistido à queda de seu pai, escorraçado por D. Maria ainda o rei D. José nem sequer tinha sido enterrado.

Henrique, seu irmão mais velho, que ela considera um homem fraco, teme pelo resultado de tanta raiva recalcada, pelo sonho de vingança que ela há muito anda remoendo; pelos planos que traça e dos quais ele se afasta, não querendo ser conivente com nada que a irmã venha a fazer.

Mas foi desde o regresso de Leonor de Almeida, da neta dos marqueses de Távora, que Teresa Violante perdeu por completo o sossego e o controle sobre os próprios sentimentos.

Obcecada em querer-lhe mal.

Pertinaz no desejar-lhe o pior para a sua vida.

Basta a sua presença para a memória da condessa de São Paio tornar a supurar como se fosse uma chaga: a morte dos Távora no patíbulo e, anos

depois, o afastamento da Corte da própria família. Mais tarde ainda, a turva perturbação de seu pai, sempre que junto dele se pronunciava o nome de D. Leonor de Távora.

Teresa Violante acaba por incluir com prazer Leonor de Almeida no seu antigo projecto de vingança, esmerando-se no apuro em derrubá-la, em vê-la partir vencida de volta a Marselha com o orgulho estilhaçado.

Por isso, mal constata o trato de simpatia entre a filha do marquês de Alorna e a Princesa do Brasil, aproxima-se mais e mais desta e com afinco, habilidade e persistência, começa a minar a ligação das duas: inventando pormenores do que não sabe, contando rumores jamais escutados, levantando dúvidas, insinuando suspeitas, suscitando perplexidades, derrubando a crença, amotinando a desconfiança.

Enquanto cresce no apreço de D. Maria Francisca Benedita, agradecida e cega pela nova afeição, Teresa Violante vai sabendo tornar-se imprescindível.

†

Ao chegar com Teresa de Mello Breyner a casa do duque de Lafões, recém-casado com Henriqueta Júlia de Meneses, Leonor encontra Freire de Andrade, que já não vê desde a partida dele de Viena.

Presentes encontram-se ainda o irmão, Nuno Freire de Andrade, e a sua mulher Maria José Alvim Pinto, tímida e pouco frequentadora da Corte. Apesar do prazer em rever Freire de Andrade, Leonor está inquieta e desatenta, só se tranquilizando quando Teresa a vem buscar discretamente, para a levar até ao duque, que já a aguarda na biblioteca a fim de ouvir em particular aquilo que adivinha a condessa ir pedir-lhe:

– A vossa influência, senhor duque, junto do ministro Martinho de Melo.

Acrescentando ela de um só fôlego:

– Para que ele aceda às propostas por mim feitas a Sua Majestade, a fim de resolver o melhor possível a situação de meu marido, garantindo o pagamento das suas dívidas. Foi o que sobretudo me trouxe a Portugal,

para além de estar junto de minha filha Leonor Benedita e rezar diante da campa da minha desgraçada irmã.

Enquanto ela fala, o duque de Lafões olha-a com curiosidade, sem conseguir deixar de se encantar com a sua beleza delicada, expressiva, com o seu à-vontade e inteligente modo de expor as razões que a moveram até ele, tentando não dramatizar demasiado, mas sem deixar, aqui e ali, de lembrar como a vida desde criança a vem maltratando.

E em vez de se escusar ao que Leonor de Almeida pretende, o duque de Lafões escuta-a com atenção, acabando por ceder; ou seja, promete o que a condessa pretende, embora lhe vá recordando o apego que por ela parece ter Sua Majestade.

– Que eu saiba, a Rainha está disposta a dar a Vossa Excelência uma nova tença para juntar à que já vos outorgou, para que possais educar sem aflições vossos filhos – acrescenta, ameno.

Arrebatada, porém, Leonor nem o escuta, a descrever-lhe as ciladas, as intrigas de que tem sido vítima, dando exemplos e mesmo nomes. Sendo o último ardil, o urdido pela condessa de São Paio, filha do marquês de Pombal, a fim de pôr termo à convivência dela com a Princesa do Brasil.

– Teresa Violante tece teias de discórdia e de desentendimento entre mim e D. Maria Francisca Benedita. É uma mulher mesquinha e de carácter nefasto, com a alma corroída pelo ódio.

O duque de Lafões, sabendo haver muita verdade naquilo que Leonor de Almeida acaba de lhe dizer, cala-se, preocupado com o seu nervosismo e a extrema magreza, que a torna estranhamente dúbia, caule e haste, assim débil e franzina, sem deixar de ser impetuosa.

Quando regressam à sala, encontram Joana Isabel Forjaz junto dos Freire de Andrade.

Surpresa e desagradada ao vê-la, Teresa de Mello Breyner recua, de volta ao escuro do corredor.

†

Quando Leonor, logo depois de ter sido informada da pensão anual de três mil cruzados que acaba de lhe ser atribuída, vai agradecer à Rainha, esta observa-a, atenta à sua reacção, vendo-a ajoelhar e beijar-lhe a mão estendida.

Com brandura retira-a da quentura dos seus lábios, fazendo-lhe sinal para que se levante. A Soberana volta a recostar-se em silêncio na cadeira de braços forrada de veludo, mandada colocar por D. Mariana Arriaga junto à lareira da sala da sua câmara, na inútil tentativa de contrariar o frio das correntes de ar que atravessam o Palácio que Queluz.

D. Maria suspira.

E quando Leonor ergue para ela o olhar decepcionado, que tenta disfarçar, a Monarca percebe não lhe ter minimamente mitigado as exigências nem os desvairados anseios.

Sem esperar que deles alguma vez ela desista.

†

Ao ajoelhar diante da Rainha, para agradecer-lhe a pensão atribuída, Leonor ergue os olhos e vê os de D. Maria a fitarem-na com curiosidade, tentando adivinhar-lhe o pensamento: a tença é pouca, é parca, é magra.

Na verdade Leonor pretende bastante mais, para levar consigo quando partir de volta a Avignon: quer sobretudo que a Soberana resolva a complicada situação financeira em que se encontra Carlos Augusto.

Para si mesma apenas deseja a tranquilidade do sonho intacto; e a vastidão, a imensidade dos versos!

Com o seu coração de cristal de rocha.

Proserpina, Atena, Afrodite… Pégaso vindo ao seu encontro, alado, para sempre apegado à extrema brancura das próprias asas.

E as Musas? Ah! as Musas, com o seu voo de asa…

†

CADERNO

Minha mãe escreveu-me de Almeirim a *«anunciar-me que Leonor Benedita teve as primeira regras. Penso que isto seja apenas fruto da sua imaginação, ou que a pequena que é muito quimérica»* tenha inventado alguma coisa para lhe manchar de vermelho a camisa e os lençóis da cama, *«pois ela, que nem sequer ainda mudou os dentes de leite, só fará nove anos no mês de Novembro. Estas parvoíces enchem-me de raiva; mas os meus pais vão às nuvens com esta rapariga. A mim parece-me que tudo isto não passa de sonhos; eles querem casá-la com um rapaz que dizem ter por ela uma paixão decidida. Não sei absolutamtente nada dos pais do dito futuro esposo, mas olho esta pobre rapariga quase como a pequena Maria Regina: ela está morta para mim. Eles façam o que quiserem; o que me mete pena é que tantas quimeras possam torná-la talvez infeliz um dia mais tarde.»*

Lisboa, 17 de Abril de 1788

†

Às escondidas, a menina esmaga com cuidado em cima de uma tábua, com uma pedra pequena, pétalas de flores vermelhas,

rosas rubras,

sardinheiras,

petúnias.

Mergulha-as depois dentro de água, e em seguida esfrega-as já esfaceladas entre os dedos pequenos mas tenazes, lacerados pelos espinhos, as urtigas, as farpas e pela dureza das arestas da pedra agora manchada de encarnado, a fazê-la lembrar sangue de crime, de quando mata os bichos pequenos, batendo-lhes com a pedra até os esmagar, sangrando.

Sanguinolência que ela pretende imitar pisando as flores na mistura da água, desse gesto colhendo um sangue vegetal e sem cheiro, com o qual todos os meses passará a sujar a camisa, as culotes e os lençóis, imitando as regras que ainda não teve com oito anos e meio, mas das quais ouve falar as criadas, seguindo-as até às caves onde substituem os panos sujos de mênstruo, usados entre as pernas, e que mais tarde lavarão no rio, ali perto.

Leonor Benedita recusa-se a ser como as irmãs, iguais às bonecas francesas, superficiais e inúteis, e querendo escapar às novas regras maternas, a que não se habitua, simula para os outros uma idade que não tem, mas sente.

Talvez assim, quem sabe, a casem…

Ou ela fuja?

†

Acabara de se sentar à escrivaninha para continuar a carta que há dois dias anda a escrever a Carlos Augusto, dando-lhe conta do desatino dos seus dias, de tudo o que tem feito e engendrado a fim de obter dinheiro para saldar-lhe as dívidas,

quando uma açafata da Rainha chega para a levar ao Palácio de Queluz, mal lhe dando tempo de trocar o fato simples de fazenda inglesa cor de cinza que usa nesse dia, pelo vestido de seda azul-hortênsia, mais de acordo com a ida à Corte; põe ainda sobre os ombros a capinha de zibelina branca e nas ondas do cabelo cacheado um chapeuzinho de rosa-água, aba curta semeada de pequeninas pérolas.

Acorrendo numa mistura de esperança alvoroçada e apreensão sombria ao chamamento da Soberana, que desde a sua chegada a Lisboa ora se esquiva a recebê-la ora lhe dá motivos de esperança infinita, e que de súbito mais parece esperá-la impaciente. Nesta inesperada mudança, julga haver a influência benéfica do visconde de Vila Nova de Cerveira ou do arcebispo de Tessalónica, seu dilecto amigo. No entanto, ciente do

desagrado que provoca no ministro Martinho de Melo, Leonor acaba por ir mais temerosa do que confiante, receando as palavras de D. Maria.

Mal chega à câmara da Rainha, esta manda sair as damas de sua companhia, assim como as infantas, as fidalgas. E sem se deter em detalhes, fazendo Leonor sentar-se perto de si, diz-lhe de um só fôlego e tom grave:

– Saiba Vossa Excelência que tenho em meu poder cartas, bilhetes, poemas, enviados por D. Teresa de Távora, vossa tia, ao Rei D. José, meu Real Pai. Entre outras miudezas da intimidade de ambos, mas por demais conhecidas de todos, prevenia esta dama, aflita, o Rei meu Pai contra a raiva da sua família que é também a vossa, Senhora Condessa. Sobretudo, punha D. Teresa de sobreaviso Sua Majestade, para o ódio de vossa avó D. Leonor, Marquesa de Távora, a quem a senhora minha Mãe tanto respeitava, por ela tudo fazendo, infelizmente em vão, para que lhe fosse poupada a vida.

De olhos fitos nos dedos pousados no regaço, Leonor escuta em profundo silêncio a voz de vidro transparente da Soberana, e quando esta faz uma curta pausa de reflexão ou descanso fita-lhe o rosto magro e envelhecido, encontrando no seu olhar uma lucidez e uma severidade que em tudo contrariam os boatos postos a correr sobre a sua extrema melancolia. Olhando em silêncio, espera que ela continue, reparando na serenidade da sua voz:

– São cartas, bilhetes e poemas, Senhora Condessa, escritos em folhas quebradiças e lilases. Versos, declarações e confissões, traçados com uma tinta agora desbotada, esborratada pela humidade e pelos anos.

D. Maria recusa-se a confessar a hipótese que se lhe tinha posto de início, dessas manchas no papel poderem não ser devidas ao labor do tempo, mas sim a lágrimas vertidas no passado. Continuando como se falasse sozinha:

– Poderia eu ignorar semelhantes cartas?

Dos mansos e geométricos jardins do Palácio de Queluz para onde dão os aposentos reais, chega-lhes a fragrância intensa das acácias e das

glicínias, à mistura com o odor pesado das rosas sanguíneas a estiolarem-se na jarra de porcelana chinesa posta na mesa junto da qual se encontram.

Tentando perceber o que dela é requerido, Leonor faz finalmente a pergunta que a Rainha espera:

– E o que pretende Vossa Majestade da minha pessoa?

– Quero que a Senhora Condessa procure D. Teresa de Távora, vossa tia, no convento de Santos, e faleis com ela de modo a confirmar se estas cartas tiveram resposta de El-Rei D. José e, no caso afirmativo, tentar perceber se D. Teresa de Távora ainda as guardará consigo.

– E no caso de minha tia as guardar, será demasiada ousadia e indiscrição da minha parte querer saber o que pretende Vossa Alteza Real fazer com elas?

– Rasgá-las!

Mas D. Maria logo volta atrás, hesitante:

– Aliás, depende…

Dependerá de quê? gostaria de indagar Leonor, estupefacta. Por prudência cala-se, sem coragem para confessar à Rainha não se sentir capaz de procurar a marquesa nova, sua tia, que mal conhecera em menina, antes de a grande tragédia se abater sobre a sua família.

Desgraça motivada, precisamente, pela leviandade de Teresa de Távora, sentindo alguma indignação diante do inusitado encargo imposto pela Soberana. Mas, na verdade, começara já a sentir despertar em si uma incontrolável curiosidade, que a impele a satisfazer de bom grado a vontade da Rainha. Acede a voltar no dia seguinte, a fim de levar a autorização que lhe permitirá entrar no convento de Santos.

†

Leva ordem da Rainha para entrar no convento de Santos.

Primorosa e severa no trajar, véu negro de renda aberta sobre os cabelos dourados, passo curto, moderado e porte com a reserva necessária para quem está incumbida de uma tarefa Real, do interesse de D. Maria.

Teresa vê-a entrar

retraída, olhar esquivando-se ao seu, sorriso contrafeito nos lábios que, por momentos, lhe lembram os da sogra, assim como o orgulhoso talhe da figura. Tão idêntica a Leonor de Távora, assim meia encoberta pela penumbra existente entre o corredor e a entrada dos seus aposentos, que fica tolhida na cadeira de pau-santo onde está sentada, como se tentasse escapar a um contacto que jamais pediria com a família da qual há muito fora banida. Na verdade, sente ainda o peso do ódio a arruinar-lhe a vida, desde a data em que quase todos os Távora foram exterminados no cadafalso montado em Belém.

Durante o tempo que Pombal demorara a encenar e a executar a tragédia, ficara fechada no convento do Rato, castigada pelas freiras com jejuns, rezas e cilícios. E só no fim e a seu pedido por escrito, o Rei a deixara sair, montara-lhe uma casa na freguesia de Santiago, arranjara-lhe criados e aias, dera-lhe uma sege e uma cadeirinha. No entanto, as portas de todos aqueles com quem antes convivera fecharam-se-lhe, e quando o Soberano ficara saciado preferira esquecê-la, desse modo cedendo facilmente à pressão da Rainha Mariana Vitória e das princesas, do confessor, dos fidalgos seus conselheiros e do próprio Sebastião José, que sempre condenara a ligação de ambos. Mandaram-na então para o convento de Santos onde acabara de criar a filha, recebendo uma pensão anual de seis mil cruzados, mantida mesmo depois de D. José ter morrido. Nunca lhe faltando ali dentro o conforto e até algum luxo.

A Rainha cumpre rigorosamente a promessa de honra de seu Pai, sem todavia esconder quanto a despreza; o mesmo desprezo que vê reflectido no olhar da sobrinha, que à entrada da porta parece aguardar um gesto de boas-vindas. Teresa repara nela com atenção, tez clara, bonita e alta, sem se recordar de como ela fora em menina.

Por seu lado, Leonor, ao vê-la sentada perto da janela, amodorrada e abatida, acha-a velha, sem nenhum viço. E sente-se surpreendida, embora reconheça que seria impossível encontrá-la tal como lhe dizem ela ter sido: ágil e torneada embora muito magra, cabelos negros e fartos ondeando pelas costas morenas, tornozelos finos deixados a descoberto no

ousado erguer das saias. Boca húmida e olhar mórbido, demorando-se a provocar os outros com o seu riso; risadas argentinas como serão recordadas, gargalhadas fúteis de quem não tem tino nem cuidados na vida.

Por fim, Teresa ergue-se com vagares demorados e Leonor aproxima-se. Sem se tocarem nem cumprimentarem, fitam-se com desconfiança mútua, prontas ao recuo; ressentimento de fio de lâmina afiada, gestos que se recusam e se imobilizam no gelo onde se prendem.

Nenhuma delas aceitando a outra.

Leonor, por causa da desonra da família, a morte dos avós e a sua própria prisão no convento de Chelas.

Teresa, pelo facto de a sobrinha estar ali a reabrir-lhe a antiga ferida no lado esquerdo do peito, que julgara cicatrizada. Ao mesmo tempo, dá conta da beleza e da elegância dela como especial agravo, pois vem realçar a fealdade da filha desde sempre maltratada, como se não fosse igual aos outros netos dos marqueses de Távora.

Finalmente sentam-se diante uma da outra, a sentirem a brisa tépida que não as alivia do lume do calor, e Leonor informa-a tê-la procurado a mando da Rainha D. Maria, a fim de saber se as cartas de amor encontradas na gaveta de D. José são dela, se dizem a verdade, se tiveram resposta do Rei.

E caso isso tenha acontecido, se as guarda e onde as guarda.

O rosto de Teresa acende-se, os olhos nocturnos brilham e os ombros erguem-se num assomo de raiva:

– Para quê essas perguntas passados tantos anos? Porquê reabrir o que parecia sarado?

A voz freme-lhe, arde, resguardando o segredo.

Mas Leonor insiste.

Punindo-a?

Como não admite pedir perdão nem piedade, Teresa, em vez de continuar a insurgir-se, acalma-se; e num tom seco, confirma que o Rei lhe escrevera cartas, que ainda guarda. Mas, de rompante, o medo antigo

está de volta, trazendo junto o ódio vingativo da marquesa de Távora, sua cunhada e sogra. E sem perceber o motivo por que o faz, começa a desabafar o que tem guardado no peito, desamparada, sem aprisco possível.

Ao dar-se conta de estar em silêncio a escutá-la há horas, como se lhe aceitasse os argumentos, as escusas, os motivos, e finalmente as acusações, Leonor sente-se traidora

diante da memória de sua avó, Leonor de Távora.

†

Teresa de Távora vê a sobrinha voltar-lhe as costas e partir sem se virar uma única vez, rejubilando, as cartas de D. José atadas com fita de cetim escarlate apertadas ao peito com afinco voraz, para as ir entregar à Rainha e desse modo conseguir, por certo, a paga da sua gratidão. Indiferente ao deixá-la para trás trancada na sua clausura, rosto branco como a cal e olhar estilhaçado, os dedos fincados como garras na seda preta do vestido subido no pescoço engelhado, que já fora de garça, pois para entregar as palavras do Rei seu amante se vestira de luto.

Apesar de tudo, fizera Leonor de Almeida voltar mais três vezes ao convento de Santos antes de se dar por vencida e entregar a correspondência ardente que sempre guardara com mais cuidado do que se fossem diamantes canários.

Pressionando-a a sobrinha de toda a maneira e modos de ameaça velada, fazendo-a antever um futuro sem eira nem beira caso recusasse entregá-la à Soberana. Mesmo assim teimara o que pudera na recusa de se apartar das cartas e dos bilhetes, agarrada ao passado; lendo e relendo as palavras de fogo que quase esquecera, os termos exaltados, os nomes de pomba e ninfa com que D. José a tratava.

Por fim, percebendo o perigo a que se expunha, abrira as cartas uma por uma, juntamente com os bilhetes a marcarem encontros clandestinos, e com eles cobrira a colcha de renda da cama, e na sua quentura se deitara

ao comprido, a ouvir sussurrar debaixo de si as suas páginas, como se fossem gemidos de prazer.

Únicos liames de atamento à memória de si mesma no passado, quando fora a paixão, o delírio e a infidelidade, que levara à morte violenta a sua família mais chegada, sem que alguma vez tivesse sentido remorsos por isso. E mesmo assim a sua sogra Leonor de Távora lograra ser considerada como a primeira personagem de toda aquela história de perfídias, traições e crueldades inimagináveis.

Em seguida alisara as cartas já amarelecidas, juntara-as e tornara a atá-las com o fitilho púrpura.

Todas menos uma:

a mais longa e apaixonada, que escamoteara, escondera, roubara à Rainha. E quando a sobrinha, levando-as consigo, sai batendo com a porta, ela sente a única carta que lhe resta a arder junto aos seios.

Como jamais as carícias de El-Rei D. José conseguiram alguma vez incendiá-la.

†

Meu querido Carlos

«Que extravagância é esta das minhas cartas? Não falhei um correio, meu amigo; o único prazer que tenho no mundo é o de te escrever. Apercebo-me de que querem atormentar-te e inquietar-te. É de todas as crueldades que podem exercer sobre nós a que mais me aflige. Porquê privar-nos também desta concertação? Acabo de passar por um atraso na semana passada, mas acabaram por me entregar essa querida carta pela qual pus Lisboa em sobressalto; gritei, chorei, mandei todos os criados a toda a parte para saberem se alguém tinha recebido cartas de Paris, e se nelas se falava de ti; enfim, talvez os tenhas comovido e eis que finalmente recebi as cartas atrasadas um correio; quando toda a gente tem notícias do dia 18, eu tenho do dia 15.

“Meus caros censores! Dirijo-me também a vocês: berrem, exasperem-se, mas não direi nada que vos possa interessar. Achar-me-eis extravagante, bizarra, tudo o que quiserem, mas de maneira nenhuma indiscreta; eis o desafio que tendes: encontrar nas cartas que dirijo a meu marido qualquer frase que vos possa ferir. Para quê? Para justificar os vossos rigores? Não. Sabei que a minha alma é em privado como é em público. Perdoo-vos e lastimo que estejais reduzidos a profanar a boa fé pública para procurar faltas naqueles que as não têm. Escutem, pois: é a meu marido que falo e garanto-vos que um terceiro entre marido e mulher também me irrita muito.”

Meu querido Carlos, os que lêem as nossas cartas sabem muito bem que posso ter razão em aconselhar-te a que tenhas coragem e a que ganhes forças com reflexões salutares. Temos uma boa e adorável Rainha, estou segura das suas atenções para comigo; e eu e tu não somos a mesma pessoa? Ela quer a minha felicidade; poderei eu ter disso o exclusivo? Não, seguramente. Aguardemos ainda alguns dias com moderação e paciência e eu amolecerei o próprio rochedo que me barra o caminho para a felicidade.

“Sim, M. de Melo, eu enternecer-vos-ei porque vós tendes virtudes e preconceitos; empregarei as primeiras para destruir os segundos. Vós mesmo, que me detestais, sereis meu amigo, sereis meu defensor quando me conhecerdes. Vós sois um homem de bem; atacais-me demasiado vivamente, demasiado claramente para que eu vos tema; o mal está em que não posso opor à vossa espada afiada senão um frágil leque. Sabeis o que faria se tivesse uma espada? Quebrá-la-ia; as minhas armas são dessas que também vos evitarão muito bem: a moderação, a razão e a doçura. Quereis conhecer o meu alfageme? É o meu marido. Eu era tão veemente e arrebatada quanto vós; os seus conselhos e as suas virtudes franquearam-me esta rota mais doce e eis-me perante vós sem experimentar a menor cólera, a menor impaciência.”

Falemos de outras coisas. Os meus arranjos pecuniários depressa estarão concluídos. Enviar-te-ei certamente o dinheiro, mas aqui os

negócios não andam tão rápido quanto é meu desejo; tudo se arrasta, mas que isso não te impaciente. A Rainha e o nosso respeitável Arcebispo, que amo como meu Pai, conhecem todos os nossos negócios e as razões dos atrasos. Estou muito satisfeita de que tenhas visto a respeitável família Necker. Peço-te que digas da minha parte quanto me lisonjeia a sua lembrança. Pergunta a M. Necker se ele recebeu a carta que lhe mandei por Fernando de Lima. A opinião de um homem como ele tem seguramente um preço infinito. Podes dizer a M. Marmontel que se eu valho alguma coisa numa arte cujos princípios ele tratou de forma sublime, é às suas lições que se deve esse milagre. O seu livro foi o meu primeiro professor de poesia e o que me perturba é nunca honrar suficientemente o mestre através de obras imortais.

Adeus meu querido Carlos.
Nelly

Lisboa, 5 de Maio de 1788»

†

O ministro Martinho de Melo sabe que não deveria ir a casa da condessa de Oeynhausen. Mas acaba cedendo ao seu apelo, atravessa o Tejo e segue até Almada, onde ela se encontra enquanto a Corte estiver nas Caldas da Rainha.

Leonor recebe-o numa pequena sala íntima e delicada. Tem os cabelos dourados ondulando soltos sobre os ombros, vestido simples de cassa azul-jacinto, olhar de anil e recolhido, parecendo ao ministro da Rainha de uma beleza mais fascinante que nunca.

Mas também mais cortante, insolente, mais impositiva e ambiciosa, depressa lhe enumerando sem rodeios aquilo que a trouxera de França, e que pretende a todo o custo alcançar, para além da tença que entretanto já lhe fora atribuída por D. Maria:

– Uma caução da Rainha sobre o empréstimo necessário para pagar as dívidas do conde de Oeynhausen, meu marido; a autorização para ele abandonar de vez a sua enviatura em Viena; e finalmente o regresso a Portugal, para ocupar um alto cargo no exército português.

Estupefacto, Martinho de Melo mantém-se em silêncio. Nunca por escrito a condessa adiantara tanto sobre as suas verdadeiras pretensões, jamais fora tão directa, tão clara, tão franca como naquele dia à sua frente, ambos conscientes de estarem sozinhos e sem testemunhas.

Como num passe de mágica, mudara ela de face, de voz, de registo; a trocar o comedimento pela ferocidade, a voz mitigada pelo tom altaneiro, a doçura pela aspereza, a humildade feminil pelo orgulho de fidalguia ofendida.

Sem peias diz-lhe o que sabe e também o que adivinha estar a maquinar-se nas suas costas. Cita nomes, factos, situações, encontros clandestinos, teceduras, ardis tramados contra ela e seu marido, desde a partida deles para a Áustria.

Fala de deslealdades de quem lhe está perto.

Exige justiça.

O ministro continua mudo, sem saber como lidar com uma mulher assim, altaneira, insubmissa, fantasiosa, tão diversa de todas as que ele conhece. E apesar de considerar que o seu discurso tem uma virilidade não condizente com a sua beleza dúctil e extremamente feminina, resolve usar de galanteria, como sempre faz com as damas, a aconselhá-la, a abrir-lhe os olhos, a expor-lhe com clareza aquilo que ele sabe do conde de Oeynhausen, da sua conduta, das suas incapacidades diplomáticas, das suas debilidades, das suas dívidas de jogo. Vendo-a aquietada, erradamente supõe-na rendida às suas palavras, continuando já conciliador:

– Sei que Vossa Excelência é mulher, ama o Conde vosso marido, mas como todos bem sabemos o amor cega, Senhora Condessa, o amor cega…

Leonor levanta-se, muito pálida, a dar por findo, quando Martinho de Melo menos espera, o encontro pedido por ela. E enquanto, curvado,

aguarda de Leonor de Almeida a mão que ela não lhe estende, percebe perturbardo que poderia deixar-se enredar pela sua beleza esquiva, e enlear pelas suas palavras, os seus argumentos, a sua altivez de rainha.

†

DIÁRIO

Depois de Martinho de Melo ter saído, fiquei sozinha com a minha indignação, sem ter ninguém em quem confiar, com quem desabafar a raiva sentida contra o ministro da Rainha.

Confusa e ao mesmo tempo consciente de não o poder vencer, sem todavia deixar de estar contra o facto de ele se servir *«do poder e da sua arrogância, para vir a casa de uma mulher que, sem embargo de nascer numa ordem diferente da sua, se acha pobre, longe do marido, com os seus filhos dispersos, despedaçada de cuidados, e pedindo-lhe misericórdia, pedindo-lhe justiça, para vir, digo, a minha casa ostentar uma excelência com que não nasceu, maldizer e caluniar meu marido, instar comigo que abra os olhos e que atribua à cegueira da minha amizade as qualidades boas que lhe suponho!»*

Mas à medida que escrevo vou-me dando conta de que sobre toda esta minha zanga paira a sombra da solidão.

Um enorme vazio.

Sinto-me uma estranha diante de mim mesma.

Almada, 15 de Maio de 1788

†

Fecha a porta dos seus aposentos com cuidado.

Dispensara Angélique.

Está sozinha.

Tira a capa com capuz de tafetá negro, forrada de vermelho. Pousa-a em cima da cadeira de vestir, perto do espelho de corpo inteiro com moldura de embutidos, e vendo esquecido no assento de palhinha o xaile usado na véspera, cobre com ele os ombros que o vestido cor de fogo deixa a descoberto, arrepiados pela temperatura sombria do quarto.

Aproxima-se da janela, abre as suas portadas de madeira e fica esquecida a olhar o jardim: as faias rumorosas, o cedro, e logo adiante a tília, a madressilva em flor, a lúcia-lima, e perto do banco de azulejos debaixo da magnólia, as rosas de cacho, os crisântemos e os narcisos ocres. Mais além distingue o telhado de vidro da estufa onde cuida das orquídeas.

Já quase perdeu a conta do tempo passado em Portugal. Talvez um ano, calcula, e continua sem poder partir, pois tudo o que a trouxera mantém-se sem resolução.

Sente-se mais perturbada do que quando chegara exausta da viagem e ansiosa por regressar à Pátria entretanto reinventada por si, a torná-la mítica através da saudade.

Saudade que dela ninguém tem… Carlos Augusto anda demasiado entusiasmado em Paris para a querer de volta, e os filhos deixara-os tão pequenos que nem dela guardam imagem.

Leonor vai até à escrivaninha onde pousara a carta do marido. Desdobra-a e volta a lê-la, demorando-se nas passagens onde com insistência lhe é recordada a prioridade máxima que ele atribui ao pagamento das dívidas.

De tudo aquilo que terá de fazer, o mais difícil será dirigir-se de novo a Martinho de Melo, depois de quase o ter expulsado de sua casa, e que a partir de então nem por cortesia cavalheiresca lhe respondera aos apelos, nem mesmo à longa representação em que ela lhe tornava a expor as razões das suas demandas.

Indelicado e significativo silêncio,

interpretado por ela da pior forma, fervendo de impaciência e de orgulho ferido.

†

DIÁRIO

Acabo de pedir a Sua Majestade uma licença para que Carlos Augusto possa vir ter comigo e com as nossas filhas a Portugal, trazendo com ele Henriqueta e Carlos Agrário. Tenho esperança que nos seja concedida, pois se é preciso esperar em Paris, onde tudo é tão caro, seria então preferível que ele o fizesse em Lisboa. *«Sua Majestade vê evidentemente as razões que obrigam a isso»*, e ninguém duvida do desejo de meu marido servir e de ser útil ao nosso país.

A resposta deverá ser positiva, caso não passe pelo crivo de Martinho de Melo.

Lisboa, 3 de Junho de 1788

†

Às vezes acontece-lhe sentir inesperadamente o cheiro inconfundível da clausura, numa mistura do sebo das velas consumidas até ao coto e entornando-se ao longo dos candelabros de bronze e de prata, do azeite queimado pelas lamparinas bruxuleantes de luz difusa postas aos pés das imagens, do ferrete da humidade a supurar nas paredes de pedra grossa e depois em pequenas gotas, que tremeluzem como lágrimas.

Nesta amálgama confusa, encontra-se também o toque a podridão da água das flores olvidadas nas jarras dos altares da capela do convento de Chelas, e o rastro cediço dos sangues aquecidos do corpo, escusos e furtivos, a escorrerem por baixo dos hábitos das freiras, fedendo quando um passo mais largo ou apressado lhes ergue as saias pesadas. Assim como a acre mistura de suores reprimidos e de hálitos azedos, que nem a

doçura da madressilva e da lúcia-lima vinda da cerca do mosteiro abrandava.

Esta amálgama de odores,

visita-a por escassos segundos, como se fosse um relâmpago logo consumido sem deixar rasto; uma onda de pestilência a dissipar-se de imediato, diante da multiplicidade dos perfumes que se adensam à sua volta, se crispam e soltam, inebriantes, numa cintilante nuvem que os leques sabem deslaçar, entreabrindo os nós que o almíscar e o jasmim dão entre si. Ocre e resina em desacerto no caroço do fel; água de rosas a abrir-se, trespassada pela leveza da perfeição.

Por vezes, há ainda a indolência.

Fusão perfumante a dissimular quer as lembranças que a mantêm ancorada ao passado, quer os odores pesados dos corpos mal lavados da realeza e dos fidalgos. Mas na memória, as recordações que permanecem são as obsessivas e inevitáveis; daquelas que voltam sempre, mais cedo ou mais tarde.

Antigas.

Íntimas e amargas.

†

CADERNO

Pedro finalmente apoia-me: *«Creio que ele sentiu todo o horror da minha situação e me dá mostras de um interesse tão carinhoso e tão verdadeiro que, com efeito, me consola muito.»*

Tanto ele quanto eu temos a certeza de que a nossa correspondência continua a ser aberta e lida. Além do mais, «os moscas» de Pina Manique

rondam-me a casa, e o próprio intendente, quando me encontra na Corte, não desprende de mim o seu olhar de folha de aço.

Só me resta voltar a usar tinta simpática nas entrelinhas, tal como fazia no convento quando escrevia a meu Pai, temendo que, como agora, lessem a minha correspondência.

Lisboa, 8 de Julho de 1788

†

Leonor hesitara ainda, mas acaba por ir ao jantar diplomático em casa do Núncio Apostólico para o qual fora convidada. Prepara-se com cuidado, a disfarçar a palidez das noites passadas em claro e da aflição causada pelos inúmeros reveses, pesados rochedos que não consegue remover da sua vida para seguir em frente.

São quarenta os convivas, ficando ela sentada entre o Príncipe de Castel Alcalá e Martinho de Melo e tendo à sua frente o visconde de Vila Nova de Cerveira.

A mesa estreita aproxima-os uns dos outros. Curiosa, tenta perceber qual a reacção do ministro da Rainha por o terem colocado a seu lado, mas ele, depois de a cumprimentar com delicadeza, entretém-se a falar com o visconde.

Leonor olha à roda a dar conta das pessoas que conhece, de quem está ao alcance da sua voz, e começa a elaborar um plano, uma estratégia, a medir o terreno, a calcular os poderes e as forças, crente de que, com o seu *savoir faire*, poderá encontrar um meio, um modo de encurralar em público Martinho de Melo, levando-o a comprometer-se diante de todos naquilo que ela pretende.

Deixa que o almoço prossiga, que o secretário de Estado da Marinha e do Ultramar se distraia, se descontraia, abra guardas, se torne confiante e desatento até considerar a sua presença inofensiva. E quando ele menos espera, agarrando-se a um qualquer pretexto da conversação, dirige-se-lhe

sem meias palavras, temperando a voz que levanta de modo a ser escutada.

Interpela-o, indaga-o, questiona-o e, sem esperar as suas respostas, elogia o marido enumerando-lhe as virtudes, vinga-o isentando-o de culpas em tudo o que habitualmente Martinho de Melo o condena. Este cora, olha-a com amenidade a disfarçar a raiva de que está tomado ao ver-se humilhado em público, mas tenta ainda calá-la através da lisonja e da galanteria.

Fora de si, ela previne, olhando em torno:

– Se me acontecer a mínima cousa ou a meu marido, será obra do senhor Martinho de Melo.

E perante o silêncio constrangido cavado à sua volta, acrescenta num tom já brando:

«Ouso dizer tudo porque só digo a verdade.» E acrescenta, dirigindo-se-lhe directamente: *«Se desde que vós governais os homens vos tivessem dito a verdade com esta franqueza, talvez tivessem sido mais felizes.»*

Martinho de Melo torna a corar e, apesar de não iludir o rancor no modo como a fixa, promete que depois do jantar escutará tudo o que ela tenha para lhe dizer sobre os seus negócios. Mas quando o procura dizem-lhe que o secretário de Estado já saíra. E pela primeira vez naquela noite Leonor assusta-se com a sua temeridade,

com a insensatez do próprio acto.

†

«Escrevo-te duas linhas, meu querido Carlos; espero que partas em breve e que em vez de te escrever tenha o prazer de te abraçar. Estive ontem na Corte e beijei a mão a Sua Majestade e ao Príncipe em cerimónia pela mercê que vos fez. Como Sua Majestade me ordenou que lhe fosse beijar a mão em tal dia, bem vês que tenho motivo para me animar e esperar. A Rainha deu-me a honra de me tranquilizar sobre o tempo e a época da tua viagem. A Senhora Princesa e a Senhora Infanta disseram-me tudo quanto há de mais lisonjeiro; da parte do público

recebi também testemunhos de interesse, quer dizer aqueles que dizem respeito às coisas pois só a fortuna tem amigos, tive disso boa experiência. Os nossos filhos ainda não chegaram; podes imaginar com que impaciência os espero. As nossas pequenas estão bem e eu beijo-te enternecidamente. Espera-se aqui o Sr. Pinto a todo o instante. Não quero escrever mais porque acho que já terás partido quando a minha carta chegar. Deus te conduza e te abençoe, meu querido amigo.

L.

Lisboa, 29 de Agosto de 1788»

†

D. Leonor de Almeida entra cautelosa com a bolsinha de cetim cor de pérola, bordada com palhetas e missangas, no braço enluvado; rolo de papel agarrado e preso entre os dedos. E depois de prestar as suas homenagens a minha irmã a Rainha, dirige-se a mim, sorriso um tudo-nada enevoado.

Penteado singelo com o seu cabelo natural, cabeça um pouco inclinada sobre o ombro direito, vénia curta aguardando o meu gesto. Digo-lhe para se sentar à minha beira, perto do clavicórdio onde gosto de me refugiar enquanto ouço música ou vou lendo, pés pousados num escabelo de damasco.

Hoje falta-me José a meu lado e o cheiro da sua pele jovem, ultimamente afastando-se do convívio de todos, melancólico e de uma palidez doentia, debilidade que nele vejo aumentar, perturbada ao senti-lo sucumbir às suas insónias, queixando-se de estar a reviver memórias que não lhe pertencem, e sim a Afonso de Portugal, filho de D. João II.

Tento não o deixar soçobrar na depressão, enquanto por meu lado me esforço por vencer o medo que me dão estas comparações irracionais, a vê-lo enredado na vertigem da queda, como se fosse impelido a resgatar à eternidade algo que não lhe pertence.

Vejo o espanto aparecer no olhar dobado de D. Leonor, ao perceber o meu desassossego de mulher apaixonada por seu marido; afinal, nenhum de nós adivinhava podermos vir a querer-nos tanto ao aceitarmo-nos, casamento decidido pela vontade moribunda de meu pai El-Rei D. José.

Assusto-me de amor pelo meu Príncipe.

†

Os seus cabelos de fogo são como uma auréola,

reflectindo o sol que naquele dia de Setembro incendeia as estreitas ruas de Lisboa.

Lilias Fraser sente no corpo solto debaixo do vestido largo o brasido do verão; atordoada, segue cosida à parede, tentando mitigar o calor nas breves e minguadas sombras de alguma varanda das casas amodorradas; então, estilhaçando os ares pesados, o silêncio da tarde é cortado pelo ruído sacolejante e áspero de um cortejo de carruagens e cavaleiros a aproximar-se.

Do vão de um portal ao qual se encosta no passeio estreito, Lilias Fraser vê despontar os carros reais, dois deles ladeados por fidalgos montados nos seus cavalos brancos ou negros, pêlo de lustro escovado e crinas entrançadas com fios de ouro.

Quando chegam mais perto o olhar dela fixa-se no belo Príncipe do Brasil seguindo ao lado do carro da sua mulher, a Princesa Maria Francisca Benedita, que assomada à pequena janela aberta tenta chamar-lhe a atenção; mas o Príncipe D. José, com os olhos melancólicos, parece buscar alguém que nem ele mesmo sabe quem seja, acabando por descobrir por entre o povo que entretanto acorrera, a mancha de cobre chamejante dos cabelos revoltos de Lilias, e à medida que chega mais perto distingue-lhe a pele lívida de ruiva e o olhar fixo e dourado, que não o desfita, recôndito e absoluto, onde ele já se perde.

E ambos, imobilizados, olham-se, durante breves segundos esquecidos do mundo, das carruagens que seguem em frente sem ele, agora nimbado por uma súbita luz que não vem do sol mas o acrescenta, permitindo a

Lilias Fraser ver o negrume, o veneno, o laivo, a nódoa que por dentro do Príncipe o vai corroendo enquanto desliza no seu corpo aparentemente intacto; por entre cisternas, túneis e mares obscuros, bebendo das suas veias,

quase a atingir-lhe o coração de rubi húmido.

†

Todos os sinos das igrejas de Lisboa dobram a finados pela morte do Príncipe D. José.

Chora-se nas ruas.

Leonor vai à Corte a fim de estar perto de D. Maria e apoiar no que for preciso a Princesa Maria Francisca Benedita. Mas esta encontra-se fechada nos seus aposentos, sendo vista somente de longe indo em direcção da câmara de sua irmã e sogra a Rainha, no seu luto carregado de viúva que a adelgaça, a pele muito branca realçada pelo negrume do vestido a torná-la trágica, chorando o marido, a ser embalsamado.

O habitual bulício do Palácio de Queluz deu lugar a um pesado silêncio a tolher-se nas lágrimas, no desgosto e no espanto caldeado pela dúvida diante da repentina desgraça, hesitantes diante da sua causa, pois se há quem acredite no diagnóstico de varíola feita pelos médicos da Corte, há também quem teime na tese de envenenamento. A dúvida permanece a dividir as opiniões.

Mariana de Arriaga que, mal pode, procura Leonor, encontra-a na companhia da condessa de Soure, olhos cintilantes como constelações e pupilas dilatadas pela beladona. O conde seu marido será um dos maiores fidalgos que conduzirá no enterro o coche funerário do Príncipe do Brasil, na companhia dos marqueses do Lavradio, de Angeja, de Pombal, de Penalva e do Alvito. O cortejo seguirá até São Vicente de Fora, com os restos mortais daquele que fora considerado

o Príncipe perfeito.

†

É Teresa de Mello Breyner quem, embora de má vontade, apresenta Leonor a Catarina de Lencastre, recentemente chegada de Londres onde o marido, Luís Pinto de Sousa Coutinho, fora até há pouco embaixador de Portugal.

Tal como Leonor, Catarina é ousada, ambiciosa, faz poesia. E quando se encontram na inquietação uma da outra, percebem terem idêntico gosto pela leitura e os mesmos autores preferidos. Logo descobrem poderem completar-se, divertirem-se juntas, trocarem versos e ideias cultas.

Vindas de cortes evoluídas da Europa, sentem-se deslocadas, isoladas, estrangeiras no país em que nasceram.

Teresa ainda tenta pôr ordem naquela amizade nascente que prevê tumultuada, mas elas riem-se já cúmplices, já íntimas não o sendo, e ficam o resto do serão a conversar costurando pequenos silêncios e a recitar poemas. No final da noite, ao despedirem-se, prometem trocar bilhetes no dia seguinte, e voltarem a ver-se naquela mesma semana.

Quando Teresa leva Leonor a casa na sua sege e, mais enciumada do que severa, lhe chama a atenção para os perigos que podem ocultar-se em amizades apressadas com pessoas de pouca confiança, percebe que a amiga nem sequer a escuta. E subindo ao de leve a mão ao peito,

Teresa sente o coração vacilar.

†

Veste um fato direito, cor de pêssego,

corpete de ametista e ouro ainda cingido, cintura marcada por uma larga fita de tafetá num tom macerado de pérola toldada.

Sentada sob a magnólia de folhas acetinadas, tenta concentrar-se inutilmente naquilo que a preocupa. O outono ameno leva até si uma cálida e leve brisa de afago, e ela deixa-se enlear, a perder-se de bom grado no sonho. As flores grandes e brancas dos ramos baixos quase lhe afloram os cabelos soltos.

Tem um livro entreaberto no colo.

A *Gazeta de Lisboa* deslizara entretanto da sua saia até tombar por terra, ficando desdobrada aos seus pés. Leonor, de olhos semicerrados, fita a lonjura à sua frente. A seu lado, um renque de narcisos empresta à paisagem o toque apetecido, de inesperado requinte, ao qual no entanto fica indiferente, de tal forma sente o coração sobressaltado por sentimentos que não domina. Não é por acaso que se lembra dos versos de Camões: *«Erros meus, má fortuna, amor ardente / em minha perdição se conjuraram; / os erros e a fortuna sobejaram, / que para mim bastava amor, somente.»*

Sempre se sentira fascinada por este poema. E durante um brevíssimo segundo deseja conseguir ultrapassar o equívoco onde mergulhara, na dissimulação em si própria do desassossego, da austeridade, das intimidades recônditas e perturbadoras.

O pior é o freio que tem por hábito pôr aos sentimentos, não estando o problema naquilo que desfaz ou faz de errado, mas sim naquilo de que, como agora, abre mão ao desistir de si mesma.

Fecha os olhos, abalada com os pensamentos que a assaltam e que de futuro terá de evitar se quiser seguir em frente sem demasiados conflitos interiores, nem tormentos de alma dilacerada. Inquieta, põe algumas pétalas da margarida que desfolhara entre as páginas do *Oberon* de Wieland.

A escutar o silêncio que a aragem quebra ao perpassar pelas árvores, sedenta de cada uma, Leonor desvia-se de um raio de sol ilusor da sombra protectora da magnólia, temperando-lhe com lágrimas o ardor dos olhos febris.

A realidade ameaça-a.

†

Sempre que se sente cansado ou preocupado, o arcebispo de Tessalónica toma o estreito e arborizado caminho que liga o Palácio de Queluz à Matinha, lugar de retiro e de sossego onde a beleza parece espraiar-se do modo mais amável.

É capaz de andar horas sozinho por entre o arvoredo, antes de se sentar à sombra a sentir o perfume dos arbustos e das rosas selvagens, na tentativa de descansar o espírito demasiado sobrecarregado com as cousas terrenas. Procurando ao mesmo tempo alinhar as ideias desgovernadas pelo conhecimento diário das traições e das intrigas e mentiras, fruto do constante e pertinaz intuito de alguns fidalgos, que ele conhece bem, de tomarem nas mãos as rédeas do poder político, que por direito só pertence à Rainha, quanto a ele demasiado débil, demasiado fraca, demasiado sensível para lhes fazer frente com a firmeza e o pulso de ferro que merecem.

De momento anda especialmente preocupado com o caso da condessa de Oeynhausen, vinda de França a meter-se na boca do lobo, sem protecção de ninguém: nem de D. Maria, desta vez arredia em ajudar a sua antiga valida, nem da Princesa Maria Francisca Benedita, enredada nas malhas sedutoras da condessa de São Paio. Quando muito, terá o apoio das amigas, dos poetas, e nenhum deles possui influência digna desse nome. Por outro lado, D. Leonor mais parece cavar a própria sepultura, excessivamente imaginosa, excessivamente ousada, excessivamente ambiciosa, determinada e frontal para uma mulher.

Cansado de caminhar, o confessor da Rainha acaba por se sentar num banco de pedra debaixo de um sobreiro da pequena tapada, distraído com as inúmeras gravidades de que tem conhecimento através das confissões da Soberana, a quem ao fim de tanto tempo ele se ligou por um afecto sincero. E agora tenta encontrar maneira de desenredar os nós cegos das intrigas e das mentiras, pensando em como poderá ajudar a adoçar a aspereza da Corte em relação à estranheza da condessa de Oeynhausen.

Embrenhado nos seus pensamentos, o arcebispo não se dá conta dos passos furtivos que se aproximam por entre a folhagem densa, das mãos nervosas a afastarem os arbustos; não ouve o esmagar dos líquenes, o pisar da erva e da terra, nem os estalidos dos galhos e dos gravetos partidos pelos gestos bruscos ou mesmo os passos precipitados de quem já se aproxima em corrida.

Distraído, frei Inácio de São Caetano vira-se de frente para o sol a baixar no horizonte, e fecha os olhos. Mas de súbito sente a luz do crepúsculo a estourar na sua cabeça e desmaia sem se dar conta da brutal pancada que o derruba.

Mesmo assim os sicários continuam a espancá-lo, com sacos de areia do rio que corre ali perto, empregando a força adequada a não deixarem marcas, indícios, pistas que levem a quem lhes pagara para fazer o serviço. E só param quando o vêem caído de bruços, no chão que cheira a húmus, a musgo, a insectos, à chuva da véspera.

†

A Rainha manda chamar o seu ouvidor.

Quer ser informada, pessoalmente, do que ele descobrira acerca da morte do arcebispo de Tessalónica, seu confessor, encontrado assassinado na Matinha. De olhos pregados no chão, o magistrado balbucia em surdina algumas palavras que a Soberana não entende.

Agastada, ordena-lhe com aspereza para repetir o que dissera, de modo a entendê-lo, mas a voz do h0mem continua tão embargada, trémula e misturada que D. Maria fixa nele o olhar gelado, o que acaba por emudecê-lo de vez, braços caídos ao longo do corpo atarracado.

– Não volto a dizer que quero escutar bem claro tudo aquilo que sabeis! – adverte-o a Rainha num tom gélido.

Muito pálido, o ouvidor recomeça do princípio o seu discurso, desta vez com precisão e clareza, esforçando-se por disfarçar o tremor das mãos. E vai expondo aquilo que, dia após dia, fora escutando, constatando, descobrindo; e, embora relutante, acaba por expor planos, nomes, vinganças. A enumerar as intrigas, as ratoeiras, os jogos de poder, as ambições desmedidas por si apuradas.

É a vez de D. Maria empalidecer, à medida que ele fala.

†

Chora de raiva lágrimas que não enxuga.

A autorização que conseguira obter da Rainha para a entrada de Carlos Augusto em Portugal, acompanhado pelos filhos mais pequenos, acaba de ser cancelada, certamente por influência de Martinho de Melo. Leonor não tem maneira de prevenir o marido.

Na verdade nem mesmo sabe como resolver a própria vida.

Continuar em Portugal a partir daquele momento parece-lhe inútil e sem sentido. No entanto também lhe faltam forças para fazer a viagem de volta com Frederica e Juliana. Sente-se escarnecida, encurralada, derrotada pelos seus inimigos, por poderes que nunca teve nem tem. Mas, de súbito, para ela tudo fica muito claro:

Partirá por mar o mais breve possível.

†

Encontra consolo a escrever versos, à luz do sol ou à chama trémula e amarelecida da vela mantida acesa à cabeceira da cama, e que leva para a escrivaninha à qual se senta em camisa de dormir bordada, envolta num leve xaile pois as noites esfriaram.

Durante as madrugadas, no entanto, rasga quase tudo aquilo que escreveu.

Catarina insurge-se:

– Não tens esse direito!

Leonor exalta-se, confundindo-se nas explicações que presta a si mesma mais do que à amiga, que a escuta admirada com os súbitos excessos que dela desconhecia.

– Por isso eu prefiro a razão, compreendes agora? O coração importuna-me, confunde-me, afundo-me e perco-me nele! – E Leonor leva as mãos até ao rosto pálido da insónia da véspera.

– E as razões do coração? – indaga Catarina.

Mas Leonor continua a rodar em torno dos sentimentos que a perturbam.

E, embora relutante, acaba por responder:

– Fogo-fátuo, Catarina! Nada mais do que isso.

Nesses dias até a cinza do fogo inventado lhes põe o peito em brasa.

†

Desce o último dos cinco degraus que circundam o Jardim de Malta, e caminha devagar parecendo atraída pelos meninos de mármore que no meio do lago brincam com os seus jogos de água, sob a luz bruxuleante dos archotes a arderem ao sabor da noite calma.

Da Sala da Música de onde acaba de sair chegam-lhe os acordes do concerto para flauta e harpa de Mozart que, inquieta, não escutara até ao fim; pensamento na rosa-chá de haste longa que lhe fora enviada a acompanhar um bilhete, onde havia um curto pedido:

– Não parta!

Leonor sente-se febril, as faces ardem-lhe com a inesperada chama acesa no seu peito, e cede à tentação de imaginar em cada vulto que passa aquele que espreita, quem sabe se por entre o arvoredo, ou antes a disfarçar-se do outro lado do buxo recortado por caminhos dela bem conhecidos, com recantos sombrios onde às vezes se refugia, a sentar-se nos pequenos bancos de pedra, a querer fugir das conversas monótonas das infantas ou do riso solto e superficial das açafatas, dos murmúrios segredados das aias da Rainha.

Palácio de Queluz, onde ela gosta sobretudo dos aposentos de D. Maria Francisca Benedita, neles agora sempre recolhida, e onde Leonor fora despedir-se e entregar-lhe a Epístola que lhe era dedicada, escrita pouco depois da morte de Sua Alteza Real o Príncipe D. José.

Demora-se a recitá-la a pedido da Princesa viúva, na salinha fresca e acolhedora onde fora recebida, tapete de Arraiolos e cortinas leves, claras, cadeiras de braços forrados de cetim com galão de ouro, frente à escrivaninha de lareira onde está sempre pousado um tinteiro de bandeja com a pena atravessada.

Já mais tranquila, Leonor senta-se na borda do lago, deixando-se envolver pela tepidez do ar e do odor pesado e doce dos ananases vindo do Jardim das Estufas, cortado pela acidez dos limões e pela frescura do

cálamo. Mais perto de si destaca-se a fragrância das pequenas flores cobrindo os ramos do ácer que o luar parece transformar em prata.

Faz-se então um súbito silêncio, antes de as pessoas começarem a sair do palácio sufocante, em busca da frescura da noite. Para ela acabara a tranquilidade. Ergue-se, pois, e caminha devagar, cumprimentando de forma breve quem se lhe dirige, entra pela porta ainda escancarada da Sala da Música já vazia e toma o corredor por onde segue até à grande Sala dos Embaixadores, que atravessa a fim de descer pela escadaria dos Leões até junto ao Canal dos Azulejos, diante do qual está uma sege alugada que a espera.

Manda seguir para casa.

†

Toma-lhe a cintura estreita, tentando pela graça iludir a tristeza onde mergulhara depois de Leonor lhe ter comunicado que dentro de dois dias tomará o paquete de regresso a Marselha. Volta-a para si, aperta-a nos braços, mas lendo-lhe nos olhos o desagrado solta-a, melancólica, mesmo assim sorrindo um tudo-nada na tentativa de aliviar a conturbação das duas.

Estão na pequena estufa onde Catarina gosta de passar os fins de tarde, perdidas ambas num silêncio apenas cortado pelos cantar dos pássaros, que ao pôr-do-sol sempre regressam à mata abandonada no início do dia.

– Nem sabes como me magoas com a notícia da tua partida! – acaba por confessar Catarina, erguendo-se a desfolhar uma begónia branca que desponta breve por entre a desordem dos botões vermelhos das rosas-da-china, num contraste de sangue vivo com a aristocracia discreta, embora intensamente erótica, das orquídeas.

– E tu, compreenderás a minha tristeza por ter de partir? – responde-lhe Leonor, ficando ambas a recordar as horas passadas juntas, a tecerem uma amizade que fora crescendo nos últimos tempos.

Lá fora a buganvília cresce, rebelde e furtiva.

†

Bem pouca atenção e amor deste a Leonor Benedita enquanto aqui estiveste, e quase nada te demoraste reparando nela, ou se reparavas era sem a aceitares como é, querendo-a igual às irmãs; em vez de lhe dares carinho materno a apertá-la ao teu peito, sempre te afastaste, tão evidentemente preferindo Frederica e Juliana que magoava quem vos via juntas. E, alheada, parecias nem em mim divisares o desgosto, a doença, a queda, ou atentares na minha decrepitude, tu agora minha única filha, porque à outra levaram-na os anjos.

Afinal nem te falei da minha decepção, nem te recriminei como devia, quando apesar de saberes com antecedência a data da partida do paquete onde seguirias viagem nada nos disseste, comparecendo apressada com as minhas duas netas pela mão a despedires-te na véspera de voltares a França, de que tanto continuas a gostar, e onde há já mais de um ano o teu marido e os outros teus filhos te esperavam, enquanto por aqui tu andavas insistindo na teima de alcançares o sonho e a desmesura, sem aceitares da vida a sua parte do meio, que é a da realidade, nessa tua procura acerada e insana de quem unicamente reconhece os extremos.

Neste ano em que por cá estiveste, Leonor, bem te vi a fitares-me com domada raiva ou indiferença, sem nenhum sobressalto de ternura; mas eu sempre te conheci egoísta e mal agradecida, nada te bastando, filha, ansiando por mais do que aquilo que te possa ser dado. Como aconteceu desta vez com a nossa Rainha D. Maria, que de novo te distinguiu com a sua bondade, e tu, Leonor, em vez de lhe seres agradecida pela pensão que Sua Alteza decidiu dar-te, exigias mais dela e dos seus ministros, a rodeares as princesas sem escutares nem o teu Pai nem a tua Mãe ou os teus amigos.

Mas tu não escutas ninguém, Leonor, e orgulhosa como vieste assim partiste, sem nos fitares nos olhos, desmesurada e excessiva, mal me beijando no rosto tal como à tua filha, que volta a sentir-se por ti

abandonada, ora escondendo-se pelos cantos da casa, ora junto da cadeira à qual as pernas inertes me agarram. Foste embora sem em qualquer de nós atentares ou cuidares de nos ouvir. Mas o teu peito possui a dureza da lâmina da espada que os homens usam na ilharga, inquebrantada. Como Mãe adivinhei-te o coração atormentado não sei por que desgosto ou desgaste que, habilidosa, evitaste contar-me.

Despedi-me de ti, a imitar-te no modo distanciado, sem te apertar nos braços ao dizer-te adeus, enquanto com mágoa ardida saías de nossa casa, muito direita no vestido preto e vermelho de seda macia, sem te voltares para trás a olhares a tua filha Leonor Benedita, menina abatida à espera desse olhar ou de um gesto de carinho, antecipando a saudade. Mas a tua frieza, a tua arrogância, o teu desprendimento magoam-me tanto, Leonor! E a tua indiferença mais ainda, se isso é possível. A ferires-me com a farpa, o espinho de rosa que cravaste no meu coração desgastado de mãe, que por vezes imagina não lhe restar nenhuma filha.

OceanofPDF.com

†

XVII

OceanofPDF.com

†

Acorda-nos[4]

Acorda-nos! ou fala, ou muda o mundo;
Escute o nada o teu fecundo verbo.
Levanta-te, meu Deus! é tempo, é tempo;
De tão longo descanso te despede;
Extrai do Caos novo outro Universo.
Outras cenas demandam nossos olhos!
Outros milagres quer nossa alma incerta!
Muda a ordem dos Céus, que nos não fala!
Cria um sol novo, que este já não basta,
Não fere a nossa vista perturbada:
Destrói este palácio arruinado,
Tão pouco digno já da glória tua;
Vem! aparece tu, e a crer nos força!
Mas, quem sabe! Talvez naquela hora
Em que nos Céus desertos o sol d'hoje
Cessará de luzir sobre o Universo,
Do sol moral as luzes eclipsadas
Cessem de alumiar o pensamento;
E o dia que há-de ver de todo extinta
Esta soberba tocha, também lance
Na eterna noite o resto do Universo!
A tua inútil obra então quebrando,
Repetirão os séculos aos séculos
A famosa verdade que disseste:
Sou quem somente sou! O homem cego,
Quando acaba de crer, de existir cessa!

4 Imitação livre da XXVIII «Meditação» de Lamartine.

OceanofPDF.com

†

RAÍZES

Quando lhe comunicam a sentença proferida na véspera pela Junta de Inconfidência, a marquesa de Távora limita-se a erguer a cabeça em silêncio e a endireitar-se na cadeira diante da mesa de pinho da sua cela no convento das Grilas.

Há quem julgue vê-la empalidecer ao escutar a sua condenação à morte, mas há também quem garanta o contrário. Ao certo, apenas se sabem as suas palavras indiferentes:

«Cumpra-se depressa o que tiver de ser feito.»

Em seguida ela quer conhecer as decisões tomadas sobre seu marido Francisco de Assis e os filhos de ambos. Respondem-lhe somente:

– Iguais na pena de morte.

Ninguém jamais saberá se Leonor de Távora teria chorado na calada dessa noite, assistida apenas pela negrura da madrugada a ameaçar tempestade. No dia seguinte apresenta «a fisionomia severa e tranquila de sempre», testemunham as freiras que com ela convivem. Só os olhos de um intenso azul-violeta, embora secos e brilhantes, parecem abismados.

Mas a marquesa de Távora invoca o direito que lhe assiste de ler a própria sentença, desejo de pronto atendido. Debruçando-se ela sem queixa ou lágrimas ou lamento, sobre as palavras implacáveis que a condenam ao abandono da vida.

«E à Ré D. Leonor de Távora, mulher do Réu Francisco de Assis de Távora, por algumas justas considerações (relevando-a das maiores penas, que por suas culpas merecia) a condenam somente a que com baraço, e pregão seja levada ao mesmo cadafalso, e nele morra morte

natural para sempre, sendo-lhe separada a cabeça do corpo; o qual depois será feito pelo fogo em pó, e lançado no mar também na sobredita forma. Condenam outro sim a mesma Ré em confiscação de todos os bens para o Fisco e a Camera Real.

Palácio de Nossa Senhora da Ajuda, em Junta de 12 de Janeiro de 1759.»

Àqueles que a olham enquanto lê, ela parece indiferente, despida de qualquer sintoma de medo, repetindo no final com acinte a frase por si já pronunciada:

«Cumpra-se depressa o que tiver de ser feito.»

O seu porte é de tal maneira altivo que a todos impressiona grandemente. Poucas são as palavras que a partir desse momento as freiras lhe escutam. E à pergunta da madre superiora, se ela pretende um padre a quem se confessar, a fim de salvar a sua alma, responde apenas:

– O meu confessor é o padre Malagrida. Não tenho outro. E quanto à minha alma, não me parece estar em perigo. Assim os carrascos que me vão matar tenham as deles em igual sossego.

OceanofPDF.com

†

MEMÓRIA

Quando me lembro dos dias vividos por mim em Paris no início da Revolução Francesa, ainda me sinto dividida e presa de ansiedade. Como se desse tempo tivesse guardado intactas a perturbação e a vertigem, mas também a curiosidade e o entusiasmo pelos quais na altura fui tomada, ao dar conta da extraordinária mudança que estava a testemunhar.

Nesses tempos de caos e de efusivo entusiasmo, entreguei-me, recuei e muitas vezes andei à deriva, diante de actos extremos que me assustavam, mas também me exaltavam ao ouvir falar de fraternidade e de igualdade. Tudo junto fazia crescer em mim um sentimento tamanho, que tão depressa me levava voando como uma folha, como me tolhia, hesitante diante do que me apercebia e observava, num julgamento confuso.

Empolgando-me pelo interior da revolta e do tumulto que se desenhavam, na tessitura de uma trama, ora dramática ora jubilosa, mal aguentando o vento agreste que parecia empurrar-me, tendo a mistura do novo e do diverso chegado a fazer-me olhar com desconfiança a minha própria condição e nascimento. Apesar de tudo, havia sinais que me inquietavam e me atormentavam as noites mal dormidas, ciente do risco, do perigo que começava a correr o mundo em que nascera. Enorme foi, pois, a minha conturbação nesse tempo de transformações, mas também de ameaças.

Muitas das revolucionárias insurgiram-se contra a injustiça da situação das mulheres, e foram elas, as suas palavras, risos e protestos que acompanhei, misturando o meu ao seu entusiasmo e as suas vozes à

minha: a de Olympe de Gouges, a de Claire Lacombe, a de Pauline Léon, a de Théroigne de Méricourt…

Palavras luminosas e raras.

OceanofPDF.com

†

1788-1789

O mar e o sal das vagas fazem-lhe bem, acalmam-na e apaziguam-na. No crivo das ondas, o paquete frágil corre o mais que pode, e ela passeia vagarosa no convés, sempre sozinha, cabelos húmidos e revolvidos pelos ventos livres do oceano.

Secretamente ansiosa por não chegar a nenhum lado, para sempre prisioneira de um eterno mar de palha, que em torno dela fechasse o seu torpor acalentado pela natureza. Ao fim das manhãs as meninas aparecem pela mão de Angélique, sobem no pequeno degrau junto à amurada, e demoram-se por sua vez a olhar em frente, um pouco atemorizadas. Juliana prefere ficar dentro do barco, diverte-a andar de sala em sala, a ver os homens sentados diante das mesas de pano verde a jogarem às cartas e aos dados, enquanto as mulheres conversam entre si, bebem chá de groselha em chávenas chinesas, ou anis em pequenos cálices translúcidos.

«E as minha ilusões, onde ficaram?», parece perguntar Leonor a si mesma. Mas as suas ilusões desabaram com a morte do Príncipe D. José e do arcebispo de Tessalónica, com a queda do poder da Princesa Maria Francisca Benedita e com a depressão da Rainha, consciente de ter perdido os seus maiores apoios na Corte.

De momento nem a poesia consegue embelezar-lhe os sonhos.

À medida que ganha distância dos acontecimentos, lamenta muitos dos seus actos, mas também a aflige não ter aproveitado o tempo passado em Almada para se aproximar de Leonor Benedita, pois sempre que podia fugia para o Paço a juntar-se à Soberana e aos seus ministros, às princesas

com os seus poderes menores mas reais, que sempre iam servindo para lhe acalentar a esperança.

À noite, recostada nas cadeiras do convés, às vezes parece-lhe que voa, outras julga retardar-se sobre as ondas, durante o seu regresso tranquilo e felizmente demorado a casa, vendo Frederica e Juliana encantadas com a viagem, enquanto ela aproveita para descansar, momentaneamente livre de obrigações e fardos que sempre arrasta atrás de si. Sem nada que a sujeite, apenas dependente dos ventos, das marés,

e do temperamento dos mares.

†

Espera-a com saudade, mas assusta-o o seu regresso.

A acalmia que a sua vida ganha quando Leonor parte termina com a sua vinda, transportando consigo o fascínio e a inquietude que o levam à perturbação. Carlos Augusto conhece-lhe a estranheza, as pétalas abertas no reverso do peito que sempre transforma em versos. Diversa das outras mulheres, aquietadas no próprio sossego.

Exasperante e intranquila, ela desassossega-o e também o derruba, condenando-o e apaziguando-o, como aliás demonstram as suas cartas enviadas de Lisboa, nas quais lhe dá conta tão depressa dos avanços como dos recuos da sua actuação na Corte, junto da Rainha e dos seus ministros, em relação aos negócios dele que a tinham levado a Portugal.

Por seu lado, em vez de ficar com os filhos em Marselha, deixara-os para trás à guarda de estranhos, e fora para Paris, a gastar o que não podia com o dinheiro que ela lhe mandava.

Hoje vai esperá-la a Toulon, sentindo o peso da culpa.

Com preceito metódico abotoa a farda, endireitando-a com os dedos firmes, a espada a acompanhar o declive delgado da ilharga, sem dar conta de como a lâmina implacável, apesar de embainhada, lhe bebe com sofreguidão o calor do corpo. Olha-se no espelho a querer descobrir nos olhos neutros a centelha de alguma perseverança que nele faça manter acesa a derradeira chama da vontade.

Só poderá haver grandes silêncios no encontro de ambos.

†

Thèrése depressa dá conta de que o conde de Oeynhausen anda à deriva, tentando encontrar apoios onde já não existem, querendo fazer frente às dívidas que todos os dias aumentam; transmitindo ordens inúteis para a embaixada de Portugal em Viena, para onde enviara um secretário.

À noite chega muito tarde, passando o resto das madrugadas em branco fechado no escritório, e os seus criados particulares contam que, se adormece já de manhã, só se levanta quando a noite começa a devorar os tons do crepúsculo. Anda à deriva pela casa, pálido como um fantasma, e se aparece nos aposentos das crianças, estas olham-no assustadas e desconfiadas, tendo Thèrése de as empurrar para os seus braços.

A princípio, Leonor não sabe o que fazer para o ajudar, mas depressa compreende os indícios, escuta os boatos que lhe chegam: ele não só continua a sentar-se às mesas de jogo, como tem casos breves com mulheres de passagem; e quando em súbitos assomos de virilidade assume o papel de chefe de família, tomando decisões que dizem respeiro a todos, ela encoleriza-se e recusa-se a cumpri-las.

Entretanto tinham conhecido o poeta Jacques Delille que os aconselhara a deixarem Avignon por Marselha, onde ficam no Hotel Brantes. A partir desse momento Carlos Augusto acalma, parecendo recobrar um certo equilíbrio. Leonor julga ser altura de regressar à escrita, retomar o gosto pela leitura, reaproximar-se do pensamento das Luzes, dos enciclopedistas, que a ajudam a destrinçar a claridade das trevas.

Thèrése pensa com alívio que a mudança para Marselha fez bem a todos: as crianças andam mais tranquilas e alegres, mesmo o menino tão mirrado e de respiração custosa ganhara alguma cor e peso; Frederica parece menos pensativa e Juliana mais encantadora do que nunca; por seu lado Henriqueta não chora tanto, e parece aceitar finalmente as regras e os limites que a mãe exige a todas.

Mas depressa Leonor recomeça a ficar inquieta.

†

As notícias chegadas de Paris garantem-lhe ser lá que começa a ser jogado o futuro de França, e quem sabe se do mundo. Quando tem portador, Germaine, agora de Staël, envia-lhe cartas, bilhetes, mensagens; chama-a com insistência para junto dela; fala de tudo um pouco numa mistura jubilosa e inesgotável.

Curiosa, Leonor começa a observar à sua volta, prestando atenção até àquilo a que Carlos Augusto e aqueles com quem convivem teimam não passar de boatos e rumores, ou invenções de mentes exaltadas. No entanto, ela dá conta de sussurros encobertos, de gritos ainda abafados, de risos sobressaltados, inesperadamente soltos. Ao mesmo tempo apercebe-se de muitos passos furtivos e céleres que atravessam a noite a altas horas; e também de como as palavras liberdade e igualdade começam a ser pronunciadas por toda a parte; mesmo se ainda encobertas e embuçadas.

Nas ruas, nas praças, nas vielas, por onde caminha ao acaso dirigindo-se ao cais, de pedra escurecida e húmida, onde gosta de assistir à chegada e à partida dos navios, Leonor vai atenta aos murmúrios, aos papéis passados de mão em mão, ao brilho aceso do olhar daquelas e daqueles com quem se cruza.

A cada dia que passa, o vermelho dos xailes e dos lenços, dos vestidos das mulheres e das saias a enfunarem-se em torno das suas pernas ágeis, parece incendiar-se mais.

Como bandeiras rubras.

†

Carlos Augusto, temeroso do que possa vir a acontecer em França, alvitra-lhe a hipótese de partirem no primeiro paquete a zarpar de Marselha ou Toulon. Leonor olha-o boquiaberta, e sem hesitar diz-lhe que vá com os filhos e os poucos criados que lhes restam, mas ela pretende ficar. Em silêncio ele escuta-lhe os argumentos – escassos, embora

sustentados com veemência pelo seu teimoso entusiasmo –, e responde-lhe:

– Eu fico contigo, Nelly. Mas vais prometer-me ter cuidado.

Em vez de a atemorizar, o perigo revigora-a, e se é verdade temer pelas crianças, também logo as esquece pelo meio do tumulto que está tomando conta da sua vida. Nunca mostrando receio de sair sozinha, acaba por se demorar cada vez mais nas ruas onde, agitada, vai dando conta da revolução crescendo à sua beira, sem que a saiba ainda nomear como tal.

Mudando já o destino de todos.

A desencadear nela o amedrontamento, mas a mergulhar em claridade o lugar do negrume.

O que dizem as vozes por ela escutadas?

†

Enquanto os lírios e as rosas-de-alexandria fenecem tristemente nas jarras de Sèvres e de cristal do Petit Trianon e o silêncio toma conta do Palácio de Versailles, as bandeiras começam a aparecer desfraldadas ao vento, as forquilhas e as gadanhas transformam-se em armas.

Leonor entusiasma-se, curiosidade cada dia mais desperta.

Quer ver de perto o que se passa.

Fala com Carlos Augusto, que a fita admirado ao dar-lhe a conhecer a sua intenção de ir a Paris.

– Viajar pode ser perigoso – responde-lhe ele com frieza.

Mas ela já mandara Thèrése fazer-lhe as malas, e escrevera para Germaine a preveni-la da sua viagem. Antes de partir despede-se dos filhos, mas só o menino se agarra a ela, bracinhos fracos apertados em redor do seu pescoço; Frederica fita-a de longe ressentida, enquanto Juliana a olha indiferente, dúctil no seu vestido de organdi com folho e laço de fita de cetim. Leonor inclina-se para a pequenina Henriqueta sentada no colo da ama e aperta-a ao peito sobressaltado, a tentar fixar na memória o seu cheiro alvo de criança pequena. Por fim beija na boca o

marido e pede-lhe para não a acompanhar até ao carro, cansada de despedidas dolorosas.

Leva consigo um salvo-conduto que Delille conseguira arranjar junto de amigos deputados de Marselha; guarda-o no saquinho bordado a missanga e pequenas lantejoulas vermelhas, que ficam a brilhar na dormente penumbra do carro. Mas as estradas estão desertas e ninguém aparece a deter a urgência nervosa que a empurra; não pára nas estalagens para descansar, nem consegue adormecer na carruagem velha que sacoleja.

– Vamos, rápido, rápido! Tenho pressa! – grita ao cocheiro que a olha de sobrolho carregado, em cada paragem que fazem para trocar os cavalos de muda, cansados e cheios de sede.

†

DIÁRIO

Olho pela janela do carro, alvoroçada, impaciente.

Pudesse eu e seria Pégaso, a voar no próprio abraço alado das asas lívidas. Mas a poesia feita na minha secretária de viagem não contém magia suficiente para me transformar, nem para trazer Pégaso até mim.

As vozes e o riso das mulheres de Marselha distanciam-se cada vez mais, e sinto cavar-se à minha volta uma espécie de vacuidade assustadora. No entanto, consigo deter o sobressalto e controlar as emoções que me toldavam o espírito no começo da viagem. Quem sabe se até Paris eu não consigo encontrar a resposta que me falta, para finalmente sossegar o coração assombrado.

A caminho de Paris, Abril de 1789

†

ANGELUS

Vejo-te a caminhar de novo por entre matas, cerros e atalhos, atravessando trilhos e desacertos.

Com a tentação de te olhar nos olhos, de uma maneira doce e demorada, mas logo me arrependo, impedido pela tua claridade e a minha própria imposição, embora desejando tocar-te, estender a minha mão para aflorar a tua, enluvada de renda, a roçar-te de fugida o pulso nu deixado a descoberto pelo folho da manga e o punho de pelica delicada; sentindo-me prisioneiro de sentimentos que jamais me atreveria a confessar-te, pois para mim és uma deusa e eu um ser alado.

Mas nada me demoverá do meu intento: tu,

minha rainha.

A reinventar-te enquanto te sigo, te espio, te olho de longe; ou quando deslizo à tua beira como uma iridescência, uma transparência, uma sombra; a respirar o teu odor de begónia temperado de nardo, sem poder alimentar qualquer obscura intenção a teu respeito, consciente de não haver solução para a minha paixão recolhida.

Tu.

Leonor.

Prestes a descobrires as tuas asas de penas revoltas e ainda encobertas nos teus ombros. Em breve um espelho tas mostrará nele reflectidas: nacaradas e resplandecentes. Ou serão as minhas?

A perderes para sempre a inocência que te resta.

Vamos cruzar-nos num salão parisiense ou numa das pontes do Sena, mas continuarei a ser para ti somente um vulto a esgueirar-se ao virar de uma esquina; alguém que julgas adivinhar fitando-te à distância. Uma silhueta a desfazer-se na bruma.

Como lamento esta distância cavada entre nós! Mas mal me aproximasse de ti perder-te-ia para sempre, pois a distância é a nossa eterna condição.

Prefiro pernanecer a teu lado nesta relação absurda.

Meu amor impossível.

†

As paredes da carruagem forradas de veludo magenta abafam-na. Mas quando afasta a cortina de damasco e abre o vidro coberto da poeira amarelada dos caminhos de terra, dos buracos e raízes das árvores, para espreitar pela pequena janela que mal dá para ver por onde segue, recebe no rosto uma aragem fria, a fazê-la recuar, aconchegando a gola do casaquinho ao pescoço nu, que no entando não a defende do vento levantado no início das noites passadas em branco.

«Depressa… depressa… depressa…» –, vai murmurando baixo, a boca no côncavo da mão direita com a qual tenta cobrir a cara, a resguardar-se do sol que incendeia o cortinado de couro da janelinha, e passa pela delicada frincha da portinhola de madeira lacada. Mais tarde será o luar a despenhar-se, fazendo-a perder-se em sonhos, bem desperta e ansiosa por chegar, sem prazos a cumprir mas sentindo crescer em si toda a agitação do mundo.

O vestido húmido cola-se-lhe às pernas, desprendendo-se dele um ligeiro odor acre a suor e poeira que lhe intensifica o enjoo, e que ela tenta combater ansiosa por um demorado banho, onde fique mergulhada na bruma dos sais toldados de água quente. Mas, só quando finalmente cai nos braços calorosos de Germaine, permite a si mesma sentir-se cansada.

†

Aperta nervosa a mão muito branca de Germaine, pousada no parapeito ao lado da sua. E sem palavras para exprimirem a emoção que as toma, calam-se, a olharem a procissão vinda da igreja de Notre Dame mal terminara o Veni Creator, a que assistiram o Rei e a Rainha, na companhia

da Corte; mais os dois mil e duzentos deputados, que no dia seguinte participarão na abertura dos Estados Gerais.

Diante delas a multidão enche por completo as janelas e os telhados. Leonor, sentindo o ar feito brasa, recua um pouco para a penumbra do vão das portas do terraço, de onde ambas se debruçam sobre as apinhadas ruas de Versailles, ladeadas pelos guardas franceses e suíços e cobertas com as espessas tapeçarias da coroa. Está bem consciente da inquietação que aquele espectáculo lhe provoca, sem no entanto saber explicar a si própria o motivo de sentir aquela bela representação como ameaçadora.

Em torno delas, as varandas, enfeitadas com panos de veludo e brocados luxuosos nos seus bordados a fio de ouro, estão cheias de mulheres inclinadas a baterem palmas e a rirem, vestidas de crepes e cetins, de tafetás e de cambraias. Penteadas com caracóis macios e sedosos, plumas e flores a entrançarem-lhes as madeixas dos cabelos soltos sobre os ombros nus, os decotes a deixarem-lhes a descoberto os seios febris.

Finalmente, ao fundo, surge a procissão avançando a passo lento, com demoras de obscuridade. A abri-la vem a mancha escura de homens vestidos de negro.

– São os deputados do Terceiro Estado – explica-lhe Germaine ao ouvido. Seguem-se os deputados da nobreza, distinguindo-se pelas rendas e pelos ricos paramentos com que estão vestidos, luvas de fio de seda e chapéus enfeitados de plumas.

Faz-se um silêncio pesado, sentido por Leonor como um vazio na boca do estômago, num mau presságio. Silêncio que permanece enquanto passam os prelados nas suas faustosas vestes roxas e faixas pespontadas a dourado. Mais atrás avançam os padres, nas suas modestas sotainas ruças a rojarem o pó do chão, trazendo entre os dedos cruzados pela altura da barriga os terços com as cruzes de madeira penduradas, ondulando à cadência dos passos; entre estes dois lados opostos do clero, há um coro de músicos que, temendo cortar o silêncio, pararam de tocar, limitando-se à escuta.

É então que Leonor se debruça de novo e vê La Fayette, louro e esguiu montado no seu cavalo branco, chapéu emplumado de vermelho, mão esquerda ao de leve a aflorar a anca estreita e a direita tomando com arte as rédeas enceradas. Mas Germaine teima em mostrar-lhe alguém especial, do lado oposto:

– Olha, Mirabeau!

Virando a cabeça, Leonor dá-se conta de como é ele feio e rude, no seu desleixo e na cabeleira revolta, em contraste com a delicadeza dúctil e quase feminina de La Fayette, a quem torna a procurar com o olhar atento que ele parece captar.

Ao reconhecer a filha de Necker, La Fayette cumprimenta-a sorrindo e levando a mão ao peito, mas interessado em saber quem é a mulher a seu lado, bonita e ousada na forma como não desvia dos seus os grandes olhos claros, parecendo afagá-lo.

Mais à frente voltam a rebentar os aplausos à vista do Terceiro Estado, e depois, mais moderados, à passagem do Rei, cabisbaixo, a fitar o chão. E Leonor sente o punhal do medo atravessá-la, ao escutar o rouco murmúrio que se eleva do povo quando este descobre Maria Antonieta, no seu vestido bordado a lâminas de platina e asas de diamantes em torno da cintura estreita, desenhando os contornos da saia de seda escarlate. Brincos longos de diamantes encastoados em prata cinzelada, nas orelhas pequenas.

Há mulheres que, para desfeiteá-la, gritam alto pelo duque de Orléans, e à Rainha, pálida, vergam-se-lhe as pernas. Leonor julga ir vê-la desmaiar, mas arrimando-se num ombro forte, Maria Antonieta endireita-se orgulhosa, olhando em torno com desprezo, a suportar a raiva que se adensa e a cerca.

Germaine enternece-se, sentindo pena dela:

– A Rainha não pode com tanto ódio!

Mas já as suas damas rodeiam e amparam a monarca, como se a quisessem esconder com as longas capas de veludo e os leques de penas coloridas ou de brasão pintado no marfim; mas Maria Antonieta afasta-as

com um gesto firme, fazendo Leonor lembrar-se dos pesadelos premonitórios que ela lhe contara em tempos mais felizes, mas nem por isso assim tão distantes. E promete a si mesma não voltar a Marselha sem lhe pedir uma audiência; deve isso à imperatriz Maria Teresa de Áustria, que morrera temendo pelo destino da filha, que sabia infeliz em França.

Devagar, Leonor abandona a varanda, mas na sala onde se refugia continua a dar conta da nauseante mistura do cheiro adocicado do incenso e das velas de sebo, do odor das rosas e das túlipas sangrentas, a contrastar com a leveza do perfume das açucenas e dos lírios brancos, que logo de manhã Suzanne Necker mandara colocar nas jarras.

Germaine continuara no terraço a assistir ao desfilar da procissão, curiosa e entusiasmada, naquele seu habitual jeito de entrega veemente guardado nela desde menina.

Leonor sente-se exausta.

†

Será a melancolia a conduzir-lhe os passos?

Indecisa.

Será a ave rápida capaz de cair-lhe aos pés, caçadora.

Diana?

Ardilosa atiradora e senhora da poesia, conhecendo o nervo que conduz o verso pelos trilhos do peito; na curva do caminho, nas esquinas das ruas, quando se mistura à multidão assustadora.

O amor refulge mais àquela hora porque se contradiz.

Agudeza.

É a chama na anca da chama.

Deixando-se seduzir pelo entusiasmo na acalentada espera; a negar-se no entanto diante de uma imaginada violência, onde a presa jaz no próprio sangue derramado; enquanto a lâmina acerada e voraz continua a descer veloz, atraída pelo fulgor das águas do Sena como um espelho, para em seguida se ir aquietar à sombra do reflexo das lágrimas.

Nunca Leonor vivera tão veementemente!

Nunca participara numa aventura tão desmesurada, tão fugaz e quebradiça no seu fascínio. Por vezes, porém, pensa estar a afastar-se da claridade incendiada das bandeiras rubras, enfunadas pela aragem, passos corridos pelas ruas; vê-se com mágoa a abandonar os dias de chama em que se tem entregado com sinceridade ao ideal sonhado.

†

Quando a Rainha de França entra na enorme sala dos Menus-Plaisir, dois passos atrás de Luís XVI seu marido, é meio-dia. Depois dela vêm os príncipes e em seguida, com brilho, toda a Corte engalanada e sem nenhum ruído, como se deslizasse acima do chão atapetado.

Os fidalgos, um por um, tomam assento.

Maria Antonieta traz o olhar febril e sobressaltado, a sobressair por entre o pó-de-arroz e as tintas utilizadas em vão, para apagar o temor das faces lívidas e o bistre das olheiras fundas.

Não fitando ninguém, mergulhada em si mesma, senta-se muito hirta e com expressão agreste, ditada pelo medo que sente; para encobri-lo abre o leque de seda pintada, atrás do qual dissimula o ricto amargo e áspero que lhe contrai a boca, a que o excesso de carmim empresta um tom sanguíneo que a envelhece.

Leonor, que ao lado de Germaine de Staël vem assistir à abertura dos Estados Gerais onde o pai da amiga, o ministro Necker, irá discursar, reconhece no ar o perfume de rosas e violetas usado pela filha da Imperatriz Maria Teresa de Áustria.

Ao fundo da sala, Mirabeau também não tira os olhos de Maria Antonieta, a dar conta de cada uma das suas expressões, vigiando ao mesmo tempo os gestos e as reacções do Rei, inquieto, sentado no trono colocado num espaço delimitado entre duas colunas, como se estivesse a defender-se.

Em contrapartida, totalmente exposto, o trono leve e simples da Rainha fora posto à esquerda e um pouco mais abaixo. Apreensiva, Leonor julga pressentir o clima das paixões desmesuradas, mesmo se ainda acobertadas,

contradizendo o semblante aparentemente tranquilo dos deputados do Terceiro Estado, todos eles de cabeça coberta, à maneira do Rei e da nobreza. Será isso uma insólita surpresa para todos?

O medo sentido por ela na véspera continua a trabalhar o seu imaginário: Leonor aconchega o xaile de caxemira vermelha em torno dos ombros descobertos, como se quisesse conter o arrepio de um pressentimento ruim, num alvoroço perturbador que lhe transmite ao mesmo tempo expectativa e susto. E num repente, tudo aquilo que dos próprios sentimentos julgara saber, perde-se no que de si mesma ignora.

No entanto, uma coisa entende: algo de novo e poderoso nela ganha forma e força, de maneira consistente, inabalável, submetendo-a a partir do sonho, da esperança, do ideal.

A galgar o ar à sua volta.

†

DIÁRIO

O que mais me aflige é a duplicidade, que me envergonha.

Dividida entre os meus ideais, os meus princípios e o temor suspeitoso de poder estar a testemunhar o início da queda do meu mundo, tal como o conheço.

Foi o que senti ao assistir à tomada da Bastilha,

sem saber como lidar com os meus sentimentos divididos, diante das emoções tumultuadas do povo exaltado.

Na madrugada do dia treze tudo parecia ainda amodorrado e duvidoso. Sem nenhuma autoridade civil, Paris aparentava dormitar, apesar do clima de tensão e nervos arrepiados, à flor da pele da noite, numa espécie de furor assombrado e mal contido.

Madrugada brumosa e fria, a anteceder a manhã luminosa, enganosa, que desponta logo nas primeiras horas do dia catorze.

Saí afoitada para a rua, em busca de uma tranquilidade que mais tarde se iria estilhaçar, fazendo com que o clima aparentemente calmo e amortecido, depressa se transformasse em brasa, enquanto eu seguia arrastada pelo entusiasmo e a coragem das muitas mulheres que, em tumulto, corriam gritando ou cantando com uma vontade inquebrantável. Desde esses primeiros instantes, tão tolhida de medo quanto fascinada pela ousadia feminina, indómita e corajosa, segui sem relutância o trilho da raiva, da exaltação e do desespero a que sempre leva a falta de liberdade, a miséria e a fome.

E acabei diante da Bastilha.

Na noite seguinte, para ir ao salão da pintora Marie Anne Vigée-Lebrun, escolhi um vestido de seda negra com rendas altas e nocturnas a cobrirem-me os ombros, os braços e o pescoço, como se estivesse de luto. No entanto, colocara num dos meus dedos um rubi sanguíneo encastoado a ouro.

Sentia o pulso apressado como nunca, e no meu peito, o coração descompassado exultava.

Paris, 16 de Julho de 1789

†

O pintor Louis David quer saber quem é aquela mulher de vestido magenta, bainha bordada a ponto cheio a rasar o peito curvo do pé escondido pela fivela do sapatinho de cetim esmeralda que ela balouça, deixando antever o tornozelo estreito, modelado pela meia de seda quase transparente.

– É a condessa portuguesa D. Leonor de Almeida – respondem-lhe.

Ele aproxima-se furtivo, a tentar adivinhar-lhe a cor dos olhos que de longe não distingue. No entanto apercebe-se da sua impaciência mal ela se levanta, manejando o leque com os dedos nervosos, e por segundos julga

ver a nimbar-lhe a silhueta esguia uma espécie de halo ou de crispação dourada que o confunde; mas depressa entende ser a reverberação do sol coada pelos vitrais amarelos, cor de canela e rosa da janela mais próxima, a incidir nos seus cabelos soltos, contornando-lhe também a silhueta.

Atrás dela está um tremó de espelho alto onde se reflectem os gladíolos azul-esmaltados postos numa jarra de Sèvres. Fulminado pela luminosidade que incendeia o perfil de Leonor, David fica imóvel a olhá-la, fascinado, certo de jamais ter encontrado mulher mais sensual e bela; em si mesma o ardente cerne da fusão dos tons que a cercam, nela se confundindo.

Ardilosos nos próprios matizes.

E David já a imagina na tela onde o pincel a acaricia e prende estendida ao comprido, despindo-a para logo a erguer nua nos seus braços, num excesso de volúpia.

Sente-se a pintá-la, a recriá-la, deixando-a apesar de tudo como ela é, intacta.

A sua voluptuosidade contida, mesmo um pouco fugidia, espicaça-lhe o gosto, irrita-lhe os nervos, aguça-lhe os sentidos.

Quando Leonor dá pelo seu olhar insistente, fita-o desconfiada, embora curiosa. Reconhecê-lo fá-la manter-se indecisa, sem entender o interesse equívoco de que é objecto. Aliás, sem nenhuma espécie de disfarce, David continua a fixá-la, como se quisesse atraí-la, levá-la até si, e ele lhe desfizesse os laços a desprender-lhe o vestido, as saias de sombra, a desabotoar-lhe os pequenos botões de prata do corpete, a desatar-lhe a camisinha de cambraia, os atilhos do espartilho, a afastar-lhe as rendas até chegar ao corpo nu.

Perante a devassa que adivinha, Leonor estremece, recua, parecendo defender-se de ser abusada, fugindo-lhe das mãos longas, secas e vigorosas de pintor, hábil no manejar das demoradas carícias das tintas sobre a tela esticada, lápis-lazúli moído e diluído na mistura dos óleos, buscando nos tons diversos até encontrar aquele que imaginara: o

madrepérola para a doçura da nudez do corpo, da redondez dos ombros, do contorno dos seios ao de leve suados.

Tomada pela vertigem ela cambaleia e ele, solícito, estende a mão a ampará-la, mas já Germaine de Staël se interpõe entre os dois, sem se deter na tentativa de perceber o clima em chama e embaraço. «Rompendo o encantamento» – pensa decepcionado Louis David; enquanto Leonor, pelo contrário, agradece intimamente à amiga ter vindo quebrar aquele esvoaçar estonteado onde por segundos estivera aprisionada.

– Cuidado, senhora condessa! Todos sabem que o pintor Louis David se encontra do lado dos revolucionários… – adverte Germaine rindo, cúmplice.

Ele não fala, não nega.

«E é também um libertino…», pensa Leonor fingindo-se atenta a escutar «La Rêveuse», peça musical de Marin Marais, que estava a ser tocada na Sala da Música. É aí que David a reencontra e se lhe dirige de manso a arrastá-la consigo, e querendo quebrar o embaraço começa a falar-lhe de pintura e da revolução, com igual entusiasmo. Ela escuta-o, fascinada com o tanto fogo incontido, e sem embustes expõe-lhe as suas dúvidas sobre o curso da revolução, os desmandos, os ódios mal coibidos, sentindo no entanto a fragilidade dos próprios argumentos. Em seguida descobrem o comum interesse por Homero, Voltaire e Goethe, por Rousseau e por Mozart.

Ela invoca a escrita, os poemas.

Ele, a pintura e os quadros.

David estende-lhe a mão para ajudá-la a levantar-se, e sem uma palavra tira-a da penumbra em que se abriga puxando-a para a claridade; e de novo se deslumbra com o seu olhar mate e fugidio, as unhas rosadas de amêndoa doce, os caracóis sedosos cor de âmbar, com a ponta da língua rosada a aflorar de quando em vez o carmim natural dos lábios.

Então num gesto de audácia irreflectida, querendo sentir-lhe a quentura do corpo, aflora-lhe com os dedos fugidios a delicadeza da nuca escondida sob a mata dos cabelos. Erguendo ambas as mãos num impulso rápido,

Leonor defende-se, toda ela parecendo dançar no gesto brusco e orgulhoso com que lhe foge, o repudia:

não mais rola e já águia.

É essa recusa em ser tocada a contragosto, em ser tomada embora ninguém os visse, que mais o perturba e surpreende; e pela primeira vez na vida, Louis David retrocede. Enquanto Leonor se afasta em silêncio, as faces em fogo, ganhando já o terraço curvo e largo da Embaixada da Suécia, onde Germaine também se refugiara cansada das suas contrariadas obrigações de embaixatriz. Ficando as duas atentas sem uma palavra à descida do sol no céu mortiço e derramado de um final de tarde com branduras de cisne a deslizar na passagem do tempo.

Abrigado na sombra da sala, paciente e discreto, David vê-as conversar, as silhuetas em contraluz aveludada: Leonor com as palmas das mãos pousadas na larga balaustrada de mármore, e Germaine apoiada num cotovelo junto das rosas trepadeiras rubras subindo ao longo da parede da casa. Ao fundo, sobre os telhados de Paris, começa a cair o crepúsculo, que dá à cidade uma aparência de ilusória calma.

De súbito, os traços da revolução parecem ter-se apagado.

Aos olhos do pintor, porém, à medida que a noite transborda da sua taça, a figura de Leonor ganha uma estranha nitidez, quase iridescente; e diante da impossibilidade de possuí-la, sente o coração de chofre apunhalado.

†

Fitam-se admiradas pelo tanto que, mal se conhecendo, se sentem próximas e atraídas, em tudo diversas e opostas, muito embora haja em cada uma delas traços breves, mas precisos, a assemelhá-las. Não contradizendo o que de si mesmas sabem.

A simplicidade belíssima de Leonor, sem engenhos, desprovida de armações, de cabelos falsos ou de sinais colados na pele perfeita do rosto comprido.

O artifício de amazona de Théroigne de Méricourt, redingote vermelho sobre as calças pretas que usa justas, sabre encostado ao flanco magro,

beleza ardente e atrevida, chapéu de belatriz deixando escapar os rebeldes caracóis escuros em desalinho, contrastando com os seus dolentes olhos azul-violeta, então em busca da possível desordem escondida no olhar anil daquela que, saída da sombra onde parecia abrigar-se ao fundo do salão dos condes de Condorset, semicerra as pálpebras cega pela abrupta claridade.

Para Leonor, Théroigne começa por ser, pois, apenas uma mancha nublada, que aos poucos do nevoeiro se desembrulha expondo-se radiosa.

Expectante e harmoniosa na sua ousadia.

É quando se olham pela primeira vez, espantadas por se sentirem de imediato tão cativadas, que vão em busca das diferenças e encontram as afinidades. Proximidades sinuosas e trabalhadas, que as encanta e as leva a desmontar os retratos uma da outra, entretanto interiorizados, levados a cabo com o traço viciado das ideias feitas.

Indecisas e teimosas na desesperança, demorando a recuperar o optimismo depois das decepções, os sonhos e os ideais falseados com o passar dos anos. Preconceituosas e intransigentes, incrédulas frente aos sentimentos e às emoções, desconfiadas diante da vida que, embora de modo diverso, as maltratara. Cuidadosas no conhecerem-se, pois os tempos que correm são de enganos e elas sabem quanto podem ser fatais em qualquer lugar do mundo.

Portanto, recuam e avançam hesitantes, durante a conversa demorada, qualquer delas surpreendida por identificar na outra tantos dos próprios gostos e arestas; quer seja a propósito de agrados ou de repulsas, de veemências ou tibiezas, perfumes e rosas rubras, princípios e desejos proibidos.

Reconhecem-se e cedem, trocam ideias e até confissões no entusiasmo, admirando-se Leonor daquela entrega descuidada, logo ela desde sempre atenta no escudar-se, utilizando as mais antigas defesas. E quando já noite alta Théroigne lhe confidencia com timidez envergonhada, chamar-se prosaicamente Anne Josèphe, soube que entre as duas os dados estavam lançados.

†

Leonor não consegue explicar o que a leva, desde a chegada a Paris, a ter tantas saudades de Gonçala. Quando da sua recente viagem a Lisboa descuidara de vê-la senão de fugida, vulto a debater-se num silêncio febril do lado de lá das grades do convento de São Félix.

Agora sim, sente-lhe a falta mordida, fissura desabrida e dolorosa a remoer no seu peito em sobressalto. E acaba por escrever-lhe um pequeno bilhete, equívoco e intranquilo:

«Gonçala

Pudesses largar as vestes escuras, minha andorinha, e voares até à liberdade…

Ardo de saudades tuas.
L.»

Paris, 1789

†

No salão de Théroigne toca-se Rameau e ouvem-se versos patrióticos e revolucionários; a despertarem em Leonor ínvias vontades de ouvir Mozart e Haydn, de ler Goethe e Schiller, voltar às palavras de ardência e êxtase de Teresa de Ávila.

Nos meses em que se encontram em Paris, as duas confundem-se nas escolhas pessoais, fusionam-se, influenciam-se, enleiam-se. Nas ruas, nos clubes, nas assembleias, Leonor estará atenta a tudo, e quando Théroigne sobe à tribuna para discursar, compara as ideias dela com as suas, a querer entender melhor aquilo que as une e um dia as separará para sempre. Sem se sentir inocente ou culpada pelo cúmplice aceitar das diferenças que as marcam e as cindem, mas também as juntam, na partilha de um sentimento firme que tanto as enriquece como as torna ambíguas e inadequadas.

Inconformadas, como sempre.

Ambiciosas, determinadas e raramente amáveis.

Imprudentes e fortuitamente ternas.

Ao mesmo tempo fortes e vulneráveis.

No entanto, jamais Leonor esteve tão perto de abandonar tudo do muito que a aprisiona ao passado: destinos, ramos e lianas, raízes e caules, princípios e família ou mesmo a pátria.

Nunca se encontrara tão perto de mudar a sua vida.

†

CADERNO

Voltei a debruçar-me sobre os escritos de Voltaire, tornei a ler *Du Contrat social* de Jean-Jacques Rosseau. Sem se conhecerem estas obras jamais se entenderá a realidade que hoje se vive em França.

Em contrapartida, Olympe de Gouges perguntou-me ontem ao sairmos juntas da Assembleia Nacional, enquanto caminhávamos por Paris, se eu conhecia o *Pequeno Oratório de Santa Clara*… E vendo-me sem voz de admirada que fiquei, perguntou-me, rindo:

– Julgavas que eu só lia obras revolucionárias?

E acabou por me confessar o seu gosto escondido pelos poemas de Teresa de Ávila, lidos num pequeno volume herdado de sua mãe. Os filósofos e os poetas partilham muitas vezes os mesmos trilhos… Sobretudo, porque podem ter respostas que condenam ou salvam.

Germaine de Staël deu-me a ler versos de um jovem poeta alemão de nome Hölderlin; são dele estes versos fascinantes:

Próximo e difícil de apanhar é Deus.
Mas, onde ele está, o perigo cresce aí.

O que salva também.

Paris, 1789

†

Assiste com interesse, sem disfarce, nos balcões ou nas galerias, às sessões da Assembleia Nacional. No início deixava-se acompanhar por Aimée de Coigny ou por Germaine de Staël, mas logo começara a preferir ir sozinha, coração a desandar-lhe no peito e olhar de assombro. Curiosa e ávida, debruça-se ora das balaustradas, ora dos terraços, ora mesmo do cimo das escadarias, dedos a brincarem nos corrimãos de madeira ou de mármore.

Agora vai quase sempre com Théroigne, a segurar-lhe na mão enquanto esta aguarda subir à tribuna; se por acaso encontra a princesa de Hénin, que frequenta a Assembleia e os clubes das mulheres revolucionárias na companhia da sobrinha, esquiva-se às suas conversas desinteressantes, encantada com o desaforo das palavras tornadas lume das cidadãs anónimas que ela gosta de ver excederem-se, exaltarem-se, ultrapassarem-se na pressa de encontrarem uma linguagem própria, a fim de expressarem o que lhes vai na alma e no querer, na vontade indómita.

Muitas delas em luta para que as mulheres sejam consideradas cidadãs com direitos plenos, como viria a escutar da boca de Olympe de Gouges: *«Com o mesmo direito ao trabalho, à liberdade, e a serem felizes.»* Anseios desde sempre frustrados.

O que Leonor tem escutado e visto, fá-la rever ideias e pensamentos, mentalidades, conceitos e preceitos nos quais fora educada. Tendo o seu relacionamento com Théroigne de Méricourt levado a que ela encare a vida de uma maneira mais aberta, mais abrangente. Uma nova dimensão que a ultrapassa, a atemoriza, mas também a atrai, como se estivesse em posição de desafio e até de conflito consigo mesma.

Tão depressa cedendo aos seus renovados anseios, como recuando alarmada diante do abismo que isso cavaria a seus pés. Tenta portanto

afastar-se, cheia de dúvidas, para logo regressar ansiosa e a morrer de saudades do sobressalto, do clima incendiado, consciente de as horas serem demasiado breves, tanto nos salões como nas ruas amotinadas, nos clubes e nas assembleias.

Sobretudo quando Pauline Léon se senta a seu lado, cabelo ruivo e solto iluminado por uma gardénia lívida, falando com ousadia ao seu ouvido. Comentários sem freio ou receio, suscitados pelos discursos mais agressivos e ferozmente críticos, ou em relação àqueles mais pobres e longos, sem uma réstea de criatividade.

Na verdade, quando as mulheres sobem à tribuna, superam todos os oradores, e Leonor freme de entusiamo, aplicada na escuta das suas denúncias e reivindicações, muitas vezes cobertas pelo barulho que se eleva da sala, pois raramente os discursos delas são escutados pelos revolucionários. Palavras cobertas pelas vozes masculinas na discussão e na troca de ideias, isto quando não se levantam e saem, desrespeitando o que elas estão a dizer.

Leonor e Pauline nunca desistem de escutá-las, queixos apoiados no côncavo das palmas das mãos, cotovelos nas balaustradas de madeira escura e lascada, a arrepelar o tecido fino das mangas dos vestidos ou das longas franjas dos xailes.

Quando é a vez de Olympe de Gouges, Leonor presta atenção redobrada às suas palavras desabridas e espontâneas, marcadas pela chama da autenticidade: com paixão, ela exige para as mulheres os mesmos direitos e deveres dos homens. Sendo evidente ao longo do seu discurso o uso da claridade poética, a matizar e a desalinhar o excesso naquilo que ela grita.

Ganhando voo com as suas asas de águia.

No Círculo Social, Leonor escuta também, com uma atenção redobrada, Etta Lubina Johanna Aelders a discorrer sobre a necessidade da influência das mulheres num governo livre. Discurso que só anos mais tarde será publicado

e Germaine de Staël lhe enviará para Lisboa.

†

La Fayette sente uma pontada no coração ao pousar de novo os olhos em Leonor. Lembra-se de a ter avistado em Versailles vestida de vermelho, debruçada na varanda de mármore da casa dos Necker, na companhia de Germaine de Staël, na véspera da abertura dos Estados Gerais. Semanas depois pareceu-lhe vê-la na Corte, a falar em surdina com a Rainha Maria Antonieta. Então disseram-lhe tratar-se de uma condessa portuguesa e fixara o seu nome.

Desta vez, demora-se a reparar na estranheza dos seus imensos olhos acesos com o fogo do entusiasmo, mas simultaneamente toldados por uma espécie de tristeza perturbadora, a deixar-lhe na íris um leve rasto de pequenos pontos dourados na sua delicadeza azulada, em contraste com o vestido esmeralda, que lhe deixa a descoberto o longo pescoço e o início dos seios altos, xaile cor de mosto traçado nos ombros suaves.

Os caracóis mal presos descaem-lhe sobre a nuca com a maciez escorregadia do cetim, e o rosto calmo, sonhador, distingue-a das outras damas presentes pela beleza tranquila, pela singeleza, na recusa de tintas e sinais postiços que só lhe toldariam a pureza da pele alva.

Apoiando os braços nus na balaustrada de madeira do balcão, ela escuta atenta as veementes palavras de Olympe de Gouges, a discusar na tribuna: *«Vamos mostrar aos cidadãos que as mulheres também têm direitos! Sendo um deles, o de poderem fazer ouvir a sua vontade, a sua palavra libertária!»*

A La Fayette, Leonor parece-lhe deslocada naquele ambiente, apesar do calor dos seus aplausos a cada uma das intervenções das revolucionárias; esquecido de tudo o mais, examina-lhe os gestos, as expressões da face. No final, demora-se na Sala da Assembleia, cercando-a com disfarce.

Tenta em vão ignorar o acerado olhar de Pauline Léon, que não desiste de lhe mover uma perseguição feroz, denunciando *«a chama de dupla lâmina do seu carácter»*, para melhor o acusar de trair tanto os ideais como as promessas feitas. E, ao agredi-lo, leva-o a ficar ainda mais

confuso consigo mesmo, dividido entre o rei e o povo, a tentar negociar alianças sempre falhadas, virando-se para todos os lados sem encontrar outros indícios que não sejam de descontrolo do processo revolucionário, a caminho de uma violência abismada.

«Juro que utilizarei todos os meios possíveis para o desmascarar! Juro ter por ele um ódio absoluto! Juro jamais o afastar da minha memória!» – grita, apontando-o, Pauline Léon, e na Sala da Assembleia cava-se um silêncio súbito, durante o qual todos fitam com curiosidade La Fayette, muito alto e esguio na sua farda, segurando o chapéu com a ponta dos dedos a fazê-lo dançar, pluma rubra chamejando à luz fraca e trémula das velas. Imperturbável, simula não ter escutado nenhuma das ameaças que lhe são dirigidas, continuando a tentar captar a atenção de Leonor, com o seu límpido olhar de pervinca, que esta colhe de fugida, para logo o trocar pelo de Théroigne de Méricourt que segue a seu lado.

Desinteressadas, dirigem-se as duas para a saída.

La Fayette vê-as passar indiferentes, sem qualquer expressão no rosto pálido, e só quando as perde de vista se volta a fim de encarar aquela que o desafia.

†

– Porque não nos recitas esta noite os teus versos? – pergunta Théroigne a Leonor. Querendo convencê-la, estende docemente as mãos longas, secas e morenas até ao seu braço macio, que a meia-manga do vestido de seda deixa a descoberto, voz enrouquecida de muito argumentar para fazer valer os direitos das mulheres nas tribunas dos clubes e da Assembleia Nacional, em defesa dos seus princípios, batendo-se pela igualdade com grande desassossego.

No pulso fino de Théroigne desliza uma pulseira de safiras que empenhará alguns dias depois, a fim de continuar a viver independente, sem sofrer influências e pressões de ninguém, guardando no entanto o palacete Grenoble da Rue Louloy, em cujo salão Leonor acaba por

declamar alguns dos seus poemas escritos em Paris, não sem que antes indague com ironia:

– Mas neste salão não são apenas recitados versos franceses, republicanos e revolucionários?

– Pois hoje serão lidos belos poemas portugueses! – responde-lhe Théroigne, extravagante e apaixonada como sempre, cabelos escuros em cascata pelas costas, calças negras e justas nas ancas de rapaz, blusa de cetim branco e mangas tufadas nos punhos com rendas de Valenciennes. Os olhos são de um azul-intenso no rosto frágil, em contraste com o corpo magro mas vigoroso.

De amazona,

como todos lhe chamam, mesmo quando de túnica grega, nas galerias da Assembleia, aplaude os arrebatados discursos femininos.

Leonor olha-a conturbada, e mais uma vez cede aos seus desejos, sempre surpresa com aquela amizade que nelas vibra e as abala, as perturba.

Prisioneiras da razão e das Luzes que ambas defendem.

†

No isolamento do seu atelier, Élisabeth Vigée-Lebrun, a retratista oficial da Rainha Maria Antonieta, continua a pintá-la, tentando, quem sabe, capturar-lhe a alma ao transpô-la para a tela, e assim mantê-la a salvo dos tumultos, das ameaças, da violência crescente.

A França está a incendiar-se – pensa a pintora, consciente dos seus devaneios, enquanto usando a memória tenta recriar a Soberana, querendo chegar à presente debilidade daquele rosto longo, do qual há muito julga conhecer a cor e os tons e os traços: o azul-pavão dos olhos rasgados, os matizes níveos e rosados das pétalas da rosa fechada que ela agora lhe coloca entre os dedos afuselados, pele do mesmo tom das pétalas da sua face anteriormente de menina. Desta vez, porém, sem necessidade de lhe disfarçar a exuberância dos seios, nem dos braços e dos ombros, até há pouco tempo demasiado roliços.

O pincel segue no recente rasto do bistre das olheiras fundas, do aflito olhar raiado de sangue, da pele macilenta marcada por finíssimas rugas a sulcarem-lhe os cantos dos lábios e dos olhos tristes, nos quais reparara quando da sua última ida a Versailles.

Élisabeth Vigée-Lebrun, porém, depressa verifica não ser esse o rosto a que pretende chegar, e sim ao anterior, àquele outro durante anos oficialmente retratado por si. Será este, o pintado na véspera, que mostrará à condessa de Oyenhausen quando ela a visitar a meio da tarde do dia seguinte:

O da jovem Rainha estrangeira, bela e inconsequente, que na verdade já não existe.

†

Robespierre desvia-se para a deixar passar, na companhia da Princesa de Lamballe, dando-lhes acesso a uma das tribunas da Assembleia Nacional.

Mas Leonor recua.

Evita-o.

Tenta afastar-se da avidez do seu olhar turquesa, que ele mal permite pousar nos olhos dela, de uma ardência febril.

Tamanha é a crueldade adivinhada por si na secura dos lábios apertados e severos, que dentro do seu peito o coração se alarma.

†

No salão de Sophie de Condorcet,

Leonor, sem dar por isso, transforma-se por vezes em Alcipe; sentindo como nunca a falta de Filinto Elísio que se demora na Holanda a convite do embaixador de Portugal, António de Araújo, mas empolga-se na discussão das ideias e das liberdades, defendendo o que entende ser possível confessar, mesmo correndo o risco de poder ser expulsa daquela assembleia de gente liberal e revolucionária.

Théroigne convencera-a a declamar os versos escritos na véspera. Aplaudem-na. E Romme, seguido de Pétion de Villeneuve, assim como o severo e áspero abade de Sieyés, pedem-lhe que os repita, mas ela evita quanto pode aventurar-se na sorte, temendo reconhecer em si mesma os malefícios do excesso de que Paris transborda.

Ao contrário da holandesa Etta Lubina Johanna que, com facilidade, confessa o seu encantamento diante da turbulência e da violência crescente:

– Esta vertigem, este permanente excesso arrebata-me e convoca-me, dá-me uma enorme vontade de viver!

Então o marquês de Condorcet, com alguma ironia, cita Pascal: *«A nossa natureza é o movimento; o repouso completo é a morte.»*

Na verdade a morte ronda-os, a roçar as suas abismais vestes de negrume por toda a França.

Faz-se um penoso silêncio.

Leonor estremece.

E tentando fugir aos maus pressentimentos que a razão recusa, levanta-se com uma certa timidez no gesto simples, para recitar sem embustes um poema de Petrarca. Recaindo a discussão em seguida sobre as paixões funestas, a elas contrapondo Germaine de Staël a ideia dos amores sinceros e simples, o que faz lembrar a Sophie de Condorcet dois versos de Dante:

– Amor, que ao coração gentil e rápido se prende
Amor, que a nenhum amado amar perdoa.

Mas já da rua sobe até eles um clamor de multidão exaltada, que como por artes mágicas os faz emudecer.

– Por acaso estaremos a sentir-nos culpados de futilidade ao falar de cultura, ao recitarmos poesia? – pergunta Théroigne, com um leve sorriso de sarcasmo.

– Nem todos, assim espero! – apressa-se a responder Leonor, corando. E acrescenta, como se falasse consigo própria:

A poesia é a própria essência do sublime.

†

– Manon!

É o tom entusiástico do chamamento que lhe desperta a curiosidade. Naquele fim de tarde de verão há muita gente a passear nas ruas de Paris, sobretudo mulheres, conversando umas com as outras, atentas e veementes, ágeis ou indolentes.

Distraída, Leonor por pouco não esbarra no homem que chamara Madame Roland, chegada de Besançon. E ia recomeçar a andar, quando a seu lado escuta o restolhar de uma saia de tafetá amarelo-canário, no qual o sol põe veios de ouro, acentuando as pequenas nervuras que descem em correnteza até rasar uns pés pequenos e perfeitos, cinto de fita a marcar a cavada curva da cintura.

Por breves segundos deixa-se ficar encostada à parede branca da embaixada da Suíça, atenta à mulher morena e delgada, de olhar agreste, que contrariada atende ao chamamento de um homem de aspecto rude e cabelo crespo, mas que afinal, cortês, lhe beija ao de leve os dedos enluvados.

– *«Madame Roland é habitualmente uma mulher severa»* – comenta Sophie de Condorcet. Ela e Leonor acompanham-se com frequência, unidas na vontade de se afastarem do ambiente mórbido dos salões asfixiantes de Versailles, onde se sufoca de calor e de uma imensa inquietação, que ninguém já tenta esconder, janelas fechadas e portas guardadas noite e dia por soldados armados.

É também contra esse universo claustrofóbico, de reis alienados numa Corte de privilegiados decadentes, que Madame Roland se insurge com especial dureza, em artigos enviados dos arredores de Paris onde vive com o marido, para serem publicados nos jornais revolucionários – recorda-se Leonor, lembrando-se ainda de quanto ouvira elogiar a sua inteligência e a sua cultura. E fora por saber da sua veneração por Rousseau, num

entusiasmo idêntico ao seu, que parara na rua a fitá-la, mais do que seria delicado, antes de retomar o seu passeio com a condessa de Condorcet.

Como se sentisse a insistência desse interesse inusitado, Madame Roland volta-se e por segundos as duas ficam a olhar-se e a desentenderem-se de imediato, numa súbita antipatia mútua, sem a mínima vontade de se aproximarem.

Perplexa, Sophie de Condorcet baixa a cabeça a Madame Roland, num cumprimento rápido, e segue no encalço de Leonor, que já se distancia,

relutante e hirta.

†

DIÁRIO

As Luzes tomam uma tonalidade tão intensa, que a sua poalha luminosa fere-me os olhos e apunhala-me a alma, transformando-se de seguida em cintilantes lâminas minúsculas, no trajecto entre a aridez lisa do papel e a fulgurante fertilidade dos tumultuados dias que vou observando no seu empolgante e ameaçador enredo.

Não nego ter-me deixado envolver pela vertigem que a liberdade desencadeia e pelo abraço que à fraternidade apraz. Risco de vida corrido por vontade própria, saboreando o vento a desmanchar-me os cabelos e a crestar-me os lábios, permitindo-me ao mesmo tempo respirar mais fundo; expondo-me. Embora eu sempre guarde uma *«distância teimosa»* que me sangra por dentro, acabando por dissimular os trilhos dos passos das mulheres minhas antecessoras, confundindo já o meu caminhar com o daquelas que agora me estão próximas.

Sem me dar conta, cada vez com mais frequência acabo por me render e juntar-me ao entusiasmo pulsante e ágil. Clamando no entanto por um

entendimento que tarda a vir em meu auxílio, juntando as diversas partes das correntezas de um rio revolto.

A razão, de acordo com o meu pensamento, por entre a consistência ainda frágil dos acontecimentos só agora iniciados e dos quais tenho sido testemunha?

Tal como Penélope, vou tecendo a minha existência.

Escrevendo versos que na mesa do meu quarto se amontoam.

Paris, Verão de 1789

†

ANGELUS

Há anos que te sigo enquanto recuas.

Agora que em França a revolução avança, necessária e ávida de si mesma, tu em vez de te recusares-recuares, entregas-te, entreabres as pétalas, as tuas asas rubras.

Desproteges-te.

Ajustando a perplexidade e por vezes até o medo em que te encontras, juntando à tua vida uma nova alegria que te assalta-sobressalta.

Ao mesmo tempo que te desabriga.

Rasgando a tua saia, trepando à tua boca onde se acolhe o riso e o grito que evitas soltar. Mas a tua voz ganhou o matiz do júbilo e do entusiasmo, de ti escapando para ir até onde ainda vacilas, aristocrata, embora entretanto tenhas aprendido o requebro solto e ondulado das ancas.

Silvando à tua beira o que te assombra.

Primeiro fazes frente e entregas-te vacilando àquilo que te atemoriza e a que eu assisto, e só depois sacodes a vertigem magoada, admirada com a própria audácia que te empurra pelas ruas, a tomar parte de

acontecimentos que continuas a considerar errados. Por isso muitas vezes te isolas nas praças ensolaradas, ou sob as devassadas copas das árvores.

Curvas-te a aparares no côncavo das mãos em concha o cintilante jorro das fontes, a esperares matar a sede que te engrossa a saliva perfumada,

minha única e revolucionária por semanas tão curtas.

Mas o gume do frio da água corta-te a respiração e deixa-te na boca um estranho travo a ferro e a ferrugem.

Cada vez mais próxima,

Leonor,

do dia em que terás de encarar a tua realidade.

Apesar de a cada momento estar a teu lado, minha Diana caçadora de sonhos e ilusões, o que poderei eu saber de ti neste momento, Leonor, se de ti mesma foges tentando ignorar quem és?

Como se quisesses seguir um novo destino, recusando as raízes do passado, fingindo ignorares a inquietação, teimosa e determinada em permaneceres em Paris, numa luta que não sendo tua a tomas como tal.

Apesar das tuas indocilidades, reconheço-te de ti mesma retrato, na aura acesa, Leonor, e sobretudo na indocilidade permanente

do teu voo invisível.

†

Théroigne chega à praça onde havia combinado com Leonor encontrarem-se no início da tarde. Vê-a de longe debruçada na pequena fonte, cuidando em não molhar a saia do vestido de bainha já enlameada das ruas e dos caminhos de terra batida, por onde andaram, participando da marcha das mulheres revolucionárias.

Amazonas…

Como sugerira Théroigne, divertida com o olhar surpreso da amiga seguindo à sua beira.

Ainda longe, pára a fim de a olhar à vontade, a querer surpreendê-la antes que ela a veja e, hábil, muda a expressão fatigada do rosto emagrecido. Vê-a inclinar-se, o vestido enrodilhado e franzido na cintura

vergada, a aparar a água que lhe escorre por entre os dedos, como uma pequena cascata cintilando ao sol.

Depois aproxima-se, enquanto Leonor mitiga a sede, sem conseguir apagar o incêndio ateado bem no fundo da avidez do peito.

Do seu corpo de labareda.

†

Tal como prometera a si própria pede uma audência à Rainha Maria Antonieta, que a recebe a sós no Petit Trianon. Não querendo ser escutada, dispensa fidalgas e aias, camareiras e damas de companhia, aparecendo simples e esquálida, cabelos louros esparsos pelas costas em ondas largas, vestido cor de malva sem adornos a torná-la mais jovem. Pendurado num cordão de ouro trabalhado e esmeraldas traz um medalhão com o retrato a óleo da sua mãe, a imperatriz Maria Teresa de Áustria. Nos braços arrepiados, apesar do ar pesado e escaldante dos aposentos ultimamente trancados, usa uma longa echarpe cor de pérola entorpecida.

Impressionada com a sua magreza, Leonor curva-se numa curta reverência, sem encontrar palavras nem se lembrar dos protocolos da Corte francesa, arrependida já da audiência pedida. Mas ela puxa-a para si numa intimidade que jamais haviam tido, dando-se conta Leonor do intenso odor a rosas e violetas que se desprende da sua pele febril e macilenta.

– Estará Vossa Excelência lembrada de um dia vos ter falado de pressentimentos e de presságios? – pergunta-lhe Maria Antonieta, fazendo-a sentar-se a seu lado, e referindo-se aos seus antigos pesadelos funestos e predestinações sangrentas.

– Tudo o que então previ, Senhora Condessa, era afinal bem pouco e fraco em comparação com a presente realidade.

Embora a Rainha não chore, o seu olhar sobressaltado tem laivos do grande desatino a que só a total desesperança e o terror podem levar.

– Estou rodeada por tanto ódio, que às vezes julgo desfalecer sufocada pelo seu peso – confessa, ciente das ameaças e do gosto do veneno que as

calúnias destilam, acusada de todos os males de França, onde nem por um segundo deixara de ser uma estranha, uma estrangeira indesejada.

Leonor mantém-se em silêncio, alarmada com o tom das suas palavras, a face marcada pelas olheiras fundas, as rugas a cavarem-lhe a pele em torno dos olhos inchados pelo choro e dos lábios descoloridos, onde paira um vago e triste sorriso amargo no rosto inesperadamente envelhecido.

Diante do calamento da portuguesa, das suas pálpebras descidas a encobrirem o olhar pesaroso, da desolação das divisões vazias, do cheiro a mofo que começa a tomar conta dos cetins e das sedas desmaiadas em torno delas, Maria Antonieta perde o pouco controlo que lhe resta e, de ânimo exaltado ergue-se, saindo em desatino pelos corredores, entrando e abandonando as salas delicadas e desertas, a Sala da Música, o teatro dourado e índigo, descendo e subindo a escadaria, a tropeçar nos jarros de faiança azuis que se quebram, indo de quarto em quarto dos quais abre e volta a fechar as portas. Leonor segue-a, sem saber como acalmá-la, limitando-se a vê-la estonteada como um pássaro a querer escapar da armadilha, indo embater nas banquetas, nas cadeiras e nas mesas, ora deitando ao chão as jarras que se estilhaçam ao caírem desamparadas e translúcidas em cima dos tapetes, ora em fúria, varrendo dos móveis as figurinhas de Sèvres e de *biscuit* que se despedaçam; estremecendo aterrada ao menor ruído que lhes chega vindo das áleas do Jardim Inglês ou da alameda das tílias.

Quando, finalmente exausta, se aquieta numa cadeira de espaldar acolchoado a veludo onde encosta a cabeça, pescoço níveo palpitante deixado a descoberto, Leonor toma-lhe as mãos pequenas e macias, débeis e translúcidas sob o peso dos anéis de diamantes, sem encontrar palavras de ânimo bastante para lhe atenuar a infelicidade. Mas Maria Antonieta sossega, o rosto volta a ganhar alguma cor, enquanto o lábio inferior treme de choro mal contido. Desmaio ou sono a que se entrega, na tentativa impossível de esquecer os motins que todos os dias enchem as ruas de Paris e as estradas que levam a Versailles.

Cada vez mais perto.

†

DIÁRIO

Volto a agarrar-me ao pensamento de Voltaire,

arrimo-me às suas palavras, às suas ideias, num avanço feito de recuos e de conivências. No que respeita a Rousseau, sou dominada pela vontade de comprovar, na realidade, as suas propostas.

Aliás, as palavras e os ensinamentos de ambos parecem-me cada vez mais fortes, mesmo quando me deixo levar pelas dúvidas, por medos e receios, sem coragem nem ousadia para continuar em frente. Temo e tremo na hora que passa, pois o clamor das ruas e das assembleias cresce, sobe de intensidade, como se pegasse fogo, levando-me a associar Paris à Roma incendiada por Nero…

Ponho num dos pratos da balança os ideais da liberdade, dos princípios que me movem, e no outro prato as minhas origens e os ensinamentos aprendidos na infância. A filosofia e a ideologia exigem de mim uma coerência que por vezes me pesa, sempre que o berço me embala com maior insistência, trazendo-me à memória um Portugal distante e parado no tempo.

Embora por vezes me sinta deslocada entre os revolucionários e as amazonas da revolução – como lhes chama Théroigne – continuo a não querer partir.

Paris, Verão de 1789

†

Maria Antonieta recolhe-se no seu medo, desse modo parecendo tranquila.

Dispensa as aias.

A Corte está reduzida a quase nada. O Palácio tem vindo a esvaziar-se numa lenta sangria, até não restarem mais coches, mais carruagens, mais cavalos.

Ela própria ordenara a Gabrielle de Polignac que partisse enquanto era tempo pois, conhecida como sua favorita, o povo odiava-a com especial acinte. Implorara-lhe que fugisse, embora ao fazê-lo o coração se despedaçasse, e agora sofra a sua falta sobre todas as outras.

Mal Gabrielle se fora, com os enormes olhos claros marejados de lágrimas, os longos cabelos castanhos em desordem, o corpo macio debaixo do fato de disfarce, refugia-se na companhia agreste do desgosto, das perdas, do desamparo; e a partir desse momento limita-se a esperar que o tempo passe.

«É na desgraça que melhor sentimos o que somos» – escreve numa última carta a Marcy-Argenteau, a pena prestes a escapar-lhe dos dedos trémulos e perfumados. Mas achando-se por demais desvalida, desprotegida da sorte e infinitamente só, num derradeiro esforço acrescenta no seu diário uma última frase em jeito de promessa a si mesma:

«Seja qual for a desgraça que me persegue, posso ceder às circunstâncias, mas jamais consentirei em nada que seja indigno de mim.»

Erguendo a face lívida, Maria Antonieta detém o olhar toldado em Louis Charles, o filho que lhe resta. Debruça-se, pega nele e sobe-o ao peito sobressaltado, apertando-o nos braços nervosos.

A noite acabará por descer tempestuosa. Há muito já que trouxeram os candelabros acesos, e a duquesa de Tourzel viera bucar o Delfim para o ir deitar. Sobressaltada, a Soberana escuta a vergasta da chuva nas vidraças das janelas fechadas, cobertas pelos pesados cortinados de damasco. Acabando por se esquecer das horas, olhar absorto na lareira entretanto apagada, sem entender o motivo porque a França a odeia de uma forma tão feroz. Lá fora, nas ruas apinhadas, nos pátios, diante dos imponentes portões, as mulheres chegadas de Paris, indiferentes à borrasca,

aproximam-se devagar, unindo as ancas umas com as outras, como se formassem um aro apertado em torno da Rainha.

Pela última vez hesitam.

Têm fome e sentem muito frio.

Serão elas a ir adiante do povo que, na escuridade e sem pressa, começa a cercar o Palácio de Versailles.

†

Têm as mãos enregeladas quando às quatro da manhã forçam as portas do Palácio de Versailles. Depois da noite passada em branco ao relento, encharcados pela chuva e o granizo da tempestade desgovernada, deixam de bom grado que a ira os invada diante do afrontoso luxo aquecido e dourado com que deparam; zangados também consigo próprios, ao verem-se miseráveis, maltrapilhos e porcos, multiplicados pelos enormes espelhos de ouro e cristal que cobrem as paredes; e quando dois jovens guardas pretendem barrar-lhes o caminho, degolam-nos sem remorsos.

Algumas das mulheres que trabalham na cozinha real haviam-lhes passado a planta do palácio: as salas, os salões e os quartos alinhados ao longo de corredores infindáveis, formando um círculo fechado na ala onde ficam os aposentos da Rainha.

Os homens, excitados com a expectativa de a encontrarem, e com o cheiro ao sangue que lhes suja as mãos, falam alto e berram grosserias, os passos pesados ecoando no soalho já enlameado. Embora ainda acanhados, pouco à vontade, sem saberem lidar com todo aquele fausto e magnificência que por enquanto não se atrevem a destruir.

Ouve-se um deles gritar:

– Queremos o coração da rainha!

Logo seguido pelas vozes fortes das mulheres a exigirem

«a cabeça da cabra estrangeira, da porca austríaca!»

†

A Rainha de França acorda sobressaltada com o fio dobado da raiva das mulheres, o zunido aflito das camareiras e o choro tímido de madame Thibaut, sua dama de honor, a implorar-lhe que se levante a tempo de ser vestida. E escutando o grande clamor das vozes dos homens a tentarem arrombar a porta, estremunhada levanta-se de um salto e deixa-se arranjar à pressa, para depois fugir pela escada disfarçada atrás de um cortinado de veludo espesso que a leva até à passagem secreta que liga os seus aposentos aos do marido.

As saias erguidas pelos dedos pouco firmes do medo, sobem nas pernas delgadas e mal cobertas pelas meias de seda, que escorregam das ligas de cetim e pérolas, pés descalços voando nos tapetes espessos até ao quarto do Rei que, atordoado, a recebe nos braços, sentindo-lhe junto ao seu o corpo fremente.

Sem fala, Maria Antonieta apoia-se na fragilidade do seu ombro, os cabelos louros espalhados em desordem, quando os seus perseguidores, frustrados, entram de rompante nos aposentos reais a gritarem de raiva e empunhando com ódio as espadas dos guardas que haviam matado, facas e paus e ancinhos. Mas, mal vêem a Rainha, que apesar do rosto lívido os olha de frente, direita e altiva, param, subitamente emudecidos. De novo humildes e respeitosos, recuam diante dos Reis, que pela primeira vez vêem de tão perto.

†

Cinge o filho ao coração.

Apesar de muito pálida aparenta estar serena, mal se apoiando a uma das colunas harmoniosas da varanda de um dos salões do palácio, onde alguns dos fidalgos e o Rei aguardam em silêncio. Evita olhar para baixo, na direcção do povo irado e amontoado no pátio, que quando ela assoma com o Delfim nos braços de imediato se aquieta.

As mulheres calam-se, atordoadas com os próprios gritos, e num gélido silêncio fitam a Rainha detestada, e pela primeira vez hesitam, pois de

alguma maneira encontram-se reflectidas na sua imagem abraçada ao filho. Talvez porque esse simples gesto materno de súbito a banaliza.

A humaniza.

Tornando a Rainha de França quase igual a elas. Deixam-se enternecer, por momentos esquecem-se de quanto a odeiam, baixam os braços, abrem as mãos que empunham as bandeiras e as forquilhas. Estremecem ao vê-la aflorar com os lábios pálidos a testa do menino.

A Soberana treme de frio, os ombros mal cobertos por uma leve echarpe dourada, franja emaranhada de pequenas pérolas. A chuva miúda encharca-lhe os cabelos, cola-os à face descorada, boca crispada pela humilhação a que é submetida. Sem o exotismo dos penteados, das cabeleira postiças ou das tintas que habitualmente lhe pintam a cara, parece natural e feminina.

Fardado a rigor, La Fayette sai pela porta entreaberta que dá acesso ao terraço onde Maria Antonieta se encontra, e a passo lento aproxima-se dela segurando o chapéu preto onde ressalta uma pluma vermelha. De cabeça descoberta avança, escutando o silêncio imenso que abruptamente se cava em torno de ambos.

Muito devagar Maria Antonieta vira-se e fita-o, admirada mas reconhecida; já diante dela, La Fayette curva-se, demonstrando respeito, e quando a Rainha solta do corpo do filho uma das mãos e lha estende, ele toma-a na sua e beija-lhe os dedos afuselados.

Sentindo deles o ruivo odor a rosas e a febre recolhida.

†

Mais tarde as mulheres chegam para vir buscar o Rei e levá-lo para Paris, decididas a não sair de Versailles sem ele. Embora estejam famintas e tenham passado a noite em branco debaixo da chuva grossa empurrada pelas cordas do vento, continuam a bradar com o mesmo ímpeto, numa mescla de determinação e zanga, onde se vão misturar algumas lágrimas que tentam disfarçar, envergonhadas, os cabelos desgrenhados a escaparem debaixo dos lenços, enquanto vão gritando:

– O Rei para Paris!

E os homens, mesmo os da guarda real, fazem eco do berro que, no entusiasmo, logo parece tornar-se aberto e generoso.

– Viva o Rei! Viva o Rei!

Há quem tente acender fogueiras que o temporal logo apaga. Mirabeau olha em torno, sem parecer ter entendimento da dimensão do muito que ali se joga; ao longe pode ver-se Robespierre a acicatar os ânimos exaltados. Mas o olhar de Leonor, que dá conta de toda a cena de uma das janelas da casa dos Necker, fixa-se em La Fayette quando este sai do palácio guardando a soberana, que segue o marido pelo meio do povo a gritar:

– Não queremos a austríaca!

– Não queremos a cabra estrangeira!

Rejeitada, Maria Antonieta endireita-se como se a tivessem esbofeteado. Mesmo assim entra na sua carruagem, que logo parte a caminho de Paris.

Atrás dos coches reais segue a multidão a pé, enterrando-se na lama até aos tornozelos; há ainda aqueles que a custo conseguiram uma carroça, um burro, um fiacre desmantelado.

Ao longe ouvem-se tiros de espingarda e os guardas reais, atentos, cuidam de conter e afastar dos Reis o mais possível o povo raivoso e esfomeado. Sereno, La Fayette comanda a escolta dos monarcas montado no seu cavalo branco, acompanhando a carruagem do lado em que vai sentada a Rainha, a dissimular-se o melhor possível na penumbra aveludada do carro que avança a passo, aqui e ali impedido de seguir. O Rei sente-se temeroso: receia sobretudo as mulheres que, estendendo os dedos encardidos, se afoitam demasiado a tentarem forçar as janelas, abrir as portinholas lacadas, com as armas reais gravadas a ouro.

†

Adorada Lília
senhora do meu coração

Será que ainda existo para ti, minha querida amiga, depois de me teres deixado para trás sem palavras de consolo e de ternura? Ou a parte que me cabe do teu coração já foi roubada, levada por essa aventura enlouquecida a que desafortunadamente te entregaste, deixando todos nós aflitos, e a teu marido e filhos abandonados?

O que te prende aí, minha Leonor, a correres por gosto perigos desnecessários, ou mesmo a tomares parte, quem sabe, do desnorte desse desgraçado povo a cavar a própria sepultura! Afinal, eu nem sei porque me admiro, se desde o início sempre te vi fascinada e de bom grado a enredares-te nas perigosas palavras de Rousseau, de Voltaire e Diderot, na teima de seguires-lhes o rasto apesar de eu te haver prevenido contra tão perniciosas leituras.

Não será portanto agora que me escutarás. Mesmo assim rogo-te que cuides melhor dos teus actos, pois aqui já começaram a chegar rumores a teu respeito, e a tua família e eu tememos por ti, minha Leonor. O teu marido responde às cartas que lhe mando, ora com queixas ora desculpando-te, parecendo-me por demais desnorteado, sem saber o que fazer consigo mesmo e com as crianças.

A ti, pelo contrário, com a sede de aventura que te conheço, calculo-te encantada, participando nessa insurreição, cada dia mais cativada pelos perigosos poetas e filósofos da liberdade. Liberdade essa ameaçadora da vida dos outros…

Diz-se por aqui que os Reis de França já estão presos. Será isso verdade? Custa-me a acreditar que tu, minha incomparável, possas assistir a tamanha atrocidade sem te indignares e tomares pelo menos o partido da infeliz Rainha Maria Antonieta. Não há ninguém capaz de lhe valer?

Desta tua amiga só posso dizer-te da aflição dos meus afectos sobressaltados pelo susto em que me pões, da ternura contaminada pela ansiedade, do rigor abrandado pelo desfalecimento a que me leva a falta de tuas notícias. Pelo menos promete que irás escutar os meus argumentos, repensar as tuas posições, reconsiderares os teus actos e os teus sentimentos, e volta para nós, Lília adorável!

Amada «dos tristes olhos de

Tirse»

Lisboa, Agosto de 1789

†

Não é medo mas entusiasmo o que Necker descortina nos olhos de anil cintilantes, marcados pelo vinco roxo das olheiras fundas, da bela condessa portuguesa amiga da sua filha Germaine, quando ela o foi procurar no Ministério das Finanças.

Olhar impertinente a demorar-se em tudo, sem cuidar de disfarçar a curiosidade e o especial interesse que lhe despertam os papéis espalhados na grande secretária de mogno escuro. Vinda para conseguir dele um salvo-conduto, a fim de poder chegar a Marselha onde a esperam o marido e os filhos.

Traz com ela o cheiro a pólvora da rua, no vestido de tafetá carmim, odor atenuado pela essência de nardo que habitualmente usa, e também pelo travo a nevoeiro com que Paris nesse dia amanhecera. Na desenvoltura dos seus gestos adivinha-lhe Necker a expectativa e também a coragem.

Germaine, e mesmo Suzanne de quem conhece a sensatez, admiram-na, amam-lhe os versos; mas ele que sempre recuara diante das mulheres cuja beleza esconde ambição e inteligência brilhante, avalia-a cismado, também por nunca ter confiado nos poetas, eternos fugitivos da realidade, escapando a todo e qualquer controlo através das asas da utopia e das palavras do sonho. A revolução parece entusiasmá-los, embora a fraqueza prenda muitos deles em casa.

– O senhor meu pai vai desculpar-me, mas discordo de Vossa Excelência. Conheço poetas que se têm juntado ao povo na rua! – indignara-se Germaine, diante desta sua teoria. Deixando-lhe no peito de pai um amargoso rasto de medo, no que diz respeito às suas ideias e tomadas de posição, que só por si poderão vir a colocar a vida dela em risco.

Quem melhor do que ele para conhecer o perigo do que se está a passar em França? Quem melhor do que ele para sentir o abismo a cavar-se debaixo dos pés de todos? – Mediador, convicto da necessidade de pactos, tenta encontrar pontas que atem, ajustem proximidades, acordos provavelmente impossíveis entre o povo sublevado e o Rei.

Necker consegue a custo forçar um esgar de aprazimento fugidio, e cansado da tensão em que vive os dias sobressaltados e as noites passadas em claro, acaba por perguntar:

– Em que poderei ter a honra de servir Vossa Excelência, senhora condessa de Oeynhausen?

Leonor, que embora contrariada se sente na obrigação de regressar a Marselha, pressionada pelo desnorte das cartas de Carlos Augusto, mas desejando ardentemente ficar em Paris, mantém-se em silêncio. Na verdade inconsolável, detesta a ideia de trocar a presente vida pela anterior, e quando finalmente fala, é para dificultar a sua partida indesejada, sublinhando as ameaças e os perigos que todos os dias ela inventa maiores, recriando os obstáculos que sempre acrescenta:

– Dizem-me haver estradas cortadas, atalhos vigiados, caminhos proibidos… Não poderá o senhor ministro munir-me de um salvo-conduto que me garanta a viagem?

Suspeitando ser mau preceito demovê-la de partir, mas não estando nas suas mãos o poder de salvá-la dos perigos de um trajecto até Marselha por estradas guardadas pelo povo armado, que desse modo tenta deter os fidalgos fugitivos, Necker abana a cabeça onde a cabeleira discreta é ajustada atrás por um estreito laço preto de cetim, e responde com ironia amarga:

– Um salvo-conduto para a senhora condessa, arranjo com facilidade. Mas garantir a Vossa Excelência a chegada sã e salva a Marselha, isso não garanto. Neste momento, aliás, eu já não garanto nada, senhora condessa, absolutamente nada! Apesar de continuar ministro, de certa maneira retiraram-me de novo o poder. Afinal, já não me afastou o próprio Rei?

– Vossa Excelência regressou por decisão dos Estados Gerais! – responde-lhe, chocada, Leonor.

Como forma de contestar aquilo que ela diz, sem se comprometer e a sublinhar ao mesmo tempo a própria inoperância diante dos acontecimentos, Necker abre os braços num gesto largo de impotência, semicerrando os lábios finos por onde raramente perpassa a sombra de um sorriso.

†

Será Germaine a conseguir-lhe um salvo-conduto, sob segredo absoluto. Mesmo assim, Leonor continua a adiar a partida para Marselha. Vai até ao atelier de Vigée-Lebrun, ao salão dos Condorcet, e janta com Germaine na Embaixada da Suécia e em casa de Suzanne Necker. Regressa às reuniões, canta e recita poesia nas assembleias onde já é conhecida, faz versos, escuta com atenção tanto o povo gritar na rua como aquilo que se diz nos aposentos privados da Rainha quando a visita nas Tulherias.

Descobre as sociedades do pensamento, onde discute filosofia, teologia, e os clubes que frequenta com Théroigne de Méricourt, dedos entrançados, a tecerem comentários e rindo baixo ao ouvido uma da outra.

Volta a ter demoradas conversas com Olympe de Gouges que lhe lê com entusiasmo alguns dos seus manifestos sobre a discriminação, a violência que pesa sobre a vida das mulheres, *«esse sexo demasiado fraco e há demasiado tempo oprimido, prestes a sacudir o jugo de uma escravatura vergonhosa»*; e lhe mostra o começo da sua *«Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã»*. Aprende a admirar-lhe a persistência corajosa, a determinação teimosa, diante da animosidade, da grosseria irónica com que é tratada.

Mas é quando conhece Etta Lubina que compreende a importância do sonho na vida das mulheres e de como elas se superam a fim de o alcançar, de como conseguem ir longe na sua edificação. E o sonho dela é a criação de uma sociedade patriótica feminina em cada freguesia de Paris, a que chamará «Amies de la Vérité»… Esquecem-se das horas a discutir

até ao amanhecer, na sua encantadora casa na Rue Favart; e antes de partir vai vê-la subir à tribuna do Cercle Social, donde exorta as francesas a imitarem a virtude das damas romanas…

A última semana passa-a sobretudo junto de Théroigne, em dias de intranquilidade e noites de envolvimento, passeia durante horas pelos cais do Sena seguindo as águas tranquilas, atravessa as suas pontes abismadas no crepúsculo, deixa-se maravilhar com a beleza melancólica e translúcida da atmosfera esfumada junto de Notre Dame.

Devagar, despede-se.

†

No parco resguardo do Palácio das Tulherias para onde os reis foram levados a contragosto pela multidão irada, Leonor desce até ao jardim para onde dá o apartamento da Rainha, e caminha ensimesmada pelas áleas geométricas às quais o descuido deixou que se misturassem algumas pequenas flores e arbustos débeis. Mais além, por entre os poucos áceres, ulmeiros e abetos que Le Nôtre se permitira esquecer, crescem os crisântemos a estriarem-se de brancura na lividez das begónias, por sua vez a esvaírem-se no sussurro carnal das rosas trepadeiras, ultimamente votadas ao abandono.

Pensa com melancolia em Filinto Elísio, que se estivesse em França escolheria sem nenhuma dúvida o lado da revolução; Leonor entende isso sem inquietude: ele saberia ser o filtro entre as partes contrárias.

Discernindo.

Separando o podre do são, a inocência da perversidade, a virtude do mal. Então, talvez as situações e os sentimentos dela se tornassem mais rigorosos e claros, no empenho da escolha de uma rebeldia que agora lhe parece anulada pela acção e as palavras dos revolucionários, que travam um combate feroz com o poder real e com a fidalguia tão ociosa quanto inútil.

Enquanto ela continua a esgueirar-se amedrontada e cobarde, a fim de não se ver obrigada a tomar uma posição clara. Testemunha apenas.

Apesar de, por vezes, também participante, levada pela coerência com as próprias ideias e posições, o que não a impede de, simultaneamente, se sentir traidora diante do próprio nascimento e das suas raízes. Leonor, que imaginara ter já optado por acertar o passo com o das suas novas amigas, lado a lado no mesmo caminhar com Théroigne, Olympe de Gouges, Etta Lubina, Germaine de Staël, subitamente oscila, desequilibra-se e pensa ir quebrar-se no chão hostil das suas dúvidas.

Feita de cristal ou de vidro.

Desconsolada, isola-se, refugia-se na solidão dos cais do Sena, no anonimato das assembleias e dos círculos revolucionários, na sombra furtada aos salões dos Condorcet, de Suzanne Necker, de Marie Anne Vigée-Lebrun, escurecimentos onde Leonor tenta anular-se no Paço agora sem brilho, ao longo do vazio gelado dos pátios inóspitos, das passagens e das escadarias onde as correntes de ar se cruzam e apunhalam, dos pavilhões, dos gabinetes, das salas ermas.

Alheia-se, tendo a mesma atitude de Maria Antonieta ao tentar esgueirar-se por idênticas estreitezas, nos seus labirintos, sem encontrar uma saída para a sua situação sem remédio. Mas enquanto no fundo do coração aflito a Rainha tem a certeza de que acabará por ser morta, Leonor limita-se a retornar, cheia de remorsos, às suas próprias origens.

E acaba por deixar Paris a caminho de Marselha.

†

Ao contrário do que acontecera meses antes na viagem para Paris, no regresso a Marselha fazem-na parar várias vezes nas barragens entretanto levantadas ao longo das estradas, junto das quais há soldados, mas sobretudo homens de tricórnio e pés descalços, mãos rudes e vozes ásperas.

Leonor reconhece-os pelo brilho do olhar teimoso e febril, detecta-lhes o azedume da desconfiança enquanto lhe revistam as malas e a carruagem de onde saíra empurrada, embora lhes tenha mostrado o passaporte e o salvo-conduto. Menos preocupada em ser impedida de seguir caminho do

que em refugiar-se da chuva gelada que a tem acompanhado durante toda a viagem, tranças de água atiradas pelo vento desabrido, a passarem pelas frinchas das janelas e das portinholas, fazendo-a tiritar debaixo da manta de pele de marta onde se embrulha.

Quando o carro se atola na lama, e ela tem de descer transida, abriga-se encolhida sob as esparsas ramadas das árvores, enquanto o cocheiro tenta libertar as rodas presas do carro. Nas bermas dos atalhos que por vezes tomam, definham-se as roseiras bravas que o inverno rigoroso arranca da terra pelas raízes finas. Vê-as assim de rojo, quebradas, decepadas, a apodrecerem já, e desvia o olhar com o coração sobressaltado, apunhalado, lacerada pela recordação e a saudade, a falta lancinante de Théroigne, nunca sabendo quando a chuva na sua face se confunde com as lágrimas.

Mais adiante, na curva da estrada que o nevoeiro cobre, está outra barragem, por trás da qual o povo espera os fidalgos em fuga.

– Temos fome, mas sobeja-nos a teimosia e a raiva! – ouve dizer a uma das mulheres que pousam os varapaus, os piques e as gadanhas para a revistarem, rosto fechado de mau agoiro. E enquanto em silêncio elas passam as mãos grossas e calejadas pelo interior das suas saias, do corpete e da capa, roçando-lhe, indiferentes, as ancas e as coxas, repara nas crianças apoucadas à roda, olhando. Especialmente as rapariguinhas, que Leonor não consegue comparar com as filhas, tamanha é a diferença dos destinos, bem visível na magreza dos corpos, na pobreza dos trajos, na fundura da dureza, na amargura da boca, no enredamento dos olhos.

Do outro lado da berlinda os soldados e os homens armados tentam entender, suspeitosos, os dizeres dos papéis que ela lhes entregara, e quando finalmente lhos devolvem e lhe permitem partir Leonor sabe que o mesmo ritual poderá repetir-se na próxima curva da estrada.

†

Mano do meu coração

Acabo de tornar a Marselha vinda de Paris, onde cheguei na altura da missa do Espírito Santo e da procissão imponente na véspera da abertura dos Estados Gerais, a que assisti ao lado de Germaine de Staël. Foram dias de tensão e emoção enormes, que embora muitas vezes me tenham chegado a intimidar também muito me entusiasmaram.

Fui testemunha, mano Pedro, dos primeiros meses da revolução. Agora em Marselha onde estou começa-se a ouvir falar em sangue, sinal de que a intolerância está a vencer o ideal, que é belo e justo, ainda me fazendo sonhar, a despertar-me a vontade de provar a diferença, de conhecer a verdadeira liberdade e a igualdade que se desenham, quem sabe se até, um dia, entre as mulheres e os homens.

Encontrei a determinação onde antes estivera a fraqueza, e o gesto irado motivado sempre pela maior miséria e injustiça.

Seja como for, mano, sobretudo por aqui já nada é seguro, apesar de continuarem a multiplicar-se as tentativas de conciliação, pois há quem ainda acredite ser possível encontrar consensos onde em princípio só existe a contradição e o desencontro. A esperança de haver entendimentos é pouca, pois demasiado é o desejo de luta e de luto.

Neste momento, *«os acontecimentos não têm misericórdia»*.

O povo está armado e na rua, as brumas adensam-se. A intuição dita-me a necessidade de partir depressa, de regressar a Portugal com Carlos Augusto e as crianças.

No entanto…

Algo de muito forte continua a prender-me a França.

Mana
L.

Marselha, 1789

†

Claire Lacombe sabe quem é Leonor de Almeida, condessa de Oeynhausen. Habituara-se a vê-la na Assembleia de Marselha, acompanhada por poetas, e no teatro quando vai com o marido vê-la representar. Conhecera-a antes quando, regressada de Paris e a pedido de Olympe de Gouges, ela a fora procurar para lhe entregar uma carta.

– Porquê pessoalmente? – quisera saber na altura Claire, ao que a condessa portuguesa lhe respondera com um vago sorriso amargo:

– Porque a revolução me ensinou a desconfiar dos que me rodeiam. E mais do que tudo nesta vida, temo os déspotas, os traidores, os sicários, e igualmente os olhares e ouvidos indiscretos.

Esse ódio aos déspotas e aos traidores, comum às duas, fez nascer entre ambas um elo cúmplice de simpatia e conivência. Mais tarde, Claire dará por ela nas sociedades e na Assembleia, com os seus amigos idealistas. E no final das sessões, embora já radical e passionária, Claire passou a juntar-se-lhes, interessada nas suas palavras eloquentes, nas suas dicussões, embora lhes conteste as posições políticas conservadoras.

No entanto, é a condessa de Oeynhausen que lhe desperta a maior curiosidade, devido à estranheza que nela tem vindo a descobrir: condessa portuguesa que, apesar da contensão, se ligou às amazonas, como a brilhante Théroigne de Méricourt.

No bilhete enviado por Olympe de Gouges é-lhe proposto ir para Paris ajudar a construir o Clube das Mulheres Revolucionárias. Teria de trocar Marselha pela capital e o teatro pela revolução. Mas também lhe é dito ser da maior importância manter-se um permanente contacto com Leonor de Almeida.

Claire Lacombe será esse contacto.

†

Os filhos dormem na ala norte, perto dos quartos das amas. Leonor volta a desoras, exausta e esquecida de tudo. Carlos Augusto, apesar de também chegar tarde, depois de o casino fechar, queixa-se da sua demora, mas ela

nem o escuta, a atenção presa nas ruas e nas assembleias onde os acontecimentos se precipitam e decidem.

Passa grande parte das tardes na companhia de Claire Lacombe, de Jacques Delille e dos seus amigos escritores, pintores e poetas, levantando dúvidas, discutindo, falando do que os entusiasma, mas também do que os preocupa ou francamente temem. Depois de Claire subir à tribuna e discursar com entusiasmo republicano, saem dos salões onde se abafa de calor e de odores pesados, a fim de irem sentar-se nos pequenos *bistrots* do porto de Marselha, a respirarem com prazer o hálito salgado do Mediterrâneo, acabando quase sempre por admitirem o óbvio: apesar de continuarem a estranhar e a temer muito daquilo que vêem e escutam, a filosofia, os princípios subjacentes às atitudes revolucionárias entusiasmam-nos, arrebatam-nos.

No entanto, todos os dias, Leonor demora-se mais no medo.

– Porque não queres partir, Nelly, e tornamos a Portugal? – pergunta-lhe, assustado, Carlos Augusto.

Mas como pode Leonor explicar-lhe que enquanto a metade medrosa dela recua e se inquieta, a outra metade se rebela, se extasia, pretendendo ir mais longe, passando todas as fronteiras, infringindo todas as regras, galgando todas as margens?

†

DIÁRIO

Os poemas, que nunca me abandonam, perturbam-me agora os dias, pois tanto me salvam transportando-me nas suas asas de Uriel, permitindo-me subir com elas a ganhar força e altura, como me incendeiam e precipitam do cimo.

Uma coisa é certa, a minha vida perdeu a paz. Nada mais será como dantes. A arte, a escrita, os livros, já não me bastam.

Em mim despertou a mulher política.

Marselha, 1789

†

São muitos os relatos que lhe fazem.

Factos que acontecem ou inventam: Leonor nunca sabe, sem conseguir discerni-los, destrinçá-los no emaranhado uns dos outros.

De Caen chega-lhe uma história que a faz estremecer e lhe revolve o estômago: o major Belsunce, que um dia conhecera de passagem, fora morto a tiro quando ia preso e vaiado pelo povo, que desprezava. Bala a dilacerar-lhe o lado esquerdo do peito, farda manchada de sangue vivo e quente do corpo perplexo a tombar inerte para a frente, a encolher-se no final da queda. No rosto quase perfeito, consta ter ficado gravado um pequeno sorriso altivo e ligeiramente surpreso.

Leonor recorda-lhe a beleza híbrida, simultaneamente feminina e máscula, num entrançado ambíguo: os olhos velados de um intenso azul-violeta, a contrastar com as sobrancelhas e as espessas e compridas pestanas nocturnas, de uma escuridade árdua, a sombrear-lhe a face de pele lisa e muito pálida, onde sobressaía a boca ávida, provocadora e impertinente, na qual se adivinhava uma crueldade nefasta.

Depois de ter caído, atingido à queima-roupa, as muitas mulheres que ele violara – diz-se – despiram-no com cuidados de seda e sede; em seguida, deitaram-no sobre as pedras enlameadas da rua, e com a ajuda das unhas afiadas ou partidas, roídas pelo sabugo, com as navalhas, as lâminas frias das facas, os punhais que traziam à cintura ou nas ligas pretas das meias de retrós,

dilaceraram-no.

Devagar, com a exactidão dos cuidados femininos, abriram-lhe o peito de cima a baixo, um traço muito fino onde mal parecia ressumar o sangue,

desde o final da alta haste do pescoço até lhe aflorar a mata densa, macia e luxuriosa do púbis que todas elas conheciam. Usando de uma rigorosa precisão cirúrgica, afastaram cada uma dessas duas partes para o lado, como se fosse a corola de uma flor, e trouxeram para fora o coração de rubi intacto ainda quente, a senti-lo palpitar no côncavo das palmas das mãos. Em seguida cortaram-no em pedaços muito pequenos para o dividirem entre elas. E agachadas em círculo, à roda dele, comeram-no.

Devagar, com um extraordinário requinte.

Apetite.

†

Carlos Augusto sempre que pode afasta-se dos confrontos.

Prudentemente, foge ao encontro que os deputados de Marselha querem marcar com ele.

Sobretudo teme comprometer-se.

Aterra-o a exaltação que pressente arrastar consigo o gesto da mudança. Finge ignorar a ameaça a cercá-los, dia após dia, com a sua insídia, e do mesmo modo pretende esquecer a febre e o excesso dos olhos de Leonor de quem está cansado, saudoso de ter perto de si a passividade das mulheres de quem logo se aborrece, mas procura e encontra, em casos amorosos breves e sem história.

Acordam-no de noite os gritos, as palavras de ordem, os cânticos revolucionários daqueles que passam na rua tomados pelo entusiasmo. E quando durante a madrugada tudo finalmente se acalma, volta-se na cama e adormece sem qualquer sobressalto.

Atordoado com tudo o que se passa à sua roda.

Cauteloso, prefere guardar a distância.

†

Ao chegar a casa nesse fim de tarde as filhas apercebem-lhe a tristeza, a pele macilenta, os cabelos em desordem, canudos e caracóis

desmanchados a escaparem por debaixo do chapéu de fitas desatadas. E quando Leonor entrega a Thèrése a capa preta em que se embrulha, reparam no seu fato vermelho-cereja amachucado, amassado.

Só então as meninas dão conta de que ela parece mais forte; e sem pó nem carmim inúteis, o rosto dela está naturalmente rosado, acusando a pressa com que subira as escadas, ansiosa por chegar aos seus aposentos, onde se tranca para fugir aos remoques de Carlos Augusto, que tem por hábito acusá-la dos atrasos e das omissões, a pedir-lhe contas dos regressos tardios. Mas como desta vez não o encontra, descontrai-se, deixa mesmo entrar as crianças, que ficam silenciosas encostadas à parede a vê-la levar as mãos às têmporas, num gesto de fadiga.

Apercebendo-a tranquila, Frederica agarra Juliana pelo braço e sem ruído recuam, cuidando não tropeçarem em nada, delgadinhas nos vestidos iguais de fazenda inglesa cinzenta, abotoados nas costas com pequenos botões forrados e golas de veludo azul-cobalto. Sem atentar nas meninas, furtivas, que se demoram a espiá-la do vão da porta, meio encobertas já pela sombra espessa do corredor sem luz, Leonor deixa-se enlear nos próprios pensamentos, nas dúvidas e incertezas.

O ar adensa-se com o perfume a gardénia do seu corpo, mas Juliana detecta ainda o odor almiscarado da pequena gota de néctar insidiosa, que a mãe tem por hábito pôr nos pulsos frágeis. E é essa mistura de cremes, de suor e de perfumes, que a seduz.

Sem reparar nas meninas a fitá-la, ocultas e imóveis na penumbra, Leonor começa a despir-se enquanto Thèrése lhe prepara o banho na tina colocada a um canto do quarto, por trás de um biombo japonês de laca, canários e raminhos de marfim incrustados.

Frederica e Juliana não se movem, fascinadas, mas os disparos que inesperadamente rompem a acalmia do crepúsculo fazem-nas sobressaltar e encolher-se de susto, a soltarem um pequeníssimo silvo mal abafado pela língua afilada de uma delas, a denunciá-las. E antes que a mãe impaciente as enxote, Juliana escapa-se, sentindo nas costas os dedos crispados e nervosos da irmã seguindo-a na corrida.

Já mergulhada na água perfumada a cobrir-lhe a nudez, Leonor distende-se; o sabonete de benjoim e baunilha a dissolver-se devagar no fundo da banheira onde se afunda, por entre as suas compridas pernas brancas descuidadamente desunidas.

As pálpebras a tornarem-se pesadas.

†

Afinal é a retracção do gesto a traí-la; a pureza da fala demasiado escorreita; a sobriedade a demandar o olhar espantado, com a própria finura.

Espreitam-na em vez de a fitarem de frente, nos olhos, onde a esperança arrepiada assoma durante um pequeníssimo segundo. Não conhece ninguém à sua volta e impacienta-a a ligeireza e a futilidade com que ultimamente a liberdade e a igualdade passaram a ser tratadas em diversos pontos de França; princípios demasiado importantes para se discutirem irracionalmente, com violência e leviandade.

Prudente, Leonor sabe ocultar o entusiasmo quando o sente a ganhar-lhe o rosto, cuidando em guardá-lo inexpressivo, a raiar a indiferença.

Recolhe-se dentro de si mesma.

Força as mãos esguias a permanecerem imóveis na celebração do aplauso com o qual nas assembleias o povo sublinha as ideias revolucionárias. Reparam-lhe no gesto resguardado junto ao corpo, a dissimular-lhe o voo na gentileza do movimento a domar-se a si mesmo; no orgulho do porte, a fazê-la endireitar os ombros e a cabeça de onde os cabelos singelamente descaem na mansa curvatura da nuca.

No meio dos revolucionários Leonor é a excrescência, a excepção, o sublime a fazer a gentileza de onde o encanto brota.

E ali permanece, embora contrafeita.

Inteireza com que se expõe: isso constitui a estranheza em que eles reparam e lhes é impossível ignorar.

Sabem portanto onde ela está sempre.

No dia em que a cercam, empurram-na até à parede.

E aí param.

Chamam-lhe estrangeira e cabra como tratam a Rainha, sentem-na esquiva mas não atemorizada com a rudeza ou a grosseria do trato, a envergonhá-los com a sua delicadeza, com a sua beleza tamanha; embora a desconheçam.

Não lhe tocam, não a travam, nem ela pretende fugir ou justificar a sua presença constante entre eles: na rua, nas assembleias, nas praças. Leonor não cede em nada a fim de lhe ser perdoada a fidalguia, a impedi-la de ser a revolucionária que tem consciência de não ser.

Quando se desenvencilha da imobilidade tolhedora finalmente avança, e eles, silenciosos e inquietantes, abrem alas sem dela desviarem o olhar atento, consentindo-lhe contudo a passagem, um pouco hirta no andar miúdo, recusando-se no susto e no medo.

Nesse exacto momento termina o seu sonho de mudança.

Começa a encarar o regresso a Portugal.

†

Delille procura Leonor às primeiras horas da manhã, olhar raiado de sangue de quem varou em branco a noite e a madrugada.

– Em Nîmes corre sangue nas ruas!

Olha-o sem espanto, escutando aquilo que há meses teme.

– Onde está o ideal que deveria alimentar a revolução? – perguntara-lhe na véspera, atordoada com os acontecimentos que se vão multiplicando por toda a França, fazendo-a sentir medo, pois sem ter a seu lado aquelas que lhe haviam emprestado a sua ousadia e coragem, cada vez mais está ficando fraca, frágil e indecisa.

Desconhece-se de novo.

As cartas que Théroigne lhe escreve não lhe bastam, ela falta-lhe; há também os bilhetes apressados de Germaine de Staël, tal como os poemas e os panfletos enviados por Olympe de Gouges, meros alentos que bebe sôfrega, sequiosa dessa água. Então, por umas escassas semanas o

entusiasmo visita-a, no entanto depressa se esvaindo. Esgueirando-se sem arte nem dignidade.

Deixando-a vazia.

Tem vergonha de confessá-lo a si própria, mas a verdade é que no Midi o povo ganha e a revolução avança, fazendo-a sentir-se ameaçada.

– E Forment não faz nada? – indaga num arroubo de zanga, desconfiando ter sido ele quem mandara cobardemente disparar sobre o povo desarmado.

Tudo tinha acontecido no domingo, oitavo do Corpo de Deus.

Dia treze.

E ela, que sempre condenara os supersticiosos, instintivamente estremece. Preocupado, Carlos Augusto querendo saber mais pormenores, vai procurar alguns dos deputados de Marselha, e quando regressa está pálido e preocupado.

Entretanto, na companhia inquieta de Jacques Delille, Leonor percorre os habituais lugares de discussão, no Clube e na Assembleia, nas esquinas das ruas e no centro das praças.

Escuta os oradores, de longe, temerosa.

Novamente cindida.

Procurando pela última vez um pretexto para ficar em França, mudando finalmente de vida. Mas, sabendo-a estrangeira e fidalga, à sua chegada eles calam-se, mantendo-a à distância.

– Há uma fragata a zarpar na próxima semana. Se quisermos leva-nos a Lisboa – acaba por lhe dizer Carlos Augusto, durante a insónia que os mantém acordados.

Leonor sobressalta-se e cala-se, sem encontrar argumentos válidos, sólidos, para opor à sua proposta sensata; ciente de que, com o seu silêncio, está a abandonar a França, deixando para trás os ideais em que apesar de tudo acredita. Trocando o prazer da mudança e da fraternidade pela banalidade da segurança de um Portugal, onde o tempo parece ter-se imobilizado para sempre.

Consciente de quanto nele o sonho é limitado.

Apoucado.
Aquietado e acrisolado em torno de si mesmo.

OceanofPDF.com

†

XVIII

OceanofPDF.com

†

Voa, pensamento, voa

Voa, pensamento, voa,
Deixa estes sítios mortais,
Onde se perdem sem fruto
A minha razão, meus ais.

O presente taciturno
Finge-me alegre o passado,
E nos cofres da memória
Acha o tempo afortunado.

Ditosos dias, que todos
Enchiam nobres ideias
Com que adoçava infortúnios,
Doirava férreas cadeias.

Cercada a frente de loiro,
Na mão a lira empunhando,
Fui a minha dor e a alheia
Muitas vezes adoçando.

Com dóceis Ninfas em coro
Cantei o Céu e as estrelas,
Os bosques, e a Natureza,
Seu Autor, e as Graças belas.

Com elas busquei nas artes
Mil recreios inocentes:
Horas como aquelas fogem,
Só duram muito as presentes.

OceanofPDF.com

†

RAÍZES

Fulminada, Leonor de Távora olha o juiz nos olhos pardos.

– Se bem entendi, Vossa Excelência vem comunicar-me ter Sua Alteza Real decidido aceitar os pedidos de clemência feitos em relação à minha pessoa pela Rainha e a Princesa D. Maria, mediante a minha confissão de arrependimento por um crime que não cometi.

A voz dela guarda a lâmina azulada do gelo intacto, de um orgulho herdado e usado desde nascença. Tom burilado pela rispidez e pela aspereza prestes a resvalar no grito. O magistrado, que fora até ela a contragosto, por ordem expressa do Rei D. José, não entendendo o sarcasmo e julgando-a até jubilosa, debita o que lhe fora encomendado:

– Sua Alteza Real, na sua grande generosidade, depois de escutar os argumentos da Rainha e da Princesa do Brasil, dispõe-se a considerar o pedido de clemência em relação a Vossa Excelência, mediante a vossa confissão e arrependimento. Nesse caso, Sua Majestade considera aceder a comutar a vossa sentença de morte, mudando-a em prisão perpétua.

Não estando habituado às mudas iras de Leonor de Távora, o dr. Eusébio Tavares de Carvalho assusta-se quando, branca como a cal, ela se levanta de rompante, atirando para trás a cadeira onde estivera sentada, varre da secretária da madre prioresa os papéis que deveria assinar e fica a olhá-lo, silenciosa e ameaçadora na sua fúria, punhos fechados erguidos ao rosto lívido.

Perplexo, o desembargador recua até à porta à qual fica colado enquanto comenta em tom agreste e ressentido:

– O que levou El-Rei a supor ser a marquesa de Távora capaz de descer tão baixo?

Espantado por tanta sobranceria, ele nem se atreve a argumentar, sentindo nos ossos a mordedura do frio e da humidade nevoenta do mosteiro, onde a chuva entra zunindo empurrada pelo vento agreste que, encolhendo-se, passa pelas frinchas das janelas com portadas de madeira lascada.

Embrulha-se mais o juiz na capa de fazenda inglesa preta, desse modo alargando a sua sombra projectada na cal da parede. Vulto estremecido pela chama fraca das velas de duas palmatórias de cobre que, a mando da madre prioresa, as freiras das Grilas haviam deixado sobre a mesa.

E em disfarce apertado no gesto, sentindo-se ali retido mais pelo acanhamento do que pela vontade, vai ele roçando os dedos hirtos e nervosos na fechadura, a garantir a saída.

Por seu lado, Leonor de Távora continua a fitá-lo, imóvel e retraída no vestido emprestado de seda puída cor de cinza, dentro do qual o seu corpo fica a nadar em desamparo. Envergonhado com a própria cobardia, o magistrado observa em tom grave e baixo como se segredasse, ou como se suspeitasse poderem estar a ser escutados.

– Saiba a senhora marquesa que, caso Vossa Excelência não proceda segundo a vontade de El-Rei, a pena será aplicada na próxima alvorada, antes mesmo da execução do marquês vosso marido e de vossos dois filhos!

Sem fraquejar, Leonor de Távora concede-se uma pequena trégua no duelo em que se transfomara a conversa de ambos, e que a cada nova tentativa de entendimento logo entra num outro impasse, a soçobrar naquele diálogo de enganos. E só quando Eusébio Tavares de Carvalho faz correr com estrondo a tranca de ferro, lhe dá, com fimeza, a sua resposta:

– Pode o meretíssimo juiz comunicar da minha parte ao Rei de Portugal, que a marquesa de Távora não pede perdão por aquilo que não fez, nem roga por clemência porque se encontra inocente.

OceanofPDF.com

†

MEMÓRIA

Tão depressa tinha saudades de França, deixada para trás vibrante, ameaçadora e ávida, como me acomodava à vida aquietada e medíocre de um Portugal sombrio e estagnado.

No paquete, de regresso à pátria, muitas foram as horas em que me senti invadida pela melancolia. Então, era como se o odor acre e espesso dos nevoeiros dos cais do Sena, por onde tantas vezes passeara, voltasse até mim com amargor.

Talvez intuindo ou adivinhando o peso excessivo das mágoas e dos desgostos que me aguardavam, à mistura com as satisfações escassas que me haveriam de trazer os nascimentos dos meus últimos dois filhos: Luiza, menina delicada, olhos de safira e água, e João Ulrico, menino de robustez vigorosa, olhar de açafrão e cabelos de fogo.

Mas, diante do oceano que a fragata cortava,

risco fino a trancar-se atrás de si mesmo cicatrizado de espuma, eu apenas sentia o ferrete do desgosto assim como as náuseas de uma nova gravidez. Passava a língua pelos lábios gretados, e o silêncio sabia-me à imensidão salgada das lágrimas não choradas. De noite fugia à tepidez do beliche, preferindo passear na escuridão do convés, a convocar as constelações, os cometas, as estrelas da minha meninice. Observava a Lua enorme pairando no céu, parecendo-me querer adoçar os arrependimentos e as saudades do que ficara para trás, deleitada com a sua luz de leite coalhado.

Sem saber se me seria mais fácil ceder ao choro agudo das crianças impacientes nos colos de Angélique e Thérèse, se admitir a vontade que

sentia de voltar para trás, arrependida de ter abandonado a França, se pelo contrário trocaria de boa vontade o meu passado pela plenitude, a política, a luta pela liberdade.

E assentando no meu diário o que me ia na alma, calava-me; tinta preta que, com o tempo, haveria de se transformar num tom ácido de ferrugem antiga, e que o movimento ondulante das ondas fazia derramar no papel pautado dos cadernos com capa de pano, onde ia alinhando versos e pensamentos.

Com avidez nervosa.

Quando sobre o meu ombro Carlos Augusto se debruçava, sacudia-o, zangada, ignorando que a vida dele haveria de ser tão curta. Se porém cedia à ternura e permitia que ele me envolvesse com os braços, logo me impacientava. Caso o visse levar a mão esguia ao lado esquerdo do peito, como quem tacteia uma dor oculta, desviava dele os olhos, egoísta, jamais lhe perguntando o que sentia.

Tinha então o meu coração a transbordar de França e da sua revolução; ainda agora recordo com perplexidade e deslumbramento o seu começo, a que assisti maravilhada e assustada comigo mesma.

Consciente de que, se pudesse voltar atrás, tornaria a repetir tudo de novo, excedendo-me mais ainda. Quem sabe se não teria sido preferível ter-me perdido tal como então era, e ganho uma outra dimensão de mim mesma.

Abandonado o sonho, enfraquecida a rebeldia que a idade dissolve, apago-me pouco a pouco sozinha, crivada de dívidas.

Impiedosamente viva.

OceanofPDF.com

†

1789-1793

Encostada à amurada, respira fundo o vento agreste e molhado, deixando o olhar percorrer a superfície encrespada do mar, detendo-se nas ondas que vão e vêm num revolver desatado de espuma, sal e brumas. Ora desejando chegar ao termo da viagem, ora preferindo continuar nela para sempre, como o judeu errante, num tempo sem fronteiras nem limites, onde simplesmente voasse, vogasse, resguardada dos próprios sentimentos, das dúvidas, dos inconfessáveis medos e fantasmas.

As pálpebras pesam-lhe das horas mal dormidas, olheiras marcando-lhe a face macerada, pestanas densas a sombrearem-lhe o olhar turvo de inquietude que ela disfarça e tolda com os dedos, num gesto ambíguo entre o torpor e o afago.

Outras vezes obriga-se a agarrar a pena, na construção do disfarce da escrita onde se abriga, em busca do equilíbrio que lhe dá a poesia. Mas naqueles dias os poemas preferem permanecer ausentes, evitando a queixa, o desabafo, e por isso tardando, sem atender ao seu apelo mudo. Enrodilhada nos lençóis, vai amontoando as noites, devorada pelas insónias que teimam em não ceder ao láudano nem ao xarope de papoila.

Enquanto tenta, com pouco êxito, não pensar no futuro nem recordar o passado, dividida entre o sobressalto de onde vem fugida e a sonolenta apatia de um porvir previsível e sem escolha, pelos meandros do amargor, da agrura decretada pela obrigação mesmo se absurda. Sem conseguir entender até onde quer ou pode exceder-se na sua vida.

†

A viagem é longa e pesada,

Leonor guarda um silêncio de permanente hostilidade, perturbante para os que a cercam, criando tensões nos que lhe estão perto. Frederica e Juliana, e mesmo Henriqueta, distraem-se brincando na coberta ou a olharem as altas ondas verde-esmeralda com a sua crista de espuma alvacenta; Carlos Agrário, resguardado todo o tempo no beliche abafado, cada dia mais fraco e febril, chora em surdina ao senti-la distante.

Carlos Augusto passa os dias e as noites com o capitão do paquete, numa súbita e estreita amizade, chegando a jantar no seu camarote, prolongando as noites até ao sol romper o negrume no horizonte, a bordejar o oceano, quase sempre acalmado àquela hora. Leonor suspeita que ele joga madrugada fora, e ela já não sabe mais onde arranjar dinheiro para lhe pagar as dívidas, nem disposição para lhe perdoar as mesquinhas infidelidades.

Escuta o bramir do mar encoberto pela cerração, fitando a desmesura do espaço iluminado pela luz leitosa da lua e das estrelas feitas de pequenos diamantes. Debruça-se mais na amurada a sentir o frio agreste a arrepiar-lhe o corpo, mas logo se volta, inquieta, com a estranha sensação de estar alguém a fitá-la,

acobertado na escuridez imensa.

†

Desembarca em Lisboa tomada por pressentimentos e cuidados inexplicáveis, consciente de que os fados jamais se compadeceram da sua vida, num destino que vai contrariando quanto pode.

E embora esteja de novo grávida, arrepende-se de ter abandonado a França. Faz-lhe falta Théroigne e o seu entusiasmo transbordante e provocatório, numa paixão de camélia incendiada. Mas não consegue também esquecer o inquietante arrepio que nela provocava sempre a equívoca beleza de La Fayette. Sente ainda a falta do entusiasmo das revolucionárias, amazonas combatendo pelos direitos das mulheres.

Gostava de as ver subir às tribunas na descoberta da própria voz.

Sobretudo, Olympe de Gouges com a sua agressividade mesclada, a ferocidade implacável de Pauline, a determinação de Claire Lacombe.

Impaciente, Leonor acaba por descer o portaló e afasta-se sozinha, a evitar quem os viera esperar à Rocha do Conde de Óbidos. Apressa-se na terra batida onde o sol abrira rachas e fissuras, feridas nunca cicatrizadas. Alcança os altos degraus de pedra grossa e gasta, que o tempo inutilmente tentara amaciar com as humidades esverdeadas e viscosas das águas escusas e o lodo do rio.

Esgueira-se pelos poucos lugares de sombra esgarçada das árvores raquíticas, tentando iludir o calor do início da tarde. Em busca de um fiacre vazio.

†

Carlos Augusto vê desaparecer a ponta do seu vestido de tafetá cor de amora por entre os cascos dos barcos derrubados e arrastados para terra, depois de a ter visto descer, quase correndo, o portaló instável e mal assente na pedra molhada.

Fugindo, galgando as escadas, Leonor distancia-se rápida, as saias agarradas e erguidas pelos dedos nervosos, chapelinho caído e largado por terra na pressa que leva, o casaco curto com botões dourados um tudo-nada descaído sobre os ombros, enquanto segue rápida a sumir-se já por trás das magras árvores que pontuam o caminho, e acaba por desaparecer ao longe, deixando todos imóveis e estupefactos.

Quando a perde de vista, Carlos Augusto, de mãos crispadas na amurada, olha para o cais estreito onde descobre o sogro e Pedro que os vieram esperar com fiacres e criados. Por todos eles passara Leonor num ápice, sem os fitar, nem lhes dar tempo para nada. Perplexo, o marquês de Alorna permanece imóvel e Pedro, surpreso, hesita, acabando por não conseguir retê-la.

Cega que vai, Leonor encaminha-se para lado nenhum.

Mas já o irmão a persegue determinado, e quando a alcança fá-la parar num abraço apertado. Muito pálida, apoia a cabeça no seu peito fardado, a

ouvi-lo dizer com equívoca brandura:

– Agora, mana, é tarde demais para lamentares o teu erro.

Finalmente, ela chora.

†

O sossego e a calma dos dias intermináveis de Lisboa, parecem-lhe abismais, incomensuráveis. As gentes que percorrem as ruas imundas andam curvadas, submetidas ao jugo da pobreza aceite. Repugna-a o cheiro dos dejectos que juncam os passeios e os cães abocanham. Usa um lenço de cambraia e renda estreita, monograma bordado a cheio e espargido com essência de nardo, que leva aos lábios com a mão enluvada, a evitar os vómitos secos. Encolhida na sombra do fiacre, corpo crispado pelo nojo.

Foge do fulgor do sol, habituada ao velo da claridade coada de Paris que ela adora, sobretudo nos finais de tarde quando a morbidez do crepúsculo se esbate na rugosidade da pedra antiga da catedral de Notre Dame.

Grávida, fecha-se em casa, e na penumbra das salas tenta rememorar aquilo que viveu no tumulto dos dias da revolução: ideias, convicções, exaltação e esperança largadas para trás. Esquecida do susto por ela sentido tantas vezes, e até do medo, do arrepio, apesar do acerto com tantos dos sonhos republicanos das mulheres a quem acompanhara.

†

Mal a sabe de volta a Portugal, a Rainha D. Maria manda chamá-la, marca-lhe uma audiência, fiada no seu brilho para lhe iluminar a melancolia, o negrume da depressão onde mergulhara depois da morte do filho D. José, Príncipe do Brasil, e da filha, a Princesa Mariana Vitória, delfina de Espanha.

Mas na Corte portuguesa a ignorância é tanta que se Leonor avança logo recua ou se torna vagarosa no próprio enredo, porque onde não há matéria

e espaço para alimento da inteligência e da argúcia o desinteresse acaba por tomar conta de tudo.

Desiludida, a Monarca lamenta as suas ausências prolongadas, e quando Leonor volta ao Palácio de Queluz nota-a cada vez mais desencantada na sua adiantada gravidez, e mais perdida nos pensamentos devastados onde parece refugiar-se.

Como se necessitasse de se alhear da realidade.

†

– Sempre foste fria e egoísta! – acusa-a a mãe, franzindo os lábios finos e bem desenhados no rosto lívido.

Leonor encolhe-se, como se ela lhe tivesse batido.

O retrato de Maria continua pendurado na parede por cima da mesa-de-cabeceira, ao lado da cama de onde a mãe já não se levanta.

– Deixa a tua filha ficar connosco! Não vês que a pobrezinha nem vos conhece, nem vos tem nenhum afecto!

Ajoelhada junto da cabeceira da avó, a menina esconde a cara na dobra bordada a crivo do lençol de linho, molhando-a com as grossas lágrimas. Leonor chama-a, enrouquecida, tentando manter a calma:

– Filha! Preferes ficar com os teus avós ou queres ir morar em Lisboa com os teus pais e os teus irmãos?

Em silêncio, Leonor Benedita ergue finalmente a face abrasada do calor das cobertas, penteado em desalinho, os olhos, salientes e afastados, vermelhos do choro que lhe inunda o peito como uma queda de água; boca falando em falso, sem conseguir articular uma única palavra, por conta da aflição sentida.

– Deixa a criança em paz, que a atormentas e a mim matas de desgosto! Nunca vi ninguém como tu para revolver as feridas, indiferente ao sofrimento alheio. Pobres dos pais a quem, das filhas do seu sangue, não lhes tenha restado a que era feita de mel, mas a que é feita de zimbro…

– Vai-te embora! Vai-te embora! – acaba por gritar Leonor de Lorena, revolvendo nos dedos deformados pela artrite o terço de marfim com o

qual parece querer agredir o ar à sua volta.

Leonor faz-lhe a vontade, dirige-se depressa para a porta do quarto sombrio onde a mãe, erguida nas almofadas, se debruça trémula e acusadora apoiada no ombro magrinho da neta.

Há um brilho de lâmina de faca no olhar materno.

†

DIÁRIO

Como poderei recomeçar aqui a minha vida? – pergunto-me, confusa, sentindo-me desabrida e cindida, presa que continuo do fascínio pela revolução francesa de que me vão chegando notícias perturbadoras através das sobressaltadas cartas de Théroigne, dos bilhetes tranquilos de Sophie de Condorcet e dos especialmente imaginativos relatos de Germaine de Staël. Os mais contidos são os enviados por Suzanne Necker.

Não, não me é fácil trocar o brilho francês pela opacidade nacional, menos ainda me parece justo ter de encarar com naturalidade o absoluto vazio que, equivocamente, vejo avolumar-se no nosso país sem esperança; conhecendo eu, como conheço, a bordadura de um miserável e lusitano destino feminino, continuando as mulheres a terem de usar modos ardilosos para imporem as suas ideias, fazerem vingar os seus pontos de vista.

Por outro lado, tento inutilmente ultrapassar a grosseria portuguesa, contra a qual sempre me insurgi mas que agora me parece intolerável; na quase impossibilidade de quem saiu há pouco do interior da Luz, onde a mudança está a acontecer.

Dou-me conta, por vezes, dos olhos turvados da Rainha D. Maria a mirarem-me, como se tentasse adivinhar nas minhas atitudes falsamente

temperadas tudo aquilo de que a vinda de França me priva. Jamais revelando eu, seja a quem for, as febres nocturnas, os versos inacabados, sem que as musas se compadeçam de mim, sem nenhum lenitivo para amenizar o vazio que me consome.

Revolvo-me na cama, noites e noites em claro, coração em sobressalto; o corpo pesado não encontra posição a preparar-se a custo para mais um parto.

Consciente eu de estar a aniquilar o próprio sonho.

Lisboa, 25 de Novembro de 1789

†

Pegam na menina acabada de nascer, agarram-na pelos pés minúsculos, cabecinha lisa pendurada perto das pernas que Leonor mantém escancaradas e subidas, camisa enrodilhada na cintura, molhada de suores, de sangues e águas cediças.

Em seguida, mostram-lhe Luiza Joana Carolina.

Tal como acaba de sair de dentro dela: coberta de sucos e de sangues, pequena e frágil, face muito bela parecendo adormecida; cordão umbilical ainda por cortar, elo que as mantém unidas, fio de Ariane entre a própria vida e o interior obscuro do corpo materno.

Ambas em desamparo.

Vagamente oscilantes, no silêncio que teima em tornar-se cada vez mais profundo e ao qual a menina, apaziguada, não se apressa a pôr termo. Percebendo no entanto que ela respira normalmente, Leonor não permite que lhe batam para a fazerem chorar. Coraçãozinho a pulsar tranquilo, Luiza julga-se ainda a vogar nos líquidos uterinos.

Mas logo a desassossegam, a acordam, ao lavarem-na, ao vestirem-na com a sua primeira camisa de cambraia, cueiro cor-de-rosa coberto de rendas de teia e folhos com a macieza de cetim.

Quando a entregam a Leonor, os pequenos dedos fecham-se em torno dos dela, deitada a seu lado nos lençóis da cama entretanto trocados.

Mansa.

Imensos olhos de pervinca parecendo fitá-la.

†

CADERNO

«Eu sou uma criatura do mundo e não de um estado, de uma cidade em particular», escreveu Diógenes. Afirmação que neste final do século XVIII continua a ser de uma surpreendente modernidade.

Soubesse eu manter até ao fim dos meus dias, em coerência e ousadia, o desprezo que ele sempre demonstrou pela opinião dos outros, e conseguir viver em conformidade! – Invejo-lhe o cosmopolitismo…

Lisboa, 7 de Dezembro de 1789

†

Pelo meio das suas visões, dos seus espantos e tristezas por onde se move aterrada, D. Maria consegue fixar o pensamento em Leonor e falar-lhe em surdina. Voz que se turva e quase se extingue, abafada pelo ruído da chuva e dos trovões, do vento uivando lá fora, dos raios iluminando de quando em vez as vidraças das janelas.

Supersticiosa, a Rainha manda as aias correrem os cortinados de veludo e espevitarem as chamas que, baixas e incertas, mal penetram as humidades que os madeiros ainda verdes trazem entranhados, fumando na lareira de borralho mortiço.

Mas a Rainha não se queixa de frio, nem das correntes de ar que, céleres, percorrem os seus aposentos durante o inverno. Romeira curta em lã fina a agasalhar-lhe o peito mal coberto pela camisa de dormir, ela encolhe-se

inteiriçada, deixando o terço escorregar do colo e cair no tapete persa, onde fica enrolado sobre si mesmo.

Olhar semicerrado pela vaga de medos que novamente a ganham, esvai-se num desmaio lento e sem alarde. Vendo-a desfalecida, Leonor debruça-se sobre ela e, tentando chamá-la à realidade, dá-lhe a cheirar os sais que a camareira lhe traz aflita, logo correndo a procurar ajuda. E vendo-se sozinha com a Rainha, agora desperta e mais calma, agarrando-lhe os dedos gelados e trémulos, tenta num atropelo lembrar à Soberana o pedido que lhe fizera há meses, a fim de Carlos Augusto ser nomeado para um importante posto do Exército.

– Vossa Alteza prometeu-me!

Apesar de aturdida, D. Maria dá-se conta da súbita dureza agreste da voz da sua valida, da impiedade do seu olhar inflexível.

†

Como estamos distantes
amiga da minha vida

sem nos aproximarmos uma da outra. Longe mantém-se o teu pensamento e o teu coração desde que regressaste, para mim nada sobrando do batimento dele, neste tumulto onde me perco em sobressalto, sem nenhum direito à satisfação a nosso respeito, ao mero contentamento. Aflige-me ver-te, Leonor, do modo como chegaste, tão calada, tão distante, tão apática, volvendo o pensamento para situações e momentos que tu mesma tornaste inexistentes, na altura em que os traíste ao largá-los, trocando-os por este teu presente.

Mas terei direito a queixar-me? Afinal, o que poderei eu dizer-te que já não saibas sobre o desassossego dos afectos, o desacerto do corpo perante a sua desmesura, as tantas contradições que nos dilaceram, o eterno duelo entre a razão e o coração? Embora continuemos ambas a fingir-nos de gelo.

Mal desembarcaste, grávida, verificando a tua ansiedade, não pude deixar de sofrer a representação do teu desgosto, sem entender a razão oculta da tua tristeza, da tua fadiga, o segredo da tua apatia, teimando em me afastares, embora de maneira delicada e fugidia.

Aflita e duvidosa, tenho vindo a calar o pensamento, sem querer voltar a incorrer em precipitados juízos, pois entretanto, Leonor, aprendi a respeitar o direito das pessoas ao seu silêncio.

Mais do que nunca, *«posso afirmar-te que não me passa pelo pensamento escandalizar-me que não me confies quanto te pertence»*: os teus segredos são da condição dos teus mistérios.

Ofendes-me se me achas capaz de te julgar quer pelos teus actos quer pelas tuas ideias, *«além de que ninguém me constituiu tirana dos corações das minhas amigas; mas já me julgas com justiça se crês que sinto como próprios os teus interesses»*.

Só te peço que lembres com carinho esta tua eterna amiga, e de mim te aproximes quando o ânimo ou a vontade to permitir.

Deus me preserve do desgosto de te perder.

Tua fiel e cativa
T.

Vimieiro, 30 de Dezembro de 1789

†

O menino doente está sempre à espera que a mãe o vá agasalhar à cama: mãos de seda a aconchegarem-no, alisando a dobra fina do lençol de linho bordado, junto ao seu rosto.

Mesmo no escuro apenas iluminado pela lamparina ou as frestas das portadas das janelas por onde entra o luar, adivinha-a a aproximar-se, passo leve e deslizante ao longo do corredor. Odor a nardo e a gardénia quando sobre ele se debruça, palma fresca a tactear-lhe a ardência da testa.

Inquieta.

Carlos Agrário tenta prolongar o prazer acicatado pela aflição materna e a tristeza pardacenta que lhe enlanguesce as pupilas se ele piora, sentada na cadeira a seu lado a humedecer-lhe com água de rosas os lábios gretados, a secar-lhe os suores da febre. Reconhecendo, mesmo no delírio, os pulsos dela a voarem perto dos seus olhos, conduzindo o movimento alado dos seus dedos leves numa espécie de carícia intocada, a amaciar-lhe as têmporas e as pálpebras doloridas.

Cada dia mais fraco, erra entre as horas de torpor e o momento em que torna a si a procurar-lhe o halo da silhueta. E se em vez dela encontra a figura de Thérèse e o seu cheiro áspero, chora de mansinho sem força já para os soluços, teimando em manter-se consciente até à chegada da mãe.

Há noites em que lhe parece escutar as ondas batendo no casco do paquete, como se ainda viessem de viagem, manta enrolada nos joelhos a defendê-lo do vento, ou de quando o pai o levava ao colo até ao extremo do convés e, zangada, ela se erguia num grito sufocado, temendo que ele piorasse.

Sem saber como aliviar o filho, Leonor ora o tira de entre as roupas, ora o deita e tapa, ora o embala, ora o larga e foge do clima sufocante do quarto fechado, a cheirar a morte. Tanto o rejeita como o guarda, protegendo-o dos outros, a afastá-lo de todos.

Inconstante.

Mas até da sua inconstância o menino gosta, a contar os minutos, se for preciso as horas, à espera de ela voltar, a fingir-se alegre, como se continuasse a ser possível ele vingar, crescer até se fazer homem, fugindo-lhe do colo onde agora se enrola, se aninha como um pássaro moribundo, febril e sonolento. Mesmo quando dócil estende o bracinho franzino para a lâmina do estilete que o sangra.

Cada vez mais débil, o mal a invadi-lo com acinte.

Doença que Carlos Agrário deseja, porque isso ata a mãe a seu lado, debruçada junto à cama, de onde acaba por levantá-lo para o apertar ao peito, deixando-o assim provar o mel dos seus cabelos soltos ao longo do pescoço morno, ao qual ele encosta os lábios crestados. E a partir desse

momento vê o quarto ganhar um tom mate tingido pelo matiz dourada e sobrenatural, numa luz refulgente tingida pelas brasas e as chamas que trepam pelos toros e as achas na lareira, como última tentativa de amenizar o crescente frio que Leonor sente estar a invadir o quarto.

Por vezes ela embala-o, e não querendo que o filho morra, leva-o de novo ao peito tentando prendê-lo a si mesma. O menino ainda se apercebe do seu gesto apertado, desesperado, mas embora deseje muito fazer-lhe a vontade, não pode continuar a viver: o seu corpo sem alento não tem salvação possível.

Numa tarde estiolada, julgando adormecer nos seus braços, respirando-lhe o perfume da pele clara, Carlos Agrário escancara muito os olhos verdes, como se quisesse escapar ao crescente negrume que tudo cobre e tolda à sua volta.

E finalmente perde-se em si mesmo.

†

Quem a convida para ir a uma reunião da Nova Arcádia é Francisco Ferraz Bingre, que conhecera pouco antes de ele se ter afastado de Lisboa.

A primeira sessão a que Leonor comparece passa-se em casa de Teresa de Mello Breyner, onde o grupo se reúne às segundas-feiras para discutir literatura. Privilegiam a poesia, lêem versos, dão motes uns aos outros a partir dos quais glosam, tecem, improvisam, a fazerem-na recordar os outeiros de Chelas, por entre as grades do convento, impregnados do cheiro dos círios e do incenso que chega da capela.

No entanto não passam de meras semelhanças pois a realidade é bem diversa, começando pela liberdade de que agora usufrui, a ausência de Correia Garção, de Filinto Elísio, de Sebastião José Ferreira Barroco, de quem nunca mais teve notícias. Substituídos agora por Curvo Semedo e Catarina de Lencastre, Caldas Barbosa e António Ribeiro dos Santos.

Ela e Teresa são as únicas vindas dos outeiros, habituadas pois ao debate, à agilidade do raciocínio, ao improviso, ao uso das palavras, ao jogo dos versos, a tomarem para si as raízes da arte poética. Agora, porém, para

além da poesia há ainda a filosofia, a música e não raras vezes a astronomia, a botânica, a matemática. Em tardes mais leves e alegres, cantam modinhas brasileiras, esboçando passos de dança.

Discutem sem entraves todos os temas, numa entusiástica troca de ideias e pensamentos livres, sempre partindo ou chegando à política, enquanto bebem chá ou licores em translúcidos cálices de cristal. Havendo ainda o toque de requinte encontrado pela amiga: amêndoas e fruta cristalizada, tâmaras e figos servidos ao crepúsculo em pequenos pratos da Companhia das Índias.

Nas jarras do salão de Teresa, as begónias e as orquídeas adormecem de tédio.

Às quartas-feiras, as reuniões realizam-se em casa do conde de Pombeiro, onde Leonor raramente vai, mas conhecendo-lhes os pormenores por Catarina de Lencastre: durante longas horas almoçam perdizes estufadas, empadas de lebre ou arroz de pato. Sobre a mesa comprida coberta pela toalha de linho bordada a crivo, os criados vão pousando as terrinas dos enchidos, enquanto outros servem o vinho tinto. No final, já no escritório, tomam café em chávenas de prata cinzelada, e bebem vinho do Porto e de anis, licor de poejo e de limão, de casca de laranja amarga.

Logo nas primeiras assembleias em casa de Teresa, um rapaz magro, sombrio embora truculento, muito pálido mas de face viva, onde ardem uns inesperados olhos azuis, cabelos revoltos do tom da madeira clara, chama a atenção de Leonor. Perguntara à amiga quem ele era e ela respondera-lhe, sorrindo, tratar-se de Manuel Maria Barbosa du Bocage. Mal o ouve declamar, gosta do arrojo dos versos, da vergasta arrebatada e corajosa, da ousadia cruel e sarcástica; demorando-se com gosto na novidade e no atrevimento, no incêndio desabrigado daqueles poemas.

Implacáveis.

– *A vossa pena não poupa nem perdoa nada a ninguém?* – acaba por lhe perguntar numa tarde quente, enquanto se demoram junto de um longo

renque de acácias no jardim dos condes do Vimieiro. Respondendo ele com a audácia do sedutor e a ambiguidade cortês que também sabe usar:

– *A Vossa Excelência, senhora condessa, perdoaria eu tudo, caso me désseis oportunidade para tanto.* – E fita-a de frente, riso trocista e olhar voraz, impiedoso.

Tal como as suas palavras habitualmente rapaces.

†

ANGELUS

Também eu te escuto e olho, minha vida.

Resguardado num recanto de sombra,

de onde desfruto a tua imagem, alimento da minha paixão. Apossando-me de ti através do olhar, trazendo-te enredada e aturdida até mim, sabendo que nunca te possuirei.

Mas apesar de tudo minha

doce

no mistério do voo que representam as asas.

Sigo-te a partir de todas as datas e tempos do universo, dos mares e das marés lunares, das constelações celestes, minha estrela e cometa.

Persigo-te, ora rosa ora mirtilo selvagem. A decorar-te as expressões, a fixar-te o sorriso, as palavras, mas desconhecendo sempre cada um dos teus gestos ao mesmo tempo delicados e desavindos, a desvendar-te gostos e segredos. Sem no entanto para ti deixar de ser vulto.

Embora já te tenha visto expectante, como se me adivinhasses na respiração que de súbito sentes junto ao teu pescoço, a enovelar-se na tua nuca; a captares o peso do meu olhar furtivo de espião; enquanto

inutilmente tento iludir as tantas ousadias imaginadas a teu respeito, os constantes delírios acalentados e logo recalcados em silêncio.

Lírio tu, minha açucena.

O coração imobilizado, facetado, no desacerto do peito.

†

A Princesa viúva fita-a pensativa,

vestido de luto, com os seus diamantes postos. Olhos pisados das noites mal dormidas, mãos pousadas nos joelhos.

Mais tensa do que lânguida.

Leonor de Almeida tem sobre o regaço de seda, na curvatura onde a saia do vestido malva se torna mais tépida e suave aos dedos, o rolo de papéis onde escrevera os últimos poemas que D. Francisca Benedita mostrara gosto em conhecer.

– Podeis ler os vossos poemas, D. Leonor, a ver se os vossos versos nos ajudam a enobrecer a alma –, diz-lhe a Princesa com um sorriso amargo e melancólico nos lábios descorados.

Leonor desata devagar a fitinha de seda lilás que prende as páginas soltas, cuidadosa desenrola-as, alisa-as ao de leve, e com voz de início fraca, começa a recitar à luz dos lustres do Palácio de Queluz os versos terminados na véspera. E a sua voz, à medida que declama, vai tomando mais volume, tornando-se firme, impositiva e serena.

A Corte está reunida à sua volta em silêncio profundo, gesto suspenso.

Atenta e enredada.

Respiração contida.

†

O pai manda-lhe de manhã cedo um lacónico bilhete:

«Vem depressa, a tua Mãe está sem salvação, às portas da morte.»

Atordoada, Leonor fica inerte, paralisada, vazia.

Ao mesmo tempo que julga dar conta de uma total ausência de emoções da sua parte: imobilizada e presa pela falta de sofrimento, ausência de mágoa, de pena, de lamento, ou de qualquer outra emoção surgida do sobressalto.

E pouco a pouco vai-se instalando nela uma desconcertante e feroz vaga de ressentimento, que num atropelo sobe até lhe afogar o peito. Sem nenhum desejo de pagar *«a secura sem colo de sua mãe, com a própria carência faminta»*.

Entre as duas interpõem-se anos e anos de ressentimentos e desavenças, desacertos que nenhuma delas jamais tentara concertar, sem construírem pontes que ligassem as margens distanciadas para se encontrarem.

A memória gravosa do vazio criador de desapego, que a mãe jamais cuidara de preencher, continua a impor-se. Sempre mais forte do que os possíveis laços de afecto escondido.

†

O marquês de Alorna vê a filha chegar, por trás dos vidros da janela da biblioteca, onde se refugiara depois da morte de Leonor de Lorena.

Há muito já sumidos da vida um do outro, pois nunca a recobrara desde a saída dele do Forte da Junqueira. Nem para a sala nem para a cama. Tentara ainda tomá-la como mulher, mas a primeira vez ela chorara, passiva e inerte, a segunda vez desmaiara nos seus braços.

Nunca mais lhe tocara.

Tão fraca!

Hesitante diante do sentimento que essa debilidade doentia lhe provocava: impaciência irritada mesclada de alívio, logo transformada em satisfação jubilosa, dado ele considerar honestas as mulheres que não são mais do que isso mesmo: hastes frágeis, enfeites de casa e leito, anjos ou demónios de tomar pelo bem ou pelo cabresto, dependendo da submissão ou da rebeldia.

Para insubmissão chega-lhe a da filha mais velha, que por trás da cortina de cassa da janela vê aproximar-se, rosto fechado e pálido, andar firme

apesar da tremura das pernas que dali onde se encontra ele não se apercebe mas pressente, dado sabê-la quebradiça onde se mostra rebelde, impressionável onde pretende ser dura, abalável onde se exige indiferente.

Tão agressiva fora a relação de ambas depois de libertas do convento de Chelas: estilhaços de vidro, farpas, espinhos. Sem conseguirem entender-se fora dos trocados papéis de substituição interpretados pelas duas: a filha que trata e cuida da mãe, e esta que exige atenção e se deixa cuidar pela filha.

O marquês de Alorna não sabe se, diante da morte materna, Leonor conseguirá lidar com tanto ressentimento acumulado. Intimamente ele deseja o seu descontrolo, na expectativa de ouvi-la abrir a porta da biblioteca, transtornada, a pedir o seu auxílio.

Sem o procurar, porém, ela dirige-se directamente para o quarto onde a mãe acaba de morrer.

†

MORTE DA MÃE

Tantas vezes vi minha Mãe em perigo de vida, desenganada pelos médicos, que agora diante da sua morte sinto o enorme fracasso do nosso afecto.

Memória esvaziada de mágoa, desgarrada ou inexistente.

Ao longo dos anos ela foi-se extinguindo, como quem se perde ou vinga do muito de que fora espoliada.

Olhar esvaído, sempre perdido na lonjura. Atribuindo-me a tarefa de ser adulta, era eu menina, enredada no próprio medo recalcado, a obedecer sem palavras de resposta nem de amor, a cumprir as ríspidas ordens que então me dava. Agora que a vejo finalmente serena, as queixas de mim

silenciadas na comissura dos lábios, penso nela tentando não me entregar ao ressentimento que vem ressumar na minha boca, amargosa e ácida.

Minha Mãe infeliz, mas à sua maneira impiedosa.

Minha Mãe, obediente e passiva diante do poder de quem aceitava ordens, submissa, voz esquiva e doce e mágoa a aflorar como espiga no seu peito, todavia severa e implacável e cruel sobre quem ela mandasse.

Louvando a docilidade conformada.

Minha Mãe, de corpo como o linho, de quem sequei os sucos, os corrimentos e cheiros ruins, tomada de suores por mor das febres e dos nervos que a debilitavam, a alagavam sem dó: faca e fogo e lago de águas venenosas.

Minha Mãe rigorosa, exigente, submetida ao jugo de um destino que parecia encarniçar-se em derrubá-la, em feri-la sob os seus golpes.

Minha Mãe doente de histeria e infelicidade, presa das suas convulsões, amparada pelos meus fracos braços de criança. Minha mãe cheirando a murta e a alecrim, cabelos de ouro espalhados no travesseiro.

Minha Mãe idealizada, alada.

Minha Mãe, que embora sem o confessar eu rejeitava, culpando-me por isso.

Silenciando anseios e ressentimentos, evitando o seu olhar de violeta. Diante dela buscava aquilo que nem sabia se procurava, descobrindo de mim a face insegura reflectida no seu espelho: mistura de sangues e imagens, enquanto a via a desfolhar-se, a fanar-se, a estiolar-se.

Eu fui a sua cúmplice.

Eu fui a sua testemunha.

Eu fui a sua espia aturada.

Dela era mãe e sou filha:

bordado e avesso do sentimento negado, caule e flor, estame e corola da emoção recolhida. Minha Mãe austera e frágil e dura, pondo a desgraça no lugar da alegria, usando de inclemência em vez de ternura; minha Mãe sem cuidar de esconder a preferência por Maria.

Fecho-lhe os olhos azul-cobalto, tiro-lhe os anéis dos dedos afilados e rígidos, as pulseiras dos braços magros e frios, cruzados sobre os seios, o cordão de ouro com uma cruz de granadas. E em seguida vejo as mulheres lavarem-na, vestirem-na, calçarem-na. No fim passo-lhe óleo de amêndoas na pele triste, massajo-lhe a face, perfumo-lhe o corpo ainda belo. Componho-lhe o severo penteado de cachos, sob a touca de renda negra de Bruxelas.

Depois dirijo-me para aquele que já foi o meu quarto. Fecho as portadas das janelas, corro o cortinado e fico encolhida no breu, cegando. Até Carlos Augusto me procurar, apertando-me a si num prolongado abraço, julgando consolar-me.

Gostaria que fosse desgosto e dor o que sinto, e não medo. Um medo desbotado, medonho, de criança posta de castigo, trancada numa cave às escuras.

Perguntando a mim mesma: e agora, o que vou fazer com todo este desacerto, este pavor, até hoje mantido em segredo?

Ou, o que vou fazer com tanto amor sofrido? Com tanto amor nunca correspondido?

†

Leonor resolve ir sozinha até ao novo acampamento, na Porcalhota, onde Carlos Augusto, marechal de campo, comanda as manobras. Quando as sentinelas mandam parar o fiacre, ela identifica-se e logo se afastam para a deixar seguir ao encontro do marido, que ela quer surpreender.

Mas quando o descobre ao longe, delgado e louro no meio das tropas, o olhar turva-se-lhe e, resguardada na penumbra do carro, fita-o com estranheza, como se, de repente, nele visse um desconhecido. Ou como se, de súbito, ele se tivesse transmudado numa personagem da literatura.

Tristão ou Ulisses…

Heitor ou Aquiles…

E ao mesmo tempo que o seu imaginário o recria, o reformula, o confunde com o próprio desejo, Leonor toma consciência da urgência que

tem de aventura, de como é premente encontrar um herói que dê romance à sua vida.

†

Desde a morte do marido que Teresa de Mello Breyner anda distante, recolhida; perdida dentro de si própria, afastada da vida. Parecendo quebrada, distraída do que lê, a pena abandonada e seca em cima do papel branco.

Não que alguma vez tivesse amado Sancho com paixão ardente, casamento arranjado pelo pai com o primo marquês de Vimieiro, de quem recebeu o título a que era indiferente, continuando a usar o nome de solteira.

– E nem com esse assinas o que escreves! – lembra-lhe Leonor, agastada com o anonimato que a amiga prefere, mesmo depois de ganhar o prémio da Academia das Ciências, com o romance *Ósmia*. Modéstia que a indispõe, tal como a inesperada intensidade daquele seu desgosto de viúva.

Sedenta de crepes.

Vestido de seda preta a cobrir-lhe o colo e os braços, leque de luto pousado no cimo dos joelhos unidos, véu de negrume translúcido descido a cobrir-lhe o rosto, mitenes de renda e cetim obscuro a subirem nos pulsos.

Para lhe cortar a tristeza do trajo, Catarina de Lencastre oferece-lhe um xaile de caxemira cinzento, que Teresa agradece mas não usa. Passa as manhãs na igreja do Loreto e as longas tardes no Convento de Santos, esquecida da casa e dos escritos que abandona.

Leonor preocupa-se com a sua apatia e mais ainda com o seu apego às missas e às rezas. Recusando os convites da Corte e dos amigos.

– Cuidado, Teresa, tu estiolas! – chama-lhe a atenção para tão inusitado excesso, por parte de quem sempre se pretendeu equilibrada e sensata.

– Sentes assim tanto a falta de teu marido?

– Não é ele que me falta, sou eu própria.

E nada mais contrapõe ao apelo que Leonor faz à razão, entendendo até que aos outros pareça exagerado o seu afastamento e o liguem a um desgosto que ela afinal nem sente, embora não desminta a bela imagem de viúva inconsolável que lhe atribuem. Afinal apenas o dever em relação a Sancho a mantivera falsamente apegada a comportamentos que para si já pouco contam.

Só o gosto pela leitura e a apetência pela escrita nela se mantêm intactos, desavinda desde menina com os próprios sentimentos, um pouco à deriva. Recalcara-se então nos gostos, contrariara-se nos desejos e pensamentos que ao longo da vida mantivera aprisionados e secretos.

Amara em segredo quem não podia nem devia.

Jamais se permitindo escutar o coração, cortara as próprias asas e escrevera a maioria dos seus versos na surdez das emoções retidas: abrira mão de si mesma.

A sua hora passara.

†

CADERNO

Volto a ler a *Ilíada*. Ou a dimensão do desastre.

E se em princípio a história do amor fatal de Helena e Páris me deixa quase indiferente, tudo o resto me enleia, capturando-me com o seu enredo, o seu excesso, a sua tragédia.

O seu equívoco.

Coração sobressaltado do Cosmos, acrescento, tomando consciência da necessidade de equilíbrio, de harmonia, da emoção e lucidez criadora dos poetas.

Será esta mistura perfeita de argúcia e destempero que me envolve e transporta, empurrando-me para a *Ilíada* de Homero? Apesar de me sentir perdida entre as suas grandiosidades, alucinantes batalhas, incessantes desatinos e sentimentos arrebatados dos seus heróis em sumptuosos universos masculinos. Analisados através da paixão e da cólera, da imoderação e da inacreditável coragem, do orgulho, da arrogância e da insolência.

Tímido e escasso é já o espaço reservado às mulheres neste cruel mundo de aço e espadas, de feridas e sangues derramados, arrebatamentos de punhais, actos de heroísmo desmedidos.

Como Helena é triste e severa….

Como é austera, se a compararmos com Aquiles, com Páris ou mesmo com Príamo. Prisioneiro da sua contenção, só Heitor se lhe assemelha. No entanto, privada da sensualidade que deveria ser a sua condição, ela estiola, vacila, o que a impede de ser perfeita no papel de fatalidade que Homero lhe destinara na sua epopeia, enquanto portadora de desgraça e maldição, escrava de Afrodite diante de um amor, do qual só ela conhece a pequenez aflitiva.

A desgraça e a morte curvam-se à sua passagem, e Helena sente-se enlouquecer diante das monstruosidades da guerra, que o seu fraco amor desencadeia. Permitindo que a condenem diante da sua falta, a que ninguém claramente alude, mas da qual todos mudamente a acusam. Ela própria assume-se culpada e sem redenção; por sua causa Tróia perde-se e os seus melhores guerreiros perecem, assim como os de Esparta.

Sinto-me tentada a escrever um longo poema a partir da *Ilíada*.

No rasto de Helena, a retomar a ideia de perda e culpa que arrasta consigo.

Lisboa, 25 de Março de 1791

†

Acorda a meio da madrugada

com desejos de frutos sanguíneos: amoras, cerejas, ginjas e morangos, framboesas, mirtilos e groselhas. De corolas de flores acres e vermelhas, hastes duras e pétalas sumarentas, carnudas.

Levanta-se da cama na escuridão cortada pelo borralho da lareira e das chamas mínimas, difusas e trémulas dos pavios acesos das lamparinas postas diante dos santos, e vai dobrada, debruçada sobre a própria barriga, até à cómoda onde corre os dedos pelo tampo de mármore até encontrar os frascos de jaspe e de cristal de rocha, onde se anelam os perfumes: água de colónia, extracto de rosa e de violeta, essência de laranjeira e de almíscar, de ambrósia. Puxa mais para si os vidrinhos de aroma, tira-lhes as rolhas de prata e, em ânsias, deixa a língua correr no rasto do seu gosto.

Mas logo se enjoa.

Torna para a cama onde se senta, pernas pendentes e pés apoiados numa grande almofada de veludo de cetim rosa, enquanto colhe da imaginação o sumo esverdeado das uvas, a turvação encorpada dos abrunhos, sentindo a água a crescer-lhe na boca, saliva grossa a ressumar-lhe nos lábios ressequidos. Ergue-se de novo, embrulha-se numa longa echarpe e sai em direcção à cozinha, os passos descalços e alçados como pode, para não acordar quem está adormecido.

No fogo murcho da chaminé, encontra sobre a tripeça de ferro a cafeteira com café tépido, que deita numa chávena e, sequiosa, bebe de um só trago. Mergulha a ponta dos dedos na tigela do açúcar e chupa-os gulosa, olhando em torno à procura do pão de centeio; e não encontrando mais nada que lhe mate a fome desusada, pega na palmatória e dirige-se à casa de jantar onde na fruteira de vidro coalhado se misturam maçãs, peras e laranjas.

Na última prateleira do aparador de carvalho descobre mel numa pequena taça de vidro de Murano com florzinhas cor-de-rosa lavradas e, ao lado, uma covilhete com marmelada. Na prateleira do meio há também um prato com pão-de-ló, que pousa sobre a mesa para cortar uma fatia. Junto à janela, numa credência de canto, encontra o jarro de leite tapado

com um naperon de renda e, voltados ao contrário numa salva de prata, os copos dispostos com cuidado.

Mas uma inesperada tontura faz dançar a sala à sua volta. Ampara-se à parede e fecha os olhos a esperar que passe. Pouco a pouco o chão volta a imobilizar-se, até lhe parecer firme de novo debaixo do passo arrastado e prudente com que torna ao quarto.

Insaciada.

†

Juliana aguarda a irmã junto da escadaria de mármore que dá para o jardim. Pousando na balaustrada as mãos delicadas, olhos fitos no portão de ferro encimado pelo brasão dos Oeynhausen; ora num pé ora noutro, sapatinhos de pelica fina a abotoar de lado. Nervosa, muito embora o rosto sem expressão não o mostre, controlando a respiração opressa de ter corrido e deslizado ao longo dos corredores, numa pressa inútil,

pois Leonor Benedita chega atrasada,

figura miúda, perdida no banco forrado da cadeirinha enviada pela mãe a buscá-la a casa do tio, onde, respeitando a sua vontade, a deixam morar após a morte da avó, no seguimento de muito choro e desmaios. Vem passar o dia com os pais e as irmãs mas, em vez de estar contente, o coração aperta-se-lhe no receio de não a deixarem voltar quando descer a noite. Não se ilude na idealização dos afectos, consciente de não os sentir por nenhum deles.

Fria e distante.

Depois do desaparecimento da avó que, apesar do jeito austero, tanto a amara, refugiara-se perto do cheiro a tabaco e a livros que a roupa do avô solta, sentindo-se segura no seu escritório e biblioteca, onde passava as longas horas dos dias. Recusando, arisca, a mão macia da mãe querendo levá-la consigo, só aceitando de bom grado ir viver com os tios a quem já se habituara.

Estranhando a demora do trajecto, Leonor Benedita espreita pela janela num gesto tímido, abre mais a frincha das cortinas corridas e não

reconhecendo onde está, atira-se para trás sufocada de susto, julgando-se perdida.

E se os criados que a transportam a deixassem ali, abandonada? Mas logo faz por afastar os maus pensamentos. Talvez esteja a chegar, contrapõe a si mesma, ainda que continue a temer-tremendo face a essa hipótese.

– Olhai que lindas e boas são as vossas manas! – costumam chamar-lhe a atenção as criadas quando ela vai passar o dia em casa dos pais. Mas as irmãs parecem-lhe assustadoras e estrangeiras, faceiras e desenvoltas, a troçarem das suas maneiras, dos seus modos recolhidos e desajeitados, das suas roupas: vestido de fazenda cinzenta a dar com a chuva, ou de linho branco quando é primavera; de seda só nas festas, a que se escusa a ir invocando doenças. Se necessário for vomita, dedos às escondidas metidos na boca até chegarem à garganta, hábeis em provocar o vómito.

– Ela é esquisita! – continua a reclamar Frederica, desagradada.

Juliana, pelo contrário, que atentara no seu olhar um pouco desacertado, rosto fechado e gesto no recuo, tivera pena dela. E por isso mesmo a espera, pacientemente encostada ao parapeito onde passeia as pequenas unhas rosadas. Teimosa, Frederica fica na companhia de Henriqueta, recusando-se a sair do quarto, apesar da ordem contrária dos pais que espreitam pela janela. Luiza dorme na sua pequena cama de tule e rendas.

Juliana está atenta ao barulho da rua de Santa Isabel onde moram, esforçando-se por ver para além do portão de ferro trabalhado em forma de renda. A seus pés encontram-se os canteiros das ervilhas-de-cheiro, a misturarem o seu odor encorpado com o cheiro esgarçado das rosas sanguíneas e o da madressilva amaciando o ar, que devagar a menina sorve, como quem bebe a matar a sede. E ao aperceber-se da chegada da irmã, apressa-se na escada com um certo alvoroço a recebê-la, enquanto os criados que carregam a cadeirinha sobem pelo caminho estreito do jardim, para a pousarem, finalmente, na terra batida, à sombra da magnólia.

Faz-se uma longa espera, e Juliana inquieta-se.

Renitente, Leonor Benedita sente o coração a pulsar-lhe desregrado no peito e, contrariada, inclina-se devagar para a saída, enquanto o resto do corpo se recusa a acompanhar esse primeiro movimento, mantendo-se imóvel.

Não a vendo surgir, Juliana aproxima-se, esboça ainda o gesto de quem vai abrir a portinhola, decorada com um florão de rosas em tons baços de ocre e verde seco. Mas já Leonor Benedita afasta as cortinas de damasco vermelho, empurra o fecho e surge delgada e séria. E sob o olhar da mãe, que entretanto saíra de casa, continua quieta, mãos atrás das costas, olhar pousado algures entre as flores e as árvores; fugindo ao sorriso da irmã, que se detém diante de tamanha hostilidade.

Por seu lado, Leonor hesita, frente ao gritante contraste das suas filhas: Juliana de pele nacarada e olhos de ametista, caracóis louros apanhados por um laço de fita de cetim, fato de musselina liso e maleável a deixar-lhe livres o movimento das pernas e dos pés. E Leonor Benedita, morena, de olhos afastados e pardos, a condizer com o castanho do cabelo liso penteado em bandós repuxados e hirtos, capa cinzenta a descair-lhe dos ombros, permitindo antever o vestido severo de fazenda, gola redonda e subida, peitilho apertado por botões de madrepérola até debaixo do queixo esquivo. Botinas pesadas, mal tapadas pelas pregas que avolumam a saia.

Interdita, Leonor modera o passo na sua direcção, reflectindo no melhor modo de abordar a filha mais velha que tanto lhe é estranha. Mas Juliana, naturalmente espontânea, agarra a irmã pela mão, praticamente arrastando-a até junto da mãe, que se curva a fim de apertar as duas no mesmo abraço.

Leonor Benedita recua.

†

É Catarina que, ao fim da manhã, lhe traz a notícia:

– Parece que os reis e os príncipes de França no dia 21 de Junho tentaram fugir a caminho da Áustria, mas foram descobertos pelo povo em Varennes e arrastados de volta a Paris, de novo para as Tulherias.

Leonor fica sem fala, gesto detido a meio, olhar alertado, querendo saber mais. Mas a amiga não tem resposta para nenhuma das suas perguntas, apesar de mulher do ministro Luís Pinto de Sousa Coutinho que foi quem recebeu em primeira mão o relato da tentativa de fuga real. No entanto, prudente e astucioso, evitara entrar em pormenores com Catarina, sabendo de antemão que ela iria sem demora contar tudo à condessa de Oeynhausen de quem ele não gosta.

Ansiosa, Leonor procura Pedro, que apenas confirma aquilo que ela já sabe, sem se mostrar surpreso com os acontecimentos franceses. Acrescentando, com desprezo, que a maioria dos fidalgos da Corte portuguesa tremem de medo, e não de pena, pelo destino dos reis de França, preocupados, sim, com o próprio futuro. E D. Maria, em busca de ar fresco nas Caldas, regressa de imediato a Queluz, a aguardar mais notícias do estrangeiro.

Julho está no início e Carlota Joaquina, que pensara ter-se livrado da sogra por algum tempo, abandona as salas douradas de Queluz e retorna aos jardins do palácio, indiferente ao sobressalto ou tumulto vindo de tão longe, despida sob as sedas, os véus e os tules que lhe valem nas horas sufocantes. Mesmo assim, manda que os criados negros venham refrescá-la com os grandes leques de plumas coloridas, enquanto joga e troca segredos com as infantas, as jovens fidalgas e com as suas damas espanholas, deliciando-se com os odores exóticos, luminosos e intensos dos ananases, dos limoeiros-da-índia e mesmo das laranjeiras, que a densa aragem da tarde se encarrega de espalhar.

Os fidalgos, de casaca, colete e calção, embora mal suportem o calor, mantêm-se por perto, a inventarem rimas e gargalhando alto, perseguindo na fuga as princesas e as açafatas que se molham com estouvado descuido ao entrarem descalças nos lagos calmosos, salpicando-se umas às outras nos tanques de mármore, demorando os braços roliços e nus por entre a espuma cintilante dos repuxos de água.

Leonor pede para ser recebida pela Rainha, que afinal é quem está menos informada, pois todos tentam poupá-la aos pormenores cruciantes e

aterradores, a quererem antes que ela esqueça, se distraia do tormento dos reis de França. Dias mais tarde Leonor começa a receber notícias de Paris, enviadas por Sophie de Condorcet, por madame de Angoulême e por Théroigne de Méricourt.

Na carta mais detalhada, de Germaine de Staël, há uma frase ambígua e preocupada:

«Ouvem-se rumores de que se aproximam tempos áridos e furiosos, de violência e de crueldade.»

†

Leonor Benedita ergue o rosto e fita a mãe, com o mesmo olhar determinado e inclemente que a esta sempre surpreende e perturba. Finalmente os tios convencem-na a ir viver em casa dos pais. Mas durante meses ela grita com pesadelos todas as madrugadas.

Sonhos maus que sempre cala.

Levanta-se da cama em silêncio e, como se deslizasse, percorre o espaço que a leva, sonâmbula, até à porta da rua, diante da qual se deita enroscada em si mesma.

Olhos escancarados, de quem vê muito longe.

De manhã cedo as criadas descobrem-na gelada, corpo arrepiado e hirto, que a camisa de noite de cambraia com entremeios de renda mal tapa.

– A condessinha Leonor Benedita está outra vez a dormir no tapete da entrada! – comentam entre si as mulheres atemorizadas, vozes a subirem na surpresa causada pela estranheza do acto. E afastam-se apressadas, a benzerem-se, rezando de medo e usando figas às escondidas, devido ao temor que ganharam dela, pois uma menina ensimesmada pode deitar mau olhado… E apesar do pouco trabalho que dá, ficam aliviadas quando ela vai passar o domingo com o avô.

Aos gritos das criadas Leonor acorre destemperada, desce com rapidez os degraus da escada até à entrada onde encontra a filha, estremunhada, tomada pelo susto com o tumulto armado à sua volta.

Envergonhada, também, por se ver quase nua diante de quem ainda desconhece. E tiritando aflita, refugia-se de bom grado no aconchego morno dos perfumados braços da mãe, que carinhosamente a ampara e cobre, a tapa, aquecendo-a com o tépido calor do seu corpo.

Ficando Leonor Benedita, mansa e queda, a respirar-lhe o odor dos cabelos.

†

De novo pesada e exausta, passa os dias a arrastar-se pelas cadeiras e pelas *chaises-longues* das salas, estendida na cama por cima da coberta branca, depois de tirar a colcha de damasco. Barriga maior do que das outras vezes em que esteve grávida.

Recusando-se a pensar que se for varão o filho que espera, virá para ocupar o lugar vazio deixado por Carlos Agrário, o menino morto.

Nas tardes lentas do outono Leonor fica a olhar as folhas ruivas do abrunheiro e do castanheiro, plantados em cantos diversos do pomar da casa, encantando-se com os odores pesados a matizarem as transparências dos tons entornados do crepúsculo, sob a latada das rosas trepadeiras, da cor do sangue derramado, onde gosta de passar as horas quentes.

Na sombra rala e perfumada, temperada pelo odor dúplice da malvasia e do cravo, apercebe-se de uma leve poalha dourada trabalhada pelo enredo da brisa, entrançando-se, dobada pelos últimos raios de sol a esvair-se, acompanhado pelo toque longínquo das ave-marias da Basílica da Estrela. E tamanha é a doçura encoberta, que o coração mal lhe cabe no peito nunca aquietado.

Fecha os olhos, reclinando-se no preguiceiro, onde o crepúsculo algumas vezes a encontra.

†

Logo depois de João Ulrico nascer, Carlos Augusto precipita-se a ver Leonor. Leva-lhe um delicado alfinete de ouro, tendo no centro dois

corações que se entrelaçam, feitos de pequenos rubis, diamantes e meias pérolas encimadas por minas novas e granadas.

Desinteressada, ela mal pousa o olhar no seu brilho mate, à luz vacilante das velas nas palmatórias das mesas-de-cabeceira, de cada lado do leito ainda em desordem, de onde sobe um cheiro acre a ferrugem do sangue que encharca os lençóis, e suja as mantas e os almofadões onde se encosta.

Sem desviar os olhos da lamparina votiva acesa, como sempre, diante da imagem de Teresa de Ávila, Leonor fecha na mão o alfinete, sentindo a ponta acerada do seu fecho espetar-se-lhe na palma húmida e escorregadia. A jóia será o prémio que o marido considera que ela merece por finalmente lhe ter dado um robusto varão que continue o nome dos Oeynhausen. No assento de nascimento do filho, não haverá rasto do seu apelido de solteira.

Brusca, retira a mão que continua presa na tenaz dos dedos dele e manda-o afastar-se, sair e fechar a porta atrás de si.

Pretende ficar só.

O espelho da cómoda de alçado continua coberto com a echarpe de seda com a qual mandara Thérèse tapá-lo, não querendo ver nele a sua imagem. Exposição insuportável a afrontá-la,

em horas revolvidas pelas contracções que a dilaceravam, parecendo esfacelá-la, enquanto sentia a criança descendo, morosa, a percorrê-la, a atravessá-la, nadando ao longo do seu corpo como se fugisse de encontrar a saída para a qual estava a ser empurrada.

Agora deitado no berço de madeira entrançada, coberto com véus e folhos de tule bordado a fio de algodão creme, João Ulrico dorme sossegado, o rosto miúdo apoiado na almofada de cambraia, queixo junto à dobra do lençol de linho macio.

Olha-o perplexa, como sempre que lhe nasce um filho, dividida entre um sentimento de rejeição e o vazio absoluto. Depois, à medida que os dias passam, o amor acaba por ir chegando com lentidões e vagares, a derrotar as emoções febris que a assaltam e que, por vezes, parecem querer afastá-la da maternidade. Num torvelinho de sensações diversas, de que

ressaltam a ideia da fuga, o desalinho e a inquietação. Tudo isso irá desaparecendo até restar apenas um sentimento de intranquilidade.

Nos lençóis entretanto mudados, Leonor pressente o sono a subir como uma espécie de nevoeiro, uma bruma que, depois de lhe aflorar os lábios sem cor, toma o anil molhado dos seus olhos que já se fecham.

Antes, porém, com a mão hesitante, procura debaixo das cobertas, e sob a almofada acaba por encontrar o alfinete dado por Carlos Augusto.

A ponta afiada do fecho dourado ameaça voltar a feri-la.

†

Desde que chegou de França, Leonor foi vê-la duas vezes à grade; na primeira, longos dedos brancos escapando por entre os ferros que as apartam. Olhares de anelo retomando da memória os sentimentos e as emoções, que em Gonçala jamais se aplacaram, sumindo-se em si mesma, perdendo-se na imensa distância contida entre a ilusão sonhada e uma anterior realidade jubilosa e possuída. De súbito mudada em abandono e enjeitamento,

apesar de nela se manter acesa a chama intensa da exaltação.

Devorada pela paixão e o anseio alimentados pela soledade árida da cela, o silêncio penoso do claustro, o deserto da cerca e do cemitério onde as irmãs são enterradas quase à superfície.

E a indesejada clausura que a sufoca,

entregue às penitências de martirizar o corpo revolvido pelo gosto e a fruição que as recordações de Leonor trazem de volta.

Onde está o riso, o gemido, o sussurrar a maresia de ambas, senão no seu ouvido?

Onde está o seio, a anca, o pulso, a nuca perlada de suor sob a onda dos cabelos espalhados ao longo das costas senão no seu olhar?

Gonçala vive de lembranças sobressaltadas pela esperança de a amiga volver, mas também pela queda vertiginosa provocada pela sua ausência. Escreve-lhe às escondidas, manda-lhe bilhetes ardentes, palavras desabridas, sem se importar com o risco que corre, consciente de poder ser

surpreendida a passar para fora do mosteiro essas missivas de delírio e traição aos votos feitos, de desafio à Igreja, às madres e aos padres confessores, a quem sempre mentira sem nenhum peso na consciência limpa e lisa.

No entanto, cada vez mais busca na prece ressentida a sublimação almejada mas inviável, a redenção impossível, o alento na insatisfação, a consolação sem consolo; embora continue a cumprir-se somente na exaltada entrega deleitosa.

Imaginando-se no acto de passar de despojada a plena.

De espoliada a ressarcida.

De caça a caçadora. No entanto, menos semelhente a Diana do que a Maria Madalena.

Gonçala juntar-se-ia de bom grado às «preferidas de Deus», às «alumbradas», às «assombradas de Cristo», entre as quais julga encontra Hildegarda, Juana de la Cruz, Catarina de Siena. Delas lendo com avidez os aforismos, as memórias, os poemas. Bebendo-lhes os pensamentos, levitando nas suas levitações, assombrando-se nas suas aparições, alucinando nas suas visões, desmaiando nos seus desfalecimentos, transportando-se nos seus êxtases, penitenciando-se nas suas penitências.

Como Teresa de Ávila.

«Os desejos que eu tive e tenho ainda de fazer penitências são enormes; mas logo que as faço, a força do desejo impede-me de tal maneira de as sentir, que às vezes, ou mesmo quase sempre, tem um efeito de alívio a que me permito.»

E quando Leonor finalmente torna pela segunda vez, Gonçala percebe-a mais comedida, refreada, acomodada na vida, fria até nos modos, no tom surdo e nos gestos retidos, no sorriso desatento, no olhar cismado e penumbroso, naquilo que diz com uma voz manchada pela aspereza dos rochedos.

Quem é ela agora? pergunta a si mesma, com a lucidez recolhida da religiosa de Ávila; enquanto à beira do rio da sua chama Leonor continua de mãos contidas no regaço de matizes sedosos, ar de indiferença a

ignorar-lhe os vestígios de arroubo, a lividez dos jejuns e dos cilícios que lhe laceram a cintura, do açoite e da vergasta a rasgarem-lhe as costas e a pele macia das coxas, na inútil tentativa de distrair com a dor o labor do desamparo, ponta e fio de folha da navalha de um desejo que não se mitiga nunca, ansioso já na pressa da entrega – sal e mel e cuspo –, de há muito impossível. Buscando em vão Gonçala o mesmo desassossego e aflição na expressão da amiga.

Perdida.

Portanto, nada lhe resta mais, nada lhe resta.

E o sussurrar da saia do vestido de fineza em seda vermelha de Leonor, como se fosse de asas, inquietada na pressa de partir ou voar para longe, sobressalta-a, com o seu acinte de diferença. Fazendo sobressair a pobreza do desbotado hábito de freira que veste, a arranhar-lhe a pele arrepiada pela saudade, a dissimular-lhe o belo corpo macerado e febril.

Queimoso.

Tal como a alma de Catarina de Siena ou de Teresa de Ávila, Gonçala *«arde na desmesura de um amor que a desatina»*. E de boa vontade morreria para iludir a crueldade e o amargor do destino, ela que reconheceu o travo cúmplice das horas da plenitude e da exultação. Ao contrário da sorte mordida, que agora a mantém a ferros, cativa de um amor funesto e de prazeres furtivos.

De uma vida madrasta.

De uma tristeza molesta.

De uma sorte malvada.

«Ai, que longa é esta vida! / que duros estes desterros! /
/ Esta prisão, estes ferros / Em que a alma está metida!»

Ela que em seus transportes quer do tudo o mais, e mais ainda.

Nos êxtases e nos arrebatamentos, nos abrasamentos, levando-a até às cisternas das águas interiores, insalubres e contaminadas.

Sente-se idêntica às esposas de Jesus no sopro de bilro, no excesso, na entrega, na urdidura do apelo, na trama tecida dos pensamentos

revolvidos, perturbadores e revoltosos; o fim adivinhado em vez de perceber o significado da vida.

Devedora do grão e da noz.

Culpada do delito de amar.

Comprometida com a desafeição.

Entre o sofrido e o tomado à revelia da dor.

Recordando as delícias, o gosto a ambrósia do fruto proibido do Éden…

«Ó belíssima forma, / ó suavíssimo perfume de desejáveis delícias», escreveu Hildegarda, sabendo as estrelas a esvaírem-se no céu entorpecido pela bruma da alvorada.

Reparando no olhar enchameado de Gonçala, Leonor envergonha-se, mas sem querer voltar a senti-la palma com palma levanta-se furtiva, olhos na pedra, a recuar para a saída; encostando, colando a sua ilharga à grade, durante um vertiginoso segundo: a amparar-se, recuperando da tontura que pretende derrubá-la? Ou como quem pede desculpa à amiga da traição, da cobardia?

Mas indo já deslizando, quase correndo, saia a restolhar no chão, a embrulhar-se-lhe nas pernas. E antes de desaparecer na curva apertada do corredor volta-se para trás, mão lívida e trémula a tapar os lábios secos, como se acenasse ou sustivesse um grito.

†

Já caíra a noite quando Pedro aparece, sem se fazer anunciar, em casa da irmã. Leonor, que aguardando a chegada do marido imagina serem dele os passos de homem que se aproximam e param atrás dela, não desvia os olhos do espelho diante do qual enfeita os cabelos com nós de fita de cetim escarlate, presos com pequenos alfinetes de pérolas e turquesas. Mas vendo reflectida no espelho a figura alta e magra do irmão, que aliás tem por hábito procurá-la a desoras, sorri-lhe divertida, erguendo-se para abraçá-lo. E sentindo o gosto meigo da ternura, pergunta por brincadeira:

– A esta hora não deveria o meu irmão já estar em sua casa?

– Não sem primeiro te dar a notícia que me chegou há pouco: o ministro Luís Pinto nomeou o teu marido tenente-general e inspector-geral de Infantaria. Mais uma vez conseguiste, mana, ganhaste!

A Leonor custa-lhe a acreditar no que acaba de ouvir. Depois de anos de empenho e teimosia, ora procurando os momentos mais tranquilos da Rainha D. Maria, buscando a sua antiga protecção, ora trabalhando no sentido de despertar o interesse e a conivência da Princesa do Brasil, Carlota Joaquina, o resultado das suas diligências decepciona-a.

Pedro, que esperava de Leonor uma explosão de alegria, diante do seu silêncio olha-a, e é com espanto que a ouve dizer indignada:

– O posto dado a Carlos Augusto está muito abaixo da sua condição! Será que não consegues descortinar as manobras onde elas se encontram? Aí anda mão do bispo-confessor da Rainha, que me intriga com Sua Alteza por eu ter sido protegida de frei Inácio de São Caetano.

Pedro julga ouvi-la acrescentar para si mesma, num tom de amargura:

– É muito pouco para o tanto que me é devido.

†

«Quando juro, está jurado», costuma dizer em jeito de promessa. Ao voltar de França jurara a si mesma aceitar o que a vida lhe desse, mas sendo tão parco e pobre, tão pouco o recebido, depressa se impacienta com a própria sorte minguada.

Leonor espera e deseja muito mais da vida. Anseia pelo tudo, recusando a mediocridade desprovida de Luzes que a rodeia, sem glória nem grandiosidade de nenhuma espécie.

Foge-lhe a esperança, rasteira como erva daninha, na vontade que se afunda, mas também se assanha, sem se reconhecer nessa absoluta ausência, nesse marasmo. E nem mesmo o espelho lhe devolve a imagem quando nele se olha.

Sem retorno.

Como se estivesse transformada num daqueles errantes seres nocturnos sem sossego, bebedores de sangues.

Cada uma das cartas chegadas de Paris traz consigo a vertigem intacta, a querer reacender-lhe a chama entretanto extinta; falando-lhe de uma história que deixara de lhe pertencer, ao rejeitar, ao abandonar a sua trama revoltosa. E através das notícias que lhe mandam vê as amigas a caminharem em direcção a um futuro do qual ela se encontra para sempre excluída.

Mas essas cartas também arrastam consigo memórias que representam um bálsamo,

para o seu coração amargurado.

†

A Rainha fita-a com atenção, apesar da enxaqueca causada pela insónia que a martirizara até de manhã. Encontra Leonor triste e exaurida depois do parto, tal quando da sua chegada de França. Rebeldia contida, no entanto, em cada gesto comedido, na palavra esparsa impondo regras a si mesma, olhar lento e teimoso no esgueirar-se.

«Dubiedades», pensa D. Maria, já distraída com as próprias preocupações e medos, pois os folguedos que continuamente lhe proporcionam nessa primavera, querendo distraí-la, sempre lhe pesam no coração dorido.

Atormentando-a ainda mais.

Espírito a desejar involuntariamente toldar-se, fugir para o luto onde submerge, a afundar-se debaixo da morbidez das cinzas, dos cinzentos e dos negrumes dos véus e das capas, alheada dos ocres e dos vermelhos dos vestidos de gala, dos corpetes e das saias onde os dourados sobressaem e a Corte usa nos bailes e nas regatas que ela tanto detesta e a angustiam, mas para os quais o filho e a nora Carlota Joaquina a empurram.

Levam-na a passear no Tejo nos escaleres reais, indiferentes ao seu desagrado por rios e mares, tentando mostrá-la ao povo mais doente do que na verdade está, enquanto o Príncipe do Brasil toma para si o poder.

Consta que em breve começará a assinar os diplomas reais com o próprio nome.

Refere-se à Rainha sua mãe como estando desarrazoada, desatento no esquecimento a que a vota, insistindo em que se mantenha fechada nos seus aposentos, entregue às aias e senhoras fidalgas, aos físicos que pouco mais fazem do que entorpecê-la com láudano e ópio, ou enfranquecê-la com o sangue vertido quando lhe lancetam as veias dos braços já feridos.

– Tanta água! – comenta D. Maria num tom melancólico, compondo o vestido e defendendo os olhos com os dedos trémulos da alacridade do sol, que tem como efeito nefasto fazê-la perder-se ainda mais no negrume de uma tristeza imensa, onde mergulhara depois da morte do marido e dos filhos.

Agastada, repele o seu novo confessor D. José Maria de Melo, e chama por aquele que está morto e tanto lhe falta. Mesmo assim, o bispo do Algarve torna sempre, solícito, a tentar tranquilizar a soberana com a sua bênção, que ela nem pede nem quer.

Naquele dia, porém, D. Maria leva consigo Leonor, arrastando-a. Mão seca fechada em redor do pulso estreito da sua valida e afilhada, que não reclama, a querer serenar a Soberana com uma aparente tranquilidade silenciosa.

Debaixo do palanque de brocado com debruns e franjas prateadas, escudo real lavrado a fio de ouro, terço de marfim e brilhantes em cima do regaço, D. Maria inquieta-se quando o barco se afasta da segurança da margem e a transporta para a aventura do rio. As damas de sua companhia, as camareiras e as açafatas formam à sua volta uma espécie de cordão dentro do qual se abriga. Sem nunca largar o braço de Leonor, fá-la tomar lugar a seu lado.

– Anda, menina! Anda, menina! – murmura desconexa, apesar do olhar lúcido.

†

Quando começa a constar com insistência que o Príncipe D. João, invocando a persistente situação de moléstia de sua mãe a Rainha, pretende chamar a si as funções régias, Leonor procura o Dr. Tamagnini, agora médico da Corte.

Mais do que saber a sua opinião no que respeita à misteriosa doença de D. Maria, Leonor deseja contestar o diagnóstico de loucura entretanto tornado público pelos físicos da Soberana. Indignando-se contra a ligeireza com que todos parecem aceitar o estigma de insanidade atribuído à Monarca que, afinal, se limita a cumprir um profundo e sentido luto feminino.

– No espaço de meses morreram-lhe dois filhos, dois netos, o marido e o confessor! Na Antiguidade, as mulheres levavam anos a viver os seus lutos…

– Acontece, D. Leonor, que D. Maria é uma Rainha. Há deveres que não se adiam, decisões urgentes a serem tomadas. O país não pode ficar parado devido à sua tristeza.

Leonor não se cala: contesta, argumenta, dá exemplos de casos idênticos, quer levar o médico a rever e mudar o seu próprio diagnóstico, arrastando consigo, quem sabe, o parecer dos colegas.

A impedir o afastamento da Rainha.

Ao chegar a casa cansada e desiludida, Carlos Augusto, que a espera, dá-lhe a notícia há muito temida:

– D. João acaba de tomar as rédeas do poder.

†

– Constou-me que a senhora condessa de Oeynhausen continua a encomendar livros do estrangeiro!

Os olhos pequenos e matreiros de Pina Manique resvalam na transparência clara do olhar de Leonor, que o fita a direito.

Incomodado, detecta nela mais uma vez o desafio. No seu meio sorriso velado adivinha a marca de um desdém que o ofende, por ser fruto da noção de superioridade que, em relação a ele, D. Leonor de Almeida não

ilude, fugindo quanto pode de lhe dirigir a palavra. Mas a perguntar-lhe algumas vezes, de passagem, cheia de ironia:

– Então, senhor Intendente, ouvi dizer que Vossa Excelência já descobriu maneira de censurar a raiz do nosso pensamento?

Disfarçando a raiva, ele repreende-a, então, sorrindo de forma forçada e lívida:

– A senhora condessa gosta de brincar com coisas sérias!

E certo de ela entender onde está a ameaça dissimulada naquilo que diz, afasta-se relutante, tomando gosto ao amargoso travo da raiva impotente. Mas um dia, não se contendo, Pina Manique pergunta-lhe, por entre os acordes de um concerto para piano de Mozart, que ambos escutam na Sala da Música do Palácio de Queluz:

– Por acaso Vossa Excelência será apologista do filosofismo e do veneno das ideias estrangeiras?

Leonor ri-se-lhe na cara, a troçar do seu provincianismo.

– Quem não deve não teme, senhor Intendente-Geral da Polícia – acaba por lhe responder alto, a fazer gala de o provocar em plena Corte, à vista de todos.

Mas Pedro logo acode, habilidoso, a afastar a irmã, que arrasta consigo para o Jardim de Malta, longe de ouvidos alheios, a ralhar-lhe:

– Que imprudência, Leonor, tens de guardar mais cuidado! Sabes bem como o Intendente te persegue!

Escondido a espreitar por entre os cortinados de damasco de uma das janelas da Sala da Música, Pina Manique distingue-lhes os vultos, apercebendo-se apenas que discutem junto ao lago, entretidos com os seus jogos de água.

Remoendo as audácias da condessa de Oeynhausen, segue os movimentos dos irmãos, mal iluminados pelas tochas e pelas velas acesas sob as campânulas de cristal e prata, que lhes defendem as chamas trémulas da áspera aragem nocturna.

Pedro e Leonor não sabem que, ao longo das alamedas recortadas pelo buxo e pelas árvores onde o negrume se abriga, estão ocultos os «moscas»

do Intendente-Geral da Polícia, embuçados e atentos, tentando entender o que eles dizem.

†

Quando Catarina chega é uma turbulência, uma tempestade.

Uma alegria empolgante e diversa, que leva Leonor a fazer-lhe todas as vontades.

Cantam, recitam poemas escritos na véspera, uma mais sensual e dolente, a outra mais racional. Bebem limonada, chá ou licor de romã.

Tocam modinhas brasileiras.

Por vezes fecham-se na penumbra perfumada do escritório de Leonor, onde ficam a conversar durante longas horas.

Há também tardes em que saem na sege de Catarina e partem um pouco ao acaso: passam pelo Rossio e descem a caminho do Tejo, onde ficam a admirar a luz do crepúsculo, enquanto o sol se esconde no horizonte, mergulhando de súbito nas águas limosas como se suicidasse.

Mas elas riem como duas raparigas em flor,

divertem-se no gosto que ambas têm em sentir crescer a conivência e a amizade uma pela outra.

†

Chamada pela Princesa Maria Francisca Benedita, Leonor comparece muitas vezes na Corte, onde D. Maria, que se enreda nas suas depressões e melancolias, parece ficar mais desanuviada quando a vê. No entanto, sempre que pode, Leonor escapa-se e vai ao encontro de Carlota Joaquina que, durante os dias entornados e dolentes do verão quente de 1792, vive mais nas sombras ardorosas dos jardins do que dentro da tristeza austera do Palácio.

Rodeada pelas suas damas, aias e açafatas espanholas, assim como pelos músicos que arrasta atrás de si, a Princesa do Brasil senta-se em tapetes persas estendidos sobre a relva, reclinada em almofadas de seda e

shantung, debaixo da escureza estriada dos loureiros e dos limoeiros que ladeiam as alamedas.

Faz questão de ficar o mais longe possível das gaiolas dos pássaros exóticos, de cores rutilantes e bicos sedentos, penas macias e espessas onde os tons se misturam e adoçam sob as asas. Incomoda-a o acossado olhar e o grito estrídulo das águias aprisionadas, embora a excitem os rugidos das feras enjauladas, assim como o odor ríspido e seco dos macacos e das corças, o cheiro almiscarado dos tigres trancados nas jaulas, à mistura com os perfumes doces e laboriosos dos ananases que chegam do Jardim das Estufas.

Vestidas de cassa transparente, de plumas, de rendas e sedas e cetins dormentes sobre a pele, tules alvacentos e esvoaçantes a descobrir a nudez dos ombros e do início dos seios, que os decotes ousados mostram, elas reclinam-se lânguidas, húmidas de suor e salpicadas pela água das cascatas e das fontes, dos repuxos dos tanques onde mergulham os pulsos nus, estonteadas de calor.

Leonor junta-se-lhes num fascínio incomodado, de início calada, tímida e arredia de futilidades e quebrantos. Mas logo a Princesa Carlota Joaquina lhe pede versos, batendo palmas e puxando-a para o seu lado. E ela, sem se fazer rogada, recita no meio de um silêncio que se vai impondo aos poucos.

Na calidez da tarde deixa-se inebriar pelo próprio talento, encantada com os olhares de admiração pousados nela, como se a redescobrissem na avidez da escuta. Em seguida irão pedir-lhe mais poemas, e ela voltará a ceder com agrado, levantando-se sem pressa, surpresa consigo mesma, gostando dos aplausos, dos sorrisos sinuosos e ambíguos dos fidalgos que a cortejam com a lisonja fácil, que apesar de tudo a perturba.

Mais tarde chegarão os licores, acompanhando o pão-de-ló molhado em malvasia e pouco a pouco, sem darem por isso, chega o crepúsculo que parece descer relutante no horizonte manchado pelas árvores. Depois os criados acendem as velas e os archotes, a incendiarem as mil flores dos jardins com as suas chamas tremeluzentes, ao som das malaguenhas e dos

boleros dolentes, a fazerem amolentar os corpos que estremecem, arrepiados, quase doendo no desejo que encerram.

Pelas janelas entreabertas do palácio escapam muitas vezes sinais assombrados da aflição da Rainha:

– Jesus! Jesus! Virgem Maria!

Leonor arrepende-se de ter ficado longe da Soberana, tentando esgueirar-se de olhos baixos, com receio de encontrar a expressão reprovadora da Princesa Maria Francisca Benedita, que a mandara chamar.

†

Discute com Carlos Augusto por causa de Bocage.

A frieza do tom e dos argumentos que o marido usa ao tentar mostrá-lo ignóbil a seus olhos, afasta – pensa ela – qualquer hipótese de ciúme.

Isso tranquiliza-a.

A Leonor parece apoquentá-lo o mau exemplo da boémia, para ele ameaçadora e insuportável, que o poeta transporta consigo. Passivo e evasivo, incomoda-o a irreverência, detesta a ironia, a sátira, temendo que as palavras do poeta e o exemplo da sua vida livre acabem, de algum modo, por contaminar a aparente acalmia em que terá caído o casamento de ambos. Transformando o direito do seu tecido aparentemente intacto, num avesso convulso e desorganizado.

– Não me parece conveniente convivermos com quem anda pelos botequins e pelos cafés até altas horas da madrugada, embebedando-se em más companhias. Misturando versos com grosserias e anedotas torpes.

Leonor escuta-o, ao princípio calada e ressentida, acabando sempre por se insurgir contra a mesquinhez destes julgamentos sumários. Uma vez por outra tenta usar de humor para ocultar a desilusão que sente perante a mesquinha atitude do marido.

– Terás por acaso receio que ele me corrompa?

Carlos Augusto olha-a, surpreso com o tom agreste que reconhece dos últimos tempos passados em França: deixando o desafio já marca na

expressão do seu rosto, na determinação espelhada no brilho dos olhos de súbito endurecidos.

– Vais deixar de te encontrar com ele nos almoços do Pombeiro e mesmo no salão de Teresa. E não quero que ele continue a frequentar a nossa casa.

Apercebendo-se do leve mas impaciente encolher de ombros da mulher, dá-se também conta do seu olhar de desprezo que o apunhala, lâmina certeira a dilacerar-lhe o orgulho e a virilidade, retalhando-lhe o coração em desamparo. Mesmo assim, não podendo nem querendo recuar no que dissera, em voz ainda mais alta torna a proibi-la de ver Bocage. Mas Leonor levanta-se e enfrenta-o, perguntando num tom acerado:

– Estou por acaso diante de uma ordem do meu senhor?

Carlos Augusto encolhe-se, arrependido da sua excessiva ousadia, lamentando ter ido tão longe no verbalizar do que era, menos que uma ordem, um veemente pedido de atenção. Mas como é seu hábito, quando se lhe depara a força e a arrogância dos outros retrocede, frágil e fraco.

– Desculpa-me! – pede, hesitante, estendendo os longos dedos a tocar a tepidez macia do ombro que ela esquiva, afrontada.

Altiva.

Utilizando o orgulho como se fosse uma arma.

†

Quando vai às sessões da Real Academia das Ciências e encontra o abade Correia da Serra, mantêm, juntamente com o duque de Lafões, longas discussões e eternas controvérsias, pois raramente se encontram do mesmo lado das questões que lhes interessam.

Leonor insurge-se sempre contra o facto de as mulheres não serem admitidas como membros da Academia. Motivo pelo qual ela se recusa a participar nas suas actividades com a mesma entrega de Teresa, a quem a Academia tanto deve, mas que, oficialmente, continua a ser uma mera sombra laboriosa.

Nesse dia, porém, o duque de Lafões nem dá por Leonor, que escuta o diálogo dele com o ministro Luís Pinto de Sousa Coutinho acerca da

neutralidade que, segundo Lafões, Portugal deveria manter no caso do envio de um oficial para juntar-se ao Estado-Maior do Exército Prussiano, que na Holanda se propõe combater as forças da recentemente proclamada República Francesa.

Estupefacta, Leonor fica a saber que o secretário da Guerra e dos Negócios Estrangeiros já contactara Pedro, no sentido de ser ele o oficial a assegurar a ligação.

Então sai correndo, sem responder ao sinal de Teresa que a segue, aflita com o sobressalto evidente nos modos da amiga.

– Espera por mim! – grita-lhe ainda, mas ela já está a entrar na sege, de onde se debruça para o cocheiro a mandá-lo seguir para casa de Pedro, na Boa Morte.

†

Pedro recebe-a, entre o cuidado e o riso.

Temendo o seu sobressalto, tentara esconder da irmã a ida para Inglaterra. E agora ali está ela à sua frente, muito pálida e trágica: olhar zangado e os lábios trémulos, de quem teme o pior para a vida dele.

Primeiro tenta acalmá-la, mas continuando a vê-la ofendida brinca com o seu amuo, desarruma-lhe o cabelo como fazia quando era pequeno, e Leonor, terna e condescendente, lho consentia.

Ele sabe que vai partir dentro de dias.

†

Traz a palidez no rosto quando regressa da inspecção pelas províncias do Reino.

Às vezes sente-se desmaiar.

Leva as mãos ao peito dorido sob a farda de fazenda inglesa, que cedendo à pressão dos seus dedos se encosta à seda branca da camisa, amachucando o folho do peitilho.

Olha-se ao espelho e assusta-se com a imagem lívida que lhe é devolvida: olhos febris, cabelos a ficarem grisalhos, olheiras fundas a devorarem a face cavada. Mas, ao escutar o passo ágil de Leonor, logo esconde a preocupação iludindo a dor que desce a morder o braço esquerdo, para em seguida se ir fechar como uma algema em redor do pulso latejante.

Segue para o meio do quarto, pernas moles no passo estonteado, a tropeçar no tamborete forrado de veludo carmesim que o desequilibra. Leonor detecta-lhe o semblante esvaído e olha-o desconfiando. Desde que ele regressara a Lisboa acha-o calado, distraído dela e das crianças, mesmo de João Ulrico a quem tão especialmente ama.

Mas ele disfarça a vertigem, hábil no jogo do engano, aflorando-lhe as espáduas que o decote do vestido de cetim cor de ametista deixa nuas.

Leonor estremece ao seu toque.

Permitindo que o calor da pele dele ganhe a sua.

Desejando-o sem artifício, mas também sem ardência e exaltação.

Sentindo-a distante, embora terna, Carlos Augusto solta-a e afasta-se conformado.

Por mais que tente jamais a alcança.

†

Ao contrário do seu modo de agir habitual, Teresa aparece de manhã cedo na casa da amiga, sobe correndo a escada que leva aos quartos, empurra a porta do toucador onde Leonor se arranja, e sem a beijar deixa-se cair numa pequena cadeira a seu lado. Desprende-se-lhe o cabelo do chapelinho negro, a escapar dos alfinetes de brilhantes e pérolas, indo tombar como seda pelas suas costas de magra. Tem a tez macerada, as olheiras escuras, o olhar pardacento, desinteressado e apático de quem pouco dormiu, os lábios despidos de carmim a franzirem-se de tristeza e amargura.

Acaba por dizer, num sufoco:

– Decidi entrar para o convento de Santos.

Leonor olha-a e escuta-lhe os argumentos, sem palavras para contrariar as dela, e preferindo não dizer o que pensa, acaba por invocar, embora de forma velada, a própria experiência.

– Sabes o que é viver em clausura, por trás de portas trancadas e de grades?

– Eu não, mas tu sabes. No entanto, são experiências diversas, pois enquanto Pombal te enclausurou, eu entrarei para um convento por minha vontade.

– E a liberdade, Teresa?

– De que me serve a liberdade de que tanto falas se não a uso? Talvez até venha a sentir-me mais livre num mosteiro do que em casa.

Percebendo que nada do que lhe disser será capaz de demovê-la, Leonor opta por agarrar as mãos de Teresa, e embora não possua remédio para curar a inquietação que a mina, nem resposta para as dúvidas que a torturam, começa a tranquilizá-la com a ternura; desentrelaça-lhe os dedos finos que logo se aninham nos seus.

– Não estejas aflita! Por uma vez na vida cumpre a tua vontade, não te forces a nada.

A amiga anseia por um lugar de clausura onde possa entregar-se a si própria? Então, não irá ser ela a demovê-la. E embora, por seu lado, necessite de liberdade para ganhar a lonjura, entende o desejo de viver num lugar fechado, onde seja possível a entrega à reflexão e ao pensamento.

Defendida do mundo.

Não obstante as suas dissemelhanças, Leonor continua a acreditar que, de modos diversos, ambas perseguem o mesmo ideal.

Um sonho idêntico.

Com o seu lenço de cambraia, seca as lágrimas transparentes de Teresa, redondas como pérolas, vertidas pelos seus olhos verdes, chovendo ao longo do rosto. Em seguida, cuidando em não rasgar o véu nocturno do chapeuzinho preto, tira-o com cuidado dos seus cabelos, desmanchando-lhe os cachos dos caracóis já meio soltos dos ganchos de prata e das

travessas de tartaruga, para lhe acalmar em seguida com água-de-colónia o latejar febril das têmporas de pétala de rosa.

†

Carlota Joaquina faz questão de levar Leonor consigo sempre que sai de Queluz na companhia das suas damas, das infantas, das meninas fidalgas, aias e açafatas, para ir caçar na tapada de Mafra.

Então é ela quem manda, princesa matreira e rutilante. Pontaria certeira, melhor que a do marido, montando de calças à maneira dos homens, ou de pernas nuas debaixo das saias largas, a apertar entre as coxas as ilhargas húmidas de suor do seu cavalo branco, malhado no focinho e nas patas.

Olhar dolente e andar coleante, passeia-se pelos salões espaçosos do Palácio de Mafra, onde se dança até de madrugada, lustres de cristal com centenas de velas a expulsar o negrume dos enormes salões onde consta aparecerem fantasmas, almas atormentadas, depois da meia-noite.

Mas a Princesa do Brasil não se atemoriza, gosta de se afastar do Paço de Queluz recortado por longos corredores obscuros que parecem formar uma espécie de labirinto, onde a cada passo espera encontrar o Minotauro, empenhado na sua vigilância vingativa.

Na tapada de Mafra, pelo contrário, o ar é lavado e seco, detectando ela apenas o cheiro esquivo dos veados, e o outro mais seco e acre dos javalis que persegue, vendo-os fugir à sua frente.

Recusando as caçadas, Leonor prefere ficar no palácio, apesar de ele a atemorizar um pouco. Refugia-se na biblioteca riquíssima ou na saleta dourada e verde que a princesa mandara arranjar para ela escrever em sossego os seus versos. Papeleira de nogueira entalhada com alçado, onde ficam os cadernos e o tinteiro de cristal e prata, pena largada em cima dos poemas entretanto escritos. À direita encontra-se o contador da Índia, e já perto da janela que dá para a varanda, está o saltério de macieza branda, tampo pintado com flores esvaídas.

É aí que se demora, junto dos livros, dos cadernos, das pautas de música, descendo ao pátio apenas quando os caçadores partem e quando

regressam, anunciados pelo som metálico das trompas, do latido nervoso dos cães e daquela espécie de gemido surdo que os cavalos arrastam consigo, num pressentimento de perigo que poderá surgir do meio do tojo, das silvas e das sombras das árvores. Há também os risos, as vozes subidas dos fidalgos excitados pelo vento áspero que lhes fustiga as caras.

Carlota Joaquina é a única das damas a não montar à amazona, escarranchada e sem chapéu, cabelo crespo que na pressa se desprende. Cara lavada, tez de azeitona de um moreno cerrado, onde o carmim não se adapta. Olhos pequenos e ligeiramente enviesados, que pela vivacidade captam sem desagrado a atenção daqueles que a rodeiam.

No seu vestido bordado de tafetá cor de cereja, Leonor sente-se deslocada, mas mesmo assim afoita-se por entre aqueles que, em trajes de caça, já estão montados nos cavalos que os palafreneiros continuam a segurar pela arreata.

A Princesa do Brasil tenta ainda convencê-la a participar na caçada, embora no íntimo prefira que ela fique escrevendo: versos que mais tarde abrilhantarão os serenins, as serenatas, os saraus. Poetisa a competir em talento com Bocage, Curvo Semedo, Caldas Barbosa e Francisco Joaquim Bingre que, apesar de contrariados, vão aparecendo, em parte arrastados por ela, mas também curiosos com o fausto um tanto fanado, com as caçadas cruéis e estridentes atrás dos animais atordoados, ziguezagueando pelas matas, com as donzelas lânguidas que aproveitam para conquistar com as suas rimas.

Poetas a fitarem com irónica troça a ostensiva ignorância da fidalguia, assim como o alarido e a ostentação dourada, que a maioria das vezes esconde-mostrando a decadência.

Não obstante, acabam por se juntar aos caçadores, e quando chega a noite, durante os bailes, olham de soslaio a palidez das infantas distantes e das meninas fidalgas, roliças nos seus vestidos leves, seguindo já a moda francesa que a revolução simplificou: saias de crepe, de cassa e cambraia, corpetezinhos bordados a missangas e pérolas miúdas, pequenos casacos a bordejarem a cintura ainda marcada pelo espartilho.

Há também echarpes de tule que, em vez de cobrirem, sublinham os decotes e a curva macia dos ombros trigueiros, a fazerem sobressair a brancura inesperada e rosada das louras, que baixam molemente as pálpebras translúcidas, a sombrearem o azul-transparente dos olhos rasgados sobre as têmporas, como pétalas delicadas.

Na desordem dos salões e na turbação da sua câmara, Carlota Joaquina esquece-se com frequência do marido, que no entanto não deixa de se lhe impor durante as caçadas, discutindo os dois aos gritos a autoria do tiro entre os olhos do javali deitado no charco do próprio sangue, aos pés de ambos.

O Príncipe D. João fixa a mulher, descobrindo nela uma fealdade ostensiva e orgulhosa de si mesma que o atemoriza, e acaba cedendo.

Admitindo o fracasso.

†

Vencedora, a Princesa regressa ao palácio galopando à frente de todos, afastando-se veloz, fugindo aos convidados em busca da solidão e do silêncio das árvores que contorna, rasando os ramos mais baixos, sentindo no rosto o fustigar breve da folhagem e o ar tépido que a sua rapidez desloca.

Prefere experimentar a sós o gosto da vitória sobre o marido, levando à boca as mãos ensanguentadas do afago no pêlo suado do javardo morto e ainda quente; porque ela sempre desmonta, a curvar-se sedenta, buscando nos olhos escancarados do animal que abatera a fundura da morte.

Ponto culminante, inexcedível.

Só parecido com o êxtase.

Respirando então, num gozo inteiro, o cheiro já azedo da derrota que o corpo tombado exala. Exangue, mas ainda possante, com uma força revigorante de que desconhece o gosto, apesar de ávida. Únicos seres a quem guarda respeito, mas nos quais se vinga do destino que a trouxe até Portugal. Portanto, quando lhes respira a morte não é só júbilo o que

sente, é a própria vida, num subido ardor, a incendiar-lhe o corpo numa vaga de lume.

†

Quando chega a casa de Catarina encontra-a na companhia de Maria Ana Josefa, numa conversa exaltada e nervosa; antes mesmo de entrar na saleta tão sua conhecida, toda em rosas suaves, cetins de macieza lânguida e lilases nas jarras de cristal de Veneza, Leonor escuta-lhes as vozes, ora surdas na tensão do diálogo, ora em atropelo nas palavras que lhes escapam num tumulto.

Passa devagar a ombreira da porta cor de marfim. E as duas calam-se de súbito, olhar ansioso poisado nela – Catarina torcendo os dedos afuselados e Maria Ana Josefa muito pálida, olhos negros brilhando de uma excitação mal contida.

Numa renda de luz, o sol translúcido do fim do inverno esgueira-se, ainda tímido, para dentro de casa através dos vidros da janela que dá para o jardim, onde as árvores rumorejam com suavidade, a aragem a insistir nas folhas da magnólia que brilham à claridade ácida do meio-dia. Por segundos, à roda delas tudo parece imobilizar-se. Leonor dá três ou quatro passos indecisos, a quebrar o encanto onde parecem ter ficado presas.

Catarina levanta-se de rompante para a ir abraçar, as palmas das mãos trémulas levitando junto dos seus ombros, mas sem na verdade lhes tocar, enquanto a filha do visconde de Vila Nova de Cerveira se mantém imóvel e em silêncio, parecendo um pouco retraída, encolhida entre as almofadas que a cercam e onde na verdade se aninha. Mas acaba por ser ela quem, em surdina contrita, dá a Leonor a notícia aterradora:

– Mataram o Rei de França, senhora Condessa. Luís XVI foi guilhotinado!

†

BELLADONA

Perco-me nas noites de insónia, minadas de estrelas e constelações, cometas suicidas atravessando os céus a precipitarem-se no escuro.

Scorpion
Orion
Pegasus

Láudano,
tomo láudano numa colher sonâmbula. Mas como desenredar o que não quer ser desenredado? Como desembaraçar o que pretende encontrar lugar dentro do próprio enredo e embaraço?

Mercúrio
Sirius
Cruzeiro do Sul

numa mistura que o láudano torna oscilante, numa espécie de nebulosa ou de vagueza insondável, enigmática.
Estrelas variáveis.
Lembro
e percorro o jardim de olhos levantados, como quando em pequena ia pela mão forte do meu pai a perder-me na contemplação da abóbada celeste, desejando voar na fundura nocturna de véu de viúva.
Tento agora recordar-me dos nomes mágicos com os quais, então, me maravilhava:

Virginis
Sagitarius
Três Marias.

Mais tarde, na clausura do convento, haveria de ir acrescentando outros, que decifrava com a ajuda do estudo e dos livros; olhar perdido nas trevas,

através da janela gradeada da minha cela, ou da cerca com as suas árvores estéreis.

Escrevendo nos meus cadernos novas designações:

Constelação do Cisne
Aurora Boreal
Andrómeda.

E também minha asa de voo.

Quem sabe, perto de Uriel com as suas brumosas asas da poesia; desejo alado, descoberto por mim, distraída das demoradas horas canónicas, por dentro dos versos que ia criando à mistura com as rezas.

Evadindo-me assim.

Voando… com os anjos astrónomos?

«Este é o lugar, onde os anjos que coabitam com as mulheres serão aprisionados», determinou o arcanjo discriminador,

ignorando Lilith,

que à sua maneira de desobediência cintilante nos vem recordar o interdito fruto do conhecimento, no Éden por ela repudiado: «*Entre as outras árvores está a árvore do entendimento.*»

Alpha Draconis
Estrela do Sul
Cassiopeia.

Sorrio no escuro enquanto tacteio os arbustos, os troncos das árvores, as hastes suspeitosas, tentando de memória evitar os espinhos quando os passos me levam até ao roseiral, a agasalhar o peito com o xaile onde me embrulho ao sentar-me no banco de pedra gelada debaixo do caramanchão. Prendendo os olhos nas constelações, continuo a aguardar o sono abandonatório…

Atropa Belladonna,

pequeníssima gota trémula, luzente e doce, tirada da baga negra, a cair na água do copo: veneno e cristal.

Conium maculatum.

Uma gota preguiçosa

e devagar alucino, embora cuidando para não passar demasiado perto da morte; mas sentindo o bater descompassado do coração na morada do peito, a secura da garganta, a rapidez do pulso, as pupilas dilatadas e a turvação do olhar, não me deixando já distinguir as estrelas no negrume dos céus.

Hyoscyamus niger

Belladonna.

Erva envenenada – diz-se – de raiz crescida por entre a derrocada das colunas, das paredes das casas, do amontoado das pedras soltas das ruínas e dos escombros, dos sangues secos e das lágrimas estagnadas, como água das minas.

Planta daninha para atrair a tragédia;

Planta rosada e mágica.

Atropas: uma das três parcas que controlam o nosso destino – a responsável pelo corte do fio da vida.

> Estramónio
> Meimendro
> Solanales.

Sem a auréola idealizada da cicuta.

E de súbito tudo começa a rodar vertiginosamente, pondo fim à lucidez e ao pensamento, começando o meu corpo a ceder ao sono antes da minha cabeça; e dirijo-me a casa a confundir cometas e asteróides, planetas e estrelas fugazes e venenos e galáxias, num rodar incessante. Oscilo molemente.

Via Láctea.

Largo para trás a cerração da madrugada, esqueço as coordenadas celestes, as estrelas de navegação, e sozinha e sem norte tropeço no tapete da entrada da porta da rua, que não fecho, nos degraus das escadas, no

corredor, sem dar com a maçaneta de faiança branca da porta do meu quarto. Levo os olhos fechados.

Durmo já.

†

Vê-o levar as mãos ao peito, cambalear, tombar a seus pés e ficar imóvel, enrodilhado sobre si mesmo, o rosto escondido entre os braços que instintivamente erguera a defender a cabeça.

O grito sobe desgarrado na garganta de Leonor, que no entanto consegue sustê-lo rente aos lábios, logo fechados com uma determinação que pode ser confundida com secura e desprendimento.

Mas há quem se curve já sobre Carlos Augusto,

mexem-lhe, viram-no, a descobrirem-lhe os olhos escancarados, presos de grande tormento, peito convulso onde o ar húmido e subitamente espesso parece não conseguir entrar.

Vencendo o pânico que a imobiliza, afasta os criados, manda o cocheiro ir buscar o médico e ajoelha-se junto do marido inerte no chão de terra batida, pedras soltas e afastadas, entre as quais se formaram pequenos charcos da chuva caída durante a noite e a madrugada. E vendo que ele quase não respira, inclina-se até à sua boca descorada e tenta dar-lhe o próprio sopro, passar-lhe a sua vida.

A pouco e pouco Carlos Agusto reanima-se.

Entreabre-lhe o casaco da farda, encosta o ouvido no seu peito, a tentar escutar-lhe o coração perdido na própria falha. Esfrega-lhe os pulsos com os dedos insistentes e, ao vê-lo mais desperto e lúcido, manda transportá-lo para dentro de casa, subindo em seguida para os seus aposentos, a aconchegá-lo ela mesma na cama comprida.

†

Quando o doutor Tamagnini finalmente chega, a lareira está acesa e Carlos Augusto tem uma manta a cobrir-lhe o corpo branco e glabro de

alemão. Faz sinal a Leonor para que saia e ela afasta-se, ressentida, indo para o escritório, onde a procura Leonor Benedita, magrinha e assustada, a encostar-se à soleira da porta entreaberta num silêncio de disfarce, até que Juliana e Frederica, vindo a correr, a empurram, lançando-se em prantos nos braços da mãe que as afasta com brusquidão desavinda, para logo arrependida as puxar a si, ficando as duas sentadas a seu lado no canapé inglês.

Não suportando mais a impaciência, o sobressalto, deixa-as para ir saber de Carlos Augusto, entrando no seu quarto de rompante, estacando ao vê-lo semidespido no emaranhado dos lençóis afastados, magro e longo, a pele lisa do tom da cera, o nariz direito parecendo mais afilado, as olheiras fundas a devorarem-lhe o rosto. Desacordado: os cabelos louros, muito lisos e finos molhados de suor, e os olhos de anil semifechados.

Inconsciente – apercebe-se ela, sobressaltada.

Aflita avança e, julgando que ele morre, volta-se a esconder as lágrimas que lhe descem pela face. Mas logo Tamagnini a chama, para lhe pedir o auxílio que em pequena já ela lhe prestara, quando no convento tantas vezes sangrara a sua mãe: corte fino e preciso conseguido com um estilete e a habilidade a que leva a prática. Tonta, Leonor cambaleia ao ver o sangue correr em fio para a taça de vidro que segura com as mãos pouco firmes.

Antes de partir, Tamagnini aconselha-a a preparar-se para o pior, advertência que prefere não escutar, apesar de a ouvir. E quando ele sai, senta-se à cabeceira do marido – *«o lume tem de estar vivo, para expulsar o ar da primavera fria e a morte a rondar por perto»* – lembrar-se-á mais tarde de pensar para si mesma, e de se ter dado conta da camisa de seda com renda no peitilho, amachucada na cadeira de vestir, botões de madrepérola arrancados na pressa de lha despirem, meias e calças manchadas e duras da lama que entretanto secara.

Leonor escuta o gemido vindo da cama, e com uma pequena colher de prata vai chegando aos lábios de Carlos Augusto a infusão de folhas de dedaleira receitada pelo médico. Depois chega-se ao oratório e ajoelha-se

diante da imagem de Cristo, expondo o próprio coração ensanguentado à superfície da ferida aberta no peito. E só muito mais tarde concordará em descansar um pouco, fazendo a vontade ao irmão e à cunhada entretanto chegados. Aceita também a chávena de chá de tília, que Thérèse lhe preparara.

†

Longe do olhar atento de Leonor, na penumbra trémula das chamas da lareira, Carlos Augusto volta a si, mas sem a lucidez suficiente para tomar o gosto de continuar vivo.

Retomados os atilhos e laços que o prendem

à consciência, ignora porém como já se afasta inexoravelmente dos entes queridos e da solidão onde está mergulhado, sem ninguém à cabeceira a velar-lhe os últimos momentos. A filha mais velha, que deveria fazer-lhe companhia, assustada com a sua imobilidade e lividez, saíra num clamor de saias e soluços a chamar a mãe; apenas o seu criado particular se mantém atento, sentado a um canto do corredor inóspito, à espera da chamada do amo de quem cuida há anos.

Antes de tornar a cair no torpor da inconsciência, Carlos Augusto vê passar diante dos olhos a sua relação com Leonor: afecto de espinho numa trama de amor ambíguo, de admiração impaciente, de desejo tumultuado, tentando sem jamais conseguir deixar de ser apenas sombra junto da sua cintilante claridade.

Relembra também os filhos: o bastardo, nascido da amante que o seguira até Lisboa onde ele a abandonara, e depois os legítimos, mas nem por isso menos distanciados, de quem nem sequer sabe a cor dos olhos ou a data de nascimento. Tolda-lhe os olhos a visão das mesas de jogo, onde perdera a fortuna, a honra e a dignidade, os deslaçados nós de um prazer rasteiro e sem brilho. E não entendendo a proximidade da morte, volta a tombar na inconsciência, enquanto Leonor se agita no sono sobressaltado, enroscada no sonho onde continua a escutar o som opresso da respiração aflita do marido.

†

Antes de morrer, Carlos Augusto sai do coma, entreabre os olhos e deixa-os prender em Leonor que, ao chamado da filha regressara, e agora à sua beira o aconchega nos lençóis e nas mantas da cama. Convulsamente, estende os braços para ela e pede numa voz vacilante e indistinta:

– Perdoa-me, Nelly, ter-te feito sofrer! Perdoa-me o pouco, o fraco que fui, o nada que te dei, perdoa-me as decepções, perdoa-me a fraqueza, as faltas, as deslealdades e os enganos.

Leonor curva-se a tentar soerguê-lo, cabeça loura descaindo no peito, os lábios febris e secos a tentarem aflorar a custo a pele dos seus dedos. Trespassada pelo súbito medo de o perder, debruça-se, a sentir-lhe já o cheiro estriado da morte.

O débil coração mal batendo.

– Não deixes que me levem de ti! Não me deixes ir, Nelly!

É quase num murmúrio que pronuncia o nome tão íntimo, como se tentasse reforçar o laço de os atar, enlear um no outro. Ajudando-o a manter-se vivo.

A querer cheirar-lhe pela última vez o hálito perfumado.

A querer degustar-lhe o travo dos seus lábios.

A querer roçar-lhe ao de leve a estreiteza do pulso.

A querer ouvir o estralejar da lenha no lume da lareira.

A querer captar uma derradeira imagem, imaginando agarrá-la:

Leonor nimbada por um raio de sol filtrado pelo vitral da janela, a mesclar-lhe de ouro cintilante os cabelos que, nesse dia, ela traz soltos em ondas pelas costas.

OceanofPDF.com

†

XIX

OceanofPDF.com

†

Ao Tempo

Tempo, que a mão benigna pões nas chagas
Que a saudade me abriu cruelmente;
Tu, que do espinho a dor suavemente
Vais tirando, e seu férreo efeito apagas:

Em ti somente espero, tu me afagas;
E quando enxuta houveres a corrente
Do inútil pranto que sai d'alma ardente,
Em vão buscada a paz talvez me tragas.

Os olhos voltarei para o passado,
E sorrindo verei chegar das lidas
O pacífico termo desejado:

Bem como à tarde as aves distraídas,
Esquecendo um chuveiro dissipado,
Cantam co'as plumas inda humedecidas.

OceanofPDF.com

†

RAÍZES

Na véspera de ser decapitada, Leonor de Távora é tomada por uma súbita turvação dos sentidos.

Pela janela de grades entreaberta chega-lhe o aroma doce a madressilva e a crisântemos, temperado pela humidade da terra embebida de chuva. Perfume molhado que lhe parece partir de muito perto, por certo de um canteiro do jardim no qual mal pudera reparar na pressa da chegada nessa mesma manhã à Quinta do Meio, em Belém, para onde a guarda a transferira do convento das Grilas, pulsos atados um ao outro por vários nós cegos, ferindo-lhe a pele delicada onde ressumbrara um sangue descorado.

Apesar de tudo retivera de passagem um maciço de rosmaninho, mas quando pretendera demorar o passo, empurraram-na, puxaram-na, fazendo-a desequilibrar-se nas pedras soltas, mal se apercebendo do arbusto delgado da erva cidreira, com o seu cheiro levemente agreste e que agora lhe parece matizar o delírio que a transporta e quebra, permitindo-lhe evadir-se da crueldade do cativeiro.

Falta pouco para que ela e Francisco de Assis se juntem na morte… E esse pensamento tranquiliza-a, a mente envolta numa espécie de névoa, de bruma que lhe embota os sentidos. Encosta a testa aos vidros da janela embaciados, e por segundos o estonteamento que lhe aperta o peito e lhe enevoa os olhos parece aplacar-se.

Leonor de Távora treme com o frio que trespassa a fazenda fina do vestido cinzento esfiapado na bainha dado por uma dama pensionista condoída com a sua sorte, no dia em que chegara desagasalhada e

algemada ao convento. Cruza melhor no peito o xaile colocado sobre os ombros e aninha nele o pescoço alto. Ouve lá fora a tempestade que entretanto se abatera sobre a cidade. A janela onde se encosta deixa passar a ventania, que se esgueira pelas frinchas, as rachas da madeira antiga e lascada, trazendo consigo um cheiro almiscarado às águas mestiças do Tejo e da chuva.

Gostaria de poder tomar para si todos aqueles odores, e desse modo, quem sabe, talvez conseguisse apaziguar o pensamento revoltado que não lhe dá descanso. Mas o sonho que dentro dela ainda cresce consegue transportá-la, fazê-la voar. E vê-se a si mesma a atravessar o parque a caminho de casa. Por entre as recordações intactas, distingue pedaços dos últimos dias antes de a catástrofe ter desabado, decepando-lhes as vidas. Vê-se curvada a apanhar um gladíolo vermelho, tomando-o pelo longo caule verde-ácido. Flor sanguínea tombada mais tarde no chão do quarto, como indício de crime, mancha agoirenta sobre o tapete.

Uma espécie de aragem inexistente perpassa por ela, a fazê-la tremer, teimando em ignorar o medo de que anda tomada. Assim, na véspera de ser decapitada, abandona-se ao arrebatamento da memória que lhe permite sentir-se abraçada por Francisco de Assis que, apaixonado, a toma, a aperta ao peito. E Leonor de Távora desliza ao longo da parede,

permanecendo inerte, enrodilhada no chão.

OceanofPDF.com

†

MEMÓRIA

«Prefiro manter-me discreta;

tão secreta quanto me seja possível, ou esquiva, furtiva como os pequenos diamantes rosados nas minhas orelhas, que o ouro dos cabelos ondeando ora descobre ora tapa, no seu estremecimento oscilante junto à pele onde o estio se entorpece, arraçado pelo perfume de nardo que espalho nos lóbulos das orelhas, na obscuridade da nuca e na estreiteza dos pulsos.»

Com este texto inacabado termina o primeiro dos diários do tempo da minha viuvez, nos quais tentei reflectir sobre as emoções ambíguas, assustadoras, que escapando ao meu controle se revolviam e me turvavam, multiplicando em mim dúvidas e questionamentos.

Movida pela razão, fazia por esquecer os sentimentos.

Lembro-me ainda de quando tudo começara a ser difícil, até ficar inultrapassável: o pensamento a espessar-se enredando-me o raciocínio, como se eu me embrenhasse numa mata de escuridade ou na teia de uma aranha ávida a envolver-me com a sua saliva.

Indecisa e expectante,

posta entre a infelicidade e a expectativa, indagava-me sem saber como conviver com a liberdade de que finalmente dispunha, com as emoções ou com os desertos da alma que, por serem tão inesperados, súbitos e subidos ao coração, me deixavam indecisa.

Mas será que eu podia ou quereria julgar-me diante da verdade, a fazer reflectir na sua lâmina a imagem difusa da minha imposta fragilidade pelo facto de ter nascido mulher?

Avaliei então as emoções, pesei os prós e os contras do que me dizia respeito; e estando mais habituada a ocultar-me do que a entender-me, quedei-me perplexa. E parecendo-me o mundo demasiado implacável para as poucas forças que sabia possuir na altura, dei a mim mesma um prazo de repouso, um espaço de afastamento, onde pudesse encontrar o distanciamento necessário, antes de continuar a viver: a pesar as diferenças, a avaliar as dúvidas, a entender os indícios, a detectar o ferrete, a discernir as causas das feridas e a marca das cicatrizes.

A perceber a dissonância do meu desassossego.

Ao refugiar-me em Almeirim, na Quinta do Vale dos Nabais, imaginara pôr-me a salvo, acreditara ter largado para trás as intrigas, as maquinações, os alçapões que na Corte se multiplicavam, se abriam debaixo dos meus passos. Não podia, no entanto, estar mais enganada, pois ao isolar-me abri brechas inesperadas nas minhas defesas, dando a ver as minhas maiores fraquezas, tornando-me, afinal, mais vulnerável.

Supunha então ter chegado a um estado de grande maturidade e conhecimento da vida, e só agora, tantos anos depois, me apercebo de quanto era abismal a minha imaturidade: vacilando diante das tormentas, titubeando frente aos reveses, tremendo perante as dúvidas constantes.

No inverno de mil setecentos e noventa e três, quando aprendia a viver por mim mesma, imaginava-me livre. A querer esquecer cada recordação nociva que, enfastiada, rasgava e deitava fora como se fossem cartas de um amante tornado inoportuno.

A verdadeira memória carrego-a eu agora,

e não quando estava em Almeirim, depois da morte de Carlos Augusto. Então, embora ainda o não soubesse, empenhava-me em ganhar forças a fim de voltar a sair de Portugal, à redescoberta do mundo e do meu destino. Mergulhada em pleno equívoco,

crente de que o futuro me pertencia.

OceanofPDF.com

†

1793-1795

Não foram muitas as pessoas que acompanharam o enterro de Carlos Augusto. Além do seu filho natural e da pouca família mais chegada de Leonor, estiveram presentes o camareiro-mor enviado pelo Príncipe D. João, a camareira D. Eugénia de Menezes em representação da Princesa do Brasil, Carlota Joaquina, e D. Mariana de Arriaga que trazia com ela as palavras de pesar da Rainha D. Maria e da princesa Maria Francisca Benedita.

Compareceram também muitos dos seus companheiros de armas, e alguns poetas da Nova Arcádia, como Curvo Semedo, Bocage e Joaquim Bingre, de visita a Lisboa.

Teresa e Catarina tinham chegado mal souberam do acontecido, e mais tarde Joana Isabel Forjaz e Maria Ana Josefa Xavier de Lima, querendo dar arrimo, companhia e carinho à amiga, que as recebeu entre a mudez e o desamparo, olhos febris de deserto.

Toda a cerimónia decorreu lenta e árida, sem imprevistos nem lágrimas, com aquela mesma medida, comedida e parda, que tivera a vida dele. Leonor, que se opusera à cerimónia do velório, pedindo à cunhada que fosse ela a receber os pêsames, recusou-se a seguir o corpo do marido até ao cemitério.

Passara a noite sozinha junto dele, afastando para longe os filhos, excepto as raparigas mais velhas às quais permitiu verem o pai deitado como quem dorme na sua cama.

Com a ajuda de Thérèse lavara-o e vestira-o, mas fora ela sozinha quem lhe adoçara a pele branca e lisa do corpo magro, com unguentos e cremes

que ele usara, de fragrância forte e áspera, cheiro masculino a tabaco e a água-de-colónia inglesa. Depois beijara-lhe as faces pálidas e o goivo terno dos seus lábios gelados.

Antes descera-lhe com cuidado as pálpebras sobre o azul esvaído do olhar ainda apegado ao seu. Afagara-lhe os ombros altos e a polpa tranquila dos dedos, que se recusara a entrecruzar uns nos outros como quem reza. Entre eles colocara o punho trabalhado da espada nua, que Carlos Augusto levava consigo da primeira vez que se avistaram no parlatório do convento de São Félix, em Chelas: lâmina brilhante, agora inexplicavelmente amável junto do cetim da colcha de damasco lavrado com a qual o cobrira durante a madrugada.

Sozinha debruçara-se então sobre o leito onde quis que ele ficasse até ao momento terrível em que o vieram buscar para o colocar no caixão, recusando-se Leonor a ver descer o tampo sobre o rosto longo e esquálido.

Cuidando de que a sua memória dele fosse outra.

Desse modo tentava apartar de si as mágoas, as humilhações e os desgostos pelos quais ele a fizera passar: já lhe bastava não poder esquecer as dívidas de jogo, nem conseguir afastar da memória as infidelidades, as amantes por conta.

Pouco a pouco a dor deu lugar a uma apatia contaminada pelo vazio; e só mais tarde, à turva claridade da alvorada que a encontrou sentada na beira do próprio leito, o desgosto tomará a forma da hostilidade forrada de calma, contra a sorte de novo enganadora.

Então permitira que Thèrése a despisse, como se fosse uma boneca inerte e indiferente, lhe desprendesse os cabelos ao retirar-lhe os ganchos e os alfinetes de ouro, as travessas de tartaruga e prata, a reflectirem-se no espelho do tampo do *toilette*.

Um fino raio de sol, vindo das portadas abertas da janela, soltou-se da alvorada, indo quebrar a penumbra entorpecida do quarto onde, deitada, Leonor escutava ao longe os vagos rumores da casa. E já a resvalar no sono, sentiu o perfume dúplice das flores mascarinas que os primeiros alvores da manhã levantavam,

conduzindo-os até ela.

†

Sabendo do hábito da amiga de se levantar com as névoas da madrugada, duas semanas depois do enterro de Carlos Augusto Catarina procura-a cedo, levando consigo a turbulência que encanta e ao mesmo tempo assusta Leonor.

– Anda, vem para Sintra, sem véus de viúva, nem o peso das sedas e das rendas negras. Dentro do carro ninguém te vê! – alicia-a com carinho de turbilhão furtivo.

E a seduzi-la rodeia-a com risos baixos, faz-lhe versos de improviso, envolve-a em abraços de aflição ao vê-la sem cor no rosto nem ânimo de alma, enroscada numa cadeira entre veludos, sedas e almofadas às quais se molda submissa, de olhos fechados como se dormisse ou estivesse tomada por feitiços danosos de fadas ruins.

Leonor esgueira-se, esquiva-se sem desculpas, dividida entre o dever de ficar junto dos filhos perdida numa solidão de entrega e o desejo de partir para a agitação da casa de Catarina, onde poderia caminhar à vontade pelos jardins que desembocam na mata, com a sua misteriosa bruma, as suas penumbras cerradas de copas altas e curvas, odores sombrios a líquenes, a musgo, a erva macerada e a terra húmida, a charcos, árvores à sombra das quais brotam pequenos cogumelos nos meandros das suas raízes nodosas.

Escondidos por entre os arvoredos, encontraria primeiro os seixos lisos e escorregadios que conduzem até aos riachos, dos quais se detecta o ruído do correntio das águas turvas da chuva da véspera. Em seguida, quase sem transição, desemboca-se numa espaçosa clareira aberta, onde o sol cintila de rosas selvagens.

Embora a tentação seja muita, Leonor hesita. Teresa aparecera na véspera para a levar consigo e Joana Isabel Forjaz viera em seguida a oferecer-lhe a casa da Quinta das Picoas.

Recusara ambos os convites, o que torna agora impossível aceitar o de Catarina que, interdita, dá conta dos olhos marejados da amiga.

†

DIÁRIO

Há demasiada dor na minha dor.

Descrevo-a por verso, como se a impusesse a mim mesma e também aos outros. Não me refiro tanto à natural e branda mágoa que faz parte do luto por Carlos Augusto, mas à outra dor maior, mais forte e antiga, com a sua acidez de lâmina afiada cravada até ao sangue que jorra no interior do meu peito; dor que em mim se alenta e de mim se alimenta, sendo eu pão e leite, seu fruto e flor de sal.

Melancolia ou espinho envenenado

a dilacerar-me os lugares vulneráveis do corpo, os silêncios da alma. Depois de tantas lutas e decepções, desencantos e humilhações, de tanta esperança lograda, preciso de algum tempo sozinha, longe da Corte e fora de Lisboa, a ganhar forças para começar o futuro. Irão supor que cumpro o meu papel de inconsolável viúva portuguesa.

Ao calar-me, eu consinto.

Lisboa, 22 de Março de 1793

†

Pedro volta de Inglaterra na semana seguinte à morte do cunhado. Vem desencantado, descoroçoado com a sua primeira experiência de guerra, frustrado e sem ânimo para passar à irmã, que encontra trancada em casa como em Portugal é dado fazerem as viúvas. Mas não por certo Leonor

que, arredia a nostalgias e a superstições, sempre contrariou hábitos, tradições e preconceitos.

E diante dela não cuida de disfarçar a estranheza e o desagrado que o seu comportamento lhe provoca, considerando-o impróprio do seu temperamento e mentalidade.

«Desde quando começaste a desistir de ti própria?» – pergunta-lhe. E ela cora de vergonha, sem no entanto negar a melancolia onde sente afundar-se, num abandono de si desconhecido, acabando por confessar de um só fôlego:

«É o desânimo, Pedro, é o desânimo, sem vontade que estou de me impor a mim mesma e ganhar forças», não entendendo já se necessita da turbulência da poesia ou do descanso enovelado dos livros. Teresa recomenda-lhe Almeirim, Catarina quer levá-la para a sua casa de Sintra, o pai puxa-a para Almada, num subterfúgio de quem apenas pretende voltar a ter perto de si Leonor Benedita, sua neta de eleição.

À pergunta muda e aflita dos olhos da irmã, apenas lhe responde:

– A escolha é tua, mana, apenas tua. Aliás, tu sempre sabes o que queres para a tua vida.

Leonor encolhe os ombros com desânimo. Afinal, só os versos lhe valem. E mal o irmão parte, volta a mergulhar nos poemas de Goethe.

Como quem se refugia.

†

Depois de decidir o que quer fazer da sua vida, Leonor vai ao Palácio de Queluz para dar conta à Princesa Carlota Joaquina da sua intenção de passar uns tempos em Almeirim, na quinta cedida por seu pai, «que como Vossa Alteza tem conhecimento, continua a viver na casa de Almada».

Vai vestida de seda e rendas negras da Holanda. Usa um pequeno chapéu sem véu, de penas pretas, que lhe tolda de sombra o dourado do cabelo basto e encaracolado.

Carlota Joaquina, que a recebe nos seus aposentos reclinada em almofadas e envolta num xaile de caxemira, estende-lhe a ponta dos dedos

morenos e vê-a curvar-se um tudo-nada, como se Leonor fosse aflorá-los com a boca sem carmim, mas na verdade deixando o beijo suspenso na comissura dos lábios.

A Princesa do Brasil, que sempre a achara orgulhosa mas também bonita, inteligente, ambiciosa, e gosta de a ter entre as suas damas de protecção, olha-a condescendente, sem no entanto esconder o seu desagrado quando ela lhe dá parte da decisão de se afastar da Corte; acabando secamente por lhe negar a permissão para tão impensável distanciamento quando mais necessita da sua companhia. «No momento de dar à luz, quero ter a senhora condessa por perto!»

Leonor desce os olhos ao colo de seda, a pesar os prós e os contras da ordem que a futura rainha de Portugal acaba de lhe dar. E antes que o silêncio entre ambas tome um carácter demasiado pesado, levanta o seu olhar de disfarce para a Princesa do Brasil, e com palavras simples agradece a honra que lhe fora concedida.

†

As cartas que lhe chegam de França confirmam os seus piores pressentimentos: o sangue continua a correr nas ruas de Paris, Avignon e Marselha, de onde lhe escreve Delille, que em certo passo indaga com desânimo:

«Tudo isto, senhora condessa D. Leonor, em nome de que liberdade?»

Assusta-se sobretudo por causa da intensidade apaixonada de Théroigne, conhece-lhe as posições políticas extremadas e o carácter arrebatado que a leva a mandar-lhe bilhetes curtos e aturdidos, repletos de um entusiasmo todo ele feito de utopia.

Ela vive em pleno sonho.

Sophie de Condorcet, pelo contrário, faz-lhe relatos demorados, minuciosos e preocupados, como se estivessem vivendo numa perigosa situação sem saída. Já Germaine de Staël mistura o tom e a visão de ambas em palavras voadas, apressadas, numa esperança retardada e

temerosa, a temperar um desencanto e a esconder uma melancolia sem medida.

Leonor percebe
que Paris nunca mais será solução para a sua vida.

†

Gonçala sente estar a adoecer.

Dorme mal, emagrece, tem tonturas e desmaia na capela do convento, de joelhos na pedra gelada e toldada pelas humidades do rio, que no inverno parece querer inundar o vale de Chelas. E nessa espécie de transpiração malsã, demora-se a rezar o terço, cumprindo todas as horas canónicas, num esquecimento e estremecimento dos sentidos que já lhe esmorecem.

A vara e o bastão não se encontram do seu lado. Antes sim o côncavo, a nesga, a fenda, a racha, a escassez do pouco que resta de si mesma. Ergue os olhos para a imagem de Santa Rita de Cássia, sem já saber o que é real ou inventado, de infortúnio e maciez feminina, acrescentando o nada e o pleno às palavras sagradas que antecipa, com quem as recorda e as traz ao cimo da verdade.

Evangelho segundo Maria Madalena…

– Habibi… Habibi…

«Não me poderás tocar» – adverte-a Yeshoua, mas ela sente-o com os dedos do corpo e vê-o com os olhos da paixão – «*apostola apostolarum*»…

Gonçala sente-se cercada pelo negrume.

Oblívio… Oblívio…

Oblívio, ousa finalmente enunciar num murmúrio; e se ao fundo do túnel ainda há alguma luz, por elipses momentâneas e escassas, ela vem da volúpia de pronunciar o nome de Leonor, de o reter intacto na sua memória vacilante. Amiga afastada há tanto tempo, que Gonçala não consegue mais determinar quanto. Mas ao tomar conhecimento da sua viuvez, um fio de brandura sedosa à mistura com o espinho da crueldade

despertara nela uma vaga clareira de esperança, levando-a a imaginar ser possível o seu regresso ao convento como tantas outras viúvas solitárias.

Sem Leonor não se entende, nem nada existe, sem Leonor não sabe desejar cousa alguma. E os joelhos esfolados de arrastar em vãs promessas às santas iluminadas por círios votivos postos nos castiçais de prata dos altares, deixam um rasto de sangue na pedra salgada pelo travo do mar que o Tejo arrasta, numa mistura de oceano

e lágrimas.

†

É bom que eles continuem a entreter-se com os versos, pensa Pina Manique, satisfeito, ao vê-los distraídos do que se passa no país, longe dos sobressaltos políticos.

Só a condessa de Oeynhausen lhe dá preocupação com a sua irrequietude determinada na ousadia, mesmo se ensimesmada no seu sobressaltado luto de viúva recente; sem no entanto iludir o desafio crispado dos lábios, a determinação do claro olhar revolto ou as cartas que recebe vindas de Paris e Marselha.

Suspeita das ligações dela ao estrangeiro, das suas amizades duvidosas, dos livros perniciosos que manda vir de fora divulgando ideias revolucionárias, obras de filosofias que levam ao desacato, à violência e ao caos, como está a acontecer em França. Farpas, gumes e lâminas prontas a cruzarem a fronteira do peito ou a precipitarem-se no pescoço apetecível da realeza.

Por tudo isso o Intendente-Geral da Polícia está atento a Leonor de Almeida, que apesar da fidalguia e apessoamento feminino delicado, educação conventual e rígida, segundo ele, guarda um ânimo varonil que o confunde e agasta, coração agrilhoado por sentimentos ruins a seu respeito.

Nos últimos tempos, porém, julga vê-la a participar mais comedida nas reuniões da Nova Arcádia que ele mesmo faz questão de espiar; mais empenhada em dissertações literárias do que em dicussões políticas,

envolvendo-se na análise dos versos que declamam, sem levantar procedimento de cuidado.

Mas Pina Manique teme que não tendo os poetas pouso certo, se fartem e desistam, se dispersem e afastem do seu oculto controle, semeando a inquietude e a rebeldia sabe-se lá por onde. Ultimamente Bocage fora visto pelos «moscas» a beber em botequins e tabernas, boémio e afrontoso, sátira de faca afiada a retalhar tudo e todos sem dó nem piedade.

Não obstante, a condessa de Oeynhausen, mesmo depois da morte do marido, continua a recebê-lo na sua assembleia literária, onde se reúnem os artistas de momento mais conhecidos. Sempre que vem a propósito não deixa de lhe elogiar o talento, protege-o junto da Princesa Carlota Joaquina, tendo esta já cometido a imprudência de o convidar para serenins e concertos no Palácio de Queluz e até para algumas caçadas na tapada de Mafra.

O Intendente-Geral da Polícia chega à conclusão de que é melhor criar condições para os árcades poderem acalentar a sua inofensiva imaginação poética, enquanto ele vai, habilidosamente, dando laços que acabarão por os ligar ao poder. Assim, num aparente gesto de generosidade, disponibiliza-lhes instalações no Castelo de São Jorge para lá estabelecerem a sede da Nova Arcádia.

E, no cumprimento de um plano perfeitamente elaborado, convoca-os a celebrarem, durante uma sessão no Paço da Ajuda, o recente nascimento da princesinha D. Maria Teresa.

Constrangidos, eles acabam por aceitar, embora incomodados e cabisbaixos com a cedência que os apouca e os compromete com a Corte, por eles tantas vezes sarcasticamente criticada.

†

O Príncipe D. João boceja, ansioso por regressar a Queluz, desinteressado dos versos e dos poetas estranhos à Corte, canhestros nos fatos coçados mandados engomar à pressa para a Real Sessão na qual se

celebra a vinda ao mundo da princesinha da Beira, Dona Maria Teresa, sua filha.

Atento apenas aos momentos musicais, quando os poetas actuam D. João afasta-se. Não antes de procurar com os olhos o Intendente-Geral da Polícia, a tranquilizar-se com a sua presença, e a verificar se sua mãe a Rainha continua calma junto da condessa de Oeynhausen que, atenta, lhe compõe de vez em quando o vestido e o manto em torno das pernas.

Só depois D. João vai refugiar-se atrás das cortinas de damasco, onde toma assento numa cadeira de espaldar forrada de cetim dourado, desatento às palavras empoladas dos vates, que sem grande convicção se levantam dos mochos onde estão sentados para declamarem de pé os poemas decorados, ou que ali mesmo improvisam, como Bocage, em verso heróico.

Um torpor irresistível, no entanto, acaba por fazer cabecear o Príncipe, que depressa cai num sono sobressaltado, defendido pelos cortinados lavrados de verde. O lábio inferior pendente e grosso, rosto moreno cheio e apático, ressonar brando e discreto.

†

Vestida de cetim negro com rendas de Bruxelas, Leonor encontra-se junto de D. Maria, que se mantém calada e entorpecida devido ao láudano que o dr. Tamagnini lhe receitara e D. Mariana de Arriaga, sua dama de honor, lhe dera a beber em pouca quantidade, não fossem os desacertos e os desabafos depressivos e espavoridos da Monarca estragar o festejo.

Tão habituados à sua apatia como às suas aflições, poucos reparam no olhar perdido da Rainha, ora pousado na afilhada à sua beira, ora nos poetas sentados em mochos ao fundo do salão, com ar contrito e cabisbaixo.

Por seu lado Pina Manique, sem deixar de vigiar Leonor, de quem segue os movimentos de impaciência mal contida, temendo que ela destrua a apatia da sessão com os seus imprevisíveis arrebatamentos, acaba por se dirigir à camareira D. Maria Xavier Botelho, sua amiga, a pedir-lhe que a

mantenha ocupada junto da Soberana. Mas só descansa quando Bocage, entusiasmado, improvisa em verso heróico a propósito do nascimento da princezinha da Beira, e Francisco Joaquim Bingre, tão pouco dado a falar em público, acaba por fechar a sessão improvisando em prosa.

Perto dos cortinados por trás dos quais se refugiara o Príncipe D. João, o Intendente dá conta de um desconhecido que, tal como ele, tenta entender o sentido do olhar de seda dobada de Leonor de Almeida, no qual se reflecte a desaprovação irritada com a inesperada atitude amistosa e ridente dos poetas da Nova Arcádia. Os dois acompanham-lhe de longe os movimentos, leque a ocultar o rosto, quando ela se afasta de junto da Soberana para ir refugiar-se num canto de recato, a defender-se do luzimento dos tocheiros, das velas do lustre de cristal e das chamas trémulas dos candelabros dispostos nas mesas de pau-santo.

E quando Nicolau Tolentino a descobre enovelada na sombra e lhe oferece companhia, ela sobe a mão enluvada de noite no seu braço, fitando-o agradecida pela galanteria e a delicadeza do trato. O vestido de negrume acentua-lhe a palidez da pele, afina-lhe o porte, tornando-a mais magra, mais nova e grácil.

Pina Manique tenta avaliar-lhe o desalento na enigmática expressão do rosto, de quem cede na razão em prol dos sentimentos. Mas reparando-lhe na vivacidade dos olhos que, segundo ele, contraria em tudo a indiferença do modo derrubado, desconfiado de tamanha languidez e abatimento, por parte de alguém com o seu carácter voluntarioso,

manda dois dos seus sicários segui-la.

†

Luísa Todi repara como as rendas de luto da condessa de Oeynhausen sublinham a sua magreza pálida mas não menos altiva do que há alguns anos atrás, quando se conheceram em Viena e ela lhe fechara a porta de sua casa.

Atenta, acompanha-lhe a lentidão dos movimentos, o vagar ensimesmado com que move o leque negro junto à face, jeito artificial a

querer arranjar disfarce para o olhar letal que de raspão lhe lança.

Rancorosa.

Admira-lhe a constância do ciúme e da hostilidade, mesmo agora com o marido morto. Julgando e condenando a sua infidelidade de que, aliás, jamais teve provas. E nenhuma das duas desvia os olhos uma da outra; entre elas estão as memórias, diversas, que guardam de Carlos Augusto.

Um mesmo arrepio envolve-as e trespassa-as, cabelos revolvidos pelo vento que de súbito se levanta do Tejo, aragem fria subida até às amuradas de pedra grossa do Castelo de São Jorge onde se encontram, fustigando os convidados que vieram até à Casa Pia a fim de ouvir Todi interpretar a cantata de Cavi, *La Preghiera Exaudita*.

Em homenagem à princesinha da Beira.

Perdendo de vista Leonor de Almeida, a cantora sobressalta-se e dissimuladamente procura-a, mas logo adiante pensa adivinhar-lhe o vulto delgado esgueirando-se na sua direcção; inquieta, julga-se perseguida, mas logo se apercebe do engano e pára enervada, envergonhada.

Rodando, afasta-se,

erguendo com os dedos trémulos o vestido magenta com o delicado forro de seda em tons de malva, a aparecer por entre a fina racha quase encoberta pela roda da saia.

De súbito estonteada, ampara-se a uma das ameias, que lhe magoa o braço enluvado. Fecha os olhos admirada consigo mesma, descobrindo-se temerosa diante de tamanha turvação dos sentidos.

†

Entre os inúmeros vestidos mandados fazer por Carlota Joaquina para usar nos festejos em sua honra, pelo nascimento da primeira criança que põe no mundo, a infanta Maria Teresa, a Princesa do Brasil acaba por escolher, para levar à inauguração do Teatro Real de São Carlos, o de seda vermelha, de corpete lavrado com diamantes e ametistas. Aquele que melhor combina com os seus nervos desabridos desde o parto da princesinha, logo entregue às amas do Paço. Trouxeram-na duas ou três

vezes a visitá-la, sumida nas cambraias e nos tules, nas rendas rosadas e brancas, touquinha de fitas a descer-lhe na testa morena; mas impacientara-se diante do seu olhar ausente, amodorrado, e recusara-se a pegar nela.

– Levem-na! Levem-na! – gritara, o abundante leite dos peitos a encharcar o peitilho da camisa de noite que, enojada, cobre com a romeira de lã arrepelada pelas unhas frementes.

Decepcionada consigo própria.

Delgada desde pequena, seios de fruto, lisa de ventre, a cintura fugidia, rebela-se agora diante do espelho, ao dar conta do novo talhe do seu corpo: barriga dilatada e coxas grossas a repuxarem a saia, larga nas ancas e nas ilhargas que o vermelho do fato de gala sublinha, amplia. Impaciente, batendo com o pé descalço no tapete de Arraiolos, manda que lho dispam.

E atirando para o chão o colar de rubis e safiras, arrancado do pescoço alto, decide-se pelo vestido preto, esperando com ele parecer mais delgada, embora os rigores da Corte proíbam o negrume do traje em circunstâncias de júbilo.

Seda nocturna a contrastar com o cabelo de fogo mal domado, onde coloca uma tiara de pérolas e turquesas, em torno da qual se frisam os caracóis rebeldes em desalinho, mal encobrindo a penugem húmida da nuca, mas a enquadrar-lhe a longa face transtornada pelo carmim excessivo.

D. Joaquina de Mendonça, sua camareira, pinta-lhe os lábios e sublinha-lhe as pálpebras pesadas com um fino traço de açafrão dourado; ainda assim a Princesa acha-se pálida, esvaída, devastada. Nas últimas semanas só bebera água de rosas, presa de um golpe de febre alta, que os físicos da corte diagnosticaram como sendo devida à subida do leite nos seus peitos doridos.

Recusara os remédios e as sangrias.

E mesmo febril, deixara o ninho da cama onde deveria guardar resguardo durante meses, e com a ajuda das suas damas abrira o *boudoir* a quem lhe

aguardara o regresso aos folguedos de Queluz, onde passou a divertir-se com os jovens fidalgos que de imediato acorreram aos bailes e aos concertos improvisados. Com as suas damas espanholas voltou a entoar em castelhano malaguenhas dolentes, numa mistura sensual onde o português por vezes assomava, fazendo confundir as letras harmonizadas pela música.

Olha-se então ao espelho, vestida de negro, parecendo-lhe mais finas as generosas curvaturas da sua figura alta; e manda buscar a capa de seda verde forrada a cetim branco debruado a ouro e com as armas da coroa portuguesa bordadas a diamantes e safiras junto ao ombro direito. Antes, porém, coloca ela mesma nas orelhas pequenas os pendentes de brilhantes e pérolas, tal como as sete escravas de ouro nos pulsos morenos, pois gosta de escutar o seu tinido de sino longínquo, ao baterem umas nas outras rolando desordenadas ao longo dos braços. Por fim diz a Leonor para lhe escolher o leque e as luvas, que desde menina ela detesta, preferindo manter nuas as mãos ossudas e escuras de cigana.

Era já tarde quando partiram do Palácio de Queluz a caminho de Lisboa, para a inauguração do Real Teatro de São Carlos, no faustoso coche que é devido à sua condição de futura rainha de Portugal.

†

A lâmina da guilhotina, onde por um brevíssimo segundo se reflecte o sol ácido da primavera, precipita-se rápida sobre o pescoço muito branco e frágil de Maria Antonieta, a golpeá-lo de chofre, fazendo a sua cabeça rolar para longe, mas de imediato erguida e segura pelo cabelo basto, rosto distorcido e lívido de cera ensanguentada que o carrasco mostra à multidão apinhada e uivante; passos que ele mede andando em torno com vagares de teatro, no chão nauseabundo do cadafalso.

Leonor, que começara por se recusar a acreditar na notícia mandada por Germaine em carta reenviada de Lisboa, acaba por ser obrigada a aceitá-la, aturdida com os pormenores macabros; revoltada com a maneira humilhante como a Rainha de França fora levada numa carroça imunda

até ao cadafalso, vestida com o seu puído fato branco, meias pretas de seda e sapatos cor de abrunho, touca com duas fitas de nastro e um pedaço de crepe negro cedidos pela carcereira apiedada com a sua sorte. Pulsos amarrados um sobre o outro com uma corda grossa e cortante, cruzada duas vezes e crivada de nós corridos.

No entanto, muitos julgam adivinhar nela a mulher altiva que tinham conhecido ao vê-la caminhar para a morte no dia 16 de Junho de 1793, imagem fixada aliás por David num esboço impressionante: sentada na carroça logo atrás dos cavalos, faces devastadas e olhos gastos pelas lágrimas, lábios esmaecidos e cabelos brancos, momentos antes cortados à tesourada pelo verdugo Charles Henri Sanson.

Leonor recorda-a de uma beleza esplendorosa, mas lembra-se também do seu sobressalto dos últimos tempos, olhar de desordem já toldado por uma onda de negrume e medo, embora o orgulho ainda assomasse por entre um novelo de sombras. E todas as vezes que relê a carta de Germaine, parece sentir de novo o odor intenso da pele leitosa de Maria Antonieta, entretecido pelos perfumes de rosas e violetas, numa mistura de chama.

Para sempre apagada.

Sentindo as pernas trémulas, Leonor apoia-se melhor ao tronco grosso e áspero do carvalho, debaixo do qual fora buscar refúgio, como se a natureza a ajudasse a respirar melhor, conseguindo afastá-la da terrível notícia recebida.

Pensamento distante, a rememorar as palavras da Imperatriz Maria Teresa de Áustria quando, fragilizada pela doença, num último e demorado particular, lhe falara da filha que enviara para França a fazê-la rainha contra sua vontade: «Tornei a minha filha uma mulher muito infeliz, senhora Condessa de Oeynhausen!» – desabafara em surdina, como se falasse consigo mesma, remoendo culpabilidades.

Leonor ergue os olhos, parecendo querer abarcar o céu toldado de chumbo, sem conseguir distinguir uma só estrela entre a chuva e as lágrimas.

†

DIÁRIO

Faço versos contrários à vida que levo,

aparentemente vazia e aquietada, mas na verdade trespassada por um ambicioso desejo de plenitude: atraída pela insalubre crueldade da alma, que arrasta consigo as contradições e os luzimentos mórbidos de um espírito melancólico.

Mal me mantendo à tona das águas estagnadas da inquietude, das dúvidas e dos tantos receios, debatendo-me num esbracejar da quase afogada que sobrevive por entre pesadelos. Surpreendida ora pelas chamas do incêndio, ora pelas vagas do oceano, que tão depressa me queimam como me afogam, submergindo-me vorazes ou embalando-me com cuidados de berço, atirando-me e guardando-me, mas acabando por me conduzirem esfacelada de volta à areia da praia.

Lisboa, 28 de Junho de 1793

†

O marquês de Alorna encontra-se junto da filha quando esta recebe uma das muitas cartas que lhe chegam de França. Vê Leonor quebrar o lacre, alisar as páginas tentando não rasgar as margens do papel frágil, que alisa com a amêndoa das unhas.

Rosto de presságio ruim tingido de suspeição, tão descorado quanto os lábios secos, saliva fugida da língua encolhida no esconderijo da boca, onde a penumbra se humedece a si mesma.

D. João segue-lhe, atento, os movimentos: quebrado o lacre, desdobradas as folhas, observa-a, nervosa, a manejar a faquinha de prata encimada pelas armas da família, habitualmente pousada na salva, perto da

desarrumação dos livros e dos cadernos amontoados, a avolumar o traço – para ele insuportável – da desordem.

Espreita-a a ler as páginas, que de tão transparentes e finas mal sustentam as manchas cor de ferrugem da tinta que a trespassa, parecendo diluída pelo sal das lágrimas.

Curioso, examina-lhe as expressões: detecta-lhe a palidez, a avidez quando se inclina a ler cada uma das folhas, e repara como estas parecem arder nos joelhos onde ela as pousa. Até que Leonor se ergue a sufocar um grito, mãos levadas ao peito na turvação dos sentidos, expressão dilacerada a arrepanhar-lhe a face pálida; lividez acentuada pelo negro do vestido com mangas de renda ensombrada. As pernas cedem e ela oscila, do tom da cera das velas de altar, feições esmaecidas pela notícia recém-chegada.

Acabando por afundar-se sem uma palavra.

Tombando a seus pés com uma lentidão irreal, que só os pesadelos consentem. Imobilizado pela surpresa, olha o modo como a filha se encontra enrodilhada no tapete de Arraiolos, um pouco torcida, rodeada de folhos e saias.

O caule do pescoço parecendo de cisne?

Mas já as suas pálpebras translúcidas e fechadas parecem querer esvoaçar na lisura da face, e o marquês de Alorna apressa-se para o escuro do corredor de onde grita por ajuda, regressando em seguida para apanhar a carta meia encoberta pelos cortinados de damasco da sala: páginas espalhadas, como se quisessem desarticular as notícias que trazem.

Depois de Thérèse sair amparando Leonor, D. João senta-se a inteirar-se dos acontecimentos de que Germaine de Staël dá conta no seu relato: o espancamento brutal pelos jacobinos, seguido do internamento de Théroigne de Méricourt em Salpêtrière, no dia vinte e cinco de Maio. Voltando o marquês atrás, aos pormenores mais violentos e repugnantes, a reter apenas o que para ele é inadmissível: a ligação da sua filha àquela republicana amoral sem eira nem beira.

– Não sei como pudeste ter feito amizade com semelhante criatura! – recrimina-a desabrido, ao entrar de rompante nos aposentos de Leonor, deitada na cama demasiado larga para uma viúva. E indiferente perante o seu desgosto e a sua prostração, continua, com uma frieza implacável:

– O tratamento dado à tua amiga é aquele que merece uma mulher sem princípios nem recato – acentua, não se apercebendo de que, ao fazer tal afirmação, está a colocar-se do lado daqueles por quem nutre um profundo ódio.

Diante das palavras do pai, Leonor levanta-se arrebatada a fitá-lo com dureza, ao mesmo tempo que avança, mãos estendidas fincadas na fazenda áspera do seu casaco, a empurrá-lo em direcção à porta enquanto vai dizendo:

– Pode o Senhor meu Pai estar tranquilo que os jacobinos já se encarregaram de nos separar, possivelmente para sempre.

A voz dela tem uma textura ácida contaminada pela amargura que lhe tolda a alma, coração desacertado pelo desgosto inconformado.

Ao recuar diante da fúria de Leonor, D. João de Almeida dá conta do seu olhar aceso, feito de tonalidades obscuras, semeado por minúsculos pontos arruivados criados pela ira, a enfrentá-lo. E mais uma vez reconhece na filha que não criou a teima em negar a sua autoridade.

– Que vergonha! – grita, a tentar recuperar o poder há muito perdido.

– Peço a Vossa Excelência a bondade de retirar-se, para eu poder descansar!

O marquês detecta, no tom áspero empregue por ela, o acento implacável de quem por natureza ordena em vez de obedecer. E isso parece-lhe tão pouco feminino que se assombra, acabando por sair em silêncio. Impotente diante da sua determinação, do seu tumulto.

Consciente de que mais uma vez Leonor o vencera.

†

CADERNO

Como clarões que logo se esfumam, chegam-me frases, vozes, murmúrios, palavras e imagens de luz para fazer poesia. Perplexa, paro a escutar: para reter, para entender, para escrever. A tentar distinguir em todo este turbilhão o fermento das ideias e dos pensamentos desavindos.

Sem saber como, eis-me de novo diante de mitos, de sagas, de fábulas. De deuses e epopeias, de odes e versos imortais. De Camões elevando à glória a Lusa Pátria, de Dante descendo cada degrau da *Divina Comédia*, a querer discernir através das trevas, rasgando fissuras e brechas e rachas e fendas por entre a humana cegueira.

De Homero, a sua *Odisseia* e a sua *Ilíada*.

No final, de Tróia restar-me-á Heitor que jamais perdeu a dignidade própria; ele, mais do que Aquiles e a sua coragem ou mesmo mais do que Helena e a sua beleza, ilusório fascínio tão desnecessário.

Hoje já nem Ulisses me tenta, só Penélope.

Lisboa, 30 de Julho de 1793

†

Terminadas as celebrações do nascimento da princesinha da Beira, Leonor fecha-se em casa, tira o luto a que se vê obrigada fora de portas, senta-se diante dos livros e dos cadernos, e dá por si a fazer uma espécie de balanço da vacuidade, da superficialidade da sua presente vida.

Mergulhada no vazio quando ambiciona a plenitude.

Desamparada quando quer sentir-se segura.

Perdida quando pretende retomar os ideais das Luzes.

Prisioneira quando deveria estar livre.

Foge de encarar de frente as ambições e os sentimentos, trespassada pelo sobressalto da verdade não idealizada: Carlos Augusto falta-lhe, mas sem sentir desgosto; chorá-lo parece-lhe, pois, hipócrita, falso e ridículo.

Afinal não é a viuvez que lhe pesa, e sim o perigo. O risco que terá de correr se quiser cumprir o sonho.

Aturdida e envergonhada, enumera os afazeres dos seus dias inúteis: de manhã cedo entretém-se com os filhos mais novos, para em seguida, culpada, os entregar às criadas que na verdade os cuidam.

Escreve versos tristes que não a satisfazem.

Adia o sono temendo os pesadelos.

Pétala a pétala de ócio e de desprendimento, fica a olhar sem dar conta do tempo: as margaridas, os lírios e as rosas postas nas jarras espalhadas pela sua saleta de trabalho e na biblioteca. Por vezes reclina-se na espreguiçadeira forrada de pele, tendo junto de si um copo de groselha ou de limonada; rodeada de almofadas macias, numa demorada apatia.

Um livro esquecido no regaço?

E ao tentar entender-se na inesperada liberdade que a morte do marido lhe trouxera, estremece de angústia, desejando, mais do que consegue, traçar um projecto arrojado para o seu futuro.

Falta-lhe ainda o desapego necessário para fazer planos. As pálpebras pesam-lhe, os lábios secos e gretados ardem-lhe; sufoca, tentando inutilmente afastar a depressão.

Ilude-se com poemas que nunca termina.

Desapega-se dos sonhos.

Desacerta-se das horas.

Terminado o balanço manda Thérèse fechar as gelosias de madeira das janelas de adufa das salas e do quarto: de olhos escancarados no escuro desfaz-se das ilusões. Sem conseguir encontrar a ponta oculta do novelo do fio de Ariane, que lhe ensinaria o caminho para a saída do labirinto, partilhado com o Minotauro.

Recusa-se a receber as amigas inquietas.

Ilude-se e logo foge de si mesma.

Desencontra-se com a coragem e o arrojo.

Inventa desculpas inúteis para não sair do quarto.

Esconde-se das filhas mais velhas.

Finge dormir durante as insónias.

Não come, revolvendo-se, magríssima, por dentro do desnorte, sustentando-se de si mesma.

Mas Catarina, angustiada com o estado de Leonor, deixa de aceitar desculpas que as afastam uma da outra, e sem acatar mais recusas sobe a correr as escadas que levam aos aposentos da amiga onde entra voando na pressa; e logo, aflita, manda que abram as portadas a querer estilhaçar o escuro, repelindo a sombra nefasta. Depois apaga as trémulas e mórbidas lamparinas de azeite e as velas de sebo com o seu cheiro a ranço, acabando por escancarar a porta e as janelas para trás a deixar entrar o vento, esperando que as correntes de ar levem consigo os miasmas, odores retardados a suor de febres e flores secas, a bafio e às águas entretanto apodrecidas nas jarras, à acidez do choro. Sem hesitar, tira Leonor do seu leito, pálida e espavorida.

Arrasta-a consigo.

Lava-a e veste-a com a ajuda de Thérèse.

Fá-la beber leite ignorando-lhe os vómitos, e no dia seguinte volta a fim de a tirar de casa para visitar Teresa, que se propõe levá-la até à bonita capela do Convento de Santos. E embora a Catarina isso não pareça grande ajuda, Leonor aceita a ideia, julgando ser possível encontrar paz na obscuridade tranquila de um mosteiro.

†

De longe, a marquesa nova de Távora espreita-as, curiosa, pela frincha generosa da porta entreaberta da sacristia, a lembrar-se do último encontro que tivera com a sobrinha há pouco mais de seis anos, a mando da Rainha D. Maria; e, rancorosa, é com satisfação que se apercebe da sua extrema magreza e da tez esvaída.

Leonor dá-se conta do clima pesado e inquieta-se.

Ao contrário do que esperava, a calmaria da capela impregnada pelos seus aromas a incenso queimado, a flores efémeras, numa trança de odores ardidos a círios votivos, a humidades e limos do Tejo, sufocam-na.

As mãos tranquilas de Teresa, contudo, já seguram as suas, afagando-as, assim como o rosto descorado das semanas passadas no quarto sem nenhuma claridade e, amparando-a, empurra-a para a luz ridente do sol, que por momentos parece querer cegá-las.

Param as três na tepidez do ar livre.

– Ia fazer-te bem afastares-te do mundo durante uns tempos – sugere Teresa a Leonor. Mas Catarina contraria a ideia que considera mórbida, a querer antes levá-la a lutar por si própria, pondo termo ao luto que a abafa, ao inútil remoer de memórias, de falsos enganos e faltas.

– E se voltasses a Paris? – acaba sugerindo, esperançada.

No olhar de Teresa lê-se o descontentamento e a reprovação que tal ideia lhe suscita, contrariedade que ela expõe em palavras ásperas e desabridas.

Irritada, Leonor escuta-as discutindo o que ambas desejam para a sua vida, quando ela já se decidira por uma mudança moderada e sem exaltação, dando a si própria um tempo de pausa e de tranquilidade onde possa, sem se sentir pressionada, entender o que pretende da vida. E continuando o pai a viver na propriedade de Almada e Pedro em Évora, onde é comandante do Regimento de Cavalaria, optara por ir com os filhos para a Quinta do Vale dos Nabais em Almeirim, de momento vazia.

Durante o regresso a casa ao fim da tarde, Leonor sente-se mais aliviada, e menos triste sorri a Catarina, querendo saber dos sonetos que ela tem escrito, das reuniões com os poetas da Nova Arcádia, das novidades da Corte. E como os crepes lhe pesam e a oprimem, sacode dos ombros a capa de luto em que se embrulha e tira do saco um leque de tafetá e gaze, embutidos de laca e marfim com figurinhas de pastoras sentadas sob as árvores.

Dera-lho a princesa de Lamballe dias antes de os reis de França se verem obrigados a deixar Versailles.

†

De entre as filhas escolhera Juliana para lhe fazer companhia na viagem até Almeirim. A mais senhoril, agora sentada com aprumo no banco

forrado de veludo. Bem comportada no seu fato de cassa branca bordada a sedas frouxas, a ponto cheio perto da bainha; laço de cetim azul-da-prússia de longas pontas caídas até aos ombros a adornar-lhe os canudos macios dos cabelos louros; sapatinhos envernizados com minúsculas fivelas no peito dos pés que mal afloram o solo.

As outras meninas seguem com Angélique num carro maior e mais arejado, noutro ainda vai João Ulrico na companhia da ama e de Thérèse, que em vão tenta afastá-lo da janela onde se debruça curioso, a receber o pó que os cavalos levantam.

Leonor fita os olhos violeta de Juliana, e esta, não sustentando o seu olhar, desvia a atenção para o cimo dos joelhos que leva unidos, desabituada da atenção materna. Mas Leonor aceita de bom grado o afastamento daquela filha demasiado óbvia, sem entender a causa do incómodo que as toma sempre que estão juntas.

Por seu lado, disfarçando o enfado e fingindo-se distraída, a menina brinca com a pulseira fina em trança de dois ouros, fazendo-a escorregar no braço.

Guardando para si o desagrado de sair de Lisboa.

Leonor torna a recostar-se na banqueta de veludo, semicerrando as pálpebras retocadas por uma brevíssima sombra lilás, a adoçar-lhe as olheiras fundas.

†

Ao partir para a Quinta dos Nabais

leva o coração vazio e a vida sem expectativas, tentando aquietar o espírito e afastar os pensamentos hostis e demolidores da esperança. Consciente da depressão que não ilude e a ronda, tentando encontrar um caminho, uma ponte, um atalho, para chegar de novo até si mesma.

Depois de tantos anos ausente, regressa melancólica na companhia dos filhos assustados com a mudança imposta, sentindo-se derrotada, defraudada pelo destino, o peito trespassado por setas e farpas; como o de São Sebastião que tanto a perturbava em criança, olhos prisioneiros da

gravura guardada entre as páginas do pequeno missal com capa de madrepérola, fascinada com o corpo do santo, de uma beleza glabra cor de lírio.

Mas apesar de transportar consigo dores e dúvidas, Leonor chega tranquila, tendo como maior objectivo

ficar em paz consigo própria.

†

DIÁRIO

Adormento-me exausta nestes primeiros meses de sossego, enleada na luz coada do vale; aquietando-me debaixo das copas odorosas das acácias ou à sombra aromática dos cedros. Por vezes sinto-me atraída pela luz encrespada dos plátanos e as humidades que se levantam perto dos choupos debruçados nas águas do rio correndo ao longo dos seixos lisos, por entre os quais os peixes se esgueiram; deito-me na erva molhada, em cima das pedras alisadas pela chuva e pelo sol,

ou prefiro ficar esquecida nas espreguiçadeiras masculinas, das quais tomo posse. Dentro do meu peito, sem que nada com evidência o demonstre, algo se move e cresce num ainda amortecido turbilhão. E mais cedo do que previra dou por mim a fazer planos, apesar do alívio que sinto por me encontrar resguardada e sozinha, tentando não me iludir com falsas idealizações nem querer construir o futuro pelo avesso do passado.

Tarefa árdua,

só possível quando puser termo à pausa e ao descanso farto e merecido que me estou oferecendo.

Almeirim, 25 de Agosto de 1793

†

Desfruta da companhia das filhas quando elas a procuram, cheirando ao vento tépido dos últimos dias de Setembro e ao aroma mosqueado da terra, dos arbustos e das plantas que ganham já a tonalidade ruiva do outono;

levando até ela, nos braços ainda nus e nos vestidos leves, a acidez áspera da casca das árvores dos jardins e do bosque, por onde correm, brincam às escondidas ou perseguem borboletas, calando o medo inconfessável de se perderem…

dela.

Estouvadas e alegres, demoram-se nas fráguas, nos atalhos, nos esconderijos que inventam na descoberta do rio onde pescam ou dos campos por onde cavalgam escorregando das selas dos cavalos, nos seus fatinhos de montar improvisados, escarranchadas como rapazes, diante dos camponeses que se benzem espantados de vê-las galopar gritando de entusiasmo pelos meandros, os caminhos da quinta, ao longo das planuras do vale ameno.

Sem darem conta do falcão atento no seu voo planado, nem repararem nas dálias, nas pervincas, nos malmequeres brancos ou nos goivos incendiados pela luz do poente.

Picando-se nas rosas,

desatentas, enquanto jogam à cabra-cega a tactearem o ar perfumado pelos pessegueiros, as cerejeiras e as amoreiras.

†

Querida mana da minha alma

Venho despedir-me de ti, pois como já te tinha dito fui chamado a integrar o Estado-Maior da expedição militar que segue amanhã rumo ao Roussillon, território fronteiriço entre a Catalunha e a França; e como

nunca te escondo nada, mana do meu coração, confesso-te levar comigo sonhos de bravura e de vitórias.

Mesmo antes de levantarmos ferro, conheci e fiz amizade com Gomes Freire de Andrade, um militar valoroso, entretanto designado comandante de regimento. Pressinto que nos vamos dar bem, pois partilhamos esperanças e sonhos, para além de comungarmos os mesmos ideais.

Espero, minha irmã, que saibas cuidar de ti mesma, mas também tenhas em atenção a solidão do nosso Pai e a situação de tristeza em que deixo Henriqueta, minha mulher e tua cunhada.

Recebe beijos deste teu irmão
que parte sem deixar de estar perto.

Pedro

Lisboa, 29 de Setembro de 1793

†

Olha com desapego o retrato do marido, pintado por ela tão semelhante ao que dele se lembra, tão idêntico ao que dele retém a memória, que quem o conheceu se espanta, logo afastando a vista. Como faz Josefa, a empregada mais antiga da quinta, supersticiosa diante de tamanha precisão de traços: as mesmas sobrancelhas sobre o olhar distante, a testa alta, as fontes fugidias onde os cabelos discretamente empoados rareiam, lábios bem desenhados e sem nenhum sorriso, o rosto longo e esmaecido.

Em traje militar de gala, onde as dragonas douradas e as condecorações sobressaem, mão direita delgada pousada sobre livros, enquanto a esquerda se guarda em busca do calor do próprio peito por dentro da fazenda da casaca, espada segura sob o braço, tomada pela lâmina fina e quase invisível na sombra que a embacia.

Um homem triste e alheado.

Assistindo ao próprio apagamento.

Pintar Carlos Augusto foi para ela mais um exercício de contenção do que a sublimação de um autêntico desgosto. No entanto deixa que se acredite tê-lo pintado a fim de mitigar saudades, prantos, aflições de um coração desamado; desse modo idealizando-se na imagem de viúva inconsolável. Apesar dos versos de riso que na mesma altura escreve, traindo-a, a propósito do jogo que constituira para si o misturar das tintas, o rebuscar das cores fugidias, deslembrando-lhe os vícios e os excessos, pois em sua vida ambos os haviam iludido.

Hábil a manejar o pincel e a encontrar os pigmentos, os tons com os quais obteve a expressão distante e austera que os filhos devem guardar do pai.

Quando dá o retrato por terminado, retira-o do cavalete e pendura-o na parede caiada, lisa e fria da sala de visitas, onde passa a ser a única mancha colorida, não obstante da sua tela se desprender uma incomensurável secura.

Que só ela detecta.

†

CADERNO

Vou manejando o meu tempo que por aqui é bem mais dilatado do que em Lisboa: leio muito, pinto, escrevo poesia e traduzo as *Máximas* de São Francisco de Sales.

Trabalho também num catecismo que consiga captar melhor o interesse de Frederica, de Juliana e de Henriqueta; há que cuidar com rigor da educação das crianças, passar-lhes valores e princípios, por demais importantes.

Pus de lado Claude Fleury, Charles Rollin e o próprio Fénelon, que o meu Pai impôs para a minha educação, e que além do mais obriga a precauções no que diz respeito ao ensino da poesia, sobretudo às raparigas. Em *De l'éducation des filles*, Fénelon vai ao ponto de advertir que a poesia pode ser uma leitura perigosa para as mulheres.

Em que conta se têm, então, as poetisas?

Preferi seguir os ensinamentos de Rousseau e as suas ideias inovadoras, apesar de nem todas se aplicarem também ao sexo feminino! Regras que não irei seguir, embora partilhe os outros princípios do mestre, sobretudo no que se opõe à coacção e ao castigo das crianças.

Perplexa, releio *Julie, ou la nouvelle Héloïse*.

Almeirim, 14 de Outubro de 1793

†

Sem o comunicar aos amigos, Teresa recolhe ao Convento de Santos. Bastam-lhe agora as imagens sagradas e os círios, os vitrais dobados pela claridade que filtram; não a incomodando os cheiros pesados de humidades de pedra antiga e saibro do Tejo, nem a enjoando o incenso nem o fartum das velas de sebo e das candeias de azeite, que mal alumiam os sombrios corredores e as escadarias onde se cruzam os ventos.

Ela não vai enganada, entende o que a espera.

Não tendo por hábito idealizar as situações nem as pessoas, sabe da mutilação dos sentimentos e das emoções, da perda do mundo. Para trás largara as regalias, as intimidades e os títulos, o direito a viver a própria vida. As Luzes ficaram nos espaços claros que abandonara, mergulhando consciente e de olhos bem abertos no escuro implacável dos interiores fechados, dos odores contaminados, das mentalidades retrógradas.

Conhece bem a ignorância, a tacanhez da maioria das noviças, das monjas, das freiras, as suas mentiras e intrigas, escapulários pendurados nos pescoços esgalgados, olhares de esguelha e manha, a adormecerem como quem reza durante as matinas e as vésperas, terços a escaparem-lhes

dos dedos enfermiços, cilícios ferindo-lhes as carnes escondidas debaixo das vestes, feridas a deixarem cicatrizes na pele gretada que as unhas rasgam, desenhando uma teia apertada de arranhões ressumbrando sangue: pequeníssimas gotas que a estamenha dos hábitos absorve, tal como os suores, a urina e os corrimentos dos corpos das mulheres, cujos emanações se misturam com as da podridão das águas retardadas das jarras de altar com flores de caules fenecidos.

Espaços obscuros onde o olhar se quebra.

Cruz de duas travessas na parede da cela.

†

DIÁRIO

Neste ir e vir constante, cada vez mais decidida a largar Almeirim para voltar a viver em Lisboa, nem me dou conta de como o tempo se decompõe na sua imponderabilidade.

Enquanto a alma se cura das feridas.

Continuando o corpo, expectante, a rebelar-se tenaz contra a monotonia que o entorpece; enquanto o vou forçando a continuar inerte, hesitante ainda.

Neste início de 1794,

jogam-se as águas revolvidas no equinócio do inverno.

Almeirim, 1 de Fevereiro de 1794

†

Raramente põe espartilho e usa vestidos simples de lã quente e macia, a tombarem direitos no afloramento das ancas magras, mesmo quando

aparece no final das lições dadas por uma mestra a quem ela paga, a fim de se inteirar do progresso conseguido pelas raparigas de Almeirim no conhecimento dos números e da tabuada, das letras e da leitura aprendidas pela cartilha; mas também para lhes ler versos: as poesias que anda a escrever, para as filhas aprenderem com mais gosto a História de Portugal.

Entre elas há as que mal conhece, outras são criadas de lavoura na quinta, ou criadas de sua casa: cozinheiras, engomadeiras e ajudantes da copa, costureiras e lavadeiras, todas elas descalças, pés ásperos e grossos com dedos largos a rebelarem-se contra os chinelos e socos que manda comprar-lhes; lenços tapando em algumas o desmazelo dos cabelos enriçados, aventais brancos compridos e largos a cobrirem-lhes a pobreza rota ou passajada dos trajes.

Queixa-se a professora do desinteresse de grande parte delas, cabeceando sobre os cadernos abertos nas mesas; em contrapartida há as que tomam gosto pelos estudos e aprendem a ler com facilidade. Geralmente são essas, também, as mais atentas aos versos de Leonor.

A maioria, porém, prefere as lições de bordar e de cortar vestidos pelos moldes, de fiar, de coser e de passajar. Porque «bom é aquilo que as ajudará a encontrar arrimo diante dos reveses da vida» – adiantam as mães, desconfiadas, desdenhando e suspeitando do ensino de ler e escrever que, segundo elas, só serve para acordar ideias de grandeza falsa nas cabeças estouvadas de quem não nasceu talhado para tanto.

E como Leonor mandara ensinar sobretudo as mais novas, a inveja acaba por fazer ninho no coração das outras, em relação àquelas que estudam, debruçadas nos livros, mais parecendo descansar ao aplicarem-se nos cadernos onde, apesar das linhas, desenham tortas as palavras, das quais a maioria desconhece o sentido, penas a escaparem-lhes dos dedos mal afeitos a tais trabalhos, semeando borrões de tinta nas páginas brancas.

Há também as que têm inclinação natural para os bordados, para a costura e as rendas. Uma vez por semana chama-as à parte, e encomenda-lhes peças de roupa que compra, embora elas sejam suas criadas. E através do enredamento da conversa, vai tentando aperceber-se dos seus sonhos.

†

Amodorrada junto da lareira faz sonetos que manda a Joana Isabel Forjaz, escreve longas e inúteis cartas que jamais chegarão a Théroigne de Méricourt, internada em Salpêtrière, e bilhetes a Catarina encomendando-lhe livros, mas proibindo-a de contar as intrigas da Corte ou sequer dar-lhe notícias de Lisboa. Desiludida, pensa em Teresa, trancada por vontade própria no Convento de Santos, e em Gonçala em clausura forçada, sem dela nada saber há bastante tempo.

Escreve quanto pode, no seguimento de modos e maneiras de quando estava no convento de Chelas: cadernos em cima dos joelhos subidos, tinteiro equilibrado na ponta da mesa onde os papéis se misturam e amontoam.

E também lê.

Lê muito.

Por vezes julga reconhecer-se em algumas das personagens dos romances que devora com voracidade, ou mesmo nas suas musas motivadoras, ansiosa por poder vir a ser a Carlota do *Werther* de Goethe, ou a Laura dos versos de Petrarca, a Ofélia de Shakespeare.

Cada dia que passa fica mais difícil acreditar nos benefícios do isolamento e da solidão, enfastiada e cada vez mais desejosa de regressar a Lisboa. O tempo de luto terminara, embora nas suas odes continue a recriar uma dor que afinal nem sente.

Quando vai para o terraço assistir ao pôr-do-sol agasalha-se com xailes de lã a defender-se do frio que é rigoroso no inverno de mil setecentos e noventa e quatro, arrastando consigo o granizo e a geada, numa espécie de raiva surda da natureza que chega a atemorizá-la.

†

Usam cachecóis nos dias de inverno quando vão a Lisboa, embrulhadas nas capinhas de macia fazenda inglesa azul-forte: meias de lã as meninas, sapatos de pelica com presilha no peito do pé, apertada com um botão

redondo; e até João Ulrico tão menino ainda usa botas com sola de couro, gorro na cabeça, invejando as irmãs ao vê-las aquecerem as mãos nos seus pequenos regalos de pele de marta.

Leonor Benedita teima em continuar a cumprir luto pela morte do pai, veste-se de preto, acende velas e reza na capela terços pela sua alma, enquanto Juliana briga para usar laços de cores a enfeitar os cabelos, vestidos de *chiffon*, de crepe chinês e de musselina em tons verde-esmeralda e verde-jade, cor-de-rosa e amarelo-dourado, a condizerem com a cor dos seus caracóis soltos e fazendo sobressair a brancura nacarada da pele.

Henriqueta e Frederica aceitam, desinteressadas, aquilo que lhes é vestido, distraídas com o que se passa à sua roda: as horas dadas pelos relógios de cuco, o barulho da lenha a ser partida no pátio, o piar dos pássaros e o ladrar dos cães a chegarem-lhes pelas janelas entreabertas, as conversas abafadas vindas da cozinha, ou mesmo os silêncios repletos de zunidos, de sussurros, de murmúrios, de zumbidos, de silvos, de vozes indistintas e misteriosas que mal aparecem logo se afastam delas.

Enquanto Leonor, parecendo indiferente à realidade, apenas sente prazer em escrever e ler. Gosta de cuidar de Luísa ainda tão menina, boneca roliça e turbulenta a esgueirar-se-lhe do colo para fugir descalça derrubando tudo por onde passa, furacão tão depressa de riso como de lágrimas. E quando as filhas menos esperam, toma-as nos braços, a apertá-las ao seu corpo por vezes trémulo.

Ou serão elas que, assustadas com o brusco abraço com que a mãe as ata e desata dela,

estremecem de desamparo?

†

Gonçala dá consigo a pensar nos anjos caídos.

Na sua beleza tumultuada a incendiar-lhe os silêncios demorados na saliva gulosa da boca.

A humedecer a língua, os lábios.

Tenta entender a atracção que sente, escondida de si mesma, pelas asas toldadas a desdobrarem-se em tonalidades macias de damasco. Gosta de imaginá-las tecidas de zimbro e plumas, de pérolas e opalas; penas de seda frisada, fiadas pela luminosidade irisada dos ombros pálidos dos arcanjos. Asas a moverem-se, vagarosas e sedentas, de uma lonjura triste, ondeando, sombreando a cintura, as ancas estreitas. Pele arrepiada pelo crivo da aragem no fingimento das fragrâncias das bétulas e dos jardins de lilases.

Odores almiscarados que ela imagina a enroscarem-se nas ilhargas dos seres alados, desabituados já da firmeza dos pés na secura do chão, do desafio do prazer, do gosto acre do desassossego que semeia a desordem.

Na queda.

Pelo interior das trevas.

Quando Gonçala, martirizada pela solidão, os jejuns e as febres, as noites passadas em branco no rigoroso cumprimento das horas canónicas, começa a ter visões, dá-se conta de um fogo, tão sombrio quanto a lava, a correr-lhe nas veias.

O corpo em sobressalto.

O coração em chamas.

A fazê-la lembrar as poetisas místicas, seus pensamentos e versos aos quais sempre volta, a relê-los nos papéis onde foram traduzidos por Leonor. Guardara-os na fundura da arca ao lado da cama, tal com os poemas da amiga, escondidos sob os escapulários e a roupa branca, ou junto às gravuras dos santos entre as folhas do missal.

Mal se deita, entre as matinas e as laudas,

torna a escutar o macio ruído do leopardo a deslizar em torno da sua cela, a brasa fendida dos olhos amarelos a cortar cerce o negrume da noite.

Fixos nela.

Assim, num trespassamento perplexo, Gonçala reflecte de novo sobre o esplendor que se desprende de Teresa de Ávila, e seu estranhamento diante dos anjos caídos,

que com extremo cuidado a levitavam.

†

Chegada a primavera, ajudou Thérèse a colocar nas janelas do seu gabinete de trabalho as transparentes cortinas de musselina branca mandadas fazer às raparigas de Almeirim, da aula de bordar e coser.

Com o pé descalço empurrou a banqueta de veludo até perto da janela, ergueu a saia de tafetá azul-forte com uma prega profunda por onde escapava a saia de forro amarelo e, sorrindo, subiu perante o espanto de Josefa e de Thérèse, que amparavam nos braços as cortinas costuradas, franzidas com linha de seda, entremeios de renda e bainhas abertas arrematadas sem nó.

Depois estendeu a mão direita para agarrar o tecido levíssimo, e virando-se de novo esticou os braços para o alto, dedos a aflorarem os varões apoiados nas quilhas por cima de cada portada. Constatando no fim como a musselina adoçara a claridade intensa que inundava a sala de trabalho onde ela passava grande parte dos seus dias.

Quando as criadas saíram fechando a porta atrás de si, Leonor sentou-se à escrivaninha, cotovelos apoiados no seu tampo de lustro, rosto encostado nas palmas das mãos em concha. Sentindo o febril perfume da gardénia e do amaranto na própria pele; olhar distraído a tentar penetrar na penumbra, à qual a luz coada emprestava um inesperado e doce tom ambarino.

†

Leonor Benedita sempre que pode esgueira-se por entre as árvores e, sozinha, vai até ao rio medindo os passos curtos, saia de organdi erguida, cuidando que a bainha bordada a ponto pé-de-flor com linha lilás não arraste na terra, a levantar consigo poeiras e odores rasteiros que a nauseiam, pequenas pedras, galhos finos de árvores velhas, folhas secas, caruma dos pinheiros e espinhos que a magoam, ou mesmo insectos pequenos que lhe trepam pelas pernas trigueiras.

Os seus lugares de eleição são os quartos, as salas, os escritórios onde a luz entra coada pelos cortinados de renda; também os corredores onde o sol não chega, os sótãos que a atraem desde pequena, madeira aquecida pelo braseiro do verão ou arrefecida pelos ventos do inverno, janelas esconsas que não abrem, empenadas pelas humidades e o sol brusco; sítios bafientos, nos quais o tempo simula não passar e onde continua a gostar de permanecer enroscada na penumbra, tal como fazia em criança na casa dos avós que a criaram.

A imaginar-se segura.

Nos espaços largos e devassados da quinta, pelo contrário, sente-se perdida, luzimento das cores abertas das flores, das borboletas e dos pássaros a misturarem-se-lhe nos olhos já ofuscados pelas grandes claridades do dia.

Entontecida.

Por isso sempre que pode foge de junto das irmãs que correm nos jardins por entre os maciços de arbustos, os canteiros de peónias, de cravos-da-índia e de goivos fugazes, para ir refugiar-se sob as árvores, de todas preferindo as que abrigam, copas baixas, densas e circulares. Atrevendo-se pelos carreiros que descem até às águas frias, na margem das quais vai tirando os sapatos e as meias de seda, para depois mergulhar nelas os pés descalços, a sentir a dureza dos seixos e a esponja do lodo, areias do leito do rio a convocarem-na mais para diante, mais para o seu fundo.

Vertigem a tomá-la de súbito, fazendo-a vacilar na tontura que a tolhe e a colhe, levando-a a tombar de joelhos como quem reza ou paga promessa.

Mais mulher do que menina

de quem os outros habitualmente zombam. Tentando quanto pode passar despercebida, enquanto as irmãs, embora mais novas, se destacam e exibem; por esse motivo também as admira, buliçosas e frívolas; inclinada ela a entender-se a si mesma na tristeza.

Senta-se então, absorta, debaixo dos salgueiros, tentando enxugar os pés com o lenço de cambraia que depressa se encharca, tornozelos estreitos,

onde as meias tropeçam, ocultos pela bainha do forro cinzento da saia a secar já com o calor da tarde.

Por vezes Leonor Benedita descobre, surpresa, o odor a canela das próprias coxas, cheiro mal disfarçado pela fragrância abaunilhada da essência da pele. Então, baixa com pressa o vestido, assustada diante da exposição imprópria do corpo, alisa as mangas de tule com as mãos nervosas que poisa em seguida no cimo dos joelhos: a unir o desunido.

Muito quieta, olhar turvo preso algures.

Num impreciso vazio.

Ao regressar sente uma aragem que a refresca, afogueada na pressa que leva a fim de ir esconder-se no quarto, coração irregular batendo sob o peitilho ajustado onde os seios despontam por entre fitas de cetim entrelaçadas. Ao alcançar a fronteira entre o bosque e as áleas da casa, pressentindo a presença de alguém, Leonor Benedita pára, prudente, a espreitar por entre a folhagem: descobre a mãe sentada à mesa de azulejos do jardim, debruçada sobre as páginas soltas de uma carta, demora-se a olhá-la e a seguir-lhe os gestos, a espiá-la, alerta, atenta, desconfiada, sem uma ponta de afecto.

E ali escondida, a desconhecida é ela, a estranha, a estrangeira.

Por segundos Leonor Benedita julga adivinhar o furtivo brilho do aço de um punhal nos olhos que a mãe levanta, para de imediato os baixar.

Mais uma vez escapando-lhe.

†

CADERNO

Ver o despertar da natureza faz nascer em mim gostos de botânica; partir no rasto de plantas, por entre matas, bosques, brenhas; empenhos de

estudar, pesquisar, de descobrir por entre os juncos verdes, urzes e agrimónia com a sua cura de suco amargo.

Assistir ao desabrochar da natureza, quando «brotam plantas, arbustos, brotam flores», dá-me vontade de inventar odes ao reflorescer da terra, ao incêndio do sol, na teima em secar ou aquecer as águas que restam do inverno.

Testemunhar o florescer da natureza, a aridez que se transforma e transfigura. «No mês de Abril as flores purpurinas pendem em cachos das acácias.» Sugerindo à natureza, como se fizesse um verso inicial: «Vem enramar-me a escrita.»

Presenciar o florir da natureza desperta-me vontades de voo, a imaginar o futuro num longo poema em lentas recreações botânicas. «Tu, que preparas com perfumes e gala o nascimento.» E torno, insistente: «Vem de aromas também encher meus versos.»

Almeirim, 27 de Abril de 1794

†

Catarina pousa no assento lavrado da sege que a conduz até Almeirim um rolo de papel atado com fita de seda lilás: os versos e a carta que, antes de professar, Teresa lhe passara por entre as grades do parlatório do Convento de Santos, a fim de serem entregues a Leonor: «ela irá entender os meus motivos», acrescentara sem grande convicção, mas com o mesmo tom de voz determinado com que sempre falara da decisão de tomar o véu, de tornar-se freira.

Vai estonteada com o calor que tomara conta do fim da primavera, corpete de tafetá rugoso verde-esmeralda, decote deixando ver o começo dos seios. A abanar-se, aturdida, com o leque de seda bordada, mas até o ar que ele movimenta está incendiado.

Tira com impaciência o chapeuzinho de palha e atira-o para o fundo do banco, pensamento em voo sem tino, empreendendo nas vidas diferentes

de cada uma das três: Leonor, Teresa e ela mesma. Acabando por olhar suspeitosa as linhas das palmas das próprias mãos, parecendo-lhe descobrir nelas percursos, rumos, trajectos, itinerários, metas, num traçado laborioso de mapa.

Um entre os destinos delas.

Tão diversos.

As três tão diversas.

E o embalo sacolejado do carro que começara por nauseá-la, acaba por entorpecê-la mais ainda, a afundá-la no sono, resguardada pelas cortinas de seda que ensombram a acesa brasa do sol, mas mantém a temperatura afogueada do carro.

À medida que o tempo passa e se aproxima de Leonor, preocupa-a mais a notícia que leva, mas antecipa também o gosto de lhe cair nos braços, embora tema poder ser recebida com frieza, a fazê-la sentir-se rejeitada. Enquanto Leonor se guarda-resguardando a alma, mantendo-se intacta, vidro sem mancha em que se torna.

Por isso Catarina anseia por chegar junto dela, embora receando reencontrá-la. Tão depressa desejando o seu abraço, como se arrependendo de ter partido de Lisboa ao seu encontro. E na pressa que leva evita qualquer paragem nas postas e nas estalagens, acabando por passar a noite em branco no carro, aproveitando para repensar as relações turbulentas que mantém com as suas amigas.

Recusando a lisura atemorizadora, insípida e severa de Teresa.

Temendo as Luzes de Leonor, que sempre a ofuscam.

†

Frederica fica parada na cozinha

junto da porta da despensa, a respirar os odores quentes e os vapores que escapam das tampas das panelas e das caçarolas ao lume, água a crescer-lhe na boca pequena, língua a palpitar na antecipação dos sabores dos cremes, das natas, dos doces de amêndoa, enquanto a cozinheira tende a massa do pão ou das tortas na mesa salpicada de farinha.

Açúcar a ganhar ponto nos tachos que fervem nos fogões de lenha, cheiros a misturarem-se encorpados: pau de canela e de anis, fios de ovos e pudins de mel, leite de creme queimado a ferro em brasa nas travessas. E Frederica engole a saliva espessa na expectativa do prazer que lhe dá rapar o fundo dos tachos e das tigelas bojudas onde são batidos os bolos com colheres de pau manchadas pelas chamas altas e a fervura dos molhos.

Cheiro a baunilha e a erva-doce a desprender-se dos fumos, ou do arroz-doce que gosta de comer ainda morno, chupando devagar os pedaços da casca do limão que as criadas retiram, cuidadosas, antes de o deitarem na terrina onde ficará a arrefecer até ser servido à mesa.

Por entre aquela amálgama de aromas a menina consegue distinguir o do manjar-branco que a mãe prefere desde o tempo do convento de Chelas, assim como o do chocolate quente deitado na cafeteira de prata da qual se aproxima sorrateira, a fim de aparar os pingos que escorrem lentamente para o prato ao lado do açucareiro e da leiteira, das chávenas da Companhia das Índias.

Franzina, queda-se entorpecida pelo calor da cozinha para onde se escapa em vez de ir como as irmãs dormir a sesta, em dias em que há visitas chegadas de Lisboa e se preparam os doces do lanche e as sobremesas do jantar. Quieta, fica a ver retirarem do forno os tabuleiros com os biscoitos de gengibre, os folhados, o pão-de-ló dourado ainda na forma e que irá ser colocado no baltazar pousado no tampo de mármore do aparador de mogno.

Então a menina estende a mão peganhenta e mergulha um único dedo no caramelo da taça de cristal à sua beira e em seguida rouba dos covilhetes um queijinho-do-céu onde enterra os dentes, sorvendo a moleza das gemas que engole sem pressa. E os seus pés calçados de pelica deslizam sem ruído, na tentativa vã de passar despercebida, baixinha que é para a idade, em estreiteza de ossos, magreza arisca que a deixa melhor esquivar-se com comprazimento através do silêncio.

– Como a condessinha é gulosa! A menina não mexa em nada, que ainda vai fazer desandar os doces! – grita-lhe Thérèse, que rindo com a

cozinheira a enxota para fora da porta, e quando esta se fecha nas suas costas cortando a trança das essências meladas e estonteantes, Frederica queda-se por momentos decepcionada, mas logo se despacha a sair dali, encolhida e furtiva em bicos de pés pelo corredor comprido, até à ala onde ficam os aposentos das crianças, mergulhadas no sono ligeiro da tarde.

†

Indolentes, tomam refresco de groselha e limonada debaixo das acácias ou das magnólias de brancas flores luxuriosas, perto do roseiral que vai entornando no ar manso o dormente aroma das rosas portuguesas, enquanto as duas desfiam poesia dobando os nomes de alguns dos poetas mais amados: Camões, Bocage, Dante, Homero, Petrarca… e Violante do Céu, de entre as freiras que faziam poesia.

Leonor acaba por lembrar Filinto Elísio, retirando de entre as páginas do diário pousado no regaço um dos poemas que ele lhe dedicara durante os dias passados em Estrasburgo; tristeza a velar-lhe de sombra o olhar fatigado, silenciada pelas saudades juradas por cartas vindas de tão longe, que sempre lhe apunhalam o peito de forma inesperada, a conturbarem a memória da perfeição dos dias intranquilos que anos atrás haviam passado juntos.

Catarina, por seu lado, esquecendo a amiga de súbito emudecida – e ambas, Teresa – fica relembrando com melancolia alguns dos versos ardentes por ela escritos e inspirados por paixões ardidas-perdidas.

Escondidas.

As duas recebendo nos lábios entreabertos o gosto frutado de uma levíssima aragem vinda dos arbustos arrepiados à luz matizada do crepúsculo.

†

– Quando regressares a Lisboa vou contigo – decide Leonor num repente brusco.

«Preciso de ver Teresa. Tentar perceber a sua decisão de abandonar o mundo. Não lhe encontro motivo forte nem melancolia ensombrada que a levasse a tomar uma decisão tão contrária à sua natureza de sageza e moderação, que sempre prega. Não me bastam a carta e os versos enviados pelas tuas mãos, necessito de olhar o seu olhar. Sei que irá tentar iludir os sentimentos e as emoções com a máscara das palavras, das ideias e dos pensamentos urdidos para me aturdir.»

– Quando regressares a Lisboa vou contigo – torna Leonor com aspereza de zanga diante do silêncio murado de Catarina.

«Quero ouvir da boca de Teresa as razões que a levaram a recusar, num aniquilamento pertinaz, o talento literário que a própria Academia Real das Ciências reconheceu ao premiar-lhe a escrita. Faz-lhe falta a ambição, o desmando, o desconchavo.»

Perante a apatia da amiga, de olhos fechados como se tivesse adormecido, prossegue num monólogo de sobressalto.

– Quando regressares a Lisboa vou contigo – diz Leonor determinada.

«Quero saber do porquê da sua teima em escolher a obscuridade, que desde sempre parece caber às mulheres. Suspeito que ao encontrá-la na penumbra do convento, onde por menor que ele seja custa a entrar o fulgor, a desvendar nela um fogo rutilante, alimentado pelas entranhas da própria turvação.

Numa espécie de embuste.»

E embora saiba ser tarde demais para a trazer de volta ao âmago das Luzes e das reflexões filosóficas e da ciência, quer testemunhar esse afastamento do mundo onde Teresa julga encontrar o despojamento, para melhor se ver reflectida na superfície intacta do aquietado lago no qual, narcisa, continua a debruçar-se.

– Quando regressares a Lisboa vou contigo – teima para Catarina, agora a olhá-la com mansa ironia.

«Afinal, só de preces, de meditação, de missas e de leituras místicas não se alimenta o espírito de uma mulher que sempre recusou a ignorância,

embora persistindo na teima de não chegar à cintilação e ao excesso.»

Leonor reconhece o afinco com que a amiga ilude as ambiguidades da sua personalidade. Jamais cedendo à tentação de transgredir, nem de entender a própria insatisfação.

Dilacerada entre o recolhimento e a desmesura.

Esperando que esta arda até às cinzas.

†

Deslumbrada, Henriqueta observa Juliana no seu vestidinho de cassa cor-de-rosa, faixa de cetim lilás presa na cintura com um pequeno alfinete de ouro, mangas tufadas de tule e renda. Repara no seu gesto afectado a retocar os caracóis louros tombados nos ombros e afastados das têmporas por lacinhos que ela mesmo dera, diante do espelho, sem ajuda.

O calor começara já a abrir caminho entre a malva-da-índia, os gerânios e as begónias, quando os criados vêm buscar os baús de viagem, levando-os para as carruagens que os aguardam na sombra do pátio para os levar a Lisboa.

Henriqueta dá conta do odor delicado das ervilhas-de-cheiro, acirrado pelo perfume das rosas-chá que sobe do jardim enquanto o jardineiro as rega. E curiosa vira-se para encarar Leonor Benedita, no seu fato de algodão preto abotoado discretamente nas costas, que magra e pálida se aquieta sentada na beira da cadeira de *toilette*, mãos compridas cruzadas nos joelhos unidos, a esperar a partida num silêncio ausente ditado pela maior indiferença.

O pequeno relógio de mármore em cima da lareira vai dando as dez horas da manhã; com um jeito urdido pela satisfação de se mostrar, Juliana afasta-se finalmente do espelho que lhe reflecte a imagem ainda de menina, pele acetinada de criança, olhar inocente mas trespassado já pela vaidade, a ajeitar o fio de ouro sobre o peitilho costurado com finíssimas nervuras.

O seu olhar de satisfação, que guarda todos os cambiantes do azul e do violeta, prende-se e detém-se na figura delgada da mãe, que entretanto

chegara, e sem entrar nos aposentos das filhas ficara encostada à ombreira da porta, atenta, a avaliar as três.

Uma por uma.

†

Leonor sobressalta-se quando a carruagem, subindo da Basílica da Estrela, faz a curva que leva até à Rua da Boa Morte, na direcção da casa onde voltara a morar quando vem a Lisboa, e que o pai tem vindo a ceder ora a um ora a outro dos filhos. Entretanto vendera a sua na Rua de Santa Isabel, onde nos últimos anos vivera com Carlos Augusto, a fim de pagar algumas das muitas dívidas que este deixara.

Mais uma vez – sabe – terá de partilhar a casa da Boa Morte com Henriqueta, que abandonara Évora para aguardar em Lisboa o regresso de Pedro, ainda na campanha do Roussillon. Leonor exaspera-se sempre com a atitude passiva mas dissimulada da cunhada.

Infeliz e sumida no próprio silêncio.

†

DIÁRIO

A companhia de Catarina amenizou a viagem até Lisboa, onde cheguei ansiosa por ficar. Trouxe comigo as crianças, pois os dias que por aqui irei permanecer tanto podem ser poucos como em demasia. Dependendo, e muito, do que entre mim e Teresa demorar a ser confessado e dito.

No parlatório gelado, aliás, o tempo não existe.

Enquanto neste verão ardente, nas ladeiras, ruelas e becos se asfixia, nos conventos de Lisboa por onde perpassam as correntes de ar e as humidades geladas das águas limosas, a nossa pele sempre se arrepia.

O reconhecimento dos cheiros, das penumbras pesadas, dos ruídos ínfimos que aos outros escapam, do som metálico do sino a chamar para as horas canónicas, continua a despertar a minha angústia. Desta vez, porém, o pior será encontrar Teresa vestida com o sombrio hábito das Bernardas.

Ou será a consciência de quanto ela me decepciona?

Lisboa, 30 de Junho de 1794

†

Sempre que chega a Lisboa começa por visitar a Rainha, que a maior parte das vezes se encontra recolhida, devorada pela depressão, abrigada nas obscuridades frias dos aposentos reais, para onde as árvores, os arbustos altos, os maciços de flores e os juncos dos jardins estendem a sua asa de sombra, através das janelas onde dobam a luz coada e matizada pelo pesado odor dos lilases e das acácias, e o mais doce dos ananases, a entorpecerem o aroma ácido das laranjeiras e dos limoeiros.

É Mariana de Arriaga que a leva até junto de D. Maria, que a manda sentar à sua beira; e durante largo tempo Leonor, muito direita na cadeira, tenta amenizar o silêncio e o vazio que o olhar da Soberana guarda.

Mas que tempestade perpassa de súbito na fundura avelã das suas pupilas dilatadas? Que incêndio de imediato extinto? Que rasgão recôndito? Ou que temor vê esgueirar-se no olhar de morbidez triste da Rainha? Susto ou negrume ou afundamento de si mesma, sintomas nos quais muitos adivinham a demência, conveniente para quem nunca a quis como Rainha.

– Estou a queimar no Inferno! – imagina ouvi-la murmurar, e tenta escapar às aias e açafatas que a impedem de sair da câmara real, levando-a de volta ao seu cadeirão, a reclinarem-na nas almofadas de penas de ganso bordadas a ouro, pernas cobertas com as mantas de veludo, de novo aquietada e exausta, parecendo afundar-se numa lenta modorra.

Leonor, que durante a crise de D. Maria se afastara, torna a aproximar-se, medindo o próprio deslizar dos passos na penumbra, mas ao debruçar-se,

encontra-lhe os olhos abertos e fitos no seu rosto. Desconcertada, sorri, e a Soberana estendendo a sua mão macia puxa-a para perto de si. E embora ultimamente se recuse a manter demorados contactos com as damas fidalgas que a rodeiam, interessa-se em saber da vida e da poesia da sua valida, que jamais deixara de proteger.

Admiradora da inteligência fina e culta da Rainha, mas perturbando-se diante dos desmandos da mente, Leonor impressiona-se com a tristeza mortal que lhe descortina na expressão do rosto envelhecido.

†

Ao receber o recado enviado pela filha a dar-lhe conta da sua chegada a Lisboa, o marquês de Alorna, sem grande ansiedade nem saudade de estilhaçar o coração, que não seja da neta criada por ele e pela mulher, espera pelo dia em que as águas do Tejo estejam tranquilas para efectuar em segurança a «passagem de mar» e apertar ao peito Leonor Benedita.

Custa-lhe sair da quinta de Almada onde, descrente da Corte e do mundo, se isola; sobretudo agora, que acaba de instalar no mirante da casa um binóculo encomendado em França para olhar as funduras do céu que tanto lhe faltou durante os dezoito anos de prisão no forte da Junqueira, a sentir-se uma toupeira rastejando nas humidades fétidas do subsolo; cela imunda junto de um cano por onde eram despejadas as imundícies, enquanto as águas insalubres escorriam pelas paredes consumidas pelo tempo.

Ciente das asperezas e das «princesices» que ele julga reconhecer em Leonor, escreve a dar-lhe os motivos por que não se apressa a atravessar para a banda de Lisboa: a nortada do equinócio de verão feita de vento contrário e muito álgido, as névoas e as neblinas que da Barra se levantam na teima de taparem as águas turbulentas. «Talvez isso mesmo ainda faça embaraço amanhã», e mesmo, quem sabe, no dia seguinte. «Não fiques tu a tirar conclusões precipitadas, julgando haver em relação a vocês menos constância na minha maneira de sentir.»

Aliviado por ter airosamente adiado o encontro com Leonor, que continua a fazer-lhe frente, D. João lacra com cuidado a carta que seguirá por falua assim que amaine a tempestade.

Por seu lado, ficará aquietado no vazio das salas sem conforto. E se nessa noite amainar a borrasca, irá como sempre sondar a abóbada celeste na busca das estrelas e dos cometas suicidas.

†

– Encheste-me o coração de sombra. Decepcionaste-me.

Teresa estremece ao ouvi-la, inclina-se um tudo-nada para ela e encobre o rosto com as mãos delicadas, nuas e finas.

– Deus sabe que sempre quis passar-te o cintilar da luz – responde com voz trémula, cautelosa e entristecida.

– Mas que claridade pensas tu ser possível ganhar-se dentro de um convento? – pergunta-lhe Leonor num tom agudo e áspero. E erguendo-se do banco onde está sentada, vira-se e afasta-se das grades que a separam da amiga, mal a reconhecendo naquela mulher macilenta vestida com um desbotado hábito de monja, a fazer-lhe lembrar outras freiras entretanto esquecidas, ou de quem desejaria não ter nenhuma memória.

De Teresa quereria guardar a imagem dos tempos de rapariga, quando eram unidas apesar da distância imposta pelo parlatório do convento de Chelas, num relacionamento agora impossível. Amargurada, recusa voltar-se para Teresa, tal como neste momento a vê: menosprezada por si própria, cabelos que adivinha escortanhados a fio de tesoura romba rente ao couro cabeludo, tapados pelo véu escuro que com o decorrer do tempo acabará por lhe vincar para sempre a testa alta.

Convento de Santos em Lisboa ou de São Félix em Chelas, qual é afinal a diferença?

– Todos eles mutiladores, amesquinhadores da vontade e da mente! Castradores da imaginação, Teresa, como tu bem sabes!

E Leonor sente o desgosto mudar-se em punhal no interior do peito, lâmina de aço cuja ponta afiada não consegue arrancar da ferida, ficando a

envenenar o sangue da amizade.

Ambas silenciosas.

Palavras a embrulharem-lhes as vozes, as línguas, as falas, na pressa de calarem, de silenciarem aquilo que sentem.

†

A Princesa Carlota Joaquina, ao dar conta da presença de Leonor na câmara da sogra, manda que a levem à sua presença. Desta vez, porém, tem especial empenho em falar-lhe, e enquanto espera bate impaciente com o pé calçado de cetim e brilhantes no tapete persa, considerando excessivo o tempo que ela demora a atender ao seu chamado. E ao vê-la chegar em passo lento, domina a custo o azedume que a invade, agarra-a pelo braço nu e, sem nenhuma explicação, arrasta-a consigo pelas alamedas das faias, das laranjeiras e dos limoeiros doces, fazendo-a ladear em seguida, quase correndo, o canal revestido de azulejos azuis e brancos.

Já na ponte sobre a ribeira do Jamor, Leonor tenta parar a ganhar fôlego, mas a Princesa do Brasil puxa-a pelo pulso enquanto diz: «Vamos, senhora Condessa, vamos depressa!», a empurrá-a à sua frente até à Casa Chinesa onde chegam ofegantes e suadas.

Na penumbra que as tolhe à entrada, Leonor queda-se interdita sem lhe seguir os passos mas, percebendo o tom agreste com que ela a chama pelo nome, entra cega de luz na sombra das salas, tacteando à volta a tentar acompanhar-lhe o fio da voz, mesmo assim a embater nas esquinas agudas dos móveis dos quais só distingue os vultos, até deparar com a Sala Vaga já inundada de sol que entra a jorros pela janela entretanto escancarada. Encontrando-a vazia, continua no encalce do português arrevesado, mesclado de espanhol, da Princesa, passa pela Sala do Café e por fim chega à Sala dos Livros, onde descobre D. Carlota Joaquina debruçada sobre a comprida mesa da biblioteca, na qual estão espalhados papéis, cadernos entreabertos. Sem entender cousa alguma Leonor pára, mantendo um calamento prudente que a Princesa do Brasil quebra, alvoroçada:

– Olhe a senhora Condessa o que eu encontrei! Uma edição dos *Enigmas*, de Soror Juana Inés de la Cruz, a décima musa!

Incrédula, Leonor aproxima-se sentindo o pulso acelerado, e com a mão tremendo pega no livro que lhe é estendido, edição amarelecida pelos anos e no entanto intacta. Com o coração a saltar-lhe no peito, lê na capa o nome da monja poetisa, antes de entreabrir o pequeno volume encadernado e começar a desfolhar, cuidadosa, as suas delicadas páginas.

†

ANGELUS

Ensombra-me saber que em breve deixarás a Corte.

Invisível, sombra devorada pelo lume do sol, não me distingues das outras transparências. Mesmo assim afasto-me para debaixo das árvores ou quedo-me nos cantos mais penumbrosos dos salões, fugindo como um vampiro das claridades do dia ou até das velas nocturnas. E quando te vejo em alvoroço a conduzires um carrinho de passeio frágil na sua madeira lacada, mais me parece ires em fuga, rédeas seguras pelos teus dedos hábeis, tendo sentada a teu lado D. Carlota Joaquina.

Imprudentes, voando pelas estreitas alamedas do Palácio de Queluz à hora a que a luz se estilhaça no odor quebradiço dos craveiros, dos roseirais, dos limoeiros de um amarelo-maduro. As duas fazendo rasar o pequeno carro pelos maciços de loureiros nimbados pelos últimos raios de um crepúsculo intenso. Por vezes param, a fim de apanharem da erva os limões e as romãs das árvores, para lhes comerem os bagos de rubi ainda ácidos mas já humedecidos por um equívoco suco sanguíneo.

Conduta indisciplinada de ambas, em nada condizente com as severas regras do protocolo da Corte, numa atitude de rebeldia incontida. O

vestido de tule branco da Princesa do Brasil extravasando como neve do carrinho delicado, e a bainha do véu, de cambraia malva, entalada na portinhola baixa, muito fino e enfunado pelas tantas saias de forro de diversos tons de ferrugem, toldadas de verde-íris ou de azul-cobalto, despontando em vermelho-púrpura insinuando-se na fenda destecida, por entre um remoinho de folhos entreabertos nas rachas que entremostram as rendas e os tafetás roçagantes.

Por mero capricho.

A assumires o abandono de um luto a menos de meio do seu termo.

Ensombra-me saber que em breve deixarás a Corte.

Destróis-me! – ouço-me murmurar por entre a brisa erguida durante a madrugada, deitado no lugar onde me revolvo em noites brancas a imaginar-te prisioneira do inesperado odor do meu abraço.

Nua.

Corpo de mirto e de murta enleada a ser dobado pelos meus dedos trémulos. Sonhos fugazes a dealbarem-se já, a esvaírem-se diante de mim, nada possuindo brilho se não estiveres presente. Mas quando chegas trazes contigo uma cintilação de motim mal disfarçado: o tudo intensifica-se e explode de cor. Limito-me a olhar-te levitando à tua beira, a reparar no halo de sacerdotiza que te nimba, porte de filósofa inquieta. Viúva indiferente à própria ausência de sentimentos, atenta e expectante ao que acontece à tua volta, minha pitonisa no teu disfarce de adivinha e de poetisa vibrante.

Como o orgulho te faz distante! – insurjo-me, dúplice, na minha natureza alada. E, infeliz, imagino-me a avançar na tua direcção fazendo-me visível ao teu olhar dolente e enleado de enredos, para logo retornar ao interior apático do meu canto obscuro, de onde fico a espiar-te os movimentos, os modos, as emoções, na esperança de ver surgir no teu rosto a crispação humana que me dará a ver o incêndio do teu coração. Perdendo por ti de bom grado o lado etéreo da minha condição de anjo caído, esquecido das asas, a precipitar-me já em direcção à Terra.

Por enquanto, porém, fito-te da penumbra matizada do fundo de um camarote do Real Teatro de São Carlos; e tu, do lugar que te cabe junto das Princesas, finges ignorar os olhares de lisonja que te seguem por entre as luzes marfinadas das velas dos lustres, a deixares-te de bom grado aprisionar por uma ópera de Gluck ou um concerto de Mozart.

Ensombra-me saber que em breve deixarás a Corte.

Partes de volta a Almeirim, onde te poderei perder mais facilmente devido a esquivamentos e magias que me impedem de defender-te dos perigos por onde te atreves. Ironicamente consciente eu de que, para mim, és tu o cerne do risco.

O fuso, a farpa, o espinho envenenado do universo.

Não posso perder-te – constato de novo e de novo a revolver-me no adiamento do sono. Imaginando-te saindo de Lisboa, a espreitares pela janela da carrugem, a despedires-te da Basílica da Estrela, das ruas, das azinhagas, da igreja dos Mártires, das betesgas e das ladeiras, das quelhas, do Passeio Público, da ermida de Nossa Senhora da Saúde, diante da qual o andamento do carro se demora para te persignares e fazeres uma curta reza.

Impaciente, mandas seguir em frente.

Vejo-te agitada, despenteada pelo vento, cabelos do tom natural do mel coado, madeixas da tonalidade do ouro antigo. Pouco antes de chegares a Almeirim voltarás a pôr o chapelinho de palha com uma pluma enroscada no seu tom adamascado, a pequena aba a sombrear-te o brilho dobado dos teus olhos de anil.

Da intimidade da tua pele chega-me o perfume toldado da gardénia matizada de concha marinha e almíscar branco; mostrando-me como a rispidez se pode unir à ternura. A teu respeito oiço falar de determinação e secura, mas prefiro ignorar a casta do teu coração desabalado em segredo. Sem me aperceber daquilo que em ti ora perdura ora depressa é oblívio transfigurado.

Com um rigor de mapa. De rigoroso plano arquitectado.

Calando as palavras desgovernadas que só usas nos versos a que depressa tornas, como se neles recuperasses o intacto interior dos teus dias. De novo estás de regresso aos teus poemas, aos teus cadernos, aos teus diários.

Virtude, delírio, ou só lisura?

Tanto monta, bem sei, minha senhora condessa dona Leonor. Hoje a madrugada mal rumoreja, atenta ao estralejar nas pedras das patas dos cavalos que te levam e afastam de Lisboa, mas não dos meus olhos nem do meu entendimento que em desigual medida sempre te têm escoltado, cativado, mesmo antes de as minhas asas me transportarem até junto de ti, mantendo-nos sigilosamente perto.

A inventar-te, amor da minha vida inexistente.

A idealizar-te numa constância eterna.

†

Desperta-a o aroma intenso a cravos que lhe invade o quarto, vindo da varanda debruçada sobre o jardim; e estranha ao julgar-se ainda em Lisboa, para logo se dar conta ter regressado à quinta dos Nabais.

As portadas da janela estão entreabertas e os cortinados corridos até metade, mas o perfume forte que se adensa escapando dos canteiros, sobe já ardido e empurrado pelo sol intenso que incendeia a manhã daquele domingo de outono. Ar pesado de verão de São Martinho cortado ao longe pelo sino da igreja matriz de Almeirim, fazendo apressar os menos madrugadores que pretendem ir à missa das oito.

Abre os olhos ainda entorpecida de sono, admirada por ter acordado a hora tão tardia, a contrariar-lhe o hábito e o gosto de se levantar cedo mesmo durante o inverno, quando ainda são visíveis os véus da madrugada. E Leonor salta da cama, camisa de noite de linho macio a roçar a madeira do chão, abre a janela que dá para o terraço, sentindo o bafo da aragem a entrançar-se nos seus cabelos em desalinho sobre os ombros despidos. Apesar de ter dormido muito, continua a sentir-se exausta.

Desolada.

O silêncio em que está mergulhada a casa diz-lhe que as criadas, prudentes, retiveram as crianças mais pequenas nos seus aposentos.

«Há tanta cousa que me falta…» – pensa, aturdida com a intensa luz de diamante que lhe cega os olhos claros, como se o céu fosse um espelho onde o sol se reflectisse e viesse incidir nela por breves segundos.

Não tem como negar quanto lhe custa ter deixado a companhia dos poetas, das amigas, assim como as idas à Corte onde a Princesa Carlota Joaquina a quisera reter, primeiro trocista mas também sedutora e cativante, rosto comprido e pele de morena, sorriso de aventureira na boca grande. Irritada com a nova partida para o Ribatejo da sua dama preferida, sem lhe entender os motivos de viúva, dos quais a própria Leonor já se enfastiara há muito.

– Porque nos volta a deixar Vossa Excelência, negando-nos o gosto da vossa companhia? – acabara por indagar, geniosa, a Princesa do Brasil.

Sem argumentos para lhe apresentar Leonor calara-se, olhos vagos pousados em ninguém nem em cousa alguma, empenhando-se em nimbar de mistério a sua partida, teimando em não reconhecer a grande vontade de tornar a viver em Lisboa. Então, regressara a Almeirim mais cedo do que o previsto, a fim de contrariar em si o gosto de ficar, como quem cumpre uma promessa ou tem empenhada a palavra dada.

Assolada pelo próprio coração vazio, a esquivar-se das emoções e do alvoroço da vida que a pretende de volta.

†

O ministro dos Negócios Estrangeiros e da Guerra, de semblante carregado e olhar inquieto, percorre a passos largos o seu gabinete. Na sala de espera, chegado da campanha do Roussillon, o conde de Assumar aguarda ser recebido.

Antes de ele ter aportado a Lisboa já Luís Pinto de Sousa Coutinho fora informado, por carta particular do general-em-chefe da divisão portuguesa, John Forbes Skellater, do descontentamento que levara o filho

do marquês de Alorna a sair da Catalunha a caminho de Portugal, a fim de dar conta ao governo das suas discordâncias e aguardar orientações para levar de volta.

O ministro sabe também que o conde de Assumar não está isolado nos seus confrontos e conflitos com Forbes; por trás dele encontra-se a maioria dos oficiais-fidalgos mais ilustres da Corte. E como se isso não bastasse, ele tem ainda o sólido apoio do coronel Gomes Freire de Andrade, comandante do regimento de seu nome; militar corajoso, inteligente e esclarecido que, segundo os seus opositores, é um homem de orgulho exacerbado e de índole altiva.

Temendo precipitar-se, o ministro demora-se a maquinar uma estratégia que não o comprometa e vulnerabilize, antes de falar com o Príncipe D. João. Por isso, quando finalmente recebe Pedro de Alorna, antes mesmo de este começar a narrar a sua versão dos conflituados acontecimentos, dos quais tem sido principal protagonista, pede-lhe com afabilidade que, antes de mais, faça um relatório por escrito.

†

DIÁRIO

Acabam de ser criadas três autoridades censórias:
a do Santo Ofício,
a do Desembargo do Paço,
a do Bispo.

Muito embora sempre pese um factor como este, os poetas cuidarão de não começar a escrever e a pensar de modo diverso daquele que sempre entenderam ser livre e seu.

No Portugal de mil setecentos e noventa e quatro, o gosto pelo mando, pelo poder de censurar a mente, o pensamento alheio, mantém-se o mais pernicioso e nefasto.

Almeirim, 20 de Novembro de 1794

†

– Quantas saudades, meu irmão! – desabafa baixo, encostando por breves instantes a cabeça no seu ombro fardado. Enquanto lhe vai falando do próprio descontentamento, pondo-o em paralelo com o de Pedro, regressado da Catalunha decepcionado e amargo.

– Tens razão, quero mais do que o apagamento, do que o fracasso da campanha do Roussillon. Mas para ti, minha irmã, também esperava melhor do que este nada, do que este isolamento, este ermo – responde-lhe Pedro, apontando à roda com a mão seca, longa e masculina, no côncavo da qual fica bem o punho da espada.

Leonor escuta-o emudecida, embora disfarce a expressão impaciente. Há muito que deseja regressar a Lisboa, enfastiada de Almeirim e dos seus intermináveis dias de sossego. Negando-se no entanto a admitir ter errado ao trocar a sua vida antiga pelo silêncio das matas que envolvem a casa. Esquecida já do propósito de se afastar para sempre do mundo e do seu tumulto, no falseado desejo de se despedir da vida.

Pedro encontra-a macilenta e debilitada como nunca, a adivinhá-la perdida no próprio desamparo. No entanto disfarça o cuidado, temendo vê-la soçobrar. Por seu lado, ela imagina enganá-lo ao esconder-lhe as dúvidas, as tristezas, as noites sem dormir, apesar do láudano e da beladona.

Ambos calados, em sobressalto.

†

Nas noites de temporal vão para as camas umas das outras assustadas com a trovoada, os relâmpagos a riscarem o céu de chumbo e a alumiarem

o quarto como fulgurantes e rápidas lâminas de luz ácida que as cegam e as fazem cobrir as cabeças com a dobra bordada a matiz dos lençóis de linho, as mantas espessas e macias nas quais se enroscam, meninas friorentas e solitárias a procurarem abrigo e segurança ao lado das irmãs mais velhas.

Escondendo estas o receio que também as toma ao escutarem a saraiva a empapar a terra que a muita água ensopa, a formar regos que escorrem e correm e engrossam, misturando-se às correntezas galgando as pedras, a levarem consigo os galhos, as silvas, as sementes e as folhas caídas, tomando corpo por entre as raízes das árvores, vindo depois até ao cimo a derrubar as plantas frágeis, arrancando as flores, as cascas das oliveiras mais baixas.

Enxurrada já, arrastando as pétalas, os insectos afogados, levando lama e barro, elevando-se, marinhando insistente para logo descer em direcção ao Tejo que sobe escapando do seu leito, e devagar se estende e alarga, alaga a lezíria em torno, crescendo num ruído surdo e lento. Água barrenta simulando um lago, fundo e baço e quedo, a tentar em vão brilhar quando o sol finalmente se abre, escapando por entre as nuvens de um cinzento sujo e carregado, libertando uma claridade esvaída que não permite nenhum reflexo.

João Ulrico chora baixo, e de camisinha de dormir que mal lhe tapa os pés pequeninos, brancos e gelados, vai aninhar-se com o seu medo junto do corpo morno da ama, que o abraça a tentar sossegá-lo, enquanto lhe diz ao ouvido, «durma o menino que a borrasca já passa», embalando-o.

Mas a chuva não pára, fortalecendo a cheia que alastra na lezíria, cobrindo tudo o que pode, entrando nos celeiros e nas casas, levando o gado consigo, afogando as ruas, os campos e os palheiros, as alminhas das estradas.

Voraz, com uma tenacidade impiedosa.

Inquieta demais para dormir, Leonor ergue-se a escutar o rio, cansada dos rigores daquele inverno que tem juntado o frio às bátegas de água, o granizo aos ventos agrestes e cortantes, arrancando tudo o que apanham

pelo caminho, atemorizando as pessoas, levando-as a confundir as catástrofes naturais com castigos implacáveis vindos dos céus.

– Ai, senhora condessa, que eu ainda me lembro dos tempos do terramoto, desgraças que me contaram de Lisboa, Deus Nosso Senhor nos livre!

Mas Leonor recorda antes o Ebro, a tentar deter-lhe os passos com o seu caudal transbordante.

Rios que a perseguem ou que ela persegue desde menina.

A insónia chega e fica, fincando-se por trás dos seus olhos pensativos, olhar velado numa maciez de seda, tentando perceber onde se bifurcará o destino que lhe coube e passará a tornar-se em sorte que ela mesma construirá.

Com a testa encostada aos vidros da janela, Leonor fica ouvindo a chuva a cair no interior das trevas que a noite semeia, até de madrugada.

†

DIÁRIO

Tão pouco contentamento me dá a vida que levo, que me desalento por dentro da fadiga, com preguiça de lutar por aquilo que pretendo:

o conhecimento,

a política,

a poesia.

De França deixaram de me chegar notícias, nada mais sabendo de Théroigne depois de ter sido internada em Salpêtrière. Nem de Germaine de Staël, nem de Sophie de Condorcet, nem de Filinto Elísio. Apenas Delille continua a escrever-me. Saturada deste abandono, deste achamento entorpecedor em que me encontro, começo a pensar em viver em Lisboa.

No entanto, mantenho-me perturbadoramente imóvel.
Alimentando-me apenas da memória do mundo.

Almeirim, 30 de Janeiro de 1795

†

Se há noites em que a simples hipótese de deixar Almeirim a aflige, mal nasce o dia a ideia de partir empolga-a.

Levando-a por fim ao acto da viagem.

A enredá-la com os seus múltiplos afazeres, entusiasmando-a com a azáfama, com a excitação das meninas mais velhas, restolhando segredos uma com a outra, e a sonsa placidez de Luiza e de Henriqueta que, amuadas com a decisão da mãe, acabam por ir chorar enroscadas no colo de Thérèse. E Josefa, que desconfiada por vê-las de partida se benze dividida entre o alívio e o desgosto, queima incenso pelos corredores e salas, ervas colhidas durante a alva nas funduras das matas.

– Saia o sujo e o ímpio! O mau olhado e o Demo! Arrede Deus as almas do Inferno! – vai rezando baixo, enquanto faz as malas de levar as roupas do corpo, depois os baús dos mantéis e as arcas das louças e dos vidros, saquinhos de pano cru cosido com ponto dobrado onde escondera incenso e rosmaninho, mas também feitiços de pequenos ossos e asas desmembradas de passarinhos, com o intuito de impedir os bruxedos, quebrantos e outras desgraças que, segundo ela, podiam vir a desabar nas vidas de todas.

Os livros guarda-os Leonor com as próprias mãos e cuidados, uns sobre os outros, folhas e capas alisadas, alinhados em grandes caixotes, contados e marcados com números, temerosa como sempre que lhes possa acontecer o mesmo que à sua biblioteca desaparecida quando da ida para o Porto, recém-casada. Por certo desviada por quem a achava ser por demais apegada à leitura e à escrita.

Ao vê-los arrumados no carro, Leonor, continuando suspeitosa, manda no último instante levar para o seu lado na carruagem a caixa de lata onde

fechara a cadeado os cadernos, o tinteiro, o areeiro e as penas, junto com poemas e outros escritos. Mesmo assim, nervosa, pousa-lhe a mão direita em cima.

Aqueles são dias de mudança e de nervos à flor da pele. Onde não se vislumbra ainda nenhum indício da aventura, da paixão, do tumulto, para os quais inexoravelmente

a encaminha o destino.

†

As meninas cheiram a lagartixas, a ervas cediças, a folhas caídas, a musgo, a húmus. Vestidos de cassa e rendas, peitilho de bordado inglês sujos de terra.

Quando as criadas vêm misturar o seu chamamento aos gritos de Thérèse e de Josefa, fazendo uma espécie de trança estridente a subir nos ares por entre o calor que começa a estilhaçar a manhã, as crianças fogem mais depressa pelos caminhos de gravetos, aguilhões e cardos, a esconderem-se por trás das árvores altas do bosque, muito para além da casa. Só parando quando se julgam suficientemente longe para não serem encontradas:

Frederica, grande demais para aquela aventura mas solidária com as mais novas, de respiração opressa, aquieta-se sentada à sombra fresca de um cedro. Encostada à aspereza do tronco, dá-se conta das pernas arranhadas pelas sarças, que as saias por ela erguidas deixam ainda mais vulneráveis.

Luiza, emudecida pelo susto, encolhe-se à sua beira, a pequenina mão direita sobre os lábios que aflora com a ponta da língua seca pelo vento, que enquanto corria julgara ter entrado todo às golfadas pela sua boca mínima. E cheia de medo fica imóvel, a olhar fixamente o lacrau ameaçador que passa vagaroso junto aos seus pés doridos.

Henriqueta, deitada de costas na folhagem ressequida, escuta o canto das cigarras e dá-se conta do voo planado de um açor no céu azul-da-prússia.

– Meninas! Meninas! – continuam a chamá-las.

– A senhora vossa mãe está-vos esperando! – acrescenta Thérèse com o seu inconfundível acento francês. Mas elas somem-se na sombra, firmes

na recusa de entrarem nas carruagens e abandonarem Almeirim de regresso a Lisboa, onde irão passar dias intermináveis trancadas em casa.

Sentadas na própria preguiça.

– Henriqueta, Luiza, Frederica apareçam já! – interrompe inesperadamente a voz comedida da mãe.

As crianças reconhecem-na e estremecem, sabendo que por trás daquela aparente moderação se encontra a zanga desabrida; e instintivamente retrocedem mais ainda para dentro da mata, silenciando a respiração. A sentirem na pele a rudeza da urze, a dureza das pedras e o intenso perfume da malva-rosa, da qual vão arrancando, nervosas, as flores rosadas e brancas, esmagando-as ou dobrando-as pelas curtas e vulneráveis hastes.

Meninas magras e trigueiras, um pouco tristes.

Olhos suspeitosos mas acesos, ainda selvagens embora já perto de passarem a ser de entrega aos hábitos e aos costumes: às regras que dobram e submetem as mulheres, acabando estas por ceder às ordens, aos ditames, aceitando a submissão. Como está a acontecer com Juliana, que se recusara a participar na fuga, preferindo o manso e reconfortante calor da cama onde sonha com Lisboa de que tanto gosta.

Impávida, Henriqueta cospe nos dedos uma saliva encorpada e viscosa e começa a limpar os arranhões, sangue a ressumar na pele esfolada que as meias descidas e as saias erguidas expõem; entretida a olhar os tornozelos que lhe ardem por os ter roçado nas urtigas-queimadeiras.

Luiza, porém, cheia de fome e de sede, caracóis desfeitos, canudos desfrisados, os laços do cabelo e do vestido perdidos na corrida, os joelhos feridos das quedas, a pele da face vermelha e inchada da urticária, sentindo cada vez mais medo, começa num choro desabalado e silencioso de que se envergonha, sem no entanto conseguir escondê-lo das irmãs que a encaram com desprezo, rostinhos peganhentos luzindo de suor escurecido pelo pó, lambuzados dos bagos dos arbustos e do sumo das amoras selvagens que todas comeram.

– Medricas! Medricas! –, entoam em tom de ameaça.

– Parva! Até parece que preferes ir para Lisboa! Queres voltar, queres? – perguntam-lhe.

Sem lhes dar ouvidos, porém, Luiza salta como uma seta do esconderijo onde se encontra encolhida e corre atordoada por entre escorregadelas e quedas, pezinhos incertos nos pequenos sapatos de charão preto a tropeçarem nos pedregulhos, nos torrões, nos buracos, nas raízes salientes e grossas. Largando atrás de si pedaços da cassa do vestido verde-água, farrapos presos nos espinhos aguçados das roseiras bravas, nos galhos acerados, nos picos, nas silvas.

E em alvoroço voa na direcção das vozes que não desistem de procurá-las. Acabando por ir tombar de roldão nos braços da mãe, que lhe ampara a queda estouvada de menina incontida.

A pousar na filha o olhar surpreendido.

†

DIÁRIO

Percebo finalmente quanto fui cruel e injusta comigo mesma ao condenar-me a ficar afastada de tudo o que me dá satisfação e ajuda a afirmar-me junto dos outros.

Como se me castigasse?

Consumiu-se o meu desgosto pela morte de Carlos Augusto, esfiapou-se, esgotou-se. Ou sempre foi menor do que imaginara ou, quem sabe, até quisera…

Exige-me um apagamento demasiado.

Consciente desse facto, acabei por regressar a Lisboa.

De novo dúplice, cindida em duas partes: a que desejaria ficar lá atrás e aquela que anseia por chegar; a que se solta e a que se aninha e sufoca,

mal esbracejando para alcançar o ar; a que deseja a modéstia e a que cultiva a desmesura da eternidade; a que simula ser sombra e a que pratica a ambição como sendo a sua melhor parte.

Os mortos devem ser chorados, mas não em demasia.

Lisboa, 10 de Março de 1795

OceanofPDF.com

†

XX

OceanofPDF.com

†

Amor preso pelas musas

As Musas Amor prenderam,
E com cadeias de rosas
Fortemente lhe ligaram
As travessas mãos mimosas.

Vénus, vendo o filho preso,
Quis carinhosa soltá-lo;
Mas o preço que ofertava
Nunca pôde resgatá-lo.

Embora o grilhão lhe quebre,
Nem assim o há-de soltar:
Amor com tais Carcereiras
Quer prisioneiro ficar.

Costumado ao jugo amável
Do talento e da verdade,
Julgou o seu cativeiro
Mais doce que a liberdade.

OceanofPDF.com

†

RAÍZES

Brites Fernandes, que cuida da casa desde que os seus senhores foram presos, entra devagar nos aposentos de D. Leonor de Távora, de quem há tantos anos é dama de companhia. A sua marquesa, como encobertamente a trata levada pelo muito tempo de convivência e conivência diárias, pelos interstícios de uma intimidade imbricada de suores e de dores, de risos e de mênstruos amparados por panos que ela recolhera das duas. E mais tarde placentas, mucos sanguinolentos, contracções e dores dos partos a que lhe assistira ao longo dos anos. Ajudada pelas rezas e promessas à Virgem, mistura de ervas colhidas às sextas-feiras dias treze, e em segredo pisadas num pequeno almofariz de prata. Rosa-de-jericó com a raiz mergulhada numa taça de água posta à cabeceira.

Conhece-lhe também os soluços mordidos de raiva contra a fraqueza do choro, a par da violência intacta das iras que desde criança a tomam e atormentam, como se fossem alimento da sua vontade de ferro. Escutara-lhe os gritos mas igualmente os desabafos, confissões de açodamentos e mágoas, de alvoroços e penas, aprendendo sem custo a entrançá-las: tristezas, equívocos e perplexidades. Procurando a cumplicidade e a amizade uma da outra, apesar da distância dos mundos diversos em que o nascimento as colocara, embora tendo crescido juntas.

Ambas passando pelo mesmo ao longo da vida.

Ao aperceber-se do perfume dela enovelado no ar, mistura rara de açucenas e lírios, enchem-se-lhe os olhos de lágrimas contidas a custo por via daquilo que ali fora fazer, no cumprimento da sua última vontade que lhe chegara em forma de demanda, pequeno bilhete que a fidalga

conseguira passar para fora da Quinta do Meio onde está sob prisão desde a véspera.

Entreabre só um pouco as portadas de madeira das janelas que dão para a larga varanda de mármore de um branco de leite coalhado, parapeito raiado por finos veios de um tom dormente de camélia desmaiada, a esbater-se mais quando o sol lhe bate ao cair do meio-dia. Vira-se e olha o oratório ao fundo, meio encoberto ao abrigo dos cortinados de brocado entreabertos; dá dois passos inseguros na direcção do pequeno altar diante do qual curva a cabeça, pulso ao de leve apoiado no cimo macio do genuflexório de pau-santo com embutidos e forrado a veludo vermelho escuro. Disposta a satisfazer o pedido da sua ama:

Esconder o Cristo de marfim antes da previsível chegada dos enviados de Sebastião José a saquear os despojos, e guardá-lo até poder, sem levantar suspeitas, entregá-lo à sua neta Leonor de Almeida, prisioneira com a mãe e a irmã no convento de São Félix, no vale de Chelas.

À frente de Brites Fernandes, sobre o pano de seda da Índia bordado a cheio, franja de ouro antigo desfiado, está o grande crucifixo de madeira de tília, tendo nele pregado um Cristo de marfim chorando rubis mínimos ao longo das faces cavadas, sangue que do mesmo modo lhe escorre pela testa larga onde se enterram, por entre os castanhos cabelos lisos, os espinhos aguçados de uma coroa entrançada. Preciosas gotas ressumbrando ainda na fissura estreita de uma chaga aberta, do lado onde se revolve o coração sob o glabro peito liso.

Antes de alongar o braço para o retirar do seu sítio, Brites Fernandes curva de novo a cabeça e persigna-se com os dedos rígidos pela friagem intensa, distraída porém com as velas e os pavios que, numa prolongada preguiça, se movem tão imperceptivelmente que dir-se-iam imóveis no cimo do azeite das lamparinas de prata que, tal como os círios, ela continua a substituir e a manter acesos.

Finalmente adianta a mão indecisa. O suor a perlar-lhe a fronte apesar do frio que se faz sentir por toda a casa, como se um vento glaciar por ela circulasse.

Escuta a madeira que estala, o turbilhão da tempestade lá fora a rolar violenta, os ramos das árvores fustigando as vidraças, o uivo alto dos cães a adivinhar desgraça maior do que aquela que parece já ter tomado posse de tudo.

Sobressalta-se. E desconfiada olha de novo em torno, antes de avançar numa súbita pressa desabrida, esforçando-se por não deixar o corpo tomar o movimento cobarde do recuo. Parece-lhe ouvir nas lajes do corredor os passos cardados dos guardas do marquês de Pombal a virem buscá-la, mulher de confiança da marquesa de Távora.

Encolhe-se mais. Costas curvadas sob o vestido cinzento que, à luz das amareladas chamas trémulas, parece enfunar-se um pouco nas omoplatas, sem contudo suspender o gesto das mãos, que continuam em frente até aflorar o crucifixo que retira do lugar. Ajeitando depois os outros santos, de modo a iludir a falta da imagem que leva consigo apertada aos seios, a coberto do xaile de lã.

Largo e escuro como uma asa.

Num passo vacilante regressa no rasto invisível dos passos que dera até ali: respiração descompassada, lividez acentuando as rugas do rosto magro e a intensificar o bistre das olheiras. Só ganhando alento quando se sabe a salvo no resguardo e aconchego do próprio quarto, indo de imediato colocar o crucifixo no pequeno oratório, ao lado da Nossa Senhora da Conceição de manto azul-celeste de cetim, que ela mesma costurara e lhe vestira. Afastando com cuidado supersticioso a imagem de Santa Catarina de Sena, de quem é devota.

Persigna-se quando se ajoelha, terço com contas de osso, a tropeçarem ásperas por entre os seus dedos crispados, disposta a passar rezando as curtas horas que restam de vida a D. Leonor de Távora. Ambas escutando, em lugares opostos da cidade, a procela em fúria que nas ruas anda solta por entre as trevas da noite, de onde toda e qualquer claridade é arredada pelo eclipse da lua. Brites Fernandes entende ser esse o modo que Deus encontrara para expressar a sua discordância do crime brutal prestes a consumar-se em Belém.

A madrugada, a tomar corpo na chuva cerrada e na ira do rio encrespado, irá encontrá-la desacordada no chão encerado para onde o corpo exausto escorregara.

Ao longo da sua cara lívida as lágrimas ainda não secaram.

OceanofPDF.com

†

MEMÓRIA

Voltei para Lisboa consciente da minha inquietação crescente, sabendo dever-se tanta angústia também ao facto de ter vivido muito tempo isolada de tudo e de todos: família, poetas e amigos.

Das Luzes.

Tanto dos desastres como das calmarias.

Fugida da turvação dos sentidos, das dúvidas ferinas e das alegrias precárias. Das febres que os anseios acalentam e a mim então tanto me assustavam, perdendo-me em turvações, questionamentos e tristezas. A culpar-me dos desejos recalcados, a custo ocultos e no entanto revoltos, que a alma, o corpo e o coração iam escondendo de mim mesma e dos outros o melhor que podiam. Muito embora nem sempre com tanta eficiência quanto eu esperaria.

Por isso, recorrendo aos versos eu aturdia-me, neles suplicando à razão que contra mim própria me defendesse, com a sua argumentação fria e racional, me apagasse as tempestades da alma, os incêndios do corpo e dos sentidos apesar de tudo acesos sob as cinzas do borralho.

A iludir a verdade a todo o custo, acusando as injustiças da vida e a sua crueldade. Na altura preferia silenciar o óbvio, enquanto resvalava pelas margens lodosas dos sentimentos laboriosamente ignorados.

Que saudades tenho desses dias!

Quando, embora ignorando encontrar-me a caminho da mudança, sentia já os nervos à flor da pele e o arrepio da vertigem. Sem todavia vislumbrar qualquer indício da aventura, da paixão, do tumulto, para os quais inexoravelmente me encaminhava a vida.

Hoje entendo que começava a ser feliz.

OceanofPDF.com

†

1795-1797

Chegam à casa da Rua da Boa Morte no início da tarde.

Arrastando-se de cansaço, Leonor deixa as crianças com as amas, as meninas nos seus quartos trocando-se, lavando-se do pó das estradas; e tombando meia vestida sobre a colcha de damasco da cama alta, manda Thèrése preparar-lhe um banho de sais e benjoim, depois de lhe ter desapertado nas costas os botões forrados do vestido de tafetá cinzento, os colchetes da cintura e do espartilho, os atilhos traçados em cruz, que mesmo frouxos lhe tiram do peito o ar que lhe falta, abafando com a mistura do mofo dos quartos fechados e das águas estagnadas.

Odores intensos a alfazema e a cânfora saindo pelas portas escancaradas dos armários, dos guarda-vestidos, das gavetas e das arcas que, apressadas, as criadas começam a abrir a fim de nelas colocar o que tiram das malas; odores a misturarem-se já, aqui e ali, com os aromas intensos das árvores de tília, das moitas de lilases dos jardins descuidados, a entrarem à toa pelas janelas de sacada e de adufa, escancaradas.

†

Nicolau Tolentino está encostado ao umbral da porta do Nicola, caderno amachucado debaixo do braço, cara morena comprida e seca virada para o alto, a receber a aragem morna que ao princípio da tarde se levantara das bandas do Tejo e, subindo a Rua do Ouro vem agora varrer o Rossio, arrastando consigo um odor limoso que deixa um amargor ácido na boca, travo adstringente na saliva que engrossa de calor e sede.

Está o poeta ensimesmado, perdido em sonhos e desejos, versos em rimas largas que vêm e vão no seu pensamento distraído, que não dá por Bocage que dele se acerca a passo estugado, de aparência descuidada mas de bengala de cerejeira polida e macia, a levantar com a sua ponta embolada o pó granuloso e amarelento feito de dejectos vários e do entulho que desde o terramoto enche as ruas da parte baixa de Lisboa.

A mão comprida e leve pousa de súbito no ombro de Nicolau Tolentino que, desconfiado, se vira, olhos de um castanho intenso, franzidos e encandeados pelo sol reflectido nos pequenos vidros das seges, das berlindas e das carruagens que se cruzam devagar na praça encimada pelo Palácio da Inquisição, que tem o dom de lhe apertar a alma quando o olha de frente e vê, assente no seu pórtico imponente, a estátua da Fé calcando aos pés a Heresia.

Mas Nicolau Tolentino sorri já a Bocage que o arrasta pelo braço, a querer arrancá-lo da letargia onde fora encontrá-lo, ansioso por lhe dar a boa nova:

– D. Leonor de Almeida voltou!

Logo o amigo, que se endireita, se anima, brilho de aço novo a ganhar-lhe o rosto, pergunta sarcástico:

– D. Leonor ou Alcipe? A qual das duas se referiu a viscondessa de Balsemão quando te deu a notícia?

Bocage não responde, a enredar-se na recordação de Catarina de Lencastre invocada por Tolentino, dela sentindo o ardente odor a nardo entreabrindo-se, febril, no seu corpo roliço.

Hálito de murta que ainda sente nos lábios.

Na verdade não recorda mais o que ela lhe dissera, quando alegre, deitada na cama do quarto dele na rua do Loreto, referira o regresso de Leonor de Almeida.

Adivinhando o motivo daquele conturbado silêncio, Tolentino dá-lhe o braço, e sem mais palavras encaminha-o para dentro do café, onde ficam o resto da tarde em conversa afincada, enquanto vão bebendo copos de vinho tinto e cálices de absinto.

†

DIÁRIO

Vinda dos anos passados em Almeirim a cumprir o luto por Carlos Augusto, embora céptica e sem dinheiro para manter a casa e a família, sinto-me disposta a recomeçar a vida, pela primeira vez sem ter de dar satisfações a ninguém.

Deixou-me a sua morte coberta de dívidas e sem recursos para as honrar, mesmo estando disposta a vender quadros e jóias, como já fiz algumas vezes.

Dependo, pois, das ajudas do meu pai, que não perde a ocasião para me pregar sermões sobre comportamentos e ideias, a querer passar-me como sendo boas apenas as suas razões e vontades.

Cada vez mais distantes ficam os empolgantes dias vividos por mim em Paris, por entre os primeiros vendavais da liberdade.

Lisboa, 18 de Março de 1795

†

Tal como João Ulrico e as filhas pequenas, Leonor ressente-se das penumbras fechadas e dos espaços estreitos onde parecem querer entranhar-se os cheiros de pestilência que atravessam a cidade e cercam a casa da Rua da Boa Morte, na qual voltaram a morar. A dar conta dos miasmas que se esgueiram por entre as cercas e as grades do portão de ferro trabalhado, indo refugiar-se na penumbra dos corredores, nas salas e nas alcovas, depressa ganhando a copa e a cozinha; para logo partirem na direcção do oratório fechado por cortinados de veludo sanguíneo e franjas douradas, e já lá dentro a aconchegarem-se nas roupagens ricas dos santos,

embaciando os adornos macerados pela luz das velas e das lamparinas de azeite de pavio chamuscado.

Todas as tardes as criadas acendem defumadores e braseiros, onde queimam alfazema ou alecrim para perfumarem os quartos e as salas. Entreabrem as gavetas das cómodas e as arcas a confirmarem o rosmaninho seco guardado no seu fundo. Escancaram também as portas dos armários dos mantéis e da roupa branca, a arejarem os lençóis de cama de linho bordado a cheio, bainhas abertas feitas com linha de seda, adormecidos há muito nas prateleiras forradas.

†

Tentando fugir à apatia, aos silêncios cortados pelos atropelos dos filhos mais pequenos, ao esquivamento ressentido de Leonor Benedita, ao olhar curioso e irónico de Frederica, assim como ao silêncio de Henriqueta e ao riso nervoso de Juliana, Leonor passa muito tempo na Corte, apesar de esta continuar um marasmo, onde pouco ou nada mudara.

A Rainha D. Maria esconde a depressão e os pesadelos fechada nos aposentos reais, a Princesa Maria Francisca Benedita tenta ultrapassar a dor pela morte do Príncipe D. José seu marido, com a protecção à cultura e a construção do Hospital Real dos Inválidos Militares de Runa, a Princesa Carlota Joaquina diverge e conflitua com o Príncipe D. João que, desejando furtar-se ao seu convívio, passa os dias ora em Mafra, caçando na tapada e ouvindo canto gregoriano, ora embrenhando-se no interior mosqueado do palácio de Queluz, conhecedor da preferência da mulher pela ardente rutilação dos jardins, na companhia turbulenta das suas damas espanholas, das infantas bizarras e melancólicas, das fidalgas desconfiadas, que temem ciladas, intrigas e até desatinos.

Em dias de maior calor, a Princesa do Brasil refresca-se com os jogos ensolarados da água dos lagos, das cascatas ou dos repuxos das fontes, cabelos negros soltos em caracóis crespos e indóceis tombando ao longo da pele morena das costas nuas. Vestidos com decotes generosos, deixando adivinhar os bicos breves dos seus seios altos, ancas secas e

febris no requebro dos boleros que ela torna sedentos; mãos nervosas a erguerem as saias, permitindo antever os tornozelos delgados.

Durante os crepúsculos mais demorados reclina-se com languidez em almofadas de seda e de *shantung*, envolta em xailes e echarpes cor de fogo ou de rubi, a condizerem com as pulseiras de topázios e granadas,

rolando ao longo dos seus braços.

†

A convite dos velhos marqueses de Marialva, Leonor vai tomar chá ao Palácio do Bom Sucesso em Belém, onde conhece William Beckford, um belo homem inteligente e excêntrico com quem mantém um diálogo tão agradável quanto inusitado. Fascinando-a por isso, mas também por alguns mistérios que dele lhe foram contados, pelo seu bom gosto e vasta cultura, veneração pela música de Haydn, que admira mais do que Mozart, certamente por este ter sido seu mestre de piano.

Na conversa que corre veloz há o tom de um certo despique entre ambos que cala todos à sua volta, atordoados pela vivacidade, para eles invulgar, que os mantém afastados. A dada altura Beckford convida-a para o ir visitar à Quinta de Monserrate, em Sintra, onde se sabe ter construído um verdadeiro paraíso de beleza, exotismos e requintes.

Fantasiados por ela.

Leonor está em crer que, ao colocá-la diante da escandalosa ousadia que em Portugal um tal convite representa, ele a desafia. Aceita porém o repto sem hesitar, em vez de, por mero decoro, declinar a proposta. Atitude que ocasiona discretos sorrisos maldosos em redor da mesa e o olhar escandalizado da velha marquesa de Marialva, enrodilhando no regaço o terço de pérolas e topázios que traz sempre enrolado no pulso.

Mas Beckford logo encontra maneira e tema para desviar dela a atenção das fidalgas e fidalgos presentes, impedindo que Leonor seja por mais tempo o centro das suas mentes retrógradas, enquanto o chá vai arrefecendo nas chávenas esquecidas sobre a toalha bordada a ponto de cruz posta na mesa do largo terraço debruçado sobre o Tejo.

Encantados, Leonor e Beckford ficam a gozar a aragem tépida, por entre conversas entrecortadas de silêncios, enquanto admiram o sol incendiado a pôr-se no horizonte por trás da Torre de Belém, onde as águas misturadas do rio e do mar se entretecem numa aparente placidez. As barcaças, as faluas e as galeotas passam muito perto, num ruído golpeado de água que se fende.

†

O abade Correia da Serra, que já não vê Leonor há meses mas não esquecera o grato relacionamento de ambos durante a longa viagem de Marselha até Portugal pouco tempo antes da revolução francesa, sente grande satisfação quando a partir da primavera ela volta a frequentar com assiduidade a Academia Real das Ciências, de que é secretário-geral.

Depois ou antes das sessões retomam o hábito das longas conversas e discussões amenas, onde tão depressa divergem nas ideias e no gosto literário, como convergem nos princípios, no amor às letras e às ciências. A unirem-se, também, na repulsa pelos carrascos e tiranos, ambos odiando Pombal. Falam ainda da França revolucionária que, embora de maneira diversa, os marcara para sempre.

– Nunca mais voltei a ser a mesma – acaba Leonor por confessar, expondo-lhe algumas das suas dúvidas, dos seus medos, das suas ambiguidades em relação ao que vira e vivera naquela altura. Ele escuta-a com admiração, respeitando-a pela franqueza, e a partir de então ficam mais amigos, mais unidos.

†

Procura com assiduidade a amenidade de Teresa, indo visitá-la à grade do Convento de Santos, a tentar enganar a falta da sua companhia. Saudades que, afinal, não consegue mitigar na dormência e no apagamento do parlatório, que parece ter o dom de retirar a vivacidade às conversas das duas.

No entanto, tempo já houve em que a situação fora oposta: ela do lado de dentro das grades e Teresa no lugar de fora delas, sem que alguma vez lhes tivesse faltado o alvoroço ou o entendimento mútuo e único.

Agora é na companhia de Catarina que Leonor amaina as angústias, expõe as dúvidas e, discutindo, reacende a criatividade. Em tardes demoradas com a amiga na pequena sala de trabalho tépida da casa desta na Luz, enquanto bebem licores ou chá de rosas-da-china, tocam saltério e recitam versos, a escutarem as confidências uma da outra, histórias contadas entre risos e palavras segredadas que lhes põem um brilho incendiado nos olhares. Leonor fala-lhe dos medos e dos sonhos entrelaçados, atados uns aos outros pelo mesmo laço de faltas, ausências e perplexidades, que num acinte lhe invadem as noites em claro.

Ambas aninhadas numa languidez sussurrada e melancólica, enquanto Catarina fuma cigarros furtivos que faz com cuidado, a envolver, rolando e enrolando, o tabaco nas mortalhas quase transparentes. Às vezes passa-os a Leonor, que se os aceita, a quebrar hábitos e ditames da sua educação, logo se arrepende; não por ter infringido as regras ditadas pelo marquês de Alorna seu pai, mas porque os cigarros lhe deixam a saliva grossa, e na boca um gosto toldado, um sabor a tédio e a equívoco que até então desconhecera.

Tenta amenizar a náusea, trincando amêndoas e chocolates, que tira dos pratos de cristal dispostos nas mesinhas de pau-santo, ao lado das taças por onde bebem o espumante. Às vezes lêem poemas em voz alta, ou dormitam um tudo-nada.

Muito ao de leve, como fazem os pássaros.

†

Em cada mês que passa, Henriqueta de Alorna teme encontrar a decepção no olhar de Pedro; quisera ela poder negar a chegada das regras, das nódoas sanguíneas no lençol, das manchas nas saias, do mênstruo a sujar-lhe as coxas onde se amparam os panos ensopados. Porque o cheiro a verdete do sangue, esse ela trava, tapa, dissimula, limpa com a água de

rosas com a qual se lava em segredo, e em seguida ainda ilude com perfume de nardo, a imitar a cunhada tão livre no seu pensamento, comportamento de viúva despegada dos usos e costumes portugueses que só servem para oprimir a vida das mulheres.

Supersticiosa, Henriqueta de Alorna faz tudo o que lhe dizem ser indicado para ganhar barriga: usa alecrim queimado à hora de se deitar, a defumar-lhe os cabelos soltos nas horas de sono, põe raízes angélicas debaixo do travesseiro e pluma lívida de asa de cisne em cima dos seios.

E sem conseguir entender o que pode levar Deus a condenar uma mulher à secura do ventre, roja-se de borco nas humidades do chão da capela, manda dizer missas, faz promessas, reza terços de opalas com águas-marinhas e ave-marias por cada uma das horas canónicas; usa mezinhas e unguentos, acende velas votivas com o seu próprio tamanho, ao longo do qual correm grossas lágrimas de cera.

Ao verificar que nada surte efeito, Henriqueta de Alorna resolve, às escondidas de Pedro, procurar Lilias Fraser, estranha vidente que, temendo adivinhar a morte de quem olha, não fita ninguém na fundura dos olhos. Mas deita cartas, sabe ler nas folhas de chá e na palma da mão onde as linhas cruzadas ditam o destino.

Na penumbra da sua casa à beira da floresta, Lilias Fraser desliza os seus dedos no ventre liso da condessa de Alorna, faz-lhe cruzes com o seu cuspo: na testa, nos lábios ressequidos e ao longo do osso púbico; ferve ervas daninhas juntamente com pétalas de rosa, dá-lhe poções em frascos opacos, elixires mágicos em garrafas de vidro.

Ensina-lhe a fazer desabrochar o corpo.

A partir dessa data, Henriqueta de Alorna dá por si a desoras da noite, meia despida e descalça, envolta nas penumbras do corredor, deslizando furtiva até ao quarto do marido a procurá-lo na cama revolvida onde deita a sua nudez febril, num despudor que instiga e excita Pedro, a ouvi-la gemer com languidez de desmaio, sôfrega de desejo que, seduzido, ele tenta aumentar, penetrando assombrado o seu sexo escaldante. Ela sente entrar no seu corpo o pénis erecto e, como nunca antes o fizera, entrega-se

de olhos fechados para fugir à impiedade da expressão do rosto dele, a ignorar-lhe o olhar de quem não ama.

Mesmo assim Henriqueta de Alorna não se importa e deixa-se ir no gosto, no gozo, na fruição enlouquecida, com um gemido rouco que se torna clamor durante os longos orgasmos em que os dois se vêm. Unhas de loba a marcarem as costas, os ombros e o pescoço de Pedro; ou garras de animal alado, rumorejando em surdina para não assustar a presa. O grito e o uivo recolhidos mas deslizando já nos recantos da boca voraz com que o beija, a lâmina dos dentes rasando, demorando-se na garganta muito pálida, vulnerável, e depois na comissura dos lábios.

Língua a matar a sede com a sua saliva.

†

Ilustríssima Senhora
Condessa de Oeynhausen

Sinto-me neste momento incapaz de maior feito que o de escrever a V. Ex.ª em vez de procurar-vos, embora as saudade e a ânsia de avistar-vos sejam muitas, já que há anos não vos olho nem chego à vossa fala.

Vindo da Índia onde passei um tempo largo e por demais pesado, aportei a Lisboa há poucas semanas com o pensamento em vós, D. Leonor, sonhando conseguir satisfazer em breve a minha ousada aspiração de podermos estar junto um do outro.

Tão desesperadamente vos amei e tanto admirei vossos poemas, que continuo a guardar aqueles que me destes, mantendo-os junto ao meu coração que por vós continua a sobressaltar-se. Chegámos a estar, creio, tão perto um do outro, que ainda agora estremeço com tanta loucura suposta, devido às promessas por nós trocadas… E nunca a minha memória vos traiu esquecendo-vos, senhora dos meus sonhos. Se parti, afastando-me de vós, foi contra a minha vontade.

Soube de vossa viuvez e por isso me atrevo a escrever-vos esta carta, que eu desejaria pudesse ser lida com a tolerância e com a brandura de que vos lembro capaz, entendimento aberto aos meus sentimentos e às minhas crescidas palavras de desvelo e admiração. Tenho consciência dos anos que entretanto passaram, inexoravelmente, mas não creio ter o tempo mudado o carácter de alguém que conheci disposta a escutar e a respeitar o pensamento e os sentimentos alheios.

Do convento de Chelas guardo perturbantes recordações de afectos trocados e de jogos de amor camuflados de recato e inocência, num mesmo insuspeitado abraço.

Quem conseguiria ultrapassar o talento e a argúcia de Alcipe?

Quem ousaria impedir o seu arrebatamento, aquietando-a, nervos acesos à flor da pele?

Mantive-me eu fiel a esta vossa imagem, mesmo quando longe a lembrei em verso e nada mais, porque nada mais me era permitido sequer imaginar, depois de ficar a saber do vosso casamento por uma carta amargurada enviada por Filinto Elísio.

Troçava ele do conde vosso marido, enquanto eu chorava de desgosto por vos ter definitivamente perdido. A partir dessa data apenas me restava a liberdade de continuar a lembrar-vos: olhos de cinza-azulada, cabelos de seda na ponta dos meus dedos a insinuarem-se por entre as grades até vós, esquiva, contentando-me eu com o perfume arrepiado do vosso hálito e a crispada chama de vossos pulsos ardentes; do vosso riso alto e solto, contrariando a contenção do gesto, espiado pela senhora vossa Mãe e pelas freiras por conta da madre abadessa, que por seu lado tinha de prestar contas ao arcebispo de Lacedemónia.

Temo mostrar-me por demais arrebatado para quem partiu para o Brasil há perto de vinte anos, sem na altura vos contar cousa alguma, quando na verdade já então me sentia por vós afastado com frieza distante. Não quis o destino condoer-se de mim serrando as grades do parlatório que tanto nos separaram. Mas por vontade de Pombal outras piores desgraças me esperavam… Acabei fugindo, ao aceitar o lugar de desembargador que me

ofereciam na Bahia. Dez anos mais tarde mandaram-me para Goa, onde permaneci no maior desânimo durante oito anos.

Eis-me finalmente de volta a Lisboa, tentando encontrar motivos de esperança e de felicidade. Por isso vos demando, D. Leonor, permissão para tornar a encontrar-me convosco.

As rosas escarlates que junto a este bilhete transportam consigo a chama da paixão acesa daquele que vos admirará e amará para sempre.

De Vossa Excelência atenciosamente
Sebastião José Ferreira Barroco

Lisboa, 22 de Junho de 1795

†

Convida-o a visitá-la em sua casa.

Quer mostrar-lhe os filhos, as pinturas e os desenhos que entretanto fizera, o amontoado dos versos entretanto escritos, a calmaria dos gestos, a biblioteca vasta, a aparente serenidade do seu escritório; assim não lhe mostrando dela somente os anos que passaram, a expressão melancólica, o sorriso desencantado, a impaciência que os ombros acusam, as rugas finas que começam a marcar-lhe a pele suave.

Leonor tenta reconstituir a imagem que a sua memória teria guardado dele: as feições, os traços, o tom de voz e dos olhos, a tonalidade da tez. Mas apenas lhe lembra as mãos longas e pálidas, as unhas amendoadas, e talvez a tristeza entornada do olhar. Para além do nome aziago, Sebastião José, pelo qual jamais o tratara.

Desconfiada consigo mesma, nervos à flor da pele, coração descompassado, recebe-o vestida de branco com rendas que parecem de espuma, cabelos ondeando nos ombros a descoberto, pulseira de topázios e ametistas no pulso estreito. Debruçada nos livros, mais Alcipe de Filinto Elísio do que ela própria, mas sem grades por trás das quais se defender, nem sonhos por resgatar.

Ou promessas possíveis.

Não encontrando nele o que, ao vê-lo, de súbito recorda: a madeixa negra e rebelde desarrumada na testa, a expressão trocista, os dentes brilhando por entre os lábios, as olheiras fundas, o corpo esbelto que a capa negra, entreabrindo-se, permitia antever na dúbia claridade do parlatório.

Pela primeira vez sozinhos e próximos, fitam-se sem pressa, Ferreira Barroco pálido e de respiração suspensa, Leonor fingindo-se serena e desprendida, a tentar esconder a decepção sentida diante daquele homem trémulo e envelhecido, surgindo de um passado demasiado recente, como para desmentir o jovem ousado com quem chegara a sonhar, doendo-lhe a sua falta quando deixara de comparecer aos outeiros ou às conversas na grade, e em seguida partira a caminho do Brasil sem um aceno de despedimento.

No espelho do olhar dele, ela adivinha-se menos bela, menos audaz e inatingível. Mas, no espelho do olhar dela, quem está reflectido é um homem banal, franzino e grisalho.

Ambos diante da perda: da perdida idealização um do outro.

†

Quando, entre as horas canónicas nocturnas, o convento parece adormecer, Gonçala sai da sua cela guiada pela claridade esvaída da lua, e vai descalça até ao antigo quarto de Leonor, que permanece vazio, para se ir deitar na estreita cama desfeita a buscar no seu colchão e na única coberta dobrada à cabeceira de ferro o perfume do corpo da amiga.

Embrulhada no xaile de lã fraca e esfiapada na bainha, ela treme da febre que de madrugada sempre a consome mas também a liberta, desobrigada pelo médico e dispensada pelo confessor dos terços, das rezas, das tarefas pesadas. Afastada da companhia das monjas, que por seu lado a evitam desde que começara a vomitar sangue, golfadas rubras a mancharem-lhe o hábito, o véu, a sujarem o chão da capela ou a toalha alva da comprida mesa do refeitório que entretanto deixara de frequentar. Desse modo pode

dar-se ao luxo de se ir extinguindo devagar, sem que os outros se apercebam.

«Estou a morrer e ninguém dá por isso» – costuma pensar com alguma amargura, mas também com alívio.

Entretanto Leonor deixara de comparecer à grade.

No começo, Gonçala ainda lhe escrevera, ainda se queixara, ainda lhe pedira que a visitasse, viesse até ela a fim de a salvar ou de ajudá-la a perder-se… qual a diferença? Perdida está ela, sentenciada pela boca do físico, e isso até lhe dá – que triste! – um certo prazer mórbido onde de bom grado se afunda.

De bruços na enxerga fria, acaba por adormecer delirando, e nesse desvario julga conseguir por fim trocar o cheiro a bafio e a bolor das humidades de um inverno impiedoso, que ali parece baixar todos os rigores, pelo perfume a rosas e nardos. E quando os primeiros alvores do dia tingem o céu regressa deslizando e cambaleante à sua cela. Como uma fantasma – pensa –, lembrando-se daquela frase que Leonor mandara por carta a seu pai, e ela jamais esquecera: «A virtude é um fantasma nestes sítios.»

†

Pressionada por Catarina de Lencastre, envolvida por Joana Isabel Forjaz, convencida pelos argumentos razoáveis da Princesa Maria Francisca Benedita, aconselhada por Teresa de Mello Breyner e por Pedro, mas também para fazer frente ao Pai que é contra a decisão dela, Leonor acaba por abrir a porta da sua casa às quintas-feiras, propondo-se receber os melhores nomes da ciência e das artes.

Os sábios – diz-se. Sobretudo os poetas.

Pina Manique, alertado pela desconfiança, volta a mandar os habituais esbirros seguirem-lhe os passos. E quando chega a noite da primeira assembleia, o Intendente-Geral da Polícia manda tomar nota dos nomes dos frequentadores, seus títulos de nobreza quando existam, da hora de chegada e partida de cada um. Enquanto, na sua sege, espia pela nesga

entreaberta da pequena cortina de seda malva que os dedos enluvados de preto erguem um tudo-nada, com curiosidade comedida.

Primeiro chega sozinha Catarina de Lencastre, logo depois Curvo Semedo, Joana Isabel Forjaz, Nicolau Tolentino e a condessa de Soure. Logo em seguida Pedro de Alorna, que viera na véspera de Évora para tentar ser recebido pelo ministro de Estado. E mais tarde o duque de Lafões e sua mulher Henriqueta de Meneses, o conde de Ega, Francisco Bingre, Sebastião Ferreira Barroco e por fim a condessa de Lumiares e Mariana de Arriaga.

Mas é quando vê Freire de Andrade apear-se da sua sege que o Intendente-Geral se agita. Será, no entanto, a chegada de William Beckford que o fará abrir a portinhola do carro e sair embuçado, querendo ver mais de perto o bulício em redor da casa daquela que ele considera uma perigosa conspiradora jacobina.

†

CADERNO

Torno algumas vezes à leitura de Christoph Martin Wieland, e apesar de algumas composições dele ainda me encantarem, não posso deixar de me aperceber da pouca importância da sua obra se comparada com a de Goethe ou de Schiller.

Estes são já o vento da mudança.

Da ousadia.

Da vontade incontida de querer chegar mais e mais longe.

Apesar de tudo começo a traduzir *Oberon*, que continuo a amar, identificando-me com o espírito de alguns destes versos construídos entre uma certa avidez – infelizmente logo mitigada – e um certo alvoroço.

«Eu monto, eu corro, eu vou da antiguidade
Visitar os românticos países»…

Tenho o gosto de partir, através da imaginação e do sonho, a galgar distâncias sentada na minha sala de trabalho, tentando vencer os dragões da insónia.

Lisboa, 25 de Agosto de 1795

†

Não manda ensinar as filhas mais velhas a bordar no bastidor.

Nem a fazer renda.

Malha.

Tapeçaria.

Nenhum trabalho de agulha e roca, de fio ou de fiar, ou mesmo de corte e costura, a estilhaçar o sonho. «Coisas de partir», escreverá dois séculos mais tarde outra poetisa…

Prefere dar-lhes a ler filósofos franceses e poetas alemães, que tanto admira. Falar-lhes de Voltaire, de Goethe, de Schiller, mas também de Homero e de Camões, de Hildegarda de Bingen, de Christine de Pizan e de Teresa de Ávila.

Fala-lhes da importância da ciência e faz-lhes o elogio da razão, enquanto o coração se desacerta no seu peito em sobressalto e o pensamento voa para longe, incerto, perdendo-se no trajecto, impaciente e arredio,

contradizendo as próprias asas.

†

Leonor da Câmara olha a tia com curiosidade, mas encara as primas com evidente desagrado.

É um rapariga metida consigo, fechada, rigorosa e severa, com fraca apetência para as coisas do espírito, embora sendo piedosa em demasia

para a sua pouca idade, agindo com uma rigidez de adulta, como se quisesse a todo o custo afastar de si a tentação, o regozijo e o pecado.

Aceita a tristeza e o olhar desfocado de Leonor Benedita, assim como a apatia de Henriqueta, mas repele a galanteria e o riso solto de Juliana, ou mesmo a mordacidade de Frederica e o seu gosto pela vida. O que ela mais detesta, no entanto, é a alegria esfuziante de Luiza, a fazer-lhe recordar por contraste a própria infância de menina órfã, guardando a todo o custo uma persistente imagem materna, que lhe dá a ver uma mulher à beira da morte, sofrida e sonhadora.

Portanto, se por um lado a atrai o que na tia lhe lembra a mãe, por outro lado essa parecença entre Leonor e Maria afasta-a, fá-la recuar, desviar os olhos, a impedi-la de frequentar mais a casa da Rua da Boa Morte. Já o irmão, de quem ela cuida e educa como se fosse mulher feita, adora a tia e as primas; menino magoado a crescer num ambiente solitário e triste, o convívio com elas mitiga-lhe a carência de afectos.

Mas Leonor da Câmara sabe como fazer para que a sua influência sobre ele não esmoreça, enquanto vai tecendo as malhas do poder sobre aqueles que lhe estão próximos.

Expulsando o sonho e a imaginação da vida de ambos.

†

Pina Manique nunca gostou do abade Correia da Serra. Desconfia dos seus conhecimentos, dos seus estudos, das suas leituras, da sua posição política.

Suspeita da sua inteligência.

Das suas ligações com a Maçonaria e a França.

Portanto, ao escutar os boatos que circulam em Lisboa sobre a entrada clandestina em Portugal do célebre naturalista francês Pierre Marie Auguste Boussonet, fugido do seu país no seguimento da perseguição movida aos girondinos, manda os seus espiões irem atrás do abade, do duque de Lafões, de Freire de Andrade, também da condessa de Oeynhausen e de seu irmão o jovem marquês de Alorna. Todos eles por

demais afrancesados, ousados e revoltosos, trazendo no pensamento e nas atitudes as Luzes que desde o início iluminaram e moveram a revolução francesa.

Quando lhe entregam um relatório segundo o qual o abade provavelmente escondera em sua casa o naturalista, o Intendente-Geral da Polícia vai falar com o ministro dos Negócios Estrangeiros, Luís Pinto de Sousa Coutinho, que a contragosto acaba por concordar com a sua proposta de intensificar as averiguações antes que o caso se torne um problema diplomático.

Pina Manique redobra os cuidados no que diz respeito à investigação, aumenta o número dos seus homens, mas chama a si o fulcro da inquirição, indo muito além deles: dá especial atenção aos rumores, escuta as conversas da Corte tentando entender-lhes os segundos sentidos, vistoria à sua volta com olhar de águia, vigia com minuciosa diligência as movimentações na Academia Real das Ciências, regista os nomes daqueles que a frequentam com maior assiduidade; e embora sem obter nenhum indício especialmente comprometedor, a sua intuição diz-lhe ser o abade Correia da Serra quem mantém escondido Boussonet, e acaba por mandar os seus sicários revistarem-lhe a casa. Mas, para seu desespero, encontram-na vazia e sem sinal de que por lá tenha passado alguém que não seja o conhecido secretário da Academia.

†

Naquele final de verão indeciso entre a aragem fria e as vagas de calor, na companhia das suas damas, camareiras, açafatas e as anãs da corte a que a Rainha sua sogra é mais apegada, a Princesa Carlota Joaquina vai passar alguns dias à Real Quinta de Caxias: tão perto do mar que por vezes se escuta o húmido murmurejar das ondas, e um forte cheiro a maresia desliza por entre a cerrada vegetação, a contornar os arbustos, as alamedas de faias e os canteiros dos lírios, indo misturar-se ao rumor das fontes e ao tranquilo espelho de cristal dos lagos.

Rodeada pelas infantas, damas indecisas, fidalgas e fidalgos dolentes que a enleiam de ociosidade, a Princesa do Brasil estende-se com a sua Corte à sombra das latadas das rosas ou das árvores afagosas, e enquanto aguardam que as tardes refresquem, vão beberricando malvasia e licor de medronho, ou então limonadas amargas. A camareira-mor, D. Juliana Xavier Botelho, manda que tragam os sorvetes, e mais tarde o espumante, tingido pelo crepúsculo no cristal das taças, ao som de malaguenhas e de madrigais, de modinhas brasileiras e da lânguida guitarra portuguesa.

Durante as entornadas horas de queimor, Leonor prefere abrigar-se no fresco da biblioteca a procurar nas estantes altas as obras que desconhece, ou aproveitando para regressar aos seus autores preferidos, que retoma com o entusiasmo da primeira leitura. Pela janela entreaberta chega-lhe o zunido do calor e o entontecedor perfume das alfarrobas, a misturar-se ao odor pesado e farto das laranjas doces e demasiado maduras, caídas no chão do laranjal ali perto. Mas, nos saraus nocturnos, a Princesa Real não se priva da sua companhia e, mesmo quando há baile, manda interromper os músicos

para ela recitar os seus versos.

†

D. Maria recupera devagar dos seus ataques, exausta como se tivesse guerreado com os demónios que por vezes vê comparecerem junto de si.

– Arredem! Arredem! – grita, atemorizando o Palácio de Queluz; depois aparece cambaleando à porta dos seus aposentos, branca de medo, os dedos entrelaçados no rosário de rubis e opalas que lhe dera o marido, seu tio, antes de morrer. Ordena que lhe tragam o filho, a nora, o confessor, de quem se rodeia, embora desconfiando de cada um deles. As aias e as açafatas correm a cumprir-lhe a ordem, assustadas com a lividez da face e a voz obscura.

A Rainha sabe sofrer de um mal ensimesmado, que os físicos da Corte não entendem, não diagnosticam, não curam, atestando-lhe uma demência de que não padece. «Só se eu tiver enlouquecido de tristeza e solidão» –

pensa com uma lucidez aturdida, debilitada pelas sangrias a que é sujeita cada vez que desmaia, fazendo com que ela desfaleça ainda mais, e mais mergulhe numa melancolia irremediável.

†

Sentada a um canto recolhido do salão, a belíssima condessa de Soure, alheada do que se passa à sua roda, a mão direita a amarfanhar a seda esmeralda do vestido e a esquerda detendo o movimento do leque marfinado, parece apenas atenta a cada verso que Leonor recita. Entre os seus lábios vermelhos e húmidos, aflora a língua aguda, sedenta e ávida, a condizer com a intensidade imprudente do olhar cor de violeta, expondo já o que imagina continuar oculto.

De todos os presentes suspensos das palavras de Leonor, apenas Mariana de Arriaga dá conta, intrigada, da perturbação da jovem condessa, guardando no entanto para si o que antevira. Mas ao recolher bastante tarde aos seus aposentos, passo rápido a deslizar sem ruído pelos solitários corredores atapetados de Arraiolos do Palácio de Queluz, apercebe-se de um curto gemido entrecortado, um sufocar de desejo ou suspiro de anseio, soluço de arrulho reprimido.

Assustada, pára e encosta-se à parede, esgueirando-se na penumbra envolta no xaile azul-cobalto, respiração suspensa, atenta como uma fera ameaçada. E só por isso se apercebe do par abraçado e meio oculto pela espessura aveludada de um cortinado, mesmo este não mais do que sombra no escuro, junto do qual um dos vultos se debate para ceder de seguida, resvalando numa espécie de desmaio que o outro vulto colhe e aperta ao peito, boca invisível a beber o que a sede exige, lhe é entregue e logo retirado, para de novo se dar, ambos vorazes, capuz da capa negra de súbito caído, permitindo-se mostrar uns cabelos ondulando dourados e soltos à luz mortiça das poucas velas espalhadas pela vastidão da galeria.

Uma mulher – percebe Mariana –, não lhe distinguindo senão os cabelos e mesmo assim intuindo quem seja, a vê-la entregar-se em arroubo a alguém que a volta, a vira, e de frente a encosta à parede, se inclina sobre

ela subindo-a pelas ilhargas, pernas longas onde entrelaça as suas enquanto se curva, a lamber-lhe devagar a humidade da nuca.

Incrédula, a dama de honor da Rainha estremece sem contudo baixar o olhar, tão fixo como o de um lince: a reparar no modo como ele se aproxima mais, a tocá-la, a roçá-la, num resvalo demorado pelas suas costas até ao fuso cingido da cintura, para depois afastá-la de si, abrir-lhe os braços e estendê-los até parecerem ficar pregados na parede como numa cruz, enquanto ele lhe sobe a capa e arregaça a saia de seda do vestido à mistura com os saiotes, a morder-lhe os ombros já despidos da camisinha de cambraia, o dorso livre do espartilho, com os atilhos e os nós quebrados, deslaçados.

Mariana escuta as respirações ofegantes e febris, o barulho de tecidos que se esgarçam, rasgam, se entreabrem e fendem sob a pressão implacável dos dedos, que na pressa afagam e magoam, desejando chegar-lhe à pele macia e tépida, ao nu do corpo dela, entrando, esgueirando-se, indo até onde conseguem chegar, mais dentro, mais longe, mais fundo, pelos atalhos da nudez.

É então que a mulher entorna a cabeça para trás, deixando a descoberto a garganta vulnerável, como se a ofertasse à boca voraz que a aceita, e o vulto dele novamente se inclina, aparentando mordê-la, bebê-la, a sugar-lhe o sangue pelos golpes mínimos que a lâmina dos seus dentes abriram no pescoço iridescente, de tão pálido na escuridade, como uma haste de lua.

Um arrepio de medo tolhe por segundos a dama de honor, que instintivamente recua a ocultar-se para lá da curva do corredor, de onde continua a espiá-los sem ser vista. No entanto, parecendo adivinhá-la, escutá-la, eles param: desenlaçam-se, silenciam os gemidos, cortam os laços que entre os dois o desejo dera, e hirtos, desconfiados, soltam-se. Ele, levando a mão ao punho da espada, desaparece por entre a neblina que entretanto em torno de ambos se levantara do nada. Por seu lado, ela apanha a capa do chão onde se enrodilhara como uma mancha mais opaca no negrume e, astuciosa, embrulha-se nela, a tornar-se de novo apenas

vulto irreconhecível. E ágil, azada, rápida como um animal selvagem, mostra as suas longas garras em riste.

Assombrada, Mariana de Arriaga julga vê-la fixar em si um alucinado olhar azul-violeta, tão brilhante que, na cerração do corredor, só poderá advir da própria ardência; e numa espécie de crepitar de asas, evapora-se no ar. Não sem antes se virar, levitando, e nessa espécie de dança, de volteio, por um brevíssimo segundo, descobrir a ponta da cauda de um vestido de seda verde que à escassa e trémula claridade das velas afigura ser de esmeralda-viva.

†

O primeiro-ministro escuta num dos salões do Palácio de Queluz um estranho diálogo entre Freire de Andrade e o conde novo de Alorna que, vindo de férias passadas em Almeirim com a família, antes de partir de volta a Évora, fora ao Paço prestar homenagem à Rainha:

– Hoje à tarde, à hora de sempre, ele estará à nossa espera na mesma sala dos fundos da Academia… – murmura Pedro de Alorna.

– Lá estarei sem falta. A tua irmã vai estar presente? – retorque, indagador, Freire de Andrade. O camarada de armas confirma com um aceno.

Anteriormente alertado por Pina Manique para a presença de um naturista francês, clandestinamente abrigado em Lisboa ao que parece pelo abade Correia da Serra, o ministro de Estado não pôde deixar de ligar essa informação ao ajuste sigiloso do estranho encontro marcado para uma academia, que tudo leva a crer tratar-se da própria Academia Real das Ciências.

Alarmado, hesita entre mandar chamar o Intendente-Geral da Polícia para lhe dar conta do que acaba de ouvir, ou procurar o duque de Lafões, amigo de tantos anos apesar da divergência de ideias, e dizer-lhe da sua forte desconfiança, alertando-o para a perigosa situação em que está a ser colocada a Academia de que D. Maria tanto se orgulha.

Dividido entre estes dois homens poderosos, opta por falar primeiro com o duque de Lafões, seu par.

†

Henriqueta de Alorna conta e reconta os dias pelos dedos, com medo de errar, mas chega sempre à mesma conclusão vertiginosa: o período está atrasado duas semanas.

No entanto fica calada, cuidando em não falar do que se passa a ninguém, sobretudo ao marido, temendo que de um momento para o outro as saias lhe apareçam manchadas com o vermelho rutilante do rubi, que é a cor do fim do atraso das regras, ou o vermelho-escuro das cerejas pretas, que é o tom dos desmanchos.

Sente-se como se atravessasse uma ponte instável, entre a margem da satisfação e a da descrença, passando do riso às lágrimas com uma facilidade sem fronteira. Habituado ao seu apaziguamento desbotado, alheado, Pedro olha-a surpreso, incapaz de lhe compreender os destemperos inusuais, as súbitas mudanças de humor, os desacertos sem motivo.

E não encontrando causa para aquele descontrolo, desconfia.

Henriqueta, porém, conhecedora do seu desamor, do seu desinteresse por ela, mas sabendo da sua vontade de ter um filho, prefere guardar para si as esperanças e os anseios: ora presa de uma alegria nervosa e esfuziante, ora tomada por um desencanto longo e sem medida. Ora dormindo num sono longo e pesado, ora acordando a meio da madrugada, ansiosa, a levantar as cobertas para examinar a brancura do lençol de baixo, erguendo a camisa de noite e levando os dedos às partes íntimas, para os retirar de imediato, olhar suspeitoso, o coração a desandar no peito, e logo jubilosa ao dar-se conta de não haver nenhum rasto de sangue. De manhã cedo passa a dar conta das náuseas, dos vómitos e das tonturas que a acompanham o resto do dia, à mistura com um sono pesado, irresistível. E ao examinar o corpo, apercebe-se do tom mórbido da auréola do bico dos seios, maiores e doridos.

Por altura do Natal Pedro resolve ir a Lisboa e Henriqueta, com o pretexto de visitar o pai doente, acompanha-o. Na verdade, precisa de conversar com Leonor: a cunhada, melhor do que ninguém, saberá indicar-lhe um médico a quem consultar em segredo.

†

Mariana de Arriaga procura com os olhos a condessa de Soure, que só chega com as sombras do entardecer. Fita-a com curiosidade, a dar-se conta das olheiras pisadas, da extrema palidez do belo rosto macerado, mas também do olhar cintilante, que não baixa ao encontrar-se com o seu, ardente e febril, cruel e irónico, encarando-a como se a desafiasse.

A dama de honor da Rainha estremece ao reparar no vermelho intenso dos seus lábios húmidos e, ao vê-la aproximar-se, instintivamente recua. Mas ao passar por ela a condessa apenas acena ao de leve com um sorriso trocista, seguindo com uma elegância esquiva como se levitasse, até parar diante da Princesa Real, rodeada por jovens fidalgas e açafatas, tendo duas anãs negras a seus pés descalços.

Ao inclinar-se numa graciosa vénia diante de D. Carlota Joaquina, a condessa estende os longos dedos lívidos perlados de rubis, para ir colher-lhe a mão esquerda pousada a repousar no regaço de seda, e desce até ela a boca ávida, que deslizando acaba por se deter no sítio mais recôndito e vulnerável do seu pulso nervoso, no exacto momento em que o sol desaparece, a afogar-se nas águas do Tejo.

Encandeada pelos últimos fulgores do poente, Mariana de Arriaga, por um breve segundo, julga distinguir em contraluz o vulto de um grande pássaro de asas recolhidas, curvado e sôfrego, sobre o lânguido corpo em abandono da Princesa do Brasil.

†

Embuçado com a ponta da capa negra, chapéu de abas tombadas a cobrir-lhe as feições, o Intendente-Geral da Polícia dissimula-se na

esquina próxima do edifício da Academia Real das Ciências, onde vê entrar a condessa de Oeynhausen, acompanhada pelo irmão Pedro de Alorna, a uma hora demasiado tardia para irem assistir a palestras ou debates que a ele sempre enfastiam e afastam.

«Eis uma mulher perigosa!» – pensa com desconfiança, sem deixar de dar conta da sua elegância e donaire. E Pina Manique estremece quando em seguida se apercebe da chegada de Freire de Andrade e, momentos depois, do conde de Pombeiro, que antes de desaparecerem pela grande porta meio encostada da Academia dialogam com animação.

O Intendente tenta inutilmente ler-lhes nos lábios o que dizem, imaginando estar diante de uma maquinação da Maçonaria importada do estrangeiro e que pelos vistos encontra em Portugal o maior eco, o que poderá levar o país ao mesmo terror que continua a assolar a França. E misturando no seu delírio jacobinos com girondinos no mesmo plano diabólico, Pina Manique entende caber a ele desmascará-los e prendê-los, antes que maiores desgraças aconteçam.

†

DIÁRIO

Era inevitável! Pina Manique acaba por descobrir que, com o conhecimento do duque de Lafões, o abade Correia da Serra esconde Boussonet na Academia Real das Ciências. Consta mesmo ter já mandado passar as ordens de prisão contra ambos.

Vai ser preciso fazê-los sair de Portugal antes disso.

Para quando a liberdade de pensamento?

Lisboa, Dezembro de 1795

†

O abade Correia da Serra olha em torno do seu gabinete com antecipada saudade. Demora o olhar nas estantes cobertas de livros, nas gravuras de Domingos António de Sequeira, no quadro pintado por Fuschini e ofertado por este há menos de um ano.

Na parede forrada a papel listrado a ouro, já perto da grande secretária de mogno, está pendurado o retrato do duque de Lafões, querido amigo que se vê obrigado a deixar. Acima de tudo lamenta ter de abandonar o seu convívio e o sonho que os dois continuam a alimentar: a Academia Real das Ciências imaginada como pedra de fulgor e do conhecimento, seguindo a claridade das Luzes. Construída com o esforço de quem acredita naquilo que em Portugal continua a parecer uma tarefa impossível: um pensamento e uma cultura próprias, modernas, a fazerem-se visíveis.

*«Filosofice*s*»* – sabe ter comentado no início Pina Manique, com desprezo mas sem deixar de estar alerta no comando dos seus sicários refeces, «moscas» esvoaçando em torno da própria ignorância. A inventar sombras onde sobra a claridade, mandando-o seguir, abrindo-lhe a correspondência, retendo-lhe os livros que chegavam de França, interrogando-o a respeito de relações que o Intendente da Polícia está convicto ele ter com a Maçonaria e com os perigosos revolucionários franceses que, segundo Manique, ameaçam a independência do Reino.

Fingindo aconselhar-lhe prudência, conjectura ir encontrar na Academia o desacato ou, pior do que isso, a traição à Rainha doente, num Portugal que o indeciso Príncipe D. João dificilmente conseguirá governar. Mas com a súbita chegada clandestina de Boussonet que, com a conivência do duque de Lafões, acabara por esconder nas instalações da Academia, tudo se precipitou a encaminhá-los para um inevitável ponto de ruptura: o mandado de captura contra ele e Boussonet, mandado passar por Pina Manique.

O abade Correia da Serra deixa-se ficar sentado um pouco mais, atrasando a hora da partida para o exílio na companhia do botânico francês: de Lisboa ao Algarve, daí a Gibraltar e de lá a embarcar já sozinho para Inglaterra. E lembra-se do que lhe contaram sobre o sentimento de amargor daqueles que se vêem empurrados para fora da pátria.

À sua frente está a secretária agora nua. Num gesto de impotência e desamparo descansa as palmas das mãos abertas nos braços da cadeira de cerejeira, na qual se reclina para trás, cabeça encostada no espaldar largo e alto, como se descansasse, quando na verdade, mais do que nunca se encontra atento ao pulsar da casa nos seus mínimos ruídos, mesmo aos que lhe chegam abafados pelos cortinados de brocado, pelos tapetes de lã escarlate e fio carmesim.

Pela última vez dá conta da terna fragrância das rosas postas nas jarras de porcelana da fábrica do Rato, e também do perfume denso dos bolbos de narcisos e das ervilhas-de-cheiro que crescem nos canteiros debaixo da janela entreaberta, no jardim onde a ameixoeira plantada por ele próprio estará, como gosta de imaginar, a aguardar a sua visita nocturna.

No entanto, o que o abade Correia da Serra pretende sobretudo reter na memória é o cheiro dos livros: odor ligeiramente crespo, um tudo-nada ardido e áspero das encadernações antigas, do papel amarelecido pelos anos e adelgaçado pelo perpassar dos dedos.

Do pátio recolhido no escuro espesso da noite, porém, chega-lhe a voz alterada do cocheiro impaciente, a vociferar com os machos atrelados à berlinda que os espera. Ergue-se por fim, mas tão relutante e lento que quase parece continuar imóvel. Com dificuldade veste o guarda-pó pousado no canapé à entrada, e ao chegar à porta vira-se em jeito de dolorosa despedida, e num sobressalto dirige-se a uma das estantes de onde retira, para levar consigo, o pequeno volume dos sonetos de Camões.

Pela primeira vez o seu olhar vacila.

†

ANGELUS

Este é o lugar do coração, onde confluem e se misturam as águas dos oceanos e dos rios, matiz urdido ou entretecido pelos nós da chuva e das pérolas das lágrimas. Movida, porém, pelas paixões refulgentes e incendiadas que constantemente negas, embora tanto as queiras em silêncio.

Sempre tão excessiva e tão demasiada.

Simulando brumas e enigmas pelo teu próprio avesso, a tentares defender-te de ti mesma. Por ti eu desdenho a penumbra dos quartos, a morbidez das salas, a turpitude das grutas onde se abrigam aqueles que apenas conhecem ou se empenham nas trevas, na desdita, nos ditames da má sorte. Empenhados em ignorarem a luminosidade, a força e a argúcia das Luzes com as quais te constróis e fazes, em ânsia feminina de estudo e de conhecimento. Atitude escarnecida mesmo por aqueles que manejam a pena.

Preteridos na tua vida e substituídos pelos arcanjos da poesia.

Mas os anjos usam as suas espadas sem comiseração, sem compaixão.

Falando-te com as suas vozes arcaicas.

Estremeço quando penso em Joana d’Arc, a quem de certo modo te assemelhas na determinação e na imprudência; eu próprio escuto as vozes de Joana quando tu as sussurras a ti mesma, tão baixo, que na comissura dos teus lábios elas mais parecem da natureza da bruma e da brisa frágil.

Desacertado suspiro.

«A poesia salva-me» – asseguras por vezes nas assembleias da tua casa, a antecipares pensamentos e palavras de poetisas do futuro; fenda por onde me insinuo como um mergulhador das profundidades, a querer encontrar a fissura por onde se escapa o tempo a misturar as épocas.

Tentando não te levantar suspeitas.

Ou seja, sem deixar de ser sombra. Mais olhar do que presença, a permanecer vulto; invisível tanto para o teu olhar como para aqueles que te seguem por motivos contrários aos meus.

Querendo iludir diante de ti a minha corporalidade simulo-me, apesar de tanto desejar um meio de comunicar contigo, minha rainha. A confessar-te, a perguntar-te: conseguirá um desconhecido entrar onde não pode nem almeja ser visto? Embora seguir-te seja para mim uma arte, um prazer ermo, escuso e inconfessável, um gosto febril, amável mas amargo.

Tu, minha intocável, tu minha adorável e incomparável; sinto-me um estrangeiro no teu mundo rendado de versos da tua arte poética, lugar do meu exílio, onde de bom grado vivo a evitar-te buscando-te na total entrega.

Sem te aparecer mais do que na verdade existo.

A desejar-te, a imaginar despir-te, a defender-te de mim mesmo.

†

É Nicolau Tolentino quem leva de novo Bocage até Leonor, ao comparecer com ele numa das suas assembleias, desse modo cumprindo a promessa feita a Catarina: conseguir o reencontro do poeta amigo dele com a poetisa amiga dela, num retomar de entendimento seguro, estreita amizade e admiração mútua, que até à morte de Bocage haverá de ser perfeita, apesar das divergências de gostos e caracteres; numa mistura de versos, de vertigens e estados de alma, de confidências e de desabafos, de constâncias e lealdades.

Ele jamais cedendo na sua rebeldia, na sua intemperança arrebatada, ela mantendo uma sinuosidade que lhe serve para ir contornando os escolhos apresentados pela vida, mais culta e inteligente do que a maioria dos seus pares, impondo-se quando os quer despedaçar, com argumentos poéticos ou filosóficos, sem jamais permitir que invoquem a sua condição feminina quando o objectivo disso é limitarem, segregarem, humilharem as mulheres.

Vendo-a risonha e hábil no manejo do linguajar, grácil no diálogo que trava com quem a rodeia, Bocage julga encontrá-la igual a antes mas, demorando-se a olhá-la, descobre haver um delicado véu de desencanto a toldar-lhe o brilho do olhar claro e traços de amargura que começam a retirar o viço do contorno ainda liso dos seus lábios entreabertos, suspensa do soneto que ele vai recitando enquanto caminham pelas estreitas áleas dos jardins da casa da Boa Morte, onde o luar desce na vã tentativa de atenuar as marcas das máculas, as cicatrizes das feridas, as sombras da melancolia de cada um deles; ao mesmo tempo deslindando sentimentos adormentados nos corações mal aquietados de ambos.

Detectando-lhe o olhar expectante, ela reage escapando para dentro de casa, a reclamar de Catarina a atenção para Bocage, que ela acabara de deixar sozinho. No entanto, de entre todos os que emprestam brilho às suas assembleias, Leonor distingue-o, apesar de o ver por vezes incomodado com a futilidade que julga detectar nos debates e nas discussões acesas. Ora intrometendo-se para com ironia deitar tudo a perder, ora recolhendo-se no escuro dos cantos, onde não chega a doentia luz das velas dos lustres e dos candelabros.

Nem mesmo Nicolau Tolentino ou Joaquim Bingre nesses momentos conseguem convencê-lo a brilhar, apesar de Bocage possuir todas as condições para isso. E quando pressionado, acaba por atacar todos a torto e a direito, afirmando sentir-se superior a cada um deles, ou por confessar-se deslocado nos salões da nobreza, onde se reconhece canhestro, grotesco e grosseiro.

No entanto volta sempre, demorando-se a escutar as árias de David Peres, as oratórias, as serenatas, as fugas de Bach, os concertos para piano de Mozart. Serões musicais que Leonor tanto preza, embora nunca prescinda dos versos, das palavras, da opinião dos poetas que, segundo ela, «*fazem florescer a inteligência e o espírito, tornando mais raras as irritabilidades, as agressividades que adoecem os nervos*».

†

Leonor foi procurar Teresa à grade do convento de Santos no começo de Janeiro do novo ano de mil setecentos e noventa e seis, para o qual já tem tantos planos. E nem indagando pela saúde da amiga ultimamente doente e débil, pergunta-lhe antes mesmo de se sentar:

– O duque de Lafões, o abade Correia da Serra, o conde de Pombeiro e mesmo Pedro… pertencem à Maçonaria. Já sabias isto?

Sem uma palavra ou sombra de sorriso que lhe amenize a expressão fechada do rosto, Teresa manda-a tomar assento à sua frente, e limita-se a dizer-lhe com uma severidade tranquila:

– Há coisas, Leonor, que não devem ser ditas nem perguntadas, até porque nunca serão respondidas. Além do mais, não quero que tragas até mim a sombra das inquietações exteriores, sobretudo se forem fruto do maldizer e da intriga. Hoje, o trilho da minha vida pertence ao caminho que me levará a Deus, embora teimes em encher-me de notícias.

Sem se importar com a sua retórica, Leonor limita-se a tentar encontrar-lhe o olhar, que tão bem conhece enquanto espelho da alma. Nele deseja discernir o lugar da rachadura, da estreita abertura por onde possa entrar para ir até ao reflexo da amiga e, quem sabe, da sua própria imagem.

Mas apenas encontra a opacidade, uma espécie de névoa a opor-se ao desvendar das ideias, impedindo que as emoções venham debruçar-se à superfície da claridade.

†

Desde vinte e nove de Fevereiro, dia em que a Real Biblioteca Pública da Corte, situada na ala ocidental do Terreiro do Paço, abriu as suas portas, Leonor não consegue tirar do pensamento os mais de sessenta mil volumes que lá parecem esperá-la. Mas quando lhe dizem ser António Ribeiro dos Santos o bibliotecário-mor, perde a esperança de a frequentar sem luta, sem briga.

Está bem lembrada da indiferença com que ele a tratara quando dos outeiros do convento de Chelas. Ironizando ou mesmo criticando causticamente os seus versos, ridicularizando o seu talento e ousadia.

Como na carta então enviada a frei Alexandre da Silva, falando a respeito dela enquanto poetisa: «*A cada verso espera os meus aplausos; eu não os posso dar a todos, e não os sei dar a nenhum; canso-me quando os louvo, canso-me quando os não gabo; e no fim de tudo saio mais moído do que salada e venho para minha casa doente para dois meses.*»

Leonor também não esqueceu o escândalo levantado pela sua tentativa de forçar as portas da Real Biblioteca Pública de Viena. Só que essas recordações em vez de a desmoralizarem, de a fazerem hesitar ou desistir, acentuam-lhe a curiosidade, acicatam-lhe a necessidade de alcançar e ler cada um dos sessenta mil volumes alinhados nas suas prateleiras.

E só de imaginá-los sente à sua volta o perturbador cheiro a madeira nova das estantes, à mistura com o odor crepitante do papel envelhecido.

†

– A senhora Condessa de Oeynhausen, que eu saiba, é a primeira dama a pretender frequentar uma biblioteca pública…

– Nem tanto, senhor desembargador António Ribeiro dos Santos! Podeis estar ciente de que no mundo muitas outras haverá a quererem acrescentar novas Luzes ao conhecimento que já têm.

– Desculpai-me se teimo em ver como coisa pouco natural uma dama preocupar-se com filosofias e letras, quanto a mim contrariando o destino para o qual a fadou a natureza.

– A vossa opinião, senhor desembargador, não me afecta em absoluto. Como tive ocasião de escrever à Rainha D. Maria há anos atrás: «*Naquilo que me respeita, nunca me pareceu que o estado de mulher me exclua do trabalho de instruir-me*.»

– Nada vindo do espírito de Vossa Excelência consegue causar-me estranheza. Como já ouvi dizer ao Intendente-Geral da Polícia, Pina Manique, a senhora Condessa sempre extrapola.

– Ah! O senhor Intendente-Geral da Polícia pensa isso da minha pessoa? Pois muito folgo em sabê-lo! Espero nunca o desiludir. Mas o motivo que me levou a procurar-vos é outro e bem simples: fui informada que, por ser

mulher, necessito de uma especial autorização vossa, enquanto bibliotecário-mor, para poder consultar a Real Biblioteca Pública da Corte…

– A senhora Condessa terá de perdoar-me, mas não prevêem os rigores do uso da nossa biblioteca semelhantes desejos femininos. E creio não ser muita ousadia da minha parte, perguntar-vos: porque não consultar antes a Real Biblioteca do Palácio de Queluz ou do Palácio de Mafra?

– Porque vivo em Lisboa, senhor desembargador António Ribeiro dos Santos! E também porque jamais me conformarei com o facto de as Luzes continuarem a acender-se apenas para os homens. As bibliotecas públicas não podem excluir seja quem for do uso das suas salas.

– Lamento, mas vou repetir: não está nas minhas mãos acudir ao pedido de Vossa Excelência.

– Podeis estar certo de que tereis de fazê-lo mais breve do que imaginais. Partirei daqui para a Corte a avistar-me com a Princesa Real Carlota Joaquina, para que interceda a meu respeito neste ridículo caso.

– Pois iremos ver, senhora Condessa de Oeynhausen, quem terá mais influência junto do Príncipe D. João: se o Intendente Pina Manique, se a Senhora Princesa do Brasil.

†

A condessa de Lumiares

sente-se fascinada com Leonor de Almeida, tanto quando a escuta nas suas assembleias, como quando a encontra na Corte. Gosta da sua suavidade agressiva, da sua elegância requintada, da sua muita cultura e talento, dos seus arrebatamentos e desmandos, dos seus versos e olhar tumultuado.

Da sua ardência distanciada e arredia.

E quando ela vai queixar-se a D. Maria e à Princesa Real de ter sido impedida pelo bibliotecário-mor, António Ribeiro dos Santos, de entrar na Real Biblioteca Pública da Corte, ambas ficam do seu lado na discussão que logo se propaga até aos próprios ministros, às infantas, aos fidalgos e

às damas presentes, colocados por Leonor diante daquele inusitado caso. Sobretudo por ela continuar a fazer ponto de honra em consultar a biblioteca pública do Terreiro do Paço.

A Rainha mais uma vez toma o partido da sua valida, apoiada pela indignação e a solidariedade de D. Maria Francisca Benedita e da Princesa Carlota Joaquina, que sai disparada em direcção à Sala do Despacho onde sabe encontrar-se o Príncipe D. João seu marido.

A condessa de Lumiares apanha com as mãos pequenas e muito pálidas a saia do vestido vermelho que, ao subir, deixa antever os finos tornozelos das suas pernas esbeltas e, numa revoada de luz e de perfume, corre até onde está Leonor em conversa com Mariana de Arriaga, dizendo num tom de voz comedido mas franco:

– A senhora Condessa de Oeynhausen pode contar com todo o meu apoio. Faço gosto de que Vossa Excelência saiba disso.

E perante o espanto de todos acrescenta no mesmo tom seguro:

– Se D. Leonor não se importar reforçarei com a minha a vossa reclamação, pois também eu faço tenção de passar a frequentar a Real Biblioteca Pública da Corte.

†

Minha condessa portuguesa
Minha amiga Leonor

Nem os anos, o silêncio, a distância matam a amizade.

Nem destroem a recordação de uma tão intensa convivência como a que tivemos em dias tão assustadores como apaixonantes, certas de estarmos a ver construir uma sociedade nova, mais justa e humana; onde a liberdade, também para as mulheres, deixaria de ser um mero sonho.

Mas quanto desse sonho se esboroou entretanto!

Perdeu corpo.

Ganhou peso de loucura.

Théroigne, «la notre belle liégeoise», continua internada numa casa de doidos. Dizem-na perdida. Arrisquei ir vê-la, não me permitiram.

Escrevendo, tento salvar-me do desencanto, da desilusão.

Não sei se conseguirei tanto.

Dê-me a minha amiga um pouco do seu alento, se o tiver e achar que eu o mereço.

Fico, Leonor, aguardando com ansiedade a vossa resposta.

Com aquela sincera amizade
que a memória conserva.

Sophie de Condorcet

Paris, 5 de Abril de 1796

†

Relê as palavras enviadas por Sophie de Condorcet.

Há muito que não lhe escreviam de França. Nenhuma notícia, nenhuma linha íntima, nenhuma mensagem, nem sequer um simples bilhete lhe fora mandado nos últimos anos; como se a sua passagem por Paris no começo da revolução não tivesse sido mais do que fruto do seu imaginário, devaneio ou fantasia, sonho de construção de uma outra vida que não pudera ou soubera aceitar.

Agora tem conhecimento de que Théroigne continua internada e considerada louca, para sempre privada de Luzes e da razão. Quantas mulheres para sempre perdidas! Submetidas à vergasta da violência!

Leonor, tal como Sophie de Condorcet, reconhece que a escrita tem o condão de resguardar, de salvar, encaminhando-a para a perenidade necessária à posteridade pretendida. A fazê-la voar até mais longe e mais alto.

O mundo não lhe basta.

†

Foi a conselho do conde da Barca que a senhora Condessa de Oeynhausen me contratou como preceptor de suas filhas. Especialmente das meninas mais velhas, a perderem-se já em sonhos próprios da idade, o que as leva a querer afastarem-se do estudo, cousa que D. Leonor nunca toleraria, defendendo com convicção ser a ignorância o gérmen, a raiz de todos os defeitos e ignomínias.

– A ignorância pode levar ao crime, mestre Crescentini! – lembra-me sempre que encontra pretexto para isso.

Julgo começar a conhecer melhor as minhas novas alunas: D. Juliana, de inteligência viva e curiosa, mas demasiado interessada em si mesma para prestar atenção às aulas. Apesar de rapariguinha ainda, o seu principal interesse é aprimorar a sedução em que por certo se irá tornar exímia.

Já D. Frederica, pelo contrário, está virada para a vida à sua volta, esquecendo-se de si própria; é uma excelente conversadora, vivaz e divertida. A dificuldade é mantê-la quieta e atenta ao estudo.

D. Leonor Benedita é a mais interessante. Sempre que a mãe se encontra por perto torna-se tímida: emudece, encolhe-se, como se sumisse ou diminuisse, partindo a procurar refúgio na biblioteca da casa, dividindo-se entre Camões, Dante, Horácio, Petrarca.

Sonhando.

A evadir-se, a evitar os livros que a condessa comprou no estrangeiro e que ela, aliás, me garantiu já ter lido, novinha ainda, no escritório do avô. Mostrando-se mais fascinada diante dos volumes vindos de casa de seus outros avós, que D. Brites Fernandes conseguiu salvar das estantes do palácio do Campo Pequeno, antes que Pombal deles se apropriasse, como fizera com as porcelanas, os marfins de Goa, com as lacas, com os cristais e os serviços da Companhia das Índias.

Durante as aulas, são inúmeras as vezes que a apercebo perdida em pensamentos e devaneios, debruçada diante do caderno onde começara um poema; pena entretanto esquecida e seca entre os dedos, tinteiro de prata

aberto à sua frente. E quando finalmente me atrevo a chamá-la, ergue a cabeça, face desmaiada, olhar imenso e perdido.

Esvaziada de tudo.

†

Na Corte saltava-se então com frequência por cima da calmaria e da tranquilidade, trocando-se de bom grado o gosto pelos bailes de gala ou dos saraus na Sala da Música do Palácio de Queluz onde se escutava Gluck, Haydn e Bach, pelas modinhas brasileiras, as malaguenhas, os pasodobles, enquanto a Princesa do Brasil, fingindo-se esquiva, ia na verdade permitindo que os jovens fidalgos fogosos e afoitos se aproximassem em demasia; a cabeleira tão espessa e crespa a soltar-se pelas costas morenas, disfarçando-lhe um dos ombros mais baixo do que o outro devido a uma desastrada queda de cavalo.

Apesar de tudo, havia alguns fins de tarde calmos, passados nos salões de talha e espelhos, por entre as pratas, os jades, as lacas e os marfins; candelabros com velas marfinadas só acesas no final dos crepúsculos dolentes, a que se assistia ao som de tocatas de cravo e cantatas, de pequenos e delicados trechos de harpa hebraica, a estilhaçarem os risos que iam morrendo por trás dos leques e das mãos flutuantes na penumbra das salas, a que só os papagaios do Paço emprestavam alguma cor.

Quando a Princesa Carlota chamava Leonor para declamar poesia, o salão enchia-se, e num silêncio profundo escutavam-na, suspensos das suas palavras, dos seus versos. Prisioneiros do timbre levemente mordido da bela voz cuidada. Por vezes, a Princesa Maria Francisca Benedita, com os seus vestidos de luto e os seus diamantes, acompanhava-a ao saltério, sendo sempre muito aclamadas, até por D. João que fazia questão de mostrar grande apreço pela tia.

Se a Rainha se sentia melhor ia ouvi-las, com um disfarçado e amargoso sorriso triste, dando no fim a mão a beijar a Leonor que, comovida, se inclinava diante dela.

Nos abafados salões do Palácio sufocava-se: cortinados espessos e corridos na inútil tentativa de iludir o negrume das noites, que levaria a perder-se quem quisesse aventurar-se para lá dos jardins, das alamedas das laranjeiras e dos limões doces, do Canal revestido de azulejos. Ultrapassando o Pavilhão Chinês e as jaulas dos bichos, quem sabe se a tentar encontrar o caminho da Matinha, ladeado de zambujeiros e salgueiros-chorões perto da ribeira do Jamor, que se ouvia a correr algures embrulhada pelas névoas das madrugadas embruxadas de uma quente primavera sem estrelas. Mais perigoso ainda seria seguir em frente pelos atalhos onde se cegava de bruma, por entre os eucaliptos e os vidoeiros a ciciarem baixo,

tocados por uma aragem atravessada e ressentida.

†

Por vezes Leonor perde-se nas madrugadas quando, durante as insónias, sai de casa, atravessa as sombras da alameda, abre com cuidado o portão de ferro trabalhado e fecha-o sem ruído atrás de si, a procurar impaciente na cerração da noite o lenitivo para a falha, a fenda, a brecha, a falta.

A fissura que sente cavar-se, a cravar-se nela, a esgarçar-lhe a fundura do peito.

Extinto o incêndio de que se alimenta, ela apaga-se.

Como se corrompesse os nós do seu sangue.

†

Quando chega a sua hora, Henriqueta de Alorna há muito que tem tudo preparado: a cama onde quer parir o filho, a tesoura para cortar as dores, a imagem da Senhora do Bom Parto rodeada pelas suas velas altas no oratório do quarto, os panos de limpar os suores e os sangues, os lençóis de linho, um ramo de arruda debaixo do travesseiro, o búzio e o trevo na mesa-de-cabeceira para afastar os maus espíritos; amuletos e escapulários

em fio de seda entrançados, pendurados entre os seios, para apressar o nascimento.

Manda aprontar também as bacias e os jarros para as águas ferventes, as camisas de muda, e sobre o tampo da cómoda de alçado, num cesto forrado de seda chinesa, colocara ela mesma a camisinha de cambraia, a touca, o cueiro, as fraldas, as faixas para a criança.

Estremece.

Henriqueta estremece, sozinha no silêncio da casa.

Às primeiras contracções que nela se esgueiram rápidas como relâmpagos incandescentes na travessia do corpo, cerra com determinação os lábios finos e secos para não gritar.

Chama a parteira e manda embora Pedro, que não disfarça a ansiedade, nem o desejo de apertar nos braços um filho varão. Por seu lado expectante, D. João de Alorna, seu sogro, aguarda o neto a quem passar o testemunho: nome e brasão.

A esperança da família.

Desde a primeira falta que Henriqueta receia ter uma rapariga a crescer na sua barriga. Como nunca acontecera antes, ela sente-se alguém com valor, apreciada e imprescindível. Portanto, não pode cometer o erro, a insensatez, de parir uma filha!

Possui no entanto a garantia daquela que lhe ensinara a engravidar, de ser um rapaz que porá no mundo. Mas, dissera-lhe também, desviando dos seus os equívocos e turvados olhos amarelos de feiticeira, que em relação a esse filho os astros apresentam uma leitura ruim.

Leonor troçara do seu sobressalto e quisera conhecer aquela estranha mulher que diz chamar-se Lilias Fraser. Nome que ela repete, certa de o conhecer, tentanto encontrar na memória uma pista, um rosto, uma referência, um rasto que a leve até ela. Adivinhando-a recolhida numa história antiga que gostaria de lembrar.

– Não deixes enfaixar a criança! – alertara a cunhada, com o propósito de desviar o próprio pensamento inquieto.

Quando lhe rebentam as águas Henriqueta de Alorna manda-a chamar com urgência, ansiosa que ela chegue, sempre tão conhecedora e diferente. Embora nunca se tenham dado bem, Leonor é a única pessoa que naquele momento deseja a seu lado, a querer sentir-lhe o firme aperto da mão,

a tentar acalmar-lhe a urgência do medo.

†

Esperaram que terminasse o tempo de resguardo de Henriqueta pelo nascimento de João para irem passar o resto do estio a Almeirim.

O marquês de Alorna, que desta vez sai de bom grado da casa de Almada – levando na bagagem um cavalo de pau para dar ao neto recém-nascido – pretende aproveitar aqueles dias para o olhar mais de perto a vê-lo crescer um pouco a seu lado, e falar com o filho sobre o confronto por ele mantido com o governador da província do Alentejo.

Pedro de Alorna, depois de mais uma disputa com o poder militar, em que ficara do lado dos capitães, necessitado de descansar e de ter um tempo de tranquilidade ao lado da família, entregara o comando do seu regimento a um adjunto de confiança. Precisa de repensar a sua vida.

Leonor, em resposta ao apelo do irmão, segue-o com as filhas e o pequeno João Ulrico, animados por deixarem a casa da Rua da Boa Morte. Deles, apenas Juliana, tal como ela mesma, vão desagradadas por abandonarem Lisboa, a caminho de se perderem de novo naquele ermo. A ela fazem-lhe falta os debates, as dicussões, a leitura dos poemas, os convites para os saraus e as assembleias. Os aplausos.

Henriqueta de Alorna, só contrariada sai de junto do berço de João, sem perceber de onde lhe vem aquele pressentimento ruim de perda, de susto, estilhaço de medo enterrado no peito. A fingir ignorar em silêncio o olhar de mau presságio que Josefa lança ao menino enquanto vai murmurando entre dentes…

Uma ladainha, uma arenga, uma prece?

Deitando ou detendo um feitiço?

«Deixa-a, está velha, já não sabe o que diz nem o que faz» – aconselha-a Leonor, apreensiva com a cerração adivinhada no olhar fugidio da mulher de Pedro, não vendo razões convincentes para tamanha aflição. Henriqueta, por seu lado, não encontrando na cunhada eco dos próprios alarmes, distancia-se. E Leonor, sem outra companhia que não sejam os livros e a poesia, refugia-se na leitura, na frescura das amoreiras ou no repouso da mata,

ao pretender ficar mais isolada ainda.

†

As conversas de Leonor com o irmão têm pouca continuidade e rara privacidade, sempre interrompidas pelo pai, desabrido e ríspido em relação a ela, terno e tolerante com tudo o que diga respeito a Pedro, guardando as severidades para a filha que considera insolente e a quem nada desculpa.

Cada um por si, em oposição ao outro.

Ultimamente preocupado com as atitudes do filho, que julga serem impensadas, folhetinescas ou influenciadas por má companhia, D. João aproveita aqueles dias na quinta de Almeirim para manobrar de modo a demorar-se a sós com ele, na tentativa de o conduzir no sentido da prudência e da sensatez. O marquês de Alorna desconfia da amizade de Pedro e de Freire de Andrade, que suspeita estar enfeudado aos princípios da revolução francesa. E quanto mais o filho defende o amigo, mais se mostra desagradado com aquela convivência-conivência, que quanto a si contém todos os motivos para um dia vir a tornar-se nefasta.

Além disso, adivinhando a frieza no relacionamento dele com a mulher, tristonha e apagada, vai tecendo elogios e loas à nora, a quem trata com um desvelo para si mesmo desconhecido. «Dá mais atenção à tua mulher, que é uma santa…» – aconselha, desabrido, ao encontrá-lo um dia em ameno convívio com a irmã. E apercebendo-se do admirado olhar de Leonor Benedita, a escutá-los sem que dessem por isso, envergonha-se do destempero.

†

Leonor Benedita desconhece o avô, que pela primeira vez não lhe dá atenção como é seu hábito. Apesar de mulher feita, custa-lhe vê-lo constantemente a rondar o berço do neto recém-nascido, com uma emoção de sobressalto nele inusitada.

Imaginara que no sossego de Almeirim pudessem retomar o profundo afecto que os unira durante anos, mais pai para ela do que fora avô quando se sentira órfã não o sendo, e desse modo suturando a falta, a falha aberta no seu peito de menina abandonada.

Quem sabe – pensara ela – talvez até conseguisse baixar a guarda e descansar um pouco na sua companhia, abrindo-se como nunca antes, a não ser com a avó entretanto morta; a confessar a D. João as suas insónias, os desafectos, as inseguranças e os receios que continuam a rondá-la, farpa de vidro enterrada na chaga do seu peito.

Mas como se podem dizer as dores das dores?

Explicar as lágrimas quando elas já não correm?

Dizer da rosa começando pelo seu espinho?

Leonor Benedita dá grandes passeios sozinha pelas matas que rodeiam a casa, seguindo o seu itinerário de frescura, tentando mitigar a angústia que nela parece ter feito ninho para sempre. À noite escreve versos em segredo… Eles são o seu sigilo, o seu lenitivo, a sua salvação. No entanto assusta-se ao imaginar que a mãe possa vir de novo a saber dessa sua ousadia, e lhe ralhe como acontecera quando Leonor Benedita era ainda menina e ela lhe encontrara um poema no resguardo do bolso do bibe. Teme sobretudo que a mãe possa julgar que ela quer imitá-la, tentar igualá-la. Aliás, a filha sabe que Leonor de Almeida é inimitável, inigualável, inultrapassável, olhar de metal ardente a queimar-lhe o coração incendiado…

com o seu gelo.

†

DIÁRIO

A carta de Sophie de Condorcet

teve o condão de me desassossegar, a despertar o meu lado aventureiro e insubordinado. Espécie de veneno contra o qual eu julgara ter, entretanto, tomado o antídoto certo.

Enganara-me.

O desamor e o desacerto não conseguiram apagar em mim a chama inquieta, a labareda alta.

Embora a esse fogo eu tenha tentado opor um gelo imenso.

Almeirim, Setembro de 1796

†

Antes de sair de Lisboa, Leonor tinha ido despedir-se de Catarina à sua casa na Luz. E no aconchego da sala onde ela trabalha, desabafara sobre o sacrifício que para si representava tornar à quinta de Almeirim, agora que se desabituara do silêncio e da solidão dos vales, dos quais a si mesma prometera distância.

Finalmente deixara-se entusiasmar pelas assembleias onde sempre é desejada e faz sucesso, para não falar daquelas que promove na própria casa às quintas-feiras, tal como madame Necker, embora reconhecendo as distâncias entre um salão e outro, a maravilhar-se ainda com o convívio e os debates a que nas suas salas assistira e partilhara com Marmontel, Buffon, Germaine de Staël, Filinto Elísio… Ou, mais fascinante ainda, o salão filosófico de Sophie de Condorcet no Hotel des Monnaies, onde estivera com Théroigne, Olympe de Gouges, e conhecera tantos dos filósofos das Luzes.

Catarina escutara-a numa crescente admiração pela amiga, que habilmente relata o que soubera tirar dessa tão rara aprendizagem da vida. E já com saudades uma da outra abraçaram-se, como se fossem separar-se durante anos. Prometendo então Catarina escrever-lhe todos os dias, e Leonor plantar uma árvore em seu nome: um freixo em honra de Natércia.

Nem uma nem a outra cumpriram. Mas somente quando está prestes a voltar para Lisboa se dá conta das faltas de ambas. Parece-lhe no entanto pior o incumprimento do seu voto, pois dá-lhe a ver quanto anda perdida em si mesma, afastada dos outros: a aridez, o deserto em que se vai tornando a sua vida.

Quando nessa noite recolhe ao quarto, senta-se à escrivaninha de pau-santo, mas em vez de uma carta para Catarina começa a escrever-lhe um longo poema.

Uma epístola.

«Natércia, já te não lembra
Uma amiga solitária
Que vegeta nestas selvas,
Ou luta co' a sorte vária?
Sabes como passo os dias
Sem te ouvir e sem te ver?
Se as Parcas me não acabam
É que têm mais que fazer.»

Habilidosamente, virando a culpa pelo avesso, numa espécie de lamento comedido.

†

A primeira vez que Leonor vai ao beija-mão ao Paço depois do verão passado fora de Lisboa, a Princesa Carlota Joaquina olha-a demoradamente com especial suspeição, jeito torcido na comissura dos lábios delgados.

A seus pés, sentada numa pequena esteira, Eugénia de Meneses, neta do marquês de Marialva, que apoia numa almofada de *shantung* o braço esquerdo desnudado onde dança uma escrava de ouro, interrompe a modinha triste que cantava e sorri-lhe com delicadeza e clara admiração no fitar ligeiro embora dorido; como quem trava o sentir de uma demorada e aguda dor na escavação do peito, sítio onde se lhe aninha agora um coração amargurado.

Leonor, que muito ouvira falar do amor recolhido de Eugénia por William Beckford, aproxima-se dela mais tarde por curiosidade, tendo como pretexto elogiar-lhe o timbre melodioso da voz. Eugénia de Meneses agradece-lhe, louvando-lhe os versos que a tem ouvido declamar em saraus da Corte e noutros serões ou assembleias lisboetas. Gaba-lhe a ousadia do vestido feito de organza e renda de Valenciennes que nesse dia Leonor usa, de um tom dormente de rubi, descendo liso sem outro enfeite ou volume que o das suas próprias ancas delgadas.

Sobre as pequenas mesas de cerejeira cobertas com toalhinhas de seda da Índia, escudo real bordado a ouro num dos lados, estão pousadas taças de cristal lapidado contendo casquinhas de laranja-da-china, caroços de alcorça e pastilhas feitas pelas freiras de Madre de Deus. Ao lado, em pratinhos de vidro coalhado, encontram-se os biscoitos de gema.

A Princesa do Brasil, que impaciente escuta um bolero que só parece acirrar-lhe a ansiedade e aumentar o calor daquele inesperado verão de S. Martinho, faz um pequeno sinal e os criados apressam-se a servir a limonada e o refresco de groselha, copos altos em grandes salvas de prata lavrada, ao lado dos sorvetes de baunilha e canela ou de chocolate feitos ao despontar da alva e conservados pelos neveiros da Corte.

Os homens provam-nos por mera curiosidade, mas logo se enfastiam com a intensidade do travo, preferindo o vinho do Porto ou o vinho gelado, que bebem enquanto tiram tabaco das caixinhas de louça pintada pousadas nas papeleiras e nos tampos de mármore dos tremós.

Desinteressadas, Leonor e Eugénia afastam-se, saindo a conversar uma com a outra por entre os azereiros do jardim de Malta. Inconscientes do

olhar turvo da Princesa Carlota Joaquina, que as segue com os pequenos olhos fuscos mas perspicazes, enquanto a expressão do seu rosto trigueiro de cigana esquiva ganha o desagrado que lhe causa aquela súbita intimidade.

†

Ao ver a condessa do Vimieiro, agora abadessa do Convento de Santos, dirigir-se ao parlatório a seguir às vésperas, a marquesa nova de Távora segue-a, deslizando na sombra dos corredores, penumbra quebrada pelas curtas chamas dos pequenos archotes apostos nas colunas de pedra grossa rebocada.

Passo leve, cauteloso, mal tocando as lajes do chão na vontade de copiar a delicadeza daquela que espia, a tentar encontrar motivo que possa mais tarde usar em proveito próprio; e quase agachada no escuro aguarda um longo e prudente momento antes de ir, em gesto comedido, empurrar sem barulho a pesada porta encostada por onde a outra entrara.

Mas logo recua, coração disparado no peito ofegante: na mulher de cabelos semeados de pequeníssimos diamantes que conversa com Teresa de Mello Breyner reconhece Leonor de Almeida, sua sobrinha. Melhor dizendo ou melhor sentindo: a neta preferida de sua sogra a marquesa de Távora que, tantos anos passados depois de ter sido decapitada, ainda a persegue a altas horas da noite pelo imbricamento dos sonhos.

Com muito custo domina o desagrado que a assola, memórias e sentimentos a voltarem de novo desencadeados pelo choque de rever Leonor, que nunca mais a procurara desde que fora falar-lhe a mando da Rainha D. Maria e então a agredira com altivez e desprezo. Tal como já o fizera sua avó Leonor de Távora, mulher de orgulhos cruéis.

Sem piedade.

A raiva e o ressentimento transformam-se na sua boca em amargor de fel. Ela que sem amar o Rei D. José fora sua amante, tolerando-lhe a custo a intimidade, suportando mal o seu corpo doente. E apesar de ter aprendido a satisfazer-lhe as fantasias e desejos, fora abandonada por ele

no começo do processo da sua família, e fechada no convento a conselho do marquês de Pombal, que temia o muito que ela conhecia e sabia. Segundo Sebastião José, bem mais do que deveria e ele tolerava.

Na altura calara-se para não morrer. Mas ao longo dos anos Teresa passara a desenvolver o gosto pela vingança pessoal e a saborear o seu travo agridoce. Prazer estonteante e inexcedível de derrubar quem a magoara ou, na impossibilidade ditada pelos muitos anos, todos aqueles que tragam nas veias o sangue de Pombal e dos Távora, cuidando em não se deixar arrastar pelo turbilhão das emoções e dos sentimentos exaltados. Tudo o que vier a fazer terá de ser reflectido, ponderado com o máximo rigor: medido, calculado nos mínimos pormenores.

Teresa de Távora desencosta-se devagar, atenta e alerta como um tigre agachado no escuro. Dedos fincados em torno do rosário de marfim e prata, habitualmente rezado com desatenção. Sente na boca uma secura árida, e a sua expressão é endurecida, crispada. Prudente, torna a aproximar-se da porta entreaberta, empurra-a a alargar a frincha por onde espreita, olhar fixo naquilo que vê: a abadessa sentada e cabisbaixa por trás das grades, mãos entrelaçadas no regaço escuro, enquanto Leonor percorre o parlatório de um lado a outro, à medida que febrilmente vai falando de leituras, de ideais, de posteridade, recitando versos, expondo ideias, desfiando sonhos.

Ávida, a marquesa nova de Távora quer fixar ao pormenor o que está a ser dito, tomar conta das palavras usadas pela sobrinha no seu entusiasmo. Só abandonando a escuta ao aperceber-se do restolhar de freiras que se aproximam sussurrando baixo, terços dependurados das cinturas. Regressa então à sombra onde se dissimula, costas apoiadas na parede. E, a deslizar, contorna a esquina do corredor, que tem ao fundo o claustro onde se refugia, fingindo uma tranquilidade inexistente.

Iludindo a pressa.

A controlar a urgência, a vontade de correr para os seus aposentos situados na outra ala, onde finalmente chega, pálida, mal controlando as pernas trémulas e inseguras.

Mas somente durante a madrugada, à luz das velas, pega na pena que molha na tinta azul-cobalto do tinteiro de prata pousado à sua frente na escrivaninha à qual se senta, a fim de escrever uma longa carta endereçada a Pina Manique e outra à Princesa Carlota Joaquina.

†

Durante as assembleias em sua casa não são poucas as vezes em que Leonor se deixa levar pelo entusiasmo ao falar de literatura, sobretudo quando se trata de defender a primazia da poesia em relação às outras artes, ou ao fazer o elogio dos poetas e também dos filósofos.

Discute arduamente com Foschini, sobretudo com Müller, o alemão que há meses a vem desafiando a provar que existe maior riqueza na língua portuguesa que na sua. Repto que acaba por aceitar, retomando a tradução de *Oberon*, obra de Wieland que ela prefere.

Embora pouco conheça dos poetas que Leonor refere, Bocage escuta-a em silêncio, a entender-lhe o entusiamo que nela, afinal, é quase sempre produto da maior insatisfação. Se tem junto de si a filha mais velha, silenciosa mas atenta a tudo o que está a ser dito, parece no entanto mais contida.

Por vezes afasta-se e vai até à varanda, discretamente a olhar a noite, inclinada na balaustrada de pedra macia onde estão os vasos de faiança a transbordar de miosótis, brincos-de-princesa e de petúnias, a espalharem à sua volta o odor macerado de que tanto gosta. Assim a vai encontrar Bocage:

inquieta e perdida nos seus pensamentos.

†

Henriqueta de Alorna não sabe a quem João foi buscar a extremada beleza loura de anjo da guarda. Ela tão morena e Pedro com aqueles olhos de brilho escuro como estrelas das trevas, embora tendo a pele temperada pelo dourado dos Távora.

Vê o filho sempre como um menino conseguido ora por milagre das velas votivas e das rezas, ora através «de cousa feita» e clandestina, filtro dado por Lilias Fraser que procurara por desespero de mulher estéril. Portanto teme, treme sempre que o olha, só ela a saber-lhe a natureza frágil, vulnerável, quebradiça; embora irrequieto, desenvolto e destemido, com uma esfuziante alegria que a todos conquista.

«Um dia vai ser-me tirado» – tem a certeza. E logo se levanta e dirige para o oratório do quarto onde se refugia rezando, afastada de maus pressentimentos e presságios.

Como Pedro nunca mais a procurasse e ela ardesse de desejo, Henriqueta de Alorna bebe o filtro que resta na garrafa de vidro coalhado, cuidando de misturar as duas últimas gotas no vinho do marido. Como da primeira vez, ao acordar de madrugada dá conta de si descalça, a deslizar voando até ao seu quarto, a empurrar sem ruído a porta entreaberta. E ao aproximar-se da cama vai-se despindo na pressa da entrega: o casaquinho de malha aberta atirado para longe, a camisa de dormir de linho tirada pela cabeça, a camisinha de cambraia rasgada pelos dedos nervosos; a deitar-se nua sobre ele na cama morna do seu sono acordado, a sentir-lhe o corpo magro despido, a pele escaldante, braços musculados a receberem-na e nela a darem o nó do abraço, a desmanchá-la com intensa volúpia, pernas longas a prenderem-na e a erguerem-na, conduzindo-a até ao seu sexo erecto e sôfrego, para a penetrar depressa até ao fundo palpitante da vagina. Enquanto um intenso cheiro de homem, a suor e a pénis, nela se enrodilha e a inebria. Na vertigem orgástica que depois a toma,

Henriqueta de Alorna grita de prazer.

†

DIÁRIO

Nas inúmeras assembleias que frequento raramente se entende o significado das minhas palavras, quando faço o elogio de Goethe sobre todos os seus contemporâneos, apesar do enorme talento de Schiller.

Ambos de uma devastadora inovação: golpe e asa de ousadia! Depois da passagem deles pela literatura tudo terá de ser diferente e encarado de modo diverso no referente à escrita e particularmente à poesia. Ao significado da arte, ao nosso próprio imaginário.

Ao pensamento dos nossos dias.

Lisboa, 28 de Fevereiro de 1797

†

Leonor da Câmara, pouco a pouco, aproxima-se da tia.

Não presta atenção às primas, excepto a Henriqueta, a única que parece interessá-la com a sua quietude de menina indiferente e calada, distanciada de quem se encontra em redor.

«Como são mal-educadas!» – dá conta, irritada, quando as ouve correr e gritar num turbilhão pelos corredores e escadas da casa da Boa Morte, onde ela passa a ir quase todos os dias em busca dos afectos que lhe faltam, e não só para escutar falar da mãe de quem continua a buscar os modos, as maneiras, os indícios, apesar de ter optado por seguir trilhos bem diferentes dos de Maria.

Altiva, severa e gelada nos seus dezasseis anos senhoris.

No entanto perturba-a olhar Leonor, na cuidadosa e até minuciosa observação da sua face: como se através de uma difícil transparência encontrasse intactos os traços finos de sua mãe. E enquanto no início isso a fazia afastar aturdida, como se visse um fantasma, agora já mais velha fascina-a e atrai-a,

perplexa diante de si mesma.

†

O Intendente-Geral da Polícia não consegue demover o Príncipe D. João de assinar o documento que permitirá à condessa de Oeynhausen passar a frequentar a Real Biblioteca Pública da Corte. O destempero com que D. Carlota Joaquina recebera a queixa da sua dama de eleição, pelo facto de Ribeiro dos Santos lhe ter proibido o acesso aos livros e manuscritos de que ela necessita, atordoara o marido, que prefere pagar qualquer preço para a manter longe, não lhe escutar os gritos.

Pina Manique, que não gosta de perder, sai contrariado do Palácio de Queluz, e segue para Lisboa a fim de comunicar o facto ao director da biblioteca, que por sua vez lhe diz das suspeitas sobre os contactos e os poderes de Leonor de Almeida. E embora o Intendente considere que desta vez bastara à condessa a influência que detém há muito sobre as Princesas da Corte, sobretudo no que diz respeito à Princesa do Brasil, vai anotando mentalmente tudo o que Ribeiro dos Santos lhe conta. Prometendo a si mesmo que, persistindo na sua teima de ir atrás de D. Leonor de Almeida, um dia acabará por apanhá-la.

†

Ao franquear pela primeira vez a Real Biblioteca Pública da Corte a Leonor de Almeida, António Ribeiro dos Santos cumpre, embora relutante, a ordem assinada pelo punho do próprio Príncipe D. João, mas a pressentir por trás dela a forte influência de sua mulher, D. Carlota Joaquina, com quem francamente antipatiza.

Nos primeiros tempos em que a condessa de Oeynhausen frequenta a Biblioteca Pública, o olhar do seu director sobre ela é de hostilidade; como já o tinha sido quando, impelido pelos amigos entusiasmados, frequentara a grade do convento de Chelas expressamente para a ir escutar, na altura em que era tida por um prodígio de cultura e talento poético.

Ribeiro dos Santos, no entanto, está consciente de quanto a situação é diversa, e à medida que ela volta, longilínea e esguia nos seus vestidos simples tombando lisos e sem alardes, para ficar depois debruçada durante

horas, sem levantar os enormes olhos das páginas dos manuscritos ou dos livros, a sua antipatia por ela vai cedendo, declinando, não sabendo já quando teria começado a desejar a sua presença, inquietando-se quando não aparece; e no dia em que Leonor finalmente regressa, perde-se a olhá-la pela porta entreaberta do seu gabinete. Espera vê-la levantar-se, para se aproximar com algum pretexto, acompanhando-a à saida, a transportar-lhe os cadernos e as pastas cheias de papéis até à sege que a espera.

E se por algum motivo, durante as palavras trocadas por ambos, a vê erguer o olhar de sombra para o pousar nele, o coração de António Ribeiro dos Santos sobressalta-se.

†

Leonor é convidada para a Corte cada vez com mais frequência, quer pela Princesa Maria Francisca Benedita, que sempre gostara de a ter junto de si, quer pela Princesa do Brasil que, encantada com a sua grande popularidade nas assembleias lisboetas, passa a chamá-la regularmente para declamar nos saraus do Paço.

É nesse convívio uma com a outra que Leonor se apercebe de como é enganosa e só aparente a futilidade da Princesa Carlota Joaquina, que ilude todos com as suas maneiras estouvadas e volúveis de quem apenas se importa com frioleiras e insignificâncias, quando na realidade ela se mantém a par de cada uma das decisões governamentais, lê todos os decretos antes de serem discutidos e aprovados, exige saber o que acontece em cada despacho e como está a ser conduzido o Reino.

Provoca discussões com D. João, com os secretários de Estado e os embaixadores, participa em resoluções ministeriais, é habilidosa a resolver litígios, exige que a sua opinião seja escutada com a atenção devida. Ao ouvi-la e ao vê-la agir deste modo, Leonor dá-se conta, agradada, da sua inteligência e desmesurada ambição política.

†

D. João, pelo contrário**,** tenta contrariar na mulher tamanha desmesura, que o perturba e atemoriza.

Quer na cama, com uma ardência, uma voracidade que parece não se apaziguar nunca, quer nas caçadas na tapada de Mafra onde ela sempre o vence em tudo: na sanha da perseguição aguerrida, magra e escarranchada na garupa nua do cavalo à desfilada, na pontaria exacta com que derruba o animal perseguido, ou na forma cruel como acaba por o matar à punhalada, acaso ele caia ferido, quer na maneira como se inebria e excede, se diverte e se demora em longas tardes e noites sem jamais se cansar.

Mas o pior é a determinação em dirigir o Reino a seu lado, como se fosse homem ou herdeira do trono de Portugal, se nem ele o fora e sim seu irmão José, o príncipe perfeito entretanto morto. Levando-o a ter de cumprir o que não lhe coubera por nascimento. Para isso o chamaram e ele, diante da ideia de ser rei, deixara-se acometer pelo temor, afundado no desassossego, longe de saber quanto a sua aprendizagem seria breve, a ter de tomar o lugar de sua mãe e Rainha, dada como louca pelos médicos da corte e incapaz de reinar. Afinal D. João nem sabe se ela é mais alienada do que ele, tão moço mas já abatido pela melancolia ansiosa herdada da família, sempre necessitado de repouso e instado a recuar pelas vozes que escuta e dele adivinham até a lividez do assombro, a preguiça do batimento do coração na arcada do peito, na ignorância das Luzes, hesitante e temeroso.

Carlota Joaquina, sem lhe dar descanso, não o deixa em paz, na teima de reinar mesmo sem ser rainha, no gosto de manobrar o uso do poder que a seduz.

†

Ainda debilitada pela equívoca doença que a prende em casa, fugindo, apesar da febre e das tonturas, à cama onde a solidão mais aperta, trazendo ao corpo a lembrança de desejos e prazeres que a despertam de madrugada apesar do láudano, Leonor deixa-se ficar com languidez ao longo das

tardes recostada nos canapés das salas, a gozar aquela inesperada pausa onde se sente segura.

Embora solitária.

A dar conta da própria nudez perturbadora sob o *négligé* inútil, sem nenhum olhar que a colha a não ser o seu, deixa passar as horas com descuido, lendo poesia: um poema de Camões escolhido agora, outro de Homero ou Ovídio, e ainda os últimos versos enviados por Filinto Elísio. E deste modo Leonor vai escorregando, delizando numa sonolência boa e demorada, a desvendar em si mesma apetências equívocas e inesperadamente ardentes. A empurrarem-na no caminho de visões que não controla, e das quais desperta sem jamais saber se acorda de um sonho ou do torpor provocado pela beladona ou, durante as insónias, pela água de papoila apanhada durante o crescimento da lua.

Quando se impacienta ergue-se e vai até à janela para afastar um tudo-nada a cortina leve, de modo a que o olhar possa vaguear ao acaso ao longo da alameda que atravessa o jardim, o roseiral crivado de espinhos e de rosas púrpura, a pequena fonte de mármore, o lago mais ao fundo, e acabe por passar até ao outro lado do portão, onde a rua começa a descer por entre as árvores, tendo o Tejo ao fundo.

Por vezes julga distinguir um vulto embuçado a esgueirar-se de junto do jasmineiro que ela mesma plantara já perto do caramanchão dos lilases, depois de chegar de Almeirim, e pensa reconhecer o porte curvado e servil dos sicários de Pina Manique. Mesmo assim fica a tentar imaginar um rosto e um porte para a misteriosa figura masculina que há anos ela julga que a segue.

Deste modo demorado Leonor vai deixando que a sua doença imaginária sare sozinha, sem sequer desejar apressar a cura.

†

«Filha da minha alma
e muito menina do meu coração

Minha lindeza e meu feitiço

Mandou-me dizer o seu homem e meu filho, que Vossa Excelência está novamente de esperanças, louvado seja Deus! Que alegrias me estão a dar, nesta altura da minha vida.

Eu sei que há muito já deveria ter escrito a Vossa Excelência, embora o tenha feito a Pedro, o que está longe de ser a mesma coisa, pois as cartas de Vossa Excelência, tão suaves, tão ajuizadas e tão consolativas, exigem da minha parte respostas mais directas e significativas pela impressão que me fazem nas entranhas.

Ouviu minha menina?

Forte rapariga é Vossa Excelência e cães de fila do meu coração são os meus filhos. Mas, como a dilatação neste artigo é arriscado a não ter fim, falemos de outras cousas.

Sua cunhada vai convalescendo fortemente. Estando mesmo já sem fala de doente. Enviei as cartas de Vossa Excelência e os artigos de Pedro para ela, que ficou muito consolada. Disse sobre isso outras tantas coisas do género amoroso, que agora por falta de tempo se não podem referir por extenso.»

Não quero no entanto despedir-me, sem voltar a referir o facto de Vossa Excelência me ir dar outro neto, pois insisto em vos deixar por certo o imenso júbilo do meu coração a esse respeito.

Deito a minha bênção a todos.

O pai que muito ama Vossa Excelência.

João de Alorna

Almada, 10 de Março de 1797

†

Quando, pela primeira vez depois de ter estado doente, Leonor chega à mesa onde costuma sentar-se numa das salas da Real Biblioteca Pública da Corte, encontra no tampo encerado um papel dobrado, como se estivesse à sua espera.

Sem saber o que fazer com ele, hesita: pode afastá-lo para o lado, ou guardá-lo para o entregar a António Ribeiro dos Santos; mas em vez disso pega no papel, desdobra-o, abre-o e lê o que nele está escrito em francês:

«A son Excellence Madame la Contesse
Léonore de Oeynhausen

Portant dans ses regards la langueur si touchante,
Ce fruit de trop longues douleurs,
Léonore ce matin au Palais des neuf soeurs.
Aussitôt chez ses Immortelles
J'ai vu se preparer de jalouses rumeurs
Pour déterminer qui d'entr'elles
De l'aimable visite obtiendrait les honneurs.
Mais le Dieu des savants, des vers, des orateurs
Par l'arrêt qu'on va lire a prévenu l'orage,
Et mantenu la Paix dans le docte ménage.
Éloignez les transports inquiets, et jaloux
Qu'en votre sein je vois éclore,
En apprenant que Léonore
Vient ici rendre hommage à chacune de vous.
Elle est l'honneur des Arts, qu'en tous lieux on admire.
Parmi celles que je choisis
Pour cultiver mes dons, embellir mon Empire
Je la distingue, je l'inspire,
Et, que plus est, je la chéris.
Des vous toutes, mes soeurs, elle a suivi les traces.
Elle possède, avec les Graces
les Attributs divers des talents réunis.

Lx. 16 de 7bre 1797

Par un lecteur de la Bibliothèque Publique.»

Desconcertada, Leonor senta-se com o poema entre os dedos, e erguendo o olhar descobre António Ribeiro dos Santos, que em pé no seu gabinete a fita através dos aros pequenos e redondos do *pince-nez*, com uma expressão envergonhada no rosto comprido.

†

O povo não está interessado no Príncipe D. João, com as suas feições ingratas, cada dia mais pesado e lento, lábio grosso pendente, o desânimo estampado no olhar castanho e melancólico.

O povo não gosta da Princesa D. Carlota Joaquina, com as suas estranhezas inusitadas, os modos agressivos, língua embrulhada num arremedo de português onde continua a predominar o castelhano.

O povo quer tornar a ver e a aplaudir a Rainha D. Maria, de quem sempre gostara.

Os ministros inquietam-se, mas o Príncipe do Brasil, que continua a assinar os decretos em nome da mãe, desinteressado dos descontentamentos do povo, tece secretamente maiores ambições, arquitecta novos projectos pessoais, a ousar imaginar-se Rei de Portugal.

Por seu lado, a Princesa Real, com o seu jeito agreste e intempestivo, parece não ter medo de cousa alguma e apesar de estar cada vez mais certa das suas ambições políticas, quando se cansa de controlar as entradas e saídas do marido da Sala do Despacho, deixa impaciente as penumbras do Paço.

Procura as claridades cintilantes ora pelos jardins de Queluz na companhia das suas damas espanholas e as anãs que leva por arrasto na cauda da sua comitiva, ora em solitárias e demoradas cavalgadas a perder de vista com o pensamento nas matas de Salvaterra ou na tapada de Mafra, mas tendo que se conformar com os caminhos da Matinha, saltando valados, outeiros e cercas, seguindo por vezes pela margem do ribeiro da Junqueira, para logo se desviar e seguir em frente, evitando atalhos até chegar a clareiras e becos sem saída, rodeados de matos, arbustos e silvas, na ânsia de se demorar o mais possível longe do Palácio, fora do alcance

dos remoques do marido e dos silêncios cortados pelos pesadelos da Soberana sua sogra.

Fazendo sempre questão de dizer alto e bom som:

– Sua Majestade está a ficar cada dia mais demente! Embora todos façam questão de fingir ignorar a sua loucura.

Leonor afasta-se desagradada, ao escutá-la fazer um juízo tão impiedoso do estado de D. Maria, perdida na imensa solidão de primeira Rainha portuguesa.

†

O doutor Tamagnini tenta perceber, com o olhar astuto de alguém de muita idade, a reacção dos colegas que examinam a abadessa do convento de Santos, D. Teresa de Mello Breyner, que conhece desde menina.

Com uma resignação fatigada mas lúcida, responde ela a todas as perguntas e questões que os facultativos lhe põem, na tentativa de determinar até que ponto será justa a denúncia feita por algumas freiras e damas daquela casa, a dá-la por demente, tendo como objectivo primeiro afastá-la do cargo de prioresa que desempenha.

Ultrapassa-os ela na agilidade das respostas, cultura superior à deles, indo até mais longe nos temas versados do que estariam à espera depois de terem lido as cartas enviadas; sobretudo as da marquesa nova de Távora à princesa D. Carlota Joaquina, informando-a da loucura da condessa do Vimieiro, e pedindo à Princesa Real que pusesse fim às reformas que ela determinara, desagregando com as suas mudanças a vida interna do convento, segundo afirmava Teresa de Távora com a sua letra miúda traçada de revés, insistindo na presença dos físicos da Corte.

Ao ser-lhe pedida opinião como médico honorário da Real Câmara, o doutor Tamagnini estudara o caso, visitara Teresa que mais uma vez o maravilhou com a sua inteligência e sageza, entendendo ele de imediato os verdadeiros motivos de tão inesperada demanda. História vinda afinal de tão longe, que quase se lhe perde o rasto demorado. Nas entrelinhas da carta reconheceu ele então o veneno da intriga, o gosto do gelado punhal

da vingança a querer cravar-se nas costas da amiga da condessa de Oeynhausen e neta predilecta da marquesa de Távora, sua sogra e cunhada.

No entanto, a condessa do Vimieiro parecera-lhe fisicamente fraca, debilitada, não só devido à pesada vida do mosteiro, dos jejuns e das abstinências cumpridas com o rigor de quem deseja dar-se como exemplo, mas também diminuída gravemente por um coração gasto.

Não se admirou Tamagnini quando, depois de apresentar o seu relatório na Corte atestando o perfeito estado de sanidade mental da prioresa, o Príncipe D. João, pressionado pelo Intendente-Geral da Polícia, ordenara que fossem chamados outros físicos da corte para examinarem o caso. Ou não tivesse sido no salão literário da condessa do Vimieiro, que começou por reunir a Nova Arcádia. Não fosse ela a maior amiga de D. Leonor de Almeida, admiradora de Bocage, do abade Correia da Serra e determinante impulsionadora da Academia Real das Ciências que, sem o empenho da Rainha e da Princesa Maria Francisca Benedita, o Intendente há muito já teria mandado fechar.

Mas não recuando diante da influência de Pina Manique, o doutor Tamagnini reivindica o direito de assistir ao exame dos seus colegas, o que lhe é concedido. Chegando mais cedo ao Convento de Santos, encontra a condessa tranquila e descansada. No entanto, à medida que vai sendo interrogada vê-a ficar mais pálida, respiração acelerada e opressa, a mão direita pressionando ao de leve o lado esquerdo do peito onde ela sente cravada uma farpa sob a simplicidade do hábito. Sem que lhe desfaleça a ironia reservada, nem a fineza do espírito.

Ao longo das horas que passam com lentidão, o doutor Tamagnini apercebe-se de como o fim dela parece estar próximo. A morte a vir já ao seu encontro, sem que Teresa, consciente do mal de coração que há muito anda a minar-lhe a saúde, demonstre alguma pena ou receio. Não há remédio ou tratamento que lhe possa salvar a vida e ela sabe disso.

No final, os médicos do Paço chegam à mesma conclusão que ele já tinha sustentado: D. Teresa de Mello Breyner encontra-se na posse

perfeita de todas as suas capacidades mentais.

†

Henriqueta de Alorna

anda inquieta, angustiada, com a proximidade do nascimento do segundo filho que, afinal, acaba por nascer quase sem nenhuma dor e nenhum esforço, nem dar tempo a que se pusesse o resguardo na cama, trouxessem as almofadas para lhe subirem as ancas, fossem buscar a tesoura de cortar as dores e o cordão da criança, os panos, os jarros, as bacias onde as águas e os sangues se iriam misturar no final com a placenta.

Quando a parteira chega o menino repousa já no lençol ao lado da mãe, como predissera Lilias Fraser, quando ela no fim do tempo de prenhez a voltara a procurar fechada dentro do seu susto. E agora ali está Miguel à sua beira, sem o choro do nascimento mas vivo e saudável, nu e vulnerável, de um louro mais escuro talvez, mas tão belo quanto o irmão, olhos azuis de louça fixos nos seus de mãe apaziguada.

Henriqueta de Alorna

deixa que o menino adormeça mesmo ensanguentado, ainda quente do interior do seu corpo, colado à anca que ela tem suada e tapa tal como ao menino, puxando-o no entanto antes com lentidez de cuidado até ao peito por enquanto sem leite e sem ama, na teima de querer ser ela mesma a amamentar o filho, e por isso brigando com Pedro e o resto da família, tendo apenas o sogro e a cunhada pelo seu lado.

E quando no próprio dia do parto Lilias Fraser vem bater à sua porta, pelo lado do pomar que dá para o pátio nas traseiras da casa, manda-a subir apesar do sobressalto, daquele frio na alma que ela tanto teme não agourar nada de bom para o futuro. Estremecendo, supersticiosa, quando a vê debruçar-se sobre o berço de Miguel, adormecido no meio de cambraias, rendas e laços.

†

De costas viradas para Henriqueta de Alorna, Lilias Fraser debruça-se sobre o sono do recém-nascido como se fosse a sua fada madrinha, vinda para lhe predizer a beleza, as bondades, as qualidades, atribuir-lhe distribuindo: claridades e alegrias, doçuras de lábios incertos, acertos em tons de abelha e anil para lhe colorir destinos e futuros.

Mas mal vê o menino, os seus olhos amarelos toldam-se de névoa, tornam-se baços e cegos, embora continuando a ver pelo lado da sombra. E Lilias cambaleia, aturdida pelas visões de fundação fétida e negra de águas estagnadas de um lago, onde distingue o menino a debater-se, primeiro sufocando no grito dobado pelos dedos que o empurram, e em seguida afogado já pelo lodo do fundo, a boca cheia de terra, de animais mínimos e choro amordaçado pela morte e a acidez da lama.

O coração extinto de todo o seu lume.

Quando finalmente consegue afastar-se do berço, ainda presa de ventos e vertigens, está lívida e sem voz que lhe mova a língua muda; velamento que em si mesma reconhece de quando era menina.

Recusando-se a encarar o pânico do olhar de Henriqueta de Alorna, Lilias não se vira para ela: corre para fora do quarto e cambaleia um pouco antes de começar a descer as escadas, degraus que mal reparam no seu peso esvoaçado ou deslizante, sem amparo de corrimão, até de novo se encontrar no pátio, a olhar em torno na procura das árvores, para nelas se ir resguardar agachada na sua frescura.

OceanofPDF.com

†

XXI

OceanofPDF.com

†

Sigamos, cara Musa

Sigamos, cara Musa, o brando acento
Que de novo ressoa sobre o Pindo;
Sustendo a débil frauta irei medindo
Os números com susto e desalento.

Com susto, sim, que em vão o pensamento
Após o claro som quer ir subindo
O som que mais sublime vai fugindo
Pelas cordas altivas do instrumento.

Solto a voz, a suspiros costumada,
Um dia em teu louvor; a humilde veia
Em versos gratos corra confiada.

Bem que da pobre Aracne a frágil teia
(Às obras de Minerva comparada)
Pareça, unida à tua, a minha ideia.

OceanofPDF.com

†

RAÍZES

A bruxa predissera a chuva que o vento da tarde vem arrastando consigo. Um vento salgado, a soltar-se do mar. Um vento azedo que espalha esbanjando a pestilência das ruas.

Escuta-o a subir, galgando em direcção a Lisboa, zunindo já para os lados de Belém, revolteando onde está a ser erguido o cadafalso, sítio no qual dentro de poucas horas irão ser mortos os fidalgos. Mas a ela só lhe interessa Leonor de Távora, com o azul intenso dos seus olhos de gelo febril cor de violeta.

A marquesa.

A bruxa enrola-se melhor nas mantas finas e esburacadas que pouco a resguardam do frio e das humidades de um Janeiro rigoroso, a confundir as madrugadas com os dias curtos. Vai ter de sair a roubar lenha para acender o fogo magro se quiser aquecer-se na insónia que será longa e de breu, com a lua fugida do céu exausta da sombra que a cobre de cerração, num presságio de fatalidade que a assusta e demora nas visões e adivinhações que faz, levada pelo seu quebradiço gosto pela queda.

Mais tarde – ela sabe – o bem confundir-se-á com o mal, a justiça com a vingança, a paixão com o ciúme, a honradez com a inveja.

Quando se levanta tiritando, amparando-se à parede manchada do casebre, e curvada vai remexer nas cinzas frias, busca em vão algum tição ainda aceso. De onde está agachada, puxa para si o saco de serapilheira abandonado em cima do banco de madeira lanhada onde em seguida se senta. Tira para fora o lenço encardido no qual embrulha os cristais que, nos seus dedos, logo ganham um tom opalino a cintilarem no escuro.

Na tábua que faz de mesa, em cima de pedras altas ao lado de uma malga de barro com borras de café preto, deixara um toco de vela. Do bolso da saia tira um pau de enxofre que esfrega até ver uma chama bruxuleante, com a qual consegue acender o pavio curto; e baralha, mistura, joga no regaço os cristais que brilham, tão depressa opacos e turvos como leitosos e cristalinos. Permitindo que ela lhes decifre o fundo, a fundura, o futuro.

À luz turvada dos seus cabelos fulvos,

a bruxa estremece.

OceanofPDF.com

†

MEMÓRIA

Pretendia desenredar os nós da minha vida.

Em busca dos negrumes e dos esplendores.

Lembro-me com prazer do odor que se desprendia das minhas roupas, se evolava dos meus cabelos, dos papéis e cadernos quando os abria para escrever

versos de me salvarem,

pelos entremeios da salsugem e das lágrimas que nunca chorava, proibida por mim mesma. E por ali andava singrando com cuidado de ardil.

Cuidando a fingir descuidar.

Ainda sinto com exactitude o perfume que então tinham os meus pulsos e o cheiro acre dos meus dedos manchados de tinta para escrever.

As minhas insónias sempre me levaram a procurar durante as noites os jardins das casas onde fui morando. Roseirais e alamedas de onde fitava as estrelas que desde criança me pareceram diamantes a perlarem os cabelos negros das mulheres sob a luz trémula dos lustres.

Quando fui dama de honor da Princesa Regente Carlota Joaquina, passei muitas madrugadas passeando ao longo das áleas do Palácio de Queluz, por entre os restolhares equívocos que me chegavam dos lados da Matinha e o sono leve e sobressaltado dos animais selvagens, prisioneiros encurralados nas suas jaulas douradas, enganosamente libertos na profunda selva dos seus sonhos.

Tempos em que a vida se me apresentou enquanto exigência de inteireza e lisura, tomada por uma lucidez terrível e implacável em relação a mim

mesma: comprometida para sempre com a liberdade formada pelas ideias e princípios das Luzes que aprendera a conhecer através dos livros, e vi postos em prática no início da revolução francesa.

Detenho-me com desgosto diante desses meus recuos e absurdos temores, erros e enganos. A velhice, em vez de me defender, de me aplacar, reabre-me as feridas nunca perfeitamente cicatrizadas, mostrando-me o equívoco contido nas escolhas por mim tantas vezes feitas no desfazer dos sonhos, consciente da perda da eternidade.

Apagando do meu horizonte as asas dos anjos.

À noite deixava entreabertas as portadas de madeira das janelas do meu quarto, por onde entrava o luar enquanto lia *Le Discours sur le Bonheur*, de Madame de Châtelet: rendida à sua inteligência, admirando o seu estudo e o seu saber, invejando a ousadia e as tempestades da sua vida.

Em busca da desmesura à qual sempre quis negar-me.

OceanofPDF.com

†

1798

Quando a angústia o invade ou um problema maior de Estado o aflige, o Príncipe do Brasil D. João procura a sua mãe e Rainha, em busca de conselho e verdadeiro afecto, sem ter de encobrir a melancolia e o desânimo que transporta consigo

desembainhados à flor da pele.

Certo de que dessas longas conversas sempre lhe advém um grande alívio e maior conhecimento da vida, passando a ser mais fácil para ele discernir e desatar o nó da aflição que o apoquenta, por entre as tantas dúvidas e hesitações de um homem timorato e muitas vezes assustado com a avidez pelo trono que tomara de assalto.

O Príncipe, portanto, ora procura D. Maria enquanto filho, ora na qualidade daquele que manda no Reino por ter assumido para si o poder em nome da mãe, a tomar decisões e a assinar com o seu nome documentos, decretos e despachos. Evitando o seu olhar, por temer ler nele a censura ou a reprovação ressentida. Consciente de que ela tanto pode adoptar a altivez de Rainha destronada, deposta e espoliada do seu mando, como tomar para si o amor natural de uma mãe diante do único filho que lhe resta.

«Deixa, João Maria! Eu vou relevando o agravo do que me continuas a fazer. Aliás, já nem da minha melancolia sei mais do que os físicos, ao teimarem em lhe chamar loucura…»

O Príncipe, envergonhado, limita-se em silêncio a encostar a cabeça no seu ombro à espera do afago, que entre a realeza não se usa. Mas D. Maria aperta-o ao peito, como sempre fez aos filhos. É nesses momentos que o

Príncipe sente mais vontade de lhe dar conta da imensidade da sua solidão e do desencanto que o acomete e ele tenta esconder de todos.

Sobretudo, queria poder falar-lhe da desmesura do sentimento que nutre pela neta dos marqueses de Marialva, Eugénia de Meneses, aia da Princesa Carlota Joaquina, sua mulher tão áspera quanto ardilosa, venenosa e inteligente; e, embora não o confesse, a causar-lhe medo com a ambição de que anda minada.

Mas D. João está consciente do seu impróprio sentimento por Eugénia, que mantém em segredo no poço do peito.

Resguardando-o também de sua mãe, a Rainha.

†

As cartas enviadas por Sophie de Condorcet despertam em Leonor recordações do tempo passado entre Paris e Versailles, no início da revolução francesa.

E mais uma vez fecha os olhos, a tentar reencontrar o rosto de La Fayette: olhar alagado, dúplice e distanciado, sorriso domado e discreto. E se as suas feições começam por escapar-lhe, envoltas numa espécie de neblina ténue, esta acaba por dissipar-se a pouco e pouco, deixando-a ver os seus olhos de genciana azul, a boca correcta e muito bela. Nele sobressaindo sobretudo a esbelteza do corpo magro, delgado e ágil, os quadris estreitos e nervosos, onde roçava a espada embainhada, a provocar desacato junto das mulheres. Penacho vermelho da cor do cravo no chapéu negro, a contrastar com o louro-dourado dos seus rebeldes cabelos lisos.

Esplêndido.

Por contraste, Leonor recorda-se de Robespierre, atarracado e duro, olhar ázimo e implacável, boca cruel jamais temperada pelo sorriso. Estivera a seu lado algumas vezes, e sempre que os olhares de ambos se cruzavam logo se opunham e desuniam, a afastarem-se numa espécie de voo apressado: um pelo avesso do pensamento do outro.

†

Catarina chega em alvoroço a casa de Leonor ao princípio da tarde. Leva o olhar toldado por um misto de alívio e aflição, lábios crispados e mãos nervosas, enquanto murmura à beira das lágrimas*:* «Bocage acaba de sair dos cárceres da Inquisição, para entrar a doutrina no mosteiro de São Bento da Saúde!»

Enquanto a encaminha em silêncio para o seu escritório, também Leonor se debate entre a preocupação e a esperança. Tentando impor calma ao pensamento angustiado da amiga aflita, vai enumerando alto os passos entretanto dados com o empenho influente do desembargador Inácio José de Morais e Brito. Primeiro a urgência fora conseguir mudar a categoria da pena: «*delito contra o Estado*», de que ele ia acusado por Pina Manique, para *«erro contra a religião»*, e em seguida transferi-lo o mais rápido possível da prisão do Limoeiro para as masmorras da Inquisição, onde o perigo apesar de tudo é bem menor.

«Anima-te! Até agora tem estado a correr tudo bem. Na Corte há mesmo quem diga que o próprio ministro Seabra da Silva se interessa pela sorte de Bocage» – tenta Leonor tranquilizar a amiga, embora ela mesma ande aflita sem saber mais como secar as lágrimas da irmã do poeta, D Maria Francisca, que continua a albergar em sua casa.

†

DIÁRIO

Soube a notícia por Joaquim Bingre.

O ministro do Reino, usando da sua influência, conseguiu tirar Bocage do Mosteiro de São Bento e passá-lo hoje ainda para o Hospício das Necessidades, onde será tratado com mais benevolência.

Embora não goste de José Seabra da Silva, tenho de lhe reconhecer a admiração e o apego desinteressados por Bocage e pela sua obra.

Convém que durante algum tempo me aquiete, não responda aos seus remoques nem corresponda ao seu olhar de costumada sobranceria, levado certamente por aquilo que lhe teria dito sobre a minha família Sebastião José, que fez dele seu adjunto para em seguida, com a crueldade sobejamente conhecida de todos, o exilar para o presídio das Pedras Negras em Luanda, lugar de onde poucos saem vivos.

Diz-se tê-lo feito por vingança, devido a Seabra da Silva ter cometido algumas inconfidências acerca dos planos que Pombal andava a congeminar, a fim de levar o Rei D. José a assinar a Lei Sálica, que impediria o acesso ao trono por parte de D. Maria

no dia em que o pai morresse.

Lisboa, 22 de Março de 1798

†

O padre Joaquim dos Foios recebe com prazer a visita de D. Leonor de Almeida no Hospício das Necessidades, apesar de entender ser a presença ali do poeta Bocage que a leva a querer falar consigo.

Conhece a sua fama de poetisa ilustre, por isso a olha com tanta curiosidade, dela confirmando não só a beleza dúctil como a sua extraordinária inteligência e, após ter falado com ela uma hora, adivinha-lhe igualmente a determinação e a intrepidez de quem não quebra.

Ao aperceber-se de que não adianta tentar demovê-la de o querer ouvir falar da situação e da saúde do poeta, arrisca abrir-se com ela no que respeita à fragilidade de espírito e à debilidade física do vate, ambas abaladas pelas prisões e interrogatórios por que passara nos últimos tempos. Mas também a tranquiliza, ao garantir-lhe a brandura com que ele está a ser tratado pelos padres Néris, deixando Foios propositadamente para o fim o relato arrebatado das discussões teológicas que ambos já

travam. Antes de partir Leonor deixa-lhe sobre a mesa, para ser entregue a Bocage: penas, papel, tinta, e ainda alguns livros enviados por amigos.

E quando ele lhe pergunta se, indo até ali, não estará a desafiar em demasia o Intendente-Geral da Polícia, ela responde-lhe, a olhá-lo com admiração: «Maior risco parece-me estar a correr o senhor padre Foios, ao não me ter mandado de volta sem me receber…»

†

Pina Manique resolve seguir ele mesmo Leonor até ao Hospício das Necessidades onde Bocage se encontra preso por sua ordem e em nome do Príncipe D. João, num regime de vigilância apertada, proibido de sair fora e de comunicar com pessoa alguma, à excepção dos religiosos conventuais, podendo andar livremente pelo hospício desde que não se aproxime das portarias.

«É preciso ter desfaçatez!» – resmoneia baixo, fervendo de raiva, ao vê-la entrar no hospício. E o Intendente não sabe o que melhor lhe convirá: se ir atrás da condessa, a colocá-la diante da sua extraordinária preocupação em relação a Bocage, se manter-se quieto, fingindo desconhecer o sucedido, enquanto em torno dela aperta o cerco.

Contaminado pelo baraço da dúvida, atravessa depressa o jardim de buxo, e já na tapada, dentro da cerca, recua para a densidade da sombra fechada dos cedros, a ponderar ainda as possíveis consequências de cada um destes dois actos.

Meses antes alertara D. João contra a presença assídua de D. Leonor na câmara da Rainha e nos aposentos das Princesas reais; confessando-lhe na altura o Príncipe a sua inquietação diante da provável influência nefasta da filha do marquês de Alorna no acirrar dos humores de sua mulher, D. Carlota Joaquina, por si mesma propensa a nervos e às maiores asperezas. Mas, como sempre, quererendo evitar confrontos, esquivara-se a aprofundar o assunto.

«É um fraco!» – resmunga desabrido Manique, puxando mais o tricórnio sobre os olhos, sem deixar de fitar com atenção ferina a porta principal do

Hospício, como se esperasse ver sair por ela a qualquer instante a condessa de Oeynhausen, empurrando Bocage à sua frente.

†

Conhece bem quais são os seus deveres conjugais. Se D. João a procura, apesar da repugnância que ele lhe causa, a Princesa Real vai cedendo, embora jamais de bom grado.

Quando aos nove anos a mandaram de Espanha para Portugal a fim de casar com o Príncipe da Beira que ela nunca vira, a Princesa das Astúrias, sua mãe, não evitara contar-lhe nada, e desse tudo falado entre as duas os pormenores sempre vieram junto. E talvez também por isso, ao chegar, ela já era uma menina bravia, recusando com destempero de birras e gritos o que quisera negar de si própria àquele rapaz timorato, desgracioso e desajeitado que, meses depois de ela ter dado entrada no Palácio de Queluz, pretendera deitá-la na cama e tocar-lhe por baixo dos vestidos.

Agora, quando D. João a procura, Carlota Joaquina pode mesmo tentar tirar algum prazer da obrigação da entrega, põe-lhe as mãos nos sítios certos, ensina-o a fazer aquilo de que ela gosta. Ou provoca o seu interesse pelo gozo que sente em se negar de seguida. Sobretudo desde que, com o nascimento do filho varão Francisco António Pio, se sente desobrigada de se deitar com ele.

Esquivando-se, afastando-se, evitando-o, tomando cuidados. Apesar de tudo, nas últimas semanas tem sentido os nervos à flor da pele, revolvida de insónias e de náuseas,

como quando está grávida.

†

CADERNO

«Não sei bem dizer qual mostra menos arte: se quem escreve mal, se quem mal julga. Entre ambos menos risco há, menos dano, o que me cansa. Dos primeiros há poucos, muitos destes.

Por musa, que escreve mal.

É mais raro, entre os críticos o gosto. Uns e outros têm precisão de Luzes.»

Lisboa, 27 de Abril de 1798

†

A primavera de 1798 está a ser ácida e agreste,

clima instável e perfumes improváveis a irritarem os nervos, numa mistura de fragrâncias várias e arredias: a goivos, a âmbar e também a camélias adormentadas ao relento, ou a rosas trepadeiras, subindo o que podem pelas traves dos caramanchões e das latadas, embora prefiram os troncos dos limoeiros.

Rosas que adoçam o chão com as suas pétalas incipientes.

Odor a erva fresca, molhada, rasteira em canteiros delimitados a mármore, crescendo na terra regada pelo orvalho e a chuva leve, que dia após dia se vai tornando mais rara. Mas dentro do palácio mantém-se o cheiro a cinza crestada dos tapetes, acumulada durante o inverno junto das lareiras, ao pó dos cortinados e dos panos de veludo que as criadas sacodem agora às janelas escancaradas.

Da cozinha, trazido pelas correntes de ar que sempre atravessam o Palácio de Queluz, vem o cheiro gorduroso dos fritos, o olor peganhento do caramelo, dos doces de ovos que suam a erva-doce, a vagem da baunilha no creme de leite, e o odor mais áspero do gengibre e do tomilho, a misturarem-se com o afago acre da canela deitada no arroz-doce a arrefecer já nas grandes travessas da Companhia das Índias.

Do pomar de amoreiras ao fundo, ou do bosque de acácias e lilases, parte um perfume pesado, que se sobrepõe ao das mimosas, a acirrar a alma de Carlota Joaquina que, saturada do inverno, da chuva e do frio e de estar

fechada em casa, percorre impaciente as alamedas dos limoeiros e das faias dos jardins, com o seu passo largo de amazona que lhe disfarça a perna mais curta.

Arrebatada, vai fustigando à sua volta com a chibatinha que leva na mão desenluvada, a decepar com acinte as flores e os arbustos, olhar de castigo a deter-se desatento nas fidalgas e nas damas de sua companhia, que a rodeiam, a seguem, e por vezes tanto a enfastiam. Acabando por se deter diante da grande jaula que a pantera negra percorre de ponta a ponta, andar felino amputado que o próprio cativeiro sotura. Mas que ao vê-la se detém a fitá-la com o seu olhar facetado.

Como se detectasse as faltas de mênstruo do seu ventre.

À volta delas faz-se então um silêncio desmedido, como se o tempo se tivesse imobilizado. Silêncio de súbito fendido pelo inesperado bramido da fera,

que faz levantar no interior obscuro dos corredores do palácio, uma colorida nuvem de periquitos, em torvelinho, num restolhar de asas atordoadas.

†

Para Leonor as tardes podem ser de temperança, entre a leitura e a poesia, o estudo e as traduções, onde se exercita com fascínio pela escrita alheia. As noites, essas, têm de se tornar excessivas, imponderáveis, de desafio; entre um improviso, uma glosa, um arroubo de alma, opiniões ousadas em atitudes por demais ardilosas mas de risco.

Além das próprias assembleias, ao longo da semana ela divide-se entre as tertúlias de Catarina, os saraus de Mariana de Arriaga, ou o salão dos Freire de Andrade onde vai sempre que Pedro chega a Lisboa. Em todos ela é reclamada para declamar poemas, e uma vez por outra até para cantar árias e *Lieder*, como já fizera nos salões da corte austríaca. Mas Leonor tem o condão, sobretudo, de transformar o tédio dos serões em discussões polémicas, em controvérsias acesas, indo sempre mais longe do que se espera dela, ora despertando sorrisos tolerantes de esconder invejas, ora

um ou outro encolher de ombros enfastiado, a contrastar com cautelosos e envenenados olhares.

Ninguém já se admirando quando a vêem afastar-se da companhia das mulheres que na sua maioria se contenta em dar motes para serem glosados pelos poetas presentes, em busca dos grupos onde se fala de política, se debate a ciência, se polemiza sobre literatura, filosofia e botânica. Sendo já conhecidos os desenhos que ela faz de flores e plantas, tentando captar-lhes as tonalidades, as nuances e os matizes das cores, tal como a gradação dos odores numa transparência invisível, de cambiantes translúcidos, diluídos e frágeis.

Como se fossem de névoa e pérola.

Como se fossem de orvalho.

†

Ao sentir-se cada vez mais perdida na solidão gélida do convento de Chelas, onde lhe parecem ecoar os seus soluços, Gonçala clama por Leonor, julgando tocar-lhe e agarrar-se a ela durante as longas e desesperadas vigílias.

Chama-a nos seus delírios em noites de febres altas e visões de negrume sem misericórdia. Longa camisa de pano áspero subida no pescoço alto, enrodilhada e marcada pelas humidades do corpo e do amargor das lágrimas.

O cabelo que há muito não se lembra de cortar e esconde preso debaixo do véu do hábito, desce já até aos ombros. De madrugada solta-os humedecidos pelos suores nocturnos, e quando finalmente adormece espalham-se esparsos na almofada manchada do sangue que ultimamente lhe sobe à boca, não só quando tosse; e durante o sono parece transformar-se em gotas de rubi,

a aflorarem devagar entre os seus lábios.

†

DIÁRIO

O padre Foios deixou-me visitar Bocage, que me pareceu magro, enfraquecido, demasiado apático para a sua habitual vivacidade e demasiado passivo para a sua conhecida truculência…

Pelo meio de longas pausas, contou-me como a leitura todos os dias o salva ao permitir-lhe escapar para fora do hospício, ao dar-lhe acesso a incontáveis universos diferentes.

No final do nosso encontro contou-me já ter traduzido *Henriade*, de Voltaire, e *Pharsalia*, de Lucano; neste momento está a traballhar nas *Metamorphoses* de Ovídio. E ao perguntar-lhe eu se tem escrito poesia, limitou-se a fitar-me longamente,

com um olhar ensombrado.

Lisboa, 20 de Junho de 1798

†

O sentimento profundo de D. João de Mascarenhas por Leonor Benedita firmou-se através do agrado que sente pelo sossego no qual ela se disfarça nas assembleias de sua mãe. Atento a tudo o que se diz e acontece à sua volta, ele vê-a ficar emudecida embora intensa, interessada e discreta, despojada de si mesma.

Sem participar nas discussões.

Sem glosar motes.

Sem declamar poesia.

Sem expressar as suas opiniões, seja aquilo que aprova ou o que a descontenta. Repara também como, no entanto, os seus olhos brilham de entusiasmo ou os seus lábios se crispam de desagrado. Dando conta ainda

de como as suas mãos esguias e quase translúcidas se encrespam como se fossem vagas, uma a conter a outra sempre que algo, quem sabe, a possa ter enfurecido num silêncio contrito.

Ao lado da cintilação de Leonor de Almeida, sua mãe, ela sobressai pela contenção e pela sombra na qual se abriga. Desse modo defendendo a sua particularidade, a sua individualidade?

D. João não sabe, mas aproxima-se.

Com vagares e cautelas de caçador: primeiro o arco e a flecha, depois a pontaria, e só por fim o disparar da seta. E quem poderá adivinhar se, no final, o golpe de misericórdia…

Trava então conhecimento com Juliana e Frederica, usando como elo de ligação a prima delas Leonor da Câmara, que conhece dos saraus musicais que ele promove na casa de Benfica. E usando sempre das maiores prudências, acaba finalmente por chegar à fala com Leonor Benedita.

Acautelada.

Contida.

Não lhe parece tímida, antes sim melancólica e desencantada; submetida a negrumes de alma suspeitosa que ele julga reconhecer, talvez dos próprios sonhos.

Respeita-lhe a mudez, e deixa-a habituar-se à sua presença próxima mas reservada, confiável; ao mesmo tempo persistente e afável, interessante e desinteressado. Ora ansioso e comedido, ora afoito e enleado, revolvido, seduzido…

Como quem está a enamorar-se dela.

†

A Princesa Maria Francisca Benedita caminha sozinha ao final da tarde pela alameda das faias do Palácio de Queluz, quando descobre a condessa de Oeynhausen sentada num dos bancos de pedra com um livro aberto no colo, distraída com os barcos das infantas a passearem no Canal de Azulejos nas águas do Jamor. Aproxima-se para a cumprimentar e, ao ver Leonor erguer-se, inclinando-se numa vénia discreta, logo lhe faz sinal no

sentido de ela voltar a sentar-se, mas desta vez a seu lado; e antes que comecem uma conversa de circunstância, como está cansada de ver na corte, pergunta-lhe directamente:

– Se eu for até às Caldas esta temporada, a senhora Condessa está interessada em fazer parte da minha comitiva?

E Leonor, que sempre sentiu por D. Maria Francisca Benedita grande afeição admirativa, responde-lhe com um sorriso aberto e num tom de absoluta sinceridade:

– Irei seja para onde for com Vossa Alteza, sempre que a minha companhia vos apeteça.

– Se me resolver a partir mandarei prevenir atempadamente Vossa Excelência. Gostaria de aproveitar para ir a Runa verificar em que ponto estão as obras do Hospital dos Inválidos Militares –, diz ainda a Princesa, tocando ao de leve na mão que Leonor pousara em descanso sobre a capa encadernada de *La Princesse de Clèves*, de Madame de La Fayette.

†

Ultimamente, nos seus pesadelos tumultuados, D. Maria vê-se menina ainda de quatro anos de idade, vestida de sedas e brocados, folhos e laços, faixas de cetim e rendas, a emaranharem-se, a arranharem-lhe as pernas e os braços. E a Soberana, revolvendo-se na cama, revê-se assustada junto da irmã, as duas sentadas no coche apressado por já terem partido tarde das festas de São João em direcção a Lisboa. A Rainha D. Maria Ana, sua mãe, não quer que a noite as apanhe voltando de Queluz, pelos caminhos de terra solta e esburacada, pedregulhos, troncos e ramos de árvores a desequilibrarem as carruagens que seguem na esteira do crepúsculo.

As princesas às vezes aquietam-se amedrontadas.

Mas logo se distraem umas com as outras, em risos e jogos num grande à-vontade, pois ali não as escutam as aias, as camareiras-mores ou mestres-de-cerimónias, e a preceptora adormecera de cansada. Irrequietas, as infantas atropelam-se a quererem espreitar pelas pequenas janelas, quando à saída das povoações os cães as perseguem ladrando alto, ou se

por elas passam carroças puxadas por mulas, animais de pasto, quando o povo se junta nas bermas das estradas a aplaudi-las e à Rainha, que da sua carruagem acena e apressa o cocheiro, que fustiga os cavalos.

Mergulhada no sono, D. Maria sente a estocada do medo, como se os lobos as cercassem cada vez mais perto, e quando a noite desce, a menina que ela é no sonho senta-se encolhida junto da irmã entretanto adormecida, a quem chama baixo «Maria Ana!», como se uma asa negra se abatesse sobre ambas.

A Monarca sobressalta-se revolvendo-se na cama, quando no pesadelo as carruagens entram em Lisboa a apressarem-se de roldão pelas ruas estreitas, ao longo das betesgas, subindo ladeiras e encostas, descendo de seguida pelas ruelas, roçando as suas paredes húmidas à medida que se aproximam do Tejo.

A Rainha geme mais alto agora, as lágrimas correm por entre as pálpebras descidas, a pesarem-lhe na ponta das pestanas ainda longas e espessas, a rever-se no sonho, desprotegida e tremendo, encolhida na fundura negra do carro à desfilada. Quando desembocam finalmente na Praça da Ribeira, as rodas da frente do carro embatem com violência em pedras altas e soltas, e num sacão brusco volta-se com estrondo, as portinholas saltam dos gonzos, e Maria é projectada pelo ar, o vestido branco de cassa brilhando enfunado pela aragem do rio, como uma rola voando.

Por um momento a Princesa parece pairar suspensa pelas correntes do vento que de súbito se desenlaçam e a soltam, a largam, deixando-a cair, a bater com a cabeça no chão, rolando em seguida até ao peitoril que separa e detém as águas do rio desse lado da praça, onde fica imóvel de olhos fechados em lividez de desmaio.

A Soberana acorda sobressaltada com o som dos próprios gritos.

†

CADERNO

«O tom que os homens usam com as mulheres, mostra o grau de cobardia ou de honestidade de que são dotados. Aquele que as maltrata é um celerado, pois elas não têm idêntica força física. Já aquele que as insulta, seja com propósitos sedutores ou através de calúnias, é seguramente um homem deplorável.»

Lisboa, 10 de Setembro de 1798

†

Quando o conde de Ega vê pela primeira vez Juliana numa das assembleias de sua mãe Leonor de Almeida, não reconhece nela a menina grácil e gentil de que se lembra. Mas o duque de Lafões com quem conversa, adivinhando-lhe a curiosidade, aviva-lhe a memória acerca da filha dos condes de Oeynhausen, que nascera em Viena e só viera para Portugal com oito anos de idade.

«Tão criança que é hoje ainda!» – pensa, encantado, Ayres de Saldanha e Albuquerque, e sem tirar dela os olhos leva o resto da noite a observá-la de longe. «Volto nas próximas assembleias…» – promete a si mesmo. E na vez seguinte aproxima-se, com atenções rapaces, jogando com a sedução de ter mais do dobro da sua idade.

Juliana, sem saber do conhecimento que ele possui dos seus poucos anos, passa a estar ainda mais empenhada no crescer antes de tempo, no uso de vestidos de seda de França, ademanes afectados, sinais colados na pele de donzela a fingir-se mulher à revelia do olhar desatento da mãe.

É em vão que Frederica, apreciadora da elegância, chama a atenção da irmã para o exagero dos fatos que passara a usar, o ridículo da pele mosqueada e dos penteados artificiosos, mas Juliana que se sente lisonjeada com os devotamentos, os zelos, os olhares de raspão através das pálpebras semifechadas e as frases fugazes e ambíguas do conde,

ignorando ser a extrema juventude que o atrai, não desiste de querer aparentar uma idade que está longe de ter.

Humedece os lábios vermelhos.

Põe novos sinais nas faces.

Sublinha com lápis os olhos violeta.

Baixa o decote de que a mãe proíbe a ousadia.

E quando durante uma das suas assembleias Leonor repara em Juliana assim ataviada, não reconhece naquela mulher feita a filha que todos os dias vê em sua casa. Dando-se conta ao mesmo tempo de estar Juliana menos interessada nas discussões sobre música ou literatura, do que em se enamorar ou ser seduzida «por um dos meus próprios amigos e quase da minha idade!». Sem entender como o conde de Ega se pode interessar por aquela bela rapariguinha imatura.

– Mas a tua filha está uma mulher! –, contrapõe Catarina, quando Leonor a procura no dia seguinte a contar o sucedido.

†

Relutei muito antes de mandar chamar Leonor.

Consciente de estarem a esgotar-se meus últimos dias, embora conseguindo ainda esconder a dor, navalha de lâmina cruel a cravar-se do lado esquerdo do peito, lugar onde por vício a morte cravava as suas unhas. Coração arritmado e latejante a esvair-se já, afundando-se, a afogar-se no seio do próprio desassossego.

Astucioso modo de me tirar a vida, desenredando-a, trocando-a pelo mistério da morte que nem a fé, a teologia ou a metafísica nunca deslindaram; a distanciar-me eu, mais uma vez, da realidade e da razão que Leonor tanto preza. Ignorando quantos dias me restam, queria pela última vez apertá-la nos braços, demasiado presa ainda às coisas terrenas para poder partir sem dizer adeus à minha maior amiga.

Vi-a chegar tremendo, cabelo arrecadando a luz da tarde, arrepio de medo no atropelo dos nervos; amarrotada nas mãos trementes trazia a

licença concedida pelo Príncipe D. João, para que lhe fossem abertas as portas do convento de Santos, a despedir-se de mim.

Trazia uma açucena lívida debruçada na tepidez do seu decote de seda, como se fosse luar derramado, eu que nunca cheguei a ver a luz do seu joelho.

Encontro nela o olhar líquido de lágrimas mal seguras sob as pálpebras, pressentindo-lhe o corpo febril que ansiava por se colar ao meu a tentar salvar-me, pois nunca esmorece a esperança de quem ama, quer de paixão recolhida, quer de amizade na sua desmesura.

Sempre me senti inquieta diante dos afectos.

Acabando Leonor por me tomar nos braços, desalinhando a frieza intacta da dobra do lençol sobre a coberta fina, só então reparando na névoa que começava a toldar-me o olhar no limiar do abandono da cintilância, deixando em seu lugar uma claridade esvaída que me dá a ver os erros e as cicatrizes que ao longo dos anos me foram marcando a alma. Amargurando-me agora com a cobardia que sempre me tolheu e me impediu de saber mais, de querer mais, de ir mais longe.

Derrubada pelo medo ao perceber que eu desfalecia, soergueu-me Leonor até ao calor do seu hálito de lavanda e mirto, o rosto pálido dela curvando-se sobre a lividez do meu.

Mais uma vez separadas.

Pois na minha morte, sentida por ela como uma perda, era eu que me perdia: perdendo-me a mim e a ela no mesmo acto. Rconhecendo-me na queda, quando pela última vez a vi partir a caminho da vida.

†

Dias depois de ter desembarcado em Lisboa, William Beckford recebe em Monserrate a visita de boas-vindas do marquês novo de Marialva, caindo nos braços um do outro num abraço longo, vigoroso; e Beckford, ansiando por saber notícias da família do amigo, pergunta sobretudo por Pedro, seu irmão mais novo, por quem sente inclinação, também pela sua lindíssima irmã D. Henriqueta, casada com o duque de Lafões apesar da

grande diferença de idades. E com o olhar um pouco toldado, surpreende D. Diogo ao indagar por D. Eugénia de Meneses, a prima melancólica e tímida dos Marialva, aia da princesa D. Carlota Joaquina, de quem ele deseja igualmente saber novas, assim como do Príncipe D. João e da Rainha doente. Num nunca terminar de perguntas e de saudades difíceis de apaziguar.

Mas aquela pergunta que mais surpreende o marquês novo de Marialva é feita já durante as despedidas, de uma forma falsamente desprendida, de interesse disfarçado:

– Talvez D. Diogo me saiba informar se a condessa de Oeynhausen, D. Leonor, se encontra neste momento em Lisboa…

†

Carlota Joaquina olha admirada a criança grande e forte que acaba de pôr no mundo, depois de ter deslizado sem custo dentro dela até chegar aos braços das parteiras e dos físicos da Corte, olhos claros de porcelana abertos e fixos naquilo que o rodeia num entendimento mudo. E se o menino com tantas estranhezas lhe provoca algum susto, também sabe que a partir desse momento será o melhor garante dela na Coroa Portuguesa. E, rejubilando, imagina a decepção dos seus maiores inimigos.

Depois de, meditativa, o ter fitado durante horas, resolve atribuir-lhe nome de rei português, com raízes na crueldade e na paixão pelo lado da literatura, história cantada ao longo dos séculos por trovadores e poetas. Curto e rápido de dizer, como cerda a arranhar os lábios caso não fosse curvo e não fosse de seda, a selar uma vida no começo:

Pedro.

Mais tarde adiciona-lhe Alcântara Francisco, como se nele quisesse experimentar o gosto da trivialidade. Mas quando do seu nascimento, Carlota Joaquina decide apenas chamar-lhe Pedro. Só mais tarde lhe dará outros dois nomes, António João, e em seguida Carlos Xavier de Paula.

Nas primeiras horas, porém, fora somente

Pedro.

Como se cantasse em silêncio esse curto nome, embalando-se a si própria sem desviar os olhos do filho que, ao contrário dos anteriores, deseja guardar a seu lado. Não por a inquietar menos: pelo contrário, a Princesa pressente que irá ser ele a derrubá-la pelo lado da ambição de ambos.

É o que julga adivinhar-lhe no olhar translúcido cravado nela.

Mesmo assim Carlota Joaquina chama Pedro ao recém-nascido. E como se quisesse conjurar os malfeitos, os bruxedos e as feitiçarias que andam à solta pelos salões e corredores do Palácio de Queluz, acrescenta-lhe nomes de arcanjos:

Miguel e Rafael.

Neles parando a contrariar-se na superstição indesejável, e tomando as rédeas do próprio controle vai em busca de um nome vulgar para temperar tanto brilho: Joaquim. Mas, como se recuasse arrependida ou jogasse com o destino e a sorte, decide de um fôlego juntar-lhe mais quatro:

José Gonzaga Pascoal Cipriano.

Ri-se sem pressa, e imaginando escutar à sua volta um barulho de asas a tranformar-se em ruído de armas na encruzilhada de combates, batalhas e cercos, a Princesa do Brasil crispa-se, apressando-se a invocar outro arcanjo para junto da cabeceira do seu leito de dossel, perto do qual num berço de tule e rendas a criança continua num contentamento sem choro, nem entendimento dos receios que a mãe quer exorcisar, ao aditar-lhe o nome do arcanjo que ela julga velá-los:

Serafim.

E Carlota Joaquina junta por último o próprio apelido espanhol ao português do marido, o Príncipe D. João. Aqueles pelos quais o filho será muitos anos mais tarde conhecido:

Pedro de Bragança e Bourbon.

†

DIÁRIO

Nasceu um outro filho aos príncipes reais.

D. Carlota Joaquina não tira dele o olhar meditativo. E D. João cerca-o, ainda desconfiado diante da robustez do menino.

A Corte toda rejubila.

Mas é de partir o coração ver a tristeza e o ar de abandono do pequeno e delicado Príncipe Francisco António Pio, esquecido de todos, a perder-se pelos recantos dos salões e nas penumbras dos corredores do palácio, magrinho e cada dia mais pálido, os olhos enormes em busca de alguém que o acolha e acarinhe.

Lisboa, 14 de Outubro de 1798

†

Utilizando as suas influências de ministro do Reino, José Seabra da Silva conseguiu fazer com que as pesadas portas do Hospício da Misericórdia se abrissem para Bocage sair em liberdade no último dia do ano de mil setecentos e noventa e oito.

Logo no começo da manhã manda chamar o Intendente-Geral da Polícia, que sabendo tudo o que se passa em Lisboa, não estranha a ordem inusual, mas pelo sim pelo não compõe no peito a comenda, alisa a renda branca dos punhos, e antes de sair do gabinete tem o cuidado de ajeitar o espadim e verificar se leva consigo o relógio de esmalte. E enquanto caminha sem pressa até à rua, vai comentando com o irmão António Joaquim, por ele colocado na Intendência da Polícia como seu homem de confiança:

– O ministro do Reino conseguiu que libertassem Bocage. Aliás, deve ser para me comunicar esse facto que me mandou chamar tão cedo.

Enervado, Pina Manique torna a ajeitar o espadim, antes de passar ao irmão as ordens mais urgentes:

– À espera do poeta arruaceiro devem estar os amigos habituais, e entre eles a condessa de Oeynhausen. Seja como for, quero ficar a saber os nomes de todos, sem faltar nenhum. Manda imediatamente os agentes para as cercanias do Hospício da Misericórdia; assim, quando o ministro me der ordem para que não os siga, já será tarde.

O Intendente ri ainda ao sentar-se na penumbra encobridora do coche, partindo em seguida a caminho do Terreiro do Paço, a atender ao chamado de José Seabra da Silva, que no seu gabinete tenta em vão concentrar-se no trabalho, consciente de como irá ser desagradável o encontro com o Intendente-Geral da Polícia.

†

No regresso do Porto onde fora visitar os pais, Catarina encontra Leonor mais magra e mais pálida, o olhar a fugir para longe, como se quisesse ir atrás dele sem ela mesma saber até onde.

Tenta animá-la, levá-la a sair de casa, e lembrada que está de já a ter visto ceder ao desânimo e à melancolia, escolhe os próprios argumentos da amiga, invocando a razão. Enumerando os tantos motivos que até a deveriam encher de ânimo, desde o reconhecimento do seu talento e inteligência, o êxito que colhem os seus versos quer na Corte quer nos salões mais cultos, e o interesse crescente pelas suas assembleias que entretanto se haviam tornado das mais concorridas de Lisboa.

– E o empenho que a Princesa Real demonstra por ti e pela tua companhia… Já pensaste quanto isso te pode ser útil? – pergunta-lhe a certa altura, embora ciente de como este seu argumento é pouco para a ambição de Leonor, que continua a perseguir o seu sonho de liberdade absoluta.

Anseio e princípios que lhe vêm das Luzes, com eles traçando uma espécie de mapa composto de continentes, oceanos, marés e vagas de idealização do mundo, na construção de uma nova sociedade que nada tem a ver com a realidade mesquinha do presente. Decepcionada com a vida que leva e consciente de estar a ficar muito aquém

da sua verdadeira medida.

†

Bocage começa a juntar os versos escritos sempre que as circunstâncias por que passara no ano anterior o permitiram; situações todas elas adversas à poesia. Poema após poema, avança devagar na construção do livro que gostaria de ver editado, num volume de rimas dedicadas à amizade.

Na verdade quem o anima e encaminha nesse sentido é o ministro José Seabra da Silva, a quem deve a liberdade; e pela primeira vez Bocage experimenta um sentimento de gratidão que de certa maneira apazigua nele a descrença na humanidade, disfarçando ou toldando em si a lâmina da mordacidade e da ironia.

Embora muitos dos que se afirmaram seus amigos tenham deixado de o procurar ou, ao cruzarem-se consigo na rua, finjam não o conhecer. Para além de Leonor de Almeida e de Catarina de Lencastre, raros são aqueles que lhe restam. Bingre está quase sempre fora de Lisboa, Tolentino de Mendonça parece-lhe arredio, e tudo leva a crer que João Bressane Leite também se mantém propositadamente afastado…

Depois das páginas organizadas, Bocage começa a reler os versos, deitando fora alguns e emendando outros, sem pressa, consciente da impossibilidade de conseguir juntar a quantia suficiente para mandar compor um novo livro. Desde a libertação do Hospício da Misericórdia o poeta sobrevive à custa das esmolas de alguns admiradores e amigos.

Ao ser posto a par desta situação, o ministro Seabra da Silva ordena a Pina Manique que sejam entregues a Manoel Maria Barbosa du Bocage «34†150 réis, sete côvados de baetão azeitonado, um calção de meia, preto, feitio e aviamento de um capote, casaco e véstia, um côvado de lemiste. E ainda sapatos, lenço, chapéu e fivela». Mas deste acto de humanidade e justiça a poesia ficara de fora, esquecida como cousa de somenos importância. Ou seja, por motivos económicos o tomo II das rimas de Bocage não poderá ser publicado.

Inconformada com o facto, Leonor, durante uma das assembleias dos Freire de Andrade, depois de recitar alguns dos últimos poemas de Manoel Maria, lança a ideia de uma subscrição para que a edição deste seu novo livro se torne possível.

Documento logo ali redigido e assinado por ela mesma, por Catarina de Lencastre, João Bressane Leite, o duque de Lafões, o conde de Ega. Início apenas de uma longa lista, onde aparecerão os nomes dos ministros José Seabra da Silva e Luís Pinto de Sousa Coutinho.

†

Acaba por ser em casa de Henriqueta de Meneses e do duque de Lafões que se dá o reencontro de Leonor com William Beckford. Ele olha-a com curiosidade, achando-a mais bela e mais inquieta do que se lembrava, ela a fitá-lo com firmeza mas desconfiando tanto do seu olhar trocista como da sua boca sensual, da sua cultura vasta e do seu carácter obstinadamente fugidio. Nele há qualquer coisa que lhe desagrada, mas que simultaneamente a atrai e desafia.

Contamina-a?

Contamina-a, é isso. Sentindo no entanto um imenso prazer com a sua companhia, tão requintada e aprazível, quanto enganosa e provocadora.

Perigosamente devastadora?

Leonor não pretende saber. Desde que por desafio aceitara o seu convite, acabando por ir até à sua quinta em Monserrate, que o mantém a uma certa distância prudente.

Prudente, julga ela.

Por seu lado, Beckford acha-a diferente de todas as portuguesas que conhece: tão culta quanto ousada, tão firme quanto vulnerável, com um talento poético inesperado numa mulher em terra lusa. Quando a ouve defender a razão, menosprezando a paixão e empurrando para o limbo os sentimentos, ele reconhece nela o oposto de tudo isso.

Julgando usar o ferro hirto da frieza a cauterizar as veias do coração, ela abre brechas expondo de si o lado frágil, sem sequer dar conta disso.

Para sarar o constrangimento que parece instalar-se entre eles, a condessinha de Lumiares pede a Leonor notícias de seu irmão Pedro de Alorna, enrubescendo um tudo-nada.

†

DIÁRIO

Sophie de Condorcet escreveu a dar-me conta do seu retorno às actividades literárias; salão reaberto aos admiradores e amigos, que esperavam impacientes por voltarem a prestar-lhe as suas homenagens, e junto dela abrilhantarem as discussões sobre cultura e política em perfeita liberdade.

Juntamente com a alegria, porém, veio também embrulhada a sombra da tristeza, arrastada pelas notícias do afastamento de França de Germaine de Staël, e do afundamento de Théroigne de Méricourt num processo de loucura sem retorno.

A vida não gosta de amenizar as nossas dores mais íntimas.

Lisboa, 25 de Abril de 1799

†

Depois da chegada da condessa de Soure à quinta para onde a convidara, Joana Isabel Forjaz passa a sonhar com homens altos, magros e sombrios. Ao acordar sobressaltada, julga adivinhar vultos ávidos inclinados sobre si, com garras de pássaro a tentarem despi-la; mal ela desperta e entreabre os olhos garços, logo se esgueiram para longe, adejando como se voassem.

À sua volta fica um rasto de perfume pérfido, odor de pântano estagnado e morto: morno e adocicado, com um veio de impureza que a faz estremecer e recuar encolhida nos lençóis de linho alvo. Um cheiro a bafio, aleivoso, tredo, a fluidos do corpo e a algas apodrecidas. Insidioso e persistente, de cousa corrompida cedendo.

Joana Isabel levanta-se a cambalear, estonteada no mais completo escuro, pois as lamparinas de azeite dantes sempre acesas diante das imagens das virgens e das santas mártires do oratório do quarto começaram a aparecer apagadas, como se as janelas se tivessem escancarado durante a noite e uma aragem oculta entrasse, furtiva, e circulasse solta a fazer mover ao de leve as cortinas diáfanas e os cortinados, brisa que ela sente na pele nua como se fosse um bafo: árido e vicioso, simultaneamente entorpecedor e conspurcado.

Vacilante, Joana Isabel acaba por sair do quarto como se conseguisse soltar-se a custo dos braços de alguém que ela desejasse muito. Pálida como uma defunta e o corpo gélido, embora coberto por suores incandescentes que a fazem sentir-se arder num fogo maligno e árduo. Sabendo que em seguida irá encontrar, inevitavelmente, a condessa de Soure, camisa de dormir a rojar no chão, parecendo deslizar descalça pelo corredor comprido, levando nos dedos anelados um castiçal de prata com uma vela marfinada meia consumida, pequena chama trémula que mal lhe ilumina a equívoca face lindíssima; e Joana Isabel lembra-se do que Leonor de Almeida lhe costuma contar sobre Teresa de Ávila e os seus êxtases…

Num pacto entre anjos e paixões em que nenhuma delas acredita.

†

ANGELUS

Sigo-a até ao Jardim Botânico da Ajuda, para onde ultimamente ela tem ido passear aos fins de tarde.

Primeiro desce as escadas de pedra áspera, e sem pressa dirige-se para os dois tanques logo adiante, onde nadam vagarosamente alguns peixes que ela observa como se os invejasse. A seguir, encontra a fonte das quarenta bicas, a partir da qual foram delineadas as áleas geométricas ladeadas pelas acácias-do-japão, as palmeiras anãs e os pitósporos-da-china.

Mas é junto aos arbustos aromáticos que Leonor mais se demora e inclina, em busca das camélias de turvidade e das rosas vermelho-sanguíneas, a tentarem amparar-se nas hastes dos lírios de uma brancura lânguida e dócil. Vejo-a tactear a tessitura do cálice de todas, a dar conta da especial maciez das pétalas sedosas das rosas damascenas, como se tentasse capturar-lhes a doçura matizada dos tons, a fundura dos caules que aflora com a ponta das unhas ovais, reparando no pólen que tomba dos estames entreabertos quando um ligeiríssimo toque mal as abala.

De longe olho-a, parada no cimo da escadaria em leque de pedra, parapeito estreito de onde nos podemos debruçar sobre a parte mais baixa do jardim, ao qual ela se dirige, descendo tão devagar que quase parece imóvel, expectante, sombrinha ainda fechada onde ligeiramente se apoia, a mão comprida e fina em torno do trabalhado marfim do cabo.

Deixo que o meu olhar a siga, lhe contorne a silhueta delgada, detendo-me na sua cintura quebradiça, a dar conta do modo sinuoso e leve como se move, vestido de linho-da-índia cor de ferrugem, sapatos de cetim bordado em linha de seda, salto alto, a pisar firme e desenvolta as lajes lisas, atrevendo-se já na terra batida, que o sol implacável seca, abrindo finas rachaduras por onde entram os insectos mínimos, a insinuarem-se no escuro.

Inquieta, ela olha em torno, a sombrinha de seda lilás agora aberta, a abrigá-la na sua sombra ambarina, adoçando-lhe o mel aceso dos cabelos ondeados, temperando-lhe o olhar de brasa incandescente.

Procura ou espera ela alguém? – temo – sentindo o coração desfalecer no peito, que aperto com o punho fechado. Mas ei-la que segue num passo

agora impaciente até ao banco meio encoberto sob a folhagem de uma das magnólias junto à moita de lilases e dos canteiros estreitos onde foram semeados bolbos de narcisos. E eu entendo mais do que distingo como ela semicerra as pálpebras sedosas, e estremeço, tamanha é a paixão que este seu delicado sinal de desânimo ou de fadiga desperta em mim.

Ao longo do tanto tempo que a sigo, quantas vezes imaginei fazê-la minha?

Inventando-a somente ou avidamente possuindo-a.

E como cada vez mais me tem vindo a acontecer, tudo se confunde na minha cabeça entontecida: a realidade e o imaginário, a verdade e a mentira, numa espécie de jogo de espelhos onde se reflecte sempre a sua imagem, multiplicando-a obsessivamente tanto nos meus sonhos como nos meus dias. Não será por estar agora viúva que a sinto mais minha do que antes, fidelidade jurada diante do altar da capela onde a vi casar, invocando princípios de constância e entrega de si própria, que nem em pensamento cumprira.

Distrai-me a luz intensa que me magoa a vista e, por entre a ligeira poalha luminosa que a tarde levanta a partir dos lugares onde o calor mais se acoita, reparo num vulto escuro e alto que defronte dela se curva, boca aflorando-lhe o pulso alvo que a manga desabotoada no punho mostra da sua nudez esquiva.

Adivinho-a, arrepiando-me.

Intuo o interior dos seus lábios nacarados. Modo e gosto do perfume acidulado dos cravos cor-de-laranja a entrelaçar-se com a sua saliva, numa espécie de trança de aromas ardentes das flores solitárias e venenosas…

adonis vernalis, ésula, caládio.

Curvo-me um tudo-nada tomado pela vertigem.

Na figura alta e elegante julgo reconhecer o inglês William Beckford, que diante de Leonor torna a inclinar-se. Ou será o atropelo dos sentidos que me confunde, me alucina, me entontece? De imediato me impede de segui-los ao afastarem-se conversando, acabando por subirem os altos degraus que conduzem ao patamar superior do Jardim Botânico, onde se

misturam as alfarrobeiras, as piteiras, as acácias-do-japão, por entre as quais os dois passeiam já com vagares de anseio, ilhargas dissimuladamente a tocarem-se, a roçarem-se, a fugirem na entrega. Mas é na alameda dos jacarandás que eles mais se demoram sob a minha vigilância, murmurando-lhe ele palavras ao ouvido, desviando-se ela, esquivando-se sorrateira, para de imediato lhe permitir que se reaproxime.

Rente às paredes envidraçadas das estufas chego-me perto. O suficiente para, sem divisar o seu rosto, ouvi-lo a sussurrar-lhe trémulo o nome breve, testemunho de uma intimidade que me confunde e perturba. E no instante em que desaparecem ambos na funda penumbra resinosa criada pelas folhas carnudas do dragoeiro, por entre a multiplicidade de ramos que pendem, se entrecruzam e se enredam entre si, senti mais do que pensei:

– Perdi-a!

Como se alguma vez a tivesse tido.

†

Pedro de Alorna volta a Lisboa para falar com Luís Pinto de Sousa Coutinho, secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra. Antes, porém, encontra-se com o pai, que como sempre o vê por demais arrebatado, indo à frente do próprio passo, a querer saber e cuidar daquilo que de modo algum lhe diz directamente respeito.

– Vejo que continuas imprudente! Não sendo ministro nem político, o que tens a ver com o facto de a França querer impor-nos a quebra da nossa aliança com a Inglaterra?

– O meu Pai pode até ter razão, mas pertencendo eu ao exército português já me diz respeito o facto de os ingleses terem começado a enviar militares para o comando das nossas fortalezas!

O marquês de Alorna abana a cabeça preocupado, e com a mão ainda forte segura o ombro do filho como se o quisesse deter, já que não consegue temperar com a razão o seu carácter arrebatado. Mas Leonor,

que os escutara em silêncio, mete-se de permeio no debate, tomando o partido do irmão:

– Vossa Excelência vai desculpar-me, mas eu penso que o mano está certo no seu raciocínio. Além do mais, deve ser ele a decidir pela própria cabeça o partido a tomar.

D. João, que tinha esquecido a presença da filha, impacienta-se com a sua intromissão no sentido de fortalecer o feitio alterado e apaixonado de Pedro, e antes que este tome alento com as palavras da irmã, tenta calá-la com aspereza:

– Não me parece que te devas imiscuir em matéria para ti tão alheia, pois não estamos a discutir nem poesia nem arte, e sim assuntos de política dos quais deves ficar arredada. Não estamos no terreno da utopia, onde a tua muita imaginação te leva sempre a inventar um não-sei-quê mais de quimeras!

A expressão de Leonor transfigura-se, numa mistura de exaspero e raiva, de quem se sente excluída e humilhada. Mas antes que ela responda, Pedro agarra-lhe o braço, dizendo:

– Tens razão, mana! Eu sou capaz de resolver os meus dilemas e falar pela minha própria cabeça.

†

Vai passar algumas semanas de Maio com a cunhada na quinta do Vale dos Nabais. Leva com ela os filhos, mesmo as raparigas mais velhas, resmungando por se verem obrigadas a deixar Lisboa, largando para trás os noivos exasperados com a súbita partida. Só João Ulrico e Luiza vão excitados com a perspectiva de seguirem de barco pelas águas do Tejo até Almeirim, onde passarão uns inesperados dias de férias, sem se verem obrigados a regras e a deveres escolares, seguindo gostos e apetências: Luiza a perder-se na mata zebrada por pequenas luminosidades fulvas, ou a passear pelo interior sombrio do arvoredo dos bosques, na escuta dos pássaros e dos rumores surdos dos insectos ou em busca das bagas, frutos e poças de água onde se esbatem as cores reflectidas do final das tardes;

João Ulrico limita-se a ficar pelas redondezas da casa, vigiado com desvelo por Thérèse.

A cunhada segue noutro barco com os filhos que nunca larga. Meninos comedidos, delicados, olhos azuis e cabelos de trigo, a causarem o assombro das gentes da região com os seus fatinhos de montar, a cavalgarem póneis brancos com crinas e focinhos rosados, que aceitam mansos os arreios dourados, os xairéis bordados a matiz e as selas delicadas de pele macia, tendo gravado o brasão da família.

– Será bom que a senhora D. Henriqueta guarde cuidado, pois pode haver alguém que queira deitar mau-olhado aos marquesinhos… – previne-a Josefa, que serve desde rapariga na Quinta dos Nabais e tem amor à família Alorna. Ninguém melhor do que ela sabe dos poços, das quedas de água, das nascentes, das grutas e das cisternas, mas também das clareiras, dos matagais e das brenhas, sabedora de todos os segredos da flora cruel dos pântanos, dos cogumelos nascidos nos interstícios das fundações centenárias das árvores, na profundeza húmida das florestas enredadas de espinhos e silvas. Conhecedora das rosas silvestres de picos aguçados, de farpas e de folhas com serrilha, vegetação sorrateira que segundo ela pode ter serventia de cura, tal como há venenos ocultos nas corolas de flores agrestes e nas bagas mais belas, brilhantes e traiçoeiras. Ervas daninhas, malignas, que tiram a respiração e adensam os sangues, tornam a pele e a garganta secas, assombram o olhar, tornam ácido o cuspo e aceleram o pulso.

Existem ainda as mandrágoras, raízes angélicas que, persignando-se e rezando, Josefa desenterra cobertas de orvalho em noites de lua cheia, por entre as pedras das ruínas onde também nascem curtos arbustos com delicados botões rosados da atropa beladona, que dilatam as pupilas dos olhos das mulheres, fazendo-as olhar para além do ver e da cisma; planta infectada pelo poder de uma das três Parcas que nos controlam o destino.

De súbito muito pálida, Henriqueta estremece, a lembrar-se do que acabara por lhe dizer Lilias Fraser no dia de nascimento de Miguel. Benze-se então aflita e, invocando o Santíssimo, beija os escapulários e os

bentinhos, aperta entre os dedos as medalhas que traz ao pescoço por baixo dos vestidos.

Faz promessas.

E temendo o incerto, acaba acreditando que Josefa possa estar a prevenila de desgraças causadoras de um futuro infausto, tão infeliz e solitário que, embora a cunhada lhe garanta que as premonições e as visões são produto da ignorância e do obscurantismo, corre aflita a ajoelhar-se nas lajes de pedra da capela da casa, frente à velha imagem da Virgem Maria, tomando para si a muita fé que nela põe o marido. E é em vão que Leonor tenta acalmá-la.

Morde-lhe o coração um pressentimento ruim.

†

CADERNO

«*Mr. Rousseau não consegue persuadir-se de que uma mulher seja sua igual*» – escreveu Madame D'Épinay.

Fico desconcertada quando faço a desmontagem das minhas idealizações. Sempre tive Rousseau por um defensor da liberdade, da igualdade entre todos.

Não apenas entre os homens.

Lisboa, 30 de Maio de 1799

†

Sem saber como agradecer ao Príncipe D. João, a quem deve o convite, que sempre lhe fora negado, para frequentar o Paço, William Beckford pensa ofertar um magnífico diamante rosado a D. Carlota Joaquina. O

novo marquês de Marialva, que sempre o protegera, alerta-o para a incorrecção e o perigo desse gesto impensado que, além de poder ser entendido como ostentatório, corre o risco de parecer ofensivo.

Mas como ele teimasse na ideia, o marquês, lembrando-se de que escutara sua sobrinha Eugénia de Meneses comentar o extremado gosto que a Princesa do Brasil tem pela Quinta do Ramalhão, embora relutante, dá-lhe a conhecer esse facto, a rogar-lhe com insistência que use sobretudo de cautela e tacto.

Levando a sério o conselho do amigo, Beckford, que frequenta as assembleias do duque de Lafões e de Leonor de Almeida, arranja maneira de se encontrar com esta a sós e pede-lhe que sirva de ligação entre ele e D. Carlota Joaquina, a fim de ficar a saber qual seria a reacção da Princesa Real diante de semelhante oferta da sua parte.

Leonor olha-o com curiosidade. Sabendo da paixão recolhida que por ele nutre Eugénia de Meneses, muitas vezes se tem indagado sobre quais serão os sentimentos dele não só em relação à neta do velho marquês de Marialva como em relação a si própria. Depois dos encontros de ambos no Jardim Botânico da Ajuda, não tem dúvidas sobre a ardência do desejo existente entre os dois. E no entanto, o que consta nos salões de Lisboa, é serem inconfessáveis os gostos do inglês, dirigindo-se num dúbio sentido contrário…

Imaginando vê-la hesitar, William Beckford insiste no pedido tomando-lhe as mãos, que logo sente a esvoaçarem sobressaltadas na concha das suas.

Perturbado, liberta-as.

†

Mariana Vitória de Carvalho, açafata da Princesa do Brasil, vê-a em conversa acesa com a condessa de Oeynhausen que fora chamada à Corte. Adivinha-as a falarem do amor dela com João do Rego. Amor contrariado por seu pai, o visconde de Santarém, e por seu irmão Manuel Francisco, que a pretendem casar contra-vontade com Francisco de Sousa, um dos

guarda-roupas e amigo do Príncipe D. João, que de imediato tomara o seu partido.

«*Em dama de minha companhia não se mexe*» –, teima por seu lado a Princesa Real com voz de vergasta, decidida a confrontar o marido e a desafiar os seus poderes de Príncipe Regente que ainda nem o é oficialmente.

D. Leonor de Almeida parece tentar acalmá-la, argumentando no sentido de se conseguir um possível acordo com o marido, e propondo-se para tanto ir falar com o marquês de Ponte de Lima, ministro da Fazenda, de quem Sua Alteza o Príncipe respeita sempre muito a opinião assisada.

D. Carlota Joaquina aparenta aquietar-se.

†

O marquês de Ponte de Lima recebe-a com o respeito devido à filha do marquês de Alorna, embora pessoalmente discorde dos seus pensamentos e princípios, segundo ele impregnados do perigoso espírito das Luzes, que trouxera com ela de França para Portugal, logo apoiada por pessoas como o abade Correia da Serra e o próprio duque de Lafões ou mesmo o irmão dela, Pedro de Alorna, e o seu inseparável amigo Gomes Freire de Andrade.

Mas a condessa de Oeynhausen está ali enquanto enviada da Princesa Real, de quem defende a causa com inteligência e perfeito zelo, tentando levá-lo, enquanto conselheiro e ministro, a interferir junto de Sua Alteza Real na tentativa de este ceder num mero caso de intriga palaciana, sobre os amores e desamores de um mero guarda-roupa com uma açafata da Corte. E isto quer dizer apenas que ele deverá contribuir para que a vontade de D. João coincida com a de sua mulher D. Carlota Joaquina, deixando-a levar a sua avante.

Leonor vê-o atento aos seus argumentos, parecendo concordar com todas as ideias por ela expostas. Sem contrapor cousa alguma, nem mesmo tentar invocar os progressos que nele a doença tem feito nos últimos

tempos. Seguindo o seu conceito rigoroso do dever, o marquês de Ponte de Lima não se escusa.

†

DIÁRIO

Eu que nunca fui capaz de ser mediadora entre as tantas distintas partes que desde a nascença me formam, sou chamada a responsabilizar-me pela harmonia dos esposos reais, escutando interdita as impróprias palavras e termos de ambos, desaforos e imprecações por parte de D. João, e pragas gritadas em espanhol, insolências e porcelanas partidas pelo lado da Princesa.

«Um dia ainda o mando envenenar!» – já a ouvi afirmar em surdina, num claro destempero, calcando aos pés raivosos o pequeno leque bordado a lantejoulas que se rompeu num crepitar de sedas a esgarçarem-se. Tal como poderá acontecer às minhas aspirações na Corte, como candidata a dama de honor da Princesa Carlota Joaquina, caso não saiba agir com muito cuidado.

Apesar de tudo prefiro escolher a via sinuosa do risco, a tecer descuidos e a embater em escolhos.

Tomando só para mim segredos e secretismos.

Lisboa, 15 de Junho de 1799

†

O caso do amor contrariado da açafata Mariana Vitória de Carvalho e do guarda-roupa Francisco de Sousa continua longe de estar resolvido. Por isso mesmo Leonor passa os seus dias tentando desenredar o problema,

indo e vindo entre a Corte e a casa do marquês de Ponte de Lima, com quem a maior parte das vezes não consegue falar por se encontrar de cama, cada dia mais doente.

Antes de se deitar criou o hábito de escrever a D. Carlota Joaquina, a dar-lhe conta dos pequenos avanços conseguidos, apesar de ter utilizado toda a sua argúcia e sagacidade, empenho e arte no tratamento do assunto.

«Então resume-se tudo a uma questão de estratégia?» – indaga Catarina, rindo das astúcias e artimanhas que a amiga tem de usar para chegar à posição tão almejada de dama de honor da Princesa; tendo levado já Leonor pelos meandros do sentimentalismo e da superficialidade, a fazer parte do braço-de-ferro em que são exímios os Príncipes Reais.

A Catarina custa-lhe ver Leonor a desperdiçar os dias, preocupada com bagatelas e frioleiras que não merece.

Atrasando-lhe o voo de poetisa.

†

Vê ao longe a condessa de Oeynhausen passeando sozinha, sonhadora debaixo da sombrinha aberta e um pouco tombada sobre um dos ombros, passo demorando-se pela longa alameda de faias da Quinta Real de Caxias para onde a Princesa D. Carlota Joaquina arrastara as suas damas e fidalgas, esperando distrair-se das zangas em que tem andado embrenhada com o Príncipe Real seu marido.

Mariana Vitória de Carvalho, depois de olhar de soslaio por entre as alfarrobeiras a certificar-se de que ninguém a espia, ergue-se do banco de pedra onde está sentada, alisa com as mãos febris o tafetá cor de goivo do vestido, compondo em seguida os cabelos negros entrançados com pequenas açucenas brancas presas por alfinetes de madrepérola, caracóis a emoldurarem-lhe a face de súbito ruborizada. E quando alcança D. Leonor, já esta se encontra debaixo dos laranjais, sombrinha agora inclinada para trás, rosto erguido até ao brilho do sol de todo liberto das névoas da manhã, olhos semicerrados, a tomar o gosto ao odor acidulado e

denso que ali parece engrossar o ar encorpado pela doçura amargosa das laranjas.

Julgando-se sozinha, deixa a mão gulosa subir a tactear-lhe os húmidos lábios entreabertos, onde a língua ávida aflora, molhada de saliva. Vendo-a tão distraída com a própria vertigem, Mariana Vitória hesita antes de continuar, mas acaba por ir até ela, arrastando um pouco os pés na gravilha a anunciar a sua presença, dirigindo-se-lhe enquanto ganha coragem para o que tem a pedir.

Sabe do seu orgulho desmesurado, da sua poesia fantasiosa demarcando-a das demais, mas também conhece a sua influência, primeiro junto da Rainha D. Maria e agora da Princesa do Brasil, que sempre a escuta antes de decidir tudo o que seja pessoal ou político.

Acerca-se portanto sem largar a tristeza e a aflição de que anda tomada, mãos estendidas para agarrar as dela, que não tentam fugir das suas.

E depois de a ouvir, Leonor aconselha-a:

– Espero bem que o vosso coração se desprenda da tormenta a que leva a paixão contrariada. A Princesa ordena que tenhais mais paciência até ela resolver o vosso caso, complicado pelos ardis utilizados por vosso pai e vossos astuciosos irmãos. D. Carlota Joaquina teme que, não tendo cautela, a influência deles possa pesar perigosamente na decisão do Príncipe Regente.

– Acato o que a Princesa e Vossa Excelência acharem por bem que eu faça.

Ao ver-lhe os olhos castanhos alagarem-se de lágrimas, enquanto torce os dedos entrelaçados e subidos ao peito, Leonor condói-se da açafata sujeita à aleivosia interesseira do pai e dos irmãos a que o Príncipe Real dá cobertura. Modo mesquinho encontrado por este a fim de mostrar a D. Carlota Joaquina o poder que ela não tem. Nem mesmo quando, indignada, continua a afirmar com destempero de voz:

– Em dama de minha companhia ninguém mexe!

†

«Senhora:

Permita-me Vossa Alteza que, beijando-lhe submissamente a mão, eu vá por este modo à sua presença e lhe diga por escrito o que me parece, a respeito dos negócios de que me fez a honra de encarregar. Pois que, desejando mais que tudo a felicidade incomparável de estar aos pés de Vossa Alteza Real, não basta a bondade de Vossa Alteza nem o meu vivo desejo, para esconder-me os inconvenientes de frequentes conferências, que, dando nos olhos da gente curiosa, podem mover reflexões que embarguem o seu próprio serviço, e que, visto as minhas próprias circunstâncias – sem cargo nem obrigação aparente que me defenda – podem produzir grandes prejuízos; assim, minha Senhora, consinta Vossa Alteza Real este meio. E não queime as minhas cartas; elas serão perpetuamente um penhor do amor respeitoso que tenho a Vossa Alteza Real. E se a desgraça vier assaltar-me no centro do mistério em que me envolvo, estas mesmas cartas provarão que Vossa Alteza Real não depositou mal a sua confiança, e que sei e saberei sempre merecer-lha.

Fui logo que Vossa Alteza me mandou a casa do Marquês de Ponte de Lima, porém infelizmente o achei tão molestado que, atendendo às indispensáveis considerações da minha classe e sexo, não pude falar-lhe, porque estava na cama. Não querendo omitir nada que fosse do serviço de Vossa Alteza Real, escrevi-lhe e, em termos que ele havia de perceber muito bem, lhe comuniquei que tinha ordem de falar-lhe e que, apenas ele pudesse vestir-se, me avisasse para eu ir. Todos ou quase todos os dias me vieram novas de que poderia, e finalmente ontem à noite fui lá, porém tinha-lhe repetido a dor com tal violência, que me mandou dizer que a nossa conferência era impraticável no estado em que ele se achava, e isso era o que ele mais sentia.

Estas palavras últimas, que só podem ser relativas a Vossa Alteza Real, atestam o zelo e a exactidão deste honrado velho. Eis aqui me tem Vossa Alteza Real, embargada pelas circunstâncias e sem poder adiantar nada, enquanto dura a moléstia do marquês. Quem sabe, minha Princesa, se aquela organização principia a vacilar e se finalmente esta dor, atacando

um homem de setenta e quatro anos, principiará a impossibilitá-lo de ir ao Paço e com isso a multiplicarem-se as dificuldades do nosso negócio, visto não haver quem tenha como o Marquês o valor de dizer ao Príncipe a verdade nua e com ela fortificar o respeito que se deve à pessoa augusta de Vossa Alteza Real?

Nestas tristes circunstâncias, que posso eu só, tão longe da Corte, tão afastada dos negócios e tão pouco conhecida do Príncipe? Vossa Alteza Real há-de convir que nada posso e que os meios que me restam para servi-la são fracos, se a mão poderosa de Vossa Alteza Real não vier fortificá-los e comunicar-lhes a energia que por si mesmos não poderão ter. Se assim como algumas vezes Vossa Alteza Real (honrando-me infinitamente) tem aprovado as minhas opiniões, agora se digna escutar-me, direi que talvez a Providência dirige estas dificuldades, que se opõem ao seu gosto, para indicar a Vossa Alteza Real o meio único de vencer tudo, que está tudo na sua mão e que de um modo grave e digno das virtudes de Vossa Alteza concordaria tudo. Se eu quisesse aproveitar-me dessa circunstância, diria a Vossa Alteza mil coisas justíssimas sobre a minha nomeação para Dona, porém a minha alma pura e animada só do verdadeiro amor do bem põe de parte os seus interesses e não desejo que ninguém medeie entre Vossa Alteza e o Príncipe»…

Neste ponto Leonor interrompe a carta temendo ter ido longe demais na sugestão da sua candidatura para dama de honor da Princesa Carlota Joaquina.

Sente a falta de Teresa, de quem ainda não sarou o desgosto da perda, poço ou falha ou fissura aberta no seu peito de amiga inconsolável. A ela poderia pedir conselho acerca deste tão perigoso como trivial caso de banalidades e frioleiras.

Acaba por pousar a pena junto ao tinteiro à sua frente e vai até à janela, de onde fica a olhar absorta o céu estrelado, esquecida da carta que terá ainda de terminar nessa noite.

†

Depois de ler a carta de Leonor de Almeida, a Princesa Carlota Joaquina, no resguardo da sua câmara, fora dos olhares daqueles que sempre tentam interpretar-lhe as expressões do rosto, adivinhar-lhe o pensamento ou os sentimentos calados, pousa-a no regaço de seda e, partindo dela, começa a reorganizar os próximos passos a dar, a reformular planos e estratégias.

Nem por um segundo se ilude sobre o urdido desinteresse da condessa ao tentar com afinco consertar as desavenças entre ela e o Príncipe D. João, mas se a D. Leonor interessa ascender a sua dama de honor, também a si lhe traz vantagem que o seja pois desse modo coloca ao seu dispor a inteligência, a cultura, o brilho da poetisa aplaudida, que alia um forte carácter a uma mente ambiciosa e política, em tudo de acordo com a sua enquanto mulher e Princesa Regente,

que almeja ser muitíssimo mais do que apenas isso.

†

Mariana Vitória de Carvalho leva, para ler às escondidas da Princesa Real, as missivas que esta recebe de D. Leonor de Almeida a darem conta dos dificultosos e morosos avanços no caso de amores contrariados que a ela diz respeito.

Pesando os prós e os contras toma o pulso da sua vida tal como ela neste momento se lhe apresenta, e tenta encontrar novas maneiras de tirar partido das cartas que acaba sempre por descobrir onde as esconde D. Carlota Joaquina, poderosa e inesperada protectora, por si desde há muito atentamente vigiada. E só agora se arrepende de não ter sido mais calorosa e humilde com ela, de quem nunca verdadeiramente gostara; nem mesmo depois de ter passado a Princesa Real.

Então disfarça as páginas finas no fundo do decote ou nas mangas dos vestidos e, esquivando-se, dirige-se ao Pavilhão Chinês onde as lê à luz que lhe chega pela nesga das portadas da janela que entreabre cautelosa e fria. Na última das que entretanto chegaram, chama-lhe particularmente a atenção o parágrafo onde a condessa de Oeynhausen escreve num tom que a enfurece, apesar de ela estar a trabalhar a seu favor:

«Tomara eu que Vossa Alteza Real fizesse o seu gosto, tomara conseguir o que lhe agrada, mas desejo mais que tudo que isto se acabe para Vossa Alteza Real e o Príncipe não terem uma cousa em que difiram de opinião, que é certamente o pior dos males. E quando vejo uma Princesa de Portugal, filha de El-Rei de Espanha, ocupada com uma cousa tão pequena, chora-me o coração. Quando vejo Manuel Francisco e João Diogo com força para perturbar a paz do Príncipe, e embrulhar as pessoas mais respeitadas, parece-me feitiçaria e pergunto-me se estarei sonhando. Porém, não é sonho – e vou trabalhando por diante.»

Mariana Vitória faz um esforço grande para não amarfanhar com as mãos suadas a página coberta com uma letra miudinha e certa, como se a condessa quisesse tomar para si, aprisionar cada milímetro do papel; e Mariana volta a ler devagar o que nele se encontra escrito. Cousas de poetisa fidalga e desdenhosa, com o orgulho dos Távora a correr-lhe nas veias.

†

Nos seus pesadelos D. Maria julga distinguir Leonor de Távora através das chamas que acredita ateadas em torno da sua solitária cama de Rainha viúva prestes a ser afastada do trono pelo seu último filho vivo. Demasiado exausta para se defender da melancolia profunda que a invade, lhe toma conta dos nervos esfacelados e da sua vida em estilhaços.

Não é loucura o que a mina por dentro, e no entanto há dias em que se entrega ao desespero que a assola num tormento infinito, o choro a misturar-se com o grito, o medo com as preces desconexas, terços a escaparem-lhe dos dedos trémulos, medalhas e escapulários atirados para longe no desespero de quem não sabe nem pode explicar-se no destempero.

– Jesus! Jesus! – ouvem-na gritar aterrada, ao imaginar ver diante de si a marquesa de Távora a ser degolada: sabre a ganhar voo com uma crueldade ávida, a cortar num golpe de luz o seu pescoço alvo, decepando-o do corpo.

Desesperada, a Soberana esbraceja perdida nas visões que o láudano, a beladona e as sangrias aumentam: supondo-se rodeada de chamas que lambem depressa o soalho de madeira coberto pela alcatifa de França, para logo subirem a crepitar na papeleira de alçado, nas sanefas de veludo e nos cortinados lavrados, trepando pelos pés trabalhados da cama até ao dossel franjado e bordado a ouro, indo aflorar os espelhos, os frascos dos perfumes e os lustres de cristal de Veneza, que estalam e se estilhaçam chamejando estrelas, para logo desdobrarem no seu ardor os leques marfinados, enquanto estreitas línguas de fogo se dividem e galgam os biombos lacados, pela madeira dos lambris do quarto e as sobreportas de talha, indo em seguida contaminar as paredes pintadas da Sala do Toucador e o das suas açafatas, para logo ganharem as aguarelas e os retratos a óleo pendurados nas paredes forradas de damasco, que se enchameiam como luzeiros.

Perdida nos seus terrores, D. Maria implora num grito sibilante a quebrar-se na garganta:

– Salvação! Salvação!

Mãos crispadas na dobra dos lençóis e nas mantas que afasta, pés leves de menina a tocarem o chão que lhe foge, joelhos anquilosados, tolhidos pela velhice prematura, cambaleando de susto, rosto de lividez doentia; sem conseguir escutar as vozes reais que à sua volta se cruzam tentando acalmá-la, mãos e ombros a soerguerem-na e a ampararem-na.

Então as pernas cedem à rapidez da vertigem, e ela pára temendo cair, rolar rodopiando antes de mergulhar, a perder-se no deserto por onde erra. Mal se equilibrando nas margens do declive para o qual se julga empurrada, mais e mais a afundar-se já nas trevas, corpo a descer rodopiando, a resvalar na descida, tontura e desmaio a unirem-se num único laço. Nó que a sufoca mas ao mesmo tempo a agarra, para logo a arrastar, atirando-a para o precipício onde fica arfando, esfacelada.

D. Maria geme tomada de convulsões, perdida sem saber como pôr termo ao terror para onde se sente jogada. Cada vez mais distante da luz

que ficara para trás, consciente de tudo aquilo que larga; a revolver-se na queda até ser colhida, tomada pelos braços longos e odorosos…

de Leonor de Távora.

†

O Príncipe D. João, aproveitando a última recaída da Rainha sua mãe, convoca de novo os médicos da Corte para o fim da manhã, os conselheiros para o início da tarde, e os ministros para o começo da noite.

Mais do que opiniões médicas ou conselhos políticos, aquilo que o Príncipe do Brasil pretende é a anuência geral à outorga a si mesmo do título de Príncipe Regente, o que lhe entregará o Trono que de facto já ocupa há anos. Mas o que D. João sobretudo deseja é que o assentimento de todos lhe tire de cima o peso de consciência por estar a trair o próprio sangue. O que levará D. Maria a atravessar a História de Portugal com a indelével imagem da Soberana louca. Na verdade, uma mulher demasiado exausta, depressiva, e uma mãe demasiado deprimida e permissiva diante do filho que lhe resta, para reclamar das fatalidades às quais não soube fugir: golpes palacianos, fraudes, enganos da vida, tanto mais dolorosos quando partem dos seus.

Sem se queixar de cousa alguma, guarda com ela a pergunta que há muito cala, tentando no entanto encarar o filho; a procurar-lhe os olhos, que logo lhe fogem.

D. Maria aceita a sua substituição, sem nenhum clamor.

†

– Quero informar Vossas Excelências, meus ministros, que depois de ter hoje mesmo voltado a consultar os excelentíssimos físicos da Corte sobre o estado de saúde de sua Alteza Real a Rainha D. Maria, minha Senhora, e ao ter-me sido retirada qualquer remota esperança de cura de Sua Majestade, tomei a decisão de, a partir desta data, passar a exercer por direito próprio as funções de Príncipe Regente.

O silêncio que se segue a este anúncio por parte de D. João foi tamanho e fundo no seu lastro imenso que quando a voz do ministro do Reino José Seabra da Silva se fez ouvir, opondo-se à decisão do Príncipe, teve o efeito de um trovão, de um estrondo imenso a sobressaltar todos:

– Vossa Alteza Real vai perdoar-me a ousadia, mas a Regência não poderá ser formalmente decidida e assumida por Vossa Alteza sem antes serem convocadas as Cortes.

Parecendo não acreditar no que acaba de escutar, o Príncipe olha o seu ministro desafiando-o a manter a ousadia, tomada por si como afronta com carácter de traição. E como ele não baixasse os olhos nem apresentasse qualquer sinal de pretender recuar empurrado pela cobardia, D. João, com a voz embargada pela fúria a custo controlada, declara apenas:

– O que eu comuniquei a Vossas Excelências neste Conselho, é para mim ponto assente e oficialmente decidido. – E erguendo-se num repente de raiva mal controlada, abandona sem mais a Sala dos Despachos.

†

Sobressaltada, Leonor deixa a carta em cima do cravo de xarão da sua saleta de trabalho. Páginas lidas e relidas num turbilhão de ideias, de alvoroços, de memórias despertas e de sentimentos confusos que não quer deslindar, onde o mistério dos propósitos, as emoções mal contidas e os versos se misturam; papéis com uma escrita apertada, que Filinto Elísio lhe enviara há muito mas só agora lhe chegam às mãos, depois de passarem pelo apertado crivo de Pina Manique.

Entretanto – sabe – já Filinto, triste, desalentado e doente regressara a França, depois de ter vivido na Holanda de onde não lhe dera sinal de vida, encoberto pelas brumas e os vapores, as humidades insalubres dos canais a perder de vista.

Abre o leque de marfim, para de imediato o largar, preferindo escancarar a janela de sacada, que fecha no minuto seguinte sem ter obtido alívio, afogueada e febril. Entontecida no desalinho dos nervos ressentidos por aquela contínua intromissão do Intendente-Geral da Polícia na sua vida.

Inquieta, mergulha no torvelinho dos pensamentos enredados em mil teias; levantando dúvidas sobre dúvidas e inquietações à medida que os minutos passam. No pátio largo e sombreado de magnólias, espera-a há muito a sege para a levar ao beija-mão ao Palácio de Queluz, pela outorga a D. João do título de Príncipe Regente.

O vestido de gala em seda púrpura, cauda curta semeada de pequenas flores selvagens, bordadas a crivo de ouro e pérolas, parece-lhe de súbito por demais festivo para quem como ela sente a alma tão absurdamente em ruínas.

†

Quando vê os membros do Conselho de Regência dirigirem-se para a Sala do Trono a fim de participarem na sua primeira reunião, a Princesa Carlota Joaquina, sem pensar duas vezes, toma-lhes a dianteira com o coração sobressaltado pelo entusiasmo. E quando o marido lhe barra a passagem, dizendo-lhe num tom baixo e acautelado, «lembro a Vossa Excelência que se encontra excluída deste Conselho», ela recua como se fosse esbofeteada. O seu rosto moreno ganha um tom acinzentado, que só o cintilar cruel dos grandes olhos escuros iluminam; passo tolhido e o corpo magro retesado e atirado para trás, parecendo ter sido golpeado no peito.

Mais tarde apenas se lembrará de ter pensado: «perdi o coração». Pois deixara de o sentir bater, enquanto um enorme abalo interior a acomete em termos de sismo, fazendo ruir os alicerces, as fundações, as estacas que nela sustentam o equilíbrio da sua maneira de ser, estilhaçando-lhe o entusiasmo e a alegria, derrocando as paredes que nela separam o certo do incerto, o perfeito do errado, o bem do mal, o ressentimento do prazer, o rancor do agrado.

Mas mal cambaleia, logo Carlota Joaquina se endireita, recusando a mão que D. João instintivamente estende a querer ampará-la, a vista ainda toldada por um véu oscilante que tenta ignorar, assim como a ferida que irá ter de cicatrizar sozinha. E novamente senhora de si, certa de ter

recuperado a presença de espírito, aguarda apenas um pouco à espera que os passos se tornem firmes de novo, e afasta-se direita, porte de orgulho desmesurado de Princesa Regente que até então imaginara ser, a saia de seda do vestido azul-turquesa bordado a diamantes na cintura estreita soerguido por ambas as mãos crispadas, que só ela sabe estarem húmidas de um suor frio igual ao que sigilosamente assoma à raiz do seu basto cabelo encaracolado.

Interditas e sem entenderem o que se passa, as suas damas de honor e açafatas rodeiam-na relutantes, mas ela enxota-as num gesto desabrido que não controla, e isso enerva-a mais, indo trancar-se sozinha na sua câmara, onde finalmente a raiva se solta num repente convulso, levando-a a estilhaçar tudo o que à sua beira encontra de perecível até nada mais à sua volta continuar inteiro.

Como acontece com o interior penumbroso de si própria.

Até que, presa de um paroxismo de fúria, tomba desmaiada no meio do quarto destroçado: colchão esventrado, dossel meio arrancado, lençóis rasgados e a colcha de cetim feita em tiras, como se a pantera negra do Paço de Queluz tivesse escapado da jaula no jardim e encontrado refúgio na alcova da Princesa Real, finalmente exausta e aquietada, enquanto as suas unhas tornadas garras voltam a recolher-se no seu oval irregular.

Leonor de Almeida, que a pedido da Princesa D. Maria Francisca Benedita entra nos aposentos onde há muito se fechara D. Carlota Joaquina, dirige-se ao quarto que lhe parece ter sido assolado por uma tempestade devastadora; e ao aproximar-se da cama onde a Princesa se encontra desfalecida, repara que a saia azul do seu vestido rasgado se encontra ensopada do sangue que corre devagar por entre as suas pernas afastadas.

Hemorragia de um surdo vermelho cintilante de rubi.

†

Quando volta a si Carlota Joaquina tranquiliza-se ao aperceber-se estar a sós com a condessa de Oeynhausen. Reconhecida por ela a ter composto,

limpo dos sangues e ajudado a despertar sem recorrer às camareiras e às açafatas.

Leonor, embora aliviada por vê-la desperta e calma, reclinada nos poucos almofadões incólumes, preocupa-se com a hemorragia ainda não estancada, o olhar mortiço e a tez esvaída muito pálida.

Em redor delas reina a desordem provocada pela fúria destruidora da Princesa: cadeiras e mesas tombadas, tampos e gavetas partidas, porcelanas despedaçadas, espelhos e cristais estilhaçados, cacos das jarras quebradas junto das flores afogadas na água que, tendo sido de lhes matar a sede, agora as inquinam.

Sem força para nada, a Princesa Real desvia o pensamento do próprio caos, e os olhos da desolação que a rodeia, indo em busca do rosto de Leonor de Almeida que, de pé junto do leito desfeito e manchado, evita fitá-la. Carlota Joaquina toma-lhe uma das mãos, murmurando em tom velado:

– Fico grata a Vossa Excelência pela discrição.

E como Leonor se mantivesse imóvel em silêncio, continua mais baixo ainda, mas já determinada e até com uma ponta de brusquidão na rouquidez da voz:

– Conto com a senhora Condessa para manter encoberto o que de modo algum poderá andar pelas bocas do mundo.

†

A condessa de Lumiares, Maria do Resgate, no seu vestido de tule branco mais parece uma rola, tez mate e cabelo muito negro aos caracóis, olhos enormes azul-lavanda, sombreados por pestanas escuras, espessas e longas.

Sem uma ponta de inveja, a Princesa Real admira-lhe a muita beleza. Leonor vê como se olham com confiança, enquanto conversam as três, cientes da atenção umas das outras. Maria do Resgate sempre pronta a escutar as queixas e as razões de D. Carlota Joaquina, a tornar-se sua

cúmplice levada pelo apego que lhe tem desde a chegada a Portugal, vinda menina da corte de Espanha.

Leonor repara com simpatia na amizade das duas e lembra-se de Teresa, de novo a sentir o punhal da falta que esta lhe faz. E ao notar a determinação e a rebeldia existente no olhar da Princesa do Brasil, entende que ela nunca se curvará nem se limitará a aceitar a tradicional e ordeira posição secundária de mulher do Príncipe Regente da Coroa portuguesa,

e não pode deixar de admirá-la pela determinação e ousadia.

– Se julgam que me submetem estão enganados. Eu sou uma grande Princesa da Corte de Espanha e a futura Rainha de Portugal! – afirma ela com voz forte e resoluta.

O grupo que se encontra junto de uma das portas da Sala da Música do Palácio de Queluz, formado pelo novo marquês de Angeja, o duque de Lafões, o conde de Ega e o ministro Luís Pinto de Sousa Coutinho, volta-se a fitarem-nas de raspão, sem no entanto disfarçarem o incómodo estampado nos rostos.

Só Leonor dá conta da silhueta sombria que, num deslizar de embuçado, se mistura com o escuro dos desvãos do Paço. Vulto no qual reconhece Pina Manique que, dissimulado, as estivera a escutar. E ela sabe que ele nunca se esquece nem das expressões, nem das palavras, nem das afirmações daqueles que espia.

†

Perplexa com os rumores que circulam no Paço, Carlota Joaquina manda chamar Leonor de Almeida que acorre à sua presença, andar ágil apesar das saias tufadas do vestido muito leve cor de beringela a esvoaçar ao mesmo tempo que vai enredar-lhe os passos apressados. Mal a vê chegar, a Princesa Regente, puxando-a por um braço, arrasta-a atrás de si, levando-a até uma salinha acanhada perdida nos fundos do Palácio de Queluz.

Ambiente vulgar a esvair-se na penumbra raiada aqui e ali por uma escassa claridade que a gelosia corrida de uma pequena janela deixa

passar. Depois de ter trancado a porta, a Princesa Real senta-se para logo tornar a levantar-se e ir reabrir a porta, a olhar com desconfiança o corredor vazio que ambas acabaram de atravessar quase voando.

– Estou a ser vigiada pelo Intendente-Geral da Polícia Pina Manique e pelos seus «espiões», assim como as minhas damas. Vossa Excelência por certo também o estará – alerta-a, tentando disfarçar a inquietação.

Leonor sorri, ao responder-lhe com ironia:

– Pina Manique segue-me desde que regressei de França há nove anos. Vossa Alteza não deve estar preocupada neste particular, pois mandar-me vigiar é para ele uma questão de rotina.

Mas a Princesa mantém-se apreensiva, a espreitar continuamente por entre as frestas da gelosia, enquanto vai conversando com Leonor numa linguagem sem floreados que esta relatará mais tarde no seu diário.

A entrevista não deve demorar muito, por isso o diálogo entre elas é rápido e conciso, com as arestas necessárias para Leonor aguçar os seus argumentos, a exacerbar com habilidade a ambição política da Princesa, colocando espinhos afiados onde sabe estarem as rosas do orgulho e farpas directas onde as palavras envenenadas enfurecem e exaltam a altivez e o amor-próprio.

À medida que os minutos correm, distinguem-se melhor uma à outra, assim como à pequena sala estiolada, tentando iludir os olhares perspicazes de Pina Manique e dos seus acólitos, assim como os de D. João, o Príncipe Regente, e os dos seus camareiros e espiões.

Leonor sabe ter chegado o tempo de firmar as ligações decisivas, de recordar os liames já existentes, de dar os laços necessários, de maneira a cativar e a tornar-se imprescindível, cúmplice da Princesa Real.

Então, há também que emaranhar o fio da astúcia e enredar os nós, entrelaçar as trepadeiras dos nervos acirrados, enlear as intrigas e indispor as partes necessárias.

Ou seja, saber dar as cartas do jogo político.

†

DIÁRIO

«Princesa – Conta-me o que sabes que sucedeu a José Seabra.

Eu – Dizem que tem ordem para não vir ao Paço.

P – Ainda bem.

Eu – O que me admira é que Vossa Alteza me pergunte uma novidade desta natureza e que não a saiba do Príncipe.

P – Não te admires porque ele não me diz nada, e arrenegava-se muito com o meu cunhado D. José por dizer a minha tia D. Maria Francisca Benedita. Não acha bom que as mulheres se metam nos negócios.

Eu – Deus nos livre que Sua Alteza não tenha sempre a saúde que eu lhe desejo, mas se adoecer quem há-de reger este Reino? Este ofício é muito grande, e não consta que Deus lhe unisse como ao Apostolado a ciência infusa, e a desgraça dos Povos vem sempre da inexperiência dos Príncipes.

P – Isso é certo, não sei porque me desviam do Conselho, parece-me que o Duque não tem vontade que eu lá entre.

Eu – Por essa mesma razão deve Vossa Alteza Real fazer toda a diligência por lá entrar, porque se o Duque é a pessoa imediata ao seu marido, fica Vossa Alteza a terceira, e marido e mulher devem ser metade um do outro.»

Lisboa, 28 de Julho de 1799

†

José Seabra da Silva estava consciente dos perigos que corria ao opor-se à decisão de D. João de autonomear-se Príncipe Regente, na sequência do diagnóstico de loucura irreversível da Rainha D. Maria assinado pelos

físicos da Corte. Fundamentando-se o ministro do Reino no princípio de que a regência só pode ser assumida em Cortes, que teriam de ser de imediato convocadas.

Portanto nem se admirou ao receber a carta de demissão, juntamente com a ordem de desterro para a sua quinta na Figueira da Foz, o que ele cumpriu escrupulosamente. Tal como já havia feito muito tempo atrás, quando o rei D. José, manobrado pelo seu primeiro-ministro Sebastião José de Carvalho e Melo, que até aí fora seu protector, o destituiu de todos os cargos que ocupava, exilando-o, para de seguida o mandar prender.

Passados que foram tantos anos, José Seabra da Silva, seguro de ter razão, continuava incapaz de dar o dito por não dito, nem de recuar nas suas posições. Por isso isolara-se de bom grado, embora sabendo-se mais uma vez injustiçado.

Admiradora das pessoas corajosas e honestas, Leonor gosta de quem guarda ideais e princípios, prezando a sua dignidade. E porque também aprecia José Seabra da Silva desde que ele protegera Bocage, ao vê-lo afastado do seu cargo de ministro do Reino e exilado, não esconde que lamenta, por Portugal, a perda de um político honesto, inteligente e culto.

†

Há que usar de arte e de sageza.

Num trabalho de argúcia.

Há que jogar com artimanha e inteligência, tentando virar a sorte para o lado necessário, e para isso Leonor não utiliza apenas a linhagem do nome, que aliás durante os primeiros anos de vida lhe trouxera tanta desgraça, mas igualmente o facto de ter sido valida da Rainha D. Maria e a dama preferida de D. Maria Francisca Benedita, a princesa viúva.

Mas Leonor faz sobretudo gosto em trabalhar a seu favor com discernimento e inteligência, sem nunca esquecer o brilho que lhe auferem as Luzes e o raro dom de escrever poesia. Poemas com os quais a Princesa Real gosta de abrilhantar os saraus que promove no Palácio de Queluz, ou levando-a consigo para os recitar e participar com lustro em jogos

poéticos, quando vai até à Real Quinta de Caxias, a banhos nas Caldas ou caçar em Salvaterra e na tapada de Mafra.

Onde as damas fúteis e sedutoras brincam à cabra-cega com os fidalgos melancólicos, que gostam de as surpreender prendendo-as pelas cinturas estreitas, e sem lhes desatarem as vendas as arrastam consigo para interiores penumbrosos onde a folhagem se adensa. De onde regressam afogueadas e em desalinho, estonteadas, a querem refrescar-se com limonadas e groselhas, ou tentando prolongar em vão nos lábios escaldantes o travo acidulado dos sorvetes.

†

Minha Mãe olha-me nos olhos, a afastar-me dela com o toque da sua mão delgada, tomando-me ao de leve mas com firmeza a curva do braço, nele descendo até me agarrar o pulso e nele formar uma espécie de algema com os dedos firmes; e mais uma vez diante da sua implacável inclemência, estremeço e tremo nos meus alicerces e fundações.

Julgando-me eu conhecedora da causa primeira da sua dureza ou indiferença, agastada a meu respeito sempre que a minha presença desgraciosa lhe é imposta.

Abissal diferença cavada entre nós duas.

Hostilidade que sentimos diante uma da outra, a torná-la a ela cruel e agressiva, e a mim tolhendo-me frente ao que imagino ser o seu julgamento e decepção, espécie de acusação muda diante da minha falta de brilho junto ao seu muito cintilar. Destituída de suficientes qualidades e atributos de beleza para ser sua filha.

A rejeitar-me.

E nem no dia de hoje, em que a minha mão lhe está a ser pedida, me poupa à sua frieza, num sublinhar das nossas divergências cada vez maiores à medida que os anos passam.

Procuro João pela fímbria dos olhos, e encontro-o solitário do outro lado do salão, escudando-se na sombra junto ao piano, a fitar-me ansioso, pressentindo-me a aflição. Atencioso mas distante, encantador na

estranheza da sua conduta tão diversa do modo de ser dos outros fidalgos. E não tendo eu dote que se veja, lisonjeia-me saber da sua inclinação por mim, sem embuste nem intenção interesseira.

Ignoro se o que me torna para ele atractiva é o meu alheamento e reserva nimbada de tristeza em que habitualmente mergulho, ou a minha óbvia doçura e sensibilidade esquiva. Inadvertidamente seduzo-o, segundo ele mesmo confessa – desde o primeiro dia em que nos conhecemos numa cavalhada, onde eu fora contrariando as minhas inclinações e gostos, mas no cumprimento da obediência devida a minha Mãe, apesar de na altura me ter atrevido a reclamar:

– Vossa Excelência não me respeita os gostos nem as vontades!

Nessa mesma tarde encontrei João de Mascarenhas e depressa me dei conta de inclinações e atitudes da sua parte no que a mim dizia respeito. Atenção contida mas persistente a construir-se à minha volta como se fosse um cerco urdido com cautela, numa mescla de persistência delicada e entrega recolhida, de melancolia a condizer com aquela que eu mesma sinto.

E foi como num sonho que o escutei a murmurar-me num enleio de apaixonado:

– Não conheço palavras de amor suficientemente fortes, Leonor Benedita, para vos dar conta da minha desmedida paixão!

O anel de pérolas e de diamantes que hoje me deu como penhor da nossa ligação e amor, quer fazer-me acreditar na promessa de felicidade que o nosso casamento, dias antes de eu completar vinte anos, me trará no futuro.

No entanto continuo a duvidar do destino.

Vacilando aturdida, diante do medo da entrega, sem conseguir acreditar na felicidade.

†

Está ameno o último outono do século XVIII.

Tentando amainar as desconfianças do Príncipe Regente a seu respeito, e o próprio descontentamento agreste, Carlota Joaquina demora-se pelas tardes quentes de um Outubro ruivo e tão aquietado em docilidade, que mais parece começo de verão amodorrado pelas malaguenhas e as modinhas brasileiras com que se entretêm as jovens fidalgas frequentadoras da Corte, algumas delas validas da Princesa Real.

Nos seus aposentos, a Rainha D. Maria escuta agradada o riso descompassado e alegre que lhe chega pelas janelas entreabertas, a imaginar as infantas, os jovens que se passeiam pelas áleas dos limoeiros doces, gargalhada solta a desencadear os gritos estrídulos dos pássaros aprisionados nas enormes gaiolas douradas. Assim como o esvoaçar aturdido dos periquitos nos aposentos das princesas.

A angústia chega-lhe no rugido inconformado das feras que, de um lado ao outro das jaulas, incessantemente parecem medir o cativeiro com o seu passo de agilidade domada. Espaços exíguos onde se encontram trancadas, e onde àquela hora bate de chapa o impiedoso sol do meio-dia.

A Soberana arrepia-se apesar do calor, e manda que fechem as janelas antes que nela se venha instalar o caos que reconhece no urro impotente, quase gemido enrouquecido da pantera e dos tigres, dos leões enjaulados que ela por vezes escuta nos seus pesadelos.

†

No dia do seu casamento Leonor Benedita faz questão de usar a pulseira de diamantes e ametistas deixada em testamento pela avó que a criou. Vestido cor de jasmim cintado, véu longo e translúcido como uma nuvem presa aos seus cabelos soltos por um diadema de pérolas e rubis, que vibram nos caracóis escuros.

«Tão pálida!» –, admira-se Juliana, que começara a arranjá-la logo de manhã bem cedo, ajudada por Thérèse, e que depois de a ver vestida lhe alinda a expressão macerada, a suavizar-lhe os traços da tristeza, a disfarçar-lhe o bistre das olheiras, a amargura dos lábios, enquanto entusiasmada vai fazendo planos para o seu próprio e próximo casamento

com José Maria, embora sempre pense nele e o refira aos outros como conde de Ega, galante e sedutor com a sua benevolência e segurança de homem mais velho, de que ela tanto gosta.

Leonor Benedita não sabe explicar-lhes como está feliz.

Nem como equivocamente se sente triste.

E quando o avô a vem buscar, para com ela subir a nave central da igreja e a entregar a D. João de Mascarenhas, chora mansamente no seu ombro, com grande consternação de Leonor, que mais uma vez não entende o comportamento irracional da filha mais velha.

Indiferente à irritação dela, o marquês de Alorna acaricia a neta, que ama e conhece como ninguém mais; ciente dos seus nervos débeis, da necessidade de carinho, da insegurança diante da mãe. E com cuidado desce-lhe ele mesmo o véu diáfano sobre o rosto angustiado, põe-lhe a mão no seu braço, onde ela logo se ampara, ajudando-a depois a entrar na carruagem, a caminho de Benfica.

†

Quando Leonor vai à Corte o Príncipe D. João sempre a evita. Nesse dia, porém, parece procurá-la, para lhe dizer com uma vivacidade irónica, brilho malicioso no olhar habitualmente mortiço:

– A senhora Condessa, que já viveu em França, gostará certamente de saber que Napoleão Bonaparte se auto-elegeu Primeiro Cônsul…

Verdadeiramente espantada, Leonor dá conta deste encontro forçado a D. Carlota Joaquina. E esta, soerguendo-se nas almofadas onde se encosta, solta uma gargalhada e explica-lhe:

– O Príncipe estava a comunicar-vos o que desejava poder dizer publicamente, mas sem coragem para tanto. Ao referir-vos o facto de Napoleão se ter auto-elegido Primeiro Cônsul de França, pretendia, a seu modo, justificar a sua autonomeação como Príncipe Regente…

E a Princesa Real, em vez de se exaltar como de costume, parece divertir-se com os embustes e os ardis do marido, encostando-se de novo nas almofadas de seda e cetim em vários tons de fúcsia. Leonor,

entretanto, sem motivo aparente, sente o dia ensombrar-se. Lembra-se bem do que acerca de Napoleão lhe tem mandado dizer Germaine de Staël nas suas últimas cartas.

†

DIÁRIO

Casada Leonor Benedita, movo-me com maior leveza longe da acusação muda dos seus olhos pardos, com uma ausência herdada não sei através de que sangues.

Sinto-me finalmente livre da sua melancolia acusatória, como se tivesse dependido de minha vontade tê-la ou não deixado com os avós, a fim de partir com Carlos Augusto a caminho da Áustria.

Não reconheço a minha filha o direito de castigar-me. Modo encontrado por ela de permanecer estrangeira e hostil ao meu afecto, tornando-se ostensivamente silenciosa, apagada e distante. Sonsa na rasteireza dos silêncios fechados, nos quais se afoita e me afronta.

Voluntariamente a afastar-se. Conseguindo desse modo chamar a atenção de todos para a sua pessoa.

Rumorejando apenas.

Lisboa, 30 de Dezembro, 1799

†

MONÓLOGO DE LEONOR

Tenho cada vez mais exigências em relação a mim própria.

Escondendo a paixão e defendendo o conhecimento, que desde sempre é considerado como uma insubmissão, uma transgressão, um perigo.

Um grito de insubordinação.

Um aviso de desobediência.

E por isso mesmo a ser castrado pelo poder, amordaçado, proibido.

Transporto a esperança comigo na mudança deste século, que aguardo com perplexidade e quem sabe se com demasiadas expectativas e anseios da natureza do sonho e do voo… Embora preveja para o século XIX confrontos e fissuras, violências e desencontros.

Mas não são as transformações sempre feitas de multiplicidade e entrançamentos, matizes e transfigurações?

Anseio por um tempo onde não se temam as dúvidas e os questionamentos.

É necessário que se façam perguntas, se renovem e mudem as antigas mentalidades que ainda dominam grande parte da Europa. Mas para isso há que encarar a realidade, desenredar e deslindar princípios e ideias, de modo a que as Luzes possam romper o negrume da ignorância, clarificando e mudando, dando lugar ao espírito culto.

A derrotar os déspotas.

†

OBSCURIDADES

Lilias Fraser,

inquieta com a mudança do século, regressa a Lisboa, onde chega exausta no começo de uma noite gelada e translúcida, bordada a diamantes num céu límpido de estrelas e constelações.

E embora continue desassossegada e durma pouco, na manhã seguinte levanta-se cedo apesar de sentir o corpo fino e alto ainda esgotado, moído pelo muito que nos últimos dias andara, apoiada a um pequeno cajado entalhado por ela mesma, onde se misturam e entrelaçam folhas e flores trepadeiras confundindo as raízes.

Numa tina improvisada, Lilias lava-se das poeiras dos caminhos e do mau cheiro dos suores, da terra enlameada e dos ninhos de tojo seco onde mal descansara. À transparência da água que entorna sobre os ruivos cabelos revoltos, por um instante estes parecem incendiar-se; mas nem molhados irá ser possível domá-los, no seu ensombrado fogo de labaredas fulvas, a escaparem das travessas de osso, a soltarem-se dos ganchos e das fitas que logo se desatam a deixarem-nos escapar.

Bebe um café amargo que aquecera na cafeteira de ferro em cima do borralho fraco que na pequena lareira se amodorra sob as cinzas. Depois sairá sem tino a vistoriar Lisboa, debaixo da chuva miudinha e por entre as névoas que nos finais de Dezembro começaram a erguer-se da ondulação encrespada e transbordante do Tejo.

Lilias Fraser, sabendo onde encontrar os vaticinadores da desgraça, segue pelos becos esconsos e as ruelas estreitas em direcção ao rio ao fundo da cidade. Limita-se a seguir-lhes o trilho, o rasto invisível, mas a corroer já a vida de quem, prisioneiro da própria ignorância, lhes cede a atenção indevida.

À medida que avança, acautelando-se em não permitir que o olhar de ninguém se debruce sobre o seu, vai-lhes distinguindo as vozes estridentes, agoirentas e descontroladas. Então Lilias apressa o andar rápido, vira a esquina que a leva até às arcadas, a sentir na língua o sabor ácido da tempestade que se aproxima. E ao atravessar em direcção ao amontoado das ruínas do terramoto, onde alguns deles se encontram, vai agitada, desatenta, só dando pela sege quando esta quase a derruba, mal tendo tempo de saltar para trás, a receber no rosto o bafo quente dos cavalos que seguem em frente arfando, enquanto uma mão enluvada afasta a cortina e um rosto de mulher se aproxima a espreitar pela janela.

Lilias Fraser reconhece-o de imediato. «Leonor de Almeida!», exclama alto, enquanto deixa enredar nos seus os olhos dela, aterrada com aquilo que possa descobrir. Mas logo se acalma diante da luz matizada que deles se desprende. No segundo seguinte já o carro desaparece na primeira esquina e Lilias, ainda entontecida, volta-se devagar, tentando acalmar o coração sobressaltado.

Teimando em seguir na busca dos pregadores, que não tem poderes para afastar mas, mesmo assim, controla pelo interior da penumbra a travar-lhes o ímpeto de intensidades exaltadas, tentando impedi-los de espalharem a esmo a friagem do mal que querem aos outros. Oradores nefastos a ameaçarem com o castigo eterno e as trevas que, nas alturas de mudanças ou de calamidades logo surgem, odiosos e macabros, a disseminarem o fanatismo que sempre erguem levando ao medo e à caligem.

Atenta, fica a divisá-los de longe dando conta das suas estratégias, decorando-lhes as palavras funestas, percebendo quando usam a imagem do diabo e instigam com visões e adivinhações lúgubres a profetizarem o futuro. Lilias afasta-se sempre que eles começam a invocar o apocalipse, ao mesmo tempo que se apresentam como os salvadores em nome de Deus Nosso Senhor e do Espírito Santo. A apontarem o dedo acusador àqueles que os rodeiam.

– Heresia! Heresia!

Magros, esgalgados e trajados de negro ou embrulhados em farrapos imundos, longos braços e sujas mãos como garras que se erguem no ar esbracejando, semblantes trágicos, aproveitadores da miséria e da ignorância.

Nas semanas seguintes Lilias percorre Lisboa indo até Belém, atravessa numa falua as águas turvas do rio bordejando as margens onde eles mais pregam e, tal como temia, continuando a utilizar a passagem do século, eles ganham terreno a fomentarem o terror que sempre lhes serve o poder nefasto, permitindo-se invocar o pecado original, indicando culpadas:

– Pecadoras! Pecadoras!

As mulheres, envergonhadas, baixam a cabeça.

Enquanto eles continuam dizimando a razão e plantando a inconsistência a par da desconfiança, Lilias passa as madrugadas coarctando-lhes as asas de negrume, espalhando a luz com os seus cristais, a sentir as saias que o vento enfuna a rodarem em torno das suas pernas numa estonteante viragem, como se seguisse na escuna do tempo envolta em relâmpagos que a fazem esvoaçar aturdida.

Lá em baixo permanecem os falsos profetas pregando o fim do mundo.

OceanofPDF.com

†

XXII

OceanofPDF.com

†

Em vão se resiste a Amor

Em vão se resiste a Amor,
O seu poder reconheço;
Ante seu trono ajoelho,
Meu cativeiro confesso.

Há muito o doce tirano
Minha alma ataca em segredo,
Que de princípios armada
Nunca dele teve medo.

Lindo, sorrindo, e com graça
Contra mim afoito avança;
Eu sem susto desafio
Os golpes de uma criança.

De um arco fatal armado,
De rica e doirada aljava,
Desprezando as minhas forças
À luta me provocava.

Um broquel tomo; a meu lado
Pende luzidia espada:
Qual fero Aquiles lhe ordeno
Que me ceda logo a estrada.

Seus dardos porém, ligeiros
Como a luz, contra mim voam:
Eu zombo, esquivando os tiros,
Que nem ferem nem magoam.

Vasa o carcaz todo inteiro,

Com furor, mas sem efeito:
Até que ele mesmo irado
Se entranha dentro em meu peito.

Esta interna cidadela
O seu triunfo proclama:
Tudo estraga sem piedade
A devastadora chama.

Vai-te espada infiel, vai-te;
Deixa-me inútil broquel:
Meu coração luta e cede
Na batalha mais cruel.

OceanofPDF.com

†

RAÍZES

Na Quinta do Meio Leonor de Távora escuta a tempestade que se abate zunindo sobre Belém. Ouve o temporal a fustigar com o seu vento de mar o rio que, por seu lado, se enfurece já vindo bater nas amuradas, galgando as areias em direcção às casas.

A chuva enlouquecida açouta os vidros das janelas que dão para o pátio, de onde se avista o Tejo em dias limpos de grandes claridades. Do lado de lá do portão pesado chega-lhe um confuso ruído de martelos, serras, machados, de pregos a serem batidos nas pranchas que primeiro serram à medida, enquanto vão construindo o cadafalso.

Ninguém se lembrara de acender a lareira da cela onde a marquesa de Távora se encontra detida, tiritando de frio, casaquinho de cetim azul-escuro, xaile de lã fraquinha emprestado no Convento das Grilas onde estivera enclausurada tal como se encontrava vestida no jardim de sua casa onde a foram prender: corpete de seda preta com saia igual forrada de amarelo-torrado, mangas rasgadas nos punhos por lhe terem algemado os pulsos, braços amarrados atrás das costas.

Leonor de Távora procura embrulhar-se melhor no xaile, conseguido graças à influência do confessor que acabara por aceitar. Em cima da enxerga onde se senta está o único cobertor que lhe deram, e com o qual cobre os joelhos unidos. Debaixo do colchão escondeu o tinteiro e a pena que o desembargador Tavares de Sequeira trouxera às escondidas; o papel, dissimulou-o sob a travesseira suja e sem fronha.

Os seus dedos estão contudo tão gelados e hirtos que mal consegue movê-los, a pele gretada e inchada pelas frieiras que lhe apareceram nas

últimas semanas. Tenta aquecer as mãos no fraco calor do corpo, metendo-as entre o espartilho desatado e a camisinha de pano áspero arranjados na véspera, quando por mero dó acederam ao seu pedido e lhe permitiram lavar-se na água fria de uma bacia de zinco, e em seguida mudar a roupa íntima, nunca mais trocada.

Tem que encontrar forças para escrever à neta. Frei José da Piedade, que viera confessá-la de manhã, prometera a contragosto fazer chegar o bilhete a Leonor no Convento de S. Félix em Chelas, onde – contou-lhe – Sebastião José a fechara na companhia da irmã e da mãe, doente de desgosto, de quem ela cuida apesar de menina.

Vai já a noite adiantada quando a madre Conceição de Jesus, que lhe leva uma malga de sopa, pão seco, água e um coto de vela acesa numa palmatória gasta, comenta com a voz velada de crueldade:

– Como daqui se escuta bem o barulho que fazem a montar o patíbulo!

– Talvez porque o constroem no Cais Grande, aqui bem perto – responde por orgulho Leonor de Távora, tentando manter um tom de voz sereno.

A freira, de tão assombrada com a impassível resposta, entende-a como pura arrogância e recua benzendo-se, a deixar cair o rosário tirado da cinta onde habitualmente o usa. Fecha a porta atrás de si, com muitas voltas de chave e tranca.

A condessa de Távora arrasta a mesa manchada, lascada no tampo e nas pernas cambadas, para um lugar que lhe parece menos exposto, cuidando, ao tomar assento no banco, de virar as costas para o postigo na tentativa de se resguardar do olhar dos guardas. Pretendendo encontrar algum calor, engole o caldo gorduroso.

As bátegas furiosas parecem fazer desabar o mundo sobre a Quinta do Meio, onde ela passa a última noite no maior abandono, dobrada em si mesma, como se abatida pela borrasca que se acirra lá fora a espelhar-lhe o destino. E apesar da saraiva que varre tudo à sua volta, continua a ouvir-se o barulho dos martelos a cravarem os pregos de ferro grosso, os caibros, os parafusos, as buchas, as dobradiças de metal na madeira de pinho que, encharcada já, incha e lasca. Tal como o ruído desordenado e

ácido dos machados, das serras que separam os madeiros, dos gritos dos homens a escorregarem na lama, acotovelando-se zangados de cansaço.

Desesperada, Leonor de Távora cobre com as mãos em concha os ouvidos sob os cabelos soltos. O morrão da vela há pouco apagada empesta o ar estagnado. Mantém os olhos escancarados tentando desvendar a escuridade, enquanto aguarda os primeiros alvores da madrugada que marcará as derradeiras horas da sua vida.

De súbito estremece arrepiada, sentidos alertados, e embora se saiba sozinha, tem a certeza de se encontrar ali mais alguém a pretender encontrá-la: olhar invisível e envenenado a varrer de uma ponta à outra o negrume da cela, à sua procura.

Detendo-se por fim nela, maligno, e sem qualquer piedade.

OceanofPDF.com

†

MEMÓRIA

Ao retomar dia após dia o fio tecido e inconstante de uma revoltosa memória que me abisma, mantenho-me viva e sem custo de nada que me seja vital; a olhar-me ainda hoje como Narciso no espelho do abismo. Preferindo esse olhar àquele que agora me dá a ver esta em que os tantos anos impiedosos me tornaram.

Tentada a observar o mundo sem ser através do falso embelezamento translúcido das claridades coadas, que os nossos dias têm gosto em desmascarar sem dó nem piedade.

Aferidora de paixões, só neste momento me atrevo a deslindar o bater apressado do próprio coração aceso, infelizmente certa de não me poder mais queimar. Tão diferente eu hoje da mulher ardente que nos primeiros anos do século XIX se precipitava, entregando-se a acontecimentos e a causas, cheia de incendiadas e inabaláveis certezas; temendo, talvez, mas nunca recuando frente aos limites e obstáculos, aos reveses da vida.

E foram tantos os precipícios!

De revoltosas águas onde preferia mergulhar a perder a hipótese de descobrir os tons de esmeralda do seu fundo; a reveladora palavra da ciência, e tudo o mais que, com o estudo e a dolorosa aprendizagem, fui aprendendo.

Lembro-me de Portugal, então, e de mim própria.

Sem nenhuma compaixão.

Declina a tarde ao fundo do jardim que abarco da janela, em cuja balaustrada me apoio a fim de seguir lá fora o voo das aves, que a esta hora sempre regressam às árvores que circundam o labirinto das alamedas,

para irem dormir entre as largas folhas das magnólias, das nogueiras ou do cedro frondoso por baixo do terraço.

Demoro-me debruçada no ocaso, consciente de que mal me torne a sentar irei de novo até ao passado, onde me demoro se me encontro só.

Ou se não escrevo poesia.

Coração sobressaltado, como se revivesse acontecimentos e presságios de quando, sem precaução alguma, ia imaginando o futuro almejado por mim… Desejo amordaçado, a perseguir desacatos e seguindo tumultos.

Poderia eu ter fugido ao excesso que sempre repudiei? – pergunto-me em desassossego. E, sem que o possa impedir, mil outras perguntas regressam, arrastando consigo a dúvida.

Mais uma vez a dúvida…

OceanofPDF.com

†

1800

Pretende começar o novo século com um renovado olhar sobre aquilo que a rodeia e também sobre o resto do mundo, de que vai tendo notícias. De Espanha chega-lhe um cavo e ameaçador silêncio que estranha, e de França relatos inquietantes sobre realidades entretanto instaladas, bem longe de serem as imaginadas e sonhadas por si. Germaine de Staël na sua última carta descreve Napoleão Bonaparte, dele traçando um curto mas conciso retrato que a sobressalta:

«Napoleão Bonaparte, minha boa amiga, é um homem voraz com uma insaciável fome de poder absoluto.»

A primeira vez que Leonor ouvira o seu nome, ele era jacobino. Em seguida passara a estratega na campanha de Itália e, mais tarde ainda, a *Gazeta de Lisboa* noticiara ter Napoleão estado na origem do golpe de Estado do 18 Brumário, dois meses atrás.

Durante a insónia que nessa noite a mantém desperta, relê vezes sem fim a carta entretanto decorada, a querer detectar nas entrelinhas a preocupação mal iludida pelo disfarce. Enerva-a sobretudo não conseguir descodificar o que Germaine por certo lhe mandara cifrado.

†

O duque de Lafões sai preocupado do Conselho de Regência. Sabe quanto a situação europeia é grave, e D. João e o seu governo hesitam, indecisos entre a pressão dos ingleses que Rodrigo de Sousa Coutinho defende, e as imposições vindas de França que ele, duque de Lafões,

justifica, convicto da necessidade de se manterem relações abertas e claras com os republicanos franceses. Isto, caso Portugal pretenda evitar a guerra, para a qual o país não se encontra preparado. Mas, ao sustentar a sua posição, percebe estar a pisar perigosamente a linha de risco.

Aliás, aqueles que o tinham apoiado quando argumentara no sentido de impedir que a Princesa Carlota Joaquina tivesse lugar no Conselho de Estado, olham-no agora com desconfiança. Está consciente de poder vir a ser afastado do seu cargo, quando afinal anseia que D. João o nomeie ministro do Despacho, lugar que há muito deveria ocupar por merecimento próprio.

O duque de Lafões sabe ter ainda a hipótese de voltar a trazer para o seu lado aquele pequeno mas poderoso grupo de conselheiros que tenta convencer o Príncipe Regente a recorrer a Espanha como país mediador entre Portugal e Napoleão Bonaparte.

†

A Legião das Tropas Ligeiras é inesperadamente colocada em Abrantes. Pedro abandona Estremoz sem protestar e Henriqueta, aflita com a nova fissura aberta no orgulho já ferido do marido, segue-o com as duas crianças, naquele seu envolvimento apaixonado e sem a resposta pela qual tanto anseia: relação construída apenas por si, com a ardência de um amor que jamais teve retorno.

Querendo Pedro falar com o marquês de Ponte de Lima, e aconselhar-se com o Pai, pede uma semana de licença para ir a Almada, onde D. João os espera encantado por rever os netos, mas preocupado e furioso com a transferência do filho, julgando adivinhar nela a influência nefasta do duque de Lafões. E apesar de temer o carácter impetuoso e impulsivo de Pedro, sempre a querer clarificar situações que os governantes preferem manter em sigilo, o marquês de Alorna pergunta-lhe:

– As Luzes de que tanto te gabas não te mostram, para além da ingratidão e da injustiça, uma armadilha escondida nesta tua transferência para Abrantes?

– Creio vê-la melhor ainda que o meu Pai! Mas, no momento em que maus ventos estão já a soprar de Espanha, fazendo temer o pior para o nosso país, é meu dever ignorar os acintes pessoais e tentar conseguir o melhor com os fracos recursos de que disponho.

– Não se pode fazer o impossível…

– É sempre possível tentar…

E o jovem marquês de Alorna, apesar da tempestade, atravessa o Tejo para ir pedir apoio ao marquês de Ponte de Lima, que o recebe nos seus aposentos de doente, mas lhe promete intervir junto do Príncipe Regente.

Na semana seguinte, depois de ter ficado dois dias na companhia da irmã que procurara nessa mesma tarde, Pedro volta a Abrantes.

Temerosos diante da inquietação do pai, os meninos fazem a viagem de regresso quase sempre calados, no carro onde seguem com as amas. E Henriqueta, respeitando o ensimesmamento do marido, aquieta-se no fundo da carruagem, sumida na própria sombra.

†

DIÁRIO

Aflige-me a situação de Pedro.

Tentei quanto podia, através de sua Alteza Real a Princesa, saber qual é a posição de meu irmão no Exército português. E durante uma das assembleias em casa do duque de Lafões abordei directamente o assunto, sabendo ele que meu Pai o acusa de ser o primeiro responsável pela forma afrontosa como o mano continua a ser tratado.

Habituado aos jogos da Corte, o duque esquivou-se, tecendo grandes elogíos a seu respeito, como militar e homem das Luzes, acabando no

entanto por aludir ao «*feitio impetuoso do jovem marquês de Alorna*…» O que, em sua opinão, tem trabalhado contra ele.

Antes do fim da assembleia, Eugénia de Menezes levou-me até à sua sala de leitura onde me prometeu, com um tocante embaraço, falar com o marido no sentido de lhe amainar as intransigências no que diz respeito a Pedro.

Lisboa, 30 de Janeiro de 1800

†

A princesa Maria Francisca Benedita encara com cepticismo a mudança do século, depois de pesar os prós e os contras do que vê à sua roda, desgostosa da Corte e da situação em que o país se encontra.

Não estando de acordo com a forma de reinar e de pensar quer primeiro de sua irmã quer agora de seu sobrinho, não desiste de tentar levar este a aproximar-se do projecto político humanista e culto, que José, o seu Príncipe do Brasil, e ela mesma tinham em mente para o reinado de ambos.

Casamento perfeito, de entendimento e amor.

Estremece ainda de paixão quando olha o seu retrato na parede do quarto, ou a miniatura que usa pendurada junto aos seios, como se fosse escapulário, à revelia dos outros. Cama gelada a sua, sem o calor do jovem corpo do homem amado. E um sufocado gemido de saudade inconformada volta a subir-lhe aos lábios.

Numa das suas mãos de fuso continua a cintilar o anel de brilhantes e rubis, símbolo de uma união inquebrantável que nem a morte conseguira arrancar

do seu coração atormentado.

†

Catarina anda preocupada com a situação do irmão da amiga.

Sempre gostara de Pedro, um homem gentil, culto e inteligente, que adivinha bem menos feliz do que os outros imaginam. Pressente-lhe a solidão no olhar recolhido, a melancolia no apagamento do sorriso triste.

E quando escuta as conversas que o marido tem com os outros ministros, em reuniões nocturnas rodeadas de absoluto segredo, caso ouça falar de Pedro fica indecisa, sem saber o que calar e o que contar a Leonor. Dividida entre o silêncio, que mais lhe convém, e a lealdade a ela devida, em nome da amizade invulgar nascida entre ambas.

Então, quando há encontros políticos em sua casa, sobretudo quando neles toma parte o duque de Lafões, começa a evitar a sua salinha de leitura, separada do escritório de Luís Pinto por uma pequena porta dissimulada atrás de um cortinado verde-escuro, que em vez de abafar as vozes vindas do outro lado parece ampliá-las, tornando-as singularmente nítidas.

Nessas alturas nem a poesia lhe faz boa companhia, num desatar de sobressaltos e de equívocos a que inutilmente tenta dar pequeníssimos nós com versos feitos de palavras salvadoras

que, em vez disso, logo se tornam obscuras.

†

Estando a Princesa Carlota Joaquina aparentemente mais apaziguada na sua adiantada gravidez, Leonor fica com tempo livre para si própria. Sentindo-se prisioneira de uma Corte que parece fazer questão em manter-se provinciana, pode retornar aos sonhos, aos planos de viagem, às cartas marítimas, aos mapas, demorando-se cada vez mais em projectos quase sempre irrealizáveis, partidas para paraísos longínquos,

Ásia, África…

Continentes, países, cidades míticas por si idealizadas, Malaca e Bagdad, Damasco, Istambul, Alexandria… Ou então, quem sabe, bem mais perto de Portugal, mas a afastá-la de tudo o que a detém, a cristaliza, a consome.

Entretanto, vai arquitectando projectos, imaginando novas rotas, desenhando estranhas paisagens exóticas, grandes lagos imóveis nos quais

Narciso, ávido, com gosto se debruçaria.

Cisternas sombrias onde as lágrimas ecoam.

Mares, oceanos, diante dos quais se lembra de ficar perplexa, voltando a recordar-se do Mediterrâneo.

Tão salgado!

Em breves imagens arrecadadas pela memória,

torna a ver as alfarrobeiras, as amendoeiras como se bordadas a ponto pé de brilho e luz, as rias e as angras que cortam as falésias, os arbustos densos semeados de bagas vermelhas por certo venenosas, moitas e tufos de flores delicadas: pequenas campânulas amarelas e cor-de-rosa a contornarem as margens de rios, dos quais ela seguira os cursos, acompanhando-lhes a correnteza sob uma claridade árdua, ao longo de caminhos desertos atapetados de pó e crestados de silvas, de urtigas e cardos, de azeitonas caídas das oliveiras a cheirarem a sol.

E mesmo nas cidades ela pressentira a água a correr no seu leito de humidades e lodos, por baixo das pontes nas quais passeara a pé, suspeitando que alguém a seguia, indo atrás do seu rasto de mulher solitária, sem ceder na sua opção pelas Luzes e pela poesia…

Razão e voo.

Sem jamais se esquecer de perscrutar o negrume dos céus, onde velhos astrónomos de tempos remotos tentaram decifrar sóis e constelações, nebulosas e cometas,

buscando no espaço a origem do Mundo.

†

Provado que ficara

não ter a mudança do século levado ao fim do Mundo, logo se esvaziaram as capelas, as igrejas e as catedrais que, ao permanecerem incólumes, negam as previsões de catástrofe dos falsos profetas.

A vida torna a buscar o próprio sentido.

E até os frades que Pombal expulsara dos conventos voltam a refugiar-se nas ruínas, mendigos como antes, a roubarem quem passa perto de onde se

acoitam. Indiferentes aos maus cheiros e podridões que continuam a contaminar Lisboa.

†

À medida que o seu casamento se aproxima Juliana entrega-se cada vez mais ao devaneio, modo de iludir o desacerto dissonante e inesperado que ressoa nela sempre que José Maria conde de Ega, seu noivo, se chega para a colher nos braços e ela neles se refugia e aninha, a descobrir com agrado o seu cheiro a tabaco e a lavanda, mas onde misturado há um outro odor obscuro e estranho que ela não destrinça, fazendo-a distanciar-se com pressa a receber do ar o cristal cintilante onde se recolhe a claridade do alívio.

José Maria sente como uma punhalada esse recuo, essa repulsa dissimulada. E experiente da vida não se ilude, sabe que aquilo que faz Juliana apartar-se do seu corpo é o cheiro da pele de homem, por onde perpassa o turvo odor de uma idade que nada tem a ver com a dela, quase menina. Mesmo assim, uma tarde em que se encontram sozinhos e ela, com a rebeldia do desejo ardente, quer entregar-se-lhe, ele recusa assustado com o seu caprichoso ardor de rapariguinha precoce; e olhando-a com paixão, mas também discernimento, antevê com clareza aquilo que o espera no futuro.

Quando o noivo a afasta Juliana cambaleia de decepção, sentindo o corpo a reclamar de desejo não saciado e, por momentos envergonhada com tamanha voracidade da sua parte, tenta disfarçar os sentidos, que dissimula enquanto compõe a desordem do vestido, reata os nós desfeitos do pequeno espartilho que lhe martiriza a silhueta frágil por onde desliza devagar as mãos.

Quando a vê estonteada a subir as meias de seda branca ao longo das pernas compridas, depois de tentar apertar os atilhos do corpete justo, José Maria estremece de paixão.

Desatenta, Juliana alisa o vestido de tafetá enrodilhado, sem se aperceber do rasgão na saia de sombra; mas quando começa a tapar a nudez dos

seios de rola, dedos a tropeçarem nos minúsculos botões de madrepérola, ele sobressalta-se e, agindo num incontrolado impulso, no oposto dos seus modos habitualmente temperados, impede-a de continuar, e atraindo-a até à febre do seu corpo tumultuado, descalça-lhe os sapatinhos de renda, arranca-lhe a echarpe do pescoço frágil, descobre-lhe com beijos os pulsos estreitos de boneca de saxe.

Mas Juliana, de súbito, só quer ficar sozinha, e por isso repele-o determinada, empurra-o, gira sobre si própria como uma bailarina, num movimento de harmonia anelante. Nela, onde ainda há pouco ardia o fogo aceso, encontra-se agora o gelo; e é desse lugar agreste e impassível, até então seu desconhecido, que ela o fita com absoluta e abismada frieza.

Percebendo pela primeira vez quanto parece velho e gasto, face à sua extremada juventude

jubilosa.

†

A condessa de Soure rodeia o pulso de Leonor com os longos dedos rapaces e arrasta-a para um lugar de sombra na Sala dos Particulares. Sem lhe soltar o braço nu, num tom de voz enrouquecido e húmido como se o seu fundo contivesse um gemido, puxando-a a si pergunta-lhe, com os lábios ávidos a roçarem-lhe a curva do pescoço subindo até à concha do ouvido:

– Poderá D. Leonor satisfazer-me um desejo há muito aceso?

Inutilmente Leonor busca desenredar-se das suas mãos geladas, desviar-se do seu hálito de néctar toldado por uma névoa acre de resina, de musgo, de ferro recolhido na sua fundura de violeta insofrida. Mas logo a condessa a puxa com audácia atraindo-a ao peito, dando-lhe a conhecer a correnteza febril e desgovernada do coração descompassado a tentar aninhar-se no seu.

E quando Leonor atira a cabeça para trás a intentar fugir-lhe, escuta um sussurro abafado, enquanto o delgado corpo da condessa de Soure estremece convulso no seu vestido plissado cor de goivo, como um caule a

quebrar-se numa espécie de desmaio, ao mesmo tempo que dela parte uma densa fragrância obstinada, a elixir envenenado, a rosas equívocas, a filtro mítico.

Assombrada, Leonor dá-se conta da extrema transparência da sua pele azulada e lívida, em contraste absoluto com os cortinados de seda carmesim onde estão quase enrodilhadas, a fazer-lhe lembrar aqueles seus versos incompletos: «as raparigas de pele azulada de tão lívidas…» E por um longo momento ficam naquela espécie de abraço deslaçado mas palpitante, de envolvimento furtivo, abandono que as imobiliza fora do tempo. E a partir desse instante não tem noção de mais nada, esvaziada de sentimentos e de discernimento, tomada pela privação absoluta dos sentidos, como se estivesse suspensa num abismo, sem qualquer memória futura desses instantes ínvios.

Prisioneira desavinda, refém de obscuridades em que sempre recusara acreditar, Leonor apesar de tudo encontra forças para lhe buscar o olhar acerado e álgido, com um brilho alucinado a fazê-la estremecer, como se a custo acordasse de um pesadelo ou de um estado absurdo de absoluta turvidade, esquecimento e incompletude.

Então, de um salto consegue libertar-se como se voasse, distanciando-se o que pode da condessa de Soure que, com um mudo sorriso de troça, recua devagar até à porta de acesso a um dos corredores interiores do Palácio de Queluz, àquela hora imerso na modorra da sesta. E quando Leonor, como uma sonâmbula, sai cambaleante da sala, uma pequena pérola de sangue escorre remansosa ao longo da sua garganta branca.

†

Na alfândega embargam-lhe os livros que manda vir de França. Pina Manique dera ordem para que lhe fosse entregue directamente, intacto, intocado, tudo aquilo que chegue do estrangeiro dirigido a ela:

D. Leonor de Almeida Portugal, condessa de Oeynhausen.

Cartas, bilhetes, poemas, livros…

Seja o que for, será desembrulhado, aberto, folheado, lido e censurado, antes de ser destruído ou de chegar a ela devassado, conspurcado pela curiosidade mórbida, poluído pelo olhar alheio. Intromissão insuportável na sua vida, na sua intimidade, no seu orgulho assim posto de rastos.

Leonor queixa-se à Princesa Carlota Joaquina, que por seu lado vai falar com o Príncipe Regente seu marido que, evasivo, lhe responde invocando a segurança do Estado, a defesa do Reino e, por fim, as desconfianças do Intendente-Geral da Polícia.

Pela primeira vez é mencionado alto, fora dos gabinetes ministeriais, as dúvidas, as suspeitas que pairaram em torno de uma descendente dos marqueses de Távora.

Carlota Joaquina indigna-se, mas responde com calma:

– Eu diria antes que a perseguição que está a ser feita a D. Leonor de Almeida se deve ao facto inusitado de ela ser uma mulher ilustrada, com mais Luzes que a grande maioria dos fidalgos portugueses.

D. João encolhe os ombros impaciente, mas quando a vê sair dos seus aposentos, com a ira a matizar-lhe o olhar obscurecido pela cólera a custo domada, apesar dos seus movimentos aparentemente serenos, ele tem a certeza de ter aberto uma nova frente na guerra que mantém com a Princesa espanhola,

que em tão má hora lhe fora imposta como sua mulher.

†

Mal começam os preparativos para o casamento de Juliana, mais nova três anos do que ela, Leonor da Câmara passa a andar inquieta, noites tingidas de branco atravessadas em claro, sem entender o que tanto a incomoda no enlace da prima com o conde de Ega. E não sendo por lhe invejar um noivo, pois nunca desejara ninguém, nem o casamento cujas algemas e grilhões jamais aceitaria, o seu sobressalto mantém-se para si mesma um mistério, num marasmo de angústia.

Pois se sempre condenara a imponderabilidade da prima e o à-vontade deslumbrado com que ela se move nos salões, e se sempre desdenhara da

sua elegante silhueta e esbelteza do porte, a fazer com que todos se voltem para trás quando ela passa, com um donaire que sempre sentira sublinhar a sua própria figura desajeitada e desgraciosa,

isso nunca a sufocara nem lhe tirara o sono.

Há muito que Leonor da Câmara se habituou ao seu rosto moreno de azeitona baça e ao corpo pesado. Sem veleidade de paixões e de amores dos quais habilmente foge. Aliás, lembra-se de sempre ter preferido estar sozinha, sem vontade de partilhar a vida com alguém que não fosse o irmão José Maria, que ela criara a substituir a mãe, de cuja morte se recusa a falar.

Alguma coisa de novo e de inusitado deve então ter acontecido, algo que nela abrira uma ferida inesperada, noz de mágoa e água de lágrimas. Algo que particularmente a magoa e lhe dói, situando ela esse seu desacerto no início dos preparativos do casamento de Juliana, o que radicalmente mudara o quotidiano da casa da tia.

Foram meses infindáveis de constante desordem e sobressalto, de deleite e apego criado pelo futuro enlace, mudança de estado que a todos parece convocar e comover, levando-a a deter-se confusa diante dos espelhos espalhados pelas paredes das salas e dos quartos, onde ela mesma se abisma frente à sua imagem de mulher triste e desgraciosa. E mesmo essa, toldada pela beleza e a alegria da noiva feliz.

Das filhas de sua tia Leonor de Almeida, Juliana fora sempre aquela de quem menos gostara, suspeitando dela desde a primeira vez que a vira, ambas ainda crianças, boneca estrangeira chegada de França, vestido de seda e laçado de tule, sapatinhos bordados a crivo, cabelos louros frisados a soltarem-se da pequena touca de renda, riso alto e olhar furtivo cheio de malícia.

À medida que ela crescera, deparara-se sem surpresa com uma rapariga egoísta e fria, empenhada somente na sua pessoa; frívola, narcísica e estonteada com a própria beleza, interessada apenas em tudo o que dissesse respeito à superficialidade. Esmerada em polir modos e maneiras,

dedicando-se às disciplinas menos necessárias: dança, donaire, lições de bem pisar os salões da moda.

E ao começar a assistir à sua rápida transformação em mulher com menos tino do que alarde, Juliana de rompante escapara-se, afastara-se, rodopiara, redemoinhara, a voltear equivocamente em torno do seu harmonioso voo de pássaro.

Passo dançante, destino imoderado.

No entanto, ali está agora a sua prima prestes a casar-se, a unir-se quase menina a um homem com idade para ser seu pai, desse modo cumprindo costumes e submissões com persistência entranhadas na educação feminina portuguesa. Maneira de habitar a vida, da qual ela, Leonor da Câmara, arrostando embora com a solidão, desde sempre se afastara. E também por isso se surpreende com os seus novos sentimentos.

Desconcertante envenenamento de sangues, ferida inesperada no corpo febril, gosto de fel na boca ressequida, e aquela dor abrupta. Como se o seu coração estivesse a ser abocanhado

por um animal selvagem.

†

Enquanto Princesa Regente preciso de estar mais atenta ao meu contrário: àqueles que, com o seu pensamento filosófico e posicionamento político são contra os meus interesses e princípios. Aprendendo no entanto bastante com eles, pois dão-me a ver o caminho certo para os conseguir combater. Autores brilhantes, com palavras iluminadas pelas Luzes, opositores dos meus ideais monárquicos:

Rousseau,

Voltaire,

Condorcet.

Na tessitura de uma sabedoria que jamais atingirei, e apesar do meu pouco aprofundado estudo de princesa, que de tudo tem de saber apenas pela rama, leio cheia de prazer aqueles que com a sua escrita me transmitem um gosto intenso:

Cervantes,
Calderón de la Barca,
Soror Juana Inés de la Cruz.

Fazer uma biblioteca só minha, dentro dos meus aposentos, unicamente para minha leitura, é uma aspiração que venho a desenvolver. Apenas vejo D. Leonor de Almeida capaz de me ajudar a cumprir este sonho.

†

No momento em que começa a subir a escadaria da igreja pelo braço do tio, Juliana sente o vento gelado a cingi-la, cauda do vestido recamada de esmeraldas a enrodilhar-se nos degraus altos de pedra antiga talhada pelo tempo. E as suas pernas de rapariguinha vacilam sob o peso do vestido de noiva bordado a pérolas e laminado a ouro na bainha e nas dobras da saia.

Passo curto, breve e comedido, de cerimónia.

Nos pulsos estreitos, que as luvas brancas deixam a descoberto, sente o roçar áspero do ramo de açucenas que leva apertado ao peito, e nos cabelos louros frisados, canudos e caracóis a emoldurarem-lhe a face, brilham miríades de diamantes mínimos e alfinetes de safiras do tom dos seus olhos.

Ao vê-la subir a grande nave juncada de gladíolos brancos e rosas pálidas, Leonor não consegue impedir o sentimento de culpa, ao reconhecer na filha a menina em vez da mulher que se casa com sua autorização.

Junto do altar-mor em talha dourada, onde a Nossa Senhora da Conceição de olhar ausente se adormenta, o conde de Ega leva os dedos nervosos às têmporas grisalhas, numa espécie de afago. Pelos seus lábios finos perpassa, demorando-se, um manso sorriso de homem triste, e de mãos atrás das costas curvadas fica a observar a noiva que se aproxima, fazendo-lhe lembrar uma rapariguinha paramentada para a sua primeira comunhão, apesar da figura alta e dos seios bem desenhados, talhe delgado a simular quebrar-se pela cintura mórbida, que a faixa de seda acentua.

Flor de murta.

Juliana limita-se a aceitar a doçura febril e mesclada do cheiro das flores toldando-se à sua roda, perfume intenso, denso, a entontecê-la, enquanto vai andando ao de leve nas lajes escorregadias; andar travado pela vontade do tio, que assim parece atrasar a entrega da sobrinha ao noivo muito pálido e hirto na casaca preta, sem tentar iludir a grande diferença de idade existente entre os dois.

Ela mal o distingue, apenas o vulto na sombra, apesar das velas enxameando os altares. Adivinha-o, no entanto, a fitá-la numa avaliação muda e satisfeita com aquilo que vê.

Toucado de renda aberta, véu descido pelos ombros a bordejar-lhe o arredondado precoce dos flancos, olhar lânguido de recato, mas matreiro por entre as pálpebras semicerradas tentando abarcar o espaço à sua roda, analisando a expressão dos rostos que se voltam à sua passagem. Detendo-se por fim na mãe, que lhe parece triste em demasia para quem como ela se alegra com a liberdade que ganha ao casar as filhas. Desprendida e ambiciosa demais – adivinhara-o desde pequena – para se prender com preocupações de família, recusando as banalidades do dia-a-dia que tanto a enfadam.

Pelo olhar frio detido em si, Leonor adivinha o pensamento da filha, e admira-se com tamanha intensidade reprovadora e inadequada, de quem sempre faz questão de se mostrar estouvada e fútil. Incomodada, repara no andar crispado de Pedro, farda ajustando-se como uma luva ao corpo magro, a custo sustendo a excitação da sobrinha, enquanto passo a passo cadenciado e hirto se encaminham na direcção do padre, perto do qual o noivo parece ainda mais envelhecido. Afinal não fora ela quem arranjara aquele casamento, que ainda tentara contrariar, achando mais adequado para marido de Juliana D. João de Mascarenhas e para Leonor Benedita o conde de Ega.

Teimaram ambas as filhas no contrário, ela aceitara. E agora Juliana casa-se a seu gosto, dezasseis anos de súbito crescidos, querendo fazer da vida uma eterna festa, sonhando com a paixão que aguarda intensa e fatal,

sem nenhuma imagem de homem para caber na desmesura do seu desejo de adolescente mimada. E Leonor observa-lhe o jeito contrito com que ela se ajoelha no genuflexório de madeira escura e pesada, forrado de veludo cor de granada sustida.

Mãe desconfiando, com motivo, da sua sinceridade,
da candura excessiva que dela se desprende.

†

DIÁRIO

Torno à leitura de *Decameron* de Boccaccio.

De *Darthula* de Ossian.

Da *Ilíada* de Homero.

Dos sonetos de Shakespeare.

Vou até onde ouso nas asas da poesia e do sonho, profundezas com negrumes de subsolo; aí chegou Orfeu para em vão resgatar Eurídice. Lugar onde não se pode resgatar da morte é a morada de um crime; Sala de Armas, ódios e guerras, que em si mesmas permanecem num último suspiro, reduto ou equívoco, mas também seu testemunho contrário.

Pergunto:

Onde ficaram perdidos os heróis?

Lisboa, 30 de Março de 1800

†

Embora contrariando a vontade do marido, Carlota Joaquina, poucas semanas depois do parto da infanta Maria Francisca de Assis, torna a

animar o palácio de Queluz com as serenatas, os saraus de música e os bailes de gala, onde o minuete está na moda.

Nas estantes dos cravos de charão voltam a equilibrar-se as partituras de Gluck e nas dos pianos os concertos de Mozart, de Haendel e de Haydn; embora ela não esconda preferir os boleros e as malaguenhas dolentes de sensualidade ferida, assim como as modinhas brasileiras, para melhor colmatar e aliviar a tensão a que nos últimos tempos estivera sujeita.

Juntamente com as suas damas espanholas, camareiras e jovens açafatas, a Princesa Real quer alegrar os dias da primeira primavera de 1800, demonstrando assim às velhas fidalgas, de quem troça, quanto tinham sido supersticiosas e ignorantes ao acreditarem nas bruxas e nos falsos profetas que anunciavam o fim do mundo com a mudança do século.

Carlota Joaquina jamais dera ouvidos a essas desgraças apregoadas, escarnecendo dos versos de cordel dos cegos e aborrecendo-se de morte nos salões esvaziados de Queluz, devido ao medo dos fidalgos iletrados que, temendo os catastróficos presságios, se refugiaram nas igrejas e nos oratórios de suas casas.

A posição lúcida da Princesa agradou a Leonor, e quando ela a mandou chamar ao Palácio de Queluz acorreu sem demora, sendo recebida pela Princesa Regente, recostada em almofadas de seda da Índia e cetim debruado a ouro no sofá da sua sala de trabalho.

O rosto comprido de cigana guardava uma expressão sonhadora e quase doce que Leonor lhe desconhecia. Indolente e lânguida, livro de poesia de Calderón de la Barca aberto no regaço de rendas e opalas.

†

Delfim franzino e delicado na sua magreza de criança cismada, Francisco António Pio é um menino silencioso, desconfiado, adivinhando-se príncipe por um incerto e enganoso destino que nem sequer merece, demasiado maleitoso para ser herdeiro do trono de Portugal, como lhe dizem as palavras e os olhares apiedados, estouvados ou cruéis daqueles

que o rodeiam. Por isso ele se afasta, se esgueira, arrastando o leve peso que, no entanto, é demasiado para tão poucos anos da sua vida quebradiça.

Estranho aos protocolos e às etiquetas, às cerimónias, às serenatas, aos «Te Deum», às viagens de pressa entre os palácios, por onde vai passando arrastado por amas e aias e camareiros, atrás dos Príncipes Regentes seus pais que mal conhece, acabando sempre por regressarem aos labirintos do Palácio de Queluz, que ele prefere, e os quais conhece como ninguém:

os corredores sombrios e os recantos escuros, escusos, esconsos, os paióis de pólvora, os esconderijos fatais de onde não se regressa, as celas subterrâneas de estreitas janelas com grades, lugares de névoa nos quais ainda se ouvem os gemidos de quem lá esteve prisioneiro, cárceres que Francisco António Pio respeita e evita, contornando-lhes as portas pesadas chapeadas de ferro, seguindo depois na busca do imbricamento das fundações e dos alicerces do Paço.

Dédalo.

Percorrendo com os longos dedos suaves as fendas das paredes grossas e cheias de salitre das caves obscuras, das cisternas onde a água ganha o tom parado e ameaçador da cinza em que se transforma a lava, das minas geladas onde a maior humidade se aninha; lençóis de água imobilizados, perto dos quais ele sente subir a sufocação no peito fraco, a estrangular o seu débil fôlego de Delfim doente. E o Principezinho da Beira segue uma absorta rota aleatória, na perseguição de sonhos, de feitos, de heroísmos, medos e adivinhamentos, a desassossegarem-lhe o olhar aflito.

Na teima de encontrar a marca indelével de presenças morosas e indefiníveis, cicatrizes e pegadas, pistas que o tempo se encarregou de apagar mas ele pressente naqueles sítios suspeitosos e inquietantes onde julga adivinhar silenciosos vultos esgueirando-se, imaginando escutar sussurros e choros de que dá conta, arrepiado.

Nunca desiste, porém, como quem segue errante um itinerário umbroso e inexorável, indo pelos depósitos, as tulhas, as despensas e as arrecadações em que se amontoam os despojos das salas e dos quartos, da capela e dos oratórios: talha, véus de renda, genuflexórios, mãos e cabeças de santos

decepados, aqui os olhos de Santa Luzia numa bandeja de prata, ali o coração de Jesus trespassado de setas, os linhos e os buréis, os cortinados de veludo à mistura com vestidos de aparato, luvas de punho alto e capinhas de cetim trancados em arcas mofentas, a desprenderem quando abertas um cheiro acre a suor retardado.

Pela hora da sesta dos dias mais tranquilos de verão quente, embora correndo o risco de se encontrar com D. Inês Telo de Menezes, sua mestra oficial, ou com os camareiros açodados que se afligem a procurá-lo, Francisco António Pio atreve-se a subir até às salas e salões vazios, que atravessa cerzido às paredes cobertas de damasco e de panos de arrás, e como uma leve sombra desliza sem ruído, semicerrando as azuladas pálpebras na tentativa de quebrar a luz que o encandeia, ainda cego e atordoado pelas penumbras das profundezas do palácio. E se por acaso se cruza com as anãs da Corte, pois só elas se atrevem a desrespeitar as horas de silêncio e de descanso do Paço, o Príncipe desvia-se dissimulado, evita-lhes o arrazoado e as graças ferinas, e sem querer ser descoberto sobe correndo com passos de feltro até às águas-furtadas, empoeiradas e cobertas de dejectos dos pássaros que entram pelos vidros partidos da clarabóia; sótão onde se aninha no chão empoeirado, exausto e enroscado em si mesmo, a sujar ainda mais o fatinho azul-cobalto com a gola branca de renda.

Imensos olhos escuros aluados.

†

– Não quero esconder do senhor meu Pai que mandei uma carta a Pedro, a aconselhá-lo a vir à Corte explicar-se com o Príncipe Regente sobre o caso do tal juiz de Abrantes, com quem o mano tem aquela pendência por resolver.

– Disseram-me que esse juiz até já foi à Corte queixar-se aos ministros do teu irmão…

Leonor olha o Pai com curiosidade: parece-lhe detectar na sua voz uma nota dissonante, trémula, de quebra ou submerso soluço calcado no fundo,

que ela nunca lhe ouvira. No entanto, o seu rosto impassível e fechado desmente qualquer fraqueza.

– Por isso mesmo Pedro tem de vir! Como lhe mandei dizer, «*não falta na Corte quem procure destruir no Príncipe a inclinação que este mostra ter por ti.*»

– O teu irmão contribui para tal, com as confusões em que se mete. Embora desta vez me pareça que a balança possa pesar mais para o lado dele.

Percebendo que a voz do Pai voltara à habitual consistência, Leonor atreve-se a confessar:

– Ainda não percebi qual foi a causa da desavença do mano com o tal juiz. Seja como for, as acusações contra ele só serão ultrapassadas com a sua presença e com o que ele mostrar a seu favor.

Mal Leonor parte de Almada, D. João senta-se à secretária e escreve ao filho, embora sem esperança de ser escutado:

«Quando toda esta história começou, lembro-me de te ter dito que não via outro remédio senão vires tu a Lisboa esclareceres o assunto. Fizeste orelhas moucas à minha opinião, mas diante do agravo que o assunto levou, sinto-me na obrigação de repetir o já dito e escrito: não tens outro remédio senão vires depressa falar com o Príncipe. Desse modo terás ocasião de destruir o que contra ti continuam a armar.»

†

Perturbada, lê as palavras de Gonçala,

chegadas de manhã bem cedo num papel enrodilhado de tantas vezes ser escondido, lido e dobrado sobre si mesmo:

«Não é do desperdício da minha vida que te quero falar, Leonor, nem da tua longa ausência a que já me acostumei, pois aprendi a sublimar a dor ou nela lembrar-te como te conheci. Mas tantos anos se passaram sem nunca mais nos vermos, que já nem sei se o rosto que recordo é mesmo o teu, se outro inventado pelo meu sonho, pelo meu desvelo e devaneio a teu

respeito, supondo-te a meu lado durante as madrugadas de febres altas e delírios, arrecadados dentro de mim mesma.

Alumbrada.

E por isso te escrevo,

não querendo desaparecer desta vida sem tempo nem modo de te dizer da minha gratidão por me teres levado a abrir a janela do espírito, vidros e portadas de madeira grossa das quais aprendi contigo a correr o trinco de ferro temperado, e em seguida permitir-me sem medo deixar partir a imaginação como pássaro voado ou águas de rio em si mesmo incontido, até se misturarem com as outras de onda, tão salgadas quanto as minhas lágrimas a comparar com as tuas, que sempre me pareceram doces quando tombavam na minha pele e na minha face, semelhantes a chuva.

Contas de um rosário de pérolas, que tu Leonor desejarias poderem ter sido de rubi dos sangues clandestinos, como os das mulheres encobertos por baixo dos hábitos e das saias. Tu, na pressa de um escândalo ou de um milagre que te deixasse fugir, e eu a segurar-te, temendo o arrebatamento e a rebeldia que um dia iria fazer-me perder-te; quando eu na verdade nunca te tive mais do que o tempo das novenas, das missas, das horas canónicas…

Como confessar-te então, das setas de luz ardente e dos delírios, dos lírios que entretanto descobri rodearem e ampararem Teresa de Ávila nas suas visões, exaltações a arderem hoje na minha cela, iluminando-me as noites repassadas por muitos negrumes.

Tu que foste a Ávila

e fitaste o que Teresa olhou, e tocaste com os dedos ao de leve nos sítios onde os dela passaram, a buscares ouvir as suas falas e rezas e desejos exasperados de excesso. Tu que sempre me entendeste nos desvios e na estranheza, e jamais como as madres a tratarem-me de louca, a trancarem-me, a fecharem-me à chave, recuando assustadas pelo modo como me diferencio delas; a benzerem-se e a purificarem-me, tementes diante do que cuidam ser o maligno, desde que me descobriram as manchas, as feridas, as chagas do corpo. Mandando chamar em correria os padres

confessores, a fim de me exorcisarem às escondidas, pelo avesso da claridade.

Mas tudo isto ignoras, Leonor,

desconhecendo também como entretanto aprendi a tirar da existência sem esperança o meu próprio devaneio e incêndio ou anseio e arremedo de êxtase; amordaçada pelo desejo de ir mais longe, subir ao topo do mundo e aceitar-me tal como sou sem dimensão possível, só me restando a transparência, a transfiguração, a transcendência…

Poeira, nem mais, ou jactância?

E se nos meus desmaios me elevo rasteira um pouco acima do chão, expondo assim o que está para lá do material, é por não suportar mais a mediocridade, a pequenez e a ignorância de que estou rodeada,

Leonor,

e por isso não temo a morte mais do que saber-me viva mas aprisionada por trás das grades de um convento, algemada a uma vocação que jamais tive.

Mulher na humilhação e no desassossego, desde sempre a ter de disfarçar a inclinação para a rebeldia, a liberdade. E é sobretudo em nome dessa ousadia que eu te escrevo, Leonor, e te peço em nome do que já fomos uma para a outra que não me deixes morrer sem antes vires pela última vez,

a estares comigo.

Eu quebro-me pela haste, minha rosa-da-índia.

†

Ele mistura-se com a sombra da janela de friso. E fica a ver Leonor de longe, distraída dos outros, enquanto a serenata vai seguindo à sua revelia. Desatenta das luzes das velas dos lustres de cristal de Morano, com flores de cores brandas, ligeiramente encostada ao tremó onde a sua face está reflectida.

Inquieta.

Pálida.

O olhar fugindo por entre os músicos, os grupos que se formam e logo se desacertam, por entre os risos, a música de que habitualmente tanto gosta, mas desta vez alheia mesmo aos versos recitados.

Catarina de Lencastre chega rindo junto dela mas, ao perceber a perturbação da amiga, toma-lhe o braço e, inclinando-se, fala-lhe ao ouvido. Adivinho mais do que distingo o seu sorriso triste, por entre o desânimo que lhe ensombra a alma, e a certa altura percebo estarem a falar de D. Pedro de Almeida pela maneira como uma e outra o fitam enquanto conversam.

O jovem marquês de Alorna que, junto da porta que abre para o jardim de Malta, fala com o ministro Luís Pinto, tentando por certo esclarecer o diferendo que nos últimos tempos o tem vindo a opor ao juiz de fora da cidade de Abrantes onde ele e a Legião Alorna foram colocados, está longe de supor ser o centro privilegiado das atenções da grande maioria das pessoas presentes.

Sentada ao fundo do salão, a Princesa Carlota Joaquina
não tira dele os olhos cismados.

†

Eugénia de Meneses tenta passar despercebida, apesar do seu vestido de nuvem branca com folhos de neve. Do seu lugar de aia da Princesa, vê o Regente D. João atento à calorosa conversa entre o ministro Luís Pinto e Pedro de Alorna, tentando ler nos lábios deste as palavras às quais afinal se tem esquivado desde a chegada do general a Lisboa.

Como se sentisse fixada nele a atenção de Eugénia, o Príncipe sobressalta-se, olhar desnorteado a buscar o seu, antes que ela se resguarde e baixe os olhos sobre as mãos morenas e finas, entrelaçadas no regaço ameno.

Sem nenhum capricho.

†

Debruçada sobre o caderno, capa com flores toldadas de um tom velado de rubi escurecido, Leonor vai dissertando sobre os seus pensamentos, permitindo-se correr o risco de os seus inimigos poderem um dia vir a ler aquilo que escreve, em jeito de desabafo e de crítica. Descuidando por momentos a atenção a que sempre se obriga.

À sua roda palpita o mundo que ela pretende agarrar através das Luzes: o conhecimento, o estudo. Teimando em não abrir mão da vida a que tem direito, a querer deslindar tudo aquilo que, para ela, se mantém um enigma.

Por vezes parece perder-se a olhar a profundidade do espaço, abóbada celeste crivada de estrelas ou aturdida de claridade. Noutras ocasiões vai até à beira-mar, onde fica imóvel a tentar adivinhar o que poderá haver para lá do horizonte. A pretender desvendar o motivo do empenho das ondas esmeraldadas em iludir aquilo que no seu corpo de água permanece tão assustadoramente insondável.

Os mistérios atraem-na através da razão que os explica.

Quem sabe se do coração do poema?

Versos que a amparam e a ampliam, nunca se esquecendo todavia de burilar a sagacidade. A finura e a argúcia tão necessárias para o jogo da política. Sem elas jamais poderia manobrar, como faz com arte, por entre os destemperos da Princesa Carlota Joaquina, o desespero emudecido da Rainha D. Maria, as panaceias e as melancolias amedrontadas do Príncipe D. João que, numa constância obscura, tenta contornar as intrigas, atento às armadilhas montadas pelos ministros e fidalgos que lhe são adversos.

Acautelando-se contra as perseguições das quais sabe ser alvo exposto, Leonor esgueira-se diante das insídias, das calúnias viperinas, esmerando-se no evitar das ratoeiras armadas debaixo dos seus passos. Ciente do perigo que corre ao ajudar a Princesa Real a opor-se à vontade poderosa do Príncipe Regente; mas também a fazer frente ao poder dos ministros, dos cardeais e dos fidalgos.

Depois de subir um pouco a renda do punho do vestido esmeralda, Leonor inclina-se mais para continuar a escrever:

«A corte é um abismo onde as pessoas de bem muitas vezes naufragam. Os cortesãos são como o mármore, duros e polidos; é preciso evitar chocar contra estas pedras. Não há ponta de sinceridade na Corte. É necessário ser-se muito reservado, muito prudente; tendo atenção a jamais ferir o amor-próprio de ninguém. Deste modo terão os outros mais dificuldade em ferir o nosso.»

Leonor está tão absorta que não dá por Frederica, que a olha do resguardo da porta entreaberta.

†

O marechal general duque de Lafões, querendo ganhar o transporte amoroso de Henriqueta esposa arredia, deixa-a julgar ter ganho com a sua persuasiva pressão e acede em ficar do lado do general Alorna no ridículo caso da recusa dos víveres para a Legião das Tropas Ligeiras por parte do juiz de fora de Abrantes.

Indo mesmo mais longe, ao levá-lo como seu ajudante-de-campo na inspecção que resolvera fazer pela Beira e Alentejo, começando exactamente por Abrantes. Não poupando elogios ao trabalho por ele desenvolvido, promete-lhe melhores condições e mais fundos para continuar a preparar as tropas e o terreno, a fim de se fazer frente às tropas inimigas.

Quando o duque volta de Portalegre, onde fixara o seu quartel-general, e conta à mulher que fizera as pazes com Pedro de Alorna, esta, radiante, vai na noite seguinte à assembleia de Leonor de Almeida e, afastando-a sem qualquer explicação da companhia de Bocage e de Catarina de Lencastre, dá-lhe conta do êxito da sua interferência junto do marido no que diz respeito a Pedro.

Lafões, pelo contrário, sempre que vai ao Paço parece evitar Leonor que, percebendo os esquivamentos constantes e o olhar fugidio do duque, desconfia das suas boas intenções, ficando a temer pelo futuro do irmão.

†

D. Maria debate-se com a estranheza de ter todo o tempo do mundo para gastar com o nada que é o vazio da sua vida, agora sem nenhum sentido. Aos fins de tarde passeia na companhia de D. Mariana de Arriaga, a sua dama mais fiel, pelas alamedas perfumadas dos limoeiros doces, a deixar-se emaranhar um pouco pela sombra do caminho que do Palácio de Queluz parte em direcção à Matinha. Tendo sempre o cuidado de se afastar das jaulas das feras e das gaiolas dos grandes pássaros aprisionados, que nas horas abrasadas, quando o sol bate de chapa nas grades, soltam os seus urros e gritos estridentes.

Destronada pelo filho, a Rainha, embora pareça conformada, entristece, definha. E apesar dos rumores, dos boatos sobre os ventos gelados da guerra que giram pelo Paço, fica a maior parte dos dias revivendo o passado. Demorando-se ora na infância feliz, ora nos primeiros anos do seu reinado, apoiada pela forte relação de casamento com Pedro seu tio, esteio e afecto incondicionais. Pai dos seus filhos, embora jamais tivesse ocupado o lugar do amante e do amado. Mas, na vida dela, a paixão sempre fizera parte da substância do sonho, não da realidade.

É quando vence a depressão profunda que a Soberana revive melhor as suas memórias: quer as longas caminhadas a cavalo ao lado da mãe, cavaleira exímia vestida com o seu fato negro de amazona, chapéu com uma pequena pluma fulva tremeluzindo ao vento, quer o dia em que fez o seu juramento na hora de ser coroada primeira Rainha de Portugal.

Por pouco escapando à lei sálica.

Reinado rodeado de hostilidades, num encruzilhar de traições, de farpas aguçadas e palavras de gume afiado no seu fio e ponta de aço; de conselhos envenenados, urdiduras laminadas e enredos; insídias e perfídias e deslealdades…

Num tempo sem rasto de esperança.

†

O Príncipe Regente procura com os olhos Eugénia de Menezes, que sempre encontra entre as esfuziantes damas espanholas de Carlota

Joaquina. Pequena e delgada como uma menina que já não é, com a sua pele macia de morena clara, olhos esquivos e escuros de portuguesa, pescoço alto onde os cabelos castanhos se anelam para em seguida tombarem como uma cascata nos ombros despidos.

É neles que D. João fixa por segundos o olhar sonolento, estremecendo de espanto ao sentir o coração apressar-se no peito opresso. Incomodado, afasta-se para o seu gabinete de trabalho, tentando inultilmente desviar o pensamento da tímida neta dos marqueses de Marialva, que o atrai pela beleza discreta e meiga, mas sobretudo pelo feitio submisso e sensato. Cansado de ter a seu lado uma mulher fria, agressiva, de natureza determinada e calculista, que exige ter sempre uma palavra a dizer nos negócios de Estado. Usando ultimamente a seu favor o facto de ser conhecedora privilegiada do que está a acontecer na Corte de Espanha, através da correspondência trocada com o irmão.

D. João, sentindo no ar o travo do «perigo militar que ameaça Portugal», e consciente da grande debilidade das forças armadas portuguesas, incapazes de enfrentarem uma batalha, e menos ainda uma invasão, encarregara Pedro de Alorna de apresentar um plano para a reorganização do exército.

No final do ano anterior, já ele tinha entregado um exaustivo e minucioso relatório a que chamou «Reflexões Sobre o Sistema Económico do Exército», que até agradara ao Príncipe, embora este não tivesse dado aplicação a nenhuma das suas propostas. Incapaz de encontrar em si mesmo determinação para refrear as intrigas, as iras recalcadas e os desapreços contra Pedro de Alorna da parte do duque de Lafões. Sem forças, firmeza nem ânimo para controlar jogos de poder e pressões que sempre surgem quando se trata do jovem marquês de Alorna ou de sua irmã D. Leonor de Almeida, de quem o Príncipe Regente particularmente desconfia, pela má influência que crê ela exercer sobre Carlota Joaquina.

D. João acaba por se sentar diante da secretária, imerso no habitual sentimento de solidão. No dia seguinte convoca o Conselho de Regência e anuncia ter decidido chamar com urgência da Alemanha o conde Goltz, a

fim de preparar o exército para os inevitáveis confrontos com as tropas francesas e espanholas.

†

Para se distraírem do sobressalto que lhes trazem os rumores de guerra cada vez mais próxima, Catarina e Leonor decidem ir ao Real Teatro da Rua dos Condes ver a peça *Mérope*, de Voltaire, cuja adaptação acaba por cobrir de ridículo aquilo que o autor pretendia dizer. Representação à medida da pobreza de espírito que impera em Portugal, onde cada vez parece ser mais difícil encontrar indícios de sabedoria e de inteligência.

Da segunda parte do espectáculo consta um bailado que desconfiam não ir suportar, saturadas da falta de talento e fealdade. E quando chega o intervalo levantam-se ansiosas por fugir dali, forçando a passagem por entre as pessoas que atravancam os corredores estreitos. Avistam o sueco Carl-Israel Ruders, que já as tinha cumprimentado ao cruzarem-se à chegada.

Durante a peça, o seu olhar castanho e lânguido havia-as procurado, subindo da plateia até ao camarote onde se encontravam, troçando à socapa, a coberto dos leques, dos ademanes dos actores a tentarem, em vão, adaptar-se aos papéis femininos: alguns de barba e bigode, pêlos negros a escaparem das golas e dos decotes castos de virginais vestidos brancos, que não lhes disfarçam os corpos masculinos, apesar das anquinhas, a escorregarem nos quadris direitos.

Quando estão a tentar romper por entre os grupos ruidosos que se amontoam, avistam o duque de Lafões a acenar-lhes de longe, redingote de seda azul-forte bordada a prata, seguindo no rasto encantatório da sua jovem mulher Henriqueta de Meneses em traje de corte: sapatinhos de salto, pequenas plumas brancas a adornarem-lhe os cabelos negros semeados de miosótis e rubis, evidentemente mais interessada na companhia da marquesinha de Tancos, que vai deslizando à sua frente, penteado de cacho e fato escarlate rematado a ouro na bainha e nas nervuras das mangas, pulseira de brilhantes no pulso de criança, mão

trémula e lívida prisioneira entre os longos dedos da belíssima condessa de Soure, que acerta o passo pelo dela.

A sege que Leonor mandara esperar, parara junto do Pátio do Conde da Ponte, um pouco antes da Rua das Portas de Santo Antão, não muito longe da entrada para o teatro. Apesar de tudo têm de andar um pouco, a desequilibrarem-se nas pedras soltas e cortantes, a enterrarem os pés na terra húmida, passo dificultoso e incerto a que a delicadeza dos sapatos obriga.

Aconchegam melhor as capas de veludo em redor dos ombros nus, mostrando a esmeralda de cetim do forro, avesso a emoldurar as faces de Catarina que dera o braço trémulo a Leonor, assustada com o escuro da noite onde a luz macerada dos raros candeeiros de azeite não penetra.

Atardam-se uns segundos, enredadas no frio áspero que arrepia Lisboa naquele outono. Os olhos de ambas a divagarem pelas estrelas brilhando por entre as nuvens empurradas por um vento agreste a cheirar a rio. E é ao descer o olhar do céu, entrecortado de brilhantes no seu luzeiro de estrelas, que Leonor depara com Pina Manique, a quem reconhece de imediato, parado à esquina da travessa estreita.

Olhar fixo, a fitá-la com demora.

†

Encontra-se na Real Quinta de Caxias a acompanhar a Princesa Real, quando é procurada por um postilhão que, muito agitado, lhe entrega uma carta, dizendo-lhe vir da parte do general Alorna, entretanto preso na Torre de Belém.

Leonor empalidece, mas não querendo mostrar nenhuma fraqueza a quem a olhe, afasta-se antes de começar a ler o que lhe manda dizer o irmão na sua letra cerrada: «*Mana, eu parti com ordem do Príncipe*»… Corre os olhos pelo papel amachucado, salta palavras, corre sobre as frases sem conseguir descobrir à ordem de quem o irmão está preso, até que, bem a meio, lá está a frase que temia: «*Estou preso pelo duque de Lafões, mando as minhas patentes ao Príncipe*.»

Só então Leonor repara que, para além da mensagem que Pedro lhe escrevera, há mais folhas que o irmão pede que entregue ao Príncipe Regente: «*Espero a certeza que lhe chegarão às mãos para me dar a mim mesmo por solto porque, como já não fico militar, não me resta obrigação de subordinação*.»

Sem se deter em nada mais, Leonor procura D. Carlota Joaquina, a quem coloca a par do acontecido. Concedendo-lhe de imediato a Princesa autorização e meios para que ela parta a caminho do Palácio de Queluz, onde se encontra D. João. Sem argumentos para aceitar a demissão de Pedro de Alorna, o Príncipe apressa-se a expedir uma ordem para o soltarem.

E quando Leonor, dias depois, quer saber o motivo que o levara a uma situação tão absurda, Pedro apenas lhe diz:

– A causa da minha prisão, mana, é a falta de autoridade do Príncipe, e o excessivo poder do duque de Lafões que não perde uma ocasião para mostrar ser o meu pior inimigo.

†

DIÁRIO

Encontrei a Princesa Regente em grande sobressalto.

Acabara de ler uma carta do Príncipe seu irmão, a informá-la da chegada a Madrid de Luciano Bonaparte, que a 6 de Dezembro fora à Corte apresentar ao Rei D. Carlos as cartas credenciais de embaixador francês.

«Segundo dizem, Luciano e Napoleão são muito apegados. Acautela-te minha irmã e diz a teu marido que acautele o seu Reino, que vem por aí muita tempestade, pelo que vejo e escuto por estes lados.»

Longe de Lisboa, o Príncipe D. João não sabe ainda destas notícias, e D. Carlota Joaquina, considerando-as graves, parte amanhã cedo para Mafra a dar parte delas ao Príncipe.

Lisboa, 10 de Dezembro de 1800

†

Quando morre o marquês de Ponte de Lima, Leonor está com o pai em Almada, retida desde a véspera por um violento temporal. Para irem ao enterro têm de esperar que o vento e as águas do Tejo amainem, a fim de poderem fazer sem perigo maior a travessia para Lisboa, embora a chuva gelada continue a não dar tréguas.

«Com o marquês desaparece o último arrimo da nossa família junto do Príncipe» – lembra, preocupado, D. João de Alorna. Mas Leonor, que não se esquece da posição hostil do velho ministro em relação a Carlos Augusto quando embaixador em Viena, não deixa de comentar: «Nem sempre ele demonstrou tanto apreço naquilo que a mim dizia respeito…»

A isto, o pai emendou-a com a dureza habitual: «Naquilo que a teu marido dizia respeito… Não a ti, nem à nossa família! E se o marquês se comportou como dizes, lá teria os seus motivos…»

Embora indignada, Leonor cala-se.

†

São tantas as Luzes experimentadas por Leonor num excesso de si própria, que se queda interdita, tentando perceber mais do que os luzimentos que nela por vezes parecem confundir-se e confundirem-na.

«Não me apaziguo!» – pensa alto.

Desconhecendo-se sempre que acalmosa, e só tornando a ser ela própria quando volta a incendiar-se, imprevisível. Já que o corpo Leonor julga domar pelo esvaziamento, assustada com a inclinação para a arrogância e a avidez que teme serem de seu carácter.

Suspeita a corroer-lhe o peito, coração apertado pelo anseio. Ansiedade e desacerto que não a ajudam a encontrar sossego na almofada de linho e entremeio de renda da cama fria, onde todas as noites se deita. Consciente de quanto é fraco o saber e defeituoso o seu poder sobre a paixão e o desconhecimento dos sentidos. Levando-a a desentender-se com a própria desmesura, num anelo febril que ultimamente lhe invade os sonhos.

Ansiosa sem entender porquê.

Desprezando o pouco, para logo recusar aquilo que teme ser demasiado.

†

A Princesa guarda para si o que sabe,

preocupada com o medo que Portugal sente face à perspectiva de ser invadido pelas tropas espanholas, enviadas por seu pai, o Rei Carlos IV, pressionado nesse sentido pelo favorito Godoy, então aliado de Bonaparte.

Carlota Joaquina deixa errar os olhos escuros pelos labirintos dos jardins de Queluz, que ela conhece desde menina, agradada com o tom fulvo velado do crepúsculo, a colorir as águas cintilantes da Cascata Grande onde os últimos raios do sol mergulham.

Também ela tem os seus informadores, que sempre a põem a par do que se passa na Corte, nas reuniões do Conselho de Ministros ou do Conselho de Regência, assim como de cada uma das decisões de D. João, seu marido.

Desse modo, antes mesmo de a carta do Príncipe Regente para o embaixador português em Inglaterra ter sido expedida a 8 de Janeiro, sabe o que dela consta, embora o seu conteúdo seja estritamente sigiloso. Trata-se da formal solicitação ao governo inglês da ajuda militar prometida, com a maior urgência, «pois a invasão não demoraria mais de quinze dias».

†

Algum tempo depois da morte do marquês de Ponte de Lima, ministro de Estado, o Príncipe D. João vê-se obrigado a fazer uma remodelação

governamental, começando por aquilo que Carlota Joaquina mais temia: o reforço da posição do duque de Lafões, seu primeiro inimigo, nomeado mordomo-mor e ministro assistente ao Despacho, acumulando com a pasta da Guerra.

A partir desse momento, o duque é quem em Portugal detém o maior poder político depois do Príncipe Regente. Por sua vez Luís Pinto de Sousa Coutinho deixa o cargo de secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra, para ficar incumbido das negociações com Espanha.

Leonor é de novo chamada à pressa ao Palácio de Queluz onde a Princesa Regente a espera em alvoroço, prevendo o pior para si e também para Portugal, país que já considera como sendo seu. Mas para lhe contar tudo com o maior sigilo, desconfiada até das próprias paredes, arrasta-a consigo até aos seus aposentos vazios, onde vai desfiando tudo o que sabe e até aquilo de que suspeita.

Leonor começa por escutá-la incrédula, sem saber o que lhe dizer para a acalmar, suspeitosa dos seus exageros. Mas quando mais tarde encontra a Princesa Maria Francisca Benedita, igualmente preocupada com o curso dos acontecimentos e as últimas decisões do sobrinho, Leonor percebe que tem de prevenir com urgência o irmão do que está a passar-se.

†

Pedro de Almeida, que entretanto fizera instalar o seu quartel-general em Lousa, perto de Castelo Branco, confiante nas promessas do duque de Lafões de que lhe serão enviados recursos suficientes para preparar a Legião de Tropas Ligeiras, resolve valer-se das suas poucas posses e maior crédito, e depois de falar com Henriqueta – por seu lado a cuidar dos soldados doentes – e antes que seja demasiado tarde, começa a fazer o que mais urge:

abastecer Almeida;

tornar Monsanto numa praça de guerra;

reconstruir o castelo de Vila Velha, então em ruínas;

levantar trincheiras, cavar fossos, construir barricadas;

fortificar a posição de Telhadas, acrescentando-lhe três redutos, entrincheiramentos e abrigos;

erguer um forte na Guarda, com casamatas, de modo a resistir aos canhões do inimigo.

Entretanto, recolhe fundos para construir um hospital no Fundão onde, tal como em Cardigos e em Celorico, instala centros de abastecimento. Por fim, faz uma estrada que garantirá uma mais rápida ligação com a retaguarda. Conta com as milícias, com as populações e a própria Legião Alorna, menina dos seus olhos. – «*Criei um corpo com mil e seiscentos burgueses*», escreve ao pai.

E como o dinheiro prometido não chega, Pedro contrai dívidas das quais se dá como garante. Sem reclamar de nada, Henriqueta assusta-se com os inúmeros débitos por ele avalizados, apesar das dificuldades que têm em manter o estilo de vida que pretendem dar aos filhos. Aflita, escreve à cunhada, a quem pede conselho ou pelo menos um consolo amigo.

Leonor responde-lhe em alvoroço na volta do correio:

«Não disponho de verbas tão altas comigo mas, se necessário, desfaço-me das poucas jóias que ainda tenho. E se mesmo assim continuar a faltar-vos, falo com o nosso pai e vende-se o que for preciso.»

Entretanto procura a Princesa Real, a informá-la do que se passa com Pedro. Recorre também a Catarina, tentando convencê-la a influenciar o seu marido Luís Pinto de Sousa Coutinho no único sentido possível: «Por onde pesa o mais justo.»

Henriqueta aquieta-se, à espera dos acontecimentos seguintes.

†

Quando recebe o recado da filha a contar-lhe da remodelação do governo, o marquês de Alorna fica a aguardar a próxima estocada que o duque de Lafões aplicará a Pedro, que por seu lado lhe escreve para lhe dar conta de alarmes e temores levantados pelas mudanças governamentais devidas à morte do marquês de Ponte de Lima.

Ao ser colocado sob as ordens do velho tenente-general Dordaz, recém-nomeado para comandar a Divisão da Beira, Pedro brama contra a injustiça e a humilhação: «O meu amor-próprio ficou ferido.» E só a muito custo Henriqueta, Leonor e D. João de Almeida o seguram.

Mas Dordaz manda chamá-lo, para lhe comunicar a sua absoluta confiança e quanto admira o trabalho por ele entretanto realizado. Acabando por deixar tudo nas suas mãos.

†

DIÁRIO

A princesa Carlota Joaquina contou-me, sob sigilo absoluto, que o correio de Madrid chegara no dia 4 pelas 11 da noite, com a notícia de que o morgado de Mateus acabava de sair da Corte espanhola sem ter conseguido firmar o acordo de paz com Luciano Bonaparte.

Tal como Pedro, estou convicta de que a guerra já não pode ser evitada. Aliás, a 10 de Fevereiro, o embaixador de Espanha abandonou o nosso país. Catarina confidenciou-me que, pela mesma altura, o marido dela insistira junto do ministro plenipotenciário em Londres no sentido de ele obter auxílio para a guerra em risco de começar a todo o momento.

Lisboa, 20 de Fevereiro de 1801

†

Cansado da luta que vem travando para tentar evitar a guerra com os espanhóis, o Príncipe D. João sempre que pode refugia-se no Palácio de Mafra, onde as caçadas na tapada e o canto gregoriano no mosteiro aos

finais da tarde o distraem da insustentável carga de ser Regente, ele que nem sequer fora educado para governar.

Em Queluz torna-se difícil escapar ao peso da governação, à intervenção dos ministros, embaixadores e fidalgos; mesmo assim consegue por vezes esgueirar-se sozinho pelas sombras dos parques, ao longo do buxo aparado dos jardins de onde se podem já adivinhar as árvores frondosas da Matinha. A abrigar-se por fim na Casa Chinesa sobre o canal, de onde fica a olhar por entre as cortinas de renda os cisnes negros deslizando nos lagos, enquanto pensa em Eugénia de Meneses e na porta fechada do seu quarto, diante do qual se detém e hesita todas as noites.

Mas o grito desesperado das águias aprisionadas nas suas gaiolas de ouro e o urro enrouquecido das feras nas suas jaulas costumam cortar-lhe cerce sonhos e devaneios, como se quisessem recordar-lhe quanto a realidade é ferozmente implacável.

Mas também a imprevisibilidade desconcertante da vida.

†

Mana do meu coração

Escrevo-te estas linhas à pressa, para pedir a tua confirmação, pela mesma mão de quem te leva este bilhete, da veracidade da notícia de o Regente D. João ter apelado à resistência de todos os portugueses no mesmo dia em que as tropas espanholas entraram no nosso país. Respondendo a esta evidente declaração de guerra com a veemente convocação: «Portugueses, às armas!»

Dado que por aqui temos poucas armas e nenhum dinheiro, estamos muito precisados desses entusiasmos…

Entretanto, o mais desastroso aconteceu: Lafões assumiu o cargo de comandante-em-chefe das nossas tropas, evitando assim a entrega do comando ao conde de Goltz marechal do Exército contratado pelo Príncipe. Um terrível erro, que eu prevejo vir a custar-nos muito caro.

Oxalá me engane.

Mano Pedro

22 de Maio de 1801

†

Embora à sua beira só sejam empregues palavras inofensivas, cuidadas e cuidadosas, palavras incólumes, de leveza e asa, depuradas dos enredos e das intrigas da Corte, ultimamente, por mera inadvertência, a D. Maria tem chegado também a palavra guerra,

guardando intacto o seu fulgor de crueldade e desarrimo.

Momentaneamente a Soberana assusta-se, mas empenhada em esquecê-la tal como enquanto Rainha de Portugal ela mesma é esquecida, esquiva-se. E fingindo para si própria não a ter ouvido, desliza de retorno ao passado.

No entanto, como se a palavra tivesse aberto na Monarca uma ligeira brecha, uma pequeníssima fissura, o inconsciente mergulha-a por essa falha, ao encontro da memória de outras perseguições e ferocidades em tempos de paz abismada: o toque das trompas, o ladrar excitado das matilhas a acicatar os cavalos lançados no seu tropel de aragem corrosiva, por entre gritos, tiros, sangue e chacina.

Algozes e vítimas.

Os predadores e as presas, sem conseguirem evitar o olhar de espelho, quase sempre fatal.

D. Maria retoma as recordações onde as deixara, revivendo as implacáveis batidas aos lobos, aos javalis, às raposas.

A caça às galinholas, aos coelhos, às perdizes.

Pela primeira vez a Rainha apieda-se desses seres perecíveis: gamos e veados, as corças e os pombos, as rolas e as narcejas, num nunca mais acabar de mortes.

E em certas noites de eclipse, a Soberana julga escutar passos de caçador furtivo debaixo da janela de sacada do seu quarto, de onde se debruça em vão, cega pela escuridez de tingir a lua de negrume.

Às vezes é melhor esquecer.

†

– Tal como o teu irmão previa, não ganhámos esta guerra, a que Godoy e os espanhóis, por capricho, chamaram das Laranjas. Vamos perder a praça de Olivença, teremos de fazer concessões e iremos ficar com o nosso brio e o nosso orgulho por demais feridos.

D. João de Almeida olha para Leonor que se mantém calada, olhar vago sobre os filhos mais pequenos que levara a Almada para estarem com o avô. Sentindo o olhar dele pregado em si, por sua vez esquiva-se a fitá-lo, mas acaba por perguntar:

– O senhor meu Pai já sabe o que aconteceu ao duque de Lafões?

O marquês de Alorna sabe, mas não se alegra com o facto de o duque de Lafões ter sido exonerado por incompetência militar. Preocupa-o, isso sim, a falta de notícias do filho. Imagina que ele e a sua Legião estejam algures na Beira, acompanhados por Henriqueta e os filhos.

– O teu irmão é um imprudente. Vê se consegues saber na Corte onde ele se encontra, e sugere-lhe que mande a mulher e as crianças para junto de nós!

Mas quando ela escreve a Pedro dizendo-lhe o desejo do Pai, obtém uma resposta concisa:

«*Vocês querem que a Condessa e os pequenos vão para Lisboa; não pode ser, porque a Província está com o olho nisso, anima-se enquanto a vê, porque tem fé em mim, e diz que tendo aqui a mulher é sinal de que não sinto perigo; as duas pequenas acções de Arronches e Flor da Rosa fazem honra à nossa infantaria, e quem disser o contrário mente.*»

Leonor não sabe como dar ao Pai a notícia de que os netos não vão chegar tão cedo. Ela própria está apreensiva, por saber os sobrinhos tão perto do perigo, e sem previsão de regresso.

†

O Tratado de Paz e de Amizade entre as Coroas de Portugal e de Espanha é assinado em Badajoz pelos plenipotenciários do Príncipe Regente e de sua Majestade Católica no dia 6 de Junho de 1801.

Nos seus aposentos em Queluz, D. João curva-se mais para ler o documento com atenção:

«*Dom João por graça de Deus Príncipe Regente de Portugal, e dos Algarves, d'aquém, e d'além Mar, em África de Guiné, e da Conquista, Navegação e Comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia, e da Índia, etc. Faço saber a todos os que a presente Carta de Confirmação, Aprovação, e Ratificação virem, que em seis de Junho do presente ano se concluiu, e assinou em Badajoz um Tratado de Paz, e de Amizade ente Mim, e o Muito Alto, e Poderoso Príncipe Dom Carlos IV, Rei Católico de Espanha…*»

Quando chega ao artigo dois do Tratado de Paz – «*Sua Alteza Real fechará os Portos de todos os Seus Domínios aos Navios em geral da Grã-Bretanha*» –, D. João passa adiante, preocupado. Esforça-se no entanto por prosseguir: «*Sua Majestade Católica conservará em qualidade de Conquista para a unir perpetuamente aos seus Domínios, e Vassalos, a Praça de Olivença, seu Território, e Povos desde o Guadiana; de sorte que este Rio seja o limite dos respectivos Reinos, naquela parte que unicamente toca ao sobredito Território de Olivença*»…

D. João percorre os parágrafos seguintes, sem lograr fixar a atenção no texto que o incomoda, e debruçando-se de novo sobre a secretária, lê até ao fim o documento oficial: «*E sendo-me presente o mesmo Tratado, cujo teor fica acima inserido, e bem visto, considerado, e examinado por Mim tudo o que nele se contém, o aprovo, ratifico, e confirmo, assim no todo, como em cada uma das suas cláusulas, e estipulações; e pela presente o Dou por firme e válido para sempre, prometendo em fé e palavra Real observá-lo e cumpri-lo inviolavelmente, e fazê-lo cumprir e observar sem permitir que se pratique cousa alguma em contrário, por qualquer modo que possa ser*»…

Sem conseguir continuar, o Príncipe Real, sentindo-se como nunca um homem isolado, sozinho no seu gabinete, afasta com desânimo o Tratado de Paz, mais uma vez sem o assinar, e aperta a cabeça entre as mãos.

Àquela hora da noite o silêncio que tomara conta do Palácio é subitamente cortado pelos ruídos abafados vindos dos aposentos de sua mãe a Rainha. Julgando escutar o próprio choro amordaçado nos gemidos dela, D. João sobressalta-se.

†

A febre começa a subir no seu corpinho magro todos os dias ao fim da tarde. Esmaecido, o Príncipe Francisco António Pio assusta-se com o correr do seu coração apressado de criança assombrada, mãos ambas a pretenderem moderar-lhe a pressa no amparo do peito, onde agora sente uma espécie de restolhar recôndito.

Cansado, deixa de procurar as caves, as celas, as cisternas, nas fundações do Palácio de Queluz, instintivamente fugindo das humidades e das penumbras que o sufocam; a preferir os lugares secos das varandas tapadas, dos celeiros e dos sótãos quentes já do sol da primavera; mas atraído, também, pelos tons toldados de pessêgo maduro que as sombras das salas e dos quartos ganham nesta altura do ano.

Cada dia mais débil, mais fraco, o Delfim arrasta-se na subida das escadas, parando em cada dois degraus, e sentando-se neles encosta a cabeça no largo corrimão de madeira torneada, de onde se desprende uma amálgama de cheiros das tantas mãos que nele deslizam; e o menino real gosta do desafio de os ligar a quem por ali habitualmente passa: a rosas-da-índia da sua mãe a Princesa Carlota, a transpiração sob o disfarce dos cremes, das aias e das açafatas, a água-de-colónia, das camareiras e das donas de honor, a essência de lis, da sua mestra D. Inês Telo de Menezes, a gardénia e a tinta de escrever, da condessa de Oeynhausen… O pai raramente desce ou sobe, mas mesmo assim António Pio arranja modo de descobrir no lustro da balaustrada o seu odor, feito de uma mistura de

tabaco, de lacre, de sudação e medo; reconhecendo o menino, neste último, esfiapos do seu próprio suor.

Os médicos da corte todas as semanas passam a sangrar o principezinho, que em vez de melhorar enfraquece, dias inteiros sem dar acordo de si, reclinado nos grandes almofadões, perdido entre a alvura dos lençóis que o fazem parecer ainda mais pálido. Em breve, começa a tossir mesmo quando dorme, a afundar-se na febre, julgando estar, como é seu hábito, enroscado no chão poeirento dos sótãos, dos celeiros, na Casa Chinesa do topo do parque, a ver a poalha dourada do sol no final da tarde.

O sangue assoma-lhe aos lábios lívidos.

Respiração de pássaro a deixar de ouvir-se.

E quando depois de morto o despem para lhe lavarem o corpinho quebradiço, não sabem explicar o que possam ser as longas e caprichosas rugosidades malva que parecem despontar, sinuosas, nas suas delicadas e frágeis omoplatas.

†

«Mana do meu coração

Tenho-te querido escrever muitas vezes, mas de boas vontades está o inferno cheio; a minha vida ambulante apenas me dá tempo para desejar algumas coisas – estamos em armistício, e já todos cuidam que têm paz; eu ainda não cuido nem faço tenção de cuidar, ainda mesmo depois de concluída a paz – porque o estado em que estão as coisas não é para descansar tão cedo.

É preciso que se saiba que os descuidos atrasados nos puseram nas circunstâncias de não termos nem tropa, nem mantimentos, nem munições, nem armas, nem bestas, nem nada do que é preciso para fazer a guerra, e sobre tudo isto não há nem a mais leve sombra de sistema, e desta última falta é que tem saído o que estamos vendo, e até o que se não vê, que é a guerra mais cruel aos nossos lavradores. – Não aparece dinheiro, e se não tem havido fome e desesperação nas tropas da Beira é

pelo acaso da afeição que esta gente me tem tomado, por meio da qual me tem emprestado tudo quanto possuem. À força de aparecer em toda a parte e dar aparência de ter muito, conseguiu-se impor ao inimigo, que não julgando poder ter aqui bom jogo, decidiu o seu ataque por outro lado, mas se ele soubesse o estado em que nos achamos!… Eu não tinha pólvora nem artilharia – e o entusiasmo que inspirei, havia de achar-se destituído dos meios de se sustentar, se nos atacassem em força.

Fomos atacados ultimamente nos dias 9-10-11 – tivemos a fortuna de rechaçar o inimigo; o nosso Ribeira achou-se com 60 homens em um posto atacado por 200 e depois por 600, e defendeu-se com admiração de toda a gente: eu preparei uma manobra com que decerto lhe havíamos de dar um bote – mas é preciso não nos enganarmos com isto; o total da máquina está desorganizado e neste momento nem Goltz nem Turenne a poderiam remontar. – A paz é necessária, não para descansar, mas para nos prepararmos para a guerra, e as condições duras servem para pretexto de segundo rompimento, logo que o sistema e a organização nos ponham em medida de fazer valer a nossa razão. – Esta é a minha opinião. Não me movo daqui sem ordem, porque se o armistício se romper, não quero que me ache fora do lugar em que sou necessário.

Aqui tenho dado em traições grandes plenamente provadas, e que espero que o Príncipe não perdoe, eu também escapei de ser assassinado, muito casualmente, na noite do dia 14, recolhendo-me do campo para o meu quartel, e como devo aos Castelhanos este obséquio, desejo pagar-lho estando em boa medida de o fazer.

Se me tivessem deixado obrar, talvez que a campanha tivesse levado outra volta; três vezes intentei fazer uma diversão, e puxar a atenção do inimigo, mas no momento de atacar, tiraram-me as tropas e a artilharia – com estas idas e voltas apercebeu-se o inimigo, puxou forças para o ponto que eu queria atacar e atacou-me ele, defendi-me porque estava em ordem, e já de zangado preparei-me para o atacar no dia seguinte; nessa noite chegou-me a ordem do armistício, escondi-a, porque se os Castelhanos fingiam ignorá-la atacando-me no dia 11, também eu a podia

ignorar até 12 – mas logo atrás veio uma duplicata, e tanta publicidade, que não tive remédio senão meter a viola no saco. O armistício assinou-se a 8 e os Castelhanos atacando-me a 11, bem se vê que era de má fé, e com o intento de ficar com um pé na Beira, e ter mais esse galhardete para pôr na gazeta – ficaram suficientemente chamuscados, eu perdi um homem a quem havia de dar grande prémio, mas enfim não entraram apesar de serem em número sextuplicado ao da primeira gente que lhes teve mão – antes foram sacudidos uma légua para lá do Erge, onde um piquete de seis cavalos da legião teve a ousadia de lhe ir queimar as arribanas – não há mais papel, adeus. – Se Ega está, diz-lhe que tenho meios para que no fim de dois anos fique o mantimento da tropa desta província quase de graça, mas acudindo-lhe já.

Mano Pedro

P. S. Se for a tempo dá este papel ao PR, mas que seja rasgado apenas visto.

Castelo Branco, 16 de Junho»

†

DIÁRIO

Recebi de manhã cedo a carta de Pedro, quando já estava desesperançada de tão cedo vir a receber notícias suas, pois conhecendo-o como o conheço sei que o tempo de armistício é para ele mais duro e desgastante do que o tempo de guerra.

O seu temperamento impulsivo e o sentido de dever cumprido, que o leva a pôr à prova a sua bravura, jamais o deixarão tranquilizar-se. Estou

em crer que, não encontrando a felicidade na vida pessoal, busca-a onde julga poder encontrá-la, em combates e batalhas.

Ninguém deveria casar contrariado. Impressiona-me que nem uma única vez nesta carta me tenha dado conta da saúde dos filhos e de Henriqueta, que continuam com ele em Castelo Branco.

Mas choca-me mais ainda o modo amistoso, íntimo e até elogioso, como a certa altura o mano refere o conde da Ribeira Grande! Sabendo, tal como eu, ter sido ele o algoz de Maria!

Lisboa, 18 de Junho de 1801

†

Sempre desconfiando de Leonor,

com os seus comportamentos tão pouco usuais numa dama de grande estirpe, Pina Manique continua a mandá-la seguir.

Vigia-a pessoalmente.

Abre-lhe a correspondência, chegando a fazer desaparecer algumas das cartas enviadas de França e que ele imagina serem escritas por revolucionários, embora estejam assinadas por nomes para ele desconhecidos, como o de Sophie Condorcet, o de Madame Vigée Lebrun, aquela que fora pintora oficial da Rainha Maria Antonieta, o de Susanne Necker e da sua filha Germaine de Staël…

Mas as missivas que mais convocam a sua atenção são as de Filinto Elíseo, longas e preocupantes, linhas seguidas sem parágrafos às quais por vezes o poeta ainda acrescenta versos, cujo significado Manique raramente considera ter decifrado por inteiro, o que desperta nele uma maior curiosidade, a fazer nascer por sua vez uma maior suspeita.

O Intendente-Geral da Polícia não dá tréguas aos seus homens encarregados de investigar o dia-a-dia da filha mais velha do marquês de Alorna. Ele mesmo vai atrás dela pelos desvãos da claridade, a analisar-lhe com minúcia o comportamento, os relacionamentos, certo de que

acabará por lhe descobrir ligações perigosas, laços que a atem à Maçonaria.

«*Homem comum, respeitador da religião e da ordem*», como faz questão de assumir, orgulha-se de não gostar de poesia nem de ideias novas. «*Filosofices*» – sublinha, enquanto franze o cenho e aflora a guarda de madrepérola do espadim, com os grossos dedos crispados.

†

Para Carlota Joaquina, ter posto no mundo mais uma menina saudável menos de dois meses depois de ter perdido o seu primeiro filho varão, que mal começara a ser educado para Príncipe herdeiro, é uma ironia com gosto de cilada.

Tanto mais irónico, mas isso ela não sabe, porque Isabel Maria, que acaba de ser baptizada, será de todos os seus filhos aquele que, anos mais tarde, D. João acabará por designar Regente de Portugal.

Criança de muita vida e comedido choro, afastada pela mãe que, não suportando olhá-la nos primeiros tempos, a entregara à ama e às aias, fora por elas levada para os aposentos dos infantes sem nenhuma protecção contra o desafecto e a solidão. Pois mesmo as fadas-madrinhas das histórias de encantar ficaram esquecidas, e só tarde demais tiradas de dentro dos baús da memória onde estavam trancadas.

E a Infanta, de poucos sorrisos mas de feitio afável e mesmo cordato, guarda apesar de tudo um olhar de suspeição sobre quem a rodeia e ela não consegue amar,

pois nem sequer sabe o que isso significa.

†

ANGELUS

Envenenada doçura
a tua
minha açucena.

Perdição antecipando-se ao arrepio ardente e convulso de quem se deixa atrair pelo fascínio dos sentimentos frágeis e dos estigmas da alma. Beleza de pérola dolente, camélia esquiva e mal entreaberta.

Continuando, minha poetisa, a acreditares que todos os amores são substituíveis ou fatais.

Porque não improváveis?

Tal como a minha paixão por ti. E como eu, alado, tu, terrena, sabemos perder-nos no corpo do delírio amoroso.

Correndo o risco de nos estilhaçarmos.
Asas e obstinação.
Abrindo fissuras na rocha inabalável.

Pois quando já não esperavas que o teu herói chegasse, ei-lo a bater à tua porta. Não Heitor, o probo, nem Páris com a sua passividade esmaecida. Mas o próprio
Aquiles
Em quem já te havias transfigurado num verso.

Trazendo para dentro da tua casa o cavalo de Tróia inventado
por Ulisses.

Cabe-te a ti encontrar no corpo de madeira sigilosa ou no corpo guerreiro do amado
o lugar da vulnerabilidade.

†

Os generais da Vendeia, Henri Forestier e Louis de Céris, chegam exaustos a Lisboa vindos de França, depois de terem atravessado Espanha embuçados com as brumas das noites e entrado clandestinamente em Portugal pelos lados de Vilar Formoso.

Mas só depois de se decidirem por uma pensão discreta na Rua dos Duques, onde descansam um dia inteiro, tentam encontrar com calma e discrição o endereço que trazem consigo e onde deve morar a condessa de Oeynhausen, que nenhum deles na verdade conhece.

†

É Thérèse quem lhes abre a porta e os atende com secura, depois de os ter medido da cabeça aos pés, a reparar no pó que os sapatos e mesmo os trajes de ambos ainda guardam. A detectar-lhes o olhar de soslaio pelos cantos da Rua da Boa Morte, o esquivamento do porte, a língua francesa, que é afinal a sua e isso a faz estremecer.

Desconfiada, recusa-se a ir chamar Dona Leonor.

Mas Frederica, estranhando ouvi-la falar francês, aproxima-se curiosa, e de imediato entende a necessidade de os mandar entrar e ir correndo chamar a mãe que, arrancada à tradução de Horácio, a olha contrariada. Ao aperceber-se da preocupação da filha, sempre sensata, presta atenção às suas palavras e alarma-se com o que ela lhe conta do pouco que sabe e percebera, intuindo o resto.

Os dois generais esperam na sala que Leonor desça,

e escute da boca deles o que os trouxera até Portugal.

†

Henri Forestier tem uma magreza febril e nervosa, pernas longas e cabelos negros no enredamento de caracóis fechados, olhos muito claros de um azul-malva sombreados por longas pestanas nocturnas.

Leonor olha-o, primeiro incrédula, julgando estar a ver um anjo…

mensageiro?

Só mais tarde, ao aperceber-se da lividez da espada que ele traz junto à ilharga, do olhar luzente e um pouco alucinado, turvamente dolente pousado nela, e ao escutar o relato exaltado acerca das circunstâncias que o trouxera a Portugal, ela entende estar… diante de um herói.

O herói que há tanto tempo lhe falta?

†

Acaba por recebê-los com discrição e segredo, como julga ser de vantagem para todos. No dia seguinte eles voltam para tornarem a partir, e durante longas tardes Leonor escuta o que têm para contar-lhe, sem entender ainda o que pretendem de si, nem o que vêm de tão longe pedir-lhe.

Segundo os veementes testemunhos de ambos, a guerra da Vendeia terá os dias contados caso nada se faça contra isso e, desejando acrescentar mais veracidade ao que dizem, enumeram perigos, situações-limite, relatam enganosas vitórias logo seguidas de demolidoras derrotas, perseguições e intrigas e traições, ferocidades impiedosas.

Mostram-se reservados, invocam poucos nomes.

No início Leonor julga-os alucinados, megalómanos, parecendo-lhe que nada do que eles relatam faz muito sentido. E dos poucos nomes que ouve, só retém o de ambos: cavaleiro de Céris e general Henri Forestier, sentando-se este sempre à sua frente,

olhos imensos de um azul macerado fitos nos seus.

No dia em que ele lhe explica como uma bala voraz lhe atravessara o peito, escapando à morte por puro milagre, Leonor estremece, encolhendo-se sofrida. E a partir desse momento, para ela todos os relatos giram em torno da sua bravura. A ressaltar nele o estóico heroísmo, a sublinhar-lhe o sangue-frio assim como a extrema ousadia e coragem, numa total entrega à guerra da Vendeia, odiada por Bonaparte, a quem ele acusa de despotismo.

Leonor que detesta os déspotas, passa a escutá-lo com uma nova atenção, sem conseguir afastar os olhos da sua beleza.

†

– Já não era sem tempo! Estavas por demais precisada do tumulto dos sentimentos e de heróis –, diz-lhe Catarina rindo, quando, pedindo-lhe sigilo absoluto, ela lhe conta da chegada de Henri Forestier à sua vida, transfigurando-a com a sua beleza, a sua heroicidade, o seu mistério incontido.

Teme por si própria, inquieta com o alvoroço que sente a invadir-lhe o coração, a apressar-se-lhe no peito sempre que o vê. Numa espécie de desfalecimento por ela nunca experimentado até esse momento. Tão jovem a comparar com ela, metade da sua idade, e isso a envergonha, a assusta e atrai. Ansiosa por poder voltar à calmaria em que se encontrava, antes de ele ter entrado na sua casa, paralisada num quotidiano sem tumulto nem sobressalto de alguma espécie.

E até das noites passadas em claro, insónias que tentava resolver com láudano, à espera das madrugadas que a arrancassem do coração das trevas, ela lembra como sendo mais serenas do que do seu actual desassossego. Parecendo não ter consciência de ocultamente ter ansiado pela febre da paixão, alheia à razão que sempre reivindicara; do mesmo modo ocultando o desejo tempestuoso.

A algemar-se, a amordaçar-se a si mesma.

Passa então a esperar com ansiedade que os generais franceses voltem a sua casa, impaciente por ver Henri, antecipando nervosa e ávida a vertigem que supõe ser provocada pela sua maior proximidade, a tomar-lhe com disfarce o odor do corpo, a imaginar como será o prazer de tocá-lo, de tomá-lo nos braços.

Para se demorar mais tempo na sua companhia, quando ele lhe confessa temer que a presença de ambos esteja a tornar-se notada, sublinhando o perigo que isso pode constituir para todos, propõe-se hospedá-los, com a discrição possível, entontecida com a hipótese de passar a tê-lo todo o tempo a seu lado.

Os dois aceitam de imediato, demorando Henri a mão na sua.

A partir desse dia Leonor fecha-se em casa, afasta-se das amigas, adia as próprias assembleias; dizendo-se indisposta, manda recado a Bocage para

não aparecer como é hábito aos fins de tarde. E pouco a pouco deixa de receber. Esquece-se mesmo de ir à Corte, onde as infantas, a Princesa viúva e sobretudo a Princesa Regente Carlota Joaquina estranham a sua ausência.

Desse modo Henri e Leonor passam os dias juntos, tentando demorar o tempo ao conversarem noite dentro, a deitarem-se contrariados já de madrugada. E à medida que vai ficando a par da história da Vendeia, ela julga começar por sua vez a entusiasmar-se, a entregar-se a uma causa que nem é sua.

Na verdade, à medida que escuta os relatos dos seus combates e toma conhecimento de cada uma das suas vitórias, Leonor vai mitificando mais e mais a figura de Henri Forestier, recriando a sua cintilante aura de herói e a sua desmedida coragem, que ele próprio cala mas Céris não pára de elogiar.

Enquanto o escuta, Leonor alinda a perfeição da sua beleza, a doçura dos olhos que ele nunca baixa, ligeiro sorriso nos lábios a sublinhar-lhe a sensualidade da boca, a adoçar-lhe os traços clássicos do rosto perfeito. E se num dia anseia por entender melhor o mistério dos seus silêncios, noutro tem a tentação de lhe passar os dedos pelos negros cabelos anelados, pela face glabra, e noutro ainda deseja acariciá-lo, descobrir a pele mate do seu peito,

a firmeza perfeita das suas pernas altas.

†

«Como os dias são longos no verão!» – pensa Leonor, agradada, ao sair de casa de Catarina, na Luz. E ao dirigir-se para a sua sege, uma carruagem vira a esquina e pára, dela saindo o ministro Luís Pinto de Sousa Coutinho, visivelmente contrariado de a encontrar à porta de sua casa. Mas como homem amável e delicado que tenta ser, cumprimenta-a com um ligeiro sorriso, curvando-se sobre a mão que ela lhe estende.

– Então é a esta hora tardia que os senhores ministros chegam a casa para jantar? – pergunta-lhe Leonor, com ironia.

– Sinal de muito trabalho, senhora Condessa.

– Vá depressa, Catarina queixa-se de estar sozinha.

– Estou certo de que Vossa Excelência lhe fez boa companhia.

Sabendo como ele é contra a amizade das duas, Leonor ri-se baixinho, mas acrescenta ainda:

– Não duvide disso, senhor ministro. É bom ter uma amiga, sobretudo nestes tempos difíceis.

Luís Pinto, que julga detectar uma ponta de acrimónia no tom da sua voz, responde picado:

– Sua Alteza Real e os seus ministros estão a fazer tudo para que o Tratado de Paz seja ratificado por Napoleão, pondo fim aos dias de inquietação, como Vossa Excelência diz…

– E o que faremos com o nosso orgulho ferido e o nosso brio em estilhaços?

Sem se mostrar surpreendido, Luís Pinto responde-lhe com uma frase de severidade e reserva, que haverá de repetir mais tarde e noutras circunstâncias: «*A necessidade não tem lei, quando Portugal se vê abandonado e sem esperança alguma de socorros do aliado por quem se sacrifica.*»

Sem querer continuar um diálogo que a poderá prejudicar no futuro, Leonor despede-se com amabilidade esquiva, aceitando a mão dele para subir o estribo da sege, que manda seguir para a Rua da Boa Morte.

†

Através das histórias que cada um dos dois generais da Vendeia lhe vai contando, Leonor segue o galope do cavalo branco de Henri Forestier, decora o nome das muitas batalhas em que ele tomou parte, conta cada um dos golpes jubilosos e implacáveis da lâmina do sabre que agora ele deixa ao comprido da colcha sobre a cama, mas que nos seus relatos permanece ajustada à estreita ilharga tépida.

Sobressalta-se, ao imaginar o inimigo emboscado, a atacá-lo, a perseguí-lo, a desarmá-lo… Estremece quando imagina as ciladas, os desmesurados

perigos enfrentados por ele. E a pouco e pouco Leonor dá por si a prometer-lhes tudo, com arrebatamento: a Vendeia necessita de dinheiro? – Propõe entregar-lhes as suas melhores jóias. A Vendeia tem urgência do apoio da Europa? – Compromete-se a interceder junto da Princesa Carlota Joaquina, do Cardeal Patriarca de Lisboa e do ministro Luís Pinto; mas sobretudo promete e afoita-se a procurar o Príncipe Regente,

com a intenção de o levar a aderir àquela que ela sabe ser para Henri a mais nobre das causas.

†

DIÁRIO

Acompanha-o o ferrete do herói.

Aquiles, como lhe chamam em França por causa da desmesura da sua coragem, crueldade e beleza.

Assim, os relatos da luta da Vendeia vão traço a traço desenhando diante dos meus olhos um único e perturbador retrato:

o de Henri Forestier,

«Aquiles da Vendeia», e a sua dupla natureza mítica:

humana e divina.

Com a vibração do destemor, do brio e do lustro, do desabrigo e da solidão de quem desconhece o medo, ostentando uma ousadia a ombrear com o desatino, numa entrega total à sua causa em que cegamente acredita.

Marca do ideal eternamente perseguido!

Ele assusta-me como se fosse uma ameaça, fogo e paixão numa espécie de febre e impiedade a serem injectados na minha veia. Debilitando-me a vontade e o próprio raciocínio.

Deveria afastar-me, mas já não sou capaz.
É demasiado tarde.

Lisboa, 31 de Julho de 1801

†

Leonor começa por escrever ao Cardeal Patriarca, querendo com arrebatamento ganhar o seu empenho e auxílio para a causa da Vendeia. Chegando mesmo a prometer entregar-se e aos filhos mais novos como garante da inocência, de segredos e outros enigmas dissonantes, envoltos todos eles em inúmeros mistérios.

Discorre sobre a paz, menciona a crueldade e a cobiça, nomeia traições e complôs, invoca as qualidades da alma a serem preservadas, defendidas da perfídia e do poder exacerbado de Napoleão Bonaparte, que continua a tratar por déspota.

À longa carta remetida ao Patriarca, anexa outra, na qual o Bispo de Tarbes atesta a identidade e idoneidade dos generais franceses que estão em Lisboa e ela alberga clandestinamente em sua casa, e que embora permaneçam em terra portuguesa teimam em não revelar os seus nomes a mais ninguém senão a ela.

Os espiões e a polícia secreta de Fouché perseguem-nos, ferozes. E os «moscas» de Pina Manique não tardarão muito a dar com o seu rasto.

A chegarem até ela.

†

Depois de Louis de Céris se recolher, ficam esquecidos durante horas, a falarem tão baixo que por vezes só adivinham o que dizem ao olharem a boca um do outro.

Sussurram, demorando os mistérios, criam silêncios equívocos, encontram motivos inventando pretextos para continuarem a falar, retardando até ao limite o momento de se separarem, de se despedirem e

de cada um ir para o seu quarto; naquele arrebatamento incontido dos corpos já prisioneiros.

Ela, cativa dos seus lábios tépidos, da sua magreza sombria, ancas e longos dedos secos, construindo-o mas imobilizando-lhe o gesto, o afago impossível.

Ele, recluso do odor a gardénia do corpo dela, porte esbelto e esguio de rapariga, pernas longas e mãos como pássaros esvoaçando junto aos seios pequenos.

Adivinhando-a um vulcão ardente.

Envolvidos ambos por tudo o que imaginam mas retardam e criam, enquanto arrebatados se aproximam e desviam, sôfregos e insaciados.

Henri, consciente da estranheza daquela bela mulher mais velha, inteligente e invulgar, entusiasmado com os versos que ela lhe escreve. Impaciente por poder domá-la, tomá-la e torná-la sua, a envolvê-la num febril abraço, afago, estilhaço dele mesmo.

Leonor, ainda hesitante, embora o seu dizer revolvido de desejo se retenha, pretende bem mais do que aquilo com que se permite sonhar numa entrega adiada, sem deixar de dar conta do irresistível apelo do seu corpo de homem muito mais jovem.

E de um modo inadiável, a vertigem veloz e inebriante vai-se instalando nos dois, os dedos a encontrarem-se já, entrelaçando-se, os lábios a roçarem-se ao de leve, pulsos febris expondo-se, para logo se escusarem na penumbra das mangas.

Olhar baixo de quem ainda não se permite confessar
aquilo que os sentidos tumultuados exigem.

†

Desatenta à perturbação que o seu especial empenhamento político suscita, Leonor usa da intimidade criada com D. Carlota Joaquina para entrar na penumbra das antecâmaras dos Príncipes, ainda a cumprirem luto pelo filho morto. Pede audiências aos ministros, demora-se tentando

fazer-se encontrada com Luís Pinto de Sousa Coutinho quando vai visitar Catarina.

Insiste junto do Príncipe Regente, que acaba por prestar-lhe atenção, abismado com tamanha veemência, mas também assustado com as promessas que ela pretende arrancar-lhe. No entanto escuta-a ou finge escutá-la, fazendo-lhe crer estar empenhado nas suas ideias e interessado nos seus projectos, que na verdade ele entende só poderem partir de uma mente tresloucada. E mal Leonor se afasta, vai comunicar a Pina Manique tudo o que ela lhe disse e propôs.

Cada vez mais desconfiado, este reforça os sicários que a seguem, toma maior cautela ao ler a sua correspondência, fica mais atento aos livros que teimosamente ela continua a encomendar da Alemanha, de Espanha, mas sobretudo de França.

Manda investigar quem lhe vai bater à porta.

E pela primeira vez o Intendente-Geral da Polícia pensa em revistar-lhe a casa, onde – consta-lhe – ela abriga sigilosamente estrangeiros dignos da maior suspeita.

†

O Cardeal Patriarca, D. José Francisco Mendonça, não sabe como interpretar a carta que a condessa de Oeynhausen lhe fez chegar às mãos de manhã cedo, antes mesmo da primeira missa.

Interdito, mas sobretudo assustado com o excesso contido nas entrelinhas e nas palavras que se atropelam com um entusiasmo despropositado para uma fidalga da sua condição, decide dá-la a ler ao Intendente-Geral da Polícia. Mas logo recua, temendo mais o obsessivo zelo deste do que o despropósito político da condessa, que ele julgara possuir mais tino apesar da sua pouca inclinação para a modéstia.

Já a ideia de procurar o Príncipe Regente, pelo contrário, tranquiliza-o. Confia na sua sensatez e na bonomia a que a natural indolência o leva, no desejo de se distanciar de toda e qualquer borrasca perturbadora. Afastando o Regente quanto pode pensamentos e sentimentos

incendiados, que de algum modo possam servir para ameaçar o Estado. E por isso, também, tanto se empenha em arredar do pensamento Eugénia de Meneses, a única mulher que até então conseguira despertar o seu interesse.

É em tudo isto que o Cardeal pensa enquanto, em estado de desassossego, nessa manhã comunga. Mais tarde voltará a ler a carta enviada por D. Leonor de Almeida, o que nele só faz acrescentar a sensação de perigo, levando-o a intuição a perceber que a salvaguarda da sua alta posição de prelado poderá depender da rapidez com que o Príncipe D. João fique a saber da sua boca os planos gizados pela condessa de Oeynhausen, com o objectivo de levar Portugal a ajudar a guerra da Vendeia.

E embora esteja ajoelhado há horas diante da imagem de Nossa Senhora da Conceição, na obscuridade fria da Sé de Lisboa, cabeça baixa, fazendo rolar o terço de ouro entre os dedos e movendo devagar os lábios finos, o Cardeal Patriarca, contrariamente ao que parece, não reza. Atemorizado, esquece o poder da Igreja no qual se encontra investido desde os primeiros tempos da Rainha D. Maria. No entanto, apenas ele sabe quanto é fraco, cobarde, tremendo de medo diante dos relatos chegados de França.

D. José Francisco prefere guardar o quotidiano pacato onde é tratado respeitosamente por Sua Eminência; tratamento ao qual, tem de reconhecer, a condessa de Oeynhausen não falta na sua destemperada carta, à qual juntou a tradução apressada de papéis dos quais ele preferia não ter conhecimento. Documentos pertencentes aos generais franceses que, imprudente, ela confessa ocultar em sua casa.

Estremece.

Curva-se mais o Cardel Patriarca diante do altar, como se reconhecesse ser culpado de algo. A traição é uma hipótese que por demais teme. E ele não sabe até que ponto a filha do marquês de Alorna delira ou é inconsciente quando, por exemplo, levanta a hipótese de se tirar dinheiro do erário público para ajudar a guerra da Vendeia, propondo-lhe: «*Pela*

sua mão é que deveriam passar as somas, e seja a minha vida e a de meus filhos a hipoteca.»

A pouco a pouco o frio vai tolhendo os joelhos artríticos do Cardeal Patriarca e os seus ombros curvados tiritam, braços mal agasalhados pelas mangas da sobrepeliz bordada a ouro. E ao levantar a mão trémula para desenhar o sinal da cruz, o seu grande anel faísca à luz vacilante das velas que enchem o altar.

Lá fora adensara-se um nevoeiro espesso que, entranhando-se primeiro na pedra escurecida da frontaria da Sé, vai depois escorregando pelas frinchas do enorme e pesado portal, que o sacristão entretanto fechara.

†

«Senhora:

Vossa Alteza Real não poderá crer a mágoa com que vim ontem para casa, não tendo podido falar-lhe com vagar necessário. Nenhum negócio meu me poderia fazer esta impressão; mas o de que trato, que unicamente tem por objecto a Vossa Alteza Real e a sua augusta família, por força, por estímulos de brio e fidelidade, abala toda a minha alma e me consterna, quando não posso dar-lhe a necessária actividade. É preciso, pois, minha Senhora, que Vossa Alteza Real me conceda uma hora para dar a este objecto todo o tempo, toda a reflexão precisa; irei aonde me mandar, a que horas for servida, a Queluz, a Caxias, de noite, de dia. Tudo farei exactamente como Vossa Alteza Real prescrever, mas é indispensável meditar vagarosamente todos os meios de acertar o negócio. Se Vossa Alteza Real não ordenar o contrário, segunda-feira pode ser este dia, mandando-me dizer pelo meu genro a que horas e aonde irei aos pés de Vossa Alteza Real. Não interessa que reparem os observadores. A minha fortuna não é tão excessiva, que não possa eu ter mil negócios meus que sirvam de pretexto a este; e como Vossa Alteza Real sabe que não é com os meus que a importuno, isso me basta.

Queira Vossa Alteza Real dignar-se remeter-me todas as cartas ao Patriarca, e se com elas me quiser mandar também as que tenho a honra

de escrever-lhe, estimarei. Contudo, não creia Vossa Alteza Real que me dita esta medida o receio; estou pronta a dar a vida pelos meus Príncipes, mas o seu mesmo serviço exige cautela e prudência.

Eu mandei dizer ao Patriarca que mostrasse a Vossa Alteza Real todos os papéis. Ele estimava muito que V.A.R. estivesse informada de tudo e o mesmo desejava o Marechal Goltz, e hoje lho participo e a meu irmão. Com estas opiniões seguras e honradas, é possível que Deus nos ajude, mas sobretudo é precisa a eficácia de V.A.R. sem a qual nada valem os seus fiéis servos. Não há mais ninguém no segredo nem deve haver. O Conde de Ega sabe só quanto é necessário para o fazer digno portador destas cartas, e o seu respeitoso amor ao Príncipe põe sempre na sua mão com segurança tudo quanto pode ser servi-lo.

Os Generais da Vendeia julgam tão nociva toda a dilação, e estão com tal pressa que eu não posso deixar de dá-la a Vossa Alteza Real, pedindo-lhe humildemente perdão e rogando me diga se V.A.R. manda que se demorem, na certeza de vencer, se manda que se retirem, com a esperança de que V.A.R. vencerá, e que o Patriarca, Goltz e eu bastamos para a conclusão e remessas das somas, ou se enfim não há que esperar.

Suplico humildemente a Vossa Alteza Real algumas palavras suas, com que eu possa dirigir estes homens importantes, que de mim se confiam.

Agora dizem que a ratificação da paz com a França já cá está. Não sei o que é verdade. Mas que triste paz! Quanto durará ela? Que condições terá? E como poderemos figurar-nos que dure, quando a guerra se acende mais do que nunca contra a Inglaterra? Demos porém o caso de que a paz seja boa, que certamente não é. Quando nos vem da mão daqueles que juraram ódio aos Reis, é sempre suspeitosa, e por isso se não devia abandonar a medida que se propõem, e ficarmos por aí seguros de que nos não façam guerra daqui a dois dias. É preciso, porém, muita cautela, muito segredo, nenhuma operação de Gabinete, porque a opinião geral é de que todos os da Europa estão combalidos, ou por preocupação ou Deus sabe como. Enfim, minha Senhora, aos pés de Vossa Alteza Real espero resposta, e com a mais cordial submissão e respeito.

Beijo humildemente a mão de Vossa Alteza Real

Condessa de Oeynhausen

Sábado, 15 de Agosto de 1801»

†

Zangada com D. João, a Princesa Real briga com todos aqueles que a rodeiam. Fora-lhe denegada de novo a presença no Conselho de Regência, onde ela mais do que nunca continua a querer ter assento. Aliás, a correspondência que vem a manter com o irmão tem sido de uma ajuda preciosa para a Corte portuguesa.

Ciente disso, Carlota Joaquina insurge-se contra o seu afastamento do poder, e indigna-se com os ressentimentos e remoques do marido, como se a quisesse culpar pelos actos de Godoy e do rei D. Carlos IV seu pai.

Princesa Regente, ela jamais trairia Portugal.

Ressentida, afasta-se das suas damas e nem mesmo atende Leonor de Almeida, a sua preferida, quando esta aparece a meio da tarde a pedir uma audiência com ela.

De longe, vê-a falar primeiro com a condessa de Lumiares que muito a admira, mais tarde com o marquês de Penalva e em seguida com a sua tenaz defensora de sempre, D. Maria Ana Josefa, ainda de luto carregado pela morte do pai, o marquês de Ponte de Lima. Mas quando ela se dirige para o banco onde está sentada Eugénia de Meneses, a Princesa fica alerta, desconfiada que anda desta sua dama, olhar de sonsa descido até à comissura do chão, mãos de boneca cruzadas com demasiado recato em cima do regaço. E antes que Leonor de Almeida lhe chegue perto, manda-a buscar para a sua beira.

Voz seca e ríspida.

†

Temendo a reacção do pai e do irmão ao saberem da presença clandestina dos oficiais franceses na propriedade da Boa Morte, e tendo sido prevenida por Catarina que o Intendente-Geral da Polícia está a pensar invadir-lhe a casa, Leonor escreve a pedir a Joana Isabel Forjaz que lhe ceda por uns tempos a casa das Picoas, completamente vazia enquanto a amiga se encontra de férias na sua quinta.

Frederica anda de cara fechada, sem palavras nem sorrisos, e Henriqueta confessara entretanto não suportar de maneira alguma a intrusa presença dos generais da Vendeia a devassar-lhes a intimidade. Inesperadamente tímida, Luiza parece ter perdido grande parte da sua alegria expontânea, e só João Ulrico se mostra satisfeito com aquela dupla presença masculina, que o tira do enredo das saias da mãe, das irmãs e das criadas, dando-lhe a ver um outro universo que o fascina.

Leonor envergonha-se diante dos filhos. Baixa os olhos frente ao olhar severo da sobrinha. Não responde às perguntas de Thérèse, que acaba por se encarregar de encontrar sozinha desculpas para dar aos outros criados. E quando vem a resposta positiva da amiga, apesar de parecerem contrariados eles mudam-se, prometendo-lhes Leonor, que tem de voltar à Corte a fim de não levantar mais suspeitas desnecessárias, ir vê-los todos os dias usando de cautela.

Depois de eles partirem de madrugada, a casa parece-lhe enorme e vazia.

†

Passa os dias seguintes a inventar pretextos para não ir bem cedo procurar Henri Forestier. Fica adiando o encontro inevitável, a recordar-se dos sonhos que lhe invadem o sono, onde vive situações que a perturbam quando está diante da realidade. Entretanto, desdobra-se em tarefas que dizem respeito à Vendeia: enreda nos seus planos a Princesa Carlota Joaquina já entusiasmada, procura de novo o Cardeal Patriarca, torna a escrever ao Príncipe Regente, tenta inutilmente chegar à fala com os ministros Luís Pinto e Rodrigo de Sousa Coutinho.

E depois de tentar iludir a saudade, enganar o coração e os sentidos, fugir o que pode diante da sua imagem, acaba por procurar Henri Forestier na quinta das Picoas.

†

Leonor finalmente entrega-se.

A abandonar-se revolvida nos seus braços.

Descobrindo-se a si mesma no prazer, colhendo do êxtase o esplendor dos sentidos que lhe cabe; embora temendo estar a amá-lo com uma loucura imprudente.

O tumulto, o gosto, o clamor a devolverem-lhe o corpo há muito perdido.

Enlanguescida, desliza ao longo do seu peito glabro, ancas estreitas e lisas de que segue os contornos com os dedos ardentes, nelas detectando a espessura tépida a adensar-se, à medida que o percorre até chegar ao cimo das compridas coxas musculadas. E um ligeiríssimo gemido entrecortado sobe-lhe aos lábios entreabertos, quando a ponta ardente da língua toca a glande do seu pénis erecto, teimando em saciar-se. Ligeiro arrulhar anelante por dentro do peito, junto ao coração descompassado de ambos, enquanto tremendo de gozo se buscam.

Quebradas as defesas impostas pela razão e o pudor que habitualmente a forçam ao distanciamento e à frieza, Leonor vacila diante do tanto ainda pouco, de tudo o que dele pretende para si mesma: a enlear-se já, cambaleando com a inesperada força do arrebatamento experimentado.

Parecendo-lhe sentir-se rodopiar, quando mais tarde, ao erguer-se, vê à sua volta o que despira, arremessara para longe ou deixara cair, e fora ficando para trás formando no chão da casa uma espécie de trilho.

Primeiro a bolsinha de cetim com lantejoulas e as luvas de renda preta pousadas no tremó da entrada, ao lado dos pregos de prata e pérolas que, nervosa, espalhara no tampo ao tirá-los do chapéu com plumas cor de champagne, abandonado descuidadamente a resvalar do mármore. Logo adiante, a capa de veludo escarlate atirada à pressa para o cadeirão junto da lareira acesa da sala. Na passadeira da Índia ao longo do corredor,

caíram surdamente os ganchos e as travessas de marfim, à mistura com as sete escravas de ouro rolando, uma por uma, até à entrada do quarto. Aí ficara ainda o casaquinho de tafetá cor de ambrósia, e em seguida o vestido de musselina verde-lima, junto à pesada porta de mogno que ele fechara. Depois foi a saia de sombra que tombara no tapete de Arraiolos, sapatos de salto jogados ao calhas perto do leito onde, enlaçados, ambos se afundaram juntos, mergulhando no desvario incauto.

Desatara-lhe ele então a camisinha de cambraia transparente, descendo o rolinho das alças até aos pulsos pálidos, a descobrir-lhe os seios direitos e altos. E só depois lhe despira a culote branca, que voara, indo misturar-se à desordem da roupa de ambos no soalho.

Bastante mais tarde fez-lhe deslizar as meias de seda pelas delgadas pernas compridas de tornozelos nervosos que, debruçando-se, apoiou no próprio peito sobre ela inclinado.

Ávida, Leonor exigiu mais e mais ainda, esquecida de se assustar com a tamanha voracidade em si mesma jamais adivinhada. Alma desfalecendo no corpo enlouquecido, recusando ceder à austeridade o seu triunfo; preferindo antes guardar o crescente desatino a que se entregava, delírio a enredar-se guloso nas suas veias, como labaredas de um incêndio onde se lança, ansiosa por transformar em chama o que em si ainda é centelha, mas a iluminar-se já com a claridade fulva da brusquidão do fogo, dobando e desvendando o novelo rugoso do orgasmo; e o deslumbramento que nela se acende são pétalas ardendo, recolhidas na avidez entornada no olhar de ambos. Florescendo e desfolhando-se ela,

transbordando e crescendo na sua própria sede.

A enrodilhar-se na seda dos lençóis da cama.

†

Thérèse disfarça o olhar atento quando a vê desabotoar a camisinha branca de cambraia leve com entremeio de bordado inglês, alças de fita em cetim rosado a descaírem-lhe dos ombros alvos de loura. E virando-se de costas, aproveita para estender na cadeira de vestir, espaldar e coxim de

damasco rosado, o vestido de seda carmesim que ela irá usar nesse dia na recepção da Embaixada da Áustria. À noite irá voltar a arranjá-la para o baile de máscaras.

Atrás de si pressente-a impaciente, secando a pele febril com uma toalha de linho macio, que passa nos seios que o frio dos primeiros dias de outono acicata. Ambas resguardadas na semiobscuridade do quarto de vestir, portadas de madeira da janela quase encostadas, por onde consegue escapar uma ténue claridade esvaída, coada pelas cortinas de renda que ela cuidara de correr no início da tarde.

Em lugar de espalhar no corpo o creme perfumado como é hábito depois de cada banho, vê-a inclinar-se com ansiedade sobre a carta entregue de manhã cedo, e lida já tantas vezes que a deve saber de cor.

Thérèse fita Leonor de Almeida, aguardando para começar a vesti-la e a enfeitá-la,

dispostas que já se encontram as roupas, os sapatos de cetim bordado alinhados no tapete persa, a capinha sobre o canapé à entrada do quarto. Em cima do tampo do toucador, o pente e a escova com cabo de prata, os frascos de perfume, o carmim, as essências e as lacas. Numa pequena salva de prata colocara as travessas de tartaruga e marfim, os ganchos e os alfinetes de ouro com rubis e turquesas. Dentro do cofre entreaberto, forrado a veludo lilás, repousam ainda as pulseiras de esmeraldas e de águas-marinhas, as escravas de ouro, a cruz de turmalinas vermelhas, os anéis de brilhantes, granadas e ametistas, e ainda o colar de pérolas negras e a gargantilha de diamantes.

Mas antes de Leonor escolher as jóias,

Thérèse escova-lhe o cabelo com madeixas douradas, até senti-lo dominado, numa maciez que apesar de tudo se encrespa, se encaracola, tentando fugir às ondas e aos canudos que ela com o ferro quente vai formando, num penteado simples, enquanto dá conta do seu olhar perdido no reflexo do espelho.

No *bonheur-du-jour* perto da janela, está o *Jornal de Modinhas Novas* que João Baptista Waltmann sempre envia à condessa de Oeynhausen, que

nessa tarde lhe percorrera as páginas numa leitura distraída, atenção cada vez mais dispersa à medida que a claridade declinava. A preguiçar como não é seu hábito, carta adormecida no regaço.

Conhecedora do que nela está escrito, furtivamente lido por si enquanto Leonor tomava banho, Thérèse sabe por onde o espírito instável lhe vagueara o dia inteiro, ansiosa pela chegada da noite, e mais ainda pelo fim do baile. Quando finalmente lhe coloca nos ombros a capinha de renda demasiado leve, sente como o corpo lhe freme. E de novo teme pela sua vida, consciente dos perigos que ela sempre corre, levada pela excessiva ousadia e o gosto de se aventurar no caminho da ameaça.

†

Henri

Irei ter contigo no final do baile.

Rosto no encobrimento da noite, novelo de desejo em busca dos teus dedos, querendo retornar contigo à avidez daquilo que para os outros é pecado. Conscientes de estarmos a infringir mandamentos, a quebrar regras e condutas, a ignorar mentalidades e costumes.

A urgência de me sentir nos teus braços, a necessidade de te saber por perto, levam-me a desafiar o perigo e a pôr em risco a honra. Sem deslindar esta inusitada desordem em que me lanças.

A paixão assusta-me, pois nela dou-me conta do perdimento no abismo.

Tentarei ser mais forte que isso.
A tua sempre dúplice.
L.

†

Os sapatos de cetim com delicado bordado de brilhantes e esmeraldas, semeados de pequeníssimos rubis, prendem-se nas silvas e nos espinhos

quando ela tropeça nos galhos quebrados e espalhados a esmo pelo vento agreste das últimas horas.

Sente nos pés as humidades da terra, das ervas apodrecidas e das folhas empapadas pelo orvalho da madrugada, que lhe trespassam também as meias de seda e arrefecem-lhe os pés, friagem a ganhar os tornozelos breves.

Quente ainda do Salão de Baile e sem qualquer agasalho, arrepia-se, tentando embrulhar o corpo com os próprios braços nus. No entanto avança para além dos portões altos e gradeados, já na mata que circunda a casa então quase escondida pela névoa mansa a subir do lago ali perto e do ribeiro no fim da encosta. Neblina fina contornando os cedros que de longe parecem resguardar os jardins, bruma a dissimular-se nos tufos de rosmaninho, nos renques das amoreiras silvestres e nas moitas de alecrim.

Hesitando um pouco entra nas sombras movediças da noite, tremendo de susto. Para trás ficara a luz temperada das velas acesas dos lustres de cristal de Veneza, dos candelabros de prata maciça, defendida pelos pequenos vidros e as portadas das janelas, aragem agreste que a madrugada incipiente entretanto levantara.

Deixando cair a pequena mascarilha preta e dourada com a qual no baile de máscaras cobrira parcialmente o rosto, Leonor caminha tacteando o escuro, bainha do vestido de seda escarlate arrepanhada pelos picos acerados das plantas e a aridez dos gumes das pedras, ou da casca grossa e áspera dos troncos das árvores que lhe arranham as pernas a descoberto através dos rasgões das saias interiores, feitos no descuido da pressa com que caminha sem ver por onde anda.

Exausta e estonteada.

Cambaleando.

Não querendo faltar ao encontro marcado com Henri em sítio incerto, Leonor tenta ganhar coragem e acalmar o coração desordenado. Desprende com os dedos trémulos a seda vulnerável do fato da agressividade dos cactos selvagens, defendendo-o da serrilha cortante das urtigas e das invisíveis garras das flores selvagens, a fincarem-se-lhe nos

braços e nos punhos fechados, ou nas palmas estendidas com as quais parece pretender empurrar o negrume à sua frente.

Muito perto uma coruja ganha voo,

num ruído rápido e silvado, a roçar-lhe ao de leve as faces afogueadas devido ao esforço da pressa que leva. E só então ela pára, lançando um envergonhado grito enrouquecido a maldizer já a imprudência que a empurrara para aquela aventura desnecessária, arrependida mil vezes de haver cedido ao desafio de Henri Forestier, que parece necessitar do frémito do perigo para lhe incendiar o corpo e o imaginário.

Consciente de se encontrar perdida, embora a intuição lhe vá afirmando o contrário, mantém-se imóvel como um animal a perscrutar o escuro, acoitada numa moita que a defende. Talvez por isso Leonor não se surpreende ao sentir a chama do hálito perfumado dele, na curva macia da sua nuca inclinada de onde os cabelos se soltam.

Molhados pelo suor do medo.

†

Louis de Céris cada vez gosta menos de Leonor de Almeida.

Faz-lhe pena ver o amigo preso a laços e a nós dados habilidosamente por ela, em enredamentos e tessituras numa trama perniciosa, obscurecida, que adivinha poderem vir a ser de ilhó e cordão, em jeito de algema e perdimento.

Por sua vontade já o tinha levado dali e voltado a França, onde é o lugar de ambos, mas Henri reluta sempre, com uma inesperada imprudência e delicadeza de lírio, em vez de aumentar a sua solidez de herói. Não gosta de o ver trocar a habitual coragem do campo das batalhas pela mansa imagem de amante manobrado, sem arnês nem sabre.

«Vamos sair daqui enquanto é tempo» – vai sugerindo, mas embora concorde com a sua pressa o amigo continua ficando, corpo a ganhar a inércia do prazer, vício de quem precisa sempre mais do outro a quem se entrega, refém já desse gosto, dessa falta.

Antes mesmo de qualquer dos dois amantes, fora ele a adivinhar-lhes a paixão; dela sentindo o odor rasteiro, a dar conta dessa pequena víbora de mordedura envenenada. Adivinhando-lhe a presença furtiva no olhar alheado de ambos, na sua palidez de água, no seu sussurro permanente,
apesar dos lábios cerrados.

†

Carlota Joaquina faz questão de ser ela própria a entregar a Leonor o alvará que, embora relutante, D. João acaba de assinar a seu pedido enquanto Príncipe Regente.

Ciente da importância de ter a seu lado alguém exigente e culto que a oriente, capaz de mediar os constantes conflitos entre ela e o Príncipe, a sua escolha logo recaíra em D. Leonor de Almeida, que à data daquele alvará, pousado na pequena mesa junto da lareira, passara a ser a sua primeira dama de honor. O que a fará unir-se a ela por exigência, total dedicação e actos de vassalagem.

Conhecendo-lhe a independência e orgulho, a Princesa olha-a com curiosidade. Por sua ordem encontram-se a sós na pequena sala particular, sentadas nas cadeiras de palhinha francesas junto ao calor das chamas que trepam aromáticas pela madeira de sândalo. Carlota Joaquina repara como a Condessa se debruça atenta sobre o papel marfinado. E pelo tempo que leva, já deve ter relido o texto curto, palavras exactas nos termos do protocolo que enquanto Princesa Real conhece bem:

«*Eu o Príncipe Regente faço saber a vós Visconde de Balsemão, do Meu Conselho d'Estado, Ministro e Secretário d'Estado dos Negócios do Reino, que servis de Mordomo-mor da Minha Casa, que atendendo às qualidades e mais circunstâncias recomendáveis, que concorrem na pessoa da Condessa de Oeynhausen, e de aqueles de quem descende, que foram beneméritos das Honras e Mercês dos Senhores Reis d'estes Reinos, e tendo a tudo consideração: Fui servido fazer-lhe mercê de a aceitar por Dona de Honor da Princesa Minha Muito Amada e Prezada*

Mulher: Ordeno-vos o tenhais assim entendido e lhe façais assentar este Alvará nos Livros da Matrícula da Minha Casa para que vença em cada ano cento e setenta e três mil novecentos e quarenta réis de suas Iguarias, Rações de criadas, Propinas e Moradias, com a antiguidade de quatro do presente Mês e Ano; e feito o dito Assento lhe fareis dar este Alvará para Minha Lembrança e sua Guarda. Dado no Palácio de Mafra em nove de Novembro de mil oitocentos e um – Príncipe – com Guarda «Visconde de Balsemão.»

Carlota Joaquina vê-a por fim erguer o olhar de prata, lábios entreabertos num meio sorriso, expressão interdita no rosto um tudo-nada crispado, de quem está dividida entre o júbilo e a desconfiança. De alguém que se sente diante da satisfação, mas igualmente encurralada.

†

CADERNO

Estou certa de que Bonaparte não vai ratificar a paz, como eu aliás já dissera: «nem até agora a ratificou; é certo que os franceses não esperam senão por uma estação menos cálida, para entrarem em Portugal. Tudo isto parece evidente a quem observa, a quem medita, a quem ama a Pátria e o seu Soberano».

«Sei com toda a certeza que Bonaparte, cercado de terrores e desconfiança, fez prender e deportar todos os jacobinos. Barras foi degredado para Bruxelas. Não satisfeito com este acto arbitrário e fruto do medo, caiu sobre todos os realistas; estão de novo as prisões cheias de vítimas da sua suspeita. Não lhe bastou isto: fez fortificar a casa que habita, mandando fazer à roda dela um fosso de trinta pés de largo, cheio de água. Um imperante que desconfia e treme está meio vencido, e tanto a

sua própria fraqueza como o descontentamento geral são armas contra ele.»

Lisboa, 29 de Novembro de 1801

†

«Minha Leonor do meu coração

Tendo feito todos estes dias vento norte, não me chegou à mão a tua carta senão hoje à noite e por deferência bondosa do padre António Vasques que ma trouxe em mão, pois por aqui me tem feito companhia.

Apresso-me a responder-te pois quero que amanhã de manhã o mesmo portador te leve de volta notícias minhas. Nestes termos apenas te posso dizer quanto tenho sentido o peso da imensa idade que levam já os meus dias, acrescido com o fundo melancólico de um temperamento que apenas eu conheço bem.

Seja como for, a verdade é já não poder andar a décima parte de antes, custando-me também bastante passear a cavalo, coisa de que sempre gostei infinito e me fazia benefício à saúde. Nesta solidão, além dos livros, era o único entretimento capaz de minorar-me as mágoas.

Entre mim e tua mãe quer-me parecer não haver grande diferença no que diz respeito à estrada por onde ela foi para o outro mundo, estou já nas vésperas dessa viagem e creio que nem o marquês de Fronteira, o velho D. José, está mais perto de se meter a caminho. Sinto muitas aflições, muitas intercadências de pulso, muitos esquecimentos. Enfim, daqui a ficar pateta não vai nada.»

No tocante a meu filho e teu irmão, posso afirmar não existir homem mais honrado nem mais firme em palavras e acções, mostrando ter-me como exemplo. Quisesses tu fazer outro tanto!

Por uma vez Leonor segue os meus conselhos, deixa de lado os sonhos e afasta-te das intrigas da Corte sempre tão daninhas, põe-te antes no lugar de dama da tua estirpe e de mãe que és: «*O exercício da política pertence a quem por nascimento viril cabe. As mulheres empreendem voos mais*

baixos, mas não menos dignos. Temo que se tenham formado na tua imaginação muitas quimeras. Acredito teres lido demais e sem critério, faltando-te um pulso de ferro capaz de te orientar os dias. Mas sem embargo daquilo que nos separa continuas a ser minha filha.

Deito-te a minha bênção assim como a cada um dos teus filhos. Deus os faça a todos uns santos.» Do teu pai que muito te ama

João

Almada, 20 de Dezembro de 1801

†

Henri Forestier não se cansa de olhá-la.

Nunca uma mulher o fascinara tanto, nem de nenhuma outra se sentira tão prisioneiro, tão encarcerado pelos próprios sentimentos desgovernados e incontroláveis.

Talvez seja isso que em Leonor lhe mete medo. Teme-lhe o poder que tem de o possuir e de em seguida o manter agarrado.

A torná-lo fraco.

Ameaçado como afinal sempre estivera Aquiles?

Desvia os olhos da sua nudez de nardo, para logo voltar a tocar-lhe, num atropelo de odores, de cores, de dores, que o afastamento dela lhe causa.

Consciente do perigo que para si ela representa.

Por desgoverná-lo ou porque o desacerta, o distrai e afasta do seu ideal mantido enquanto promessa de honra e vida. Sair de Portugal passa a ser para Henri Forestier uma obrigação, tentando encontrar firmeza para conseguir despedir-se dela, tão depressa quase tímida e tranquila deitada a seu lado, como amante fulva e possessiva, tomando para si o mel de toda a colmeia onde só ela é rainha.

Conquistadora da própria conquista.

E quando ele lhe vai anunciar que parte em breve,

acaba sempre por lhe rogar: «Fica mais esta noite comigo!»

†

MONÓLOGO DE LEONOR

Deixa que me abrigue à tua sombra! – queria ser capaz de pedir-te. Em breve será tempo de partires, e eu que jamais permiti que me ensombrassem, me obrigassem, me abrigassem, temo vir a desesperar de desgosto.

Consigo no entanto conter o grito da paixão que me denunciaria. Me alumbra, deslumbra, a fazer parte do meu próprio delírio.

Por ti.

Por ti poderia perder-me, poderia perder-te,

de impossibilidade.

Eu sou a tua rola.

Selvagem.

Tua mulher não domesticável.

Tu és o caçador ou sou eu a caçadora?

Predador e eu predadora, alfange, faca de afiado gume, folha de navalha, espada usada por ti junto à tepidez da tua anca tão breve e lisa e magra, a precipitar-me na vertigem.

Amante inesperado a desejar capturar-me.

Aprisionar-me.

Carcereiro dando nove vezes a volta à chave da minha cela.

De mim esperas que seja…

apenas o despojo?

Objecto de tua pertença, escolhido durante o saque, entre duas batalhas. Prisioneira impaciente de herói viril e vencedor, mas também ele frágil e vulnerável ao meu veneno?

Tento dizer-te que, apesar de tomada por paixão mais arrebatada e constante do que por certo a tua, não sou capturável.

Nem vítima.

Nem fraca, no outro extremo de mim a calar a fera.

Impede-me,

impede-me, meu amor, de um dia vir a transformar-me: tornando-me a tua perda, o teu soluço, o teu estertor, a causa da tua morte. Impede-me, meu amor, de te deixar partir de junto da minha ilharga. Nó de atadura da minha teia-trama narrativa, em ponto dado a pesponto e laço de desmanchar o teu sossego.

Ulisses…

Nessa tua viagem sem retorno nem regaço para descansares a cabeça ou casa onde pernoitares ou cama onde te deitares, a quereres ocupar um espaço que já nem te pertence, enquanto recordas, tentando esquecer o mundo e o hino encantatório e sequioso de seda e sede das sereias.

Como contar-te que nunca serei Penélope?

†

Henri Forestier acaba de lhe dizer que decidira partir.

Leonor julga não ter entendido.

Sentada na borda da cama, volta-se em silêncio para o olhar estupefacta. Vê-o ainda deitado, tal como o deixara, na sua nudez de Narciso, a fazê-la lembrar o quadro de Nicolas Poussin que vira em Paris, logo então estremecendo.

Continua a fitá-lo, incrédula, mas o olhar dele repete as mesmas palavras que ela recusara entender. Então, sem o desfitar, Leonor começa a despir devagar o que entretanto já tornara a vestir: a pequena camisa de cambraia translúcida, o corpetezinho apertado à frente com botões de madrepérola, as meias de seda que desce nas pernas; e por fim deixa tombar os desmanchados cabelos longos.

Depois, como se fosse uma feiticeira,

desdobra devagar as suas asas áureas,

a tremeluzirem na penumbra do quarto. E parecendo pairar, desliza nos lençóis a deitar-se sobre o seu corpo, a voar nele, resvalando nas arestas do ar, num mesmo e único abraço, arrebatando-o.

Tomando-o para si como nunca antes.

OceanofPDF.com

†

XXIII

OceanofPDF.com

†

Quem diz que amor é um crime

Quem diz que amor é um crime
Calunia a natureza,
Faz da causa organizante
Criminosa a singeleza.

Que vejo, Céus! que não seja
De uma atracção resultado?
Atracção e amor é o mesmo;
Logo amor não é pecado.

Se respiro, a atmosfera,
C'um fluido combinado,
É quem me sustenta a vida
Dentro do peito agitado.

Se vejo mares, se fontes,
Rio, cristalino lago,
Dois gases se unem, formando
Águas com que a sede apago.

Uma lei de afinidade
Se acha nos corpos terrenos;
Ácidos, metais, alcalis,
Tudo se une mais ou menos.

De que sou feita? – De terra;
Nela me hei-de converter:
Se amor arder em meu peito
É da essência do meu ser.

Sem que te ofenda, Razão,

Quero defender Amor;
Se contigo não concorda
Não é virtude, é furor.

OceanofPDF.com

†

RAÍZES

Querem que de mim se diga e para sempre se creia:

Leonor de Távora viveu como morreu, sem ter coração.

Por ter sido destituída de doçura e quebradura feminina, mão laboriosa na senda da traição e do crime, jamais se detendo na brandura e na compaixão. Orgulho que na sua maior desmesura e paixão da crueldade me inventam, jamais em mim se desvendando a marca da ternura ou do amor arrebatado. Sem mácula no pano bordado da minha alma.

Culpada?

Sim, de pensar pela própria cabeça.

Contrária em tudo às fragilidades impostas ao meu sexo, e logo suspeita de comércio com o mal, apesar de nunca me ter erguido nem agido na direcção de erro danoso contra alguém. Sem enredar intriga, nem urdidura de muitos outros males e agravos.

Odor de gardénia em vez do cheiro a pólvora que a Suprema Junta de Inconfidência diz ter encontrado nos punhos de renda do meu vestido de seda natural, sem que todavia ficasse dito com clareza ter sido eu a atiradora contra Sua Majestade.

Porque, para todos, mulher não atira,

esconde-se cobardemente atrás das costas dos homens.

O que não impediu de ter sido condenada como «mandante do crime que no dia três de Setembro de mil setecentos e cinquenta e nove se cometeu contra a Real e Sagrada Pessoa do nosso Rei D. José».

Acusada sem provas.

Indiciada, julgada sem jamais ter sido ouvida, interrogada, escutada; e mesmo assim condenada, por conluio com padres jesuítas e fidalgos.

A fazer-se de mim um «repugnante agente de traição».

Ao Rei

e à Pátria.

Tramando na maquinação de ideias condenáveis porque contrárias a Portugal. Configurando-se no fim do julgamento a culpa máxima de «grande delito» na minha pessoa. Enredo perverso tramado por Sebastião José que, usando o poder absoluto de déspota atribuído pelo Rei, tem vindo a traçar de mim o meu oposto.

Mudando-me em «monstro da sociedade civil».

Inocência abocanhada pelos «atrocíssimos crimes de conjuração, alta traição e parricídio» que me atribuem, tudo comparecendo para sublinhar a culpa que não tenho.

A truncarem-me o destino.

Antevejo o carrasco a separar-me a cabeça do corpo, em seguida tornados pó, a misturarem-se com a cinza do fogo.

E por fim lançada ao mar.

Sem campa nem laje ou cruz diante das quais se reze a encomendar-me a alma. Morte chamada pelos meus matadores:

«natural e para sempre».

Com pregão e baraço.

OceanofPDF.com

†

MEMÓRIA

Quando recordo os primeiros anos do século dezanove, tenho de admitir que admiro e até me comovo com o próprio entusiasmo, entre a paixão desmedida, que preferia não recordar, e o empenho em salvar Portugal das invasões francesas que, estava ciente disso, mais tarde ou mais cedo iriam acontecer.

Sonhava então com uma nova Europa fortalecida, capaz de derrotar Napoleão. Época da minha vida marcada pelo excesso, pela utopia e pelo sonho, enquanto me ia soltando do passado de que fora refém, num apertado nó cego.

Naquele tempo estava sozinha, vendo crescer os meus filhos mais novos, no entanto ciente de querer aceitar o risco que os grandes desafios impõem, tendo diante de mim uma definitiva escolha: permanecer agarrada à mentalidade retrógrada que repudiava, ou partir ao encontro de um novo modo de vida.

A moldar o meu próprio destino.

Senhora de um febril e por isso suspeito entusiasmo, acreditava sempre ser possível a mudança e as transformações, sem no entanto deixar cair a herança dos nossos antepassados. E apesar de tudo, com o coração prisioneiro de sentimentos contraditórios, em movimentos opostos de voo: a subida no espaço deslumbrante de eternidade, e a queda num voltear de vertigem. Entre a ousadia exigida pela criatividade, a cultura, a ciência, e a limitadora prudência imposta pela Igreja, as regras e proibições, os estereótipos da educação e os protocolos da Corte.

Entre a poesia libertadora e os limites da realidade.

Enquanto tentava entender as matérias de que é feita a política, pelos meandros imbricados e conspiratórios das salas de espera dos gabinetes dos ministros e pelos corredores do Paço. Consciente da minha natureza ambiciosa, dotada que me sentia para jogar com o pouco que tinha como se fosse muito, simulando duvidar do que mais estava certa e estar certa do que mais temia. Teimando em seguir e em cumprir aquilo em que acreditava. A maior parte das vezes com uma imprudência alarmante.

Sem me dar conta, então, de como as nuvens da tempestade ameaçadora começavam já a adensar-se sobre a minha cabeça.

OceanofPDF.com

†

1802

Sai pela primeira vez sem espartilho. No seu lugar usa uma camisinha translúcida e a tapá-la um leve colete de linho gomado, descendo justo até abaixo da cintura por ele modelada.

Dividida entre a ousadia e a estranheza sente-se nua.

Indecisa, contraria a vontade quase irresistível de voltar atrás no atrevimento, ajeita mais no pescoço alto a gola do casaquinho de *shantung* verde-pimenta abotoado ao longo do peito, botões dourados e aplicações esmaecidas de cetim castanho de polimento, a disfarçar-lhe os seios altos.

Mal deixa o abrigo da porta, o vento agreste desarruma-lhe os caracóis a escaparem por baixo do chapéu com breves e leves plumas rosadas. Prenúncio de tempestade de começo de estação, que a sobressalta, levando-a a suster o passo antes de subir para a sege parada no pátio sombreado de plátanos diante de casa, não sem antes tropeçar na terra batida onde teme sujar os sapatos, decorados com lantejoulas e cintilantes missangas miúdas, num desenho estrelado, salto de forro dobrado que a desequilibra, obrigando-a a caminhar num disfarçado ondear das ancas estreitas e lisas.

O frondoso ramo de camélias brancas, de pétalas frisadas e leitosas, encontra-se pousado num jeito enganoso, dir-se-ia calculado, reclinado no banco de veludo escarlate.

Entorpecidas, na branda escuridade.

Leonor repara nelas no momento em que entra no carro, um pé mal equilibrado no estribo estreito e o outro no movimento lento de subir, para

em seguida ganhar a sombra que os cortinados de damasco artificialmente criam, a mão direita apoiando-se enluvada na ombreira da portinhola, enquanto a outra ergue o vestido de tafetá bordado a lâmina de ouro, delineando-lhe o talhe harmonioso.

Ramo de camélias vermelhas, por pouco a escorregar do brocado do assento da sege, onde fora artificiosamente colocado, quase a tombar no tapete espanhol. Mancha equívoca da cor do sangue tépido, espalhando-se na penumbra entorpecida.

Sem espartilho, Leonor sente o corpo desprotegido e solto debaixo do vestido, e num movimento ágil recusa a mão estendida do estribeiro e acaba de subir assentando a ponta do pé no degrau instável, inclinando-se em seguida um tudo-nada, a silhueta delgada dobrando-se. E é nessa altura que pela primeira vez vê as flores.

Um ramo de camélias de uma brancura lívida, que mal se equilibra no assento de veludo, com a sua marca de pureza intacta, disposto com um cuidado esquivo ou quem sabe impaciente, as folhas apertadas em torno de si mesmas.

Dúbias.

Desejo a ganhar forma na sua imbricada teia de pequeníssimas veias; simultaneamente, porém, havendo nelas um rasto de recato velado que a perturba e lhe tolda o olhar admirado. Ergue-as com cuidado, para as levar até ao rosto dando conta, desagradada, da sua total falta de perfume, num recôndito indício de esterilidade, para logo com impaciência nervosa as deixar tombar no tecido rugoso da saia.

As faces em fogo e a boca seca.

Avança a sege devagar pelas ruas estreitas, que vão da Rua da Boa Morte a Buenos Aires, passando diante da Basílica da Estrela, ar ainda limpo da pestilência que àquela hora já começa a invadir a parte baixa de Lisboa, bem perto do Tejo. Fecha apesar de tudo as janelas e corre as cortinas de seda da Índia, adoçando desse modo a pouca claridade já de si travada

pelas nuvens, por trás das quais se recolhe um sol de começo de primavera, esquecido do trabalho de aquecer os dias.

Meia-luz a tornar mais intenso o rubor das camélias, num gritante contraste com a escureza onde as cores se acentuam num impossível disfarce, a esfacelar a diferença dos tons estremecidos, por onde elas se derrimam, húmidas de um inverosímil orvalho.

Resguardada do olhar impertinente e agressivo de Lannes, da insistência ameaçadora dos mendigos, da curiosidade grosseira dos esbirros de Pina Manique e de quem mais pretenda seguir-lhe os passos, a tentar adivinhar-lhe os gestos na devassa da sua intimidade, Leonor, de novo perplexa e indecisa, desce o olhar relutante como se quisesse evitar fixar-se a seu lado, na beira do banco forrado onde ela sabe estar…

†

O bouquet de camélias atado por um ligeiríssimo fio, nó dourado disfarçando-se na carnação das pregas das pétalas brancas das flores, palidez a contrastar com o amarelo intenso do tafetá do regaço onde elas repousam, equívocas, brandas e macias.

Volta a poisá-las com cuidado à sua beira. Imaginando a quem poderá contar, desabafar sobre elas, sem ser a Catarina que continua fora de Lisboa. Segredo que terá de guardar, assim como a confissão de estranheza e impacto estonteante que lhe está a causar sair sem espartilho, no entanto a transmitir-lhe ao mesmo tempo uma jubilosa sensação de liberdade e turvação, num indefinível calamento de sobressalto.

E, sem querer, a sua atenção nervosa volta a prender-se nas camélias de um tom sanguíneo de rubi cintilando na cerração oscilante do carro, embalo a fazê-las cada vez mais deslizar do macio e tépido tecido do assento para o espesso tapete bordado.

Prendendo-se ela ao enredo por si mesma entretanto inventado, à suspeita formada no seu espírito, fruto da urdidura do seu imaginário; mas, sobretudo, entregue ao desafio que a tenta. Sem conseguir ainda confessar a si própria o anseio recalcado, o veneno espúrio, o espinho contaminado, a febril sedução que a está vencendo, a partir do desejo. Consciente do perfume intenso, obsessivo e espesso, que de toda aquela encenação ou delírio se evola, insinuante, para logo se dispersar.

Manipulador e veemente.

Desnorteando-a.

Camélias brancas, desfalecidas de tão pálidas, testemunhando a pureza das intenções de quem as envia, para logo se tingirem de um vermelho vertiginoso, na morbidez nervosa e febril do desnorte ardente. Um pequeno ramo, que ela aperta aos seios.

Flores entreabrindo-se com morbidez, numa espécie de sussurro esmaecido, suspeita de sopro ou de suspiro; acicatando nela, mais do que encobrindo, mais do que iludindo as pulsões sobressaltadas da ansiosa matéria do próprio desassossego, num refreado desejo de entrega enlouquecida, mas nos últimos tempos tão constantemente imaginada. Sentimentos, anelos a que, até há poucos meses, jamais se permitiria.

†

Quando lhe trouxeram a notícia de que Leonor Benedita tinha entrado em trabalho de parto, Leonor larga tudo e corre para Benfica. A juntar-se à parteira e às mulheres que, nessas horas unicamente femininas, sempre rodeiam, ajudam e partilham:

o nascimento das crianças.

Todo ele feito de sangues, de gritos e sucos do corpo, de lágrimas mal retidas e gemidos sumidos, de lençóis, panos e toalhas, de tesouras e alguidares e jarros de água fervente. E nas últimas dores de expulsão, é ela quem estende as mãos firmes para segurar

o seu primeiro neto.

E antes mesmo de o mandar limpar das sujidades do nascimento, cuidando de que não o enfaixassem, leva-o até Leonor Benedita, de quem estranha o silêncio e a fixidez vazia e sem brilho do olhar. Rosto toldado por uma sombra ambígua.

Alheada até diante do filho.

Impressiona-se com a indiferença hirta dos seus braços, quando neles coloca o menino que ela não aconchega a si.

Como se recusasse ensinar ao filho
o caminho até ao seu peito.

†

Frei Rafael de Lorena, já paramentado e descendo a curta nave, repara na altivez do porte da condessa de Oeynhausen, depois de ter estremecido com a sua beleza ressentida que sempre o apanha desprevenido. Em torno do fulgor do seu talhe, a tepidez da luz vacilante das velas do altar esbate-se por entre os lírios e as açucenas, a deixá-la brilhar só a ela, ajoelhada no genuflexório com estrado forrado a veludo lilás, rosto erguido para a imagem de santa Teresa de Ávila.

No entanto intui que ela não reza.

Com o menino ao colo, é a condessa de Ega quem avança primeiro até à pia do baptismo, passo vagaroso pelas lajes gastas da ermida do marquês de Fronteira, que de casaca de veludo com forro de cetim dançando no corpo magro logo a segue, as mãos amparando-se uma à outra atrás das costas. Alegram-se-lhe os olhos castanhos e brilhantes no gosto de baptizar o primeiro filho, ansiando por esquecer o vazio que, depois do parto, parece velar os olhos de Leonor Benedita, assim como os pesados silêncios cavados onde a vê afundar-se numa espécie de alheamento pálido.

Frei Rafael olha os dois cunhados, cuidando mais em fixá-la a ela quase menina, beleza delicada de porcelana, amparando nos braços o sobrinho de fatinho branco com folhos bordados a fio de seda crespo, mangas guarnecidas com *ruches* de fita de seda; rendas largas depois da bainha

aberta, tombando do braço nu de Juliana a cobri-lo um tudo-nada. Mas a madrinha é a condessa de Oeynhausen que, deixando a companhia do marquês de Belas, padrinho ensimesmado, finalmente se aproxima um pouco a contragosto, já a cerimónia do baptismo iniciada.

Mais tarde, frei Rafael de Lorena reconhecerá para si mesmo, em segredo, ter-se perturbado ao senti-la inclinar-se junto do seu ombro a fim de pegar no neto, densa fragrância de nardo a escapar-se do decote fundo.

Inquietantemente jovem, no vestido rosa fúcsia.

Talvez por isso a voz dele tenha tremido um pouco, havendo nela um encoberto veio dissonante, quando disse em surdina:

– Eu te baptizo, José Trazimundo…

†

DIÁRIO

Há quanto tempo já ele partiu?

Há quantos meses? Há quantos séculos?

Tento aparentar uma serenidade, uma tranquilidade que não sinto, continuando o sobressalto da paixão a empurrar-me para o assustador centro da sua voragem feita de vertigem. Sem conseguir mitigar as saudades de Henri, nem enganar a ferida aberta pela sua falta!

Admitir e confessar a mim mesma amá-lo é muito pouco: preciso de partir, de voar ao seu encontro, para tornar a beber o gosto da vida no odor macerado do seu hálito, no travo febril e ardente da sua boca. Pondo fim à dor que a falta do seu belo corpo voraz e sequioso me provoca.

A fazer lembrar a dependência viciosa dos fumadores de ópio…

Como se a sua paixão fosse o ar que respiro.

Lisboa, 26 de Fevereiro de 1802

†

A Princesa Real Carlota Joaquina, vinda do parto da infanta Isabel Maria e da morte do príncipe Francisco António Pio, seu filho primogénito, exige a presença constante de Leonor de Almeida na sua nova qualidade de dama de honor.

Incumbe-a de fazer os estatutos da Real Ordem das Damas Nobres de Santa Isabel, com o intuito oculto – ao invés do que imaginara o Príncipe Regente ao assinar o decreto da sua criação – de com ela conseguir algum do poder que lhe é devido, dado que continua a ser-lhe negada a participação nos assuntos do Reino.

Habilidosa e matreira, a Princesa irá tentar, então, encaminhar as coisas de modo a que

a Real Ordem das Damas Nobres de Santa Isabel

acabe por lhe atribuir «*um maior peso e autoridade dentro da vida da Corte*», pois tendo ela como fim atribuir privilégios às melhores damas da nobreza, passará a garantir-lhe o apoio das mais ilustres fidalgas portuguesas, desejosas de serem agraciadas. Isto só irá aumentar a popularidade e fama de vivacidade e determinação da Princesa do Brasil, o que, em contraste com a apatia e o aparente desinteresse de D. João, poderá ajudá-la em relação aos seus anseios políticos.

Servindo-se também de Leonor, enquanto sua conselheira e mediadora, para a benquistar junto do marido, desbravando e abrindo caminho no sentido de amenizar as relações de ambos. Desse modo leva-a consigo para onde quer que vá, passa longos dias no Palácio de Queluz ou na Real Quinta de Caxias ou mesmo no Palácio de Mafra onde Leonor fica lendo e estudando até tarde, a querer chegar mais longe no conhecimento e entendimento do Mundo: a misturar a literatura com a geometria, a álgebra com a matemática e a poesia, numa insatisfação permanente.

†

DIÁRIO

Apesar da acintosa perseguição de Pina Manique, nem sequer me imagino a desistir de levar até ao fim o projecto a que me proponho, no que diz respeito ao destino de Portugal.

Usando da maior astúcia.

Assim, em vez de me limitar a servir a Princesa Carlota Joaquina enquanto sua dama de honor, utilizo a minha presença na Corte, privilégio do cargo que desempenho, para me aproximar do Príncipe Regente, a expor-lhe as ideias que tenho em relação a França e a Napoleão Bonaparte. Alertando-o para o perigo que este representa para a Europa, especialmente no que se refere à nossa Pátria.

Lisboa, 1 de Março de 1802

†

O Príncipe Regente amarfanha a carta acabada de ler, assinada pela condessa de Oeynhausen. E num gesto impaciente da mão pesada, deixa-a cair: uma bola de papel, onde os ideais, as ousadias e os sonhos dela são lançados fora, enrodilhados.

Depois de olhar em torno, desconfiando, não vá haver algum dos espiões de Pina Manique à espreita pelas frinchas das portas, o Cardeal Patriarca apanha furtivamente o papel amarrotado do tapete de Arraiolos onde tombara, quase no centro de um grande losango desenhado pela lã. Enrola-se-lhe o hábito em redor dos joelhos e, quando volta a endireitar-se, ergue o rosto de uma palidez doentia, olhar entornado a esgueirar-se até D. João, que percorre exaltado a Sala dos Embaixadores do Palácio de Queluz onde se encontram.

– Estou rodeado de loucos! – ouve-o exclamar acirrado, para logo tentar controlar-se. Pois como muitas vezes lhe acontece, o Príncipe julga aperceber na própria voz o tom descontrolado de sua mãe a Rainha

durante as piores crises, cada vez mais consciente das melancolias e tristezas, dos ensimesmamentos insondáveis, a sugerirem-lhe a hereditariedade, a contaminação dos sangues, que ele teme em segredo.

– A condessa de Oeynhausen é uma mulher perigosa! – desabafa, já mais calmo, apoiado à escrivaninha de charão com embutidos, de onde pega outra carta dela recebida nessa mesma tarde. E voltando-se para D. José Francisco Mendonça, como que pergunta:

– O que vou eu fazer com tamanho…

D. João hesita, vindo-lhe apenas ao pensamento a palavra fulgor que, por lhe parecer inusitada, se recusa a pronunciar, acabando por substituí-la por outra mais apropriada: despropósito.

Na verdade, a inteligência de Leonor de Almeida assusta-o; ela confunde-o e atemoriza-o com a sua determinação e ambição política.

– A mulher deve ser naturalmente tímida! – lamenta-se com desânimo, a lembrar-se de Carlota Joaquina, sem saber se receia mais os seus destemperos e crises de ira se os seus silêncios repletos de ameaças.

Resignado, torna a examinar as cartas enviadas pela condessa, intrigando contra França, pretendendo que Portugal se lhe oponha com firmeza, oferecendo-se para ir pelas Cortes da Europa com vista a promover uma união capaz de derrubar Napoleão Bonaparte. E o Príncipe Real estremece ao lembrar-se de Lannes, o arrogante embaixador francês acabado de chegar a Portugal. O seu olhar gelado e arguto, modos desabridos e insolentes, palavra acre e ríspida horrorizam-no.

E o Príncipe D. João, exaurido, acaba por se sentar num dos cadeirões dourados que encimam o salão, fecha os olhos que lhe ardem, desejando poder esquecer os problemas que teimam em cair-lhe nos braços.

Perto dele mantém-se a presença hirta e silenciosa de D. José Francisco Mendonça: de pé, costas voltadas para uma das janelas que dão para o terraço, por onde passa a fria e áspera aragem do final da tarde.

A olhar, estupefacto, o Príncipe Regente adormecido.

†

«Senhor:

A bondade e o honroso acolhimento com que Vossa Alteza Real tem recebido as minhas cartas e as representações que me inspirou o vivo zelo do seu serviço e da sua glória, imprimem no meu ânimo uma gratidão eterna e uma paixão sublime pela sua paz e felicidade. Possuída toda destes sentimentos, julgue Vossa Alteza Real mesmo com que alegria não participarei destes momentos de paz, e não desejarei, prostrada aos pés de Vossa Alteza Real, dar-lhe parabéns! Receba-os, pois, Senhor, extraídos da minha alma e cheios da mais viva ânsia de que o motivo tenha a consistência com que o Céu pode premiar as virtudes de Vossa Alteza Real e o seu desejo de tranquilidade pública.

Neste momento, Senhor, tomara poder desviar toda a ideia das complicações políticas e não ver senão o que deve ser e que desejo, mas a condição das cousas humanas faz que quem pensa e quem calcula, ainda ache com que magoar a imaginação e prevenir o futuro. Tenho conferido largamente com meu irmão, e um e outro não temos nunca diante dos olhos senão Vossa Alteza Real e a sua segurança; tenho lido com atenção as notícias públicas e particulares; tenho meditado profundamente sobre o carácter dos gabinetes contratantes; tenho voltado os olhos para as negociações passadas, para as circunstâncias actuais, e de toda esta massa de ideias resultantes, colho uma lição que me levanta alguma cousa o véu que me encobre o futuro e concluo com soçobro as minhas meditações. Meu irmão, que me comunica os seus pensamentos, ainda me deixa menos lugar ao sossego, que em vão procuro; as suas ideias honradas e vastas, o seu ânimo sempre preso ao bem e vantagem do seu Príncipe, que ama ternamente, move o seu engenho rápido e lhe faz alcançar verdades, que ainda não avistam aqueles a quem não é concedida uma igual extensão de Luzes e tão constante ardor, como aquele que o anima pelo bem e serviço do Trono.

Por aqui verá Vossa Alteza Real que não me é dado vacilar nas ideias que adoptei sobre os únicos e verdadeiros meios de defesa. E, assim como a paz nos deixa lugar a disciplinar o nosso exército, a reabilitar a nossa

marinha, a acumular os nossos fundos, ela nos ensina também a dirigir mais habilmente ainda as negociações, os meios tácticos de defesa que tínhamos adoptado. É pois na paz que mais seguramente e com mais vagar se podem cativar os ânimos, que tanto nos importa ganhar; e quando chegar o instante da nova ruptura, já deve estar formada a coalizão do Ocidente, para frustrar o invariável projecto da destruição dos Tronos.

Por aqui vê Vossa Alteza Real que mais que nunca seria a propósito a medida que lhe pareceu conveniente, na última vez que tive a honra de falar-lhe: conviria que estivesse em Madrid, na altura do Congresso de Amiens, quem observasse todos os efeitos graduais que forem produzindo as negociações sobre os ânimos das pessoas que regem os negócios. Precisam-se dias para pura observação, para merecer confiança, para encobrir projectos e desorientar os observadores malévolos de que estão rodeados nesta época todos os gabinetes e negociadores – e para tudo isto importa não desperdiçar momentos.

Tudo isto pesará Vossa Alteza Real na sua alta meditação; eu cumpro em dizer-lho e em estar pronta à mais sagrada das minhas obrigações; e desejando muito que Vossa Alteza Real leia no meu coração os princípios que me dirigem, com o mais profundo respeito.

Beijo a mão de Vossa Alteza Real,

a condessa de Oeynhausen»

Lisboa, Março de 1802

†

Cruzam-se pela primeira vez em Queluz, num serenim do Paço. Lannes, recém-chegado a Portugal para onde Bonaparte o enviara como embaixador extraordinário; Leonor, no seu lugar de destaque por ser a primeira dama de honor da Princesa Regente.

Quando os seus olhares se encontram, ele vacila julgando por segundos sentir o coração parar, tomado de surpresa. E quando lhe confirmam o seu nome, tenta em vão lembrar-se e levar em conta o que a propósito dela lhe contara Fouché, dando-lhe a ver uma cópia do seu retrato pintado em Viena, enquanto o alertava contra aquela que garantia ser uma mulher perigosa, com uma desmesurada ambição política.

Surpreendido pelo seu porte altivo e simultaneamente suave, agrada-lhe o tom de mel dos seus cabelos ondulados e soltos tombando nos ombros nacarados. Os olhos claros, que ela tem rasgados e de uma estranha cor indecisa, parecem-lhe alagados de água, e os lábios de uma sensualidade delicada entreabrem-se num ligeiríssimo sorriso apenas domado pela perplexidade.

Os dedos longos e magros, a segurarem a folha que lê, não tremem uma única vez, e mesmo mal percebendo o que ela diz, pela toada musical que empresta às palavras, entende estar a declamar poesia, numa voz tranquila e suave, tendo no entanto um veio interior de aspereza crispada que o enche de curiosidade, atento ao seu talhe fino, às suas pernas altas.

Por precaução Lannes resguarda-se da luz das muitas velas dos lustres de cristal de Veneza da Sala da Música do Palácio de Queluz. E meio dissimulado pelos cortinados lavrados de seda da Índia, o embaixador francês espreita-lhe o donaire, a expressão intensa e inteligente, mas igualmente a cintura estreita a contrariar o amadurecimento do rosto longo e macio. Atento ao ligeiro encrespar dos seus ombros que o decote do vestido de veludo rosa-forte descobre.

Há nela uma exaltação contida que o excita, e um sobressalto mal domado, denunciado apenas pelo súbito arrepio que de súbito lhe faz estremecer o corpo como se adivinhasse a sua acesa e encoberta curiosidade. E quando o duque de Lafões se aproxima no seu leve passo de dança, rosto empoado, casaca de seda verde, sapatos com fivelas de diamantes reluzindo,

pede-lhe que o leve até ela e lha apresente.

†

DIÁRIO

Muito belo o embaixador Jean Lannes.

Mas com aquela arrogância e altivez de quem se supõe dono do mundo; especialmente amo das mulheres.

Tem um olhar de gelo azul.

Boca de dureza e sensualidade. E um sorriso irónico, que lhe desfeia o rosto de arcanjo cruel e nocturno.

Sem nenhuma piedade.

Lisboa, 2 de Abril de 1802

†

ANGELUS

Pareces-me mais nervosa e ardente a cada dia que passa.

Mais chama.

Aproximando-te do fundo da cratera.

Mais lava.

E mal finges atardares-te numa certa acalmia de imediato recusada, logo te desacertas na ousadia do passo.

Mudada em teimosia.

A olvidares o teu imaginário.

Ao negar-me a sair da tua sombra recolhida, estou a recusar o avesso da luz – das Luzes, demorando-me por gosto no duplo papel de teu

perseguidor e prisioneiro. Deixando-me inundar por ti, à beira escorregadia do teu rutilante abismo.

Mulher que não se limita a desdobrar, a desbravar e trabalhar as palavras, na múltipla iluminação da poesia. Mas também política, prevendo para Portugal tempestades, cataclismos, em que ninguém acredita. E tal como Cassandra, tens o futuro armadilhado.

Apesar de tudo continuas intacta, pois mesmo sendo de cristal e vidro, nunca te estilhaças.

Quem sabe…

De bom grado me entregaria ao teu perigo, a permitir-te enredamentos e filtros imaginários. Aceitando ir por terrenos de espinhos e cardos e farpas; pântanos ou escarpas de mim desconhecidos, devido à minha condição de voo.

Mediador como os poetas, teço a teia entre ti e a lua.

Eu sou aquele que anuncia.

Ecce Ancilla Domini!

Tal como Gabriel, entregando-te um lírio que nos cinde e afasta. Da natureza da espada deitada entre Isolda e Tristão, enregelando-os com o seu fio de prata.

Toco ao de leve a cor da tua aura.

†

Luís Pinto de Sousa Coutinho culpa-a secretamente

de exercer má influência junto de sua mulher, ao alimentar em Catarina os sonhos literários, ao mesmo tempo semeando nela os desmandos da insubordinação.

Aliás, quem não acusa Leonor de Almeida seja do que for?

A única excepção no Paço são as princesas, que a mantêm resguardada na Corte, tanto quanto ela permite, defendendo-a Carlota Joaquina do iminente perigo que reconhece ameaçá-la:

– A senhora Condessa anda bem necessitada do meu apoio! – ouve-a dizer Luís Pinto nos jardins do palácio da Bemposta, do outro lado da sebe

alta que o encobre à escuta da sigilosa conversa das duas, durante a qual a Princesa Regente tenta em vão fazê-la recuar e desistir dos seus propósitos, alertando-a em relação aos perigos que à sua volta se adensam. Mas aos seus conselhos a condessa responde firme, numa voz sem alarde:

– Vossa Alteza vai-me desculpar, mas eu considero que vale a pena correr riscos por causas justas. Sobretudo se for para salvar a nossa Pátria.

Tendo escutado o suficiente e temendo ver-se descoberto, o visconde de Balsemão desliza sem ruído pelo interior da sombra onde se abriga, a caminho do Paço.

†

Chegara tarde ao baile no Palácio de Queluz, atrasado pelos informadores que o demoraram na Intendência a dar-lhe conta dos passos do embaixador francês Lannes. Agora é Pina Manique quem o segue com olhar de lince, observando de longe como a sua rudeza habitual parece extinguir-se junto da condessa de Oeynhausen.

Cercando-a com a sua atenção.

O Intendente, que nesse dia ostenta no peito a Cruz de Cristo, considera por bem prevenir o Príncipe Regente, indo descobri-lo refugiado na Sala de Caça. Sentado a uma mesa, segura com inesperada delicadeza um frágil cálice de cristal da Boémia toldado pelo tom sanguíneo do vinho do Porto, que bebe devagar enquanto assiste enfastiado às momices desastradas e grosseiras das anãs da Corte.

– Vossa Alteza vai perdoar-me o incómodo, mas aquilo a que acabo de assistir faz-me crer na urgência de vos manter informado…

Ao dizer isto, o Intendente espera ter conseguido despertar suficientemente a curiosidade de D. João para que este o mande sentar à sua beira, o que acaba por acontecer a contragosto do Príncipe, relutante. E alisando o trajo negro sobre os joelhos, vai explicando com voz de mistério:

– Pela primeira vez que eu visse, Lannes tirou a sua inseparável farda para envergar as belas vestes de embaixador. Com o fito, desconfio, de

agradar a uma perigosa fidalga defensora das ideias jacobinas. Por demais conhecida pelos seus desmandos e versos, dama de honor da Princesa D. Carlota Joaquina. Vossa Alteza Real poderá observar com os próprios olhos como o lobo simula mal ter-se transformado em cordeiro.

E frente à silenciosa indiferença do Regente, acrescenta com raiva encoberta:

– Estes franceses são uma ameaça!

Por fim sossega, recosta-se com cautela na almofada de brocado, acariciando ao de leve com os dedos grossos a guarda de madrepérola do seu espadim. Enquanto olha sem disfarce o Príncipe, que boceja, indiferente às suas palavras mas atento ao som do minuete que chega de longe.

O pensamento rondando em torno de Eugénia de Meneses.

†

DIÁRIO

Nomeada há pouco dama de honor da Princesa D. Carlota Joaquina, vejo já confirmadas as minhas maiores apreensões: as regalias que esta distinção me traz, mal compensam os dissabores e as obrigações, a prisão ao protocolo do Paço, o dever de a escutar e de entrar em suas intimidades.

Tornando-me sem querer testemunha emudecida das frivolidades e turvidades da maioria das aias e açafatas e até de algumas damas camaristas. Vendo-me assim, sem gosto, colocada no meio de guerras de salão e de medíocres intrigas.

O único conflito que me interessa e ao qual assisto com moderado regozijo é aquele que opõe Lannes a Pina Manique.

Lisboa, 20 de Abril de 1802

†

Recusando-se a escutar os conselhos do pai e do irmão, Leonor continua perseverando, decidida em convencer o Príncipe Regente de que em breve Portugal será invadido pelas tropas francesas.

Por fim D. João escuta-a, admirando-a pela tenacidade, impressionado com a sua ousadia, mas logo os ministros dão-na a ver ao Príncipe como sendo uma louca, mulher em quem não se pode fazer fé. Levando-o a desejar de novo mantê-la à distância.

Apesar de tudo Leonor, obstinadamente, consegue chegar até ele, que para a afastar e se ver livre dela vai dizendo sim ao que politicamente lhe propõe: finge partilhar das suas ideias, aprovar-lhe os planos, escutar-lhe os conselhos. Manda-a em seguida, sob promessa de protecção, percorrer os ministérios onde, em vão, ela aguarda horas esquecidas ser recebida pelos ministros que, irritados ou enfastiados com a sua incómoda presença, se trancam nos gabinetes. Isolados do Mundo, que entretanto mudara sem eles darem por isso. Recusando-se a reconhecer como a Europa passara a ser outra depois da Revolução Francesa.

E numa dessas raras vezes em que D. João parece escutá-la mais atento, Leonor aproveita para lhe recordar as palavras que Pedro de Alorna, seu irmão, no ano anterior enviara por carta ao Príncipe:

«*A balança da Europa está tão mudada que os cálculos de há 10 anos saem todos errados na era presente. Em todo o caso o que é preciso é que Vossa Alteza Real continue a reinar, e que não suceda à sua Coroa o que sucedeu à da Sardenha, à de Nápoles, e o que talvez entre no projecto das grandes potências que suceda a todas as coroas de segunda ordem na Europa. Vossa Alteza Real tem um grande império no Brasil, e o mesmo inimigo que ataca agora com tanta vantagem, talvez trema e mude de projecto, se Vossa Alteza Real o ameaçar de que se dispõe a ser imperador naquele vasto território de onde pode facilmente conquistar as colónias espanholas e aterrar em pouco tempo em todas as potências da*

Europa. Portanto é preciso que Vossa Alteza Real mande armar com toda a pressa os seus navios de guerra, e todos os de transporte, que se acharem na praça de Lisboa – que meta neles a princesa, os seus filhos e os seus tesouros, e que ponha tudo isto pronto a partir sobre a barra de Lisboa…»

D. João lembra-se bem dessa carta, que arrecadara no fundo de uma das gavetas da sua secretária. E não comentando nada, limita-se a fazer um breve sinal de despedida, a dispensá-la.

Leonor, sem alternativa, depois de uma ligeira vénia contrariada, sai mais uma vez sem saber qual é a verdadeira posição do Príncipe Regente.

†

– Necessito de falar urgentemente com Vossa Excelência! – diz Carlota Joaquina travando o braço de Leonor de Almeida, encostada a uma das balaustradas do palácio de Queluz, de onde olha a Rainha D. Maria, que todos os dias por aquela hora sai a passear com a irmã, a Princesa Maria Francisca Benedita, e D. Mariana de Arriaga. Esta, muito bela no seu vestido de cetim cor de pimenta, acena a Leonor, com quem passa mais tempo desde que a amiga é dama de honor da Princesa Regente.

– Como estais vendo não se pode mais contar com a Rainha – acrescenta Carlota Joaquina, perspicaz, dando conta da expressão contristada da condessa. E como se tomasse uma súbita decisão, continua em voz baixa:

– As vossas cartas e as vossas exposições, as vossas teimas em ser recebida estão a enervar o Príncipe Regente e a impacientar os ministros. E como sois minha dama de honor, todos eles vêm conspirar comigo contra Vossa Excelência…

Enquanto fala, a Princesa sai com Leonor atrás de si pelo corredor que leva aos seus aposentos e por onde esvoaçam os periquitos do Paço. Sem deixar de olhar em torno com desconfiança, mas não encontrando rasto de ninguém por perto, entra com ela no toucador. E quando se encontram a sós, Carlota Joaquina, fazendo tilintar as harmoniosas pulseiras de ouro e

rubis a deslizarem-lhe nos braços morenos, inclina-se um tudo-nada para a frente e previne em surdina:

– Tenha a senhora Condessa de Oeynhausen cautela, pois corre grande perigo.

†

Ao ser informado de que Lannes mandara seguir D. Leonor da Almeida, o Intendente-Geral da Polícia, enfurecido com a intromissão, manda vigiá-la com cuidado redobrado, fazendo questão de ir pessoalmente no rasto dos passos da Condessa, a dar conta de cada uma das suas múltiplas diversões e actividades.

Mas enquanto se limita a espiá-la, a interceptar e a ler-lhe a correspondência, observando o seu dia-a-dia, investigando os seus contactos na Corte, tentando desvendar-lhe os hipotéticos sorrisos, os suspiros, as lágrimas contidas e as conversas travadas, sobretudo se com as Princesas Carlota Joaquina e Maria Francisca Benedita ou com D. Mariana de Arriaga, imaginando que assim chegará depressa aos seus enigmas, o embaixador francês vai mais longe, compra a lealdade de dois criados de Leonor, desse modo ganhando acesso à sua privacidade, na tentativa de atingir o seu íntimo e invadir-lhe o pensamento.

E num dos raros dias em que ela pernoita na Corte, à hora de maior quietude da madrugada, sem nenhum problema de consciência, a pedido de Lannes, Antoine Matheon de Curnieu, o único amigo que fizera em Lisboa, bom conhecedor da língua portuguesa, entra no seu gabinete de trabalho e no seu quarto, esquadrinha-lhe os bilhetes, as cartas que escaparam a Manique, abre-lhe as gavetas e as arcas, mexe-lhe na roupa interior por onde desliza os dedos numa leve carícia; depois abre a escrivaninha na ânsia de descobrir possíveis documentos guardados. Vasculha o diário e os cadernos, procura interpretar os versos inacabados, reconhece e deleita-se com o perfume do seu corpo nas sedas e nas pregas dos vestidos, destapa os frascos de cristal onde ela guarda os sais, as essências de gardénia e almíscar. Descobre as flores estioladas tendo a

marca da memória entre as páginas dos livros largados à cabeceira da cama, aponta os seus sublinhados e anotações escritas à margem, a adivinhar-lhe:

Os gestos.

Os desejos.

Os sigilos.

A mácula que ela possa ter escondida.

Pina Manique, ignorando ter o embaixador chegado tão longe, ufana-se de ser mais ousado, e por seu lado, sem lhe pesar a consciência, reforça o gosto especial que lhe dá censurar os livros que Leonor encomenda do estrangeiro: primeiro apreende-os na Alfândega e em seguida chega a mandá-los queimar, à revelia dos ministros e dos Príncipes Regentes, temendo apenas as fúrias de D. Carlota Joaquina.

Lannes, por seu lado, ao relatório enviado regularmente a Fouché sobre Leonor de Almeida junta uma longa lista com os seus versos e os nomes das amigas e amigos, dos políticos, militares e poetas íntimos da Condessa, a maior parte deles membros das lojas maçónicas portuguesas; não deixando o ministro plenipotenciário de referir os dados completos daqueles de quem ela frequenta assiduamente as assembleias cultas, e até os nomes dos fidalgos que, nos bailes da Corte, a convidam para dançar.

Pina Manique mostra-se mais preocupado com as inúmeras vezes que Bocage visita Leonor, assim como Freire de Andrade; tendo em conta que na casa da Boa Morte entretanto voltara a viver D. Pedro da Almeida seu irmão, homem arrebatado e, tal como a irmã, também ele perto das Luzes.

Tão interessado o Intendente-Geral da Polícia portuguesa como o embaixador de França, embora por motivos opostos, em afastarem de Portugal Leonor de Almeida.

†

Quando Leonor chega a casa, sente de imediato a presença equívoca de um estranho.

Pára à entrada,

atenta,
alertada.

Em seguida passa revista a cada uma das salas, os corredores, as escadas, a biblioteca, e só depois quarto por quarto. Em todo o sítio Leonor detecta algo de indefinível, de invisível, que não sabe explicar às filhas que a acompanham: Luiza troçando desatenta, Frederica levando a sério o pressentimento da mãe, e Henriqueta, inquieta, mas não entendendo o que a mãe e a irmã procuram sem descobrir qualquer rasto.

Mal chega aos seus aposentos, particularmente ao seu gabinete de trabalho, Leonor sobressalta-se. Olha em torno a querer perceber a devassa, a tentar interpretar os indícios de quem ali estivera, a buscar a sombra que pudesse ter ficado para trás. E apesar de tudo continuar aparentemente nos seus lugares, tudo na verdade se encontra diferente: trocado-truncado, desviado, desavindo, movido.

Na arca e nas gavetas a roupa interior fora revolvida e em seguida reposta no seu lugar, mal alisada; a escrivaninha encontra-se desviada da parede onde costuma estar encostada e a pena, que no tinteiro sempre deixa virada para a direita, resvalara para a esquerda. Nos armários, os vestidos encontram-se fora de sítio e, sobre o *toilette*, o pente desaparecera e os frascos de cristal encontram-se destapados.

Pálida, Leonor garante a Thérèse, estupefacta: «Esteve alguém de fora cá em casa.»

É então que Frederica se lembra dos diários e dos cadernos, e Leonor corre com o coração aos saltos para onde os guarda, mas logo se tranquiliza: estão no sítio certo. Ao desfolhá-los, porém, dá conta de páginas arrancadas e, entre os seus papéis, de poemas desaparecidos.

– Isto é obra do Intendente-Geral da Polícia –, garante Henriqueta com voz trémula.

Mas ela abana a cabeça. O rasto e os indícios visíveis têm uma marca demasiado metódica e ousada. Demasiado fria e implacável para ser de Pina Manique.

E no mesmo instante Leonor sabe:

Fora a mando de Lannes que lhe entraram em casa!

†

No dia seguinte bem cedo Leonor vai falar com a Princesa Regente, a quem faz queixa da invasão acontecida na véspera em sua casa, da escandalosa devassa da sua intimidade.

D. Carlota Joaquina escuta-a em silêncio, só os olhos muito escuros e coruscantes vão dando conta do grande desagrado em que a lançam as palavras sobressaltadas da sua dona de honor, em quem ela tanto se empenha. Mal esta termina o seu relato, sem dar uma única palavra levanta-se, e num passo vigoroso mas já de cautela, de gravidez no seu início, vai dos seus aposentos para os do marido, onde o encontra abatido em plena crise de depressão melancólica. Manda sair os camareiros e o sobranceiro guarda-roupa João Diogo de Barros Carvalhosa, que sai a arrastar o passo.

Só então se olham, sem guarda nem defesas, ele vacilante diante da inegável zanga dela, D. Carlota a tentar controlar a vontade de o insultar. E quando se faz ouvir, a voz da Princesa está rouca da contensão mordida a custo, narrando de uma vez só tudo aquilo acabado de escutar da boca de D. Leonor de Almeida. E ao ouvi-lo comentar hesitante, «há por certo muito exagero em tudo isso», fá-lo tremer com um grito: «Nem te atrevas a desmentir-me!» Arrependido do que dissera, D. João cala-se a pensar no que poderá prometer-lhe para a acalmar:

– Falarei pessoalmente com Pina Manique…

– Não foi Manique, foi Lannes!

O Príncipe Regente estremece ao imaginar-se a enfrentar o insolente e soberbo embaixador francês, mas mesmo assim garante num tom enfraquecido:

– Então, falarei pessoalmente com Lannes.

Carlota Joaquina responde-lhe rindo:

– Não vais falar cousa alguma, porque tens medo dele.

Sem resposta, D. João tenta pensar depressa naquilo que poderá dar-lhe, para ela se ir embora e o deixar descansado. E na tentativa de conseguir mais um contrato de paz, num tom humilde vai-se comprometendo com pequenos acertos no dia-a-dia da Corte, que sabe serem de seu desejo. Mas continuando a Princesa a enfrentá-lo sem um sorriso, acaba por lhe assegurar a compra daquilo com que ela mais sonha: a Quinta do Ramalhão, que um dia Beckford quisera oferecer-lhe.

†

CADERNO

Primeira parte do extracto da memória que apresentei ao Príncipe Regente:

«*Todos os Soberanos conhecem o seu risco e a sua dependência do Governo Francês.*

Apesar da multidão de tratados de paz, que se têm feito, nenhum se pode lisonjear de ter paz sólida. Todos os tratados foram parciais, ditados pela força e aceites pela fraqueza.

O tratado de Amiens entra na ordem de paz parcial, porque Bonaparte recusou sempre uma negociação colectiva e pretendeu fazer em poucos dias o que se fez no tratado de Westphalia em cinco anos.

Não há potência nenhuma que não esteja ameaçada, depois desta suposta paz, de perder ou a sua independência ou a sua honra.

Portugal entra com todas neste perigo. Com razão se suspeita que o tratado que sacrificou Parma tem um artigo secreto que também nos sacrificou a nós, o que aparecerá a seu tempo e que há-de verificar o segredo que indirectamente revelou o General Murat.»

†

Ela consegue sempre confundi-los.

Os ministros perturbam-se diante da sua presença e, arriscando-se a enfurecer a princesa Carlota Joaquina, tentam descobrir pretextos para a afastar de Queluz, de Caxias, de Mafra, das Necessidades e, sobretudo, dos gabinetes ministeriais onde os procura, teimando nas propostas e soluções em que só ela acredita.

Desesperados, ora a recebem fingindo aceitar as suas propostas, ora a deixam a aguardar nas antecâmaras, nas salas de espera.

Mesmo assim, quando alguém tenta adverti-la para o facto de estar a combater por uma causa impossível, tal como D. Quixote contra moinhos de vento, Leonor não lhe dá ouvidos. Comanda-a a ideia obsessiva da paixão, que nela passou a confundir-se com a acção política.

Desse modo impossibilitada de distinguir a diferença entre o tratamento das palavras e seu manejamento, como se fossem armas nas quais é exímia, e a prática implacável da governação, seus compromissos, terreno escorregadio onde prolifera a inveja, a calúnia e a intriga.

E assim vai ficando sozinha, isolada, malquista, atraindo para si a atenção, a desconfiança, e por arrasto a desgraça pessoal. Sem outra protecção masculina que não seja a do irmão e a do pai cada vez mais doente.

Acabando Leonor por reconhecer que no ar paira uma ameaça, pronta a cair, como o gume de uma espada, sobre o seu pescoço.

†

Há noites em que Eugénia de Meneses não dorme, a escutar os passos de D. João rondando-lhe o quarto.

De olhos abertos na penumbra oscilante, cheia de sombras ameaçadoras que a vela de chama trémula e gasta põe nas paredes à sua roda, estremece de aflição. Coração apertado, não sabe se de medo que o Príncipe Regente acabe por abrir a porta e entre, se de temor que ele não a deseje tanto

quanto lhe dizem os seus olhares demorados e acabe por desistir de a apertar nos braços.

Longe vão os dias em que teria conseguido fugir-lhe e até repudiá-lo, homem feio, pesado e sem graça que no entanto acabara por aprender a amar, e mesmo a desejá-lo, vendo o modo como o trata e empurra desabridamente a Princesa sua mulher que, apesar de a ter chamado para dama camarista da sua filha mais velha, ela detesta e teme ao mesmo tempo.

Quando D. João começara a cortejá-la de longe, cheio de disfarce, Eugénia sobressaltara-se, fugira, inventara uma doença e fora para casa dos pais tratar-se dos nervos, demorando por lá o mais que conseguira. Mas em seguida voltara, mais atenta aos sinais de interesse do Príncipe, desesperada por constatar que os seus próprios sentimentos a atraiçoam, não lhe permitindo mais rejeitá-lo.

Se não o aceitara ainda, já o queria. Por pena da solidão dele ou por anseio de colmatar a sua própria?

E quando Eugénia se apercebe do ruído oleado da porta a entreabrir-se, estremece, e ao ver a sombra dele debruçar-se hesitante sobre ela, que se mantém deitada, suavemente puxa-o para si.

Tomando-o nos braços.

†

Antes de deixar pela última vez o palácio de Queluz e sair de Portugal para voltar a França, Lannes procura a princesa Carlota Joaquina, indo encontrá-la vestida de seda escarlate, sapatinhos de salto, na alameda do Lago das Medalhas, divertindo-se no centro de um grupo de jovens fidalgos e damas de sua companhia, que se distraem com os jogos de água.

Sem ter em conta o protocolo do Paço, ele aproxima-se de rompante e, já perto da Princesa que o fita com os olhos escuros um pouco enviesados, afasta com o ombro decidido e a mão audaz quem à sua frente se interpõe entre ambos.

Vendo-o aproximar-se, ela ri enquanto o olha, a reparar mais uma vez na estreiteza das suas ancas, assim como na lonjura das pernas altas que as calças da farda realçam, sabre encostado ao calor do seu corpo, pele macia que a princesa adivinha num arrepio enleado.

– É urgente que eu fale com Vossa Alteza – murmura sem mais preâmbulos o ministro francês, depois de simular uma vénia rápida. E sem trocarem mais palavras afastam-se, lado a lado, pela álea dos limoeiros, buscando a tepidez do sol que começa a descer no horizonte, não sem antes porém se ir recolher no jardim das estufas, num último requebro, a envolver-se no manso odor que os ananases soltam.

Carlota Joaquina vai desfolhando em silêncio uma rosa vermelha com os dedos morenos onde brilha um anel de esmeraldas, contrastando com o de rubis cor de sangue coalhado. Jean Lannes leva o tricórnio debaixo do braço, capa de fazenda fina ondulando com a aragem mansa. E quando pensa estar suficientemente longe para não serem ouvidos, ele pára e diz, sem rodeios, num tom pausado:

– Fui informado estar o Regente, o Intendente-Geral da Polícia e os ministros, pressionados por mim próprio e através de mim por França, a traçar um cuidadoso plano no sentido de exilar a Condessa de Oeynhausen, dama de honra de vossa companhia. Venho de uma audiência onde escutei tudo isto ao Príncipe Regente.

– E desde quando o general Lannes e a França se tornaram defensores das minhas damas, especialmente de D. Leonor de Almeida que sempre quiseram expulsa de Portugal? – pergunta ela, sarcástica, num francês matizado de castelhano.

Irritado com o seu sorriso trocista e com o tom desalmado, Lannes torna-se rude de repente e ergue mais alto do que o necessário o volume da voz enrouquecida, ao responder-lhe, arrogante:

– Longe de mim se apresentam tão ridículos desejos, posso dar a Vossa Alteza a minha palavra. Só gostaria de poder agradar-vos, assim como prevenir D. Leonor de Almeida de uma cilada que se prepara contra ela de uma forma que entendo ser cobarde. Quanto à vossa ironia, creio não ser

necessário lembrar-vos que em Portugal eu represento o enorme poder da França.

Com um gesto brusco de desprezo, fazendo faiscar no crepúsculo a pulseira de diamantes a contornar-lhe o braço moreno, a Princesa do Brasil atira para longe o que entre os seus dedos ainda resta da rosa desfeita. E sem mesmo inclinar a cabeça, vira as costas decotadas ao general e diplomata francês, afastando-se devagar com um gracioso meneio de anca.

†

Lannes odeia estar em Portugal e detesta ser embaixador.

O seu lugar é no exército francês.

Só as batalhas e as guerras o satisfazem.

Gosta do cheiro do sangue, do ruído branco das armas que se entrechocam, do estampido das espingardas, do ribombar dos canhões, de escutar os gemidos, o barulho ácido das espadas, os gritos de dor ou de vitória; tentando sempre ir além dos considerados limites humanos, pondo à prova, por mero prazer, a própria coragem. A testar o gosto do medo para o vencer em seguida.

A paz aborrece-o.

Os salões enfadam-no.

A Corte portuguesa, particularmente, irrita-o, desprezando os seus fidalgos, os ministros, e mesmo o próprio Príncipe Regente, que muitas vezes humilha.

Precisando de um pretexto para poder voltar a França, força ou mesmo reforça o seu comportamento arrogante até à provocação, naturalmente usando o trato grosseiro; além de mais, diverte-o constatar o susto e o incómodo que a sua presença e a sua conduta desencadeiam.

A única pessoa que desde o primeiro dia lhe interessa na Corte portuguesa é, ironicamente, uma poetisa, a primeira dama de honor da Princesa Real, D. Leonor de Almeida, que não só faz questão de o ignorar, como é considerada inimiga de França. Estando a ser pressionado por

Fouché a investigá-la, a persegui-la, até encontrar um motivo suficientemente grave que leve o Príncipe D. João a expulsá-la de Portugal.

O acto de a espiar fascina-o, mas também o incomoda. E no entanto, quando descobre ter ela sido amante clandestina de Henri Forestier, um dos mais procurados insurrectos da Vendeia, perseguido pela polícia de Napoleão, primeiro enfurece-se e em seguida rejubila, pois julga tê-la nas mãos. Para isso, no entanto, teria de ter provas irrefutáveis, que afinal não encontra.

Assim, quando o Intendente-Geral da Polícia e Director-Geral da Alfândega manda pôr na fronteira, por contrabando, o francês Antoine Matheon de Curnieu, seu amigo, exige ao Príncipe D. João que exonere de imediato Pina Manique. Enfurecido com a inesperada recusa firme do Regente, manda fazer as malas e, acompanhado de madame Lannes e de todo o seu séquito, parte na madrugada do dia 10 de Agosto rumo a Paris.

†

Vai algumas vezes com Catarina de Lencastre e Maria Ana Josefa às livrarias da Rampa do Duque, por trás do Rossio. Detendo-se com mais demora na loja do alfarrabista António de Matos, aberta nos baixios do Palácio Niza.

Procura livros, mapas, guias de cidades distantes como se projectasse viajar, mas também partituras, quadros, gravuras antigas, originais de poesia.

Na busca de autores, por vezes diferem umas das outras: Leonor hesita entre Lamartine, Horácio, Delille, ou até Wieland, na verdade desejando encontrar Goethe e Schiller; já Catarina prefere Petrarca, Casanova, Filinto Elísio.

E enquanto Maria Ana Josefa desfolha a *Divina Comédia* de Dante, Leonor encomenda *Les Liaisons Dangereuses*, de Choderlos de Laclos, e *Songs of Innocence and of Experience* de William Blake, desconhecidos em Portugal.

Também pode acontecer Leonor dar primazia a obras de ciência: tratados de botânica, de física, de matemática ou de geografia. Pára fascinada diante de *Conversações Sobre a Pluralidade dos Mundos*, de Fontenelle, e compra o *Systema Naturae* de Lineu.

Algumas vezes a condessa de Lumiares também aparece, com jeito de sonsa, sempre alegre e trocista com o seu ar de menina, vestido de cassa lavrada cor de cereja aberta, solto na cintura, chapeuzinho de palha enfeitado com amores-perfeitos nos caracóis macios dos cabelos castanho-claros, talhe requebrado levando a que todos a olhem. Distraída, percorre com os dedos afuselados as lombadas dos volumes no alinhamento das prateleiras altas das estantes corridas, preferindo, no entanto, ir vistoriando os livros dispostos em pilhas nas mesas empoeiradas.

A procurar poesia.

Presa dos enredos dos mares, dos portos, dos continentes, das areias das praias, Leonor não parece escutar o que elas vão falando, prisioneira já da *Geografia* desfolhada com avidez, querendo poder fugir para longe.

Nessa fuga supondo-se livre.

Sensação de independência e desafogo que sempre lhe empresta a aventura e o risco contidos em cada novo país desconhecido à sua espera.

Sentindo-se uma mulher diferente em cada viagem.

†

DIÁRIO

Atemorizados com a minha presença, os ministros continuam a evitar-me, recusando-se a receber-me. Provincianos e cobardes, receiam escutar aquilo que já comuniquei a Sua Alteza Real e terem de agir em

conformidade, o que na verdade «*significa falta de engenho e falta de ciência do estado político da Europa*».

Há quem me considere perigosa e também quem me diga visionária por querer salvar a Pátria portuguesa, mas há igualmente quem se ria nas minhas costas, querendo colar-me a imagem daquela a quem não se pode dar crédito, devendo por isso ser afastada.

As sombras adensam-se em torno da minha casa da Rua da Boa Morte. Assustada, vejo-me a esbracejar em vão, sem poder deixar de lutar por aquilo em que acredito, tentando encontrar o caminho mais hábil para combater o despotismo que sempre sufocou as nações.

Só a poesia me dá algum alento, pois mesmo com as minhas amigas e meu irmão brigo, desconcertando-me comigo própria. E apesar de muitos serem os motivos desencorajadores, todos os dias persisto: saio de casa cedo e fico esquecida, esperando inutilmente nas antecâmaras dos ministérios, sentindo-me transparente aos olhos de quem se recusa a receber-me.

Sabendo-me considerada uma ameaça.

Afinal, em nada do que pretendo se acoita o perigo.

O problema são as oscilações do Príncipe Regente. Umas vezes concorda com a minha partida pela Europa, munida de passaporte diplomático e credenciais assinadas por ele ou pelos seus ministros, autorizando-me a poder tratar, em nome da Coroa portuguesa, do que haja a fazer frente ao perigo que Napoleão Bonaparte representa; outras vezes, timorato, D. João recua, adiando o que já parecia estar resolvido.

Lisboa, 10 de Setembro de 1802

†

Cansados da corrida a galope de Lisboa a Almeirim, com breves paragens nas postas para a muda de cavalos, Pedro e Leonor chegam pelas ave-marias à quinta dos Nabais, chamados à pressa por Henriqueta que estava a cuidar do sogro.

Ao ouvir a carruagem, ela aparece a correr para abraçar o marido, tentando evitar os olhos dele e os da cunhada, sem saber como lhes dar a notícia do estado, sem nenhuma esperança de salvação, do marquês de Alorna.

– Está desenganado pelos médicos –, acaba confessando, ao ver Pedro tirar a capa da farda coberta do pó da estrada e Leonor começar a dirigir-se para o quarto do pai, o rosto crispado e extremamente pálido. – Ele morreu? – pergunta, e a voz dela é um sopro, de tão fraca.

– Não, mas está agonizante. E não se pode fazer nada.

Leonor senta-se na cadeira mais próxima, incapaz de dar um passo, lábios de súbito secos e boca sem saliva, respiração áspera e revolvida, opressa. E quando, lívido, Pedro lhe pede companhia para ir ver o pai, limita-se a cobrir a cara com ambas as mãos em leque, uma a par da outra, recusando a claridade do mundo.

Dizendo de um modo estranhamente claro e rígido:

– Vá andando o mano, que eu já o apanho.

†

Morrestes sozinho, não vos fechei os olhos.

E quando dei conta da farpa da minha dor, foi para me confrontar com recônditos e emaranhados sentimentos, reconhecendo neles o travo do veneno da taça que tantas vezes me chegastes aos lábios. Sopro da vossa aspereza, meu Pai, da vossa frieza, do vosso lume extinto. A contaminarem-me com uma secura e um desapego tão gelados que me faziam tiritar de frio. A precipitar-me na tempestade que me arrasava-arrastava consigo. Memórias a trazerem-me de volta questionamentos, dúvidas, friagens desencadeadas pela vossa severidade.

O rigor absoluto: penhasco no meio do oceano do vosso peito.

Morrestes sozinho, não vos fechei os olhos.

Mas nesse relembrar ou retorno ao início, confronto-me com os dilemas postos pelo meu amor de filha, todo ele feito por vossas imposições e minhas faltas de obediência cega e escrava, ou ainda revolta da penitente

que jamais fui. De filha que não acata mesmo se empurrada. Aturdida diante da vossa morte, porque para sempre vos perco, vendo meu Pai afastar-se sem expiação nem arrependimento de cousa alguma. Remoendo ainda negrumes e ressentimentos azedos e amargos, que mesmo na hora do vosso passamento me neguei a escutar.

Nunca fui Orfeu e sim Eurídice.

Morrestes sozinho, não vos fechei os olhos.

Sem agarrar vossas mãos nas minhas.

Rememoro-vos a teima de me comandardes a vida, mudando-me numa correnteza de rio; recusei-me às juras de docilidade que jamais pretendi cumprir, sem sequer simular reconhecer-vos o direito e a autoridade para me determinardes a existência no sentido contrário ao por mim pretendido. Destino de submissão a que fui escapando, negando-me à vossa autoridade: filha insubmissa e desobediente, conduzindo o relâmpago que alumia as escurezas das cavernas e grutas de vosso peito e sentir.

Ainda não perdoei ao Pai prepotente que fostes.

Morrestes sozinho, não vos fechei os olhos.

Sem inclinação de ternura em relação a quem sempre me foi astuciosamente manipulador ou ostensivamente hostil. Arrasto comigo a mágoa dos nossos desafectos e desertos onde não existem oásis. Para quem guardastes o sorriso amável? Depressa aprendi a encobrir diante de vós os melhores anseios, afastando-me, cautelosa, dos vossos silêncios, que aprendi a interpretar como sinais de tempestade. Morrestes como vivestes: agreste, cruel e duro.

Conheci o lobo da tua escuridade.

Morrestes sozinho, não vos fechei os olhos.

Pai de quem me defendi, nó cego dado no sítio do meu coração a rebelar-se. Desconhecestes a filha que tínheis, imaginando-me fraca quando era forte, e titubeante sendo determinada. A fingir desamar-vos ao apunhalarem-me vossos agravos e desapegos, nunca tentando encobrir a vossa falta de carinho. Por isso eu sou uma especialista no entendimento

dos espinhos, das garras, dos cardos, das farpas. Sendo sempre demasiado tarde para nos reconciliarmos Pai, pois mesmo hoje, ao não aceitar o meu luto, estou a amotinar-me com acinte.

Desafiando-vos. Desentendendo-me.

Morrestes sozinho, não vos fechei os olhos.

Afastado de mim, com ofensa de tudo o que da minha pessoa partia. Sem jamais me terdes relevado

a Poesia e as Luzes.

Morrestes meu Pai sem ser possível fazermos as pazes.

†

Quando tem presságios ruins, Lilias Fraser vai até ao portão da casa de Leonor, querendo vê-la, e mesmo de longe tranquilizar-se a seu respeito. Desde que se conheceram na copa da cozinha do convento das Inglesinhas, ela não mais lhe saiu da ideia. E mesmo sabendo-a trancada no convento de Chelas, rondara por perto, necessitada de voltar à sua presença.

Como se ela a completasse?

Não consegue explicar. Mas sempre que se aproxima de Leonor sente-se mais inteira, indivisa, completa.

Intacta.

Quando naquela manhã se apercebe da pele macerada da sua tez pálida e da pressa angustiada com que entra no carro, acompanhada pelo irmão, Lilias estremece diante da sua perturbação, sabendo de imediato para onde a carruagem se dirige. E quando, por sua vez, chega à Quinta dos Nabais, numa madrugada de neblinas e sussurros, encontra já o ar limpo do peso do luto, das agonias e das aflições que estilhaçam a alma das pessoas.

Escondida entre as árvores que ladeiam a casa, senta-se na caruma áspera do chão amaciado pelo musgo e pelas folhas caídas e, tranquila, espera com as mãos de fuso a descansarem no colo tépido. Mas ao ver os filhos dos marqueses de Alorna saírem para o jardim seguidos pela mãe, Lilias Fraser, de feições crispadas, levanta-se com precipitação e recua,

desviando os olhos, sem querer tornar a distinguir o maligno animal da morte espalhando a sua imensa mancha de pez, a sufocar a vida dos meninos. Mas logo a porta principal se abre e Leonor começa a descer sem pressa os degraus largos de pedra grossa, demorando o olhar na vastidão dos campos de Almeirim.

Ainda reticente Lilias Fraser pára, e com cautela retorna, vendo-a erguer a cara para o céu muito azul, a receber a claridade difusa do dia.

Como se quisesse libertar-se dos sentimentos de sombra.

†

Bem vi como D. Henriqueta, marquesa de Alorna, ficou branca feita cal quando a preveni de haver quem deite mau olhado aos meninos seus filhos, de beleza enluarada, a quem ela não obriga a cousa alguma, nem ensina a dar a salvação a quem passa. Nariz empinado, olhar sobranceiro e de esguelha sobre os nossos pés descalços à mistura com a terra, maltratados pela rudeza da vida, cortados pela lâmina dos cacos e das pedras que os rasgam, a curarem-se sozinhos das feridas que ardem e fedem apesar de os lavarmos. Se não formos limpas nunca chegamos a criadas da quinta dos fidalgos, há que merecer para lhes fazer a cama, tratarmos com primor das suas roupas de fausto: lavá-las, enxaguá-las, escová-las, passá-las a ferro. Finuras de casa e de corpo, sujas apenas de suores perfumados e carmim, de pomadas e cremes.

Bem lhe percebi as lágrimas sustidas, mãos entrançadas na reza diante da Virgem no altar da capela, onde mandou acender mais velas do que as muitas que já lá havia misturadas com as flores brancas: lírios, rosas, begónias, goivos, açucenas. Na esperança de esconjurar o medo que nela acordei por motivo da zanga que em mim é muita e da raiva que nunca me basta, cismada que ando por aquilo que vejo e comparo: minhas unhas fendidas e grossas, minha pele curtida crestada de pano áspero, e as das fidalgas tão pálidas e transparentes, com a brandura da seda e da baunilha. Mas até no lustro dos olhos se pode adivinhar a diferença entre o nascimento das mulheres, apesar de termos sido paridas do mesmo modo;

cor do meu olhar alagado e baço, tingido pelo castanho das bandas de Portugal, sem funduras nem brilho. E os delas em azuis, verdes e cinza, cingidos e fiados com cintilações de estrelas ou desvarios de lua.

Bem lhes distingo o ouro dos cabelos, como diz D. Henriqueta, que dá às sobrinhas nomes de pedras preciosas, minhas pérolas chama-lhes, palavra bonita a nascer na curvatura da língua, indo esta bater na serra afiada dos dentes. Cunhadas uma da outra, a fazerem-se companhia no desamparo que as toma, contando com reserva pensamentos e desgostos em fiapos de palavras difíceis para mim, que não as entendo por mais que as ouça quando estou por perto, limpando, escutando, espiando; e as duas bebem chá de erva-cidreira e tília em chávenas finas, debicando as bolachas feitas pela doceira, bolinhos de manteiga, de amêndoas e de ovos, mas também biscoitos de gengibre ou tortas de chila e pudins de abóbora-menina.

Bem lhes adivinho o bocejo, quando a ambas me dirijo desabafando sobre a minha vida, e o escárnio delas me magoa pois desde rapariga fiquei junto das mágoas e lágrimas da família, como aconteceu com o finamento do marquês velho. E por vezes, não me contendo, desabafo: há quanto tempo vos sirvo senhora condessa D. Leonor? Ela nem sequer me responde, em distracção de enredo no luto em que anda. Para todos não passo de uma sombra em que não se repara, encandeados pelas claridades que iludem e cegam. Mas por vezes já são elas que me gritam o nome, na turvação da dúvida: «Josefa! Josefa!» E eu corro, tropeçando nas mesas e nas cadeiras, nas banquetas, nas tinas e nas tripeças. Restando mais dorida na alma do que nas partes do corpo, ao ver-lhes a troça a chegar-lhes aos sorrisos das bocas cor-de-rosa.

Bem diviso em D. Henriqueta o zimbro das olheiras cavadas no rosto assustado. Procurando-me a marquesa, de soslaio, como quem não quer a coisa, pezinhos de lã à minha beira: «Anda Josefa, conta-me a visão que tiveste, não me escondas nada!» E eu a fazer-me de desentendida escusando-me à resposta, sem lhe dar conta da feiticeira que anda a rondar a casa, benzendo-me. Vingando-me a repetir o já dito antes, a envenenar-

lhe o pensamento e o sangue ao levantar o bicho do pavor, que nunca se consegue castrar e eu reconheço até pelo cheiro, rastejante, matreiro, sebento. E quando posso afasto-me para as bandas das matas onde cato e colho e arranco as ervas de curar os males e as maleitas e também os quebrantos, feitiços para se deitar nos vinhos, nos refrescos e nas sopas. Borras de café onde leio e adivinho o destino das pessoas que querem saber o futuro, embora essa ideia as amedronte.

Bem lhe decifro a suspeita a gatinhar na fronte, mão direita levada ao coração, olhar estagnado de temor buscando em volta o maligno. A imaginar em tudo o sinal do perigo que correm os filhos, ela e o marquês seu marido. Ameaça de arrastar presságios ruins, a tentar esconder-se debaixo da aparência contrária à da morte por onde se esgueira, como víbora ruim pronta a voltear ressabiada e cobarde, atacando pelas costas desprotegidas. Seta de aço cravada, a enferrujar já nos caminhos que levam aos corações das crianças. E eu mesma recuo, temendo o vil que antevejo. Mais ainda na escuta dos gemidos, dos gritos funestos das mandrágoras que, curvada e tremendo, arranco da terra fria das névoas da madrugada, escavando até às suas raízes angélicas, não obstante o risco de as arrancarmos em noites de lua cheia.

Bem farejo e deslindo a inquietude como avesso de defumação e perfume. «Acende mais velas!» – manda a marquesa D. Henriqueta, febril e ansiosa, purificando o ar quando queima rosmaninho e incenso diante da Virgem com vestes de cetim e manto bordado a prata, o dourado da bainha do fato a enegrecer já devido ao sopro do fumo das chamas das velas de sebo, dos ares brumosos, dos círios e das lamparinas que deslizam devagar na pele do azeite. Enquanto as criadas colhem nos jardins os jasmins-do-cabo e os põem nas jarras de vidro fosco, plantas que os antigos diziam terem nascido das sementes trazidas pelos descobridores de outras partes do mundo, navegando sem temerem as fúrias dos mares. Plantas para afastar dos sorvedouros e dos fados ruins, apagando o rasto do mal recolhido.

Bem desvio o olhar do crispar da sua garganta, dos passos oscilantes, dos ombros nervosos, do demo que à sua volta anda rondando e que irá mudar-lhe a vida num abismo de trevas e desgosto. Mas o que entende a marquesa D. Henriqueta da bordadura da sela em que cavalga o marido? Ou da cilada da água estagnada do lago que afoga as crianças? Ou das quedas fatídicas a matar os meninos afoitos em demasia? Fecho-me antes no silêncio, deixando-a a sofrer na dúvida, jamais melhor do que a certeza. Mesmo sendo como é a sua vida, sem nenhum préstimo para a felicidade de todos, num desencontro cabisbaixo.

Bem tento não escutar quando me amedrontam. «Josefa! Josefa!» – ralha-me, branda, D. Leonor, cansada por demais dos incêndios de atear nas almas e nos espíritos fracos, cuidando das suas próprias batalhas e fogueiras de lume reaceso com o luto pela morte do marquês seu pai, mas cuidando também do susto que tenta desprender e rasgar do peito da cunhada; dos sobressaltos do irmão no descaso de tudo, desejoso de partir para Lisboa, enquanto, indiferente aos decessos, sua mulher D. Henriqueta continua a teimar comigo, «Anda Josefa, diz-me que visão tiveste…», voz a levantar-se por surtos de inquietude, a revolver-se na chaga ainda inexistente, para logo se esvair, vencida pela minha teimosia de calamento, nada revelando acerca de nenhuma das desgraças futuras, trancando e mordendo com os dentes a língua já velha.

Bem me recuso a alimentar dúvidas e sobressaltos ao vê-los despontar nos olhares das patroas; depressa afastando-me, a agachar-me nas sombras fugindo da tentação de falar o que não devo, a ceder a sina à sorte fraca. «Ai senhoras fidalgas! Porque querem saber de amanhã aquilo que vos espera? Ah senhora marquesa de Alorna! Nada há que se possa fazer para contrariar ou mudar aquilo que foi escrito pela mão do divino no livro onde está o assento das vidas das pessoas,

no lugar onde se traça o destino de quem por cá anda…»

†

CADERNO

Da segunda parte do extracto de memória que apresentei ao Príncipe Regente:

«*Prova-se por tudo quanto se tem passado, que a reunião de potências é contrária ao sistema do Governo Francês, e que potências isoladas são fáceis de vencer e de destruir. Por conseguinte, a suposta paz geral foi só um armistício ou um artefício que Bonaparte pode prolongar ou interromper, quando convier aos seus interesses.*

Só a união entre duas potências tão interessadas como Portugal e Espanha é que pode iludir os desígnios vastos do Usurpador Universal. Se se tomarem medidas justas e firmes, conservarão uma e outra destas a independência da França e escaparão à morte política que esta lhes prepara.»

Sobre a salvação da Europa

«*Só uma insurreição espontânea pode hoje salvar a Europa, opondo a força à força, a ofensiva à agressão. Mas para destruir as objecções de temeridade, consideremos a França: a França é um colosso desmedido com uma forma espantosa em distância, mas muito débil interiormente. As suas forças militares são mal pagas, desunidas, enfraquecidas, sem nenhuma vontade de combater por uma liberdade quimérica, que já desprezam. Não tem dinheiro nem crédito.*

Subsiste a maior desunião entre os Generais. Os Países adjacentes são todos escravos: a Holanda, a Itália, a Suíça. Os aliados estão todos logrados e enganados perfidamente, insultados sem pudor nem respeito nem dignidade. Não falta, pois, senão que a Corte de Madrid e de Lisboa acordem do seu letargo e que, unidas por um sistema nobre com a Inglaterra, se façam respeitar daquele mesmo fantasma que receiam.

Enquanto durar o pânico será Bonaparte poderoso, mas no instante em que este se dissipar, desvanece-se inteiramente o maquiavelismo do seu

sistema.»

Lisboa, 28 de Julho de 1802

†

Mal chega Agosto e já a princesa Carlota Joaquina anseia por partir a caminho do Ramalhão, recusando as Caldas ou mesmo os banhos na Real Quinta de Caxias.

No Ramalhão, que entretanto mandara arranjar a seu gosto e onde passará a refugiar-se, apesar de estar ciente de a quinta ser um presente envenenado do marido, que lho dera com esperança de a afastar da Corte e da actuação do seu governo, longe ela de imaginar o que está a ser maquinado contra a sua primeira dona de honor.

No entanto, mesmo nas semanas que passa no Ramalhão ela continua a interessar-se por tudo o que diz respeito ao Estado, atenta como sempre às manobras políticas, às traições e aos venenos que, inquieta, procura na comida, sobretudo nos caldos, nos sumos, no leite e nos frutos azedos que iludem os sabores acres e acobertam as premonições de morte. O resto não lhe interessa, pois nunca é pelo marido que o seu desejo febril se acende.

Na verdade, D. João repugna-a.

Gosta do desejo que sabe provocar nos homens com a morbidez da sua pele sombria, olhar transviado e boca ávida, corpo magro de mulher ardente a prometer desacatos e tumultos, imaginados por eles enquanto emboscados a esperam sem esperança pela calada da noite, ansiando pelo seu desejo, embora às escondidas escarneçam dela, referindo a sua fealdade com grosseria obscena. Mais do que os favores da Princesa Regente, eles imaginam quanto ela os enlouqueceria na cama.

Com o avançar da tarde, a aragem nos jardins de Queluz tornara-se fria e ela arrepia-se debaixo do xaile de malha fina que uma das aias trouxera do Palácio. Apetece-lhe uma tisana, um chá de tília que possa acalmar-lhe os nervos, ou um chocolate quente numa chávena de Sèvres. Está farta de viver no Palácio de Queluz ou de ir às Caldas a banhos, que a amolecem e

só lhe acicatam as agonias e as náuseas da gravidez, mais do que a aliviam; mesmo Caxias e até Mafra, agora que não pode caçar, aborrecem-na, entorpecem-na, desapetecem-lhe.

Então, sem hesitar, a Princesa Carlota Joaquina manda as camareiras e as açafatas apressarem-se no arranjo dos baús e das malas, convoca as damas de honor e as fidalgas. Manda um criado à quinta do Bom Sucesso para trazerem Eugénia de Meneses, ultimamente arredia apesar de camarista da infanta Maria Teresa, e à Rua da Boa Morte, comunicar à condessa de Oeynhausen que deverá acompanhá-la. No dia seguinte quer partir bem cedo a caminho da Real Quinta do Ramalhão.

†

Henri Forestier escreve a Leonor,

que não consegue tirar do coração nem do pensamento, e por entre acesas palavras de paixão e saudade alerta-a já no final da carta: «É preciso a todo o custo impedir que as forças de Napoleão atravessem os Pirenéus para submeter a Península.»

Leonor, por seu lado, não descansa enquanto não apresentar ao Príncipe Regente ou aos seus ministros os meios de impedir esse perigo, cada dia mais próximo.

Mas quem lhe dá ouvidos?

Pedro limita-se a temer por ela, as filhas mais velhas fitam-na suspeitosas, Catarina põe os olhos em baixo sem saber como não trair a amiga e calar o pouco que sabe através do marido, Pina Manique continua a julgá-la uma perigosa maçónica e jacobina, e à conta disso devassa-lhe a vida e tenta dificultar-lhe a entrada nos ministérios e impedir-lhe, sempre que pode, o acesso ao Príncipe Regente.

Mais ameaçador, porém, fora Lannes, que enquanto estivera em Portugal a tentara acossar, a querer assombrar-lhe os dias: cercando-a, tentando assustá-la com a presença intimidante de agentes franceses, que depressa descobriram o rasto dos generais da Vendeia. Pistas que os levaram à casa da Boa Morte e, em seguida, até à quinta de Joana Isabel Forjaz nas

Picoas. Fazendo questão de insinuarem estar a par de cada um dos seus encontros com Henri Forestier.

Para depois informar Paris.

†

Iludindo os camareiros, os secretários, ludibriando os lacaios e os moços de câmara dos aposentos do Regente no Paço da Bemposta, Leonor consegue aproximar-se de D. João com o pretexto de lhe apresentar propostas de uma inesperada reconciliação por parte da Princesa Carlota Joaquina.

Mas quando o Príncipe finalmente a recebe, com evidente má vontade, logo esquece o motivo inventado, outra coisa não pretendendo, mais uma vez, senão convencê-lo a dar-lhe autorização para partir oficialmente a caminho das cortes da Europa.

Fingindo distrair-se, olhando pelos vidros da janela de sacada que se debruça no sentido do Campo de Santana, D. João cala-se, deixando-a ganhar voo nas palavras arrebatadas com as quais traça o seu plano da conjura antinapoleónica.

Não recebendo de sua parte resposta alguma, Leonor ganha mais altura no imaginar, toma por certo o dito popular segundo o qual «quem cala consente», continua a fazer planos, pormenorizando já detalhes da viagem, que no seu alvoroço ganha traços de realidade quando, na verdade, permanece sonho.

Por fim ele volta-se, e da ombreira dourada onde está encostado, rosto em contraluz dissimulando-se na sombra irisada, quebrando o seu habitual mutismo, com voz enrouquecida contradiz os seus ministros, recusa os conselhos de Pina Manique, assim como a vontade de França trazida até si por Lannes, ameaçando-o com as exigências de Napoleão.

E desse modo o Regente vai-se comprometendo com aquilo que não deseja, assegurando o que nunca será concedido, garantindo o que sabe ser impossível. Afiança-lhe mesmo que os ministros a irão chamar a fim de combinarem os pormenores da sua partida.

Curvando-se, atordoada com a inesperada aceitação das suas aspirações políticas, Leonor agora sem fala aflora ao de leve o tapete persa com o joelho direito coberto pela seda fina e branca do vestido. Olhar claro e franco de quem acredita, aceitando como verdadeira a palavra Real que para ela basta como garantia.

†

Ao chegar a casa, radiante e aliviada, conta ao irmão o resultado da audiência com o Príncipe Regente. Pedro olha-a admirado com a sua ingenuidade e tenta chamá-la à razão. Segundo ele, os ministros não só nunca a irão chamar, como em breve deixarão de recebê-la. Quanto a D. João, que julga conhecer bem, está certo de que prometerá o que for preciso para a manter afastada.

A Princesa Carlota Joaquina é da mesma opinião, mostrando-se preocupada com a situação política, agastada com os ministros, de quem não gosta, e com o marido de quem mais e mais se afasta. Interessada na opinião do homem inteligente que reconhece ser Pedro, num final de tarde tranquilo, puxando de parte a sua primeira dama, manda-a trazer o irmão até si. E quando, no dia seguinte, ele responde ao seu chamado, distanciam-se os dois pelas alamedas dos jardins do Palácio de Queluz, numa longa conversa da qual Leonor é afastada e a que ele aludirá depois com uma inusitada superficialidade. Tanto mais suspeita quanto os encontros de Pedro com a Princesa se vão multiplicando ao longo das semanas seguintes, sob sigilo absoluto. Só a cunhada se referirá a eles, num desabafo apreensivo: «Oxalá estas conversas de Pedro com D. Carlota Joaquina não dêem mau resultado…»

Leonor entende que a Princesa e o irmão conspiram, e também que anda a ser enganada tanto pelo Príncipe Regente como pelos ministros. Continua contudo a fingir acreditar naquilo que D. João lhe passara a prometer e, entrando no seu jogo, escreve-lhe uma longa carta expondo as suas exigências para levar a bom termo a missão a que se propõe.

†

À claridade diluída do final da tarde, Leonor endireita melhor a folha no tampo da secretária, levando de seguida a mão até ao tinteiro de prata que desde o convento a acompanha, mergulhando a pena na tinta cor de ferro, odor oxidado e acre de que tanto gosta. E começa a escrever, inclinada sobre o papel estreito de brancura velada:

«Senhor:

Negócios grandes não se fazem com meios medianos, e como Vossa Alteza Real está e deve estar certo do meu ardente zelo de servi-lo, assim eu devo também ter a certeza de que Vossa Alteza Real sustenta os passos que vou dar no seu serviço.

Parto, e nada obsta ao meu zelo, nada custa por ora ao seu tesoiro, porque quero unicamente o meu no coração de Vossa Alteza Real. Mas deste exijo eu:

1.o A assinatura das cartas que são credenciais secretas de que tenho a honra de apresentar as minutas;

2.o Segredo inviolável do negócio, excepto do Patriarca e de meu irmão, de quem Vossa Alteza Real conhece o zelo, etc.

3.o Que Vossa Alteza Real se digne ordenar ao Patriarca que avise meu irmão para ir falar com Vossa Alteza Real todas as vezes que ele for, e que estas conferências as não omita Vossa Alteza Real por nenhum motivo, porque não tem nenhum outro negócio mais importante que o que tratamos, e para isto ser indefectível, o aviso de Vossa Alteza Real por escrito, será concebido nestes termos: "O Patriarca avisará a Condessa de Oeynhausen, sempre que vier ao Paço, para nessas ocasiões vir tratar na minha presença dos negócios de que ela e seu irmão, o marquês de Alorna, estão encarregados por ordem minha" – Paço de Queluz, etc.

Uma cópia deste aviso ou decreto passará para a mão de meu irmão e Vossa Alteza Real nunca se arrependerá deste sinal da sua confiança.»

Entretanto, sem ela dar por isso, as manchas de luz ambarina anunciadoras do poente de uma tarde morna de final de outono foram gatinhando para longe do tapete onde no começo haviam estado entorpecidas no seu próprio fulgor; recuando por fim nos vidros da janela debruçada sobre o parque, onde as glicínias soltam o seu intenso perfume adocicado, a emaranhar-se no da madressilva por entre os botões das rosas-da-índia.

Humilha-a a recordação dos ministros que não a recebem nem a querem escutar. Enervada, ajeita a folha onde escreve, segura do que pretende ainda dizer ao Príncipe Regente que sente cada vez mais fraco e indeciso. E logo continua de forma impetuosa, escrevendo o que o seu sentido político lhe dita:

«As suas cartas virão directamente à mão de meu irmão, que as entregará em mão própria a Vossa Alteza Real, e Vossa Alteza Real consentirá que haja um correio às ordens dele, sem nenhuma aparência disto. E, para evitar esta aparência, bastará ordenar secretamente ao superintendente-geral das postas que o escolha e destine.

Acabada a minha missão, é preciso que Vossa Alteza Real se determine…»

É noite já quando Leonor acaba, à luz esvaída das velas do candelabro que Thérèse entretanto trouxera e pousara na secretária.

Com os dedos firmes usa o areeiro, em seguida volta a ler a carta, passando por cima dos termos de cortesia respeitosa usados para despedir-se: «Beijo humildemente a mão de Vossa Alteza Real»… E só em seguida a assina e lacra, esmerando-se no desenho da curvatura delineada pelo interior da haste delgada da primeira letra do seu nome:

L, de Leonor
seguido do primeiro A do apelido Almeida.
A que acrescenta, no final:

Condessa de Oeynhausen.

†

Continua a fazer questão de não dormir no Palácio de Queluz, embora tenha lá os seus aposentos, perto dos da Princesa Carlota Joaquina que, com benevolência, em vez de lhe ordenar que fique a cumprir as obrigações de dama de honor, manda uma carruagem buscá-la e levá-la de volta a casa, onde entretanto tornara a morar Pedro com Henriqueta e os filhos, desde que a Legião Alorna fora colocada em Lisboa.

Leonor vê-o passar os dias alheado de tudo e isolado de todos, orgulho ferido como bala na estreiteza do peito; mas depressa se recompõe e, incapaz de se manter inactivo por muito tempo, começa a tecer projectos que se a inquietam também a entusiasmam: a criação de um clube inspirado na ideia romântica da Távola Redonda, rodeada de ideais, de heróis e auras translúcidas, princípios de lealdade, com as suas figuras míticas. Ficando ela hesitante entre o justo Rei Artur e o corajoso Lancelote, personagens nimbadas pelo heroísmo.

No início escuta-o com atenção, cheia de dúvidas, indecisa sobre a posição a tomar, temendo por aquilo que possa acontecer. Mas o irmão garante não haver perigo para ninguém, e Leonor descansa. Ajuda-o mesmo a redigir os estatutos do clube. O que faz nascer nela apetências, aliás bem mais liberais. A criação de uma sociedade frequentada por mulheres e homens do pensamento culto, abertos às ideias novas,

à mudança.

†

A madre superiora do convento de São Félix em Chelas, debruça-se sobre Gonçala desacordada, depois de uma infindável noite delirando, mergulhada em aterradoras visões.

Já de madrugada a febre finalmente cedera, mas em vez de quietar-se a descansar, ela soerguera-se alagada em suores, numa lenta agonia silenciosa que dava aflição ver, sussurrando baixo o nome de Leonor de Almeida.

Para a tranquilizar, a prelada prometera-lhe enviar nessa manhã mesmo um bilhete à condessa de Oeynhausen, a pedir-lhe que a viesse visitar, a despedir-se. Como a própria Gonçala sublinhara, esboçando um pálido sorriso de amargura.

«Uma alma atormentada» –, pensa a prioresa, inquieta, enquanto a fita sumida nos lençóis da cama estreita, mas larga demais para a sua magreza. Sem entender do que ela morre.

«De paixão» –, segredam em alvoroço as noviças. Enquanto as freiras nem dizem o que pensam, de tão inconfessável. Por seu lado, o padre confessor, de olhos no chão, permanece em silêncio.

Mas a abadessa prefere imaginar Gonçala como sendo
uma alumbrada de Cristo.

†

Mesmo antes de Carlota Joaquina entrar em trabalho de parto, Leonor vai viver para o Palácio de Queluz. A princesa quere-a junto a si. Mais do que nenhum outro, ela teme pôr este filho no mundo, dizendo saber ser um menino, que chorou dentro dela, convicta de que, por isso, ele irá mudar o mundo.

Manda Eugénia de Meneses afastar-se do Palácio, rodeia-se de quem mais gosta, põe termo a festas e festejos, evita tensões nervosas, passa as tardes a ler poesia de Calderón de la Barca e de Soror Juana Inés de la Cruz.

Aguarda.

Quando as tardes de outono ainda aquecem, nimbadas pela claridade ruiva das folhas que caem, sai na companhia das suas damas espanholas e de Leonor, a passear vagarosa pelos caminhos mais amenos dos jardins, nunca se afastando da casa, dando mais atenção às flores do que é hábito dela.

Mas subitamente o tempo muda, as nuvens cor de chumbo carregado e cheias de chuva, que a ventania empurra num céu toldado e ameaçador, parecem parar por cima do Palácio, e no momento exacto em que a

tempestade se desencadeia Carlota Joaquina sente as primeiras contracções, as navalhas, as espadas das dores. E antes que D. João dê ordem para serem convocados os fidalgos e montada a plateia do lado da Sala das Açafatas, a Princesa, num tom que não admite objecções, dá a conhecer a sua determinação de que o parto decorra na mais absoluta intimidade.

Escolhe quem ficará junto dela, manda sair quem não quer perto de si e, intempestiva, entrega-se a pôr no mundo aquele filho vindo juntamente com os negrumes do temporal que lá fora se acirra e dentro dela parece empurrar o menino para a saída do corpo. E quando o colocam a seu lado nos lençóis ensanguentados toma-o nos braços. Pela primeira vez apertando um filho recém-nascido ao coração sobressaltado, dizendo-lhe o nome ao ouvido: Miguel.

Como se o chamasse.

O tomasse para ela.

†

Agravam-se os indícios. E por demais se adensam nos céus de Portugal as nuvens negras da borrasca, que inevitavelmente se aproxima num turbilhão de causar vertigens, agravando as insónias do Príncipe Regente. Aumentando nele o medo desencadeado pela profunda depressão de sua Mãe e da própria melancolia, da qual sua mulher, a Princesa do Brasil, sublinha a hereditariedade com argumentos de físico. Apontando traços irrefutáveis no comportamento de D. João que, segundo ela, indiciam já um descontrolo de espírito semelhante ao de sua sogra, a Rainha D. Maria.

Na realidade, D. João vê em tudo presságios ruins, chegando a assustar-se com boatos de adivinhações de bruxas, ciganas e profetas, que juram enxergar nas cartas e nos sinais celestes grandes tormentos para Portugal. Então, enerva-se e transpira, tem cólicas, rumina desgraças, e até o riso agudo dos anões do Paço o arrepiam em vez de o distraírem depois das infindáveis sessões do Conselho de Regência, onde os ministros sempre o põem ao corrente de factos e intrigas que preferia ignorar.

Tudo isto aumenta a sua vontade de se encontrar nos braços de Eugénia de Meneses, regaço de repouso com odor de almíscar, a descansar nele a cabeça fervilhando de fantasmas e receios de cataclismos que em todo o lado adivinha, temendo a chegada de França de intimações ou outros documentos assinados pelo próprio punho de Talleyrand, ministro dos Negócios Estrangeiros. Desde a partida de Lannes que Paris se mantém num inquietante silêncio.

Angustiado, D. João gostaria de se demorar junto da neta do marquês de Marialva, que lhe tempera os dias opressivos e desgastados, a abrir nele cintilantes clareiras de esperança. Mas Carlota Joaquina mantém-se por perto, como se adivinhasse a relação de ambos: o olhar arguto a deter-se nas suas expressões, nos sorrisos, na troca de olhares, a fazê-los adiar os encontros pelas negruras das noites, tentando inutilmente iludir quem já lhes segue o rasto; a escaparem por entre a mordedura das cobras venenosas, na figura esgueirosa e melíflua dos olheiros da Princesa Regente.

O Príncipe, que sonha reinar em tempos mais auspiciosos para bem da sua vida e da Pátria, por demais enfranquecida e mergulhada num marasmo letal, desanima temendo o futuro. Por isso faria gosto em acreditar nas ideias messiânicas de Leonor condessa de Oeynhausen, buriladas pela idealização e a grandeza, heroísmos salvadores por ela inventados, a emprestar-lhes um efeito de realidade a poder encantar sem custo quem a ouve, caso os ministros, esforçadamente, não o obrigassem a manter os olhos bem abertos.

Atento ao canto enfeitiçante das sereias de Ulisses?

Há dias, porém, em que a sua determinação o atemoriza, tal como o excesso e o zelo político tão inabituais no Paço e raros nas pessoas do seu sexo. Então demora-se a recordar as palavras de Lannes sobre a personalidade dela. Escuta também Pina Manique que, por tudo o que nela é inusual e estonteante a odeia, temendo a sua nefasta influência na Corte, recriando e idealizando a realidade, arrastando consigo sonhos e

conhecimento, versos e Luzes, a deixarem antever aquilo que, segundo ele, convém estar encoberto como a outra face da lua.

Mas a cada dia que passa acendem-se mais brasas nas brasas do olhar febril de Leonor, desassossegada e a desassossegar quem dela se abeira com as suas desvairadas previsões em relação ao destino da Pátria.

A traçar planos.

A desenhar itinerários para si mesma.

A delinear aquilo a que chama a salvação da Europa, cuidando de guardar nessas propostas exacerbadas, para ela e para o irmão, marquês de Alorna, grandes papéis na redenção da nação portuguesa.

D. João mantém-se dividido, não querendo recusar frontalmente aquilo que não se sente capaz de aceitar, atordoado com o comportamento daquela que é a mais destacada dama de honor da Princesa Carlota Joaquina. A partilharem as duas, aliás, comportamentos inusitados no que respeita à acção política das mulheres, na tentativa de intervirem directamente na governação ibérica.

Aproveitando a sua indecisão, o Intendente-Geral da Polícia, ignorando que o seu próprio futuro está naquele momento a ser discutido em França, tenta obter autorização para, de uma vez por todas, arredar do Paço D. Leonor de Almeida. Se possível afastá-la de Lisboa.

Ou quem sabe até exilá-la.

Expulsá-la de Portugal.

OceanofPDF.com

†

XXIV

OceanofPDF.com

†

SONETO
Feito no Paço esperando muitas horas para pedir a salvação do Reino

Corte! Sítio vedado ao sentimento.
D’ilusões perigosas triste abrigo.
No teu seio, me encontro só comigo
Que em mim tem a verdade cabimento.

Praza aos Céus que não sejas monumento
Do erro vil, das traças do inimigo
Os meus olhos fiéis vêem teu perigo
E não poder salvar-te é o meu tormento.

Contenta-te das lágrimas que choro!
O meu sangue te dera se esse preço
Obtivesse a justiça que hoje imploro.

Mas tudo é vão, não vale, o que mereço
Com o meu próprio zelo me devoro
Sem que doa a ninguém o que padeço.

OceanofPDF.com

†

RAÍZES

Encaro a natureza que recusa o alvorecer do dia treze do mês de Janeiro de mil setecentos e cinquenta e nove enquanto sinal de luto, ou modo de Nossa Senhora mostrar a todos o seu desacordo diante dos actos discricionários e abomináveis que estão a abater-se sobre o meu marido e os meus filhos. Madrugada presa pelo temporal, entregando-se à noite de onde a lua se alheia, toldada pela franja espessa de negrume encharcado de chuva.

E até o Tejo parece revoltar-se à vista de tanta inocência calcada a seus pés de água: cadafalso mandado erguer perto da areia, no largo do Cais Grande, no lugar de Belém, em traves de madeira verde levantadas durante a borrasca, a escorrer sem se deter nas feridas ou fendas ou rugas dos madeiros mal curtidos. Zunindo a ventania por entre o granizo nas velas das faluas que passam e quase se viram, mal aguentando o insustentável peso das águas revoltas e das fortes rajadas.

Minha estrela da sorte a ser executada, a morte já a tomar-me aos poucos, ainda que a última chama pareça tentar brilhar, fingindo eu no mesmo passo não temer esta aparente indiferença ou ausência de Deus; hora daninha que a alvorada tece às ave-marias, na bainha do uivo da tempestade. Alinhavo de pranto e prata no quebranto dos olhos que até ao fim não quererei fechar em busca de mais luz, de maior conhecimento das asas que ouço voar-me em torno, recusando o equívoco. Frio da lâmina e travo de sal da água onde o oceano se confunde já com o Tejo e o fio das lágrimas recolhidas.

Querem negar-me o amor pátrio, a portugalidade, a compostura e o respeito que me são devidos, através do pregão oficial que até à morte me acompanhará com assinatura régia. A coisa alguma me poupando as suas gravosas mentiras que me apresentam como mulher «desnaturalizada e condenada, por se ter feito monstro da sociedade civil», abominável, molesta e sacrílega, quem sabe se até feiticeira e dama de pé-de-cabra. Sentimentos truncados na recusa da temperança que ao meu sexo se exige, desconhecendo o trato com a misericórdia e a compaixão pelo tanto que ouso.

Finitude.

Como não imaginar o momento em que vão degolar-me, sem nada deixar de mim? Pois não haverá nenhum lugar que reste como minha última morada senão as ondas, mas nelas não existe a laje lisa que me tape as cinzas afundadas, nem palavras escritas na lápide a marcarem o sítio dos meus restos mortais.

A nomearem-me.

Sabendo-me perdida, entrego-me à Mãe Santíssima e ao Senhor Crucificado, de ambos a esperar obter perdão pelos meus pecados, embora em mim permaneça maior o desejo de vingança. Lábios crestados do seu amargor, fel e fogo ardido; espécie de chaga a alastrar na trave do peito, envenenando-me os derradeiros pensamentos.

Praga sôfrega que deixo tombar sobre a cabeça dos meus inimigos vitoriosos, como última vontade revolvida, a puxar o cordão da desgraça:

fazendo cair sobre eles o gume da maldição.

OceanofPDF.com

†

MEMÓRIA

Foram tempos de grande empenho e entusiasmo diante da mudança prestes a dar-se na minha vida. Sempre gostei do sabor da luta, do travo ácido do desassossego, matizado pelo néctar da diferença. Esperanças, escolhos, tormentas e maravilhamentos.

Juntamente com a paixão de que andava tomada.

Mas também antecipando medos, rugidos e tempestades.

Lembro-me bem da força das convicções que me levavam a teimar com os ministros, encarregados de desdizerem tudo o que na véspera o Regente me afirmara e prometera. A desmentirem as demonstrações de confiança e de apoio que sua Alteza Real – julgava eu – com empenho se dignara beneficiar-me.

Surpreendo-me hoje com a minha credulidade ou com a minha inocência – como Pedro lhe chamava – que me fazia acreditar na absoluta integridade dos príncipes e dos reis, no cumprimento da palavra dada. Desse tempo recordo com angústia os sentimentos que me moviam, numa equívoca mistura de exaltação e de desassossego, uma ligeira neblina por vezes a turvar-me a vista. Resultado do nervosismo e da permanente excitação em que vivia, enovelada por um turbilhão de emoções contraditórias. Mas senhora de uma vontade que me empurrava para diante, imprudente, quase deitando a perder o reencontro com Henri Forestier, minha imensa paixão clandestina.

Todos os dias, então, corria riscos.

OceanofPDF.com

†

1803

Sem ela própria encontrar qualquer explicação para isso, tal como já acontecera no ano anterior, Leonor volta a juntar mapas, atlas, cartas náuticas, tratados de navegação e livros invulgares encadernados em pele curtida e escura que referem viagens e velejar, tão diversos uns dos outros… *Descrição do Mundo* de Marco Polo, *Arte de Navegar* de Rámon Llull, *O Tratado da Esfera* de Sacrobosco, *Odisseia* de Homero, *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto…

Febril, passa tardes no escritório e na biblioteca da casa da Boa Morte, a rebuscar nas prateleiras das estantes, à procura de estudos que falem da Europa, de poemas e de narrativas de peregrinações e de longínquos relatos de cavaleiros, de romeiros, ou de estranhos pagadores de promessas.

Um por um, folheia os volumes antigos do pai e os poucos que restaram das casas dos avós marqueses de Távora. Consulta os velhos in-fólios de encadernação em pele gravada a ouro, espalhados a esmo na Real Biblioteca do Palácio de Queluz, tal como na Real Biblioteca do Palácio de Caxias, ou os raros incunábulos da Real Biblioteca do Palácio de Mafra, para onde vai com a Princesa Regente quando esta decide ir caçar, a perder-se por gosto na frondosa Tapada, ficando D. João no convento a ouvir canto gregoriano.

Leonor volta de novo a frequentar a Real Biblioteca Pública da Corte, onde António Ribeiro dos Santos parece aguardá-la ansioso, a indicar-lhe a mesa reservada para ela, junto à janela debruçada sobre um manso e belo jardim florido.

Sem desdenhar a pequena livraria perto do Rossio, onde Bocage e Tolentino a levam, frequentada pelos poucos poetas assíduos da Nova Arcádia. Nela Leonor encomenda fascinantes ensaios náuticos, romances de aventuras, tratados de oceanos e dos astros. Compra rascunhos anónimos de cartógrafos, memórias de bordo e de viageiros, cadernos de campo, notas esborratadas de navegadores que pretendiam percorrer as sete partidas do mundo.

A sua busca leva-a até aos sótãos empoeirados da quinta de Almada e até da Quinta dos Nabais em Almeirim, onde estão guardados sacos, arcas e baús cheirando ora a mofo ora a rosmaninho e a cânfora. Deles retira cadernos marcados pela humidade, pacotes de cartas e bilhetes antigos com palavras ilegíveis, manchadas pelas lágrimas, que lê perplexa, descobrindo segredos de família mantidos num sigilo perfeito durante séculos.

Mas há também notícias muito antigas de naufrágios, à mistura com descrições de vilas e cidades arrasadas, quer pela lava de vesúvios e terramotos, quer pela queima de mulheres ditas feiticeiras, quer ainda saqueadas por heróis vencedores depois das batalhas. E papéis quadriculados onde estão descritos os sinuosos percursos de rios obscuros, de trajectos, de caminhos, de desvios por dentro da densidade ameaçadora de matas e bosques, estradas que ela julga percorrer através dos testemunhos de quem com clareza ou obsessivamente os descreve.

Diários de bordo, textos de marear, descrições de rumos, tratados de astronomia e de geografia, catálogos hidrográficos, a ensinarem-lhe termos maravilhosos, palavras, designações e nomes envoltos em magia, que ela vai degustando até a fazerem vibrar: astrolábio, sextante, restinga, páramo, Sete-Estrelo, Alpha Draconis, Cruzeiro do Sul, rosa-dos-ventos, Cisne… E ainda Santelmo, chama que se acende nos mastros dos navios ou se enovela no rolo do cordame.

Um dia encontra os seus próprios diários escritos durante os anos seguintes a ter deixado a Áustria, escondidos por ela ao chegar a Portugal no fundo de uma das gavetas de roupa interior da cómoda de pau-santo,

mandada guardar mais tarde no sótão da casa da Boa Morte, e que entretanto esquecera.

Neles só a atraem os relatos passados em Paris durante o começo da Revolução Francesa, e ainda os das suas viagens: carreiros estreitos percorridos por entre silvas e cardos e espinhos, caminhos de pó ardido e mordido pelo calor, que as patas dos cavalos levantavam. Noites em branco ou mal dormidas nos incómodos bancos das carruagens, e na melhor das hipóteses em miseráveis estalagens de beira de estrada, onde às vezes comia. Sinais, linhas cifradas, confissões, frases, a recordarem-lhe assaltos equívocos, sobressaltos e medos, águas de rio passadas a vau, carros revistados pelo povo armado nas estradas de França.

Mas Leonor não se detém nas suas páginas: desinteressada do passado, rasga poemas, aforismos, charadas, ignora notas que demasiado a ligam a uma época de brilho, a contrastar com o presente banal e medíocre que a imobiliza. Prefere então comprar roteiros onde vêm assinalados as postas, os albergues, as distâncias, os quilómetros que entre si ligam localidades longínquas, os rios fantásticos toldados de neblinas, cidades míticas, que lhe preenchem os sonhos.

Adquire cartas geográficas, atlas do céu desenhados por Johann Bayer, do século XVII, catálogos de estrelas de Tycho Brahe, textos respeitantes à cartografia histórica. Sonha com o mapa de Perseus da obra *Uranometria* de Yohann Bayer, vai atrás de tudo aquilo onde são relatados feitos de caminhadores, aventuras fatais de corsários e de piratas, de marinheiros e de eternos viajantes solitários, de que as mulheres desde sempre têm sido afastadas.

Será ela uma das primeiras viajantes portuguesas? – A ideia convoca-a, invita-a, incita-a a continuar, com a persistência do voo. E a vontade de partir cada dia ganha mais vulto, e em seguida mais corpo, nas volutas do seu imaginário.

†

DIÁRIO

Sou uma mulher atlântica com nostalgia do Mediterrâneo.

Maciez tépida do ar misturando-se à sensualidade dolente dos tons nacarados e revoltos, da tessitura dos aromas tal como deles me lembro: transbordantes e incontidos por dentro do sol, o perfume acre e quente das alfarrobeiras, o evolar-se do aroma do suco sanguíneo das amoras escorrendo devagar por entre os dedos, ou adensando-se na saliva espessa, que a acidez esverdeada das uvas faz crescer, mal contida entre os lábios e os dentes.

Reconhecendo eu já neste empolgamento o alvoroço a apressar-me o coração sedento.

Atropelo claro de regozijo, a despertar em mim estas súbitas memórias, na pressa de tornar a provar o travo rugoso do pó das estradas juncadas de pedras a esmo, ora mal arrimadas ora cobertas por folhas e ervas, plantas apodrecidas, galhos engrossados por nós de resina. Ou intransponíveis troncos de árvores deitadas ao comprido e a confundirem os caminhos, podendo indiciarem ardilosas, inesperadas ciladas, perigo embuçado num lugar desconhecido.

Não me é mais possível continuar a iludir a mediocridade da Corte portuguesa, conviver com a pequenez por aqui recolhida, o pouco sendo o tudo sempre previsível do quotidiano. Protegida pelas paredes e o chão atapetado das salas e dos salões, quando lá fora me aguarda o desafogo e o imponderável desacerto do espaço, das descobertas, do imprevisível que, representando um risco, por isso mesmo me fascina.

Viagem na sua aventura permanente.

Lisboa, 10 de Janeiro de 1803

†

Gonçala estivera a morrer,

mas ao tomar conhecimento de que Leonor aceitara ir visitá-la, tendo já pedido autorização ao Núncio Apostólico para entrar no convento de Chelas, foi como se tivesse ressuscitado, para assombro de todas: grande espanto da prelada e temor das freiras, que a partir de então ainda mais a evitam, como se ela tivesse peste ou trato com o maligno.

Mantêm-na afastada.

Deixam-na dias inteiros sozinha.

Mas a solidão arrasta a reflexão e desperta a memória.

Gesto lento de ambas as mãos a ampararem mais do que a taparem o rosto moreno e esquálido, cabeça inclinada e coberta pelo véu negro do hábito, que desce ondeando pelas suas costas, indo aflorar-lhe com leveza os seios dissimulados, onde os pulsos revelados pelas mangas largas vão roçar a sua nudez de palidez doentia; pele de quem não conhece há muito a luz a descoberto.

Olhos de esmeralda rasos de água sem nenhum reflexo, enquanto finge rezar, dando a sua liberdade interior lugar ao suspiro… «Padecendo de uma inquietude maior do que sempre me guardei de confessar, enferma de uma clausura com a qual jamais me conformarei» sabe Gonçala, atormentada, enquanto espera. Sem entender já se será pior que Leonor falte ao seu chamado ou que venha até ela.

A compará-la com aquela outra que fora antes de deixar o convento e de ela mesma ter passado pela devastadora experiência do sentimento de perda e abandono que haveria de a empurrar para o dilacerante caminho das pedras, em direcção à morte. A expô-la à corrosão do ácido do tempo.

Ah, a crueldade implacável dos anos inexoráveis!

Mantendo as duas imagens em espelhos opostos mas simultâneos, a permitir o confronto da noviça afoita e ardorosa que fora, ardendo no gesto de azougue que a amiga lhe conhecera, com a presente chama extinta em que se tornara.

Diversa da musa ousada e sedutora dos versos escritos por Alcipe, mudada em apatia mal ficara longe do alcance do seu destemor. Acabando por de si mesma apenas restar uma apagada imagem, como se vista

através da bruma, a viver da recordação culposa embora sempre deleitosa das madrugadas clandestinas de ambas; consciente da impossibilidade de esses tempos poderem repetir-se.

Recordação que lhe preenche a vastidão das noites solitárias.

Só se apaziguando quando sente as garras dos cilícios em torno da cintura a dilacerarem-lhe a carne, sangrando debaixo do burel áspero do hábito. Ou quando açoita com a disciplina as costas despidas.

Voando desse modo para longe de Leonor.

Esquecida dela, através da vertigem amarga.

Assustada, Gonçala pressente o bafo funesto da perfídia que está a envolver a amiga. Um fétido odor a cousa apodrecida desprendendo-se já, saindo de baixo das lajes onde Leonor pousa, descuidosa, os passos tecidos pelo interior do muito correr.

Quantos dias ou meses terá de esperar ainda,

para de novo lhe escutar o riso?

†

Tem maior confiança na sobrinha do que em qualquer uma das filhas. Leonor parece ter herdado dela o carácter grave, em vez da desenvoltura alegre de Maria, mãe que ela já conheceu melancólica e dolorida, de quem guarda apenas uma imagem difusa. Cordão umbilical e laço de sangue materno, espécie de fio de Ariane, de ligação íntima.

Mais dada à reflexão religiosa do que ao folguedo natural da sua idade; fechada ao afecto das primas, que por seu lado sempre a acharam aborrecida, acusando-a de sonsa, pronta a delatá-las, órfã fugidia a brincadeiras e mais tarde aos namoros, aos enredos e aos bailes.

O que primeiro a levou a prender-se àquela menina desengraçada e triste foi a pena, o dó, nela buscando os traços da irmã desaparecida no desfiar da memória; sempre pronta a escutá-la, perseguindo-a a sobrinha com perguntas, com dúvidas, com devaneios pouco naturais vindos de uma criança. Mais tarde fora a curiosidade pela sua personalidade estranha,

cismada, enredada na escuridade das capelas e das igrejas. Misticismo exaltado, a querer imitar Catarina de Sena mais do que Teresa de Ávila.

Gosto esquivo pelos versos que a tia faz, e mesmo quando não entende procura, a tomar prazer nas suas palavras. Mas melhor do que tudo isso era a conivência que acabara por nascer entre as duas; a solidariedade, a entreajuda, o apoio dado ao seu projecto político de partida por terras da Europa, de adesão à Vendeia. A determinação partilhada frente às armadilhas e igualmente a persistência perante o perigo.

Portanto, se a autorização para Leonor entrar no convento de Chelas depender de ir acompanhada, escolherá a sobrinha, que gostosamente ficará junto da prelada e das freiras, a seguir com disfarce o trilho que possa levá-la a sua mãe, esforçando-se por detectar-lhe a presença entre aquelas paredes. Enquanto Leonor, pelo contrário,

na companhia da amiga que não vê há anos,
escusar-se-á a lembrar Maria.

†

Gosta de deitar essências de flores, rosas e jasmim-do-cabo diluídos na água tépida que Thérèse entorna devagar na tina onde depois se estende nua, semicerrando os olhos, as pernas lisas e altas um tudo-nada afastadas. Já no convento em Chelas, quando podia evitava tomar banho vestida, deitando para longe a camisa longa de algodão da Índia que as mulheres de recato usavam para se banharem.

Afastando impaciente a memória importuna, ergue com os dedos lassos as madeixas de cabelo ouro-mate que se soltam, a prendê-las melhor com as pequenas travessas de tartaruga ou com ganchos de prata, enquanto vai respirando o aroma perfumado da espuma dos sais.

Passa devagar a ponta da língua nos lábios perlados de suor e sonolenta desce as pálpebras, entregue ao prazer que os banhos lhe dão, demorando-se neles com deleite.

De pé e nua como a Vénus de Ticiano, Leonor aguarda que Thérèse lhe estenda a toalha aquecida onde se embrulha ainda envolta em vapor, indo

enxugar-se para junto da lareira diante das chamas, onde em seguida espalha na pele leite e almíscar, com a sensualidade do âmbar.

Aquelas são as horas que não dispensa.

Avara.

A casa meio adormecida mantém-se silenciosa, sem o riso e o choro de João Ulrico, as intromissões de Luiza a trazer consigo reclamações e pedidos, mais impaciente depois de as irmãs mais velhas terem casado.

Curto tempo de pausa, antes de se fechar no gabinete de trabalho, onde habitualmente escreve poesia, redige bilhetes e cartas íntimas, toma apontamentos em cadernos equívocos, numa mistura de contas, receitas, aforismos, versos e pensamentos, que algumas vezes acabam por lhe servir de ponto de partida para ensaios, memórias ou textos indefiníveis. Pode também ir até ao atelier ou entrar na Sala da Música, acabando sempre por regressar à sua secretária, na qual estuda e traduz, sublinha a lápis frases inteiras dos livros descobertos

nas raras livrarias de Lisboa.

†

«Pela autoridade Apostólica que nos foi concedida, e de que usamos nesta parte, concedemos licença à Exm.ª portadora a condessa de Oeynhausen, de poder entrar no dia só de segunda-feira vinte e nove do corrente em o convento mencionado de Chelas, levando em sua companhia a Exm.ª sobrinha D. Leonor da Câmara contanto que haja o consentimento da Prelada do mesmo Mosteiro onde se poderá demorar tão somente no dito dia até ao pôr-do-sol unicamente. Não obstante qualquer cousa em contrário.

D. Miguel Correia
Arcebispo»

Lisboa, Janeiro de 1803

†

Leonor chega ao convento de Chelas levando a autorização eclesiástica para entrar. A seu lado, cabisbaixa e emudecida, vai a sobrinha Leonor da Câmara.

Passa para lá da pesada porta com andar firme, seguindo no rasto dos próprios passos quando em menina ali entrara na companhia da mãe e dos irmãos, escoltados pela Guarda Real até ao pátio exterior revestido de azulejos.

Apesar de serena, Leonor pára ao escutar atrás de si o barulho familiar das três voltas ásperas da chave na fechadura, a separá-la do mundo. Esforça-se por continuar mantendo o olhar frio e a expressão tranquila, apesar do arrepio que a faz estremecer ao passar pelo claustro com o pequeno lago no seu centro uterino, e começa a subir a escada larga com degraus de pedra grossa, em direcção às celas.

Lembra-se bem do corredor gélido, longo e sombrio por onde avança com cautela, mas ao passar diante do que foi o seu quarto durante dezoito anos sente-se vacilar, a visão turva-se-lhe e cambaleia; mas logo se sente amparada, braços a cingi-la pelas costas rodando-a, deixando escapar um forte odor a rosas e a febre. Sobressaltada, Leonor ergue os olhos mal distinguindo o rosto que se debruça: traços a enredarem-se ainda na penumbra e toldados pelo véu que brevemente esvoaça e que, erguendo a mão, Leonor docemente afasta, a murmurar o nome da amiga, tentando não deixar transparecer o espanto diante da sua cara transfigurada pelo sofrimento.

Gonçala sente-se reviver tendo-a abraçada contra si, sem se sentir repelida. «Tão linda sempre»! – pensa, fitando-a: as mesmas feições finas, a mesma delgadeza, só não lhe reconhecendo o olhar perdidamente triste. E ficam enlaçadas muito tempo a gozarem a presença uma da outra, antes de entrarem na cela de Gonçala.

†

ANGELUS

Invadem-me penumbrosos momentos de silêncio.

Tento afastar-me teimando nos teus versos,

minha única de estrelas e poemas.

Conheço uma por uma as pedras que te são atiradas, os escolhos com que pretendem impedir-te os sonhos, as rimas, as ambições demedidas.

Tu

de ternura recolhida, a tentares ignorar as calúnias, mas insensata exigindo determinar o teu próprio futuro, dando a ver a medida extremada do teu excesso:

Proserpina, na cerração das trevas, onde o bago de uma romã é já a tentação do sol.

A enredares sentimentos e emoções num eriçado baraço de pressentimentos e presságios; rugosas claridades esvaindo-se diante do meu incongruente desejo de perder a condição alada para ir aninhar-me no regaço da vida, no lugar onde moras com equívocos vagares de malva-rosa.

Minha única de luzes ambarinas.

Claridades que ainda restam intactas, a mostrares com lucidez céptica até onde podem levar os descuidos e as cobardias de uma época sem brilho nem engenho, num reino que parece esquecido dos seus feitos passados que

Tu

estarias disposta a recuperar.

Minha única de rosa damascena.

†

Não pode perder mais tempo.

Tem de arquitectar um novo plano e fazer o que é urgente em relação a ela e a Portugal. Para isso, terá de cumprir o que há a cumprir, com determinação e pertinácia. Questionando-se, sem entender o que leva os outros a não verem o que está a acontecer na Europa.

Então todos os pretextos são bons para procurar convencer o Príncipe Regente do perigo que Napoleão Bonaparte representa para a Coroa portuguesa. Na teima ainda de encarar os ministros e fazer frente ao Intendente-Geral da Polícia, a ignorar as ameaças cada vez mais próximas.

A cavarem um vazio ainda maior à sua volta.

Só a Princesa Carlota Joaquina parece entender sem estranheza as suas pretensões políticas, embora tema por ela, ao vê-la agir destemida e sem sentido da realidade, fingindo ignorar estar a ser observada e como dela se fala pelas costas e se desconfia. Mas Leonor recusa-se a negar os seus sonhos, a desistir das suas convicções e dos seus ideais. E como não desperta compaixão nem simpatia ridicularizam-na, caluniam-na, inventam-lhe pensamentos, comportamentos ínvios, raciocínios delirantes.

Hostilizam-na.

Naqueles dias de deserto absoluto, até o amor parece querer ludibriá-la. Pois se há meses em que lhe chegam duas e três cartas de Henri Forestier, noutros só existe o silêncio, o vazio e a perda.

O abandono.

No entanto Leonor não se arrepende das suas escolhas.

†

Perplexa, a Princesa Carlota Joaquina tenta inutilmente chamar a sua primeira dama à razão, senso de que na altura esta parece estar totalmente desprovida, entregue à fantasia de que anda tomada, certa de acabar por convencer o Príncipe Regente e os ministros de um projecto desde o início considerado por eles como sendo fruto de desvario, delírio da sua imaginação prodigiosa.

O próprio duque de Lafões ousa aconselhá-la:

– A senhora Condessa tem o dom raro da escrita. Possui o maravilhoso encantamento dos poemas. O vosso universo é o das Luzes, o do conhecimento e não o da política. Descanse Vossa Excelência nos versos.

Leonor limita-se a fitá-lo com o seu olhar de sol. E o duque baixa a cabeça.

Mas a Princesa Real não desiste, empenhada em abrir-lhe os olhos no respeitante aos governantes que intrigam contra ela, tentando derrubá-la pelas costas, apoiados no consentimento de D. João. No entanto a condessa continua arguindo no sentido de uma possibilidade de mudança por parte de todos eles. Na crença de conseguir do Regente um renovado apoio explícito.

Dona Carlota Joaquina acaba comentando, sem encontrar mais argumentos:

– Que cegueira a vossa, D. Leonor!

†

Há muitas noites em que não descansa, madrugadas de vigília durante as quais Henri lhe aparece com a sua perturbadora e arrebatada virilidade de jovem Aquiles tentando derrubar Tróia. Amante e amado que, durante as insónias, ela só deixa partir quando se encontra demasiado exausta para continuar em tamanha exaltação desatada da realidade.

No dia seguinte, porém, abandona sonhos e pesadelos no seu quarto e torna às salas de espera dos gabinetes dos ministros do Reino; ou levada pela mão da Princesa Carlota Joaquina, ganha acesso aos aposentos de D. João, caso ele se escuse a recebê-la denegando o seu pedido de audiência.

Apesar das constantes desconsiderações, Leonor teima em esperar pela ordem Real para que lhe seja entregue o passaporte oficial, juntamente com os documentos e as cartas que a acreditarão junto das cortes estrangeiras.

Certa ainda do apoio da Coroa.

†

O ministro Rodrigo de Sousa Coutinho assina os últimos processos com a mão nervosa, tremendo um pouco quando a leva ao tinteiro de porcelana para molhar a pena na tinta negra. Sinete pessoal e lacre a fechar o ofício que o secretário atento lhe colocara à frente.

– A senhora condessa de Oeynhausen continua à espera? – pergunta, ríspido, enquanto escreve o seu nome.

E logo Henrique de Sousa lhe dá conta com pormenores da impassível e silenciosa permanência dela na antecâmara, livro entreaberto no colo, chapéu de laços pequenos tirado e colocado com jeito a seu lado no assento de palhinha do canapé de nogueira.

Prouvera a ambos que houvesse uma porta falsa dando acesso à rua, como aquela que no seu gabinete mandara abrir o Intendente-Geral da Polícia, escondendo-a sob uma falsa estante; e o ministro suspira mais uma vez, sentindo-se encurralado. Levado pela impaciência levanta-se, empurrando para trás a cadeira de braços e espaldar trabalhado a ferro quente, passos abafados pelo tapete persa, como se medisse de um lado ao outro a sala onde não sabe quanto tempo mais terá de continuar fechado.

A persistência insolente daquela fidalga irrita-o.

Cada vez está mais convicto da necessidade de se autorizar o que tanto Lannes como Pina Manique há muito pretendem por motivos diversos: afastá-la de Portugal.

Antes disso, porém, vai ter de obter o apoio dos outros ministros, a fim de convencerem o Regente a autorizar a sua expulsão. Pois o Príncipe, sempre indeciso diante de cada dilema, inseguro frente a cada decisão, tem desta vez acrescentados motivos pessoais para hesitar,

seguro de que o exílio de D. Leonor de Almeida irá desencadear a fúria da Princesa Carlota Joaquina.

†

Donaire de donzela, olhar de cinza ardente, lábios rosados recusando o carmim, tez muito pálida a desfalecer junto ao espesso ouro dos cabelos em cachos ondulados tocando os ombros descobertos, por onde o olhar

desliza, descendo já pela fundura sigilosa do decote; cintura estreita disfarçada pelo vestido solto, e desse modo melhor a revelando no chamamento dos dedos que a fizessem rodar; chapeuzinho de palha marfinada enfeitado com pequeníssimas plumas ocre, *spencer* de veludo ou xaile de lã, conforme a tepidez ou a friagem do dia.

Mal chega, os lacaios e os secretários disfarçam a custo a atenção posta nela, inquieta, suportando no entanto a interminável demora, tardes inteiras aguardando nas salas de espera e nas antecâmaras dos gabinetes dos ministros.

A maior parte das vezes lê.

Livros encadernados que retira da bolsa de *moiré* com aplicação de missangas e lantejoulas pousada a seu lado no assento de palhinha do canapé, exemplares dos quais poderia decorar os versos, poemas inteiros caso quisesse, tantas são as longuíssimas horas que ali passa.

Por vezes o olhar torna-se-lhe vago, cabeça ligeiramente inclinada para trás, o pequeno volume de poesia aberto no regaço enrodilhado pelos dedos nervosos. Logo depois, porém, firma no tapete um dos pés a mostrar a meia de seda branca e o tornozelo estreito, como se tacteasse o passo antes de se levantar e, num andar impaciente, ir até à varanda larga de pedra lisa, balaustrada de mármore com um leve veio estriado que mal se distingue. Parapeito no qual fica apoiada espraiando a vista pelas ruas de Lisboa que levam ao Terreiro do Paço, e em seguida ao Tejo calmoso onde navegam faluas, gabarras e algumas fragatas com as suas flâmulas brilhando ao sol da tarde.

E quando os ministros, informados dos seus movimentos, começam a ganhar alento na esperança de que ela desista, regressa à sala numa lentidão estudada e torna a sentar-se, impassível.

Retomando a imobilidade e o silêncio.

Pressentindo o embaraço tecido em seu redor e entendendo, pelo declínio do sol no horizonte, que outra longa tarde inútil está prestes a chegar ao fim, Leonor alisa o cetim enrugado da saia do fato ocre, com esparsas abelhas bordadas a ponto deitado. Ajusta com disfarce as mangas

debruadas a fio de pérolas negras, e ergue-se sem urgência, começando a vestir o *spencer* de cetim verde-menta, abotoando cheia de vagares os botões de passamanaria de tom idêntico.

Porte direito e esguio, marcado por uma altivez que intimida o porteiro que lhe abre o portão de ferro a dar para a rua íngreme. Tal como antes perturbara o lacaio que se mantinha há horas de guarda junto à porta do gabinete, onde o ministro Rodrigo de Sousa Coutinho, nervoso, tira o relógio de ouro lavrado do bolsinho do colete de abas em seda listrada,

medindo, rigoroso e prudente, o tempo necessário que lhe assegure ter a condessa de Oeynhausen de facto partido.

†

DIÁRIO

A Princesa Carlota Joaquina não desiste de tentar fazer-me ver a realidade, mas neste momento a razão não encontra pouso em mim, mais empenhada em usar de persistência e de teimosia, do que de discernimento e de sensatez.

Tenho de enfrentar de cabeça erguida as humilhações e os desrespeitos dos ministros, sem jamais vacilar nem confessar ser a paixão o alimento da minha temeridade,

obstinação e porfia.

Lisboa, 24 de Janeiro de 1803

†

Mais do que nas antigas Casas de Conversação ou até no clube aristocrático de Pedro, para elaborar os estatutos da Sociedade da Rosa,

Leonor baseou-se nos princípios dos salões franceses, cultos e modernos, abertos à discussão, sem proibições nem interdições de temas, de debates, de porfias.

Tomando como parâmetro e exemplo aqueles que melhor conhecera: o de madame Necker e o de Sophie de Condorcet, o de Théroigne de Méricourt e o de Elizabeth Vigée-Lebrun… Sem pretender contrapor o princípio do feminino ao do masculino, mas valorizando a importância da cultura, da inteligência, da subtileza e da sagacidade, desde sempre proibidas mas conquistadas pelas mulheres. A derrotar a ignorância, a deselegância, a vulgaridade e o desapuro.

A criação da Sociedade da Rosa tem pois como objectivo enaltecer a cultura e engrandecer a ciência. A captar os ensinamentos das Luzes ao querer substituir o obscurantismo pela limpidez, a recusar os dogmas crepusculares dominantes na sociedade portuguesa, debilitando-a e prestes a condená-la.

Leonor tenta assim demonstrar o deslumbramento da criatividade a contrastar com a ignorância, com o desconhecimento; desejando colmatar com a sensibilidade do verso a brutalidade, a atrocidade e a rudeza.

E apesar de ser grande o seu fascínio pela política, nas reuniões feitas na casa de Benfica, cedida para esse efeito pela filha mais velha e pelo genro, fala-se menos dela do que se ouve música e se diz poesia, o que decepciona os seus inimigos que, à falta de motivos concretos para a caluniarem, inventam, mentem, engendram, maquinam.

Acusam-na de ter criado a sociedade maçónica das damas, quando nos salões de Leonor Benedita se discute literatura, se declamam versos, se descrevem viagens, se fala de matemática e de botânica; adiantam-se novos conhecimentos sobre física, geometria e astronomia; colocam-se dúvidas, analisam-se temores, cepticismos, e pelo seu avesso esboçam-se esperanças e desagravos há muito corroídos pelo tempo. A arremedar liberdades que ela vira despontar em França, em tempos que em vão tentara esquecer, como quem ilude parte de si mesma, afastando aquela que nela ainda existe, embora amordaçada.

Isso continua a assustá-la, rememorando desafios, liberdades e desassossegos, numa época única que ela recorda bem ao abrigo do silêncio; a mostrar-se indiferente diante dos olhares velados e perversos que agora a perseguem. Sempre prontos a adivinharem nela pretensões ou intenções escondidas e inconfessáveis. Calando Leonor o punhal de lâmina acerada na quentura do sangue, assim como os frutos envenenados com os quais talvez já sonhe em sigilo a Princesa Carlota Joaquina…

Incontornáveis ousadias

por entre as quais se vai firmando a Sociedade da Rosa na sua própria tessitura, urdindo excessos e equívocos, descrenças e suspeições, mas igualmente paixões e entregas descobertas através do tecido lustral do coração da poesia. E à medida que os debates se desenrolam, desperta a vontade de ler esses autores inovadores, provocadores e fascinantes…

como Novalis, como Goethe, como Schiller.

E o riso de Leonor quando se solta é ávido.

Tal como as suas palavras que se mostram mais aceradas e eficientes do que armas brancas ou de fogo. Nada se assemelhando ao seu fulgor, à sua ferocidade dúbia de cintilante brilho.

Como Lannes reconhecera:

«É a mulher mais luminosa da Corte portuguesa.»

†

Durante as sessões da Sociedade da Rosa, enaltece-se a determinante importância da poesia, e para além do debate sobre o significado das Luzes, discute-se também o futuro das monarquias depois da Revolução Francesa.

Com entusiasmo, disserta-se acerca da simbologia dos mitos, das estrelas e das constelações desvendadas pelos astrónomos e o fulgor da ciência, em vez dos medíocres enredos, dos alçapões, dos mexericos, das falsidades do Paço onde Leonor, como dama de honor da Princesa Real, tem de comparecer todos os dias.

Nos primeiros tempos chegam a crer, aliás com espanto, não terem levantado nenhuma celeuma, nenhum escândalo, nenhuma perturbação a criar fantasias extremas. E julgam-se já imunes à inveja e à maledicência, apesar das constantes advertências de D. Carlota Joaquina, preocupada com as calúnias que ultimamente tem escutado a propósito da sua dama de honor e das reuniões da casa de Benfica.

A Princesa, que tem por costume manter-se atenta a tudo o que acontece à sua volta e não menospreza a importância do que os seus olheiros e ouvidores lhe reportam, tenta alertar a sua valida para a semente da suspeita que está a ser lançada em terrenos propícios a crescimento rápido, contra a pessoa dela.

Mas, como sempre imprudente, Leonor prefere esquecer perigos e ameaças. E quando o irmão e Juliana juntamente com o conde de Ega, seu marido, a vão prevenir de que se diz ser a Sociedade da Rosa uma loja da maçonaria das damas portuguesas, encolhendo os ombros ela indaga brincando:

– Feita para divulgar ideias revolucionárias?

Respondendo-lhe Juliana contristada:

– Uma sociedade secreta, senhora minha Mãe! Fala-se até de traição da vossa parte.

†

Quando fica a saber da existência da Sociedade da Rosa, Talleyrand passa a insistir na urgência de se afastar a condessa de Oeynhausen para bem longe da Corte. Enquanto Fouché, cada vez mais certo da importância dela enquanto elemento de ligação entre a Vendeia e a fidalguia portuguesa, defende a sua expulsão de Portugal.

O próprio Napoleão Bonaparte, posto a par do assunto, inquieta-se e ordena que sejam enviados despachos nesse sentido, a pressionar o Regente português que, pressentindo o perigo, se deixa enredar, como sempre temendo as palavras de mando.

Por seu lado, Lannes, que continua a arranjar pretextos para não regressar a Lisboa, insiste no facto de D. Leonor de Almeida à distância não lhe parecer perigosa, apesar da sua aventura amorosa com Henri Forestier e da Sociedade da Rosa que, aliás, desconhece o que seja.

Na verdade, a condessa sempre lhe interessou mais como mulher do que o preocupou como inimiga. Lembra-se de quando ela o desafiava com o seu olhar aceso, fazendo-lhe frente num jogo de sedução que gosta de recordar.

Esquecendo o menosprezo de D. Leonor e quanto ela o enfurecia ao simular não o ver, a ignorá-lo com altivez ostensiva, roçando-o de raspão com o olhar inteligente incrustado num gelado brilho de pedra preciosa. E qualquer mera tentativa de aproximação da parte dele, fazia-a afastar depressa, crispação a recurvar-lhe os lábios naturalmente rosados,

sem nenhum carmim.

†

Perdida a noção daquilo que é verdade ou falso, e preferindo-se dar crédito às intrigas dos medíocres e dos invejosos, alimentados pelo seu próprio fel, a tendência é para se acreditar cada vez mais nos boatos, reforçados sempre por novas perfídias. E num ápice, a Sociedade da Rosa vê-se transformada numa ameaça para o Reino de Portugal, quando aqueles que a frequentam só desejam a sua salvação.

Indigna-se Leonor com a perseguição malévola que mais uma vez lhe movem, impotente diante da hipocrisia e da maldade astuta, sem saber anular a irritação e o desassossego que a sua pessoa provoca, enfraquecida pelo absurdo a que tal situação a leva. Como lhe dissera a Princesa Real, aquele é o pretexto que os seus inimigos aguardavam há muito.

Procura-a então a sós, querendo saber até que ponto, enquanto sua dama de honor, estará defendida de um mal maior. Mas a resposta de D. Carlota Joaquina está longe de descansá-la:

– As damas de honor da Princesa Regente estão sob a minha protecção Real. No entanto, como poderei em boa verdade responder-vos se nem sei

qual é o meu verdadeiro poder?

†

Luís Pinto de Sousa Coutinho fica encostado ao umbral da janela do seu gabinete, deixando que a atenção se prenda na praça ao fundo, sob as arcadas do Terreiro do Paço varridas pelo vento frio. Em seguida regressa, vagaroso, para trás da secretária de mogno, no tampo da qual apoia as mãos largas onde brilha o anel de brasão de ouro novo. Passa os olhos de relance pelos ofícios ainda não assinados e finalmente parece reparar em João de Almeida de Melo e Castro que, sentado à sua frente, se mexe com desconforto, visivelmente inquieto.

O visconde de Balsemão apercebe-se então da necessidade de contornar depressa aquela inquietude, antes que a situação se descontrole e lhe escape. Por isso diz em surdina, lâmina afiada na ponta da voz:

– Creio ser preferível levarmos o Príncipe Regente a permitir que Pina Manique cumpra o seu plano. Mandar a condessa para fora do Reino é uma engenhosa medida.

Antes de dar a sua opinião, João de Melo e Castro olha mais uma vez em torno, a certificar-se de estarem sozinhos. E só depois observa, num tom reticente:

– Sei que é o exílio da condessa aquilo que o Intendente-Geral da Polícia tem em mente, mas pergunto-me se será necessário chegar-se a tais extremos…

Entendendo que o secretário de Estado da Guerra continua com dúvidas sobre aquele assunto por demais debatido e que deseja ver arrumado de uma vez por todas, Luís Pinto tenta responsabilizá-lo:

– Não há tempo para nos demorarmos com problemas de consciência, sobretudo quando Manique pretende o mesmo que França. Até porque não seremos nós os primeiros beneficiados com o afastamento da condessa de Oeynhausen, e sim o Regente e Portugal.

Estão de tal maneira embrenhados na discussão da táctica a ser utilizada, que nenhum dos dois repara na ligeira ondulação do pesado cortinado de

veludo que cobre a porta de acesso do gabinete ministerial à câmara de espera.

†

Catarina sai de trás do cortinado de veludo e, muito pálida, encosta-se ao contador de pau-santo, vestido malva-rosa mal cingido ao talhe de rosa, bolsinha de cetim bordado com lantejoulas amarfanhadas entre as mãos puxadas ao peito.

Sentindo-se sufocar, quase a correr procura o ar livre e, sem cuidar onde põe os pés, apesar da imundície da rua, nem tomar a sege que a espera, vai tropeçando nas pedras soltas mal contornando os dejectos nem dando conta dos cães vadios que lhe rosnam mostrando os dentes, agoniada com o cheiro nauseabundo a urina, a vomitado azedo, a fezes e restos de comida apodrecida. Empurrada pelas carroças de encontro aos muros e às paredes encardidas das casas a ressumar humidades insalubres que ela respira sem dar por isso, pensando com fel no plano que o marido está a urdir contra a sua melhor amiga.

Uma cilada cobarde.

E quando finalmente as lágrimas lhe começam a correr pela cara cegando-a, pára hesitante e assustada, mas o cocheiro que a vem seguindo à distância para a levar a casa ajuda-a a entrar no carro onde se deixa cair exausta no banco de veludo, sem no entanto conseguir afastar da mente o dilacerante dilema em que se encontra: denunciar o marido que não ama à amiga que adora, ou silenciar por dever conjugal aquilo que acaba de ouvir sem querer e trair Leonor.

†

A Corte regressa das Caldas nos começos de Fevereiro.

Fica então a Princesa Carlota Joaquina a saber pela boca da própria condessa de Oeynhausen, dessa vez autorizada a não a acompanhar às águas, quanto tem vindo a ser humilhada pelos ministros que,

propositadamente, a esquecem nas antecâmaras dos seus gabinetes, com o pretexto de que o Príncipe Regente não lhes deixara nenhuma ordem no que a ela diz respeito.

Quando a sua dama de honor sai de Queluz, a Princesa vai até à Sala de Fumo onde sabe estar D. João, e mais uma vez confronta-o com o caso de D. Leonor de Almeida, exigindo uma explicação para o que se está a passar.

Diante do brilho aceso dos olhos ónix de sua mulher, de quem conhece o peso da ira, o Príncipe titubeia, inventa desculpas, escuda-se com a má vontade dos ministros, com a vulgaridade de Pina Manique que, com vagares de predador, há muito persegue D. Leonor de Almeida. Segundo ele, a condessa tem-se tornado cada vez mais impertinente no pedir, indiscreta no que pretende saber, invasiva no que afirma descobrir, insistente no desejo de obter favores do Estado.

Mas a Princesa não desarma, e enquanto anda em círculo, como se apertasse o cerco em torno da cadeira onde o Príncipe está sentado, denuncia a sua tibieza como Regente, fala da impertinência dos governantes, da descortesia dos fidalgos portugueses, da grosseria do Intendente. E termina em tom agreste:

– Já deviam saber que não se humilha em vão as damas de minha companhia! – E o seu vestido de tafetá vermelho cintila à volta dos artelhos estreitos, bainha tocando o cimo dos pés a deixar antever os sapatos de cetim bordado e as meias de seda branca. Xaile de renda negra descruzado no peito, sublinhando, em vez de esconder, os seios afastados que o decote deixa a descoberto.

Estonteado, o Príncipe cede:

– Dizei à Condessa que venha no sábado a uma audiência.

†

Na tarde seguinte a Princesa Real faz renascer a esperança no desiludido coração de Leonor, ao mandá-la ir no sábado a uma nova audiência Real,

que há muito vinha inutilmente solicitando a D. João, de novo vago e esquivo.

Thérèse ajuda-a a despir-se e ela entra no banho quente onde se amodorra, olhos fechados de cansaço, cabelo preso com os ganchos de prata de onde escapam alguns caracóis que a água alisa.

Antes de se deitar, porém, escreve algumas páginas do diário, que agora nunca larga. Pensamentos e ideias que pretende invocar, caso durante a audiência tenha de argumentar com o Regente.

Mas o que fora durante a tarde uma ameaça de nevralgia na têmpora direita, explode de súbito num jorro de luz que por momentos lhe tira a vista. E só muito a custo Leonor consegue apagar as velas e arrastar-se para a cama, onde se deixa cair dobrada sobre si mesma.

†

Dias depois, o camareiro-mor do Príncipe Regente aproxima-se de Leonor a fim de saber, da parte de sua Alteza Real, qual será a data que a ela melhor serve para partir.

Leonor rejubila.

Como por milagre, para ela os perigos passam, não lhe assistindo mais qualquer dúvida de que em breve lhe serão entregues os documentos oficiais tão almejados e necessários para o plano por si arquitectado, motivo de toda a polémica com os membros do Governo. Passaporte, cartas e certidões oficiais a garantirem o pleno apoio do Regente D. João.

E apesar do cepticismo de D. Carlota Joaquina e de todos os que lhe são próximos, Leonor começa a preparar a saída: tira João Ulrico do colégio, entrega não só Luiza mas também Henriqueta e Frederica aos cuidados de Leonor Benedita, de Juliana e de Pedro.

Consigo levará João Ulrico, os cadernos, os diários, os versos e alguns livros, sabendo-se incapaz de se separar deles, assim como do tinteiro e da prancha de madeira de acácia onde coloca o papel quando faz poesia no colo durante as viagens.

Manda também tirar os baús e as arcas das obscuridades empoeiradas do sótão, ordenando ainda as tarefas que urgem: fazer as malas, escolher as criadas que irão na sua companhia.

Por último, terá de dizer adeus a quem ama e deixa para trás.

Quer ainda despedir-se das tonalidades macias de uma Lisboa coalhada de luz; das faluas, gabarras e naus cruzando-se nas águas do Tejo. Mas também da penumbra dos roseirais à hora do meio-dia, das sombras dos cedros e das magnólias, do perfume da madressilva raiado pelo odor manso do rosmaninho e da glicínia. Do fulgor ardente das buganvílias dos jardins, e da secura entorpecida das dunas, das macias areias das praias com o seu oceano temperado pelo rio, a misturarem as águas em Belém já tão perto da Torre, a contrastar com as funduras salgadas dos mares mediterrânicos.

†

O tempo passa e nem o passaporte nem as certidões lhe chegam. O Príncipe Regente volta a afastar-se, recusando-se a recebê-la. E Leonor torna a procurar os ministros, sabendo que eles riem nas suas costas.

Desespera.

Escreve versos cheios de amargor e longas cartas desalentadas a Henri Forestier, sem se dar ao trabalho de se resguardar ao enviá-las.

Convicta de que D. João lhe daria ordem para seguir viagem na data por ela adiantada ao camareiro real, tirara João Ulrico do colégio, andando agora o menino desgovernado pela casa, entregue a criadas desatentas que o deixam fugir para a rua ou trepar nas árvores do jardim, distraindo-se a imaginar aventuras perigosas, enquanto ela, sem tempo para o cuidar, se sente cada vez mais culpada diante do seu olhar surpreendido.

A Princesa Carlota Joaquina, vendo a tristeza consumi-la, comenta agastada: «Bem preveni a senhora condessa, mas não me quis dar ouvidos…»

Deixa de se alimentar.

Não dorme apesar do láudano e da beladona.

E quando nos corredores penumbrosos do Palácio de Queluz encontra, num breve fim de tarde, a lindíssima condessa de Soure, vendo tremular de luz iridescente o ar em torno do seu talhe esbelto, as pernas cedem, as paredes volteiam num alucinante arco-íris. Em seguida tudo se vai desvanecendo em bruma, numa estonteante sensação de vertigem. Ao desmaiar, só não tomba desamparada porque a condessa de Soure a acolhe antes nos seus braços ávidos.

†

Chega a casa tarde, entontecida, exausta.

O vestido amachucado e sujo do pó que as carruagens, as seges e o vento áspero levantam em Lisboa.

Sem memória de nada do que fez ou disse, nem de onde estivera durante o resto da tarde, Leonor exaurida estende-se na cama, onde mesmo vestida adormece; e nos seus sonhos há anjos ou grandes pássaros de luz com olhos de esmeralda, a fitarem-na com crueldade e desassossego.

Levanta-se de madrugada, ainda com o sol sumido no céu obscurecido, e febril escreve a Henri Forestier:

«Lembro-me do teu perfume dúbio a ervilha-de-cheiro.

As saudades matam-me.»

†

CADERNO

Li finalmente o belíssimo poema «Cançó de la Reina de Mallorques», da Rainha Constanza de Aragão; com ele junta-se às grandes escritoras do século XIV, como a estranha María de Francia que escreveu livros surpreendentes.

Raridades que me entusiasmam pela incontida e equívoca beleza – «Lais», «Fábulas» e «Purgatório de San Patricio» – descobertas por mim na Real Biblioteca de Mafra.

Meus únicos momentos de prazer nestes dias desalmados.

Lisboa 1 de Fevereiro de 1803

†

De todos os ministros, Luís Pinto de Sousa Coutinho, visconde de Balsemão, é o mais relutante a recebê-la, a escutar-lhe os argumentos e as queixas. Deixa falar mais alto em si a vontade de executar o plano gizado por Lannes antes de partir, tendo como finalidade afastar D. Leonor de Almeida. Mas está de mãos e pés atados pelos receios e os escrúpulos do Regente.

Desde a sua chegada de Londres que Luís Pinto se sente corroído pela apreensão, devido à amizade entre sua mulher Catarina e a condessa de Oeynhausen. Relacionamento feito de intensidades, pontuado de versos e ideias libertárias à mistura com inesperadas leituras de Voltaire e Goethe, Rousseau e Diderot, que a ele perturbam, mas a elas deslumbram.

Enfurece-o ver como Catarina segue maravilhada na fímbria da luz da amiga, que deixa à sua passagem um longo rasto de insubordinações e de ousadias, despertando uma atenção insaciada e no fundo invejosa por parte das damas e fidalgas da Corte. E enraivece-se ao constatar que mesmo a Princesa Carlota Joaquina escuta as habilidosas e inteligentes palavras da sua primeira dama de honor, levando em conta os conselhos e os pareceres ardilosos que ela lhe dá, construídos de modo a revertê-los a favor de si mesma.

Até as infantas mais velhas a chamam para tomar chá ou refrescos na penumbra dos seus aposentos a cheirarem a pomadas, a pó de talco e a suores ardidos. Mas, quanto a ele, o mais espantoso é o facto de a inteligente e culta Princesa Maria Francisca Benedita convocar a condessa para passear com ela pelos jardins copados do Palácio de Queluz e

convidá-la para se juntar à sua comitiva quando vai a banhos, às termas e a Runa. Parecendo a Princesa estranhamente interessada na Sociedade da Rosa.

Luís Pinto sente-se cada vez mais dominado pelo desejo que como cobra do paraíso o tenta, a morder-lhe o coração: expulsar do Reino Leonor de Almeida, já que no seu desatino só poderá causar a todos cada vez mais danos.

Mas por enquanto a condessa continua em Lisboa, amiga cada vez mais íntima de Bocage e de Catarina, agora entusiásticos membros da Sociedade da Rosa.

†

Quando lhe propõe que traia a confiança de D. Leonor de Almeida, a condessa de Lumiares fica imóvel e branca como a cal. Só os olhos coruscantes desmentem a aparência timorata que se imagina descortinar nela. Espécie de quietude mansa, susceptível de ser interpretada como sinal de fraqueza e passividade, predisposição, imagina Pina Manique, para lhe aceitar o pedido que, afinal, esconde uma ordem.

Maria do Resgate intui isso mesmo. E tentando ganhar tempo ergue-se da cadeira com assento de damasco, volta-se de costas a disfarçar a crispação do rosto, enquanto leva os dedos longos ao negro cabelo ondulado a fingir compor a pequena travessa de rubis que de um dos lados lhe prende o cacho de caracóis.

Afoito, ele adianta:

– A senhora condessa por certo já deu conta dos perigos que se abrigam nas palavras poéticas com que D. Leonor de Almeida dissimula as ideias jacobinas…

Aparentando donzelice na maturidade esquiva, ela vira-se com vagares de corça que pressente o perigo, sem todavia vacilar frente ao duro olhar de Manique.

E com malícia responde:

– O que eu sei, senhor Intendente, é ter escutado o oposto da boca do general Lannes, que tem opinião bem contrária à vossa certeza de a condessa de Oeynhausen ser uma revolucionária.

Ao escutar o nome do embaixador francês, ele sobressalta-se, levando num incontrolado rompante a mão ao punho marfinado do espadim que sempre traz à ilharga, e retorna com voz de ameaça:

– Não venha Vossa Excelência contestar as minhas ideias, invocando os rigores do general Lannes.

– Nem queira o senhor Intendente forçar-me a trair a minha amiga.

Surpreendido com a sua inesperada coragem, ele recua no tom desabrido da fala, a tornar-se manso.

– Limito-me a pedir a colaboração da senhora condessa de Lumiares, em nome de Portugal!

– Não receie vossa senhoria pelo meu patriotismo, senhor Pina Manique: eu sou muito portuguesa! E por isso mesmo não denuncio a quem abro as portas de minha casa e do meu coração!

Vê-a arrebatada, a levantar a voz, tomando calores de defesa por D. Leonor de Almeida, num jeito de despique e de provocação que desmente a sua habitual delicadeza. Saia do vestido de tule sépia enrodilhando-se-lhe no passo decidido com que atravessa a sala e pára à sua frente, a confrontá-lo.

Enfurecido, diz-lhe de novo agreste:

– Não entendo a indignação de Vossa Excelência. O Príncipe Regente apenas deseja ser informado de um possível plano da condessa de Oeynhausen no intuito de derrubar Bonaparte, envolvida que anda com a Vendeia. Só desse modo se poderá preservar a Pátria e defender D. Leonor do empenho que o governo de França põe em derrubá-la.

– Quando sua Alteza Real quer ser informado sobre alguém, não creio ter por hábito enviar Vossa Excelência a casa dos seus súbditos para lhes fazer interrogatórios.

– Há procedimentos na política, senhora condessa, que escapam ao entendimento das pessoas de vosso sexo…

Irada, Maria do Resgate responde-lhe num tom ríspido, que a si mesma é estranho:

– O destino fez-me mulher, senhor Intendente-Geral da Polícia, mas não me privou por isso nem de inteligência, nem de dignidade, nem de argúcia.

E sustendo a respiração nervosa, debruça-se sobre uma jarra de cristal a colocar com arte algumas rosas brancas no meio do anil dos jacintos e do tom violeta e doce dos lilases.

Seguindo-lhe o gesto grácil, Pina Manique fica a remoer as palavras mordentes, admirando-se com tanta arrogância e inesperada seriedade por parte de uma fidalga que consta ser superficial e estouvada.

– Não temeis então pela sorte de vossa amiga?

– A minha amiga já provou ter coragem e honra de sobra: traços de carácter bem femininos, posso garantir-vos.

Pina Manique gostaria de encontrar um resto de sobranceria para opor à ironia dela. E vendo a mão que a condessa de Lumiares lhe estende, curva-se a tomá-la na sua. Em seguida dirige-se com modos desabridos para a porta da rua, que um lacaio abre depois de lhe ter estendido a capa e o tricórnio pretos.

Afastando a cortina de renda da janela da sala, Maria do Resgate vê-o afastar-se,

a arrastar o passo.

†

Leva com pressa nervosa os estatutos da Sociedade da Rosa até à grande cómoda que mandara colocar contra a parede coberta com um pano de arrás, do lado oposto à cama.

No seu tampo acerta as folhas alinhadas pela sua fímbria sedosa, e em seguida enrola-as num canudo fino de papel marfinado, preso com um fitilho de cetim escarlate. Abre uma gaveta e guarda-o entre os espartilhos, agora sem serventia num canto afastado; mais à frente estão as camisinhas

transparentes e as culotes, as meias de seda, os laços e os lenços de linho, ao lado das ligas alinhadas pelas suas cores.

Hesita

e acaba por tirar os estatutos de onde os escondera, abre outra gaveta com um manso odor a gardénia misturado com âmbar; por momentos passa os dedos pela maciez escorregadia dos tecidos e na crispação dos botões de madrepérola nas casas feitas a *perlé*, nas bainhas abertas, nos pespontos, nas orlas guarnecidas com fitas, nos franzidos e nas costuras chuleadas a linha de seda frouxa. Depois curva-se e disfarça o documento entre as camisas de dormir com entremeios de rendas de Bruxelas, alças de rolinho, peitilhos de bordado inglês e os *négligés* de cetim, de onde escapa um perfume espesso a violetas e a rosas amarelas.

Põe um cuidado ansioso no disfarce, mãos a tropeçarem nas cambraias, nas gazes, nas musselinas, nos algodões da Índia que aqui e ali se arrufam, se enrodilham ou entorpecem e dormitam.

Leonor sente a alma em desalinho e um mau agoiro a apertar-lhe o coração descompassado, sem saber quanto está certa a desconfiança que no decorrer das últimas semanas nela se instalara. E uma ligeira vertigem toma-a de surpresa e larga-a muito pálida, apoiada no tampo de mármore da cómoda de embutidos que fora de sua mãe.

Com as pernas trémulas, vai até à cadeira de vestir onde se senta, no resguardo do começo da madrugada. Pela frincha da porta entreaberta do quarto chega-lhe a claridade oscilante das velas, que lhe alumiaram a noite dormida em sobressalto, ora rolando na cama, ora roçando a janela no espreitar furtivo por entre as cortinas, olhar descendo a Rua da Boa Morte na procura de sombras dissimuladas, de figuras furtivas cosidas no escuro.

Tomada por um longo arrepio de mau pressentimento, embrulha-se no xaile púrpura deixado na véspera na banqueta de veludo. Mas logo suspende o gesto, imobilizando-se hirta: por entre o barulho do vento que move devagar as folhas das palmeiras e das magnólias, acaba de distinguir o levíssimo ruído de uma respiração disfarçada. De alguém que, no resguardo da cameleira da varanda larga, de muito perto a espia.

†

Pedro veio de propósito de Almeirim para atender ao chamamento da irmã que, segundo os rumores entretanto chegados, estará a deixar-se enredar – na sua habitual imprudência – numa teia de intrigas e de ciladas, que de forma inexorável a irá precipitar, mais tarde ou mais cedo, no espaço ardiloso de um labirinto onde, impiedoso, o Minotauro estará à sua espera.

Antes de entrar na igreja dos Mártires, Pedro corrige a posição da espada na bainha ajustada à estreiteza das ancas, alisa o casaco de fazenda azul-escuro da farda, tira o tricórnio preto e passa os dedos nervosos e longos pelos cabelos com os vagares que a melancolia impõe, no fingimento de uma aparente calma. Sobe depois sem pressa os seis degraus de pedra ainda não marcada pelos passos que a percorrem e, ainda na entrada, dirige-se à porta da esquerda que empurra com determinação.

A penumbra fria do templo acolhe-o com a mistura dos seus odores cediços: suor retardado dos crentes, água estagnada das jarras dos altares onde as flores de pés apodrecidos devagar fenecem. Mas, sobrepondo-se a tudo isso, há o intenso cheiro do incenso queimado nos turíbulos.

Um arrepio de mau augúrio fá-lo estremecer.

Levanta os olhos até perto do abaulado do tecto, como sempre faz, onde encontra o olhar divino da imagem de Jesus Cristo crucificado, no seu nicho de mármore, vigiando os que chegam à casa do Senhor. Em seguida vai até onde começa a nave central, aí pousando na laje do chão o joelho esquerdo; e só então se benze, descansando o outro braço no joelho erguido, chapéu entalado sob o antebraço livre. As emoções a tecerem um tumulto enevoado, prendendo-o à sua fé. E quando se ergue, Pedro recua.

Volta a cabeça a fitar a Virgem colocada no centro do pequeno altar numa das estreitas alas secundárias, Nossa Senhora das Dores de manto de veludo negro bordado a ouro fino em ponto entrançado, a entreabrir-se sobre o longo vestido de seda da Índia de um lilás quase roxo, semeado de pequeníssimos vidrilhos.

Punhal cravado no sítio do coração trespassado.

Mas não é dor o que Pedro sempre encontra na expressão do seu rosto, e sim ausência, vazio, alheamento, numa quase indiferença que o fascina e assusta desde menino, quando D. Brites, arrastando o passo, o levava pela mão a rogar à Virgem a sua intervenção junto do Rei D. José, a fim de este libertar o pai, preso no forte da Junqueira, a mãe e as irmãs da clausura no convento de Chelas.

Hoje vai orar por Leonor, roído de maus auspícios: voz abafada no gelo da alma dizendo-lhe que, se ela parte, jamais a tornará a apertar ao peito. «Tanta desgraça que nos vai acontecer…», pensa, tomado por um frio tamanho que parece vergá-lo, e ao sentir a mão da morte a roçar-lhe a nuca, ergue-se de afligimento.

Temendo antever o próprio destino.

†

A carta que o Intendente-Geral da Polícia roda entre os dedos grossos chegara de França nesse dia e estava endereçada à condessa de Oeynhausen.

É de Filinto Elísio.

Nela fala o poeta de versos, de saudades e de livros. Referindo-se porém com cuidadoso disfarce aos últimos acontecimentos franceses e, no mesmo passo político, à Sociedade da Rosa, mostrando-se interessado em colher a seu respeito os pormenores que julga faltarem-lhe. Interesse que acaba por espicaçar Pina Manique.

Larga as folhas sobre a secretária, junto dos maços de processos e dos ofícios que não tivera tempo para assinar naquela manhã. De mãos atrás das costas, começa a percorrer o gabinete enquanto, sentado na poltrona de damasco, o irmão, ajudante da Intendência da Polícia e da Superintendência-Geral dos Contrabandos, o olha admirado com tamanho desassossego.

– A condessa de Oeynhausen é uma mulher perigosa e impertinente dada a filosofices e a conspirações, usando para isso pretextos literários. Como

acontece com a Sociedade da Rosa, que tem mantido até hoje debaixo dos nossos olhos – garante, mordendo as palavras, a espreitar a Travessa da Cruz para onde dá a janela de sacada do seu gabinete aos Anjos. Acabando por se voltar, impaciente, a desabafar com Joaquim António:

– Uma víbora que a Princesa Real acalenta no peito.

E quando o oficial da secretaria da polícia José António Nogueira entreabre a porta para anunciar o marquês de Alorna, que vem saber de uns livros encomendados de França e mandados queimar na Alfândega, Pina Manique franze o sobrolho escuro na testa estreita. Nunca gostou das brincadeiras do destino, e embora não acredite em presságios nem em pressentimentos, medindo os perigos, resolve adiar a expulsão de D. Leonor de Almeida o tempo necessário para que o marquês se aquiete e volte a Almeirim.

Sentado de novo na cadeira de sola, o Intendente curva-se, volta a pegar na carta de Filinto Elísio e, ajustando a luneta de tartaruga, debruça-se sobre ela mas, sentindo-se observado, ergue os olhos pardos, e ao dar-se conta de que o oficial da secretaria continua à espera das suas instruções, ordena ríspido:

– O senhor marquês de Alorna que aguarde.

†

– Penso que a condessa é uma inteligente e bela fidalga, talvez um pouco exótica, que não se deve levar muito a sério – contrapõe, benevolente, o velho marquês de Marialva D. Diogo Coutinho a Pina Manique, que acabara de traçar de D. Leonor de Almeida um retrato feroz de mulher perigosa. Apresentando como prova os seus versos, as suas ambições políticas, as atitudes ousadas e a Sociedade da Rosa que ele anda a investigar. Citando por último com ênfase uma carta que Filinto Elísio enviara para ela de Paris.

– A condessa de Oeynhausen é bem mais do que o senhor marquês diz! – E ao fazer tal afirmação Manique entusiasma-se, agitando nas mãos três folhas de papel escritas numa letra bem desenhada.

– Afinal o que diz essa malfadada carta? – quer saber o marquês, ainda céptico mas já em cuidado, não vá o Intendente revelar-lhe a pior das cousas acerca de uma fidalga que há anos frequenta a sua casa.

– Debaixo da cobertura de versos e de sentimentos desavindos encontram-se as ideias revolucionárias comuns a ambos, não sei se me entende… Francesismos, senhor marquês! Lembre-se Vossa Excelência da loja maçónica das damas que D. Leonor acaba de criar e a que deu o nome de uma flor, com o propósito de nos iludir!

Estão os dois na grande varanda debruçada sobre o Tejo da quinta do Bom Sucesso em Belém, onde Pina Manique fora com o intuito de influenciar negativamente D. Diogo no que diz respeito a D. Leonor de Almeida.

Mas o marquês, sentado em silêncio, dedos envolvendo o castão de ouro da bengala de pau-santo presa entre os joelhos, cala-se olhando uma fragata que passa quase roçando com as suas flâmulas a balaustrada, onde o Intendente-Geral da Polícia está agora encostado. Tentando mostrar uma paciência que afinal lhe falta, estremece quando escuta a voz de D. Diogo elevar-se acima do barulho das águas do rio batendo de encontro às amuradas da casa:

– Creio que o senhor Intendente sabe do muito apreço que a Princesa D. Carlota Joaquina nutre por D. Leonor de Almeida…

Pina Manique percebe que não lhe adiantará perder mais tempo, e tirando do bolsinho do colete de seda o relógio de esmalte, finge ver as horas, acabando por dizer num tom de inesperada pressa:

– Vossa Excelência vai-me desculpar se saio, mas antes de regressar ao meu gabinete tenho ainda de passar por casa do duque de Óbidos que me espera.

– Siga o senhor Intendente em paz que eu fico bem onde estou, certo de que Vossa Excelência irá ter em conta o meu conselho sobre a fidalga de quem temos estado a falar…

Antes de sair pela porta larga que dá acesso à sala de espera, toda ela forrada com panos de arrás, onde deixara a capa e o tricórnio preto com

galões dourados, Pina Manique não consegue deixar de voltar-se a fixar o marquês de Marialva que, na sua cadeira de vime, finge distrair-se com os muitos barcos a sulcarem o Tejo.

†

O físico da câmara da Rainha surpreende Leonor esquivando-se na penumbra, sem se atrever a entrar na sala e menos ainda a aproximar-se da cadeira de espaldar onde D. Maria está sentada à secretária, repleta de papéis e livros. Tal como dela se lembra, apesar da magreza e da expressão sofrida do rosto suave da Soberana.

Pela experiência adquirida durante os muitos anos que leva de tratá-la e conhecer-lhe a cerração da mente e da alma melancólica, José Vicente Borzão, que viera verificar o seu estado, faz sinal a Leonor para se aproximar, vestida de azul-pervinca a cintilar no sombrio gabinete de trabalho de D. Maria.

– Venho saber da saúde de Vossa Majestade e apresentar as minhas despedidas, pois a qualquer hora poderei partir pelos caminhos da Europa, sem prever quando torno.

Dona Maria olha-a com curiosidade preocupada. O rosto marcado pelos desgostos distende-se num curto sorriso de afecto e, pousando a pena no tinteiro de prata, dá-lhe a beijar a mão de cera que Leonor, numa curta vénia de respeito, aflora ao de leve com os lábios frescos, sentindo um odor enredado a pétalas de rosa emurchecidas.

Volta a Rainha a recuar os dedos, poisando-os primeiro na borda da secretária e em seguida no agasalho das pregas da pequena romeira de malha fina debruada a cetim que a sua dama de honor D. Luiza de Menezes lhe havia colocado nos ombros frágeis. E apesar de parecer ausente, escuta Leonor quando ela lhe diz com voz sumida:

– Vossa Alteza Real conhece a qualidade ardente da minha entrega, o amor devotado que dedico a Portugal e a Vossa Majestade…

Como resposta, a Monarca, semicerrando as pálpebras translúcidas, assegura em tom sereno:

– Podeis ir descansada D. Leonor, pois jamais me deixei confundir pelas intrigas. Sei bem a quem entrego a minha confiança, afastando-me daqueles que, no meio de tanta desgraça, ainda me podem trair. Só espero que a senhora Condessa queira lutar para ser finalmente feliz.

Surpreendida com a lucidez, mas também com a inesperada ternura contida na resposta de D. Maria, Leonor dá um passo em frente comovida, a saia a prender-se na esquina da mesa onde se encontram os vidros dos remédios, que embatem uns nos outros num ruído de cristal, antes de tombarem no pequeno naperon de renda sobre o qual está pousada uma chávena de porcelana onde a tisana arrefece.

O som inesperado faz estremecer a Rainha, que sem se assustar sorri pela impulsiva reacção da afilhada que ela conhece de tão nova, dela tendo sido com prazer madrinha de casamento. Mas quando Leonor vai aproximar-se de novo a responder-lhe, José Vicente Borzão faz-lhe um discreto sinal

e interpõe-se entre as duas.

†

Conseguido o apoio dos ministros e a autorização do Príncipe Regente, Pina Manique não entende haver motivo que o impeça de agir de imediato em relação à condessa de Oeynhausen.

Terá apenas de saber ser rápido e eficiente,

travando-lhe os movimentos, de modo a impedi-la de utilizar a protecção da Princesa Regente, então na Real Quinta de Caxias. Ou de procurar apoio político, usando o seu prestígio.

Sentindo-se finalmente liberto para perseguir D. Leonor de Almeida, o Intendente monta cerco à sua vida: a sitiá-la e a acossá-la, a encurralá-la, empurrando-a contra a parede. Até ao dia em que num último gesto, rápido e acerado como fio de espada, acabe por expulsá-la do Reino.

†

Catarina, Bocage e Leonor são os últimos a deixar a casa de Benfica depois da reunião da Sociedade da Rosa, falando entusiasmados dos versos que Leonor Benedita timidamente recitara, fugindo contudo a confessar ter sido ela quem os escrevera.

Envolta nas suas peles de zibelina branca, Leonor pára de costas para a fonte recolhida ao fundo das escadas. Friorenta, resguarda-se da humidade gelada que a porta escancarada deixa passar. Bocage, parado junto dela, olha-a, sem poder impedir-se de estremecer com a sua beleza, esquecido de Catarina que, sem se dar conta de que a amiga ficara para trás, avança afoita em direcção à noite invernosa, fazendo sinal aos cocheiros que as aguardam, tentando abrigar-se a um canto do pátio.

Entristece-a o facto de Manuel Maria não ter querido declamar o poema que lhe fizera na véspera, coração apertado por uma aflição que ela própria não entende. A chuva miúda molha-lhe os caracóis a escaparem rebeldes da pequena touca ousada, com franzidos de rendas. E quando se volta, dá conta de Leonor a caminhar na sua direcção seguida pelo poeta, absorto, a fitar o negrume carregado de tempestade, como se tentasse desvendar nele uma qualquer estreita fenda por onde pudesse escapar o luar.

As carruagens param diante do alpendre sob o qual se encontram e se despedem com pressa de fugirem à lâmina do frio a trespassar-lhes os fatos. Bocage, que seguirá com Catarina até Lisboa, avista Leonor a acenar-lhes antes de entrar no carro.

De súbito, ele sabe ser esta a última vez que a vê.

†

Segue sonolenta, embalada pelo trotar cadenciado dos cavalos que cortam a noite chuvosa de Lisboa. Vinda de Benfica, a caminho da Rua da Boa Morte, chega-lhe o aroma ácido e encrespado da terra molhada misturado com o odor lodoso do Tejo que o vento empurra para terra.

Quando o carro finalmente pára, demora-se a descer, ocupada em alinhar os versos escritos que lhe enchem o regaço, páginas soltas que coloca

umas sobre as outras com as mãos enluvadas. E quando finalmente sai, fica estupefacta: na escada de pedra da casa da Boa Morte, cercada por agentes armados e por uma força de cavalaria da Guarda Real, espera-a o Intendente-Geral da Polícia.

Sem pronunciar uma palavra em resposta às perguntas dele, Leonor sobe cada um dos degraus com a arrogância ostensiva de quem não se assusta com facilidade. Na entrada forrada de azulejos detém-se, antes de começar a percorrer devagar as salas, encontrando em todas elas o rasto evidente da passagem dos sicários de Manique. Revolta-se, mas prefere aparentar uma tranquilidade que não sente:

– Procuram afinal o quê? – pergunta, depois de ler o mandato de busca que exigira.

– Quem sabe, talvez aquilo que Vossa Excelência esconde… – responde sarcástico Pina Manique.

– Se alguma cousa escondo é na minha alma e no meu coração, senhor Intendente, e não nas minhas estantes e nas minhas gavetas – comenta desabrida.

Mas ao perceber o sorriso trocista que franze os lábios dele, afasta-se num ímpeto de raiva surda, deixando-o ao lado do contador trazido da Índia pelos avós marqueses de Távora. Tentando ignorar os agentes espalhados pela casa, Leonor entra nos seus aposentos, chão juncado de roupa amontoada a esmo: xailes, leques e bolsas, casaquinhos e vestidos tirados de dentro dos guarda-fatos, das arcas, dos armários. E a tornar ainda maior a desordem, as prateleiras das roupas íntimas foram esvaziadas e os armários esquadrinhados, devassadas as cómodas.

Emudecida, Leonor avança por entre os destroços que cobrem o soalho, a fim de endireitar uma das gavetas viradas no chão, a confirmar aquilo que temia: os estatutos da Sociedade da Rosa desapareceram.

Tentando avaliar a dimensão da catástrofe que está a abater-se sobre si, começa a vistoriar o resto da casa, divisão por divisão, a pôr um pouco de ordem à sua volta, a acalmar os criados e a secar as lágrimas das filhas. A

estreitar ao peito João Ulrico, que se encolhe debaixo dos cobertores e do *édredon* da cama tremendo de medo.

No escritório tenta descobrir onde pousar os pés por entre os papéis tombados no tapete de Arraiolos: versos, cartas, pautas, contas e recibos, bilhetes. Exausta, senta-se, só então dando conta que continua tal como chegara da rua: peles de zibelina a deixarem antever o vestido cor de damasco, luvas e chapelinho posto de lado e preso no cabelo por pregos de prata e granadas. A aflição começa a ensombrar-lhe o rosto, que cobre com as mãos febris.

Sem que lhe tenha escutado os passos, Pina Manique aparece a seu lado, sobressaltando-a. Vê-o alisar a seda negra do colete e a compor a renda branca dos punhos, antes de colocar nos ombros a capa, pôr o tricórnio de feltro com galão dourado e calçar as luvas de pelica. E apesar de se manter silencioso, na sua face são visíveis os sinais de regozijo que não faz questão de esconder.

– O senhor Intendente-Geral da Polícia pode informar-me qual a causa de tamanha afronta?

– A senhora Condessa conspira!

– Tolice! Estou certa de que os Príncipes Regentes nada sabem do que está a passar-se. Quando souberem, veremos como fica.

– Não será preciso chegar a tanto…

Supondo que ele recua, Leonor avança:

– Espero que me sejam restituídos amanhã os cadernos, os papéis e as cartas que hoje me roubam.

– Os papéis e cadernos de Vossa Excelência encontram-se apreendidos.

– Isso é uma arbitrariedade!

Fingindo não escutar o protesto, Pina Manique manda pôr fim às buscas. Na verdade, já leva mais do que precisa. Arrastando os sapatos de fivela, põe o tricórnio debaixo do braço e vai andando para a saída. Mas ainda desconfiado, entorna o olhar ao longo das lombadas dos livros alinhados nas estantes e por cima dos móveis.

Leonor fica a vê-lo afastar-se relutante, com vontade de demorar o prazer que lhe dão aqueles momentos de autoridade sobre ela, ansiando por intimidá-la até ao último instante.

Na verdade, o Intendente-Geral da Polícia contém a custo o júbilo, retardando aquilo que guardou para dizer o mais tarde possível, antegozando o momento de falar. Entreabre a porta com vagares estudados e, rodando nos calcanhares, ordena com voz estrídula:

– A senhora Condessa de Oeynhausen tem vinte e quatro horas para sair de Portugal! A Guarda Real da Polícia acompanhá-la-á até à fronteira com Espanha.

OceanofPDF.com

†

XXV

OceanofPDF.com

†

Vós, Essências celestes!

Vós, Essências celestes! Vós, do inferno
Habitantes de horror! Vós, que na terra
Tendes vertido em vão o sangue a mares,
Reis poderosos! Sábios estadistas!
Ouvi de uma mulher o juramento,
E afiancem-no em fim vossas espadas:

Não há-de a terra em torno o Sol lustroso
Duas vezes girar, antes que trema
Ou caia do usurpado trono o monstro
Que da miséria humana se alimenta.
Antes que o Sol segunda vez renove
O cortejo gentil da Primavera,
Os Lírios que plantei, reguei com pranto,
Brotarão, para nunca mais murchar-se:
E os bulbos, produtores da Ventura,
Farei plantar onde melhor floresçam.
Vítima pura desta nobre empresa!
Assim prometo ao Céu; assim t'o juro.

OceanofPDF.com

†

RAÍZES

Ainda não deram as sete da manhã de 13 de Janeiro de 1759, madrugada nimbada por uma luminosidade anil e quebradiça cinzelada pelo eclipse, restos de negrume a estilhaçarem-se em mínimos cristais de gume afiado, quando a cadeirinha preta na qual segue a marquesa de Távora larga do Pátio dos Bichos a caminho do largo do Cais Grande de Belém, onde durante a noite de temporal fora levantado o patíbulo em madeira de pinho, com acesso por escada íngreme.

Fitando o nada com o olhar de violeta, a marquesa, esmaecida e pálida, leva os pulsos atados com baraço e nós dados muitas vezes, e as mãos desmaiadas no regaço sem viço. De fora chega-lhe o som cavo e cadenciado dos cascos dos cavalos ao embaterem nas pedras, a pisarem e a enterrarem-se na terra empapada pelo granizo. E semelhante a um estranho fulgor, através das finas cortinas descidas, dá conta da cor intensa das fardas do esquadrão de dragões que a escolta.

Atrás seguem os ministros criminais, tiritando apesar das suas togas, e o corregedor da Corte, que ainda há poucos meses corria a beijar-lhe a mão. E tão devagar seguem todos, que por brevíssimos segundos ela quase acredita terem ficado parados no meio de um nada sem tempo.

Suspensa ela mesma da sua própria imagem desfocada: a capa debaixo da qual o corpo magro nada dentro do vestido de cetim azul-ferrete que, tal como a camisinha interior e o lenço branco do pescoço, não lhe havia sido permitido trocar durante o seu cativeiro no convento das Grilas. Os cabelos dourados, ondeando devido ao vento que entra pelas janelas sem vidros, parecem querer escapar das fitas que os seguram, e os olhos de um

violeta intenso – quem sabe se a reterem as lágrimas que não se permite chorar – ardem-lhe de cansados.

Tinham-lhe tirado tudo.

Menos a dignidade e a honra, o orgulho e a sua inocência.

Quando a pequena liteira pára, descompassa-se-lhe o coração no peito a gelar o sangue, enquanto respira fundo todo o ar que pode, a tentar reter a fragrância das folhas das árvores e o acre da sua resina, assim como o odor da chuva pesada, dos limos e do lodo do Tejo, a misturar-se interiormente com o cheiro das águas salgadas do mar, vindo dos lados da Torre de Belém.

Ao sair da cadeirinha firma o pé incerto no chão tornado lama pela chuva da tormenta da véspera, e Leonor de Távora inclina-se um tudo-nada, estremecendo quando o frio trespassando o cetim da saia lhe chega à pele do corpo.

Os dois padres presentes querem ajudá-la, mas ela recusa, e avançando ladeada pela guarda, ao chegar aos degraus do cadafalso logo no primeiro ajoelha, a confessar-se durante quase uma hora, voz num sussurro, num sopro, numa aragem. E pouco a pouco acalma-se apesar dos nervos, da tensão, do susto que a vergastam; ninguém mais poderá defendê-la, encontra-se sozinha consigo mesma.

Depois levanta-se ágil, e acompanhada pelos sacerdotes sobe até onde o meirinho, agitado, a espera junto dos carrascos com máscaras a esconderem-lhes as faces. Mesmo assim, encara-os com a luz acesa das suas pupilas claras, até eles baixarem as pálpebras pesadas, os três irmanados na construção da mesma morte: a dela.

Só então Leonor de Távora se dá conta de como a chuva cerrada e miúda continua a cair impiedosamente, arrastada pelo vento desabrido, zunindo cortante como lâmina de navalha, invasor a tomar conta de tudo, persistente e desatado, a formar com os sentimentos encobertos dela um torvelinho revolvido e frustre. Mas logo os algozes chegam à sua beira e com as mãos brutais empurram-na de forma brusca, a levá-la em torno do

estrado onde se encontram alinhados os instrumentos de tortura, enquanto explicam com detalhe a sua serventia, nomeando cada um deles:

os postes,

as rodas, os garrotes, os arrochos,

as aspas,

as roldanas, os maços e os colares de ferro,

as tenazes, o potro,

o alcatrão.

Mais adiante está a lenha das fogueiras.

No seu ofício de crueldade, os verdugos demoram-se no pormenor, na explicação do suplício que sofrerá cada um dos filhos e o marido dela, a esmagar-lhes os ossos, a trucidá-los, a queimá-los ainda vivos, a garrotá-los. A marquesa de Távora oculta a custo o desfalecimento que a acomete, vertigem deslizando à flor dos nervos, e no entanto a sua face lívida permanece de uma apatia extrema; apenas um ligeiro tremor no canto direito da boca sem cor a denuncia. Prende o lábio inferior com a ponta dos dentes, e acaba por dizer com voz firme e alta:

«Deus permita que saibam morrer como quem são.»

Em torno do patíbulo começam a juntar-se as gentes que se acotovelam para a ver de perto, a gritarem-lhe insultos.

Indiferente, Leonor de Távora toma da vida o pouco tempo que lhe resta, e quando o primeiro carrasco num gesto desgarrado lhe arrebata a capa dos ombros muito direitos, ela nem estremece, a dar conta da minúcia do ruído das ondas e do arrebatamento alado de um bando de pássaros que de súbito levanta voo, enfrentando a ventania e a borrasca, diante dos seus olhos que buscam no céu de chumbo uma fresta por onde possa esgueirar-se a luz que lhe ilumine a cerração.

Para Leonor de Távora os pássaros foram essa fresta, e por isso sorri, apesar do medo que sente. E quando o verdugo, depois de ter atirado para longe a capa com uma lentidão de massacre, a faz sentar na cadeira colocada no centro do tablado, ela tenta com as mãos amarradas compor a

saia enrodilhada, e não o conseguindo ergue-se, a endireitá-la com a ponta do pé impaciente.

À sua roda faz-se um silêncio incrédulo.

Até voltar a sentar-se sob o olhar desconfiado dos carrascos, que logo avançam para lhe arrancarem com brutalidade o lenço com o qual um deles a venda, tirando-lhe a luz juntamente com o verde profundo das copas das árvores que, de onde ela se encontra para morrer, parecem bordejar o firmamento. E quando lhe entreabrem mais o decote do vestido de cetim, o corpo dela vibra no recuo que o asco provoca.

– «Não me descomponhas!» – ordena altiva, com grande secura da voz.

E estas foram as suas últimas palavras.

Atrás dela, com as mãos a entrelaçarem-se, o algoz ergue o sabre e, num único golpe, separa-lhe do corpo a cabeça, que o outro logo agarra pelos cabelos ensanguentados e exibe, sem que ninguém mostre regozijo, nem se ouça um brado, um grito, uma blasfémia.

Os olhos vazios de Leonor de Távora,

que a morte mudara de violeta em azul-cobalto, parecem fitar a lonjura, enquanto o corpo fica tombado no seu próprio sangramento: primeiro um charco que alastra e em seguida desliza e se divide em pequenos rios de vermelho-romã, a escorrerem ao longo das traves, infiltrando-se por entre as frinchas das vigas mal unidas, indo ensopar a areia por baixo do cadafalso.

Puxam Leonor de Távora para um canto do tablado: encolhida, enrodilhada, ensanguentada, dobrada sobre si mesma. E antes de a cobrirem com a própria capa, põem-lhe a cabeça entre os braços um pouco recolhidos,

que desse modo parecem resguardá-la.

OceanofPDF.com

†

MEMÓRIA

Foram as acácias do fundo do jardim que escutaram o meu emudecido lamento de orgulho revoltado, debaixo das folhas dos seus ramos cobertos de flores douradas, brilhando à luz temperada pelo sol.

Encostei-me a um dos troncos delicados e, fechando os olhos, esforcei-me por guardar na memória, uma por uma, as minhas fragrâncias preferidas: o odor húmido e lavrado do chorão sob o qual sempre gostei de me refugiar a ler nas horas de descanso, o ácido aroma dos limoeiros a misturar-se com a intensa doçura marfinada das rosas-chá a entorpecerem-se no perfume encrespado das tílias e das glicínias. E havia ainda o cheiro seco a resina dos pinheiros, diluído pela curta lonjura do pinhal que ficava para além do portão, onde os guardas de Pina Manique começavam a demonstrar alguma impaciência.

Mantenho hoje uma angustiante memória dos últimos instantes antes de me levarem a caminho de Espanha, dividida entre a esperança de tudo fazer parte de um ardiloso plano do Príncipe D. João iludindo Bonaparte, e a hipótese de estar a ser atraiçoada, vítima de predadores implacáveis.

Ironicamente temendo aquilo por que tanto ansiara.

Sem entender que nesse momento já me perdia.

Dos primeiros tempos de exílio que passei em Madrid mantenho uma recordação de luz intensa a contrastar com a minha sombra, que no entanto se ia entreabrindo aos poucos, formando a corola, as pétalas de uma flor rutilante que ao desdobrar-se em si mesma me intrigava com o seu enigma.

Conturbada que andava na minha turvação,

cega por um luzeiro implacável, sentia-me errante na maior solidão, abandonada e sozinha comigo mesma.

Foram dias de febre e de queda, até à chegada de Henri Forestier.

OceanofPDF.com

†

1803

Não percebe se é de cansada se é de raiva recolhida que cambaleia, a esbarrar nos móveis.

A amparar-se, mãos tacteando as arestas e as paredes, julgando vê-las moverem-se à sua roda; grito mordido e simultaneamente solto, mais rugido animal ou até de medo, sem conseguir controlar aquele turvo sentimento de ter uma víbora enroscada no peito a retirar-lhe o ar, tal é a desmesura da sua ira, tornada primeiro em amargor e só depois em tormenta e raiva.

Agrura de tempestade por onde vai hasteando a magra vela de uma embarcação destroçada, sem saber domar a turbulência e o temporal de súbito levantados, a fim de lhe atingir o âmago da vida: fazendo-a girar sobre si mesma, sem esteio nem esperança onde se apoie, a aflição tomando conta dela.

Move-se na desordem diante da fragilidade estriada de impotência e de fraqueza com as quais nunca se conforma, na aversão que lhe dá sentir-se e ver-se como ave aprisionada, apanhada por armadilha há muito montada. Ferida pelo lado da dignidade e do orgulho, temendo mais do que tudo perder a coragem, gosto acre a terra queimada, travo a cinza fria na boca amargosa.

Apercebendo-se de modo tão vertiginoso quanto daninho e incongruente não ser já quem fora horas antes. Podendo estar em risco a sua vida caso não saiba dominar as circunstâncias, que lhe exigem uma serenidade de que nem sequer sabe se dispõe.

Mais uma vez o destino malévolo traiu-a, com a habitual constância no empenho posto em destruí-la. Forçando-a a partir numa situação por demais aviltante, porque aparentemente submetida,

vencida por Pina Manique.

†

DIÁRIO

Recomeço o diário num novo caderno.

Os outros foram levados pelo Intendente-Geral da Polícia, à mistura com papéis, cartas, versos e os estatutos da Sociedade da Rosa.

Nas minhas derradeiras horas em Portugal, sem saber quando poderei regressar, tento encontrar inutilmente uma explicação razoável para o que está a acontecer-me.

Cedo à vontade de ir até ao jardim, a tomar o cheiro leve das malvas, que em breve será coberto pela intensidade acre do almíscar. Quero ainda passear por entre as árvores de fruto, onde algumas vezes pensei antever a crina alva de um unicórnio, imóvel à minha espera.

De manhã tentarei encontrar-me com D. João.

Quero ouvi-lo confirmar não ser a minha partida de Portugal uma expulsão, mas antes uma habilidosa maneira de iludir Napoleão Bonaparte.

Ou será que a minha combinação com o Príncipe Regente não passa de pura ilusão do meu espírito? Na verdade, a viagem tão esperada e cuidadosamente preparada por mim deixou de ser o que eu imaginara.

Subitamente mudada em pesadelo.

Transformada em exílio.

Lisboa, 27 de Fevereiro de 1803

†

O Palácio de Queluz encontra-se mergulhado num silêncio profundo. D. Maria acorda inquieta antes do alvorecer, na solidão da cama larga e fria onde fica a escutar a leve brisa e o esvoaçar dos pássaros da alva, que confunde com a própria respiração sobressaltada. Não sabe porque acordou nem se lembra com precisão do que sonhara, mas desse sonho parcialmente esquecido recorda D. Leonor de Almeida a ser expulsa de Portugal, de partida para o exílio.

Alarmada, a Rainha senta-se no breu estilhaçado pela esvaída claridade toldada do borralho, que se amortiça no ninho de cinzas da lareira ao fundo do quarto. As madrugadas continuam agrestes e ela leva as mãos à romeira de lã macia tentando agasalhar-se melhor, a ajeitar o debrum de cetim em torno do pescoço.

Apoiada nos almofadões, tenta recordar-se…

E uma após outra as imagens, obedientemente, retornam do passado, a desenredarem uma trama de intriga palaciana urdida com mentiras e traições mesquinhas mas implacáveis, tão suas conhecidas. E D. Maria estremece já arrependida, tentando recuar diante das memórias avassaladoras que nos últimos anos ela tem conseguido manter submetidas ao irracional e persistente afecto materno, que continua a fazê-la aceitar um diagnóstico falseado de doença mental incurável.

Para grande alívio dos que sempre a quiseram afastada do trono. Cientes de ela se calar, tudo passara a ser contado e até confessado à sua beira, sem qualquer cuidado por parte do filho, o que a tem mantido a par de maquinações e conflitos, de boatos, perfídias e falsidades, congeminados até contra si mesma. Desta vez, porém, não é ela a ser apunhalada pelas costas.

A Soberana lamenta não estar na sua mão impedir o cobarde desfecho daquela história absurda, da qual é protagonista a neta dos marqueses de Távora e antiga valida da Rainha que ela fora. Lembra-se bem da sua beleza delicada a contrastar com os vestidos rubros que usava, a

insubordinar a Corte de Almeirim onde a seu convite passara o verão, saída há pouco do convento de Chelas.

Corte ainda de luto, que D. Leonor animara com poemas e ideias novas, discussões filosóficas e projectos políticos revolucionários, impróprios para serem defendidos por uma mulher. Mas à liça por ela viera sempre o Príncipe do Brasil, defensor das artes e dos mesmos ideais das Luzes.

E a Rainha que, por temer a aproximação das crises de melancolia, costumava saber evitar a devastadora recordação do seu filho José, príncipe perfeito tão cedo morto, assusta-se. Nos últimos anos, os seus ataques de depressão, pelos outros transfigurados em loucura, têm devastado a sua vida, num acumular de sofrimentos, penas e agravos. Diagnóstico de insanidade assinado pelos físicos da Corte e de que ela é, afinal, conivente com a morte na alma, perdida no seu próprio mistério.

Apesar de tudo D. Maria volta a serenar no abrigo do escuro, que a aurora ainda não ilumina com o seu traço de ruividade.

A iludir nela o tumulto do coração alvoroçado.

†

D. João acha preferível afastar-se quer do Palácio da Bemposta quer do de Queluz, onde D. Leonor de Almeida irá procurá-lo caso consiga iludir o Intendente Pina Manique. Portanto, antes do fim das matinas e do começo das laudas já se afasta de Lisboa a caminho de Mafra, carruagem correndo ao raiar da alva, fechadas as cortinas carmesim de damasco, a privar de claridade o interior do carro já abafado onde ele se abriga a coberto do anonimato; sigilo exigido aos fidalgos que com algum recato o rodeiam a cavalo.

Atrás segue o mordomo-mor, contrariado, e junto dele alguns moços da câmara, entre os quais João Diogo de Barros Leitão de Carvalho, que o Príncipe habitualmente distingue. Distanciadas, caminham as mulas puxando as carroças onde se sentam três dos cozinheiros do Paço e alguns ajudantes de avental de estamenha atado no pescoço por nó de fita grossa. E ainda os moços da água, ao lado do passavante de coxim, que tentara

esquivar-se de ocupar o lugar que lhe é devido, junto do cocheiro do carro real. Há ainda um atabaleiro, que à última hora se introduzira na comitiva, levando sobre os joelhos a caixa de cobre onde guarda o tambor com a forma de meia laranja, a tentar meter conversa em surdina com os camareiros a seu lado.

Cavalgando perto das janelas da carruagem, vão Francisco Rufino de Sousa Lobato, primeiro guarda-roupa e homem de confiança do Regente, seguido do reposteiro D. Martim de Lorena, que sempre gosta de estar onde possa haver caça.

Indiferente ao burburinho abafado da comitiva que o segue, o Príncipe Regente dormita, alheando-se, desresponsabilizando-se do plano urdido contra a condessa de Oeynhausen por alguns dos seus ministros e Diogo Inácio de Pina Manique, contrariando a vontade de sua mãe a Rainha, a de sua tia a Princesa Maria Francisca Benedita e sobretudo a de sua mulher Carlota Joaquina, que tomará como provocação e afronta pessoal o exílio da sua primeira dama de honor. Mais tarde haverá ainda o confronto com o marquês novo de Alorna, que o inquieta com a sua inteligência arguta e o orgulho desmedido.

Na penumbra do carro D. João desliza mais no banco de veludo adamascado, ansiando por chegar a Mafra, onde logo se embrenhará de bom grado no frescor da tapada, perseguindo com acintes inusitados os javalis que os cães acossam ladrando alto. O Príncipe fecha de novo os olhos inflamados pela insónia, tentando sem esperança encontrar o sono fugido há semanas da sua cama, a acentuar-lhe o carácter deprimido.

Pensamento e coração presos a Eugénia de Meneses.

†

O aturdimento em que ficara, quando o Intendente-Geral da Polícia saiu da casa na Boa Morte, foi-se esvaindo ao longo da noite. Começar a escrever um novo diário serenou-a. E Leonor apoia-se na balaustrada da varanda do quarto, tentando iludir os alvores da manhã quase a despontar, por demais consciente do muito que irá ser obrigada a largar para trás.

Sem saber até quando.

Do lado de fora dos portões gradeados, dá conta dos vultos dos guardas deixados por Pina Manique com o fim de impedi-la de sair a tomar providências, tentando utilizar as suas derradeiras mas ainda importantes influências.

É com isso que o Intendente conta.

E Leonor acaba por descer até ao jardim, toldado ainda pelas brumas nocturnas já a misturarem-se com as neblinas da aurora. Detém-se primeiro junto dos canteiros onde plantara as rosas damascenas, pelas quais perpassa agora ao de leve a ponta dos dedos, a tactear-lhes as pétalas carnudas. Depois, segue pelas pedras musgosas do negrume da noite a desfazer-se aos poucos, até perto dos canteiros de miosótis e petúnias. Passa ainda junto das gerberas de fogo e das margaridas, que ladeiam o tanque redondo do repuxo.

Procura as pervincas e as camélias junto ao muro alto, por onde sobem as rosas trepadeiras para irem debruçar-se sobre a Rua da Boa Morte. Mais adiante, a circundarem as margens do lago aquietado, estão as glicínias que, tal como as madressilvas, soltam a leveza dos seus perfumes delicados. Por último desvia-se até aos vasos de frésias, dos amores-perfeitos e das ervilhas-de-cheiro, permitindo-se um pequeno momento de antecipação da saudade.

Leonor despede-se.

Chegara o momento de agir: iludir a Guarda e ir ter com Catarina, a pedir-lhe que apazigue o coração do marido e lhe empreste a sege, a fim de se dirigir ao Paço Real de Caxias em busca do auxílio da Princesa Carlota Joaquina. Em seguida irá tentar falar com o Regente ao Palácio da Bemposta, onde ele passa agora a maior parte dos dias. E como as poucas horas que lhe restam não bastam para que Pedro chegue de Almeirim antes de ela partir, terá de entregar Luiza, Henriqueta e Frederica ao cuidado de Leonor Benedita e de Juliana.

Já no *boudoir* troca o vestido por um mais leve e alegre de tafetá vermelho com finas riscas brancas. Escolhe um chapelinho de palha, que

prende aos cabelos com pregos de granadas, calça luvas de renda que lhe deixam a descoberto os pulsos. E apertando o saquinho de cetim ao arfar do peito, atravessa rápida os corredores interiores da casa até à porta dos fundos que dá para a travessa das Almas, na tentativa de encontrar o caminho livre e sair sem ser vista, iludindo a polícia.

†

Jerónimo Esteves abre em cima da secretária de pinho o passaporte em branco que irá ser da condessa de Oeynhausen. O Intendente-Geral da Polícia ordenara-lhe com voz pedregosa que tivesse o documento pronto, sem hipótese de falta, no início da tarde. Entretanto, o visconde de Balsemão já lhe enviara o secretário, a fim de indagar do andamento daquele que Esteves deduz ser um importante trabalho.

O oficial da Repartição dos Passaportes, da Polícia e Vigilância dos Estrangeiros levanta as abas da casaca comprida, senta-se na estreita cadeira de espaldar alto, pega com cuidado no copo de vidro grosso onde deita a água da bilha que a mantém fresca naqueles dias já quentes, e dá com satisfação um gole rápido. Olha ainda as horas no relógio de pé, encostado na parede à sua frente, e em seguida, com aplicação e vagares demorados, volta a molhar a pena na tinta preta do tinteiro de louça ao lado do qual está a lente, o areeiro e o lenço bem dobrado, onde de tempos a tempos limpa as mãos suadas.

Em seguida curva-se, sem pressa, ponta da língua entalada entre os dentes, e começa a desenhar as letras das palavras formulares do passaporte.

†

Cosido à parede da esquina, tricórnio tombado sobre os olhos de negrume e, apesar do calor crescido no início da tarde, capa escura cruzada sobre o peito e subida ao rosto na tentativa de esconder as feições, Diogo Inácio de Pina Manique, desejando refrescar-se, aproveita a sombra

esgarçada dos ramos grossos do carvalho que, dentro da quinta dos condes de Niza, deixa por cima do muro alto pender as suas folhas para o lado da Travessa das Almas, praticamente frente às traseiras da casa da condessa de Oeynhausen, cercada à sua ordem pela Guarda Real da Polícia.

Mas essa demonstração de força não lhe basta, quer usufruir ainda de maior regozijo, gosto supremo de ver com os próprios olhos D. Leonor de Almeida a ser proibida de sair, surpreendida a infringir a determinação por si mesmo deixada a Luís de Ataíde.

Impedindo-a assim de ir à falsa fé, em desespero de causa, jogar com o poder que lhe resta junto dos Príncipes Reais, do Cardeal Patriarca e até, quem sabe, de alguns fidalgos poderosos, enquanto dama de honor de D. Carlota Joaquina, valida e afilhada da Rainha D. Maria. Por certo desejando a condessa evitar ou pelo menos adiar o exílio, frustrando a ordem de expulsão que ele lhe dera para transtorno das suas ridículas pretensões políticas.

O Intendente-Geral da Polícia conhece-a demasiado bem para acreditar na sua quietude; ganhando peso a certeza de que, no anseio de iludir a Guarda que a cerca, tentará encontrar caminho livre precisamente por onde menos se esperaria – o pátio que dá para a porta de serventia à cozinha e aos quartos da criadagem.

Sabe-a encurralada, perscrutando, tacteando o ar atenta aos sinais, como uma presa ferida que a todo o custo luta por salvar-se, pois as dúvidas e as dificuldades jamais a detiveram. Pelo contrário, costumam até empurrá-la, acicatá-la, desafiá-la.

Pressentindo-lhe já a aproximação, dá conta da sua raiva impotente, cheira-lhe à distância o ódio, como se lhe escutasse o pensamento, e embora jamais o admita, receia o que nela desconhece da alma feminina, esbarrando sempre naquilo que considera ser determinação e coragem de homem, carácter forte, viril, que segundo ele não fica bem a uma mulher, sobretudo a uma fidalga da sua estirpe.

«É uma mulher perigosa, como a avó!», murmura, atento ao mínimo movimento na casa: leve ondear de uma cortina de renda, vulto esquivo a

espreitar por entre as gelosias. «Ela virá», sabe com a experiência ganha dos muitos anos que leva de segui-la, lendo-lhe as cartas, os versos, os bilhetes, na tentativa da devassa do coração.

Uma ligeira vertigem fá-lo cambalear, e por uma fracção de segundo turva-se-lhe a vista. À sua volta o sol vai zunindo na madeira chapeada da tarde, com um brilho intenso a magoar-lhe os olhos. Esgueira-se mais no aconchego da sombra zebrada das folhas do carvalho, por entre as quais a luz perpassa, cintilando em tons esverdeados. E o Intendente, sentindo-se oscilar, apoia-se melhor ao muro, dissimulando-se quanto pode na sua esquina, teimando em manter-se postado de vigia com cuidados desconfiados e ríspidos de carcereiro. «Ela virá», está convicto. Nervoso, leva a mão grossa e húmida ao pescoço encharcado de suor, abafando na roupa.

Sem alarde, Luís de Ataíde surge com os seus homens, tal como ele ordenara, a rodear os jardins de onde sobe um odor espesso a madressilva envolto na maciez do rosmaninho e na brandura um tudo-nada acerba do alecrim, que por seu turno lhe chega entrançado com o perfume translúcido e almiscarado das rosas-chá.

Julgando desfalecer com a canícula, Diogo Inácio limpa sem alívio a cara com a ponta da capa subida, tricórnio a sombrear-lhe as fendas a que os olhos estão reduzidos, pálpebras descidas sobre o olhar de aço, determinado porém em esperar a condessa D. Leonor, que de uma vez por todas se verá obrigada a quebrar a arrogância desabrida, herança directa da marquesa de Távora.

Entontecido, vê-a finalmente sair pelos fundos, donaire de donzela quando empurra a porta, palmas das mãos abertas, saquinho bordado a pender-lhe do pulso magro. Preso da expressão do seu rosto, Manique suspende a respiração ao vê-la aproximar-se da cancela baixa, do lado de fora da qual a aguarda, hirto, Luís de Ataíde. E se o diálogo entre os dois lhe escapa, não perde o franzir irado da sua boca delicada, dentes a morderem as palavras.

Impetuosa e sem temor algum.

E quando ela se vira para tornar a casa, há nos seus modos rígidos um desdém intacto, a emprestar à derrotada um ar de vencedora que a faz parecer ainda mais altiva.

Esquecido da vertigem que o atormenta, o Intendente-Geral da Polícia estremece de raiva e de zelo frustrado, dedos curtos crispados em torno da guarda de madrepérola do espadim, lâmina escaldando na sua própria brasa.

†

Luís de Ataíde vê-a assomar, resoluta, à soleira de uma das portas das traseiras que dão para a Travessa das Almas. Vestido de tafetá escarlate riscado de branco a modelar-lhe a silhueta esbelta, chapelinho de palha posto de lado nos cabelos dourados que lhe emolduram o rosto comprido.

O Intendente-Geral da Polícia estava ciente de que ela iria infringir as suas ordens e tentar sair de casa, a querer contrariar-lhe o propósito de a levar sob escolta até à fronteira espanhola, pelo que se precavera deixando uma força especial da Guarda Real a cercar-lhe os jardins. Luís de Ataíde está ali no comando desses homens, que mais parecem recuar frente ao claro desdém com que Leonor os olha, ao suspender o passo ligeiro.

O oficial endireita-se, coração contrafeito debaixo do peito fardado, leva a mão à guarda de prata do espadim que sente a aflorar-lhe a coxa, e tentando aparentar uma calma inexistente, adianta-se, dizendo-lhe em voz pausada e muito baixa:

– A senhora Condessa vai desculpar-me, mas sou forçado a impedi-la de sair desse portão.

– E quem me dá tal ordem?

– Eu próprio, senhora Condessa, por determinação do senhor Intendente-Geral da Polícia.

– Está a dizer-me que o Intendente Pina Manique me quer presa na minha própria casa?

– Estou a dizer a Vossa Excelência para voltar para dentro, pois aqui ninguém vos quer fazer mal, e muito menos eu gostaria de vos obrigar a

cumprir o que por enquanto peço.

– E se eu ignorar esse pedido?

– Vai levar-me a utilizar a força, senhora Condessa, cousa que não desejo.

Luís de Ataíde recua um tudo-nada, sempre a fitá-la nos olhos de anil ardente, brilhantes de raiva. Consciente de que, dependendo desse ódio, já estaria morto, não hesitando D. Leonor de Almeida nem um pouco em derrubá-lo. Mas ela acaba por afastar-se em silêncio, passo largo a fazer rojar a bainha da saia no lajedo do pátio.

†

Querida Mãe
da minha alma

A primeira reacção que experimentei foi de espanto e de incredulidade, quando no final da manhã o meu marido voltou a casa, contristado, com o propósito de me preparar para aquilo que no Ministério dos Negócios Estrangeiros lhe haviam contado sob sigilo: Pina Manique propõe-se expulsar Vossa Excelência de Portugal a qualquer momento.

Enevoou-se-me a vista, minha querida Mãe! Peito apertado de tristeza e de desamparo antecipando saudades, apesar do nosso maior afastamento nos últimos tempos, empenhada que tem andado Vossa Excelência na política do Reino, o que haveria de levar ao presente desfecho.

Revoltam-me as manobras torpes e traiçoeiras do Intendente, minha Mãe, a fim de derrotar com arrogância a mulher portuguesa de maior valimento do nosso tempo. Supondo ele ganhar influência ao dominar-vos, rejubilando por vos ter vencido no jogo do poder.

Tudo tentei para conseguir chegar até vós, mas tudo me foi negado. Mesmo a meu marido e vosso grande admirador recusaram qualquer contacto com Vossa Excelência, e ao procurar ele o Regente no Palácio da Bemposta, e depois no Palácio de Queluz, acabou por ser informado ter o Príncipe partido para Mafra às primeiras horas da madrugada.

Apenas Luís de Ataíde, frequentador habitual das minhas assembleias, compadecido com a aflição em que me encontro, acabou por me prometer fazer chegar até vós esta carta, único meio encontrado por uma filha aflita para demonstrar o amor sofrido em que a mergulha a perda da presença de sua amada Mãe, que se vê forçada a abandonar a Pátria como uma traidora, quando jamais alguém amou tanto Portugal.

Muito desgraçadas vamos ficar as cinco, sem vos ter por perto a esclarecer-nos e a enriquecer-nos com a vossa cultura e vosso pensamento esclarecido. Perdidas como eu sentem-se por certo minhas irmãs, sem apesar de tudo conseguirmos valer a Vossa Excelência. No entanto, em tudo o que diga respeito às manas mais novas, pode a minha Mãe partir em descanso, pois tanto eu como Leonor Benedita, e por certo o tio Pedro, nos comprometemos a tomar conta delas com cuidado e carinho.

Temendo estar com lamentos e minúcias a aguçar a dor do coração já despedaçado de Vossa Excelência, multiplicando em vós a aflição e o desgosto, termino esta longa e inútil carta assegurando-vos ser muita a constância do meu amor por minha amada Mãe. Ficando a aguardar com ansiedade notícias de vossa parte.

De Vossa Excelência
Filha mais terna e obediente
Juliana

Lisboa, 27 de Fevereiro de 1803

†

Depois de ter tentado em vão, por diversos modos, sair de casa, contactar com as filhas e os amigos, Leonor considera-se prisioneira. Apesar de tudo, não desiste de inverter a situação em que se encontra e, numa última tentativa, escreve ao Príncipe Regente.

Apesar de saber pela carta de Juliana que ele se ausentara da Corte de Lisboa, Leonor, continuando a acreditar na sua palavra e salvaguardando o

segredo de tudo de que este a incumbira, senta-se à escrivaninha, tentando concentrar-se naquilo que crê ser necessário deixar claramente dito a D. João.

«Senhor:

Pedi licença a Vossa Alteza Real para tratar directamente os meus negócios, na sua presença. Como Pai dos seus vassalos e como primeiro cavaleiro do seu Reino, pois que eu era senhora sem marido e mãe de muitos filhos, obtive imediatamente esta generosa licença; e, como nunca pus na presença de V. A. R. senão cousas justas e dignas do seu beneplácito, mais rapidamente que nenhum outro requerente obtive este beneplácito. E se parte dos benefícios que V. A. R. me fez ou quis fazer se frustraram, não teve nisso parte nem a inteligência nem a justiça de V. A. R., mas sim as constantes intrigas dos seus Ministros, que não permitiram a ninguém este método suave e consolador de mostrar a verdade e obter justiça.»

Pára por um instante, a lâmina do orgulho a apunhalar-lhe o peito por demais ferido. Mergulha a pena no tinteiro de prata cinzelada, e depois de uma pausa inicia um novo parágrafo:

«Fui encarregada de uma diligência muito importante, em que interessava a glória de V. A. R., a utilidade do Reino, o serviço da Religião e da honra; e, não obstante a permissão que tinha de ir directamente manifestar a V. A. R. os negócios, duvidei prudentemente se esta licença se estendia a tratar dos seus. Para que estes me interessassem, não era preciso licença: o primeiro dos meus deveres – a fidelidade – me impunha a lei de os preferir ao meu descanso e a todos os meus interesses.»

Hesita por segundos antes de continuar:

«V. A. R. há-de fazer-me a justiça de lembrar-se que a energia com que lhe falei foi autorizada pela sua ordem, e quando a minha timidez e respeito me fechavam a boca, V. A. R. me ordenava, e sempre, que dissesse sem receio o que entendia. Longe de prejudicar-me este método, recebi da boca de V. A. R. muitos agradecimentos, pelo sentimento que V.

A. R. distinguia nas minhas palavras. Também os recebi pela boa vontade com que me ofereci a servi-lo num negócio delicado. Recebi as suas ordens para aprontar-me, e tirei o filho do colégio, renunciei à minha vida solitária e lancei-me sem vacilar no golfo das negociações, só porque delas se seguia a conservação e utilidade de V. A. R.»

De tão cansada, embrulha-se-lhe a letra e turva-se-lhe o olhar. Mas num arroubo, acrescenta, convicta:

«Não, Senhor! Eu não seria digna vassala de V. A. R., se temesse perder-me, defendendo interesse tão sagrado. Quando juro, juro, e V. A. R. sabe que jurei defender esta causa. Para que V. A. R. não me argua deste juramento, lembre-se que deu licença para se fazer e que, se a não deu em público, a confirmou sempre em particular, e que na sua presença mesma se celebrou este juramento.»

Tomada pela dúvida que a aflige, Leonor argumenta, levando até ao limite a sua posição sobre o assunto que acabara por colocá-la na situação absurda em que se encontra:

«Se os povos devem ser fiéis aos reis, os reis não têm menor obrigação de ser fiéis aos povos, e não há caso nenhum em que uma inteira fidelidade da parte de um vassalo dispense um príncipe ou um rei de lhe ser fiel. Vossa Alteza Real sabe se neste ponto tenho que reclamar da sua delicadeza, e o sem-número de provas de que à sua glória, ao seu serviço queria consagrar esses tais ou quais talentos que me deu a natureza, merecia que me entregasse sem piedade à manobra surda de uma intriga baixa, digna só de homens habituados aos expedientes do vício e a nenhuma elevação nos procedimentos.»

E sem ceder à exaustão, continua:

«Quando avisei a V. A. R. de que os franco-mações tinham roubado a memória que escrevi, para V. A. R. ler, fácil era conhecer que dez mil libertinos, tendo por chefes os mais consideráveis membros do Estado e por camaradas todos os franceses jacobinos de Lisboa, assim como o Secretário da Legação Francesa, poriam em uso todos os meios de

perder-me, se V. A. R. com a sua mão poderosa me não defendesse muito fortemente.»

E conseguindo a custo suster o tremor da mão que vacila, lembra com amarga ironia:

«Por meu irmão me mandou Vossa Alteza Real segurar que nada me havia de suceder, que ficasse descansada. Quis descansar, mas, passado pouco tempo, sem respeito a nenhum dos privilégios que me decoravam, o pobre e iluso intendente da polícia, querendo atacar a franco-maçonaria, veio…»

«*Encurralada e prisioneira do Estado na própria casa pela ferocidade despótica de Pina Manique*», Leonor, apoiada só na determinação e na vontade, continua a expor ao Príncipe, durante mais algum tempo, os agravos a que tem sido sujeita.

†

Desde o nascimento de José Trazimundo, Leonor Benedita nunca mais foi a mesma: grandes tonturas confundem-lhe o pensamento, coração parecendo parar por breves segundos, nervos crispados à flor da pele muito branca, pesadelos cruéis a envenenarem-lhe o sono, conturbação da vontade e do ego já de si demasiado fracos. Turbações e sofrimentos que ela teme virem a aumentar com o nascimento em breve do segundo filho.

Acentua-se nela a falta de gosto pela vida, para logo se tornar necessidade contrária: ora fogo a assanhar-se no seu corpo esculpido pela magreza, ora longos esvaimentos de afogada, sem salvação possível.

Sentidos delicados a desejarem tornar-se sôfregos. Passando do arroubo para o apagamento de vela. Apatia que naquela manhã a faz atrasar o passo lento, enquanto alheada vai pelas áleas geométricas diante da casa de Benfica, tão idênticas às de Versailles criadas por Le Nôtre; buxo rente contornando e sublinhando as doze estátuas mitológicas, das quais prefere Afrodite, mãos erguidas num suspenso gesto inacabado. Ao percorrer os jardins Leonor Benedita sempre se apazigua. Ancas alargadas pela gravidez adiantada, ela debruça-se da balaustrada do grande lago da

Galeria dos Reis, e fica a escutar o rumor da água das fontes, corredia e transparente.

Quando desvia a atenção daquelas funduras, levanta os grandes olhos castanhos sublinhados pelas espessas sobrancelhas escuras a juntarem-se já no princípio da testa alta, ofuscados pelo sol de verão. E ao baixá-los estremece com um pressentimento de mau agouro, ao aperceber-se da inusitada presença de Juliana àquela hora, dirigindo-se-lhe num passo estugado de quem traz má nova.

A notícia da expulsão da mãe, obrigada a sair de Portugal naquele mesmo dia, perturba-a mais do que confessa a si própria, como é hábito, dividida e desavinda a seu respeito: mistura de alívio e de lágrimas, vontade recusada de atar os braços ao pescoço materno, mas igualmente de lhe morder a face. Semelhante e estrangeira, como jamais deixara de senti-la desde o seu definitivo regresso de França rodeada de filhos, dos quais só conhecia, e mal, Frederica e Juliana. Na verdade continua a acusá-la de a ter abandonado, mãe que a deixara no berço cedendo à vontade mais forte de partir, tomando as estradas do mundo.

Estremece de aflição, enquanto a irmã a fita emudecida, avaliadora das suas emoções, a adivinhá-la novamente cindida. Olhar de pervinca, atento, que tanto a irrita em Juliana, e por isso pergunta, desabrida:

– O que pretende a mana que eu faça? Que vá ajoelhar-me aos pés de Pina Manique?

– O pouco que se podia fazer já foi feito, aliás sem autorização de nossa Mãe, e não surtiu efeito. Só vim dar-lhe conta do acontecido. Além do mais, o Intendente não permite que ninguém se aproxime da casa da Boa Morte, nem para se ir buscar as manas, que vão ficar connosco.

No seguimento de um silêncio pesado, a cavar precipícios entre ambas, Leonor Benedita comenta numa voz de vidro estilhaçado, lividez súbita na face inexpressiva:

– Melhor assim, há despedidas que matam.

†

Catarina nem sequer pensa em pedir autorização para ir ter com Leonor. Assim que o marido a informa do que está a passar-se, adivinha o resto, não iludindo o importante papel desempenhado por ele em todo o plano gizado por quem tanto odeia como teme a amiga. Ainda não se esqueceu da conversa travada entre ele e o ministro João de Almeida de Melo e Castro, por si escutada involuntariamente há poucos meses. Diálogo guardado por si como um segredo de Estado, atitude que acabara por fazer dela uma cobarde, arrependida e envergonhada perante Leonor.

Dispensando a criada, veste-se num ápice. Ordena que lhe aprontem a sege e parte desabrida, abrindo e fechando com as mãos crispadas o leque de marfim com embutidos, coração pesado de culpa. E ao avistar a tropa cercando a casa da Boa Morte, indigna-se, ordena ao cocheiro que páre o carro junto do portão de grades, e sem aguardar que lhe abram a portinhola lacada, salta para o chão mandando com voz afoita afastar os guardas hesitantes diante do seu faiscante olhar e porte decidido.

– Sou a viscondessa de Balsemão e venho visitar a condessa de Oeynhausen – afirma autoritária, num tom de quem não admite oposição alguma.

Apesar de intimidados e pasmados com tanta ousadia e exaltação, que só parece aumentar-lhe a beleza, os soldados de Pina Manique resistem interpondo-se entre ela e a entrada fechada da casa para a qual Catarina torna o olhar, parecendo-lhe distinguir o esguio vulto de Leonor por trás das cortinas rendadas de uma das janelas. Isso dá-lhe o alento suficiente para jogar, falar o mais alto que conseguia:

– Caso não me deixem passar, receio termos aqui um grave problema. O meu marido é o visconde de Balsemão, Luís Pinto de Sousa Coutinho, ministro dos Negócios Estrangeiros e amigo pessoal do Intendente-Geral da Polícia.

E vistoriando em torno, com evidente desdém, pergunta:

– Quem deixou o Intendente no comando da guarda? Não me lembro de ver tamanho desleixo, nem nunca fui tão enxovalhada!

Mas já Luís de Ataíde se encaminha para aquela que tantas vezes ouvira dizer poesia nas suas assembleias, sem jamais ter conseguido nenhuma proximidade; ao chegar diante dela inclina-se, disfarçando a tremura dos dedos, e indaga com voz contida:

– O que pretende de nós a senhora viscondessa de Balsemão?

– Pretendo visitar a condessa de Oeynhausen, que escandalosamente a polícia mantém presa na própria casa.

Luís de Ataíde endireita-se, tentando manter-se impassível.

– Possui Vossa Excelência um salvo-conduto, alguma autorização a permitir a visita a D. Leonor de Almeida?

– Quer guerra senhor Luís de Ataíde? Então vamos ter guerra!

Sem pressa, Catarina encaminha-se de volta à sege depois de o atingir com um expressivo olhar de desprezo. Ele estremece como se tivesse sido esbofeteado, retorquindo num tom enrouquecido:

– Pelo contrário, senhora viscondessa, sou um homem cordato. Longe de mim querer entrar em contenda com uma dama de vossa estirpe e sedução.

Vê-a deter-se de imediato e voltar-se quase sorrindo.

A luta tinha acabado e ela ganhara.

Com galanteria, Luís de Ataíde faz questão de ser ele mesmo a franquear-lhe o portão, consciente da dificuldade que terá para explicar a Pina Manique uma atitude tão complacente da sua parte.

†

É a Catarina que Leonor acaba por entregar os poucos papéis que escaparam à busca dos sicários de Pina Manique: alguns bilhetes e versos, por estarem guardados numa pequena gaveta de segredo da escrivaninha da sua saleta de trabalho; pequenos mapas e planos, escondidos no fundo de um armário, deixados à sua guarda por Henri Forestier.

Através de Catarina despede-se de todos: manda palavras de mágoa e de adeus ao irmão, assim como a cada uma das filhas casadas, pedindo-lhes que tomem conta das irmãs, em estado de choque com a notícia de ficarem em Portugal.

Confia à amiga, igualmente, uma longa, secreta e perigosa carta para a Princesa Carlota Joaquina, da qual só deverá ser dado conhecimento a Pedro, e outra, acabada de escrever, para o Príncipe Regente.

Antes de a deixar, enchendo-se de coragem, Catarina conta-lhe a conversa que escutara entre o marido e o ministro Melo e Castro, assim confirmando as piores desconfianças de Leonor. E nos braços uma da outra fazem promessas de amizade eterna, que sem desfalecimento haverão de cumprir.

Nenhuma delas chora.

E quando Catarina sai, vai de mãos livres, bolsinha de cetim creme bordada com fios de seda frouxa pendurada no pulso. Transporta no corpo, disfarçados, os versos, as cartas para entregar pessoalmente aos Príncipes, e os documentos secretos que antes de partir Henri Forestier pedira a Leonor que guardasse.

†

João Ulrico anda sem tino de um lado para o outro na casa desarrumada, e ora corre para o jardim a fugir de Henriqueta e de Frederica, ambas em lágrimas a quererem apertá-lo nos braços sobressaltados, ora torna de olhos baixos, tentando desviar incomodado o olhar de Luiza, que o fita com ferocidade e despeito, como se fosse culpado de ter sido escolhido pela mãe para viajar com ela.

Rapazinho espigado e magro, onze anos desajeitados e solitários numa casa de mulheres, ele vai e vem em desamparo, por entre as arcas, os sacos e os baús espalhados a esmo no chão dos quartos, juntamente com as malas a serem feitas um pouco ao acaso, enquanto, desatenta, a mãe tão depressa se perde em devaneios de quem já não está onde ainda se encontra, como, nervosa e activa, deixa atrás de si um visível rasto de devastação: livros e cadernos à mistura com roupa branca e de rendas, fazendo lembrar nuvens de espuma; tecidos bordados, vestidos, saias e blusas, os chapéus com as suas plumas e fitas, e ainda os casacos, as calças e as camisas dele.

Tudo isto dobrado ao acaso, em cima das cadeiras e das camas, a fim de ser empilhado, levado naquela viagem tantas vezes projectada, prometida e sempre adiada, ao ponto de já nem se lembrar dela.

Agita-se em silêncio receando partir, mas envergonhando-se daquele súbito medo inconfessável que o apanha desprevenido e ele tenta iludir diante dos outros. Na verdade todos o ignoram, e se de passagem lhe dirigem a palavra esquiva-se, num encolher de ombros desanimado.

Apenas Luiza, nos seus dez anos determinados, imaginando a própria reacção caso tivesse sido ela a escolhida para partir, o julga jubiloso, calando o prazer que o domina, a fingir o contrário.

– Sonso! – acusa, enquanto o espia.

†

Jerónimo Esteves mal acabara o passaporte da condessa de Oeynhausen quando é chamado ao gabinete do Intendente-Geral da Polícia, que depois de examinar atentamente o documento o entrega ao irmão. E o oficial da secretaria estremece zeloso do seu trabalho, ao ver este guardar o passaporte com descuido no bolso da sobrecasaca e, sem pronunciar uma só palavra, sair pela porta falsa.

Inclinando a cabeça numa ligeira vénia a Pina Manique, já distraído da sua presença, Jerónimo Esteves por sua vez desliza por trás do cortinado a tempo de se esgueirar pela estreita fresta que os batentes já unem a retomarem o seu iludidor disfarce, e passando pelos «moscas» e os guardas armados que nem sequer o vêem, cosido na sombra, segue Joaquim António Manique quando este se apressa pelas traseiras, torna à direita a descer já o beco íngreme e, dobrando a esquina que o leva à Travessa da Cruz dos Anjos para onde dá a frontaria do edifício da Secretaria Geral da Polícia, se dirige a uma misteriosa carruagem negra parada à sua espera.

Num passo leve e ardiloso, Esteves aproxima-se mais, conseguindo vê-lo levar a mão sapuda ao bolso, por certo a confirmar a existência do passaporte, enquanto espera que o estribeiro lhe abra a portinhola lacada; e

mal entra na escuridão do carro ouve-se, vinda dela, uma voz troante que o oficial da secretaria reconhece ser do ministro João de Almeida de Melo e Castro, ordenando ao cocheiro para seguir rápido a caminho do ministério, no Terreiro do Paço.

Só depois de a carruagem desaparecer ao fundo da rua é que o oficial da repartição se recorda de outros curiosos pormenores, tal como o do inusitado interesse demonstrado na véspera pelo visconde de Balsemão acerca do passaporte da bela condessa de Oeynhausen, que ele agora desconfia estar a ser vítima

de uma elaborada intriga.

†

Leonor da Câmara só ao começo da tarde recebe a notícia da iminente expulsão da tia.

Incrédula.

Escuta o irmão contar-lhe o pouco que sabe, preocupado sobretudo com Henriqueta, prima de quem tem vindo a tornar-se cada vez mais íntimo, tão parecidos um com o outro que jamais se estranham ou desentendem.

Na verdade, o que sobressalta José Maria é o facto de não poder aproximar-se de Henriqueta e tomá-la pela primeira vez nos braços a defendê-la. É sabê-la incomunicável até à partida de sua mãe, prisioneira com as outras irmãs na casa da Boa Morte. Por tudo isso revolta-se, exasperado, contra o Intendente-Geral da Polícia.

– Afinal quem é que ele se julga para exilar a nossa tia Condessa de Oeynhausen e retê-la com as filhas na própria casa?

A irmã cala-se, e José Maria repara, admirado, na sua palidez doentia, mão direita levada ao coração, olhar quebrado fixo atrás das costas dele como se visse alguém que muito a perturbasse.

Perplexo, José Maria vira-se, a confirmar o compartimento vazio na normalidade da tarde; e no entanto ele tem a inexplicável sensação de haver mais alguém na sala, por onde perpassa uma oculta respiração mínima, um tudo-nada ofegante, à mistura com um levíssimo aroma

translúcido de pétala destroçada. Estremece, mas nessa altura a janela da sala abre-se de par em par, como se impelida pelo vento agreste, embora de fora apenas chegue a friagem da primavera.

Então, torna a voltar-se para a irmã, a tempo de ver os seus cabelos ondulando ao de leve como se estivessem a ser soltos por uma mão invisível a desmanchar-lhe suavemente o penteado severo. Arrepiado, José Maria dá conta das suas pálpebras descidas, do pescoço alto um tudo-nada inclinado para trás, como se supõe fazerem as crianças ao serem acariciadas pela mãe, cabeça encostada no seu colo. Mãe que ele guarda na memória através da descrição alheia, mas também como fruto do seu próprio imaginário: com a configuração de um lírio decepado.

Mais da natureza do mito do que da maternidade.

†

Escolhe sem hesitação as jóias que pretende levar consigo a caminho de Espanha: um fio de esmeraldas oferecido por Carlos Augusto, uma aliança de brilhantes que fora de Maria e uns brincos de ouro e topázios encimados por ligeiros rubis, a roçarem-lhe ao de leve a maciez dos lóbulos das orelhas.

Dera-lhos a mãe quando Leonor Benedita nascera.

Apoia-se ao de leve no rebordo talhado do toucador, madeira macia a reconfortar uma parte obscura de si própria. E ao erguer os olhos, admirada com esse sentimento inesperado, acha-se irreconhecível no espelho à sua frente:

olhar vazio sublinhado pelas olheiras escuras, boca crispada, faces vincadas que a palidez alonga.

Embora ainda inconsciente do abismo

para o qual está a ser empurrada.

†

Sabe que Pina Manique por nada deste mundo irá perder a oportunidade de ser ele a dar-lhe a ordem de partida para o exílio.

Na sala maior da casa, onde entretanto mandara repor a ordem desfeita na véspera pelos guardas do Intendente, Leonor senta-se num dos cadeirões, rodeada pelas filhas chorosas que a olham já em despedida. Aperta Luiza ao peito sem saber como explicar-lhe o motivo pelo qual Manique não a deixa levar juntamente com o irmão.

Leonor veste um vestido cor de malva demasiado ligeiro.

Na mesa junto à porta, encontram-se as luvas e o chapéu envolto num véu protector do pó das estradas. Alinhadas no chão da entrada, encontram-se as malas, as arcas, o saco dos livros e os baús já fechados. A seu lado pousara o estojo de escrita que usa durante as viagens, contendo os aparos, o afiador, o areeiro e o tinteiro com íman no rebordo interior da tampa de prata, onde mandara gravar a primeira letra do seu nome quando vivera na Áustria. Sobre a escrivaninha pusera os livros de versos tirados da estante para levar junto dela no banco da carruagem: os sonetos de Camões, os poemas de Goethe e de Schiller.

Desde que se apercebera da impossibilidade de chegar à Princesa Carlota Joaquina, na Quinta Real de Caxias, abandonara qualquer ilusão acerca da sua sorte. E rodeada por Frederica e Henriqueta, a quem proibira lamentos e lágrimas derramadas, Leonor limita-se a aguardar com aparente serenidade o Inspector-Geral da Polícia.

Está certa da sua vinda, exorbitando na arrogância e na grosseria, brandindo a ordem da sua expulsão. Mas Inácio Pina Manique fará sobretudo gala na assinatura do Príncipe Regente

no documento que a levará ao exílio.

†

A camareira D. Juliana Xavier Botelho corre a contar à Princesa Real que a condessa de Oeynhausen está a ser expulsa do país, notícia trazida com carácter de urgência pelo marquês de Sabugal. D. Carlota Joaquina, que aguardava já impaciente a chegada da sua primeira dama de honor à

Quinta Real de Caxias, queda-se incrédula no centro das fidalgas e damas da Corte que, nos seus vestidos coloridos e transparentes, se reclinam em almofadas de cetim e renda de Bruxelas nas pequenas esteiras delicadas, a descansarem com evidente agrado à sombra perfumada das árvores.

Alguém ajuda a espalhar o langor na fímbria da tarde, tocando à viola um bolero dolente e sofrido que o ruído translúcido das águas da cascata sublinha, indo em surdina transformar-se no banho de Diana, rodeada por ninfas toldadas por um leve vapor a cristalizar-se nos repuxos cintilantes dos lagos.

Harmonia

que a Princesa do Brasil quebra ao erguer-se desabrida, atirando para longe o leque de seda pintada, voz estrídula na sua mistura de português e castelhano, línguas que ela sempre atrapalha uma na outra quando é tomada pelo destempero:

– Por Dios, que me dices D. Juliana?! Malditos!

E a partir dessa altura a notícia da expulsão da condessa de Oeynhausen espalha-se como um rastilho, apesar de ninguém parecer mover-se do lugar onde se encontra, olhos em baixo e rostos inexpressivos.

Apenas a açafata D. Mariana Pereira de Carvalhal, filha do marquês de Santarém, lembrada da intervenção de Leonor de Almeida junto da princesa do Brasil no caso do seu contrariado romance amoroso com João do Rego, permite que lhe perpasse fugazmente pelos lábios um sorriso de júbilo, logo prudentemente apagado.

Sentindo-se de novo desautorizada pelo marido, que jamais perde uma ocasião para a ferir e humilhar, desse modo tornando evidente quanto é irrisório o seu desejo de intervenção no governo do Reino, a Princesa Carlota Joaquina, entendendo-se desobrigada de qualquer contenção, alimenta já de bom grado com as achas da própria ira o lume de raiva surda que, ao incendiar-lhe o peito, acaba por lhe aliviar a alma.

Seguida pelas fidalgas enfadadas, pelas aias prestativas, pelas infantas distraídas mofando umas das outras e pelas açafatas contrariadas, apressa o passo arrastando a bainha do vestido bordado a ouro pela poeira dos

labirintos dos jardins de buxo aparado e corredores de verdura, pelos quais chegará mais depressa aos seus aposentos na ala central do Palácio, onde a aguarda o marquês de Sabugal. À medida que escuta o que ele tem para lhe dizer, os seus olhos vão-se toldando por uma nuvem de ódio.

Sem assistir ao lançamento do aeróstato há semanas aguardado com entusiasmo por todos, volta a Queluz à hora do crepúsculo, mas não encontra o marido que, prudentemente, continua em Mafra. Impotente, revolve-se, revolta-se, dedos nervosos segurando e erguendo a roda do vestido, enquanto percorre de um lado ao outro os corredores do Palácio. E durante a madrugada insone não é necessário estar-se atento para lhe ouvir o raivoso desabafo:

– Io los mato, cabrones de un raio! Io los mato!

†

Depois de ter mostrado a Leonor de Almeida, com todo o regozijo possível, a ordem para o seu afastamento de Portugal assinada pelo Príncipe Regente, e não encontrando nela nem a palidez nem a resistência exaltada, Pina Manique, desiludido, prefere afastar-se para o interior da sua carruagem, onde fica atento a todas as movimentações em redor da casa.

Diante do portão, no sentido da subida da calçada estreita, espera-a a carruagem rodeada pela Guarda Real da Polícia. E quando ela aparece, trazendo o menino a seu lado, inclina-se para a frente, a adivinhar-lhe, mais do que a ver-lhe, o olhar de safira nublada, rosto erguido para receber a intensidade do sol. Quem sabe se a detectar o perfume listrado das rosas trepadeiras de um vermelho intenso, debruçadas e a descaírem já dos muros altos, matizando o cheiro encorpado da madressilva em flor que àquela hora sempre inunda os quintais e as áleas silenciosas, os caminhos dos jardins e das quintas em direcção à Basílica da Estrela.

Suspeitoso, o Intendente tenta adivinhar pela última vez o seu pensamento e também o seu sentir. E de súbito, estupefacto, dá-se conta que, se bem lhe conhece o orgulho e a mente fantasiosa, é muito provável

que D. Leonor de Almeida esteja convicta de partir ao serviço da Pátria, desempenhando a secreta tarefa de que, segundo ela, o Príncipe Regente a teria incumbido.

†

ANGELUS

Não a posso proteger…

não te posso proteger, tomar-te nos braços a voar contigo pela infinitude, minha Cassandra do fio das estrelas, minha Eurídice através das constelações dos céus. E pela primeira e única vez permito-me ser imprudente: estendo a minha mão até ao teu ombro esquerdo, como se tocasse um astro, aflorando o teu coração de rubi um pouco mais abaixo, no sobressalto.

E a luz irisada da tarde revela-me a teus olhos:

as asas

a aura.

O olhar transparente – com a lividez mórbida dos lírios e dos seres alados.

Pronto a perecer pela tua estranheza.

Pela tua beleza.

†

A Guarda Real da Polícia forma uma estreita ala por onde Leonor passa apertando os dedos crispados do filho na sua longa mão nua, onde apenas brilha um rubi ensanguentado.

Olhar de pedra, a contrastar com a falta de expressão do rosto pálido, porte altivo a intimidar os militares que irão ter a ingrata missão de

escoltá-la durante a viagem, cuidando de que atravesse a fronteira com a Espanha.

Suprema ironia para quem anda há meses a aguardar em vão uma ordem do Príncipe Regente para obter um passaporte juntamente com cartas de recomendação. Mas não suportando ser tratada daquele modo, Leonor dispõe-se a acreditar que todo aquele aparato não passe de mera encenação, com a finalidade de a levar para fora do país nos termos que ela propusera ao Regente: fazendo constar publicamente a sua expulsão de Portugal, a fim de iludir Bonaparte.

Leonor avança ostensivamente com vagares de provocação, e quando um dos militares da Guarda Real da Polícia a quer ajudar a subir para a carruagem, ciente do olhar de regozijo de Diogo Inácio de Pina Manique que de algum lugar a espreita, recusa com um obstinado e seco movimento de cabeça, fazendo rebrilhar ao sol os seus cabelos de ouro.

A carruagem parte e Leonor, apesar de ter prometido a si própria o contrário, volta-se, a distinguir a custo, por entre os ombros fardados dos soldados, as portas e janelas fechadas da sua casa, tal como havia ordenado às filhas.

Varandas desertas debruçadas sobre os jardins entorpecidos.

†

Lilias Fraser apercebe-se do anjo, antes de o ver materializar-se diante de Leonor.

«Minha única…» – lê no seu pensamento, enquanto expondo-se ele se perde a si mesmo prestes a estilhaçar-se, cristal ou pétala ou vidro transparente, numa fragilidade diáfana. E por um curtíssimo segundo as suas asas abrem-se, primeiro tremeluzindo de luz cintilante a matizar-se, e por fim resplandecendo com um ardente fulgor.

A cegar quem olhe para a sua desmesurada beleza.

Mas interpondo o seu próprio olhar, Lilias vela o de Leonor, que mesmo assim estremece deslumbrada e vacilante no passo, sem no entanto se deter, guiado pelo poder de Lilias, que desde a alva se resguarda entre a

folhagem das árvores maiores do jardim em frente da casa da Rua da Boa Morte.

Tomada pelo anjo,

Leonor debate-se na turvação dos sentidos, e sem ter consciência do espaço refulgente onde se abisma, entra na carruagem com o menino largado há muito da sua mão levada ao peito, onde o coração parece imobilizado.

Lilias, que está ali para cuidar da sua partida, enreda-a até lhe encontrar os olhos límpidos onde mergulha os seus, a encontrar uma luz exaltada, limpa de qualquer vestígio de negrume, que a tranquiliza.

Conhecedora da paixão que a espera.

†

Mal Leonor acabara de atravessar o Tejo rumo a Aldeia Galega, olhar perdido nas águas sombrias do rio, já Henri Forestier, impaciente, bate à porta da sua casa, coração em sobressalto, ansiando por apertá-la nos braços.

Olhando com cautela ao longo da Rua da Boa Morte habitualmente vazia àquela hora da tarde, está longe de imaginar o acontecido a Leonor. E tal como o seu amigo Charles de Céris, examina suspeitoso as janelas com as suas portadas de madeira cuidadosamente fechadas. Ambos sentem o peso do silêncio, cortado apenas pelo som metálico da sineta, que Henri volta a puxar, dando conta de como o sol faz brilhar as pétalas púrpura das rosas debruçadas no muro que ladeia a casa e no cimo do portão gradeado à sua frente.

Enquanto espera, endireita no peito o colete com abas, calças justas nas pernas altas, das quais sacode um pó inexistente. Em seguida tira o chapéu para passar no cabelo basto os dedos inquietos, menos alisando do que revolvendo, desatento e ansiando por se encontrarem a coberto da perseguição implacável dos agentes de Fouché.

Depois de aguardar um tempo que lhe parece interminável diante das grades do portão de ferro, por trás do qual parece defender-se a casa

estranhamente vazia, a porta abre-se, Frederica aparece, e pára a fitá-lo fixamente de longe. E quando a vê descer a escada e começar a percorrer a alameda na sua direcção, Henri Forestier percebe
que algo de muito grave acontecera a Leonor.

†

Frederica, que nunca gostou de Henri Forestier,
sente prazer ao vê-lo empalidecer, à medida que vai contando com todos os pormenores o exílio da mãe, misturando a realidade com a ficção, entrançando detalhes verdadeiros com outros inventados, exagerando o desgosto e a aflição, acrescentando com deleite particularidades fantasiosas da humilhação a que Leonor fora sujeita.

Narra ainda com minúcia o arrepio que a fizera estremecer ao sair de casa como se fosse sacudida pela aragem, os brincos de brilhantes reverberando ao sol da tarde, os sapatos bordados a pérolas resvalando nas arestas das pedras, os dedos fincados no tafetá anil da saia que erguera para não sujar a bainha com o pó da rua.

Demora-se por fim a descrevê-la, delicada e solitária, passo vacilante a entrar na carruagem com João Ulrico pela mão. Refere a inexplicável cintilação do ar tremeluzindo à sua passagem. Relata-lhe a partida, rodeada pela Guarda Real da Polícia, a caminho de Espanha.

Henri esconde atrás das costas as mãos que tremem.

†

Segue com João Ulrico a seu lado,
atordoada e exaurida, pelas estradas portuguesas numa velha carruagem desconjuntada, cortinas de couro corridas na vontade de se alhear de tudo e nada ver, escoltados por uma força da Guarda Real da Polícia, que os vai conduzindo com malas, sacos e baús, depois de uma demorada travessia do Tejo até Aldeia Galega, seguindo pelo meio do pó que as patas dos cavalos levantam em direcção à fronteira.

E diante da insistência do filho em querer saber pormenores da viagem e do motivo da pressa que os levara a sair – mais parecendo fugir – de Lisboa, encolhe os ombros e manda-o calar, sem resposta,

no maior desamparo.

Ignorante de tudo, mesmo do próprio percurso que os espera, já que nada lhe fora permitido inquirir. Sem nenhum nome, nenhum endereço onde se dirigir, sem dinheiro. Sobretudo sem as tão ansiadas cartas de recomendação do Regente e dos seus ministros.

Sem nenhum documento oficial que a acreditasse.

†

Acabada a visita de Leonor, sol púrpura a descer no horizonte, Gonçala voltara à sua cela para morrer. A cintilação maior começara já a deixá-la,

com enfraquecimentos de vela.

E enquanto tudo à sua volta parecera ganhar as brumas das sombrias profundezas, ela sentira-se ascender despojada, subindo cada vez mais leve e alto, ténue e volátil, levada pela paixão que, ao teimar abandonar-lhe o corpo deitado sobre a cama, passara a alimentar-lhe o pensamento com a sua deslumbrada luz reverberando.

«*Que mude el deseo pensando*» – minha Teresa de Ávila!

Ao saber da expulsão de Leonor para Espanha, Gonçala resvala no desmaio, num último esvaimento esmaecido. E ainda a amiga vai nas estradas para Madrid, quando ela perde o conhecimento num estremecer convulso, uma lágrima equívoca a descer devagar na sua face lívida, como se hesitasse entre as estrelas extintas e a mudez dos lábios.

Graça ou condenação?

Mas a chama consome-se no seu peito, sem nenhum revoar de ave perto da janela para lhe adoçar os derradeiros momentos.

Queda, mas também último arrebatamento de flor-de-lis, que se reconhece lírio mas se deseja rosa

ao abandonar a vida.

†

Durante a viagem Leonor passa as noites em claro. Mal refeita das agressões de Pina Manique e da conivência dos ministros, para além de outras traições que sempre magoam mais que tudo o resto, e sem saber analisar os poucos dados contraditórios que possui, sente-se perdida.

Na verdade, entre o que combinara com D. João e o seu aparente exílio a caminho de Madrid existe um hiato que ela não consegue compreender. Por mais que tente convencer-se de que o seu desterro não passa de uma encenação imaginada pelo Regente sem a prevenir, Leonor apercebe-se da dissonância demasiado visível, do amargor da traição com o seu odor acre.

Assim, perdidas as últimas ilusões sobre a lealdade, sentindo-se traída pela política, tenta socorrer-se da poesia, a preferir transformar em versos a ambição que a levara ao convívio com a mediocridade, a deslealdade e a hipocrisia. Refugia-se na língua portuguesa enquanto a levam para longe de Portugal.

Procura a reflexão e a razão, consciente de que todos aguardam dela a desordem do espírito, esperando os seus inimigos vê-la soçobrar na construção da própria perda. Talvez de imediato lhe tenham roubado o sonho, mas não conseguem retirar-lhe a vontade de o retomar, nem a constância diante dos ideais, a tenacidade perante a utopia.

Para além da capacidade de se erguer em plena queda.

Afastam-na da pátria, sem meios de nenhuma espécie, mas não logram retirar-lhe o exercício do patriotismo. Tentam despojá-la do orgulho mas, ao contrário do que supuseram, não a privam de tentar de novo o empenho político caso dele dependa a derrota de um déspota.

Sabe que irão querer matá-la pela errância dos caminhos da liberdade; cabe-lhe evitar as armadilhas, detectar a tempo os venenos, antever o brilho lívido das lâminas das armas, antecipar-se ao zunido das balas. Sem contar com a habilidade e a argúcia

para lhes trocar os passos.

†

Henri Forestier desejaria poder voar.

Montando Pégaso,

e não o banal cavalo conseguido em Lisboa, a fim de ir atrás de Leonor, a querer alcançá-la apesar da grande dianteira que ela leva. Enquanto ele, clandestino, terá sempre de se esgueirar pelas sombras, escapando pelos acessos e os atalhos dos montes, resguardando-se dos olhares dos espiões de Napoleão que o perseguem, lhe seguem o trilho e as pegadas.

A ter de limitar-se a observá-la de longe, quando ela saísse a desenredar as pernas do cansaço que as prende. Mas a escolta de Leonor anda mais depressa do que a vontade dele deseja. Impotente para pôr termo às impossibilidades que os separam, ou a tudo o que, ao empurrá-los um para o outro, afinal os desune e distancia.

Céris ficara para trás, a afastar-se do desassossego dele, crente que o amor sempre perturba e enfraquece as defesas, torna imprudente quem ama, levando a perigos desnecessários que nenhum dos dois deve correr.

†

DIÁRIO

Lástima seria ver reflectido em mim o meu contrário.

Deixo para trás o passado, ansiando pela aproximação da aventura política que sempre me convoca

e desafia.

Eu sou o meu próprio futuro.

A caminho de Madrid, Março de 1803

†

À sua beira o menino dormita, embalado pelo passo irregular dos cavalos e pelas vozes monótonas dos guardas que, contrariados, os acompanham ladeando a carruagem.

Febril, Leonor vai dando conta dos lugares e vagares da viagem interminável, um dia seguido de outro dia ainda mais lento. E sem saber de quê adoece, o suor frio a perlar-lhe a fronte, tentando em vão controlar os arrepios que a fazem tremer envolta no xaile onde se aconchega, apesar do calor.

Leonor não entende de que mal físico padece, e nas estalagens onde passam as noites deixa-se ficar amodorrada em banhos tépidos, encolhida em tinas ou bacias de zinco, tentando expurgar as febres que a minam. Depois, Thérèse, que sempre a acompanha, fá-la beber, soerguida na cama e apoiada nas almofadas com entremeios bordados trazidas de Lisboa, chá de dedaleira purpúrea: vinte grãos contados na palma da mão, deitados um por um na água fervente do bule de porcelana.

Tentando ajudar o coração que desfalece no seu peito aflito.

E nas longas madrugadas de insónia, depois de se revolver inquieta e exausta entre os lençóis, acaba aceitando a tranquilizante tisana de erva-moura. Mas nas noites de maior cerração da alma levanta-se à hora a que todos dormem e, num passo furtivo, vai tirar da arca o láudano,

que a transporta a um sono sem lua.

No dia seguinte João Ulrico, assustado com a lividez da mãe, espia-a por entre as pestanas descidas, cabeça encostada às costas do banco. Sabendo-se único alvo da atenção do filho, Leonor tenta mostrar-se animada, atenta às árvores e arbustos que ladeiam as estradas, às plantas e flores selvagens, debruçando-se a observar as manchas azuis das pervincas meio escondidas no mato. E acaba por puxar conversa com o menino entristecido, sobre as saudades que ele já sente da vida largada para trás, estranhando a viagem que o enclausura, a tolher-lhe os movimentos, a levá-lo para longe dos jardins da casa da Boa Morte onde tanto gosta de

correr e das áleas geométricas de buxo que circundam a bela casa de Benfica da irmã mais velha.

Culpando-se por preferir ter ficado à sua guarda.

Entre os dois estão livros espalhados ao acaso. Leonor folheia-os distraída, lendo alto poemas ao acaso, a tentar encontrar alento. Nos sonetos de Camões redescobre a vertigem e o lirismo de versos que sabe de cor, buscando de seguida em Goethe ou em Schiller o fio dos sentimentos extremados, procurando iludir o desconsolo da alma.

E se a tempestade onde está mergulhada se assanha demais, abocanhando-lhe os nervos destroçados, língua a ganhar um zebrado e amargoso sabor a fel, não consegue evitar que lhe invada a mente a imagem por demais nítida de uma destilada gota de veneno, insidiosamente a envenenar-lhe o futuro.

†

Na mesma carta em que Lannes, entretanto regressado a Portugal, dá conta a Talleyrand da expulsão da condessa de Oeynhausen, comunica a curta passagem por Lisboa dos generais da Vendeia Henri Forestier e Charles de Céris. Iludindo o facto de Forestier ter voltado a fim de rever essa mesma condessa, fidalga sobre quem a França afirma possuir sérias provas de andar há muito a conspirar contra Bonaparte.

Não estando Leonor de Almeida em Portugal, Lannes não vê necessidade de sobrecarregá-la com novas suspeitas, que só tornariam ainda mais perigosa a sua estadia em Madrid. Intensificando os riscos que, se bem a conhece, ela já está a correr.

E quando a Princesa Carlota Joaquina o chama ao Palácio de Queluz a querer saber da sua boca qual fora o papel por ele desempenhado em toda a traiçoeira intriga que acabara por exilar a sua melhor dama de honor, Lannes vai até ela evitando a verdade. Calando também à Princesa a passagem por Lisboa dos generais da Vendeia, que só por sorte conseguiram fugir à perseguição movida pelos espiões franceses, no rasto dos seus passos clandestinos a caminho de Madrid.

Ao encontro de Leonor de Almeida?

†

Entre a muita correspondência que naquela sexta-feira chega pela mala diplomática há uma carta especialmente confidencial assinada pelo visconde de Balsemão e endereçada ao embaixador de Portugal em Espanha, Cipriano Ribeiro Freire.

Informa-o o ministro português da expulsão da condessa de Oeynhausen e da sua iminente chegada a Madrid. Recomendando-lhe que com ela seja firme no trato, «*sem nunca deixar de ser amável e aparentemente cordato*».

Ordena-lhe porém que não ceda em nada se descortinar nas suas palavras ou actos indícios de conspiração política, para a qual, não obstante o seu sexo, D. Leonor de Almeida sente uma inclinação excessiva. Devendo ele impedi-la, embora sem conflito, de tomar qualquer inaceitável atitude que possa ir contra as directrizes traçadas pelo Estado português, «*arriscando de alguma maneira prejudicar o bom relacionamento do nosso País com as nações de Espanha e também de França*».

O diplomata relê em sobressalto as palavras do ministro, entendendo-as como um evidente aviso no sentido de, enquanto embaixador português, se resguardar o mais possível do convívio com a condessa de Oeynhausen.

E já conhecendo quase de cor o documento, o ministro plenipotenciário dobra com cuidado as folhas, que pousa no tampo grosso da secretária de mogno, onde se amontoam em moderada desordem os documentos entreabertos, os passaportes e os ofícios ainda sem despacho.

Preocupado, Ribeiro Freire adivinha sérias complicações para os próximos tempos.

†

Quando entram em Madrid ao fim da tarde, o sol desaparece refulgindo no horizonte, ainda a cintilar nos pequenos vidros das janelas das casas.

Tomada por uma inquietação nervosa que a faz curvar-se sobre si própria, Leonor sente-se exaurida, doente e suja, o vestido de cambraia violeta amachucado e colado às pernas pelo suor da febre. A ondulação desfeita dos cabelos emaranhados pelo vento, os olhos ardendo, a pele do rosto estalada e seca, lábios gretados pelo pó das estradas.

Os arrepios e os desfalecimentos nocturnos acompanharam-na durante a viagem, a sentir-se asfixiar no ar abafado da carruagem.

Atravessada a fronteira de Portugal para entrar em terras de Espanha com um passaporte que só lhe fora entregue na altura, ficara livre da humilhante presença da Guarda Real da Polícia. Mas nem isso lhe apaga no peito a opressão, a insegurança a desacertar-lhe o pulso.

Consciente das dificuldades que irá encontrar, desamparada, pergunta a si própria a quem recorrer naquela hora, estrangeira numa cidade onde não conhece ninguém que os receba e lhes dê guarida.

Cabisbaixa, não responde a nenhuma das perguntas do filho nem repara como ele se debruça, pendurado na portinhola que leva entreaberta, enquanto o cocheiro vai tentando a custo abrir caminho por entre as ruas apinhadas e as pessoas que sem cuidado atravessam diante dos cavalos assustados.

Passada a Puerta del Sol, Leonor reconhece com alívio a Plaza Mayor e, no limite das suas forças, manda atrasar mais ainda o passo dos animais, a fim de encontrarem uma hospedaria.

†

Ao examinar cada um dos aposentos alugados numa hospedaria situada longe do centro de Madrid, Leonor reconhece estar diante da imagem do seu próprio futuro, que ela prevê construído por dias de tristeza e de desertos da alma.

Desconhece o que lhe faz manter no peito o coração aceso.

Frente a tanta aridez a tocar a penúria, a tanta mediocridade a tornar-se incúria, a tanto mau-gosto a ultrapassar o suportável, empenha-se em conseguir dominar a tremura dos dedos com que ergue um tudo-nada a

saia do vestido de cambraia lilás que escorrega solto ao longo das ancas a adelgaçá-la.

Sem forças, Leonor acaba por se sentar na borda de uma cadeira de braços de madeira gasta, lascada nas costas e nas pernas cambadas, enquanto Thérèse vigia a criada que, aturdida, tira dos baús os lençóis para fazer as camas, e tenta de seguida pôr um pouco de ordem onde reina o caos.

João Ulrico, cansado, cabeceia de sono.

Perto da janela de sacada, uma escrivaninha de pinho empoeirada e velha parece no entanto esperá-la. E Leonor manda trazer o saco dos livros que a acompanhara durante toda a viagem.

Alguns dos volumes espalhados no assento do carro.

†

DIÁRIO

Desconheço o que me faz manter no peito o coração aceso.

No entanto, não sei durante quanto tempo poderei impedir-me de sucumbir ao desalento, se quando olho à minha roda só distingo ruínas, desacertos e traições, sem claridade nenhuma. Cada dia que passa distancio-me mais de Portugal e dos meus entes mais queridos.

A partir de agora que futuro me espera?

Restam-me as Luzes, os versos e os livros.

Madrid, 24 de Abril de 1803

†

Quantas vezes se estilhaça o coração com a beleza

dos amores proibidos.

Das batalhas e das paixões impossíveis, de entrega e queda, na penumbra da culpa. Henri Forestier não sabe o que pretende de Leonor, mas ansioso por apertá-la ao coração, persegue-lhe o rasto, segue-lhe o trilho, mas sempre a perdê-la ao longo das estradas por onde ela já passara antes. A deixar – inventa inseguro – um finíssimo rasto de perfume que lhe causa vertigens.

Nunca conhecera uma mulher como ela.

Reverberação e luminosidade.

E não querendo perdê-la, regressara aos seus braços, como se estivesse contaminado pelo bago da romã dos seus lábios, de doçura áspera e risível. Mas Henri tomar-lhe-ia de bom grado o oculto veneno da boca, desconhecendo o antídoto que salva.

Será ela um dia a sua queda?

A sua perda?

Estremece, embora sem temer a própria avidez amorosa, que poderá vir a ser a causa primeira da sua morte. Ele, vencedor de batalhas; ele, general da Vendeia; ele, sem misericórdia, tão implacável quanto Aquiles – assim o tratam, o chamam, o apelidam em França.

De posta em posta Henri vai trocando de cavalo, a ignorar o sono, demorando-se a iludir os espiões assassinos que continuam a persegui-lo desde Lisboa. E ele, que ignora o medo, o fim, os perigos intransponíveis, por não ter conseguido alcançar Leonor antes de ela chegar a Madrid

sente o peito despedaçado.

Arde de paixão.

†

Leonor percebe que os próximos tempos serão de abandono e de saudade, em dias de isolamento e tristeza. Escreve às filhas mais velhas, a Catarina e Joana Isabel Forjaz, e enquanto aguarda cartas de Portugal, responde ao bilhete enviado pelo embaixador português em Madrid, que

embora amável se mostra distante e ambíguo, parecendo fugir ao seu contacto.

Não obstante, tenta encontrar motivos para continuar a acreditar na vida e no significado libertador das Luzes para ela tão caro, sem saber no entanto como dar cumprimento à tarefa política de que se sente incumbida.

A renascer das próprias cinzas.

Mas, sem poder contactar Henri Forestier,

por vezes vacila.

†

Apesar de nos primeiros tempos

dar mostras de tratá-la com muitas civilidades, Cipriano Ribeiro Freire adia quanto pode receber Leonor, cuidando de que as conversas entre ambos se passem sempre diante de testemunhas. E temendo o que ela possa escrever à Princesa Carlota Joaquina, ao Cardeal Patriarca e até ao próprio Príncipe Regente, atrasa a expedição das cartas que a condessa lhe entrega a fim de seguirem para Portugal através da mala diplomática.

Leonor não sabe dos atrasos propositados, mas desconfia, assim como se apercebe dos subterfúgios por ele engendrados para a manter longe da Corte dos Reis Católicos e afastada do Príncipe da Paz, que chegara a mostrar-se interessado em recebê-la.

Tranca-lhe as portas que, nas suas funções de embaixador, deveria abrir. E como da Corte de Portugal ninguém responde às suas missivas, Leonor permanece sem meios para levar a cabo a missão na qual se sente investida pelo Regente, de quem jamais recebera qualquer ordem a cancelar o que ficara, em seu entender, politicamente firmado entre ambos.

†

Várias vezes Henri Forestier corre o risco de se ver descoberto e apanhado pelos espiões de Bonaparte, que desde Lisboa vêm teimosamente em seu encalço, conseguindo ele esgueirar-se sempre no último segundo. Mas ao ver-se cercado pelos esbirros de Fouché, teme ser preso, e sem esperar por Charles Céris que, contrariado, continua a atrasar o passo,

disfarça-se sob outra identidade, e vê-se obrigado a esconder-se sem saber por quanto tempo. Serão semanas que lhe parecem uma eternidade. E não estando seguro de que Leonor continue em Madrid, vive dias de pesadelo e noites mal dormidas.

Julgando tê-la perdido para sempre.

†

DIÁRIO

Continuando a ser invisível para os funcionários da embaixada de Portugal em Madrid, acabei por entrar em contacto com o embaixador de Inglaterra, um homem cortês e interessado em escutar o muito que tinha para lhe dizer. Ouviu em silêncio os meus relatos, seguiu com atenção os meus planos, tal como a minha análise acerca do que está a acontecer na Europa, particularmente em França.

E tendo referido a certa altura os meios precários com que eu e João Ulrico sobrevivemos, apresentou-me ao banqueiro Diego Carrera, que me surprendeu pela correcção e delicadeza do seu trato, desacostumada que ando de civilidade. Vi-o afligir-se com o meu estado, acabando por prometer socorrer-me.

Madrid, 16 de Maio de 1803

†

Tinham-se conhecido quando anos atrás Leonor passara em Madrid a caminho de Portugal, vinda de França. Maria Agustina de Carvajal, duquesa de Granada, que nunca se esquecera da sua cintilação nem dos seus versos, quando sabe do seu exílio em Madrid, manda perguntar na Embaixada Portuguesa o endereço dela e, levada pela grata recordação da conivência gerada entre ambas, procura-a.

Leonor recebe-a com vergonha nas modestas instalações onde está acomodada, mas a duquesa espanhola, embora impressionada com o lugar onde descobrira a amiga, agarra-lhe nas mãos enquanto conversam, como se tentassem recuperar o tempo perdido durante os anos em que não se viram.

Leonor, com um vestido de seda verde-esmeralda, está linda, e Maria Agustina, encantada de novo com a sua beleza e o seu espírito, apercebendo-se de como se encontra isolada, convida-a para o seu salão. Agradada, Leonor acede, e na noite seguinte acaba por chamar sobre si a atenção de todos.

Com a sua cultura e inteligência.

Pela sagacidade e entusiasmo com que fala de política.

Mal ela chegara, a duquesa de Granada apresenta-a a Louis Justin Marie, marquês de Talaru, com quem Leonor se encontrará nas próximas semanas, no começo de uma amizade leal que a irá socorrer no futuro em situações-limite pelas quais passará naqueles conturbados tempos em Espanha. E quando Louis Justin Marie lhe propõe mudar-se com o filho para uma das suas casas vagas no centro de Madrid,

Leonor aceita sem hesitar.

†

Para ela é tempo de ressurgir da sombra como flor-de-lis,
num roseiral de sol.

Sua natureza de luz: raiz, rizoma e laço ou liame de atadura ao passado, em nós entrelaçados como atilhos de sangues e identidade, caule subterrâneo das plantas vivazes.

Longa mão a estender-se até à sua anca, rosto em contraluz sempre indefinível, pois no indecifrável Leonor nunca encontra a própria medida, nem nenhum traço que lhe faça o retrato. Nem lábios possíveis que lhe desenhem a boca, nem palavras indefiníveis capazes de repetirem os seus versos.

Mas o que é a poesia senão asa? Senão ir até à impossibilidade de si mesma?

Porque não existe medida para o resplendor e para o êxtase.

Coração escarlate no desconcerto do peito.

†

O embaixador português teme-a.

Receia-lhe a ousadia, a inteligência, o destempero.

O esplendor.

Preferia-a longe da turbulência de Madrid, afastada dos centros do poder e da política, instalada numa medíocre hospedaria onde ninguém a visitava. Esquiva-se a abrir-lhe as portas da Corte espanhola, recusa-se a escutar-lhe as reclamações.

Desesperada, Leonor acaba por voltar a escrever ao Príncipe Regente. Espera que a madrugada desça com o seu calamento, para começar a carta que tem vindo a adiar dia após dia:

†

«Senhor

Salvar Vossa Alteza Real dos riscos e dos desastres de que o via ameaçado, cumprir à risca as ordens que me deu e nunca revogou, dar conta da minha conduta ao mundo, que mil calúnias poderão ter iludido, eram os negócios mais importantes que puderam decidir a minha viagem,

pretextada como Vossa Alteza Real sabe e consentiu que fosse. Se a confusão dos últimos tempos lhe fizeram perder de vista quanto me ordenou, nada mo poderia fazer esquecer a mim, vendo crescer os perigos da minha Pátria e de Vossa Alteza Real.»

Pára por instantes de escrever, distraída pela brisa quente da sua primeira primavera em Madrid: mistura de perfumes e noite que, vinda do jardim da praça em frente, chega até si pela janela deixada entreaberta. Mas logo continua num esforço de vontade:

«Tudo consegui, mas cousa alguma se fará se Vossa Alteza Real, por uma carta sua, me não recomenda a Suas Majestades Católicas de um modo tal, que eu não tenha obstáculo para tratar, em nome de Vossa Alteza Real, tudo quanto lhe é preciso e pode desejar. Inglaterra sustenta a Vossa Alteza Real como necessita. Espanha concorda no plano que Vossa Alteza Real aprovou e quis que eu viesse tratar em outro tempo. Para prova desta verdade, vai este expresso que eu não teria meios de mandar-lhe, se me não apoiasse uma autoridade muito superior.»

Sorri para si mesma a imaginar a reacção do Príncipe Regente a estas suas linhas assertivas, a colocá-lo diante de uma situação que ele talvez preferisse esquecer. Ainda assim, continua no mesmo tom directo, embora respeitoso:

«Se Vossa Alteza Real ainda está pelo mesmo que me disse, se as infames calúnias não têm surpreendido a sua religião e senso, eu sou a mesma a quem Vossa Alteza Real agradeceu tantas vezes o zelo com que lhe persuadi verdades que seguram o seu trono e a sua glória. O sinal que lhe prometi e que há-de provar quanto digo, e a firmeza das alianças que necessita para livrar-se do jugo que o oprime, irá logo que Vossa Alteza Real me escrever e me recomendar a esta Corte. Mas se não quer ser servido, nesse caso fique certo que prefiro finalmente o descanso, o silêncio e o esquecimento da suma indiferença com que têm sido pagos os meus esforços.»

A dor de cabeça que a rondara todo o dia irrompe de súbito, fazendo vacilar a sua mão. Mas continua a escrever o que deve ser escrito, a dizer

o que pretende dizer, sem subterfúgios:

«Amo os meus Príncipes, a minha Pátria, a minha família, a minha Nação. Fiz por eles quanto pude e quanto soube. Vossa Alteza Real mesma achará que tenho razão para calar-me, descansar e abandonar uma empresa que só serve para atrair-me dissabores. Queira Vossa Alteza Real dignar-se reflectir que esta é a última tentativa que faço a favor da sua causa, reflectir que falo assim porque venci tudo, e decidir se quer perder-se ou aproveitar-se dos meios que eu lhe ofereço.»

E num último esforço e emoção contida, Leonor termina o que tem para declarar ao Regente, a quem escreve com o intuito de o pressionar uma derradeira vez, prometendo-lhe o que ela não sabe poder dar-lhe como sendo certo:

«Digne-se Vossa Alteza Real dar-me as suas ordens, porque sem elas nada se há-de fazer. Não precisa Vossa Alteza Real fazer nenhum esforço a meu respeito, nem de dinheiro nem de palavras. Uma ou duas cartas de recomendação para El-Rei e para a Rainha, assim como para o Príncipe da Paz, são suficientes para tudo concluir. Inglaterra se obriga a defender todas as suas Colónias e a socorrê-lo com o excedente das forças e dinheiro que é preciso para a sua própria defesa. Espanha entrará com uma perfeita liga para a defesa recíproca da Península, garantindo os Estados de Vossa Alteza Real, concordando Vossa Alteza Real em contribuir do modo que sabe para a defesa geral. Veja se quer concordar nisto. Mande-me a resposta pronta, quando não perca de vista as possibilidades favoráveis que lhe seguram a existência e felicidade que tanto lhe desejo.»

Beija a mão de Vossa Alteza Real.
Condessa de Oeynhausen

Madrid, 1803

†

Ao saber que lhe tinham atribuído um caso de amor ardente com Leonor de Almeida, Lannes não desmente.

Acrescenta mesmo ao boato algumas vertigens e devaneios, labaredas de paixão, arrebatamentos, pormenores de escândalo e silêncios equívocos.

– Viveram juntos! – diz-se com perfídia.

Lannes, que sem a ter conseguido alcançar, tanto imaginara possuí-la, volta atrás a revê-la, a querê-la. E na inútil tentativa de enganar o desejo, vai trocando a memória, fantasia-a nos seus braços.

Com vagares de predador, desvenda-a.

†

Ao chegar a Madrid, levada com intenção maligna, a inventada história da paixão de Lannes com Leonor de Almeida levanta grande mal-estar, com laivos de algum escândalo à sua volta.

Inconformada, ela escreve para Catarina e Bocage, para Joana Isabel Forjaz e Mariana de Arriaga, bilhetes exaltados a dar conta do dano que o boato lhe causa, logo quando tinha conseguido, através da influência e protecção inglesa, começar a singrar nos meios da Corte espanhola.

«O ferrão da calúnia derrotou-me as esperanças», manda dizer a Pedro, sublinhando particularmente o facto de Godoy ter comentado ao embaixador de Inglaterra ter sabido ser a condessa de Oeynhausen,

«a primeira valida do general Lannes, com quem tinha vivido publicamente em Lisboa! Esta notícia supõe-se que lhe foi mandada por Peres de Castro ou forjada pelo conde de Talara, a quem pesava muito a consideração que eu podia adquirir nesta Corte; em consequência o mesmo Príncipe disse ao nosso Ministro que a Rainha me não podia receber, sem que as cousas se aclarassem.»

Leonor isola-se, passando a usar o desprezo e o brio

como sua defesa.

†

DIÁRIO

Continuo de bom grado cativa da poesia.

Trato que mantenho desde sempre com as palavras da escrita.

Mais do que nunca senhora do meu próprio destino, embora diante de mim veja um imenso deserto a que me querem condenada; a tentarem matar a sede de independência e de conhecimento que me impele.

A tentarem acirrar-me a franja dos nervos.

Arnês de ferro?

Grilhetas com que gostariam de prender-me pulsos e tornozelos, na tentativa de me impeçar os passos, de me cercear o voo, tão necessários para alcançar a glória.

Debato-me no arrebatamento, na ânsia de chegar cada vez mais longe e de ir mais além, apesar de nada ter concorrido na minha vida no sentido da felicidade. Num pressentimento de futuro extraviado.

Exílio.

A lutar o que posso contra a solidão e o isolamento
a que Portugal parece querer-me votada.

Madrid, 8 de Julho de 1803

†

TORRE DE BABEL

Madrid lembra a Leonor a Torre de Babel, onde desvairadas gentes convivem e intrigam, digladiando-se entre si num zunido de frémito: jacobinos, espiões, espadachins, assassinos a soldo e traidores, agentes de Fouché, fidalgos degenerados, ministros corruptos, clandestinos militares da Vendeia, revolucionários e foragidos, desterrados como ela mesma é.

Terá de andar com cuidado a cuidar onde pisa, reparando onde pousa o passo, atenta a se alguém a persegue, adivinhando o perigo mesmo onde não se esperaria que estivesse. Dependendo apenas da sua forte vontade em defender-se, mulher sem amparo de ninguém, tentando no exílio reordenar a própria vida.

Àquela hora de começo de tarde, a fenda pulsante do calor espalha o seu odor a enxofre, a pedra e a ferro quente,

cheiro a vulcão de lava revolvida.

Dali de onde a olha, Leonor vê a Plaza Mayor refulgir sob o sol, claridade iridescente na sua solidão de sesta. Recua, a procurar as poucas sombras estreitas sob as varandas, onde fica a demorar a vista e, encandeada, olha à roda relutando em começar a atravessá-la. Sem ter para onde ir, perdido o alento para voltar a casa.

Inquieta, julga ouvir passos acautelados de pessoas sumidas na penumbra das arcadas que circundam a Plaza, e desejando voar como uma águia sobre o pulsar de sarça ardente daquela cidade estrangeira, invoca um nome:

Babilónia…

E como uma miragem, a imagem da Torre de Babel torna, caos gerado em cada um dos seus andares numa espiral de búzio construída entre o rio Tigre e o rio Eufrates, fundações de delírio na tentativa de se alcançar a Porta do Céu, quem sabe cumprindo a ambição de olhar Deus nos olhos.

Em vez do sentido libertador, que ela prefere, da Escola de Mistério.

Iluminação do futuro.

«Lumen-luminis», julga entender, aturdida.

Lugar do papel onde o lacre cai e aprisiona as palavras toldadas na desconstrução do discurso amoroso. Leonor estremece com langores de

desmaio, apoia-se a um dos pilares de grossa pedra intacta apesar dos anos, sob o Arco dos Cuchilleros na esquina sudoeste da Plaza por onde, vinda não se sabe de onde, uma inesperada aragem perpassa como uma carícia, movendo os seus cabelos que ondeiam com doçura nos ombros despidos.

«Ondulo como trigo, num brilho de mares.»

O som ainda esbatido das patas de um cavalo, que ao longe se aproxima, e ela apenas escuta por entre a bruma da tontura onde se abisma, não faz para si nenhum sentido, ciente das próprias alucinações e outras quedas, perdas e fragilidades que as insónias lhe ensinam, no deserto da sua cama solitária.

«Corta as amarras!» – ordenam-lhe as vozes nas madrugadas insones, mas não se atenta nelas apesar da tentação. «Sereias…» – murmura a pensar em Ulisses o astucioso, mas também em Aquiles, herói que lhe falta na sua vida.

Láudano.

O sono chega, finalmente, como um bálsamo, uma bênção.

Leonor retrocede sem se atrever a enfrentar o sol da Plaza desértica, embora pressinta o rumor ameaçador de muitas respirações masculinas, o vozear de numerosas línguas e linguajares ainda indistintos numa multiplicidade de idiomas, dialectos e expressões diversas, numa espécie de tumulto incompreensível.

E a imagem da Torre de Babel regressa,

exorbitante, múltipla, e em si mesma desordem e jorro, quebrados que foram os elos da mesma fala, pelo modo como se lembra estar descrito no Génesis: «*Desçamos e confundamos de tal sorte a sua linguagem, que não ouça cada um a voz do que lhe está próximo*.»

Leonor ergue a mão que vai devagar roçar-lhe ao de leve a testa alta, como se pudesse deter a vertigem que a acomete, dando um passo incerto em frente. Mas um frémito de luz maior perpassa diante dela, imobilizando-a. – «Tu és a folha», pensa sem sentido, como se reconhecesse algures o rumor de versos e não o galope do cavalo que se

aproxima já da Puerta del Sol, por onde ela mesma entrara em Madrid, e desde esse momento até à solidão onde se perde agora, a demorar-se na cidade atordoadora.

Babilónia…

Lembra como quem segue o fio do pensamento e, desandando a memória, dá outro passo vacilando no andar indeciso, a aperceber-se de indecifráveis odores de sândalo, de húmus e de turíbulo. E pela primeira vez inquieta-se com o som da corrida do cavalo, cada vez mais distinta: patas ou asas pesadas que golpeiam o vento, estilhaçando a atmosfera asfixiante.

Pégaso?

Conexão da luz da sabedoria no voo.

Leonor avança mais e mais até ao centro da Plaza, sob a canícula asfixiante, encandeada pela luminosidade impiedosa. E quando o cavalo branco chega pela Porta à sua frente e pára, Leonor estremece como se a febre de súbito se espalhasse nela. Incrédula, vê-o desmontar em contraluz, ainda sem rosto, o vulto esguio delineado por uma auréola quase sanguínea, cabelos encaracolados e acobreados pelo lume dos astros.

Um dos anjos do Apocalipse?

Paralisada, mas com um incongruente sentimento de felicidade já a invadi-la, Leonor cambaleia cega de luz – «todo tu resplendes numa poeira dourada» –, o coração tropeçando ao acaso no peito que, agitado, palpita. De branco e rola vestida, desliza sem apoio nem esteio, mas Henri Forestier acorre a colhê-la, a recolhê-la no amparo dos braços

ávidos.

E o corpo dela que logo o reconhecera cede ao deleite do abraço, entregando-se. E erguendo o rosto para ele a tomar-lhe o cheiro bravio, beijam-se sem fim, misturando o fogo dos lábios e o intenso júbilo do prazer.

Enquanto à sua roda o cerco parece apertar-se, embora invisível, rodeados por criaturas aplicadas na crueldade que em torno da Plaza

Mayor se aglutinam: perseguidores e atiradores furtivos, corsários, esgrimistas sem abrigo, judeus errantes, intriguistas sedentos de poder, ilegais e encobertos, fugitivos sem repouso, olheiros do Príncipe da Paz e espiões de Napoleão Bonaparte.

Torre de Babel tal como a imagina.

Entre a turvidade da mente, Leonor julga antever a Escada de Jacob, por onde os anjos sobem até ao cimo, entre as nuvens, e descem sem nexo, caminhando na sua direcção.

Alucinação dos sentidos a enganarem-na. Por sua vez ela move-se, sobressaltada e atraída. Mas Henri impede-a de distanciar-se, e não querendo perdê-la para a queda, enlaça-a, toma-a e ergue-a sem peso, para ir pousá-la sobre o cavalo, dorso fremente que ela percebe arrepiar-se ao sentir-lhe os dedos embaraçando-se nas crinas de seda lívida.

Ariel – leoa do Senhor.

Quando Henri Forestier monta e a puxa por trás para o côncavo das suas pernas longas, Leonor sussurra num ruído de pássaro, vestido de tafetá cor de cal no calamento do corpo, saias um pouco erguidas com o travo das rendas, de seda púrpura matizada de anil, uma e outra e outra confundindo-se nas bainhas e nas rachas, nas nesgas junto das ancas que a magreza estreita.

E Isolda e Tristão

afastam-se tão lentamente como nas lendas, ou nas histórias amaldiçoadas dos amores impossíveis.

Atrás deles, a Plaza Mayor, aparentemente deserta, cintila, mas nas pedras largas, nas lajes do seu chão, projectam-se já as sombras dos muitos vultos que

ameaçadoramente avançam.

OceanofPDF.com

†

EPÍLOGO

A tua mão vem de novo aflorar o cimo do meu ombro.

A tua mão sem peso.

Invisível.

A tua mão sem textura, mas com um ligeiro odor a rosa púrpura ou a gardénia imprecisa. Submetidas ao perfume almiscarado da tua pele macia.

A tua mão impossível, a roçar-me ao de leve o pulso,

enquanto te debruças sobre a minha escrivaninha, a leres aquilo que eu de ti ficciono a tentar descrever-te e deslindar-te, a tentar desvendar-te na desmesura do excesso, a tentar entender-te no que escrevo sobre ti,

Leonor.

E ao pretender conhecer-te, em tudo te descubro e reinvento.

Tão depressa mulher como poetisa ou política e sábia e sonhadora, mas sempre personagem, porque eu não faço a tua biografia: tento recriar-te minha avó, inventando-te do grão de luz ao bago da romã.

Tão perto,

apesar dos dois séculos que nos separam.

OceanofPDF.com

†

AGRADECIMENTOS

OceanofPDF.com

†

Teria sido impossível escrever *As Luzes de Leonor* sem a colaboração de várias pessoas e instituições que, de diferentes modos, me ajudaram ao longo dos últimos treze anos a reconstituir-reconstruir a vida de Leonor de Almeida, condessa de Oeynhausen e, mais tarde, marquesa de Alorna.

Entre elas saliento a Prof.ª Vanda Anastácio, que generosamente partilhou comigo a sua investigação sobre a vida e obra da poetisa, aprofundando pistas que se abriram ao longo de um convívio de amizade cimentada na paixão comum pela fascinante figura de Leonor.

Idêntica menção é devida à escritora Seomara da Veiga Ferreira, pelo precioso auxílio na recolha de bibliografia e pelo seu estímulo amigo, que me permitiu superar momentos de algum desânimo ante as dificuldades enfrentadas.

Por valiosos contributos sobre aspectos particulares da vida de Leonor de Almeida e da sociedade do seu tempo, lembro em particular o marquês de Fronteira Fernando Mascarenhas, Maria Salete Salvado, Fernando Mascarenhas Cassiano Neves e Maria do Sameiro Barroso. Recordo igualmente a pintora Vera Pyrrait, que aceitou criar uma belíssima árvore genealógica das famílias Távora, Oeynhausen e Alorna, e José Manuel Pyrrait pelo apoio técnico a esse trabalho.

Ainda no apoio à investigação, destaco a simpatia do Dr. Luís Sá, responsável pelas bibliotecas municipais de Lisboa entre 1998 e 2001, e da Dr.ª Manuela Ramos, técnica de História da Biblioteca Municipal das Galveias, sempre prontos a disponibilizarem-me obras e dados importantes para a caracterização da época da acção deste romance. Dos longos dias passados na Biblioteca Nacional e na Torre do Tombo guardo o útil trabalho que aí me foi proporcionado.

Também o então Ministério do Exército e a Associação 25 de Abril, através do seu presidente, coronel Vasco Lourenço, foram inexcedíveis no

modo como me facultaram imprescindíveis visitas ao convento de S. Félix, em Chelas – actual Arquivo Geral do Exército –, onde Leonor esteve em clausura durante dezanove anos com a mãe e a irmã. Nessas deslocações recolhi importante informação sobre o ambiente em que a minha personagem se formou.

Uma referência especial à escritora e amiga Hélia Correia, que me cedeu a sua maravilhosa personagem Lilias Fraser para acompanhar a «minha» Leonor ao longo dos anos desta sua história.

Por fim, cabe-me sublinhar, face aos meus sucessivos adiamentos desta obra, a infinita paciência e o permanente incentivo da minha editora, Cecília Andrade, bem como a cuidada e atenta revisão do texto de Clara Boléo, cuja delicadeza e inteligência de trato me apraz registar.

A ti, Luís, meu amor, quero dizer que sem a tua ajuda, o teu constante e activo apoio, sem a tua infinita paciência mas também o teu caloroso entusiasmo ao longo dos últimos treze anos, eu nunca teria conseguido chegar ao fim da aventura que foi escrever este romance.

A todas e todos aqui deixo expressa a minha mais profunda gratidão.

Maria Teresa Horta

OceanofPDF.com

†

BIBLIOGRAFIA

OceanofPDF.com

†

ABBAGNANO, Nicola, *História da Filosofia*, vol. VII - *O Iluminismo*, Lisboa, Editorial Presença, 1976.

ABRANTES, duquesa de, *Recordações de uma estada em Portugal (1805-1806)*, apresentação e notas de José Augusto França, Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, 2008.

ALMEIDA, P.e Theodoro de, *Lisboa Destruída* – Poema, Lisboa, Officina de António Rodrigues Galhardo, 1803.

ALORNA, marquesa de, *Inéditos – Cartas e Outros Escritos*, selecção, prefácio e notas de Hernâni Cidade, Lisboa, Sá da Costa Editora, 1941.

—, *Obras Poéticas de D. Leonor de Almeida Portugal Lorena e Lencastre…* (seis tomos), Lisboa, Imprensa Nacional, 1844.

—, *Poesias*, selecção, prefácio e notas de Hernâni Cidade, Lisboa, Sá da Costa Editora, 1941.

ANASTÁCIO, Vanda, *A Marquesa de Alorna (1750-1839)*, Lisboa, Prefácio, 2009.

—, «Alcipe e os Salmos», in *Via Spiritus*, Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso, n.º 12 – *Poesia e Bíblia*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005.

—, *Cartas de Lília e Tirse (1771-1777)*. Org. de Vanda Anastácio, com estudos introdutórios da própria, Teresa Sousa de Almeida e Raquel Bello Vázquez, Lisboa, Edições Colibri, série Manuscritos, Fundação das Casas de Fronteira e Alorna, 2007.

—, «Mulheres Varonis e Interesses Domésticos», in *Ariane*, Revue d'études littéraires françaises, Lisboa, 2003/5.

—, *Sonetos / Marquesa de Alorna*, Rio de Janeiro, 7Letras, 2007.

AUGRIS, Frédéric, *Henri Forestier – Général à 18 ans*, Cholet, Les Éditions du Choletais, 1997.

BARRETO, José Trazimundo Mascarenhas, *Memórias do Marquês de Fronteira e d'Alorna* (quatro volumes), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003.

BARROS, Thereza Leitão de, *Escritoras de Portugal. Génio feminino revelado na Literatura Portuguesa*, vol. II, Lisboa, 1924.

BECKFORD, William, *Diário de William Beckford em Portugal e Espanha*, 2.ª ed. rev. Lisboa, Biblioteca Nacional, série Portugal e os Estrangeiros, 1983.

BEIRÃO, Caetano, *Cartas de D. Mariana Vitória dirigidas à Corte Espanhola*, Simancas, Arquivo Geral de Simancas, 1936.

—, *D. Maria I (1777-1792) – Subsídios para a Revisão da História do seu Reinado*, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1934.

BENEVIDES, Francisco da Fonseca, *O Real Teatro de S. Carlos de Lisboa – Estudo histórico*, 1883.

BENEVIDES, Francisco da Fonseca, *Rainhas de Portugal*, Tomo II, 1879.

BINGRE, Francisco Joaquim, «As Mulheres», in Anastácio, Vanda, *Obras de Francisco Joaquim Bingre*, Porto, Lello Editores, 2000.

BOLAMA, marquês de Ávila e, *A Marqueza d'Alorna. Algumas notícias authenticas para a história da muito ilustre e eminente escriptora*, Impr. Manuel Lucas Torres, 1916.

BOLÉO, Luísa V. de Paiva, *D. Maria I, a Rainha Louca*, Lisboa, A Esfera dos Livros, 2009.

BOLOGNE, Jean-Claude, *História do Casamento no Ocidente*, Lisboa, Temas e Debates, 1999.

BOMBELLES, marquis de, *Mémoires d'un Ambassadeur de France au Portugal (1786-1788)*, Paris, PUF, 1979.

BORRALHO, Maria Luísa Malato, «Por Acazo Hum Viajante…» *– A vida e a obra de Catarina de Lencastre, 1.a Viscondessa de Balsemão (1749-1824)*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2008.

BRAGA, Teófilo, *História da Literatura Portuguesa – Filinto Elysio e os Dissidentes da Arcádia* (vol. 20), Porto, Livraria Chardron, 1901.

BRANCO, Camilo Castelo, *Perfil do Marquês de Pombal*, Porto, Lello & Irmão Editores, 1982.

BRANDÃO, Raul, *El-Rei Junot*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1982.

BREYNER, Teresa de Mello, *Osmia – Tragedia de Assumpto Português em cinco Actos*, Lisboa, Tipografia da Real Academia das Ciências, 1835.

CARRÈRE, J. B. F., *Panorama de Lisboa no Ano de 1796*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1989.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de, *A Marqueza de Alorna. A Sociedade e a Literatura do seu Tempo*, in *Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências*, Lisboa, Tip. Academia das Ciências, 1912.

CASSOTTI, Marsilio, *Carlota Joaquina – O Pecado Espanhol*, Lisboa, A Esfera dos Livros, 2009.

CASTILHO, Júlio de, *Lisboa Antiga: Bairros Orientais*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 1884/1890.

CASTRO, Aníbal Pinto de; Pereira, José Esteves; Delille, Maria Manuela e Almeida, Teresa Sousa de, *Alcipe e as Luzes*, Lisboa, Edições Colibri, Fundação das Casas de Fronteira e Alorna, 2003.

CERATI, Marie, *Le Club des Citoyennes Républicaines Révolutionnaires*, Editions Sociales, Paris, 1966.

CHANTAL, Suzanne, *A Vida Quotidiana em Portugal ao Tempo do Terramoto*, Lisboa, Livros do Brasil, 1965.

CIDADE, Hernâni, *A Marqueza de Alorna. Sua Vida e Obras. Reprodução de algumas cartas inéditas*, Porto, Companhia Portuguesa Editora, 1933.

—, *Bocage*, Lisboa, Editorial Presença, 1985.

—, *Ensaio sobre a Crise Cultural do Século XVIII*, Lisboa, Editorial Presença, 2005.

COELHO, Latino, *Historia Politica e Militar de Portugal desde os Fins do XVIII Século até 1814*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1874.

CONSELHO DE MINISTROS DO SENHOR D. José I, *O Processo dos Távoras – A Expulsão dos Jesuítas*, Lisboa, Edições Afrodite, 1974.

CORDEIRO, P.e Valério A. (prefácio, introdução e notas), *A última condessa de Atouguia (Memórias Autobiográficas)*, 2.a edição, Braga, Villela & Irmão, 1917.

COSTA, abade António da, *Cartas Curiosas Escritas de Roma e Viena*, edição organizada e anotada por Joaquim de Vasconcelos, Porto, 1879, reeditada em 1946 por Fernando Lopes Graça.

COSTA, José Alves da, *Gás de Lisboa*, Porto, Lello Editores, 1996.

COSTIGAN, Arthur William, *Cartas sobre a Sociedade e os Costumes de Portugal (1778-1779)*, Lisboa, Lisóptima Edições, 1989.

DIAS, Carlos Malheiro, *O Grande Cagliostro*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1920.

ELYSIO, Filinto, *Obras Completas de Filinto Elysio*, Paris, Officina de A. Bobée, Paris, 1819.

FERRO, João Pedro, *Arqueologia dos Hábitos Alimentares*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1996.

FRASER, Antónia, *Maria Antonieta – A Viagem*, Lisboa, Oceanos, 2007.

FURTADO, Mário, *Do Antigo Sítio de Xabregas*, Lisboa, Vega, 1997.

GARÇÃO, Correia, *Obras Completas* (dois volumes), 2.a edição, Lisboa, Sá da Costa, 1982.

HONRADO, Alexandre, *D. Maria I*, Lisboa, Editora Guerra & Paz, 2007.

JOAQUINA, Carlota, *Cartas Inéditas*, Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2007.

LÁZARO, Alice, *O Testamento da Princesa do Brasil – D. Maria Benedita (1746-1829)*, Lisboa, Tribuna da História, 2008.

LEVER, Évelyne, *Marie-Antoinette – Correspondance (1770-1793)*, Paris, Tallandier, 2005.

MARTINS, José Cândido, *Para uma Leitura da Poesia Neoclássica e Pré-Romântica*, Lisboa, Editorial Presença, 2000.

MARTINS, Oliveira, *História de Portugal*, 14.a edição, Lisboa, Guimarães Editores, 1964.

MICHELET, Jules, *História da Revolução Francesa*, Mem Martins, Publicações Europa América, Ld.a, 1990.

MONTEIRO, Nuno Gonçalo, *D. José*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2006.

—, *Meu Pai e meu Senhor muito do meu Coração – correspondência do conde de Assumar para seu pai, o marquês de Alorna*, Lisboa, Quetzal Editores, 2000.

—, *O Crepúsculo dos Grandes (1750-1832)*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1998.

MONTEIRO, Nuno Gonçalo (orientação cient.), Almeida, Teresa Sousa de (orient. cient.) e Anastácio, Vanda (ed. lit.), *Correspondências – Usos da Carta no Século XVIII*, Lisboa, Edições Colibri, Fundação das Casas de Fronteira e Alorna, 2005.

MOREIRA, Zenóbia Collares, *O Lirismo Pré-Romântico da Viscondessa de Balsemão*, Lisboa, Edições Colibri, 2000.

NERY, Rui Vieira e Castro, Paulo Ferreira de, *História da Música: Sínteses da Cultura Portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1991.

NORTON, José, *O Último Távora*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2007.

OEYNHAUSEN, contesse de, *Guerre de la Vendée – Campagne de 1793*, Nantes, Librairie Nantaise, 1977.

PAVIA, Fabienne, *L'Univers des Parfums*, Paris, Editions Solar, 1995.

PEDREIRA, Jorge e Costa, Fernando Dores, *D. João VI*, Lisboa, Temas e Debates, Círculo de Leitores e Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa, 2009.

PEREIRA, Sara Marques, *D. Carlota Joaquina e os «Espelhos de Clio»*, Lisboa, Livros Horizonte, 1999.

PIMENTEL, Alberto, *A Última Côrte do Absolutismo em Portugal*, Lisboa, Livraria Férin, 1893.

PORTUGAL, D. João de Almeida, marquês de Alorna, *As Prisões da Junqueira*, Lisboa, Frenesi, 2005.

POULAIN, Martine, *Les Bibliothèques Publiques en Europe*, Paris, Editions du Cercle de la Librairie, 1992.

RAMOS, Luís de Oliveira, *D. Maria I*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2007.

RATTON, Jacome, *Recordações de Jacome Ratton sobre Ocorrências do seu Tempo em Portugal de Maio de 1747 a Setembro de 1810*, 4.a

edição, Lisboa, Editora Fenda (Livraria Almedina), 2007.

REAL, Miguel, *O Marquês de Pombal e a Cultura Portuguesa*, Matosinhos, QuidNovi, 2005.

ROBIQUET, Jean, *A Vida Quotidiana no Tempo da Revolução Francesa*, Lisboa, Livros do Brasil, 2002/2003.

RODRIGUES, Domingos, *Arte de Cozinha*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987.

SAMPAIO, Albino Forjaz de, *Marqueza de Alorna – A sua Vida e a sua Obra*, Lisboa, Empresa do Diário de Notícias, 1925.

SARAIVA, António José e Lopes, Óscar, *História da Literatura Portuguesa*, 17.a edição, Porto, Porto Editora, 1996.

SILVEIRA, Olga Moraes Sarmento, *Mulheres Ilustres – A Marqueza de Alorna: sua influência na sociedade portuguesa, 1750-1839*, Lisboa, Livraria Ferreira, 1907.

SOUSA, Francisco Luís Pereira de, *O Terremoto do 1.o de Novembro de 1755 em Portugal e um Estudo Demográfico* (Volume III – Distrito de Lisboa), Lisboa, Serviços Geológicos, Tipografia do Comércio, 1928.

SOUSA, Maria Leonor Machado de; Ehrhardt, Marion e Pereira, José Esteves, coord., *Alcipe e a sua Época*, Lisboa, Edições Colibri, Fundação das Casas de Fronteira e Alorna, 2003.

TÁVORA, D. Luiz de Lencastre e, *D. Leonor de Távora – O Tempo da Ira*, Lisboa, Quetzal Editores, 1993.

THOMAS, Chantal, *O Adeus à Rainha*, Lisboa, Editorial Teorema, 2004.

TOURZEL, duquesa de, *Memórias da Duquesa de Tourzel – Preceptora dos Príncipes Reais de França (1789-1795)*, Lisboa, Aletheia Editores, 2007.

VICENTE, António Pedro, «O Conde de Oeynhausen – Soldado e Diplomata ao Serviço de Portugal» in *O Tempo de Napoleão em Portugal: Estudos Históricos*, 2.a edição, Lisboa, Comissão Portuguesa de História Militar, 2000.

VOVELLE, Michel, *O Homem do Iluminismo*, Lisboa, Editorial Presença, 1997.

OceanofPDF.com

†

ÍNDICE

CAPA
Ficha Técnica
Nota da autora
PALAVRAS DE APRESENTAÇÃO
Ao Luís, meu amor eterno, este livro que sem ele não teria sido possível.
PRÓLOGO
I
Junto às margens de um rio
RAÍZES
MEMÓRIA
1754-1758
II
Escutam-me estas penhas
RAÍZES
MEMÓRIA
1758-1768
DIÁRIO
CADERNO
MONÓLOGO DE PEDRO
MONÓLOGO DE LEONOR DE LORENA
CADERNO
CADERNO
III
Petição à melancolia para que se acabem certos dias de festa

RAÍZES
MEMÓRIA
1769-1772
CADERNO
DIÁRIO
CADERNO
CADERNO
DIÁRIO
LADAINHA DA PRELADA
IV
SONETO
RAÍZES
MEMÓRIA
1773-1777
DIÁRIO
DIÁRIO
EPÍSTOLA
DIÁRIO
CADERNO
ANGELUS
CADERNO
DIÁRIO
MONÓLOGO DE LEONOR DE LORENA
V
Dúvida
RAÍZES
MEMÓRIA
1777
DIÁRIO
DIÁRIO
ANGELUS
MONÓLOGO DA INFANTA

PAPEL ENCONTRADO DENTRO DO DIÁRIO DE D. MARIANA DE ARRIAGA
QUEIXA DE MARIA
MONÓLOGO DO MARQUÊS DE ALORNA
MONÓLOGO DE LEONOR DE LORENA
VI
Como se passa o dia
RAÍZES
MEMÓRIA
1778-1779
DIÁRIO
CADERNO
CARTA DE MARIA A FILINTO ELÍSIO
DIÁRIO
MONÓLOGO DE LEONOR
ORION
DIÁRIO
CONTRATO DE CASAMENTO DE LEONOR
ANGELUS
VII
Eu cantarei um dia
RAÍZES
MEMÓRIA
1779-1780
MONÓLOGO DE D. JOÃO DE ALMEIDA
MONÓLOGO DE LEONOR
DIÁRIO
DIÁRIO
CONSIDERAÇÕES DA RAINHA-MÃE D. MARIANA VITÓRIA
CADERNO
ANGELUS
DIÁRIO

DA PARTE DA INFANTA MARIANA VITÓRIA
SONETO
MONÓLOGO DE LEONOR ANTES DA PARTIDA
VIII
Bem como se perturba a clara fonte
RAÍZES
MEMÓRIA
1780
MONÓLOGO DO MARQUÊS DE ALORNA
MEMÓRIA DE TERESA DE MELLO BREYNER
DIÁRIO
DIÁRIO
DIÁRIO
MONÓLOGO DE MARIA ANTONIETA RAINHA DE FRANÇA
CADERNO
CONFISSÃO DE MARIA ANTONIETA RAINHA DE FRANÇA
DIÁRIO
CADERNO
DIÁRIO
ANGELUS
IX
Pressentimento
RAÍZES
MEMÓRIA
1780
DIÁRIO
VISÃO DE MARIA
CONVITE
CERTIDÃO
MONÓLOGO DE LEONOR DE LORENA
ANGELUS
DIÁRIO

CADERNO

X

Pára, funesto Destino

RAÍZES

MEMÓRIA

1781

CADERNO

DIÁRIO

MARIA REGINA

DIÁRIO

ANGELUS

MONÓLOGO DA AMA

Ao túmulo da minha filha

XI

Se o ciúme uma vez morde

RAÍZES

MEMÓRIA

1782

MONÓLOGO DO MARQUÊS DE ALORNA

DIÁRIO

CADERNO

ANGELUS

DIÁRIO

CADERNO

XII

Incerteza

RAÍZES

MEMÓRIA

1783-1784

DIÁRIO

DIÁRIO

DIÁRIO

DIÁRIO
A meu Pai
CADERNO
ANGELUS
DIÁRIO
XIII
A uma despedida
RAÍZES
MEMÓRIA
1784-1785
DIÁRIO
CADERNO
ANGELUS
CADERNO
DIÁRIO
DIÁRIO
XIV
Cuidado
RAÍZES
MEMÓRIA
1785-1786
DIÁRIO
DIÁRIO
ANGELUS
CADERNO
MONÓLOGO DE MARIA
DESPEDIDA DE MARIA PARA LEONOR
XV
Quadras
RAÍZES
MEMÓRIA
1787

DIÁRIO
CADERNO
DIÁRIO
DIÁRIO
DIÁRIO DO MARQUÊS DE BOMBELLES EMBAIXADOR DE FRANÇA EM LISBOA
ANGELUS
XVI
Não há paixão feroz
RAÍZES
MEMÓRIA
1788
DIÁRIO
CADERNO
ANGELUS
DIÁRIO
CADERNO
DIÁRIO
DIÁRIO
CADERNO
XVII
Acorda-nos
RAÍZES
MEMÓRIA
1788-1789
DIÁRIO
ANGELUS
DIÁRIO
CADERNO
DIÁRIO
ANGELUS
DIÁRIO

DIÁRIO

XVIII

Voa, pensamento, voa

RAÍZES

MEMÓRIA

1789-1793

DIÁRIO

CADERNO

ANGELUS

MORTE DA MÃE

CADERNO

BELLADONA

XIX

Ao Tempo

RAÍZES

MEMÓRIA

1793-1795

DIÁRIO

DIÁRIO

CADERNO

DIÁRIO

CADERNO

DIÁRIO

CADERNO

DIÁRIO

ANGELUS

DIÁRIO

DIÁRIO

DIÁRIO

XX

Amor preso pelas musas

RAÍZES

MEMÓRIA
1795-1797
DIÁRIO
CADERNO
DIÁRIO
ANGELUS
DIÁRIO
DIÁRIO
XXI
Sigamos, cara Musa
RAÍZES
MEMÓRIA
1798
DIÁRIO
CADERNO
DIÁRIO
CADERNO
DIÁRIO
DIÁRIO
ANGELUS
CADERNO
DIÁRIO
DIÁRIO
DIÁRIO
MONÓLOGO DE LEONOR
OBSCURIDADES
XXII
Em vão se resiste a Amor
RAÍZES
MEMÓRIA
1800
DIÁRIO

DIÁRIO
DIÁRIO
DIÁRIO
DIÁRIO
ANGELUS
DIÁRIO
CADERNO
MONÓLOGO DE LEONOR

XXIII

Quem diz que amor é um crime
RAÍZES
MEMÓRIA
1802
DIÁRIO
DIÁRIO
DIÁRIO
ANGELUS
DIÁRIO
CADERNO
DIÁRIO
CADERNO

XXIV

SONETO Feito no Paço esperando muitas horas para pedir a salvação do Reino
RAÍZES
MEMÓRIA
1803
DIÁRIO
ANGELUS
DIÁRIO
CADERNO

XXV

Vós, Essências celestes!
RAÍZES
MEMÓRIA
1803
DIÁRIO
ANGELUS
DIÁRIO
DIÁRIO
DIÁRIO
DIÁRIO
TORRE DE BABEL
EPÍLOGO
AGRADECIMENTOS
BIBLIOGRAFIA

OceanofPDF.com


Maria
Teresa
Horta
As luzes de
LEONOR
Romance
Maria
Teresa
Horta
As luzes de
LEONOR
A marquesa de Alorna,
uma sedutora de anjos,
poetas e heróis
D.QUIXOTE



OceanofPDF.com